LIVROS ANTIGOS PORTUGUEZES
EARLY PORTUGUESE BOOKS



EARLY PORTUGUESE BOOKS
1489–1600
IN THE LIBRARY OF HIS MAJESTY THE KING OF PORTUGAL

DESCRIBED BY

H.M. KING MANUEL

IN THREE VOLUMES

I

1489–1539

PRINTED AT THE UNIVERSITY PRESS · CAMBRIDGE
AND PUBLISHED BY
MAGGS BROS · LONDON
1929

LIVROS ANTIGOS PORTUGUEZES
1489–1600
DA BIBLIOTHECA DE SUA MAJESTADE FIDELISSIMA

DESCRIPTOS POR

S.M. EL-REI D. MANUEL

EM TRES VOLUMES

I

1489–1539

IMPRESSO NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE
E PUBLICADO POR

MAGGS BROS · LONDRES

1929

TABOA DAS MATERIAS

TABLE OF CONTENTS

INDICE DAS GRAVURAS EXTRA-TEXTO

LIST OF PLATES

ERRATA ET CORRIGENDA

Pag.	*col.*	*linha*	*onde se lê*	*leia-se*
Page	*col.*	*line*	*instead of*	*read*
2	2	22	Infant	Infante
3	1	2	gosava	gozava
7	1	12	poder dizer-se	póde dizer-se
18	1	20	de Memling	Memling
33	1	39	cofisionairios	cofisionairos
35	1	16–19	Livraria Rosenthal (Munich, dois exemplares).—O exemplar Adler, assim como os dois exemplares da Livraria Rosenthal, fôram vendidos	Freimann (que agora se encontra no Hebrew Union College, Cincinnati)
48	—	25	Mil	Mill
66	2	24	Martins	Martim
85	1 & 2	5	*impressos*	*impresos*
105	1	5	(t. IV, p. 129)	(t. III, p. 129)
109	1	1	Diziame	Diziam e
135	1	30	Venezeano	Veneziano
140	1	18	jreja	jgreja
175	1	21–22	obtendo do Papa Leão X muitas concessões para o Ordem	obtendo do Papa Leão X, não só muitas concessões para a Ordem
201	1	22	impresso	impressor
207	1	3	effetuou	effeituou
221	—	4	*Esphera armillar a negro e vermelho*	*Esphera armillar a negro*
221	—	30	*armillary Sphere in red and black*	*armillary Sphere in black*
301	—	2	Hermam	Hermão
338	1	22	ſecreueram	ſcreueram
353	2	41–43	again"—we find the third title of the famous lady's book: *Cité des Dames—*	again," we find the third title of the famous lady's book—*Cité des Dames—*
359	—	34	*quee stá*	*que está*
365	1	4	examinamos	examinámos
368	1	27	podemos	podémos
370	1	17	podemos	podémos
479	1	32	mencionamos	mencionámos
489	—	21	comeca	comeca (sic)
532	1	32	realisou	realizou
576	1	36	gozavam	gozava
583	1	41	as foros	os foros
588	1	14	a Arcebispado	o Arcebispado

O NOSSO primeiro dever, ao publicar esta obra, é testemunhar a nossa gratidão a todos aquelles que nos auxiliaram n'este emprehendimento. O nosso trabalho não se poderia ter effeituado sem a amabilidade de Messrs. Benjamin e Ernest Maggs que, por todas as fórmas, facilitaram a nossa tarefa; n'uma busca constante, não só obtiveram muitos dos livros que serão descriptos n'este Catalogo, mas, d'uma maneira captivante, offereceram-nos alguns dos exemplares raros da nossa collecção. Ao mesmo tempo, queremos manifestar o nosso reconhecimento ao Dr Maurice L. Ettinghausen, cujos vastissimos conhecimentos nos fôram especialmente uteis e valiosos. A complicada impressão d'esta obra, composta em duas linguas, recheada de citações—escriptas n'um sem numero de orthographias diversas—e profusamente illustrada, tornou-se exequivel graças ao engenho e ao esméro de Mr. Lewis e ao cuidado dos correctores da Cambridge University Press, debaixo da habil e superior direcção de Mr. Stanley Morison, a auctoridade eminente sobre a "nobre arte impressoria." Pedimos-lhes que acceitem os nossos sentidos agradecimentos pelo notavel resultado que alcançaram, assim como as nossas desculpas por todas as difficuldades que talvez, mas involuntariamente, lhes tenhamos creado.

Devemos a Messrs. Emery Walker, Ltd., e especialmente ao interesse de Mr. W. Merton, as perfeitas reproducções fac-simile que ornamentam e documentam o nosso estudo; as magnificas reproducções a ouro e côres do manuscripto *De Bello Septensi* e da illuminura do Livro d'Horas da Infanta D. Izabel, Duqueza de Borgonha, fôram executadas pela casa Ganymed de Berlim.

Desejamos tambem testificar a nossa gratificação ao Inspector das Bibliothecas Eruditas e Archivos de Portugal, e aos diversos Directores da Bibliotheca Nacional de Lisboa, que nos forneceram importantes informações; por motivos identicos, dirigimos os nossos sinceros agradecimentos ás auctoridades do Museu Britannico—especialmente a Sir Frederic Kenyon e ao Dr H. Thomas—e das seguintes Bibliothecas: Bodleian Library, Oxford; University Library, Cambridge; R. Biblioteca Palatina, Parma; Preussische Staatsbibliothek, Berlim; Stadtbibliothek, Frankfurt am Main; Columbia University, New York; Bibliothek des Jüdisch-Theologisches Seminar, Breslau; Bibliothèque Universitaire et Régionale, Strasbourg. Mencionaremos particularmente Monsieur Louis Batiffol, o Dr Freys e o Dr Schmidbauer que obsequiosamente nos guiaram durante as nossas visitas á Bibliothèque Nationale de Paris, á Staatsbibliothek de Munich e á Stadtbibliothek de Augsburg.

O Professor Edgar Prestage, prestando-nos um relevante serviço, teve a gentileza de, não só lêr de um cabo a outro as provas da nossa obra, mas, com a sua excepcional auctoridade, nos aconselhar em innumeras materias. Pedimos ao Professor Prestage que acceite a expressão do nosso grato e profundo reconhecimento.

Não podemos esquecer dois amigos queridos que, dedicadissimamente, nos animaram a emprehender os nossos estudos Portuguezes. Um, infelizmente, Deus já o chamou a Si, o insubstituivel Conde de Sabugosa, a quem as lettras patrias tanto devem; o outro, o Dr D. Antonio de Lancastre—honra da sciencia Portugueza—que, desvelada-

mente e passo a passo, tem acompanhado o nosso esforço. Faltariamos a um dever de saudade e de gratidão se não mencionassemos aqui estes dois nomes illustres.

Resta-nos um ultimo encomio. Consideramos, francamente, que não teriamos podido effeituar a nossa obra sem o auxilio de Miss Margery Withers, nossa bibliothecaria e secretaria. Podemos e devemos dizer, lealmente, que Miss Withers tem sido uma assistente digna de todos os elogios, a quem queremos testemunhar a nossa tão sincera como profunda gratidão.

Terminámos o agradavel dever de tecer lisonjas n'este *Proemio de Louvores.* E agora, pedimos a todos aquelles que teem manifestado o seu interesse pelo nosso despretencioso labor, que acceitem os nossos sentidos agradecimentos.

M. R.

Janeiro de 1929

NOW that this book is ready for publication, our first duty is to testify our gratitude to all those who have assisted us in this undertaking. We wish first to express to the Inspector of the Libraries and Archives in Portugal and to the various directors of the National Library of Lisbon our thanks for the valuable information with which they have supplied us; we are also indebted for similar assistance to the authorities at the British Museum—especially to Sir Frederic Kenyon and Dr H. Thomas—and to the following Libraries: Bodleian Library, Oxford; University Library, Cambridge; R. Biblioteca Palatina, Parma; Preussische Staatsbibliothek, Berlin; Stadtbibliothek, Frankfurt am Main; Columbia University, New York; Bibliothek des Jüdisch-Theologisches Seminar, Breslau; Bibliothèque Universitaire et Régionale, Strasbourg. We would make particular mention of Monsieur Louis Batiffol, Dr Freys and Dr Schmidbauer who welcomed us most kindly when we visited the Bibliothèque Nationale of Paris, the Staatsbibliothek of Munich and the Stadtbibliothek of Augsburg.

Professor Edgar Prestage has rendered us a notable service, for he has not only read through the whole of the proofs but, in advising us about many matters, has given us the benefit of his exceptional authority. We beg Professor Prestage to accept this expression of our deep and grateful recognition.

We cannot forget two dear friends who have most devotedly encouraged us to undertake our Portuguese studies. One, who is unfortunately no longer with us, was the Conde de Sabugosa, to whom Portuguese literature owes so much; and the other, Dr Dom Antonio de Lancastre—an honour to Portuguese science—has assiduously followed our effort. We should fail in our duty of gratitude and remembrance if we omitted to mention here the names of these two notable men.

It is frankly our opinion that we could not have carried out this task without the help of Miss Margery Withers, our librarian and secretary. We can and must say sincerely that Miss Withers has been, at all times, an invaluable and untiring assistant, for whose devoted work we would offer our deep and lasting gratitude.

The printing of this book, no easy task since it is written in two languages, profusely illustrated and full of quotations, has been rendered possible through the skill of Mr Lewis with the assistance of Mr Stanley Morison, the eminent authority on the "noble art of printing." We beg them to accept our heart-felt thanks for the notable result they have achieved, and also our apologies for all the difficulties we may involuntarily have put in their way.

We owe the perfect facsimile reproductions that illustrate our book to Messrs Emery Walker, Ltd. and especially to Mr W. Merton's personal care, while the magnificent reproductions in gold and colours, of the first page of the manuscript *De Bello Septensi* and of the miniature from the Infanta Dona Izabel, Duchess of Burgundy's Book of Hours, were executed by the firm of Ganymed in Berlin.

Our work could not have been accomplished without Mr Benjamin Maggs and Mr Ernest Maggs, who lightened our task in every possible way: they have not only been

untiring in their search to obtain for us many of the volumes described in this Catalogue, but have in a very charming manner presented us with several of the rare items in our collection. At the same time we should like to make a sincere and grateful acknowledgement of our indebtedness to Dr Maurice L. Ettinghausen, whose vast knowledge has been especially valuable to us.

To conclude the pleasant duty of expressing our acknowledgements, we would ask all those who have manifested their interest in our labours to accept our hearty thanks.

M. R.

January, 1929

"Deos que julga as obras & tençam de cada hum, julgue as noſſas, pois o juizo dos homẽs eſtà mais prompto em julgar à outrem que à ſi meſmo. Porem contra aquelles que mal ſentem deſte noſſo trabalho, iſto podemos affirmar: que as obras cujo fim he algum bem comum, paſſada a murmuraçam, ficam ellas vivas, & a memoria de ſeu Autor, por mais dentadas que em vida lhe dem....Virà tempo em que ſeremos julgado por homem mais zeloſo, & diligente no cuidado do bem, & gloria da Patria, que da propria peſoa. Pois pola Patria, no tempo que os outros cà, & là andam, à quem ſe carregarà de mais fardos às coſtas dos deſpojos da India, nos tomamos cuidado de levantar a bandeira dos triunfos della; que eſtes carregados leixaram jazer deſemparada, & eſquecida com a ocupaçam, & preſſa que cada hum em ſeu modo traz de ſalvar a prea de que lançou mão, por lhe mais importar o proprio intereſſe, que a gloria comum da Patria."

Appologia de Ioão de Barros, em lvgar de Prologo. Qvarta Decada da Asia

QUIZEMOS mostrar, ou antes, tornar conhecidos, os nossos livros. O nosso intuito é simples; tentando *dar vida* a esses livros, procuramos deixar ver a obra Portugueza, especialmente nos seculos XV e XVI, atravez dos "liuros de forma" que fôram impressos em Portugal, acompanhando-os de alguns "de penna," e de outros escriptos em linguagem, mas publicados fóra do paiz. Os livros são amigos silenciosos e fieis, juncto dos quaes se apprende a licção da vida. São o ensinamento, e em muitos casos a prova, da epocha que se deseja descrever; aquelles que são coevos d'esses tempos, podemos, certamente, consideral-os como a melhor documentação—exceptuando os manuscriptos originaes—para essas pesquizas. A meta do nosso esforço é erguer bem alto o nome do nosso paiz, demonstrar os feitos dos Portuguezes e, servindo a nossa Patria, "levantar a bandeira dos triunfos della." É um trabalho sem pretenções, que nada vem dizer de novo, e que nada julga ensinar, mas que, esperamos, provará o nosso amor pela Patria querida. E se alcançarmos esse fim ambicionado, teremos a consolação suprema de um dever cumprido.

Folheando os livros, percorremos a historia do nosso paiz, e, o que é profundamente interessante, examinamos ao mesmo tempo a sua "nobre arte impreſſoria"; assim, diligenciamos, n'este *Catalogo*, mostrar os livros e descrever o seu conteúdo, reunindo, n'uma exposição sem presumpções, o engenho dos impressores á sciencia dos auctores.

Ha annos que principiámos a colleccionar livros Portuguezes, especialmente do seculo XVI, para o estudo da epocha das navegações, descobrimentos e conquistas. Pouco a pouco, o amor da historia e a sua licção originaram a nossa paixão dos livros antigos, das edições raras e primevas, contemporaneas d'essa epocha; sentiamos que apprender os feitos dos nossos heroes, ler as viagens fabulosas, investigar a litteratura e a sciencia Portuguezas nos livros que tinham sido estampados durante o seculo, dava um sabor particular e um interesse especial ao nosso trabalho. Esses velhos livros creavam uma atmosphera unica, porque não só evocavam mais nitidamente esse periodo da nossa historia, mas, fazendo reviver as obras e os seus auctores, punham perante nós uma visão que encantava a nossa imaginação. Ao estudo da epocha uniu-se, pois, o estudo dos seus livros, e, com desvelo, mas não sem sacrificios, formámos a nossa Bibliotheca Portugueza do seculo XVI, á qual podémos accrescentar alguns

incunabulos e certos manuscriptos, conseguindo assim um conjuncto verdadeiramente notavel. A maior parte d'esses bellos productos das typographias estabelecidas em Portugal são quasi ignorados, porque as nossas bibliographias conteem poucas reproducções fac-simile; por consequencia, se a existencia dos livros Portuguezes dos seculos XV e XVI é conhecida, e descripções teem sido fornecidas, a arte, e diremos mesmo a sciencia, dos diversos impressores que tiveram prelos em Portugal é desconhecida da maioria do publico, visto que para os admirar, ou escrutar, é necessario procural-os nas Bibliothecas Publicas; demais, a raridade d'esses livros Portuguezes torna o seu exame difficil e fatigante. Ora sendo nós o possuidor de uma collecção—talvez a mais completa que exista nas mãos de um amador—foi-nos suggerida a idea de publicar o *Catalogo* d'essa collecção, para, ao lado das bibliographias dos outros paizes, haver tambem uma bibliographia Portugueza profusamente illustrada, e que faltava. Hesitámos, e muito, pois era um trabalho para o qual eram necessarios conhecimentos que não tinhamos, e significava, sem duvida, uma responsabilidade demasiadamente pesada para os nossos hombros. Mas, foi-nos dito que divulgar os nossos livros representava um serviço a prestar ao nome de Portugal. Immediatamente pozemos mãos á obra, e principiámos o nosso trabalho que, sendo nós avessos a nomes pomposos ou bombasticos, intitulámos *Catalogo* dos livros da nossa Bibliotheca, 1489–1600. Pareceu-nos, porém, não só interessante mas util, acompanhar as descripções dos livros de notas tanto biographicas como historicas. D'essa maneira tentámos, como dissemos, *dar vida* aos livros que apresentamos, descrevendo os seus auctores, narrando, ao de leve que seja, o seu conteúdo, explicando, na medida das nossas posses, a influencia que exerceram, unindo assim o trabalho bibliographico, tão detalhado quanto possivel, ao estudo historico, procurámos formar um conjuncto que expozesse claramente a importancia dos livros Portuguezes de 1489 a 1600. Se, por um lado, o nosso objectivo é tornar conhecidos esses livros, a sua historia, a sua typographia, e os seus impressores, tendo collacionado todas as obras—seguindo a ordem chronologica da sua publicação—com as reproducções fac-simile das suas folhas de rosto, dos seus colophons e das suas gravuras, desejamos, ao mesmo tempo, mostrar, atravez dos livros, a Obra Portugueza d'essa epocha. Emprehendemos uma tarefa que necessita uma paciencia quasi benedictina, mas que esperamos levar a cabo, apoiando o nosso estudo no maior numero d'auctores que podémos consultar, tanto antigos como modernos.

Este primeiro volume contem a descripção de apenas trinta e oito livros, um manuscripto e uma illuminura. Realizamos perfeitamente que esse numero póde parecer diminuto, mas a importancia das obras, tanto no ponto de vista da typographia como no da historia, explica essa escassez, pois, n'este caso, é uma questão de qualidade e não de quantidade. Devemos pensar que tratamos aqui d'alguns dos primeiros livros estampados em Portugal, que são, naturalmente, de uma importancia excepcional para o estudo da imprensa no nosso paiz. Entre esses valiosos documentos, tem um logar preeminente a admiravel *Vita Christi* publicada em Lisboa em 1495, o primeiro "liuro de forma" conhecido em linguagem, e um dos mais admiraveis monumentos da typographia do seculo XV. N'essas trinta e oito obras, encontram-se algumas que

teem uma importancia especial para a historia das navegações e dos descobrimentos, taes como o *Almanach perpetuum* de Zacuto, 1496, o *Marco paulo*, 1502, o *Reportorio dos Tempos* e *Regimẽto da declinaçam do ſol*, 1518, e o *Tratado da Sphera*, 1537; outros despertam o interesse pela perfeição do typo e a belleza das gravuras e lettras capitaes, como os *Autos dos Apostolos*, 1505, a *Grãmatica Paſtrane*, 1512, a *Legẽda dos ſãtos martires*, 1513, e as *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, 1514; depois, alguns livros, como as *Regras* de Christo, 1504, de S. Thiago, 1509, e d'Aviz, 1516, são uma evocação da primeira dynastia e da lucta para a fundação da nacionalidade; outros ainda, como o *booſco deleytoſo*, 1515, e o *Cancioneiro Geral*, 1516, são exemplos interessantissimos da litteratura Portugueza nos seculos XIV, XV e XVI. E acompanhando os livros, vivemos as epochas e vêmos os personagens cujos nomes estão ligados a essas obras. Finalmente póde dizer-se: todos os livros teem um interesse historico, pois são folhas do grande livro da historia.

Nos dois tomos seguintes, o numero das obras descriptas será, por motivos obvios, consideravelmente maior; n'este volume, o interesse excepcional das obras, algumas das quaes são das primeiras publicadas entre nós, e o facto de ter sido, por consequencia, preciso fazer minuciosas referencias á typographia em Portugal no fim do seculo XV e principio do XVI°, assim como aos "imprimidores" que tinham prelos no nosso paiz, alongaram forçosamente as nossas notas. Egualmente, o estudo de livros como os acima mencionados, não podia ser escripto em notas de poucas linhas, quando desejávamos demonstrar a sua importancia ou a influencia que exerceram. Este volume que, pelas mesmas razões, será provavelmente o mais interessante em vista da abundancia das reproducções, abrange os livros da nossa Bibliotheca impressos desde 1489 até 1539, devendo o segundo volume começar no anno de 1540 e terminar em 1569, e o terceiro comprehender as obras publicadas de 1570 a 1600 inclusivamente. Cada um dos volumes, alem da *Taboa das Materias*, terá uma lista das obras consultadas, e o terceiro conterá um indice geral e indices dos impressores, logares, auctores e titulos.

No primeiro volume apresentamos uma profusão de reproducções: eram os tempos aureos da "nobre arte impreſſoria" em Portugal; entendemos pois necessario, apezar de diminuir forçosamente o numero das obras que podiam ter sido incluidas, mostrar liberalmente o engenho dos impressores que estabeleceram e desenvolveram entre nós, e com tanto primor, a arte de Gutenberg. Nos outros volumes, se algumas das obras que contamos descrever são importantissimas para a historia de Portugal, para a sua litteratura ou a sua sciencia, outras são menos interessantes. Por outro lado, se encontramos ainda bellos exemplares da "arte impreſſoria," não podemos negar que, sobretudo a partir do meiado do seculo XVI, a imprensa em Portugal tinha decahido: já não se nota, geralmente, a belleza das gravuras, a nitidez do typo, o esméro do trabalho dos nossos primeiros impressores, Valentim Fernandes—o maior de todos—João Pedro Bonhomini de Cremona, Hermão de Campos e mesmo Germão Galharde.

Nos fins do seculo XV e principios do XVI° a imprensa era realmente uma arte, e os trabalhos que sahiam dos prelos d'esses mestres eram compostos não só com

sciencia, mas com amor. Eram poucas as obras estampadas e as suas edições limitadas; pensava-se mais na qualidade do que na quantidade; por isso, as obras d'essa epocha, que hoje podemos examinar, causam a nossa admiração pela fórma como fôram effeituadas. Depois, com o desenvolvimento da imprensa e a multiplicação das typographias, a "arte" tornou-se, pouco a pouco, uma industria commercial; o numero das obras publicadas era muito superior, mas, devido em muitos casos á necessidade, as producções eram executadas apressadamente e não apresentam a finura e a belleza dos primeiros tempos. Se alguns dos impressores de que teremos de nos occupar, produziram trabalhos notaveis, e teem certamente o seu logar na historia da typographia em Portugal no seculo XVI, esses "imprimidores" já não pódem despertar o mesmo interesse que os seus predecessores, que tinham introduzido e divulgado a imprensa no nosso paiz. Consequentemente, os livros que serão reproduzidos nos dois outros volumes do nosso trabalho, não conteem, em muitos casos, o numero de gravuras e lettras capitaes ornadas e elaboradas que apresentamos no primeiro volume, nem teem o cuidado da sua execução. Haverá, pois, menos bellas illustrações, apezar de reproduzirmos em fac-simile as folhas de rosto de todos os livros; por consequencia, em vista das razões expostas e tambem porque, em bastantes casos, as nossas notas serão bem mais curtas, ser-nos-ha possivel descrever um numero superior d'obras nos volumes II e III; comtudo, alguns livros, visto a importancia do seu texto, dos seus auctores, ou da influencia que exerceram, necessitarão um estudo mais detalhado.

Sendo, como já dissemos, o nosso proposito tornar conhecidos os livros Portuguezes, entendemos indispensavel escrever o nosso trabalho, não só na nossa lingua, mas n'uma outra que facilite o fim que almejamos. Decidimos pois, ao lado do texto Portuguez, compôr egualmente o nosso estudo em Inglez. Alem de, por este meio, divulgar a obra Portugueza, alliando mais uma vez Portugal e a Inglaterra, prestamos por esta fórma uma sincera e grata homenagem á nação onde vivemos e onde fômos tão carinhosamente acolhidos.

O nosso trabalho contem muitas citações em Latim, Francez, Italiano, Allemão e Hespanhol; entendemos não dever traduzil-as: no texto Inglez traduzimos apenas as citações Portuguezas, tanto antigas como modernas. Quanto ao texto Portuguez, conservámos, nas transcripções em linguagem, a orthographia usada por cada auctor,— uma verdadeira charada para os impressores e ás vezes para nós-mesmos—por julgar preferivel deixar a cada um, antigo ou moderno, morto ou vivo, a responsabilidade da maneira como escreveu, ou escreve, a sua lingua; por nossa parte, sem pretenção alguma, escrevemos simplesmente segundo a orthographia que os nossos mestres nos ensinaram.

Os nossos livros, impressos em Portugal entre 1489 e 1600, são escriptos em Portuguez, Hebreu, Latim e Hespanhol; pertencem todos á bibliographia Portugueza, apezar de alguns auctores serem estrangeiros. Aquelles escriptos por auctores nacionaes são o nosso patrimonio que honra o nome de Portugal e demonstra o valor tanto da sua litteratura como da sua sciencia. Por consequencia, estranhámos que o famoso escriptor Hespanhol, Menéndez y Pelayo, no seu *Inventario Bibliográfico de la Ciencia Española*

(*Obras Completas*, t. III), tivesse, e sem demasiados escrupulos, incluido na sua obra innumeros auctores Portuguezes dos quatro costados! N'esse longo rol, a sciencia Hespanhola é liberalmente enriquecida pela sciencia Portugueza, pois encontramos alli os nomes de Santo Antonio—o nosso querido Santo de Lisboa—Pedro Hispano (Pedro Julião, o Papa João XXI), Ayres Barbosa, André de Resende, Pedro Nunes, Jorge Coelho, João de Barros, Antonio de Gouvea, Garcia da Orta, Amato Lusitano, Antonio Luiz, D. Jeronymo Osorio, e quantos outros! Na verdade, parece-nos que o illustre auctor d'este *Inventario* não soube seguir o preceito do Evangelho, "dar a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus"! Como Portuguez, reclamamos apenas o que é nosso, e basta-nos.

O nosso trabalho contem faltas, e muitas; que ellas nos sejam perdoadas, considerando o esforço que fizemos de bem servir. Não podemos mesmo dizer, como Garcia de Resende, "tudo ho que ſcreui he certo," mas podemos, certamente, accrescentar com o jovial "moço da escrevaninha,"

"ſem letras & ſem ſaber
me fuy naquiſto metter"!

N'uma obra bibliographica era indispensavel reproduzir os livros pela ordem chronologica da sua publicação, impedindo-nos de a seguir historicamente. Se, por causa da materia contida nas obras que descrevemos, fazemos bastantes referencias á historia da primeira dynastia e mesmo de epochas mais remotas, o fim principal do nosso trabalho é mostrar a epopea Portugueza iniciada em Ceuta, as suas consequencias e a sua influencia; os livros levam-nos até 1600, visto muitas obras, algumas bem importantes, terem sido impressas durante os ultimos vinte annos do seculo XVI, mas o estudo historico termina em 1580, com a perda temporaria da nossa independencia.

A historia de Portugal, desde D. Affonso Henriques até Alcacer-Quibir—e mesmo depois—póde dividir-se em Cruzadas e Aventuras. Tres livros especialmente, as *Regras* das Ordens de Christo, S. Thiago e Aviz, recordam-nos a epocha da fundação da nossa nacionalidade.

Sem duvida, como veremos, a obra iniciada por D. Affonso Henriques, e continuada pelos primeiros Reis da sua dynastia, foi uma verdadeira cruzada, não só porque Lisboa foi conquistada aos Mouros com o auxilio dos cruzados, mas porque era uma guerra santa para libertar o solo sagrado da Patria do jugo Sarraceno; alli, como nos seculos XIV, XV, XVI, os grandes feitos eram, alem do patriotismo, inspirados pela Fé e ao mesmo tempo pelo espirito de Aventura.

A raça Portugueza, a sua historia assim o demonstra, é uma raça de Aventureiros, cujo espirito influiu poderosamente nas suas emprezas; em todas as epochas, a Aventura, desenvolvida pela imaginação, tem sido uma força dominante em Portugal e o factor de muitos dos actos commettidos; nos tempos que procuramos descrever, esse espirito emprehendedor venceu todas as difficuldades, porque havia Fé em Deus, confiança nos homens e continuidade nos planos. Infelizmente, outras vezes, e em epochas mais

recentes, o espirito da Aventura levou-nos para o mal, porque se perdera a Fé, faltava a confiança e não existia a continuidade. Na epocha que tentamos analysar, as Aventuras representão os successos estranhos, os feitos heroicos, que illustraram a nossa historia de um brilho incomparavel. Quando se fundou a nossa nacionalidade, assim como durante os reinados dos primeiros Soberanos, o espirito da cruzada dominava a Christandade; n'aquelles tempos de crenças religiosas, combatia-se pela Fé, e a esse sentimento profundamente enraizado unia-se o espirito da Cavallaria, sempre em busca de façanhas ou de pelejas, de Aventuras. As nossas Ordens Militares de Cavallaria, com os seus monges guerreiros, prestaram então relevantissimos serviços, especialmente até a conquista do Algarve; seguindo as tres *Regras*, atravessamos a primeira dynastia, cujo fundador, D. Affonso Henriques, foi sem duvida o primeiro dos grandes Aventureiros da nossa historia.

Na admiravel lucta pela independencia, no fim do seculo XIV e principio do XV°, o Mestre d'Aviz é um outro grande Aventureiro, ao lado de quem, Cavalleiro e Santo, D. Nuno Alvarez Pereira—o braço direito do Mestre—representa a Fé de Portugal. E depois, Ceuta, inicio da segunda cruzada, não foi egualmente uma Aventura na qual, mais uma vez, a Fé se uniu ao espirito da Cavallaria?

Ceuta foi o começo da epopea dos "feitos d'alta ventura." Principiamos este volume com o manuscripto em pergaminho de Mattheus de Pisano, *De Bello Septensi*, documento importantissimo que estava perdido ha mais de um seculo. Foi para nós uma felicidade encontrar-se o velho e precioso codice, porque podémos começar o nosso livro com a descripção de um documento contemporaneo das primeiras conquistas, escripto pelo mestre d'El-Rei D. Affonso V no anno da morte do Infante D. Henrique, 1460. É uma reliquia das glorias Portuguezas, pois foi após a conquista de Ceuta, narrada por Pisano, que D. Henrique se estabeleceu em Sagres, d'onde iniciou a obra gigantesca dos descobrimentos. O Infante foi o ferreiro que forjou a cadeia formada por elos intimamente ligados. Nas nossas notas sobre o *Marco paulo* diligenciamos mostrar a maneira como esses elos se uniram, creando a admiravel continuidade da epopea. D. Henrique, um crente e um sublime ambicioso das grandezas da sua Patria, teve, desde Ceuta até a sua morte, um unico ideal; descobrir o caminho maritimo para a India, "dilatando a Fé, o Imperio," e, ao mesmo tempo, achar o Reino christão do Preste João; a esse ideal sacrificou tudo, e com uma coragem indomavel, uma tenacidade que nada abatia—nem revezes nem desgostos—mandava proseguir as navegações para o Sul, em demanda da via maritima que nos levasse ás terras do Oriente.

Um auctor Francez, Marius André, no seu livro *La véridique Aventure de Christophe Colomb* (1927, pp. 48 e 49), dá-nos, em poucas linhas, uma perfeita definição do caracter do Infante, mostrando-nos as suas aspirações e as da raça Portugueza: "Dom Henrique résume dans son génie toutes les aspirations, matérielles et religieuses, individuelles et nationales, les coordonne toutes sans en sacrifier une seule et en fait une puissante harmonie, parce qu'il est à la fois un savant et un grand chrétien, un homme d'action et un homme de rêve, un calculateur lucide et un prince. Et comme il est bien la synthèse vivante de son peuple, l'animateur que celui-ci attendait!" Essas

aspirações tornaram-se uma realidade, graças ao genio do Infante e á escolha dos seus collaboradores para a empreza que elle emprehendeu em seguida á conquista de Ceuta que, como diz Oliveira Martins (*Os Filhos de D. João I*, p. 52), "precedeu Veneza, que precedeu Lisboa no emporio do commercio das Indias." O senhorio da populosa cidade e porto principal da Mauritania teve uma importancia tão excepcional para a historia da fundação do nosso Imperio ultramarino, que podemos considerar Ceuta como o passo inicial para o descobrimento da via maritima para o Oriente, e como o primeiro elo da corrente que reuniu o novo ao velho mundo.

Nas nossas notas sobre o manuscripto de Pisano, inclinámos-nos a deixar aos Infantes, e especialmente a D. Henrique, a idea da conquista de Ceuta. Comtudo, se as palavras que Zurara (*III Parte da Chronica DelRey D. Ioam o I*, 1644, cap. 62) põe na bocca de D. João são a expressão absoluta da verdade, o projecto da empreza pertence inteiramente ao fundador da dynastia d'Aviz e, talvez, aos seus conselheiros que, certamente, não podiam ter sido influenciados pelos Infantes, visto a sua pouca edade. Segundo o chronista, estando El-Rei em frente de Ceuta, em 1415, dirigiu-se aos membros do seu Conselho nos seguintes termos: "...quanto he ao que me dizeis que me torne para meu Reyno, pareceme q̃ aſſaz ſeria de grande mingoa auer acerca de ſeis annos, q̃ ando neſte trabalho, fazendo ſobre ello tantas circunſtancias, como ſabeis, polas quaes o mundo eſta com as orelhas abertas pera ouuir á fim da vitoria, & leixalo aſſi agora, pareceme que nõ ſeria outra couſa, ſenõ hum eſcarnio." Seis annos? Então D. João I preparava desde 1409 a conquista de Ceuta, o que demonstraria a clara visão do Monarcha, e tornaria perfeitamente admissivel que D. João I tivesse encarregado o seu confessor, D. Sebastião de Menezes, Embaixador em Roma em 1410, por occasião da eleição do Papa João XXIII, de informar o Pontifice do intento do Rei de Portugal, o que significaria, provavelmente, o pedido da approvação da Santa Sé para a empreza de Ceuta. Se, por consequencia, D. João planeava desde 1409—quer dizer, dois annos antes de estarem assignadas as pazes com Castella—a conquista de Ceuta, é talvez licito suppôr que a idea do torneio deslumbrante, durante o qual os Infantes deviam receber as honras da Cavallaria, tenha sido apenas um pretexto que escondesse o projecto do Monarcha, á sombra do qual, e d'acordo com os proprios Infantes, se podessem continuar as preparações da expedição; n'este caso, a tradição da idea da conquista de Ceuta ter sido suggerida por João Affonso de Azambuja, deixaria de representar a verdade dos factos; mas seria muito plausivel que esse conselheiro de D. João, de regresso da sua viagem, tivesse, com a sua narração, animado—e então talvez influenciado pelos Infantes—o projecto do Soberano. Se a idea da conquista de Ceuta não pertence a D. Henrique—o que é muito possivel—o seu genio previu as suas consequencias.

A Fé profunda e admiravel do Infante fortaleceu o seu engenho, e animou o seu espirito emprehendedor dos "feitos d'alta ventura." Historiadores deram o cognome de *Navegador* ao filho de D. João I; talvez o epitheto de *Iniciador* tivesse posto ainda mais em relevo a figura do Infante, pois a sua obra não só começou e preparou em grande parte a Renascença Portugueza, mas tornou conhecida metade do globo. As navegações

principiadas por D. Henrique eram uma Aventura, mas maduramente pensada e estudada, que representava uma necessidade, porque, desde a morte de Timur em 1405, as vias terrestres com o Oriente encontravam-se vedadas. Essa necessidade, quiçá comprehendida pelo Infante em vista de informações colhidas em Ceuta, foi, sem duvida, confirmada pelo Infante D. Pedro em 1428, quando, ao regressar de Veneza, lhe trouxe o *Livro de Marco Paulo* e mappas. Depois do triumpho dos Turcos, as communicações entre a Europa e o Oriente tornaram-se cada vez mais dependentes da via pelo Egypto, cujo termino era Alexandria. Era pois indispensavel achar, não uma nova via terrestre, mas sim uma via maritima que restabelecesse as relações com o Levante; e a idea dos lucros a ganhar, a esperança das ambicionadas riquezas de que ficariam possuidores, eram certamente um incentivo poderoso, mas natural, que não podia deixar d'actuar sobre a imaginação d'aquelles que tomaram parte no grandioso emprehendimento. A gloria suprema dos Portuguezes é ter sabido procurar e descobrir essa via indispensavel, que veiu modificar radicalmente o equilibrio economico do mundo, e dar a Portugal uma situação unica como Senhor dos mares e do commercio com o Oriente. Para conseguir esse fim, D. Henrique luctou durante quarenta e cinco annos como um crente, como um patriota, como um sabio, como um Aventureiro de genio. Á Fé do Infante unia-se não sómente o espirito da cruzada, mas a sciencia, pois, como escreveu Pedro Nunes, "os portuguezes ousaram cometer o grande mar Oceano," e os seus descobrimentos "nam se fezeram indo a acertar."

A admiravel preparação, iniciada em Sagres, permittiu que os Portuguezes, tendo navegado o Mar Tenebroso e dobrado o Cabo das Tormentas, chegassem á India trinta e oito annos depois da morte de D. Henrique. Teve razão o Padre Antonio Vieira ao escrever: "Portentosas foraõ antigamente aquellas façanhas, ò Portuguezes, com descobristes novos mares, & novas terras, & déstes a conhecer o Mundo ao mesmo Mundo." Mas, para dar "a conhecer o Mundo ao mesmo Mundo," era indispensavel a continuidade da empreza, que foi devida á tenaz perseverança do Infante e dos seus successores, á sciencia dos que preparavam e dirigiam as expedições, á coragem dos navegadores, á confiança e extraordinaria disciplina do povo Portuguez. Essa continuidade de perto de um seculo fez alcançar o fim ambicionado, porque, acima de tudo, havia a Fé em Deus, o amor da Patria, o culto do Dever!

Se D. Henrique foi o *Iniciador*, D. João II foi, mesmo ainda como Principe, o verdadeiro *Continuador* da obra do Infante. Apezar do progresso da sciencia nautica, não só theorica, mas practica, a empreza póde, até certo ponto, considerar-se como tendo sido ainda mais difficil depois de 1460, e especialmente durante o reinado do Principe Perfeito. A politica de sigillo ácerca dos descobrimentos—assumpto que tratamos nas nossas notas sobre o *Marco paulo*—se já tinha sido necessaria no tempo do Infante, tornava-se indispensavel á medida que as navegações progrediam, pois havia a luctar, não só contra os elementos, mas contra a opposição de outras potencias, especialmente Castella e Veneza. Se, como vimos, o descobrimento da via maritima para o Oriente era uma necessidade, para conseguir esse fim era egualmente preciso o segredo sobre as navegações. Portugal, nação pequena, não podia, pela falta de recursos humanos,

emprehender, ao mesmo tempo, duas emprezas: descobrir a via maritima e defender as suas expedições das rivalidades e invejas das outras nações que desejariam, certamente, e por todos os meios ao seu alcance, impedir o triumpho dos Portuguezes. A politica de segredo tinha começado no tempo do Infante e de D. Affonso V, e hoje vêmos como ella foi observada pelos nossos chronistas, a começar por Zurara, privando-nos, sem duvida, de preciosas informações, mas permittindo o successo dos nossos maiores. No reinado de D. João II, esse segredo—imposto pelas conveniencias do paiz, pois subtrahia ao conhecimento da Europa os planos Portuguezes—foi inda augmentado, sendo bem digno de notar que nas Côrtes de 1481, os povos pediam a El-Rei que não consentisse que estrangeiros se estabelecessem "em vosos regnos nem Senhorios" porque "numca fezerom proueito salluo rouballos de moedas douro e prata e descobrir vosos segredos da mina e jlhas..." (Visconde de Santarem, *Memorias para a Historia, e Theoria das Cortes Geraes*, Parte II, pp. 219 e 220). A nação não só realizava a necessidade do sigillo, mas os povos, nas primeiras Côrtes Geraes de D. João II, supplicavam o Soberano não deixasse "descobrir vosos segredos," que, certamente, já datavam do reinado anterior.

O silencio foi mantido, e é uma admiravel licção de disciplina patriotica, pois o artigo que mencionámos mostra que as Côrtes de 1481 conheciam o segredo a que se referiam. O paiz inteiro estava unido para o triumpho da empreza, porque a considerava uma causa nacional. A politica de segredo, que ainda foi seguida por D. Manuel, como veremos nas nossas notas sobre o *Reportorio dos Tempos* e *Regimẽto da declinaçam do sol*, 1518, e de que hoje soffremos para o exacto conhecimento dos factos, fazia parte do programma, e ninguem a comprehendeu melhor do que D. João II. A habilidade do Principe Perfeito no Tratado de Tordesillas permittiu-lhe conservar, como propriedade nacional, a via maritima pelo Cabo da Boa Esperança, que, forçosamente, nos havia de levar á India, deixando aos Reis Catholicos a via pelo Occidente para as terras descriptas por Marco Paulo, que Colombo estava convencido de ter descoberto quando foi esbarrar com a America. O Tratado de Tordesillas foi realmente uma obra genial da parte de D. João II e dos seus representantes; evitou um conflicto, que n'esse momento teria sido fatal, annullou a intervenção da Santa Sé na divisão do globo e, cedendo o Occidente incerto, descoberto por Colombo, guardava para Portugal a via segura do Oriente. Mas não renunciava mesmo a todo o Occidente; a demarcação estabelecida no Tratado dava-lhe o Brazil, ainda não officialmente descoberto, mas cuja existencia e situação, visto o teor do Tratado, eram, muito provavelmente, conhecidas de D. João II e dos seus navegadores. D. João foi "aguia" e foi "coruja," mas foi sobretudo um grande Homem e um grande Portuguez. A morte impediu-o de presenciar o triumpho, mas a sua obra permittiu que o seu successor, mantendo a admiravel continuidade, colhesse, tres annos depois, os fructos semeados em Ceuta em 1415! Essa continuidade da idea do Infante D. Henrique é claramente demonstrada pelo proprio D. Manuel na Carta de Mercês de 10 de Janeiro de 1502 (que transcrevemos nas nossas notas sobre o *Marco paulo*) em que o Soberano nomeia Vasco da Gama Almirante da India. De Ceuta a Calecut tinham decorrido 83 annos de lucta constante, durante a

qual se patenteou a perseverança e a resistencia da raça Portugueza e, como disse o Padre Antonio Vieira, "esta historia era o silencio de todas as historias"!

Proseguem as navegações e as conquistas; em 1500 é officialmente descoberto o Brazil, a nação querida. Portugal, paiz pequeno, foi o berço de uma raça de gigantes, e os feitos d'esses homens causavam o espanto do mundo. Por isso, quando D. Manuel enviou ao Papa Leão X a sua famosa Embaixada, tantas vezes narrada, o Doutor João de Faria escrevia da Cidade Eterna a El-Rei, dizendo que "nom era obediencia, mas triumpho de vossa Alteza que entrava em Roma." Esse triumpho merecido era o premio do esforço de uma nação e da disciplina patriotica do seu povo, superiormente dirigido e guiado por homens que souberam manter a continuidade da empreza. Havia uma admiravel união entre os que mandavam e os que obedeciam, união sólida, firme como um rochedo, porque os seus alicerces eram a Fé em Deus, o amor da Patria, a confiança mutua. Esses sentimentos, ligados tal uma argamassa indestructivel, tiveram como resultado, não só a realização de uma aspiração nacional, mas, ao mesmo tempo, a solução de um problema que representava, como vimos, uma necessidade europea. Se o descobrimento da America tem hoje um logar preeminente, devemos pensar que no fim do seculo XV e no principio do seculo XVI, o que contava para o mundo era a via maritima do Oriente; e tanto assim era, que Colombo, no seu sonho baseado sobre conhecimentos hypotheticos e illusões provocadas pela sua imaginação, morreu convencido de que tinha descoberto Cathay e Cypango, as terras descriptas por Marco Paulo. O descobrimento da via maritima representa, no seu conjuncto, o maior titulo de gloria da nossa historia, e os seus resultados manifestaram-se por todas as fórmas, assim como a influencia que exerceu, tanto para o bem, como para o mal, nos destinos do Paiz. Vasco da Gama mostrara o caminho, e outros heroes seguiram a trilha da assombrosa viagem; as conquistas na India progridem, estabelecem-se as communicações com as longinquas terras, e Lisboa, tomando o logar de Veneza, torna-se o emporio do commercio com o Oriente.

A continuidade do esforço d'aquelles homens "em quem poder não teve a morte"—que na verdade parece um conto das mil e uma noites—faz com que Affonso de Albuquerque—um dos maiores genios que jamais houve em Portugal—moribundo, dictasse de bordo, a 6 de Dezembro de 1515, a sua ultima carta a El-Rei D. Manuel, na qual, com suprema grandeza dizia: "Senhor, deixo quá ese filho per minha memoria, a que deixo toda minha fazemda, que he asaz de pouca, mas deixo lhe a obrigaçam de todos meus seruiços, que he mui grande: as cousas da india ellas falarám por mim e por elle: deixo a india com as principaees cabeças tomadas em voso poder, sem nela ficar outra pendença, senam cerrar se e mui bem a porta do estreito; isto he o que vosa alteza encomendou." Um seculo após a conquista de Ceuta, "Albuquerque terribil" deixava a India com as principaes cabeças em poder d'El-Rei de Portugal!

O reinado do Venturoso representa o apogeo da gloria do nosso Paiz. A herança é colossal, resplandecente, mas pesada. D. João III manteve a politica das conquistas e a epopea continuou, mas a India era um thesouro tão precioso que, para o guardar, Portugal arruinava-se. O ouro do Oriente, que se pagava com sangue, significava,

como sempre, a corrupção; a India, sem duvida uma eschola d'heroes, era uma sanguesuga, e Portugal, paiz pequeno, não podia, humanamente ou materialmente, manter o seu dominio. Comtudo, D. João III, com uma admiravel visão do futuro, começa a colonisação do Brazil, mas, com desgosto profundo, vê-se obrigado a abandonar algumas praças do norte d'Africa. Era a falta de recursos humanos que se fazia sentir, e Portugal, para fazer face ás necessidades do immenso Imperio, despovoava-se, augmentando, pouco a pouco, a fraqueza da nação.

D. João III luctava para manter a supremacia Portugueza, mas a decadencia, que já se desenhara no fim do reinado anterior, aproximava-se! Em seguida á sua morte, durante a Regencia, primeiro da Rainha D. Catharina, e depois do Cardeal Infante D. Henrique, as luctas intestinas no tempo da minoridade de D. Sebastião fizeram crescer as difficuldades da nação enfraquecida. D. Sebastião, um crente, póde dizer-se um mystico, vibrante de enthusiasmo, consciente das grandezas do seu paiz, dominado pelo espirito da cruzada e pelo ideal de uma suprema Aventura, convenceu-se da necessidade da empreza Africana, pensando salvar assim a Patria dos perigos que a ameaçavam. O *Desejado* queria fazer renascer nas terras d'Africa, berço da nossa grandeza, a gloria Portugueza iniciada em Ceuta por D. João I. Portugal fez um ultimo esforço, mas os designios de Deus são insondaveis. Em Alcacer-Quibir, D. Sebastião—talvez uma victima de outras ambições—não tendo podido vencer, morre, "mas de vagar," como um heroe e como um martyr de vinte e quatro annos! Se teve culpas, o ideal a que obedecia perdoa-as, e o seu nome ficou—como o povo tão bem o realizou—envolto, para todo o sempre, n'uma aureola de patriotismo.

De Ceuta a Alcacer-Quibir decorrem 163 annos, durante os quaes a dynastia d'Aviz fundou o nosso Imperio. A obra Portugueza nos seculos XV e XVI foi tão immensa, que apezar das decadencias, da perda de sessenta annos da nossa independencia, de guerras, de convulsões, de desgraças, Portugal possue ainda hoje um vastissimo Imperio colonial, prova do esforço da nossa raça, representada por homens que sabiam servir a Patria.

A empreza Portugueza teve uma influencia definitiva na vida da nação. Se a era moderna do Renascimento foi aberta pela Italia, e se recebemos, como era natural, uma influencia do estrangeiro, não ha duvida que a obra de Portugal foi a mais bella e fecunda da Renascença. Se iamos cursar as Universidades da Italia, da França e da Hespanha, estudando juncto dos mestres mais illustres, Portugal assombrava a Europa com os seus descobrimentos e conquistas, e revelava-lhe mundos ignotos. Portugal creava uma atmosphera de novos conhecimentos, e desenvolvia uma cultura especial que se manifestava em todos os ramos da sciencia, da litteratura e da arte.

No fim do seculo XV, talvez trazida pela mão dos Judeus, apparece entre nós a imprensa que devia divulgar os feitos dos nossos heroes, escriptos pela penna dos nossos auctores. As lettras desenvolviam-se, e ao lado dos estudos das humanidades, as glorias Portuguezas eram uma mina inesgottavel e inspiradora para os escriptores. Seguindo o zenith dos nossos triumphos, a litteratura Portugueza tem no seculo XVI a sua edade d'ouro. São os livros d'essa epocha brilhante que vamos mostrar; entre elles, as obras

de humanistas como Ayres Barbosa, André de Resende, Jorge Coelho, Diogo de Teive; depois, as chronicas de Garcia de Resende, 1545 e 1554, e de Damião de Goes, 1566 e 1567, as *Decadas* de João de Barros, 1552, 1553 e 1563, e a *Hiſtoria da India* de Fernão Lopes de Castanheda, 1551; no longo rol, seguem-se livros rarissimos, como a *Cronica do Emperador Clarimundo* de João de Barros, 1555, o *Liuro primeiro do Cerco de Diu* de Lopo de Sousa Coutinho, 1556, os *Commentarios de Afonſo Dalboquerque*, 1557, o *Itinerario* de Antonio Tenrreyro, 1560, a *Embaixada do Patriarcha dõ Ioão Bermudez*, 1565, o *Tractado da China* de Fr. Gaspar da Cruz, 1570, e a valiosissima collecção das *Cartas* dos Padres da Companhia de Jesus escriptas da India, da China e do Japão, impressas em 1562, 1565, 1570, que demonstram a obra admiravel dos Jesuitas no Oriente: veremos tambem dois livros impressos em Goa, os *Coloquios dos ſimples e drogas da India* do celebre Garcia da Orta, 1563, e *O primeiro concilio de Goa*, 1565, e um—verdadeira reliquia—impresso no Japão e em Japonez, mas com o titulo em Portuguez, o *Guia do Pecador*, estampado em Amacusa pelos Jesuitas, em 1599! Mostraremos egualmente quatro livros escriptos em Portuguez, mas publicados fóra do paiz; a *Consolacam as tribvlacoens de Israel* (sic) de Samuel Usque, 1553—certamente um dos livros mais raros que possuimos—impresso em Ferrara, a *Hystoria de Menina e Moca* (sic) de Bernardim Ribeiro, estampada em Colonia em 1559, as *Horas de Nossa Senhora Romaans En Lingoiaem Portugues*, 1563, impressas em Paris, e a *Practica d'Ariſmetica* de Gaspar Nicolas, publicada em Anvers em 1573. Alem dos trabalhos de scientistas como Pedro Nunes e Antonio Luiz, esperamos apresentar as obras do nosso genial dramaturgo Gil Vicente, impressas em 1562, a preciosa edição de 1587 dos *Autos* de Antonio Prestes e Luiz de Camões, as obras de Sá de Miranda, 1595, os *Poemas Lusitanos* de Antonio Ferreira, 1598, e finalmente, para terminar esta lista, as edições dos *Lusiadas* de 1572, 1584, 1591, 1597, e as das *Rythmas* de 1595 e 1598, do nosso immortal Camões.

As obras que enumeramos, de entre aquellas que serão descriptas no nosso *Catalogo*, são exemplos da producção litteraria da epocha que procuramos descrever.

A Renascença encontrava Portugal prestes a receber o seu formidavel impulso, porque o terreno tinha sido preparado, parte pela erudição dos Judeus Portuguezes, parte pelas Ordens religiosas que haviam formado centros de verdadeira cultura intellectual, taes como Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra. Acima d'essas duas causas, havia a influencia dos Reis e Principes da dynastia d'Aviz, a começar por D. João I e a "Inclyta geração." Eram Principes cultos, auctores, e protectores das lettras, da sciencia e das artes. Depois da tomada de Ceuta, o Renascimento prepara-se, e as lettras e a sciencia progridem ao mesmo tempo que se iniciam as navegações, os descobrimentos e as conquistas. Eram, póde dizer-se, dois movimentos combinados que, simultaneamente, levaram Portugal ao apogeo dos seus triumphos maritimos e das suas lettras. Esses dois movimentos teem a sua origem no reinado de D. João I, e os "Altos Infantes," D. Duarte, o insigne lettrado, D. Pedro, o estadista, D. Fernando, o Santo, e D. Henrique, o Genio, fôram os melhores e mais efficazes collaboradores da obra iniciada no tempo do *Rei da Boa Memoria*. D. Affonso V, o *Africano*, discipulo de Mattheus de Pisano, não só ampliou as conquistas Portuguezas, mas, como conta Ruy de Pina, "foy

o Prymeiro Rey deftes Reinos que ajuntou boõs livros, e fez livraria em feus paços" (phrase cuja significação procuramos explicar nas nossas notas ácerca do *Commentario sobre o Pentateuco* de Moyses Ben Nahman, 1489, pois não se deve tomar ao pé da lettra). Alem d'isso, protegeu a entrada e a venda dos "liuros de forma" em Portugal, muito antes de existirem—que se saiba—prelos no paiz, e durante o seu reinado fôram promulgadas as *Ordenações Affonsinas*, o nosso mais antigo codigo administrativo, civil e penal.

D. João II, verdadeiro Principe Perfeito por ter sido o reorganizador da administração do Reino e o continuador da empreza dos descobrimentos, protegeu e auxiliou tudo o que podia engrandecer o nome de Portugal, rodeando-se das mais habeis competencias que sabia escolher e dirigir. Durante o seu tão notavel governo, em que o nome do nosso paiz se cubria de gloria, os dois movimentos influenciavam-se mutuamente. Portugal importava e acolhia o espirito da Renascença, e, ao mesmo tempo, exportava novos conhecimentos que se espalhavam por todo o mundo; e no reinado de D. João II, o triumpho da nossa raça preparava-se rapidamente, triumpho symbolizado pela viagem de Vasco da Gama, que resolveu o problema cuja solução era uma necessidade procurada havia perto de um seculo. Em Portugal, como em todos os paizes, factos múltiplos crearam aquella epocha chamada Renascimento. Mas, no nosso paiz, a par d'esse movimento de cultura que recebiamos do estrangeiro, havia outro, gerado e fecundado por nós, que imprimia um cunho especial, unico, ao nosso Renascimento: os descobrimentos e conquistas, que deram "a conhecer o Mundo ao mefmo Mundo," o que nos permitte dizer que Portugal foi o maior obreiro da Renascença.

D. Manuel foi o Rei Venturoso que colheu os fructos semeados durante outros reinados, mas o Senhor da Esphera poude realizar essa abundantissima colheita, porque manteve a continuidade da empreza, da mesma fórma que os seus predecessores a haviam mantido. D. Manuel, no reinado de quem Portugal chegou ao ponto culminante do seu triumpho, foi um Principe da Renascença, mas de uma Renascença especial, ampliada pelos feitos Portuguezes no Oriente. D. Manuel, conscio do poderio Portuguez, sabia, com grandeza, não só desempenhar o seu papel de Rei n'uma epocha de cultura e de desenvolvimento das lettras e das artes, mas de Senhor de um Imperio colossal. A sua historia está por fazer, pois para as que teem sido escriptas—não fallamos das Chronicas—usou-se mais peçonha do que tinta. A admiração—respeitabilissima quando sincera—pelo Principe Perfeito tem cegado muitos auctores na sua apreciação de D. Manuel. Não é n'esta *Introducção* que fariamos—se podessemos—a historia do Venturoso; mas estamos convencidos que D. Manuel não só continuou a politica de D. João II, mas foi um collaborador do Principe Perfeito, pois tudo nos leva a crer que o seu casamento com a Infanta D. Izabel, viuva do Principe D. Affonso, filho de D. João, deve ter sido projectado ainda em vida d'El-Rei D. João, para que o sonho dourado do *Homem* viesse a ser uma realidade. Mas a morte do Infante D. Miguel e de sua mãe D. Izabel—altos designios de Deus—inutilizou o ideal de D. João, adoptado e seguido por D. Manuel. Critica-se tambem a ostentação do Venturoso, a sua pompa, as suas sumptuosas Embaixadas, o brilho da sua Côrte;

mas D. Manuel era um dos Reis mais poderosos do mundo, envolto no excepcional prestigio creado pelas façanhas Portuguezas. Era o Rei "de tal gente," que levando a cabo a sublime Aventura, lhe alcançou o cognome de *Venturoso.* A par d'essa gloria, havia a riqueza, o ouro, as especiarias, os productos do Oriente cubiçado, e o seu luxo, que não podia deixar de influir na vida da nação. D. Manuel representava a Renascença Portugueza, fortemente inspirada pelas victorias no Oriente: o gosto da ostentação, se já existia nos paizes do Sul—talvez resto do dominio Arabe—deve ter augmentado após o estabelecimento das communicações maritimas com o Oriente. E não vêmos esse espirito de ostentação nas Côrtes de Henrique VIII d'Inglaterra, de Francisco I de França, do Imperador Maximiliano e do Papa Leão X, que não tinham os mesmos motivos que D. Manuel para fazerem alarde da sua riqueza? O Venturoso conhecia os tempos em que vivia, e a sua celebre Embaixada a Leão X demonstrou a habilidade do Rei de Portugal, pois assombrou, não só a Cidade Eterna, mas a Europa inteira. Era a Embaixada de um Rei que tendo sulcado, sob a Cruz de Christo, "os mares nunca dantes navegados," se tornara Senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, e, com soberana grandeza, enviava ao Vigario de Christo a obediencia do seu Imperio! Leão X, João de Medicis, Principe da Renascença Italiana, deve ter avaliado o que era a Renascença Portugueza.

Não podemos, nem queremos, comparar o Venturoso ao Principe Perfeito, porque não são comparaveis: eram duas mentalidades inteiramente differentes. D. Manuel, apezar de ter sido o successor de D. João, reinou, pela força das circumstancias, n'uma epocha cujas condições eram totalmente diversas, pois, segundo a phrase pitoresca de Valentim Fernandes (*Marco paulo,* "epiſtola" dirigida a D. Manuel), aconteceu a D. João II como a Moyses, "q̃ tantos annos tinha trabalhado pera entrar em a terra da promiſſam. ⁊ em fim do monte ꝺ Nebo olhou pera ella ⁊ a vyo." O descobrimento da via maritima do Oriente revolucionou as condições economicas da Europa: esse acontecimento alterava, por consequencia, a politica da nação. D. Manuel seguiu o caminho traçado por D. João II, executando duas das aspirações principaes da sua politica; o casamento com a herdeira dos Reis Catholicos, e a continuidade da empreza.

Descoberto o caminho maritimo para o Oriente, e depois o Brazil, Portugal, Senhor dos mares, teve um tal poder que, mesmo com o seu genio, talvez D. João o não tivesse podido prever. A par d'isso, tendo desapparecido o sonho da unidade da Peninsula debaixo do sceptro Portuguez, ninguem póde determinar, hoje, qual teria sido, se tivesse vivido, a politica do Principe Perfeito; póde-se, sim, conjectural-a, baseando-se em certas hypotheses, mas não é possivel determinal-a de uma fórma concreta, pois, aos factores conhecidos, ha sempre a junctar os imponderaveis que ninguem attinge. D. João II foi tão grande no desempenho da sua missão que, realmente, para glorificar a sua figura, não é necessario amesquinhar a do successor, sobretudo quando ella significa, aos olhos do mundo, a epocha mais brilhante da nossa historia, epocha que presenciou tambem o inicio da edade d'ouro da nossa litteratura. D. Manuel, muito culto (temos o testemunho de Damião de Goes), seguindo as pizadas dos Reis e Principes da dynastia d'Aviz, e "mui entẽdido nas hiſtorias, &

ſobre tudo nas Chronicas dos Reis deſtes Regnos," foi, como um Principe da Renascença, um protector das lettras—ás quaes "foi muito inclinado"—e das artes. D. Manuel reformou, póde dizer-se, toda a legislação do paiz, e durante o seu reinado, o progresso da cultura teve um desenvolvimento extraordinario, que foi poderosamente auxiliado pela illustre Rainha D. Leonor, irmã do Venturoso e viuva de D. João II. Se o Imperialismo e a India—como já dissemos—deviam arruinar a nação, a era que se seguiu á viagem de Vasco da Gama foi, sob todos os aspectos, a mais resplandecente da nossa historia, porque todas as riquezas se reuniam em Portugal, coroadas pelas joias da nossa litteratura. Ao mesmo tempo, n'esses annos felizes em que do Oriente nos chegavam o ouro—do qual eram cinzelados objectos como a Custodia dos Jeronymos—as pedrarias, os estofos preciosos e as especiarias, uma pleiada d'homens principiava a colligir um outro thesouro inestimavel, os nossos livros.

A imprensa, com os seus notaveis "meſtres da nobre arte impreſſoria," teve tambem no reinado de D. Manuel—e em grande parte devido á Rainha D. Leonor—o seu periodo aureo, pois as obras estampadas então no nosso paiz são, certamente, as mais bellas que sahiram dos prelos Portuguezes. Eram tempos de prosperidade; tudo indicava um profundo desenvolvimento, resultado da intima alliança dos dois movimentos da Renascença Portugueza, e a magnifica ostentação do Venturoso, manifestada por todas as fórmas, é perfeitamente comprehensivel. Como Portuguez, diremos simplesmente: Bemdita ostentação, pois hoje ainda, apezar das desgraças, das guerras, dos terremotos, das invasões, os monumentos de todo o genero deixados por D. Manuel são a prova evidente da grandeza dos tempos; D. Manuel, Rei de uma epocha de triumphos, tinha de ser um Rei triumphal, e soube sel-o. Não escrevemos o panegyrico do Venturoso; mas tendo sido—injustamente, a nosso ver—tão atacado, procuramos fazer-lhe justiça, apezar de não podermos deixar de censurar a ingratidão com que premiou servidores illustres como Affonso de Albuquerque e Duarte Pacheco, obreiros eminentes da grandeza de Portugal; mas crêmos confiadamente que essa attitude do Soberano terá sido devida a intrigas vis.

Não era perfeito, mas o proprio *Principe Perfeito* tambem o não foi; commetteu erros e teve culpas. É muito provavel que o fulgor do ouro oriental o tenha cegado, não lhe permittindo ver claramente o problema do nosso immenso Imperio, pois não bastava descobrir e conquistar; era necessario manter, fazendo face, não sómente a todas as difficuldades, tanto humanas como materiaes, mas ás rivalidades e ambições de outras nações. Alem d'isso, os gastos exorbitantes da sua administração embaraçaram as finanças do Estado, creando, sem duvida, serias difficuldades aos seus successores. Na sua politica commetteu um erro grave; a insistencia em querer reunir a Peninsula debaixo do sceptro Portuguez; mas tem uma desculpa, pois o seu procedimento era, a final, simplesmente a continuidade do plano de D. João II.

A questão mais discutida, porque é a mais complexa, do reinado de D. Manuel, é a expulsão, sem duvida cruel, dos Judeus. É nos impossivel analysar aqui esse problema, mas esperamos, nas nossas notas sobre a *Consolacam as tribvlacoens de Israel* de Samuel Usque, fazer-lhe mais larga referencia. Comtudo, diremos desde já, que o decreto

de D. Manuel foi, a nosso ver, a consequencia de uma necessidade. A indole do Monarcha não era violenta, e se assim procedeu—estamos d'isso convencidos—foi porque se viu obrigado a tomar uma medida radical para defender o paiz e os interesses do seu povo, ameaçados pela invasão—habilmente explorada, então, por D. João II—dos Judeus de Hespanha. D. Manuel tinha a obrigação de guardar a Fé em Portugal, assim como era o seu dever de Rei proteger os haveres dos seus subditos das ambições de uma nação mal vista em Portugal e, sobretudo, salvar o seu Reino da penetração inevitavel de uma raça estrangeira. Estamos convencidos de que um dia, imparcialmente e sem paixões, justiça será feita ao Venturoso.

Para o nosso trabalho sobre os livros do seculo XVI, o periodo de D. Manuel, alem de ser o ponto mais elevado a que chegou a fortuna Portugueza, devido ao movimento iniciado em Ceuta, representa a epocha brilhante durante a qual a pleiada de escriptores—entre os quaes tem logar preeminente o *Plauto Portuguez*, o insigne Gil Vicente—principiou a sua producção de obras admiraveis, titulos de gloria do reinado do Venturoso e dos seus successores.

D. João III, a quem se começa a fazer justiça, e cuja personalidade foi magistralmente estudada e defendida pelo auctor do "*Piedoso*" *e o* "*Desejado*," foi, egualmente, um protector das lettras, como o fôram os seus irmãos, e sua irmã a illustre Infanta D. Maria. No seu reinado, viveram homens taes como Ayres Barbosa, André de Resende, João de Barros, Damião de Goes, Pedro Nunes, Sá de Miranda, Jorge Coelho, Diogo de Teive, Antonio e André de Gouvea, Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão, Antonio Ferreira, D. Jeronymo Osorio, Fernão Lopes de Castanheda, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e quantos outros, entre aquelles que trabalhavam, ou pelo aperfeiçoamento da cultura do espirito, ou pela vulgarização dos feitos Portuguezes. N'essa epocha havia frequentemente como uma permutação entre as intelligencias e competencias, pois ao lado dos nacionaes, muitos dos quaes fôram estudar ou ensinar lá fóra, tinhamos mestres estrangeiros como Clenardo, Buchanan e Vaseo. A cultura do Grego e do Latim teve o seu apogeo no reinado de D. João III; o estudo dos classicos era a melhor eschola que os nossos auctores podiam ter para apprender a descrever as façanhas dos nossos heroes. Bella epocha de cultura, na verdade, pois não era só o estudo das humanidades que florescia, mas tambem o das sciencias mathematicas e de astronomia nautica que, com os trabalhos do celebre Pedro Nunes e do seu inclito discipulo D. João de Castro, attingiam entre nós o seu maior brilho, tanto theorico como practico. Era ainda a continuidade, e o resultado dos dois movimentos da Renascença.

O reinado joannino não representa, a nosso ver, uma epocha de chamas cujo fumo ennegrecia tudo. Estamos convencidos que, um dia, quando a historia de D. João III fôr escripta sem prevenções, a figura do *Piedoso* será melhor comprehendida. Cheio de Fé, "o filho dilecto da Egreja," como lhe chamou Santo Ignacio, quiz, não sómente proteger essa Fé, mas salvar o seu paiz das guerras de religião, das conspirações e revoluções que, em resultado da revolta contra a Egreja Catholica, assolavam outros paizes. D. João era o sexto Soberano da casa d'Aviz, o successor de quatorze Reis de Portugal que tinham luctado pela Religião, e, como os seus maiores, combatia para a dilatar.

Era pois—alem das suas crenças profundamente enraizadas—a sua politica defender a Fé em Portugal, que ajudaria a manter a unidade da Europa ameaçada pela Reforma. D. João III, homem de dever, era fiel ao seu juramento. A Inquisição foi, em Portugal, uma medida do Estado, reclamada pela quasi totalidade do paiz e de fórma alguma uma imposição de Roma. Foi uma censura, adoptada aos usos da epocha, um freio, sem duvida cruel, mas que evitou crueldades incomparavelmente maiores, pois impediu, por uma maneira legal, os massacres selvagens, como a matança dos christãos-novos em 1506, em que mais de dois mil desgraçados fôram barbaramente chacinados pelo povo—tremendo justiceiro!

No povo, havia odio contra os Judeus, demonstrado pelos acontecimentos do reinado de D. Manuel, e D. João III, Rei ponderado, deve ter pesado os perigos que existiam, se não satisfizesse de alguma fórma a aspiração popular—Inquisição ou proscripção dos Judeus. A proscripção já não podia, n'aquella altura, contentar os desejos do povo e, ao mesmo tempo, perante os perigos ameaçadores, tanto politicos como religiosos, da Reforma, resolver o problema aos olhos de D. João III. O Piedoso—um sincero nas suas crenças—quiz levantar um dique que represasse as aguas que podiam inundar Portugal, como tinham inundado outros paizes. Lançou mão dos elementos de que dispunha, que eram o Tribunal do Santo Officio. A opposição creada em Roma aos desejos de D. João III mostra, a nosso ver, que a Inquisição foi introduzida pelo Estado e não pela Egreja, que acceitou, mas com reluctancia, legalizar as suas funcções. O que hoje parece a tantos—talvez porque paixões oppostas lhes embarguem a vista—um acto de fanatismo, era na realidade a maneira mais simples de attender aos desejos da maioria do paiz.

Carlos Matheiro Dias escreveu (O "*Piedoso*" *e o* "*Desejado,*" pp. 35 e 36) uma phrase profunda ácerca da introducção do Santo Officio em Portugal que, em poucas palavras, define admiravelmente os motivos que levaram D. João III a solicitar da Santa Sé o seu estabelecimento em Portugal: "naquela altura, a Inquisição era uma medida *democrática*, no sentido de corresponder às aspirações populares, e uma providência de ordem, pois que o Santo-Ofício vinha restabelecer, no domínio espiritual, a autoridade do Estado, arrancando às revinditas delirantes da multidão as vítimas que o tribunal inquisitorial avocava à sua jurisdição legalizada."

D. João III foi, e é, accusado de ter acceso as fogueiras que tudo queimavam, representando o papel de um "Torquemada coroado," escravo d'um fanatismo feroz; mas esquecem que, em quanto grande parte da Europa estava a ferro e fogo, Portugal conservava a paz. É mais facil apontar hoje os males creados pela Inquisição no nosso paiz, do que, transportando-nos á epocha do *Piedoso*, prever quaes teriam sido as consequencias para Portugal, se uma censura rigorosa não tivesse sido estabelecida. A Reforma era um espirito de revolta que penetrava em toda a parte e por todos os meios, e entre nós havia, sempre complicando o perigo, o fermento da questão dos christãos-novos. A Inquisição fez, infelizmente, correr sangue, mas, sob o seu aspecto legal, impediu que muito mais fôsse derramado, porque o Tribunal mantinha a ordem sob a dupla auctoridade do Estado e da Religião. Para conjecturar as consequencias da falta de um poder que julgasse

estas materias, basta recordar os acontecimentos de 1506, sem fallar no que se passava em França, na Allemanha e em Inglaterra. Alem d'isso, se compararmos os *excessos* da Inquisição em Portugal com os crimes praticados pela plebe—que essa clamava vingança em nome de Deus—vêmos que em dois seculos, o Santo Officio applicou cerca de mil e quinhentas sentenças de morte, em quanto que em dois dias apenas, o povo de Lisboa, como já dissemos, massacrou mais de dois mil infelizes christãos-novos, homens, mulheres e creanças.

Não sympathizamos com a Inquisição; lamentamos que o nome de Deus tenha sido invocado para queimar gente, quando o Tribunal era mais—como vimos—uma instituição politica do que religiosa, mas, pesadas as circumstancias, comprehendemos os motivos, não de fanatismo mas de raciocinio, que levaram D. João III a introduzir a Inquisição em Portugal. Em resumo, o Soberano adoptou um mal para evitar maiores males. O Santo Officio commetteu, muito provavelmente, grandes erros; serviu, como é natural, de pretexto a vinganças; talvez tenha mesmo feito correr sangue innocente; poz um freio a muitas liberdades; paralysou certos movimentos intellectuaes, o que não impediu genios de compôrem e publicarem as suas obras. Mas, sem a Inquisição teriamos tido paz politica e paz religiosa, que alcançámos á custa de um numero de victimas relativamente pequeno? O exemplo de outros paizes da Europa, convulsionados pelas luctas religiosas e onde o sangue corria a jorros, permitte-nos calcular o que teria succedido em Portugal, se D. João III não tivesse levantado o dique que parasse a inundação, satisfazendo ao mesmo tempo, como Soberano sensato, as solicitações do seu povo.

Luctando com difficuldades colossaes, D. João inspira o nosso respeito pela dignidade do seu reinado, pela coragem com que soffreu pungentes desgostos, vendo morrer os seus nove filhos, e os seus irmãos D. Affonso, D. Duarte, D. Luiz, D. Fernando e D. Izabel: a sua profunda Fé dava-lhe forças. Atravez de tudo, soube, com grandeza, manter o prestigio de Portugal. Se a decadencia avançava, se o peso da herança tinha sido demasiado, foi, comtudo, no reinado de D. João III que o poderio Portuguez chegou no Oriente ao seu ponto culminante, graças aos heroes que serviam Portugal, entre os quaes o admiravel D. João de Castro foi preeminente em tudo. Devemos a D. João III o começo da colonisação do Brazil —um dos seus maiores serviços—que prova a sua clara visão do futuro; e devemos-lhe o desenvolvimento das lettras, iniciado no reinado precedente. Morto D. João, a herança, cada dia mais pesada, recahia sobre o neto, D. Sebastião o *Desejado*, uma creança de tres annos!

Seguem-se annos de Regencia, de difficuldades, de intrigas. O thesouro encontrava-se vasio, o paiz, cuja população minguava, estava exhausto, e nuvens negras de ambições ameaçadoras levantavam-se no horizonte; mas o povo tinha esperança e confiança na estrella de D. Sebastião. Rajadas de heroismo, como o cerco de Mazagão, sacodem ainda a nação gasta e adormecida, mostrando o valor e o patriotismo dos Portuguezes. Educado no culto de Deus e na admiração dos feitos dos seus maiores, D. Sebastião, o ultimo Rei Cavalleiro, quiz, combatendo pela Fé e revivendo as façanhas dos seus

antepassados, alcançar a gloria. Corria-lhe nas veias o sangue guerreiro dos primeiros Principes da casa d'Aviz, e, como aos "Altos Infantes," não lhe bastavam torneios e festas para obter o cubiçado grau de Cavallaria. A Mauritania, berço de nossa grandeza, fascinava o *Desejado*, e as victorias que os capitães Portuguezes continuavam a ganhar no Oriente eram mais um incitamento para partir para Africa á frente de uma expedição contra os infieis. D. Sebastião tinha apprendido o seu ideal na admiravel eschola da coragem Portugueza. No meio da decadencia, havia um sopro de heroismo que galvanisava, e D. Sebastião vivia n'essa atmosphera, querendo levantar bem alto o nome de Portugal, pois em tudo, tanto em questões internas como externas, mostrava o seu justificado orgulho de ser Rei de Portugal.

Epocha extraordinaria, em que de um lado havia uma riqueza inverosimil—como se póde ler na relação da viagem do Cardeal Alexandrino a Portugal em 1571, escripta por João Baptista Venturino; do outro, a miseria negra de um paiz esgottado! Ao mesmo tempo, o heroismo caminhava a par do desanimo. Se existia ainda na nação o espirito "dos feitos d'alta ventura," o ouro do Oriente, o vil metal, tinha corrompido muitos, roendo-lhes as forças; Lisboa era, sem duvida, a cidade commercial cheia de luxo, mas o paiz estava arruinado, e a fome assolava o Reino. Era uma situação formada de contrastes e, por consequencia, não só instavel mas insustentavel, que forçosamente não podia durar muito. N'aquelle tempo, Portugal já vivia do prestigio da sua gloria. Quanto tempo poderia o paiz manter pela força das armas o dominio no Oriente, a milhares de legoas da metropole, base da politica Portugueza desde a derrota de Vasco da Gama, e tomando em conta que a viagem de Lisboa á India durava mezes e que innumeros navios não chegavam a bom porto? A bravura Portugueza ainda mantinha intacto o prestigio, graças ás façanhas de um punhado de heroes como aquelles que, em 1571, sob o commando de D. Luiz de Athayde, desbaratavam os potentados da India colligados contra o senhorio das Quinas de Portugal. Os defensores de Goa e de Chaul eram ainda da raça de gigantes! Mas a India, como dissemos, era um thesouro tão precioso, que para o guardar, Portugal arruinava-se.

E tanto assim era, que estava arruinado, porque o Oriente, apezar das especiarias, do ouro e das pedrarias, custava mais do que rendia, e sobretudo, porque todas essas mercadorias preciosas eram pagas com sangue, e o paiz, pouco a pouco, por culpa d'essa sangria constante, tornava-se um cadaver. O sangue Portuguez derramado nas conquistas tinha enriquecido o estrangeiro, empobrecendo a Patria. Abandonar o Oriente, mesmo que fôsse em parte, era declarar-se vencido e repudiar a politica de seus avós; D. Sebastião não podia fazel-o. Portugal tornara-se um escravo da sua gloria e das suas façanhas. O plano do *Desejado* era, sem duvida, aventuroso; se o julgarmos pelos resultados foi certamente temerario e um grande erro; mas, pensando no ideal do Monarcha e nos tempos em que vivia, o seu intuito era, a nosso ver, comprehensivel. D. Sebastião quiz, seguindo o exemplo do fundador da sua dynastia, mais uma vez dilatar a Fé n'uma nova cruzada, e por uma victoria sobre os infieis—não a milhares de legoas, mas á porta de casa, como em Ceuta—crear uma reacção e, quem sabe, adoptar depois uma nova politica, forte do prestigio alcançado pela honra de Deus e da Patria.

D. Sebastião é atacado porque foi vencido, erro que ninguem perdoa. Mas foi vencido com honra, porque morreu pelejando pela sua Fé e pela causa sagrada da Patria.

Essa Patria que tão profundamente amara, morria tambem, póde dizer-se, em Alcacer-Quibir. A independencia de Portugal durava ainda dois annos, governando o paiz o velho Cardeal Rei D. Henrique, alquebrado pelos desgostos, doente, hesitante e sem forças. Era a agonia, após o golpe mortal vibrado nos campos d'Africa, e em 1580, em seguida á morte do filho do Venturoso, Portugal, coberto de feridas gloriosas e exangue, adormece de um somno de sessenta annos! Camões, o nosso immortal poeta, morria no mesmo anno. Os seus *Lusiadas*, dedicados a D. Sebastião, sobejam para cobrir de gloria as lettras do reinado d'esse Monarcha. Camões foi certamente um *conselheiro* da Aventura de D. Sebastião, a "maravilha fatal da nossa idade": as admiraveis descripções das façanhas Portuguezas nos *Lusiadas* devem ter influenciado poderosamente a imaginação do poeta, do mystico, do ambicioso de "feitos d'alta ventura," que era D. Sebastião. Camões narrava os feitos passados; D. Sebastião queria crear uma nova epopea! Morrendo com a Patria, Camões deixou-nos um legado inegualavel: o canto sublime da historia que "era o silencio de todas as historias"!

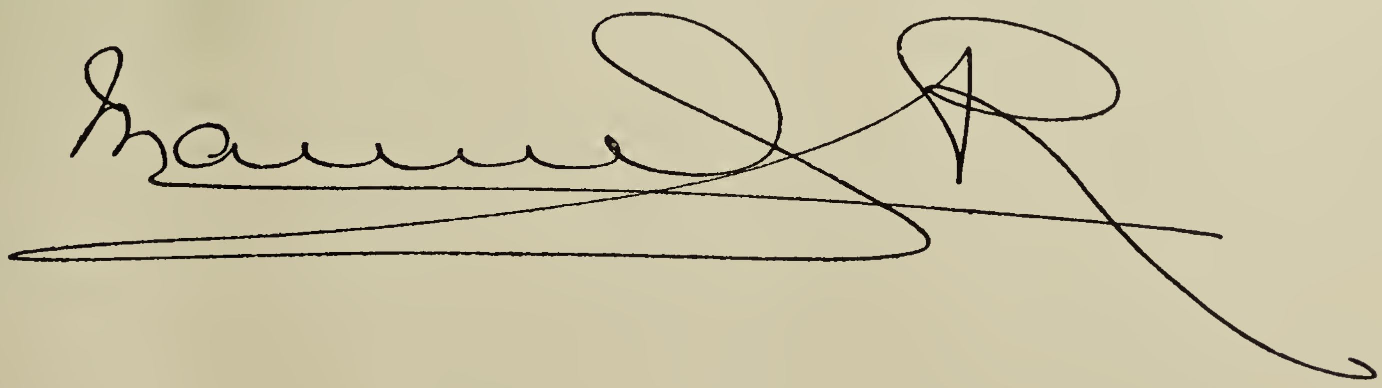
N'esta despretenciosa *Introducção* tentámos acompanhar a nossa historia, especialmente desde Ceuta até Alcacer-Quibir, mostrando, ao mesmo tempo, os feitos dos nossos heroes. Não procuramos ensinar ninguem; tratámos apenas de apprender nós mesmos, para poder mostrar ao publico em geral o que foi a producção litteraria e scientifica da nossa Renascença.

Hoje, quando pensamos no Passado, e estudamos a epocha que intentámos descrever, parece-nos tudo um sonho, ao comparar, com magua, a grandeza d'outr'ora com a mesquinhez actual. Portugal foi grande, porque, acima de tudo, havia Fé em Deus. Sem essa Fé, que cimentou todas as nossas emprezas, nada se faz. N'aquelles tempos, havia quem soubesse mandar e quem soubesse obedecer; existia uma admiravel disciplina e um profundo amor da Patria. Fômos felizes, sem duvida, quando, obedecendo a um ideal, procurámos e descobrimos a via maritima do Oriente; alcançámos um fim grandioso, porque houve, do primeiro ao ultimo dia, uma extraordinaria preparação, uma tenacidade que nada fazia fraquejar e, sobretudo, um plano de continuidade que foi seguido e cumprido. N'essa epocha, as crenças religiosas estavam profundamente enraizadas; davam confiança aos nossos antepassados para emprehenderem as grandes luctas, e a força necessaria para vencerem as maiores difficuldades. Todos trabalhavam, pensando acima de tudo no paiz, no seu prestigio e na sua gloria, e unidos, respeitando a auctoridade, os Portuguezes edificaram aquelle Imperio gigantesco que assombrou o mundo.

Ha muitos annos que um vento de insania, augmentando de violencia, tem soprado sobre o nosso paiz. A Fé diminuiu, as crenças afrouxaram, a confiança perdeu-se, os interesses individuaes passam adeante do interesse do paiz, não ha respeito pela auctoridade—que muitas vezes não existe—todos mandam e ninguem sabe obedecer, os planos são tantos, que nenhum é seguido e ainda menos cumprido, a indifferença domina, e o velho

Portugal soffre de uma *modorra* moral, que lhe vae roendo todas as energias. O paiz não tem vigor para reagir, porque as suas forças estão gastas pelas luctas internas promovidas por ambições mesquinhas ou invejas lamentaveis. No principio do seculo XVI, Affonso de Albuquerque escrevia, já então, a Duarte Galvão: "Em tempo estamos que por nossos pecados Reina mais a imveja amtre os portugueses e desejos de destroirmos huns aos outros e damnificarmos e Roermos as homrras alheas, que obrarmos neste feito ho que nossos avoos sempre fizeram."

A historia repete-se, mas os tempos e os homens mudaram. O que escreveria agora o Gigante do Oriente? É melhor não pensar n'isso, ou antes, pensemos, mas para apprender a grande licção do Passado, tão pouco conhecido e estudado. Esse Passado cobriu a nossa historia de uma tal gloria resplandecente, que essa luz aclara ainda a escuridão em que vivemos. O nosso Passado é o ensinamento mais util e proveitoso das gerações novas, pois demonstra-lhes o amor da Patria e o culto do Dever. Estudando o Passado, percebemos o que fômos, e sentimos um orgulho profundo em ser Portuguez. A leitura dos velhos livros onde apprendemos os feitos heroicos e as façanhas Portuguezas faz-nos vibrar de enthusiasmo e sacode as nossas forças adormecidas. Por todos os meios, desenvolva-se o culto do Passado, que é o culto das grandezas da Patria, e para bem sentir o amor d'essa Patria tão querida, é preciso, infelizmente, ser obrigado a viver longe d'ella, cheio de saudade e privado da sua atmosphera! A epocha dos descobrimentos e conquistas passou; mas, hoje, ha a descobrir o bom senso—talvez mais difficil de achar do que a India e o Brazil—e a conquistar para Portugal, pelo nosso esforço, pela nossa união, pelo nosso patriotismo, pela nossa disciplina, e sobretudo pela nossa Fé, um nome novamente cheio de prestigio. Pensemos que somos a decana de todas as nações da Europa na sua actual configuração territorial; pensemos nas glorias d'antanho; pensemos que démos o exemplo ao mundo; pensemos na nossa Patria! Somos crentes em Deus: essa Fé profunda alimenta a nossa Fé nos destinos do nosso paiz, que do somno lethargico em que dorme ha de acordar cheio de força. Com alegria e esperança, vêmos, pouco a pouco, apparecer um esforço patriotico para a regeneração de Portugal; o nosso ardente desejo é que essa bemfazeja actividade se mantenha e se desenvolva, e se o nosso modesto trabalho tiver contribuido, um nada que seja, para esse fim tão bello, teremos a consciencia de ter servido a Patria, porque levantámos "a bandeira dos triunfos della"!



Dia de Reis de 1929

FULWELL PARK

"Let God, Who judges the deeds and intentions of each one, judge ours, for the judgement of man is more ready to pass sentence upon others than upon himself. Yet against those who think ill of this our book, we can affirm that, when the murmuring is past, those works whose aim was the common good, remain living, as does the memory of their Author, however sharply he may have been criticised in his lifetime....The time will come when we shall be judged as one who was more zealous and diligent in caring for the welfare and glory of his country than of his own person. For in the time when others have gone hither and thither, seeing who could load himself the heaviest with the spoils from India, we have made it our care to raise the banner of our country's triumphs; a banner which these overloaded ones left lying abandoned and forgotten, in the preoccupation and haste of each after his own way to save the booty he had seized, for to each his own interest was more important than the common glory of the nation."

Appologia de Ioão de Barros, em lvgar de Prologo. Qvarta Decada da Asia.

WE have undertaken this work to show, or rather to make known, our books. Our aim is simple: in trying to *give life* to these early Portuguese books, and to a few manuscripts that accompany them, we seek to bring into relief the achievements of the Portuguese, especially in the fifteenth and sixteenth centuries. Books are silent and faithful friends, and through them we may learn to read life. They teach us, and in many cases furnish proofs, about the period in which we are interested. Those published during the time we are describing may be considered as the most reliable documents—apart from original manuscripts—for the study of that time.

The purpose of our work is to show the greatness of the Portuguese exploits, and to serve our nation by raising "the banner of her triumphs." It is unpretentious, says nothing new and does not presume to teach anyone, but we hope it will prove our love for our country; if we achieve that ambition, we shall have the supreme consolation of a duty done.

In turning over the pages of our books, we go through the history of our country; and, at the same time, witness the development of the "noble art of printing" in Portugal; therefore in this *Catalogue* it has been our endeavour to show the books and explain their contents, demonstrating both the skill of the printers and the knowledge of the authors.

Years ago we began to collect Portuguese books, and especially those of the sixteenth century, to study the epoch of the voyages, discoveries and conquests. Little by little, from the love of history there grew in us a love of books, of the rare and first editions issued in that period; we felt that to learn about the deeds of our heroes, to read of the romantic voyages and to study Portuguese literature and science in books that had been printed during the century of our country's greatest brilliance, gave a particular charm and interest to our work. These contemporary books created a unique atmosphere, since they not only evoked this period of our history more clearly for us, but gave fresh life to the writings and their authors and conjured up a vision which appealed to our imagination. We therefore joined to the study of the period, the study of its books, and diligently, though not without sacrifices, we gathered together our Library of Portuguese sixteenth century works, to which we were able to add a few incunables and some manuscripts,

thus forming a really notable collection. The majority of these beautiful products of the first printing-presses set up in Portugal are almost unknown, for our bibliographies contain but few facsimile reproductions, and consequently, though the books have been described, the general public is hardly cognisant of the art and science of the early Portuguese printers; in order to scrutinise and admire the works they produced it is necessary to examine them in Public Libraries, and their rarity renders this examination both difficult and tiring. As we possess what is perhaps the most complete private collection in existence, it was suggested to us that we should publish a *Catalogue* of our Portuguese books, so that there should be a profusely illustrated Portuguese bibliography to put beside the bibliographies of other countries. We hesitated for a long time, because it was a work needing learning which we did not possess, and it represented a responsibility which was heavier than our shoulders could bear. But it was pointed out to us that to display our books was to render a service to the name of Portugal; we therefore set to work on this publication, calling it simply a *Catalogue* of the books in our Library from 1489 to 1600. It seemed to us, however, that it would be not only interesting but useful to give bibliographical and historical notes in addition to the collations of the books. In this way we have tried to give life to the books we present, writing of their authors, describing, however briefly, their contents, and explaining, as far as we are able, the influence they exercised, and thus, linking historical studies and bibliographical notices, which have been made as detailed as possible, we have sought to show the importance of the Portuguese books from 1489 to 1600. Though on the one hand it has been our object to make known these books, their history, their typography, and their printers, by giving a complete description of each, in chronological order of publication, with facsimile reproductions of its title-page, its colophon and its illustrations, it has also been our wish to show, through the books, the Portuguese achievements at that period. In striving to base our study on as many authors, both ancient and modern, as we could consult, we have undertaken a task requiring great patience; but we hope we shall be able to bring it to a conclusion.

The first volume contains descriptions of only thirty-eight books, one manuscript and one illuminated miniature. We are well aware that this number may seem small, but it is explained by the importance of these books, both from the typographical and the historical point of view, for in this case it is a question of quality and not of quantity.

In the first volume we treat of some of the earliest books printed in Portugal, which are therefore of exceptional importance for the study of typography in our country. We include, for instance, the magnificent *Vita Christi*, published in Lisbon in 1495, the first known printed book in the Portuguese vernacular and one of the most notable monuments of printing in the fifteenth century. Some among these thirty-eight books, such as Zacuto's *Almanach perpetuum*, 1496, the *Marcc paulo*, 1502, the *Reportorio dos Tempos* and *Regimẽto da declinaçam do ſol*, 1518, and the *Tratado da Sphera*, 1537, are of especial value for the history of the voyages of discovery; others, like the *Autos dos Apostolos*, 1505, the *Grãmatica Paſtrane*, 1512, the *Legẽda dos ſãtos martires*, 1513, and the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, 1514, arouse interest through the perfection of their type and the beauty of their woodcuts and capital letters; some books, like the *Regras* of the Orders of Christ (1504),

of St James (1509) and of Aviz (1516), evoke vividly the first dynasty and the struggle to create Portuguese nationality; and others, like the *boosco deleytoso*, 1515, and the *Cancioneiro Geral*, 1516, are most interesting examples of Portuguese literature in the fourteenth, fifteenth, and sixteenth centuries. The books take us back to the period when they were written, and we learn to know the persons whose names are linked with them; we may indeed say that all these early books have a historical interest, for they are all leaves of the great book of history.

The number of works described in the two volumes that are to follow will, for obvious reasons, be considerably larger; in this volume our notes have been necessarily extended, owing to the special interest of the works included, and to the fact that they are among the earliest books published in Portugal, so that we have had to make detailed references to printers and printing in our country in the fifteenth century and the beginning of the sixteenth. Furthermore, such books as we have mentioned could not be disposed of in notes of a few lines, since it was our purpose and desire to demonstrate their influence and importance. This volume, which, for similar reasons, will probably be the richest in illustrations, comprises all the books in our Library printed in Portugal from 1489 to 1539; the second volume will probably take in works published from 1540 to 1569, and the third from 1570 to 1600, inclusive. All three volumes will have a list of the works consulted besides the list of contents, and the third will contain in addition a general index and indices of printers, towns, authors and titles.

There is a profusion of reproductions in the first volume, because it is concerned with the golden age of the "noble art of printing" in Portugal, and we have considered it essential—though we were thereby forced to curtail the number of books included in this volume—to give liberal proof of the skill of those printers who so successfully established and developed the art of Gutenberg in Portugal. Some of the books we are hoping to study in the remaining volumes are of the utmost importance from the historical, literary, or scientific point of view; but there will be many of lesser interest, for, though we may still find some beautiful examples of the "art of printing" in the second half of the sixteenth century, there was certainly a decline in the quality of the work produced: there were no longer such fine woodcuts, neat and accurate type, and painstaking workmanship as characterised the publications of our early printers, of Valentim Fernandes—the greatest of all—of João Pedro Bonhomini de Cremona, Hermão de Campos and even Germão Galharde. At the end of the fifteenth and beginning of the sixteenth century printing was really an art, and the works issued by those masters had been set up not only with knowledge but with love. The books published were few and the editions limited; quality was considered before quantity, consequently our deepest admiration is aroused by the perfection of the works printed in that period which we are now able to examine. Afterwards, as printing spread and presses multiplied, the "art" was gradually commercialised, more works were issued, but, in many cases from necessity, the editions were hastily printed, and were therefore no longer so accurate and beautiful as the earlier productions. Though certain of the later printers produced some very fine books and have earned themselves a place in the history of Portuguese typography in the sixteenth

century, they are not nearly so interesting as their predecessors, the pioneers of printing in our country. Most of the books that will be studied in the next two volumes therefore contain many less woodcuts and ornamental capitals, and are not so carefully executed, as those we show in the first volume. So there will be less beautiful illus-trations in volumes II and III, though we shall give a facsimile reproduction of the title-page of each book; and it will be possible to introduce a very much greater number of books, particularly as our notes will be considerably shorter than they are in this volume, though in a few cases the importance of the text or the author, or the widespread influence exercised by a work, will demand a more extensive study.

Since our purpose is, as we have said, to make Portuguese books known, we have deemed it indispensable for the attainment of this end to write our work in another language besides our own, so we decided to write an English text, side by side with the Portuguese. In this way, besides spreading knowledge about the great work of Portugal, we are able, still further uniting Portugal and England, to offer sincere and grateful homage to the country where we live and where we have been so kindly welcomed. Our work contains many quotations in Latin, French, Italian, German and Spanish; these we have simply transcribed in the language in which they were written. In the English text we translate only the quotations in Portuguese, both ancient and modern. As for the Portuguese text, we have endeavoured, in all the quotations in our native tongue, to follow exactly the spelling used by each author—a veritable torture for the printers and even sometimes for us—for we thought it better that each one, ancient or modern, dead or living, should be responsible for the way he wrote or writes his own language; for our part, without the slightest pretension, we have simply kept to the spelling we learnt in our youth.

Those of our books which were printed in Portugal between 1489 and 1600 are written in Portuguese, Hebrew, Latin, and Spanish; they all belong to Portuguese bibliography, though some of the authors are foreigners. Those written by Portuguese writers are part of our country's patrimony, and bring honour to the name of Portugal, adding to her literary and scientific brilliance. We were therefore surprised that Menéndez y Pelayo, the famous Spanish author, did not scruple to include in his *Inventario Bibliográfico de la Ciencia Española* (*Obras Completas*, vol. III) a number of writers who were Portuguese to the backbone. In this long list, Spanish science and literature is plentifully enriched with the works of Portuguese scientists and men of letters, for it mentions Saint Anthony —the blessed Saint of Lisbon—Pedro Hispano (Pietro Juliani who became Pope John XXI), Ayres Barbosa, André de Resende, Pedro Nunes, Jorge Coelho, João de Barros, Antonio de Gouvea, Garcia da Orta, Amato Lusitano, Antonio Luiz, Dom Jeronymo Osorio and many others! It seems to us that the author of this *Inventario* had forgotten the Gospel precept to "render unto Caesar the things that are Caesar's and to God those that are God's." As a Portuguese, we claim only what is ours, and that suffices us.

Our work contains faults, and many of them, but we hope they will be forgiven us in consideration of the effort we have made to be of good service. We cannot even say,

like Garcia de Resende, "all I have written is sure"; but we can certainly add with Dom João II's jovial secretary

> "without scholarship and without knowledge
> I entered upon this task."

The fact that we were forced, from the bibliographical nature of our work, to describe the books in chronological order of publication, has rendered it impossible to arrange the historical notes in correct sequence. Though the subject matter of some of the works we have studied has obliged us to make many references to the history of the first dynasty, and even to earlier times, our chief concern has been to display the greatest era of Portugal's history, to dilate upon the epic adventure that was begun at Ceuta, and upon its consequences and influence. The books carry us to the year 1600, for many works, some of them very important, were printed in the last twenty years of the sixteenth century, but the historical study will end in 1580, with the temporary loss of Portuguese independence.

The history of Portugal, from the time of Dom Affonso Henriques to Alcacer-Quibir—and even afterwards—may be divided into Crusades and Adventures. Three books in particular, the *Regras* of the Orders of Christ, St James and Aviz, illustrate the period when the Portuguese nation was founded. As we shall see, there can be no hesitation in describing the work inaugurated by Dom Affonso Henriques and continued by the first Kings of his line, as a veritable crusade, not only because Lisbon was wrested from the Moors with the help of the Crusaders, but also because this struggle was a holy war to free the sacred soil of the motherland from the Saracen yoke; then, as in the fourteenth, fifteenth and sixteenth centuries, great deeds were inspired by faith, patriotism and the spirit of Adventure. Its history shows that the Portuguese race has always been a race of daring Adventurers; in the period we are trying to describe, this spirit of daring conquered every difficulty, because there was faith in God, confidence in man, and continuity of purpose. Unhappily, at other times, and in more recent years, this spirit of Adventure led to evil, for confidence and faith were lost, and continuity no longer existed. At the beginning the Adventures were the wondrous events and the heroic deeds which have given such incomparable brilliance to the history of our land. In the days of the foundation of the Portuguese nation, and during the reigns of the first Kings, the crusading spirit dominated Christianity; in that epoch of religious belief, men fought for their faith, and to this deeply rooted feeling was joined the spirit of chivalry, ever in search of fresh exploits and ordeals, ever in search of Adventure. The Military Orders of Chivalry, with their warrior monks, then rendered the highest service, especially until the conquest of the Algarve, and in our notes on the three *Regras* we traverse the first dynasty, whose founder, Dom Affonso Henriques, was certainly the first of the great Portuguese Adventurers.

The hero of the magnificent struggle for independence at the end of the fourteenth and beginning of the fifteenth centuries was the *Mestre d'Aviz*, King João I, and by his side the sainted knight, Dom Nuno Alvarez Pereira—the *Mestre's* right arm—stood

for the faith of Portugal. And was not Ceuta, the beginning of the second crusade, also an Adventure, where the spirit of chivalry was again strengthened by faith? Ceuta was the first part of the epic of the "deeds of high venture." We have begun this volume with the manuscript on vellum of Mattheus de Pisano's *De Bello Septensi*, a most important document which had been lost for more than a century. It is very fortunate that this valuable old codex was found, for we have thus been enabled to start our study with the description of a contemporary document about the first conquests, written by King Affonso V's tutor in 1460, the year when Prince Henry died. It is a relic of the Portuguese glories, for it was after the conquest of Ceuta, the story of which is recounted by Pisano, that Prince Henry settled in Sagres, whence he initiated the gigantic work of discovery. The "Navigator" was the smith who forged the great chain made up of closely connected links. In our notes on the *Marco paulo* we try to show how these links were united, so that they symbolise the continuity of the epic. From Ceuta until the time of his death, Dom Henrique, a true believer, zealous for the aggrandisement of his country, strove to achieve one ideal, to spread the Gospel and enlarge the Portuguese dominions by discovering the maritime route to India, and by finding the Christian Kingdom of Prester John; to this ideal he sacrificed everything, with indomitable courage, and tenacity that never wavered; even in the face of reverses and sorrows, he ordered his navigators to proceed towards the south, in search of the maritime way that would carry them to the lands of the East.

A French author, Marius André (*La véridique Aventure de Christophe Colomb*, 1927, pp. 48 and 49), gives, in a few lines, a perfect definition of the Infante's character, showing his aspirations and those of the whole Portuguese race: "Dom Henrique résume dans son génie toutes les aspirations, matérielles et religieuses, individuelles et nationales, les coordonne toutes sans en sacrifier une seule et en fait une puissante harmonie, parce qu'il est à la fois un savant et un grand chrétien, un homme d'action et un homme de rêve, un calculateur lucide et un prince. Et comme il est bien la synthèse vivante de son peuple, l'animateur que celui-ci attendait!" These aspirations were realised, thanks to the Infante's genius and to his able choice of collaborators in the enterprise he undertook after the conquest of Ceuta. Dominion over that populous city and principal port of Mauritania—which, as Oliveira Martins (*Os filhos de D. João I*, p. 52) says, preceded Venice as the emporium of trade with India—was of such outstanding importance for the formation of our overseas Empire, that we may consider Ceuta as the first step towards the discovery of the maritime way to the East, and the first link of the chain that joined the new world to the old.

In our notes on Pisano's manuscript, we were inclined to allow the Princes, and especially Dom Henrique, credit for having thought of conquering Ceuta. However, if the words that, according to Zurara (*III Parte da Chronica DelRey D. Ioam o I*, 1644, chap. 62), were spoken by Dom João in 1415 are an exact expression of the truth, the enterprise was projected by the founder of the dynasty of Aviz and perhaps his counsellors, who cannot have been influenced by the Infantes, owing to their extreme youth at the time when the undertaking was first conceived. The chronicler states that, when the King

was in front of Ceuta, he spoke to the members of his Council, saying: "as for your telling me to return to my Kingdom, it seems to me that it would be very shameful to have spent nearly six years in preparing this work, making, as you know, so many plans about it that the whole world is straining its ears to hear at last the news of victory, and now to leave it thus would, it seems to me, be nothing else but a mockery." Six years? Then Dom João I had been making ready for the conquest of Ceuta since 1409, which would give a further proof of the Monarch's clearness of vision, and would render it perfectly admissible to suppose that Dom João I must have charged his confessor, Dom Sebastião de Menezes, ambassador in Rome in 1410, to inform John XXIII, on his election as Pope, of the Portuguese project, thus indicating that he desired the sanction of the Holy See to undertake the conquest of Ceuta. If, therefore, Dom João had been planning the enterprise since 1409—that is two years before the peace treaty with Castile had been signed—we may suppose that the idea of a dazzling tournament, during which the Infantes were to be invested with the honours of Chivalry, was simply a pretext to hide his real intent, so that under cover of it preparations might be made for the expedition; in that case, the tradition that the undertaking was suggested by João Affonso de Azambuja would have to be put aside, but it is very possible that the story told by this member of Dom João's council on his return from his voyage may have encouraged the Sovereign to proceed with his plans—and at that time the Infantes may also have influenced him.

But, though the idea of conquering Ceuta may not have emanated from Prince Henry, his genius must have realised what the consequences of the expedition would be. The Infante's profound faith strengthened his understanding and incited his daring spirit to undertake "deeds of high venture." Historians have given the cognomen of the "Navigator" to this son of Dom João I; perhaps the epithet of "Initiator" would have been even more applicable to him, for his work not only prepared the way for and inaugurated the Portuguese Renaissance, but made known half the globe. The voyages begun by Dom Henrique were an adventure, but an adventure that had been maturely thought out and studied, and was the outcome of necessity, for, since the death of Timur in 1405, the land routes to the East had been closed. This necessity, which had possibly been brought home to the Infante by what he learned at Ceuta, must have been rendered more evident to him by the Infante Dom Pedro, when he returned from Venice in 1428, bringing with him the *Book of Marco Polo* and maps.

After the Turkish conquests, the way through Egypt with its terminus at Alexandria became the ordinary means of communication between Europe and the East. It was therefore indispensable to find, not a new terrestrial route, but a maritime way, in order to re-establish relations with the Orient; and it is but natural that those who took part in the great enterprise should have found a powerful incentive in the thought of the rewards to be gained and of the wealth they would come to possess. The supreme glory of the Portuguese is that they discovered the much desired sea route, which made radical changes in the economic balance of the world, and placed Portugal in a unique position as mistress of the seas and of trade with the Orient. To achieve this end Dom Henrique

struggled for forty-five years, with faith, patriotism and wisdom, like a true Adventurer of genius. The Infante's steadfast perseverance was the outcome not only of the crusading spirit, but of scientific knowledge, for as Pedro Nunes says, "the Portuguese dared to attempt the great Ocean" but their discoveries "were not made by chance experiment." The admirable preparations begun at Sagres rendered it possible for the Portuguese to navigate the "waters ne'er by seaman crost," and, by doubling the Cape of Good Hope, to reach India, thirty-eight years after the death of Dom Henrique. Father Antonio Vieira was right when he said: "Prodigious were your exploits, O Portuguese, when in ancient times you discovered new seas and new lands, and made known the World to the World itself!"

But to make "known the World to the World itself" it was essential for the enterprise to move in continuous progression, and this continuity was made possible by the constancy with which the Infante and his successors held to their purpose, by the wisdom of those who thought out the expeditions and of those who commanded them, by the courage of the navigators, and by the confidence and extraordinary discipline of the Portuguese people. This continuity lasted nearly a century, and the Portuguese were able to achieve their ambition, because they had faith, patriotism, and a sense of duty!

If Dom Henrique was the "Initiator," it was Dom João II who carried on the Infante's work, even before he became King. In spite of the progress made in nautical science, both theoretical and practical, the enterprise may, up to a certain point, be considered to have become even more difficult after 1460, and especially during the Perfect Prince's reign. Though, in the Infante's time, it had already been necessary to maintain a policy of secrecy concerning the discoveries—a subject we discuss in our notes on the *Marco paulo*—the necessity became even greater as the navigations advanced, for Portugal was fighting not only against the elements, but against the opposition of other powers, particularly Castile and Venice. However great the need for the discovery of a maritime way to the East, it was essential to preserve secrecy about the navigations in order to find it. Portugal, a small nation, was unable, for lack of human resources, to undertake at the same time two enterprises: the discovery of the maritime way and the protection of her expeditions from the rivalries and jealousy of the other nations, which would certainly have used all the means in their power to wrest the fruits of her triumph from her. The policy of secrecy had already been started in the time of Prince Henry and of Dom Affonso V, and the care with which it was observed by the Portuguese chroniclers, beginning with Zurara, though it deprives us to-day of much precious information, greatly furthered the success of our ancestors.

This concealment—imposed by Portugal's imperative need to keep Europe from understanding her plans—was still further increased in the reign of Dom João II, and it is interesting to note that in the "Côrtes" of 1481 the people asked the King not to allow foreigners to settle "in your kingdoms or dominions" for "they have never done anything but rob you of gold and silver money and reveal your secrets about Mina (the fort of São Jorge da Mina), and the islands" (Visconde de Santarem, *Memorias para a*

Historia, e Theoria das Cortes Geraes, Part II, pp. 219–220). Not only did the nation realise the necessity for concealment, but, in the first general "Côrtes" held by Dom João II, the people beseeched their Sovereign not to allow others to "reveal your secrets," secrets which must certainly have dated from the preceding reign. The silence that was kept is an admirable lesson of patriotic discipline, for the passage we have quoted shows that the "Côrtes" of 1481 knew the secret to which they referred. The whole country was united to further the enterprise, which it considered as a national cause.

The policy of secrecy, which was still followed by Dom Manuel (as we shall see in our notes on the *Reportorio dos Tempos* and *Regimẽto da declinaçam do ſol*, 1518), formed part of the programme, and no one understood it better than Dom João II. The Perfect Prince's ability made it possible for Portugal, in the treaty of Tordesillas, to keep as her national property the maritime way round the Cape of Good Hope, which must lead her to India, leaving to the Catholic Sovereigns the western route to the lands described by Marco Polo, which Columbus was certain he had discovered when he stumbled upon America. The treaty of Tordesillas was really a work of genius on the part of Dom João II and his envoys, it evaded a conflict, which would have been fatal at that time, it nullified the papal intervention in the division of the globe, and, ceding the problematical West discovered by Columbus, it retained the East for Portugal. But the Portuguese did not even cede the whole of the West, for the demarcation set up in the treaty gave them Brazil, which was not yet officially discovered, though its existence and situation were, in view of the tenor of the treaty, very probably known to Dom João II and his navigators. The Perfect Prince was cunning and clever in strategy, but above all he was a great man and a great Portuguese. Death robbed him of his triumph, but his work made it possible for his successor, maintaining the remarkable continuity of the enterprise begun at Ceuta in 1415, to win wealth and fame unprecedented in Portugal.

The development of the Infante's idea is clearly shown by King Manuel himself in the letter of privilege dated January 10th, 1502 (which we transcribe in our notes on the *Marco paulo*), where the Sovereign names Vasco da Gama Admiral of India. From Ceuta to Calecut eighty-three years had elapsed, eighty-three years of constant struggle, which made manifest the perseverance and resolution of the Portuguese race, and, as Father Antonio Vieira says, "that history was the silencer of all histories"!

The navigations and conquests went on—in 1500 Brazil was officially discovered; and the triumph of Portugal reached its apogee in the reign of King Manuel the Fortunate. The little nation of the west cradled a race of giants, whose exploits were the wonder of the world. It was thus that, when King Manuel sent his famous and oft-described embassy to Pope Leo X, Doctor João de Faria wrote to the King from the Eternal City saying, "it was not the homage of your Highness that entered into Rome, but your triumph." This well deserved triumph was the prize won by the efforts of a nation, by the patriotic discipline of a people magnificently guided and controlled by men who knew how to maintain the continuity of the enterprise. There was a splendid union between those who commanded and those who obeyed, a union that was firm as a rock, because it was based upon faith in God, patriotism, and mutual confidence. These feelings, firmly

welded together, not only brought about the realisation of a national ideal, but contributed to the solution of a problem that had been troubling the whole of Europe.

Though the discovery of America has had results that are of supreme importance today, we must remember that what was most vital to Europe at the end of the fifteenth and beginning of the sixteenth century was the finding of a maritime way to the East; so truly was this the case that, in his dream based on hypothetical knowledge and the visions of his fertile imagination, Columbus died in the belief that he had reached Cathay and Cypango, the lands described by Marco Polo. The discovery of the sea route to India, with all the circumstances attached to it, forms Portugal's greatest title to glory; its consequences were many and varied, and it had a supreme influence, both for good and evil, on the destinies of our land. Vasco da Gama showed the way, and other heroes followed in the wake of his gallant ships; the conquests in India went on, relations with those distant lands were established, and Lisbon, taking the place of Venice, became the emporium of trade with the East. The continuity of effort sustained by those men "over whom death had no power" is as wonderful as a tale from the Arabian Nights, and it inspired Affonso de Albuquerque—one of the greatest intelligences Portugal has produced—as he lay dying on board ship, to dictate his last letter to King Manuel, in which he said:

"My Lord, I leave here this son as a remembrance of me, and to him I bequeath all my fortune, which is small enough, but I also leave him the obligation of my services, which is very great: the affairs of India will speak for me and for themselves: I leave India with her principal places captured and in your power, and there is nothing more to do except to shut tight the gate of the straits; this is what your Highness ordered."

These words were written on December 6th, 1515, so, exactly a hundred years after the taking of Ceuta, "dread Albuquerque" left India with her principal places in the power of the King of Portugal! King Manuel saw his realm reach the height of her glory, and his successor, Dom João III, received an immense and resplendent heritage, but a heavy one.

The conquests still continued under King João and the epic went on; but India was a treasure of such great price, that Portugal was ruining herself to keep it. The gold from the East, which was paid for in blood, spelt corruption; India, which was certainly a school for heroes, became a leech, and sucked the life out of Portugal, which, being a small country, had neither the men nor the means to maintain her dominion. At the same time, however, Dom João III, with an admirable vision of the future, started the colonisation of Brazil, but, to his profound sorrow, he was obliged to abandon some of the fortresses in the north of Africa. The insufficiency of man-power was making itself felt; Portugal was depopulating herself to fill the needs of her vast Empire, and little by little her weakness grew. Dom João III fought to maintain Portugal's supremacy, but the decadence, which was already foreshadowed at the end of the preceding reign, drew ever nearer! After his death, first Queen Catharina, and then the Cardinal-Infante Dom Henrique, acted as Regents during Dom Sebastião's minority; and internal struggles added to the difficulties. Portugal was exhausted. Dom Sebastião, a believer,

a mystic, vibrant with enthusiasm, conscious of his country's worth, dominated by the spirit of the Crusades and the idea of a supreme Adventure, thought to save his land from the perils that menaced her, by undertaking an expedition to Africa. The "*Desejado*" hoped that in Africa, the cradle of her greatness, the glory of Portugal might be re-born. Portugal made a last effort, but it was doomed to failure—the purposes of God are unfathomable. Unable to conquer at Alcacer-Quibir, and surrounded by the enemy, Dom Sebastião—perhaps the victim of the ambitions of others—knew that he must die, "but slowly," as he himself said, and he perished a hero and a martyr at the age of twenty-four! If he had faults they are excused by the ideal that guided him, and his name—as the people well realised—will ever be encircled by a halo of patriotism. From Ceuta to Alcacer-Quibir, 163 years elapsed, and during that time the dynasty of Aviz founded the Portuguese Empire. The labours of Portugal in the fifteenth and sixteenth centuries were so stupendous that, in spite of adversity, of the loss of her independence for sixty years, of war, tumult, and calamity, she still possesses a vast colonial Empire. The Portuguese achievement had a definite influence on the life of the nation.

Though Italy prepared the way for the intellectual re-awakening, and though we naturally received a certain impulse from abroad, it was Portugal that did the most to bring about the Renaissance. Though many Portuguese scholars graduated in the universities of Italy, France and Spain, studying under the most notable professors of the day, Portugal astounded Europe with her discoveries and conquests, and revealed new worlds. She created an atmosphere of fresh knowledge, and developed a new culture which was evident in all branches of science, literature and art.

At the end of the fifteenth century, printing was introduced into Portugal, possibly by the Jews, and through it the deeds of our heroes, as narrated by our authors, were gradually made known. Learning spread, and, side by side with the study of the humanities, the glories of Portugal were an inexhaustible mine of inspiration for our writers. After our triumphs had reached their zenith, Portuguese literature entered upon its golden age in the sixteenth century. It is the books of this brilliant era that we intend to show; among them are the works of such humanists as Ayres Barbosa, André de Resende, Jorge Coelho and Diogo de Teive, histories like the chronicles of Garcia de Resende (1545 and 1554) and Damião de Goes (1566 and 1567), the *Decadas* of João de Barros (1552, 1553 and 1563), and Fernão Lopes de Castanheda's *Historia da India* (1551); the long list contains many works of the utmost rarity, like the *Cronica do Emperador Clarimundo* by João de Barros (1555), the *Liuro primeiro do cerco de Diu* by Lopo de Sousa Coutinho (1556), the *Commentarios de Afonſo Dalboquerque* (1557), the *Itinerario de Antonio Tenrreyro* (1560), the *Embaixada do Patriarcha dõ Ioão Bermudez* (1565), the *Tractado da China* by Gaspar da Cruz (1570), and the precious collection of letters written by the Jesuits from India, China and Japan, and printed in 1562, 1565 and 1570, showing the admirable work accomplished in the East by this religious body; and we shall also see two books published in Goa, the *Coloquios dos ſimples e drogas da India* by the famous Garcia da Orta (1563) and the *Primeiro concilio de Goa* (1565), and one—a veritable relic—printed in Japan in Japanese, but with the title in Portuguese, the *Guia do Pecador* printed in Amacusa by the Jesuits in 1599!

In addition, we shall describe four books written in Portuguese, but printed abroad: the *Consolacam as tribvlacoens de Israel* (sic) by Samuel Usque, printed in Ferrara in 1553—certainly one of the rarest books in our possession—the *Hystoria de Menina e Moca* (sic) by Bernardim Ribeiro, printed in Cologne in 1559, the *Horas de Nossa Senhora Romaans En Lingoaiem Portugues*, printed in Paris in 1563, and the *Practica d'Arismetica* by Gaspar Nicolas, printed in Antwerp in 1573. Besides the works of scientists like Pedro Nunes and Antonio Luiz, we hope to present the plays of our great dramatist Gil Vicente, printed in 1562, the precious 1587 edition of the *Autos* of Antonio Prestes and Luiz de Camões, the works of Sá de Miranda, 1595, the *Poemas Lusitanos* of Antonio Ferreira, 1598, as well as the 1572, 1584, 1591 and 1597 editions of the *Lusiadas* and the 1595 and 1598 editions of the *Rythmas* of our immortal Camões. The works we have enumerated from among those to be included in our work are examples of the literary productions of the period we wish to describe.

The Renaissance found Portugal ready to receive its impetus, because the way had already been prepared, partly by the learned Portuguese Jews, and partly by the religious Orders which had formed various centres of true intellectual culture, such as those at Alcobaça, and Santa Cruz at Coimbra. Over and above these two causes was the influence of the Kings and Princes of the dynasty of Aviz, beginning with Dom João I and the "right royal race." They were cultured Princes, writers, and protectors of letters, science and art. After the taking of Ceuta, Portugal began to make ready for the Renaissance, and literature and science progressed at the same time as and *pari passu* with the voyages, discoveries and conquests. There may be said to have been two combined movements which simultaneously bore Portugal to the apogee of her imperial and her literary development. Both movements date back to the reign of Dom João I, and the "noble Infants"; Dom Duarte, the famous man of letters, Dom Pedro, the statesman, Dom Fernando, the Saint, and Dom Henrique, the genius, were the best and most helpful collaborators in the work begun in the time of the King of Happy Memory.

Dom Affonso V, the African, the pupil of Mattheus de Pisano, not only made further conquests, but, as Ruy de Pina says: "He was the first King in this Kingdom who collected good books, and made a library in his palace" (a phrase whose significance we try to explain in our notes on Moses Ben Nahman's *Commentary on the Pentateuch*, 1489, for it should not be taken literally). Besides this, Dom Affonso encouraged the importation and sale of printed books in Portugal long before any printing-presses are known to have existed in the country, and during his reign the *Ordenações Affonsinas*, our most ancient civil and penal code of law, were promulgated.

Dom João II was truly a "Perfect Prince" for he re-organised the administration of the Kingdom, carried on the discoveries and, surrounding himself with the most competent men he could find, helped and protected everything that could add brilliance to the name of Portugal. During his remarkable reign, our country covered herself with glory; and the two movements influenced one another mutually. Not only was the spirit of the Renaissance welcomed in our country, but Portugal disseminated fresh knowledge throughout the world, and in the time of Dom João II, the triumph of our race was

brought rapidly nearer, a triumph symbolised by the voyage of Vasco da Gama, who solved a problem that had perplexed the continent for nearly a hundred years. In Portugal, as in all countries, many things combined to create the revival known as the Renaissance, but with us, besides the intellectual incentive we received from abroad, there was the special influence exercised by the discoveries and conquests that made "known the World to the World itself"; so it is permissible to say that Portugal was the chief mover in the Renaissance.

Dom Manuel was the Fortunate King who plucked the fruits of the seed sown in earlier reigns; but the lord of the Sphere was only able to gather in this abundant harvest because he had maintained the continuity of the enterprise along the same lines as his predecessors. Dom Manuel, in whose reign Portugal reached the culmination of her triumphs, was a Prince of the Renaissance, but of a Renaissance augmented by the Portuguese exploits in the Orient. Confiding in the power of Portugal, Dom Manuel knew how to sustain with greatness his rôle, not only as King in an era of culture and of development in art and letters, but as the lord of a vast Empire. His history is still to be written, for in such as have been composed—apart from the early chronicles—more poison than ink has been used. Admiration for the Perfect Prince, though highly estimable when it is sincere, has blinded many authors to the qualities of Dom Manuel.

This *Introduction* is not the place to write the history of the Fortunate King; but we must express our conviction that Dom Manuel not only carried on the policy of Dom João II, but that he collaborated with him, for everything seems to confirm our belief that Dom Manuel's marriage with the Infanta Dona Izabel, widow of Dom Affonso, the son of King João, had been projected in King João's lifetime, so that the Perfect Prince's golden dream might become a reality, though Dom João's plan, which had been adopted and carried on by Dom Manuel, was frustrated by the death of the Infante Dom Miguel and his mother Dona Izabel—man proposes and God disposes. The Fortunate King has been criticised for his pomp and ostentation, his sumptuous embassies, the overbrilliance of his Court; but Dom Manuel was one of the most powerful kings in the world, and the Portuguese achievements had given him an exceptional prestige. He was the "Lord of such a nation," that, bringing the sublime Adventure to a triumphant end, he achieved the cognomen of "The Fortunate." The glory was accompanied by material gains, for the gold, the spices and rich products of the coveted East flowed into Portugal, and could not but affect the life of the nation. Dom Manuel was the representative of the Portuguese Renaissance, greatly stimulated by the victories in the Orient; the love of display—perhaps a legacy from the Moorish dominion—was already widespread among the peoples of the South, and must have grown much stronger after the establishment of maritime communication with the East. But it should not be overlooked that we find this same spirit of ostentation in the Courts of Henry VIII of England, of Francis I of France, of the Emperor Maximilian and of Pope Leo X, none of whom had such good reason as Dom Manuel to make a show of their wealth. The Fortunate King understood the times in which he lived, and his

famous embassy to Leo X was a proof of his shrewdness, for it impressed not only the Eternal City, but the whole of Europe. It was the embassy of a King, who, under the Cross of Christ, had ploughed unknown and perilous seas, making himself lord by conquest of the navigation and trade with Ethiopia, Arabia, Persia and India, and then, with true grandeur, sent the homage of his Empire to the Vicar of Christ. And Leo X, John of Medici, Prince of the Italian Renaissance, was able to understand the full significance of the Portuguese Renaissance.

We cannot, nor do we wish to, compare the Fortunate King and the Perfect Prince, for their mentalities were so utterly different as to render comparison impossible. Dom Manuel, though he was the immediate successor of Dom João II, reigned, by the force of circumstances, under totally different conditions, for, in the picturesque phrase of Valentim Fernandes (*Marco paulo, "epiſtola"* to Dom Manuel), "it happened to Dom João II as it did to Moses, who worked so many years to enter into the Promised Land and at last looked upon it and saw it from Mount Nebo."

The discovery of the maritime way to India revolutionised the economic conditions of Europe, and consequently changed the national policy. Dom Manuel carried out two of the chief aims of Dom João II: he married the heiress of the Catholic Kings, and maintained the continuity of the enterprise. After the discovery of the sea route to the East and of Brazil, Portugal, as mistress of the seas, had power such as even the foreseeing Dom João may not have dreamt of. Apart from this, no one can determine what would have been the Perfect Prince's policy had he lived to see the crumbling of his dream of uniting the whole Peninsula under a Portuguese sceptre; one may certainly make conjectures, but it is impossible to reach any definite conclusion, for to the known factors must be added others which can hardly be guessed. That Dom João II fulfilled his mission so well should not lead us to belittle his successor, especially as he presided over what was, in the eyes of the whole world, the most brilliant era of our nation's history, an era that saw the beginning of the golden age of our literature.

Dom Manuel, who, like the Kings and Princes of the dynasty of Aviz, was highly cultured (as Damião de Goes bears witness), and "well versed in history, and above all in the Chronicles of the Kings of these Kingdoms," was, as befitted a Prince of the Renaissance, a protector of learning—towards which "he was very much inclined"—and of the arts. In his reign, during which he may be said to have reformed the whole of Portuguese legislation, there was a remarkable literary and artistic awakening in the country, and the progress of culture received the active encouragement of Dom Manuel's sister, Queen Leonor, the widow of Dom João II. Though India and Imperialism were—as we have said—to bring ruin upon the nation, the period that followed Vasco da Gama's epic voyage was, in every respect, the most brilliant in our history, for riches of every kind were heaped up in Portugal, and to add to them all came the jewels of our literature. During those years of prosperity when gold and precious stones and all the richest merchandise of the East were pouring into our land, distinguished scholars were preparing another inestimable treasure, our books. Printing, with its notable "masters of the noble art," also had its golden age—under the patronage of Queen Leonor—in Dom Manuel's

reign, for the works printed in our country at that time are certainly the most beautiful ever issued from the Portuguese press.

The proud ostentation of the Fortunate King can easily be understood when one considers that, as a result of the intimate connection between the two movements in the Portuguese Renaissance, the country appeared to be thriving in every way. As a Portuguese, we will simply say: Blessed ostentation, since even now, after wars, earthquakes, and invasions, the monuments of all kinds left by Dom Manuel are an evident proof of the greatness of his times. The King in such an epoch of triumphs had to be a triumphant King, and Dom Manuel knew how to be one. We are not writing a eulogy of the Fortunate King; but as he has been attacked—and in our opinion wrongfully so—we seek to do him justice; for, though his ingratitude to servants of such worth as Affonso de Albuquerque and Duarte Pacheco deserves censure, we hope and believe that it must have been due to intrigues. He had faults and made mistakes; but the Perfect Prince himself was not perfect. Probably the brightness of the gold from the East dazzled his eyes and prevented him from seeing clearly the problems connected with our immense Empire; for to discover and conquer was not enough, it was necessary to maintain what had been won, in the face not only of the difficulties caused by lack of adequate forces and supplies, but also of the ambition and rivalry of other nations. Apart from this, the prodigal expenditure during his administration laid a heavy burden on the State exchequer, and must have caused serious financial embarrassments to his successors. There was one grave error in his policy: his insistence in the attempt to unite the Peninsula under the Portuguese sceptre; but even in this he was merely carrying out Dom João's plan.

The most controversial—because it is the most complex—question connected with Dom Manuel's reign is the admittedly cruel expulsion of the Jews. We cannot analyse that subject here, but we hope to be able to make more extensive reference to it in our notes on Samuel Usque's *Consolacam as tribulacoens de Israel*, though we must say now that, in our opinion, Dom Manuel's decree was the consequence of a pressing need. The Monarch's character was not violent, and if he proceeded thus, we are convinced that he considered himself compelled to adopt a radical measure to defend the interests of his realm and protect his people, menaced by the invasion—which had been cleverly exploited by Dom João II—of the Jews from Spain. Dom Manuel was bound to preserve the Faith in Portugal, and it was his duty as King to guard his subjects against the ambitions of an unpopular race, and above all to save his kingdom from inevitable penetration by it. We are certain that one day, when men are able to look at him impartially and dispassionately, justice will be done to King Manuel the Fortunate. From the point of view of our work on the books of the sixteenth century, Dom Manuel's reign, besides being the era when Portugal reaped the benefit of the movement begun at Ceuta, and enjoyed her greatest prosperity, was a period during which great writers, among whom the Portuguese Plautus, the famous Gil Vicente, is pre-eminent, began to produce the admirable works that gave our country yet another title to glory.

Dom João III, who is now beginning to be valued according to his merits, and whose

personality is studied and defended in masterly style by the author of *O "Piedoso" e o "Desejado,"* was, like his brothers and his sister the Infanta Dona Maria, an ardent patron of letters. In his reign there lived such men as Ayres Barbosa, André de Resende, João de Barros, Damião de Goes, Pedro Nunes, Sá de Miranda, Jorge Coelho, Diogo de Teive, Antonio and André de Gouvea, Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão, Antonio Ferreira, Dom Jeronymo Osorio, Fernão Lopes de Castanheda, Dom Frei Bartholomeu dos Martyres and many others, all of whom worked either to further classical and scientific studies or to make known the story of the Portuguese exploits. At that time there was a constant interchange of knowledge between the learned men of different countries, for besides our native scholars, many of whom had been abroad to study and to teach others, we had in Portugal various foreign masters of note, such as Cleynarts, Buchanan and Vaseus. Education in Greek and Latin reached its highest development in Dom João III's reign; the classics were the best model our authors could possibly have found for their accounts of the Portuguese achievements. It was, in truth, a wonderful period of culture, for not only did the study of the humanities flourish, but the sciences of mathematics and nautical astronomy, with the works of Pedro Nunes and his famous pupil, Dom João de Castro, reached their greatest brilliance both theoretically and practically. There was still continuity as a result of the double Renaissance.

The reign of Dom João III was not, in our opinion, an epoch of fires whose smoke obscured everything. We are convinced that one day, when his life is written fairly and without prejudice, the character of the Pious King will be better understood. Full of faith, "the beloved son of the Church," as Saint Ignatius called him, wished, not only to protect that faith, but also to save his kingdom from religious wars and from the conspiracies and revolutions that were devastating other countries, as a result of the revolt against the Catholic Church. Dom João was the successor of fourteen Kings of Portugal who had all battled for their religion and, as the sixth Sovereign of the house of Aviz, he strove to disseminate the faith of his ancestors. It was, therefore, apart from his firm conviction as a Christian, his policy as a statesman to preserve the faith in Portugal in order to help maintain the unity of Europe, menaced by the Reformation. Dom João III, with his strong sense of duty, was true to his pledge. The Portuguese Inquisition was a state measure demanded by almost the whole country, and in no way imposed by Rome. It was a tribunal adapted to the uses of the time, a cruel curb no doubt, but one that averted much greater cruelties, for in a legal way it prevented a recurrence of savage massacres like the slaughter of the *Christãos-novos* (new Christians) in 1506, when more than two thousand unfortunate persons were barbarously slain by the people—that dreadful executor of justice! The happenings in Dom Manuel's reign had shown that the people hated the Jews; and Dom João III, a thoughtful King, must have weighed the perils that would arise if he did not in some way satisfy the popular desire—for either the Inquisition or the proscription of the Jews. Proscription was no longer enough both to content the people and to solve the problem as Dom João would have wished it solved, in view of the

political and religious perils heralded by the Reformation. The Pious King—who was sincere in his belief—wished to raise a dike to restrain the waters that might inundate Portugal as they had inundated other countries. He made use of such instruments as were at his disposal, and they were the Tribunal of the Holy Office. The opposition with which his demands were received in Rome shows, to our mind, that the Inquisition was introduced by the State and not by the Church, though the latter reluctantly consented to legalise its functions. What many to-day—perhaps because opposing passions blur their vision—deem an act of fanaticism, was in reality the simplest way to satisfy the majority of the Portuguese people.

Carlos Matheiro Dias (O "*Piedoso*" *e o* "*Desejado,*" pp. 35 and 36) has written on the introduction of the Holy Office into Portugal, and one profound sentence defines in a few words the reasons that led Dom João III to ask the Holy See to set up the Inquisition there: "at that period, the Inquisition was a *democratic* measure, in the sense that it corresponded to the popular aspirations, and a means of restoring order, for the Holy Office re-established, in the spiritual domain, the authority of the State, snatching away from the delirious reprisals of the people the victims claimed by the inquisitorial tribunal under its legalised jurisdiction."

Dom João III has been, and is, accused of having kindled bonfires that burnt everything, and of having been led by his fierce fanaticism to play the part of a "crowned Torquemada"; but it is forgotten that, while most of Europe was ravaged by fire and sword, Portugal was at peace. To-day it is easier to reconstruct the evils created by the Inquisition in our country, than to take our minds back to the times of the Pious King and foresee what would have been the consequences for Portugal had the rigorous censure not been set up. The Reformation was characterised by a spirit of rebellion that penetrated every place and condition, and in Portugal the danger was further complicated by the question of the Jews. Unhappily, the Inquisition shed blood; but in its legal capacity it prevented the shedding of much more, for the Tribunal maintained order under the double authority of Church and State. To estimate the consequences had there been no power to judge in these matters, it is enough to recall the happenings in Portugal in 1506, not to mention what took place in France, Germany and England. Again, if we compare the *excesses* of the Inquisition in Portugal with the crimes perpetrated by the mob—which it called vengeance in God's name—we find that in two centuries the Holy Office carried out about fifteen hundred sentences of death, while in two days the people of Lisbon had massacred more than two thousand unhappy "new Christians"—men, women and children.

We do not sympathise with the Inquisition, we lament that the name of God should have been connected with the burning of human beings, especially as the Tribunal was, as we have stated, a political rather than a religious institution; but we can realise what motives led Dom João III, after carefully weighing the circumstances, to introduce the Inquisition into Portugal, not from fanaticism but on account of his reasoned opinion. In brief, the Sovereign accepted an evil thing to avert greater evils. The Holy Office may have done much wrong; it naturally served as a pretext for revenge, and it may

even have shed innocent blood; it curbed many liberties and paralysed certain intellectual movements—though even its strict censorship was unable to prevent the composition and publication of great works. All this may be true; but without the Inquisition should we have achieved the political and religious peace we did achieve, at the cost of a relatively small number of victims? The example of other countries in Europe, where streams of blood were shed as a result of the religious struggles that convulsed them, gives us an indication of what might have happened in Portugal if Dom João III had not raised the dike to keep back the flood, satisfying at the same time, as be-hoved a judicious Sovereign, the demands of his people.

As one who wrestled with stupendous difficulties, Dom João inspires our respect for the dignity with which he reigned, the courage with which he bore poignant griefs, losing all his nine children and his brothers and sister, Dom Affonso, Dom Duarte, Dom Luiz, Dom Fernando and Dona Izabel: his deep faith gave him strength. Through everything he was able to maintain the prestige of Portugal with true royalty. Though, as we have seen, the decadence was approaching, though the weight of his heritage had been excessive, it was in the reign of Dom João III that Portuguese power in the East reached its zenith, thanks to the heroes of such metal as Dom João de Castro, who served Portugal in those far-off lands. We owe the beginning of the colonisation of Brazil to Dom João III; it was indeed one of the greatest services he rendered to his country and gives proof of his clear vision of the future. We also owe him the continuance of the expansion of learning begun in the preceding reign. When Dom João died, the heritage, growing heavier with each succeeding day, descended to his grandson, Dom Sebastião, the "*Desejado*," then a child of three!

There followed the years of the Regency, years of difficulty and intrigues. The treasury was empty, the country, with its decreasing population, was exhausted, and black clouds of threatening ambition began to show on the horizon; but the people hoped that with Dom Sebastião the star of Portugal would rise again in triumph. From time to time gusts of heroism, like that displayed in the siege of Mazagão, stirred the slumbering and weakened nation with evidence of the worth and patriotism of her sons.

Brought up to worship God and look with awe upon the deeds of his ancestors, Dom Sebastião, the last of the knightly Kings, desired to fight for the faith, and, emulating the exploits of his forefathers, to achieve glory. The warrior blood of the first Princes of the house of Aviz ran in his veins, and, as had been the case with the "noble Infants," he was not satisfied to gain the coveted honour of chivalry in festivals and tournaments. Mauritania, where the seeds of our glory had been sown, had a special fascination for him, and the victories that the Portuguese captains continued to gain in the East were a further incentive to his already ardent longing to set out for Africa at the head of an expedition against the Infidel. Dom Sebastião took his high ideals from the splendid example of courage set by Portuguese soldiers and sailors. Even in the midst of the decadence there was still a galvanising breath of heroism, which fired him with a strong determination to exalt the name of Portugal; for in all his doings, both inside the country and out, he showed a justifiable pride in his royal office.

It was an extraordinary era, when on one side there was an incredible display of wealth—such as is shown, for instance, in João Baptista Venturino's account of Cardinal Alexandrino's journey to Portugal in 1571—and on the other, the black misery of a worn-out country; heroism walked beside discouragement. Though the spirit of the "deeds of high venture" was still alive in the nation, the gold from the East had corrupted many, choking their strength; Lisbon was certainly a commercial city full of luxury, but the country was ruined, and famine laid waste the land. The position was made up of contrasts, and being, therefore, not only unstable but unsustainable, could not, in the nature of things, last long. At that time Portugal was already living on her past glories. How long would the country be able to maintain that dominion in the East by force of arms? How long could she keep her hold on that territory thousands of leagues from the metropolis, and carry on the policy which had governed her since the voyage of Vasco da Gama? The voyage to India took many months, and numbers of ships never reached port; but Portugal succeeded in keeping her prestige intact yet a little longer, thanks to the bravery of such heroes as those who, under the command of Dom Luiz de Athayde, overcame the Indian potentates, who had joined in an attempt to overthrow the Portuguese rule, in 1571. The defenders of Goa and Chaul were still of the race of giants! But India, as we have said, was a treasure of such price, that Portugal ruined herself to keep it. The East, in spite of its gold, its precious stones and its spices, cost more than it yielded, especially as all its rich merchandise was paid for in blood; and through this constant bleeding the country gradually lost all its life and energy. Portuguese blood shed in the conquests had made the nation poorer to enrich the world.

To abandon the East, even in part, was to acknowledge defeat and repudiate the old-established policy of Portugal: Dom Sebastião could not do it. Portugal was becoming the slave of her glory and her exploits. The "*Desejado's*" plan was certainly hazardous; looked at in the light of subsequent happenings it appears to have been overbold and a great error, but we think that, considering the King's ideal and the times in which he lived, his action may be understood. Dom Sebastião, like the founder of his dynasty, wished to spread the faith in a new Crusade, and to create a reaction by a victory over the heathen—not thousands of leagues away, but near at hand, as in Ceuta—and, had he been successful, he would possibly have adopted a fresh policy, strengthened by the victory won for God and Country. He is attacked because he failed, a fault that is never forgiven. But he was vanquished with honour, and his memory remains because he died fighting in the sacred cause of his country and his faith.

That country he so deeply loved may be said to have died with him at Alcacer-Quibir. Portugal's independence lasted for another two years under the Cardinal-King Dom Henrique, a suffering old man, broken by sorrow, weak and hesitant; but it was her death agony after the mortal blow struck in the battlefield of Africa, and in 1580, when the son of Dom Manuel the Fortunate died, Portugal, covered with glorious wounds and exhausted by her long struggle, succumbed to a sleep that lasted sixty years.

Camões, our immortal poet, died in the same year, but his *Lusiadas*, dedicated to Dom Sebastião, will live for ever and give lustre to that Sovereign's reign. Camões certainly inspired Dom Sebastião, "the fatal marvel of our age," to undertake his Adventure: the stirring account of the Portuguese exploits in the *Lusiadas* must have had a powerful influence over the imagination of a poet, a mystic, a Prince such as Dom Sebastião, desirous to do "deeds of high venture." Camões described past exploits; Dom Sebastião wanted to create a new epic. Camões left us an incomparable legacy: the sublime song of the history that "was the silencer of all histories"!

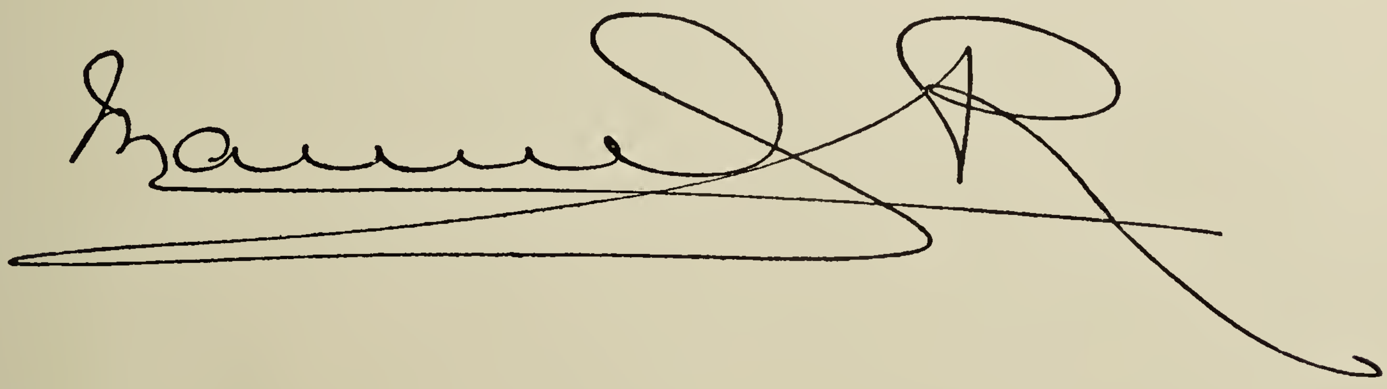
In this unpretentious *Introduction* we have tried to follow the history of our country, particularly from Ceuta to Alcacer-Quibir, showing the achievements of our heroes and the scope of the Portuguese Renaissance. We do not seek to teach anyone; we only strive ourselves to learn so that we may show what literary and scientific treasures the Renaissance produced in Portugal.

To-day when we think of the past and study the ancient Portugal, the greatness of former times seems like a dream in comparison with the littleness of the present. Our country was great because she had above all faith in God. Without the firm faith that strengthened all our enterprises, nothing can be done. In those days there were men able to command, and men able to obey; there was magnificent discipline and deep patriotism. We were certainly a happy nation, when, in obedience to an ideal, we sought and found the maritime way to the East; we were able to accomplish our noble task because, from the first day to the last, we had a wonderful organisation, a tenacity that nothing could weaken, and above all a progressive plan that was followed and realised. At that time religious belief was firmly rooted; it gave our ancestors the confidence to face difficulties and the strength to overcome them. All worked together for the glory and prestige of their country, and, united under a discipline they respected, the Portuguese built an Empire that astounded the whole world.

Alas, for many years an increasingly strong current of madness has been blowing over Portugal. Faith is diminished and confidence lost; individual profit is considered before the interest of the nation; there is no respect for authority—which in many cases does not exist—everyone commands and no one obeys; there are so many plans that none is followed, much less carried out; indifference rules, and Portugal is suffering from a moral lethargy that is numbing its energies. The country has not strength to react, because it is weakened by internal struggles, promoted by petty ambitions and lamentable jealousies. Already at the beginning of the sixteenth century Affonso de Albuquerque wrote to Duarte Galvão that: "We are living in a time when, for our sins, envy reigns more potently among the Portuguese, and we desire to destroy one another and to prejudice and consume the honour of our neighbour rather than to work in this business as our ancestors always did." History repeats itself, but the times and the people have changed. What would the hero of the East have written to-day? It is better not to think about it, or rather, let us think, in order to learn the great lesson of the past, which is so little known and studied. That past covered our history with such glory, that even to-day it illuminates the darkness in which we live. Our past will be the best inspiration and

example for the new generations, teaching them to love their country and to do their duty. When we study the past we realise what we were, and feel a pride at being Portuguese. The heroic words we read in ancient stories of Portugal's achievement ring out like a clarion call to reawaken our sleeping energy. Let knowledge of the past be extended by every possible means, for it teaches us to emulate the greatness of our forefathers, who devoted themselves to the interests of their country. To realise what the love of one's country can be, it is necessary to be compelled to live far away from it, and deprived of its atmosphere! The epoch of discoveries and conquests is past; but to-day good sense, which is perhaps more difficult to find than India or Brazil, remains to be discovered; and we must fight with strength, unity, patriotism and above all with faith, to win a new prestige for Portugal. Let us remember that she is the oldest of all the nations of Europe in her present shape; let us remember the glories of the days gone by; let us remember that we set an example to the world; let us remember our Country!

We believe in God, and that firm faith augments our belief in the destiny of our country, for she must awaken with renewed strength from her heavy sleep. We are glad to see that there are growing signs of a patriotic effort to bring about a national reconstruction; it is our ardent wish that this healthy activity may continue and develop, and if our work contributes in the least towards that desired end, we shall exult in the consciousness of having served Portugal by raising "the banner of her triumphs"!



January 6th, 1929

Incipiunt gesta Illustrissimi Regis Johan
nis de bello Septensi acta per reuerendum
Matheum de pisano artium magistrum poetamq;
laureatum.

Alios
grecorum alios romanor
alios aliarum gentium
facta mandare litteris
iuuat/quo uiribus inge
nij suam et illorum glo
riam quererent ne uitã
quasi mutorum anima
lium est aut inerti o
tio consumerent; aut
silentio transirent; quocirca me simili desiderio al
lectum scribere portugallensium gesta delectat;
quorum magnitudinem siquis eorum ciuili po
tentie contulerit uix ea fide digna iudicabit; quin
que et quadraginta ferme anni sunt q cũ mau
ris natione callida et immani fere quotidiana
prelia gerunt neq; sumptibus neq; laboribus fa
tigati; Causa preliorum Septa fuit ciuitas mau
ritanie florentissima que ab athlantico occeano
mare mediterraneum nauigantibus a manu
dextra iacet; a leua hispania hec est europe initiũ

IHS

I Primeira pagina do *De Bello Septensi* de Mattheus de Pisano, MS., 1460
First page of Mattheus de Pisano's *De Bello Septensi,* MS., 1460

I MATTHEUS DE PISANO, DE BELLO SEPTENSI. 1460.

Manuscripto em pergaminho[1].

[fl. 1 vo.] Incipiunt gesta Illustrissimi Regis Iohan | nis de bello Septensi acta per reuerendum | Matheũ de Pisano artiũ magistrum poetãq; | laureatum.

A pagina tem uma tarja ricamente illuminada. A inicial A *com que começa o texto é illuminada e tem as Armas Reaes no centro. No pé da pagina o monogramma:* IHS.[2]

[fl. 44.]

Fim da obra[3].

4º.—44 fl.—24 l.—reclamos na ultima pagina de cada caderno.

4to.—44 leaves—24 lines—catchwords on the last page of each quire.

A obra de Pisano foi publicada, pela primeira e unica vez, em 1790 no tomo 1 da *Collecção de Livros Ineditos de Historia Portugueza* publicados de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por José Corrêa da Serra secretario da mesma Academia, servindo de original um codice que pertencia ao Marquez de Penalva.

Em 1915, o livro *De Bello Septensi* foi publicado em Portuguez de ordem da Academia de Sciencias de Lisboa, para commemorar o quinto centenario da tomada de Ceuta, sendo o seu traductor o Coronel Roberto Corrêa Pinto, que teve de se servir, para esse trabalho tão importante, do tomo 1 dos *Ineditos*, visto, após infructiferas diligencias para o encontrar, se considerar perdido o velho codice em Latim. É pois um valiosissimo documento, o manuscripto perdido, agora achado, do qual reproduzimos, certamente pela primeira vez, a pagina com as Armas Reaes. Pela descripção do codice feita por Corrêa da Serra na sua "Introducção," estamos absolutamente convencidos que este codex é o mesmo que serviu á publicação nos *Ineditos*, pois diz-nos o douto secretario da Academia:

"O modo da miniatura em pergaminho, em que todo elle é escrito: as armas de Portugal taes,

The first and only time that Pisano's *De Bello Septensi* appeared in print was in 1790, in volume 1 of the *Collecção de Livros Ineditos de Historia Portugueza* published under the auspices of the Royal Academy of Science of Lisbon. José Corrêa da Serra, the secretary of the Academy, superintended the publication, which was made from a codex belonging to the Marquis de Penalva.

In 1915 Pisano's book was published for the first time in Portuguese, by the Academy of Science of Lisbon, in commemoration of the fifth centenary of the taking of Ceuta. But Colonel Roberto Corrêa Pinto's excellent translation had to be made from volume 1 of the *Ineditos* as the original Penalva codex had disappeared many years before, we suppose, and all efforts to find it had proved unavailing. Considering the description given by Corrêa da Serra in his Introduction, we are absolutely convinced that this manuscript is the one which was lost, for he says:

"The style of the illumination on vellum, on which the whole work is written, the arms of

[1] *Manuscript on vellum.*

[2] *The page has a richly illuminated border; the initial* A *which marks the beginning of the text is illuminated and has the Arms of Portugal in the centre. At the foot of the page appears the monogram:* IHS.

[3] *End of the work.*

como nunca ſe uſáraõ mais depois do Reinado d'El-Rei D. Affonſo V. tudo em fim quanto nelle ſe vê, depõem pela ſua contemporaneidade, e nos dá huma idéa dos tempos em que foi eſcrito."

A reproducção que aqui se mostra responde inteiramente ás palavras de Corrêa da Serra.

O livro de Mattheus de Pisano, salvo "algumas anecdotas que de balde ſe buſcarião nos outros noſſos Eſcritores" como escreve Corrêa da Serra na mesma "Introducção," póde considerar-se, como diz Roberto Pinto, uma obra litteraria quanto á forma, e quanto á materia, uma reproducção da Chronica de Zurara, apropriada á sua vulgarisação nas nações estrangeiras.

Quem foi ao certo Mattheus de Pisano? Ignora-se: sabe-se só que Mattheus foi um lettrado estrangeiro que veiu para Portugal como mestre de D. Affonso V: desconhece-se a sua origem, assim como por quem foi escolhido para esse logar de responsabilidade: parece-nos licito suppôr que talvez fôsse o Infante D. Pedro, que durante uma das suas viagens o tivesse conhecido, e, como Regente na minoridade de D. Affonso V, o tivesse escolhido para ser mestre de seu sobrinho, visto, como diz Herculano, ter sido Mattheus de Pisano "um dos homens mais instruidos d'aquelle tempo" (*Historia de Portugal—Introducção*, vol. I, p. 9). Zurara, seu contemporaneo, conta-nos, na Chronica do Conde D. Pedro, que Pisano foi "Meſtre deſte Rey Dom Affonſo, o qual foi Poeta Laureado, e hum dos ſuficientes Filoſofos, e Oradores que em ſeus dias concorreram na Chriſtandade." Segundo Corrêa da Serra, Mattheus de Pisano era filho da famosa Christina de Pisano. Roberto Pinto, contudo, demonstra que Mattheus não era filho de Christina, visto ella ter casado com Etienne Ducastel do qual houve tres filhos, que devem ter usado o appellido Ducastel e não o de Pisano. Alvitra pois a possibilidade do nosso Mattheus ter sido um irmão da illustre Christina. São hypotheses.—Egualmente sabemos que, depois

Portugal such as they were never used after Dom Affonso V's reign, in fact everything about the document is evidence of its contemporaneousness, and gives us an idea of the times when it was written."

The reproduction we give here shows our manuscript answering exactly to Serra's description of this precious and interesting document.

Except, in the words of Corrêa da Serra, for "a few anecdotes which one may seek in vain in the works of our other writers," Pisano's book may be considered, as Roberto Pinto says, to be a Latin reproduction of Zurara's Chronicle written in a literary form to make known in other countries the history of the war of Ceuta.

There is very little definite information about Mattheus de Pisano: it is known that he was a learned stranger who came to Portugal to be tutor to Dom Affonso V; but it has not been ascertained whence he came, or who chose him for such a responsible post. However, we consider it quite possible that the Infant Dom Pedro, who acted as Regent during his nephew's minority, bethought him of Pisano, whom he may perhaps have met on one of his voyages, and, knowing that he was, as Herculano says, "one of the most learned men of the time" (*Historia de Portugal—Introducção,* vol. I, p. 9), summoned him to supervise the young King's studies. Pisano's contemporary, Zurara, tells us, in the *Chronica do Conde Dom Pedro,* that he was "tutor to this King Dom Affonso and was a laurelled Bard and one of the most sufficient Christian Philosophers and Orators of his day." According to Corrêa da Serra, Mattheus was the son of the famous Christine de Pisan; but Roberto Pinto refutes this statement and says that Mattheus may have been Christine's brother, but not her son, as she married Etienne Ducastel, and the three children of the marriage must have used the name Ducastel and not Pisano. After being tutor to Dom Affonso V, Pisano

de ser mestre de D. Affonso V, Pisano foi seu secretario e que gosava do valimento d'El-Rei. Julgamos, pelas seguintes razões, que o livro *De Bello Septensi* deve ter sido mandado escrever em Latim, por D. Affonso V. Conta-nos Zurara que D. Affonso V fez traduzir em Latim, por Mattheus de Pisano, a Chronica do Conde D. Pedro, escripta por Zurara, para que as "grandes Cavallarias daquelle Conde, e dos outros que com elle concorrerom...foſſem manifeſtas a todo conhecimento de toda a nobreza da Chriſtandade."

Ora sendo a Chronica do Conde D. Pedro, a *continuação* da Chronica da Tomada de Ceuta egualmente de Zurara, é mais do que provavel que tenha sido D. Affonso V quem tenha mandado tambem escrever em Latim, pelo seu mestre e secretario, a Chronica da Tomada de Ceuta, *De Bello Septensi*, para que essa façanha se tornasse conhecida "de toda a nobreza da Chriſtandade." Infelizmente pertence ao numero dos desapparecidos a versão latina de Pisano, da Chronica do Conde D. Pedro.

Outros factos ainda, nos levam a crer no que acima escrevemos: Zurara e Pisano fôram contemporaneos e seguramente tivéram relações, em vista dos cargos que desempenhavam junto de D. Affonso V. Zurara, Guarda Mór da Torre do Tombo, Chronista Mór do Reino e Bibliothecario d'El-Rei: Pisano, mestre do Monarcha e depois seu secretario. Pisano, no seu *De Bello Septensi*, diz-nos que Zurara foi o primeiro que escreveu a Chronica d'estes factos (a tomada de Ceuta) em Portuguez; faz um caloroso elogio do chronista, e referindo-se á Bibliotheca Real, relata que o bibliothecario tinha em grande apreço os eruditos, a quem tratava com carinhosa affeição, facultando-lhes com gosto o servirem-se dos livros da Real Bibliotheca.

Antes de entrarmos na parte historica que se refere á conquista de Ceuta, contada por Pisano, ha uma questão de grande interesse, descripta por Herculano, e que entendemos dever mencionar

became his secretary, always enjoying his master's favour. We consider that his *De Bello Septensi* must have been written by the King's command, for Zurara informs us that Dom Affonso ordered his tutor and secretary to translate his (Zurara's) Chronicle of the Conde Dom Pedro into Latin, so that "the great valour of the Count and his followers...might be manifest to all the nobility of Christendom."

This chronicle being the *continuation* of the Chronicle of the Conquest of Ceuta, it is logical and probable that Pisano's Latin version of the History of the Conquest of Ceuta should have been written by Royal order, so that it also might be known "to all the nobility of Christendom." Unfortunately Pisano's Latin rendering of the *Chronica do Conde Dom Pedro* has been lost for many years, perhaps centuries, and its whereabouts cannot be traced.

There are still other reasons which lead us to believe that *De Bello Septensi* was a translation of Zurara's work: Zurara must surely have had friendly relations with his contemporary Pisano, for both held posts under Dom Affonso V: Zurara as Keeper of the Royal Archives (*Guarda Mór da Torre do Tombo*), Chief Chronicler of the Kingdom and King's Librarian; Pisano as tutor and afterwards secretary to the King. Pisano relates in his *De Bello Septensi* that Zurara was the first to write the story of the capture of Ceuta in Portuguese; and speaks warmly of the Chronicler, telling how he always held learned men in great esteem, and that, in his position as King's librarian, he was ever ready to facilitate their studies by giving them easy access to books in the Royal Library.

There is one matter which we consider of interest to mention, before entering into the history connected with the taking of Ceuta. We know that *De Bello Septensi* was written in 1460, because Mattheus de Pisano tells us in the

perante o manuscripto de Mestre Mattheus. O seu livro foi composto em 1460, pois elle proprio diz-nos que "quinque & quadraginta ferme anni sunt..." e a conquista de Ceuta teve logar em 1415.

"Ahi," diz Herculano, "tendo quasi a cada pagina de mencionar os portuguezes, constantemente emprega Pisano a palavra *portugalenses* o que mostra quão longe se estava ainda nesta epocha de associar as idéas de lusitanos e de portuguezes, não se podendo attribuir este uso constante a ignorancia; porque, fallando do Douro e de Faro, diz ser aquelle um rio celebre, e esta uma cidade, ambos da Lusitania, o que, nas divisões da Hespanha romana, as quaes provavelmente Mattheus de Pisano conhecia melhor de que as modernas, é de perfeita exacção" (*ob. cit.* pp. 9 e 10).

E accrescenta o grande historiador, que o primeiro escriptor que se serviu da palavra *Lusitani* para designar os Portuguezes, foi D. Garcia de Menezes, Bispo de Evora, em 1481, na oração recitada perante o Papa Sixto IV.

Se tem razão Corrêa Pinto dizendo que o maior merecimento da obra de Pisano (citada, pode dizer-se por todos os historiadores Portuguezes, por Schaeffer e Major) é a sua idade, qual será o valor d'esta reliquia em pergaminho, com as armas de D. Affonso V em illuminura, escripta 45 annos após a tomada de Ceuta, contemporanea das primeiras conquistas e que veiu á luz no anno da morte do Infante D. Henrique?

As datas permittem certas hypotheses: é pois licito suppôr que este velho codice tenha sido offerecido por Pisano ao seu antigo discipulo, no qual talvez o Rei, a quem a historia deu o cognome de "Africano," tenha lido em Latim e com enthusiasmo, as façanhas da guerra e tomada de Ceuta!

Julgamos interessante reproduzir aqui um documento original de D. Affonso V. É um alvará datado da villa d'Aviz a 7 do mez de Abril de 1466, em que El-Rei faz mercê a Fernando de Lima "fidalgo da noſſa caſa do oficio de copeyro moor do principe meu ſobre-

course of his work that "quinque et quadraginta ferme anni sunt," since the conquest of Ceuta in 1415.

Herculano (*op. cit.* pp. 9 and 10) notes that Pisano, who naturally has to make very frequent mention of the Portuguese, uses the word *portugalenses*, showing that, even as late as 1460, the word *Lusitanos* was not yet associated with the "Portuguese." This practice cannot be attributed to ignorance, for Pisano speaks of the Douro and Faro as a celebrated river and a city, both in Lusitania, which is perfectly in accordance with the divisions of Roman Spain which Pisano probably understood better than the modern ones.

Herculano goes on to say that the word *Lusitani* was first employed to designate Portuguese by Dom Garcia de Menezes, Bishop of Evora, in the oration recited before Pope Sixtus IV, in 1481.

De Bello Septensi has been quoted by all Portuguese historians and by many foreign ones like Major and Schaeffer. If Roberto Corrêa Pinto be right when he says, in the introduction to his translation, that the greatest interest of Pisano's work lies in its antiquity, this manuscript on vellum, with the illuminated arms of Dom Affonso, this document which was written in the times of the early conquests, 45 years after the taking of Ceuta, in the year of Prince Henry's death, must be of extraordinary importance.

The dates allow of the supposition that Pisano may have presented this ancient codex to his one-time pupil, and that the King who became known in history as the "African," may have read the Latin story of the glorious conquest of Ceuta in this very manuscript.

It seems to us interesting to reproduce here an original letter of D. Affonso V, appointing Fernando de Lima, "a noble of our house, to the office of *copeyro moor* (cup-bearer) to the Prince my most esteemed and beloved son."

II Alvará assignado por El-Rei D. Affonso V em Aviz a 7 de Abril de 1466
Letter signed by King Affonso V in Aviz on April 7th, 1466

Nos el Rey fazemos saber a quantos este alvara
virem que a nos praz fazermos merçee a fernam anes de lima
cavaleiro fidalgo de nossa casa do ofiçio de [illegible] pero moniz
do principe meu sobre todos muyto prezado e amado filho
[illegible] sua guarda [illegible] nossa [illegible] [illegible]
mandamos [illegible] este nosso alvara per nos assy-
nado pera que [illegible] principe ordenarmos sua casa
[illegible] e mandarmos fazer [illegible] do dito ofiçio
feito em a nossa villa d'arrayos [illegible] dias d'abril
Antonyo de matos o fez de nosso Senhor Jhesu Christo
mill iiij^c lxb :.
[illegible] nom guardees o passado nom ser pellos ofiçiaaes
da chançellaria da nossa camara :.

Rey

LIII

42

N° 13

todos muyto prezado e amado filho." É um documento contemporaneo de Mattheus de Pisano, assignado pelo Soberano, cujo valor é realçado pelo facto de n'elle ser mencionado o Principe D. João.

Celebradas em 1411 as pazes com Castella começava Portugal a prosperar. As relações de amizade entre Portugal e Inglaterra tinham-se tornado cada vez mais estreitas e como prova, era conferida a D. João I, o primeiro Soberano estrangeiro que a recebeu, a Ordem da Jarreteira. Havia finalmente paz. Os filhos mais velhos de D. João, D. Duarte (n. em 1391), D. Pedro (n. em 1392) e D. Henrique (n. em 1394), que tinham perante os olhos o exemplo glorioso de seu pae, ardentemente desejavam receber as honras da Cavallaria. Projectou El-Rei um torneio internacional, deslumbrante festa, durante a qual armaria cavalleiros os filhos. Mas, observaram elles, torneios eram festas e não emprezas, batalhas, façanhas em que, arriscando a vida por Deus e pela Patria, ganhariam o cubiçado grau de Cavallaria. Mas o Reino estava em paz. Foi então que João Affonso de Azambuja, um dos conselheiros d'El-Rei, suggeriu Ceuta! Era a antiga Septa (que derivava o seu nome das suas sete collinas), e que em parte havia sido construida e fortificada pelo Imperador Justiniano. Passava por ser a mais bella e populosa cidade da Mauritania; era o seu porto principal, o centro, pode dizer-se, do commercio entre o Oriente e as nações europeas do occidente. Ceuta havia precedido Veneza, como Veneza precedeu Lisboa no emporio do commercio do Oriente. Outra e grande importancia tinha ainda, pois havia sido o ponto de reunião dos exercitos Mouros nas invasões de Hespanha e de Portugal. Ceuta era a chave maritima do imperio de Marrocos! Com enthusiasmo accolheram os infantes a idea, idea tão

It is a document signed by the King, at Aviz on the 7th of April, 1466, six years after Pisano's Chronicle was written, and is specially interesting as mentioning the Prince's name, the future D. João II.

Peace having been made with Castile in 1411, Portugal began to prosper; her relations with England grew more and more friendly and intimate, and, in proof of this, the Order of the Garter was conferred on King João I, who was the first foreign Sovereign to receive this honour. King João's eldest sons, Dom Duarte (born in 1391), Dom Pedro (in 1392) and Dom Henrique (in 1394), all desired to follow their father's glorious example, and win honours in the realm of chivalry. The King proposed a great international tournament, a dazzling festival, in the course of which he would arm his sons as knights. The Princes objected that tournaments were merely festivities, and said they would rather earn their spurs by truly heroic exploits in real battles or arduous enterprises in which they could risk their lives for God and Country. The land was at peace, and there were no wars in which the young Princes could realise their ambition. João Affonso de Azambuja, one of the King's counsellors, suggested—Ceuta! This, the Septa of the ancients, which derived its name from the seven hills on which it was founded, had been partly constructed and fortified by the Emperor Justinian, and was considered to be the most beautiful and populous city in Mauritania, as the principal port of that country and the centre of commerce between the Orient and western European nations. Ceuta preceded Venice as Venice preceded Lisbon in being the great emporium of Oriental trade. From the military point of view, Ceuta was the maritime key to the conquest of the Moorish Empire, for it had been the headquarters of the armies sent by the Moors to invade Spain and Portugal. The Princes welcomed with enthusiasm the idea of an expedition against this powerful city, and one wonders

profunda, cujos resultados fôram gigantescos. Veiu ella de João Affonso de Azambuja, ou foi ella insinuada pelos infantes, ao conselheiro d'El-Rei? E se o foi, não terá sido D. Henrique que suggeriu a conquista de Ceuta? D. Duarte, e bem o demonstrou na organisação da expedição, já mostrava o culto do cumprimento do dever, a sua abnegação, a sua bondade; D. Pedro, com o amor ao estudo, era um sabio e um grande caracter: o seu enigmatico moto "Désir" não significaria o desejo de saber? D. Henrique era o sonhador de emprezas, o admiravel Ambicioso do engrandecimento de Portugal.

Na idea da tomada de Ceuta duas questões se devem encarar, alem do que se póde chamar "o pretexto" da empreza. A cruzada, a lucta contra os Mouros, e o alcançar as honras da cavallaria, combatendo pela gloria de Deus. D. Duarte, no seu *Leal Conselheiro* escreveu:

"A Guerra dos Mouros tenhamos que he bem de a fazer, pois que a Sancta Igreja assy o determina, e nom da logar a fraqueza do coraçom que faça conciencia onde haver se nom deve....O Sancto Padre muy dereitamente nos requere, e com prometymento de tantas perdoanças nos enduz pera fazermos tal guerra...."

D. João I, consultando a Rainha D. Filippa de Lancastre, que approvava a idea seguramente pelos mesmos motivos, e a ida dos filhos, mas não a do marido, por achar que já tinha ganho bastantes batalhas, e que a idade (mais de cincoenta annos) não era para emprezas d'aquella ordem, convence a Rainha da necessidade de ir á frente da expedição, dizendo-lhe que, apezar de todas as suas razões serem para considerar, sómente se lembrava,

"como çugei meus braços em ſangue dos Chriſtãos, o qual poſtoque juſtamente fizeſſe, ainda me parece dentro em cõſciencia que não poſſo dello fazer cumprida pendença, ſalvo ſe os muy bem lavaſſe no ſangue dos infieis...."

É a idea da gloria de Deus, da cruzada. Egualmente, pedindo El-Rei a D. Nuno Alvares

whether the idea was really conceived by João Affonso de Azambuja, or whether he spoke at the Princes' inspiration; if the latter were the case, it seems probable that Prince Henry would have been the moving spirit. Dom Duarte's goodness, his self-abnegation, and devotion to duty were already evident, and were well proven in the organisation of the expedition; Dom Pedro, the studious, was a splendid character and a learned man, perhaps his mysterious motto "Désir" signified his thirst after knowledge; but Dom Henrique was the thinker of genius, who planned the enterprise for the aggrandisement of his native land.

Apart from what may be called the pretext of the enterprise: the attainment of knightly honours by fighting for the glory of God; it may be seen that this war against the Moors was looked upon by all as a kind of Crusade. Dom Duarte writes, in his *Leal Conselheiro*:

"We think it a good thing to make war on the Moors, because the Holy Church advocates it, and does not give room for that weakness which raises a scruple where none should exist.... The Holy Father directly commands such war, and promises many pardons to induce us to undertake it."

Queen Philippa approved of the idea, and surely for similar reasons; but while she encouraged her sons to go forth, she considered that her husband had done his share of fighting, and that being over fifty he was too old to set out on such an expedition. King João, though admitting that his wife's objections were perfectly legitimate, overcame her resistance by saying:

"I cannot forget that I have soiled my hands with Christian blood, and though I had good reason for doing so, yet I shall not have a clear conscience until I have washed them thoroughly in the blood of infidels."

In the same way, when the King asked Nuno Alvares Pereira what he thought of the under-

Pereira o seu conselho sobre a empreza de Ceuta, respondeu-lhe o Santo Condestavel: "o que a mi parece, he que efte feito nam foy achado por vos nem por outra nenhuma peffoa defte mundo, fomente que foy revelado por Deos." Para o Santo Cavalleiro, é a gloria de Deus. E no espirito do Infante D. Henrique, n'aquelle genial espirito de heroe emprehendedor, qual era o fim da empreza? Não terá elle realisado de antemão, que Ceuta havia de ser a semente da qual nasceria a arvore gigantesca cujos ramos e raizes chegariam, poder dizer-se, a todo o globo? O quasi prophetico moto que adoptára, "Talent de bien faire," conquanto "talent," n'aquella epocha, não significasse, poder, faculdade ou sciencia, mas sim vontade, permitte suppôr, sem demasiada imaginação, qual era a idea, diremos mesmo, o Ideal do Infante, pois se não póde haver duvida que a Conquista de Ceuta foi o passo inicial para o fim ambicionado—o mar tenebroso, o Oriente—e que o Infante D. Henrique foi o homem que concebeu esse grande intento, é licito calcular o que a acquisição de Ceuta representava para aquelle cerebro tão fecundo.

Estáva decidida a expedição, que sorria a D. João I: era um homem de guerra: era um crente, e bem diz Camões (*Lusiadas*, est. 48, c. IV):

"Não fofre o peito forte vfado aa guerra
Não ter imigo ja a quem faça dano,
E afsi não tendo a quem vencer na terra
Vay cometer as ondas do Occeano:
Efte he o primeiro Rey que fe defterra
Da patria, por fazer que o Afrinano,
Conheça pollas armas, quanto excede
A ley de Christo aa ley de Mafamede."

(Primeira edição, 1572.)

taking, the venerable and holy Lord Constable replied: "It seems to me that this idea did not emanate from you, nor from any other human being, but that it was revealed by God." In both cases one sees the idea of the Crusade, the glory of God. And Prince Henry? What did he vision as the end of the enterprise? Did he realise the infinite results that were to spring from this emprise? Did his heroic genius foresee that Ceuta was a seed which would grow into a gigantic tree whose branches and roots would extend to almost every corner of the globe? His half prophetic motto: "Talent de bien faire," though "talent" in the old sense meant "will" rather than "power" or "knowledge," seems to indicate the Prince's idea, which would perhaps be more aptly called his Ideal; and without too much imagination, we may assume that the "Navigator" saw Ceuta as the first step towards a great aim—the conquest of the mysterious East, which beckoned the Portuguese "...o'er the waters ne'er by seaman crost." (*The Lusiads*, Canto I, st. I, Burton.) Dom Henrique was the first man to envisage the boundless possibilities that lay in maritime exploration, so we may well imagine what immense importance this far-sighted Prince attached to the acquisition of Ceuta.

So the expedition was decided upon, and it was well pleasing to Dom João I, the warrior and the true believer, of whom Camões wrote:

"Nills the brave bosom, used to bloody broil,
the lack of foeman who his force shall dree;
and thus, Earth holding none to slay and spoil,
he carries conquest o'er the unconquer'd Sea.
First of our Kings is he who left the soil
patrial, teaching Africk's Paynimry,
by dint of arms, how much in word and deed
the laws of CHRIST Mafamed's laws exceed."

(*The Lusiads,* Canto IV, st. 48,
Burton's translation.)

O livro de Mattheus de Pisano relata-nos, aproximadamente da mesma fórma que a Chronica de Zurara, a tomada de Ceuta, as preparações da expedição, os conselhos que se reunirão, as consultas feitas, as fallas d'El-Rei, da Rainha, dos Infantes, as differentes embaixadas enviadas e recebidas por D. João I, os innumeros episodios, desde a revelação da idea até á sua realisação. Algumas descripções são notaveis quadros da epocha, como o encontro do Infante D. Henrique com Ayres Gonçalves de Figueiredo, velho venerando de noventa annos, que se pozera a caminho com a sua gente d'armas para embarcar na expedição, e que responde com admiravel energia ao Infante, surprehendido de ver um velho querer ainda batalhar: "Enquanto houver um ſopro de vida n'eſte corpo, embora não conſerve inteiras ſuas forças não deixarei eu nunca de acompanhar o meu Rei e Senhor para onde quer que vá."

Segue-se o relato da doença e da morte da Rainha, "d'aquella muito ſanta mulher," D. Filippa de Lancastre de quem Camões escreveu, referindo-se a ella e sua irmã a Rainha de Castella,

> "Aas duas Illuſtriſsimas Ingleſas
> Gentis, ferm oſas, inclitas princeſas."
>
> (*Lusiadas*, est. 47, c. IV, 1ª ed. 1572.)

A Rainha adoeceu da peste que grassava: sentindo-se morrer, deu a cada filho um fragmento do Santo Lenho e uma espada guarnecida d'ouro e pedrarias que tinha mandado fazer, para que com ellas fôssem armados cavalleiros. Aos tres filhos deu conselhos, recommendando a D. Duarte que se lembrasse "que Deus vos creou para ſerdes Rei, a fim de defenderdes voſſos ſubditos e não de os dominardes como eſcravos." A D. Pedro deu a espada para que defendesse as donzellas e viuvas "pois é dever de um Principe de animo cavalleiroſo proteger e honrar as mulheres." Por fim ao entregar a espada a D. Henrique, recommendou-lhe os cavalleiros e fidalgos e que pro-

Mattheus de Pisano's book recounts, like Zurara's Chronicle, the whole story of the taking of Ceuta—the preparations for departure, the consultations made, the advice given, the sayings of the King, the Queen and the Princes, the various embassies received and sent by King João, in fact all the incidents from the inception of the idea until its realisation. Some of the descriptions give notable pictures of the period. We read, for instance, of Prince Henry's encounter with Ayres Gonçalves de Figueiredo, who, in spite of his ninety years, was setting out with his followers to join the expedition. The Prince was naturally somewhat surprised that so old a man should still desire to fight, but the veteran told him with wonderful vigour that "Though this old body may not be as strong as it once was, as long as there is a breath of life in it I shall always accompany my King and my Master wheresoever he may go."

Then there is the poignant account of the death of "that very holy lady" Queen Philippa of Lancaster, who was one of the

> "two royal Damsels born of English race,
> Princesses famed for honour, form, and grace,"

that Camões mentioned in his *Lusiadas* (Canto IV, st. 47, Burton's translation), the other being her sister the Queen of Castile. The Queen fell ill of the plague which was then raging, and, feeling that she was near death, gave to each of her sons a fragment of the Holy Cross, and a sword embellished with gold and precious stones, which she had had specially made to arm them as knights of chivalry. She imparted wise counsels to them all, charging Dom Duarte to remember "that God created you to be a King to defend your subjects, and not to dominate them like slaves." Dom Pedro's sword was presented that he might take care of maidens and widows, "for it is the duty of a chivalrous Prince to protect and honour women"; and Prince Henry's sword was handed to him with the ex-

tegesse sempre "aquelles que em defenſão do Reino, ao ferro e ao fogo expoem ſeus peitos, não heſitando em preferir, ás doçuras da vida, a morte com gloria." Admiravel programma, aquelle traçado aos filhos pela Rainha moribunda, admiravelmente cumprido!

D. Pedro, a quem a Rainha havia recommendado as donzellas, pediu então a D. Filippa que legasse a sua filha a Infanta D. Izabel (mais tarde Duqueza de Borgonha), os bens que possuia em dote, o que fez logo, com a approvação d'El-Rei.—(Referir-nos-hemos mais detalhadamente a D. Izabel n'esta obra, ao apresentar uma preciosa illuminura do seu Livro d'Horas.) Momentos antes de morrer perguntou a Rainha qual era o vento que soprava, e ao saber que era o "Aguião" do norte, disse ser o mais favoravel para a partida da armada, accrescentando, propheticamente "que ſem falta, ſe ha de realiſar no dia de Santiago,"—como na verdade aconteceu—e com um sorriso de alegria, exclamou: "Graças Senhora Noſſa, que Vos dignaſtes viſitar eſta Voſſa eſcrava antes de ella ſahir do ſeu carcere." Ergueu as mãos ao ceu, posou-as em Cruz sobre o peito, e expirou. Grande Rainha, mãe admiravel d'aquelles filhos, de quem Camões escreveu: "Inclyta geração, altos Infantes" (*Lusiadas*, est. 50, c. IV), na verdade "muito ſanta mulher"!

O livro de Mestre Mattheus, nas pisadas de Zurara, conta-nos o lucto de D. João e de seus filhos, o embarque da expedição. Depois, a partida da armada no dia de S. Thiago, dando-nos os nomes dos principaes que iam nas galés, entre os quaes se encontravam o Conde de Barcellos, filho natural de D. João I, o Santo Condestavel e o Mestre de Christo, D. Lopo Dias de Sousa. Ficava governando o Reino como Regente, Fernão Rodrigues de Siqueira, Mestre d'Aviz. Segue-se a passagem do Cabo S. Vicente, a chegada em frente de Ceuta, o

hortation that he should watch over the interests of nobles and warriors and guard all those "who expose themselves to fire and steel in defence of their country, and who do not hesitate to choose a glorious death in preference to all the sweetness of living." This wonderful programme, mapped out for her sons by the dying Queen, was marvellously fulfilled!

Dom Pedro, to whose care the Queen had commended all maidens, straightway asked Dona Philippa to bequeath all she had received as her marriage dowry to her daughter Dona Izabel (who later became Duchess of Burgundy); his request, which the King approved, was at once granted. (We shall refer more in detail to Dona Izabel, when we describe a beautiful miniature from her Book of Hours.) A few moments before she died the Queen asked what wind was blowing, and, on being told that it was the "Aguião" from the North, said it was the most favourable for the armada, whose departure, she added prophetically, "would certainly take place on St James' day,"—and so in truth it did. Then with a joyous smile she exclaimed, "I give thanks to You My Lady that You have deigned to visit Your slave ere she has been set free from her prison"; she raised her hands to heaven, then crossed them on her breast—and died. She was indeed a great Queen, "a very holy lady," a worthy mother of the Princes whom Camões describes as "noble Infants, a right royal Race."

Pisano's chronicle, following Zurara, tells of the mourning of King João and his children, of the embarkation of the expedition, and the departure of the armada on St James' day. The names of the chief people who went in the galleys are given, and among them we find the Conde de Barcellos—King João's natural son—the Holy Lord Constable, and the Grand Master of the Order of Christ, Dom Lopo Dias de Sousa. The Grand Master of the Order of Aviz, Fernão Rodrigues de Siqueira, remained behind as Regent to govern the kingdom. Then we read of the voy-

desembarque, a lucta, os feitos dos Portuguezes, entre os quaes se destacam os Infantes e especialmente D. Henrique, por quem Pisano mostra uma especial predilecção, não sem razão, pois de tal fórma se portou, que El-Rei o quiz investir primeiro, antes dos irmãos mais velhos, nas honras da Cavallaria. Estava tomada Ceuta a 21 d'Agosto de 1415. Com toda a pompa sagrou-se a mesquita maior como egreja matriz da cidade, sendo dadas graças a Deus pela victoria alcançada. Armou então El-Rei os seus tres filhos Cavalleiros—a idea tornava-se uma realidade—D. João I era "Senhor de Ceuta"! Depois d'essa ceremonia, armaram os tres Infantes alguns cavalleiros, entre os quaes, D. Duarte armou cavalleiro o Conde D. Pedro de Menezes, e o Infante D. Pedro armou cavalleiro D. Alvaro Vaz d'Almada, mais tarde Conde de Avranches e Cavalleiro da Jarreteira, modelo dos caractéres e da fidelidade até á morte, que, com o seu Senhor, foi encontrar na tragica Alfarrobeira.

O Conde D. Pedro foi nomeado Governador de Ceuta: Pisano apenas escreve que depois da sahida d'El-Rei, D. Pedro, de quem Camões escreveu:

"Vês o Conde dom Pedro que ſustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria"

(*Lusiadas*, 1572, canto VIII, est. 38),

alli se conservou cerca de 22 annos "operando em muitos recontros, verdadeiros prodigios." Zurara, contudo, conta que El-Rei nomeára primeiro Martim Affonso de Mello, mas que este se escusou: pediram então o Mestre de Christo, o Prior do Hospital e os Infantes a El-Rei, que nomeasse o Conde D. Pedro, ao que D. João I accedeu e, segundo Zurara, El-Rei, metteu-lhe logo "um páo na mão, dizendo: Que o tomaſſe em hora, que lhe deſſe Deos muita honra com victoria dos infieis."

age by Cape St Vincent, and the arrival outside Ceuta, the disembarkation, the battle, the glorious deeds of the Portuguese, among whom the Princes, and especially Dom Henrique, were conspicuous for their great valour. Pisano has a great predilection for this latter Prince, and with good reason, for he bore himself so nobly that King João wished to invest him with the honours of chivalry before his elder brothers. Ceuta was captured on August 21st, 1415. The chief mosque was consecrated with great pomp as the mother church of the city, to render thanks to God for the victory He had given. At the same time the King invested his sons as Knights of Chivalry—the idea had become reality—Dom João was Lord of Ceuta! After this ceremony the three Princes knighted some of their followers, among them being Count Pedro de Menezes, who was invested by Dom Duarte, and Dom Alvaro Vaz d'Almada, who was similarly honoured by Prince Pedro. Dom Alvaro, who later became Conde de Avranches and a Knight of the Garter, was ever a model of faithful service, never deserting his lord, until he met death by his side at tragic Alfarrobeira.

Count Pedro de Menezes, of whom Camões wrote:

"See'st Country (sic) Pedro, daring to support
two sieges laid by Barb'ary's might entire"

(*The Lusiads*, Canto VIII, st. 38,
Burton's translation),

was nominated Governor of Ceuta: Pisano simply says that after the King left the city, Dom Pedro stayed there for nearly twenty-two years "performing veritable miracles in many encounters." Zurara tells, however, that the King first chose Martim Affonso de Mello, who did not accept the position, and that the Grand Master of the Order of Christ, the Prior of the Hospital, and the three Princes then begged Dom João to appoint Count Pedro. The Sovereign acceded to their request, and placed "a staff in his hand, bidding him take it that God might give him much honour in victory over the infidels."

D'esta narração de Zurara, formou-se a lenda que deu logar á famosa e tão energica oitava de Camões na sua primeira ecloga:

> "Em quanto do ſeguro azambugeiro
> Nos paſtores do Luſo ouuer cajados,
> E o valor antigo que primeiro
> Os fez no mundo tão aſsinalados,
> Não temas tu Frondelio companheiro,
> Qu'em nenhum tempo ſejão ſojugados,
> Nem que a ceruiz indomita obedeſça
> A outro jugo algum que ſe offereça."

(*Rhythmas*, 1ª ed. 1595.)

Reza a lenda que, depois da tomada de Ceuta, o Conde D. Pedro estava jogando a choca com um cajado de azambujeiro, e, aproximando-se d'El-Rei, lhe disse, com a ousadia e o enthusiasmo da mocidade: "Senhor, só com este pau, sou capaz de defender Ceuta contra todo o poder dos Mouros."—Zurara diz apenas que El-Rei lhe metteu um pau na mão. Mas a lenda viveu e foi cantada por Camões. Diz mesmo, que o "pau de azambujeiro" que D. Pedro tinha na mão, ficára como vinculo para os seus successores, e lhes era entregue quando tomavam posse do governo. É uma lenda, mas estas lendas são paginas gloriosas da nossa historia, que mão alguma deve rasgar.

Foi Ceuta a primeira commenda que a Ordem de Christo teve fóra de Portugal. O Mestre, D. Lopo Dias de Sousa, que fizera parte da expedição, fallecera, e o Infante D. Henrique seguiu-se-lhe no Mestrado, como Governador e Administrador da Ordem. Em 1418 o Infante foi em soccorro de Ceuta, e mandou edificar n'aquella cidade a egreja de Santa Maria de Africa. Quando D. Henrique foi nomeado Administrador da Ordem, o que deve ter sido pelo anno de 1420, cedeu a egreja á Ordem e erigiu n'ella uma commenda. A pedido de D. João I, o papa Martinho V fundou, por uma bulla de 5 de Março de 1421, uma séde episcopal em Ceuta, sendo o seu primeiro bispo Frei Aymar, Inglez,

This account of Zurara's gave rise to a legend which inspired the beautiful verse in Camões' first eclogue:

> "So long as Lusian shepherds carry crooks
> Of the wild olive made, a trusty wood,
> So long as they that ancient valour keep
> Which first in all the world gave them such fame;
> Fear not, Frondelio, comrade mine, that they
> At any time shall subjugated be,
> Nor that their untamed necks shall e'er obey
> A foreign yoke that seeks to make them slaves."

(*Minor Works of Camões (not hitherto made English)*. By Edgar Prestage.)

The legend tells that, after the capture of Ceuta, Count Pedro was playing at *choca* (a kind of pall-mall), with a staff of olive wood, and going up to the King, said to him, with all the audacity of youth: "Sire, I could defend Ceuta against the whole Moorish power, with no better weapon than this staff here." Zurara only says that the King put a staff into his hand; but the legend lived and was immortalised by Camões. It is even said that this same olive staff was left as an heirloom for Dom Pedro's successors and was solemnly handed over to them when they took up the reins of government. It is only a legend, but these legends are glorious pages of our history, and cannot be passed by unnoticed.

Ceuta was the first commandery to be held by the Order of Christ, outside Portugal: when the Grand Master, Dom Lopo Dias de Sousa, who had been a member of the expeditionary force, died, Prince Henry succeeded him as governor and administrator of the Order. The Prince, having gone to the relief of Ceuta in 1418, had caused the church of St Mary in Africa to be erected in that city, and when, in about 1420, he became administrator of the Order of Christ, Prince Henry created a priory there. At the request of Dom João I, Pope Martin V (by a bull dated March 5th, 1421) founded an episcopal See at Ceuta, and its first bishop, Brother Aymar,

que fôra confessor da Rainha D. Filippa, sendo notavel a coincidencia do primeiro bispo de Lisboa em 1147, e o primeiro de Ceuta em 1421, terem ambos sido Inglezes.

Ao regressar de Ceuta, o Infante estabeleceu-se em Sagres, no antigo "Sacrum Promontorium," e como diz Oliveira Martins:

"d'ahi, d'aquelle ninho maritimo, as aguias ou gaviões do mar, ensaiaram um primeiro vôo, ao depois estendido por todos os ceus do mar, essas aves de larga envergadura que nas azas brancas levavam marcada de sangue a cruz de Christo, brazão de Portugal."

D'alli começam as navegações para o Sul, atravez do Mar Tenebroso. Alli, depois de Ceuta, consagra a sua vida o Navegador, para achar a via maritima, como diz Major, "thesauris Arabum et divitiis Indiae." De Ceuta, 1415, de cuja conquista publicamos a primeira folha do manuscripto de Pisano, até 1460, anno da morte do Infante, e em que foi escripto o livro de Mestre Mattheus, correm 45 annos, durante os quaes D. Henrique, com uma perseverança egual ao seu genio que nada abate, prosegue com a idea, navegando para o Sul procurando o caminho para a India.

Se a Ordem de Christo já não representava o papel que as Ordens de Cavallaria desempenharam, não se póde nunca esquecer que é graças aos rendimentos do Mestrado, que as expedições, conquistas e navegações, poderam ter logar. Era uma outra cruzada. O genio de D. Henrique resolveu o problema como Mestre da Ordem, e se se deve ao Infante o conhecimento de metade do globo, deve-se esse conhecimento, seguramente em grande parte, ao facto do Infante dispôr dos enormes rendimentos da Ordem de Christo, para fazer face ás despezas colossaes dos descobrimentos. Ceuta em 1415 foi a empreza que teve como consequencia o descobrimento do novo mundo e do caminho maritimo para as Indias! O Infante D. Henrique o Navegador, concebeu a Idea, preparou-a: D. João

was an Englishman who had been confessor to Queen Philippa. It is a curious coincidence that the first bishop of Lisbon in 1147 and the first bishop of Ceuta in 1421 were both Englishmen.

On his return from Ceuta, Prince Henry established himself in Sagres, the ancient "Sacrum Promontorium," and, as Oliveira Martins says,

"from there, from that maritime nest, the eagles or hawks of the sea, essayed their first flight, afterwards ranging over the whole globe; and these birds bore the emblem of Portugal, the Cross of Christ, marked in blood on their wide-spreading white wings."

It was thence that the first explorers set out across the mysterious southern sea. There the "Navigator" devoted his life, as Major tells us, to finding the maritime route "thesauris Arabum et divitiis Indiae." From the campaign of Ceuta in 1415 until 1460, when Pisano wrote his account of it, forty-five years passed, and during all that time Prince Henry, with a perseverance worthy of his genius, was searching, searching, with his great ideal ever before him, to find the road to India.

Though the Order of Christ no longer played an active part as a Military Order, in the XVth and XVIth centuries, it cannot be overlooked that this Order provided the funds, which made it possible for the Portuguese to undertake their great expeditions and carry them through to a successful end. It was a new Crusade, and if we owe our knowledge of half the globe to Prince Henry, this knowledge is certainly due in large measure to the fact that the Prince, as head of the Order of Christ, had its immense revenues at his disposal, and that his great genius did not hesitate to devote them to the furtherance of his gigantic projects. Ceuta in 1415 was the first step, whose consequences were the discovery of the New World and of the maritime route to India. Prince Henry the Navigator conceived the Idea and prepared the way for its successful consum-

II, o Principe Perfeito, tomou a si a Idea e solidificou-lhe as bases, que fundaram o colossal Imperio: D. Manuel I, o Venturoso, continuando a obra de D. João II, colheu os fructos semeados em Ceuta! A Historia da Tomada de Ceuta é de uma importancia capital; Ceuta é o primeiro elo da corrente que reuniu o novo ao velho mundo, elo forjado pelo genial ferreiro, D. Henrique: é a primeira pagina da historia admiravel das conquistas e descobrimentos feitos pelos Portuguezes, embarcados nas galés, nas naus, nas caravellas, sobre as vellas brancas das quaes, a Cruz de Christo, "In hoc signo vinces," nos levava para a victoria e para a gloria!

mation; King João II, the Perfect Prince, took it to himself and strengthened the foundations on which the colossal Empire was built; King Manuel I, the Fortunate, carried on King João II's work, and gathered the fruit of the seeds which were planted at Ceuta! The History of the Capture of Ceuta is of the utmost importance, for Ceuta was the first link of the chain which joined the Old World to the New, a link forged by that blacksmith of genius, Prince Henry: it is the first page of the glorious history of the conquests and discoveries made by the Portuguese heroes, whose ships, galleys and caravels, bearing on their white sails the Cross of Christ, "In hoc signo vinces," carried them to victory and glory!

2 ILLUMINURA DE UM LIVRO D'HORAS DA INFANTA D. IZABEL, DUQUEZA DE BORGONHA (n. 1397, †1471). (Data, entre 1430 e 1467.)[1]

Esta illuminura, unica folha conhecida, de um Livro d'Horas ou Breviario perdido, tem seguramente um grande interesse, não tanto pela sua belleza e pelo seu valor, mas pelo facto de ter quatro vezes reproduzidos os monogrammas de Filippe o Bom, Duque de Borgonha e de D. Izabel Infanta de Portugal, filha de D. João I, sua terceira mulher: PY (Philippe e Ysabel ou Ysabeau). É lamentavel que as armas tenham sido, sem duvida, pintadas de novo. Ignoramos quaes ellas sejam; seguramente não são Portuguezas, e Anselmo Braamcamp Freire não as menciona nos *Brasões da Sala do Paço de Cintra.* Inclinamos-nos a crer que mão criminosa e mais moderna do que aquella que tão finamente pintou a Resurreição, as figuras, emblemas e monogrammas (a illuminura claramente o indica), raspou as armas que existiram, e alli collocou outras. As armas de Filippe o Bom eram as de Borgonha, e as de D. Izabel eram, n'um escudo, as armas de Borgonha e Portugal, como se vêem na placa de bronze que hoje se encontra no Museu Historico de Basilea, e que estava na Cartucha de Santa Margarida da mesma cidade. Na *Revista de Historia* (nº 45), Luiz Teixeira de Sampayo reproduziu essa notavel placa assim como a inscripção. Possuimos uma reproducção d'aquelle tão curioso objecto, em antiga faiança. Confirma pois esta placa o que Olivier de la Marche escreveu nas suas *Mémoires des Ducs de Bourgogne,* que a Duqueza D. Izabel continuou a usar as armas de Portugal. Engana-se, contudo, o chronista dizendo que os Duques de Borgonha usavam as armas de Portugal, pois ellas não se encontram, nem nas de Filippe, na placa de Basilea, nem nas armas do mesmo Duque e nas de seu filho Carlos o Temerario no *Ancien*

This miniature on the only known leaf of a lost Breviary, or Book of Hours, is full of interest, not so much on account of its beauty and value, as because it has the monogram of Philip the Good, Duke of Burgundy, and his third wife Dona Izabel, Infanta of Portugal, four times reproduced, thus: PY (Philippe and Ysabel or Ysabeau). The original coat of arms has evidently been painted over, and, to judge from the clumsy workmanship, by a much later painter than the one responsible for the rest of the illumination. The present arms are certainly not Portuguese, and Anselmo Braamcamp Freire does not include them in the *Brasões* (coats of arms) *da Sala do Paço de Cintra.* Philip the Good used the Burgundian arms, while Dona Izabel's shield displayed the combined devices of Portugal and Burgundy, as may be seen on the bronze plaque which is now in the Historical Museum at Basle, having been removed thither from the Carthusian convent of St Margaret in the same city. Luis Teixeira de Sampayo reproduced this notable work of art and its inscription in the *Revista de Historia* (no. 45); we possess a reduced reproduction of it in ancient faience. This plaque confirms the statement made by Olivier de la Marche in his *Mémoires des Ducs de Bourgogne,* that Dona Izabel still used the arms of Portugal after her marriage; though the historian seems to be wrong when he says that the Dukes of Burgundy included the Portuguese arms in their own, for they do not appear on Philip's escutcheon either as shown in the Basle plaque or in the *Ancien Armorial Équestre de la Toison d'Or et l'Europe au*

[1] *Illuminated Miniature from a Book of Hours belonging to the Infanta Dona Izabel, Duchess of Burgundy* (b. 1397, †1471). (*Made between* 1430 *and* 1467.)

III Illuminura de um Livro d'Horas da Infanta D. Izabel, Duqueza de Borgonha. (Data, entre 1430 e 1467)

Illuminated miniature from a. Book of Hours belonging to the Infanta Dona Izabel, Duchess of Burgundy. (Made between 1430 and 1467)


In illo tempore:
Maria magdalene et maria
iacobi et salome emerunt aro
mata: ut venientes ungerēt

Armorial Équestre de la Toison d'Or et l'Europe au 15ième siècle, precioso manuscripto da Bibliotheca do Arsenal de Paris. O escudo de Portugal acha-se, contudo, no tumulo do Temerario em Bruges.

Quem foi a auctor da illuminura que aqui apresentamos? É difficil, para não dizer impossivel, dar uma attribuição incontestavel ao artista que pintou esta folha, unica conhecida infelizmente, de um livro que, se existisse completo, seria uma preciosidade. Foi seguramente executada por um artista flamengo entre os annos de 1430 (data do casamento de Filippe e Izabel) e 1467, data da morte de Filippe. A bella obra *Les Arts anciens de Flandre* reproduz duas illuminuras do manuscripto *Horae beatae Virginis Mariae* da *Collection Dutuit*: na sua descripção, Robert Hénard diz que as melhores miniaturas d'esse livro d'horas fôram executadas por um mestre illuminador, sem duvida um discipulo de Memling. É tão notavel a semelhança entre o Christo e a tarja da illuminura da Collecção Dutuit, e o Christo e a tarja da nossa illuminura, que nos leva a suppôr que ambas tenham sido executadas pelo mesmo artista.

Não achamos na esplendida publicação *Les Arts anciens de Flandre*, nem mesmo no livro *Les Chefs d'œuvre de l'art flamand à l'Exposition de la Toison d'Or, ouvrage publié par C. Tulpinck*, referencia a Livro d'Horas, Evangelho ou Breviario, no qual se encontrem os monogrammas de Filippe e Izabel (PY), o que nos parece uma prova de ser desconhecido o livro donde provem esta folha, pois é mais do que provavel que, na Exposição do Tosão d'Ouro, onde se reuniram objectos enviados de tantos paizes, tivesse tido logar o manuscripto illuminado, com os monogrammas do fundador da Ordem, e de sua mulher, em honra de quem foi instituida. Esses monogrammas estão indubitavelmente exactos, pela seguinte razão. É sabido que João van Eyck fez parte da embaixada enviada pelo Duque de Borgonha a D. João I em 1429, para tratar do seu casamento com a Infanta. Diversos

15ième siècle (a precious manuscript in the Arsenal Library at Paris), where Charles the Bold's arms are also reproduced, similarly unaugmented—yet the arms of Portugal are to be found on the latter Prince's tomb at Bruges.

It is almost impossible to state accurately who was the artist who illuminated this page, possibly the only one remaining of a book which, were it complete, would be a rare treasure. The work was certainly executed by a Flemish artist between 1430, the date of Philip and Izabel's marriage, and 1467, when Philip died. Two miniatures from the manuscript *Horae beatae Virginis Mariae* in the Dutuit collection are reproduced in *Les Arts anciens de Flandre*, and Robert Hénard, describing them, says that the best miniatures in this book of hours were done by a master illuminator, doubtless one of Memling's disciples. The remarkable likeness between the Christ and border in our miniature, and the Christ and border in one of the Dutuit illuminations leads us to believe that both were painted by the same artist.

Neither in *Les Arts anciens de Flandre*, nor even in *Les Chefs d'œuvre de l'art flamand à l'Exposition de la Toison d'Or, ouvrage publié par C. Tulpinck,* can we find reference to any Book of Hours, Gospel, Breviary or manuscript with the monogram of Philip and Izabel (PY), which seems to indicate that the book to which this leaf belonged is unknown; otherwise we suppose that in the Exhibition of the Order of the Golden Fleece, where precious objects gathered from so many countries were collected, a place would have been given to an illuminated manuscript bearing the monogram of the founder of the Order, and of his wife, in whose honour he instituted it. That the monogram pertained to Philip and Izabel there is no doubt, and for the following reasons: it is known that the embassy sent by the Duke of Burgundy to Dom João I in 1429, to arrange for his marriage with Dona Izabel, included John

auctores se referem a esse facto, de tão grande importancia para a historia da pintura em Portugal. Gachard, na *Collection de Documents Inédits* (tomo II, p. 63 *e seg.*), narra que:

"lesdits ambaxadeurs, par un nommé maistre Jehan de Eyk, varlet de chambre de mondit seigneur de Bourgoingne et excellent maistre en art de painture, firent paindre bien au vif la figure de madite dame l'infante Elisabeth.... Aussi luy envoyèrent-ils la figure de ladite dame faicte par paincture comme dit est,"

o que é o mesmo texto do manuscripto em Hespanhol da Bibliotheca Nacional de Paris. Não ha pois duvida que existiu o retrato da Infanta pintado pelo celebre João de Bruges, um dos mais illustres pintores do mundo. Se infelizmente este retrato, apezar de todas as diligencias até hoje feitas, desappareceu, sendo possivel que já não exista, ha uma copia tosca, feita no seculo XVII, d'esse quadro e que felizmente nos pertence, não havendo duvidas sobre a parecença da Infanta da copia do quadro de van Eyck, com a Infanta da placa de bronze de Basilea, da qual, como dissemos, temos uma reproducção. O toucado é tambem semelhante ao da folha em pergaminho dos *Portuguese Drawings* do Museu Britannico, quer dizer, á maneira de turbante: tem egualmente o olhar semi serrado, e sobretudo o esboço de sorriso, que se é alegre, tem tambem ironia. Á roda do quadro lê-se a seguinte inscripção:

"Ceſt la pourtraiture qui fu enuoüe a phe duc
de bourgoing.ne ꝛ d9 brabant d9 dame yſabel
fille d' Roy Jehan
de portugal ꝛ dalgarbe ſeigneur d9 ſepte par luy
conquiſe qui fu depuis fēme ꝛ eſpeuſe du deſus
dit duc phe."

Por cima, na moldura (que a copia reproduz), está escripto: "Linfante Dame Isabiel." No centro dos quatro lados da moldura vê-se o monogramma PY, identico ao da illuminura.

Julgamos pois não poder haver hesitações ácerca dos monogrammas PY, que demonstram que esta illuminura não só pertenceu a Filippe e

van Eyck. Many authors refer to this fact, which is of special importance for the history of art in Portugal; Gachard in the *Collection de Documents Inédits* (vol. II, pp. 63 *et seq.*) tells how:

"lesdits ambaxadeurs, par un nommé maistre Jehan de Eyk, varlet de chambre de mondit seigneur de Bourgoingne et excellent maistre en art de painture, firent paindre bien au vif la figure de madite dame l'infante Elisabeth.... Aussi luy envoyèrent-ils la figure de ladite dame faicte par paincture comme dit est."

The same text is to be found in the Spanish manuscript at the Paris National Library. It is therefore certain that the Infanta's portrait was painted by the celebrated John of Bruges, one of the most notable artists in the world. The whereabouts of this portrait is unknown and, as the many enquiries and most conscientious research have had no result, it may be assumed to be lost; but fortunately a XVIIth century copy of it is in our possession. There can be no doubt that the Infanta in this copy closely resembles the image in the Basle plaque. The turban-like head-dress is also similar to the one in the portrait of the Princess among the *Portuguese Drawings* in the British Museum, where she shows the same half-smile of mingled gaiety and irony. Round the border is the following inscription:

"Ceſt la pourtraiture qui fu enuoüe a phe duc
de bourgoing.ne ꝛ d9 brabant d9 dame yſabel
fille d' Roy Jehan
de portugal ꝛ dalgarbe ſeigneur d9 ſepte par luy
conquiſe qui fu depuis fēme ꝛ eſpeuſe du deſus
dit duc phe."

The words "Linfante Dame Isabiel" are written at the top of the moulding (which is reproduced in our copy of the painting), and in each of the four sides the same letters PY reappear, proving the authenticity of the monogram and that this miniature not only belonged to Philip and

Izabel, mas que foi executada para os Duques de Borgonha. É pois um valioso documento, não só no ponto de vista da Arte, mas da Historia, a juntar áquelles que tenham pertencido ao fundador da Ordem do Tosão d'Ouro e a sua mulher. Sob o aspecto historico é um documento contemporaneo que pertenceu a uma illustre Senhora, a filha de D. João I de Portugal, mãe de Carlos o Temerario, e que desempenhou um papel tão importante na Historia, como veremos mais adeante. Sob o ponto de vista da Arte, tem seguramente para nós um valor identico, senão directamente, pelo menos indirectamente. Foi por causa da Infanta D. Izabel, que João van Eyck, o mais notavel pintor da sua epocha, aquelle que revolucionou a pintura, veiu a Portugal, permanecendo alli bastante tempo. Seguramente van Eyck pintou outros quadros durante a sua estada, alem do retrato da Infanta: o inventario dos objectos d'arte de Margarida d'Austria, Governadora dos Paizes Baixos (Malines, 1516), menciona sob o nº 130: "un moyen tableau de la face d'une Portugalaise de la main de Johanes" (*Revista de Historia, loc. cit.*). Mas o facto mais importante, para a pintura em Portugal, ácerca da vinda de van Eyck, foi que deixou discipulos, e que esses discipulos fôram os admiraveis mestres Portuguezes dos seculos XV e XVI, que souberam seguir o exemplo d'aquelle genio que viera a Portugal para pintar o retrato da filha de D. João I. Da sua estada em Portugal deixou-nos van Eyck uma recordação: as torres da Sé de Lisboa que elle pintou no fundo do famoso retabulo da Cathedral de St. Bavon em Gand, talvez uma saudosa homenagem á sua Duqueza e a Portugal!

Nasceu a Infanta D. Izabel a 21 de Fevereiro de 1397; a sua vinda ao mundo foi uma alegria para os paes, sobretudo para a Rainha D. Filippa que profundamente sentira a morte da outra filha, a Infanta D. Branca. Pouco se sabe da Infanta até á morte da mãe, scena admiravel descripta por Zurara e Pisano, a que nos re-

Izabel, but that it was made specially for them. It is therefore a valuable addition from the historical as well as the artistic point of view to the known documents concerning the founder of the Order of the Golden Fleece, and the lady in whose honour it was created. Its historical interest lies in the fact that it is a contemporary document which was owned by a distinguished lady, who played an important part in History—the daughter of King João I of Portugal, and mother of Charles the Bold. In our opinion its artistic value, owing to the circumstances connected with it, is equally great. It was because of the Infanta Izabel that John van Eyck, the most notable artist of his age, came to Portugal and stayed there a considerable time. Van Eyck must certainly have painted other portraits besides the one of the Princess, during his stay: the inventory (Malines, 1516) of the artistic possessions of Margaret of Austria, Governor of the Netherlands, includes under no. 130: "un moyen tableau de la face d'une Portugalaise de la main de Johanes" (*Revista de Historia, loc. cit.*). But a most important outcome of van Eyck's visit, for Portuguese art, was that he left disciples behind him, and that these disciples were the admirable Portuguese masters of the XVth and XVIth centuries, who were able to follow the example of that Flemish genius who came to Portugal to paint a portrait of Dom João's daughter. Van Eyck perpetuated the memory of his visit to Portugal, by portraying the towers of Lisbon Cathedral in the background of the famous altarpiece in the Cathedral of St Bavo, Ghent—perhaps as a delicate tribute of homage to the country of his Duchess.

The Infanta Izabel was born on February 21st, 1397, to the great joy of her parents, and especially of Queen Philippa who had been very deeply affected by the death of her other daughter the Infanta Branca. We hear little about the Princess until Philippa of Lancaster's death in 1415. The wonderful scene at the Queen's passing is, as we

ferimos ao tratar do manuscripto de Pisano *De Bello Septensi.* Ahi a vimos, em 1415, junto ao leito da mãe moribunda, recebendo da Rainha, a pedido do irmão o Infante D. Pedro, os bens que recebera em dote. Até 1428, anno em que D. Duarte casou, era a Infanta quasi a Rainha. Foi o seu casamento esboçado em Bruges, em 1423, durante a visita que o Infante D. Pedro fez ao Duque de Borgonha? É possivel e mesmo provavel. O Conde de Sabugosa, querido e em tudo saudoso amigo, no seu livro *Gente d'Algo* conta-nos, no seu estylo encantador, a vida da nossa Infanta. Dizem os chronistas e historiadores que ella era dotada de grande formosura: segundo a copia do quadro de van Eyck, a folha dos *Portuguese Drawings* do Museu Britannico e a placa de Basilea, não podemos encontrar essa belleza, mas, a idea da belleza feminina no seculo XV, seria a mesma que hoje fazemos? Julgamos que não: van Eyck e de Memling, para não citar outros, não nos mostram a formosura feminina, nos seus admiraveis quadros.

Tinha a nossa Infanta 32 annos quando casou por palavras de presente, sendo procurador de Filippe o Bom o seu Embaixador, o Senhor de Roubaix. Realisou-se a ceremonia nos Paços do Castello em Lisboa, a 24 de Julho de 1429. O Visconde de Santarem, no tomo III do seu *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal,* publicou um curioso manuscripto do seculo XV, da Bibliotheca Nacional de Paris, que nos conta detalhadamente os festejos realisados em Portugal e depois em Flandres.

Partiu a Infanta accompanhada de seu irmão o Infante D. Fernando—aquelle que o povo cognominou o Santo depois do seu martyrio e morte em Fez—e de numerosa e luzida comitiva. Após viagem tormentosa chegou a armada ao porto da Eclusa, no dia de Natal. Foi recebida com esplendor desconhecido, apezar do brilho da Côrte de Borgonha ter a reputação

saw in our description of *De Bello Septensi,* graphically depicted by both Pisano and Zurara, who tell how Dona Izabel stood at her mother's death-bed, receiving from the Queen, at her brother Prince Pedro's request, her marriage dowry. Until 1428, when Dom Duarte married, the Infanta, as first Princess in the realm, was practically Queen. It seems probable that her marriage may have been projected first in 1423, when Prince Pedro visited the Duke of Burgundy in Bruges. Our dear friend the late Conde de Sabugosa, in *Gente d'Algo,* narrates the Infanta's life-story in his inimitable style. Chroniclers and historians say that she was very beautiful; we cannot say that she appears strikingly lovely in either the copy of van Eyck's portrait, the *Portuguese Drawings* at the British Museum, or the Basle plaque, but possibly the XVth century ideal of feminine beauty was not in accordance with modern standards. Certainly neither van Eyck nor Memling, to mention only two artists of the period, ever portrays in his pictures what one might call a really beautiful woman.

The Infanta was thirty-two when she was married by proxy to Philip of Burgundy, who was represented by his ambassador the Sire de Roubaix. The ceremony took place in the Paços do Castello, in Lisbon, on July 24th, 1429, and the public festivities held in Portugal, and afterwards in Flanders, in connection with it are described with a wealth of detail in a curious XVth century manuscript (from the Paris National Library) published by the Visconde de Santarem in volume III of his *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal.*

The Infanta set out for her new home, in the company of her brother, the Infant Dom Fernando (who became known as "the Saint" after his martyrdom and death in Fez), and with a large and brilliant following; and after a stormy passage the armada reached Flanders on Christmas Day. The Princess was received with a splendour such as had

de ser a mais luxuosa da Europa, e a casa da nova Duqueza foi montada com tal riqueza e tão numeroso sequito que, diz Barante, "n'en avait aucune reine de la chrétienté."

A 10 de Janeiro de 1430 realisou-se em Bruges o casamento, e as festas duraram oito dias, festas phantasticas, em que vinhos preciosos do Rheno, de Beaune, de Malvasia, de Moscatel, assim como agua de rosas, jorravam de fontes em frente do Palacio.

N'esta data, fundou Filippe o Bom a insigne Ordem do Tosão d'Ouro em honra da Duqueza de Borgonha. Más linguas murmuraram que não era em honra de D. Izabel, mas sim em homenagem a uma amante, loura como a Infanta, que tinha em Bruges. O facto é que nos estatutos da Ordem, Filippe declarou, depois de fallar na Cavallaria:

"le 10e de janvier qui était le jour de la solennité du mariage célébré à Bruges entre nous et notre très-chère et très-aimée épouse Élisabeth, avons institué, créé et ordonné, comme par les présentes nous instituons, créons et ordonnons un ordre et confrérie de chevalerie et d'association amicale d'un certain nombre de chevaliers que nous avons voulu appeler du nom de la Toison-d'Or conquise par Jason, et sous les conditions ci-après" (Barante, *Histoire des Ducs de Bourgogne,* vol. v, p. 231).

Tambem no dia do seu casamento tomou o Duque como divisa: "Aultre n'aray (que) dame Ysabeau tant que vivray." Essa divisa simplificou-se depois, ficando apenas as palavras "Autre n'auray." É possivel que essa simplificação fôsse causada pela Duqueza, que, talvez ironicamente, adoptára como divisa as palavras "Tant que je vive," uma resposta ao moto do marido, de quem era a terceira mulher! Os chronistas e historiadores de Borgonha, Santarem e ultimamente Sabugosa, narram-nos a existencia da nossa Infanta na Côrte de Borgonha, existencia movimentada n'uma situação delicada, em vista das guerras constantes, da lucta entre a França e a

never before been seen, even in the Court of Burgundy itself, though it was reputed to be the most gorgeous and luxurious in Europe; and the Duke prepared for her a magnificent retinue, so richly appointed and so numerous, as, according to Barante, "n'en avait aucune reine de la chrétienté."

The marriage was celebrated in Bruges on January 10th, 1430, and the accompanying festivities, during which three fountains outside the palace spouted precious wines and rose-water, lasted a week.

At this time Philip the Good founded the Order of the Golden Fleece in honour of his newly made wife; but slanderous tongues whispered that it was not his wife he wished to honour, but a lover, as fair as the Infanta, whom he had in Bruges. Gossip has existed in all ages, but the affair is set out in Philip's book of statutes, as follows:

"le 10e de janvier qui était le jour de la solennité du mariage célébré à Bruges entre nous et notre très-chère et très-aimée épouse Élisabeth, avons institué, créé et ordonné, comme par les présentes nous instituons, créons et ordonnons un ordre et confrérie de chevalerie et d'association amicale d'un certain nombre de chevaliers que nous avons voulu appeler du nom de la Toison-d'Or conquise par Jason, et sous les conditions ci-après" (Barante, *Histoire des Ducs de Bourgogne,* vol. v, p. 231).

On this same auspicious occasion the Duke adopted as his device "Aultre n'aray (que) dame Ysabeau tant que vivray." This device was afterwards simplified to "Autre n'auray," possibly because the Duchess ironically chose "Tant que je vive" for her motto as a counter to the device of a man whose third wife she was. The Burgundian chroniclers and historians, and also Santarem and Sabugosa tell of the Princess's eventful life at the Court of Burgundy, and of the great tact and perspicacity she displayed in the difficult situations which arose from the constant wars between England and France. During her long life in Burgundy she had moments of

Inglaterra. N'esses annos atravessou momentos de alegria e de gloria; mas outros houve de tristeza e mesmo de vergonha. Alegria, o nascimento de dois filhos Antonio e José: tristeza, a morte de ambos na infancia. Tristeza seguramente, as luctas em que se viu envolvida, não só por causa das guerras, mas causadas pelas revoltas, taes como a de Bruges em 1436. Gloria, na sua tão habil politica, negociando com a Inglaterra e com a França com tal prudencia e capacidade que, depois da paz d'Arras, o marido encarregou-a sempre das missões e negocios mais delicados, "tant elle avait de prudence et de mérite," escreve Barante (*Histoire des Ducs de Bourgogne*, vol. VI, p. 386). Vergonha, sentiu-a sem duvida durante o doloroso episodio da venda da heroica e sublime Jeanne d'Arc a João de Ligny, o primeiro vassallo de Borgonha! Accompanhar um pouco a nossa Duqueza é interessante; aquella mulher d'animo varonil desenvolvia uma actividade extraordinaria, e não era só o marido que tinha n'ella inteira confiança: quando foi da submissão de Bruges em 1438, os ricos burguezes da cidade recorreram á Duqueza, "à la bonté de la Duchesse qui était toujours la protectrice de la ville" (Barante). Em 1439 entra em Gravelines com grande pompa, quando novamente se abrirão as conferencias que iram tratar da paz. Foi ella que obteve do Cardeal de Winchester que se occupasse em 1440 da libertação do Duque d'Orleans, prisioneiro em Inglaterra havia 25 annos. Em 1441 vae a Laon queixar-se ao Rei de França da inexecução d'artigos do tratado d'Arras.

Vemol-a em 1442 em Besançon visitando o Imperador Frederico que atravessava o Franco Contado, e o chronista Olivier de la Marche conta-nos como o Imperador a foi esperar com toda a sua gente, "et tousjours l'accompaigna le roy des Romains, à dextra la littière (comme s'il ne fust qu'un simple comte)." Em 1444 é escolhida para impedir a guerra entre a Borgonha e a França, iniciando ella as conferencias e ob-

happiness, and moments of glory: but these were sometimes shadowed by great sorrow and even by shame. She was very happy when her two sons Anthony and Joseph were born, but soon came sadness for both children died. The everlasting struggles in which she was involved, not only because of wars, but also because of revolts, such as that of Bruges in 1436, must have made her very unhappy; but this worry may have been balanced by her glorious political achievements in the negotiations with France and with England, which were so successful that, after the peace of Arras, her husband always entrusted her with the more delicate missions and transactions, "tant elle avait de prudence et de mérite" (Barante, *op. cit.* vol. VI, p. 386). But doubtless she felt shame at the deplorable sale of the heroic Joan of Arc to Jean de Ligny, the first vassal of Burgundy. Dona Izabel's character was as strong and resolute as a man's, and she was unusually active. Her husband was not the only one who had entire confidence in her—at the submission of Bruges in 1438, the rich burgesses appealed to the Duchess, "à la bonté de la Duchesse qui était toujours la protectrice de la ville" (Barante). In 1439 she made a ceremonial entry into Gravelines where the peace conferences were opened; and it was she who, in 1440, prevailed upon the Cardinal of Winchester to undertake to secure the liberation of the Duke of Orleans, who had been imprisoned in England for twenty-five years. In 1441 she went to Laon to complain to the King of France that the articles of the Treaty of Arras had not been carried out.

The next year she visited the Emperor Frederick, who was passing through Franche Comté, at Besançon, and Olivier de la Marche tells how the Emperor went to meet her with all his retinue "et tousjours l'accompaigna le roy des Romains, à dextra la littière (comme s'il ne fust qu'un simple comte)." In 1444 she was chosen to arrest war between Burgundy and France, and she suc-

tendo uma paz momentanea. Depois, em 1447, assigna uma tregoa com a Inglaterra. Mais tarde, em 1456 vemol-a accolher em Bruxellas o Delfim refugiado, que havia de vir ser o Rei Luiz XI. Carlos VII de França ao saber das attenções com as quaes o filho havia sido recebido, dizia, "Metteram em casa uma raposa. Ha de devorar-lhes as gallinhas." Era uma prophecia que annos depois se realisou deante de Nancy em 1477, com a morte do Temerario.

Após a tragica Alfarrobeira em 1449, os Duques de Borgonha enviáram um Embaixador a D. Affonso V de Portugal, o Deão de Vergy, não só para mostrar a innocencia do Infante D. Pedro, mas reclamar que o corpo do Infante fôsse enterrado na Batalha, e que as honras e fazendas fôssem restituidas a todos os seus. Não esquecia a Duqueza o irmão querido e favorito, e seguramente, mais do que nunca, n'essa occasião, teria presente a scena da morte da mãe e do pedido de D. Pedro á Rainha D. Filippa!

Mostrou ainda essa ternura accolhendo junto de si os filhos de D. Pedro, cujos destinos fôram curiosos. Alem da Rainha D. Izabel mulher de D. Affonso V, teve o Infante os seguintes filhos: D. Pedro, que falleceu em Barcelona intitulando-se Rei de Aragão; D. Jayme, que em 1452 o Duque de Borgonha fez nomear Bispo d'Arras, e que depois foi Arcebispo de Lisboa e Cardeal com o titulo de Santo Eustachio; D. João, que morreu coroado intitulando-se Rei de Chypre, e D. Izabel, que casou com o Duque de Clèves.

Um outro facto deve tambem ter impressionado a Duqueza: a ida a Ceuta de uma frota de Borgonha, commandada pelo Bastardo de Borgonha, para combater os infieis. O coração da filha de D. João I deve ter palpitado ao pensar na jornada de Ceuta, revivendo a morte da mãe e a gloria do pae e dos irmãos.

Como acima dissemos, perdera a Duqueza os dois primeiros filhos. Mas a 10 de Novembro de 1433, anno da morte de D. João I, nascia-lhe

ceeded in obtaining a temporary peace. In 1447 she signed a truce with England. Then in 1456 she harboured in Brussels the fugitive Dauphin, who was to become Louis XI of France. When Charles VII heard how his son had been received, he said: "Those who keep a fox in the house must expect their chickens to be eaten," a prophecy which was fulfilled years later at Nancy with the death of Charles the Bold in 1477.

After the calamity at Alfarrobeira in 1449, the Duke and Duchess of Burgundy sent the Dean of Vergy as an ambassador to Dom Affonso V, not only to demonstrate Prince Pedro's innocence, but also to demand that he should be honourably buried at Batalha, and that the titles and estates should be restored to his family. The Duchess did not forget her favourite brother, and his tragic death must have made her recall more than ever vividly the scene at her mother's death-bed.

She proved her tenderness and remembrance when she took Dom Pedro's children under her protection. Besides Queen Izabel, the wife of Dom Affonso V, the Prince had the following children: Dom Pedro, who died in Barcelona entitling himself King of Aragon; Dom Jayme, who was appointed Bishop of Arras by the Duke of Burgundy in 1452, and later became Archbishop of Lisbon and Cardinal with the title of Saint Eustace; Dom João, who died calling himself King of Cyprus; and Dona Izabel, who married the Duke of Cleves.

Another incident that must have made a great impression on the Duchess was the sending in 1464 of a Burgundian fleet under the command of the Bastard of Burgundy to fight against the infidels at Ceuta. She must have been very much moved by the thought of the journey to Ceuta, and have re-enacted the scene at her mother's death and remembered the glorious achievements of her father and brothers.

As we have already said, the Duchess lost her two eldest sons; but on November 10th, 1433 (the year in which her father, Dom João I, died),

outro filho, que havia de deixar um nome celebre na Historia: Carlos o Temerario. Contra os costumes, a Infanta quiz crear este filho, visto ter perdido os dois que haviam sido creados por amas; uma lenda conta que assim procedeu, recordando-se que D. João I, ao separar-se da Infanta, lhe dissera que só viveria o filho que bebesse o seu leite. Viveu Carlos o Temerario, e aquelle leite deu-lhe tal força, que talvez fôsse elle, que, n'um dos seus rompantes, o fazia responder com orgulho impetuoso, ao Embaixador d'aquella "grande raposa" que se chamou Luiz XI:

"Entre nous Portugais, c'est la coutume que, lorsque nos amis se font amis de nos ennemis, nous les envoyons aux cent mille diables de l'enfer!" (Barante).

Era talvez a voz do sangue! Com certeza era egualmente o sangue de D. João I que fazia a nossa Duqueza escrever em 1453 a todos os principes da Christandade, exhortando-os a uma Cruzada para reconquistar Constantinopla, que acabava de ser tomada pelos Turcos. E não era só n'este caso o sangue de D. João I, era tambem a visão clara da irmã do Infante D. Henrique, que comprehendia a alteração na Europa, prevendo o que representava a queda do Imperio de Constantinopla!

Em 1467 morre Filippe o Bom e a Duqueza sobreviveu ainda quatro annos, fallecendo em 1471. Foi indubitavelmente uma grande figura, uma digna irmã "dos Altos Infantes." Viveu n'uma epoca notavel de guerras e de cavallarias, de batalhas e de torneios, mostrando sempre um animo, uma coragem, um tino politico, e uma dignidade na vida, que fizeram escrever a Michelet, "Cette sérieuse et politique Isabelle."

Tinha sido querida pelos seus. D. Duarte, no seu *Leal Conselheiro*, mostra a sua saudade, ao escrever:

"A Duqueza de Borgonha mynha muyto prezada e amada Irmãa, nunca tam perfeitamente ſentyo mynha boa vontade des que foy deſtes reynos partida."

her third son, who was to make his name famous in history as Charles the Bold, was born. Contrary to custom, the Princess desired to nurse this child herself, for the two infants who had been put out to nurse had died; and legend says that she insisted on carrying out her wish, because she remembered her father's parting words, that only the son whom she nurtured at her own breast would survive. Charles the Bold did live, and derived great strength from his early nourishment, which may perhaps have been the source of his proud reply to Louis XI's ambassador:

"Entre nous Portugais, c'est la coutume que, lorsque nos amis se font amis de nos ennemis, nous les envoyons aux cent mille diables de l'enfer!" (Barante).

It was certainly the blood of Dom João I which inspired the Duchess to write to all the Princes of Christendom in 1453, exhorting them to undertake a Crusade to reconquer Constantinople which had just been captured by the Turks; and in this case the clear vision of Prince Henry the Navigator's sister foresaw the effect on Europe of the fall of the Byzantine Empire.

Philip the Good died in 1467, and the Duchess survived him four years. She was undoubtedly a great lady of illustrious descent, a worthy sister to the noble Princes. She lived in a notable era of wars and chivalry, of battles and tourneys, and always displayed such courage and spirit, such sane political judgement and such dignity that Michelet called her "cette sérieuse et politique Isabelle."

She was beloved by her family, and Dom Duarte shows his devotion to her when he writes in his *Leal Conselheiro*:

"The Duchess of Burgundy, my much esteemed and beloved sister, never fully realised how fond I was of her until she had left this country."

3 MOYSES BEN NAHMAN, PERUSCH HA-TORA.

Commentario sobre o Pentateuco. Lisboa, Rabbi Elieser Toledano, 1489.

fl. 1. Começa o Prologo de Moyses Ben Nahman.
fl. 152 em branco.
Vol. II, fl. 145. Colophon.
fl. 145 vo. Oração por Jerusalem.
fl. 147. Carta de Moyses Ben Nahman a seu filho.
fl. 148 em branco.

Lisboa, Elieser Toledano, no mez de Ab (5) 249, quer dizer Julho, 1489.

Folio—152 e 148 (= 300) folhas—35 linhas—2 columnas—impresso em caractéres Rabbinicos hespanhoes, palavras em grandes caractéres hebraicos quadrados—com assignaturas em hebreu—iniciaes gravadas.

Numeracão dos cadernos:

ב^{1} (fl. 2), ג^{1}, ד^{7}, ו^{1}, ז^{1}, ח^{5}, ט^{1}, י^{1}, יא^{1}, יב^{5}, יג^{1}, יד^{1}, טו^{1}, יו^{5}, יז^{1}, יח^{1}, יט^{1}, כ^{5} (1b–2a em branco), כא^{1}, כב^{1}, כג^{1}, כד^{5}, כה^{1}, כו^{1}, כז^{1}, כח^{1}, כט^{1}, ל^{7}, לא^{1}, לב^{1}, לג^{1}, לד^{1}, לה^{6}, לו^{1}, לז^{1}, לח^{1}, לט^{1}, מ^{6}, מא^{1}, מב^{1}, מג^{1}, מד^{1}, מה^{6}, מו^{1}, מז^{1}, מח^{1}, מט^{1}, נ^{6}, נא^{1}, נב^{1}, נג^{1}, נד^{1}, נה^{6}, נו^{1}, נז^{1}, נח^{1}, נט^{1}, ס^{6}, סא^{1}, סב^{1}, סג^{1}, סד^{1}, סו^{1}, סה^{7}, סז^{1}, סח^{1}, סט^{1}, ע^{1}, עא^{6}, עב^{1}, עג^{1}, עד^{1}, עה^{1}, עו^{6} (5b–6b em branco), עז^{1}, עח^{1}, עט^{1}, פ^{1}, פא^{6}, פב^{1}, פג^{1}, פד^{1}, פה^{1}, פו^{6}, פז^{1}, פח^{1}, פט^{1}, צ^{1}, צא^{6}, צב^{1}, צג^{1}, צד^{1}, צה^{1}, צו^{6}, צז^{1}, צח^{1}, צט^{1}, ק^{1}, קא^{6}, קב^{1}, קג^{1}, קד^{1}, קה^{1}, קו^{6}, קז^{1}, קח^{1}, קט^{1}, קי^{1}, קיא^{6}, קיב^{1}, קיג^{1}, קיד^{1}, קטו^{1}, קיו^{6}, קיז^{1}, קיח^{1}, קיט^{1}, קכ^{1}, קכא^{6}, קכב^{1}, קכג^{1}, קכד^{1}, קכה^{1}, קכו^{6}, קכז^{1}, קכח^{1}, קכט^{1}, קל^{1}, קלא^{6}, קלב^{1}, קלג^{1}, קלד^{1}, קלו^{1}, קלו^{6}, קלז^{1}, קלח^{1}, קלט^{1}, קמ^{5}, קמא^{1}, קמב^{1}, קמג^{1}, קמה^{5}, קמו^{1}, קמז^{1}, קמח^{1}, קמט^{1}, קנ^{1}, קנא^{6}.

Encadernação de carneira.

fl. 1. Beginning of Moses Ben Nahman's prologue.
fl. 152. Blank.
Vol. II, fl. 145. Colophon.
fl. 145 vo. Prayer for Jerusalem.
fl. 147. Letter of Moses Ben Nahman to his son.
fl. 148. Blank.

Lisbon, Eliezer Toledano, in the month of Ab (5) 249, that is July, 1489.

Folio—152 and 148 (= 300) leaves—35 lines—double columns—text in Spanish Rabbinic Hebrew type, single words in large square Hebrew type—with signatures in Hebrew—woodcut initials.

Collation by signatures:

ב^{1} (fl. 2), ג^{1}, ד^{7}, ו^{1}, ז^{1}, ח^{5}, ט^{1}, י^{1}, יא^{1}, יב^{5}, יג^{1}, יד^{1}, טו^{1}, יו^{5}, יז^{1}, יח^{1}, יט^{1}, כ^{5} (1b–2a blank), כא^{1}, כב^{1}, כג^{1}, כד^{5}, כה^{1}, כו^{1}, כז^{1}, כח^{1}, כט^{1}, ל^{7}, לא^{1}, לב^{1}, לג^{1}, לד^{1}, לה^{6}, לו^{1}, לז^{1}, לח^{1}, לט^{1}, מ^{6}, מא^{1}, מב^{1}, מג^{1}, מד^{1}, מה^{6}, מו^{1}, מז^{1}, מח^{1}, מט^{1}, נ^{6}, נא^{1}, נב^{1}, נג^{1}, נד^{1}, נה^{6}, נו^{1}, נז^{1}, נח^{1}, נט^{1}, ס^{6}, סא^{1}, סב^{1}, סג^{1}, סד^{1}, סו^{1}, סה^{7}, סז^{1}, סח^{1}, סט^{1}, ע^{1}, עא^{6}, עב^{1}, עג^{1}, עד^{1}, עה^{1}, עו^{6} (5b–6b blank), עז^{1}, עח^{1}, עט^{1}, פ^{1}, פא^{6}, פב^{1}, פג^{1}, פד^{1}, פה^{1}, פו^{6}, פז^{1}, פח^{1}, פט^{1}, צ^{1}, צא^{6}, צב^{1}, צג^{1}, צד^{1}, צה^{1}, צו^{6}, צז^{1}, צח^{1}, צט^{1}, ק^{1}, קא^{6}, קב^{1}, קג^{1}, קד^{1}, קה^{1}, קו^{6}, קז^{1}, קח^{1}, קט^{1}, קי^{1}, קיא^{6}, קיב^{1}, קיג^{1}, קיד^{1}, קטו^{1}, קיו^{6}, קיז^{1}, קיח^{1}, קיט^{1}, קכ^{1}, קכא^{6}, קכב^{1}, קכג^{1}, קכד^{1}, קכה^{1}, קכו^{6}, קכז^{1}, קכח^{1}, קכט^{1}, קל^{1}, קלא^{6}, קלב^{1}, קלג^{1}, קלד^{1}, קלו^{1}, קלו^{6}, קלז^{1}, קלח^{1}, קלט^{1}, קמ^{5}, קמא^{1}, קמב^{1}, קמג^{1}, קמה^{5}, קמו^{1}, קמז^{1}, קמח^{1}, קמט^{1}, קנ^{1}, קנא^{5}.

Sheepskin binding.

A typographia hebraica mais antiga em Portugal, de que ha noticia, é a de Faro. Dos prelos de Samuel Gacon sahiu a 30 de Junho de 1487, o primeiro livro conhecido, impresso em Portugal, O *Pentateuco*. Antonio Ribeiro dos Santos (1745–1818) escreve nas *Memorias de Litteratura da Academia*, t. VIII:

"A typographia hebraica veio transplantada

The earliest printing-press recorded in Portugal is the Hebrew one belonging to Samuel Gacon, at Faro, where the first known book printed in Portugal—*The Pentateuch*—was published on June 30th, 1487. Antonio Ribeiro dos Santos (1745–1818) writes, in *Memorias de Litteratura da Academia*, vol. VIII:

"Hebraic printing was brought to Portugal

da Italia, e por mãos dos Hebreus, que eram os unicos n'aquelles tempos, que a estabeleciam e propagavam por toda a parte; por quanto os Judeos maiormente os Allemães da Cidade de Spira, que haviam passado á Italia, tinham levantado os seus primeiros prelos nas Cidades de Socino, de Piobe, de Pesaro, de Bolonha, e de Ferrara, e d'estes vieram alguns a Portugal, para onde muito os attrahia e convidava a grande quantidade, que cá tinhamos de Judeos estrangeiros, e nacionaes, e a esperança do grosso lucro, que lhes promettia o muito fervor, com que então se tratavão os estudos da Litteratura Sagrada nas Synagogas d'este Reino."

E mais adeante accrescenta:

"Os primeiros Impressores, que appareceram entre nós, quanto até aqui podemos descobrir, foram Judeos estrangeiros, que vieram a Portugal de diversas partes de Italia. A pratica em que estavam os Judeos de multiplicarem os exemplares da Lei para uso das suas Synagogas, e dos mesmos particulares, fazia com que tambem se multiplicassem os seus Impressores."

Moses Bensabat Amzalak (*A Tipografia Hebraica em Portugal no seculo quinze*, p. 19) diz-nos que

"em Portugal, no século XV, existiram tipografias hebraicas em Faro, Lisboa e Leiria.... A tipografia hebraica de Faro tinha por proprietário ou protector Samuel Gacon. A de Lisboa era de Rabi Elieser tendo nela trabalhado Rabi Zorba. A de Leiria era pertença de Abraham de Ortas ou Dortas. Samuel Gacon de origem nobre foi o editor e talvez o impressor do *Pentateuco hebraico* publicado em Faro."

D'essa obra, que se saiba, existe apenas um unico exemplar, o do Museu Britannico, impresso em pergaminho. Como dissemos, o *Pentateuco* foi o primeiro livro impresso em Portugal de cuja existencia ha prova real, em 1487. Segue-se-lhe o *Commentario sobre o Pentateuco—Perusch Ha-Tora*— de Moyses Ben Nahman (Nahmanides), que sahiu dos prelos do Rabbi Elieser Toledano, em Lisboa, em Julho de 1489, sendo o segundo livro conhecido impresso em Portugal, e o primeiro na Capital. D'essa obra, da qual apre-

from Italy by the Jews, who, at that time, were the only people to establish and propagate the art universally; because the first printing-presses in the cities of Soncino, Pieve di Sacco, Pesaro, Bologna and Ferrara, were set up by Jews, chiefly Germans from the city of Spires, who had gone to Italy. Some of these afterwards came to Portugal, attracted and allured hither by the large number of foreign and indigenous Jews living in the country, and by the hope of great gain promised by the fervour with which the study of Sacred Literature was carried on in the Synagogues of the land."

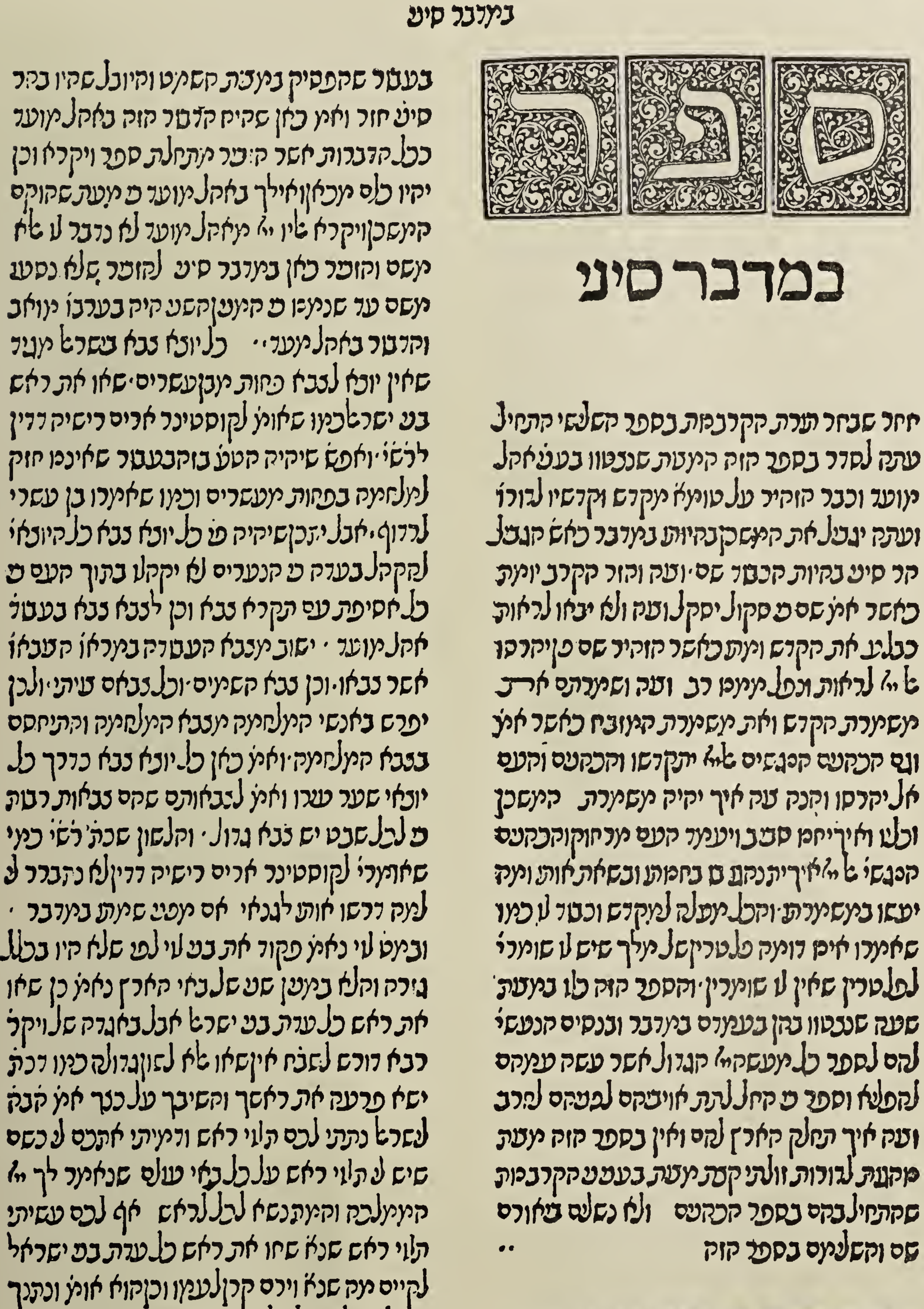
And further on he adds:

"The first printers to appear among us were, as far as we can ascertain, foreign Jews, who came to Portugal from various parts of Italy. The fact that the Jews were accustomed to multiply copies of the Law, not only for their Synagogues, but also for individual study, explains how the number of their printers increased rapidly."

Moses Bensabat Amzalak (*A Tipografia Hebraica em Portugal no seculo quinze*, p. 19) tells us that:

"In the XVth century Hebrew printing-presses existed in Portugal at Faro, Lisbon and Leiria.... The Hebrew printing-press at Faro had Samuel Gacon as proprietor or protector. The one at Lisbon belonged to Rabbi Eliezer, and Rabbi Zorba also worked there. The one at Leiria was owned by Abraham de Ortas or Dortas. Samuel Gacon, of noble origin, was the publisher and perhaps the printer of the *Hebrew Pentateuch* published in Faro."

As far as it is known, only one copy of this work exists—the one at the British Museum, printed on vellum. The *Pentateuch* (1487) was, as we have said, the first book printed in Portugal of whose existence there is absolute proof. The second known book printed in Portugal and the first in the Capital is Moses Ben Nahman's *Commentary on the Pentateuch*, issued by Rabbi Eliezer Toledano, in Lisbon, in July, 1489, of

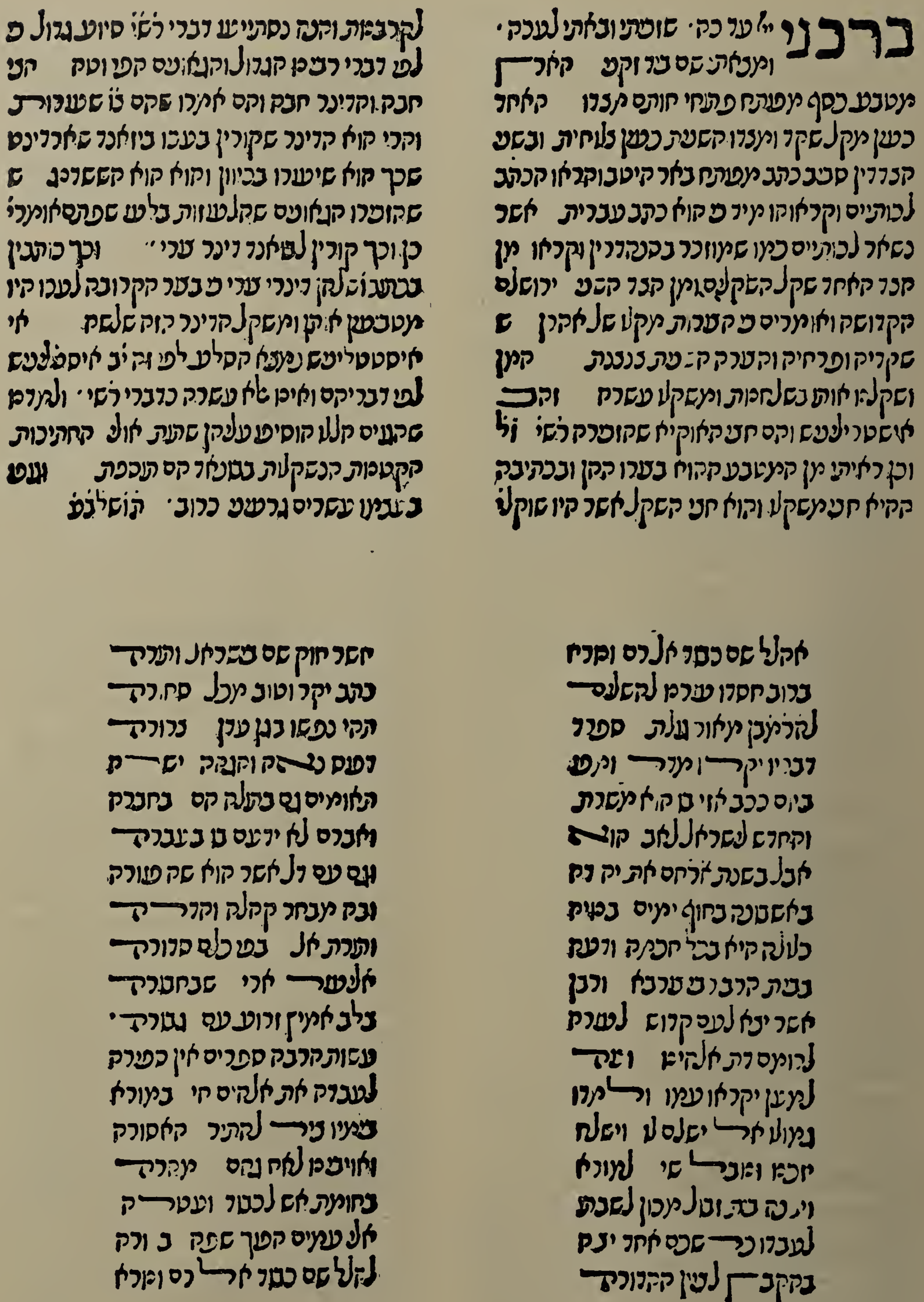

במדבר סיני

ספר

במדבר סיני

סדר במדבר סיני

1 Pagina do *Perusch Ha-Tora* de Moyses Ben Nahman
A page from Moses Ben Nahman's *Perusch Ha-Tora*
Lisboa, 1489



2 Colophon do *Perusch Ha-Tora* de Moyses Ben Nahman
Colophon from Moses Ben Nahman's *Perusch Ha-Tora*
Lisboa, 1489

sentamos um exemplar incompleto, nos occu-paremos especialmente, juntando-lhe alguns informes ácerca da imprensa em Portugal no seculo XV, visto ser o *Commentario* o livro mais antigo que possuimos.

Na *Jewish Encyclopedia* encontra-se um artigo ácerca da typographia hebraica em Portugal (vol. VIII, p. 107) de J. Jacobs, e outro sobre Elieser Toledano, do Dr Meyer Kayserling (vol. XII, p. 175). Egualmente Haebler occupou-se dos mesmos assumptos, na sua magnifica obra *Geschichte des Spanischen Frühdruckes*, 1923. Os dois artigos acima citados, dizem-nos que o Rabbi Elieser ("A scholar who went from Toledo to Lisbon"—Kayserling) teve officina em Lisboa de 1489 a 1492, e que a primeira obra sahida dos seus prelos foi o *Commentario sobre o Pentateuco* de Nahmanides. J. Jacobs escreve que "Toledano was one of the earliest to use borders," e accrescenta:

"It has been suggested that the printer Ibn Yahya carried the Lisbon types to Constantinople and either printed from them or used them as models for new types."

Kayserling não concorda com esta sugestão, pois diz:

"Don Judah Gedaliah (not Yahya), who was employed in Eliezer Toledano's printing-office, later established a press at Salonica (not Constantinople) with type brought from Lisbon."

Amzalak no seu tão interessante estudo (*ob. cit.* pp. 21, 22) conta-nos que,

"a única tipografia hebraica que existiu em Lisboa no século XV e de que temos notícia, foi a de Rabi Eliezer. Esta tipografia chegou a ser a mais importante da península, não sendo de estranhar que a maior parte do material tipográfico de Hijar tivesse vindo para Lisboa. Rabi Eliezer segundo a opinião de Haebler nunca foi impressor mas dono de uma tipografia e editor, rasões estas que levaram os tipógrafos a não indicar os seus nomes e pôrem no fim das obras o nome de seu generoso pro-

which we possess an incomplete copy. We shall now devote our attention to this work; and at the same time, as it is the oldest book in our collection, a few notes about XVth century printing in Portugal will find their place here.

There is an article by J. Jacobs on Hebrew printing in Portugal, in the *Jewish Encyclopedia* (vol. VIII, p. 107), and another (in vol. XII, p. 175) by Dr Meyer Kayserling, on Eliezer Toledano. Haebler treats of the same subjects in his magnificent work the *Geschichte des Spanischen Frühdruckes*, 1923. From these sources we learn that Rabbi Eliezer ("a scholar who went from Toledo to Lisbon"—Kayserling) had a press in Lisbon from 1489 to 1492, and that the first work he published was Nahmanides' *Commentary on the Pentateuch*. J. Jacobs writes that "Toledano was one of the earliest to use borders" and adds:

"It has been suggested that the printer Ibn Yahya carried the Lisbon types to Constantinople and either printed from them or used them as models for new types."

Kayserling, however, does not agree with this suggestion, for he says:

"Don Judah Gedaliah (not Yahya), who was employed in Eliezer Toledano's printing-office, later established a press at Salonica (not Constantinople) with type brought from Lisbon."

Amzalak informs us in his interesting study (*op. cit.* pp. 21, 22) that:

"The only Hebrew printing-press in Lisbon in the XVth century, of which we have any record, was the one under the direction of Rabbi Eliezer. This press even became the most important in the peninsula, so it is not to be wondered at that most of the typographical material from Hijar had been conveyed to Lisbon. According to Haebler, Rabbi Eliezer was never actually a printer, but the proprietor of a press, and a publisher, which seems to indicate why the printers remained anonymous and placed the name of their generous protector at the end of the works,

tector. Muitas vezes também imprimiam o nome de outras pessoas que contribuiam para a realização do trabalho; assim os livros saídos das oficinas lisbonenses, á semelhança dos de Hijar, terminam por largas notícias em verso onde se relata a historia das obras. Dos impressores que trabalharam com Rabi Eliezer sabemos que existiram os seguintes: Rabi Zorba, Zacheo e Moyses filho de Semtob."

Não nos falla Amzalak de Ibn Yahya nem de Dom Judah Gedaliah, como tendo trabalhado na officina do Rabbi Elieser: contudo, na sua relação de obras publicadas por Israelitas Portuguezes nos seculos XV e XVI (*ob. cit.* pp. 9 a 15), encontramos livros escriptos por "David Guedalia Ben Jachia":

"David Ben Salomão Ben R. David Jachia (nascido em Lisboa em 1430) escreveu o seguinte livro: *Tratado da lingua dos eruditos segundo Isaias*, Constantinopla (1506): Jacob Jachia filho de David Jachia e neto de Salomão Jachia (natural de Lisboa), escreveu o livro: *Tehilá Ledavid* (*Louvores de David*), Constantinopla (1506)."

Duas das obras de Isaac Arbarbanel fôram egualmente publicadas em Constantinopla no mesmo anno de 1506. Imprimiram-se pois livros de Judeos Portuguezes em Constantinopla; mas na sua lista, Amzalak não menciona obra alguma por elles impressa em Salonica.

O livro hebreu mais antigo impresso em Hijar (Haebler, *ob. cit.* p. 41) é o *Tur Orach Chajim* de Jakob ben Ascher—Elieser Alantansi 1485, dois annos antes do estabelecimento da typographia de Faro. Nas nossas notas sobre o *Sefer Abudrahim* Lisboa 1489, occuparnos-hemos mais especialmente d'essa questão.

A respeito de Moyses Ben Nahman Gerondi, Talmudista hespanhol, sabemos que nasceu em Gerona, o que explica o seu nome "Gerondi," em 1194 e que morreu na Palestina aproximadamente em 1270. O D[r] Isaac Broydé (*Jewish Encyclopedia*, vol. IX, p. 87), n'um longo e interessante artigo narra a vida, obras e feitos do

instead of their own. They also often printed the names of other people who had contributed to the realisation of the work; thus books issued from the Lisbon offices, like those from Hijar, terminate in verses where their history is related at length. We know that the following were among the printers who worked with Rabbi Eliezer: Rabbi Zorba, Zacheo, and Moses the son of Semtob."

Amzalak mentions neither Ibn Yahya nor Dom Judah Gedaliah as having worked in Rabbi Eliezer's printing-office; but in his list of the works published by Portuguese Israelites in the XVth and XVIth centuries (*op. cit.* pp. 9–15), we find books written by "David Guedalia Ben Jachia." We also learn that:

"David Ben Solomon Ben R. David Jachia (born in Lisbon in 1430) wrote the following book: *Tratado da lingua dos eruditos segundo Isaias*, Constantinople, 1506....Jacob Jachia, son of David Jachia and grandson of Solomon Jachia (native of Lisbon), wrote the book: *Tehilá Ledavid* (*Praises of David*), Constantinople, 1506."

Two works by Isaac Arbarbanel were also published in Constantinople in 1506, so books by Portuguese Jews were printed there, but Amzalak mentions no work written by them and printed in Salonica.

The earliest known book published in Hijar (Haebler, *op. cit.* p. 41) is the *Tur Orach Chajim* by Jakob ben Ascher, printed by Eliezer Alantansi in 1485, two years before the setting up of the Faro press. In our notes on the *Book of Abudrahim*, Lisbon, 1489, we shall examine this question more fully.

Moses Ben Nahman Gerondi, a Spanish Talmudist, was born in Gerona (which explains his name of Gerondi), in 1194, and died in Palestine in about 1270. Dr Isaac Broydé gives an account of our author's life and works, in a long and interesting article in the *Jewish Encyclopedia* (vol. IX, p. 87), where we read that apart from his precocious knowledge of rabbinics—he

nosso auctor, que, alem da sua sciencia das leis—na qual foi precoce, pois aos dezaseis annos já redigia compendios—tambem estudou medicina, que mais tarde praticou, para ganhar a vida, e possuia grandes conhecimentos sobre philosophia. Compoz diversas obras, até finalmente escrever o seu *Commentario sobre o Pentateuco*, o seu ultimo trabalho, que, segundo escreve o Dr Broydé (*loc. cit.*) é justamente considerado como a sua obra prima.

Em 1263, em vista da controversia havida em Barcelona, na presença do Rei Jayme de Aragão, entre Moyses Ben Nahman—era então Rabbi Mór da Catalunha,—e Pablo Christiani, sobre materias religiosas, Moyses foi obrigado a sahir da Catalunha: passou uns tres annos em Castella ou no sul da França, e em 1267 emigrou para a Palestina, installando-se em Acre após uma curta estada em Jerusalem. É curioso o que o Dr Broydé escreve (*ob. cit.*) a respeito, tanto da estada de Nahmanides na Palestina como dos motivos que o levaram a escrever o seu *Commentario*:

"It was to arouse the interest of the Palestinian Jews in the exposition of the Bible, that Moses wrote the greatest of his works, the above-mentioned commentary on the Pentateuch."

É possivel que a causa fôsse o facto notavel (Dr Broydé, *loc. cit.*) de, pouco depois da sua chegada a Jerusalem, por consequencia em 1267, ter Moyses Ben Nahman enviado uma carta a seu filho na qual, descrevendo a desolação da Cidade Santa, lhe dizia ter encontrado alli, apenas dois habitantes judeos, dois irmãos tintureiros! Moyses morreu com mais de setenta annos, sendo enterrado em Haifa.

Na *Bibliografia dos Incunábulos Portugueses* de Raul Proença e Antonio Anselmo, podemos ver que dos vinte e quatro incunabulos conhecidos, impressos em Portugal, os onze primeiros chronologicamente são hebreus. Não ha noticia exacta de obra alguma impressa em Latim antes do *Breviarium Bracarense*, por João Gherlinc, Braga, 1494; e em Portuguez antes da famosa *Vita*

began to compose compendiums of the rabbinical law when he was only sixteen—he was very learned in philosophy, and also studied medicine, which he later practised in order to gain a livelihood. He composed various works, the last of all being his *Commentary on the Pentateuch*, which, as Dr Broydé (*loc. cit.*) writes, is justly considered to be his masterpiece.

As a result of the religious disputation at Barcelona, in 1263, when he was called upon to debate on religious matters with Pablo Christiani, in the presence of King James of Aragon, Moses Ben Nahman, then the Chief Rabbi of Catalonia, was forced to leave that province: he spent three years in Castile or in the south of France, and in 1267 emigrated to Palestine, where, after a brief sojourn in Jerusalem, he settled in Acre. Dr Broydé gives some interesting information about Nahmanides' life in Palestine and about his *Commentary*:

"It was to arouse the interest of the Palestinian Jews in the exposition of the Bible, that Moses wrote the greatest of his works, the above-mentioned commentary on the Pentateuch."

Perhaps one of the reasons that led him to compose this work is expressed in the letter Moses Ben Nahman wrote to his son, soon after his arrival in Jerusalem in 1267, describing the desolation in the Holy City, where, he said, he had found only two Jewish inhabitants—two brothers, dyers by trade (Broydé, *loc. cit.*). Moses was over seventy when he died, and was buried at Haifa.

In the *Bibliografia dos Incunábulos Portugueses* by Raul Proença and Antonio Anselmo we find that out of the twenty-four known Portuguese incunables, the first eleven chronologically are Hebrew. There is no accurate record of any work printed in Latin before 1494, the date of the *Breviarium Bracarense* printed in Braga by Johann Gherlinc; and the earliest known work in Portuguese is the famous *Vita Christi* published in

Christi por Valentim Fernandes e Nicolau de Saxonia, Lisboa 1495. Ribeiro dos Santos (*ob. cit.*) menciona um incunabulo anterior, de que ninguem tem noticia: o *Breviarium Eborense*, por Nicolau de Saxonia, Lisboa 1490. Mesmo que elle existisse, seria de tres annos posterior ao *Pentateuco* sahido da typographia de Samuel Gacon em Faro, e publicado um anno depois do *Commentario sobre o Pentateuco* de Moyses Ben Nahman, e do *Commentario sobre a ordem das Orações* de David Abudarham, ambos sahidos dos prelos do Rabbi Elieser em Lisboa, em 1489. Se temos de nos inclinar perante a evidencia, até hoje indiscutivel, da prioridade da imprensa hebraica em Portugal, as hypotheses são contudo permittidas: terão sido realmente os Judeus os primeiros que trouxeram a Portugal a arte de Gutenberg? A esse respeito devemos ouvir o que J. Lucio d'Azevedo nos diz na sua obra tão notavel, *Historia dos Christãos Novos Portugueses*, pp. 36 e 37:

"A Italia foi o primeiro paiz onde os judeus se applicaram á typographia, e com ardor tal que já em 1475 havia imprensa hebraica em varias cidades. Tão compenetrados se achavam elles da importancia da nova arte, para o ensino e conservação dos seus dogmas, que ao exercicio d'ella qualificavam de *Trabalho Sagrado*, e os obreiros grande orgulho tinham da profissão. Em Portugal, as primeiras obras impressas, de que ha segura noticia, foram em lingua hebraica e por impressores hebreus. Anteriormente a todas, o *Pentateuco*, de 1487, sahido do prelo de Samuel Gacon, em Faro. Só de 1494 em deante nos apparecem as producções typographicas de officiaes allemães: primeiro o *Breviario Bracarense*, por João Gherlinc, em Braga; depois, a contar de 1495, as impressões de Valentim Fernandes de Moravia e Nicolau de Saxonia. Mas não basta isso para a certeza historica de que tenham sido realmente os hebreus os que introduziram no paiz a arte da typographia. Em 1474 já esta existia em Hespanha, trazida por allemães, que andavam de terra em terra, propagando ou exercendo

Lisbon by Valentim Fernandes and Nicolau de Saxonia in 1495. Ribeiro dos Santos (*op. cit.*) mentions an earlier incunable, about which no one else gives any definite information: the *Breviarium Eborense*, Nicolau de Saxonia, Lisbon, 1490. But even if this work did exist, it would be three years later than the Hebrew *Pentateuch* from Samuel Gacon's press at Faro, and a year later than Moses Ben Nahman's *Commentary on the Pentateuch* and David Abudarham's *Commentary on the Synagogue Liturgy*, both of which were issued by Rabbi Eliezer in Lisbon in 1489. Even if we must bow to the evidence of the priority of the Hebrew press in Portugal, hypotheses are permissible, suggested by doubts as to whether the Jews really did introduce the art of printing into Portugal. These doubts may perhaps find a more solid basis in the following arguments and facts. J. Lucio d'Azevedo, in his remarkable *Historia dos Christãos Novos Portugueses* (pp. 36–37), says:

"Italy was the first country where the Jews applied themselves to printing, and they displayed such zeal that by 1475 there were already Hebrew printing-presses in several cities. They were so convinced of the importance of the new art for the teaching and conservation of their dogma, that they characterised its practice as *Sacred Work* (Trabalho Sagrado), and the operatives were very proud of their trade. In Portugal the first printed works, about which there is definite information, were in the Hebrew tongue and executed by Hebrew printers. The earliest of all was the 1487 *Pentateuch* issued by Samuel Gacon in Faro. It was only from 1494 onwards that the productions of German printing-offices began to appear: first, the *Breviarium Bracarense* printed by Johann Gherlinc in Braga; then, starting from 1495, publications by Valentim Fernandes de Moravia and Nicolau de Saxonia. But this does not suffice for the historical certainty that it really was the Hebrews who introduced the art of printing into this country (Portugal). It existed in Spain as early as 1474, having been brought thither by Germans, who went from country to country, propagating or

a sua arte. Não existe razão visivel para excluir a hypothese de que, entre esse anno e o de 1487, algum de taes homens houvesse passado a Portugal, imprimisse livros latinos ou Portugueses, e estes se tenham perdido. Quando menos permanece o caso da prioridade sujeito a duvida."

Segundo as ultimas descobertas de Haebler, o primeiro trabalho impresso em Hespanha foi publicado em Segovia em 1473, antes por consequencia dos primeiros livros hebraicos impressos na Italia. Parece-nos estranho que quatorze annos tivessem decorrido entre a introducção da arte de Gutenberg em Hespanha por officiaes allemães, e a sua entrada em Portugal pela mão de impressores hebreus.

Em Hespanha, livros hebraicos só fôram impressos alguns annos depois da typographia alli existir. Terá sido Gherlinc, de quem Haebler (*ob. cit.* p. 253) escreve "Gherlinc ist ein Wanderdrucker gewesen," o primeiro que visitou Portugal em 1494 e alli exerceu a sua profissão? Se mesmo alguns dos primeiros officiaes allemães que trabalharam em Hespanha, como Jakob e Filippe Vizlant, Paulo Hurus, Matthaeus Flander, Heinrich Botel, não estiveram em Portugal, não o terão feito discipulos seus, por exemplo, um dos impressores de Salamanca, cidade com a qual Portugal mantinha relações tão estreitas por causa da sua celebre Universidade, e onde cerca de 1481 (Haebler, *ob. cit.* p. 210) eram publicadas as *Leyes de las Cortes de Toledo*? Ou de Santiago de Compostella, tão perto da fronteira, onde (Haebler, *ob. cit.* p. 238) Juan de Bobadilla imprimia, cerca de 1485, o *Flos Sanctorum* em Hespanhol? Ou ainda de outra terra tambem perto da fronteira, Zamora, onde Antonio de Centenera (Haebler, *ob. cit.* p. 232) tinha prelos dos quaes, cerca de 1482, sahia a *Suma Bartolina* de Bartolomaeus Pisanus? Bem sabemos que são meras hypotheses, que não são encaradas pela primeira vez, e que não possuimos provas. Contudo, alguns argumentos temos em seu favor. Se nada sabemos definitivamente ácerca de impressores

exercising their art. There is no visible reason for excluding the hypothesis that, between 1474 and 1487, one of these men may have passed into Portugal, and printed Latin or Portuguese books, which have since been lost. At least the question of priority remains open to doubt."

According to Haebler's most recent discovery, the first piece of printing in Spain was executed at Segovia in 1473, consequently before the earliest Hebrew books printed in Italy. It seems to us strange that fourteen years should have elapsed between the introduction of Gutenberg's art into Spain, by Germans, and its appearance in Portugal under the auspices of the Jews.

Hebrew books were not printed in Spain until some years after the establishment of the press in that country. Perhaps Gherlinc, of whom Haebler (*op. cit.* p. 253) writes: "Gherlinc ist ein Wanderdrucker gewesen," and who came to Portugal in 1494, was not the first printer to visit Portugal and exercise his trade there. Even if the first Germans to work in Spain, such as Jakob and Philipp Vizlant, Paul Hurus, Matthaeus Flander and Heinrich Botel, did not come to Portugal, some of their disciples may have done so; for instance, one of the printers from Salamanca, a city with which Portugal maintained very close relations by reason of her celebrated University, and where the *Leyes de las Cortes de Toledo* were published in about 1481 (Haebler, *op. cit.* p. 210); or one from Santiago de Compostella, which is so near the frontier and where Juan de Bobadilla (Haebler, *op. cit.* p. 238) printed the *Flos Sanctorum* in Spanish in about 1485; or even one from another town near the frontier, Zamora, where Antonio de Centenera (Haebler, *op. cit.* p. 232) worked, issuing the *Suma Bartolina* of Bartholomaeus Pisanus *circa* 1482. We fully realise that we lack proofs to substantiate these hypotheses, though they have already, in some measure, been expressed; but there are nevertheless a few arguments in their favour. Though we have no information

que tenham exercido em Portugal a sua profissão, anteriormente a 1487, temos conhecimento da estada em Lisboa de livreiros estrangeiros, ou commerciantes de livros, seis annos antes da publicação do *Pentateuco* de 1487 em Faro. A prova é uma importante e curiosa carta de D. Affonso V de 1481:

"Dom Affonſo...querendo nos fazer graça e merce a Guillellme de Momtrete e a Framcifquo de Momtrete ſeu irmaão vezinhos, e a Guydo framces, teemos por bem e queremos e nos praz que de todollos liuros de forma que elles em a dita noſſa cidade teuerem trouuerem ou mamdarem trazer de fora da terra a eſtes ditos noſſos regnos nom paguem delles nenhuũa ſiſſa....E eſto nos praz aſſy por tres anos....Dada em a noſſa villa d Allmeirim XIX dias do mes de janeiro de mill e iiij^c lxxxj."

(Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Affonso V*, L° 26, fl. 147, citada por Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel.*)

Este documento demonstra o interesse de D. Affonso V pelos "livros de forma," quer dizer impressos, annos antes do apparecimento da typographia de Faro, e permitte suppôr que o Soberano que assim dava a sua protecção a commerciantes de livros, com mais razão a concedia áquelles que os imprimiam. Ruy de Pina, na sua *Chronica do Senhor Rey Dom Affonſo V*, tambem regista o amor aos livros do Monarcha, escrevendo no capitulo CCXII: "Foy o Prymeiro Rey deſtes Reinos que ajuntou boõs livros, e fez livraria em ſeus paços."

Esta affirmação parece-nos ter uma explicação especial, que ainda não lhe vimos ser attribuida, pois, seguramente, Ruy de Pina sabia que tanto D. Duarte como D. João I, pae e avô do Monarcha, alem de serem auctores, tinham possuido livrarias: da de D. Duarte, conhece-se mesmo a *Memoria dos livros do uſo delRey D.*

about printers having exercised their trade in Portugal before 1487, we know for certain that there were foreign booksellers or book-merchants in Lisbon six years before the *Pentateuch* was published at Faro in 1487. This is proved by an important and interesting letter signed by Dom Affonso V in 1481:

"We, Dom Affonso...desiring to confer favour and privilege upon Guillellme de Momtrete and Framcisquo de Momtrete, his brother, citizens, and upon Guydo framces (French), it seems good to us, and we desire it, and it pleases us that they shall pay no duty on any printed books (livros de forma), which they may keep in our said city, or bring to it, or may order to be brought from outside the country to this our said kingdom....And it pleases us that this shall be so for three years....Given in our city of Almeirim on the 19th day of the month of January of one thousand four hundred and eighty-one."

(Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Affonso V*, Book 26, fl. 147, cited by Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel.*)

This interesting document demonstrates the attention paid by D. Affonso to *livros de forma*, or printed books, years before the appearance of the Faro printing-press, and allows of the supposition that a Sovereign who thus gave his protection to dealers in books, would have been even more ready to bestow it upon those who printed them. Ruy de Pina (*Chronica do Senhor Rey Dom Affonſo V*, chap. CCXII) also records the Monarch's love of books, saying: "He was the first in this Kingdom who collected good books, and made a library in his palace."

This sentence has, in our opinion, a special explanation, which we have not yet seen attributed to it, for surely Ruy de Pina must have known that Dom Duarte and Dom João I (Dom Affonso's father and grandfather) had libraries, as well as being authors; there is even a *Memoria dos livros do uſo delRey Dom Duarte* (Memorandum of the Books for the use of King

Duarte (Sousa, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, t. 1, p. 544). Á Livraria de D. Affonso V, e ao seu bibliothecario Zurara, tambem se refere Mattheus de Pisano, como vimos no *De Bello Septensi*. Ácerca da phrase de Ruy de Pina, escreve Sousa Viterbo (*ob. cit.* p. 3):

"Esta maneira de dizer não se pode admittir em absoluto nem tomar ao pé da lettra, antes crêmos que se deve interpretar como significando que este monarcha dera maior incremento á livraria real...."

Parece-nos que as palavras do chronista podem ainda ter uma outra interpretação, significando talvez que "D. Affonso V foi o primeiro Rei d'estes Reinos que juntou bons livros *impressos*, e *com elles* augmentou a livraria no seu paço." Esta explicação será por ventura plausivel e mesmo mais natural. Se existiram livros impressos em Portugal, antes de 1487, em Latim ou em Portuguez, é mais do que provavel que tenham sido obras religiosas ou de piedade, e esses ter-se-hão perdido, como tantos outros. Para isso, basta saber a quantidade de livros que El-Rei D. Manuel mandou, não sómente na offerta ao Preste João, mas para o Congo, para o Oriente. "Por diversos mandados, a partir de 6 de julho de 1514 e a terminar em 13 de março de 1515, recebeu Ruy Leite ordem de aprompt ar tudo o que fazia parte d'esta preciosa remessa (ao Preste João)." É tão curiosa a lista de livros, reproduzida por Sousa Viterbo (*ob. cit.* p. 8) na qual lêmos, entre muitos:

"mil cartinhas cubertas de purgaminho: vimte flos sanctorum: trimta liuros da vida dos martyres e todos seram de lemgẽ (linguagem): cem liuros da vida e paixã dos marteres, ẽcadernados de tauoas, meos cobertos de coiro. Cẽ liuros da destruição de Jerusalem ẽcadernados de purgaminho: cẽ cofisionairios de Resẽde ẽcadernados de purgaminho"!

Estes são alguns dos numeros do rol que acaba por, "um lyuro...de purgaminho de letra

Dom Duarte, cf. Sousa, *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, vol. 1, p. 544). As we saw in *De Bello Septensi*, Mattheus de Pisano also refers to Dom Affonso V's Library and to his librarian, Zurara. Sousa Viterbo (*op. cit.* p. 3) alludes thus to Ruy de Pina's phrase:

"This manner of speaking cannot be admitted without reservation, nor must it be taken literally; we believe that it should be interpreted rather as signifying that this monarch added greatly to the Royal Library...."

It seems to us that the chronicler's words are capable of yet another interpretation, and may mean that "Dom Affonso V was the first King in this Kingdom who collected good *printed* books, and *augmented* the library in his palace *with them*." This explanation seems plausible and is perhaps more natural than the other. If there were Portuguese or Latin printed books in Portugal before 1487, it is more than likely that they may have been religious works, or books of devotion, and, as such, have been lost, like so many of those Dom Manuel dispatched, not only to Prester John, but to the Congo and the East. "Ruy Leite received various orders between July 6th, 1514, and March 13th, 1515, to make ready all that formed part of this precious gift to Prester John." The list of books (reproduced by Sousa Viterbo, *op. cit.* p. 8) includes, among many, the following curious items:

"a thousand *Cartinhas* (possibly horn-books or short catechisms) covered with vellum; twenty *Flos sanctorum*; thirty books of the lives of the martyrs, all in the vernacular; a hundred books of the life and passion of the martyrs, bound in boards half covered with leather; a hundred books of the destruction of Jerusalem, bound in vellum; a hundred copies of Resende's confessional, bound in vellum...."

This interesting enumeration ends with "a manuscript book on vellum illustrated through-

de mão ẽluminado todo de Images...(que) a Raynha mãda á molher do Preste"!

Ás vezes os livros perdidos tornam a apparecer, como aconteceu ao *Votivale Missarum*, incunabulo impresso por Valentim Fernandes em 1496, obra desconhecida de todos os bibliographos, e cujo unico exemplar foi ha bem poucos annos encontrado, e que hoje pertence ao Museu Britannico, onde o podémos examinar. Em outros casos, desapparecem quasi por completo os livros, como por exemplo: No catalogo da Livraria d'El-Rei D. Manuel (Viterbo, *ob. cit.* p. 20), lêmos no nº 71: "outro liuro da *Destroyçã de Jerusalem.*" Viterbo escreve a respeito d'esse numero:

"Devia ser obra impressa, porquanto do presente ao Preste João faziam parte cem livros da *Destruição de Jerusalem.* Commentando esta verba, opina Graça Barreto que com este nome se designaria vulgarmente a *Estoria do muy nobre imperador Vespasiano*, impressa em 1496 por Valentim de Moravia. Em hespanhol ha uma *Historia de la conquista de Orán y Jerusalen*, en coplas castellanas por Martin de Herrera. A Historia de Jerusalem começa *El gran rey Vespasiano.*"

Se com effeito o livro do qual D. Manuel enviou cem exemplares ao Preste João, e do qual possuia uma copia na sua Real Livraria, era a *Estoria de Vespesiano* impressa por Valentim Fernandes em 1496, como tudo parece indicar, a remessa de cem exemplares para a Ethiopia basta para explicar o facto, de hoje apenas se conhecer um unico e incompleto exemplar d'esse precioso incunabulo, na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

O que escrevemos, são conjecturas, licitas ao raciocinio perante certos factos, ou auxiliadas por alguns argumentos. Mas, não havendo provas, devemos considerar o *Commentario sobre o Pentateuco* de Moyses Ben Nahman como o primeiro livro impresso em Lisboa, sahido dos prelos do Rabbi Elieser em 1489. Segundo informações que muito amavelmente nos fôram fornecidas, sabemos pelos seus directores que

out with illuminated miniatures...which the Queen sends to Prester's wife"!

Sometimes these lost books reappear after many years of oblivion, as was the case with the *Votivale Missarum* printed by Valentim Fernandes in 1496. This book was unknown to all bibliographers, and the only existing copy of it, which is now in the British Museum, where we have examined it, was found only a few years ago. In other cases they disappear almost entirely, as happened with the *Estoria de Vespesiano.* In the catalogue of Dom Manuel's Library (Sousa Viterbo, *op. cit.* p. 20) we read under no. 71, "Another book of the Destruction of Jerusalem." Viterbo adds the following note:

"It must have been a printed work, for a hundred copies of the *Destruction of Jerusalem* formed part of the present to Prester John. Graça Barreto, who comments on this passage, is of opinion that this title must have been the common designation of the *Estoria do muy nobre imperador Vespasiano*, printed by Valentim de Moravia in 1496. In Spanish there is a *Historia de la conquista de Orán y Jerusalen en coplas castellanas* by Martin de Herrera. This History of Jerusalem begins *El gran rey Vespasiano.*"

If, as everything seems to indicate, the book of which Dom Manuel sent a hundred examples to Prester John, and of which he had a copy in his Royal Library, actually was the *Estoria do Vespesiano* printed by Valentim Fernandes in 1496, the sending of a hundred copies to Ethiopia is enough to explain the fact that to-day the only known copy of this precious incunable is the incomplete one in the Lisbon National Library.

Though the above conjectures, in view of certain facts, and sustained by various arguments, are perfectly reasonable, we have no definite proofs for what we have written, so we must consider Moses Ben Nahman's *Commentary on the Pentateuch*, 1489, as the first book printed in Lisbon, from Rabbi Eliezer's press. From information kindly sent to us by the directors, we know that there are complete copies of it in the

existem exemplares completos nas seguintes Bibliothecas: Museu Britannico; Bodleiana, Oxford; Cambridge University Library (dois exemplares, um completo, o outro ao qual faltam algumas folhas); Parma, R. Biblioteca Palatina; Staatsbibliothek, Berlin; Stadtbibliothek, Frankfurt am Main; Jüdisch-Theologisches Seminar, Breslau; e Bibliothèque Universitaire et Régionale, Strasbourg. Alem d'estes, Proença e Anselmo (*ob. cit.*) mencionam a existencia de exemplares nas Bibliothecas Nacionaes de Paris e Amsterdam; nas Bibliothecas de Upsala e Turin; no Mus. Asiat. de Petrogrado; E. N. Adler (Londres); Meyer Sulzberger (Philadelphia, dois exemplares); D[r] Chwolson e Barão Günzburg (Petrogrado); Livraria Rosenthal (Munich, dois exemplares).—O exemplar Adler, assim como os dois exemplares da Livraria Rosenthal, fôram vendidos.

É contudo notavel, que dos 95 exemplares conhecidos de incunabulos Hebraicos impressos em Portugal, 91 se encontrem no estrangeiro, emquanto que, dos 19 exemplares conhecidos de incunabulos Portuguezes, apenas um se encontre no estrangeiro (Raul Proença e Antonio Anselmo, *ob. cit.*).—Esta informação, escripta ha sete annos, já não está completamente exacta: conhecemos a existencia de tres exemplares de incunabulos Portuguezes no estrangeiro, alem do *Kaminto* de Madrid: um na Bibliotheca Huntington nos Estados Unidos da America—a *Vita Christi*—e dois na nossa Bibliotheca—a *Vita Christi* e o *Kaminto*.

Para nós, o grande valor d'esta obra, alem da sua raridade, é o de ser o primeiro livro conhecido impresso em Lisboa, o segundo em Portugal, no oitavo anno do reinado de D. João II.

following Libraries: British Museum; Bodleian Library, Oxford; Cambridge University Library (two copies, one complete, and the other wanting a few leaves); R. Biblioteca Palatina, Parma; Staatsbibliothek, Berlin; Stadtbibliothek, Frankfurt am Main; Jüdisch-Theologisches Seminar, Breslau; and the Bibliothèque Universitaire et Régionale, Strasbourg. Besides these, Proença and Anselmo (*op. cit.*) mention the existence of copies in the National Libraries of Paris and Amsterdam; in the Libraries of Upsala and Turin; in the Asiatic Mus. of Petrograd; E. N. Adler (London); Meyer Sulzberger (Philadelphia, two copies); Dr Chwolson and Baron Günzburg (Petrograd); Freimann (now in the Hebrew Union College, Cincinnati).

It is however notable that out of the ninety-five known copies of Hebrew incunables printed in Portugal, ninety-one were to be found outside Portugal, while of the nineteen known copies of Portuguese incunables only one was abroad (R. Proença and A. Anselmo, *op. cit.*). This information, written seven years ago, is no longer strictly accurate: we know of the existence outside Portugal of three incunables in Portuguese besides the *Kaminto* at Madrid: the *Vita Christi* in the Henry E. Huntington Library in the United States of America, and the *Vita Christi* and *Kaminto* in our own Library.

Apart from its rarity, the great value of this book in our eyes is that it is the earliest known work printed in Lisbon, and the second to be published in Portugal, in the eighth year of the reign of Dom João II.

4 DAVID ABUDRAHIM, SEFER ABUDRAHIM.

Commentario sobre a Ordem das Orações. Lisboa, Rabbi Elieser Toledano, 1489.

David Abudrahim. "Sefer Abudrahim" (em hebreu)—O Livro de Abudrahim. Sendo um commentario sobre a ordem das orações durante o anno.

Lisboa, sem nome do impressor, mas impresso por Rabbi Elieser Toledano na Lua Nova do mez de Tebet (5) 250, quer dizer a 25 de Novembro de 1489.

Primeira edição.

Folio—170 folhas—impresso em caractéres Rabbinicos hespanhoes; principios das secções, capitulos e orações em grandes caractéres hebraicos hespanhoes quadrados—34 e 35 linhas—2 columnas—assignaturas em hebreu—inicial gravada na primeira pagina que é enquadrada de tarjas finamente gravadas.

Numeração dos cadernos:

ב^{1} (fl. 2), ג^{1}, ד^{1}, ה^{6}, ו^{1}, ז^{1}, ח^{1}, ט^{5}, י^{1}, יא^{1}, יב^{1}, יג^{5}, יד^{1}, טו^{1}, יו^{1}, יז^{5}, יח^{1}, יט^{1}, כ^{1}, כא^{5}, כב^{1}, כג^{1}, כד^{1}, כה^{5}, כו^{1}, כז^{1}, כח^{1}, כט^{5}, ל^{1}, לא^{1}, לב^{1}, לג^{5}, לד^{1}, לה^{1}, לו^{1}, לז^{5}, לח^{1}, לט^{1}, מ^{1}, מא^{5}, מב^{1}, מג^{1}, מד^{4}, מג^{1}, מד^{1}, מה^{1}, מו^{5}, מז^{1}, מח^{1}, מט^{1}, נ^{5}, נא^{1}, נב^{1}, נג^{1}, נד^{5}, נה^{1}, נו^{1}, נז^{1}, נח^{5}, נט^{1}, ס^{1}, סא^{1}, סב^{5}, סג^{1}, סד^{1}, סה^{1}, סו^{5}, ע^{1}, סח^{1}, סט^{1}, ע^{5}, עא^{1}, עב^{1}, עג^{1}, עד^{5}, עה^{1}, עו^{1}, עז^{1}, עח^{5}, עט^{2}, פ^{1}, פא^{1}, פב^{6}.

Encadernação de marroquim vermelho.

David Abudrahim. "Sefer Abudrahim" (in Hebrew)—The Book of Abudrahim. Being a commentary on the Synagogue liturgy for the whole year.

Lisbon, without printer's name, but printed by Rabbi Eliezer Toledano on the New Moon of the month of Tebet (5) 250, that is on the 25th of November, 1489.

First edition.

Folio—170 leaves—text in Spanish Rabbinic Hebrew type, some single words in large Spanish square Hebrew type—double columns—34–35 lines to a full page—with signatures in Hebrew—fine border surrounding the text on the first page and fine large initial on first page.

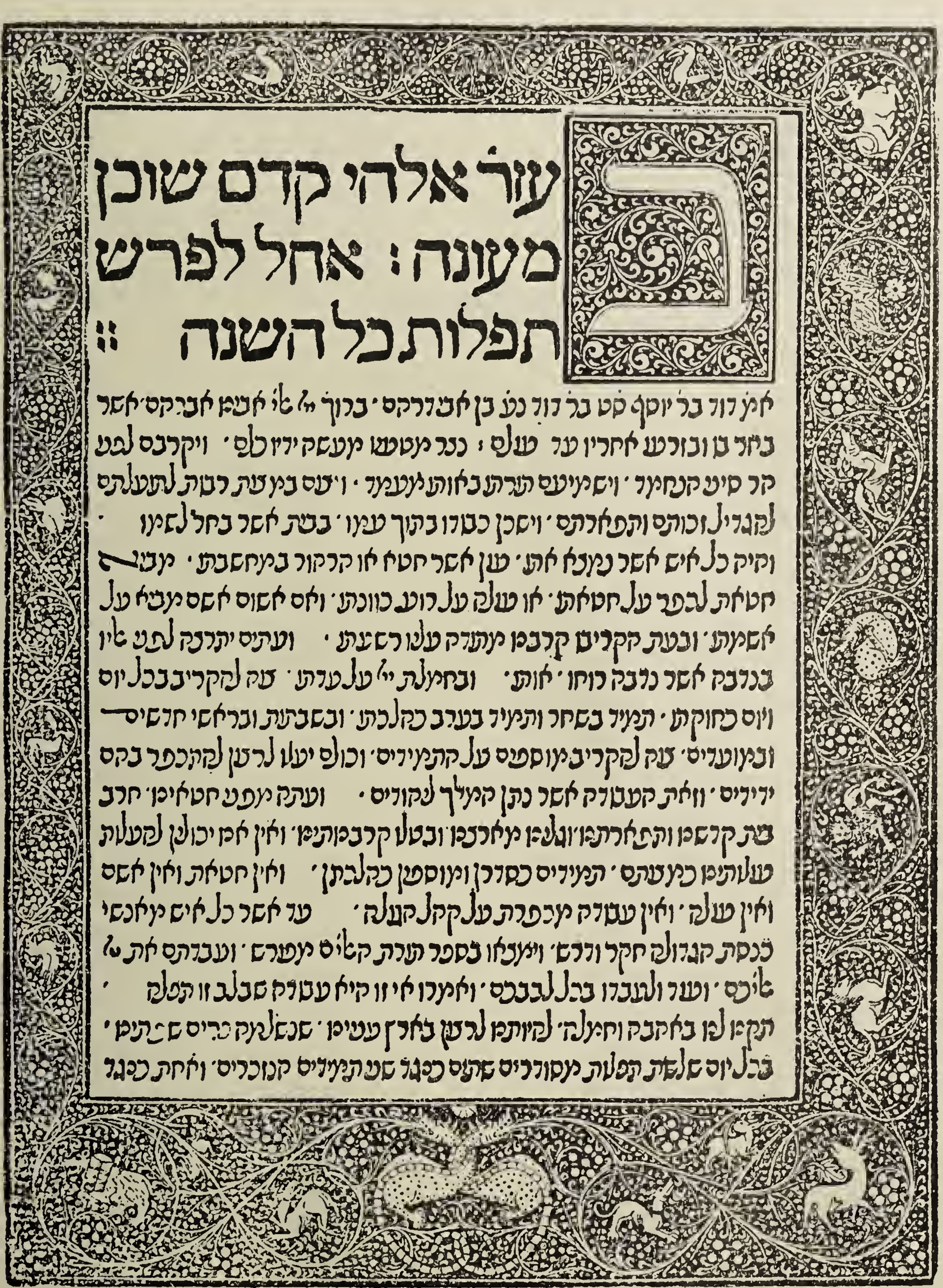
Collation by signatures:

ב^{1} (fl. 2), ג^{1}, ד^{1}, ה^{6}, ו^{1}, ז^{1}, ח^{1}, ט^{5}, י^{1}, יא^{1}, יב^{1}, יג^{5}, יד^{1}, טו^{1}, יו^{1}, יז^{5}, יח^{1}, יט^{1}, כ^{1}, כא^{5}, כב^{1}, כג^{1}, כד^{1}, כה^{5}, כו^{1}, כז^{1}, כח^{1}, כט^{5}, ל^{1}, לא^{1}, לב^{1}, לג^{5}, לד^{1}, לה^{1}, לו^{1}, לז^{5}, לח^{1}, לט^{1}, מ^{1}, מא^{5}, מב^{1}, מג^{1}, מד^{4}, מג^{1}, מד^{1}, מה^{1}, מו^{5}, מז^{1}, מח^{1}, מט^{1}, נ^{5}, נא^{1}, נב^{1}, נג^{1}, נד^{5}, נה^{1}, נו^{1}, נז^{1}, נח^{5}, נט^{1}, ס^{1}, סא^{1}, סב^{5}, סג^{1}, סד^{1}, סה^{1}, סו^{5}, ע^{1}, סח^{1}, סט^{1}, ע^{5}, עא^{1}, עב^{1}, עג^{1}, עד^{5}, עה^{1}, עו^{1}, עז^{1}, עח^{5}, עט^{2}, פ^{1}, פא^{1}, פב^{6}.

Bound in red morocco.

O *Commentario sobre a ordem das orações* de David Abudarham, ou Abudrahim, cujo nome completo é David ben José ben David, sahiu dos prelos de Rabbi Elieser em Lisboa (ver o *Commentario sobre o Pentateuco* de Moyses Ben Nahman), na lua nova do mez de Tebet (5) 250, quer dizer a 25 de Novembro de 1489, sendo o terceiro livro conhecido impresso em Portugal, e o segundo na Capital. Segundo informações que muito amavelmente nos fôram fornecidas pelos seus directores, sabemos da existencia de exemplares completos nas seguintes Biblio-

David Abudarham, or Abudrahim's *Commentary on the Synagogue Liturgy* was published by Rabbi Eliezer (see Moses Ben Nahman's *Commentary on the Pentateuch*), in Lisbon, on the New Moon of the month of Tebet (5) 250, that is, on the 25th of November, 1489, and it is the third known book printed in Portugal and the second in the Capital. From information very kindly sent to us by the directors, we know that there are complete copies in the following Libraries: British Museum; Bodleian Library, Oxford;



ברוך אלהי קדם שוכן מעונה: אחל לפרש תפלות כל השנה ::

3 Primeira pagina do Sefer Abudrahim
First page from Sefer Abudrahim
Lisboa, 1489

נשלם פירוש הברכות והתפלות ·   בעזרת הא-ל אשר לו נתכנו עלילות ·
וחברתיו אני [illegible] ·   בשנת חמשת אלפים ומאה לבריאה ·
ואומר לשם אשר על רחמיו אני נשען ·   בריך רחמנא דסייען מרים ועד כען ·
השם ברחמיו יחמול עלינו בחמלתו ·   ויספיק עלינו כל ברכותיו ·
ללכת בדרכו וליראה ה' אותו ·   ונזכה לימות המשיח ולטובתו ·
ולחיי העולם הבא עם עמו ונחלתו ·   ויראנו נפלאות מתורתו ·
ויזכנו לעבודתו ולמקדשו ··

נברך שם כבוד מורא תהלות ·   שהוא שבא להתחיל כל התחלות ·
והוא קדמון ואין לו קץ ותכלה ·   והוא ראשון והוא מורא עלילות ·
והוא עוזר לכל עושי רצונו ·   והוא סומך ומקים כל נופלות ·
שרמז ברוב שכר להשלמים ·   כחפצו פירוש סידור תפלות ·
אשר חיבר גדול דעה ושכל ·   אבודרהם בכמו אב למעלות ·
בחיבור זה יפרש הדברים ·   כפי סדרם בענינם סלולות ·
עשוי בדפוס כמו [illegible] ·   בקבוצות ישרות גם מעולות ·
אשר נשלם בו ברוא מאורות ·   גדול כח להאיר כל אפלות ·
והחדש לישראל לטובה ·   שמו טבת אשר ארוך בגלות ·
שנת [illegible] ·   ודקדק באותיות מנגלות ·
בלשבונה בתבה יש קהלות ·   לעשר ואם לכל ראשי קהלות ·
חכמים בה וגם ראשי ישיבות ·   וכל טובות בתוכם קם כלולות ·
בבית חסיד ירא [illegible] וחכם ·   אישר שמו רב [illegible] פעולות ·
אשר עוזר למי יושב בגולה ·   וגם מדות בשם קטוב גדולות ·
והאותו להרבות בספרים ·   אשר אין קץ למספרם בגלות ·
ללומדים לכל חפץ ולקוראים ·   להודות אל ובלבבם מסלות ·
ישלם אל שכר טובו ויושרו ·   וגם תמיד יקבל רוב גמולות ·
ובזכותו אוי נזכה לגאולה ·   כמו זה בראשית קבולות ·
ואז נשיר בשיר חדש בבית אל ·   במו ספר וגם בכתב מגלות ·
יגדל כם ויחיש קץ לגלות ·   לברך שם כבוד מורא תהלות ·

4 Colophon do Sefer Abudrahim
Colophon from Sefer Abudrahim
Lisboa, 1489

thecas: Museu Britannico; Bodleiana, Oxford; R. Biblioteca Palatina, Parma; Stadtbibliothek, Frankfurt am Main. Proença e Anselmo (*Bibliografia dos Incunábulos Portugueses*) mencionam os seguintes exemplares: B. M. do Porto; B. N. de Paris; B. N. de Amsterdam; Mus. Asiat. de Petrogrado; Univ. de Columbia; Dr Chwolson, Petrogrado; Meyer Sulzberger, Philadelphia; E. N. Adler, Londres; Freimann (que se encontra agora no Hebrew Union College, Cincinnati). A esta lista devemos accrescentar o magnifico exemplar, completo e n'um bello estado de conservação, que possuimos.

O Dr Kaufmann Kohler (*Jewish Encyclopedia*, vol. 1, p. 138) diz-nos que Abudarham viveu em Sevilha, pouco mais ou menos em 1340, e que

"he belonged to the class of writers who, in an age of decline, felt the need of disseminating in popular form the knowledge stored up in various sources of rabbinical literature, and thus obtained a well-deserved fame."

Foi esse desejo que o levou a escrever a presente obra—para a qual reuniu todo o material que poude colligir—onde explica a ordem das orações durante o anno, juntando-lhe uma exposição systematica do calendario hebraico, para melhor elucidação dos seus commentarios. Na ultima parte do seu livro, Abudarham trata das differentes Bençães, taes como as que se devem celebrar antes e depois das comidas. E o ultimo paragrapho "quite characteristically contains the rules regarding the cutting of nails" (Dr Kaufmann Kohler, *loc. cit.*), accrescentando o mesmo auctor que a primeira edição d'este *Commentario* foi impressa em Lisboa em 1489, a segunda em Constantinopla em 1513, a terceira e a quarta em Veneza em 1546 e 1556, havendo mais cinco edições, das quaes a ultima foi publicada em Varsovia em 1877. Contudo, existe uma outra edição, descoberta ultimamente, impressa em Fez em 1516 por Judeus refugiados de Portugal, que

R. Biblioteca Palatina, Parma; Stadtbibliothek, Frankfurt am Main. Proença and Anselmo (*Bibliografia dos Incunábulos Portugueses*) mention the following copies: Municipal Library, Oporto; National Library, Paris; National Library, Amsterdam; Asiatic Mus. of Petrograd; Columbia University Library; Dr Chwolson, Petrograd; Meyer Sulzberger, Philadelphia; E. N. Adler, London; Freimann (now in the Hebrew Union College, Cincinnati). To this list must be added our own magnificent copy, which is complete and in a perfect state of preservation.

Dr Kaufmann Kohler (*Jewish Encyclopedia*, vol. 1, p. 138) tells us that Abudarham, whose full name was David Ben Joseph Ben David Abudarham, lived in Seville in about 1340 and that

"he belonged to the class of writers who, in an age of decline, felt the need of disseminating in popular form the knowledge stored up in various sources of rabbinical literature, and thus obtained a well-deserved fame."

It was this desire that led him to write the present work explaining the Hebrew order of worship throughout the year; and for its composition he made use of all the works he could obtain about the Jewish observances. For the clearer elucidation of his commentary he includes a systematic exposition of the Hebrew calendar. In the latter part of his book, Abudarham treats of the different Benedictions, such as those to be recited before and after meals; and "the closing paragraph quite characteristically contains the rules regarding the cutting of nails," as Dr Kaufmann Kohler (*loc. cit.*) remarks, adding that the first edition of this *Commentary* was printed in Lisbon in 1489, the second in Constantinople, 1513, and the third and fourth in Venice in 1546 and 1556, and that these were followed by five more editions, the last of which was published in Warsaw in 1877. However another edition has recently been discovered, printed at Fez in 1516 by Jewish refugees from

é, póde dizer-se, uma copia da edição de Lisboa de 1489.

Nas *Memorias de Litteratura da Academia* (tomo VIII, pp. 35 e 36) Ribeiro dos Santos deu-nos algumas informações a respeito do *Commentario sobre a ordem das orações*:

"He uma obra Liturgica em Hebraico, em que se contem huma completa exposição das preces Judaicas, que Rabbi David havia composto em Sevilha...he huma edição elegantissima, e em duas columnas, em caracter Rabbinico Hespanhol; mas os principios das Secções, Capitulos, e Orações são formados com letras maiusculas, quadradas de extrema formosura: consta esta obra de 170 folhas, e acabada com dois poemas, hum de doze versos feito pelo mesmo Author, que n'elles attesta haver composto aquella obra em Sevilha no ano 5100 da Creação do Mundo; outro de quarenta versos, em que se dá a obra por impressa em Lisboa, e se chama a Synagoga, que está em meio della, *a fortaleza, e a Mai de todas as principaes Synagogas.*"

Na *Jewish Encyclopedia* (vol. VIII, p. 107) J. Jacobs escreve ácerca da typographia hebraica em Lisboa, onde, após a impressão do *Commentario* de Nahmanides nos prelos de Elieser Toledano em 1489, e de dois outros livros no anno seguinte, "Eliezer Alantansi, who had a printing-press also at Ixar (Hijar), printed the 'Abudarham' at Lisbon...." Nenhum outro escriptor, de que tenhamos conhecimento, attribue a Elieser Alantansi, a impressão do "Abudarham." A data da impressão d'este livro tem sido discutida por diversos auctores, attribuindo-lhe uns, o anno de 1489, e outros, o de 1495. A esse respeito escreve Moses Bensabat Amzalak (*A Tipografia Hebraica em Portugal no seculo quinze*, 1922, p. 26):

"O sr. Artur de Carvalho nos seus dois livros: *Catalogo das obras do século* XV *pertencentes á Biblioteca Municipal do Porto,* e *Os Incunábulos da Biblioteca Pública do Porto* afirma que esta edição é de 1495; idêntica opinião é a de Ribeiro dos Santos; porém, depois dos estudos de Haebler e

Portugal, which closely resembles that printed in Lisbon in 1489.

Ribeiro dos Santos gives us some information about the *Commentary on the Synagogue Liturgy* in the *Memorias de Litteratura da Academia* (vol. VIII, pp. 35 and 36):

"It is a liturgic work in Hebrew, which Rabbi David had composed in Seville, and it contains a complete exposition of the Jewish prayers....It is a most elegant edition printed in Spanish rabbinic type in double columns; but the beginnings of the Sections, Chapters and Prayers are printed in square capitals of extreme beauty: this work occupies 170 leaves, and ends with two poems, one, by the Author himself, is twelve verses long and attests that he composed the work in Seville in the year 5100 after the Creation of the World; in the other, which is in forty verses, we are told that the work was printed in Lisbon, and the Synagogue in the centre of that city is called *the fortress, and the Mother of all the chief Synagogues.*"

J. Jacobs writes about Hebrew printing in Portugal in the *Jewish Encyclopedia* (vol. VIII, p. 107), and after mentioning the printing of Nahmanides' *Commentary* by Eliezer Toledano in 1489, and two other books published in the following year, he says: "Eliezer Alantansi, who had a printing-press also at Ixar (Hijar), printed the 'Abudarham' at Lisbon...." As far as we know, no other writer has attributed the impression of "Abudarham" to Eliezer Alantansi. There has been some discussion as to the date when this work was printed; some writers give the year as 1489 and others as 1495. Moses Bensabat Amzalak refers to the subject in *A Tipografia Hebraica em Portugal no seculo quinze,* 1922 (p. 26), saying:

"Arthur de Carvalho affirms, both in the *Catalogo das obras do século* XV *pertencentes á Biblioteca Municipal do Porto* and *Os Incunábulos da Biblioteca Pública do Porto,* that this edition should be dated 1495; the same opinion is held by Ribeiro dos Santos; however, Haebler's studies and the researches of other authors have

de outros investigadores chega-se á conclusão que nós seguimos, isto é que a data da impressão é a que indicamos acima (1489). Seguiram também esta opinião os distintos bibliotecários da B. N. de Lisboa, srs. Proença e Anselmo."

Apenas para confirmar o que Amzalak escreveu, diremos que temos perante nós cartas da Bibliotheca Bodleiana d'Oxford, da Stadtbibliothek de Francfort e da Biblioteca Palatina de Parma, pelas quaes fomos muito amavelmente informados, em resposta a perguntas que lhes haviam sido dirigidas, que os seus exemplares do livro de Abudrahim, *Lisboa, 1489*, se encontravam completos. É especialmente interessante a carta do Director da Bibliotheca de Parma, que gentilmente nos communica que o exemplar do *Commentario das Orações, Avudraam, Comment. precum, fol. Ulyssip. 1489*, pertenceu ao illustre orientalista G. B. De Rossi, e que a sua collecção de manuscriptos e livros, especialmente hebraicos, foi comprada em 1826, pela Bibliotheca de Parma a Maria Luiza d'Austria, Duqueza de Parma. Como já vimos, o Dr Kaufmann Kohler (*loc. cit.*) diz simplesmente: "The first edition appeared in Lisbon 1489...." Crêmos pois, que não deve haver duvidas ácerca da data da impressão.

A primeira pagina tem uma bella tarja, absolutamente oriental, parecendo um tapete persa, representando animaes, uns verdadeiros, outros imaginarios. A origem d'essa tarja é curiosa, pois já a encontramos no *Manuale Caesaraugustanum*, impresso em Hijar, cerca de 1487, por Alfonso Fernandez de Cordoba (Haebler, *Geschichte des Spanischen Frühdruckes*, 1923, p. 37).

É nos impossivel nas nossas notas analysar este interessante assumpto, que Haebler (*ob. cit.*), não só estudou detalhadamente, mas resolveu com grande clareza, no seu magnifico livro (ver pp. 23 a 39 e especialmente pp. 36, 37, 38 e 39). Depois de expôr as origens de Alfonso Fernandez de Cordoba, os seus trabalhos e as suas relações com os outros impressores, Vizlant e Gabriel de Arinyo em Valencia e Murcia, e com os Judeus

led to the conclusion with which we agree, namely, that the date of impression is the one we indicate above (1489). This opinion is also followed by Anselmo and Proença, the distinguished librarians in the Lisbon National Library."

In confirmation of Amzalak's statement, we would say that we have before us letters from the Bodleian Library, Oxford, the Stadtbibliothek, Frankfort, and the R. Biblioteca Palatina, Parma, which have been most amiably sent in reply to questions, and state that the respective copies of Abudrahim's book, *Lisbon, 1489*, are complete. The letter from the director of the Parma Library is especially interesting, for in it we learn that the Parma copy of the Commentary, *Avudraam, Comment. precum, fol. Ulyssip. 1489*, belonged to the famous Orientalist, G. B. De Rossi, whose collection of manuscripts and books, especially in Hebrew, was bought for the Library in 1826 from Marie-Louise of Austria, Duchess of Parma. As we have already stated, Dr Kaufmann Kohler (*loc. cit.*) simply says: "The first edition appeared in Lisbon in 1489...." We therefore consider that there can be no doubt as to the date of the printing of the book.

The first page has a beautiful border, very Oriental in style and somewhat resembling a Persian carpet, where different animals, some real and some imaginary, are depicted. The origin of this border is curious, for we find it already in the *Manuale Caesaraugustanum* printed at Hijar, *circa* 1487, by Alfonso Fernandez de Cordoba (Haebler, *Geschichte des Spanischen Frühdruckes*, 1923, p. 37).

Haebler studies this interesting subject in detail (*op. cit.* pp. 23–39, and especially pp. 36–39), and resolves the problem with great lucidity; but in these notes we can give no more than a few general indications. After speaking of the origins of Alfonso Fernandez de Cordoba, of his works, and his relations with other printers: Vizlant and Gabriel de Arinyo in

Salomão Zalmati e Elieser Alantansi em Hijar, mostra-nos Haebler saber-se, por um documento de 1483, que n'essa data Cordoba já estava relacionado com Zalmati, um dos seus protectores para quem trabalhou, sendo importante de notar que Cordoba fabricava, talvez ao mesmo tempo, typo gothico para Vizlant e Arinyo, e hebraico para Zalmati. O *Manuale Caesaraugustanum*, que nos interessa especialmente por causa da tarja identica á do livro de Abudarham, fôra encommendado para o uso da diocese de Saragoça, sendo curioso que fôsse impresso em Hijar, por um impressor que tinha relações intimas com Zalmati, para quem, como vimos, fabricava typo hebraico. Ainda é mais curioso, que esse *Manuale* "ſiue pratica miniſtrandi ſacramēta ſecundum ordinē ſancte eccleſie ceſerauguſtane, et per totam ei⁹ dyoceſim," impresso em caractéres gothicos, ostente na sua primeira pagina uma tarja oriental, que pouco tempo depois, um impressor hebreu, o Rabbi Elieser, emprega na primeira folha do *Commentario* de Abudarham, em Lisboa. Sem duvida, essa linda tarja foi gravada em metal por Fernandez de Cordoba para Zalmati; e como diz Haebler (*ob. cit.* p. 39),

"Die orientalische Bordüre dieses Druckes (o *Manuale*) weist aber darauf hin, dass Cordoba und Zalmati nicht ausschliesslich christliche Bücher gedruckt haben, sondern dass sie auch eine hebräische Druckerei an der Hand gehabt haben, und dass das eben die des Elieser Alantansi in Hijar gewesen sein wird."

Como vimos no nosso estudo sobre o *Commentario* de Moyses Ben Nahman, o primeiro livro hebraico impresso em Hijar sahiu dos prelos de Elieser Alantansi em 1485. Haebler (*ob. cit.* pp. 39 a 50), ácerca das impressões hebraicas na peninsula, diz-nos a proposito ainda de Fernandez de Cordoba e da typographia de Hijar:

"Cordobas Verbindung mit den Juden, wenn anders sie die Ursache des über ihn verhängten Todesurteils ist, hat aber wesentlich früher be-

Valencia and Murcia, and the Jews Solomon Zalmati and Eliezer Alantansi in Hijar, Haebler shows that, from a document of 1483, it is known that at this date Cordoba was already connected with Zalmati, who was one of his protectors, and for whom he worked. It is important to note that Cordoba made, perhaps simultaneously, Gothic type for Vizlant and Arinyo, and Hebrew for Zalmati. The *Manuale Caesaraugustanum*, which interests us particularly, because it has the same border as appears in Abudarham's book, was ordered for the use of the diocese of Saragossa; it is curious that it should have been printed in Hijar, by a printer who had intimate relations with Zalmati, and even made Hebrew type for him. It is still more curious that this *Manuale* "ſiue pratica miniſtrandi ſacramēta ſecundum ordinē ſancte eccleſie ceſerauguſtane, et per totam ei⁹ dyoceſim," printed in Gothic letter, should display on its first page an Oriental border, which was used shortly afterwards by a Hebrew printer —Rabbi Eliezer—in Lisbon, on the first page of Abudarham's *Commentary*. There is no doubt that this beautiful border was engraved on metal by Fernandez de Cordoba for Zalmati; and as Haebler (*op. cit.* p. 39) says:

"Die orientalische Bordüre dieses Druckes (the *Manuale*) weist aber darauf hin, dass Cordoba und Zalmati nicht ausschliesslich christliche Bücher gedruckt haben, sondern dass sie auch eine hebräische Druckerei an der Hand gehabt haben, und dass das eben die des Elieser Alantansi in Hijar gewesen sein wird."

As we saw in our notes on Moses Ben Nahman's *Commentary*, the first Hebrew book printed in Hijar was issued from Eliezer Alantansi's press in 1485. Haebler (*op. cit.* pp. 39–50), writing about Hebrew publications in the Peninsula, tells us more about Fernandez de Cordoba and the Hijar printing-press:

"Cordobas Verbindung mit den Juden, wenn anders sie die Ursache des über ihn verhängten Todesurteils ist, hat aber wesentlich früher be-

gonnen; der Druck-Apparat für die Hijar-Drucke, deren erster schon vom Herbst 1485 datiert ist, mag also vielleicht schon vor dem Valencianer Initial-schmuck entstanden sein."

O Rabbi Elieser trabalhou nos seus prelos em Lisboa, com material vindo de Hijar, e no *Commentario* de Abudarham vêmos lettras capitaes que são no estylo das de Fernandez de Cordoba; mas a melhor prova de que assim aconteceu, é que a tarja do livro hebraico de Lisboa impresso em 1489, é a mesma do *Manuale Caesaraugustanum*, impresso em caractéres gothicos, por Fernandez de Cordoba, cerca de 1487, em Hijar. Esse facto, tão nitidamente exposto por Haebler, augmenta, sob o ponto de vista bibliographico, o valor d'esta edição princeps, já de si tão rara, que apresentamos: ao mesmo tempo é uma explicação que demonstra a forma como, pelo menos em grande parte, foi introduzida em Lisboa a typographia hebraica, iniciada na Capital pelo Rabbi Elieser.

gonnen; der Druck-Apparat für die Hijar-Drucke, deren erster schon vom Herbst 1485 datiert ist, mag also vielleicht schon vor dem Valencianer Initial-schmuck entstanden sein."

Rabbi Eliezer worked in his press at Lisbon with material from Hijar, and in Abudarham's *Commentary* we find capital letters very similar in style to those used by Fernandez de Cordoba; but the most conclusive proof that this happened is that the border in the Hebrew book printed in Lisbon in 1489 is identical with the one used in the *Manuale Caesaraugustanum*, printed in Gothic letter by Fernandez de Cordoba at Hijar in about 1487. This fact, which is so clearly demonstrated by Haebler, adds greatly, from the bibliographical point of view, to the value of the rare first edition we describe; at the same time it explains, to a certain extent at least, how Hebrew typography was introduced in Lisbon, where the first printing-press was set up by Rabbi Eliezer.



5 Gravura no verso das folhas do rosto da *Vita Christi*. Woodcut on back of titles of the *Vita Christi*. Lisboa, 1495

5 [LUDOLPHO DE SAXONIA.] FR. BERNARDO DE ALCOBAÇA, VITA CHRISTI.

Lisboa, Valentim Fernandes e Nicolau de Saxonia, 1495.

LIVRO I.

A primeira parte | do liuro de uita xp̃i.

Por cima as Armas Reaes, e as da Rainha Dona Leonor[1].

[fl. j vo.]

Gravura de Nosso Senhor crucificado, com Nossa Senhora e S. João, e dois anjos: por baixo gravura que representa El-Rei D. João II e a Rainha D. Leonor com figuras da côrte ajoelhadas em adoração[2].

fl. ij. Prohemial epiſtola ao ſereniſſimo | principe ⁊Rey potentiſſimo ⁊ ſenhor | dom Ioham oſegundo Rey de por- | tugal ⁊ dos algarues daquẽ ⁊ dalem | mar em affrica Senhor de guynee di | rigida. prepoſta em alectura da vida | de xp̃o. per ordenãça ⁊ mandado da | muy eſclareçida de ſangue ⁊ virtudes | ⁊ antre as prinçeſas da criſtandade | yllŭſtriſſima ſenhora Raynha dona | Lyanor ſua muy virtuoſa molher jn- | preſſa pellos honrrados meeſtres ⁊ | empreſſores feliçemente ſe começa. [...]

fl. iij. [...] Acabaſe aprohemial epiſtola di | rigida pellos jmprimedores ao | ſereniſſimo principe ⁊ Rey potẽ | tiſſimo ⁊ Senhor dom Ioham | ho ſegũdo Rey de portugal ⁊c.

fl. iij vo. Aqui ſe começa oprologo ſobre to | do oliuro intitulado de vida de xp̃o. ſ. | ſobre todas as quatro partes. Feito | per ohonrrado ⁊ muy relligioſo fra- | de Ludolfo da muy excelltẽe [sic] ordem | da cartuxa em amuj nobre cidade de | argentina. feliçemente. [...]

fl. vij vo. [...] Acabaſe oprologo ſobre todo oliuro in- | titullado de vida de xp̃o. ſ. ſobre todas as q̃ | tro partes. feyto per ho hõrrado ⁊ muy re- | ligioſo frade Ludolffo da muy exçellente or | dem da cartuxa em argẽtina. E ſeguese ata | uoa ou as rubricas da primeyra parte ou li | uro de vita xp̃i.

[fl. 1] Aqui ſe começam as rubricas dos | capitollos daqueſta primeyra parte | do liuro de vida de xp̃o que tracta da | encarnaçom de noſſo ſenhor. [...]

[fl. 1 vo.] [...] Acabaſe atauoa ou as rubricas ꝺſta pri- | meyra parte do liuro inti- tulado de vita xp̃i | E ſeguese o dicto primeyro liuro ou primey | ra parte.

[fl. 2] Começa ſe oliuro da vida de jheſu | chriſto nom aquelle que ſe chama da | minjçe doſaluador oqual he apocriſo | xv. di. mas eſte que compos ho vene- | rable meeſtre Ludolfo prior do moe | ſteyro muy honrrado de Argentina. | da ordem muy excellente da Cartuxa | Foe tyrado ⁊ ordenado ſegundo ha | ordem da eſtoria euangelical ⁊ enten | çam dos ſanctos doutores. [...] Capitollo .j. [...]

Pagina enquadrada por tarjas[3].

fl. clxxxv (aliás 192) [...] Fym da primeyra parte. | Deo gracias.

[1] *Above are the Royal Arms of Portugal and those of Queen Leonor.*

[2] *Woodcut of Our Lord crucified, with Our Lady and St John at the foot of the Cross, and two angels: below is a woodcut representing King João II and Queen Leonor with some courtiers kneeling in adoration.*

[3] *Page surrounded by a woodcut border.*

fl. clxxxv vo. (aliás 192 vo.).

Gravura do Pelicano, divisa d'El-Rei D. João II com o moto POLA : LEI · EPOLAGREI · *e ao lado gravura da Rêde (ás vessas), divisa da Rainha D. Leonor*[1].

Acabaſe ho primeyro liuro intitullado de vida de xp̃o em lingoagem portugues. Nom a | quelle que ſe chama da mininiçe do ſaluador ho qual he apocriffo .xv. di. Mas eſte que com | pos ho venerable meeſtre ludolfo prior do moeſteyro muy honrrado de argẽtina. da ordem | muy excellente da cartuxa. ⁊ foy tyrado ſegũdo aordem da hyſtoria euangelical. O qual mã | dou treſladar de latym em lingoagem portugues amuyto alta prinçeſſa infante dona yſabel | duqueſſa de coymbre. ⁊ ſenhora de monte moor. Ao muy pobra [sic] de virtudes dom abade do | moeſteyro de ſam paullo. E foy corregido ⁊ reuiſto com muyta dilligẽcia por os reuerendos | padres da ordem de ſam franciſco de emxo- bregas de obſeruãçia chamados menores. E foy | emp̃ſſo em amuy nobre ⁊ ſempre leal çidade de Lixboa. aprincipal dos regnos de portugal. | Per hos hõrrados meeſtres ⁊ parçeyros Nicolao de ſaxonia. ⁊ Valẽtyno de moravia. por | mandado do muy ylluſtriſſimo ſenhor el Rey dom Ioham ho ſegũdo. E da muy eſclareſçi- | da Raynha dona Lyanor ſua molher. A louuor ⁊ gloria de noſſo ſenhor jheſu xp̃o noſſo ds | ⁊ redemptor ⁊ da ſua intemerada ⁊ ſempre virgem madre glorioſa ſancta maria. em cujo no | me ⁊ louuor ho dicto liuro foe ⁊ he cõpoſto. cujo louuor ⁊ gloria regne em ſeus fiees xp̃aãos | pera ſempre amen. Em no anno do naſcimento do dicto ſaluador de Mill ⁊ quatroçentos ⁊ | nouenta ⁊ cinco. A .xiiij. do mes de agoſto.

Por baixo, marca dos impressores com as iniciaes N (*Nicolau*) *e* V (*Valentim*), *e em redor a legenda*[2]:

Ne proijcias [sic] me in tem | pore ſenectutis cum defecerit virtus | mea ne derelinquas me. | Adiuua nos deus ſalutaris noſter.

LIVRO II.

A ſegunda parte | do liuro de uita xp̃i. *Por cima as mesmas armas que no primeiro livro*[3].

[fl. j vo.] *As mesmas gravuras do primeiro livro*[4].

fl. ij. Começa ſe oliuro ſegũdo intitulla- | do de vida de xp̃o em lingoagẽ portu | gues. em q̃ tracta ho q̃ fez oſenhor em | ho triçeſimo ſegũdo ãno. ſegũd ſe con | tem na hyſtoria euãgelica. Capitollo | primeyro [...] *Pagina enquadrada por tarjas*[5].

fl. lxxxviij. [...] Acabaſe ho ſegũdo liuro intitullado de vi | da de xp̃o em lingoagẽ portugues em q̃ tra | cta q̃ oſenhor fez em .xxxij. anno. por manda | do do muy ylluſtriſſimo ſenhor elRey dom | Ioham. E da muy eſclareçida ſenhora Ra | ynha dona Lyonor ſua molher. E emp̃ſſo | em a muy nobre çidade de Lixboa per Ny | colao de ſaxonia. ⁊ Valentyno de moravia | parçeyros. Anno de mill q̃troçẽtos nouẽta | ⁊ cinco. a .vij. dias do mes deſetembro.

[1] *Woodcut of the Pelican, Dom João II's device, with the motto* Pola lei e pola grei; *and beside it a woodcut used upside down of Dona Leonor's device, the Fishing-net.*

[2] *Below is the printers' mark with the initials N* (*Nicolau*) *and V* (*Valentim*), *and surrounded by the legend.*

[3] *Above are the same coats of arms as appear in the first book.*

[4] *The same woodcuts as in the first book.*

[5] *Page surrounded by a woodcut border.*

fl. lxxxviij vo. Aqui ſe começã as rubricas dos ca | pitollos daqueſta ſegũda parte do li- | uro de vida de xp̃o q̃ cõtem ho q̃ fez o | ſenhor no .xxxij. annos. [...]
Por baixo gravuras do Pelicano e da Rêde[1].

LIVRO III.

A terceira parte | do liuro de uita xp̃i. *Por cima as mesmas armas que no primeiro livro*[2].

[fl. j vo.] *As mesmas gravuras do primeiro livro*[3].

fl. ij. Aqui ſe começa oliuro terçeyro in- | titullado vida de xp̃o ſegũdo ahyſto- | ria euãgelical. Capitollo primeiro [...]

fl. cxxiij vo. [...] Laus deo. | Aqui ſe começam hos capitollos | ou rubricas deſta terçeyra parte do | liuro intitullado de vida de xp̃o. [...]

fl. cxxiiij. [...] Fym da tauoa.

fl. cxxiiij vo. [...] Acabaſe aterçeyra parte ou liuro terçeyro intitulado de vida de xp̃o em lingoagem por- | tugues. Ho qual libro compos ho venerable meeſtre Ludolfo prior do moeſteyro muy hõ | rrado de argentina. da ordem muy exçellente de cartuxa. ꝛ foy tirado ſegundo aordem da | hoſtoria [sic] euangelical. Ho qual mandou treſladar de latym em lingoagẽ portugues amuy | to alta Prinçeſſa ynfanta Dona yſabel. Duqueſa de coymbra. ꝛ ſenhora de monte moor. | Ao muy pobre de virtudes Dom abade do moeſteyro de ſam paullo. E foy corregido ꝛ re | uiſto cõ muyta dilligençia por os reuerendos padres da ordem de ſam Françiſco de emxo- | breguas de obſeruãçia chamados menores. E foy empreſſo em amuy nobre ꝛ ſempre leal | çidade de Lixboa. aprinçipal dos regnos de portugal. Per hos honrrados meeſtres ꝛ par | çeyros Valentyno de morauia ꝛ Nicolao de ſaxonia. por mandado do muy Illuſtriſſimo | ſenhor el Rey dom Ioham oſegundo. cuja alma deos aja. E da muy eſclareçida Raynha | dona Lyanor ſua muy nobre molher. A louuor ꝛ gloria de noſſo ſenhor jheſu xp̃o noſſo ꝺs | ꝛ remijdor. ꝛ da ſua yntemerada ꝛ ſempre virgem madre glorioſa ſancta maria. em cujo no | me ꝛ louuor ho dicto liuro foe ꝛ he cõpoſto. cujo louuor ꝛ gloria regne em ſeus fiees xp̃aãos | pera ſempre amen. Em no anno do naſçimento do dicto ſaluador ꝺ Mill ꝛ quatroçẽtos ꝛ | nouẽta ꝛ çinco. A. xx. dias do mes de nouembro. Regnante ho muy ylluſtriſſimo ꝛ podero | ſo Rey ꝛ ſenhor Dom Manuel Rey dos dictos Regnos de portugal ꝛ dos algarues. ꝛc.
Por cima gravuras do Pelicano e da Rêde; por baixo a marca do impressor[4].

LIVRO IV.

A quarta parte | do liuro de uita xp̃i. *Por cima as mesmas armas que no primeiro livro*[2].

[fl. j vo.] *As mesmas gravuras do primeiro livro*[3].

[1] *Below are woodcuts of the Pelican and the Fishing-net.*
[2] *Above are the same coats of arms as appear in the first book.* [3] *The same woodcuts as in the first book.*
[4] *Above are woodcuts of the Pelican and the Net; below is the printer's mark.*

fl. ij. Aquy ſe começã os capitollos da | queſta poſtumeyra parte do liuro da | vida de chriſto aqual fala da paixom | do dicto noſſo ſenhor e ſaluador. ⁊ | das couſas que ſe depois dellas ſe- | guiram. [...] Capitollo .j. [...]

fl. clxxxv. [...] Fym da quarta parte. | Deo gracias. | Aqui ſe começam as rubricas dos | capitollos deſte quarto liuro ou par- | te poſtumeyra da vida de xp̃o. aqual | falla da payxam de noſſo ſenhor jhe- | ſu xp̃o. ⁊ das couſas que ſe depois de | lla ſeguirom. E ſegueſe. [...]

fl. clxxxv vo. [...] Fym da tauoa das rubricas. [...]

[fl. 1.] Acabaſe ho quarto liuro. ou apoſtumeyra parte intitulado de vida de xp̃o em lingoagem | portugues. q̃ tracta ou falla da payxam de noſſo ſenhor ⁊ remijdor jheſu xp̃o. E das couſas | que ſe depois ella ſeguirom. Ho qual liuro compos ho venerable meeſtre Ludolſo prior do | moeſteyro muy honrrado de argentina. da ordem muy excellente da cartuxa. ⁊ foy tyrado ſe | gundo aordem da hyſtoria euãgelical. Ho qual mandou treſladar de latym em lingoagem | portugues amuyto alta Prinçeſſa infanta Dona yſabel. Duqueſſa de coymbra. ⁊ ſenhora | de monte moor. Ao muy pobre de virtudes Dom abade do moeſteyro de ſam paullo. E foy | corregido ⁊ reuiſto com muyta dilligencia por os reuerendos padres da ordem de ſam Fran | ciſco de emxobregas de obſeruança chamados menores. E foy empreſſo em amuy nobre ⁊ | ſempre leal cidade de Lixboa. aprincipal dos regnos de portugal. Per hos honrrados mee- | ſtres ⁊ parçeyros Nicolao de ſaxonia. ⁊ Valentyno de morauia. por mandado do muy illu- | ſtriſſimo ſenhor el Rey dom Ioham ho ſegũdo. E da muy eſclareçida Raynha dona Lya- | nor ſua molher. Alouuor ⁊ gloria de noſſo ſenhor jheſu xp̃o noſſo ꝺs ⁊ remijdor. ⁊ da ſua inte | merada ⁊ ſempre virgem madre glorioſa ſancta maria. em cujo nome ⁊ louuor ho dicto liuro | foe ⁊ he compoſto. cuyo louuor ⁊ gloria regne em ſeus fiees xp̃aãos pera sempre amen. Em | no anno do naſçimento do dicto ſaluador de Mil ⁊ quatroçentos ⁊ nouenta ⁊ çinco. A .xiiij. | dias do mes de mayo.

Por cima gravuras do Pelicano e da Rêde; por baixo a marca do impressor[1].

Folio—4 volumes—vol. I contem [j], ij–vij, [2], viij–clxxxv (aliás 192) folhas e lxj capitulos; vol. II [j], ij–lxxxviij folhas e xxxj capitulos; vol. III [j], ij–cxxiiij folhas e l (50) capitulos; vol. IV [2], iij–clxxxv, [1] folhas e xxxix capitulos—48, 50 e 51 linhas—2 columnas—impresso a negro e vermelho em caractéres gothicos—sem reclamos—titulo xylographado no frontispicio de cada vol.—gravuras sobre madeira—paginação errada no 1º vol.

Numeração dos cadernos: Livro I: a–z, 8 folhas cada caderno; ⁊, 8 folhas; total de 192 folhas; a

Folio—4 volumes—vol. I contains [j], ij–vij, [2], viij–clxxxv (alias 192) leaves and lxj chapters; vol. II [j], ij–lxxxviij leaves and xxxj chapters; vol. III [j], ij–cxxiiij leaves and l (50) chapters; vol. IV [2], iij–clxxxv, [1] leaves and xxxix chapters—48, 50 and 51 lines—double columns—Gothic letter, printed in red and black—no catchwords—xylographic title at the beginning of each volume—woodcuts—incorrect pagination in vol. I.

Collation by signatures: Book I: a–z, each 8 leaves; ⁊, 8 leaves; total 192 leaves; leaf a 3 has

[1] *Above are woodcuts of the Pelican and the Net; below is the printer's mark.*

folha a 3 não tem assignatura, e a 4 tem assignatura errada a iij; o 2 tem assignatura errada o iij. Livro II: aa–ll, 8 folhas cada caderno; total de 88 folhas. Livro III: A–O, 8 folhas cada caderno; P–Q, 6 folhas cada caderno; total de 124 folhas. Livro IV: AA–XX, 8 folhas cada caderno; yy, 8 folhas; zz, 10 folhas; total de 186 folhas.

Encadernação de marroquim.

O livro da Vita Christi "empſſo em amuy nobre ⁊ ſempre leal çidade de Lixboa. aprincipal dos regnos de portugal. Per hos hõrrados meeſtres ⁊ parçeyros Nicolao de ſaxonia. ⁊ Valẽtyno de moravia. por mandado do muy ylluſtriſſimo ſenhor el Rey dom Ioham ho ſegũdo. E da muy eſclareſçida Raynha dona Lyanor ſua molher," é sem duvida o maior monumento da "muy nobre arte impreſſoria" em Portugal, e por Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 1) denominado com razão, "uma das maravilhas typographicas do XV seculo." Por todos os motivos desperta o nosso interesse, diremos a nossa veneração, pois na verdade, é quasi uma reliquia o primeiro "livro de forma" conhecido em linguagem; podemos ter orgulho no primeiro producto d'essa "arte," e quem sabe se Garcia de Resende, vivendo na privança de D. João II, não pensaria na *Vita Christi*, ao escrever na sua *Miſcellanea*, 1554, fl. XIIII:

"E vijmos em noſſos dias
ha letra de forma achada
com q̃ a cada paſſada
creſcem tantas liurarias
& ha ſciencia he augmẽtada
tẽe Alemanha louuor
por della ſer ho auctor
daqueſta couſa tam digna
outros affirmam na China
ho primeiro inuentador"?

A referencia de Resende á invenção da imprensa na sua *Miſcellanea* é natural: mas duas

no signature mark, and a 4 is wrongly marked a iij; o 2 is wrongly marked o iij. Book II: aa–ll, each 8 leaves; total 88 leaves. Book III: A–O, each 8 leaves; P–Q, each 6 leaves, total 124 leaves. Book IV: AA–XX, each 8 leaves; yy, 8 leaves; zz, 10 leaves; total 186 leaves.

Bound in morocco.

The *Livro da Vita Christi* (book of the life of Christ), "printed in the very noble and ever loyal city of Lisbon, the principal city of the kingdom of Portugal, by the honoured masters and partners Nicolao de Saxonia and Valẽtyno de Moravia, by command of the most illustrious lord King dom João the second, and of the very renowned Queen dona Lyanor, his wife," is certainly the greatest monument of the "very noble art of printing" in Portugal, and Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 1) rightly designates it as "one of the typographical marvels of the XVth century." It has many claims on our interest, on our veneration even, for in truth, this, the first known printed book in the Portuguese vernacular, is almost a relic. We may well be proud of this magnificent production, and who knows if the chronicler Garcia de Resende, King João II's secretary, was not thinking of the *Vita Christi* when he wrote (in his *Miſcellanea*, 1554, fl. XIIII):

"And in our days we have seen the discovery of printing, through which at every moment so many libraries are increasing and knowledge is divulged. Germany is praised as the author of this very commendable thing; others affirm that China was the land of its first inventor"?

Resende's reference to the invention of printing, in his *Miſcellanea*, is natural; but two phrases are

phrases são curiosas: a final, pois vêmos que elle deu, ao de leve que seja, ouvidos á lenda, da imprensa haver sido descoberta na China e trazida do Celeste Imperio para a Europa por Marco Polo. A outra sentença diz-nos respeito mais de perto, pois parece, até certo ponto, confirmar o que escrevemos ácerca da Livraria d'El-Rei D. Affonso V, nas nossas notas sobre o *Commentario sobre o Pentateuco* de Moyses Ben Nahman, Lisboa 1489, e da significação que attribuimos ás palavras de Ruy de Pina, na sua *Chronica do Senhor Rey D. Affonſo V*, de ter sido D. Affonso, o primeiro Rei de Portugal "que ajuntou bõos livros, e fez livraria em ſeus paços." Os versos de Garcia de Resende,

> "E vijmos em noſſos dias
> ha letra de forma achada
> com q̃ a cada paſſada
> creſcem tantas liurarias..."

parecem a explicação mais simples das palavras de Ruy de Pina. O que lamentamos, é que Resende não nos dissesse o anno e a data, em que a "letra de forma" appareceu em Portugal, nem quem tenha sido o seu introductor no nosso Paiz.

A *Vita Christi* é a edição princeps por excellencia da typographia Portugueza: n'ella tem o primeiro logar, não só pela antiguidade, mas tambem pela belleza e pelo valor historico. São muitos os auctores, tanto nacionaes como estrangeiros, que se occuparam d'esta obra prima. Foi a "muyto alta prinçeſſa infante dona yſabel duqueſſa de coymbre. ⁊ ſenhora de monte moor," que mandou traduzir em Portuguez a *Vita Christi*, ao "dom abade do moeſteiro de ſam paullo," Fr. Bernardo de Alcobaça, monge Cisterciense, natural da villa donde tomou o appellido. Fr. Bernardo parece ter sido Abbade do Mosteiro de S. Paulo, junto de Coimbra, que depois se extinguiu, incorporando-se os seus rendimentos no Collegio de S. Bernardo, pertencente na mesma cidade, aos Cistercienses. Fortunato de Almeida, na sua *Historia da Igreja em Portugal* (tomo II, p. 341), diz-nos que:

curious: the last, which shows that he had listened, though perhaps without greatly heeding it, to the legend that printing was invented in China and that Marco Polo had brought it thence to Europe. The other sentence concerns us more closely, for it appears to confirm, up to a certain point, what we wrote about D. Affonso V's Library in our notes on Moses Ben Nahman's *Commentary on the Pentateuch*, Lisbon, 1489, interpreting Ruy de Pina's words in his *Chronica do Senhor Rey D. Affonſo V* as meaning that D. Affonso was "the first King of Portugal who collected good *printed* books and *augmented* the library in his palace *with them*." "And in our days we have seen the discovery of printing, through which at every moment so many libraries are increasing..." seems to corroborate our theory. The great pity is that Resende does not indicate, in his *Miſcellanea*, the year when printing first appeared in Portugal, nor who was the first to introduce the art there.

The *Vita Christi* is the most magnificent *editio princeps* ever issued in Portugal: it holds the highest place there, not only because it is the first known book printed in Portuguese, but also because of its beauty and historical interest; and many writers, both foreign and Portuguese, have discussed this typographical masterpiece. It was the "very noble princess the Infanta dona Izabel, duchess of Coimbra, and lady of Montemór," who caused the "lord abbot of the monastery of St Paul" to translate the *Vita Christi* into Portuguese. Brother Bernardo de Alcobaça, a Cistercian monk, native of the town whence he took his name, seems to have been the Abbot of the Monastery of St Paul, near Coimbra, which community later became extinct, its revenues being diverted to the Cistercian College of St Bernard in the same city. Fortunato de Almeida (*Historia da Igreja em Portugal*, vol. II, p. 341) tells us that:

"A mais célebre traducção feita em Alcobaça até aos fins do século xv foi a da *Vita Christi.* O auctor d'este livro foi Ludolpho de Saxónia, prior da cartucha de Estrasburgo, o qual nasceu no país que lhe deu o nome cêrca de 1300 e falleceu cêrca de 1370. Parece que a traducção foi começada por Fr. Nicolau Vieira, e depois foi continuada por Fr. Bernardo de Alcobaça que a concluíu em 1445."

Em nota, accrescenta:

"Fr. Nicolau Vieira nasceu em 1418; foi abbade do mosteiro de Maceiradão, e em 1461, quando tinha vinte e cinco annos de hábito, foi eleito abbade do mosteiro de Alcobaça, e confirmado em Roma a 20 de maio do mesmo anno."

Não podemos n'este estudo dissertar sobre a Ordem de Cister, fundada em 1098 pelo Abbade Roberto de Molesme, cujo primeiro mosteiro em Portugal foi o de S. João de Tarouca, estabelecido cerca de 1120, nem mesmo sobre o mais famoso de todos os que existiram em Portugal, o de Alcobaça, "fundado por D. Affonso Henriques, em cumprimento de um voto, que fez quando de Coimbra ia com os seus homens de armas para a conquista de Santarem" (*Historia da Igreja*, tomo I, p. 276). Mas sendo Alcobaça o "berço" da *Vita Christi* em vulgar, algumas palavras ácerca do celebre mosteiro parecem-nos necessarias. Recorrendo a varios auctores, e especialmente a Fortunato de Almeida (*Historia da Igreja em Portugal*), vêmos que D. Affonso Henriques em pessoa, inaugurou a abertura dos fundamentos da egreja a 2 de Fevereiro de 1148: mas a sua construcção levou muitos annos, sendo o mosteiro e a egreja augmentados mais tarde, por differentes Soberanos.

Segundo uma antiga tradição do mosteiro, os religiosos chegaram a ser 999, sem nunca poderem "'cerrar o número de mil'—diz Brito (*Chronica de Cister*)—porque no ponto que tomavam um, ou dois, ou mais, falleciam dos

"The most celebrated translation made in Alcobaça up to the end of the xvth century was the one of the *Vita Christi.* The author of this book was Ludolphus de Saxonia, Prior of the Carthusian monastery of Strasburg, who was born in the country which gave him his name in about 1300 and died *circa* 1370. It appears that the translation was begun by Brother Nicolau Vieira, and afterwards continued by Brother Bernardo de Alcobaça, who finished it in 1445."

Almeida adds in a footnote that:

"Brother Nicolau Vieira was born in 1418; he was Abbot of the monastery of Maceiradão, and in 1461, when he had been a monk for twenty-five years, he was elected Abbot of the monastery of Alcobaça, the election being confirmed in Rome on May 20th of the same year."

In these notes we cannot dilate upon the Order of Cistercians, founded in 1098 by Robert, Abbot of Molesme, and whose first monastery in Portugal was S. João de Tarouca instituted in about 1120; nor can we even give an adequate account of the history of the most famous of all the monasteries in Portugal, the one at Alcobaça, "founded by Dom Affonso Henriques, in fulfilment of a vow he made when he set out from Coimbra with his warriors, to conquer Santarem" (Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 276). But as Alcobaça was the cradle of the Portuguese version of the *Vita Christi*, a few words about the celebrated monastery seem to us necessary. From a study of various authors, and especially of Fortunato de Almeida (*Historia da Igreja em Portugal*), we learn that Dom Affonso Henriques personally inaugurated the work on the foundations of the church, on February 2nd, 1148; but that its construction took many years, and the monastery, as well as the church, was later enlarged by different Sovereigns.

"There is an ancient tradition in the monastery that the monks grew to be 999, but were never able to 'reach the number of one thousand'—says Brito (*Chronica de Cister*)—for as soon as they admitted one or two or more new monks, as

professos outros tantos" (F. de Almeida, *ob. cit.* tomo I, p. 276).

Não só D. Affonso Henriques, mas alguns dos seus successores, dotaram o mosteiro com magnificencia, chegando o seu podeiro e influencia a ser enorme: Alcobaça era um verdadeiro potentado, desfructando rendas immensas e privilegios especiaes.

"De tão grande consideração gosava o mosteiro de Alcobaça, que ao abbade e monges d'elle commetteram os pontífices a solução de negócios graves" (F. de Almeida, *ob. cit.* tomo I, p. 278).

O Abbade vestia habitos prelaticios, tinha o logar de Esmolér-Mór d'El-Rei e era do seu Conselho: era tambem Fronteiro-Mór, Prelado da Ordem de Christo e de Thomar, sendo importante notar que, "nos primeiros tempos da monarchia, o cartório do mosteiro servia de cartório dos papeis da corôa" (F. de Almeida, *ob. cit.* p. 280). Com razão escreve o mesmo auctor:

"Com todas as suas deficiencias foi o clero, desde o principio da monarchia, a classe mais culta da nação, podendo-se até affirmar que elle tinha o monopolio das letras."

Assim, os dois maiores centros de estudos e de lettras, nos primeiros seculos da Monarchia, fôram os mosteiros de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra. D'este ultimo, occupar-nos-hemos no decorrer d'este livro. Alem da tão importante e bemfezeja obra agricola dos monges de Alcobaça, pois, por exemplo, povoáram e cultiváram grande parte da alta Estremadura, terrenos desertos e incultos que haviam recebido de D. Affonso Henriques, Alcobaça possuia a mais rica de todas as Livrarias de manuscriptos que existia em Portugal, cujos restos estão hoje no Archivo da Torre do Tombo e na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Alli tambem, se estudou a Arte, especialmente a da illuminura. Citando mais uma vez a tão notavel como util *Historia da*

many of the professed ones died" (Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 276).

Not only Dom Affonso Henriques, but also some of his successors endowed the monastery with great munificence, and its wealth and influence became enormous: Alcobaça was a real power, enjoying special privileges and vast revenues.

"The monastery of Alcobaça was held in such high esteem, that the Popes confided the solution of grave problems to its Abbot and monks" (Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 278).

The Abbot had the insignia of a prelate, and was Grand-Almoner to the King and a member of his Council; he was also Captain-General of the *fronteiros* (frontier-forts) and Prelate of the Order of Christ and Thomar: it is important to note that "in the early days of the monarchy, the monastery archives served as the archives for the crown papers" (Almeida, *op. cit.* p. 280). The same author rightly says:

"With all their failings the clergy were, from the beginning of the monarchy, the most cultured class in the nation, and it may even be said that they had the monopoly of learning."

Thus in the first centuries of the Monarchy, the two chief centres of study and letters were the monasteries of Alcobaça and of Santa Cruz of Coimbra. (We shall also deal with the latter convent in the course of this work.) The monks of Alcobaça carried on important and beneficial agricultural work: for instance, they peopled and cultivated a great part of upper Estremadura, tilling the desert and uncultivated lands they had received from Dom Affonso Henriques. Apart from this, the monastery possessed the richest Library of manuscripts in Portugal, the remains of which are now kept in the Archivo da Torre do Tombo, and in the Lisbon National Library. Art was also studied there, and the monks devoted themselves specially to the

Igreja em Portugal, diz-nos com inteira razão o seu auctor (tomo II, p. 323):

"No mosteiro de Alcobaça, que era um intenso foco litterário, cultivou-se com entranhado amor o estudo da língua latina, como demonstra o facto de terem os cistercienses copiado enormes volumes, grammáticas e diccionários da língua, que se encontram nos códices 392–404....Os religiosos do mesmo mosteiro cultivaram egualmente o estudo das línguas grega e hebraica, do que deixaram memoráveis documentos. Tambem os monges de Alcobaça cultivaram a philosophia, pois nos deixaram textos dos melhores tratados de Aristóteles e das obras de Raimundo Lullo, marginados de reflexões e advertências, que mostram o saber dos monges que lh'as accrescentaram.... Cultivavam as sciências exactas, pois tinham tratados de geometria, da esphera e mappas geográphicos. Egualmente possuíam artes de rhetórica e extractos de clássicos gregos e latinos."

Alcobaça, com tudo o que dependia do poderoso mosteiro, era "um mundo"; comprehende-se pois, até certo ponto, que Fr. Bernardo de Brito escrevesse na sua *Chronica de Cister*, ácerca de Alcobaça, "que nada ſe movia no Reino ſem ſeu conſelho." Quando El-Rei D. Diniz creou a Universidade, fôram os monges de Alcobaça os que mais o auxiliaram n'esse patriotico emprehendimento. N'esse centro verdadeiramente intellectual, terminou, em 1445, Fr. Bernardo de Alcobaça a sua traducção em vulgar (cujo manuscripto se encontra na Bibliotheca Nacional de Lisboa) da *Vita Christi* de Ludolpho de Saxonia, versão que, hoje, tem a honra de ser o primeiro "livro de forma" em Portuguez, ao qual se junta o valor historico de ter sido escripto em linguagem por determinação da Infanta D. Izabel Duqueza de Coimbra, e impresso, cincoenta annos mais tarde em Lisboa, por mandado d'El-Rei D. João II e da Rainha D. Leonor, pelos "meeſtres ꝛ parçeyros" Nicolau de Saxonia e Valentim de Moravia. De Valentim de Moravia, ou Valentim Fernandes, figura interessante e homem notavel, occupar-nos-hemos detalhadamente, não só n'este estudo, mas tam-

illumination of manuscripts, and as Fortunato de Almeida (*op. cit.* vol. II, p. 323) says:

"The monastery of Alcobaça was a great literary centre, where intensive Latin studies were carried on, as is demonstrated by the fact that the Cistercians copied out large volumes, grammars and dictionaries in that tongue, which are to be found in codices 392–404....The monks of the same monastery have left memorable documents proving that they also studied Greek and Hebrew. The monks of Alcobaça also cultivated philosophy, for they have left us texts of Aristotle's best treatises and of Raymond Lully's works, with marginal notes showing the knowledge of the monks who wrote them. They also paid great attention to the exact sciences, for they had treatises on geometry and on the sphere, and geographical maps. They also had books on rhetoric, and extracts from the Greek and Latin classics."

Alcobaça, with all that depended on the powerful monastery, formed "a world," so that in some measure we can understand how Brother Bernardo de Brito came to write, in his *Chronica de Cister*, "that nothing ever occurred in the Kingdom without its advice." When King Diniz founded the University, he was specially helped in this patriotic enterprise by the monks of Alcobaça. It was then in this truly intellectual centre that, in 1445, Brother Bernardo de Alcobaça completed his translation (the manuscript of which is preserved in the Lisbon National Library) of Ludolfo de Saxonia's *Vita Christi*, which is to-day honoured as the first printed book in Portuguese, and has the historical interest of having been written in the vernacular by order of the Infanta Dona Izabel, Duchess of Coimbra, and printed fifty years later in Lisbon by command of King João II and Queen Leonor, by the masters and partners Nicolao de Saxonia and Valentim de Moravia. We must study Valentim de Moravia, or Valentim Fernandes, in detail, not only in connection with this work, but also when we discuss the *Regimento contra ha*

bem nas nossas notas sobre o *Regimento contra ha peſtenença,* o *Marco paulo,* a *Regra de Christo,* os *Autos dos Apostolos,* e a primeira edição do *Reportorio dos Tempos,* obras sahidas dos seus prelos. Do seu companheiro, Nicolau de Saxonia, quasi nada sabemos, e tem razão Sabugosa de escrever no seu tão bello livro *A Rainha D. Leonor* (p. 302):

"*Nicolao de Saxonia,* o outro impressor da *Vita Christi,* não deixou de si nomeada. Mas basta para o illustrar que o seu nome figure como *meu parceiro* (é assim que lhe chama Valentim) na composição d'aquelle monumento bibliographico."

Conhecem-se, contudo, mais dois incunabulos impressos em Lisboa por Nicolau de Saxonia: o *Breviarium Compostellanum* de 1497, e o *Missale Bracarense* de 1498: d'estas duas obras existem exemplares. Ribeiro dos Santos (*Memorias de Litteratura,* tom. VIII) refere-se ainda a tres incunabulos impressos por Nicolau de Saxonia: O *Breviarium Eborense,* Lisboa, 1490; o *Missale Bracarense,* Lisboa, 1496; o *Breviarium Bracarense,* Lisboa, 1498, segunda edição do *Breviarium Bracarense* impresso em Braga por João Gherlinc em 1494. Não se conhecendo exemplar algum d'estes incunabulos citados por Ribeiro dos Santos, devem ser considerados como hypotheticos. Terá vindo Nicolau de Saxonia para Portugal com Valentim de Moravia, para juntos imprimirem a *Vita Christi*? É possivel, visto ser ella a unica obra conhecida que publicaram associados. Parece fóra de duvida ter sido Valentim o chefe da associação, pois a *Prohemial epiſtola* dirigida a D. João II, no inicio da *Vita Christi,* foi escripta por Valentim de Moravia: "eu Valẽtino ꝺ morauia cõ meu parçeiro Nicolao ꝺ ſaxonia." Ignoramos se Nicolau de Saxonia permaneceu em Portugal após 1498, assim como o fim que teve. Quanto a Valentino de Moravia, Valentim Fernandes allemão, ou simplesmente Valentim Fernandes, foi elle certamente o mais illustre typographo editor em Portugal nos fins do seculo XV e principios do seculo XVI. São

peſtenença, the *Marco paulo,* the *Regra de Christo,* the *Autos dos Apostolos* and the first edition of the *Reportorio dos Tempos,* all of which were issued from his press. We know hardly anything about his companion Nicolao de Saxonia; and as Sabugosa writes in his splendid book *A Rainha Dona Leonor* (p. 302):

"*Nicolao de Saxonia,* the other printer of the *Vita Christi,* left no great personal renown. But it is enough to make him conspicuous that his name figured as 'my partner' (it is thus that Valentim designates him) in the composition of that bibliographical monument."

Two other incunables printed in Lisbon by Nicolao de Saxonia are, however, known: the *Breviarium Compostellanum,* 1497, and the *Missale Bracarense,* 1498; copies of these two works exist. Ribeiro dos Santos (*Memorias de Litteratura,* vol. VIII) mentions three more incunables from Saxonia's press: the *Breviarium Eborense,* Lisbon, 1490; the *Missale Bracarense,* Lisbon, 1496; and the *Breviarium Bracarense,* Lisbon, 1498, a second edition of the one printed by Johann Gherlinc in Braga in 1494; but as no copy of any of these incunables is known, they must be considered as hypothetical. As the *Vita Christi* is the only work these two printers published together, it is possible that Nicolao de Saxonia came to Portugal with Valentim de Moravia to help him to print it. It seems certain that Valentim was the dominating partner, for it was he who wrote the *Prohemial epiſtola* (prefatory letter) to Dom João II, at the beginning of the *Vita Christi*: "I, Valentino de Moravia with my partner Nicolao de Saxonia." We do not know how or when Nicolao de Saxonia died, nor whether he stayed in Portugal after 1498. As for Valentino de Moravia, Valentim Fernandes allemão, or more simply, Valentim Fernandes, he was certainly the most notable printer-publisher in Portugal at the end of the XVth and beginning of the XVIth centuries. The authors, foreign as well as Portu-

numerosos os auctores, tanto nacionaes como estrangeiros, que se occuparam do famoso im-pressor: uma resenha completa tomaria aqui demasiado espaço: contudo, entre os escriptores Portuguezes citaremos: Barbosa Machado, In-nocencio, Mattos, Ribeiro dos Santos, Xavier da Cunha, Sabugosa, Joaquim Bensaude, Luciano Pereira da Silva, Esteves Pereira, Venancio Deslandes, Raul Proença e Antonio Anselmo, e Sousa Viterbo: a todos, póde dizer-se, havemos de recorrer para os nossos estudos. Entre os estrangeiros, mencionaremos especialmente os tão importantes trabalhos do D[r] Schmeller, de Friedrich Kunstmann e de Haebler. Como im-pressor, deixou-nos Valentim Fernandes obras notaveis, alem da monumental *Vita Christi*, a primeira que imprimiu, com Nicolau de Saxonia, em 1495. Depois, acabada a associação, sahem dos seus prelos, em 1496, a *Estoria de muy nobre Vespesiano emperador de roma*, cujo unico exemplar conhecido e incompleto, se encontra na Biblio-theca Nacional de Lisboa, e o *Votivale Missarum* do qual ha noticia de um só exemplar, o do Museu Britannico: no mesmo anno pro-vavelmente (como adeante veremos), imprime o *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença*, e em 1500, as obras de Cataldo Siculo: estes são os incunabulos de que temos noticia. Publica em 1502 o famoso livro *Marco paulo* (de que nos occuparemos detalhadamente), dizendo mesmo alguns auctores, ter sido elle o traductor da obra, como o foi do *Liuro de Nycolao veneto*. Em 1505 publica outro esplendido livro, os *Autos dos Apostolos*, a continuação, póde dizer-se, da *Vita Christi*, egualmente impresso por mandado da Rainha D. Leonor, como veremos nas nossas notas ácerca d'essa outra preciosidade biblio-graphica. Verteu do Castelhano para Portuguez o *Reportorio dos Tempos* de André de Ly de Saragoça, que publicou em 1518, juntando-lhe o importantissimo *Regimẽto da declinaçam do ſol*. D'este livro daremos uma descripção completa,

guese, who have written about this famous printer, are very numerous, and it would be difficult to give a complete list of them here; however among Portuguese writers we will cite Barbosa Machado, Innocencio, Mattos, Ribeiro dos Santos, Xavier da Cunha, Sabugosa, Joaquim Bensaude, Luciano Pereira da Silva, Esteves Pereira, Venancio Deslandes, Raul Proença and Antonio Anselmo, and Sousa Viterbo; and we may say that we have had to consult all these in the course of our study. Among the foreigners we would make special mention of the very important works of Dr Schmeller, of Friedrich Kunstmann and of Haebler. As printer, Fernandes left some notable works apart from the *Vita Christi*, which with Nicolao de Saxonia he printed in 1495. After this the partnership was dissolved and in 1496 Valentim published, alone, the *Estoria de muy nobre Vespesiano emperador de roma*, the only known copy of which is the incomplete one in the Lisbon National Library, and the *Votivale Missarum*, the only existing copy of which is in the British Museum; he printed the *Regi-mento proueytoſo contra ha peſtenença* probably in the same year (as we shall see further on), and this was followed in 1500 by the works of Cataldus Siculus: these are all the incunables of which we have any record. According to some writers he was the author of the Portuguese version of the famous book of *Marco paulo* (which we shall discuss in detail) published by him in 1502—he certainly translated the *Liuro de Nycolao veneto* which appears in the same volume. In 1505 he issued the *Autos dos Apostolos*, a magni-ficent book, which may be considered as the continuation of the *Vita Christi*, and, like it, was published by command of Queen Leonor, as we shall see in our notes about this other biblio-graphical treasure. He translated the *Reportorio dos Tempos* from the Spanish of André de Ly of Saragossa, and published it with the very im-portant addition of the *Regimẽto da declinaçam do*

ao apresentar o unico exemplar conhecido da edição de 1518, ignorada por muitos biblio- philos, considerada perdida por outros. É tam- bem o auctor do celebre manuscripto que se encontra na Bibliotheca de Munich, ácerca dos descobrimentos dos Portuguezes, e ao qual se re- feriram especialmente o Dr Schmeller, Friedrich Kunstmann, Major (no prefacio da sua *Life of Prince Henry the Navigator*), e depois Gabriel Pereira e Joaquim Bensaude. Valentim Fernandes, alem de ser um impressor editor (e n'isso era um mestre), era tambem um sabio. Esteves Pereira na sua Introducção á reimpressão do *Marco paulo*, publicada pela Bibliotheca Nacional de Lisboa, dá-nos as seguintes informações a res- peito do nosso impressor:

"Valentim era o seu nome proprio: Fernandez é o patronimico que ele adoptou á maneira dos Portugueses, provavelmente porque seu pai se chamava Ferdinand; Moravia indica o paiz donde era natural, Mähren, na Austria; enfim alemaão era a denominação porque usualmente era conhecido em Lisboa, por ser natural da Allemanha. Valentim Fernandes veiu com outros impressores allemães para Portugal exercer a sua profissão: não se sabe o ano da sua vinda, mais foi antes de 1490."

Devemos, contudo, novamente dizer que a sua primeira impressão conhecida data de 1495, mesmo que tenha vindo para Portugal antes de 1490. Joaquim Bensaude, na sua magistral obra *L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, faz um caloroso elogio á tão interessante personalidade de Valentim Fer- nandes, e escreve:

"C'est précisément ce même esprit moderne de l'observateur éveillé, si évident chez Valentim Fernandes, qu'on ne trouve pas chez Behaim. Valentim Fernandes n'était ni marin ni astro- nome; son activité se répandait dans bien des domaines. Imprimeur allemand des plus re- marquables, il traduisit aussi en portugais les voyages de Marco Polo et de Nicolao Conti. Il fut le géographe et l'historien qui recueillit les précieuses notes manuscrites sur les découvertes

fol, in 1518. We shall give a complete account of this book when we describe the only exist- ing copy of the 1518 edition, unknown to many bibliographers, and considered by others to have been lost. Fernandes was the author of the celebrated manuscript about the Portuguese dis- coveries, which is kept in the Library at Munich, and to which various authors, especially Dr Schmeller, F. Kunstmann, Major (in the Preface to his *Life of Prince Henry the Navigator*) and later Gabriel Pereira and Joaquim Bensaude, have re- ferred. Valentim Fernandes, besides being a printer-publisher (and in this he was a master) was also a learned man. Esteves Pereira, in his Introduction to the reprint of *Marco paulo*, issued by the Lisbon National Library, writes:

"Valentim was his Christian name: Fernandez is the patronymic he adopted in the Portuguese style, probably because his father was called Ferdinand: Moravia indicates the place of his birth, Mähren in Austria; and, lastly, alemaão (German) was the denomination by which he was usually known in Lisbon, because of his nationality. Valentim Fernandes came with other German printers to exercise his profession in Portugal: the year of his coming is unknown, but it was before 1490."

We must, however, repeat that even though he may have come to Portugal before 1490, his first known printed book is dated 1495. Joaquim Bensaude, in his masterly work *L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, eulogises Valentim's interesting personality, say- ing:

"C'est précisément ce même esprit moderne de l'observateur éveillé, si évident chez Valentim Fernandes, qu'on ne trouve pas chez Behaim. Valentim Fernandes n'était ni marin ni astro- nome; son activité se répandait dans bien des domaines. Imprimeur allemand des plus re- marquables, il traduisit aussi en portugais les voyages de Marco Polo et de Nicolao Conti. Il fut le géographe et l'historien qui recueillit les précieuses notes manuscrites sur les découvertes

portugaises, aujourd'hui devenues classiques, et fut encore le vulgarisateur du Règlement de l'astrolabe, auquel il ajoute même de nouveaux chapitres."

Era pois um homem de vasta cultura, que soube pôr a sua intelligencia ao serviço da patria adoptiva.

Pelas obras existentes, sabemos que Valentim Fernandes imprimiu em Lisboa de 1495 a 1518. Esteve primeiro associado com Nicolau de Saxonia em 1495, para a impressão da *Vita Christi*; depois trabalhou só; contudo, esteve depois novamente associado, uma vez com João Pedro Bonhomini de Cremona, e outra com Herman de Kempis (Hermão de Campos), de quem mais tarde nos occuparemos. Valentim Fernandes foi escudeiro da Rainha D. Leonor, irmã de D. Manuel, quando já era viuva de D. João II.

"Um escudeiro tinha graduação superior ao lacaio. Se pertencia a um cavalleiro levava-lhe o escudo nas jornadas. Se servia uma Senhora, acompanhava-a a cavallo ou a pé. Valentino n'essa qualidade, conviveu com a Rainha" (Sabugosa, *ob. cit.* p. 301).

Alem d'esse logar, desempenhou tambem o de corretor e interprete dos commerciantes allemães estabelecidos em Lisboa, para o qual foi nomeado por carta Regia em 1503. Eram variadas as suas occupações e grande a sua actividade! Ignora-se a data da sua morte; contudo, um documento de 4 de Maio de 1519, indica já ter fallecido n'essa data, o que confirma a sua ultima obra, o *Reportorio dos Tempos*, ter sido impressa em 1518.

É interessante, como documento e como estylo, a *Prohemial epiſtola* dirigida por Valentim Fernandes a D. João II, a respeito

"da vida de xp̃o. per ordenãça ꝛ mandado da muy eſclareçida de ſangue ꝛ virtudes ꝛ antre as prinçeſas da criſtandade yluſtriſſima ſenhora Raynha dona Lyanor ſua muy virtuoſa molher jnpreſſa...."

portugaises, aujourd'hui devenues classiques, et fut encore le vulgarisateur du Règlement de l'astrolabe, auquel il ajoute même de nouveaux chapitres."

He was therefore a man of great culture who knew how to use his knowledge for the benefit of his adopted country.

From existing and known publications of his, we deduce that Valentim Fernandes printed in Lisbon from 1495 to 1518, the first work he published being the *Vita Christi* and the last the *Reportorio dos Tempos*. Though his first venture was made in partnership with Nicolao de Saxonia, he afterwards worked alone, except on two occasions, once when he was associated with João Pedro Bonhomini de Cremona and the other time with Herman de Kempis or Hermão de Campos. Fernandes was squire (escudeiro) to Queen Leonor, the widow of D. João II and sister of Dom Manuel I.

"An *escudeiro* ranked higher than a lackey. If he belonged to a knight, he carried his master's shield when he was travelling. If he served a lady, he accompanied her on horseback or on foot. In this capacity Valentim had the opportunity of approaching the Queen" (Sabugosa, *op. cit.* p. 301).

By a Royal charter dated 1503, he was appointed official broker and interpreter to the German merchants established in Lisbon. His occupations were varied and his activity great. The exact date of his death is uncertain, but a document proves that it had already occurred by May 4th, 1519; the fact that his last known book (the *Reportorio dos Tempos*) was printed in 1518, agrees with this date.

An interesting document and example of Fernandes' style is the *Prohemial epiſtola* (prefatory letter) he writes to Dom João II at the beginning of the *Vita Christi*,

"printed by order and command of his (Dom João's) wife, Queen Lyanor, a lady very distinguished in birth and virtues, and illustrious among all the Princesses in Christendom...."

Fazendo o respeitoso elogio do Monarcha, que

"adiuina ſapiēcia tem ylluſtrado ⁊ alumeado ⁊ de continuo alumea ⁊ ylluſtra: em ornamentar eſtes voſſos regnos ⁊ ſenhorios com muyta proſperidade ⁊ eſclareçido nome,"

enumera os feitos do Soberano em Portugal e celebra as conquistas na Africa onde

"çidades ⁊ vilas adeſpecto de toda gēte barbarica: voſſa real ſenhoria gouerna: mantem ⁊ defende."

É bella a phrase de Fernandes: e assim realisamos D. João II, governando, mantendo, defendendo! São muito curiosas as referencias que faz á Ethiopia, que parecem indicar um maior conhecimento do assumpto, do que aquelle que nos fornece, pois diz:

"E das partes ethiopiſſas ⁊ de guynee innumerauel conto de ouro ⁊ doutras mercadarias mui ricas ⁊ ꝺ grāde valor em cada huū āno traz aos dictos regnos com arte de nanegaçam (sic) muy trabalhoſa ⁊ de grāde perigo. E por moor ampleaçom de nobreza ⁊ aumentaçam de voſſo glorioſo & xp̄ianiſſimo nome: no ſoomēte per voſſos naturaes em as dictas partes de etiopia a louuor ⁊ a lucidamento de jhū xp̄o ſapiencia ⁊ virtude diuina: os ecleſiaſticos ſacramentos cō vertuoſo ⁊ deuido acatamento: ſom per miniſtros ordinarios adminiſtrados ⁊ deuotamente reçebidos: mas pella jnduſtria q̄ voſſa real mageſtade: aello tem dada per publicaçam do ſancto euāgelho: que per ordenāça ⁊ precepto de xp̄o. a toda creatura deue ſeer publicado: a fee catholica do dicto jhū noſſo ſenhor: per cōuerſam de muytos princepes ⁊ doutrꝰ da dicta terra naturaes moradores: tē reçebido: ⁊ cotidianamēte recebe acreſcentamēto muy grāde...."

Como dissemos, estas palavras de Valentim Fernandes parecem indicar um vasto conhecimento dos descobrimentos e viagens, assumpto do qual tanto se occupou, como o demonstra o manuscripto da Bibliotheca de Munich: ao mesmo

Making a respectful eulogy of the Monarch, whom

"the divine wisdom has made famous and enlightened, and continues to make famous and to enlighten, to ornament these your kingdoms and dominions with great prosperity and an illustrious name,"

Valentim enumerates D. João's deeds in Portugal, and extols his conquests in Africa, where

"in spite of all the barbarians, your Royal Lordship governs, maintains and defends cities and towns."

Fernandes' phrase is a beautiful one and gives us a vivid picture of Dom João II governing, maintaining and defending! There are some very curious and interesting references to Ethiopia, which seem to indicate a greater knowledge of that country than they actually express; for instance we read:

"And from the parts of Ethiopia and Guinea a vast quantity of gold and other very rich merchandise of great value is brought every year to the said kingdoms by means of very arduous and perilous navigation. And for the greater increase of nobility and the augmentation of your glorious and most Christian name, the ecclesiastical sacraments are not only administered with virtuous and due regard by ordinary ministers and devoutly received by your natural subjects in the said parts of Ethiopia, to the honour and glory of Jesus Christ and of the divine wisdom and virtue; but through the diligence with which your Royal Majesty has provided for the publication of the Holy Gospel, which according to the command and precept of Christ must be divulged to every creature, the catholic faith of the said Jesus Our Lord has received and daily receives very great additions from the conversion of many princes and other native dwellers in the said land."

As we have said, Fernandes' words seem to indicate a considerable knowledge on the subject of the voyages and discoveries, a subject in which he interested himself greatly, as the manuscript in the Munich Library demonstrates. At the same

tempo, póde esta phrase suggerir talvez a hypothese, de que a *Vita Christi* teria sido impressa, senão exclusivamente, pelo menos em parte, com a idea de mandar os Evangelhos em "lettra de forma" não só para a Ethiopia, para onde D. João II enviára Pedro da Covilhã e Affonso de Paiva em 1487, mas para as outras terras d'Africa. Quem sabe se o genial Principe Perfeito não teria por essa forma realisado e aproveitado a importancia da obra creada pela tão intelligente protecção da Rainha D. Leonor! Proseguindo na sua "epiſtola," narra a parte predominante tomada pela Rainha na publicação da *Vita Christi.*

"E ſendo ha ſereniſſima Senhora Raynha de ſeu propio natural muy virtuoſa ⁊ atodo acreſcentamẽto ⁊ bẽ da repubrica deſtes regnos ⁊ ſenhorios: ſegũdo ſeu poder ⁊ boa vontade naturalmẽte inclinada. nõ ſoomẽte nas couſas q̃ a corporal vida cõuem: mas per hũa ſingular ⁊ virtuoſa inclinaçam aq̃llaſ (sic) que ao ſpiritual viuer pertençe: ... ⁊ viſto como neſtes regnos ſom muyto mais os vulgares que os que alingua latina conheçem: ...mandou eſtãpar ⁊ de forma fazer em lingoa materna ⁊ portugues linguagem: como de feito com diuino fauor per obra comprio: com muyta diſpeza de ſua fazenda: por ſeruiço de noſſo ſenhor ⁊ porueito comuũ: as quatro partes do liuro intitulado vita xp̃i....A qual obra tam virtuoſa ⁊ como pteẽçe aſſi caſtigada pello venerauel padre ⁊ deuoto religioſo frey andree obſeruante da religiam de ſam franciſco de voſſa ⁊ ſua alteza orador deuotiſſimo: ẽmendada ⁊ bem corregida em ho modo de ſentenciar."

E depois, escusando-se dos termos archaicos, quasi estramboticos, que empregam, dá-nos o auctor da "epiſtola" esta pitoresca explicação:

"E poſto que dos antigos vocabulos na p̃ſente obra algũs ſe achẽ q̃ aos modern⁹ deſtes noſſos tẽpos: os quaes de gentijs ⁊ doçes termos ſe prezam ⁊ os enueterados como groſſos emgeitam: goſto de ſuauidade nom offereçerem. nem ha queirõ de ſi como couſa faſtidioſa ⁊ inſipida vomitar a penuria dos noſſos vocabulos aeſſo dãdo cauſa

time the phrase may perhaps suggest the hypothesis that the *Vita Christi* was printed, partly if not entirely, with the idea of sending the Gospels in printed form, not only to Ethiopia, whither Dom João II sent Pedro de Covilhã and Affonso de Paiva in 1487, but also to the other countries of Africa. Who knows whether the Perfect Prince did not realise the importance of the work created by Dona Leonor's intelligent protection, and whether he did not choose this very way of turning it to use! Continuing his "epistle" Fernandes explains the predominant part played by Dona Leonor in the publication of the *Vita Christi.*

"And as her Serene Highness the Queen is very virtuous by nature, and in accordance with her power and good will is naturally interested in everything relating to the increase and good of the republic of this kingdom and sovereignty, not only in those things pertaining to the corporal life, but also, by a singular and virtuous inclination, in those concerning the spiritual being...and as those who speak the vulgar language in this country are many more than those who know Latin...she commanded the four parts of the book called *vita xp̃i* to be printed in the mother tongue and Portuguese language—as in fact has by divine favour been accomplished—spending much of her fortune in the service of Our Lord and for the common good....Which very virtuous and proper work has been polished, emended and well corrected in style by the venerable father and devout monk Brother André, Franciscan observant, and devoted preacher to your and her highness."

Then making excuse for the archaic and extravagant terms used in the work, the author of the epistle gives the following picturesque explanation:

"And there are in this work certain ancient words, which will give no taste of sweetness to the modern people of our times, who delight in genteel and smooth terms and despise the old-established ones as coarse, and who consider them too wearisome and unsavoury to emit them

muy grãde donde ho dicto padre he mais digno de venia que de reprehenſom. E aſſi cõ adicta correcçom clara ⁊ illucida: apetiçam ⁊ mãdado da dicta ſenhora Raynha com muyta diligẽcia eu Valẽtino ꝺ morauia cõ meu parçeiro Nicolao ꝺ ſaxonia açeptamos de fazer nom ſoomente pello temporal ⁊ tranſitorio ꝑmio que delo auemos dauer: mas por ſeruir ſua Real ſenhoria ⁊ voſſa ſereniſſima alteza: ⁊ ho muy alto deꝰ eterno...⁊ por nas obras ⁊ tempos que os cõtemplatiuos no cõtemplar da tal ſcriptura obrarem ⁊ deſpẽderem: ſeermos participãtes."

A *Vita Christi*, como exemplo da arte typographica, é admiravel e digna da esclarecida Rainha que a mandou publicar, constando de quatro grandes volumes de folha, em magnifico papel, impressos com desvelo. Os caractéres gothicos de tres tamanhos vieram certamente da Allemanha, trazidos pelos impressores, provavelmente por Valentim Fernandes, que tudo indica ter sido o chefe da associação. Egualmente da Allemanha veiu com certeza o modelo da gravura do Calvario (fig. 5), a mesma que se encontra no *Missale Bracarense* de 1498 impresso por Nicolau de Saxonia. Haebler attribue essa gravura a um artista allemão "o mestre E. S." O Dr S. R. Koehler, n'um artigo *Der Meister E. S. von* 1466 *in Portugal* publicado em 1899 (*Zeitschrift für Bildende Kunst*), reproduz a gravura em metal do Calvario do Mestre E. S. de 1466, e a gravura em madeira do Calvario da *Vita Christi* de 1495, e diz que "der Schnitt in dem Buche weiter nichts ist als eine sehr genaue Umsetzung des Stiches, aus der Intaglio-Technik in die Relief-Technik." Uma modificação ainda se nota: na gravura da *Vita Christi*, corre sangue das mãos do Senhor Crucificado, que os anjos recolhem nos calices que seguram. Na gravura de 1466, os anjos teem egualmente os calices nas mãos, mas não corre sangue das mãos do Senhor. As outras gravuras, do retabulo da adoração, que representa D. João II e D. Leonor ajoelhados, dos escudos das Armas Reaes e dos emblemas, é mais do que provavel que tenham sido executadas em

themselves; but the poverty of our vocabulary has given rise to this, so the said father deserves pardon rather than blame. So with the said clear and lucid corrections, by desire and command of her said Majesty the Queen, I Valẽtino de Moravia with my partner Nicolao de Saxonia have undertaken to print this work, not only for the temporal and transitory reward we shall receive for it, but also to serve your Royal Lordship and her Serene Highness and the most high and everlasting God...."

The *Vita Christi* is an admirable example of the art of typography, and thoroughly worthy of the distinguished Queen who ordered its publication; it consists of four large folio volumes, carefully printed on splendid paper. The Gothic type in three sizes must certainly have been brought by the printers from Germany, probably by Valentim Fernandes, who seems to have been the chief partner. Doubtless the woodcut of the Crucifixion (fig. 5), which reappears in the *Missale Bracarense* printed by Nicolao de Saxonia in 1498, also had a German model. Haebler attributes this plate to a German artist "the master E. S." Dr S. R. Koehler reproduces the master E. S.'s metal cut of 1466 as well as the woodcut from the *Vita Christi* in an article entitled *Der Meister E. S. von* 1466 *in Portugal*, published in 1899 (*Zeitschrift für Bildende Kunst*), and says that "der Schnitt in dem Buche weiter nichts ist als eine sehr genaue Umsetzung des Stiches, aus der Intaglio-Technik in die Relief-Technik." One slight difference should be noted: in the *Vita Christi* woodcut, drops of blood are falling from the Christ's hands, and the two Angels are holding chalices to receive them; but in the 1466 metal cut, though the Angels also hold chalices, the drops of blood are not indicated. It is more than probable that the woodcuts of Dom João II and Dona Leonor kneeling at the altar, of the Royal coats of arms, and of the

O liuro terçeyro

¶ Aqui se começa o liuro terçeyro intitullado vida de xpo segũdo a hystoria euãgelical Capitollo primeiro da cõfissom verdadeira ffe a qual fez pedro por todos.

Apres das suso ditas cousas: jesu como saluador derramando τ spargẽdo per todo lugar o lume da sua doctrina: τ buscando de cada lugar os q̃ perdidos erã τ saluãdo p todas partes os que eram penitẽtes. [veyo a as partidas.] τ comarca. [de çidade] que auia nome. [çesaria philippe] mas agora ha nome paueas. Em esta çidade τ darredor della moraua poboo dos gentios. τ portanto xpo em aq̃sto quis aqui reuellar ou descobrir o segredo da sua encarnaçõ porq̃ mostrasse que o fundamento da ygreja esta em a fe dos gẽtios. Estãdo elle soo fazẽdo oraçõ no caminho. [preguntou seus discipollos.] nõ por aprẽder delles algũa cousa em q̃ duuidasse. mas por enformar a elles na verdad. E por determinar o erro dos homeẽs per as suas respostas. ou tro si por lhes dar occasiõ d auerem merito τ por affirmar a nos τ cõfirmar em a fe pa sua fiel cõfissom. Jté por tal q̃ cõfirmasse a fe sua delles per o seu cõsentimẽto τ conheçimẽto seguinte. τ por mostrar a differença dos apostollos τ dos poboos. Querendo pois o senhor q̃ fossẽ declarad⁹ os erros d⁹ gẽti⁹. por tal q̃ tirad⁹ aq̃lles os discipoll⁹ digã a uerdade p̃gũtou os dizẽdo [quẽ dizẽ os homẽs q̃ he o filho do homẽ?] s. da virgẽ. Segũdo crisostomo. filho do homẽ s. da virgẽ se diz aq̃lle q̃ quer q̃ seja creydo a despẽsaçõ da encarnaçõ. q̃ quer q̃ vẽham⁹ a auer della cõheçimẽto. τ q̃ a cõfessem⁹ τ aq̃sto a soo xpo cõuẽ. s. seer filho da virgẽ porq̃ adã foy filho da terra τ os outros som filh⁹ dos homẽs porq̃ som geerad⁹ d padre τ de madre: mas soo xpo foy filho d huũ soo homẽ. s. da virgẽ: τ hũa soo nadre teu na terra. assy como no çeeo tere huũ soo adre. Segũdo jeronimo nom disse christo quem dizem os homẽs que som eu por que nõ pareçesse que o dizia por se guabar ou louuar. A qual cousa he contra aquelles que semp se querẽ nomear da mais honrra da geera çom τ dos mais dign⁹ parentes q̃ teẽ. τ nõ fazẽ mẽçõ dos mais peq̃n⁹. E assi meesmo deuiã de preguntar os p̃llad⁹ τ os doctores τ os grãdes homẽs por sua fama aos seus chegad⁹. porq̃ a boa fama do q̃ he p̃sidente τ regedor mujto ajuda a fazer pueito τ fructo: τ a ma a fama grãde dãpno traz para aq̃sto. Onde diz origines preguntou xpo os discipollos porq̃ nos sejamos ensinad⁹ de sempre escoldrinhar q̃ oppiniõ teẽ os homẽs a çerca de nos por tal q̃ se alguũ mal se diz q̃ o cortem⁹ τ tiremos os aazos. τ as razoões porq̃ aq̃llo vyer τ nasçe τ se alguẽ bẽ dizem de nos q̃ o acreçẽtem⁹. τ dem⁹ aazo q̃ nossa oppiniõ τ fama seja ajnda melhor. E os discipoll⁹ dos bp̃os som aqui ensinad⁹ p exẽplo dos apostoll⁹ q̃ q̃aesq̃r oppinioões τ famas q̃ ouuerẽ de se⁹ bp̃os q̃ lhes façã rellaçõ dellas. E ẽ aq̃llo q̃ o senhor p̃gũtou p a fe das cõpanhas aos appostoll⁹ deu a entender q̃ os p̃llad⁹ som tehud⁹ d dar cõta da fe de se⁹ subdict⁹. E porq̃ de xpo erã desuayradas oppinioões ẽ o poboo portãto [respõderõ os discipoll⁹ dizẽdo q̃ algũ⁹ diziã q̃ era johã o baptista. τ outr⁹ diziã seer helias. outr⁹ jeremias ou hũ dos antigoos prophetas] p̃meir⁹ τ q̃ resurgira do⁹ mort⁹. E assi agora d̃suajrã os homẽs ẽ buscãdo a saluaçõ Cada huũ poõe a sua bẽauẽturãça ẽ aq̃llo q̃ auia. τ aq̃llo honra τ adora por d̃s. porq̃ segũdo agustinho. esto he adorado do homẽ q̃ p elle he mais amado [De si demãdou aos discipoll⁹] q̃ elles meesmos cõfessassẽ aq̃llo q̃ delle entẽdiã. [E disse lhes τ v⁹?] outr⁹ q̃ nõ soões da gẽte popullar mas soões me⁹ discipoll⁹ a q̃ he dado d cõheçer o misterio: τ segredo do regno de d̃s. τ q̃ sooes luz do mũdo a q̃ eu notiffiquey q̃aesquer cousas q̃ ouui do meu padre. [quẽ me dizees que som.] E pedro conheçendo em elle diuinal natureza seer verdadeiramente: τ confessando em huũ meesmo soposto seer verdadeiro deos τ homem. [respondeo dizendo. Tu es christo.] τ em quanto es homem es vntado de oleo de graça sobre te⁹ cõp

Primeira pagina do Livro III da *Vita Christi*
First page of Book III of the *Vita Christi*
Lisboa, 1495

Portugal, sendo possivel que na sua officina, os impressores tivessem um entalhador vindo com elles: o mesmo se póde suppôr no que diz respeito aos titulos xylographados dos frontispicios. Quanto ás lindas lettras capitaes da *Vita Christi*, e ás outras depois empregadas por Valentim Fernandes em diversas das obras sahidas dos seus prelos, fôram ellas tambem seguramente importadas, pois já antes as vêmos usadas por Friedrich Biel—Fadrique de Basilea—em Burgos, onde começou a imprimir em 1485. No decorrer d'este livro mostraremos casos identicos ácerca de gravuras e de lettras capitaes, sendo interessante seguil-as nas differentes obras sahidas dos prelos de diversos impressores, o que mais uma vez demonstra, facto sabido, que os impressores emprestavam, alugavam, trocavam e vendiam gravuras entre si. Talvez mesmo as herdassem. Certamente o mesmo acontecia com as admiraveis lettras capitaes. Reproduziremos no decorrer d'esta obra, gravuras e lettras capitaes de que se serviram alguns impressores, e em epochas bem distantes, pois apresentaremos, por exemplo, uma gravura de um livro impresso em 1566, que já tinha sido usada na *Estoria de Vespesiano* de 1496 e no *Marco paulo* de 1502. Ao tratar do livro mais antigo que se conhece impresso em Portuguez, pareceu-nos necessario fazer uma referencia a este facto, por o julgar importante para o estudo da typographia em Portugal nos seculos XV e XVI.

Se lamentamos que Garcia de Resende na sua *Miſcellanea*, não nos diga quando foi introduzida a imprensa em Portugal, ainda mais sentimos que Valentim Fernandes nos não informe na sua *Epiſtola*, qual foi o primeiro livro impresso em Portuguez, e nos não forneça, entre os feitos de D. João II e os actos de lucida intelligencia de D. Leonor, mais alguns dados sobre a "nobre arte impreſſoria" em Portugal, no seculo XV.

Propositadamente deixámos para o fim das nossas notas, o estudo das gravuras, tanto das Armas Reaes, como dos emblemas. As pri-

emblems were executed in Portugal, possibly even by some engraver who had accompanied the printers from Germany and worked in their office; and the xylographic titles on the first page of each volume may have been produced in the same way. The beautiful capital letters in the *Vita Christi* and those afterwards used by Valentim Fernandes in some of his other publications must also have been imported, for they are to be found in books printed by Friedrich Biel (Fadrique de Basilea), who began to work in Burgos in 1485. In the course of this work, we shall show other similar cases of woodcuts, and even capital letters used by different printers in various works, thus giving further proof of the known fact that printers did lend, hire, exchange, sell and possibly even bequeath each other woodcuts, and probably also capital letters. We shall reproduce woodcuts and initials used by divers printers at widely different periods; for instance, there is one woodcut in a book printed in 1566, which had already been used in the *Estoria de Vespesiano*, 1496, and in the *Marco paulo*, 1502. It seems appropriate to mention this matter when treating of the oldest book we possess printed in Portuguese, as it is important for the study of typography in Portugal in the XVth and XVIth centuries.

If we lament the fact that Garcia de Resende does not tell us, in his *Miſcellanea*, when printing was introduced into Portugal, we regret even more that Valentim Fernandes does not inform us, in his *Epiſtola*, which was the first book printed in Portuguese, and does not include a little more information about the "noble art of printing" in Portugal in the XVth century in his description of Dom João II's deeds and Dona Leonor's acts of clear intelligence.

We purposely left the study of the woodcuts of the Royal Arms and the emblems, until the end

meiras são simples: representam as armas de D. João II e de D. Leonor. Quanto ás duas outras, se hoje já estão "decifradas," carecem ainda de algumas explicações, especialmente a da divisa de D. Leonor. A gravura do Pelicano é a divisa de D. João II, com o moto "Pola Lei—Pola Grei." A outra, enigmatica como ap⸗parece na *Vita Christi*, é o emblema da Rainha D. Leonor. Explicações fôram dadas por Inno⸗cencio (*Diccionario*, vol. VIII, p. 352), e mais completas ainda na sua significação, por Sabugosa (*ob. cit.* p. 303). Tanto na sua *Bibliografía Ibérica* como na sua *Geschichte des Spanischen Frühdruckes*, Haebler não parece ter comprehendido a verda⸗deira interpretação d'estas duas gravuras, sobre⸗tudo a da *Rêde*, que considera como marcas de impressores, e onde viu iniciaes que não existem. Não ha duvida que impressores, por exemplo Diego de Gumiel, Barcelona, tiveram um pelicano como marca. Mas na *Vita Christi*, o caso é totalmente differente. Ruy de Pina, na *Chronica d'ElRey D. João II* (cap. XIX, p. 65), escreve:

"ElRey em ſendo Princepe tomou por deviſa, polla Princeſa ſua molher hũ Pelicano, Ave rompente ſangue no peito, pera ſoſtentamento, e criaçam de ſeus filhos, que no ninho tem comſigo. E tanto foy de ſeu contentamento, que a nom mudou deſpois que foy Rey; e com ella trouxe por letra correſpondente aa piedoſa morte do Peli⸗cano que dizia: *Por tua ley, e por tua grey.*"

É possivel que esta divisa fôsse adoptada pouco tempo após o nascimento do Principe D. Affonso, em 1475. Depois de Rei—e que Rei!—guardava a sua symbolica divisa nos tempos difficeis de conspirações e de luctas que vencia: a paz seguia⸗se á guerra, e o Principe Perfeito organisava e reconstruia o Reino: ao mesmo tempo, continuando o caminho traçado pelo Infante D. Henrique, preparava o Imperio Colonial, sobre sólidas bases scientificas. Esse ambicioso e admiravel ideal é descripto por Joaquim Bensaude n'esta phrase lapidar:

of these notes. The first are very simple—they represent the arms of Dom João II and Dona Leonor. As for the two emblems, though they have already been "deciphered," they still stand in need of a little explanation. The woodcut of the Pelican is Dom João II's device, with the motto "Pola Lei—Pola Grei" (For the Law and for the Flock); the other, which appears in a somewhat enigmatical form in the *Vita Christi*, is the emblem of Queen Leonor. Innocencio (*Diccionario*, vol. VIII, p. 352) has given some explanation of the subject, to which a fuller significance has been given by Sabugosa (*op. cit.* p. 303). Haebler (*Bibliografía Ibérica* and *Ge⸗schichte des Spanischen Frühdruckes*) does not seem to have understood the true interpretation of these two woodcuts, where he finds initials that do not exist, and comes to the conclusion that both are the printers' marks. Certainly some printers, such as, for instance, Diego de Gumiel of Barcelona, did use marks depicting pelicans; but with the *Vita Christi* the case is entirely different. Ruy de Pina (*Chronica d'ElRey D. João II*, chap. XIX, p. 65) writes:

"And the King, while he was yet a Prince, took as a device, in honour of the Princess his wife, a Pelican vulning herself to sustain and nourish her young, who are in the nest with her. And he was so content with it that he did not change it after he became King; and with it he used a motto corresponding to the Pelican's piteous death: 'For thy law and for thy flock.'"

This device was possibly adopted shortly after Prince Affonso's birth in 1475. After he be⸗came King—and what a King!—he kept his symbolical device in the difficult times of con⸗spiracies and struggle through which he passed: after war came peace, and the Perfect Prince organised and reconstructed the kingdom, carry⸗ing out the programme traced by Prince Henry the Navigator, and preparing a solid scientific basis for the Colonial Empire. His splendid and am⸗bitious ideal is described by Joaquim Bensaude in the following memorable passage:

"L'Europe entière cherchait à résoudre uniquement le problème de la route maritime des Indes. C'est D. João II, qui en étudie le plan; c'est lui l'aigle longtemps inconnu qui plane dans les nuages, qui conçoit dans l'ombre les moyens de le réaliser. D. João, tout grand qu'il était, ne faisait qu'achever les plans de D. Henrique" (*Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, p. 45).

A divisa do pelicano, adoptada em honra da mulher, representava um programma.

"E como que affirmando o empenho commum em promover a felicidade do seu povo, accrescentou-lhe a significativa lettra: *por tua ley e por tua grey*. Essa grey era o rebanho que ambos pastoreavam, era a Nação que começava a ver nos soberanos os defensores naturaes, promptos a darem o proprio sangue pelo bem estar dos vassallos, era o Reino todo que começava a ter consciencia da ideia de *patria*, até então apenas esboçada na alma popular, e agora affirmada na divisa de D. Leonor e traduzida na conceituosa phrase do Rei seu marido" (Sabugosa, *ob. cit.* p. 128).

Essa confiança inspirada á grey, esse sentimento tão bello da ideia da Patria que havia creado, essa admiravel organisação, emfim, esse sentimento do *Dever* e de *Servir*, fez escrever ao seu tão dedicado chronista Garcia de Resende,

"...ꝛ aſſi fez e ordenou outras muytas ꝛ boas couſas ꝺ muito proueito ꝛ boa gouernaçã de ſeus reynos ꝛ naturaes em que moſtraua o grande amor q̃ a ſeus pouos tinha: ꝛ bẽ conforme ao pelicano q̃ por deuiſa trazia" (*Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, 1545).

O amor ao filho, o Principe D. Affonso, tambem devia estar representado na divisa, e fez certamente sangrar o Pelicano, após a sua tragica morte em 1491, da queda de cavallo, no campo do Alfange á beira do Tejo, perto de Santarem. Essa desgraça foi a origem da divisa de saudade da Rainha D. Leonor. Os chronistas Ruy de Pina e Garcia de Resende narraram a desaventura, e ultimamente Sabugosa contou-a

"L'Europe entière cherchait à résoudre uniquement le problème de la route maritime des Indes. C'est D. João II, qui en étudie le plan; c'est lui l'aigle longtemps inconnu qui plane dans les nuages, qui conçoit dans l'ombre les moyens de le réaliser. D. João, tout grand qu'il était, ne faisait qu'achever les plans de D. Henrique" (*Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, p. 45).

The adoption of the Pelican for a device in honour of his wife represented a programme.

"And as if affirming the common obligation to promote the happiness of his people, he added to it the significant motto: *For thy law and for thy flock*. This flock was the one they both tended, it was the Nation which was beginning to see its rulers as its natural protectors, ready to give their own blood for the well-being of their subjects; it was the whole Kingdom then beginning to understand the meaning of *patriotism*, which had hitherto been but faintly sketched in the spirit of the people, and was now affirmed in Dona Leonor's device and expressed in the King her husband's ingenious phrase" (Sabugosa, *op. cit.* p. 128).

The confidence he inspired in the flock, the beautiful patriotic ideals he engendered, his admirable organisation, and his sense of the *Duty* and *Service* he owed to his country, caused his devoted chronicler Garcia de Resende to write:

"...and so he did and commanded many other good things for the benefit and good government of his kingdom and subjects, in which he showed the great love he bore to his people, in accordance with the pelican he used as a device" (*Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, 1545).

His love for his son Dom Affonso is also represented in the device, and must have made the Pelican bleed after the Prince's tragic death in 1491, as a result of a fall from his horse, in the field of Alfange on the banks of the Tagus, near Santarem. This affliction was the origin of Queen Leonor's commemorative device. The chroniclers Ruy de Pina and Garcia de Resende tell the story of the catastrophe, and finally

no seu estylo encantador (*A Rainha D. Leonor*, p. 169 *e seg.*). Tendo o Principe cahido com o cavallo, foi levantado sem sentidos, moribundo, e levado para uma cabana de pescadores alli perto, onde falleceu.

"Diz a tradição, que ao sahir da casa do pobre pescador, onde o Principe se finára, lançou (D. Leonor) mão de uma das rêdes que, pen-duradas nas forquilhas de madeira, seccavam no estreito recinto, e nunca mais quiz separar-se d'essa reliquia que fôra testemunha da sua angustia suprêma" (Sabugosa, *ob. cit.* p. 177).

Outra tradição reza que o Principe, tendo cahido não longe da cabana dos pescadores, fôra levado para a humilde habitação em uma rêde. Tanto uma como a outra versão é egualmente admissivel. O facto é que a Rainha, como preito de dôr e de saudade, tomou como divisa a *Rêde*, a que se tem chamado,—erradamente na nossa modesta opinião,—o *Camaroeiro*, pois certa-mente não havia camarões perto de Santarem. A *Rêde* tem, na sua dolorosa saudade, um signi-ficado especial para um paiz como Portugal, e sobretudo n'aquella epocha dos descobrimentos maritimos. Sabugosa (*ob. cit.* pp. 177 e 178) des-creve admiravelmente o que a *Rêde* representa:

"Obedecendo a esse impulso sentimental, na escolha de um emblêma tão singularmente ex-pressivo para signalar o seu drama intimo, a Rainha revelava mais uma vez o instincto poetico da raça a que pertencia. Sem o raciocinar, casava rhytmicamente o seu espirito com a alma do povo. A uma Nação de marinheiros, quadrava bem uma Rainha que punha junto das suas armas uma allegoria maritima. O pescadôr adora as rêdes; e Portugal, de norte a sul, é um povo de pescadôres....O *Camaroeiro* da Rainha D. Leonor traduz assim a identificação do seu sentir com o sentir do povo, e ao lado do *Pelicano* completa as duas feições typicas da alma d'essa Princeza. Com a figura da Ave Rompente significa a dedicação á sua Grey. Com a rêde do pescadôr, toma de entre os petrechos de uma nação de

Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, pp. 169 *et seq.*) has related it in his beautiful style. The Prince having fallen with his horse, he was picked up unconscious and dying, and carried to a fisher-man's hut, where he passed away.

"Tradition says that, coming out of the poor fisherman's hut, where the Prince had breathed his last, Dona Leonor took hold of one of the nets, which, hanging from some wooden stakes, were drying in the narrow room; and she would never be separated from this relic which had been witness to her supreme anguish" (Sabu-gosa, *op. cit.* p. 177).

Another tradition tells that, as the Prince fell not far from a fisherman's hut, he was carried to the humble dwelling in a fishing-net. Both versions are equally admissible; but the most im-portant point is that the Queen took the *Net* as a device in proof of her mourning and remem-brance. The *Net* has been called the *Camaroeiro* (Shrimping-net), and this, in our humble opinion, is wrong, for there were certainly no shrimps near Santarem. The *Net*, with its sad associations, has a special significance in a country like Portugal, and especially in that era of maritime discovery. Sabugosa (*op. cit.* pp. 177 and 178) gives an admirable description of what it represents:

"Obeying this sentimental impulse in the choice of such a singularly expressive emblem to commemorate her inward drama, the Queen once more revealed the poetic instinct of the race to which she belonged. Without reasoning, she poetically wedded her spirit to the soul of the people. A Queen who joined a maritime allegory to her coat of arms suited well a Nation of sailors. The fisherman adores his nets, and Portugal from north to south is a country of fishermen....The Queen's *Camaroeiro* thus trans-lates the identity of her spirit with that of the people, and, beside the *Pelican*, completes the two typical features of this Princess's soul. With the figure of the Pelican in her piety, she signifies her devotion to her flock. With the fisherman's net, she takes from among the implements of a Nation of sailors, the most characteristic emblem

V Carta assignada por El-Rei D. João II em Santarem a 18 de Fevereiro de 1486

Letter signed by King João II in Santarem on February 18th, 1486

[illegible]

mareantes o mais caracteristico emblêma, para symbolisar a sua saudade."

Assim vêmos na *Vita Christi*, o *Pelicano* e a *Rêde*. A divisa de D. Leonor, encontramol-a, em brasões d'armas, como no da Villa das Caldas da Rainha; em monumentos, como na egreja das Caldas, da Madre de Deus em Lisboa, e na Batalha; em objectos do seu uso, como no precioso Relicario do Mosteiro da Madre de Deus, hoje existente no Museu das Janellas Verdes em Lisboa, e na pia de agua benta da egreja da Madre de Deus; em illuminuras, como no admiravel *Livro de Horas da Rainha D. Leonor*, que se encontra na collecção Pierpont Morgan, e cuja photographia nos foi gentilmente enviada pelo Dr Reynaldo dos Santos. Em todos estes exemplos que enumeramos, alguns apenas entre muitos, a divisa da Rainha está sempre representada "ás direitas," quer dizer em sentido inverso da gravura da *Vita Christi*. Mas ha mais: nos *Autos dos Apostolos*, continuação da *Vita Christi*, egualmente mandados imprimir pela Rainha D. Leonor ao seu escudeiro Valentim Fernandes,—livro ainda mais raro do que a *Vita Christi* e do qual apenas um exemplar é hoje conhecido em Portugal, o da Bibliotheca de Evora,—mostraremos, ao apresentar o esplendido exemplar que possuimos d'essa joia bibliographica, que a gravura da divisa da Rainha se encontra egualmente "ás direitas," sendo, contudo, *absolutamente a mesma* gravura da *Vita Christi*, mas em sentido *inverso*. A explicação parece-nos pois muito simples; a gravura da *Vita Christi* foi impressa *ás véssas*, e a sua posição invertida significa um erro de impressão, erro que Valentim Fernandes corregiu nos *Autos dos Apostolos*.

Quanto á gravura por baixo do colophon, é ella a marca dos dois impressores, contendo sobre cada um dos escudos, as iniciaes dos dois mestres —N.—Nicolau; V.—Valentim.

Para melhor "encaixilhar" ainda a *Vita Christi*, reproduzimos duas cartas; uma de D. João II, outra de D. Leonor, para que as suas

to symbolise her deep feeling of mournful remembrance."

These are the reasons why we find both the Pelican and the Fishing-net in the *Vita Christi*. Dona Leonor's device appears in coats of arms, such as that of the town of Caldas da Rainha; in monuments, like those in the church at Caldas, in the Madre de Deus at Lisbon, and at Batalha; in works of art, such as the precious reliquary of the monastery of Madre de Deus, now in the Museum of Janellas Verdes in Lisbon, and the holy-water stoup in the church of Madre de Deus; in illuminated miniatures, like the one in the magnificent *Livro de Horas da Rainha D. Leonor* in the Pierpont Morgan collection, a photograph of which was kindly sent to us by Dr Reynaldo dos Santos. In all the examples we have enumerated, which are but a few among many, the Queen's device is always represented the right way round and not reversed and inverted as it is in the *Vita Christi*. But further, in the *Autos dos Apostolos*, which is even rarer than the *Vita Christi*, the Evora copy being the only one known in Portugal to-day, and which was also printed by Dona Leonor's squire Valentim Fernandes, at her command, the Queen's device is printed the right way round, though it is, as we shall show when we describe our splendid copy of this bibliographical jewel, *exactly the same woodcut* as appears *reversed* in the *Vita Christi*. The explanation seems then very simple: the inverted position of the *Vita Christi* woodcut is due to a misprint, corrected by Valentim Fernandes in the *Autos dos Apostolos*, which can rightly be considered as a continuation of the *Vita Christi*.

The design below the colophon is the mark used by the two printers, and bears the masters' initials: N. for Nicolao and V. for Valentim, above the two shields.

As a background for the *Vita Christi* we reproduce two letters, one from Dom João II and the other from Dona Leonor, so that their

assignaturas se encontrem juntas ao livro que mandaram publicar, o primeiro impresso em Portuguez, de que ha noticia. A carta de D. João II, dirigida a Fernando de Lima, "copeyro moor e alcayde moor por nos do caſtello de Guymarães," o mesmo fidalgo mencionado no alvará de D. Affonso V (ver as nossas notas sobre o manuscripto de Pisano, *De Bello Septensi*), é um documento assignado pelo Principe Perfeito em Santarem, a 18 de Fevereiro de 1486. Tem um interesse especial, pois mostra-nos a justiça do Monarcha. El-Rei, tendo sido informado pelo seu alcaide mór que dois juizes de Guimarães não quizeram fazer "algumas couſas que compriam a noſo serviço," ordena a Fernando de Lima que castigue os dois juizes como melhor lhe parecer, para que "ora quando alguma couſſa lhes da noſa parte for mandado ou rrequerido o façam com outra deligencia."

A carta de D. Leonor, dirigida a Paulo Pereira, é um documento excessivamente difficil de decifrar, no qual vêmos que a Rainha lhe agradece uma carta, que lhe foi trazida por Martim A°, e serviços prestados. Tem o interesse de mencionar a Madre de Deus, mosteiro que ella fundára, e de ser datada da Villa das Caldas,—Caldas da Rainha,—que ella egualmente fundára, villa, que no seu Brasão d'Armas ostenta a divisa da *Rêde*. Tem a assignatura da Rainha, e a data de 11 de Dezembro de 1518.

Egualmente, fazendo uma excepção, daremos aqui a reproducção do frontispicio da *Vita Christi* em Hespanhol, mandada imprimir pelos Reis Catholicos em Alcalá de Henares, em 1502. O exemplar que possuimos pertenceu á Rainha D. Leonor e tem o seu ex-libris manuscripto: "Eſte liuro nõ ſe pode dar fora ſob pena deſcomunhão por q̃ foy da rainha dona leanor." Este ex-libris é, póde dizer-se, o mesmo que se lê no *Livro de Horas da Rainha D. Leonor*, descripto por Sabugosa (*ob. cit.* p. 277). A *Vita Christi* em Hespanhol, impressa por

signatures may be found in connection with this book printed by their order—the first known work printed in the Portuguese tongue. The letter from Dom João II to Fernando de Lima, "Chief cup-bearer and governor in our name of the Castle of Guimarães" (the same nobleman mentioned in D. Affonso V's letter, quoted in our notes on Pisano's *De Bello Septensi*), is an interesting document signed by the Perfect Prince in Santarem on February 18th, 1486. It is especially interesting in that it shows us the Monarch's justice. The King, having been informed by his Governor that two judges in Guimarães would not do "certain things which were necessary in our service," orders Fernando de Lima to chastise the two judges as may seem most expedient to him, so that "in future when anything is commanded or required of them on our behalf, they will perform it with more diligence."

Dona Leonor's letter to Paulo Pereira is a very difficult document to decipher, and in it we see that she conveys her thanks for a letter brought her by Martins A°, and for services rendered. It is interesting as mentioning the Madre de Deus, the monastery she founded, and as being dated from Villa das Caldas—Caldas da Rainha—a town which includes the *Net* in its coat of arms and was also founded by the Queen. The letter bears Dona Leonor's signature and is dated December 11th, 1518.

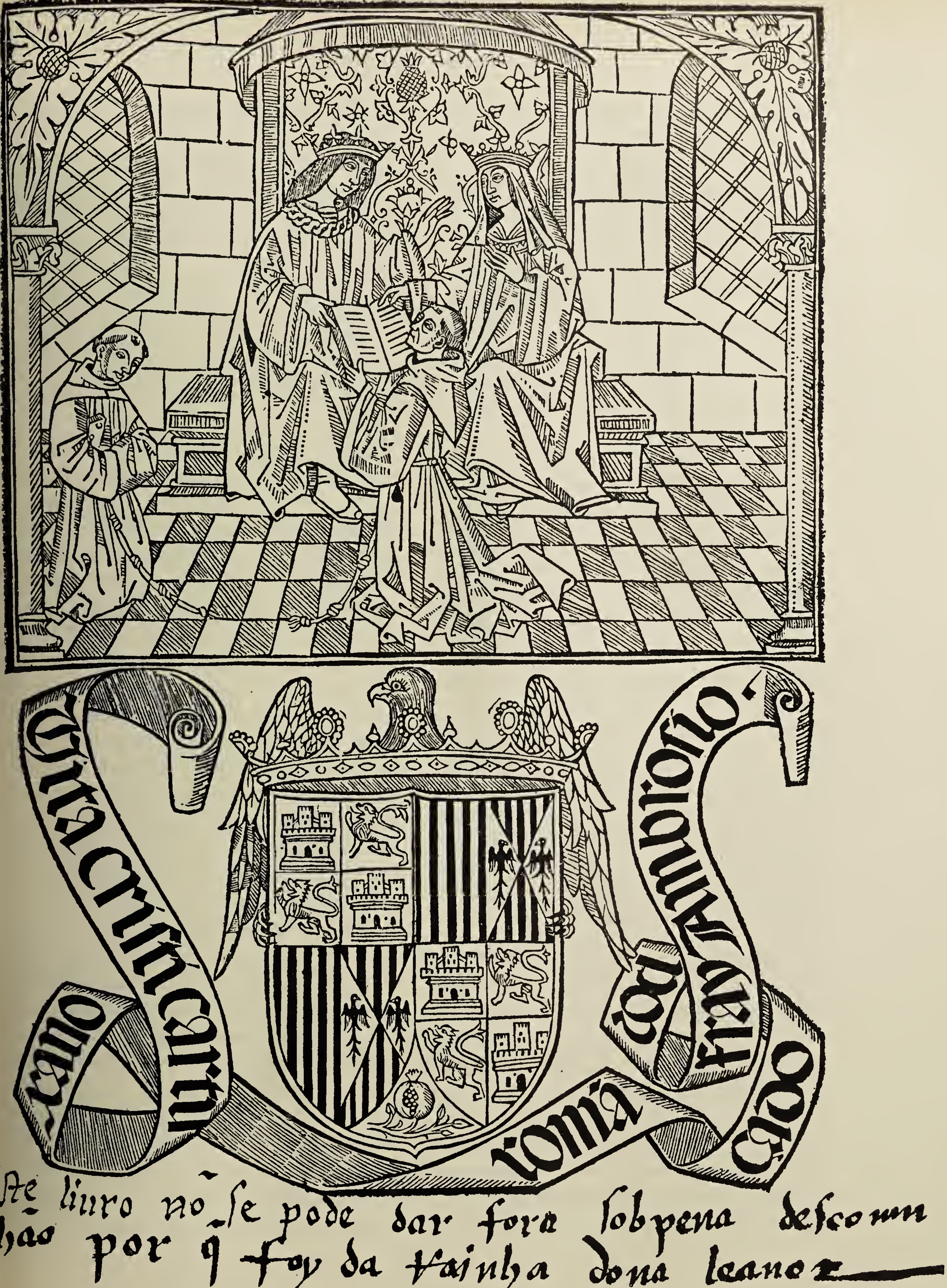
We shall also make an exception and give a reproduction of the title-page of the *Vita Christi* in Spanish, printed at Alcala de Henares in 1502 by command of Ferdinand and Isabella. Our copy belonged to Queen Leonor and has her manuscript ex-libris: "This book must not be removed on pain of excommunication, for it belonged to Queen Leanor." The ex-libris may be said to be the same as the one in the *Livro de Horas da Rainha D. Leonor*, described by Sabugosa (*op. cit.* p. 277). The *Vita Christi* in Spanish, printed by order of Ferdinand and

VI Carta assignada pela Rainha D. Leonor na Villa das Caldas a 11 de Dezembro de 1518

Letter signed by Queen Leonor in Villa das Caldas on December 11th, 1518

Paulo pª Nos a ffª vos emviamos saudar / vimos vossa
carta que nos martim aº de [illegible] a paga [illegible]
doa com os alvaras que [illegible] das [illegible]
da madre de deus e que della a tanto de [illegible] o galardam
vos agradecemos e [illegible] e [illegible] trabalheis
e assy vos encomendamos que [illegible] tempo e [illegible]
que nos escrevemos nos [illegible] lembrança [illegible]
a [illegible] de dezº de [illegible]

[illegible]



6 Folha do rosto da *Vita Christi* (Alcala, 1502) em Hespanhol com o ex-libris manuscripto da Rainha D. Leonor
Title of the *Vita Christi* (Alcala, 1502) in Spanish showing manuscript ex-libris of Queen Leonor, wife of João II

mandado dos Reis Catholicos, foi publicada sete annos depois da *Vita Christi* em Portuguez. Quando o nosso querido amigo Sabugosa nos pediu para reproduzir no seu livro *A Rainha D. Leonor*, o nosso exemplar, por causa do ex-libris da Rainha, formulámos uma hypothese que mantemos (Sabugosa, *ob. cit.* p. 304): o exemplar foi provavelmente offerecido por Izabel a Catholica á Rainha D. Leonor: as datas permittem essa supposição, assim como as relações e o parentesco que existiam entre as duas Côrtes: para nós, o seu valor é derivado de ter pertencido á nossa illustre Rainha.

Da *Vita Christi* em Portuguez, Proença e Anselmo (*Bibliografia dos Incunábulos Portugueses*) enumeram 13 exemplares conhecidos: B. N. de Lisboa (2 ex. completos e 3 incompletos); Archivo Nacional da Torre do Tombo (2 ex.); B. M. do Porto; Univ. de Coimbra; B. d'Ajuda; Visconde da Esperança (Evora); B. Palha (a que falta o quarto volume); Liv. Azevedo-Samodães (hoje na posse de J. P. R. Lyell, Oxford). Este ultimo exemplar consistia apenas de fragmentos. A esta lista deve accrescentar-se o exemplar pertencente a Jorge de Avillez de Aguilar e Menezes (Sabugosa, *ob. cit.* p. 300). Um exemplar apenas, alem do nosso (que pertenceu a Sua Majestade El-Rei D. Luiz, e que se encontra completo), se conhece fóra de Portugal: o da Livraria Huntington nos Estados Unidos da America.

É interessante notar que o livro quarto da *Vita Christi* foi impresso primeiro: é possivel, alem d'esse facto se ter dado com outras obras, que assim se procedesse a desejos de D. João II; o livro IV trata da Paixão de Nosso Senhor, pela qual o Monarcha tinha uma especial devoção: quem sabe se, já se sentindo doente, não quiz ver impresso esse tomo antes dos outros? A phrase de Garcia de Resende na sua *Vida z feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, 1545, talvez sirva de explicação:

Isabella, was published seven years after the *Vita Christi* in Portuguese. When our dear friend Sabugosa asked our permission to reproduce the title-page of our copy of the Spanish edition with the Queen's ex-libris, in his work *A Rainha D. Leonor,* we formulated a hypothesis, which we maintain (Sabugosa, *op. cit.* p. 304): the copy was probably given to Queen Leonor by Isabella the Catholic; the dates and the family ties between the two Courts allow of this supposition: the book's value in our eyes is derived from the fact that it belonged to our famous Queen.

Proença and Anselmo (*Bibliografia dos Incunábulos Portugueses*) enumerate thirteen known copies of the *Vita Christi*: Lisbon National Library (two complete copies and three incomplete); Archivo Nacional da Torre do Tombo (two copies); Municipal Library of Oporto; Coimbra University Library; Ajuda Library; Visconde da Esperança (Evora); Palha Library (copy wanting the fourth volume); Azevedo-Samodães Library (now in the possession of J. P. R. Lyell, Oxford). The last-mentioned copy consisted of a few fragments only. One more copy, belonging to Jorge de Avillez de Aguilar e Menezes, must be added to this list (Sabugosa, *op. cit.* p. 300). The only known copy outside Portugal, besides our own (which belonged to His Majesty King Luiz, and is absolutely complete), is the one in the Huntington Library in the United States of America.

It is interesting to note that the fourth book of the *Vita Christi* was printed first: though this happened with other books, it is possible that in this case it was done at Dom João II's express desire. The fourth book treats of Our Lord's Passion, for which Dom João had a special devotion: who knows whether, already beginning to feel ill, he did not wish to see this volume printed before the others? Perhaps we can find an explanation in Garcia de Resende's *Vida e feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, 1545:

"Foy muyto catolico z em grande maneyra amigo de deos z temente a elle / z muyto deuoto da payxam de noſſo ſenhor Ieſu Chriſto / z da ſagrada virgem Maria noſſa ſenhora: z conſeſſado por elle a ora de ſua morte: nunca em ſua vida lhe pediram couſa aa honrra das cinco chagas que nam fizeſſe."

A *Vita Christi* (menos o volume III) é o unico livro conhecido em Portuguez impresso durante o reinado de D. João II. A este monumento bibliographico, mandado publicar pela tão digna mulher do Principe Perfeito, que em Portugal realisára a importancia da imprensa, está ligado um profundo interesse historico. Evoca elle o reinado de D. João II, a sua vida extraordinaria, a sua obra colossal "Pola lei e pola grei." Faz reviver essa epocha gloriosa, durante a qual se preparou o apogeu do triumpho Portuguez, e um Rei admiravel, verdadeiro Principe Perfeito, *o Homem* como lhe chamava Izabel a Catholica! D'esse *Homem* dizia essa illustre Rainha "Prouueſſe a deos, que tais foſſẽ meus filhos como elle he!" (Garcia de Resende, *ob. cit.* fl. xciiij). Outra grande figura, grande entre as Rainhas de Portugal, nos é lembrada pela *Vita Christi*: D. Leonor, a protectora dos pobres, da arte, da imprensa, tão injustamente atacada, hoje com o seu nome levantado bem alto. Excellente serviço prestou Sabugosa á historia patria no seu livro *A Rainha D. Leonor*; assinalado serviço prestou D. Antonio de Lancastre, na sua magistral demonstração (Sabugosa, *ob. cit.* pp. 233 a 243) da morte de D. João II. A peçonha com que accusavam a Rainha de ter envenenado o marido, com o possivel auxilio do irmão, o futuro Rei D. Manuel, desappareceu: e outra grande figura da sciencia, o professor Ricardo Jorge (*O Obito de D. João II*), veiu publicamente approvar a monumental demonstração do seu illustre collega. Veneno nunca existiu; apenas talvez na tinta com que alguns auctores escreveram!

Bellas e profundas divisas o *Pelicano* e a *Rêde*, que vêmos no primeiro "livro de forma" Portuguez,

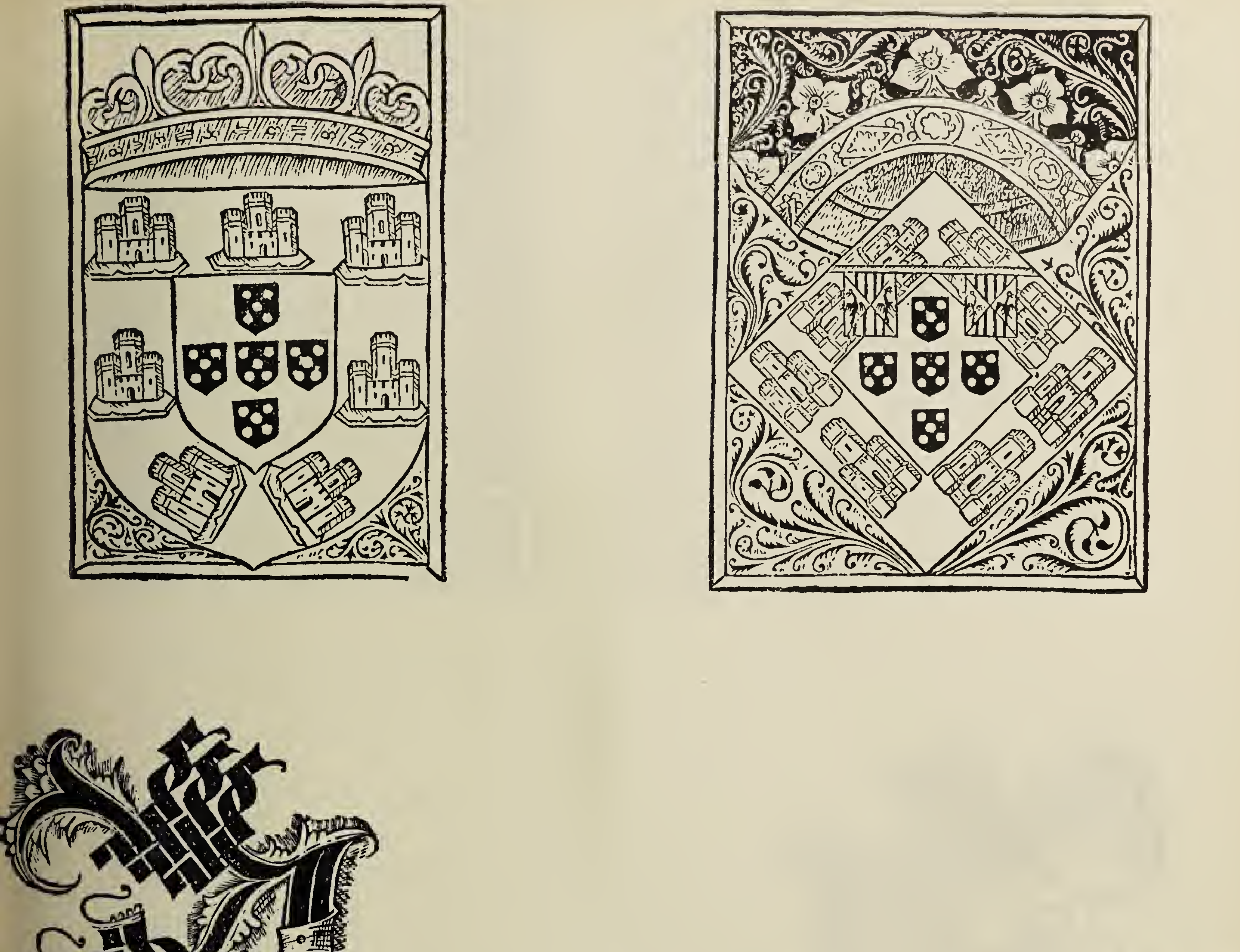
"He was very catholic and loved and feared God very much, and was very devoted to the Passion of Our Lord Jesus Christ and to the sacred Virgin Mary Our Lady; and he confessed in the hour of his death that during his life he never refused to do anything that was asked of him in honour of the five wounds."

The *Vita Christi* (except for volume III) is the only known Portuguese book printed during the reign of Dom João II. A profound historical interest is linked with this bibliographical monument, published by command of the admirable wife of the Perfect Prince, who realised the importance of printing for Portugal. It evokes the reign of Dom João II, his extraordinary life, and his colossal work "Pola lei e pola grei." It revives the story of his glorious reign, during which the apogee of the Portuguese triumph was prepared. Admirable King, truly Perfect Prince, "the Man," as Isabel the Catholic called him, and of whom she said "God grant that my sons become such as he is!" (Garcia de Resende, *op. cit.* fl. xciiij). The *Vita Christi* recalls another great figure, great among the Queens of Portugal: Dona Leonor, the protector of the poor, of art, of printing, who has been so unjustly attacked, but whose good name has now been so splendidly defended. Sabugosa served his country well when he composed his *A Rainha D. Leonor*, as did Dr D. Antonio de Lancastre in his masterly demonstration (Sabugosa, *op. cit.* pp. 233–243) of the real manner of Dom João's death. The poison with which the Queen was accused of having murdered her husband, with the alleged help of her brother, the future King Manuel, has disappeared; and another great figure in science, Professor Ricardo Jorge (*O Obito de D. João II*), has publicly approved of his illustrious colleague's monumental demonstration. The poison never existed, except perhaps in the ink used by certain writers.

The *Pelican* and the *Fishing-net*, as we have said, are beautiful and deeply significant devices, both

emblemas, ambos tão Portuguezes, e que nos apparecem gravados na *Vita Christi* em 1495, anno da morte do Principe Perfeito. É tambem o anno em que sóbe ao throno D. Manuel o Venturoso, o *Rei da Esphera* cuja prophetica empreza havia recebido de D. João II: essas divisas, emblemas dos Soberanos, seguem-se; são um programma; o *Pelicano*, a *Rêde*, preparam a *Esphera*; as tres representam a nossa Historia, e são o grande, admiravel Portugal dos seculos XV e XVI!

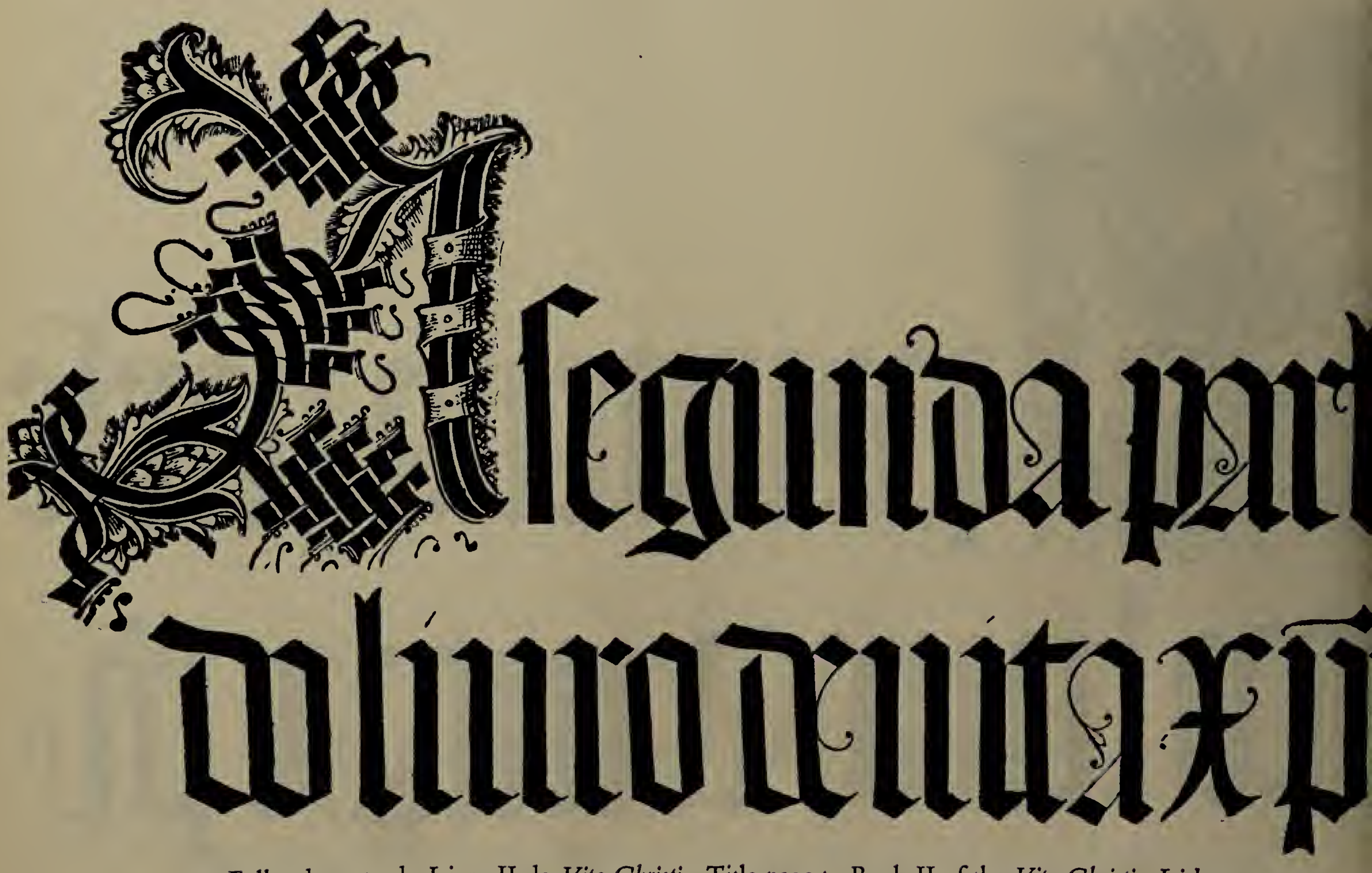
very Portuguese emblems; we find them in the *Vita Christi*, the first Portuguese printed book, in 1495, the year of the Perfect Prince's death and the year when Dom Manuel, the Fortunate—to whom Dom João II gave the Sphere as a prophetical device—came to the throne. The emblems follow and complete each other, forming a programme: the *Pelican* and the *Net* prepare the way for the *Sphere*; and these three represent our History, and are the great, the admirable Portugal of the XVth and XVIth centuries.


A primeira parte do liuro da vita xpi

7 Folha do rosto do Livro I da *Vita Christi*. Title-page to Book I of the *Vita Christi*. Lisboa, 1495



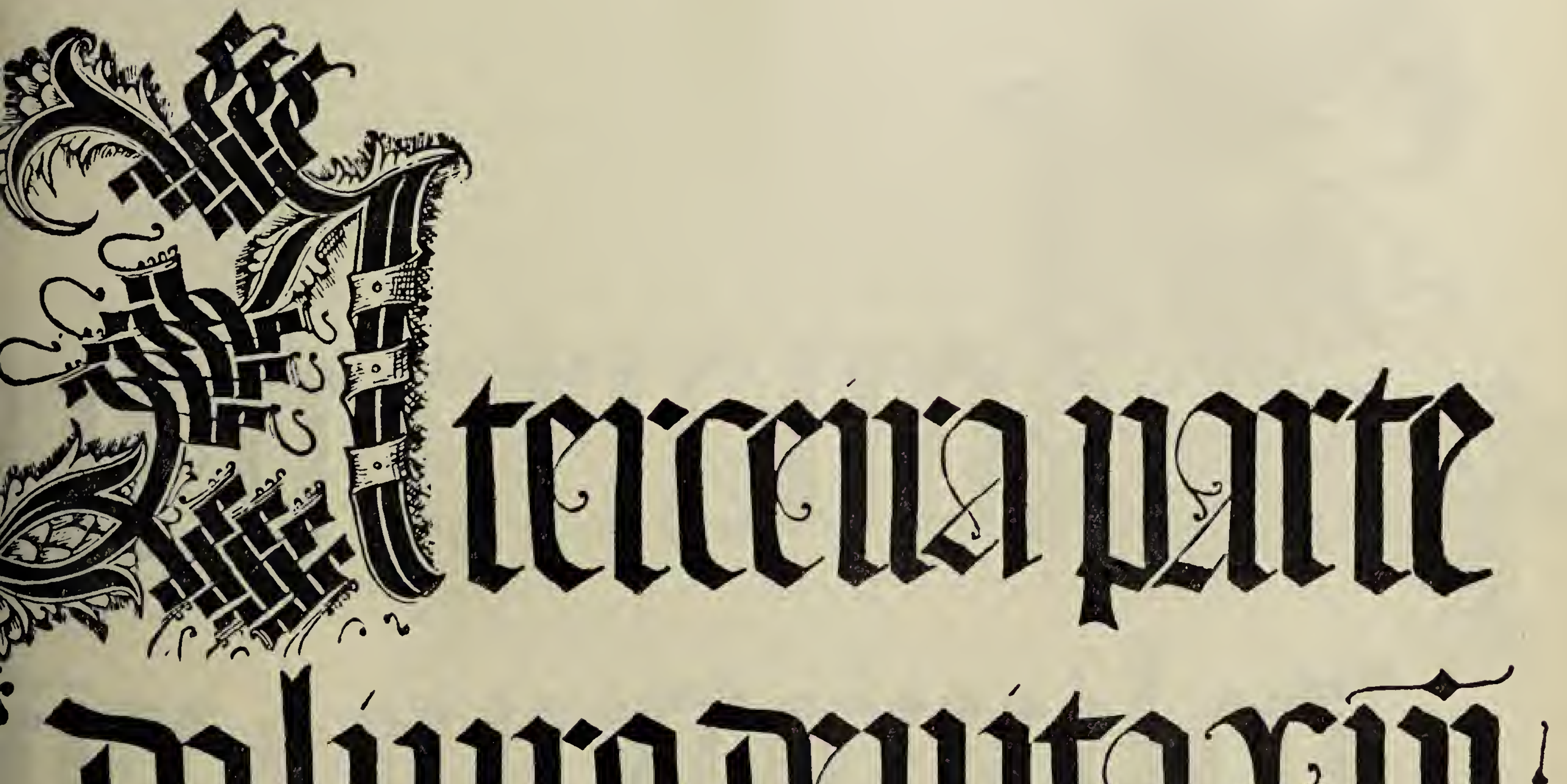




8 Folha do rosto do Livro II da *Vita Christi.* Title-page to Book II of the *Vita Christi.* Lisboa, 1495






A terceira parte
do liuro da uita xpi

9 Folha do rosto do Livro III da *Vita Christi*. Title-page to Book III of the *Vita Christi*. Lisboa, 1495







A quarta part
do liuro de uita xp

10 Folha do rosto do Livro IV da *Vita Christi.* Title-page to Book IV of the *Vita Christi.* Lisboa, 1495





¶ Acabase ho primeyro liuro intitullado de vida de xpõ em lingoagem portugues. Nom a
quelle que se chama da mininiçe do saluador ho qual he apocriffo.xv.di. Mas este que com
pos ho venerable meestre ludolfo prior do moesteyro muy honrrado de argẽtina. da ordem
muy excellente da cartuxa. τ foy tyrado segũdo a ordem da hystoria euangelical. O qual mã
dou tresladar de latym em lingoagem portugues a muyto alta prinçessa infante dona ysabel
duquessa de coymbre. τ senhora de monte moor. Ao muy pobra de virtudes dom abade do
moesteyro de sam paullo. E foy corregido τ reuisto com muyta dilligẽcia por os reuerendos
padres da ordem de sam francisco de enxobregas de obseruãçia chamados menores. E foy
empsso em a muy nobre τ sempre leal çidade de Lixboa. a principal dos regnos de portugal.
Per hos hõrrados meestres τ parçeyros Nicolao de saxonia. τ Ualẽtyno de morauia. por
mandado do muy yllustrissimo senhor el Rey dom Joham ho segũdo. E da muy esclaresçi-
da Raynha dona Lyanor sua molher. A louuor τ gloria de nosso senhor jhesu xpo nosso ds
τ redemptor τ da sua intemerada τ sempre virgem madre gloriosa sancta maria. em cujo no
me τ louuor ho dicto liuro foe τ he cõposto. cujo louuor τ gloria regne em seus fiees xpaãos
pera sempre amen. Em no anno do nascimento do dicto saluador de Mill τ quatroçentos τ
nouenta τ cinco. A.xiiij. do mes de agosto.

Ne proijcias me in tem

pore senectutis cum defecerit virtus



mea ne derelinquas me.

Adiuua nos deus salutaris noster.

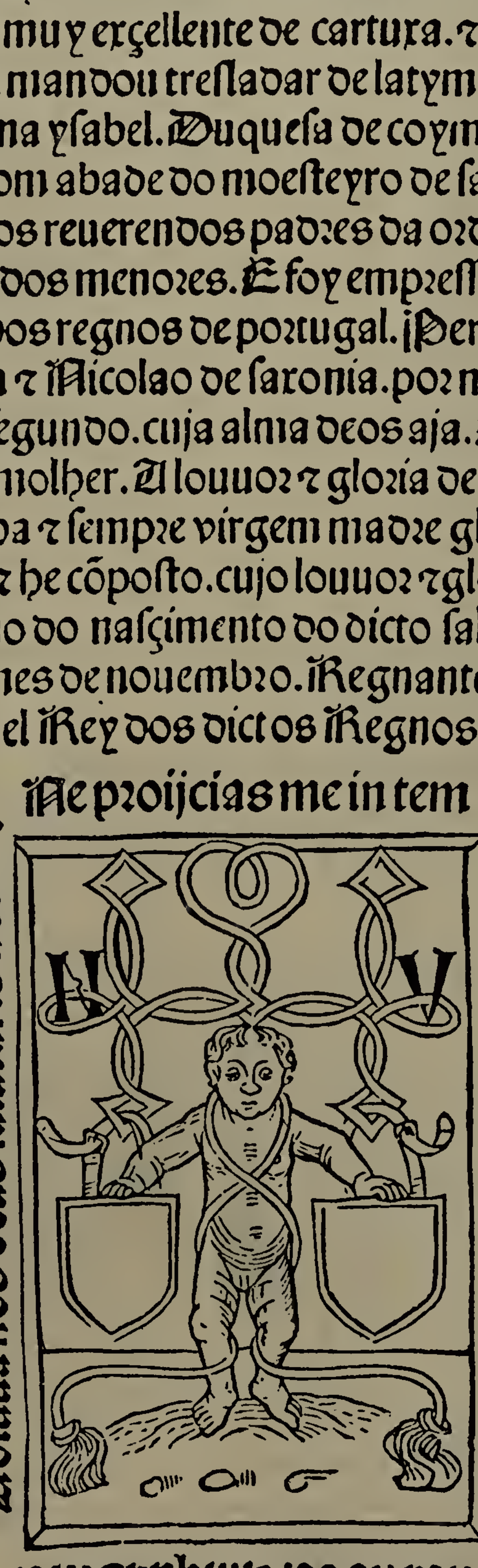
11 Colophon do Livro I da *Vita Christi*. Colophon from Book I of the *Vita Christi*. Lisboa, 1495





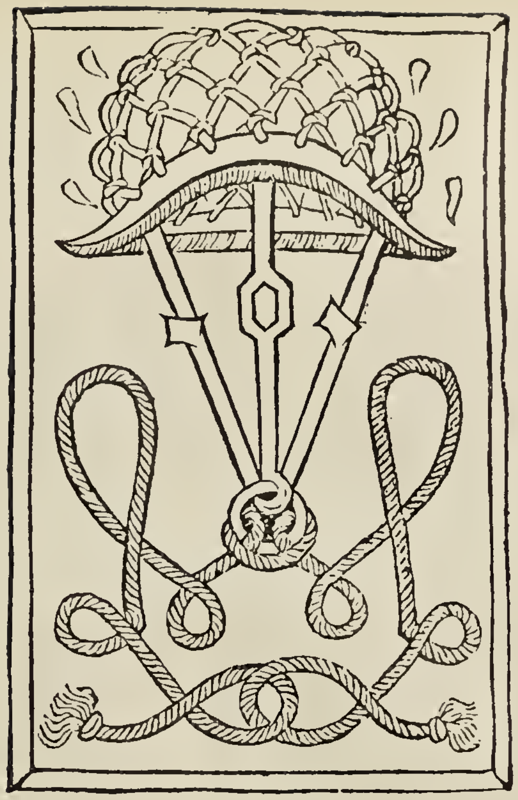
⁋ Acabase aterçeyra parte ou liuro terçeyro intitulado de vida de xpo em lingoagem portugues. Ho qual libro compos ho venerablẽ meestre Ludolfo prior do moesteyro muy hõrrado de argentina. da ordem muy exçellente de cartuxa. ⁊ foy tirado segundo aordem da hosioria euangelical. Ho qual mandou tresladar de latym em lingoagẽ portugues amuyto alta Prinçessa ynfanta Dona ysabel. Duquesa de coymbra. ⁊ senhora de monte moor. Ao muy pobre de virtudes Dom abade do moesteyro de sam paullo. E foy corregido ⁊ reuisto cõ muyta dilligençia por os reuerendos padres da ordem de sam Françisco de emxobreguas de obseruãçia chamados menores. E foy empresso em amuy nobre ⁊ sempre leal çidade de Lixboa. aprinçipal dos regnos de portugal. Per hos honrrados meestres ⁊ parçeyros Valentyno de morauia ⁊ Nicolao de saxonia. por mandado do muy Jllustrissimo senhor el Rey dom Joham osegundo. cuja alma deos aja. E da muy esclareçida Raynha dona Lyanor sua muy nobre molher. A louuor ⁊ gloria de nosso senhor jhesu xpo nosso ds ⁊ remijdor. ⁊ da sua yntemerada ⁊ sempre virgem madre gloriosa sancta maria. em cujo nome ⁊ louuor ho dicto liuro foe ⁊ he cõposto. cujo louuor ⁊ gloria regne em seus fiees xpaãos pera sempre amen. Em no anno do nasçimento do dicto saluador ď Mill ⁊ quatroçẽtos ⁊ nouẽta ⁊ çinco. A. xx. dias do mes de nouembro. Regnante ho muy yllustrissimo ⁊ poderoso Rey ⁊ senhor Dom Manuel Rey dos dictos Regnos de portugal ⁊ dos algarues. ⁊c.

Ne proijcias me in tempore senectutis cum defecerit virtus mea ne derelinquas me. Adiuua nos deus salutaris noster.



12 Colophon do Livro III da *Vita Christi*. Colophon from Book III of the *Vita Christi*. Lisboa, 1495

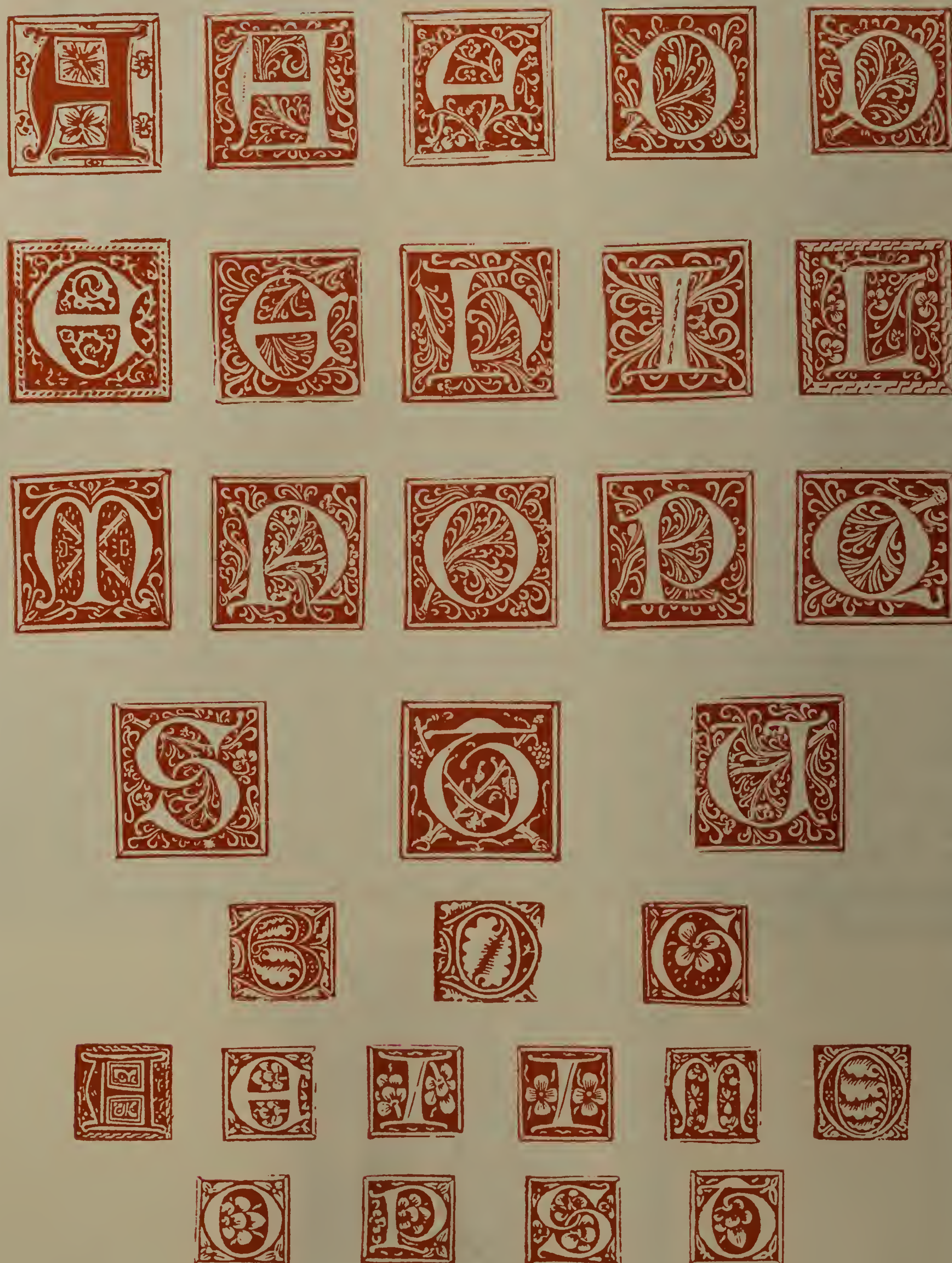




⁋ Acabase ho quarto liuro. ou apostumeyra parte intitulado de vida de xpo em lingoagem portugues. q̃ tracta ou falla da payxam de nosso senhor ⁊ remijdor jhesu xpo. E das cousas que se depois ella seguirom. No qual liuro compos ho venerable meestre Ludolfo prior do moesteyro muy honrrado de argentina. da ordem muy excellente da cartuxa. ⁊ foy tyrado se gundo aordem da hystoria euãgelical. No qual mandou tresladar de latym em lingoagem portugues amuyto alta Princessa infanta Dona ysabel. Duquessa de coymbra. ⁊ senhora de monte moor. Ao muy pobre de virtudes Dom abade do moesteyro de sam paullo. E foy corregido ⁊ reuisto com muyta dilligencia por os reuerendos padres da ordem de sam Fran cisco de enxobregas de obseruança chamados menores. E foy empresso em amuy nobre ⁊ sempre leal cidade de Lixboa. aprincipal dos regnos de portugal. Per hos honrrados mee stres ⁊ parçeyros Nicolao de saxonia. ⁊ Valentyno de morauia. por mandado do muy illu strissimo senhor el Rey dom Johani ho segũdo. E da muy esclareçida Raynha dona Lya nor sua molher. Aolouuor ⁊ gloria de nosso senhor jhesu xpo nosso d̃s ⁊ remijdor. ⁊ da sua inte merada ⁊ sempre virgem madre gloriosa sancta maria. em cujo nome ⁊ louuor ho dicto liuro foe ⁊ he composto. cuyo louuor ⁊ gloria regne em seus fiees xpaãos pera sempre amen. Em no anno do nasçimento do dicto saluador de Mill ⁊ quatroçentos ⁊ nouenta ⁊ çinco. A. xiiij. dias do mes de mayo.



13 Colophon do Livro IV da *Vita Christi*. Colophon from Book IV of the *Vita Christi*. Lisboa, 1495



14 Lettras capitaes da *Vita Christi*. Initial letters from the *Vita Christi*. Lisboa, 1495



15 Gravura d'El-Rei D. João II e da Rainha D. Leonor em adoração, por baixo da gravura de nosso Senhor crucificado, da *Vita Christi*
King João II and Queen Leonor, from the *Vita Christi*
Lisboa, 1495

¶ Acabase ho segũdo liuro intitullado de vi
da de xpõ em lingoagẽ portugues em q̃ tra
cta q̃ o senhor fez em .xxxij. anno. por manda
do do muy yllustrissimo senhor el Rey dom
Johanj. E da muy esclareçida senhora Ra
ynha dona Lyonor sua molher. Empsso
em a muy nobre çidade de Lixboa per Ny
colao de saxonia. & Valentyno de morauia
parçeyros. Anno de mill q̃troçẽtos nouẽta
& cinco. a. vij. dias do mes de setembro.

16 Colophon do Livro II da *Vita Christi*
Colophon from Book II of the *Vita Christi*
Lisboa, 1495

6 ABRAHAM ZACUTO, ALMANACH PERPETUUM.
Leiria, Abraham de Ortas, 1496.

Tabule tabulaꝝ celeſtiuʒ motuuʒ aſtron- | omi zacuti nec non ſtelaꝝ fixaꝝ longitudi- | neʒ ac latitudineʒ ad mot⁹ ỽitatem mira | diligẽtia reducte ac in ꝑncipio canones | ordi- natiſime incipiũt felici ſidere.

[fl. 1 vo.] He dignitates planetaꝝ in ſignis | notande ſunt per maxime in iudiciis | [...] characteres ſignoꝝ zodiaci [...]

[fl. 2] Capitulo primero [...]

[fl. 16 vo.] Aq̇ ſe acaba la reçela ꝺlas tablas treſladadas de ab̄ayco | ẽ latĩ ⁊ de latĩ ẽ noeſtro vulgã romãçe ꝑ meſtre juſepe ve | zino deçipolo del actor delas tablas. deo graçias.

[fl. 17–18] Tabula tabulaꝝ ad ingreſum eaꝝ ante radicem inſeruiẽs [...]

[fl. 19] Almenach ꝑpetuum cuyus | Radix ẽ anũ 1473 cõpo. | ſituʒ ab excelentiſimo magi. | ſtro in aſtronomia nomine | bocator zecutus

[fl. 20]
Começam as taboas astronomicas[1].

[fl. 171] [...] Expliciũt tab̄le tab̄laꝝ aſtronomice Raby abraham zacuti | aſtronomi ſereniſimi Regis emanuel Rex portugalie et cet | cũ canonib⁹ traductis alinga ebrayca in latinũ ꝑ magiſtrũ | Ioſeph vizinũ diſcipulũ ei⁹ actoris opera et arte viri ſoler | tis magiſtri ortas curaqʒ ſua nõ mediocri inprẽſione cõple | te exiſtũt felicib⁹ aſtris año aꝑma reꝝ ethereaꝝ circuitione | 1496 ſole exiſtẽte in 15 g̃ 53 m̃ ĩ piſciuʒ ſub celo leyree.

Quarto—[171] folhas—30 linhas—caractéres gothicos—sem titulos correntes, nem reclamos.

Numeração dos cadernos: 18 folhas sem paginação nem assignaturas; 3, de 12 folhas; 5, de 6 folhas; 6 7, 8 9, 10 11, de 8 folhas cada caderno; 12 folhas sem assignaturas; 12 13, 14 15, 16 15 (aliás 17), 18 19, 20 21, 22 23, 24 25, 26 27, 28 29, 30 31, de 8 folhas cada caderno; 32 33 34, de 10 folhas; 9 folhas sem assignaturas; total de 171 folhas.

Encadernação de pergaminho.

Quarto—[171] leaves—30 lines—Gothic letter —no catchwords nor headlines.

Collation by signatures: 18 unnumbered leaves without signature marks; 3, 12 leaves; 5, 6 leaves; 6 7, 8 9, 10 11, each 8 leaves; 12 unnumbered leaves without signature marks; 12 13, 14 15, 16 15 (alias 17), 18 19, 20 21, 22 23, 24 25, 26 27, 28 29, 30 31, each 8 leaves; 32 33 34, 10 leaves; 9 unnumbered leaves without signa- ture marks; total 171 leaves.

Vellum binding.

[1] *Beginning of the astronomical tables.*

Tabule tabulaꝝ celeſtiuȝ motuuȝ aſtron-
omi ȝacuti nec non ſtelaꝝ fixaꝝ longitudi-
neȝ ac latitudineȝ ad mot⁹ ꝟitatem mira
diligētia reducte ac in p̄ncipio canones
ordinatiſime incipiūt felici ſidere

17 Folha do rosto do *Almanach perpetuum* de Zacuto
Title of Zacuto, *Almanach perpetuum*
Leiria, 1496

Almenach ꝑpetuum cuyus
Radix ē anū 1 4 7 3 cōpo.
ſituȝ ab excelentiſimo magi.
ſtro in aſtronomia nomine
bocatoꝛ ȝecutus.

18 Segundo titulo do *Almanach perpetuum* de Zacuto
Second title of Zacuto, *Almanach perpetuum*
Leiria, 1496

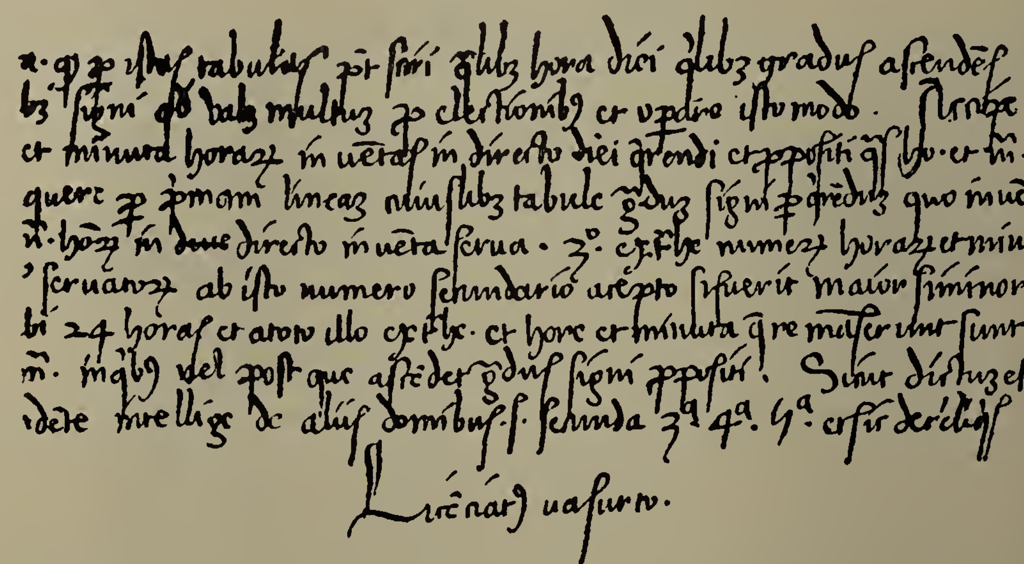
Capitulo pꝛimero para ſaber el
aſçēdēte ⁊ las doȝe caſas.

pꝛimera mente as de ſaber q̄ enel p̄nçipio deſtas tablas ſon eſcri-
tas doȝe tablas pequennas las q̄les ſon neſçeſarias para ſaber
las doȝe caſas. cada vna dellas es oꝛdenada para vn mes. enla
paꝛte ſupeꝛioꝛ de cada vna dellas eſta eſcrito el nonbre del meſ
aquiē ſyꝛue aquella tabla ⁊ comieçā de maꝛço ⁊ acaban en febꝛero
⁊ en cada vna deſtas tablas pꝛimera mente ala mano yſquieꝛda
hallaras tres apaꝛtamient⁹. el pꝛimero apaꝛtamiēto es para los
dias. del mes el ſegūdo apaꝛtamiēto es pa las horas. el 3° apaꝛta
miēto es para los minut⁹ del dia. deſpues deſtos tres apaꝛta-
miētos ponēſe en cada vna deſtas tablas q̄ ſyꝛue pa ſaber el aſcē-
dēte eſpaçios peouennos los quales ſe conoſçen ꝑ el apaꝛtamiēto
delas lineas ē cada vno de los eſpacios ençima es pueſto el ſigno
aquiē ſiꝛue aquella tabla. ⁊ deſçēdiēdo poꝛ la miſma tabla para
abaxo eſtā poꝛ figuras entremetidos algunos ſignos las quales
figuras conoſçeras ꝑ vna tabla hecha poꝛ nos ꝑa el conoſçimiēto
dellas q̄ ſe pone en pꝛinçipio deſte libro. Ytē
ſabras aquel pꝛimer apartamiēto ſiꝛue para ſaber la p̄mera caſa.
⁊ el ſegundo para la ſegunda. ⁊ el terçero para la teꝛçera. ⁊ el
quaꝛto para la quaꝛta ⁊ el quinto para la quinta ⁊ el ſexto para
la ſexta. ⁊ delas otras ſeys caſas q̄ q̄dan pa ꝯplimiēto de doȝe
deȝiꝛſeha mas adelante ē eſte capitulo. ⁊ poꝛ eſta māera q̄ dicho
tenemos ſe ꝯponē. ⁊ ſon ꝯpueſtas todas las tablas q̄ ſiꝛuē al aſçē-
dēte las q̄les conoſçeras poꝛ el titulo q̄ eſta ēçima dellas eſcrito.
⁊ quādo quiſieres ſaber el aſçēdēte. deues pꝛimera mēnte ꝯſide-
rar ſi es medio dia quando tu eſto quieres. o ſi non es medio dia.
e ſi fuere medio entra conel mes q̄ tienes eneſtas tablas. ⁊ dōde
lo hallares eſcrito aquella es la tabla q̄ as meneſter. ⁊ toma los

19 Pagina do *Almanach perpetuum* de Zacuto
A page from Zacuto, *Almanach perpetuum*
Leiria, 1496

O *Almanach perpetuum* de Abraham Zacuto póde sem duvida ser considerado o mais importante dos sete incunabulos, escriptos em Latim e impressos em Portugal, que se conhecem, attendendo ao valor da materia scientifica de que trata, e á influencia decisiva que exerceu sobre as viagens e descobrimentos maritimos. Os exemplares d'este precioso incunabulo, de que temos noticia, alem do nosso, são pouco numerosos—quatorze, repartidos nas seguintes Bibliothecas: Lisboa; Evora; Santa Genoveva, Paris; Museu Britannico; Madrid; Sevilha, Universidade e Colombina; Valencia; Murcia; Orihuela;

Abraham Zacuto's *Almanach perpetuum* may certainly be considered as the most important of the seven known Latin incunables printed in Portugal, for the invaluable scientific material it contains had a decisive influence on the maritime voyages and discoveries. Only fourteen copies besides our own of this precious incunable are known to us, and are kept in the following Libraries: Lisbon; Evora; Ste Geneviève, Paris; British Museum; Madrid; University and Colombina Libraries, Seville; Valencia; Murcia; Orihuela; Library of Congress, Washington;



20 Nota autographa de Vasurto no *Almanach perpetuum* de Zacuto
Autograph note of Vasurtus from Zacuto, *Almanach perpetuum*
Leiria, 1496

Library of Congress, Washington; Huntington Library, San Marino, Cal.; Augsburgo e Bibliotheca Palha, Lisboa. Dos exemplares conhecidos, dois, o de Evora e o da Colombina de Sevilha, são de uma edição differente e ainda mais rara, pois teem os *canones* em Hespanhol; o nosso exemplar, absolutamente perfeito e n'um admiravel estado de conservação, contem egualmente os *canones* em Hespanhol. Esta edição do *Almanach perpetuum*, da qual apenas tres exemplares se conhecem, não deveria ser incluida na lista dos sete incunabulos em Latim impressos em Portugal, visto o texto ser em Hespanhol. Alem d'esta raridade, o nosso exemplar tem ainda um interesse especial: pertenceu a Vasurto (ver

Huntington Library, San Marino, Cal.; Augsburg; and the Palha Library, Lisbon. Two of the known copies, the one at Evora and the one in the Colombina in Seville, are of a different and even rarer edition, for they have the *canones* in Spanish; our own copy, which is absolutely complete and in a magnificent state of preservation, also has the *canones* in Spanish. This edition of the *Almanach perpetuum* of which only three copies are known, ought not to be included in the list of Latin incunables printed in Portugal, for its text is in Spanish. Apart from this rarity, our copy has a further special interest: it belonged to Vasurtus (see Haebler, *Bibliografia*

Haebler, *Bibliografia Ibérica del Siglo* XV, vol. I, p. 324; vol. II, p. 184; Antonio Palau y Dulcet, *Manual del Librero Hispano-Americano*, t. VII, p. 119; e *Dois inéditos de Abraham Zacuto*—publicados por Joaquim de Carvalho—1927, pp. 11, 12 e 14)—cujas obras, entre as quaes um tratado sobre os relogios, fôram impressas no fim do seculo XV em Salamanca—e tem a sua assignatura por baixo de uma nota escripta pelo seu punho, que aqui reproduzimos.

São tantos os auctores que escreveram a respeito do *Almanach perpetuum* e das suas edições, que não nos é possivel fazer aqui uma lista dos seus nomes e obras; mas a muitos teremos de recorrer. Proença e Anselmo (*Bibliografia dos Incunábulos Portugueses*, nº 17, nos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. I) dão a lista dos 13 exemplares de que tinham conhecimento, sem, contudo, mencionarem a differença entre as duas edições impressas em Leiria em 1496. Haebler (*ob. cit.* vol. I, nº 720, pp. 350 e 351) primeiro duvidou que o livro de Zacuto tivesse sido impresso em Leiria. Contudo, no segundo volume (*ob. cit.* nº 720), reconhece que o *Almanach* sahiu dos prelos de Abraham de Ortas, em Leiria em 1496. No exemplar admiravel que hoje nos pertence, e que então estava em Hespanha, lê-se uma interessante informação manuscripta de Haebler, que muito apreciamos, pois foi devido a este mesmo exemplar que o illustre professor poude saber "que de esta obra hay 2 ed. incunables q^e^ se diferencian mayormente en los preliminares, siendo los de este ejemplar lo que los tiene mas extensos." Kayserling (*Biblioteca Española-Portugueza-Judaica*, pp. 108 e 110) menciona as obras de Zacuto, e a traducção e os "*Canones dellas Tablas*...en romance, traducidos por *Vecinho*." O *Gesamtkatalog der Wiegendrucke*, 1925 (vol. I, nºs 115 e 116), obra monumental, dá-nos uma descripção completa das duas edições impressas em Leiria em 1496. É curioso, contudo, que seja apenas indicado um exemplar da edição com o texto em Hespanhol, o da Bibliotheca

Ibérica del Siglo XV, vol. I, p. 324; vol. II, p. 184; Antonio Palau y Dulcet, *Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. VII, p. 119; and *Dois inéditos de Abraham Zacuto*—publicados por Joaquim de Carvalho—1927, pp. 11, 12 and 14), whose works, including a treatise on clocks, were printed in Salamanca at the end of the XVth century—and it bears his signature under a note in his handwriting, which we reproduce here.

So many authors have written about the *Almanach perpetuum* and the various editions of it, that it is impossible for us to give a complete list of their names and works, though we shall have to refer to many of them. Proença and Anselmo (*Bibliografia dos Incunábulos Portugueses*, no. 17—*Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. I) give a list of the thirteen copies known to them, but without mentioning the difference between the two editions published in Leiria in 1496. Haebler (*op. cit.* vol. I, pp. 350–351, no. 720) at first doubted whether Zacuto's book had been printed in Leiria; but in the second volume (*op. cit.* no. 720) he recognises that the *Almanach* was issued by Abraham de Ortas in Leiria in 1496. In the splendid copy that now belongs to us, there is an interesting manuscript note written by Haebler, which makes us value our book even more highly, for it was through this copy that the famous professor came to know "que de esta obra hay 2 ed. incunables q^e^ se diferencian mayormente en los preliminares, siendo los de este ejemplar lo que los tiene mas extensos." Kayserling (*Biblioteca Española-Portugueza-Judaica*, pp. 108 and 110) mentions Zacuto's works, the translation and the "*Canones dellas Tablas*...en romance, traducidos por *Vecinho*." That monumental work, the *Gesamtkatalog der Wiegendrucke*, 1925 (vol. I, nos. 115 and 116), gives a complete description of the two Leiria editions of 1496. It is, however, curious that only the Evora copy of the edition with the text in Spanish should be

Almanach perpetuuz exactissime nuper emẽdatũ omniũ celi motuum cum additionib⁹ in eo factis tenens complementum.

Cum Gratia et Priuilegio.

21 Folha do rosto do *Almanach perpetuum* de Zacuto
Title of Zacuto, *Almanach perpetuum*
Veneza, 1502

¶ Ad Reuerẽdissimũ in christo patrẽ ac Illustrissimũ dñm Alfonsum Eborẽ episcopũ Alfonsus artiũ ꝛ medicine doctoꝛ: Salutem.

Non me latet Reuerendissime pater: quantũ dominatio tua reuerendissima in illo Almanach ꝑpetuo ab abꝛaham zacuto astronomo Serenitatis regis Ema/nuelis edito delectaꝛ. Et quia egrefero opus tantũ ꝛ ita vtilissimũ non sine ma/gna difficultate transire: pꝛecipue in calculo loci veneris ad reuolutiones futu/ras ꝛ ꝑteritas post pꝛimã reuolutionẽ annoꝝ octo in tabulis assignatoꝝ. Cũ ille abꝛaham salua pace nõ intellexerit a fundamento qđ scripserit. Rogatus a Jo/hãne Lucilio Germano in arte astrologie perito: q solus venetijs impꝛessioni li/bꝛoꝝ astrologie vacat: decreui canonẽ facillimũ ad locũ verũ veneris per easdẽ tabulas habendũ componere. Cuius rationes assignabo: cũ rationib⁹ erroꝛis zacuti: pꝛopter eos qui liuoꝛe repleti: solent cõtra virtuosos latrare. Placuitq; illud dominationi tue reuerendissime dicare: qui eruditissimoꝛũ semper tutelã sustinuisti: vt eo vultu eaq; cura qua semper solitus es res meas defendere: istã nũc ꝑcures ꝛ tuearis. Vale Reuerẽdissime pater: semꝑ sis felix: meiq; memoꝛ.

22 Dedicatoria ao Bispo de Evora, D. Affonso de Portugal, no *Almanach perpetuum* de Zacuto
Dedication to D. Affonso, Bishop of Evora, in Zacuto, *Almanach perpetuum*
Veneza, 1502

de Evora, quando o da Bibliotheca Colombina de Sevilha foi descripto mais de uma vez, e referencias lhe tenham sido feitas em outros livros (ver *Biblioteca Colombina—Catálogo de sus libros impressos*, 1888, t. I, pp. 3 e 4; *Catalogue de la Bibliothèque de M. Fernando Palha*, 1896, nº 447, e sobretudo as pp. XVI *e seg.* do t. II do *Catálogo* da Biblioteca Colombina). O exemplar conservado n'essa riquissima Bibliotheca de Sevilha, tem um valor excepcional, pois muito provavelmente pertenceu a Christovão Colombo. No *Gesamtkatalog der Wiegendrucke* (n°s 116 a. e 116 b.) veem tambem indicadas duas edições incunabulas do *Almanach perpetuum,* impressas em Veneza em 1496 e em 1499. Joaquim Bensaude, cujos livros—por todos os motivos tão notaveis—citaremos a cada passo n'este pequeno estudo, escreve:

"L'Almanach perpetuum fut écrit en hébreu de 1473 à 1478. On en connaît 3 exemplaires manuscrits en hébreu, à savoir: Lyon 11, Munich 109 et Vienne, Pinsker 20 (maintenant Bet-ha-Midrasch). L'édition latine, imprimée en 1496 à Leiria, fut la traduction de l'hébreu faite par José Vizinho, membre de la Junta dos Mathematicos.... Voici les éditions de ce livre: Éditions latines, 1496 Leiria, 1502 et 1525 Venise. Édition des *Canones* en espagnol, Leiria 1496. Édition des *Canones* en espagnol, mais en caractères hébraïques, 1568 à Salonique. Outre ces éditions il y a celle des 'Éphémérides,' 1498 Venise, formée, pour les trois quarts, par la copie de l'œuvre de Zacuto, mais sans la mention du nom de cet auteur" (*L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, 1912, pp. 57-58).

Bensaude não menciona os dois incunabulos de Veneza cujas datas reproduzimos do *Gesamtkatalog der Wiegendrucke.* A edição de Veneza de 1502—de que possuimos um magnifico exemplar do qual damos duas reproducções—tem para nós um interesse especial; a esse respeito escreveu o saudoso Professor Luciano Pereira da Silva:

"Ao bispo de Évora, D. Afonso de Portugal,

indicated, though the copy in the Colombina Library at Seville had been more than once described, and reference had been made to it in other books (see *Biblioteca Colombina—Catálogo de sus libros impressos*, 1888, vol. I, pp. 3 and 4; *Catalogue de la Bibliothèque de M. Fernando Palha*, 1896, no. 447, and above all pp. XVI *et seq.* of vol. II of the Colombina Catalogue). The copy preserved in the rich Library at Seville is of exceptional value, for it very probably belonged to Christopher Columbus. The *Gesamtkatalog der Wiegendrucke* (nos. 116 a and 116 b) mentions two other incunable editions of the *Almanach perpetuum*, printed in Venice in 1496 and 1499. Joaquim Bensaude, whose notable works we shall quote at every step in this little study, writes:

"L'Almanach perpetuum fut écrit en hébreu de 1473 à 1478. On en connaît 3 exemplaires manuscrits en hébreu, à savoir: Lyon 11, Munich 109 et Vienne, Pinsker 20 (maintenant Bet-ha-Midrasch). L'édition latine, imprimée en 1496 à Leiria, fut la traduction de l'hébreu faite par José Vizinho, membre de la Junta dos Mathematicos.... Voici les éditions de ce livre: Éditions latines, 1496 Leiria, 1502 et 1525 Venise. Édition des *Canones* en espagnol, Leiria 1496. Édition des *Canones* en espagnol, mais en caractères hébraïques, 1568 à Salonique. Outre ces éditions il y a celle des 'Éphémérides,' 1498 Venise, formée, pour les trois quarts, par la copie de l'œuvre de Zacuto, mais sans la mention du nom de cet auteur" (*L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes,* 1912, pp. 57-58).

Bensaude does not mention the two Venetian incunables the dates of which we reproduce from the *Gesamtkatalog der Wiegendrucke.* The Venetian edition of 1502—from our perfect copy of which we give two reproductions—has a special interest for us, for as the late Professor Luciano Pereira da Silva said:

"It is to the Bishop of Evora, Dom Affonso of

filho do Conde de Ourem e bisneto de D. João I, porque se deleitava com obras de astronomia, oferece o doutor sevilhano, Afonso de Córdova, a sua nova regra para o cálculo fácil do lugar de Vénus pelas tábuas de Zacuto, publicada na edição de Veneza, 1502, do *Almanach perpetuum*, com carta dedicatória" (*A Arte de Navegar dos Portugueses*—na *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. 1, p. 102).

Citámos rapidamente alguns auctores, que debaixo do ponto de vista bibliographico se referiram ao *Almanach perpetuum*. Resta-nos ainda tratar do impressor, e dos possiveis motivos porque o livro sahiu dos prelos de Abraham ben Samuel Dortas—ou de Ortas—em Leiria, cuja imprensa existiu de 1492 a 1496.

"Abraham Dortas teve uma tipografia hebraica em Leiria. Os seus prelos ainda que pouco produtivos foram notáveis pelas suas produções comparáveis às mais perfeitas da Península. Nos livros hebraicos impressos em Leiria notam-se três tipos de letra quadrada e um de letra rabínica. Nesta imprensa compôs-se o celebre *Almanach ou Taboas Astronomicas* de Abraham Zacuto e naquela edição fala-se do impressor nos seguintes termos: *Viri solertis Magistri Ortas*" (Moses Bensabat Amzalak, *A tipografia hebraica em Portugal no seculo quinze*, 1922, p. 35).

Nas nossas notas a respeito do *Commentario sobre o Pentateuco* de Moyses Ben Nahman, e ácerca do *Commentario sobre a Ordem de Orações* de David Abudarham, já nos occupámos da typographia hebraica em Portugal no seculo xv. Todas as obras impressas nas tres officinas de typographia hebraica, Faro, Lisboa e Leiria, fôram livros hebraicos, com uma unica excepção: o *Almanach perpetuum*. Dizemos unica, porque a *Imitação de Christo* de Thomaz de Kempis, em linguagem e impressa em Leiria, é um incunabulo hypothetico (ver Haebler, *ob. cit.* nº 347 e Proença e Anselmo, *ob. cit.*), e do qual não ha noticia de nenhum exemplar. Sousa Viterbo, sem tocar no ponto mais importante da questão—um livro impresso em caractéres gothicos n'uma typographia hebraica—escreve:

Portugal, son of the Conde de Ourem and great-grandson of Dom João I, because he delighted in astronomical works, that the Sevillian doctor, Alfonso de Córdova, offers his new rule for the easy calculation of the position of Venus from Zacuto's tables, published in the 1502 edition of the *Almanach perpetuum*, with a dedicatory letter" (*A Arte de Navegar dos Portugueses* in the *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. 1, p. 102).

We have rapidly cited some of the authors who refer to the *Almanach perpetuum* from the bibliographical point of view. It now remains for us to study the printer and the possible reasons why the book was published by Abraham ben Samuel Dortas (or de Ortas) in Leiria, where he had a printing-press from 1492 to 1496.

"Abraham Dortas had a Hebrew printing-press in Leiria. Though his press was not very productive, its productions are comparable to the most perfect in the Peninsula. Three types of square letter and one of Rabbinic letter were used in the Hebrew books printed in Leiria. Abraham Zacuto's *Almanach or Astronomical tables* was set up in this office, and in that work the printer is described as follows: *Viri solertis Magistri Ortas*" (Moses Bensabat Amzalak, *A tipografia hebraica em Portugal no seculo quinze*, 1922, p. 35).

We have already studied Hebrew typography in Portugal in the xvth century, in connection with Moses Ben Nahman's *Commentary on the Pentateuch* and David Abudarham's *Commentary on the Order of Prayer*. All the works issued from the three Hebrew printing-offices at Faro, Lisbon and Leiria were in Hebrew, with one sole exception: the *Almanach perpetuum*. We say one sole exception, because the *Imitação de Christo* by Thomas à Kempis, printed in Portuguese at Leiria, is a hypothetical incunable (see Haebler, *op. cit.* no. 347 and Proença and Anselmo, *op. cit.*), and no copy of it is recorded. Sousa Viterbo, though he does not touch upon the most important part of the question—that a book should have been printed in Gothic letter in a Hebrew printing-press—writes:

"Foi Leiria uma das primeiras terras portuguesas, onde se estabeleceu a tipografia, e ali se estampou, pelos fins do século xv, o *Almanach* de Zacuto. Seria interessante, por certo, estudar as causas desta precocidade, e estudar tambêm os motivos que paralisaram o movimento artístico, tão cedo iniciado. Leiria naquela época, teria mais importância do que tem hoje, e não seria estranha à sua florescência a raça hebráica..." (*O movimento tipográfico em Portugal no século* xvi, p. 10).

Já vimos como a imprensa hebraica entrou em Portugal, não nos causando surpreza que os Judeus tivessem uma officina typographica em Leiria, a terceira que possuiram em Portugal. A arte de Gutenberg foi usada muitas vezes em pequenas localidades, antes de fazer o seu apparecimento nas grandes cidades. Da mesma maneira que os Judeus estabeleceram uma officina em Faro, installaram outra em Leiria, uns annos mais tarde, que pertencia a Abraham de Ortas, e onde fôram impressos tres livros hebraicos—os *Proverbios de Salomão com os commentarios de Menahen Meiri e Levi ben Gerson*, 1492; os *Prophetas priores em chaldaico por Jonathan com os commentarios de Levi ben Gerson e de David Kimhi*, 1494; e o *Tur Orach Hayim* (caminho da vida) de Jacob ben Ascher, 1495—e em 1496 as duas edições do *Almanach perpetuum*, ambas em caractéres gothicos, uma com o texto em Latim, a outra em Hespanhol. Estas duas edições teem um grande interesse para a historia da typographia em Portugal, e especialmente a dos *canones* em Hespanhol, por ser o unico incunabulo impresso em Portugal com o texto n'uma lingua que não seja a portugueza, a latina ou a hebraica. E ambas as edições de Zacuto fôram estampadas n'uma officina pertencente a um impressor Judeu, onde só se imprimiram livros em caractéres hebraicos. Haebler, quando não acreditava que o *Almanach* tivesse sido impresso em Leiria em 1496, escreveu uma phrase, que é absolutamente verdadeira a seu respeito:

"Con suma razón se puede llamar famoso este

"Leiria was one of the first places where printing was established in Portugal, and there Zacuto's *Almanach* was printed at the end of the xvth century. It would certainly be interesting to study the causes of this precocity, and also to study the reasons for the paralysis of the artistic movement, so early inaugurated. Leiria must have been much more important at that time than it is to-day, and the Hebrew race cannot have been without influence on its prosperity..." (*O movimento tipográfico em Portugal no século* xvi, p. 10).

We have already seen how the Hebrew press was introduced into Portugal, so it does not surprise us to find that the Jews had a printing-office—the third they established in Portugal—at Leiria. Gutenberg's art was often flourishing in small places before it made its appearance in the great cities. In the same way as they had set up a printing-press at Faro, the Jews installed one at Leiria some years later, under Abraham de Ortas who published three Hebrew books—the *Proverbs of Solomon with the commentaries of Menahen Meiri and Levi ben Gerson*, 1492; *The Former Prophets in Hebrew with the Targum Onkelos* (Paraphrase in Aramaic) *and with the commentaries of Levi ben Gerson and David Kimhi*, 1494; and the *Tur Orach Hayim* (The Way of Life) of Jacob ben Ascher, 1495—and in 1496 two editions of the *Almanach perpetuum*, in Gothic type, one with the text in Latin, the other in Spanish. Both these editions are of great importance for the history of typography in Portugal; but the one with the *canones* in Spanish is of special interest, for it is the only incunable printed in Portugal to have its text in neither Portuguese, Latin nor Hebrew. And what is even more curious, both editions of the *Almanach* were printed in an office belonging to a Hebrew printer, where only Hebrew books had been published. When Haebler had not yet come to believe that the book was printed in Leiria in 1496, he referred to it in a phrase full of truth:

"Con suma razón se puede llamar famoso este

libro porque desde que se estudian los libros incunables de España y de Portugal todos los bibliógrafos lo mencionan y se fundan en él para demostrar que en el siglo XV en Leiria no solo hubo imprenta judaica, sino tambien cristiana" (*ob. cit.* p. 350).

O fim da phrase que citamos é para nós o mais interessante, pois refere-se ao facto de ter havido em Leiria, no fim do seculo XV, não só uma imprensa hebraica, mas tambem uma imprensa christã, ou antes, que um livro impresso em caractéres gothicos sahiu dos prelos de um impressor Judeu. A solução do problema parece-nos identica á do caso a que nos referimos nas nossas notas a respeito do *Commentario sobre a Ordem de Orações* de David Abudarham, 1489, cuja primeira pagina está enquadrada por uma admiravel tarja, da qual Alfonso Fernandez de Cordoba se tinha servido dois annos antes em Hijar, no *Manuale Caesaraugustanum.* Egualmente vimos que Fernandez de Cordoba trabalhou tanto para Christãos como para Judeus: tambem já mostrámos como grande parte do material typographico de Hijar veiu para Portugal. Haebler, com muita clareza resolve o problema, baseando-se no antecedente succedido em Hijar:

"Es kommt hinzu, dass wir neuerdings erfahren haben, dass Leiria nicht mehr die einzige Stätte ist, wo aus ein- und derselben Druckerei Drucke in hebräischer und lateinischer Sprache, in hebräischen und venetianisch-gotischen Typen hervorgegangen sind. Denn wir haben ja die Erfahrung gemacht, dass etwas ganz ähnliches einige Jahre früher in Hijar sich ereignet hat unter noch schwierigeren Umständen, denn in Hijar war es ein lateinisch-liturgischer Druck, der mit den hebräischen ans Licht kam, während es sich in Leiria doch um die Übersetzung eines hebräischen Werkes eines jüdischen Gelehrten handelte" (*Geschichte des Spanischen Frühdruckes,* p. 50).

Resta agora examinar o motivo da escolha da officina typographica de Abraham de Ortas em

libro porque desde que se estudian los libros incunables de España y de Portugal todos los bibliógrafos lo mencionan y se fundan en él para demostrar que en el siglo XV en Leiria no solo hubo imprenta judaica, sino tambien cristiana" (*op. cit.* p. 350).

The end of the sentence we have quoted interests us most, for it points out the fact that there was not only a Hebrew printing-press in Leiria at the close of the XVth century, but also a Christian one, or rather that a book printed in Gothic characters was issued by a Jewish printer. In our opinion the problem has a solution similar to that of the one we studied in connection with David Abudarham's *Commentary on the Order of Prayer,* 1489, the first page of which is surrounded by the same magnificent border as Alfonso Fernandez de Cordoba had used in 1487 at Hijar in the *Manuale Caesaraugustanum.* We saw that Fernandez de Cordoba worked for Christians as well as for Jews, and showed how a large proportion of the typographical material from Hijar came to Portugal. Haebler solves the problem with great lucidity, basing his argument on the Hijar precedent:

"Es kommt hinzu, dass wir neuerdings erfahren haben, dass Leiria nicht mehr die einzige Stätte ist, wo aus ein- und derselben Druckerei Drucke in hebräischer und lateinischer Sprache, in hebräischen und venetianisch-gotischen Typen hervorgegangen sind. Denn wir haben ja die Erfahrung gemacht, dass etwas ganz ähnliches einige Jahre früher in Hijar sich ereignet hat unter noch schwierigeren Umständen, denn in Hijar war es ein lateinisch-liturgischer Druck, der mit den hebräischen ans Licht kam, während es sich in Leiria doch um die Übersetzung eines hebräischen Werkes eines jüdischen Gelehrten handelte" (*Geschichte des Spanischen Frühdruckes,* p. 50).

It now remains for us to try to find why Abraham de Ortas in Leiria was chosen to print

Leiria, para a impressão do *Almanach perpetuum*, que tem a data de 1496, mas que, por todos os motivos, foi seguramente principiada em vida de D. João II, quer dizer antes d'outubro de 1495.

"L'impression de l'Almanach a sans doute commencé sous le règne de D. João; un travail de cette étendue à la fin du xve siècle entraînait, en Portugal surtout, des dépenses considérables; on peut à peine concevoir la réalisation de cette publication autrement qu'avec l'appui royal" (Joaquim Bensaude, *Histoire de la science nautique portugaise*, p. 71).

Conhecendo-se as ideas do Principe Perfeito, é mais do que natural que elle tenha não só dado o seu apoio, mas auxiliado por todas as formas, a impressão de uma obra tão importante para a sciencia nautica. Se, como cremos, o *Almanach perpetuum* entrou nos prelos de Abraham de Ortas em 1495, a sua officina era a unica typographia hebraica que funccionava em Portugal n'esse anno, pois a de Samuel Gacon em Faro tinha impresso livros de 1487 a 1494, e a de Rabbi Eliezer em Lisboa, de 1489 a 1492. Alem de Leiria não existia pois outra officina pertencente a um impressor Judeu, e comprehende-se perfeitamente que Zacuto e José Vizinho, ambos Judeus, desejassem que a obra fôsse impressa n'uma typographia hebraica, talvez mesmo por necessidade, pois é provavel que Zacuto, que não sabia Latim, e escrevia em Hebreu, soubesse pouco Portuguez. Por outro lado, em 1495, Valentim Fernandes e Nicolau de Saxonia eram os unicos "imprimidores" conhecidos, alem do Judeu Abraham de Ortas, e esses estavam plenamente occupados com a impressão dos quatro volumes da monumental *Vita Christi*. Abraham de Ortas, com os seus prelos em Leiria, era pois o unico impressor que podia emprehender a difficil tarefa de publicar as duas edições do *Almanach perpetuum*, traduzido por José Vizinho. Porque fôram publicadas duas edições, uma com o texto em Latim, a outra com os *canones* em Hespanhol? Ignoramos, e só

the *Almanach perpetuum* which is dated 1496, but must certainly have been begun during the life of Dom João II, that is before October, 1495.

"L'impression de l'Almanach a sans doute commencé sous le règne de D. João; un travail de cette étendue à la fin du xve siècle entraînait, en Portugal surtout, des dépenses considérables; on peut à peine concevoir la réalisation de cette publication autrement qu'avec l'appui royal" (Joaquim Bensaude, *Histoire de la science nautique portugaise*, p. 71).

In view of the Perfect Prince's ideas, it is more than natural that he should not only have given his support, but have helped in every way in the publication of a work of such importance for nautical science. If, as we believe, the *Almanach perpetuum* was already in the printer's hands in 1495, Abraham de Ortas' press was the only Hebrew printing-office at work in that year, for Samuel Gacon published books in Faro from 1487 to 1494 and Rabbi Eliezer in Lisbon from 1489 to 1492. As the Leiria one was therefore the only available Jewish printing-press, it is perfectly intelligible that Zacuto and José Vizinho, both Jews, should have wished the book to be printed there; it may even have been essential to have Abraham de Ortas as printer, for Zacuto, who knew no Latin and wrote in Hebrew, probably knew very little Portuguese. On the other hand, Valentim Fernandes and Nicolau de Saxonia were the only known "imprimidores" in Portugal, besides the Jew Abraham de Ortas, in 1495, and these two were fully occupied in printing the four volumes of the monumental *Vita Christi*. Abraham de Ortas with his press in Leiria was thus the only printer able to undertake the difficult task of publishing the two editions of the *Almanach perpetuum*, translated by José Vizinho. We do not know why two editions, one in Latin and the other in Spanish, were published, and can only offer a suggestion, which, in view of certain

podemos apresentar uma hypothese, que, em vista de certos argumentos, nos parece plausivel. O *Almanach perpetuum* foi escripto em Hebreu por Zacuto entre 1473 e 1478. A importancia scientifica da obra era seguramente evidente para D. João II, depois de explicada pelos dois conselheiros Judeus, Mestre Rodrigo e Mestre José Vizinho, ambos medicos do Soberano: a traducção do livro de Zacuto é entregue a Vizinho, seu discipulo e homem de confiança do Monarcha, sem duvida com a approvação d'El-Rei, tendo sido, quasi com certeza, pagas pelo Soberano as despezas da impressão. Como dissemos Zacuto não sabia Latim: é muito natural que conhecesse pouco Portuguez, mas devia saber Hespanhol, pois n'essa lingua tinha de ensinar, quando era professor em Salamanca.

"Appelé à la chaire d'astronomie dans une université aussi renommée que l'était alors celle de Salamanque, ignorant le latin, enseignant probablement en mauvais espagnol et écrivant en hébreu, ce fut à ses seules connaissances d'astronome que Zacuto a dû de voir cesser les murmures contre le professeur juif de l'université. Nous doutons qu'il y ait un autre cas identique à celui de Zacuto dans les annales universitaires de l'Espagne au moyen âge" (Joaquim Bensaude, *Histoire de la science nautique portugaise*, p. 73).

Parece-nos pois que a edição com os *canones* em Hespanhol terá sido impressa, para o proprio Zacuto poder ler a sua obra em "letra de forma" e, interpretando-a, por ella ensinar os seus discipulos. Não vêmos outra explicação plausivel, pois seguramente o Principe Perfeito, um Senhor tão Portuguez, que rigorosamente manteve uma politica de segredo—e da mesma forma D. Manuel, que n'essa politica seguiu as pisadas do seu predecessor—tivesse mandado imprimir *em Hespanhol*, ou permittido que fôsse impresso, o que tão facilmente podia ter sido feito em Portuguez. O que deixamos escripto, é uma mera hypothese, mas que nos parece realmente plausivel. Seja como fôr, o *Almanach perpetuum*, impresso em Leiria em 1496, tem o extra-

arguments, seems to us acceptable. The *Almanach perpetuum* was written by Zacuto in Hebrew between 1473 and 1478. The scientific importance of the work must certainly have been made evident to Dom João II by the explanations of the two Jewish counsellors Mestre Rodrigo and Mestre José Vizinho, both of whom were physicians to the King. It was doubtless with the Royal approval that Zacuto's pupil Vizinho, in whom the Sovereign imposed great confidence, was entrusted with the translation of the *Almanach*, and it is almost certain that the King paid all the expenses of the printing. As we have stated, Zacuto knew no Latin and presumably hardly any Portuguese, but he must have known Spanish, for he had to lecture in that language when he was a professor at Salamanca.

"Appelé à la chaire d'astronomie dans une université aussi renommée que l'était alors celle de Salamanque, ignorant le latin, enseignant probablement en mauvais espagnol et écrivant en hébreu, ce fut à ses seules connaissances d'astronome que Zacuto a dû de voir cesser les murmures contre le professeur juif de l'université. Nous doutons qu'il y ait un autre cas identique à celui de Zacuto dans les annales universitaires de l'Espagne au moyen âge" (Joaquim Bensaude, *Histoire de la science nautique portugaise*, p. 73).

It seems to us therefore that the edition with the *canones* in Spanish must have been prepared so that Zacuto could read his printed work and teach from it. We cannot see any other plausible explanation, and it must surely have been for this reason that the Perfect Prince, so essentially Portuguese a King, who maintained such a rigorous policy of secrecy—and also Dom Manuel who followed his predecessor's policy in this matter—commanded or allowed a work, that might so easily have been done in Portuguese, to be printed *in Spanish*. Though all this is a mere hypothesis, it seems to us a very admissible one. Be that as it may, the *Almanach perpetuum* has an extraordinary bibliographical

ordinario interesse bibliographico, de ser o unico incunabulo impresso em Portugal em caractéres gothicos, que sahiu dos prelos de uma typographia hebraica: a edição que possuimos do *Almanach* tem tambem o especial valor typographico de ser o unico livro conhecido, publicado em Portugal no seculo XV, com o texto em Hespanhol, sendo o titulo, taboas e colophon em Latim.

Apezar de terem sido muitos os auctores, tanto nacionaes como estrangeiros, que se occupáram de Abraham Zacuto, as noticias biographicas a seu respeito são escassas. Segundo o Dr Isaac Broydé (*The Jewish Encyclopedia*, vol. XII, p. 627) Abraham ben Samuel Zacuto nasceu em Salamanca cerca de 1450 e morreu na Turquia depois de 1510.

"An astronomer of wide-spread reputation, he was appointed professor at the university of his native city, and later at that of Saragossa. After the Spanish exile, Zacuto settled at Lisbon where he was soon appointed court astronomer and historiographer to John II."

Em 1493 já desempenhava as suas funcções junto de D. João II, como o demonstra um documento que existe assignado por Zacuto em hebreu, *Abraham Zacuto mathematico do Rei*, com data de 9 de Junho d'esse anno— funcções que exerceu junto de D. Manuel até a expulsão dos Judeus. Teve então de fugir com o seu filho Samuel.

"After an eventful voyage in which he was twice taken prisoner, Zacuto reached Tunis, where he lived until the Spanish invasion, when he fled to Turkey, residing there for the remainder of his life. In 1504, during his sojourn at Tunis, he wrote a chronological history of the Jews from the Creation to 1500, making constant reference to Jewish literature, and entitling his book 'Sefer ha-Yuhasin'.... In 1473, while still at Salamanca, Zacuto wrote his 'Bi'ur Luhot,' which was published in a Latin translation under the title 'Almanach Perpetuum' by Joseph Vecinho (Leiria, 1496)..." (Dr Broydé, *loc. cit.*).

interest, since it is the only Portuguese incunable printed in Gothic letter to be issued from a Hebrew press; and the edition of which we have a copy has the further typographical interest of being the only known book published in Portugal in the XVth century, where, though the title, tables and colophon are in Latin, the text is in Spanish.

Though many Portuguese and foreign writers have studied Zacuto, very little biographical information about him is forthcoming. According to Dr Isaac Broydé (in *The Jewish Encyclopedia*, vol. XII, p. 627) Abraham ben Samuel Zacuto was born in Salamanca about 1450 and died in Turkey after 1510.

"An astronomer of wide-spread reputation, he was appointed professor at the university of his native city, and later at that of Saragossa. After the Spanish exile, Zacuto settled at Lisbon where he was soon appointed court astronomer and historiographer to John II."

A Hebrew document, signed *Abraham Zacuto mathematician to the King* and dated June 9th, 1493, proves that Zacuto was already carrying out his duties under Dom João II in that year; he continued to hold office under Dom Manuel until the expulsion of the Jews, when he was forced to leave the country with his son Samuel.

"After an eventful voyage in which he was twice taken prisoner, Zacuto reached Tunis, where he lived until the Spanish invasion, when he fled to Turkey, residing there for the remainder of his life. In 1504, during his sojourn at Tunis, he wrote a chronological history of the Jews from the Creation to 1500, making constant reference to Jewish literature, and entitling his book 'Sefer ha-Yuhasin'.... In 1473, while still at Salamanca, Zacuto wrote his 'Bi'ur Luhot,' which was published in a Latin translation under the title 'Almanach Perpetuum' by Joseph Vecinho (Leiria, 1496)..." (Dr Broydé, *loc. cit.*).

Não nos é possivel n'estas notas entrar em detalhes, mas em muitos livros se encontrarão referencias a Zacuto e á sua obra, entre os quaes citaremos: *Os Judeus em Portugal* por J. Mendes dos Remedios; *Historia dos Christãos Novos Portuguezes* por J. Lucio d'Azevedo; *Zacuto Lusitano* por Maximiano Lemos; *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos seculos* XVI *e* XVII por Sousa Viterbo; *Dois inéditos de Abraham Zacuto*, publicados por Joaquim de Carvalho; *Martin Behaim his life and his globe* by E. G. Ravenstein; *Geschichte der Juden in Portugal* von Dr M. Kayserling; *Christoph Columbus* von Dr M. Kayserling; *Historia de la Geografía y de la Cosmografía* por Segundo de Ispizua; e especialmente os trabalhos tão notaveis do Professor Luciano Pereira da Silva e de Joaquim Bensaude, a que havemos de recorrer frequentemente, não só n'este pequeno estudo, mas tambem nos que publicaremos sobre o *Reportorio dos Tempos* e *Regimẽto da declinaçam do ſol* de Valentim Fernandes, 1518, e sobre o *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes, 1537.

José Vizinho, discipulo de Zacuto e traductor do seu *Almanach perpetuum*, foi um dos conselheiros de D. João II, talvez o mais importante, nas questões scientificas das viagens de descobrimentos. Em 1485 Vizinho era enviado á Guiné pelo Soberano, para verificar as latitudes pela altura do sol. Kayserling, tanto na *Geschichte der Juden in Portugal* (p. 86 nota 3), como na *Biblioteca Española-Portugueza-Judaica* (p. 108), diz que José Vizinho, membro da Junta de Mathematicos de D. João II, e Diogo Mendes Vizinho, astrologo de D. Manuel, são a mesma pessoa. Contudo, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a illustre e saudosa professora a quem a sciencia e as lettras Portuguezas tanto devem, não tem a mesma opinião, pois escreve:

"Com relação ao grande astrólogo *Diogo Mendes Vezinho*, até hoje não possuimos senão os dizeres de Damião de Goes, no Cap. 84 da *Quarta Parte da Chrónica* (de D. Manuel). Eu, pelo menos, ignoro se era parente, por ventura

It is impossible for us to enter into details in the course of these notes; but references to Zacuto may be found in many books, among which we will cite: *Os Judeus em Portugal* by J. Mendes dos Remedios; *Historia dos Christãos Novos Portuguezes* by J. Lucio d'Azevedo; *Zacuto Lusitano* by Maximiano Lemos; *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos seculos* XVI *e* XVII by Sousa Viterbo; *Dois inéditos de Abraham Zacuto*, publicados por Joaquim de Carvalho; *Martin Behaim his life and his globe* by E. G. Ravenstein; *Geschichte der Juden in Portugal* by Dr M. Kayserling; *Christoph Columbus* by Dr M. Kayserling; *Historia de la Geografía y de la Cosmografía* by Segundo de Ispizua; and especially the very notable works of Professor Luciano Pereira da Silva and Joaquim Bensaude, to which we shall have frequent recourse, not only in this little study but also in our notes on Valentim Fernandes' *Reportorio dos Tempos* and *Regimẽto da declinaçam do ſol*, 1518, and on Pedro Nunes' *Tratado da Sphera*, 1537.

José Vizinho, pupil of Zacuto and translator of his *Almanach perpetuum*, was one of Dom João II's counsellors, perhaps the one whose opinion carried most weight in the scientific questions connected with the voyages of discovery. In 1485 the King sent Vizinho to Guinea to verify the latitudes by the sun's altitude. Kayserling tells us, in both the *Geschichte der Juden in Portugal* (p. 86, note 3) and the *Biblioteca Española-Portugueza-Judaica* (p. 108), that the José Vizinho in Dom João II's reign and the Diogo Mendes Vizinho in the time of Dom Manuel, are one and the same person. But the famous and greatly lamented Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, to whom Portuguese letters owe so much, did not hold the same opinion, for she wrote:

"With regard to the great astrologer *Diogo Mendes Vezinho*, up to the present we know only what Damião de Goes tells us in the fourth Part of the Chronicle (of Dom Manuel). I, at least, do not know whether he was any relation,

irmão ou filho, do sábio *José Vezinho*, médico e astrónomo de D. João II, tradutor de uma obra de Zacuto, cujo discípulo fôra (Leiria, 1496), enviado em expedição scientífica à Guiné (1485), e membro da Junta de Matemática" (*Notas Vicentinas*, IV, p. 21 nota 2).

A falta de conhecimentos não nos permitte estudar o valor scientifico do livro de Zacuto; esse admiravel trabalho está feito por Joaquim Bensaude e pelo saudoso Professor Luciano Pereira da Silva. O ponto que especialmente nos interessa, é a influencia que Zacuto—auxiliado principalmente por Vizinho—e a sua obra exerceram sobre as navegações e particularmente sobre a viagem de Vasco da Gama. Dos nossos auctores antigos, apenas um, Gaspar Correa, se refere ao papel tão importante desempenhado por Zacuto. Correa escreveu na India, e determinou que as suas *Lendas da India* só fôssem impressas depois da sua morte: era uma medida de prudencia e segurança; a politica de segredo (de que nos occuparemos nas nossas notas sobre o *Marco paulo*) e a censura, não deixavam publicar muita cousa. A final só fôram impressas em 1858, de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner. A auctoridade das *Lendas da India* está claramente demonstrada pelas palavras do nosso grande historiador A. Herculano.

"As Lendas, inferiores pela fórma ás Decadas de Barros, e até se quizerem á rude historia de Castanheda, são quanto á substancia muito superiores áquellas, e ainda á humilde, mas evidentemente sincera, narrativa de Castanheda. ... Em relação á viagem do descubrimento como em relação a tantos outros pontos da nossa historia da India, as Lendas levam decisiva vantagem ao que escreveram Barros e Castanheda" (A. Herculano e o Barão do Castello de Paiva, *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, pp. ix–x).

Diz-nos Gaspar Correa (t. I, cap. III) que D. Manuel antes de

perhaps brother or son, of the learned *José Vezinho*, physician and astronomer to Dom João II, translator of one of his master Zacuto's works (Leiria, 1496), sent on a scientific expedition to Guinea (1485), and member of the *Junta de Matemática*" (*Notas Vicentinas*, IV, p. 21, note 2).

Want of knowledge prevents us from studying the scientific value of Zacuto's book; in any case splendid work has been done on this subject by Joaquim Bensaude and the late Professor Luciano Pereira da Silva. The point that arouses our special interest is the influence that Zacuto—helped chiefly by Vizinho—and his work exercised on Portuguese navigation and particularly on Vasco da Gama's voyage. Gaspar Correa is the only one of our early historians who refers to the very important part played by Zacuto. Correa wrote in India, and decided that his *Lendas da India* should not be printed until after his death: this was a prudent precaution, since the policy of secrecy (which we shall study in our notes on the *Marco paulo*) and the censor prevented the publication of many things. In the end his book did not see the light of print until 1858, when it was published under the direction of Rodrigo José de Lima Felner, by order of the Royal Academy of Sciences of Lisbon. Our great historical writer A. Herculano clearly demonstrates the authoritative value of the *Lendas da India* when he says:

"Though the *Lendas* are inferior in form to Barros' *Decadas*, and even if you like to Castanheda's rude history, they are infinitely superior in substance to the former, and even to Castanheda's humble, but evidently sincere, narrative.... With regard to the voyage of discovery, as with regard to many other points in our history of India, the *Lendas* have a decided advantage over what Barros and Castanheda wrote" (A. Herculano e o Barão do Castello de Paiva, *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, pp. ix–x).

Gaspar Correa (vol. I, chap. III) informs us that "before he ordered the discovery of India to be made" Dom Manuel

"mandar fazer o descobrimento da India... mandou chamar a Beja hum Judeu seu muito conhecido, que era grande estrolico, chamado Çacoto, com o qual falou em seu segredo muito lh'encarregando que trabalhasse de saber, se lhe aconselhaua que entendesse no descobrimento da India, e se era cousa que podia ser...porque se possiuel fosse, elle pera isso tinha muita vontade nisso gastar todo o possiuel, mas que elle nada auia de fazer sem seu conselho, e por isso o chamara...que visse e olhasse muito bem o que disto alcançaua per seu bom saber, e pera isso tomasse o espaço que quizesse pera lhe dar resposta.... O Judeu...se tornou a Beja, e fazendo suas diligencias aprouve a Nosso Senhor lhe mostrar sua vontade, e tendo todo bem alcançado, se tornou a ElRey com muito prazer, e lhe disse: 'Senhor, com o muito cuidado que tomei no que me Vossa Alteza tanto encarregou, com o querer de Nosso Senhor, o que achei e tenho sabido he, que a prouincia da India he mui longe desta nossa região, alongada por longos mares e terras, todas de gentes pretas os naturaes; em que ha grandes riquezas, e mercadorias que correm per muitas partes do mundo, e tudo de muito perigo, primeiro que possão vir a esta nossa região, o que tenho bem olhado, e por querer de Nosso Senhor alcançado que Vossa Alteza a descobrirá, e grande parte da India sogigará em mui breue tempo, porque, Senhor, vosso planeta he grande sob a diuisa de Vossa Real pessoa, a espera em que se contem os Ceos e terra, que tudo Deos quererá trazer a vosso poder, e tudo acabará o que nunca acabára ElRey que Deos tem, inda que todo seu Reino nisso gastára, porque esta cousa Deos a tinha guardado pera Vossa Alteza. E acho que a India descobrirão dous irmãos vossos naturaes, mas quaes elles sejão eu o não alcanço. Mas pois de Deos assi está ordenado elle o mostrará, polo que tenho a Vossa Alteza dito toda verdade do que ponho minha cabeça a penhor sob o aprazimento de Nosso Senhor, em cujo poder tudo he.' O que todo ouvido por ElRey, deu ao Judeu grandes agradecimentos por tão boas nouas que lhe daua,

"ordered a Jew who was well known to him, and who was a great astrologer, called Çacoto (Zacuto) to be summoned from Beja, and spoke with him in secret, charging him very strictly to labour to find out whether he counselled him to undertake the discovery of India, and whether it was a thing that could be accomplished...because if it were possible, he was very willing to spend all that was possible, but that he would do nothing without his advice, and it was for this that he had summoned him...so that he (the Jew) might see and look very carefully what he, with his great knowledge, could find out about this, and he might take as long as he liked to give an answer in this matter.... The Jew...returned to Beja and, as he sought diligently, Our Lord thought good to show him His will, and having reached very satisfactory conclusions about everything, he returned with great pleasure to the King, and said to him: 'Sire, what I have found and learnt, through the great care I took in what Your Highness so earnestly charged me to do, and through the goodwill of Our Lord, is that the province of India is very far from this our region, separated from it by many seas and lands, all inhabited by black people; in this province there are great riches and merchandise which are conveyed to many parts of the world, but great dangers must be overcome before they can reach this our region; all this I have studied very carefully and with the help of Our Lord have found that your Highness will discover it and will conquer a great part of India in a very short time, for, Sire, your planet is high under your Royal device, the sphere which contains the skies and the land, all of which God will deliver into your power, and you will accomplish everything that the King who is with God never accomplished, though he spent his whole Kingdom for it, because God had kept this thing for your Highness. And I find that two brothers, your subjects, will discover India, but who they may be I could not find. But since God has thus ordered it, He will show it, wherefore I have told your Highness the whole truth, for which I will vouch with my head, according to the good pleasure of Our Lord, who has power over all.' When the King had heard all this he gave the Jew much thanks,

e muito defendeo que tiuesse grande segredo, pelo muito que compria a seu estado."

A narração feita por Gaspar Correa é cheia de interesse, e são extremamente curiosas as quasi propheticas palavras de Zacuto. El-Rei D. Manuel "era muyto inclinado á Estrolomia, polo que muytas vezes praticaua com o Judeo Çacuto" (Gaspar Correa, *ob. cit.* t. I, p. 261). Damião de Goes diz-nos que o Venturoso

"Foi muito dado à Aſtrologia judiçiaria, em tanto que no partir das naos pera ha India, ou no tempo que has ſperaua, mandaua tirar juizos per hũ grande Aſtrologo Portugues, morador em Lisboa, per nome Diogo mẽdez vezinho...& depois deſte faleçer cõ Thomas de torres ſeu phyſico, homẽ mui experto, aſsi na Aſtrologia, quomo em outras ſciẽçias, mas poſto q̃ deſſe credito à aſtrologia, nunqua ho deu a agouros, mas antes foi mui imigo delles..." (*Chronica DelRei dom Emanuel*, P. IV, 1567, fl. 107 v°).

Não devemos esquecer, como diz Bensaude (*Histoire de la science nautique portugaise*, p. 85) que

"Le but principal des études astronomiques au moyen âge était la divination de l'avenir en s'appuyant sur des bases scientifiques."

As palavras de Zacuto, repetidas por Gaspar Correa, indicam esse pensar e essa crença, que, até certo ponto pelo menos, D. Manuel parece ter compartilhado. Escreve ainda Bensaude (*ob. cit.* p. 87):

"Zacuto était sans doute un croyant en astrologie; son Almanach représente un effort considérable pour étudier à fond les mouvements des astres consultés journellement par les astrologues. Son livre est un véritable arsenal d'éléments d'astrologie."

Tudo indica que D. Manuel consultou Zacuto como astrologo, e n'essa qualidade se exerceu a sua influencia, como o demonstra o trecho das *Lendas da India* que citámos. Essa influencia, segundo Gaspar Correa, ainda se fez

and charged him strictly to be very secret, as the matter touched his estate so nearly."

Gaspar Correa's account is full of interest, especially where it records Zacuto's almost prophetic words. King Manuel "was much addicted to astrology and often practised it with the Jew Çacuto" (Gaspar Correa, *op. cit.* vol. I, p. 261). Damião de Goes tells us that "the Fortunate King"

"was much given to judicial astrology, so much so, that when ships were setting out for India, or at the time when he was expecting them back, he used to command Diogo Mẽdes Vezinho, a great Portuguese astrologer, who lived in Lisbon to make predictions for him... and after this man died he used to consult with Thomas de Torres, his physician, a man who was very learned in astrology as well as in other sciences; but though he believed in astrology, he gave no credence to divinations, but was very much against them" (*Chronica DelRei dom Emanuel*, Part IV, 1567, fl. 107 vo.).

As Bensaude (*Histoire de la science nautique portugaise*, p. 85) says, we must not forget that

"Le but principal des études astronomiques au moyen âge était la divination de l'avenir en s'appuyant sur des bases scientifiques."

Zacuto's speech as transcribed by Gaspar Correa seems to indicate this thought and belief, which appears to have been shared, at least in some measure, by Dom Manuel. Bensaude says further (*op. cit.* p. 87):

"Zacuto était sans doute un croyant en astrologie; son Almanach représente un effort considérable pour étudier à fond les mouvements des astres consultés journellement par les astrologues. Son livre est un véritable arsenal d'éléments d'astrologie."

Everything seemed to lead to the conclusion that Dom Manuel consulted Zacuto as an astrologer, and that it was in this capacity that the Jew exercised his influence, as the extract we have transcribed from the *Lendas da India* demonstrates. According to Gaspar Correa, the

sentir no espirito do Monarcha, ao nomear Vasco da Gama, Capitão Mór da Armada, pois "perguntou a Vasco da Gama se tinha algum irmão" (*ob. cit.* t. I, p. 13). Pensava o Soberano na predicção de Zacuto, "que a India descobrirað dous irmãos vossos naturaes"? Talvez. Diz-nos ainda Correa (p. 23), o que é mais importante, que "Vasco da Gama antes de sair de Lisboa, no mosteiro, falando com o Judeu Çacuto a sós, lhe deu muita informação do que fizessem na viagem...." Depois, Correa dá-nos detalhes preciosos sobre a obra scientifica de Zacuto (*ob. cit.* cap. VIII, pp. 261 a 265) narrando as explicações que o sabio Judeu forneceu a El-Rei, em resposta ás perguntas do Soberano, sobre a navegação, dizendo que

"O Cabo da Boa Esperança entra muyto no mar pera a banda do Sul, polo que sendo o sol apartado da linha pera a parte do Norte, que fica á sombra e friura á parte do Sul, então causa assi as grandes tormentas e tempestades, e dias pequenos, e de pouca claridade, que as naos achão, porque o sol he dali muyto afastado; e quando o sol anda pera a parte do Sul, então no mar do Cabo da Boa Esperança hauerá bonanças, e os dias quentes e mayores. E porque no tempo que as naos vão demandando o Cabo, ou são nelle, o sol he affastado pera a parte do Norte, por essa causa ficão no cabo as tormentas e escuridão dos dias pequenos...e com a nauegação, que agora fazem as naos, por dobrar por barlauento do Cabo, dandolhe resguardo por caso de os ventos serem do mar, fazem rodeo com que andão mais de sete mil legoas, no qual caminho muyto encurtarão, e emmendarão quando os pilotos tiuerem este esperimento do apartamento do sol pera que parte anda, que he a causa dos bons tempos e maos, que causa o apartamento do sol."

Dadas estas razões a El-Rei, Zacuto explica os seus trabalhos e menciona o seu *Regimento*.

"E porque, Senhor, nisto tenho muyto traba-

Monarch was still under the influence of Zacuto's words when he appointed Vasco da Gama to command the Armada; and in truth when we read that Dom Manuel "asked Vasco da Gama whether he had a brother" (Correa, *op. cit.* vol. I, p. 13) it seems to show that he had not forgotten the astrologer's prophecy that "two brothers, your subjects, will discover India." What is even more important, Correa (p. 23) tells us that "before he left Lisbon, Vasco da Gama had a consultation in the monastery alone with Çacuto, who gave him much information as to what he should do during the voyage...." Correa also gives us some valuable details about Zacuto's scientific work (*op. cit.* vol. I, chap. VIII, pp. 261–265), reporting the replies made by the learned Jew to the King's questions about navigation, as for instance that

"The Cape of Good Hope juts out far into the sea on the southern side, so that when the sun is distant from the equator on the northern side, the southern side is left in cold and shadow, and then the great storms and tempests and the short and sombre days, that the ships encounter, are caused because the sun is very remote from there; but when the sun goes over to the southern side, then the sea round the Cape of Good Hope enjoys fair weather and hot and longer days. And because when ships are making for the Cape or have reached it, the sun is distant on the northern side, storms, darkness and short days are still to be found round the Cape...and in the route the ships now take in order to double the Cape to the windward, giving it a wide berth because the winds come from the sea, they make a circuit of more than seven thousand leagues, which journey they will greatly shorten and improve when the pilots have become experienced to know on which side the sun is distant from the equator, which is the cause of the good and bad weather caused by the sun's movement."

Having given the King this explanation, Zacuto interprets his works and mentions his *Regimento*.

"And because, Sire, I have worked very hard

lhado, por me certificar na verdade tirey hum esperimento da declinação do sol do aparta-mento que se aparta da linha pera cada parte do Norte ou do Sul, e quanto tempo anda de hum cabo, e quanto do outro, e até onde chega, e se corre tanto ao ir, como ao tornar, e achey que tudo andaua per hum curso e compasso ordi-nario. O que todo tenho bem sabido, e de-clarado per hum modo de regimento, o que cada dia se aparta o sol, assi á hida como á tornada, per tal modo que em qualquer parte que naue-gantes tiuerem vista do sol ao meo dia, ou de noite a estrella do Norte, e fazendo sua conta da declinação do sol, saberão quanto caminho andão, e saberão nauegar per todo o mar do mundo: e se a Nosso Senhor aprouver que acabe de saber algumas duvidas que inda tenho escuras, affirmo a Vossa Alteza que então esta nauegação pera a India será tão facil, que a poderão nauegar muy pequenos barcos...porque todo o bem deste caminho e nauegação ha de ser saber tomar os tempos em suas proprias monções pera que nom achem tormentas e ventos contrairos, que lhe causão as detenças."

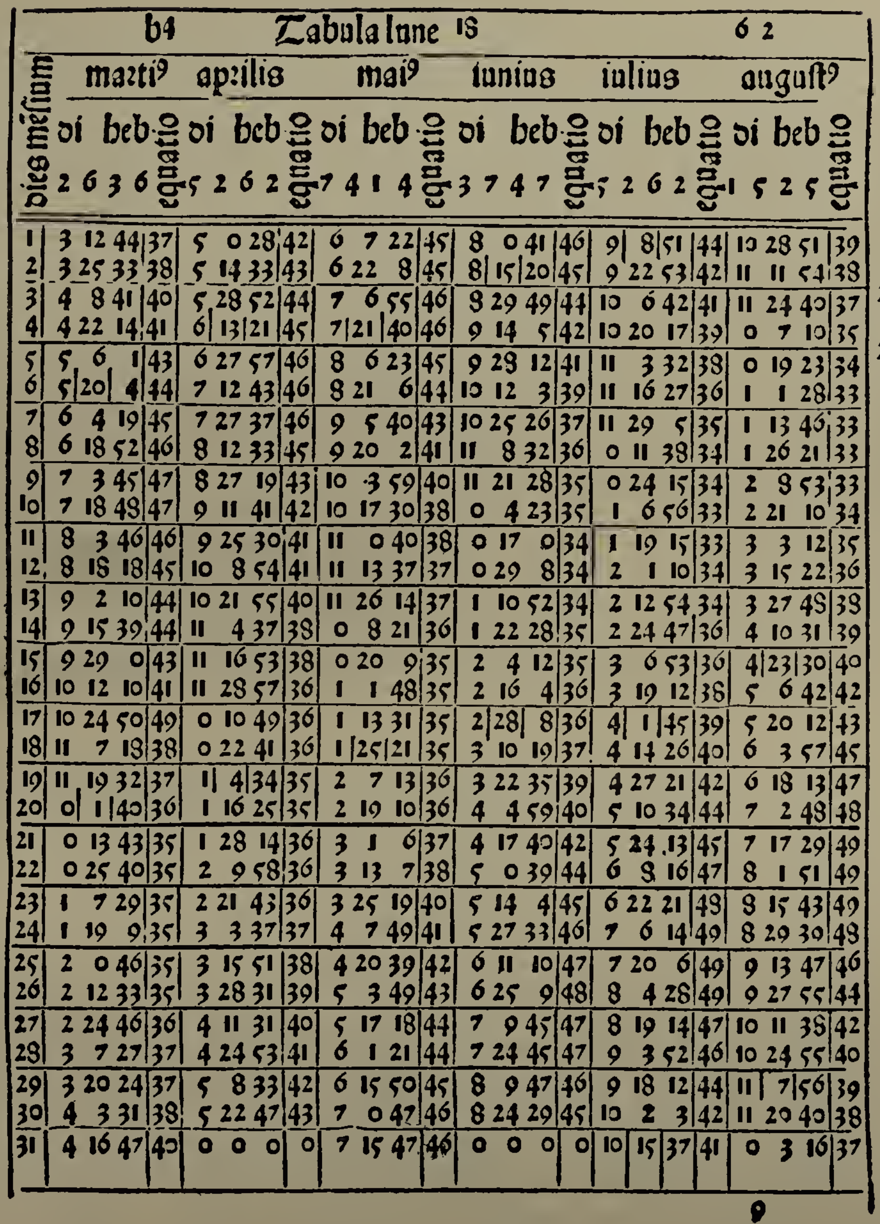
in this, to make an experiment to find out the sun's declination from the amount of its distance from the equator, and how long it stays at one end and how long at the other, and how far it goes, and whether its progress is as rapid going as coming back, and I found that everything took place within an ordinary course and com-pass. All of which I have carefully studied and declared in a kind of *regimento* where I show how far the sun moves each day, both when it is going away from the equator and when it is coming towards it, in such a way that whenever navi-gators may see the sun at midday, or the North star at night, if they calculate the sun's declina-tion, they will know what way they are making and will be able to navigate over any sea in the world: and if Our Lord wills that I find a solution to certain doubts that I have not yet cleared up, I assure your Highness that this navigation to India will then be so easy that very small vessels will be able to navigate it...because the whole secret of the route and navigation must be to know how to take the weather at the right seasons so as not to encounter the storms and contrary winds that cause the delays."

Gaspar Correa diz-nos mais que Zacuto,

"como já tudo tinha exprimentado, e sabido a certeza do decurso do sol, e os mudamentos que fazia, tomando o esprimento polas estrellas com suas artes da estrolomia, fez hum regimento desta declinação do sol, apartando os anos, cada hum sobre sy, e os mezes e dias, de hum anno bisexto até o outro, que são quatro anos apontadamente, de quanto anda o sol cada dia, contado de meo dia a meo dia, assi pera a banda do Norte, como pera a banda do Sul, todo per grande concerto e boa ordem; pera o que fez huma pasta de cobre da grossura de meo dedo, redonda, com huma argola em que estaua dependurada direita, e nella linhas e pontos, e no meo outra chapa, assi de cobre corrediça ao redor, e nella postos huns pontos furados direitos hum do outro, porque entrado o sol per ambos, no ponto do meo dia, se via em que parte estaua o sol, tudo per grande arte e sobtil modo, e lhe chamou estrolabio, que

Gaspar Correa tells us further that Zacuto,

"as he had already made experiments and obtained certain knowledge about everything con-nected with the sun's progress and the changes it underwent, he experimented on the stars with his arts of astrology and made some tables of the sun's declination, making the years separate, each one by itself, with the months and days, from one bissextile year till the next, that is four years exactly, showing the sun's movement each day, counting from midday to midday, both in the northern and the southern hemisphere, all with great harmony and good order, for which he made a thin circular copper plate as thick as half a finger, with a ring to which it was attached upright, and in it he put lines and points and in the middle another plate, also of copper with a ridge around it which had holes pierced in it, one opposite the other, so that when the sun shone through both at midday, it might be seen what the sun's position was, all this was made with great art and very subtle design, and he

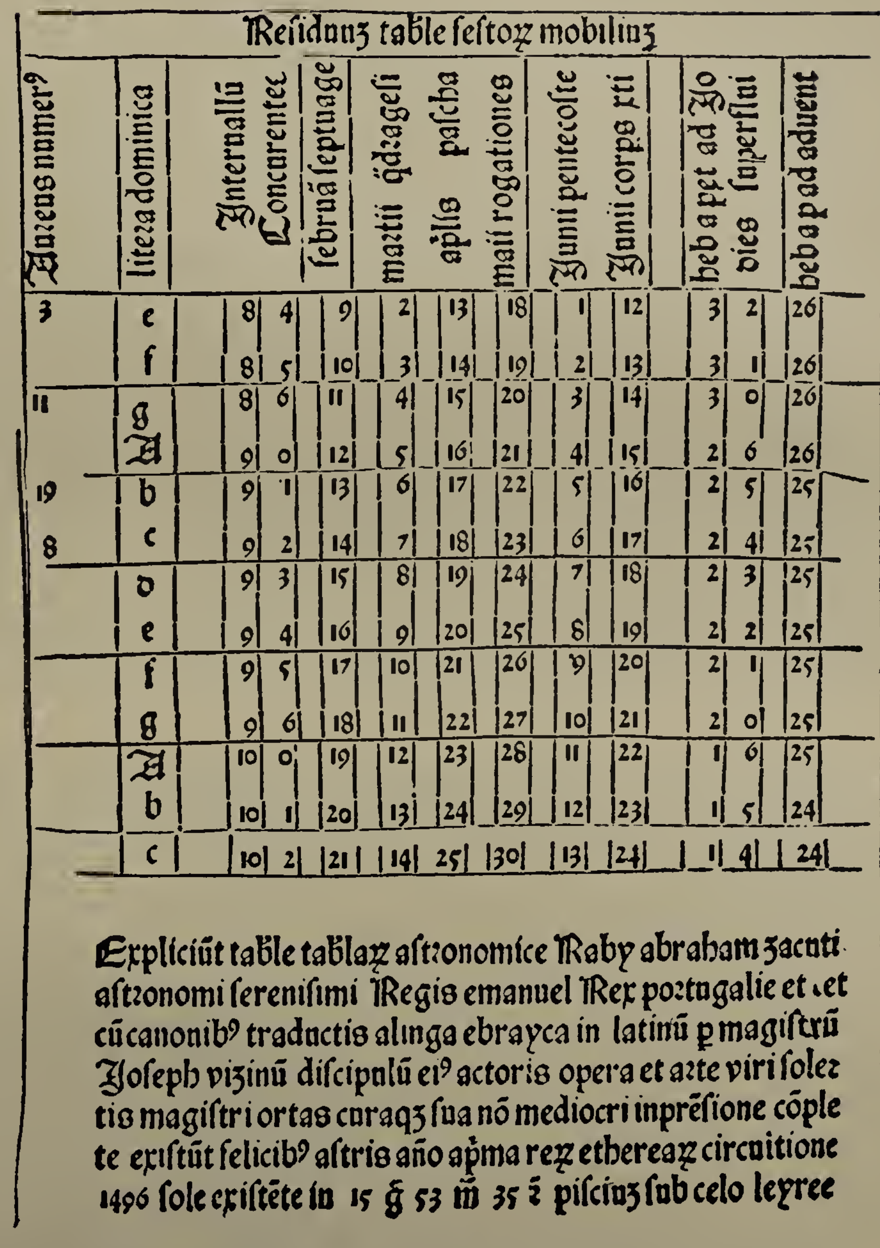


dies mensium	martii di beb	equatio	aprilis di beb	equatio	maii di beb	equatio	iunius di beb	equatio	iulius di beb	equatio	augusti di beb	equatio
b4	Tabula lune 18										6 2	
	2 6 3 6		5 2 6 2		7 4 1 4		3 7 4 7		5 2 6 2		1 5 2 5	
1	3 12 44	37	5 0 28	42	6 7 22	45	8 0 41	46	9 8 51	44	10 28 51	39
2	3 25 33	38	5 14 33	43	6 22 8	45	8 15 20	45	9 22 53	42	11 11 54	38
3	4 8 41	40	5 28 52	44	7 6 55	46	8 29 49	44	10 6 42	41	11 24 40	37
4	4 22 14	41	6 13 21	45	7 21 40	46	9 14 5	42	10 20 17	39	0 7 10	35
5	5 6 1	43	6 27 57	46	8 6 23	45	9 28 12	41	11 3 32	38	0 19 23	34
6	5 20 4	44	7 12 43	46	8 21 6	44	10 12 3	39	11 16 27	36	1 1 28	33
7	6 4 19	45	7 27 37	46	9 5 40	43	10 25 26	37	11 29 5	35	1 13 46	33
8	6 18 52	46	8 12 33	45	9 20 2	41	11 8 32	36	0 11 38	34	1 26 21	33
9	7 3 45	47	8 27 19	43	10 3 59	40	11 21 28	35	0 24 15	34	2 8 53	33
10	7 18 48	47	9 11 41	42	10 17 30	38	0 4 23	35	1 6 56	33	2 21 10	34
11	8 3 46	46	9 25 30	41	11 0 40	38	0 17 0	34	1 19 15	33	3 3 12	35
12	8 18 18	45	10 8 54	41	11 13 37	37	0 29 8	34	2 1 10	34	3 15 22	36
13	9 2 10	44	10 21 55	40	11 26 14	37	1 10 52	34	2 12 54	34	3 27 48	38
14	9 15 39	44	11 4 37	38	0 8 21	36	1 22 28	35	2 24 47	36	4 10 31	39
15	9 29 0	43	11 16 53	38	0 20 9	35	2 4 12	35	3 6 53	36	4 23 30	40
16	10 12 10	41	11 28 57	36	1 1 48	35	2 16 4	36	3 19 12	38	5 6 42	42
17	10 24 50	49	0 10 49	36	1 13 31	35	2 28 8	36	4 1 45	39	5 20 12	43
18	11 7 13	38	0 22 41	36	1 25 21	35	3 10 19	37	4 14 26	40	6 3 57	45
19	11 19 32	37	1 4 34	35	2 7 13	36	3 22 35	39	4 27 21	42	6 18 13	47
20	0 1 40	36	1 16 25	35	2 19 10	36	4 4 59	40	5 10 34	44	7 2 48	48
21	0 13 43	35	1 28 14	36	3 1 6	37	4 17 40	42	5 24 13	45	7 17 29	49
22	0 25 40	35	2 9 58	36	3 13 7	38	5 0 39	44	6 8 16	47	8 1 51	49
23	1 7 29	35	2 21 43	36	3 25 19	40	5 14 4	45	6 22 21	48	8 15 43	49
24	1 19 9	35	3 3 37	37	4 7 49	41	5 27 33	46	7 6 14	49	8 29 30	48
25	2 0 46	35	3 15 51	38	4 20 39	42	6 11 10	47	7 20 6	49	9 13 47	46
26	2 12 33	35	3 28 31	39	5 3 49	43	6 25 9	48	8 4 28	49	9 27 55	44
27	2 24 46	36	4 11 31	40	5 17 18	44	7 9 45	47	8 19 14	47	10 11 38	42
28	3 7 27	37	4 24 53	41	6 1 21	44	7 24 45	47	9 3 52	46	10 24 55	40
29	3 20 24	37	5 8 33	42	6 15 50	45	8 9 47	46	9 18 12	44	11 7 56	39
30	4 3 31	38	5 22 47	43	7 0 47	46	8 24 29	45	10 2 3	42	11 20 40	38
31	4 16 47	40	0 0 0	0	7 15 47	46	0 0 0	0	10 15 37	41	0 3 16	37

2 5 7
1 2 3
2 4 7

9

23 Folha das taboas do *Almanach perpetuum* de Zacuto
A page from Zacuto, *Almanach perpetuum*
Leiria, 1496



Residuum table festoꝝ mobiliuꝫ

Aureus numerus	littera dominica	Interuallum	Concurrentes	februa septuage	martii quadragesi	aprilis pascha	maii rogationes	Iunii pentecoste	Iunii corpus xti	heb a pet ad Zo	dies superflui	heb a pad aduent
3	e	8	4	9	2	13	18	1	12	3	2	26
	f	8	5	10	3	14	19	2	13	3	1	26
11	g	8	6	11	4	15	20	3	14	3	0	26
	A	9	0	12	5	16	21	4	15	2	6	26
19	b	9	1	13	6	17	22	5	16	2	5	25
8	c	9	2	14	7	18	23	6	17	2	4	25
	d	9	3	15	8	19	24	7	18	2	3	25
	e	9	4	16	9	20	25	8	19	2	2	25
	f	9	5	17	10	21	26	9	20	2	1	25
	g	9	6	18	11	22	27	10	21	2	0	25
	A	10	0	19	12	23	28	11	22	1	6	25
	b	10	1	20	13	24	29	12	23	1	5	24
	c	10	2	21	14	25	30	13	24	1	4	24

Expliciūt table tablaꝝ astronomice Raby abraham zacuti astronomi serenisimi Regis emanuel Rex portugalie et et cūcanonib⁹ tradnctis alinga ebrayca in latinū p magistrū Joseph vizinū discipulū ei⁹ actoris opera et arte viri solez tis magistri ortas curaqꝫ sua nō mediocri inprēsione cōple te extitūt felicib⁹ astris año apma reꝫ ethereaꝫ circuitione 1496 sole existēte in 15 g 53 m̄ 35 ī pisciuꝫ sub celo leyree

24 Colophon do *Almanach perpetuum* de Zacuto
Colophon from Zacuto, *Almanach perpetuum*
Leiria, 1496

tomando assi o lugar certo em que estaua o sol, e ſeita conta polo regimento na tauoa de cada ano, se sabia as legoas que erão andadas."

Trataremos detalhadamente do *Regimēto da declinaçam do ſol*, nas nossas notas ácerca do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes, 1518, que contem "o regimētoda (sic) declinaçam do ſol pera per ella ſaber o mareãte em qual parte eſta. ſ. aquem ou dalem da linea equinocial. a qual declinaçam he tirada puntualmēte del Zacuto pello honrrado Gaſpar nicolas meſtre ſufficiente neſta arte." Como veremos tambem, Bensaude é de opinião—com a qual concordamos inteiramente—que deve ter existido uma 1ª edição do *Regimento* publicada ainda no tempo de D. João II: se assim aconteceu, essa edição deverá ter sido impressa por Valentim Fernandes. Seria pois natural, que Fernandes—as datas permittem essa hypothese—tivesse conhecido pessoalmente Zacuto, o que explicaria não só o seu amor pela sciencia da astronomia nautica, mas os seus vastos conhecimentos. Quanto ao "estrolabio," escreve o Dr Broydé (*ob. cit.*) a respeito da viagem de Vasco da Gama: "The ships fitted out for the expedition were provided with Zacuto's newly perfected astrolabe, which was the first to be made of iron instead of wood." O astrolabio de Zacuto foi na viagem do Gama como canta o immortal Camões:

"A maneira de nuuẽs ſe começão
A deſcubrir os montes que enxergamos,
As ancoras peſadas ſe adereção,
As vellas ja chegados amainamos:
E pera que mais certas ſe conheção
As partes tão remotas onde eſtamos,
Pello nouo inſtrumento do Aſtrolabio
Inuenção de ſutil juizo & ſabio."

(*Lusiadas*, canto v, est. 25, 1ª ed. 1572.)

called it the 'astrolabe,' so that taking thus the exact position of the sun, and calculating in the *regimento* from the table for each year, one could find out how many leagues had been traversed."

We shall treat of the *Regimēto da declinaçam do ſol* in detail in our notes about Valentim Fernandes' *Reportorio dos Tempos*, 1518, which contains "the tables of the sun's declination so that the mariner may know by them where he is, whether on this side or that of the equinoctial line, which declination is punctually taken from Zacuto by honest Gaspar Nicolas, a sufficient master in this art." Bensaude, as we shall see, considers that there must have been a first edition of the *Regimento* published before the end of Dom João II's reign, and we are in complete agreement with this opinion: if it were so, that edition must have been printed by Valentim Fernandes. It is therefore natural and, in view of the dates, legitimate, to suppose that Fernandes may have been personally acquainted with Zacuto, which would explain, not only his love for the science of nautical astronomy, but also his vast knowledge on the subject. As for the astrolabe, Dr Broydé (*op. cit.*) tells us of Vasco da Gama's voyage that "The ships fitted out for the expedition were provided with Zacuto's newly perfected astrolabe, which was the first to be made of iron instead of wood." So Zacuto's astrolabe was used by Vasco da Gama, and has even been sung by Camões:

"In misty manner 'gan their shapes to show
the highland-range attracting all our eyes;
the pond'erous anchors stood we prompt to throw,
and furl the canvas which now useless lies:
And that with surer knowledge mote we know
the parts so distant which before us rise,
with Astrolábos, novel instrument,
which safe and subtle judgement did invent."

(*The Lusiads*, Canto v, st. 25, Burton's translation.)

Na estancia seguinte, Vasco da Gama, fal-lando pela bocca do poeta, mostra-nos que, depois de desembarcar na Angra de Santa Helena, se serviu do "Astrolabio" de Zacuto, quando diz:

> "Porem eu cos pilotos na arenofa
> Praya, por vermos em que parte eftou,
> Me detenho, em tomar do fol a altura
> E compaffar a vniuerfal pintura."

Conta-nos ainda Gaspar Correa

"que o Judeu ensinou a alguns pilotos, que lhe ElRey mandou, como e de que modo hauião de tomar o sol em o ponto do meo dia com o estro-labio, ensinandolhe a conta que hauião de fazer polas tauoadas do regimento, no que em todo os muyto industriou os quaes ElRey logo mandou fóra nauegar pera huma certa parte, a que o Judeo deu humas cartas grandes com riscos de cores differentes, que mostrauão os nomes dos ventos ao derredor da estrella do Norte, a que se pos nome agulha de marear...com outros muytos concertos esprimentos que os pilotos entenderão, e exprimentárão com as correntes das agoas. Com que a dita sciencia de pilotar foy de cada vez mais exprimentada e sabida...o que de cada vez se mais foy apurando em tanta perfeição como ora está, Deos seja pera sempre muyto louvado, que lhe aprouve que o Judeo falou tão certo.... O que tudo foy principiado por o dito Judeo, chamado Çacuto, grande estrolico."

Na verdade o "grande estrolico," certamente com o auxilio do seu discipulo Vizinho, prestou um grande, enorme serviço a Portugal, sendo in-dubitavel a influencia exercida pelo seu saber. Essa sciencia de Zacuto foi applicada não sómente pelos Portuguezes, mas pelos que estavam ao serviço da Hespanha, a começar por Colombo, que possuiu um exemplar do *Al-manach perpetuum*. Mas, como escreve Carlos Malheiro Dias na sua magistral *Introdução* á *História da Colonisação Portuguesa do Brasil* (p. lxiv):

"Nas notas autógrafas sôbre asuntos astronó-micos (cêrca de 250) revela-se freqüentemente a imperícia de Colombo, no cálculo das latitudes

In the next verse the poet makes Vasco da Gama tell how he made use of Zacuto's "Astrolabos" on landing at St Helena Bay:

> "But with my Pilots I retired aside
> on farther sands, our landfall to explore;
> and lief the solar altitude would span,
> and map the painted world in chart and plan."

Gaspar Correa further informs us that

"the Jew taught certain pilots, whom the King sent to him, how and in what way they had to take the sun's altitude at midday with the astro-labe, teaching them how to calculate with the tables in the *Regimento*, in all of which he in-structed them very diligently. The King forthwith sent them abroad to navigate to a certain place, for which the Jew gave some large charts, to which the name of sea-compass was given, with lines in different colours showing the names of the winds around the North star...with other very well ordered experiments that the pilots had tried and understood connected with the currents of the waters. Thus they grew ever more experienced and learned in the said science of pilotage...which went on improving until it reached its present state of perfection: may God be always praised, in that He thought good to allow the Jew to speak so truly.... All this was started by the said Jew, named Çacuto, a great astrologer."

In truth the "great astrologer," with the help of his pupil Vizinho, did contribute largely to Portugal's progress in nautical astronomy, for the influence exerted by his knowledge cannot be denied. Zacuto's science was applied not only by the Portuguese, but also by those in the service of Spain, beginning with Columbus, who possessed a copy of the *Almanach perpetuum*. But, as Carlos Malheiro Dias writes in his masterly *Introduction* to the *História da Colonisação Portuguesa do Brasil* (p. lxiv):

"In the autograph notes on astronomical sub-jects (about 250) Columbus' lack of skill in the calculation of latitudes by the sun's altitude is

pela altura do sol. A *Tabula Declinationis*, de Zacuto, copiada pela mão do descobridor da América, mostra erros inverosímeis, como o de admitir uma fracção de 93′ em um grau! Numa passagem do seu *Diário* (13 de Dezembro de 1492) lê-se que a latitude se deduz da duração do dia.... Isso não impediu, todavia, que êle atingisse as Antilhas, que a sua pequena frota fôsse, de Palos, na Andaluzia, fundear no arquipélago das Lucaias."

frequently revealed. Unlikely mistakes, such as the admission of a fraction of 93′ in one degree, are to be found in Zacuto's *Tabula Declinationis*, as copied in the hand of the discoverer of America! In one passage of his Diary (December 13th, 1492) we read that latitude is deduced from the length of the day.... This did not, however, prevent him from reaching the Antilles, nor hinder his little fleet, which set out from Palos in Andalusia, from coming safely to anchor in the Bahama Islands."

E como tem razão o mesmo illustre auctor, ao escrever que a concepção geographica Portugueza nasceu

"na aula experimental dos mares, onde foi assistida e desenvolvida por uma congregação secular de pilotos, cosmógrafos e matemáticos do valor de Álvaro e Martins Esteves, Pedro de Barcellos, a dinastia dos Dias, Pedro Escobar e Pedro de Alemquer, João de Lisboa, João Fernandes Lavrador, Fernão de Magalhães, Zacuto, Duarte Pacheco, Francisco Faleiro, Pedro Nunes e D. João de Castro.... Os navegadores lusos eram servidores do Estado, obedecendo a instruções oficiais, cumprindo com risco da vida um programa nacional, seguindo rótas pre-estabelecidas e preparadas com todos os recursos da sciência do tempo para a execução das missões que lhes confiava o soberano" (*ob. cit.* pp. lviii e lix).

Foi para a execução d'essas missões que trabalharam Zacuto e o seu disciplo José Vizinho. Foi para esse mesmo fim que o *Almanach perpetuum* foi traduzido do hebreu e publicado em Leiria em 1496, um anno antes da partida de Vasco da Gama, para a famosa viagem de descobrimento.

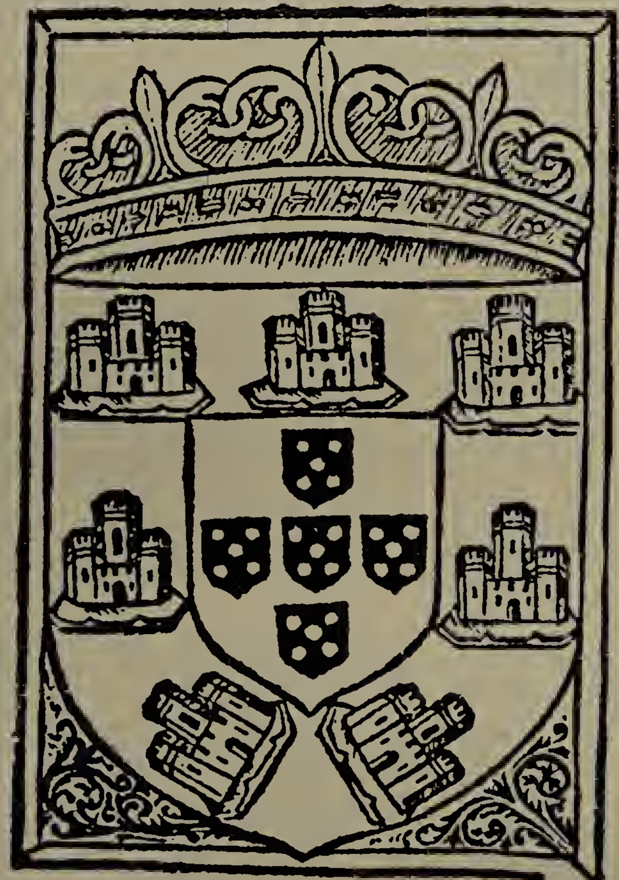
Este livro é pois precioso por mais de um motivo, sendo a sua raridade, sem duvida, uma das causas; mas para nós, representa um monumento do passado, que preparou o apogeu da gloria de Portugal!

And how right the same famous author is, when he says that Portugal's conception of geography was born

"in the experimental classroom of the seas where it was helped and developed by a secular assembly of pilots, cosmographers and mathematicians of such worth as Alvaro and Martins Esteves, Pedro de Barcellos, the Dias family, Pedro Escobar and Pedro de Alemquer, João de Lisboa, João Fernandes Lavrador, Fernão de Magalhães, Zacuto, Duarte Pacheco, Francisco Faleiro, Pedro Nunes and Dom João de Castro.... The Portuguese navigators were the servants of the State, obeying official instructions, carrying out a national programme at the risk of their lives, following pre-determined routes that had been worked out with all the resources of contemporary science, for the accomplishment of the missions entrusted to them by the sovereign" (*op. cit.* pp. lviii and lix).

It was for the accomplishment of these missions that Zacuto and his pupil José Vizinho worked so hard. It was for this end that the *Almanach perpetuum* was translated from the Hebrew and published in Leiria in 1496, the year before Vasco da Gama set out on his famous voyage of discovery.

This book is therefore precious for many reasons of which one is no doubt its rarity, but for us it is a monument of the past, which prepared the way for Portugal to reach the zenith of her glory!



¶ Regimento proueytoso contra ha pestenença.

25 Folha do rosto do *Regimento contra ha pestenença*
Title-page of the *Regimento contra ha pestenença*
Lisboa, 1496 (?)



Ora pro nobis sancta dei genitrix. Ut mereamur peste epydimie illesi transire et promissionem xpi optinere.

26 Verso da folha do rosto do *Regimento contra ha pestenença*
Back of title-page of the *Regimento contra ha pestenença*
Lisboa, 1496 (?)

7 KAMINTO, REGIMENTO PROUEYTOSO CONTRA HA PESTENENÇA.

[Lisboa], Valentim Fernandes, [1496?]

Regimento proueytoſo | contra ha peſtenença. *Por cima, as Armas Reaes*[1].

[fl. 1 vo.] *Gravura representando a apparição de Nossa Senhora com o Menino Jesus a um personagem ajoelhado. É possivel que este personagem represente o auctor por ter um livro deante d'elle. Por baixo, a legenda*[2]:

Ora ꝑ nobis ſancta dei genitrix. Ut mereamur | peſte epydimie illeſi tranſire ⁊ promiſſionem xp̃i | optinere.

[fl. 2] Começaſe huũ boõ regimẽto muyto neçeſſa | rio ⁊ muyto ꝓueitoſo aos viuẽtes. ⁊ ꝑ cõſeruaçã | de ſuas ſaudes ⁊ ſegurãça das peſtinẽçias. Fey | to ꝑ ho reuerendiſſimo Senhor dom Raminto [sic] | bp̃o aruſieſi: do regno ꝺ dacia. E tralladado de | latim em lingoagẽ per ho reuerẽdo padre frey | Luys de ras: meſtre em ſc̃tã theologia da ordẽ | de ſam franciſco. [...] E p̃meyramẽte. | Dos ſignaes ꝓnoſticos da peſtilẽçia. | Segũdo das couſas [sic] della. | Terçeyro. dos remedios della. | Quarto das cõformidades do coraçam: ⁊ dos | prinçipaes membros. | Quinto ⁊ derradeyro da ſangria. | Dos ſignaaes. Capitollo primeyro. [...]

[fl. 3] [...] Das cauſas da peſtilẽçia. Capitollo .ij. [...]

[fl. 4 vo.] [...] Dos remedios da peſtilençia | Capitollo terçeyro.

[fl. 6 vo.] [...] Das cõformidades do coraçam ⁊ dos | outros mẽbros. Capitollo .iiij. [...]

[fl. 8] [...] Da ſangria. Capitollo .v. [...]

[fl. 10 vo.] [...] E eſtas couſas | abaſtẽ ꝑa peſtilẽça. ⁊ q̃lq̃r q̃ ſe ꝑ eſte modo reger | eſcapara muyt⁹ ꝑijgos da peſtilẽcia cõ virtude | ⁊ meezinha de noſſo ſenhor jeſu xp̃o. ſem oq̃l nõ | ha hy ſaude. ⁊ da bẽta virgẽ maria ſua madre ſe | ja gloria ⁊ louuor ꝑa ſempre Amen. | Feyto em Lixboa ꝑ Valẽtino de morauia. *Sem data*[3].

4º.—10 folhas—25 e 26 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: a, 6 folhas; b, 4 folhas; total de 10 folhas; as folhas a 1 e a 2 não teem assignaturas.

Encadernação de marroquim vermelho.

4to.—10 leaves—25 and 26 lines—Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: a, 6 leaves; b, 4 leaves; total 10 leaves; leaves a 1 and a 2 have no signature marks.

Bound in red morocco.

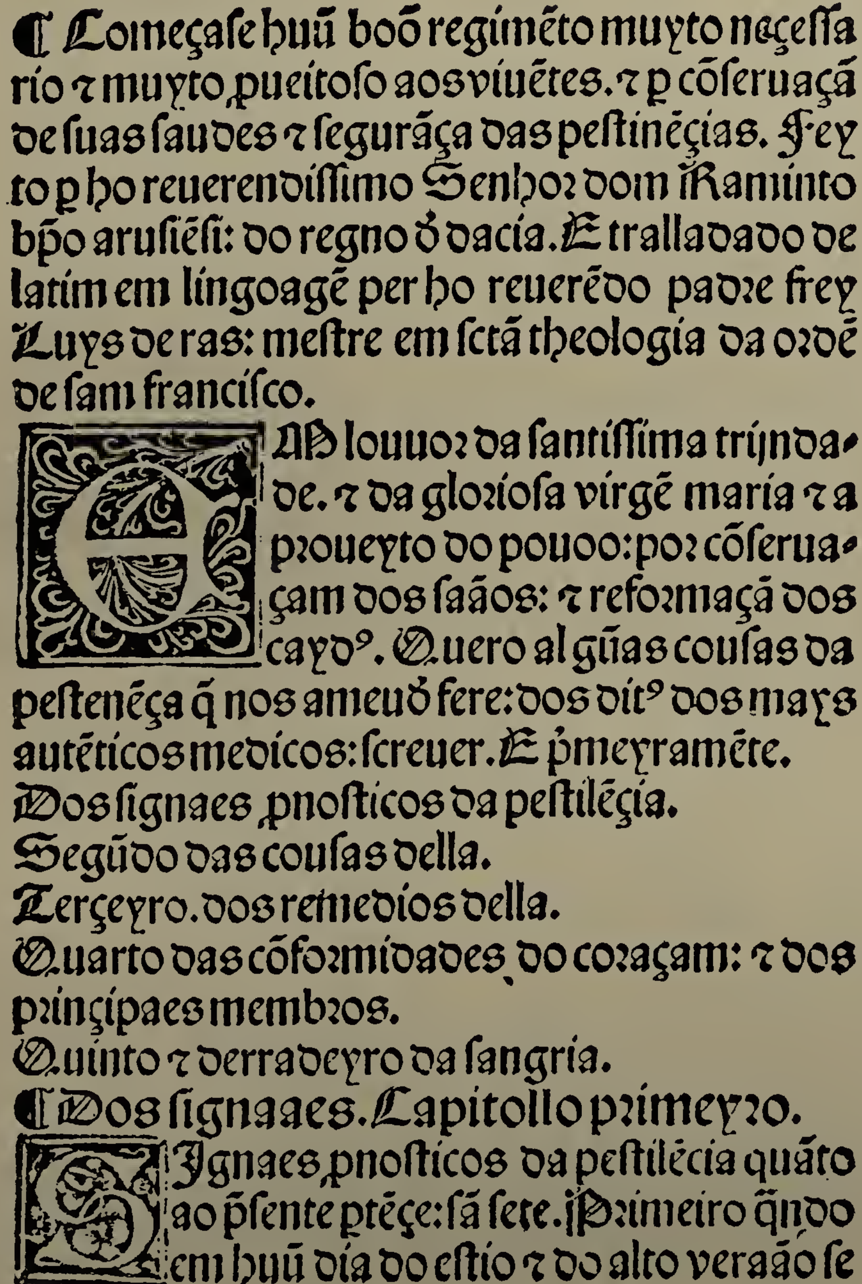
O *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença* foi traduzido do Latim do *Regimen contra epidimiam sive pestem* de Kaminto (a quem Frei Luiz de Raz chama *Senhor dom Raminto*), do qual existem differentes edições, sendo uma das primeiras a de Roma, que se considera de 1479. Foi o seu traductor, Frei Luiz de Raz, Ministro Provincial

The *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença* (whose author is called *Senhor dom Raminto* by Frei Luiz de Raz) is the first Portuguese printed version of Kaminto's *Regimen contra epidimiam sive pestem,* of which several xvth century editions are extant, the one published in Rome *circa* 1479 being perhaps the earliest. This translation was

[1] *With the Royal Arms of Portugal above.*

[2] *Woodcut of the Virgin and Child appearing to a kneeling figure which, as there is a book on the ground before it, possibly represents the author. Below is the legend.*

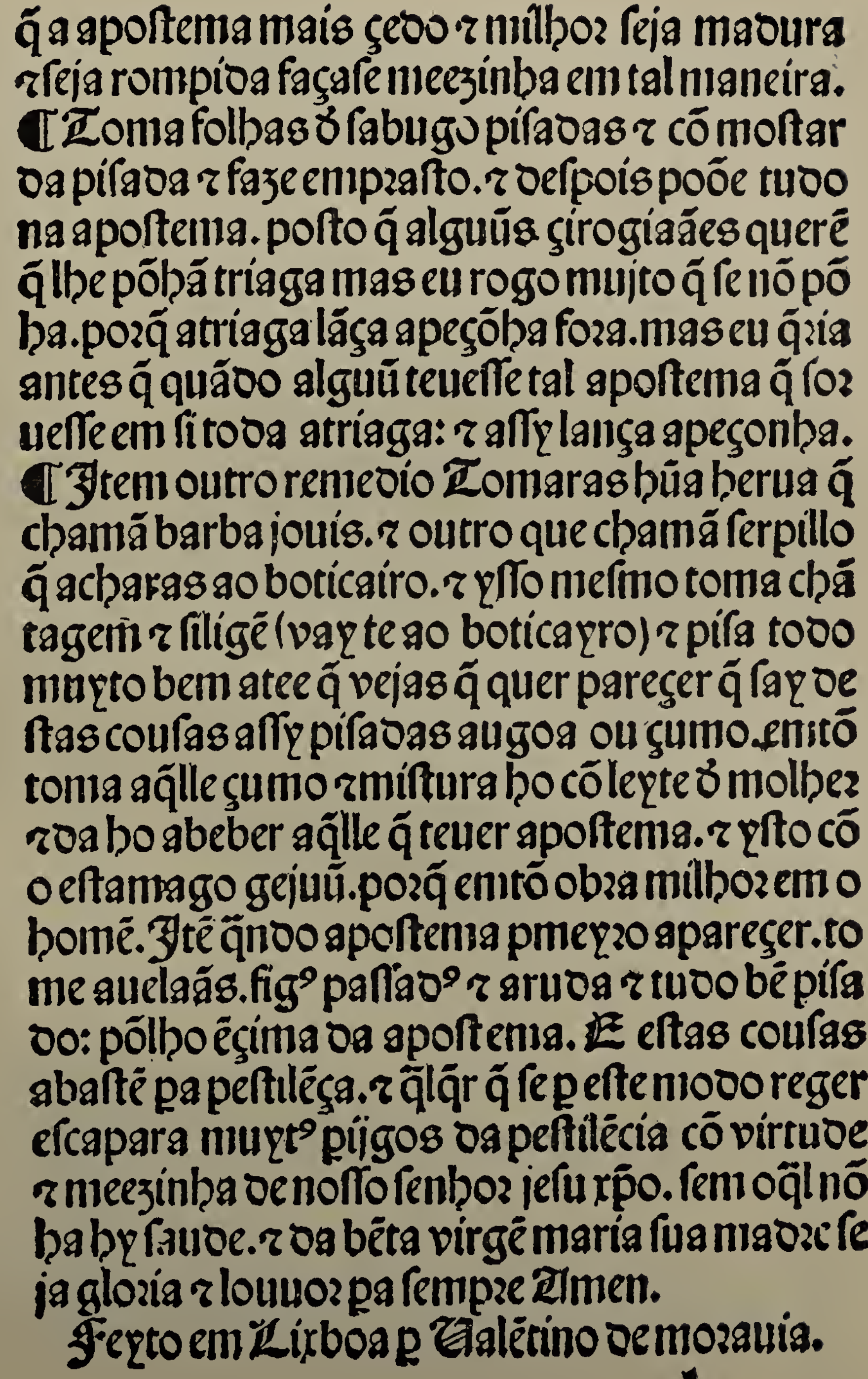
[3] *No date.*



¶ Começaſe huũ boõ regimẽto muyto neceſſario ⁊ muyto ꝓueitoſo aos viuẽtes. ⁊ ꝑ cõſeruaçã de ſuas ſaudes ⁊ ſegurãça das peſtinẽçias. Feyto ꝑ ho reuerendiſſimo Senhor dom Raminto bpo aruſiẽſi: do regno ď dacia. E trallado de latim em lingoagẽ per ho reuerẽdo padre frey Luys de ras: meſtre em ſctã theologia da ordẽ de ſam franciſco.

AO louuor da ſantiſſima trijndade. ⁊ da glorioſa virgẽ maria ⁊ a proueyto do pouoo: por cõſeruaçam dos ſaãos: ⁊ reformaçã dos cayd⁹. Quero algũas couſas da peſtenẽça q̃ nos ameuď fere: dos dit⁹ dos mays autẽticos medicos: ſcreuer. E ꝓmeyramẽte.
Dos ſignaes ꝓnoſticos da peſtilẽçia.
Segũdo das couſas della.
Terçeyro. dos remedios della.
Quarto das cõformidades do coraçam: ⁊ dos prinçipaes membros.
Quinto ⁊ derradeyro da ſangria.
¶ Dos ſignaaes. Capitollo primeyro.
SIgnaes ꝓnoſticos da peſtilẽcia quãto ao ꝓſente ꝑtẽçe: ſã ſete. Primeiro q̃ndo em huũ dia do eſtio ⁊ do alto veraão ſe

27 Primeira pagina do *Regimento contra ha peſtenença*
First page of the *Regimento contra ha peſtenença*
Lisboa, 1496 (?)



q̃ a apoſtema mais çedo ⁊ milhor ſeja madura ⁊ ſeja rompida façaſe meezinha em tal maneira.
¶ Toma folhas ď ſabugo piſadas ⁊ cõ moſtar da piſada ⁊ faze emprasto. ⁊ deſpois poõe tudo na apoſtema. poſto q̃ alguũs çirogiaães querẽ q̃ lhe põhã triaga mas eu rogo mujto q̃ ſe nõ põha. porq̃ atriaga lãça apeçõha fora. mas eu q̃ria antes q̃ quãdo alguũ teueſſe tal apoſtema q̃ ſorueſſe em ſi toda atriaga: ⁊ aſſy lança apeçonha.
¶ Jtem outro remedio Tomaras hũa herua q̃ chamã barba jouis. ⁊ outro que chamã ſerpillo q̃ acharas ao boticairo. ⁊ yſſo meſmo toma chãtagem ⁊ ſiligẽ (vay te ao boticayro) ⁊ piſa todo muyto bem atee q̃ vejas q̃ quer pareçer q̃ ſay deſtas couſas aſſy piſadas augoa ou çumo. Entõ toma aq̃lle çumo ⁊ miſtura ho cõ leyte ď molher ⁊ da ho abeber aq̃lle q̃ teuer apoſtema. ⁊ yſto cõ o eſtamago gejuũ. porq̃ entõ obra milhor em o homẽ. Jtẽ q̃ndo apoſtema pmeyro apareçer. tome auelaãs. fig⁹ paſſad⁹ ⁊ aruda ⁊ tudo bẽ piſado: põlho ẽçima da apoſtema. E eſtas couſas abaſtẽ pa peſtilẽça. ⁊ q̃lq̃r q̃ ſe ꝑ eſte modo reger eſcapara muyt⁹ pijgos da peſtilẽcia cõ virtude ⁊ meezinha de noſſo ſenhor jeſu xpo. ſem oq̃l nõ ha hy ſaude. ⁊ da bẽta virgẽ maria ſua madre ſeja gloria ⁊ louuor pa ſempre Amen.
Feyto em Lixboa ꝑ Valẽtino de morauia.

28 Ultima pagina do *Regimento contra ha peſtenença*
Last page of the *Regimento contra ha peſtenença*
Lisboa, 1496 (?)

da Serafica Ordem dos Claustraes—parece que em 1501—mestre jubilado de Theologia e cathedratico d'esta sciencia na Universidade de Lisboa.

Pouco nos dizem Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana* (t. IV, p. 129), Innocencio, no seu *Diccionario* (t. V, p. 319) e mesmo Haebler (*Bibliografía Ibérica del Siglo* XV, t. I, p. 162 e t. II, p. 100) ácerca d'este preciosissimo livro, um dos cinco incunabulos conhecidos impressos em Portuguez, do qual, até hoje, apenas havia noticia de dois exemplares: o da Bibliotheca de Evora e o da Bibliotheca Nacional de Madrid. O nosso exemplar, até agora desconhecido, é pois o terceiro existente d'este livro, sem duvida um dos mais raros entre aquelles que fôram impressos em Portugal, e que, absolutamente perfeito, se encontra n'um admiravel estado de conservação.

Esta obra foi impressa em Lisboa, sem data, por Valentino de Moravia. Quando é que foi publicado o *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença*? Ignora-se a data, visto o incunabulo trazer apenas, "Feyto em Lixboa ꝑ Valẽtino de morauia." Julgamos porem que muito provavelmente terá sido impresso em 1496, no mesmo anno que a *Estoria de Vespesiano*, e pelos seguintes motivos. Em 1495, Valentim Fernandes, no colophon do livro primeiro da *Vita Christi* designa-se a si mesmo, como vimos, pelo nome de "Valẽtyno de mora*v*ia"; em 1496, na *Estoria de Vespesiano*, pelo de "Valẽt*ino* de mora*u*ia"; no *Votivale Missarum* de 1496, cujo unico exemplar conhecido se encontra no Museu Britannico, Valentim Fernandes dá o seu nome em Latim "Impressuꝫ vlixbone ꝑ. Valentinũ ꝺ morauia"; em 1500, o Conde de Alcoutim dirigindo-se a Fernandes, na carta publicada na edição das *Epistole ꝛ orationes* de Cataldo Siculo, sahida dos seus prelos, escreve "Valentino ferdinãdo morauo"; em Abril de 1501, na *Glosa famosissima sobre las coplas de Juan Manriq̃*, de que existe um exemplar no Museu Britannico, o seu nome é "Valentyn fernãdes dela prouincia de Morauia"; em 1502, no *Marco paulo*, escreve "Valentym

made by the Franciscan, Brother Luiz de Raz, who was Jubilate Master and Professor of Theology at the Lisbon University, and became Superior of the Franciscan Order in Portugal about 1501.

Neither Barbosa Machado (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 129), nor Innocencio (*Diccionario Bibliographico*, vol. V, p. 319), nor even Haebler (*Bibliografía Ibérica del Siglo* XV, vol. I, p. 162 and vol. II, p. 100) tells us much about this precious book, which is one of the five known incunables printed in Portuguese, and of which up to the present only two copies have been traced, one in the Evora Library and the other in the National Library at Madrid. The present copy of what is undoubtedly one of the rarest books printed in Portugal is absolutely perfect, and in a wonderful state of preservation.

The *Regimento proueytoſo* was printed in Lisbon by Valentino de Moravia, but the date of its impression is unknown, for the incunable says simply "*Feyto* (done) in Lisbon by Valẽtino de morauia." We consider however that it was very probably published in 1496, the same year as the *Estoria de Vespesiano*; for the following reasons: in the colophon of Book I of the *Vita Christi*, Fernandes, as we have seen, designates himself "Valẽtyno de mora*v*ia"; in the *Estoria de Vespesiano*, 1496, he becomes "Valẽt*ino* de mora*u*ia"; in the *Votivale Missarum*, 1496, the only known copy of which is in the British Museum, he gives his name in Latin, "Impressuꝫ vlixbone ꝑ Valentinũ ꝺ morauia"; in 1500, the Conde de Alcoutim's letter, published in the Cataldus *Epistole ꝛ orationes*, is addressed to "Valentino ferdinãdo morauo"; in April, 1501, in the *Glosa famosissima sobre las coplas de Juan Manriq̃*, of which there is a copy in the British Museum, he is "Valentyn fernãdes dela prouincia de Morauia"; in 1502, *Liuro de Marco paulo*, he becomes "Valentym fernãdez alemaão"; in 1504, *Regi-*

fernãdez alemaão"; em 1504, no *Regimẽto dos ofiçiaaes das çidades villas z lugares destes Regnos*, designa-se simplesmente pelo nome de "Valentym fernandez," em quanto que nos *Autos dos Apostolos* de 1505, assigna "Valentim fernãdez alemã." Assistimos pois á evolução do nome de Valentim Fernandes, que sem duvida o escreveu de differentes maneiras.

No *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença*, escreveu o nosso impressor "Valẽtino de morauia." Temos pois o nome escripto da mesma maneira que na *Estoria de Vespesiano* de 1496 e que, na forma latina "Valentinus," no *Votivale Missarum*, egualmente de 1496. O *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença* foi certamente impresso antes de 1500, pois, nas *Epistole z orationes* de Cataldo Siculo publicadas n'esse anno, já usa Valentim o nome de "Fernandez." Não se sabe de obra alguma impressa por Valentim Fernandes em 1498, data que tem sido attribuida, com interrogação, a este *Regimento*. Conhecendo-se duas obras impressas em 1496, que teem o nome de Valentim Fernandes escripto da mesma forma e com orthographia identica—"Valẽtino de morauia," e, em Latim—"Valentinus ꝺ morauia," inclinamos-nos—parecendo-nos com mais motivos—a attribuir a data de 1496 ao *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença*, de preferencia á de 1498, da qual nenhuma obra existe. Alem d'estas razões, outra ha, que julgamos importante para assignar a este *Regimento* a data de 1496. Ruy de Pina, na sua *Chronica do Senhor Rey D. Affonſo V* (*Ineditos de Historia Portugueza*, t. 1, pag. 597), escreve:

"ElRey Dom Affonſo e o Pryncepe com toda a Corte ſe foram logo a Lixboa, donde no Janeiro do ano que vynha de myl e quatrocentos e outenta ſe partiram, por cauſa da grande e muy crua peſtenença que na Cidade ſobreveo, a qual em todo eſte Reyno durou bem dezaſete anos, que ſe acabaram nos primeiros dias em que ElRey Dom Manuel noſſo Senhor deſpois começou de reinar, que foy no tempo em que como Cathołyco Pryncepe de todo tirou e arrancou de ſeu

mẽto dos ofiçiaaes das çidades villas z lugares destes Regnos, he styles himself simply "Valentym fernandez"; but in the *Autos dos Apostolos*, 1505, he is again "Valentim fernãdez alemã." So we have seen the evolution of the name of Valentim Fernandes, who certainly spelt it in many and varied ways.

In the *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença* this printer calls himself "Valẽtino de morauia," thus using the same form as in the *Estoria de Vespesiano*, 1496, and the one which corresponds to the Latin "Valentinus" in the *Votivale Missarum* printed in the same year. The *Regimento* was certainly published before 1500, for in that year in the Cataldus *Epistole z orationes* Valentim is already given the patronymic "Fernandez." No work printed by Fernandes in 1498 (the date which has been tentatively attributed to the present work) is known, and two books issued from his press in 1496 bear his name in the same form and spelling as this *Regimento*; we therefore consider 1496 to be a more appropriate and likely date for its impression. In addition to these reasons, another convincing one for assigning the date of 1496 to the *Regimento* is given by Ruy de Pina in his *Chronica do Senhor Rey D. Affonſo V* (*Ineditos de Historia Portugueza*, vol. 1, p. 597):

"King Affonso and the Prince, with the whole Court then went to Lisbon, whence they departed in January of the next year, 1480, by reason of the great and very cruel pestilence which arose in the city. This pestilence continued in the whole kingdom for seventeen years, coming to an end in the first days of the reign of D. Manuel, at the time when, as a Catholic prince, he drove out the ancient law of Moses

(sic) Reynos a velha Ley de Moufés e a errada Seyta de Mafamede."

A ordem de expulsão dos Judeus teve logar em Dezembro de 1496. Ruy de Pina diz-nos que esta "pestenença" durou bem dezesete annos, e que acabou no tempo da expulsão dos Mouros e Judeus, o que nos leva aos principios de 1497. Parece-nos pois mais provavel que este *Regimento*, traduzido da obra latina de Kaminto *Regimen contra epidimiam sive pestem*, tenha sido impresso em Portuguez durante a peste que grassou tantos annos, do que depois, sendo, a nosso vêr, bem mais natural que um dos primeiros livros impressos em Portugal, o tenha sido para combater a peste, indicando os remedios a empregar, as medidas preventivas, a hygiene a seguir durante a epidemia. Consideramos que os factos historicos citados por Ruy de Pina, veem dar mais auctoridade ás observações de caracter bibliographico que apontamos: tudo pois, sem, contudo, o poder fazer de uma forma categorica, nos leva a suggerir a data de 1496, de preferencia á de 1498, como sendo mais provavelmente a da impressão, por "Valẽtino de morauia," do *Regimento proueytofo contra ha peftenença*.

Ácerca do livro diremos que o seu enorme valor provem da sua extrema raridade; de ser um dos cinco incunabulos Portuguezes impressos em linguagem, e o primeiro livro publicado em Portugal que trata de medicina. O *Regimento* está dividido em cinco capitulos: 1º dos signaes prognosticos da peste; 2º das causas d'ella; 3º dos remedios; 4º das conformidades do coração e dos principaes membros; 5º da sangria. Entre os signaes, são alguns curiosos, pois diz: "q̃ndo ẽ tal eftio muytas vezes efcureçẽ: ou pareçẽ efcureçer os dias ẽ modo q̃ pareçe q̃ quer chouuer ꝛ nõ choue. ꝛ emtã fe ifto mujto durar he pera temer de vijr grande peftilençia." Inevitavelmente um dos outros signaes de peste é o apparecimento de um cometa. Menciona como uma das causas os ares "peçonhentos," assegu-

and the erring sect of 'Mafamede' from his kingdoms."

The order for the expulsion of the Jews came into force in December, 1496. Ruy de Pina tells us that this pestilence lasted quite seventeen years, and that it came to an end at the time of the banishment of the Moors and the Jews, which brings us to the beginning of 1497. It seems to us more natural that this *Regimento*, translated from Kaminto's Latin, showing how to combat the pestilence, giving remedies, preventive measures and rules of health to be observed during the epidemic, should have been published during the plague mentioned by the chronicler, and which lasted so many years, rather than after it had ceased, especially when we consider that this is one of the first books printed in Portugal and in our own language.

The great interest of this book comes from its being one of the five incunables printed in Portuguese, and from the fact that it is the first book published in Portugal dealing with medicine. The work is divided into five chapters, dealing with the premonitory signs of the plague, its causes, the remedies, the conformation of the heart and the principal members, and finally bloodletting. Amongst the curious signs of the plague we read that "if during the summer the sky often becomes, or seems to become, dark and cloudy in the daytime, as though it were going to rain, and yet no rain falls; and if this darkness lasts a long time, then the coming of a great pestilence is to be feared." The appearance of a comet is inevitably an omen of the plague. The author mentions poisoned winds as frequent causes of the pestilence, which, he says, is con-

rando que todo o enfermo deve ter "boõ fifico z bẽ efpto," e que as enfermidades pestilenciaes são contagiosas. É impossivel analysar aqui os differentes conselhos que são dados no *Regimento*: contudo, é interessante a recommendação que se deve evitar ajuntamentos e ter as janellas abertas, mas só as que dão para o norte. Aconselha lavagens com agua e vinagre, borrifar egualmente a casa com a mesma mistura, e quem sahir, deve levar uma esponja embebida em vinagre para respirar frequentemente. Descreve a dieta a seguir em tempo de peste, e advoga uma sangria por mez, dando detalhadas instrucções para cuidar dos apostemas. Quanto aos remedios, são alguns bem extraordinarios, entre os quaes citamos um, que se compõe do summo de hervas pisadas "barba jouis z ferpillo" (provavelmente barba de jove—*jovis barba*—a herva sempre viva—e serpol ou serpão) que se deve tomar misturado com leite de mulher "z yfto cõ o eftamago (em) gejuũ. porq̃ emtõ obra milhor em o homẽ"! Parece-nos que certos remedios e tratamentos devem causar hoje espanto a um homem de sciencia.

Sem fallar no Oriente e de annos mais remotos, sabemos os terriveis estragos causados pela peste na Europa no seculo XIV, onde a encontramos, em 1348, em Italia, França, Allemanha, Portugal, Hespanha, e em Inglaterra, donde se diz que foi levada para os paizes Escandinavos. No seculo XV, havia peste em Hespanha, em Italia, na Allemanha. Em Portugal já vimos com Pisano, no seu manuscripto *De Bello Septensi*, que a Rainha D. Filippa de Lancastre falleceu da peste em 1415. Egualmente da peste, morreu em Thomar El-Rei D. Duarte em 1438, e em Ruy de Pina lêmos da longa epidemia que principiou em 1480, certamente a causa porque foi impresso em Portuguez este livro.

É interessante notar que no titulo do *Regimento* escreveu o traductor de Kaminto "pestenença," e que logo na primeira pagina se encontra a palavra "pestilẽçia." Os antigos trocavam

tagious. Victims are advised to put themselves in the hands of a good and expert physician, and the preventive measures advocated are many and varied: people are warned to avoid crowds, and recommended to keep their windows open, but only those with a north aspect. Those living in infected areas are told to wash in vinegar and water, and to sprinkle their houses with the same solution, and, when out of doors, to carry a sponge soaked in vinegar and inhale from it frequently. A diet to be taken in time of pestilence is described; and a "sangria" (bleeding) once a month is recommended, detailed instructions being given for the treatment of abscesses. Some of the remedies are decidedly queer, one, for instance, is made from the juice of pounded herbs, "barba jouis z ferpillo" (probably Jupiter's-beard and wild thyme), mixed with human milk "and this is more efficacious if taken on an empty stomach." Some of these medicines and treatments must seem most extraordinary to present-day men of science.

Without delving into the very remote past we find that in the XIVth century Europe was devastated by the plague, for in 1348 it raged in Italy, France, Germany, Portugal, Spain and England, whence it is said to have been carried to Scandinavia. In the XVth century there was a pestilence in Spain, Italy and Germany. As for Portugal we have already seen with Pisano, in his manuscript *De Bello Septensi*, that Queen Philippa was a victim of the plague in 1415. King Duarte died of the same disease at Thomar in 1438, and we have already mentioned the long epidemic which, starting in 1480, was certainly the reason why this book was printed in Portuguese.

It is interesting to note that Kaminto's translator wrote "pestenença" in the title of the *Regimento*, while on the first page he employs the word "pestilẽçia." In old Portuguese the "l"

facilmente o "l" em "n." Diziame escreviam frequentemente "nembrar" por "lembrar." Com a "pestenença" e "pestelença," "pestelençea" ou "pestilẽçia," vêmos que auctores antigos escreviam esta palavra indifferentemente de uma das quatro maneiras. Em 1350 El-Rei D. Affonso IV, em carta á gente de Moncorvo, escrevia "pestelença." D. Duarte no *Leal Conselheiro* fallando da peste de que falleceu a Rainha D. Filippa, "da muy virtuosa Raynha minha Senhora e Madre," escreve "pestenença." Nas trovas de Luiz Henriques em louvor de Nossa Senhora, no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, 1516 (fl. c), achamos a palavra "pestelençea," pois diz:

> "Por tua grande cremẽçea
> o rraynha anjelycal
> pyd ao rrey çeleſtryal
> caleuante a peſtelençea."

Frei Luiz de Raz na sua traducção serve-se alternadamente de "pestenença" e de "pestilẽçia."

Por cima do titulo do *Regimento* ha uma gravura das Armas Reaes Portuguezas. Valentim Fernandes empregou a mesma gravura de que já se tinha servido, em 1495, na *Vita Christi* e que vamos encontrar bastantes annos mais tarde, n'uma das edições do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes, impressa por Germão Galharde e que o Dr Venancio Deslandes reproduziu no seu livro, *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1881.

A extrema raridade do *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença* póde ter sido causada exactamente pelo facto de ser um livro impresso durante uma epidemia de peste, e dos exemplares, que seguramente não fôram muito numerosos, terem sido destruidos, queimados, perdidos, não só durante a epidemia, que consideramos como causa da publicação d'este *Regimento*, mas de outras "pestenenças" que assolaram Portugal no seculo XVI.

was frequently replaced by an "n": for instance, "nembrar," for "lembrar" (to remember). For the word "pestilence" ancient authors wrote indifferently "pestenença," "pestelença," "pestelençea" or "pestilẽçia." In 1350 King Affonso IV in a letter to the people of Moncorvo used the word "pestelença." D. Duarte, in his *Leal Conselheiro*, telling how "the most virtuous Queen my Lady and Mother," Queen Philippa, died of the plague, wrote "pestenença." Luiz Henriques in his rhymes in praise of Our Lady, which are included in Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral*, 1516 (fl. c), employs the word "pestelençea." Frei Luiz de Raz in his translation writes alternatively "pestenença" or "pestilẽçia."

Above the title of the *Regimento* there is a woodcut of the Royal Arms of Portugal. Valentim Fernandes had first used this woodcut in the *Vita Christi* in 1495, and later we find it again in an edition of Fernandes' *Reportorio dos Tempos* printed by Germão Galharde, a few pages from which are reproduced by Dr Venancio Deslandes in *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1881.

The extreme rarity of the *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença* may be due precisely to the fact that it was printed during the plague, and that the copies, which cannot have been very numerous in the first place, were destroyed, burnt and lost, not only during the epidemic which we consider to have been the cause of this *Regimento's* publication, but also in the course of other pestilences that devastated Portugal in the XVIth century.



Marco paulo.

¶ Ho liuro de Nycolao veneto.
¶ O trallado da carta de huũ genoues das ditas terras.

¶ Cõ priuilegio del Rey nosso senhor. q̃ nenhuũ faça a jmpres sam deste liuro. nẽ ho venda em todollos se⁹ regnos ꝛ senhorios sem liçẽça de Ualentim fernãdez so pena cõteuda na carta do seu preuilegio. Ho preço delle. Cento ꝛ dez reaes.

29 Folha do rosto do *Marco paulo*
Title-page of the *Marco paulo*
Lisboa, 1502

Ho liuro de Nycolao veneto. O trallado da carta de huũ genoues das ditas terras. Lisboa, Valentim Fernandes, 1502.

Marco | paulo. | Ho liuro de Nycolao veneto. | O trallado da carta de huũ genoues das ditas terras. | Cõ priuilegio del Rey noſſo ſenhor. q̃ nenhuũ faça a jmpreſ | ſam deſte liuro. nẽ ho venda em todollos ſeꝰ regnos ꝛ ſenho- | rios ſem liçẽça de Valentim fernãdez ſo pena cõteuda na car | ta do ſeu preuilegio. Ho preço delle. Cento ꝛ dez reaes.

Por cima a Esphera armillar[1].

[fl. 1 vo.] Começaſe a epiſtola ſobre a tralladaçã do liuro de | Marco paulo. Feita per Valẽtym fernãdez eſcudey | ro da exçellentiſſima Raynha Dona Lyanor. Ende | rençada ao Sereniſſimo ꝛ Inuictiſſimo Rey ꝛ Sen | hor Dom Emanuel o primeiro. Rey de Portugal ꝛ | dos Alguarues. daquẽ ꝛ alem mar em Africa. Sen | hor de Guynee. E da conquiſta da naueguaçom ꝛ co | mercio de Ethiopia. Arabia. Perſia. ꝛ da India. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Começa ſe a introducçam em o liuro de Marco | paulo feyta pello dito Valentim fernãdez. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Acabaſe a introducçam em ho liuro de Marco paulo | ſeguemſe çertos capitulos das prouincias do titulo | Real de voſſa Senhoria. E primeiramente de | Ethiopia.

[fl. 4] Das Ethyopias quantas ſom ꝛ atee onde | ſe eſtendem. [...]

[fl. 5] [...] Da prouincia de Arabia atee onde ſe eſten | de. ꝛ quantas ſom as arabias. [...]

[fl. 5 vo.] [...] Da prouincia de Perſya. [...] Da India atee onde ſe eſtende. ꝛ do re | partimento della.

[fl. 6 vo.] Seguese o prolgo daq̃lle que tralladou o Mar- | co paulo da lingoa ytaliana em latim. [...]

[fl. 7] [...] Começa ſe a tauoa dos capitulos | do liuro Primeyro. [...]

[fl. 8 vo.] [...] Acabaſe a tauoa ou regiſtro do | liuro primeiro.

[fl. j] Começaſe ho Liuro Primeiro de Marco paulo | de Veneza das condiçoões ꝛ cuſtumes das gẽtes | ꝛ das terras ꝛ prouincias orientaes....Capitollo. primeiro. [...]

Por cima uma caravela; e toda a pagina enquadrada por tarjas ornadas de animaes, dragões, flores e fructos[2].

[1] *Above is the armillary Sphere.*

[2] *Above is a caravel; and the whole page is bordered with a woodcut border containing animals, dragons, flowers and fruits.*

fl. xxvj. [...] Acaba ſe ho liuro Primeyro do muy honrrado | Marco paulo de Veneza. a ꝺs louuores. | Começa ſe a tauoa dos capitulos | do liuro ſegnndo [sic]. [...]

fl. xxviij. Começaſe ho liuro ſegũdo de Marco paulo. [...] Capitulo Primeyro. [...]

fl. lvij vo. [...] Acabaſe ho liuro ſegundo. A ꝺs louuores.

fl. lviij. Começa ſe a tauoa dos capitulos | do liuro Terçeyro. [...]

fl. lix. Começa ſe ho liuro Terçeyro de Marco paulo. [...] Capitulo primeiro. [...]

fl. lxxvij vo. [...] Fym. a ꝺs louuores.

fl. lxxviij. Começaſe ho liuro de Nicolao Veneto. eſcripto | pello muy eloquẽte orador Pogio florentim. Ende- | rençado ao Sereniſſimo ꝛ Inuictiſſimo Rey ꝛ Sen | hor Dom Emanuel o primeiro. Rey de Portugual | ꝛ dos Alguarues. ꝛc. Tralladado de latim em lin- | goagem portugues per Valentym fernandez Ale- | mã Eſcudeyro da muy exçellentiſſima Raynha Do | na Lyanor. do qual ho prohemio ſe ſegue | Prohemio. [...]

fl. lxxix vo. [...] Começa ſe ho prologo de Pogio florentim ſobre | ho liuro que eſcreueo de Nycolao veneto das ter- | ras orientaes. [...]

fl. lxxx [...] Acabaſe ho Prologo. ꝛ ſe ſegue ho liuro. [...]

fl. xcv vo. [...] Acaba ſe ho liuro de Nycolao Veneto. ho qual | eſcreueo Pogio florentim a ꝺs louuores.

fl. xcvj. Trellado de hũa carta q̃ Ieronimo de ſanto Eſte- | uã eſcreueo de Tripoli a Ioham jacome mayer em | Baruti. primeiro dia de ſetẽbro. Era de Mill ꝛ qua- | troçentos ꝛ nouenta ꝛ noue annos. [...]

fl. xcviij. [...] Fym.

fl. xcviij vo.

Marca de Valentim Fernandes, enquadrada por tarjas; e por baixo[1]*:*

Acabaſe ho liuro de Marco paulo. cõ ho liuro de Nicolao ve- | neto ou veneziano. ꝛ aſſi meſmo ho trallado de hũa carta de huũ | genoues mercador. que todos eſcreuerõ das Indias. a ſeruiço | de ꝺs. ꝛ auiſamẽto daquelles q̃ agora vam pera as ditas Indias | Aos quaes rogo ꝛ peço humilmente q̃ benignamẽte queirã emẽ | dar ꝛ correger ho que menos acharẽ no eſcreuer. ſ. nos vocabulꝯ | das prouinçias. regnos. çidades. ylhas. ꝛ outras couſas muytas | ꝛ nõ menos em a diſtãcia das legoas de hũa terra pa outra. Im- | primido per Valentym fernãdez alemaão. Em a muy nobre çida | de Lyxboa. Era de Mil ꝛ quinhentos ꝛ dous annos. Aos. qua | tro dias do mes de Feureyro.

Folio—[8], [i]ij–xcviij folhas—34–36 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A, 8 folhas; a–p, 6 folhas cada caderno; q, 8 folhas; total de 106 folhas.

Encadernação de marroquim vermelho.

Folio—[8], [i]ij–xcviij leaves—34–36 lines—Gothic type—no catchwords.

Collation by signatures: A, 8 leaves; a–p, each 6 leaves; q, 8 leaves; total 106 leaves.

Bound in red morocco.

[1] *Valentim Fernandes' mark within a border of woodcuts, and beneath it the colophon.*

O *Liuro de Marco paulo*, impresso por Valentim Fernandes em 1502, é sem duvida um dos mais raros e dos mais importantes que se publicaram em Portugal no seculo XVI. A belleza da obra, digna dos prelos d'aquelle mestre da "muy nobre arte impreſſoria"; o facto de ser o quarto livro em linguagem sahido da officina de Fernandes (sendo os tres primeiros a *Vita Christi* 1495, a *Estoria de Vespesiano* 1496, e o *Regimento contra ha pestenença* 1496?) e ao mesmo tempo a terceira traducção que se imprimia das viagens do celebre Veneziano; o interesse tão grande causado pelo livro e pela influencia que exerceu sobre o conhecimento do Oriente, tudo emfim, forma um conjuncto excepcional e torna a edição Portugueza de 1502 uma preciosidade bibliographica de especial valor historico. São rarissimos os exemplares conhecidos do *Marco paulo*; Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 551) mencionam apenas dois: o da Bibliotheca Nacional de Lisboa e o da Bibliotheca de Evora. Francisco Maria Esteves Pereira (*Publicações da Biblioteca Nacional—Reimpressões—Marco Paulo—Introdução*) indica mais tres exemplares: um no Museu Britannico—deve ter havido um equivoco, pois a riquissima Bibliotheca d'esse Museu não possue a edição de Valentim Fernandes de 1502 (ver H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before* 1601 *now in the British Museum*, 1926), outro na Bibliotheca Nacional de Paris (cuja primeira pagina foi reproduzida pelo Professor Luigi Foscolo Benedetto, na sua magnifica obra *Marco Polo—Il Milione—Prima edizione integrale sotto il patronato della città di Venezia*, 1928, p. cxlvi)—finalmente, um terceiro exemplar, na Bibliotheca particular de M. Alfred H. Huth, Biddesden, Andover em Inglaterra. Essa collecção foi vendida em 1916, sendo mais do que provavel que o *Marco paulo* se encontre na America. São pois apenas quatro os exemplares conhecidos até agora: Bibliotheca Nacional de Lisboa;

The *Liuro de Marco paulo* (Book of Marco Polo), printed by Valentim Fernandes in 1502, is certainly one of the rarest and most important works published in Portugal in the XVIth century. This beautiful production, worthy of that master of the "noble art of printing," the fourth work published by Fernandes in Portuguese (the other three being the *Vita Christi* 1495, the *Estoria de Vespesiano* 1496 and the Kaminto *Regimento contra ha pestenença* 1496?), is a bibliographical treasure of exceptional historical value, since it was the third translation of the famous Venetian's book of travels, which aroused such great interest, and had so wide an influence on knowledge of the Orient. The known copies of the *Marco paulo* are very few: Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 551) mention only two, one in the Lisbon National Library, and the other in the Evora Library. Francisco Maria Esteves Pereira (*Publicações da Biblioteca Nacional—Reimpressões—Marco Paulo—Introdução*) cites three more copies: one in the British Museum—there must have been some misunderstanding here, for there is no copy of Fernandes' 1502 edition in the Museum Library (see H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before* 1601 *now in the British Museum*, 1926); another in the National Library of Paris (the first page of which is reproduced by Professor Luigi Foscolo Benedetto in his magnificent work *Marco Polo—Il Milione—Prima edizione integrale sotto il patronato della città di Venezia*, 1928, p. cxlvi); and lastly a third copy in Mr Alfred H. Huth's private library, at Biddesden, Andover. Mr Huth's collection was sold in 1916, and it is more than probable that his *Marco paulo* is now in America. Thus only four copies have hitherto been traced: those in the Libraries at Lisbon, Evora and Paris, and

Bibliotheca de Evora; Bibliotheca Nacional de Paris; o exemplar que pertenceu a Alfred Huth. A este numero ha a accrescentar o exemplar que possuimos, completo, absolutamente perfeito e n'um admiravel estado de conservação.

Occuparam-se da edição Portugueza muitos auctores tanto nacionaes como estrangeiros: entre os primeiros, Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 768) que nos dá uma descripção incompleta e pouco correcta; Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 128 e vol. VII, p. 397); J. C. Figanière (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 177); Mattos (*Manual Bibliographico*, pp. 251–253); Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 1 e 5–6); Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 551); Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, pp. 305–307); e sobretudo Esteves Pereira (*ob. cit.*) a cujo trabalho notavel havemos de recorrer diversas vezes n'este estudo. Entre os estrangeiros, mencionaremos especialmente dois auctores, Sir Henry Yule (*The Book of Ser Marco Polo*, third edition revised by Henri Cordier) e o Professor Benedetto (*ob. cit.*). A edição impressa por Valentim Fernandes "Cõ priuilegio del Rey noſſo ſenhor" e com a especial indicação "q̃ nenhuũ faça a jmpreſſam deſte liuro. nẽ ho venda em todollos ſeᵘ regnos ⁊ ſenhorios ſem liçẽça de Valentim fernãdez ſo pena cõteuda na carta do ſeu preuilegio," compõe-se de tres obras n'um volume: o *Marco paulo*, "a versão portuguesa da relação das viagens de Nicolo dei Conti, cujo texto latino poucos anos antes tinha sido impresso; e emfim a versão portuguesa da carta de Jeronimo de santo Estevam, cujo original, provavelmente escrito em italiano, é até agora desconhecido" (Esteves Pereira, *ob. cit.* p. ii).

A respeito do *Livro de Marco Paulo*, propriamente dito, não teremos a ousadia de nos occupar: a obra monumental de Yule revista por Cordier, sobre as viagens do celebre Veneziano,

the copy which belonged to Mr Alfred Huth. To this number must be added our own copy, which is complete, absolutely perfect and in a wonderful state of preservation.

Many authors, both foreign and Portuguese, have written about Fernandes' edition of the *Marco paulo*, among them being: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. III, p. 768), who gives an incomplete and somewhat incorrect description; Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 128, and vol. VII, p. 397); J. C. Figanière (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 177); Mattos (*Manual Bibliographico*, pp. 251–253); Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 1 and 5–6); Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 551); Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, pp. 305–307); and above all Esteves Pereira (*op. cit.*) whose notable work we have had to consult several times in the course of this study. Among foreign writers we would make special mention of two, Sir Henry Yule (*The Book of Ser Marco Polo*, third edition revised by Henri Cordier) and Professor Benedetto (*op. cit.*). The Portuguese edition consists of three works in one volume: the *Marco paulo*, and "the Portuguese version of the story of Nicolo dei Conti's travels, the Latin text of which had been printed a few years before; and lastly the Portuguese version of Girolamo di S. Stefano's letter, the original of which, probably written in Italian, is at present unknown" (Esteves Pereira, *op. cit.* p. ii). It was printed "With privilege from the King our lord" and with the special indication "that no one shall make the impression of this book, nor sell it in all his kingdoms and dominions, without the permission of Valentim Fernandes, under the penalties contained in his letter of privilege."

We shall not pretend to deal with the *Book of Marco Polo* itself. Yule has made an exhaustive study of the subject in his monumental work. Professor Benedetto's recent and splendid book

quasi esgottou o assumpto: por outro lado, o tão recente e esplendido livro *Il Milione* do Professor Benedetto, dá-nos pela primeira vez a edição integral do texto de *Marco Paulo*, accompanhada de innumeras notas e de um notavel prefacio: quanto á nossa edição Portugueza, Esteves Pereira escreveu, na sua *Introdução*, uma descripção completa e minuciosa da impressão Portugueza de 1502. Nas nossas notas sobre a *Vita Christi* e o *Regimento proueytoso contra ha pestenença*, já tratámos do notavel "imprimidor"; em dois outros estudos, os *Autos dos Apostolos*, 1505, e o *Reportorio dos Tempos*, 1518, n'este ultimo especialmente, examinaremos ainda a personalidade de Valentim Fernandes. Contudo, a obra que agora apresentamos é a unica, que possuimos, que ostenta a curiosa marca de Fernandes. Deslandes (*ob. cit.* p. 2) escreve:

"Este impressor tomou por marca ou emblema typographico um leão coroado, de pé, com a cauda levantada, por supporte a um escudo que lhe pende da cabeça, preso de uma correia: n'esse escudo a inicial do nome do impressor, tendo no meio uma hastea com fita volteada, que parece talvez figurar um M manuscripto, rematando em cruz, com a legenda ISVWH; por baixo da legenda a rede, empreza da rainha D. Leonor."

Esta ultima parte da descripção não está certamente exacta, pois em nossa opinião, nenhuma semelhança existe entre o emblema da Rainha e o "olho" que se vê na marca de Fernandes; alem d'isso, nada indica que o nosso illustre impressor pensasse, para a sua marca, na empreza da Rainha, de quem, em 1502, já era escudeiro. Parece-nos que bastantes d'estes equivocos teem sido determinados pelo "mysterio" do emblema da *Rêde*, cuja explicação tentámos principiar na *Vita Christi* e que esperamos terminar nos *Autos dos Apostolos*. N'esse engano da marca de Valentim Fernandes, participou tambem Haebler (*Geschichte des Spanischen Früh-*

Il Milione gives for the first time the whole text of the *Marco Polo*, accompanied by a valuable commentary and preface. The Portuguese version has been most carefully studied by Esteves Pereira, who has written a complete monograph on it in his Introduction to the reprint of Valentim Fernandes' edition of 1502. We have already dealt with the "imprimidor" in our notes on the *Vita Christi* and the *Regimento proueytoso contra ha pestenença*, and shall make a further examination of Valentim Fernandes' interesting personality in connection with the *Autos dos Apostolos*, 1505, and more especially in the *Reportorio dos Tempos*, 1518. But although we have several works from Fernandes' press, *O Liuro de Marco paulo* is the only one we possess bearing his curious mark, about which Deslandes (*op. cit.* p. 2) says:

"This printer adopted as his mark or typographical emblem, a crowned lion, standing, with his tail raised, and supporting a shield which hangs from a strap round his head: in this shield is the printer's initial, which has a staff ending in a cross in the middle of it, with an entwined ribbon which may perhaps represent a manuscript M; with the legend ISVWH; below the legend is the net, Queen Leonor's device."

The last part of this description is certainly inaccurate, for in our opinion the "human eye" in Fernandes' mark bears not the slightest resemblance to Queen Leonor's emblem; apart from this, there is nothing to indicate that our printer, who was already squire to the Queen in 1502, was minded to include her device in his mark. We consider that many of these mistakes have been caused by the "mystery" of the *Net*, an attempt to explain which, we began in the *Vita Christi* and hope to finish in the *Autos dos Apostolos*. Haebler (*Geschichte des Spanischen Frühdruckes*, p. 138) was under the same misapprehension about Fernandes' mark, for he saw

druckes, p. 138), pois vê as mesmas gottas que no emblema de D. Leonor:

"...und darunter erscheint ein umgestürztes Gefäss, aus dem einzelne Tropfen herausfallen, doch wohl ein Anklang an die Darstellung, der wir auf der rätselhaften Marke des Ludolfus Cartusanus begegnet sind."

Esteves Pereira (*ob. cit.* p. vii) dá-nos uma muito mais completa e clara descripção da marca:

"Esta divisa tem por *empresa* um leão coroado assente sobre as patas posteriores, erguido, com a cauda, em parte bifurcada, levantada até á altura da corôa, apresentando um escudo sustentado por meio de uma correia com fivela lançada por trás da cabeça e tomado pelas patas anteriores. No escudo como *moto* está a letra V, em cujo angulo inferior termina uma haste que a dois terços da altura tem uma fita ou flamula, e na parte superior uma pequena cruz. Do escudo pende uma fita com as letras ISVWH; por baixo da fita ha um olho, do qual caem cinco lagrimas. A divisa é cercada por uma grega e depois por uma linha formando rectangulo. Por fóra do rectangulo ha tarjas adornadas de animais e aves de fantasía, e de plantas com flores. A letra V é certamente a inicial do nome Valentim do impressor; mas não sabemos a interpretação da legenda da fita."

Haebler (*ob. cit.* p. 137) formúla a pergunta, se essas lettras ISVWH não representarão as iniciaes dos companheiros de officina ou ajudantes de Valentim Fernandes. Se assim é, torna-se plausivel que as cinco lagrymas, que caem do olho, tenham uma significação que se liga ás cinco lettras, sendo possivel a hypothese de Fernandes ter querido commemorar os seus primeiros companheiros na sua marca de impressor illustre, collocando alli as iniciaes dos amigos que haviam trabalhado com elle, e ao mesmo tempo um olho (o seu proprio) que verte cinco lagrymas—uma por cada lettra—como preito de saudade pelos mortos. Como dissemos, é simplesmente uma hypothese, sem a minima pretenção de querer resolver o enigma.

there the same "drops" as appear in Dona Leonor's emblem:

"...und darunter erscheint ein umgestürztes Gefäss, aus dem einzelne Tropfen herausfallen, doch wohl ein Anklang an die Darstellung, der wir auf der rätselhaften Marke des Ludolfus Cartusanus begegnet sind."

Esteves Pereira (*op. cit.* p. vii) gives a much clearer and more complete description of the mark:

"The *emblem* of this device is a crowned lion sitting upright on his hind legs, with his tail, which is partially bifurcated, raised to the height of the crown, presenting a shield supported by a strap, with a buckle, passed behind the head, and held by the fore-feet. In the shield, as *motto,* there is the letter V, in the angle of which comes the end of a staff, which has a ribbon or pennant at two-thirds of its height, and a small cross at the top. From the shield hangs a scroll with the letters ISVWH; below the scroll is an eye from which fall five tears. The device has a border in the Greek key pattern and the whole is enclosed by a line forming a rectangle. Outside the rectangle there are woodcuts of fantastic animals and birds, and of flowering plants. The letter V is certainly the initial of the printer's name, Valentim; but we do not know the interpretation of the legend in the scroll."

Haebler (*op. cit.* p. 137) interrogatively makes the suggestion that these letters ISVWH may represent the initials of Fernandes' companions or helpers in the printing-office. If this be the case, it is possible that the five tears falling from the eye may have some connection with the five letters; and we may surmise that with the inclusion in his mark of his companions' initials and an eye shedding five tears—one for each letter—Valentim may have wished to commemorate, with this sign of mourning and remembrance, the friends who had worked with him in his office. Of course this is simply a hypothesis without the slightest pretension to solve the enigma.

Seguindo mais uma vez Esteves Pereira (*ob. cit.* p. xv), vêmos que "a versão portuguesa do *Livro de Marco Paulo* foi feita do texto latino de Frei Francisco Pipino, como claramente resulta do *prologo* de Frei Francisco Pipino, cuja tradução precede a versão portuguesa." A primeira edição da versão latina de Pipino foi impressa cerca de 1490, sem data nem nome de impressor (Yule e Cordier, *ob. cit.* vol. II, pp. 553 e 558). A edição princeps do *Livro de Marco Paulo* é a impressa em Allemão em Nuremberg em 1477, cujo frontispicio foi reproduzido por Yule e Cordier (*ob. cit.* p. 555), Benedetto (*ob. cit.* p. clxii), e tambem no notavel livro de Segundo de Ispizua, *Historia de la Geografía y de la Cosmografía en las Edades Antigua y Media con relación a los grandes descubrimientos marítimos realizados en los siglos* XV *y* XVI *por Españoles y Portugueses*, 1922, t. I, p. 397.

Ho liuro de Nycolao veneto é a traducção "muito verbal" (Esteves Pereira, *ob. cit.* p. xvi) da relação escripta por Poggio Bracciolini—Poggio Florentino—da viagem feita á India por Nicolau Conti—Nicolo dei Conti—Veneziano, nos principios do seculo XV. Esse livro, como elle proprio o declara, foi "tralladado de latim em lingoagem portugues per Valentym fernandez Alemã Efcudeyro da muy exçellentiffima Raynha Dona Lyanor." A relação de Nicolau Conti foi impressa pela primeira vez em latim em 1492. A carta do genovez, "trellado de hũa carta q̃ Ieronimo de fanto Efteuã efcreueo de Tripoli a Ioham jacome mayer em Baruti," a 1 de Setembro de 1499, contem a relação da viagem que o mesmo Jeronimo de Santo Estevam fez em companhia do seu compatriota Jeronimo Adorno ás regiões das Indias orientaes (Esteves Pereira, *ob. cit.* pp. xvi e xvii). Eram ambos naturaes de Genova. Valentim Fernandes chama ao destinatario *Mayer*, quando o seu nome era *Mainer*, troca natural para Fernandes, que como Allemão, conhecia seguramente melhor o appellido Mayer do que Mainer.

Turning once more to Esteves Pereira (*op. cit.* p. xv), we learn that the Portuguese version of the *Book of Marco Polo* was taken from Fra Francesco Pipino's Latin text, as is clearly to be seen from the fact that it is preceded by a translation of Fra Francesco's prologue. Pipino's Latin version, the first edition in this tongue, was printed about 1490, without date or printer's name (Yule and Cordier, *op. cit.* vol. II, pp. 553 and 558). The *editio princeps* of the *Book of Marco Polo* is the German one printed in Nuremberg in 1477, the title-page of which is reproduced by Yule, Cordier (*op. cit.* p. 555), Benedetto (*op. cit.* p. clxii) and also in Segundo de Ispizua's notable work, *Historia de la Geografía y de la Cosmografía en las Edades Antigua y Media con relación a los grandes descubrimientos marítimos realizados en los siglos* XV *y* XVI *por Españoles y Portugueses*, 1922, vol. I, p. 397.

Ho liuro de Nycolao veneto is a "very verbal" (Esteves Pereira, *op. cit.* p. xvi) translation of the account written by Poggio Bracciolini—Poggio Florentino—of the Venetian, Nicolo dei Conti's journey to India at the beginning of the XVth century. This book, as Fernandes himself declares, was "translated from Latin into the Portuguese tongue by Valentym Fernandez 'Alemã' (German), Squire to the most excellent Queen Dona Lyanor." The story of Nicolo dei Conti's travels was first printed in Latin in 1492. The letter of the Genoese, "translated from a letter that Jeronimo de Santo Esteuã wrote from Tripoli to Joham Jacome Mayer in Baruti" on September 1st, 1499, gives the description of the journey made by Girolamo de S. Stefano and his compatriot Adorno to the regions of the East Indies (Esteves Pereira, *op. cit.* pp. xvi–xvii). Both the writer of the letter and its addressee were natives of Genoa; Valentim Fernandes calls the latter *Mayer* instead of *Mainer*, a very natural mistake for a German, who must certainly have been better acquainted with the name Mayer than that of Mainer.

Dois pontos restam ainda a tratar ácerca da edição Portugueza. Quem foi o auctor da traducção em linguagem do *Livro de Marco Paulo*? Quaes fôram os motivos para que essa versão fôsse publicada dois annos apenas após o regresso de Vasco da Gama da India?

Com segurança e certeza não se sabe quem foi o traductor. Muitos escriptores teem considerado Valentim Fernandes como o auctor da versão Portugueza. Esteves Pereira (*ob. cit.* pp. xxi a xxv) demonstra com argumentos valiosos não ter sido o nosso "imprimidor" o auctor da traducção; inteiramente concordamos, tanto com os seus argumentos, como com a sua demonstração. Se Valentim Fernandes tivesse sido o auctor, não deixaria, no decorrer da obra, de indicar essa qualidade, seja no titulo do *Marco paulo*, seja na "Epiſtola" dirigida a El-Rei D. Manuel. Não o faz. No *liuro de Nycolao veneto*, Fernandes declara ter "tralladado de latim em lingoagem portugues" a viagem de Conti, escripta por Poggio. Podemos confirmar o que Esteves Pereira escreve ácerca do *Reportorio dos Tempos*, pois possuindo o unico exemplar conhecido da primeira edição de 1518 do livro precioso de Fernandes, diremos que na folha do rosto se lê: "Reportorio dos tẽpos ẽ portugues....Trelladado ꝛ empremido per Valẽtym fernãdez alemam." Essa declaração repete-se no verso da folha de rosto: "Seguefe o reportorio dos tempos trelladado de caſtelhano em portugues per Valentym fernãdez alemã." Na carta (prologo) dirigida a Antonio Carneiro explica ainda o seu trabalho como traductor.

O *Livro de Marco Paulo* já existia, entre 1433 e 1438, na Livraria d'El-Rei D. Duarte, tanto em latim como em Portuguez: "Marco Paulo latim, e lingoajem em hum volume" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. 1, p. 544: *Memoria dos livros de uſo delRey D. Duarte*). El-Rei D. Manuel tinha na sua Livraria dois exemplares do *Marco Paulo*: "Outro liuro de letra de pena que se chama *Marco Palo* cuberto de veludo cremesym,

There still remain two questions to examine in connection with this edition: Who was the author of the Portuguese translation of the *Book of Marco Polo*? What reasons led to the publication of this version just two years after Vasco da Gama's return from India?

The translator is unknown: many writers have looked upon Valentim Fernandes as the author of the Portuguese version; but Esteves Pereira (*op. cit.* pp. xxi–xxv) clearly demonstrates that our "imprimidor" did not make the translation, and we are in complete agreement with his arguments and his conclusion. Had Valentim Fernandes been the author, he would not have failed to indicate the fact, either in the title of the work, or in the "Epiſtola" (letter) addressed to King Manuel, as he did in the *liuro de Nycolao veneto*, where he expressly declares that he translated Poggio's account of Conti's journey "from Latin into the Portuguese tongue," and in the *Reportorio dos Tempos*, in reference to which we are able to confirm what Esteves Pereira says, for, as we possess the only known copy of the 1518 edition of Fernandes' precious book, we can state authoritatively that the inscription on the title-page reads: "*Reportorio dos tẽpos* in Portuguese... translated and printed by Valẽtym Fernãdez 'alemam' (German)." This affirmation is repeated on the back of the title-page: "Here follows the *Reportorio dos tempos* translated from Spanish into Portuguese by Valentym Fernãdes 'alemã,'" and in the prefatory letter where Fernandes explains his work as translator.

King Duarte (1433–1438) already had the *Book of Marco Polo* in his Library: "Marco Paulo, Latin and vernacular in one volume" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. 1, p. 544—*Memoria dos livros de uſo delRey D. Duarte*); and two copies of the book were to be found in King Manuel's Library: "Another manuscript book, called *Marco Palo,* bound in crimson

com duas brochas de prata anylada" (Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel*, 1901, p. 12, nº 8). Diz Esteves Pereira (*ob. cit.* p. xx) que

"O livro em latim era sem duvida copia da versão latina de Frei Francisco Pipino, feita pelos anos de 1320.... A parte do livro em linguagem (portuguesa) era a versão do texto latino de Frei Francisco Pipino, á qual estava junta."

Quanto ao outro exemplar, no inventario de D. Manuel, está mencionado sob o nº 58 (Viterbo, *ob. cit.* p. 19), "Outro liuro de *Marco Pallo*." Não nos é dito se este "liuro de *Marco Pallo*" é "de pena" ou "de forma": contudo é muito possivel, para não dizer provavel, que fôsse a edição impressa em linguagem por Valentim Fernandes em 1502. Infelizmente, a partir do reinado de D. Manuel, não ha mais noticia a respeito do manuscripto do *Marco Paulo* que se achava na Livraria do Soberano, certamente o mesmo que D. Duarte possuira. Diversos auctores teem attribuido a traducção do *Marco Paulo* ao proprio Infante D. Pedro. É uma tradição: "mas considerando a extensão desta obra e o seu especial assunto, é provavel que fosse traduzida em linguagem portuguesa por ordem dele, mas por algum dos seus letrados" (Esteves Pereira, *ob. cit.* p. xxi). Valentim Fernandes já era em 1502 escudeiro da Rainha D. Leonor e muito acceito da illustre Princeza; tinha pois certamente facilidade em obter accesso á Real Livraria; estamos pois inteiramente d'accordo com Esteves Pereira quando escreve (*ob. cit.* p. xxiv):

"É licito supôr que para a impressão da versão portuguesa do *Livro de Marco Paulo*, o impressor Valentim Fernandes se serviu de algum manuscrito copia do que existia na livraria real, cuja escrita foi modificada para a pôr em conformidade com a linguagem usada no tempo da impressão, ficando, por lapso ou descuido do escrivão da copia ou do revisor, as formas antiquadas que se encontram no livro impresso."

velvet, with clasps of silver *anylada* (enamelled)" (Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel*, 1901, p. 12, no. 8). Esteves Pereira (*op. cit.* p. xx) says that

"The book in Latin was doubtless a copy of Fra Francesco Pipino's Latin version, made about 1320.... The part of the book in the (Portuguese) vernacular was a translation of Fra Francesco Pipino's Latin text, with which it was bound."

As for the second copy, it is mentioned under no. 58 in Dom Manuel's inventory (Sousa Viterbo, *op. cit.* p. 19), "Another book of *Marco Pallo*." We are not told whether this "book of *Marco Pallo*" was "de pena" (manuscript) or "de forma" (printed); but it is very possible, not to say probable, that it may have been Valentim Fernandes' Portuguese edition of 1502. Unfortunately, after Dom Manuel's reign, there is no further record of the manuscript of *Marco Polo* which was kept in the Royal Library, and must certainly have been the same one as belonged to Dom Duarte. There is a tradition, in which various writers concur, that the Portuguese version of *Marco Polo* was written by Dom Pedro himself; "however, considering the extent of the work and its special subject, the Portuguese translation was probably made at his command, but by one of his men of letters" (Esteves Pereira, *op. cit.* p. xxi). In 1502 Valentim Fernandes was already squire to Queen Leonor, and much esteemed by the famous Princess, so he must surely have had easy access to the Royal Library; we therefore entirely agree with Esteves Pereira when he says (*op. cit.* p. xxiv):

"It is legitimate to suppose that for the printing of the Portuguese version of the *Book of Marco Polo*, the printer, Valentim Fernandes, made use of some manuscript copy of the one existing in the royal library, modified in accordance with the current language at the time of the printing, and that the antiquated forms which are to be found in the printed book subsist through a lapse or carelessness on the part of the copyist or reviser."

Quaes fôram as principaes razões para a publicação do *Liuro de Marco paulo* em Portugues? No colophon da obra, diz-nos Fernandes que foi "a feruiço de ds. z auifamẽto daquelles q̃ agora vam pera as ditas Indias." O livro tem a data de 4 de Fevereiro de 1502. É importante de notar esta data: passavam apenas dois annos sobre o regresso de Vasco da Gama da viagem famosa, e n'esse anno, D. Manuel, como adeante veremos, nomeava o celebre descobridor Almirante da India. Valentim Fernandes na "epiftola" dirigida a D. Manuel, escreve:

"Vimos oje coufas marauilhofas. Luce. v. capl'o. E quaaes fom eftas coufas marauilhofas Rey Illuftriffimo que vim⁹ oje z cada dia as vem⁹. Em verdade nõ podẽ fer outras maiores que as coufas nouas z marauilhas das terras z gente noua z das fuas coufas. E q̃ coufas mais marauilhofas Rey ftrẽnuiffimo. q̃ verm⁹ os vofos catholicos regnos, que antre os outr⁹ dos xp̃aãos erã quafi hũs dos pequenos. z alongad⁹ dos outros. em os vltimos fyms do mundo. affy que a penas os regnos alonguados delles tinham noticia. E agora fom feit⁹ tam grãdes q̃ nõ foomente ho voffo Senhorio fe eftende em Europa z affrica. mas ajnda ja voffo nome grande fooa em Afya atee as poftumeiras partes da India....E onde em outro tempo os voffos regnos nõ forom fabidos ja fom conheçidas (sic) z foadas (sic) per todo ho mũdo. z dyffo fe temẽ os mouros. fe efpantam os Indianos. z todo ho vniuerfo mundo fe marauilha. E que coufas mais marauilhas (sic). que mudar ho nomẽ do famofiffimo ryo Nylo em Teyjo. por onde a mais das riquezas das Indias soyam vijr ao Cayro. z Alexandria. z dalli aas terras dos xp̃aãos....O que coufa tam marauilhofa. que ho voffo muy nobre porto de Lyxboa he ja feyto porto da India. ho qual nom foo fobrepoja todollos portos da noffa Europa. mas ajnda os de Affrica z Afya. Ca a elle nom foomente vem os Alarues. os Lybicos. os Mauritanos. z Ethiopes com ho feu prezado ouro. mas os de Arabia felix z petree. os da muy nobre prouincia de Perfya. a elle ja de todallas Indias começam de vijr. z nom menos de todallas ylhas

Fernandes tells us in the colophon that the *Liuro de Marco paulo* was printed "for the service of God and for the information of those who are now going to the said Indies." It is important to note the book's date—February 4th, 1502: little more than two years after Vasco da Gama's return from his famous voyage, and the very year when, as we shall see, Dom Manuel gave the celebrated discoverer the title of Admiral of India. Valentim Fernandes writes in the "epiftola" to Dom Manuel:

"This day have we seen wonderful things. Luke, chapter v. And what, O most Illustrious King, are these wonderful things that we see today and every day? In truth there can be none greater than the new and wonderful things of the new lands and people and their things. And what more wonderful things, O most valiant King, than to see your catholic kingdoms, which were among the smallest of the Christian nations, and were far from the others in the uttermost ends of the earth, so that the kingdoms distant from them hardly knew about them, yet they have now become so great that your dominion extends not only to Europe and Africa, but your great name is even noised abroad in Asia unto the last parts of India....And where your kingdoms were erstwhile unknown, now they are known and famed throughout the world so that the Moors are afraid and the Indians are amazed, and the whole earthly universe marvels. And what more wonderful things than to change the name of the most famous river Nile to Tagus, along which most of the riches of the Indias used to come to Cairo and Alexandria and thence to the Christian lands....And what a wonderful thing that your very noble port of Lisbon is already become the port of India, and predominates not only over all the ports of our Europe, but also over those of Africa and Asia! Hither (to Lisbon) come, not only the Moors, the Libyans, the Mauritanians and the Ethiopians with their precious gold, but also those from Arabia Felix and Arabia Petraea, and those from the very noble province of Persia; they are already beginning to come hither from all the Indies, and not less from all the islands of the Indian sea. O

do mar Indico. O nobre porto de Lyxboa. que couſas tã grandes ⁊ tam marauilhoſas ꝺs quis moſtrar em ty. Tu em verdade podes ja ſer chamado porto de Colchud. porto de Tauriz. porto ꝺ Mecha. de Gyda. ⁊ Adem. porto de Alexandria. Baruti ⁊ Veneza."

Este periodo de Fernandes tem um interesse especial exactamente por causa de Veneza, de cujas relações com Portugal, no tempo de D. Manuel, nos occuparemos mais adeante. Pro-segue Fernandes:

"A ty (Lisboa) nom ſoomẽte os da coſta do mar de leuante ⁊ poente. mas aa tua muy nobre çidade vem a buſcar os do ſortaão. de terras muy alongadas. ſ. de Alemanha a alta. do regno de Vngria. Bohemia Polonia Roſſya Tartaria."

Lisboa tornava-se o emporio do commercio com o Oriente, sendo notavel que isso succedesse tão pouco tempo depois do descobrimento do caminho maritimo para India. Lisboa tomava o logar de Veneza. Diz ainda Fernandes:

"O que couſa tam marauilhoſa que vymꝰ oje. de como elRey dom Ioham o ſegũdo. da glorioſa memoria voſſo anteçeſſor cõ todas ſuas forças tra-balhou pera emtrar (sic) em eſta terra de promiſſam a vos ⁊ aos voſſos ſucçeſſores prometida. E lhe aconteçeo como a Moyſes. q̃ tantos annos tinha trabalhado pera entrar em a terra da promiſſam. ⁊ em fim do monte ꝺ Nebo olhou pera ella ⁊ a vyo. Aſſy aconteçeo ao dito Rey dom Ioham q̃ do cabo de bo õa (sic) eſperãça. oulhou ꝑa eſta outra. O que cabo tam nobre. o que renome de eſperança. poſto nom per humano entendimento. mas per diuina prouidençia. profetizando Berto-lomeo diaz. da voſſa magnifica ſenhoria. que traz a dita eſperança por diuiſa. de ſer digno como Ioſue de entrar em aquelle mundo nouo que bem podemos chamar a terra da promiſſam."

É curiosa a comparação feita por Fernandes, entre Moyses e D. João II: é tambem signi-ficativa, pois na homenagem prestada ao Principe Perfeito, mais uma vez demonstra a continui-dade do plano dos descobrimentos. No periodo "da voſſa magnifica ſenhoria que traz a dita

noble port of Lisbon, what great and wonderful things God has willed to show in thee! Already thou mayest in truth be called the port of Col-chud, port of Tauriz, port of Mecca, Gyda and Aden, port of Alexandria, Baruti (Beirut) and Venice."

This passage is especially interesting through its mention of Venice, whose relations with Portugal in the time of Dom Manuel we shall study later. Fernandes continues:

"Not only those from the sea coast in the east and west come to visit thee (Lisbon); but also those from inland, from very distant countries, come to seek thy noble city, from upper Germany, from the kingdom of Hungary, Bohemia, Poland, Russia, Tartary."

Lisbon was becoming the emporium of Oriental trade, and it is notable that this should have come to pass so soon after the discovery of the maritime way to India. Lisbon was taking the place of Venice. Fernandes adds:

"O what a wonderful thing we have seen to-day, how King João II of glorious memory, your predecessor, laboured with all his might to enter into this promised land, promised to you and to your successors. And it happened to him as it did to Moses, who worked so many years to enter into the promised land and at last looked upon it and saw it from Mount Nebo. So it happened to the said King João who looked to-wards this other land from the Cape of Good Hope. O what a noble cape! O what far-famed hope! Though not through human understand-ing, but by divine providence, since Bartholomeu Dias prophesied that your magnificent Lordship who bears the said hope for a device, should be, like Joshua, worthy to enter into that new world, which we might well call the promised land."

Fernandes' comparison of Dom João II to Moses is curious, and also significant, for in thus honouring the Perfect Prince, he once again demonstrates the continuity of the discoveries, and the gradual fruition of Dom Henrique's plans. In the phrase "your magnificent Lordship,

esperança por diuisa," faz Fernandes um trocadilho, servindo-se do Cabo da Boa Esperança e da "divisa da Esperança" de D. Manuel, "Spera in Deo et fac bonitatem." Continuando na sua "epistola," falla-nos Fernandes nas especiarias, nas pedras preciosas, nos animaes que veem do Oriente. Uma phrase ainda merece a nossa especial attenção, em vista de uma carta de Colombo dirigida ao Papa em 1502, de que adeante nos occuparemos: escreve o nosso impressor:

"Onde fica agora o sapiẽtissimo rey Salomõ cõ su (sic) prudẽcia ⁊ potencia. q̃ nõ pode cheguar des o mar roxo da ylha Asiunguber onde fazia sua armada atee Orphir (sic). sem ajuda del rey Iran rey de Damasco. ho qual vossa muy jnclita magestade. nõ digo do mar roxo. se nõ aquẽ. tres mill legoas ⁊ mais. des ho vosso mar Athlantico q̃ se começa em Cepta chegou alem do mar rosso (sic) ⁊ syno persico ate o syno colchico. q̃ som açerca de q̃tro mill legoas sem fauor nem ajuda de nenhuũ outro rey saluo do Emanuel eterno ds. cujo lugar vosa (sic) potẽtissima senhoria possuy em a terra."

A "epistola" de Fernandes explica muita cousa: relata-nos a grandeza dos descobrimentos, o poder de D. Manuel, a riqueza de Lisboa. A edição Portugueza, como dissemos, foi impressa "a seruiço de ds. ⁊ auisamẽto daquelles q̃ agora vam pera as ditas Indias." É sem duvida uma das razões, e muito poderosa, para a sua impressão, mas julgamos que não seria a unica. D. Manuel deve ter sentido um justificado orgulho com a façanha heroica de Vasco da Gama, sendo natural que o *Livro de Marco Paulo* despertasse um interesse especial n'aquella occasião; é pois provavel que o Monarcha entendesse conveniente tornar conhecidas nos seus Reinos, mandando-as publicar em linguagem, as viagens do celebre Veneziano nas terras do Oriente, cuja via maritima acabava de ser descoberta pelos Portuguezes.

Na Introducção ao "liuro de Marco paulo feyta pello dito Valentim fernãdez," informa-nos mestre Valentim que

who bears the said hope for a device," Fernandes makes a punning reference to the Cape of Good Hope and Dom Manuel's motto of hope: "Spera in Deo et fac bonitatem." In the course of his epistle Valentim gives a list of spices, precious stones, and animals from the East. One more passage merits our special attention in view of a letter Columbus wrote to the Pope in 1502, which we shall quote in the course of these notes; the printer writes:

"And now where is the most wise King Solomon, who, with all his prudence and power, was unable to go from the Red Sea, from the island of Ezion-geber, where he prepared his armada, as far as Ophir, without help from King Iran of Damascus; while your renowned Majesty went, not I say from the Red Sea, but from three thousand leagues and more on this side? From your Atlantic Ocean which begins at Ceuta you reached beyond the Red Sea and the Persian Gulf to the Gulf of Colchis, that is, nearly four thousand leagues, without help from any other King, save only of Emmanuel the everlasting God, whose place your most powerful Majesty occupies on earth."

Fernandes' "epistola" explains many things: it tells of the greatness of the discoveries, of Dom Manuel's power, of Lisbon's wealth. The Portuguese edition of *Marco Polo* was, as we have stated, printed "for the service of God and for the information of those who are now going to the said Indies." That is doubtless one of the reasons, and a very powerful one, for its publication; but as Dom Manuel must have felt a great and just pride in Vasco da Gama's achievement, it is natural that in 1502 the *Book of Marco Polo* should have aroused a special interest, and that the Sovereign should have considered it convenient to have it published in the vernacular, to make known in his kingdoms the story of Marco Polo's journeyings in the lands to which the Portuguese had just discovered the maritime route.

Valentim informs us in his Introduction to the *Liuro de Marco paulo* that

"No principio deſte liuro ponho hũas adições. ſ. de Ethyopia. Arabia Perſia. ꝛ India. ꝛ de como eſtas prouinçias ſom repartidas. As quaaes adições tirey de huũ liuro de latim em lingoagem portugues. ho qual liuro ſoy enuiado de Roma a elRey dom Ioham o ſegundo...."

Ignora-se qual tenha sido esse livro. Valentim Fernandes mostrou nos seus escriptos uma predilecção pela Ethiopia, pois no capitulo sobre essa provincia, "do titulo Real de voſſa Senhoria," lê-se uma phrase quasi identica no sentido á que Fernandes escreveu, como vimos, na "Prohemial epiſtola" dirigida a D. João II, na *Vita Christi* de 1495: "A qual (Ethiopia) o voſſo anteçeſſor el Rey dom Ioham o ſegũdo. cuja alma ds tẽ grãde parte tem cõuertido aa ſſe catholica." É provavel que Fernandes quando escreveu a "Prohemial epiſtola" da *Vita Christi*, já tivesse lido o livro enviado de Roma a D. João II.

Sobre a edição Portugueza nada mais diremos, senão que o *Marco paulo* é possivelmente o primeiro livro que em Portugal teve privilegio de impressão. Terminaremos com a apreciação do Professor Benedetto (*ob. cit.* p. cxlviii), certamente uma das mais modernas e auctorisadas:

"Valentino Fernandez è tutto pervaso dallo spirito di grandezza e di espansione che solleva allora il Portogallo a fastigi imperiali. La sua dedicatoria 'ao serenissimo e invictissimo Rey e Senhor Dom Emanuel o primeiro Rey de Portugal e dos Alguarves d'Aquem e Alemmar em Africa senhor de Guynee e da conquista da naveguaçom e comercio de Ethiopia Arabia Persia e da India' è una bella celebrazione della potenza portoghese e delle ricchezze orientali.... Il volume, tipograficamente bellissimo, è pure, come versione, relativamente accurato."

Como foi conhecido em Portugal o *Livro de Marco Paulo*? A tradição, muito plausivel e na qual accreditamos, reza que o *Marco Paulo* foi trazido de Veneza pelo Infante D. Pedro, que

"In the beginning of this book I make certain additions about Ethiopia, Arabia, Persia and India and about how these provinces are divided. Which additions I took from a book, which was sent from Rome to King João the second, and translated them from Latin into Portuguese...."

We do not know what book this can have been. Fernandes seems to show a predilection for Ethiopia in his writings, and in the chapter on this province "of your Lordship's Royal title," there is a phrase expressing the same idea as he conveyed in the "Prohemial epiſtola" to Dom João II in the *Vita Christi* of 1495, for he says here: "Which (Ethiopia) your predecessor King João II, whose soul is in God's keeping, converted in large measure to the Catholic faith." Probably Fernandes had already read the book sent from Rome to Dom João II, when he wrote his prefatory letter to the *Vita Christi*.

We will say nothing further about the Portuguese edition of the *Book of Marco Polo*, except that it was possibly the first book in Portugal to have privilege of impression. We will conclude with an appreciation by Professor Benedetto, whose work is certainly one of the most authoritative and most modern on the Venetian traveller; he says (*op. cit.* p. cxlviii):

"Valentino Fernandez è tutto pervaso dallo spirito di grandezza e di espansione che solleva allora il Portogallo a fastigi imperiali. La sua dedicatoria 'ao serenissimo e invictissimo Rey e Senhor Dom Emanuel o primeiro Rey de Portugal e dos Alguarves d'Aquem e Alemmar em Africa senhor de Guynee e da conquista da naveguaçom e comercio de Ethiopia Arabia Persia e da India' è una bella celebrazione della potenza portoghese e delle ricchezze orientali.... Il volume, tipograficamente bellissimo, è pure, come versione, relativamente accurato."

There is a credible tradition that the *Marco Polo* was brought from Venice by the Infante Dom Pedro: the fact that the work, in Latin and the vernacular, existed in the Library of Dom

o facto da obra se encontrar na livraria de D. Duarte, seu irmão, tanto em Latim como em linguagem, parece confirmar. No fim do seculo XV e no principio do seculo XVI, já assim se pensava, visto na sua Introducção Fernandes escrever:

"Ouui neſta voſſa çidade Rey prudẽtiſſimo. q̃ o p̃ſente liuro os Veneziānꝰ teuerõ eſcõdido mujtos annos na caſa do ſeu theſouro. E no tempo q̃ ho Iffante dom Pedro de glorioſa memoria voſſo tyo chegou a Veneza. E deſpois das grandes feſtas ⁊ honrras que lhe forom feitas pellas liberdades q̃ elles tem nos voſſos regnos. como por ho elle mereçer. lhe offereçerõ em grande preſente o dito liuro de Marco paulo. q̃ ſe regeſſe por elle. poys deſejaua ꝺ veer ⁊ andar pello mundo. Ho qual liuro dizẽ que eſta na torre do tombo. E eſto ſe aſſy he quem ho ſabera melhor que a voſſa real Senhoria."

A esse respeito escreve o Professor Benedetto (*ob. cit.* p. cxlviii, nota 1):

"Non so quanto ci sia di veramente storico in queste linee, ma la tradizione cui il Fernandez allude può poggiare su qualcosa di vero. Don Pedro può avere effettivamente portato d' Italia un esemplare di Marco."

E referindo-se ainda á edição de Fernandes, accrescenta:

"Non mi risulta che proprio su quel MS. sia stata condotta una traduzione portoghese, come affermano G. B. Ramusio, *Navigazioni e Viaggi*, I, 176....Se poi si allude alla versione del Fernandez, non può ripetersi col Ramusio 'che 'l detto libro dapoi tradotto nella lor lingua fu gran causa che tutti quelli serenissimi re s' infiammassero a voler scoprir l' India orientale e sopra tutti il re D. Giovanni II,' poichè questi morì sette anni prima che fosse fatta quella versione."

Certamente Ramusio, que publicou as suas *Navigazioni e Viaggi* muitos annos depois da edição de Valentim Fernandes, se não póde referir, na phrase citada por Benedetto, á versão Portugueza publicada em 1502: é possivel que

Duarte, Dom Pedro's brother, seems to reinforce this tradition, which was already current at the end of the XVth and beginning of the XVIth centuries, as we see from Fernandes' Introduction:

"I heard in this your city, O most prudent King, that the Venetians kept the present book hidden in their treasure-house for many years, until the time when your uncle the Infante Dom Pedro, of glorious memory, reached Venice, and after the great feasts and honours that were prepared for him, because of the privileges they enjoy in your kingdoms, and because he deserved it, they offered him the said book of Marco Polo as a grand present, so that he might be guided by it, as he desired to see and travel through the world. It is said that this book is now in the Torre do Tombo, and if this be so, who knows it better than your Royal Lordship?"

Professor Benedetto (*op. cit.* p. cxlviii, note 1) says:

"Non so quanto ci sia di veramente storico in queste linee, ma la tradizione cui il Fernandez allude può poggiare su qualcosa di vero. Don Pedro può avere effettivamente portato d' Italia un esemplare di Marco."

And with reference to Fernandes' edition, he adds:

"Non mi risulta che proprio su quel MS. sia stata condotta una traduzione portoghese, come affermano G. B. Ramusio, *Navigazioni e Viaggi*, I, 176....Se poi si allude alla versione del Fernandez, non può ripetersi col Ramusio 'che 'l detto libro dapoi tradotto nella lor lingua fu gran causa che tutti quelli serenissimi re s' infiammassero a voler scoprir l' India orientale e sopra tutti il re D. Giovanni II,' poichè questi morì sette anni prima che fosse fatta quella versione."

Ramusio did not publish his *Navigazioni e Viaggi* until many years after Valentim Fernandes' edition of *Marco Polo*, and the sentence quoted by Benedetto cannot refer to the Portuguese version printed in 1502. Possibly Ramusio may have

pelo proprio livro de Fernandes, Ramusio tivesse conhecimento da tradição do manuscripto do *Marco Paulo* ter sido trazido para Portugal pelo Infante D. Pedro (se essa tradição lhe não chegou aos ouvidos em Veneza mesmo), pois diz Esteves Pereira (*ob. cit.* p. viii):

"Do livro (o *Marco paulo* impresso por Fernandes) foi feita uma tradução em latim por Simon Grinaeus, impressa em Basle em 1532, no *Novus orbis regionum*; e dele se utilisou João Batista Ramusio para estabelecer a recensão italiana publicada no segundo volume das *Navigationi e viaggi*, impresso em Veneza em 1559."

Voltando á tradição tão verosimil de ter sido o Infante D. Pedro que trouxe de Veneza para Portugal o *Liuro de Marco Paulo*, diz-nos ainda o Professor Benedetto, ácerca da estada de D. Pedro n'aquella cidade:

"Lo Yule ci dà per la visita in questione la data del 1426 (p. 135 della *Introd.*), ma sulle date e sui particolari della visita stessa siamo informati molto minutamente da Marin Sanuto (*Vite de' duchi di Venezia*, in Muratori, *SS.*, XXII, 999) e sopratutto da Antonio Morosini (cfr. la copia della *Cronaca morosina* posseduta dalla Bibl. Marciana, Ital., VII, 2049, vol. II, pp. 859–865). Essa ebbe luogo dal 5 al 12 aprile del 1428. L' accoglienza fu veramente così fastosa e così liberale, le spese ed i doni così ricchi...che il regalo anche di un esemplare di Marco diventa pienamente possibile. Nessun cenno però della cosa nei pochi documenti che mi venne fatto di rintracciare su quella visita principesca. Non ho trovato, come già dissi, nessuna conferma concreta all' opinione più volte affermata da autorevoli critici: che lo stesso Don Pedro, ritornato in patria, abbia tradotto in portoghese il prezioso volume regalatogli dai veneziani."

Já dissemos desconhecer-se o auctor do *Marco Paulo* em linguagem, que existia na Livraria de D. Duarte; contudo escriptores, entre elles Oliveira Martins (*Os Filhos de D. João I*, p. 139), consideram o Infante D. Pedro como o traduc-

learnt of the tradition that the Infante Dom Pedro brought the manuscript of *Marco Polo* to Portugal from Fernandes' Introduction (if he did not hear the story in Venice itself); for Esteves Pereira (*op. cit.* p. viii) writes:

"A Latin translation of the book (Fernandes' edition of the *Marco Polo*) was made by Simon Grinaeus, and printed in Basle in 1532, in the *Novus orbis regionum*; and G. B. Ramusio made use of it for his Italian version published in the second volume of the *Navigationi e viaggi*, printed in Venice in 1559."

Professor Benedetto (*op. cit.* pp. cxlviii and cxlix) tells us more about Dom Pedro's visit to Venice:

"Lo Yule ci dà per la visita in questione la data del 1426 (p. 135 della *Introd.*), ma sulle date e sui particolari della visita stessa siamo informati molto minutamente da Marin Sanuto (*Vite de' duchi di Venezia*, in Muratori, *SS.*, XXII, 999) e sopratutto da Antonio Morosini (cfr. la copia della *Cronaca morosina* posseduta dalla Bibl. Marciana, Ital., VII, 2049, vol. II, pp. 859–865). Essa ebbe luogo dal 5 al 12 aprile del 1428. L' accoglienza fu veramente così fastosa e così liberale, le spese ed i doni così ricchi...che il regalo anche di un esemplare di Marco diventa pienamente possibile. Nessun cenno però della cosa nei pochi documenti che mi venne fatto di rintracciare su quella visita principesca. Non ho trovato, come già dissi, nessuna conferma concreta all' opinione più volte affermata da autorevoli critici: che lo stesso Don Pedro, ritornato in patria, abbia tradotto in portoghese il prezioso volume regalatogli dai veneziani."

As we have already said, we do not know who was the author of the Portuguese translation of *Marco Polo*, in Dom Duarte's Library; though there are writers who, like Oliveira Martins (*Os Filhos de D. João I*, p. 139), believe that Dom

tòr: "Para seu irmão Henrique, punha (D. Pedro) em linguagem o livro de Marco Polo que a Senhoria de Veneza lhe dera...." Na mesma obra (p. 72) Oliveira Martins refere-se ao Infante como tendo trazido de Veneza o manuscripto das viagens de Marco Paulo. Yule (*ob. cit.* I, pp. 110 e 135) tambem allude á tradição (que alguns auctores consideram um facto), baseando-se na opinião de Major (*Life of Prince Henry of Portugal*, pp. 61–62). Egualmente, Beazley (*Prince Henry the Navigator*, 1895, p. 117), Joaquim Bensaude (*L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, 1912, p. 278), e Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, p. 306), escrevem ter sido o *Marco Paulo* trazido para Portugal pelo Infante D. Pedro. Bem sabemos não haver um documento comprovativo, mas sem duvida a hypothese é mais do que provavel, por nos parecer tão natural o empenho de D. Pedro em trazer ao irmão uma obra que lhe podia ser util nos seus estudos, como o desejo da Senhoria de Veneza, de offerecer ao filho illustre de D. João I um presente que lhe devia ser especialmente agradavel.

Veneza era a Rainha do Adriatico, a senhora do commercio com o Oriente. Essa primazia, perdeu-a com o descobrimento do caminho maritimo para as Indias. O emporio passou de Veneza para Lisboa, cujo porto ficou sendo o primeiro da Europa, para não dizer do mundo, como Fernandes escreve na sua "epiſtola" dirigida a D. Manuel, onde nos relata a importancia da Capital. Parece-nos interessante—estando nós em 1502, perante a versão Portugueza das viagens do celebre Veneziano—examinar duas questões: 1° as relações entre Portugal e Veneza, especialmente no reinado de D. Manuel: 2° a influencia exercida sobre os descobrimentos por Marco Paulo, e pela narração das suas viagens.

Ruy de Pina (*Chronica d'el Rey D. João II—Ineditos de Historia Portugueza*, vol. II, cap. XXI, pp. 68–69) conta-nos a maneira como em 1485,

Pedro was the translator. "D. Pedro translated the book of Marco Polo, given him by the Seigniory of Venice, into the vernacular, for his brother Dom Henrique...." In the same work (p. 72) Oliveira Martins refers to the Infante as having brought the manuscript of Marco Polo's travels from Venice, and the tradition, which some consider as a fact, is also mentioned by Yule (*op. cit.* vol. I, pp. 110 and 135), who took his information from Major (*Life of Prince Henry of Portugal*, pp. 61–62), and by Beazley (*Prince Henry the Navigator*, 1895, p. 117), Joaquim Bensaude (*L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, 1912, p. 278), and Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, p. 306). We are well aware that there is no document to verify this hypothesis; but we believe in it, for it seems to us most natural that Dom Pedro should have wished to bring his brother a work that would be useful to him in his research, and equally natural that the Seigniory of Venice should have desired to earn Dom Pedro's gratitude by giving him such a valuable present.

Venice was the Queen of the Adriatic, the mistress of Oriental trade. She lost her supremacy with the discovery of the maritime route to the Indies. Lisbon became the emporium, and her port was the first in Europe, not to say the world, as Fernandes gives us to understand when he explains the capital's importance, in his dedicatory letter to Dom Manuel.—It seems to us interesting at this juncture to examine two questions: (i) the relations between Portugal and Venice, especially in the reign of Dom Manuel, (ii) the influence exercised over the discoveries by Marco Polo and the story of his travels.

Ruy de Pina (*Chronica d'el Rey D. João II—Ineditos de Historia Portugueza*, vol. II, chap. XXI, pp. 68–69) relates how in 1485 four Venetian

quatro galés de Veneza fôram atacadas por francezes perto de Cascaes, e o capitão e patrões dos navios feridos, mal tratados e roubados. Fôram os Venezianos "honrados e agaſalhados" em Cascaes pela Condessa de Monsanto: d'ahi seguiram para Cintra, onde a Rainha D. Leonor os mandou "proveer com grande honra, e muita abaſtança." Quando D. João II chegou, vindo de Alcobaça, sabendo que o "Capitam e Patrões vynham em todo desbaratados," só os quiz receber,

"atee primeiro lhes nom mandar aas pouſadas mullas, e cavallos, veſtidos inteiros, e dobrados de brocados, e ſedas com todolas outras couſas, que pera elles, e pera os ſeus eram neceſſarias. E com iſto lhe emviou dizer, que pera homens tam honrados, e tanto ſeus amigos fallarem a tal Rey, nom convynha, que ante elle vieſſem em menos abetos, porque ſeendo doutra maneira, pareceria que ſeus Regnos lhe eram eſtranhos, o que muito ſentiria; porque pella antyga amizade que elle, e os Reys ſeus anteceſſores tynham com Veneza, todolos de ſua Naçam deviam aver, e eſtimar ſeus Regnos, e Senhorios por propria ſua terra. E aſi foram ante ElRey, que com grande honra, e muito acolhimento os recebeo....E porque os Franceſes com os Venezianos nom quiſeram vyr a razoado concerto, os Franceſes recolheram a ſeus navios as mercadorias das galees, e venderam, e deram os caſcos dellas, que ElRey comprou, e recolheo, e teve ſempre em Riba-Tejo, aa deſpoſiçam do que a Senhoria de Veneza ordenaſſe. Defendendo por favor da preſa, que nenhũas couſas dellas, em ſeus Regnos ſe compraſſem, e aſſy ſe comprio. E ao deſpedir do dicto Capitam, e Patrões, ElRey pera deſpeza do caminho, lhes fez mercee a todos em abaſtança. E porque a eſte tempo em vyndo ho Mordomo Moor (D. Pedro de Noronha) de dar a obediencia (ao Papa Innocencio VIII: era secretario da embaixada o proprio Ruy de Pina)...veeo a Veneza polla veer,

galleys were attacked by the French, near Cascaes, and the captain and masters of the ship wounded, ill-treated and robbed. The Venetians were "honoured and sheltered" in Cascaes by the Countess of Monsanto: from there they proceeded to Cintra where Queen Leonor commanded that they should be "provided for with much honour and great abundance." When D. João II arrived from Alcobaça and learnt that the "Captain and Masters had been so put to rout that all their possessions were scattered," he would not receive them

"until he had first sent to their lodging mules and horses, complete suits of clothes, lined with brocades and silk, and everything else that was necessary for them and theirs. And with this he sent to tell them that when such honourable men and such friends of his, spoke to such a King, it was not fitting that they should come before him in less array, for in any other way it would seem as if they were strangers in his kingdoms, which he would take very much to heart, because from the ancient friendship that he and the Kings his ancestors had kept up with Venice, all those of their nation ought to look upon his kingdoms and realms as their own country. And so they came before the King, who received them with great honour and made them very welcome....And because the French would not come to a reasonable agreement with the Venetians, the French collected the merchandise from the galleys on to their ships, and sold it, and gave up the empty vessels, and the King bought and harboured them and always kept them in the *Riba-Tejo* at the disposal of the Seigniory of Venice, maintaining, by right of capture, that none of the merchandise should be bought in his kingdoms, and so it was done. And in taking leave of the said Captain and Masters the King gave to all of them in abundance for their travelling expenses. And because at this time the Mordomo Mór (Lord Steward—Dom Pedro de Noronha) was on his way back from giving obedience (to Pope Innocent VIII: Ruy de Pina himself was secretary of this em-

certo a Senhoria em recebimentos, apousenta-mentos despesas, festas, e dadivas ricas, que lhe fez, craramente mostrou que no Duque, e pessoas, que a dicta Senhoria regiam avia muita nobreza com muy singular gratificaçam. Os quaaes nom acabando ahinda per aquy de reconhecer a ElRey a mercee, e honra que a seu Capitam, e Patrões, por seu respeito fizera, lhes enviaram per tanta distancia de terras remercear, e conhecer com hũa muy solẽpne embaixada, que pera o caso nom careceo de palavras doces, e muy elegantes, e assy com ricos serviços, e presentes. E veeo por Embaixador Iheronimo Donato grande Leterado, e singular Orador, a que ElRey, e toda a Corte fez muita honra, e ao despedir lhe fez ElRey mercee de mullas, cavallos, negros, e muyta prata, e muy ricamente lavrada."

bassy)...he went to see Venice, and the Seigniory certainly showed clearly with the receptions, entertainments, expenditure, feasts and rich gifts it made him, that the Duke and the persons who governed the said Seigniory were full of nobility and very singular kindliness. But their demon-stration of gratitude to the King for the favour and honour he had shown them through their Captain and Masters, did not end here, and to acknowledge them (the favour and honour) they sent a very solemn embassy which was not wanting in sweet and very elegant words to meet the case, nor in rich services and presents. Jheronimo Donato, a great man of letters and a singular orator, came as ambassador, and to him the King and all the Court did great honour, and at the leave-taking the King made him a present of mules, horses, negroes and much silver, very richly chased."

Estes factos interessantes, que demonstram as excellentes relações com Veneza, e a habil politica de D. João II, fôram egualmente nar-rados por Garcia de Resende, na sua *Vida z feitos del rey dom Ioão o segundo*, 1545 (cap. lviij, fl. xl). Como diz Ruy de Pina, era antiga a amizade que D. João II e os seus antecessores tinham com Veneza, como prova a recepção feita por aquella cidade ao Infante D. Pedro em 1428. As mesmas relações continuaram no reinado de D. Manuel. Logo em 1496, a Senhoria enviou um embaixador a Portugal, que El-Rei recebeu em Torres Vedras: diz-nos Damião de Goes (*Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566, Parte 1ª, cap. XVI) que:

"A este embaixador armou elRei caualleiro de sua mão, & lhe fez muitas merçes cõ q̃ se tornou mui contẽte pera Veneza, onde no Senado dixe muitos louuores d̃ sua pessoa, & relatou ho grande amor & afeiçam q̃ nelle achara pera todalas cousas que a sua republica com-prissem, ho que cõfirmou, & renouou nos corações de todolos daquella çidade, ha antigua amizade que entre elles, & ha naçam Portuguesa antiguamẽte sẽpre houue."

This interesting episode, showing Portugal's excellent relations with Venice, and Dom João II's able policy, is also recorded by Garcia de Resende in his *Vida z feitos del rey dom Ioão o segundo*, 1545 (chap. lviij, fl. xl). As Ruy de Pina says, the friendship that Dom João II and his predecessors maintained with Venice was an ancient one, and this is proved by the reception accorded to the Infante Dom Pedro in that city in 1428. The same relations persisted in Dom Manuel's reign, and in 1496 the Seigniory sent an ambassador whom the King received in Torres Vedras. Damião de Goes (*Chronica Del-Rei dom Emanuel*, 1566, Part I, chap. XVI) tells us that:

"The King knighted this ambassador with his own hand, and gave him many favours, with which he returned to Venice in great con-tent, and there in the Senate he recited many praises of his (the King's) person, and told of the great love and affection he had found in him for all things relating to the Republic, which con-firmed and renewed in the hearts of all those of that city the ancient friendship that had always existed of old between them and the Portuguese nation."

Depois, D. Manuel manda uma armada em auxilio dos Venezianos, contra os Turcos, provando mais uma vez "ha antigua amizade." Começava o seculo XVI e Veneza era ainda Senhora do Mediterraneo e do commercio com o Oriente. O excesso dos productos vindos da India, da Arabia, da Persia, seguia de Veneza em navios venezianos para Lisboa.

"Lisboa era então o *terminus* da navegação da republica no oceano, e entreposto do seu commercio com o norte da Europa, commercio do qual auferiam avultados lucros os agentes venezianos estabelecidos em Lisboa á sombra de importantes franquias e privilegios concedidos pelos soberanos de Portugal, os quaes invariavelmente se empenhavam em manter relações intimas com a Serenissima Republica" (Visconde de Soveral, *Apontamentos sobre as antigas relações politicas e commerciaes de Portugal com a Republica de Veneza*, 1893).

A viagem de Vasco da Gama, o descobrimento do caminho maritimo para a India, abrindo uma via directa para o commercio com a Asia, representa o golpe mortal ferido na prosperidade da Rainha do Adriatico. Citando Marin (*Commercio dei Viniziani*, vol. VII, documento III), escreve o Visconde de Soveral (*ob. cit.*):

"O senado veneziano, comprehendendo a gravidade da situação, encarregára varios agentes seus de informar-se ácerca das descobertas, conquistas, estabelecimentos e commercio dos portuguezes na India. Entre os commissionados figura Comti, consul da republica em Lisboa, Trevisino, secretario da embaixada da mesma em Madrid, e Vincenzo Quirini. A informação mais importante coube a Cà Masser, o qual veiu secretamente indagar a Lisboa o modo de navegar dos portuguezes nos mares da India, e bem assim quaes as mercadorias que para ali exportavam, lucros d'esse trafico, etc."

É curiosissima essa *Relazione* de Lunardo Masser (publicada pela primeira vez no vol. II, *Appendice* do *Archivio Storico Italiano*, Firenze, 1846), dirigida á Senhoria, na qual,

Later Dom Manuel gave yet another proof of the "ancient friendship" when he sent an armada to help the Venetians against the Turks. At the very beginning of the XVIth century Venice was still the Mistress of the Mediterranean and of Oriental trade. The surplus products from India, Arabia and Persia were sent on to Lisbon in Venetian ships.

"Lisbon was then the *terminus* of the Republic's navigation by sea, and the market for her trade with the north of Europe, a trade through which large profits accrued to the Venetian agents established in Lisbon under the protection of the important immunities and privileges conceded by the Sovereigns of Portugal, who always laid themselves out to maintain intimate relations with the Most Serene Republic" (Visconde de Soveral, *Apontamentos sobre as antigas relações politicas e commerciaes de Portugal com a Republica de Veneza*, 1893).

Vasco da Gama's voyage, and the discovery of the maritime way to India, opening up a direct route for trade with Asia, dealt a mortal blow to the prosperity of the Queen of the Adriatic. The Visconde de Soveral (*op. cit.*) citing Marin (*Commercio dei Viniziani*, vol. VII, document III) says:

"The Venetian senate realised the gravity of the situation, and charged various agents of theirs to obtain information about the Portuguese discoveries, conquests, settlements and trade in India. Among those delegated were Comti, the Venetian consul at Lisbon, Trevisino, secretary of the Republic's embassy in Madrid, and Vincenzo Quirini. The most important information came from Cà Masser, who went to Lisbon to inquire secretly into the Portuguese method of navigation in the Indian seas, and also to learn what merchandise they exported thither, what were the profits from this traffic, etc."

Lunardo Masser's *Relazione* to the Seigniory (published for the first time in vol. II of the *Appendice* of the *Archivio Storico Italiano*, Firenze, 1846) is most interesting, for, like a good

como bom agente de Veneza, dá detalhes cheios de interesse sobre todos os personagens, e sobre tudo o que se passava em Lisboa, onde che-gára em Outubro de 1504, "venuto ad istanza dell' Eccelentissime Signorie Vostre per veder et intender el successo di questo viaggio d' India novamente da Portoghesi trovato e navegato." Escreve ainda o Visconde de Soveral:

"Se bem a republica se sentisse humilhada e contrariada por ver desapparecer a sua actividade commercial, pretendia não obstante, occultar esse sentimento, dando provas ostensivas de desejar illesa a sua antiga amisade com os reis de Portugal. N'esse intuito enviou, em 1501, a El-Rei D. Manuel, por intermedio de Pietro Pasqualigo, como presente uma gondola coberta com um rico manto de tecido de oiro (Sanuto, *Secreta*, vol. 38, p. 203)."

Pietro Pasqualigo foi Embaixador da Serenissima Republica em circumstancias muito especiaes para Veneza, pois coube-lhe communicar á Senhoria a chegada das caravellas vindas do Oriente com os productos da India. Escreve o Cardeal Bembo (*Della Historia Vinitiana* di Monsignor M. Pietro Bembo Card. Volgarmente Scritta. 1552. Veneza. Sesto libro. fl. 72 v°):

"In queſto tempo (guerra com os Turcos) ritrouandoſi la città per tanti incommodi afflitta, & trauagliata; un' altro non penſato male da lontane regioni le ſoprauenne. Percio che per lettere di M. Piero Paſqualico Ambaſciator della Rep. appreſſo ad Emanuele Re di Portogallo, hebbero i Padri notitia; quel Re hauere alla fine trouato il camino di condurre le mercatantie dell' Arabia & dell' India per l' Oceano di Mauritania, & de Getuli, ſpeſſe uolte dalle ſue naui tentato: & alcune naui colà oltre dallui mandate, eſſere di Pepe, & di Cinnamomo, & d' altre ſimili coſe cariche a Lisbona tornate."

Bembo realisava o prejuizo para Veneza, com o descobrimento do caminho maritimo para India, pois, referindo-se ao que era o commercio da cidade com o Oriente e os grandes lucros que d'alli recebiam, accrescenta:

agent of Venice, Masser gives many details about men and events in Lisbon, where he arrived in October, 1504, "venuto ad istanza dell' Eccelentissime Signorie Vostre per veder et intender el successo di questo viaggio d' India novamente da Portoghesi trovato e navegato." The Visconde de Soveral says again:

"However humiliated and thwarted the Republic felt when she saw her commercial activity disappearing, she tried nevertheless to hide this feeling, and gave ostensible proofs of her desire that her ancient friendship with the Kings of Portugal should remain unaltered. With this intention she sent Pietro Pasqualigo in 1501, to convey as a present to King Manuel, a gondola with a rich covering of cloth of gold (Sanuto, *Secreta*, vol. 38, p. 203)."

Pasqualigo's embassy was attended by circumstances of special importance for Venice, as it was he who communicated to the Most Serene Republic the news of the arrival of caravels from the East, laden with the products of India. As Cardinal Bembo says (*Della Historia Vinitiana* di Monsignor M. Pietro Bembo Card. Volgarmente Scritta. 1552. Veneza. Sesto libro. fl. 72 vo.):

"In queſto tempo (of the war with the Turks) ritrouandoſi la città per tanti incommodi afflitta, & trauagliata; un' altro non penſato male da lontane regioni le ſoprauenne. Percio che per lettere di M. Piero Paſqualico Ambaſciator della Rep. appreſſo ad Emanuele Re di Portogallo, hebbero i Padre notitia; quel Re hauere alla fine trouato il camino di condurre le mercatantie dell' Arabia & dell' India per l' Oceano di Mauritania, & de Getuli, ſpeſſe uolte dalle ſue naui tentato: & alcune naui colà oltre dallui mandate, eſſere di Pepe, & di Cinnamomo, & d' altre ſimili coſe cariche a Lisbona tornate."

Bembo realised how the discovery of the maritime route to India would harm Venice, for, referring to the city's commerce, and the great profits derived from it, he adds:

"...& q̃lli groſſi guadagni, che haueano la città arrichita in dando ella quaſi a tutto il mondo le coſe dell' India, le mancherebbono. Di queſta nouella i Padri nõ picciola noia ſentirono: dellaqual noia eſſi nondimeno co guadagni & auanzi de glialtri popoli ſi racconſolauano. Et penſauano, amabile & cara coſa di uero eſſere, douerſi ritrouare a noſtri tempi nuoue regioni, & quaſi un' altro mondo & genti...."

É interessante seguir a opinião do historiador de Veneza, que viu o golpe que feria a Rainha do Adriatico: sente-se o espanto do celebre Cardeal, quando escreve ácerca do deslocamento de Veneza para Lisboa do commercio do Oriente, que até então vinha em caravanas de camellos até ao Egypto, onde, em Alexandria, embarcava para Veneza.

"Ma poſcia, che i Portogheſi a quelle regioni uennero; gran mutamento delle coſe ſeguio. Conciofia coſa che eſſi a comperare & a caſa loro portare incominciarono quaſi tutto quello, che per cagion di mercatantia nel mar roſſo da tutti i luoghi dell' Arabia & dell' India era recato.... Et coſi gli Egittii, & i Vinitiani l' antica & lunga-mente confermata uſanza del mercatantare; eſ-ſendo ella girata altroue, quaſi in tutto laſciarono: laquale non ſi credea, che in neſſun tempo mancar loro poteſſe."

Bembo comprehendia que Portugal arruinava Veneza; contudo declara que os Portuguezes "portarono animoſiſſimamẽte & felicisſimamente le inſegne del loro Re, doue neſſuno per innanzi penetrato era giamai" (Card. Bembo, *ob. cit.* fls. 75 v° e 76). Pasqualigo foi nomeado Em-baixador a 8 de Junho de 1501 (communicação amavelmente enviada pelo Superintendente, Pietro Bosmin, do "Archivio di Stato" de Veneza). Em Setembro do mesmo anno é recebido em Lisboa por D. Manuel, e n'essa occasião pronuncia a oração que em Dezembro foi impressa em Veneza. Possuimos um exemplar d'essa obra rarissima, "*Petri Paschalici Veneti Oratoris ad Hemanvelem Lvsitaniae Regem Oratio*—

"...& q̃lli groſſi guadagni, che haueano la città arrichita in dando ella quaſi a tutto il mondo le coſe dell' India, le mancherebbono. Di queſta nouella i Padri nõ picciola noia ſentirono: dellaqual noia eſſi nondimeno co guadagni & auanzi de glialtri popoli ſi racconſolauano. Et penſauano, amabile & cara coſa di uero eſſere, douerſi ritrouare a noſtri tempi nuoue regioni, & quaſi un' altro mondo & genti...."

It is interesting to study the opinion of the Venetian historian who recognised the blow that had fallen on the Queen of the Adriatic; one feels the famous Cardinal's surprise at the sight of Venice being ousted by Lisbon from her position in trade with the East; for merchandise had hitherto been conveyed from the Orient to Egypt by ships and camels, and been sent on to Venice by sea from Alexandria.

"Ma poſcia, che i Portogheſi a quelle regioni uennero; gran mutamento delle coſe ſeguio. Conciofia coſa che eſſi a comperare & a caſa loro portare incominciarono quaſi tutto quello, che per cagion di mercatantia nel mar roſſo da tutti i luoghi dell' Arabia & dell' India era recato.... Et coſi gli Egittii, & i Vinitiani l' antica & lunga-mente confermata uſanza del mercatantare; eſ-ſendo ella girata altroue, quaſi in tutto laſciarono: laquale non ſi credea, che in neſſun tempo mancar loro poteſſe."

Bembo understood that Portugal was ruining Venice, yet he declares that the Portuguese "portarono animoſiſſimamẽte & felicisſimamente le inſegne del loro Re, doue neſſuno per innanzi penetrato era giamai" (Card. Bembo, *op. cit.* fls. 75 vo. and 76). Pasqualigo was appointed ambassador on June 8th, 1501 (information amiably sent by Superintendent Pietro Bosmin of the "Archivio di Stato" of Venice); in Sep-tember of the same year he was received in Lisbon by Dom Manuel, to whom he addressed the oration, which was published in Venice in December. We possess a copy of this very rare work, "*Petri Paschalici Veneti Oratoris ad Hemanvelem Lvsitaniae Regem Oratio*—Impreſſum Vene-

Impreſſum Venetiis per Bernardinum Vene-tum de Vitalibus. Anno Domini, M.CCCCCI, Die Vigeſimoſecundo Menſis Decembris." N'esse discurso solemne, recitado no estylo pomposo que n'esses casos era habitual, Pasqualigo faz o elogio de Portugal e do seu Soberano, agradecendo o auxilio dado a Veneza na guerra contra os Turcos. Reproduzimos aqui trechos d'essa oração, sendo talvez licito pensar, que o Embaixador não sentiria o enthusiasmo que as suas palavras representavam.

"...Nã quæ regio eſt in terris: quæ gẽs hodie tã repoſita: & ab omni hominũ cõmercio tã remota: ad quã nõ ſama puenerit hoc breui tpe alteꝝ terraꝝ orbem: quẽ & Ptolemæus & Strabo: & reliqui mundi ſcriptores penitus ignorauerũt: Rem certe mirã atq; p̃clarã: rem nullis ante tpibus cognitã: rem memorandã atq; hiſtoria dignã: & in qua oẽs ſtudioſi elaborare atq; exercere ingeniũ debent: tuo cõſilio: cura: induſtria: diligentia: tuiſq; auſpiciis: iam eſſe inuentũ atq; hominibus patefactũ: q ď non Carthaginenſes olim: non Romani reꝝ dñi poſt Carthaginẽ euerſam: nõ Alexander ille magnus mũdi ſcrutator: nõ Græcia omnis dum floruit: nõ Aegyptii Aſſyriiq; reges ſunt aſſequti: tua uirtus atq; felicitas eſt adepta: Omnis exterioris Libyæ ora: ab atlantico oceano: ad barbaricũ uſq; ſinũ: qui erithreo iungit̃ tuo iuſſu atq; imperio eſt enauigata: gentes: inſulæ: littora ad id tẽpus ignota: aut tuis ceſſere armis: aut his territæ tuam amicitiã ultro expetiuere. Gloriati ſunt ſũmi reges olim: & populi antea inuicti: q ď ad oceanũ uſq; arma promouiſſent: tu rex inuictiſſime in ſubteraneũ uſq; hæmiſphæriũ: & in antipodas promouiſſe imperiũ iure gloriari potes: & q ď omniũ maximũ eſt: maximeq; memorãdũ: diſcretas naturæ imperio gẽtes: duoſq; diuerſos terraꝝ orbes cõmercio cõſociaſti: qua re profecto: haud ſatis dici põt: quantũ cõmodi: quãtũq; utilitatis percipiat uniuerſus orbis: ob mel ex harundinibus collectũ: ac aiia cõpluria: quæ inde ad humanũ uſum affatim ubiq; deferunt̃: quãtũq; etiam in poſteꝝ ob aromata cuiuſcũq; generis a tuis nuper nauibus inuenta ſit percepturus....

tiis per Bernardinum Venetum de Vitalibus. Anno Domini, M.CCCCCI, Die Vigeſimoſecundo Menſis Decembris." In his solemn discourse, recited in the pompous style customary on such occasions, Pasqualigo eulogises Portugal and her Sovereign, and renders thanks for the help given to Venice in the war against the Turks. We reproduce here some passages from this oration, and are perhaps right in supposing that the ambassador did not feel quite all the enthusiasm his sentences express.

"...Nã quæ regio eſt in terris: quæ gẽs hodie tã repoſita: & ab omni hominũ cõmercio tã remota: ad quã nõ ſama puenerit hoc breui tpe alteꝝ terraꝝ orbem: quẽ & Ptolemæus & Strabo: & reliqui mundi ſcriptores penitus ignorauerũt: Rem certe mirã atq; p̃clarã: rem nullis ante tpibus cognitã: rem memorandã atq; hiſtoria dignã: & in qua oẽs ſtudioſi elaborare atq; exercere ingeniũ debent: tuo cõſilio: cura: induſtria: diligentia: tuiſq; auſpiciis: iam eſſe inuentũ atq; hominibus patefactũ: q ď non Carthaginenſes olim: non Romani reꝝ dñi poſt Carthaginẽ euerſam: nõ Alexander ille magnus mũdi ſcrutator: nõ Græcia omnis dum floruit: nõ Aegyptii Aſſyriiq; reges ſunt aſſequti: tua uirtus atq; felicitas eſt adepta: Omnis exterioris Libyæ ora: ab atlantico oceano: ad barbaricũ uſq; ſinũ: qui erithreo iungit̃ tuo iuſſu atq; imperio eſt enauigata: gentes: inſulæ: littora ad id tẽpus ignota: aut tuis ceſſere armis: aut his territæ tuam amicitiã ultro expetiuere. Gloriati ſunt ſũmi reges olim: & populi antea inuicti: q ď ad oceanũ uſq; arma promouiſſent: tu rex inuictiſſime in ſubteraneũ uſq; hæmiſphæriũ: & in antipodas promouiſſe imperiũ iure gloriari potes: & q ď omniũ maximũ eſt: maximeq; memorãdũ: diſcretas naturæ imperio gẽtes: duoſq; diuerſos terraꝝ orbes cõmercio cõſociaſti: qua re profecto: haud ſatis dici põt: quantũ cõmodi: quãtũq; utilitatis percipiat uniuerſus orbis: ob mel ex harundinibus collectũ: ac alia cõpluria: quæ inde ad humanũ uſum affatim ubiq; deferunt̃: quãtũq; etiam in poſteꝝ ob aromata cuiuſcũq; generis a tuis nuper nauibus inuenta ſit percepturus....

...In cuius rei teſtimoniũ nõ cõtẽti ꝑ epiſtolã ſublimati (sic) tuæ ſignificare: quantũ gaudii ſuſceperint: q đ cauſam fidei Chriſtianæ uti Rex religioſiſſimus: & noſtrã uti Veneti nominis amiciſſimus ſuſcepiſti: cõfeſtim facto Senatuſcõſulto: me nouũ oratorem deſignauerunt ad tuã Serenitatẽ: ut corã illi pro tantis meritis cumulatiſſimas gratias agerẽ: q đ bellũ hoc tam graue & periculoſum pro Chriſti fide omnino iuuandũ ſuſcepiſti: & ſuſceptũ: ut tua eſt pietas atq; cõſtantia conficiendũ: & q đ præcipue gratũ fuit: cũ Venetis: cũ quibus quo arctiora tibi publici hoſpitii: ueteriſq; beniuolentiæ tãq̃ hæreditariæ a maioribus relictæ iura intercedunt: eo ad maiorem gloriã accedet: cũ his aduerſus cõem Chriſtiani nominis inimicũ ſocia arma iunxiſſe: Quo in negocio nõ minus erit honorificũ tuæ ſublimitati: ueterẽ neceſſitudinẽ cum Veneta ciuitate non ſolũ inſtauraſſe: ſed auxiſſe etiã atq; ſtabiliuiſſe: q̃ ſi omnino hoſte ſuperato nobiſcũ uictoriã de eo reportauiſſes. Dupléx itaq; laus hoc facto in tuam excellentiam redundabit. Primũ q đ Venetam ciuitatẽ in laborioſo ac difficili bello adiutam tibi arctius ꝑpetuoq; beneficio deuincies....

...Pulchrũ quidẽ eſt: & ad famam noĩs ſpecioſum: magnã oceani partẽ claſſe circuiſſe: noua littora: nouas terras explorauiſſe: ignotas gẽtes & inſulas nr̃oꝝ hoĩum cõmercio adiunxiſſe. Sed multo pulchrius: lõge ſpecioſius: & ad ĩmortalitatẽ noĩs aptius nobiliſſimã orbis partem ab impioꝝ furore defendere: publicã pietatẽ armis ꝓtegere: periculũ q đ chriſtiano nomini inſtat ꝓpulſare: cõmune incẽdiũ reſtinguere: Erit hoc q̃dẽ cũ cæteris gẽtibus gratũ: tũ Venetæ ciuitati: quæ primas partes huius belli ſubſtinet gratiſſimũ: quæ quo ꝓpior eſt periculo: eo eſt de laborioſi belli huius euẽtu ſolicita magis."

Em 1502, anno da publicação da versão Portugueza do *Liuro de Marco paulo*, nasce, a 6 de Junho, o principe D. João, o futuro D. João III, "no qual dia foi na çidade tamanha tẽpeſtade de chuuas, coriſcos, & trouões, que nenhum dos antiguos ſe lembraua doutra tal" (Goes, *ob. cit.* Parte 1, cap. lxij, fl. 62). Uma semana depois realisava-se o baptisado do herdeiro de Portugal.

...In cuius rei teſtimoniũ nõ cõtẽti ꝑ epiſtolã ſublimati (sic) tuæ ſignificare: quantũ gaudii ſuſceperint: q đ cauſam fidei Chriſtianæ uti Rex religioſiſſimus: & noſtrã uti Veneti nominis amiciſſimus ſuſcepiſti: cõfeſtim facto Senatuſcõſulto: me nouũ oratorem deſignauerunt ad tuã Serenitatẽ: ut corã illi pro tantis meritis cumulatiſſimas gratias agerẽ: q đ bellũ hoc tam graue & periculoſum pro Chriſti fide omnino iuuandũ ſuſcepiſti: & ſuſceptũ: ut tua eſt pietas atq; cõſtantia conficiendũ: & q đ præcipue gratũ fuit: cũ Venetis: cũ quibus quo arctiora tibi publici hoſpitii: ueteriſq; beniuolentiæ tãq̃ hæreditariæ a maioribus relictæ iura intercedunt: eo ad maiorem gloriã accedet: cũ his aduerſus cõem Chriſtiani nominis inimicũ ſocia arma iunxiſſe: Quo in negocio nõ minus erit honorificũ tuæ ſublimitati: ueterẽ neceſſitudinẽ cum Veneta ciuitate non ſolũ inſtauraſſe: ſed auxiſſe etiã atq; ſtabiliuiſſe: q̃ ſi omnino hoſte ſuperato nobiſcũ uictoriã de eo reportauiſſes. Dupléx itaq; laus hoc facto in tuam excellentiam redundabit. Primũ q đ Venetam ciuitatẽ in laborioſo ac difficili bello adiutam tibi arctius ꝑpetuoq; beneficio deuincies....

...Pulchrũ quidẽ eſt: & ad famam noĩs ſpecioſum: magnã oceani partẽ claſſe circuiſſe: noua littora: nouas terras explorauiſſe: ignotas gẽtes & inſulas nr̃oꝝ hoĩum cõmercio adiunxiſſe. Sed multo pulchrius: lõge ſpecioſius: & ad ĩmortalitatẽ noĩs aptius nobiliſſimã orbis partem ab impioꝝ furore defendere: publicã pietatẽ armis ꝓtegere: periculũ q đ chriſtiano nomini inſtat ꝓpulſare: cõmune incẽdiũ reſtinguere: Erit hoc q̃dẽ cũ cæteris gẽtibus gratũ: tũ Venetæ ciuitati: quæ primas partes huius belli ſubſtinet gratiſſimũ: quæ quo ꝓpior eſt periculo: eo eſt de laborioſi belli huius euẽtu ſolicita magis."

On the 6th of June, 1502, the year when the Portuguese version of the *Book of Marco Polo* was published, Prince João, the future Dom João III, was born, "on which day there was in the city such a storm of rain and thunder and lightning, that none of the old men could remember its like" (Goes, *op. cit.* Part 1, chap. lxij, fl. 62). A week later the heir of Portugal was baptised.

"Baptizouho dom Martinho da coſta Arçe-biſpo de Lisboa. Leuouho á pia dom Iaimes Duque de Bragança: has madrinhas foram ha Infante donna Beatriz maĩ delrei dom Emanuel, & ha rainha dõna Leanor ſua irmam. Ho padrinho foi Pero paſqualigio embaixador de Veneza, que em nome da Senhoria, viera dar has graças a elRei pelo ſocorro que lhes mandára contra ho Turco....A eſte Embaixador armou el-Rei caualleiro de ſua mão, & lhe deu liçença que podeſſe trazer no eſcudo de ſuas armas ha in-ſignia da Sphera dourada, allem do que lhe fez muitas merçes, com que ſe tornou pera Veneza muim (sic) ſatisfeito, onde no Senado publica-mente dixe muitos, & aſsinados louuores delRei, ho que de nouo confirmou ha boa amizade que hos Venezeanos tinham, de muito tempo atras, com os Reis deſtes Regnos" (Goes, *loc. cit.*).

"Dom Martinho da Costa, Archbishop of Lisbon, baptised him. Dom Jaimes, Duke of Bragança carried him to the font: the godmothers were the Infanta Dona Beatriz, mother of Dom Manuel, and Queen Leonor, his sister. The god-father was Pero Pasqualigo, the Venetian am-bassador, who had come to thank the King in the name of the Seigniory for the help he had sent them against the Turk....The King armed this ambassador knight with his own hand, and gave him permission to include the emblem of the Sphere, gilt, in his coat of arms, and showed him many favours besides, with which he re-turned to Venice very well satisfied, and there in the Senate he said many things in high praise of the King, which confirmed afresh the good friendship the Venetians had maintained for a long time in the past with the Kings of these kingdoms" (Goes, *loc. cit.*).

As demonstrações de amizade, em 1502, eram grandes e publicas; não podia certamente D. Manuel dar maior prova d'essa amizade, do que escolher o Embaixador de Veneza como padri-nho do Principe herdeiro: a honra era muita, e com essa demonstração terá Pasqualigo sentido orgulho: contudo, sabendo elle o que n'esse momento significavam os descobrimentos Portu-guezes para a Serenissima Republica, é licito suppôr que os votos e desejos que, "in petto," formulava pelo afilhado, não seriam excessiva-mente enthusiasticos. E se Veneza mostrava sempre ostensivamente a mesma antiga amizade, não deixava, por outro lado, de procurar o remedio para o mal de que começava a soffrer, pois perdia—com o descobrimento do caminho maritimo para India—o Senhorio dos Mares, e a sua importancia commercial e politica.

This friendship was publicly demonstrated in 1502; Dom Manuel could certainly not have given a greater proof of friendship than in choosing the ambassador of Venice to act as godfather to the heir to the throne: it was a great honour, and Pasqualigo must have felt proud of his new office, yet, as he knew what the Portu-guese discoveries of that time represented for Venice, it is permissible to suppose that the wishes he formulated "in petto" for his godchild were not overwhelmingly enthusiastic. Though Venice always showed ostensibly the same ancient friendship, she did not, on the other hand, refrain from seeking a remedy for the ill caused her by the discovery of the sea route to India—the loss of her maritime supremacy and of her commercial and political importance.

"A republica, vendo o prejuizo de que estava ameaçado o seu commercio com a descoberta da navegação directa para a India, resolveu or-ganisar uma junta de quinze membros, com-posta de funccionarios publicos de reconhecido merito, para occupar-se exclusivamente d'este assumpto. Apenas constituida a junta, resolve a republica mandar ao Egypto, em missão especial,

"The Republic, seeing the peril that menaced her trade through the discovery of a direct navigation route to India, decided to appoint a committee of fifteen members, chosen from public functionaries of recognised merit, to deal ex-clusively with this subject. The committee was hardly constituted, when the Republic decided to send Benedetto Giova on a special mission to

Benedetto Giova, a fim de propor ao governo d'aquelle paiz, como medida salvadora dos interesses da republica e do proprio Egypto, o córte do isthmo de Suez! Ou fosse por temor de não poder levar ávante tão arrojado projecto, ou por carencia de meios, o governo egypcio não annuiu" (Visconde de Soveral, *ob. cit.*).

Mais tarde, reinando D. João III—o afilhado de Veneza—diz-nos ainda Soveral que "em 1527, o senado propõe ao governo portuguez a arrematação (o monopolio) da especiaria importada em Lisboa, á excepção da quantidade necessaria para o consumo do reino." O facto é que n'essa epocha, apezar dos esforços empregados pela Senhoria, o commercio com o Oriente tinha adoptado inteiramente a via maritima pelo Cabo da Boa Esperança. Portugal era a causa da ruina de Veneza, porque havia descoberto o caminho, *por mares nunca dantes navegados*, para o Oriente, para os paizes descriptos por Marco Paulo. Que influencia tiveram o celebre Veneziano e o seu livro de viagens sobre os descobrimentos Portuguezes e sobre as viagens de Christovão Colombo? E entre os descobrimentos Portuguezes, póde attribuir-se a Marco Paulo uma influencia especial no que diz respeito ao mais famoso e importante de todos, a viagem de Vasco da Gama, o que representaria uma responsabilidade indirecta do illustre Venezeano sobre a ruina da Rainha do Adriatico? Parece-nos que a influencia exercida pelas viagens de Marco Paulo, póde classificar-se de directa, e de indirecta, e em ambos os casos foi ella grande e extremamente importante. Joaquim Bensaude (*Histoire de la science nautique portugaise*, 1917, p. 50), referindo-se aos estudos da geographia, antes dos descobrimentos, escreve:

"Avant le début des grandes découvertes, tous les pays d'Europe étudiaient la géographie sur ses anciennes bases (Pline, Strabon, Méla et Ptolémée). Un autre courant s'était formé à côté en Italie et en Espagne: celui des cartographes de la Méditerranée, qui complétaient leurs cartes avec

Egypt, in order to propose to the government of that country that, as a saving measure in the interests both of the Republic and of Egypt itself, a canal should be cut through the isthmus of Suez! But either for fear of not being able to carry out so bold a project, or through lack of means, the Egyptian government refused its sanction" (Visconde de Soveral, *op. cit.*).

Soveral tells us that when Dom João III, the godson of Venice, was on the throne, "in 1527, the Senate approached the Portuguese government for a monopoly of the spices imported into Lisbon, with the exception of the quantity required for consumption in the kingdom." The fact is, that by this time, in spite of all the Seigniory's efforts, Oriental trade had entirely adopted the maritime route round the Cape of Good Hope. Portugal caused the ruin of Venice, because she had discovered the way "o'er the waters ne'er by seaman crost" to the East, to the countries described by Marco Polo. Did this celebrated Venetian and his book of travels have any influence on the Portuguese discoveries and Christopher Columbus? And did Marco Polo have a special influence on the most famous and important of Portuguese expeditions, that under Vasco da Gama, and thus render himself indirectly responsible for the ruin of his native city? In our opinion the influence of Marco Polo's book of travels may be classified as direct and indirect, and in both cases it was very great and of extreme importance. Joaquim Bensaude (*Histoire de la science nautique portugaise*, 1917, p. 50) says, with reference to the study of geography before the discoveries:

"Avant le début des grandes découvertes, tous les pays d'Europe étudiaient la géographie sur ses anciennes bases (Pline, Strabon, Méla et Ptolémée). Un autre courant s'était formé à côté en Italie et en Espagne: celui des cartographes de la Méditerranée, qui complétaient leurs cartes avec

des éléments pris dans les rapports des voyages terrestres et surtout Marco Polo."

Alem d'isso, as informações trazidas por Marco Paulo, o primeiro Europeu que visitára tantas terras do Oriente, não podiam deixar de produzir profunda impressão nos meios commerciaes de Veneza e de Genova, creando assim as relações d'essas duas cidades com o Oriente. Mas no principio do seculo XV, modifica-se a situação, primeiro com a morte de Timur em 1405, depois com a entrada dos Turcos na Europa, difficultando o caminho terrestre para a Asia.

"After Timur's death fanaticism ruled in Persia, anarchy in Central Asia, an anti-foreign dynasty in China. So the East was hidden once more from European eyes, and the teeming peoples, the crowding junks, the rich civilization, were no more than a legend to incite the adventurers of a later age, when they sought the road to India and Cathay again. For the closing of the routes and the triumph of the Turks threw Europeans into an increasing dependence upon the Egyptian road and the terminus at Alexandria, beyond which they might never pass.... If they would reach the lands of which Marco Polo wrote, they must seek a new road, not by the East but by the West, not by land but by sea. The failure of the great Tartar epic is intimately connected with the epics of Vasco da Gama and Columbus.... History gives to the XVth century the name of the 'Age of Discovery,' because its discoveries were never lost. But are Vasco da Gama and Columbus himself more remarkable than Marco Polo, or than those half forgotten friars and wholly forgotten merchants, who took the land and sea roads to India and Cathay in the century between 1245 and 1345?" (*Travel and Travellers of the Middle Ages*, edited by A. P. Newton, chap. VII, p. 154, *The Opening of the Land Routes to Cathay*, by Eileen Power).

Marco Paulo, os frades, os commerciantes tinham sido os precursores, pelas vias terrestres, no Oriente: os Portuguezes fôram, uns dois

des éléments pris dans les rapports des voyages terrestres et surtout Marco Polo."

Besides this, the records brought back by Marco Polo, the first European to visit so many countries of the East, must have made a deep impression on the commercial centres of Venice and Genoa, and have led to the creation of connections between these cities and the Orient. But at the beginning of the XVth century, with the death of Timur in 1405, and afterwards with the Turkish invasion of Europe, the situation changed, and it was impossible to follow the land route to Asia.

"After Timur's death fanaticism ruled in Persia, anarchy in Central Asia, an anti-foreign dynasty in China. So the East was hidden once more from European eyes, and the teeming peoples, the crowding junks, the rich civilization, were no more than a legend to incite the adventurers of a later age, when they sought the road to India and Cathay again. For the closing of the routes and the triumph of the Turks threw Europeans into an increasing dependence upon the Egyptian road and the terminus at Alexandria, beyond which they might never pass.... If they would reach the lands of which Marco Polo wrote, they must seek a new road, not by the East but by the West, not by land but by sea. The failure of the great Tartar epic is intimately connected with the epics of Vasco da Gama and Columbus.... History gives to the XVth century the name of the 'Age of Discovery,' because its discoveries were never lost. But are Vasco da Gama and Columbus himself more remarkable than Marco Polo, or than those half forgotten friars and wholly forgotten merchants, who took the land and sea roads to India and Cathay in the century between 1245 and 1345?" (*Travel and Travellers of the Middle Ages*, edited by A. P. Newton, chap. VII, p. 154, *The Opening of the Land Routes to Cathay*, by Eileen Power).

Marco Polo, the friars and the merchants were the pioneers by land in opening up the way to the East; the Portuguese were, some two cen-

seculos depois, os descobridores da via maritima, que se tornava indispensavel, pelas razões acima expostas. Após a tomada de Ceuta em 1415, depois de se estabelecer em Sagres, o Infante D. Henrique inicia as navegações: seguindo cada vez mais para o Sul, os Portuguezes avançam no Mar Tenebroso, em busca do caminho das Indias e da Terra do Preste João. Em 1428, o Infante D. Pedro, regressando da sua longa viagem, traz, como vimos, ao irmão o *Livro de Marco Paulo* e mappas, offerecidos em Veneza. D. Pedro, admiravel figura da nossa historia, um verdadeiro estadista, que muito tinha visto e estudado, foi, na opinião de Beazley (*ob. cit.* p. 136), o maior auxilio de D. Henrique:

"But the Navigator's right-hand man was his next brother Pedro the Traveller, who, after visiting all the countries of Western Europe... brought back to Portugal for the use of discovery that great mass of suggestive material, oral and written, in maps and plans and books, which was used for the first ocean voyages of Henry's sailors."

A tão nobre figura de D. Pedro já foi exaltada pelos nossos historiadores; mas é interessante de lêr o seu elogio na *Chronica de Nuremberg* de Hartmann Schedel, publicada em 1493 (fl. ccxc):

"In portugalia petrus agnomine infans. ſic eñ filij regis añteq̃ regnant appellant̃ magni nominis prĩceps qui totam ferme europam peragrauerat ſue virtutis documenta demonſtrans."

D. Pedro desempenha um papel de grande importancia na obra genial do irmão, pois n'esse papel vêmos a influencia exercida directamente no espirito de D. Henrique pelas viagens de Marco Paulo. Se essa influencia se exerceu nos descobrimentos Portuguezes, foi certamente no seu inicio, na epocha do Infante. Claramente o escreve Oliveira Martins:

"O livro de Marco Polo e os mappas de Veneza foram para o infante uma revelação, que a sua fé abraçou com enthusiasmo. A geo-

turies later, the discoverers of the sea route, which became indispensable, for reasons set forth above. After the taking of Ceuta in 1415, Prince Henry established himself in Sagres and inaugurated the voyages of discovery: going farther and farther south each time, the Portuguese crept over the "Sea of Darkness," seeking the way to the Indies and to the land of Prester John. In 1428, as we have seen, the Infante Dom Pedro returned from his peregrinations abroad, and brought to his brother the *Book of Marco Polo*, and the maps given him in Venice. Dom Pedro, a remarkable figure in our history, a true statesman, who had seen and studied much, was, in Beazley's opinion (*op. cit.* p. 136), Dom Henrique's chief helper:

"But the Navigator's right-hand man was his next brother Pedro the Traveller, who, after visiting all the countries of Western Europe... brought back to Portugal for the use of discovery that great mass of suggestive material, oral and written, in maps and plans and books, which was used for the first ocean voyages of Henry's sailors."

Dom Pedro's noble figure has already been vividly depicted by our historians; but it is interesting to read a eulogy of him in Hartmann Schedel's *Nuremberg Chronicle*, published in 1493 (fl. ccxc):

"In portugalia petrus agnomine infans. ſic eñ filij regis anteq̃ regnant appellant̃ magni nominis prĩceps qui totam ferme europam peragrauerat ſue virtutis documenta demonſtrans."

Dom Pedro fills a rôle of great importance in his brother's work of genius, for through him we see the direct influence exercised in Dom Henrique's mind by the story of Marco Polo's travels. If this influence affected the Portuguese discoveries, it was certainly at their beginning, in Prince Henry's time, as Oliveira Martins gives us clearly to understand:

"The book of Marco Polo and the Venetian maps were for the Prince a revelation, which his faith received with enthusiasm. Ptolemy's ancient

graphia antiga de Ptolomeu, sobre que os arabes tinham construido a rede aerea das suas lendas, caía por terra diante do testemunho ocular do viajante que, em mais de vinte annos de viagens na Asia, penetrára até á China, descrevendo o Cathay (nome com que no Oriente o imperio é ainda conhecido), atravessando por elle desde Pekim até ás provincias do extremo sul. Tendo visitado muitos pontos do Indostão, Marco Polo revelava a existencia dos reinos de Bengala e Guzarate, descrevendo as suas riquezas e poderio. Tinha navegado no oceano indico, recolhendo informações sobre Zipangri ou Cipango, que provavelmente era o Japão; tinha estado em Java e em outras ilhas da Sunda, em Ceylão e na costa do Malabar, até ao golfo de Cambaya, indicando os nomes actuaes das suas terras. O mysterio do Oriente desvendara-o esse livro revelador, ao mesmo tempo que os novos mappas attestavam, como o acreditava a fé viva de D. Henrique, a passagem que devia haver pelo sul da Africa" (*Os Filhos de D. João I*, p. 73).

Tudo isto causou sem duvida uma impressão profunda no Infante, avivando inda mais o desejo ardente e a vontade inquebrantavel de resolver o problema, e, seguindo a costa d'Africa, achar a passagem que o levasse ao Oriente, á India. E com esse intento, os Portuguezes navegavam para o Sul. A tentativa não era a primeira; mas os que tinham diligenciado encontrar a via, nunca voltaram. Escreve o Professor Edgar Prestage (a quem a historia e as lettras Portuguezas tanto devem):

"At least one expedition had gone out in the Middle Ages to find a sea way to the East, that of the Genoese Doria and Vivaldo in 1291, so that the attempt was no novelty, even apart from the classical voyages known to the Prince. He certainly studied the works of ancient and medieval geographers cited by Zurara and from them and especially from Marco Polo must have drawn inspiration. The abundance and precision of the data he had collected account for the persistence he showed, and for his refusal to be daunted by failures, heavy expense, and hostile

geography, round which the Arabs had woven their airy net of legends, fell to earth before the ocular testimony of a traveller who, in the course of more than twenty years' journeyings in Asia, had penetrated as far as China, and described Cathay (the name by which the empire is still known in the East), which he traversed from Pekin to the provinces of the extreme south. Having visited many parts of Hindustan, Marco Polo revealed the existence of the kingdoms of Bengal and Gujarat, and described their riches and power. He had sailed on the Indian Ocean, and collected information about Zipangri or Cipango, which was probably Japan; he had been in Java and others of the Sunda islands, in Ceylon, and on the Malabar coast, as far as the Gulf of Cambay, and indicated the names of these lands. The mystery of the East was unveiled by this revealing book, while the new maps testified to Dom Henrique's already lively faith, that there must be a passage round the south of Africa" (*Os Filhos de D. João I*, p. 73).

All this must certainly have had a profound effect on the Infante, increasing his ardent desire and inflexible determination to solve the problem and to follow the coast of Africa until he found the passage to take him to India and the East. And with this intent the Portuguese navigated towards the South. It was not the first attempt, but those who had gone before to find the way, never returned. Professor Edgar Prestage (to whom Portuguese learning owes so much) writes:

"At least one expedition had gone out in the Middle Ages to find a sea way to the East, that of the Genoese Doria and Vivaldo in 1291, so that the attempt was no novelty, even apart from the classical voyages known to the Prince. He had certainly studied the works of ancient and medieval geographers cited by Zurara and from them and especially from Marco Polo must have drawn inspiration. The abundance and precision of the data he had collected account for the persistence he showed, and for his refusal to be daunted by failures, heavy expense, and hostile

criticism" (*Travel and Travellers of the Middle Ages*, chap. x, p. 203, *The Search for the Sea Route to India*, by Prof. Edgar Prestage).

Escrevendo antes de 1453, Zurara, na sua *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, indica bem o pensamento do Infante, no cap. XVIº, e a differença que elle, já então, fazia entre a India e a Terra do Preste João:

"...O Iffante respondendo a todo, disse que lho tiinha em serviço, e que nom soomente daquella terra desejava daver sabedorya, mas ainda das Indyas, e da terra de preste Joham, se seer podesse."

É importante notar que Zurara tinha lido o *Livro de Marco Paulo*—provavelmente em linguagem, pois escreve *Marco Paullo*—e a elle se refere na sua *Chronica de Guiné.* Como vimos no *De Bello Septensi* de Mattheus Pisano, Zurara era, antes de 1460, Bibliothecario d'El-Rei, e poderá ter estudado na Livraria Real o *Marco Paulo,* que já alli se encontrava no reinado de D. Duarte, quer dizer entre 1433 e 1438. Gomes Eannes de Azurara, ou Zurara, é o primeiro dos nossos chronistas que menciona Marco Paulo, exemplo que foi seguido por João de Barros, Damião de Goes, Fernão Lopes de Castanheda, Diogo do Couto e outros. Acreditamos inteiramente na influencia exercida pelo *Livro de Marco Paulo* sobre o espirito de D. Henrique: era mais um incentivo para proseguir na obra que emprehendera, porque atravez da relação do celebre Veneziano, via o Oriente mysterioso. N'essa epocha, póde sem duvida o *Livro de Marco Paulo*—encarada a questão d'esta forma—ter tido uma influencia directa sobre os descobrimentos Portuguezes, pois as descripções dos paizes aos quaes se queria chegar pelo caminho maritimo, eram um admiravel estimulo, estimulo maior ainda, quando se pensa na fé do Infante. Ampliando o que Zurara escreveu no cap. XVº da *Chronica de Guiné,* diz Barros (*Asia, Decada* 1ª, Liv. I, cap. vij, 1552):

"O Infante como ſeu principal jntento em deſcobrir eſtas terras éra atraher as bárbaras nações

criticism" (*Travel and Travellers of the Middle Ages*, chap. x, p. 203, *The Search for the Sea Route to India*, by Prof. Edgar Prestage).

In his *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné* (chap. XVI), written before 1453, Zurara shows clearly what was in the Prince's mind, and that he already differentiated between India and the land of Prester John:

"...The Infant answered all this and said that he was obliged by his offer, and that he not only desired to have knowledge of that land, but also of the Indies, and of the land of Prester John, if he could" (*The Chronicle of Guinea.* Done into English by Beazley and Prestage, 1896, vol. I, p. 55).

It is important to note that Zurara had read the *Book of Marco Polo*—probably in Portuguese, for he writes *Marco Paullo*—and that he refers to it in his *Chronica de Guiné.* As we saw in connection with Mattheus Pisano's *De Bello Septensi,* Zurara was the King's Librarian before 1460, and as the *Marco Polo* had been in the Royal Library since D. Duarte's reign, that is since between 1433 and 1438, he may have studied it there. Gomes Eannes de Azurara, or Zurara, was the first of our chroniclers to mention Marco Polo, and his example was followed by João de Barros, Damião de Goes, Fernão Lopes de Castanheda, Diogo do Couto and others. We believe in the influence that the *Book of Marco Polo* exercised over Dom Henrique's mind, it acted as an incentive to spur him on to greater efforts in the work he had undertaken, for through the Venetian's narrative he must surely have seen the enigmatical East. From this point of view the *Book of Marco Polo* may be said to have had, at that time, a direct influence on the Portuguese discoveries, for the descriptions of the countries he wished to reach by sea must have stimulated the Infante's already great faith. Barros enlarges on Zurara's reference, when he says in his *Asia,* 1552 (*Decada* I, Book I, chap. vij):

"As the Infante's chief aim in discovering these lands was to draw the barbarous nations under

ao jugo de Chrifto, ꝛ de fy a gloria ꝛ louuor deftes reynos, cõ acrefcẽtamẽto do patrimonio real, fabẽdo per os captiuos q̃ Antam Gonçáluez ꝛ Nuno Triftã trouxẽrã as coufas dos moradóres daq̃llas pártes: quis mãdar efta nóua ao pápa Martinho quinto....Pedindolhe q̃ por quãto auia tãtos annos q̃ elle cõtinuáua efte defcobrimẽto em q̃ tinha feito grãdes defpẽfas de fua fazẽda, ꝛ affy os naturáes defte reyno q̃ nelle andauã: lhẽ aprouuẽffe cõceder, perpẽtua doaçã á coroa deftes reynos de toda a tẽrra q̃ fe defcobriffe per efte nóffo már occeano do cábo Bojador tẽ as Indias inclufine (sic). E pera aquelles q̃ na tal cõquifta pereceffem jndulgẽcia plenária pera fuas álmas: pois deos ŏ poffẽra na cadeira de fam Pedro, pera affy dos beẽs tẽporáes q̃ eftáuã em poder de jnjuftos poffuidóres como dos efpirituáes do tefouro da jreja, podẽffe repartir per feus fiẽs. Porque a gente Portugues affy nos feytos defta párte da Európa, como depois q̃ entrarã na de Africa em a tomáda de Cẽpta, ꝛ de fy no defcobrimẽto ꝛ cõquifta da Ethiópia: tinham merecido o jornal diurno, q̃ fe dá aquelles obreiros q̃ bem trabãlhã nefta vinha militãte do fenhor. Cõ o qual negócio por fer de tãta jm-portancia mãdou hũ caualeiro da órdem de Chrifto per nome Fernam Lopez Dazeuedo: do cõfelho del rey ꝛ hómẽ de grande prudencia ꝛ autoridãde, que depois foy cõmendador mór da dita órdem. E nefta jda que fez, nam fómente foy concedida ao jnfante efta fua petiçam: mas ajnda bulla pera fancta Maria de Africa que elle fundára em Cẽpta, ꝛ affy outras muytas graças ꝛ priuilegios q̃ a órdẽ tẽ: tãto eftimou o pápa ꝛ o colegio dos Cardeães a nóua defte defcobrimẽto. Depois o pápa Eugenio q̃rto ꝛ o pápa Nicolao quinto, tẽ o pápa Sixto a fuplicaçã del rey dõ Afonfo ꝛ del rey dõ Ioam feu filho: concederã a elles ꝛ a feus fuceffóres per fuas bullas, doaçam perpẽtua de tudo o que defcobriffem per efte már occeano, de marcando do cábo Bojador tẽ a oriental plaga da India inclufiue, com todo-los reynos fenhorios, tẽrras conquiftas, pórtos, jlhas, trátos, refgátes, pefcarias, fob jnnumeráues

the yoke of Christ and thus to bring glory and praise to these kingdoms, with the increase of the royal patrimony, when he learnt about the dwellers in those parts from the captives that Antam Gonçaluez and Nuno Tristã had brought, he desired to send this news to Pope Martin the Fifth....And he besought him that inasmuch as he had been working at this discovery for many years, and as he and the natives of this kingdom who had set out on it, had expended much of their revenue, it would please him (the Pope) to concede to the crown of this kingdom a perpetual gift of all the land that should be discovered by this our ocean from Cape Bojador as far as the Indies, inclusive. And he craved plenary indulgence for the souls of all those who perished in such conquest: for God had placed him in St Peter's chair so that he could distribute among the faithful the temporal goods which lay in unlawful hands, as well as the spiritual riches from the treasure of the church. For by their deeds in this part of Europe as well as after they entered Africa at the taking of Ceuta, and by their discovery and conquest of Ethiopia, the Portuguese had deserved the daily wages that are given to the labourers who work well in this militant vineyard of the Lord. With which demand, as it was of such importance, he (the Infante) sent a knight of the Order of Christ, Fernam Lopez Dazeuedo by name, of the King's council, a man of great prudence and authority, who afterwards became Commendador Mór of the said Order. And on his going, not only was the Infante's petition granted, but the Pope and the College of Cardinals prized the news of this discovery so highly, that they further conceded a bull for the church of Sancta Maria of Africa, which he (the Infante) had founded in Ceuta, and many other graces and privileges that pertain to the Order. Afterwards on the application of King Dom Affonso and of King Dom Joam, his son, Pope Eugene IV, Pope Nicolas V and Pope Sixtus, conceded to them and to their successors, by bulls, perpetual donation of all they should find by this ocean from Cape Bojador as far as the eastern region of India, inclusive, with all the kingdoms, dominions, and

⁊ gráues excomunhões defeſas ⁊ jnter dictos que outros algũs reyes, principes, ſenhorios, ou cõmunidades, nam entrem nem póſſam entrar em as táes pártes ⁊ máres adjacẽtes: ſegundo ſe mais largamente contem em ſuas bullas. E onde eſte pápa Sixto quarto mais corroborou a doaçam gęral deſte deſcobrimento, foy na (sic) fim das pázes q̃ ouue entre el rey dõ Fernãdo de caſtęlla ⁊ el rey dõ Afonſo de Portugal: en q̃ foram apontádas por párte deſte reyno o deſcobrimẽto q̃ óra tęmos, começádo no cabo de Nam tę a India jncluſiue ⁊c. Como ſe cõtem na chronica do meſmo rey dõ Afõſo, ⁊ mais copióſamẽte na própria cõfirmaçã retificarã ⁊ corroborarã de pázes ſe póde vęr, per a bulla do dito pápa Sixto dáda ad perpetuã rei memoriã."

lands conquered, ports, islands, traffics, ransoms, and fisheries, with many and grave excommunications, prohibitions and interdicts, so that no other kings, princes, lordships, or communities whatsoever should enter, or be able to enter, those parts and the adjacent seas, as is set forth at greater length in their bulls. And where this Pope Sixtus IV most particularly corroborated the general donation of this discovery, was at the end of the peace treaties between King Dom Fernando of Castile and King Dom Affonso of Portugal, where the discovery (newly discovered land) we now possess, was appointed as this kingdom's share, beginning at Cape Nun, as far as India, inclusive, etc., as it is set forth in the chronicle of the same King Dom Affonso, and may be seen more fully in the confirmation, ratification and corroboration of the peace itself, by the bull of the said Pope Sixtus, given *ad perpetuam rei memoriam.*"

São, não só curiosas, mas muito importantes para a historia dos descobrimentos, as bullas a que Barros se refere. A bulla de Nicolau V, com data de 8 de Janeiro de 1454 (*Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, p. 14), tem um interesse especial, pois n'ella se menciona a India! N'esse documento, o Pontifice, elogiando os serviços prestados pelo Infante á causa de Deus e da Religião em Africa, e sabendo não só dos descobrimentos que fez, mas que outros ainda quer emprehender para o Sul e Oriente, "usque ad Indos," determina que nenhum christão se intrometta n'esses descobrimentos sem licença do Rei de Portugal, para que elle possa continuar as conquistas desde os cabos Bojador e Não, por toda a Guiné e além. Chama a attenção para a importancia d'esta bulla H. Harrisse no seu notavel livro *The Diplomatic History of America*, 1897, p. 6, ao escrever:

"An expression, which again requires to be noted, is 'usque ad Indos' (as far as the Indians). As in this Bull mention is made of the south and east of Africa, we must infer that so early as 1454, that is to say, more than thirty years before

The papal bulls to which Barros refers are not only interesting, but also very important for the history of the discoveries. The bull of Nicolas V, dated January 8th, 1454 (*Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, p. 14), is especially relevant, for it makes mention of India. In this document the Pontiff praises the services rendered by the Infante to the cause of God and Religion, in Africa, and, having knowledge not only of those discoveries the Prince has already made, but also that he wishes to undertake still more voyages to the south and east "usque ad Indos," he determines that no Christian shall interfere in these discoveries without permission from the King of Portugal, so that he may continue his conquests from Capes Bojador and Nun all over Guinea and beyond. Harrisse calls attention to the significance of this bull in his notable book, *The Diplomatic History of America*, 1897 (p. 6), when he writes:

"An expression, which again requires to be noted, is 'usque ad Indos' (as far as the Indians). As in this Bull mention is made of the south and east of Africa, we must infer that so early as 1454, that is to say, more than thirty years before

the expedition of Bartholomew Diaz, the Portuguese already entertained the project of rounding the African continent at the south, and of reaching by that route what they called the regions of India."

Á bulla de Nicolau V segue-se a de Calixto III de 13 de Março de 1456, confirmando a precedente, e concedendo á Ordem de Christo a jurisdicção espiritual das terras desde o cabo Não até á India, "...et locis a capitibus de Boiador et de Nam usque per totam Guineam, et ultra illam meridionalem plagam usque ad Indos" (*Alguns Documentos*, pp. 20–22). É a continuidade, que nóvamente se affirma na bulla de Sixto IV de 21 de Junho de 1481, pois não só mantem as bullas anteriores, mas sancciona o capitulo de paz, mencionado por Barros, entre D. Affonso V e D. Fernando de Castella. E os Portuguezes navegavam para o Sul, sempre com o mesmo fim, o ideal de D. Henrique, de quem Zurara escreveu: "Oo tu principe pouco menos que devinal!" (*ob. cit., Envocaçom do autor*, cap. II, p. 9). O silencio dos chronistas ácerca das conquistas é significativo. É a politica do segredo, que todos seguem, começando por Zurara, segredo certamente mantido por ordem Regia. Ruy de Pina, na sua *Chronica de D. Affonso V*, escreveu apenas um capitulo sobre as viagens, em quanto que na de D. Duarte, nem uma palavra se encontra sobre o assumpto. João de Barros queixa-se na sua *Asia* de já não ter podido achar uma copia completa da Chronica de Zurara, e Damião de Goes, na *Cronica do Prinçipe Dom Ioam*, 1567 (cap. vj, fl. 4 v°), mais ainda se lamenta do silencio de Zurara, pois diz que

"...neſtas nouas nauegações q̃ ja neſte tẽpo erã começadas não fala nada...mas pode ſer q̃ o fezeſſe na hiſtoria đ Guine, q̃ elle diz q̃ cõpos, de q̃ nã ha notiçia...."

the expedition of Bartholomew Diaz, the Portuguese already entertained the project of rounding the African continent at the south, and of reaching by that route what they called the regions of India."

Nicolas V's bull is followed by one of Calixtus III, dated March 13th, 1456, confirming it and conceding to the Order of Christ spiritual jurisdiction over the lands from Cape Nun to India, "...et locis a capitibus de Boiador et de Nam usque per totam Guineam, et ultra illam meridionalem plagam usque ad Indos" (*Alguns Documentos*, pp. 20–22). The continuity is once more demonstrated by Pope Sixtus IV's bull of June 21st, 1481, which not only confirms the earlier bulls, but sanctions the treaty of peace, mentioned by Barros, between Dom Affonso V and Don Fernando of Castile. And the Portuguese went on sailing farther south, with the same object before them, the ideal of Prince Henry, whom Zurara invokes (*op. cit.* chap. II, p. 9) with the words "O thou prince little less than divine!" The silence preserved by the chroniclers about the conquests is significant and shows the policy of secrecy which they all, beginning with Zurara, maintained, a secrecy that must certainly have been enforced by Royal order. Ruy de Pina writes only one chapter on the voyages in his *Chronica de D. Affonso V*, while there is not one word on the subject in his *Chronica de D. Duarte*. João de Barros complains in his *Asia* that he cannot find a single complete copy of Zurara's Chronicle, and Damião de Goes laments Zurara's silence even more in his *Cronica do Prinçipe Dom Ioam*, 1567 (chap. vj, fl. 4 vo.), when he says that

"...he does not speak about these new navigations which were already begun at that time, at all...but perhaps he did so in the history of Guinea, which he says he composed, but about which there is no information...."

D'essa politica de sigilo, occupou-se o Dr Jayme Cortesão n'um notavel estudo publicado na revista *Lusitania* de Janeiro de 1924; apoiando-se n'esse estudo, escreve o Professor Prestage (*ob. cit.* pp. 213–216):

"The disappearance of the earlier and more complete books can only be attributed to the policy of secrecy; they were almost certainly destroyed.... It is only by chance that we have lately learnt that an ambassador of Prester John visited Lisbon eight years before Henry's death.... The policy of secrecy not only led to the suppression of historical works; nautical guides, maps, instructions to navigators and their reports suffered the same fate."

E accrescenta:

"If contemporary chronicles are not more outspoken regarding Henry's ultimate purpose, the reason lies to a great extent in the fear of arousing the jealousy and opposition of other powers, of Castile and especially of Venice, which controlled the lucrative trade between Europe and Asia."

Os descobrimentos ao longo da costa proseguiam. Chegamos ao reinado de D. João II, o continuador da obra do Infante, que no silencio a amplia, dando á astronomia nautica um tão grande desenvolvimento. Em 1482 Diogo Cão descobre o Congo, e cinco annos depois Bartholomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas—Cabo da Boa Esperança—Esperança da India!

"Nom ſem muita raſam ſe poz nome a eſte promontorio cabo da boa eſperança por que Bartholomeu Dias que o deſcobrio por mandado delRey Dom Joham que Deos tem...veendo que eſta coſta & Ribeira do mar voltaua daly em diante ao norte & ao nordeſt cuja Roota fazia caminho da ethiopia sob egipto & daly pera ho ſino harabico onde se moſtraua & ſe eſperaua averſe de deſcobrir ha India; por eſta causa lhe pos nome cabo de boa eſperança..." (Duarte Pacheco, *Esmeraldo de situ orbis*, terceyro liuro, cap. 7º).

Dr Jayme Cortesão discusses this policy of concealment in a notable study published in the review *Lusitania* for January, 1924, and Professor Edgar Prestage followed his opinion when he wrote (*op. cit.* pp. 213–216):

"The disappearance of the earlier and more complete books can only be attributed to the policy of secrecy; they were almost certainly destroyed....It is only by chance that we have lately learnt that an ambassador of Prester John visited Lisbon eight years before Henry's death.... The policy of secrecy not only led to the suppression of historical works; nautical guides, maps, instructions to navigators and their reports suffered the same fate";

adding:

"If contemporary chroniclers are not more outspoken regarding Henry's ultimate purpose, the reason lies to a great extent in the fear of arousing the jealousy and opposition of other powers, of Castile and especially of Venice, which controlled the lucrative trade between Europe and Asia."

The discoveries along the African coast continued and in the reign of Dom João II, with the aid of the wider knowledge which had been acquired in nautical astronomy, the Infante's work and ideas were carried on and developed in silence. In 1482 Diogo Cão reaches the Congo, and five years later Bartholomeu Dias doubles the Cabo Tormentoso—the Cape of Good Hope—Hope of India.

"This promontory was not named Cape of Good Hope without very good reason, for Bartholomeu Dias, who discovered it by command of King Dom Joham, who is in God's keeping,...seeing that the sea coast turned from thenceforward towards the north and northeast, in which direction lay the way to Ethiopia under Egypt, and thence to the Arabian Gulf, whence it was shown and hoped that India must be discovered, for this reason gave it the name of Cape of Good Hope..." (Duarte Pacheco, *Esmeraldo de situ orbis*, Book III, chap. 7).

Na epocha de D. João II, não nos parece que o *Livro de Marco Paulo* ainda exercesse alguma influencia no espirito do Principe Perfeito. A sciencia nautica tinha feito notaveis progressos, e sobre ella se baseavam os navegadores Portuguezes. "No reinado de D. João II, o *Livro de Marco Paulo* era lido na corte, mas parece não se dar grande credito a algumas das suas narrações" (Esteves Pereira, *ob. cit.* p. xxxiii). Pensamos que a influencia de Marco Paulo e do seu livro sobre os descobrimentos Portuguezes, exerceu-se nos primeiros tempos das navegações, como incentivo, mostrando o mysterioso Oriente; no tempo de D. João II e de D. Manuel essa influencia já se não podia manifestar da mesma forma, para o descobrimento do caminho maritimo para a India. Na sua tão notavel obra *La Geografía en la Edad Media* (tomo I, pp. 399 *e seg.*), Segundo de Ispizua trata tambem da influencia exercida pelas viagens do celebre Veneziano sobre os descobrimentos no seculo XV, e não concorda com a opinião de Édouard Charton, que considera o *Livro de Marco Paulo* como o promotor do descobrimento do Cabo da Boa Esperança; na sua opinião, as noticias trazidas pelo illustre viajante de Veneza não pesaram tanto nas viagens e navegações Portuguezas,

"hijas de una mayor ciencia y pericia náuticas muy superior la primera a la que poseyeron los antiguos, cosa que se ignora comúnmente, por haber sido poco estudiadas estas materias...."

Uma outra pergunta está aqui indicada. Qual foi a influencia do *Livro de Marco Paulo* sobre Christovão Colombo? João de Barros, a nosso vêr, dá-nos uma resposta, que não só mostra a influencia directa do *Livro de Marco Paulo* sobre Christovão Colombo, mas demonstra, ao mesmo tempo, o pouco credito que, na epocha do Principe Perfeito, os sabios Portuguezes ligavam ás narrações do Veneziano, nas quaes não confiavam para as suas navegações e sobretudo na procura do caminho maritimo para India. Diz Barros (*Decada* 1ª, Liv. III, cap. xj, fls. 37 e 37 vº):

It does not seem to us likely that the *Book of Marco Polo* can have had much influence on the Perfect Prince at that time. The Portuguese sailors were now guided by nautical science, which had made considerable advance. "In the reign of Dom João II, the *Book of Marco Polo* was read at Court, but very little credit seems to have been given to some of its narrations" (Esteves Pereira, *op. cit.* p. xxxiii). In our opinion Marco Polo's influence on the Portuguese discoveries was exercised in the early days, when his book describing the mysterious East, acted as an incentive; in the times of Dom João II and Dom Manuel this influence was no longer manifest in the same way. Segundo de Ispizua (*La Geografía en la Edad Media*, vol. I, pp. 399 *et seq.*) also discusses the influence the *Book of Marco Polo* brought to bear on the discoveries, and does not agree with Édouard Charton's opinion that it promoted the discovery of the Cape of Good Hope; he considers that the information recorded by the famous traveller could not have weighed overmuch in the Portuguese discoveries and navigations,

"hijas de una mayor ciencia y pericia náuticas muy superior la primera a la que poseyeron los antiguos, cosa que se ignora comúnmente, por haber sido poco estudiadas estas materias...."

All this leads to another question: what influence did the *Book of Marco Polo* have on Christopher Columbus? In our opinion João de Barros gives a reply, which not only shows the direct effect of the *Book of Marco Polo* on Columbus, but also demonstrates what small worth Portuguese men of science attached to it in the age of the Perfect Prince, and how little they were guided by the Venetian narrative in their navigations and search for the maritime route to India. Barros (*Decada* I, Book III, chap. xj, fls. 37 and 37 vo.) says:

"E vendo elle (Colombo) que el rey dom Ioam ordinariamente mandáua deſcobrir a cóſta de Africa com jntençam de per ella jr ter a India, como ęra hómem latino ⁊ curióſo em as couſas da geographia, ⁊ lya per Márco Paulo que faláua modęrnamente das couſas orientáes do regno Catháyo, ⁊ aſſy da grande jlha Cypángo: veo a fanteſiar que per eſte már oceano occidental ſe podia nauegar tanto, tę que fóſſem dár neſta jlha Cypángo, ⁊ em outras tęrras jncognitas. Porque como em o tempo do jnfante dom Anrique ſe deſcobriram as jlhas terceiras, ⁊ tanta párte de tęrra de Africa nunca ſabida nem cuidáda dos Eſpanhóes: aſſy poderia mais ao ponente auer outras jlhas ⁊ tęrras, porque a natureza nam auia de ſer tão deſordenáda na cõpoſiçam do órbe vniuerſal, que quiſeſſe darlhe mais párte do elemẽto da águoa que da tęrra deſcubęrta, pera vida ⁊ criaçam dos animães. Com as quáes jmaginações que lhe deu a con-tinuaçam de nauegar, ⁊ prática dos hómeẽs deſta profiſſam que auia neſte regno muy expęrtos com os deſcobrimentos paſſádos: veo requerer a el rey dom Ioam q̃ lhe dęſſe alguũs nauios pera jr deſcobrir a jlha Cypãgo per eſte már occidental.... El rey porque via ſer eſte Chriſtóuã Colom hómem falador ⁊ glorióſo em moſtrar ſuas habilidádes, ⁊ mais fantaſtico ⁊ de jmaginações com a ſua jlha Cypango, que cęrto no q̃ dizia: dáualhe pouco crędito. Com tudo a força de ſuas jmportunações, mandou q̃ eſtiuęſſe cõ dõ Diógo Ortiz biſpo de Cepta, ⁊ com męſtre Rodrigo ⁊ męſtre Ioſope, a quem elle cometia eſtas couſas da coſmographia ⁊ ſeus deſcobri-mentos: ⁊ todos ouuęram por vaidáde as paláuras de Chriſtouam Colom, por tudo ſer fundádo em jmaginações ⁊ couſas da jlha Cypango de Marco Paulo...."

"And he (Columbus), seeing that King Dom João usually sent to discover the coast of Africa with the intention of reaching India that way, and as he was a Latin (scholar?) and interested in geographical matters, and read Marco Polo, who has newly spoken about Oriental matters, about the kingdom of Cathay, and also about the great island of Cypango, he came to imagine that it would be possible to sail so far over this western ocean as to reach this island of Cypango and other unknown lands. Because in the time of the Infante Dom Henrique the Terceira islands were discovered, and so much of the country of Africa never known, or conceived of by the Spaniards: so (he thought) there might be other islands and lands farther to the west, for nature could not have been so unmethodical in the composition of the universal orb, as to give it a greater pro-portion of the element of water than of the land discovered, for the life and creation of animals. Full of such imaginings, inspired in him by the continued navigation and practice of the men of this profession, who, in this kingdom were very expert through past discoveries, he came to ask King Dom João to give him some ships to go and discover the island of Cypango by this western sea....The King, because he saw that this Christopher Columbus was a great boaster, who gloried in showing his cleverness, and that he was fantastical and full of imaginings with his island of Cypango, rather than positive in what he said, gave him little credit. However, such was his importunity that (the King) sent him to Dom Diogo Ortiz, Bishop of Ceuta, and Master Rodrigo and Master Joseph, to whom he explained these matters of cosmography and his discoveries; and they all considered Christopher Columbus' words to be mere empty talk, all founded on vain imaginings and Marco Polo's stories of the island of Cypango...."

É de um interesse extremo notar que D. Diogo Ortiz Bispo de Ceuta, Mestre Rodrigo erudito e medico de D. João II, Mestre José Visinho egualmente medico de D. João (disci-pulo do famoso Zacuto e traductor do seu *Almanach*, e que o Monarcha mandou á Guiné em 1485, verificar as latitudes pela altura do sol), não

It is most important to note that Dom Diogo Ortiz, Bishop of Ceuta, Master Rodrigo, a great scholar and physician to Dom João II, and Master José Visinho, also physician to Dom João, and a pupil of the famous Zacuto and translator of his *Almanach*, who was sent to Guinea by Dom João in 1485 to verify the latitudes by

ligassem importancia ás palavras de Colombo, "por tudo ſer fundádo em jmaginações ꝛ couſas da jlha Cypango de Marco Paulo...." Em 1483, os tres conselheiros do Principe Perfeito con-sideravam, *ou sabiam*, ser impossivel descobrir a via maritima para a India pelo Occidente, e os Portuguezes seguindo a idea, o plano, nave-gavam para o Sul. Não póde haver duvida que Colombo leu e estudou o *Livro de Marco Paulo* e que n'elle colheu as informações sobre Cathay e Cypango. A esse respeito, fornece-nos Yule uma informação preciosa (*Marco Polo*, 3rd ed. revised by H. Cordier, 1926, vol. II, p. 558, *Bibliography of Marco Polo's Book*). Referindo-se á primeira edição latina (1485?), escreve:

"It is interesting to note that Christopher Columbus had a copy of this edition of Marco Polo, now kept in the Colombina at Seville. The margins of the following folios contain the autograph notes of the great navigator...."

Segundo de Ispizua (*ob. cit.* p. 403) entende que as ideas de Colombo sobre Cathay e Cypango pódem ter sido tomadas das cartas nauticas do seu tempo e de epochas anteriores; e accrescenta:

"Lo que sí parece más probable es que la famosa y discutida carta de Toscanelli al canó-nigo portugués Martínez—se duda ya de que hubiese correspondencia epistolar entre el astró-nomo italiano y Colón—está evidentemente in-spirada en la relación de Marco Polo o en la de Conti, viajero que volvió a Italia en el siglo XV."

É isto muito provavel, mas como vimos, não pode haver duvidas que Colombo leu e estudou o proprio *Livro de Marco Paulo.* Escreve ainda Segundo de Ispizua:

"Vivió y murió Colón en la creencia de que había llegado al Asia en sus cuatro expediciones transatlánticas. En 1502, diez años después del descubrimiento del Nuevo Mundo, escribió al Papa exponiéndole que había arribado a las tierras de Ofir y Tarsis, visitadas por los navíos de Salomón."

the sun's altitude, all considered Christopher Columbus' words to be mere empty talk, "all founded on vain imaginings and Marco Polo's stories of the island of Cypango." In 1483 the Perfect Prince's three advisers thought *or knew* that it was impossible to find a maritime way to India by the west, so the Portuguese, following their own plan, went on sailing towards the south. There can be no doubt that Columbus read and studied the *Book of Marco Polo*, and culled his information about Cathay and Cy-pango from it. Yule furnishes some precious information on this point (*Marco Polo*, 3rd ed. revised by H. Cordier, 1926, vol. II, p. 558, *Bibliography of Marco Polo's Book*), when referring to the first Latin edition (1485?) he says:

"It is interesting to note that Christopher Columbus had a copy of this edition of Marco Polo, now kept in the Colombina at Seville. The margins of the following folios contain the autograph notes of the great navigator...."

Segundo de Ispizua (*op. cit.* p. 403) believes that Columbus' ideas about Cathay and Cy-pango may have been taken from the nautical maps of his own and earlier times:

"Lo que sí parece más probable es que la famosa y discutida carta de Toscanelli al canó-nigo portugués Martínez—se duda ya de que hubiese correspondencia epistolar entre el astró-nomo italiano y Colón—está evidentemente in-spirada en la relación de Marco Polo o en la de Conti, viajero que volvió a Italia en el siglo XV."

This is very probable, but, as we have seen, there can be no doubt that Columbus read and studied the *Book of Marco Polo* itself. Segundo de Ispizua says further:

"Vivió y murió Colón en la creencia de que había llegado al Asia en sus cuatro expediciones transatlánticas. En 1502, diez años después del descubrimiento del Nuevo Mundo, escribió al Papa exponiéndole que había arribado a las tierras de Ofir y Tarsis, visitadas por los navíos de Salomón."

E em nota, pergunta com razão: "Qué efecto haría en Roma esta ignorancia de Colón?" Esta carta de Colombo ao Pontifice foi escripta em Fevereiro de 1502, no mesmo mez em que era publicada em Lisboa a versão Portugueza do *Livro de Marco Paulo*, onde lêmos tambem, na "epiſtola" de Valentim Fernandes, referencias ás verdadeiras terras de Ophir! Julgamos ter indicado a influencia do *Livro de Marco Paulo* sobre os descobrimentos no seculo XV, e crêmos não errar muito, dizendo que a narração das viagens do illustre Veneziano serviu de incentivo ao Infante D. Henrique e aos navegadores Portuguezes, no inicio dos descobrimentos, revelando o mysterioso Oriente: é pois uma influencia mais *indirecta*, do que directa. Sobre Colombo e as suas viagens, a influencia parece-nos sem duvida ter sido *directa*, pelas razões que deixamos expostas. Uma differença capital existiu entre as navegações Portuguezas e as de Colombo: os Portuguezes baseavam-se sobre sólidos conhecimentos, sobre a sciencia nautica, sobre as experiencias praticas, sobre os estudos constantes, e methodicamente seguidos: Colombo baseava-se sobre uma theoria errada ácerca do caminho maritimo para a India, apoiando-se nos conhecimentos hypotheticos da sua imaginação. Os Portuguezes *sabiam* que podiam e haviam de chegar á India, seguindo a costa da Africa e dobrando o Cabo das Tormentas: Colombo *julgava*, navegando para o Occidente, encontrar a Asia de Marco Paulo, Cathay e Cypango. Razão tem o celebre Pedro Nunes, ao escrever em 1537, no seu *Tratado em defenſam da carta de marear*:

"Nam ha duuida que as nauegações deſte reyno de cem ãnos a eſta parte: ſam as mayores: mais marauilhoſas: de mais altas ꝛ mais diſcretas conjeyturas: que as de nenhũa outra gente do mundo....Ora manifeſto he que eſtes deſcubrimentos de coſtas: ylhas: ꝛ terras firmes: nam ſe fezeram indo a acertar: mas partiam os noſſos mareantes muy enſinados ꝛ prouidos de eſtormentos ꝛ regras de aſtrologia ꝛ geometria...."

É essa sciencia, principiada com o Infante,

And in a footnote he asks with truth: "Qué efecto haría en Roma esta ignorancia de Colón?" Columbus' letter to the Pontiff was written in 1502, in the same month as the Portuguese version of the *Book of Marco Polo* was published in Lisbon, and in that work we find references to the true lands of Ophir in Valentim Fernandes' "epiſtola"! We consider that we have indicated the influence of the *Book of Marco Polo* on the XVth century discoveries, and we do not think we are far wrong in saying that the story of the famous Venetian's travels, with its information about the mysterious East, acted as an incentive to Dom Henrique and the Portuguese navigators at the beginning of the discoveries: its influence was therefore *indirect* rather than direct. On the other hand, its influence on Columbus and his voyages seems to us to have been most certainly *direct*, for the reasons explained above. The capital difference between the Portuguese and the Columbian navigations was the difference between true knowledge—based on science and practical experience—and hypothetical knowledge—based on imagination and erroneous deductions about the maritime route to India. The Portuguese *knew* that they could and must reach India by following the coast of Africa and doubling the Cabo Tormentoso: Columbus *thought* that by sailing westwards he might find Marco Polo's Asia, Cathay and Cypango. Pedro Nunes was right when, in 1537, he wrote in his *Tratado em defenſam da carta de marear*:

"There is no doubt that the navigations from this country during the last hundred years have been greater, more marvellous, of higher and more judicious conjecture than those from any other nation in the world....Now it is manifest that these discoveries of coasts, islands and continents were not made by chance experiment; but our sailors were very well instructed before they set out, and provided with instruments and astrological and geometrical tables...."

It was this scientific knowledge, inaugurated

augmentada e cultivada pelo Principe Perfeito, que nos leva, no tempo d'El-Rei D. Manuel o Venturoso, á India, ao Oriente de Marco Paulo! Chegamos a 1497, anno da partida de Vasco da Gama. Escutemos o que diz Barros (*Decada* 1ª, Liv. IV, cap. 1º, fls. 40 vº–41) n'estas paginas, certamente das mais bellas e majestosas que o Livio Portuguez escreveu:

"...E ſendo já no anno de quatro centos nouẽta ⁊ ſęte em q̃ a fróta pera eſta viágem eſtaua de todo preſtes, mandou elrey eſtãdo em Montemór o nóuo (Damião de Goes diz 'Eſtremoz,' *Chronica DelRei dom Emanuel*, Parte I, cap. xxiiij, fl. 18) chamar Váſco da Gãma ⁊ aos outros capitães q̃ auiam de jr em ſua companhia: os quáes ęram Paulo da Gãma ſeu jrmão, ⁊ Nicolao Coelho, ambos peſóas de quem elrey confiáua eſte cárgo. E poſto que per algũas vezes lhe tiuęſſe dito ſua tençam acerca deſta viágem, ⁊ diſſo lhe tinha mãdádo fazer ſua jnſtruçam: pola nouidáde da jmpreſa que leuáua, quis vſar com elle da ſolennidáde que conuem a táes caſos, fazendo eſta fála pubrica, a elle ⁊ aos outros capitães, per ante algũas peſóas notauęes que ęram preſentes, ⁊ pera jſſo chamádas. Depois que aprouue a nóſſo ſenhor q̃ eu recebeſſe o cęptro deſta real herãça de Portugal, mediante a ſua gráça, aſſy por auer a bençam de meus auós de quẽ ă eu herdey, os quáes com glorióſos feitos· ⁊ victórias que ouuęram de ſeus jmigos ă tem acreſẽtádo per ajuda de tã leáes vaſſallos ⁊ caualleiros como foram aquelles donde vos vindes, como por cauſa de agalardóar a natural lealdáde ⁊ amor cóm que todos me ſeruis: a mais principal couſa que trago na memória depois do cuidádo de vos reger gouęrnár em páz ⁊ juſtiça: ę como poderey acreſcentar o património deſte meu reino, pera q̃ mais liberálmente póſſa diſtribuir per cada hũ o galardam de ſeus ſeruiços. E conſirando eu per muytas vezes qual ſeria a mais proueitóſa ⁊ honráda jmpreſa ⁊ digna de mayór glória que podia tomar pera cõſeguir eſta minha

by the Infante, and amplified and perfected by Dom João II, that bore us to India, to Marco Polo's Eastern lands in the time of Dom Manuel the Fortunate! We now come to 1497, the year when Vasco da Gama set out. We will leave the description of the great sea captain's final audience of his Sovereign to Barros (*Decada* I, Book IV, chap. I, fls. 40 vo.–41), whose account of it is one of the most noble and beautiful passages ever written by the Portuguese Livy:

"...And as it was already the year of four hundred and ninety-seven, when the fleet for this voyage was completely ready, the King, being in Montemór o nóvo (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, Part I, chap. xxiiij, fl. 18, says 'Eſtremoz'), sent for Vasco da Gama and the other captains who were to go in his company: who were Paulo da Gama, his brother, and Nicolao Coelho, both of them persons to whom the King entrusted this charge. And though he (Dom Manuel) had already explained his purpose in this voyage several times, and had ordered his instructions to be prepared from this (explanation); yet from the novelty of the undertaking, he desired to surround it with the solemnity fitting in such cases, by making this public speech to him and to the other captains, before some notable persons who were present, having been called together for this: 'After it had pleased Our Lord that by His grace I should receive the sceptre of this royal heritage of Portugal—in order to earn the blessing of the ancestors from whom I inherited it, and who have increased it with glorious deeds and by the victories they gained over their enemies, with the help of such loyal vassals and knights as were those from whom you are descended; and in order to reward the natural loyalty and love with which you all serve me—the chief thing I have borne in mind, besides the business of ruling over you and governing you in peace and justice, has been how I could increase the patrimony of this my kingdom, so that I might distribute to each a more liberal reward for his services. And having many times considered which would be the most profitable, honourable and praiseworthy enterprise I could undertake to attain this

teuçam (sic), pois louuádo deos deſtas pártes da Európa em ăs de Africa a podęr de fęrro temos lançado os mouros, ꝛ lá tomando os principáes lugáres dos pórtos do reyno de Fęz q̃ ę da nóſſa cõquiſta: achey q̃ nenhũa outra ę mais conueniẽte a eſte meu reyno (como algũas vezes cõ voſco tenho cõſultádo) q̃ o deſcobrimẽto da India ꝛ daq̃llas tęrras oriẽtáes. Em as quáes pártes, peró q̃ ſejam muy remótas da jgreja Romana, eſpęro na piedáde de deos q̃ nam ſómẽte a fę de nóſſo ſenhor Ieſu Chriſto ſeu filho ſeja per nóſſa adminiſtraçam pubricáda ꝛ recebida, cõ que ganharemos galardam antelle, fama ꝛ louuor acerca dos hómeẽs: mas ainda reynos ꝛ nóuos eſtádos com muytas riquezas vendicádas per ármas das mãos dos bárbaros, dos quáes meus auós com ajuda ꝛ ſeruiço dos vóſſos ꝛ vóſſo, tem cõquiſtádo eſte meu reyno de Portugal, ꝛ acreſcẽtádo a coróa delle. Porq̃ ſe da cóſta da Ethiopia, q̃ quáſy de caminho ę deſcubęrta, eſte meu reyno tem adquerido nóuos titulos nóuos proueitos ꝛ renda: que ſe póde eſperar jndo mais adiante com eſte deſcobrimento, ſe nam podermos conſeguir aq̃llas oriẽtáes riquezas tam çelebrádas dos antigos eſcriptores, párte das quáes per cõmęrcio tem feito tamanhas potencias como ſam, Veneza, Gęnoa, Florença ꝛ outras muy grandes cõmunidádes de Italia. Aſſi que conſiderádas todas eſtas couſas de que temos experiencia, ꝛ tambẽ como ęra jngratidam a deos engeitar o que nos tam fauorauelmẽte offereçę, ꝛ jnjuria áquelles principes de louuáda memória de quem eu herdey eſte deſcobrimento, ꝛ offenſa a vos outros que niſſo foſtes, deſcuidárme eu delle per muyto tẽpo: mãdey armar quátro vęlas (que como ſabes) em Lixboa eſtam de todo pręſtes pera ſeguir eſta viágem de bóa eſperança. E tendo eu na memória como Váſco da Gámma que eſtá preſente, em todalas couſas que lhe de meu ſeruiço fóram entregues ꝛ encomendádas, deu boa conta de ſy: eu ŏ tenho eſcolhido pera eſta jda como leal vaſallo ꝛ eſſorçado caualleiro, merecedor de tam honráda jmpreſa. A qual eſpęro que lhe nóſſo ſenhor leixará acabar, ꝛ nella

my purpose, I decided that since, God be praised, we have ousted the Moors from these parts of Europe and Africa at the point of the sword, capturing the principal ports of the kingdom of Fez, which is ours by conquest, there was no other enterprise more convenient to this my kingdom (as I have several times discussed with you) than the discovery of India and those Oriental lands. In which parts, remote though they are from the Roman Church, I hope in God's mercy that not only will the faith of Our Lord Jesus Christ His Son be published and received through our administration, whereby we shall gain a reward in His sight, and fame and praise among men; but also that by force of arms we shall win kingdoms and new states with many riches from the hands of the barbarians, from whom my ancestors, with help and service from you and yours, conquered this my kingdom of Portugal and added to its crown. For if this my kingdom has acquired new titles, new profits and revenue from the coast of Ethiopia, which was discovered almost by the way: what may we expect if we follow up this discovery, if not to obtain those Oriental riches celebrated by the ancient writers, commerce in part of which has raised up such powers as Venice, Genoa, Florence and other very great communities in Italy? So considering all those things of which we have experience, and also that it would be ingratitude to God to reject that which He offers us so propitiously, and an affront to those princes of praiseworthy memory, from whom we inherited this discovery, and an offence to you who took part in it, if I neglected it for long—I caused four ships to be equipped which (as you know) are in Lisbon ready to set out on this voyage of good hope. And as I remembered that Vasco da Gama, who is present here, gave a good account of himself in all the affairs that were committed and entrusted to him in my service: I have chosen him for this expedition as a loyal vassal and valiant knight, well deserving to command such an honourable enterprise, which I hope Our Lord will allow him to finish; and I hope that in it he will do such service to Him and to me that his reward will never be forgotten by him and by those who help him in the labours

a elle ꝛ a mim faça táes feruiços com que o feu galardam fique por memória nelle ꝛ naquelles que ŏ ajudárem nos trabálhos defta viágem: porq̃ com efta cõfiãça pela experiẽcia q̃ tenho de todos, eu ŏs efcolhy por feus adjudadores pera em todo o q̃ tocar a meu feruiço lhe obedecerẽ. E eu Váſco da Gãma vollŏs encomẽdo, ꝛ a elles a vós, ꝛ juntamẽte a todos a páz ꝛ cõcordia: a qual ę tã poderóſa q̃ vence ꝛ páſſa todolos perigos ꝛ trabálhos ꝛ ŏs mayóres da vida faz lęues de fofrer, quãto mais ŏs defte caminho q̃ efpęro em deos ferẽ menóres q̃ ŏs paſſádos, ꝛ q̃ per vós efte meu reyno cõfiga o fructo delles. Acabãdo elrey de propor eftas paláuras, Váſco da Gãma ꝛ todalas notáues peſóas lhe beijarã a mão: aſſy pola merce q̃ fazia aelle como ao reyno, em mãdar a efte defcobrimẽto cõtinuádo per tãtos annos, q̃ já ęra feito hęrãça delle. Tornáda a cáſa ao filẽcio q̃ tinha ante defte aucto de gratificaçã, aſſentoufe Váſco da Gãma em giolhos ante elrey, ꝛ foy trazida hũa bãdeira de feda cõ hũa cruz no meyo das da órdẽ da caualaria de Chrifto, de q̃ elrey ęra gouernador ꝛ perpetuo adminiftrador: a qual eftendẽdo o efcriuã da puridáde entre os bráços em módo de menagem, diſſe Váſco da Gãma em alta vóz eftas paláuras: Eu Váſco da Gãma q̃ óra per mãdado de vós muy alto ꝛ muyto poderóſo rey meu fenhor, vou defcobrir os máres ꝛ tęrras do oriẽte da India, juro em o final defta cruz em q̃ ponho as mãos, q̃ por feruiço de deos ꝛ voſſo, eu ă ponha afteáda ꝛ nã dobráda, ante a vifta de mouros, gẽtios, ꝛ de todo gęnero de pouo onde eu for: ꝛ q̃ per todolos perigos de águoa, fógo, ꝛ fęrro, fempre ă guarde ꝛ defenda atę mórte. E aſſy juro q̃ na execuçã ꝛ óbra defte defcobrimẽto q̃ vós meu rey ꝛ fenhor me mãdáes fazer: cõ toda fę, lealdáde, vigia, ꝛ diligẽcia eu vos firua guardãdo ꝛ cõprindo vóſſos regimẽtos q̃ pera jſſo me forẽ dádos, atę tornar onde óra eftou ante a prefença de vóſſa real alteza, mediãte a graça de deos em cujo feruiço me enuiáes. Feita efta menágem, foy lhe entregue a mefma bandeira, ꝛ hũ regimẽto em q̃ fe cõtinha o q̃ auia de fazer na viágem, ꝛ algũas cártas pera os principes ꝛ reyes

of this voyage; because with the confidence inspired by the knowledge I have of them all, I chose them to be his helpers to obey him in everything touching my service. And I commend you, Vasco da Gama, to them, and them to you, and to all of you jointly I commend peace and concord, which is so powerful that it conquers and overcomes all perils and toils, and makes the greatest in life easy to bear, and how much more will it lighten the troubles of this voyage which I hope in God will be less than in past ones, and that through you this my kingdom will obtain the fruit of them.' When the King had finished speaking these words, Vasco da Gama and all the notable people kissed his hand, for the favour he did both to him and to the kingdom in sending him on this discovery, which had been continued for so many years and had already become his (Dom Manuel's) heritage. When the house was once again silent as it had been before this act of recognition, Vasco da Gama knelt before the King, and a silk banner was brought, bearing in the centre the cross of the Order of chivalry of Christ, of which the King was governor and perpetual administrator, which (banner) the King's *escrivam da puridade* (private secretary) extended in his arms as a symbol of faith and homage, while Vasco da Gama pronounced these words in a loud voice: 'I, Vasco da Gama, who by your command, O most high and powerful King, my lord, am now going to discover the seas and lands of the east of India, swear by the sign of this cross on which I lay my hands, that in God's and your service, I will keep it displayed and not folded in view of the Moors, Gentiles and every kind of people wheresoever I may be, and that through all perils by water, fire and steel, I will always guard and defend it until death. And I likewise swear that in the work of carrying out this discovery that you, my King and lord, command me to make, I will serve you with faith, loyalty, watchfulness and diligence, and will observe and fulfil all the directions you have given me in this, until, by the grace of God, in Whose service you send me, I return to where I now am, in the presence of your Royal Highness.' The oath of allegiance made, the same banner

aque própriamẽte ȩra enuiádo: aſſy como ao Prȩſte Ioã das Indias, tã nomeádo neſte reino ⁊ a elrey de Calecut, cõ as mais jnformações ⁊ auiſos q̃ elrey dõ Ioã tinha auido daquellas pártes ſegũdo já diſſȩmos: recebidas as quáes couſas elrey ŏ eſpedio, ⁊ elle ſe veo a Lixbóa com os outros capitães."

Depois de ter com os seus capitães orado na ermida de Nossa Senhora do Restello em Belem, ermida fundada pelo Infante D. Henrique, parte Vasco da Gama. Essa immortal epopea está narrada, e mais do que isso, cantada por Camões!

Uma questão tem aqui um interesse especial, que liga inda mais a edição de Valentim Fernandes á viagem de Vasco da Gama. A gravura da nau na primeira folha do *Liuro de Marco paulo*, que reproduzimos, é a mesma de que Fernandes se servira, em 1496, na *Estoria de Vespesiano*. Henrique Lopes de Mendonça (*Estudos sobre navios portuguezes nos seculos* XV *e* XVI, p. 7) escreve a esse respeito:

"O apparelho das naus era redondo nos mastros grande e do traquete, com mezena triangular. Era este o typo mais vulgar das naus durante os dois seculos que estudo...outra modificação feita mais tarde no apparelho, é a introducção accidental de um mastro de contramezena, cuja vela vinha caçar no botoló. Encontra-se frequentemente esta disposição nos galeões do seculo XVI, mas já nos fins do precedente ella se usava, como se patenteia na preciosa estampa...da *Estoria do muy nobre Vespesiano emperador de roma*, impressa em 1496 por Valentim de Moravia. Esta estampa é tanto mais interessante, quanto, em consequencia da epocha em que foi impressa, deve ser o exemplar que mais se approxima do typo geral das naus de Vasco da Gama, que de Lisboa partiram no anno seguinte."

Seis annos depois, Valentim Fernandes serve-se novamente, e com razão, no *Liuro de Marco paulo* da gravura da nau, o que realça ainda o valor d'este livro.

was given into his care, with some instructions setting forth what he had to do on the voyage, some letters to the princes and kings to whom he was properly sent, as, for instance, to Prester John of the Indias, who is so famous in this kingdom, and to the King of Calecut, and with the further information and advices that King Dom João had had from those parts, as we have already said: when he had received these things, the King dismissed him, and he went to Lisbon with the other captains."

After having been with his captains to pray in the little church of Nossa Senhora do Restello at Belem, a church founded by the Infante Dom Henrique, Vasco da Gama set out on his epic voyage which has been sung by Camões.

One point has a special interest here, for it connects Valentim Fernandes' edition even more closely with Vasco da Gama's achievement. The woodcut of a ship on the title-page of the *Liuro de Marco paulo* (which we reproduce) is the same as Fernandes used in 1496, in the *Estoria de Vespesiano*. Henrique Lopes de Mendonça (*Estudos sobre navios portuguezes nos seculos* XV e XVI, p. 7) describes the type of ships used by the Portuguese at the end of the XVth and beginning of the XVIth centuries, and gives details about the disposition of masts, sails and rigging, adding:

"This disposition is most frequently found in the XVIth century galleons, but it was already in use at the end of the preceding one (century), as is manifest from the precious woodcut...in the *Estoria do muy nobre Vespesiano emperador de roma*, printed in 1496 by Valentim de Moravia. This woodcut is all the more interesting as, by reason of the time when it was printed, it must be the example that most approximates to the general type of Vasco da Gama's ships, which set out from Lisbon in the following year."

Six years afterwards Fernandes makes use of the woodcut once again, and with good reason, in the *Liuro de Marco paulo*, adding greatly to the book's interest.

Os descobrimentos continuam no Oriente e chegamos ao anno de 1502. A 10 de Janeiro (tres semanas antes da publicação do *Marco paulo*), El-Rei D. Manuel dirige a Vasco da Gama a carta de mercês em premio dos seus serviços, e pela qual o nomeia Almirante da India. Por todos os motivos esse documento é extremamente importante, sobretudo para mais uma vez demonstrar a continuidade da idea do Infante D. Henrique, e do plano por elle iniciado.

"Dom Manuel etc., A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que, seendo pello Yfante Dom Amrrique meu tyo começado o descubrimento da terra de Gujnee na era de mil e quatroçentos e trynta e tres, com entençom e desejo de pella costa da dicta terra de Guynee se aver de descobrir e achar a Ymdya, a qual atee os tempos d agora nunca per elle foy sabida, nom soomente com proposito de a estes regnnos se seguyr grande fama e proveyto das muytas ryquezas que nella ha, as quaaes sempre pellos mouros forom pessuydas, mais por que a fee de nosso Senhor por mais partes fosse espalhada e seu nome conheçido; e depoys El Rey Dom Afonso meu tyo, e El Rey Dom Joham meu primo, querendo com hos meesmos desejos proseguir a dicta obra, com asaz mortes e despesas em seu tempo ate o ryo do Infante foi descuberto no anno de quatroçentos e oytenta e dous, que sam mil e oytoçentas e oytenta e çinquo legoas d onde primeiro se começou a descobrir; e nos com ho mesmo desejo, querendo comseguir a obra que ho dicto Jnfante e Rex nossos anteçessores tynham começada, confiando que Vaasco da Gama, fidalgo da nossa casa, era tal que por o que cumpre a nosso serviço, e em comprimento de nosso mandado pospoeria todo perigo de sua pessoa e arryscamento de sua vida, o emviamos com nossa armada por capitam moor d ella, emviando com elle Paulo da Gama seu irmaão, e Nicolaao Coelho, yso mesmo fidalgo de nossa casa, a buscar a dicta India. Na qual viagem nos elle asy servio, que honde en tantos annos que avia que o dicto descobrimento era começado e a elle muytos capitaães emviados, e se descobriram as dictas mil e oytoçentas e oytenta e

The discoveries in the East went on, until we reach the year 1502. On January 10th (three weeks before the publication of the *Marco paulo*) King Manuel addressed a letter of privileges to Vasco da Gama, appointing him Admiral of India in reward for his service. This document is most important from every point of view, and especially as it gives fresh proof of the continuity of the plan conceived by Prince Henry the Navigator.

"We Dom Manuel, etc., make known to as many as shall see this our letter, that as our uncle the Infante Dom Amrrique began the discovery of the land of Guinea in the year one thousand four hundred and thirty-three, with the intention and desire that India, which was never found by him and not (found) until the present time, should be discovered and found by following the said coast of Guinea, purposing not only that great fame and profit for this country should result from the many riches there, which have always been in the possession of the Moors, but also that the faith of Our Lord should be more widely disseminated and His name known; and as our uncle King Dom Affonso V and our cousin King Dom João for similar reasons afterwards carried on the said work in their time, with considerable loss of life and expenditure, until the Infante's river was discovered in the year four hundred and eighty-two, which is one thousand eight hundred and eighty-five leagues from the place where the discoveries were first begun, and as we with the same desire wished to complete the work which the said Infante and Kings our ancestors had begun, and were confident that Vasco da Gama, a noble of our household, was one who would put the accomplishment of our service and the fulfilment of our command before his own personal peril and the risk of his life, we sent him as commander of our armada, sending with him Paulo da Gama, his brother, and Nicolao Coelho, a noble of our household, in search of the said India. In which voyage he served us so well that whereas in the many years since the said discovery had been started, many captains having been sent out on it, the said one thousand, eight hundred and

çinco legoas, e elle nesta soo viagem descobrio mil e quinhentas e cincoenta leguoas...e em fim de seu descobrimento achou e descobrio a Jndia, que por todolos escriptores que no mundo escrepveram sobre todalas provinçias d ele esta de rica poseram, a qual todolos emperadores e grandes rex que no mundo forom sobre todas esta desejaram, sobre a qual tantas despesas d este regnno forom fectos, e nom menos mortes de capitaaes e outras gentes, e nom soomente de todolos rex desejadas de pesuyr mays de se ver; o qual descobrimento e obra de tantos tempos começada elle acabou nam com menos, mas com mays mortes de homens, despesas, e perigos de sua pessoa, do que pellos outros foy começada e conthynuada, morrendo na dicta viagem Paulo da Gama seu irmaão, e asy ametade da gente que en toda a dicta armada emviamos, passando nella muytos perigos, asy pella viagem seer muy longa, que pasou de dous annos, como tambem por nos fazer mays verdadeyra emformaçam da terra e cousas d ella: e vendo nós o muyto serviço que a nos e a nossos regnnos na dicta viagem e descobrimento ffez e grande proveyto, que nom soomente a elles dictos nossos regnos, mais a toda a christamdade se pode seguir, e danificamento que aos imffiees se espera, por atee o tempo d agora teerem o logramento da dicta Imdia, e mais principalmente pello muyto serviço que a nosso Senhor esperamos que se sygua, por todalas gentes da dicta India parecer que ligeiramente se poderam trazer a verdadeiro conheçimento de sua sancta fee, polo muito que ja d ella teem alguuns d elles serem e estarem nella inteiramente conffirmados; e querendo lhe em alguũa parte agalardoar o muyto que n ysto nos tem servido, como todo prinçipe deve fazer a aquelles que asy grandemente e bem o servem, e por lhe fazermos graça e mercee de nosso proprio moto, livre vontade, certa sciençia, poder real e absoluto...ho fazemos almyrante da dicta India, con todalas honrras, priminençias, liberdades, poder, jurdiçam, rendas, foros e dereytos, que com o dicto almyrantado per dereyto deve aver..." (*Alguns Documentos*, pp. 127 *e seg.*).

Em 1502, D. Manuel reconhece os serviços de Vasco da Gama, nomeando Almirante da India

eighty-five leagues had been discovered, he discovered one thousand, five hundred and fifty leagues in this one voyage alone...and at the end of his discovery he found and discovered India, which all the writers who have written about the world have ranked as the richest of all the provinces in it, which all the emperors and great kings of the world have desired above all other lands, for which this kingdom has spent so much money, and so many captains and other persons have died, and which all the kings have desired not only to possess, but also to see; which discovery and work begun so long since, he completed, not with less, but with more loss of life, greater cost and more personal risk, than were borne by those who began and continued it, for in the said voyage Paulo da Gama, his brother, died, and likewise half the people we sent in the whole of the said armada, both because the voyage was very long, occupying more than two years, and because they brought us more authentic information about the land and its nature: and as we realise the great service he has done us and our kingdoms in the said voyage and discovery, and the great profit that may ensue, not only to our said kingdoms, but to the whole of Christendom, and the ruin which it is hoped may overtake the infidels who have hitherto enjoyed the fruits of the said India, and above all the great service to Our Lord which we hope will ensue, since it appears that all the inhabitants of the said India may easily be brought to the true knowledge of His holy faith, inasmuch as there are already some of them from there who are fully confirmed in it; and as we desired to reward him in some measure for the great service he has done us in this—as every prince ought to do to those who serve him so greatly and so well—and to give him grace and privilege of our own desire, free will, certain knowledge and royal and absolute power...we make him Admiral of the said India, with all the honours, precedence, exemptions, power, jurisdiction, revenues, privileges and rights, that accompany the said admiralship by right..." (*Alguns Documentos*, pp. 127 *et seq.*).

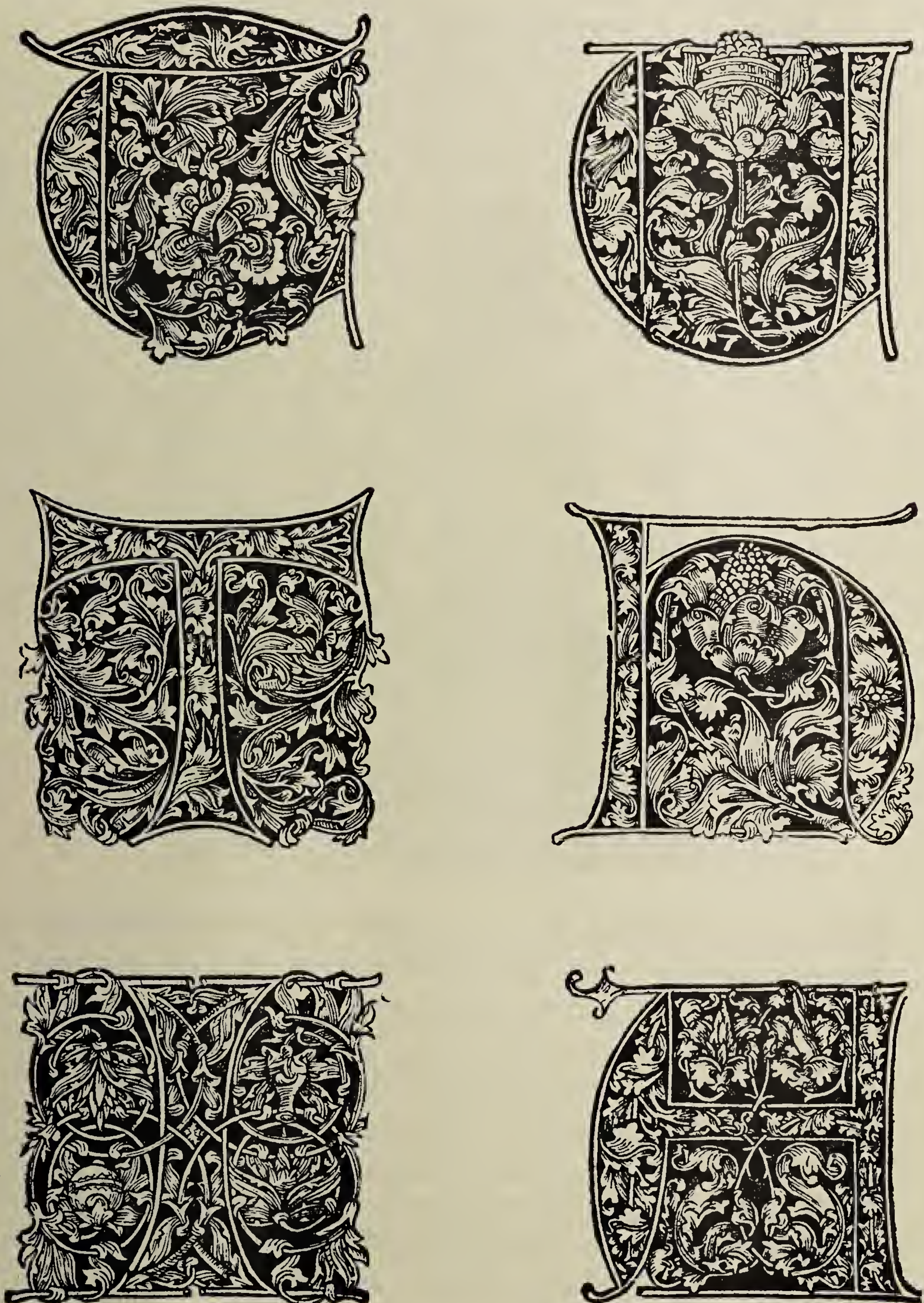
In the year 1502 Dom Manuel appoints Vasco da Gama Admiral of India, in recogni-



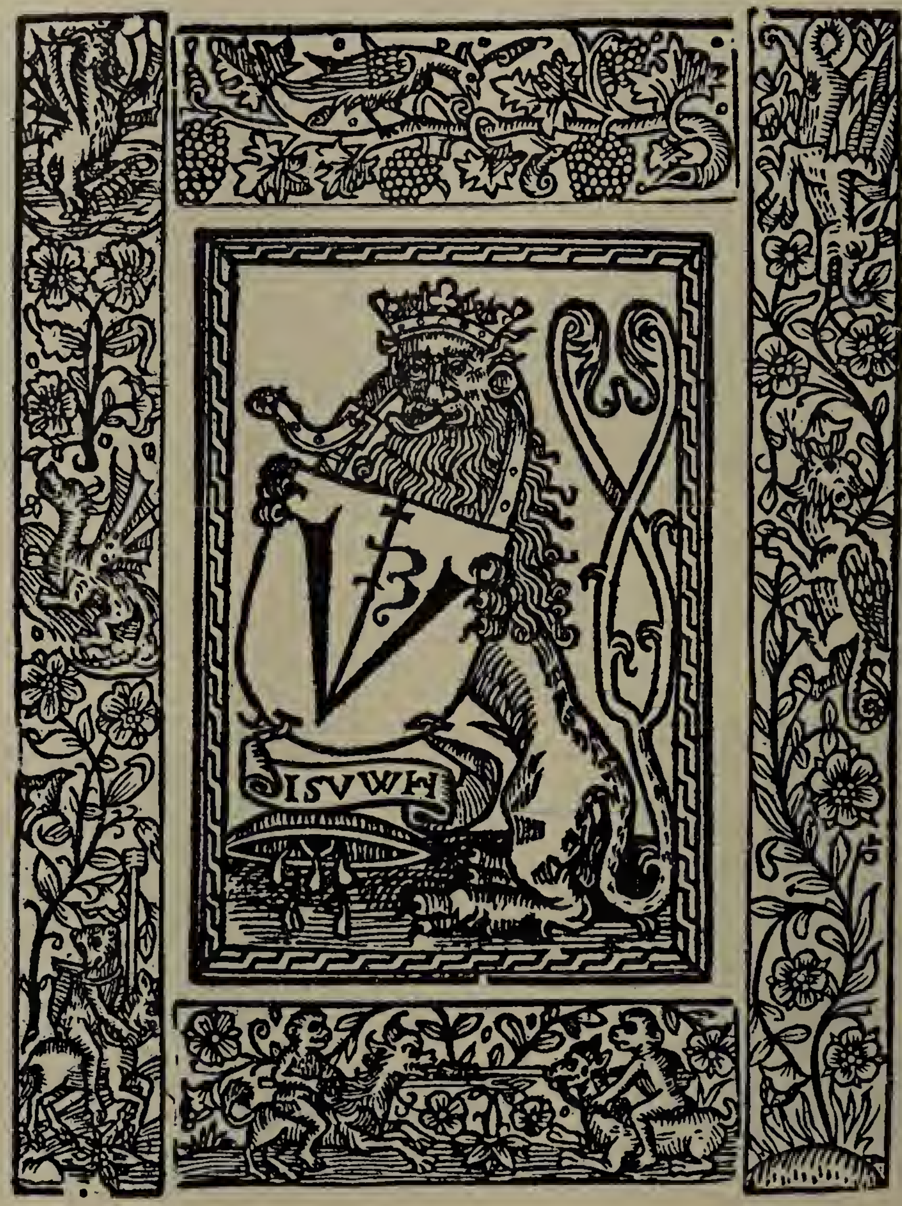
¶ Começase ho Liuro Primeiro de Marco paulo
de Veneza das condiçoões ⁊ custumes das gẽtes
⁊ das terras ⁊ prouincias orientaes. E primeyra
mente de como ⁊ em que maneyra Dom Marco-
paulo de Veneza ⁊ Dom Maffeo seu jrmaão se pas
sarom aas partes do oriente. Capitollo. primeiro.

NO tempo que Balduino Rey
gunernaua ho Emperio ꝺ Cõ
stantinopoli. E esto foy no An
no da encarnaçam de nosso sen
hor Jhesu christo de Mill ⁊ du
zẽtos ⁊ çinquoẽta annos. dous
nobres honrrados ⁊ prudẽtes
jrmaãos. çidadaãos ⁊ morado
res da muy nobre çidade ꝺ Ve
neza. poẽdo por seu acordo no porto da dita çidade de Ve-

30 Primeira pagina do *Marco paulo*. First page of the *Marco paulo*. Lisboa, 1502



31 Lettras capitaes do *Marco paulo*
Initials from the *Marco paulo*
Lisboa, 1502



¶ Acabaſe ho liuro de Marco paulo. cõ ho liuro de Nicolao veneto ou veneziano. ⁊ aſſi meſmo ho trallado de hũa carta de huũ genoues mercadoꝛ. que todos eſcreuerõ das Indias. a ſeruiço de d̃s. ⁊ auiſamẽto daquelles q̃ agoꝛa vam pera as ditas Indias Aos quaes rogo ⁊ peço humilmente q̃ benignamẽte queirã emẽdar ⁊ coꝛreger ho que menos acharẽ no eſcreuer. ſ. nos vocabulꝰ das pꝛouinçias. regnos. çidades. ylhas. ⁊ outras couſas muytas ⁊ nõ menos em a diſtãcia das legoas de hũa terra ꝑa outra. Impꝛimido per Valentym fernãdez alemaão. Em a muy nobꝛe çidade Lyxboa. Era de Mil ⁊ quinhentos ⁊ dous annos. Aos. quatro dias do mes de Feureyro.

32 Marca de Valentim Fernandes e colophon do *Marco paulo*
Device of Valentim Fernandes and colophon of the *Marco paulo*
Lisboa, 1502

o immortal Portuguez que, descobrindo a via maritima para o Oriente, resolvera o problema cuja solução se estudava desde Sagres. A epopea fabulosa de Portugal, cheia de Fé, de coragem, de sciencia e de perseverança, levou-nos atravez dos mares tenebrosos ás terras descriptas por Marco Paulo, cuja narração foi publicada em linguagem n'este anno de 1502. Depois da sua carta a Vasco da Gama, demonstração tão clara da continuidade dos descobrimentos e do esforço constante da nação perante todos os perigos, D. Manuel o Venturoso, inspirado pelo triumpho da Patria e evocando a memoria gloriosa d'aquelles que tinham dado a vida pela obra genial, podia na verdade exclamar com orgulho:

"E julgareis qual he mais excelente,
Se ſer do mundo Rei, ſe de tal gente."

(*Lusiadas*, canto 1°, est. 10, 1ª ed. 1572.)

tion of the achievement of this immortal Portuguese, who, by finding the maritime route to the Orient, had reaped the reward of our long years of patient research and endeavour, and solved the problem set by Dom Henrique at Sagres. The epopee of Portugal is the history of the Faith, courage, knowledge, and steadfast resolution that bore us over the perilous seas to the lands described by Marco Polo. In this year of 1502, after his letter to Vasco da Gama, which demonstrates so clearly the continuity of the discoveries, and the nation's perseverance in the face of perils and loss of life, Dom Manuel, inspired by the present and invoking the spirits of the glorious dead, might well exclaim with pride:

"So shalt thou judge which were the higher station,
King of the world or Lord of such a nation!"

(*The Lusiads*, Canto I, st. 10, Burton's translation.)

Fol. j.

[D]Om Manuel per graça de deos Rey de Portugal ⁊ dos algarues daaquē ⁊ daalem mar em Africa E senhor de Guinee ⁊ da conquista ⁊ nauegaçam ⁊ comerçio de Ethyopia Arabia ⁊ Persia ⁊ da India. A vos juizes: vereadores: procurador. ⁊ homeēs boōs. saude. Sabede que cōsijrando nos como he neçessario aos offiçiaes que nas çidades villas ⁊ lugares de nossos regnos sam enlegidos pera gouernāça do pouoo ⁊ moradores dellas saberem o q̄ a seus offiçios ptēeçe Ordenamos de mādar a todallas çidades villas ⁊ lugares dos dictos nossos regnos o regimento dos offiçiaaes que nellas som postos ⁊ ordenados. E por nō allegarem ignorāçia do q̄ a cada huū perteençe saber ⁊ fazer em seu officio. Mādamos aos scriuāes das camaras das ditas çidades villas ⁊ lugares que cada mes huūa vez na entrada do mes leam ⁊ publiquē aos ditos offiçiaaes os regimētos de seus offiçios os quaaes regimentos sam os seguintes. E esto so aquella pena q̄ ao diante no regimento do escriuam da camara sera declarada

¶ Titulo dos juyzes ordenairos ⁊ cousas que ha seus offycios perteençe.

a

33 Pagina do *Regimēto dos ofiçiaaes das çidades*
Page of the *Regimēto dos ofiçiaaes das çidades*
Lisboa, 1504

9 REGIMẼTO DOS OFIÇIAAES DAS ÇIDADES VILLAS Z LU- GARES DESTES REGNOS.

Lisboa, Valentim Fernandes, 1504.

Regimẽto | dos ofiçiaaes das çidades villas z lugares destes Regnos. zc. Cõ pre | uilegio del Rey nosso senhor.

O titulo é copiado do Catalogo Palha por faltar a este exemplar a folha de rosto[1].

[fl. 2–16]

Taboada[2].

fl. j. DOm Manuel per graça de deos Rey | de Portugual [...]

Começa o texto[3].

fl. xcv (aliás xcvj) [...] Com auctoridade z preuilegio del Rey noſſo ſen- | hor forom [sic] acabados de empremir os preſentes regi- | mentos de juſtiças em a muy nobre z ſempre leal çida | de de Lyxboõa per Valentym fernandez. Aos .xxix. | dias do mes de março. Era de mill z quinhentos z | quatro annos.

Assignatura autographa[4]:

S. Rtos Legũ Doctor.

4º.—[16] xcv (aliás xcvj) folhas—27 linhas—caractéres gothicos.

Numeração dos cadernos: A–B, 8 folhas cada caderno; a–m, 8 folhas cada caderno; total de 112 folhas; as folhas g 2 e i 2 não teem assigna- turas.

Com a sua encadernação original em madeira e couro.

4to.—[16] xcv (alias xcvj) leaves—27 lines—Gothic letter.

Collation by signatures: A–B, each 8 leaves; a–m, each 8 leaves; total 112 leaves; leaves g 2 and i 2 have no signature marks.

In the original binding of wood and leather.

Este *Regimento* faz parte das leis de El-Rei D. Manuel, impressas no seu tempo e por sua ordem. É um livro rarissimo, do qual, segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 553), apenas um exemplar, o da bibliotheca Palha, é conhecido (Catalogo, nº 269), pouco tendo sido escripto a respeito d'esta obra. Publicado em 1504, foi o primeiro livro das leis Manuelinas; de cuja collecção fazem parte as

The *Regimẽto dos ofiçiaaes das çidades villas z lugares destes Regnos* is a very rare volume, of which only the copy mentioned in the Palha Catalogue (no. 269) was known to Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 553), and about it very little has been written. It is precious as being the first of the series of legislative works that King Manuel ordered to be printed, and its publica-

[1] *The title is taken from the Palha Catalogue, because in the present copy the title-page is missing.*

[2] *Index.*

[3] *Beginning of the text.*

[4] *Autograph signature.*

Dos

ras ⁊ os almocreues q̃ ajam de seruir ao conçelho. re-
queirã aos vereadores q̃ lhos deem. E assi os requei
raın q̃ dem jurados quãdo virem q̃ os hy nõ ha. ou q̃
ham recado q̃ se a terra dana por mingoa de guarda.

Item. Proueerã ⁊ andarã pll'a çidade ou villa em tal
guisa q̃ se nõ façã em ella esterq̃iras. nem lançẽ arre
dor do muro esterco nẽ outro lixo. nem se atupã os
canos da çidade ou villa nẽ a seruidoõ das agoas.

Item. Cada mes farã alimpar a çidade a cada huũ
ante as portas das ruas dᵒ estercos ⁊ maaos chey
ros. E farã em cada freguesia tirar cada mes hũa
esterqueira ⁊ lançar o sterco fora nos lugares onde se
ha de lançar. E hos almotaçees q̃ nõ fizerem tirar as
esterqueiras no seu mes como he ordenado. paguem
ambos quinhentos reaaes pera o conçelho.

Item Nõ cõsentirã q̃ lançẽ bestas nẽ caães nẽ outras
cousas çujas ⁊ fedorẽtas na çidade ou villa. ⁊ os q̃
os lãçarẽ façã lhas tirar. poẽdolhes penas se as nõ
tirarẽ. E cõtra os negrigẽtes dallas logo aa execuçã.

Item. Mandarã apgoar cada huũ mes q̃ alimpẽ ca
da huũ suas testadas de suas vinhas ⁊ herdades
so çerta pena. E os q̃ as nõ alimparẽ se os rendeirᵒ
nõ tirarẽ façãnas recadar ⁊ poer sobre o pcurador.

Item Faram as audiẽçias no dia q̃ he custume de se
fazer. E em a audiẽçia derradeira ó seu mes faram

34 Pagina do *Regimẽto dos ofiçiaaes das çidades*
Page of the *Regimẽto dos ofiçiaaes das çidades*
Lisboa, 1504

almotaçees Fol. xvij.

ante dar huũ pregã.que todos os que tem feitas coi-
mas ⁊ nõ som liurados que vaã liurar seus penhores.
⁊ feitos em aq̃lle dia. E os q̃ la nõ forẽ aa sua reuellia
julgem as coimas ⁊ dem liuramento a todo.

Item. Todos os feitos liurarã bem ⁊ direitamente
⁊ cõ breuidade sem proçesos ⁊ grãdes scripturas ⁊
de qualq̃r liuramẽto q̃ derẽ se a parte appellar ou
agrauar. elles lhe dem appellaçã ou agrauo pa os juy
zes fazendolhe rollaçã do feito per pallaura. E loguo
hy seja per elles vista a apellaçã ⁊ agrauo ⁊ julgado se
gũdo entenderẽ p direito nos feitos q̃ nõ chegarẽ atee
cõtia de q̃nhent⁹ ⁊ q̃rẽta reaaes. E como cheguar a
dita cõtia ⁊ de hy pa çima desẽbarguẽ os juizes esses
agrau⁹ ⁊ appellaçoões cõ os vereadores na camara

Item. Se os almotaçees forẽ negrigentes ⁊ nõ fize-
rem compir as cousas suso ditas ⁊ cada hũa dllas
por cada hũa vez paguẽ as coimas ⁊ penas q̃ paga
riã os q̃ ham de fazer as ditas cousas ⁊ as nõ fazem.
E os juyzes costrangãnos pllos beẽs ⁊ pllos corpos
quãdo ⁊ cada vez q̃ virẽ q̃ cõprir. E se os juizes a ello
nõ tornarem paguẽnas elles ⁊ o scriuã dalmotaçaria
screua todo ⁊ o dee ao scriuã da camara q̃ as screua so
bre o procurador sob as penas suso ditas.

Item. No feito dalmotaçaria os carniçeiros ⁊ paa-
deiras de spoys que se obrigarẽ ao conçelho pa fa-

c

35 Pagina do *Regimēto dos ofiçiaaes das çidades*
Page of the *Regimēto dos ofiçiaaes das çidades*
Lisboa, 1504

Ordenações impressas por Valentim Fernandes e João Pedro Bonhomini de Cremona em 1512, 1513, e 1514; os *Artigos das Sisas*, por Hermão de Campos em 1512; o *Regimento dos Contadores das Comarcas*, por João Pedro Bonhomini de Cremona em 1514; os *Regimentos e Ordenações da Fazenda*, por Hermão de Campos em 1516; as *Ordenações da India* em 1520, e finalmente, como adeante veremos, a nova edição das *Ordenações*, em 1521, impressa por Jacob Cronberger.

N'um alvará d'El-Rei D. Manuel com data de 22 de Fevereiro de 1503, concedeu o Soberano a Valentim Fernandes o privilegio da impressão dos livros dos *Regimentos*, pois diz:

"Nos el Rey per eſte noſo Alvará nos praz, pello trabalho que vallentym fernandez tem leuado na empreſam dos liuros dos Regymentos que ora mandamos fazer pera todo o Reyno dos Juizes e oficiaes, que nenhũa peſoa em noſos Reynos os nom poſſa impremir nem fazer salluo ele dito vallentym fernandez, ſo pena que quem o contrairo fezer encorra em pena de cem cruzados douro ametade pera quem o acusar e a outra pera as obras do noſo ſprital...."

É curioso notar o tempo que levou a imprimir-se este *Regimento*, pois sendo o alvará de 22 de Fevereiro de 1503, só foi terminado a 29 de Março de 1504 como reza o colophon do livro.

Entre 1505, em que publicou os *Autos dos Apostolos*, e 1512, em que fôram impressas as *Ordenações*, não se conhece obra alguma de Valentim Fernandes. Deixou elle durante esses annos de exercer o seu officio de impressor, ou existiram outras edições hoje desapparecidas? É impossivel de dizer.

Este livro tem um especial interesse de caracter bibliographico, ao qual nos referimos na *Regra da Ordem de Christo* (Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 1103). Faltando infelizmente a este exemplar o frontispicio, reproduzimos o colophon e trechos do texto que claramente mostram a absoluta

tion in 1504 was followed by that of the *Ordenações*, printed by Valentim Fernandes in 1512 and 1513, and João Pedro Bonhomini de Cremona in 1514; the *Artigos das Sisas*, printed by Hermão de Campos, 1512; the *Regimento dos Contadores das Comarcas*, printed by João Pedro Bonhomini de Cremona, 1514; the *Regimentos e Ordenações da Fazenda*, printed by Hermão de Campos, 1516; the *Ordenações da India*, 1520; and finally by the revised edition of the *Ordenações* issued by Jacob Cronberger in 1521.

It is interesting to read in the letters patent signed by the Sovereign and dated February 22nd, 1503, that the privilege of printing the *Regimentos* was granted to Valentym Fernandes:

"We the King, because of the work done by Vallentym Fernandez in printing books of 'Regimentos' for judges and officials, such as we now desire to be made for the whole kingdom, are pleased to command in this our charter that no one in our land, except the said Vallentym Fernandez, shall either print or make them, and that anyone disobeying this order shall be liable to a fine of one hundred golden 'cruzados,' half for his accuser, and half for the work of our hospital...."

We cannot explain the reasons why he took such a long time to print this *Regimento*, for although the charter is dated February 22nd, 1503, the work was not finished until March 29th, 1504, as we see by the colophon.

It is curious to note that after 1505, when he published the *Autos dos Apostolos* no work is known to have been printed by Valentym Fernandes until 1512. Have other editions existed which are lost to-day, or did he leave off printing during those years owing to his many occupations? It is impossible to say.

The similarity of the type and capital letters used in this *Regimento* and in the *Regra da Ordem de Christo* (Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 1103), has a special bibliographical interest, to which we refer in our notes on the latter work. The title-page of this copy is unfortunately miss-

semelhança dos caractéres e lettras capitaes d'este livro, com aquelles usados na *Regra*, o que nos levou a attribuir a Valentim Fernandes a impressão da *Regra z diffinçoões da ordem do meſtrado de noſſo ſenhor Ieſu chriſto.*

Salvo a falta mencionada, encontra-se este exemplar n'um bello estado de conservação, com a sua encadernação em madeira e couro, com fechos. O valor deste livro deriva da sua extrema raridade e por ser o primeiro impresso da collecção de leis d'El-Rei D. Manuel.

ing; but we reproduce the colophon and portions of the text: the manifest likeness of the Gothic characters used in the two books led us to attribute the printing of *A regra z diffinçoões da ordem do meſtrado de noſſo ſenhor Ieſu chriſto* to Valentim Fernandes.

The value of the *Regimẽto dos ofiçiaaes das çidades villas z lugares destes Regnos* consists in the extreme rarity of this first book of laws made by D. Manuel. In spite of the important defect above mentioned, this copy, in its curious original binding of wood and leather, is in a magnificent state of preservation.

¶ Com auctoridade z preuilegio del Rey noſſo ſenhor forom acabados de empremir os preſentes regimentos de juſtiças em a muy nobre z ſempre leal çidade de Lyxboõa per Valentym fernandez. Aos .xxix. dias do mes de março. Era de mill z quinhentos z quatro annos.

36 Colophon do *Regimẽto dos ofiçiaaes das çidades*
Colophon of the *Regimẽto dos ofiçiaaes das çidades*
Lisboa, 1504


Fo.j.

¶ A regra ꝛ diffin-
çoões da oꝛdem do
meſtrado de noſſo
ſenhoꝛ Jeſu chꝛiſto.

37 Folha do rosto da *Regra da Ordem de Christo*
Title-page of the *Regra da Ordem de Christo*
[Lisboa], 1504

10 A REGRA ꝛ DIFFINÇOÕES DA ORDEM DO MESTRADO DE NOSSO SENHOR IESU CHRISTO.

[Lisboa, Valentim Fernandes, 1504.]

A regra ꝛ diffin- | çoões [sic] da ordem do | meſtrado de noſſo | ſenhor Ieſu chriſto.
Titulo em caractéres gothicos a vermelho, sob uma cruz de Christo a vermelho, tudo enquadrado por tarjas ornadas de animaes, dragões e flores a negro[1].

fl. ij. *Entre tarjas*[2]: Aqui ſe começa a Re- | gra da ordem do meſtrado de noſſo ſe- | nhor Iheſu chriſto. | Prologo. [...]

fl. v. Capitulo primeiro | como ho conuento de thomar | he cabeça de toda a ordem. [...]

fl. xiij vo.—fl. xiiij. [...] Coroboraçam [...] Datum ſecunda die octobris. | in Thomerij conuentu eiuſdem ordinis. Era | milleſima quadringẽteſima quadrageſima no | na [...] | Seguenſe as diffinço- | ões [sic] do capitulo que el Rey noſſo ſenhor | gouernador do meeſtrado de noſto [sic] ſenhor | Iheſu chriſto fez no conuento da villa de | Thomar: no mes de Dezembro do anno | de mill ꝛ quinhentos ꝛ tres. | Capitulo primeyro. [...]

fl. xlix. [...] Scriptas eſtas definçoões [sic] em a noſſa | villa de tomar a oyto dias do mes de Dezem | bro. Antonio carneiro o fez anno de noſſo ſe- | nhor Ieſu xp̃o de mil ꝛ quinhentos ꝛ tres.

fl. xlix vo. Segueſe a tauoada da pre | ſente obra. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim da tauoada.

4º.—xlix, [3] folhas—26 e 27 linhas—caractéres gothicos—titulo de entrada a vermelho.

Numeração dos cadernos: a–f, 8 folhas cada caderno; g, 4 folhas; total de 52 folhas.

Encadernação de marroquim vermelho.

4to.—xlix, [3] leaves—26 and 27 lines—Gothic letter—opening title in red.

Collation by signatures: a to f, each 8 leaves; g, 4 leaves; total 52 leaves.

Bound in red morocco.

[1] *Woodcut border on the title-page, the top half of which is occupied by a cross in red; the title, in Gothic letter, appears on the lower half of the page and is also printed in red.*
[2] *Within a woodcut border.*

Possuimos um segundo exemplar deste livro [ex. b], tambem completo e perfeito, mas que tem as seguintes variantes do primeiro [ex. a][1]:

Ex. a.

fl. vj. [...] | E affi açerca dos outros veftidos z coores q̃ | forẽ defoneftas z defefas. f. capellos z calças | z mangas z juboões. fe os trouxerem das co‑ | ores defefas. | Capitulo terçeiro | do que cõuem aos caualleiros. | Item. Ordena‑ mos q̃ os caualleiros pof | fam trazer pãnos de feda q̃ nõ fejam das | coores defefas fegundo he ordenado no caplȏ.

fl. vj vo. .... auezarem... monte... mais... quanto... per‑ tẽçem...affy... | Capitulo quarto | do modo que os caualeiros | ham de teer no rezar. | Item. Ordenamos açerqua do | rezar: que os caualeyros z comẽ | dadores rezẽ as horas de fancta | maria do coftume que fouberem |

fl. vij. maria [...]

fl. viij vo. [...] z tem jurif‑ |

fl. ix. fpiritual. [...]

Ex. b.

fl. vj. [...] | E affi açerca dos outros veftidos z coores q̃ | *forem* defoneftas z defefas. f. capellos z *cal‑* | *ças* z *mãgas* z juboões. fe os trouxerem das | *coores* defefas. | Capitulo terçeiro do que | *conuem* aos *caualleyros.* | Item. Orde‑ namos *que* os *caualleyros* | *poffam* trazer *pannos* de feda *que nom* | fejam das coores defefas *fegũdo* he *or‑* |

fl. vj vo. *denado* no *capitulo*...*v*ezarem.... mõte.... ma*y*s.... quãto.... pertẽçẽ.... aff*i*.... | Capitulo quarto do *mo* | *do* que os *caualleiros hã* de teer no rezar. | Item. Ordena*mus* açerqua do rezar: | que os *caualleiros* z *comendadores re‑* | *zẽ* as horas de *fctã* maria do coftume que | *fouberẽ* z *os que nom fouberem leer rezẽ fe* | *fẽta vezes ho pater nofter çõ outras tãtas aue*

fl. vij. maria [...]

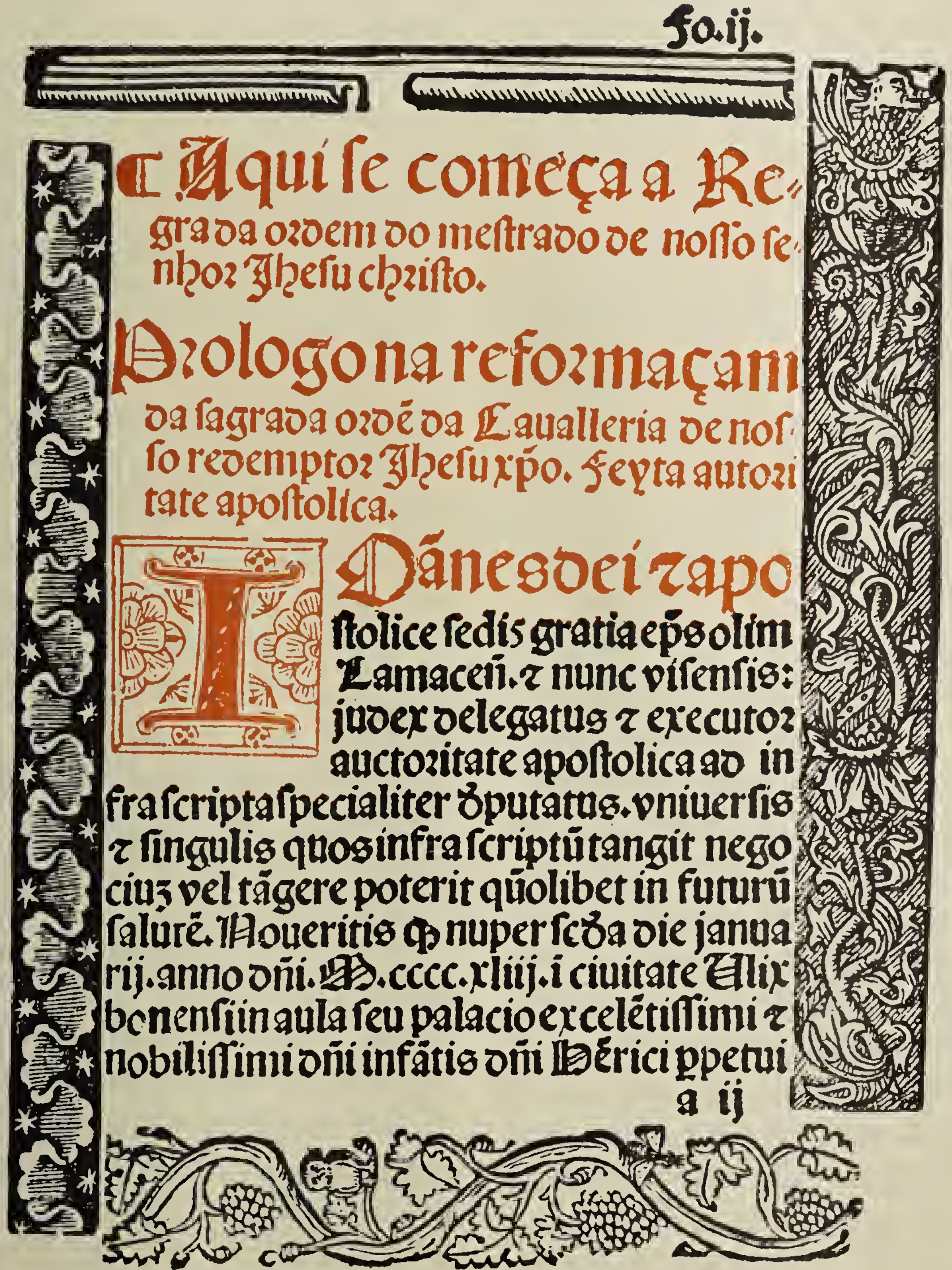
fl. viij vo. [...] z tem jurif‑ | (*diçom* |

fl. ix. fpiritual. [...]

Existem duas edições da *Regra da Ordem de Christo*, ambas publicadas no principio do seculo XVI, ambas sem data nem nome de impressor. Uma edição (que não possuimos) tem o se‑ guinte titulo: *A regra z diffinçoões* (sic) *da ordem do meftrado de noffo fenhor jhũ xp̃o.* Tanto Inno‑ cencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 60) como Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras im‑ pressas em Portugal no século* XVI, nº 552) con‑ sideram essa obra como impressa em 1504, por Valentim Fernandes. A outra edição (da qual

Two editions of the *Regra* (rule) of the Order of Christ were published at the beginning of the XVIth century, both without date or printer's name. One of these (of which we do not possess a copy) is entitled: *A regra z diffinçoões* (sic) *da ordem do meftrado de noffo fenhor jhũ xp̃o.* Inno‑ cencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 60) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 552) are of opinion that this work was printed in 1504 by Valentim

[1] *We possess a second copy of this work (ex. b), which is also complete and perfect, but which has the following variations from the first one (ex. a).*



fo.ij.

Aqui se começa a Regra da ordem do mestrado de nosso senhor Jhesu christo.

Prologo na reformaçam da sagrada ordẽ da Caualleria de nosso redemptor Jhesu xpo. Feyta autoritate apostolica.

IOhanes dei & apostolice sedis gratia eps olim Lamaceñ. & nunc visensis: judex delegatus & executor auctoritate apostolica ad infra scripta specialiter deputatus. vniuersis & singulis quos infra scriptũ tangit negocium vel tãgere poterit quõlibet in futurũ salutẽ. Noueritis quod nuper secunda die januarij. anno dñi. M.cccc.xliij. i ciuitate Ulixbonensi in aula seu palacio excelẽtissimi & nobilissimi dñi infãtis dñi Herici ppetui

a ij

38 Primeira pagina da *Regra da Ordem de Christo*
First page of the *Regra da Ordem de Christo*
[Lisboa], 1504

possuimos dois exemplares perfeitos) (Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 1103) tem uma ligeira differença no titulo, ou antes, na sua orthographia, visto dizer: *A regra ⁊ diffinçoões* (sic) *da ordem do meſtrado de noſſo ſenhor* Ieſu chriſto. A regra e definições são aquellas estabelecidas no Capitulo celebrado em Thomar no anno de 1503, por D. Manuel como "gouernador ⁊ ppetuo adminiſtrador da ordẽ ⁊ cauallaria do meſtrado de noſſo ſñor Ieſu xp̃o."

Comparando esta *Regra* com o *Regimẽto dos offiçiaaes das çidades*, impresso em Lisboa por Valentim Fernandes em 1504, e de que já nos occupámos, não nos parece haver duvida que esta edição das definições da Ordem de Christo foi egualmente impressa por Valentim Fernandes em 1504, e certamente em Lisboa. O estudo dos caractéres mostra uma semelhança completa entre as duas obras, como se póde verificar nas reproducções que apresentamos. Alem d'isso, em 1504 Valentim Fernandes e João Pedro de Cremona eram os dois unicos impressores conhecidos em Lisboa, e o estudo dos caractéres usados por Cremona na *Grãmatica Paſtrane* de 1512, na *Legẽda dos ſãtos martires* de 1513 e nas *Ordenações d'El-Rei D. Manuel* de 1514, indica uma notavel, para não dizer completa, differença dos que fôram empregados na *Regra de Christo*. Um ultimo argumento: as tarjas que enquadram a Cruz de Christo, na folha de rosto da *Regra*, são as mesmas de que Fernandes se serviu na primeira folha do *Marco paulo* de 1502 e na sua marca de impressor. Julgamos pois poder attribuir-se com segurança a impressão d'esta edição da *Regra* a Valentim Fernandes. Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 1103) mencionam os seguintes exemplares: dois na Bibliotheca Nacional de Lisboa, ambos faltos de rosto, e dois na Bibliotheca de Evora: a esta lista juntam-se agora os dois exemplares da nossa Bibliotheca. Da outra edição (Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 552), conhecem-se dois exemplares na Bibliotheca Nacional de

Fernandes. The other edition (Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 1103), of which we possess two perfect copies, has a slight variation in the spelling of the title: *A regra ⁊ diffinçoões* (sic) *da ordem do meſtrado de noſſo ſenhor* Ieſu chriſto. The statutes and definitions are the ones established at the Chapter in Thomar in 1503, by Dom Manuel as "governor and perpetual administrator of the order and chivalry of the *meſtrado* of Our Lord Jesus Christ."

Having made a careful comparison between this *Regra* and the *Regimẽto dos offiçiaaes das çidades*, printed in Lisbon by Valentim Fernandes in 1504 we have come to the conclusion that this edition of the statutes of the Order of Christ must have been printed by Fernandes in the same year, and almost certainly in Lisbon. A study of the type shows a complete similarity between the two works, as may be verified from the reproductions we give. Apart from this, Valentim Fernandes and João Pedro de Cremona were the only two printers known in Lisbon in 1504, and an examination of the *Grãmatica Paſtrane*, the *Legẽda dos ſãtos martires*, and the *Ordenações d'El-Rei Dom Manuel*, printed by João de Cremona in 1512, 1513 and 1514, shows that the Gothic characters used in these works differ very notably in almost every respect from those in the *Regra de Christo*. As a final argument we would point out that the woodcuts, surrounding the Cross of Christ on the title-page of the *Regra*, are the same as appear in Fernandes' mark, as well as on the first page of the *Book of Marco Polo* which he printed in 1502. We therefore consider that this edition of the *Regra* may safely be attributed to Valentim Fernandes. Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 1103) mention the following copies: two in the Lisbon National Library, both wanting the title-page; and two in the Evora Library. To this list the two copies in our Library must now be added. Four copies of the other edition (Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 552) are known: two in the Lisbon National

Lisboa, um no Museo Britannico e um na Bibliotheca Palha (nº 2586).

A Ordem de Christo, fundada em 1319 por El-Rei D. Diniz, veiu tomar o logar da Ordem dos Templarios que acabava de ser extincta. A Ordem do Templo ou dos Templarios, tambem cognominados "Soldados de Christo," fôra instituida em Jerusalem em 1118.

"Oito cavalleiros franceses que em 1118 estavam em Jerusalem formaram uma congregação religiosa, e aos três votos ordinários de pobreza, castidade e obediência, accrescentaram o juramento solemne de escoltarem os peregrinos no caminho de Jerusalem para os defenderem contra os infieis e combaterem pela independência da Terra Santa. O Rei Balduíno deu-lhes parte do seu palácio, situado no local do antigo templo de Salomão, pelo que os cavalleiros tomaram o nome de *Irmãos pobres do Templo de Jerusalem* ou *Templários*" (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, t. I, p. 314).

Em 1128, já se encontravam os Templarios em Portugal, como prova a doação feita por D. Thereza n'esse anno, da Villa de Soure e mais terras á Ordem (Viterbo, *Elucidario*, t. I, pp. 321–322; t. II, p. 76 e p. 347 *e seg.*), da qual foi primeiro Mestre D. Guilherme Ricardo, provavelmente já antes de 1128. Rapidamente se enriqueceu a Ordem com as doações, não só Régias mas tambem particulares. Ao lado de D. Affonso Henriques combateram os Templarios contra os infieis: alli os encontramos na tomada de Santarem e na de Lisboa em 1147, anno em que o Monarcha lhes doou as rendas ecclesiasticas de Santarem. Conquistada Lisboa, restabeleceu D. Affonso Henriques a antiga Sé, sendo nomeado Bispo o sacerdote inglez Gilberto—que viera na armada dos cruzados que tanto auxiliára o Soberano Portuguez na tomada da Capital—sendo sagrado pelo Arcebispo de Braga D. João Peculiar, companheiro d'armas

Library, one in the British Museum, and one in the Palha Library (no. 2586).

The Order of Christ was founded by Dom Diniz in 1319 to take the place of the Order of Templars, which became extinct at that time. The Order of the Temple or of Templars, whose members were also denominated "Soldiers of Christ," was instituted at Jerusalem in 1118.

"Eight French knights who were in Jerusalem in 1118 formed a religious brotherhood, and, in addition to the customary vows of poverty, chastity and obedience, they made a solemn oath to escort pilgrims on the way to Jerusalem to protect them from the infidels, and to fight for the independence of the Holy Land. King Baldwin gave them part of his palace, built on the site of the ancient temple of Solomon, for which reason the knights took the name of *Poor Brothers of the Temple* or *Templars*" (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, vol. I, p. 314).

Ten years later Templars were already to be found in Portugal, as is proved by the fact that in 1128 Dona Theresa granted the borough of Soure and other lands to the Order (Viterbo, *Elucidario*, vol. I, pp. 321–322, vol. II, p. 76 and pp. 347 *et seq.*), whose first Master in Portugal, probably even before 1128, was Dom Guilherme Ricardo. The Order soon grew very wealthy, for, besides the Royal gifts, it received many donations from private persons. The Templars fought with Dom Affonso Henriques against the infidels: we find them at the taking of Santarem and at the conquest of Lisbon in 1147, when the Monarch endowed them with the ecclesiastical revenues of Santarem. Having captured Lisbon, Dom Affonso Henriques re-established its ancient See, and its first bishop was the English priest Gilbert, who had come with the crusading fleet that had been of such great service to the Portuguese Sovereign in taking the capital. In 1149, Gilbert—who had been consecrated as the first Bishop of Lisbon after the Arab dominion, by the Archbishop of Braga, Dom João Peculiar,

de D. Affonso Henriques. D. Gilberto—o primeiro Bispo de Lisboa depois do dominio arabe—oppoz-se, em 1149, a que os Templarios fôssem senhores das rendas ecclesiasticas, que no tempo dos Godos pertenciam ao Bispado de Lisboa. Passou então ao Bispo o "ecclesiastico" de Santarem, que em 1147 D. Affonso Henriques doára aos Templarios: como compensação, o Soberano doou á Ordem do Templo, em 1159, o Castello de Cera ou Ceras com todos os seus termos, para que o povoassem. Era Mestre, desde 1157, D. Gualdim Paes, sem duvida o mais illustre entre os 28 que a Ordem teve em Portugal, e uma das mais nobres figuras da historia dos primeiros annos da Monarchia. Nascido em 1118, o sexto Mestre foi, em 1139, "armado Cavalleiro no Campo de Ourique por ElRei D. Affonso Henriques, em cuja companhia se criára" (Viterbo, *Elucidario*, t. II, p. 356). D. Gualdim foi o fundador de Thomar. Apossados os Templarios do territorio de Ceras (nome, segundo se diz, derivado da deusa Ceres por ser alli sitio de muitas searas), estabeleceram-se no Castello de Cera, nas ruinas de Nabancia, cidade da antiga Lusitania, prospera e populosa no tempo dos Romanos, e ainda florescente sob o dominio dos Godos, mas que havia sido arrasada pelos Arabes durante sua invasão no seculo VIII. Nabancia ficou celebre na historia do christianismo, pelo nascimento e martyrio de Santa Iria, que, segundo uma tradição, deu o nome a Santarem. Vilhena Barbosa (*As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão d'Armas*, vol. III, pp. 6 e 7) escreve a esse respeito:

"O primeiro nome, que teve Santarem, foi *Scalabis*, cuja etymologia não é conhecida.... Vindo Julio Cesar á Lusitania, honrou com o seu nome aquella povoação, ordenando que d'ahi em diante se chamasse *Præsidium Julium*.... Na invasão dos barbaros do norte padeceu esta povoação quasi total ruina, e os novos senhores...

Dom Affonso Henriques' companion in arms—raised objections to the enjoyment by the Templars of ecclesiastical revenues, which in Gothic times had pertained to the Bishopric of Lisbon. So the revenues with which Dom Affonso Henriques had endowed the Order of the Temple in 1147, after the taking of Santarem, passed to the bishop: to compensate the Templars, the Sovereign granted them, in 1159, the Castle of Cera or Ceras, with all its lands, so that they might settle there. Since 1157 the Master had been Dom Gualdim Paes, who was certainly the most notable of the twenty-eight who ruled the Order in Portugal, and was one of the noblest figures in the history of the early years of the Monarchy. Born in 1118, the sixth Master "was armed Knight on the field of Ourique in 1139 by King Dom Affonso Henriques, with whom he had been brought up" (Viterbo, *Elucidario*, vol. II, p. 356). Dom Gualdim was the founder of Thomar. Possessed of the territory of Ceras (a name which is said to be derived from Ceres, the goddess, because there are many *searas* (cornfields) in the district), the Templars settled in the Castle of Cera, among the ruins of Nabancia, a city of ancient Lusitania which had been rich and populous in the time of the Romans, and still flourished under the Goths, but had been razed to the ground during the Arab invasion in the VIIIth century. Nabancia is celebrated in the history of Christianity as the place of the birth and martyrdom of Santa Iria (Saint Irene), who, according to tradition, gave her name to Santarem. Vilhena Barbosa (*As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão d'Armas*, vol. III, pp. 6 and 7) says:

"Santarem was originally called *Scalabis*, a name whose etymology is unknown....When Julius Cæsar came to Lusitania he honoured the city with his name, commanding that thenceforward it should be known as *Præsidium Julium*....In the invasion of the barbarians from the north, this city suffered almost total ruin, and the new lords...abolished the name of *Præsidium*

abolindo o nome de *Præsidium Julium*, resuscitaram o de Scalabis. Depois...deram-lhe o nome de *Scalabicastrum*, castello de Scalabis. No meiado do seculo VII, estando a Lusitania sob o governo dos godos, teve logar na cidade de *Nabancia*, hoje Thomar, o martyrio da virgem Santa Iria ou Irene. Refere a lenda, que, lançado o seu casto corpo ao rio Nabão, a corrente o trouxe ao Zezere, e d'este ao Tejo, onde os anjos lhe fabricaram sumptuoso sepulchro, no meio das aguas, em frente de Scalabicastrum, que em memoria d'este successo se começou a chamar *Santa Irena*, e depois por abreviatura *Santarem*."

No tempo de D. Diniz e da Rainha Santa Izabel (segundo conta Fr. Francisco Brandão na sexta parte da *Monarchia Lusitana*, 1672, pp. 482–483), e perante os Soberanos, deu-se novamente o milagre de Santa Iria:

"...indo ElRey, & Rainha viſitar a Igreja de Santa Eyria, cujo ſepulchro eſtà de fronte della no meo do Tejo com hum grande padrão de pedra a modo de pyramide, as agoas do Tejo ſe abrirão, & deſcubrirão até o fundamẽto aquelle depoſito marauilhoſo da Santa protectora da Villa, & da qual ella retem o nome de Santarem ou Santa Erena."

Adeante reproduz Brandão uma escriptura—que do milagre dá testemunho—feita perante "Martim Vaz Tabalião d'elRey," por "Dona Berengaria fundadora do ſeu Moſteiro," que presenciou o milagre. Deixemos agora Santa Iria e voltemos á sua terra. Depois da destruição da Monarchia dos Godos nos campos de Guadalete, Nabancia foi, como dissemos, arrasada pelos Arabes cerca de 715, ficando deserta até 1159, anno em que D. Affonso Henriques fez d'ella doação aos Templarios. Não agradando a D. Gualdim e aos seus Cavalleiros o Castello de Cera, lançaram a 1 de Março de 1160 os fundamentos de um novo castello, sobre um alto na margem opposta do rio, chamado Thomar, ou Tomar, no tempo dos Arabes, que concluido, fôram habitar, abandonando o de Cera.

Julium and re-established that of Scalabis. They afterwards...gave it the name of *Scalabicastrum*, or castle of Scalabis. In the middle of the VIIth century, when Lusitania was under the dominion of the Goths, the martyrdom of the virgin Santa Iria or Irene took place in the city of *Nabancia*, now Thomar. The legend says that her chaste body having been thrown into the river Nabão, the current bore it to the river Zezere and thence to the Tagus, where the angels built it a sumptuous sepulchre in the midst of the waters, in front of Scalabicastrum, which, in commemoration of this event, began to be called *Santa Irena*, a name which was afterwards shortened to *Santarem*."

Frei Francisco Brandão (*Monarchia Lusitana*, Part VI, 1672, pp. 482–483) relates that the miracle of Santa Iria was re-enacted in the time of King Diniz and Queen Saint Izabel.

"...when the King and Queen went to visit the Church of Santa Eyria, whose grave is in front of it, in the middle of the Tagus, with a great monument of stone in the form of a pyramid, the waters of the Tagus opened, and revealed even the foundation of the miraculous resting-place of the town's patron Saint, from whom it retains the name of Santarem, or Santa Erena."

Brandão also reproduces a written testimony made before "Martim Vaz, the King's Notary" by "Dona Berengaria, foundress of her monastery," who witnessed the miracle. But let us leave Santa Iria, and return to her native town. After the downfall of the Gothic Monarchy at the battle of Guadalete, Nabancia was, as we have said, razed to the ground by the Arabs about 715, and remained uninhabited until 1159, when Dom Affonso Henriques gave it to the Templars. As the Castle of Cera did not please Dom Gualdim and his Knights, on March 1st, 1160, they laid the foundations of a new castle at the top of a hill on the opposite bank of the river—which was called Thomar or Tomar, in the time of the Arabs—and when the building was completed they settled there, abandoning the Castle

Foi egualmente D. Gualdim Paes que deu princípio á povoação na baixa do monte.

"O nome de Thomár se poz à Villa, & Castello, do rio, que por esta terra corre, que supposto no tempo dos Godos, & de Nabancia se chamasse Nabaõ, comtudo no tempo que os Mouros senhoreàraõ Portugal, lhe mudàraõ o nome de Nabaõ em Thomar, que significa agua doce, & clara, como he a deste rio. Isto naõ só consta das demarcaçoens, que El-Rey fez aos Templarios, das terras, & termos, q̃ lhes concedeo, demarcando-as pelo rio Zezere, & pelo rio Thomar, & pela ribeyra de Bezelga, &c. mas de outros muytos papeis, & monumentos antigos do Cartorio do Real Convento da Ordem de Christo..." (*Corografia Portugueza*, 1712, t. III, pp. 150–151).

Viterbo diz-nos aproximadamente a mesma cousa no seu *Elucidario* (t. II, p. 359). É interessante a mudança de nomes: a villa tomou o nome do rio—Thomar—e o rio chamou-se Nabão—alludindo á cidade de Nabancia que antigamente banhára.

Thomar passou a ser a séde da Ordem do Templo, como dois seculos mais tarde veiu a ser a capital da Ordem de Christo. Não podemos fazer aqui a historia dos Templarios, nem das razões que causaram a sua extincção, e o supplicio do Grão-Mestre Jacques de Molay e de tantos Cavalleiros. Tendo Clemente V ordenado em 1306, que na Hespanha se reunisse um concilio para examinar o procedimento dos Templarios na peninsula, teve elle logar em Salamanca, onde entre os Bispos presentes se encontrava o de Lisboa, D. João de Soalhães: "mas nada se apurou que pudesse comprometter os cavalleiros do Templo" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 336). Finalmente Clemente V decretou a suppressão da Ordem do Templo em 1312, pela bulla *Vox in excelso*, sendo Mestre em Portugal D. Vasco Fernandes, que veiu a fallecer em 1323 Commendador de Montalvão e professo na Ordem de Christo. D. Diniz

of Cera. Dom Gualdim Paes also started the town at the foot of the hill.

"The name of Thomar was given to the Town and the Castle from the river that runs through this land, which is supposed to have been called Nabão in the time of the Goths and of Nabancia, though in the time when the Moors governed Portugal they changed the name from Nabão to Thomar, which means sweet and clear water, as it is in this river. This is made manifest, not only by the boundaries in the lands and territories the King conceded to the Templars, bounding them by the river Zezere, and by the river Thomar, and by the rivulet of Bezelga, etc.; but also by many other papers and ancient records in the Archives of the Royal Convent of the Order of Christ..." (*Corografia Portugueza*, 1712, vol. III, pp. 150–151).

Viterbo gives approximately the same information in his *Elucidario* (vol. II, p. 359). The interchange of names is interesting; the town took its name from the river Thomar—and the river was called Nabão in allusion to the city of Nabancia that stood on its bank in ancient times.

Thomar came to be the See of the Order of Templars, as two centuries later it became the headquarters of the Order of Christ. We cannot write the history of the Templars here, nor recount the reasons that led to their extinction, and caused the Grand-Master Jacques de Molay and so many other Knights to be burnt at the stake. In 1306, Clement V ordained that a council should meet in Spain to inquire into the mode of life in the Order in the Peninsula; this assembly was held in Salamanca, and among the bishops attending was Dom João de Soalhães, Bishop of Lisbon; "but nothing was brought to light that could compromise the Knights of the Temple" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 336). Finally Clement V decreed the suppression of the Order in 1312 in the bull *Vox in excelso*. The Master in Portugal at the time was Dom Vasco Fernandes, who died in 1323 as Commander of Montalvão, and a professing Knight of Christ. Dom Diniz

tentou incorporar na Corôa os bens da Ordem, emquanto que o Pontifice os queria applicar á Ordem do Hospital. Vendo a impossibilidade de obter o que desejava, propoz D. Diniz, pelos seus procuradores, ao Papa João XXII a instituição de uma nova Ordem da Milicia de Nosso Senhor Jesus Christo, ou Ordem de Cavallaria de lidadores de Jesus Christo, com a sua séde na villa algarvia de Castro Marim. Accedeu o Papa, e pela bulla *Ad ea ex quibus* de 14 de Março de 1319 (*Quadro Elementar das relações politicas de Portugal*, t. IX, pp. 311 *e seg.*) ficou fundada a Ordem da Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo, designando o Pontifice para seu Mestre a Gil Martins, que já antes o era da casa de Aviz. De futuro o Mestre seria eleito pelos freires entre os Cavalleiros professos. Ao Abbade de Alcobaça e aos seus successores ficava commettida a correição e visitação tanto sobre o Mestre, como sobre os freires. D. Diniz acceitou e ratificou a bulla de João XXII no mesmo anno (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. I, p. 88) e mandou entregar a D. Gil Martins, primeiro Mestre da Ordem de Christo, todos os bens, rendas e direitos, assim como todas as honras e privilegios que tinham pertencido aos Templarios. Foi habil a politica de D. Diniz, pois poude assim conservar em Portugal as riquezas que os Templarios possuiam.

"Pelos primitivos estatutos, feitos em 1321, a ordem de Christo devia ter pelo menos oitenta e quatro freires a saber: sessenta e nove cavalleiros, armados e montados, nove clérigos e seis sergentes" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 340).

Estabelecida a Ordem de Christo em Castro Marim em 1321, não permaneceu por muitos annos n'aquella villa a capital da Ordem, pois "a séde da ordem de Christo foi, desde 1356, o convento de Christo em Thomar" (Pedro d'Azevedo e Antonio Baião, O *Archivo da Torre do Tombo*, p. 143). Nas nossas notas sobre as *Regras* das Ordens de S. Thiago e d'Aviz,

tried to incorporate the wealth of the Order in the Crown, while the Pontiff wished to apply it to the Order of Knights Hospitallers. Seeing the impossibility of attaining his desire, Dom Diniz sent an embassy to Pope John XXII proposing the institution of a new Military Order of Our Lord Jesus Christ, or Order of Chivalry of the champions of Jesus Christ, with its head-quarters in the town of Castro Marim in Algarve. The Pope agreed to the request, and conceded the bull *Ad ea ex quibus* dated March 14th, 1319 (*Quadro Elementar das relações politicas de Portugal*, vol. IX, pp. 311 *et seq.*), founding the Order of Chivalry of Our Lord Jesus Christ, and designating as its Master, Gil Martins, who already held this position in the Order of Aviz. In future the Master was to be elected by the brothers from among the professed Knights. The Abbot of Alcobaça and his successors were appointed to visit and administer correction to the Master as well as the brothers. Dom Diniz accepted and ratified John XXII's bull in the same year (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. I, p. 88) and commanded that all the possessions, revenues and rights, as well as all the honours and privileges that had belonged to the Templars, should be made over to Dom Gil Martins, the first Master of the Order of Christ. Dom Diniz's policy was clever, for he was thus able to retain in Portugal the wealth that had belonged to the Templars.

"According to the first statutes the order of Christ had to comprise at least eighty-four brothers, that is: sixty-nine armed and mounted knights, nine clerics and six *sergentes* (lay-brothers)" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 340).

It was established in Castro Marim in 1321, but did not remain in that town many years, since "from 1356 the headquarters of the Order of Christ was the convent of Christ in Thomar" (Pedro d'Azevedo and Antonio Baião, O *Archivo da Torre do Tombo*, p. 143). In our notes on the *Regras* of the Orders of Santiago and of Aviz, we shall deal more particularly with the

occupar-nos-hemos mais especialmente da missão das Ordens Militares, que na realidade tinha terminado com a conquista do Algarve. Mas, se essa missão tinha findado, outra breve começou para a Ordem de Christo, debaixo da direcção do Infante D. Henrique, seu Governador e Administrador. Se a Ordem de Christo já não desempenhou o papel de Ordem Militar de Cavallaria, devemos pensar que as cruzadas tinham acabado, e que o paiz estava livre de infieis; mas não podemos esquecer, que foi com os recursos e rendimentos da Ordem de Christo, que o Infante fez face ás colossaes despezas das explorações maritimas iniciadas após a conquista de Ceuta. Era uma nova cruzada, principiada em 1415, e que em 1498 nos levou á India. Tanto no *De Bello Septensi*, como no *Marco paulo* já nos occupamos dos beneficios obtidos por D. Henrique para a Ordem de Christo em diversas bullas. Se a missão da Ordem era inteiramente differente da que antigamente tiveram as Ordens de Cavallaria, era ainda, indirectamente, uma cruzada, pois permittiu que a Cruz de Christo fôsse levada ao Oriente. As navegações e descobrimentos não teriam sido possiveis a D. Henrique sem a Ordem de Christo. No tempo de D. Manuel, as esquadras que sahiram de Portugal para os descobrimentos e conquistas fôram em grande parte armadas e equipadas á custa dos rendimentos da Ordem, levando sempre a Cruz vermelha de Christo nas vellas das naus e caravellas, como no tempo do Infante. Á Ordem de Christo deve Portugal muito para a obra admiravel dos nossos navegadores. A partir do reinado de D. João I, começando com o Infante D. Henrique, a Ordem teve por Mestres, ou Administradores e Governadores, os filhos dos Reis, ou Principes. Residiu algum tempo D. Henrique em Thomar, cabeça da Ordem, onde os seus successores por diversas vezes hospedaram os Soberanos Portuguezes. Thomar era então uma villa cheia de riquezas, que chegou ao seu apogeo no reinado d'El-Rei D. Manuel. Succedeu ao Infante

mission of the Military Orders, which had terminated with the conquest of Algarve. But though this mission was ended, another was soon to begin for the Order of Christ, under the Infante Dom Henrique, its Governor and Administrator. If the Order of Christ did not altogether fulfil the rôle of a Military Order, we must remember that the Crusades were over, and that the country was free from infidels; but we must not forget that it was with the resources and revenues of the Order of Christ that the Infante faced the enormous cost of the maritime explorations he began after the conquest of Ceuta. It was a new Crusade, begun in 1415, and in 1498 it bore us to India. We have already mentioned the benefits and bulls obtained by Dom Henrique for the Order of Christ, in our notes on *De Bello Septensi* and the *Book of Marco Polo*. Though the mission of the Order of Christ was utterly different from the one entrusted to Orders of Chivalry in earlier times, it was still, indirectly, a Crusade, for it allowed the Cross of Christ to be carried to the East. Dom Henrique could not have succeeded in his navigations and discoveries without the Order of Christ. The squadrons that left Portugal in the time of Dom Manuel, on voyages of discovery and conquest, were largely armed and equipped with moneys derived from the Order, and the red Cross of Christ was always displayed on the sails of the ships and caravels, as it had been in the Infante's day. Portugal owes a great deal of the splendid accomplishment of her navigators to the Order of Christ. From the reign of Dom João I onwards, and beginning with the Infante Dom Henrique, the Order had Princes or the sons of Kings as its Masters, Administrators and Governors. Dom Henrique resided for some time in Thomar, the seat of the Order, where his successors several times received the Kings of Portugal as guests. Thomar was then an exceedingly wealthy town, and reached its apogee in the time of Dom Manuel.

D. Henrique no Mestrado de Christo, seu sobrinho o Infante D. Fernando Duque de Vizeu, filho d'El-Rei D. Duarte, a quem se seguiu o seu filho primogenito D. Diogo, egualmente Duque de Vizeu, assassinado por El-Rei D. João II, seu primo e cunhado, em Setubal a 23 d'Agosto de 1484. Succedeu-lhe seu irmão D. Manuel Duque de Beja, depois Rei, que durante 37 annos foi Governador do Mestrado. Bem provou o Venturoso o affecto em que tinha a Ordem: nos innumeros edificios que mandou levantar, vêmos sempre ao lado da Esphera, a Cruz de Christo; esse Rei que tanto mandou construir em Portugal, exerceu a prodigalidade da sua ostentação no Convento de Christo em Thomar com tanta largueza, que alli se encontram talvez os mais fecundos e instructivos elementos para o estudo d'aquella arte tão caprichosa e phantastica, a que se dá o nome de estylo manuelino. Por outra fórma mostrou D. Manuel o seu interesse, obtendo do Papa Leão X muitas concessões para o Ordem de Christo, mas tambem, para si e os seus successores, o padroado dos Mestrados de Christo, Aviz e S. Thiago, o que lhe foi concedido em 1516. D. Manuel tinha uma nitida visão da importancia das tres Ordens, e da conveniencia, tanto para o paiz como para o Soberano, que os Mestrados das Ordens estivessem unidos á Corôa: já n'este sentido se tinham pronunciado os povos nas Cortes de 1481–1482. Bem claramente o diz o Venturoso no seu testamento, e em especial no que respeita á Ordem de Christo:

"Item por quanto o ei por couza muito proveitoza e neceſſaria ao bem deſtes Reynos, por muitos reſpeitos, os Meſtrados delles naõ andarem ſenaõ na peſſoa do Rey, ou ao mais ſeus filhos, e Irmaos, encomendo e mando, que em qualquer tempo, em que vagarem ſe faça aſy, e por minha bençaõ mando ao Principe meu filho, que aſſy o cumpra e goarde, porem o do Meſtrado de Chriſto nunca ſahira da Coroa, e do Rey, por

The Infante Dom Henrique was succeeded in the Mastership of the Order by his nephew the Infante Dom Fernando, Duke of Vizeu, son of King Duarte, and he in his turn was followed by his eldest son Dom Diogo, also Duke of Vizeu, who was assassinated by his cousin and brother-in-law, King João II, at Setubal on August 23rd, 1484. Dom Diogo's successor was his brother Dom Manuel, Duke of Beja, who afterwards became King, and who governed the Order for thirty-seven years. King Manuel gave many proofs of his esteem for the Order: in all the many buildings he commanded to be erected, we always find the Cross of Christ beside the Sphere; and this King, who was responsible for so much of Portugal's architectural wealth, caused the Convent of Christ in Thomar to be ornamented with such abundant richness, that the most instructive elements for the study of that lavish and fantastic style of art known as the *Manueline* are perhaps to be found there. Dom Manuel showed his interest in another way, by obtaining many concessions for the Order of Christ from Pope Leo X, who, in 1516, granted the patronage of the Orders of Christ, Aviz and Santiago to him and his successors. The Portuguese Sovereign clearly realised the importance of the three Orders, and how expedient it was, both for the country and the King, that the Masterships of these Orders should be united to the Crown: the people had already expressed this feeling in the *Cortes* of 1481–1482. Dom Manuel says it very plainly in his will, and especially with reference to the Order of Christ:

"Item, inasmuch as I consider it very profitable and necessary for the good of these kingdoms in many respects, that their Orders should not be vested except in the person of the King or at least of his sons and Brothers, I enjoin and command that, whenever they become vacant, this shall be done, and by my blessing I command the Prince my son to fulfil and keep this, yet the Mastership of Christ shall never be taken from the Crown and the King, for we should con-

quanto averiamos por couza muy prejudicial, e de grande inconviniente para o Reyno, e para o Rey que entam for, aver de eſtar em outra peſſoa, ſalvo nelle meſmo" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. II, pp. 333 e 334).

No seu testamento, feito em 1517, indica D. Manuel ao seu herdeiro o caminho a seguir ácerca dos Mestrados das tres Ordens. Havia 33 annos que era Governador da Ordem de Christo e sabia por experiencia a força que ella representava, e a necessidade que havia em que fôsse definitivamente encorporada na Corôa, assim como os Mestrados de Aviz e S. Thiago. As Ordens—se certamente já não desempenhavam, nem podiam desempenhar, o papel que lhes fôra destinado na sua origem e durante a primeira dynastia—eram uma poderosa organisação, uma fonte de riquezas e de premios para recompensar serviços prestados. Existiam abusos, e muitos; quem desejar estudal-os, lerá com proveito a *Historia da Igreja em Portugal* de Fortunato de Almeida. Contudo, apezar dos abusos e das irregularidades, as Ordens eram "estados dentro do Estado" e, por consequencia, as vontades de D. Manuel contidas no seu testa-mento, eram de são juizo, habil politica e bom governo.

Depois da morte de D. Manuel em 1521, D. João III pediu logo ao Papa que lhe con-ferisse o Mestrado da Ordem de Christo, o que lhe foi concedido, pela bulla de Adriano VI *Eximiae devotionis affectus* de 19 de Março de 1523, para melhor sustentação do decoro Real e con-tinuação da obra intentada por El-Rei seu pae, de dilatar a religião Christã (*Quadro Elementar*, t. X, p. 293). Obtido o Mestrado de Christo, teve D. João III de esperar bastantes annos para conseguir os de Aviz e S. Thiago, pois d'elles era Mestre o Senhor D. Jorge, filho de D. João II. Após a sua morte em 1550, pela bulla *Regimini universalis* com data de 25 d'Agosto de 1550, Julio III concedeu a D. João III, mas só durante

sider it very prejudicial and most inexpedient for the Kingdom and for whoever happened to be King at the time, if it should be held by any other person but himself" (Sousa, *Provas da His-toria Genealogica*, vol. II, pp. 333–334).

In his will Dom Manuel shows his heir the road to follow in dealing with the Masterships of the three Orders. The will was made in 1517: he had therefore been Governor of the Order of Christ for thirty-three years and knew by ex-perience the force it represented and how neces-sary it was that supreme power over it should be definitely incorporated in the Crown, as well as the Masterships of Aviz and Santiago. The Orders —though they certainly did not and could not play the part allotted to them in their beginning and during the first dynasty—were a powerful organisation, a source of riches and prizes to reward deeds of national service. There were abuses, and many of them; whoever wishes to study them can profitably read Fortunato de Almeida's *Historia da Igreja em Portugal.* How-ever in spite of abuses and irregularities the Orders were "states within the State," conse-quently the wishes King Manuel expressed in his will showed sane judgement, able policy and good government.

After Dom Manuel's death in 1521, Dom João III petitioned the Pope to confer upon him the Mastership of the Order of Christ, which was conceded to him in Adrian VI's bull *Eximiae devotionis affectus* dated March 19th, 1523, for the better maintenance of the Royal dignity and for the furtherance of the work the King his father had commenced, of spreading abroad the Christian faith (*Quadro Elementar*, vol. X, p. 293). Having obtained the Mastership of the Order of Christ, Dom João III had to wait many years before he achieved those of Aviz and Santiago, for their Master was Dom Jorge, son of Dom João II. After Dom Jorge's death in 1550, Pope Julius III, in the bull *Regimini universalis* of August 25th, 1550, conceded the right to carry on the ad-

a sua vida, a administração dos Mestrados de Aviz e S. Thiago a qual podia exercer juntamente com a de Christo (*Quadro Elementar*, t. XII, p. 309). Era o primeiro passo para a união dos Mestrados á Corôa; D. João III seguira os conselhos de D. Manuel.

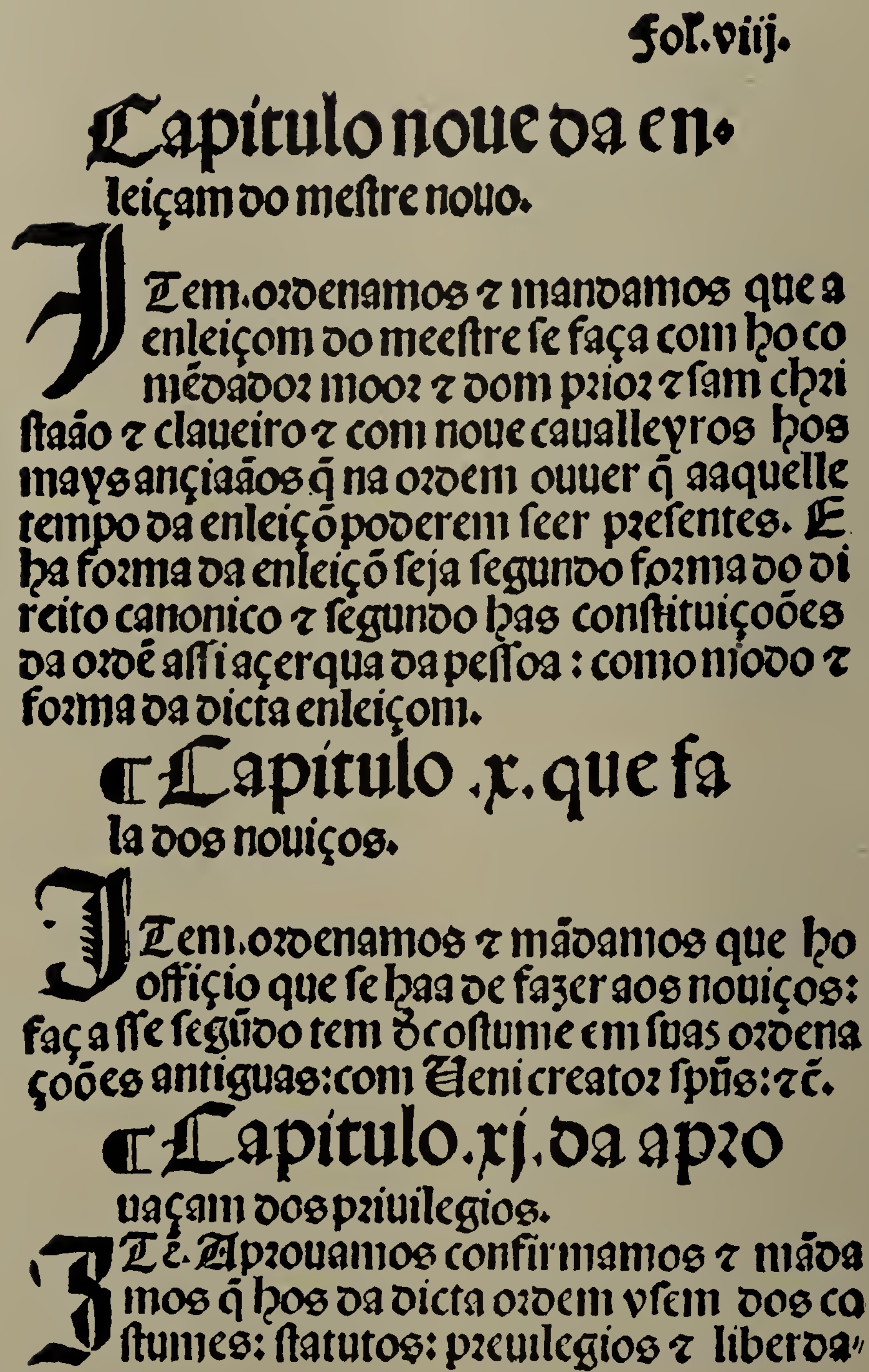
"Para obter esta concessão, allegou Balthasar de Faria em Roma, que, tanto em Portugal como em Castella, houvera noutros tempos perturbações, por estarem os mestrados fora da corôa; 'e que por esta causa em cortes per vezes fora pedido que nam amdasem fora dela como cousa tam importamte a boa governaçam do reino quietu e pacificaçam dele, e que por esta mesma razam lhe fora dado a Vossa Alteza por Adriano a administraçam do mestrado de Cristos.' O pontífice atalhou, perguntando como é que El-Rei podia ter mais dois mestrados, se já tinha o da ordem de Christo" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. III, Parte I, p. 563).

Á pergunta do Papa, deu Balthasar de Faria uma excellente resposta: se o Senhor D. Jorge, filho natural de D. João II, podia ter, por dispensa da Santa Sé, dois Mestrados, não era demasiado que o Rei de Portugal tivesse tres! Finalmente pela bulla *Preclara charissimi* de 30 de Dezembro de 1551, Julio III, attendendo aos serviços d'El-Rei á Christandade, ao perigo das Ordens d'Aviz e S. Thiago poderem vir a perturbar o Reino, concede a D. João III e a todos os seus successores, ainda que sejam femeas, a administração dos mesmos Mestrados, a qual terá juntamente com a da Ordem de Christo que já lhe fôra concedida perpetuamente (*Quadro Elementar*, t. XII, p. 337). Realisavam-se os desejos de D. Manuel. Em 1523 D. João III reuniu Capitulo geral da Ordem em Thomar, introduzindo varias reformas nas constituições dos freires de Christo. As reformas de D. João III, apezar das construcções que alli edificou, fizeram perder ao

ministration of the Orders of Aviz and Santiago, jointly with that of the Order of Christ, to Dom João III, but only for his lifetime (*Quadro Elementar*, vol. XII, p. 309). It was the first step towards uniting the Orders to the Crown, as Dom Manuel had counselled.

"To obtain this concession, Balthasar de Faria alleged in Rome that there had been troubles both in Portugal and in Castile, because the Masterships were not held by the Crown; 'and that for this reason it had been at various times demanded in the *Cortes* that they should not be separated from it, as it was a most important thing for the good and peaceful government of the kingdom, and that for this same reason the administration of the Order of Christ had been given to Your Highness by Adrian.' The Pontiff interposed, asking how the King would be able to hold two Masterships if he already held that of the Order of Christ" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, Part I, p. 563).

Balthasar de Faria made an excellent reply to the Pope's question: if Dom Jorge, King João II's natural son, could, by a dispensation of the Holy See, hold two Masterships, it was not too much for the King of Portugal to hold three! Finally, by the bull *Preclara charissimi* of December 30th, 1551, Julius III, recognising the King's services to Christianity and the danger that the Orders of Aviz and Santiago might create disturbances in the kingdom, conceded the administration of these Orders to Dom João III and all his successors, male or female, the administration to be held jointly with that of the Order of Christ, of which a perpetual gift had already been made to him (*Quadro Elementar*, vol. XII, p. 337). Dom Manuel's wishes were being realised. In 1523, Dom João III held a general meeting of the Chapter of the Order at Thomar, and introduced various reforms in the constitutions of the brothers of Christ. Dom João III's reforms, in spite of the many buildings he ordered to be erected, caused the



Fol.viij.

Capitulo noue da en-
leiçam do mestre nouo.

ITem.ordenamos ⁊ mandamos que a
enleiçom do meestre se faça com ho co
mẽdador moor ⁊ dom prior ⁊ sam chri
staão ⁊ claueiro ⁊ com noue caualleyros hos
mays ançiaãos q̃ na ordem ouuer q̃ aaquelle
tempo da enleiçõ poderem seer presentes. E
ha forma da enleiçõ seja segundo forma do di
reito canonico ⁊ segundo has constituiçoões
da ordẽ assi açerqua da pessoa: como modo ⁊
forma da dicta enleiçom.

¶Capitulo .x. que fa
la dos nouiços.

ITem.ordenamos ⁊ mãdamos que ho
officio que se haa de fazer aos nouiços:
faça sse segũdo tem d costume em suas ordena
çoões antiguas: com Ueni creator spũs: ⁊c.

¶Capitulo.xj.da apro
uaçam dos priuilegios.

ITẽ. Aprouamos confirmamos ⁊ mãda
mos q̃ hos da dicta ordem vsem dos co
stumes: statutos: preuilegios ⁊ liberda-

39 Pagina da *Regra da Ordem de Christo*
Page of the *Regra da Ordem de Christo*
[Lisboa], 1504

Item. Ordenamos que jejuũem os ditos caualleiros ⁊ freires hũ dia na somana. s. ha sesta feira ⁊ mais hos dias ordenados pella sctã ygreja. E pollo mays jejuũ que cada huũ quiser fazer. lhe damos has bençoões ⁊ perdoões da ordem ⁊ da see apostolica ⁊ de sam Pedro ⁊ de sam Paulo. E andando hos dictos caualleyros na guerra. açerq̃ do jejuũ façã como lhes ho meestre mandar.

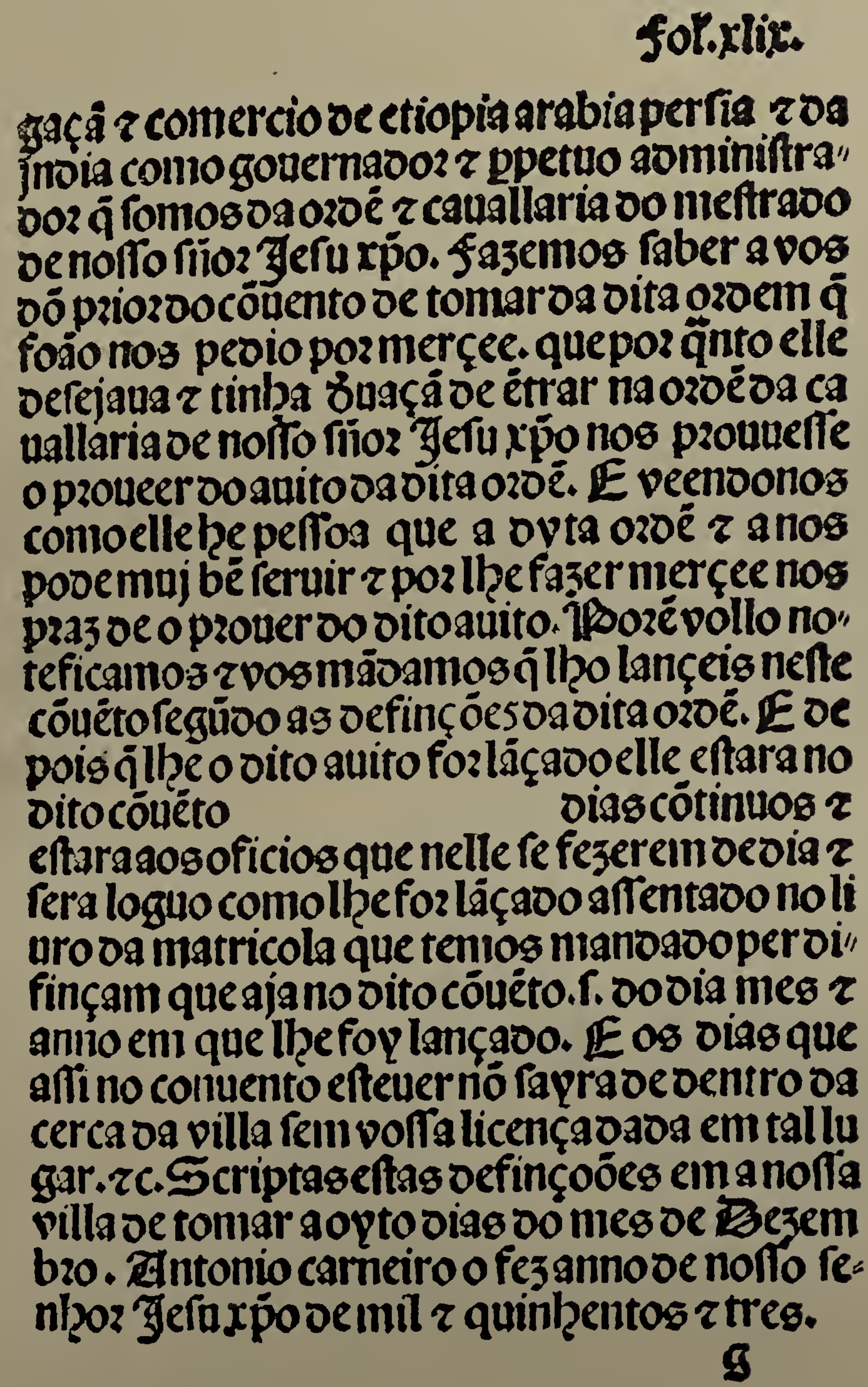
Capitulo setimo do comer da carne.

Item. Ordenamos que hos dictos caualleiros ⁊ freyres possam comer carne tres dias na somana a fora ho domigo em q̃ ha deuẽ de comer ⁊ pollo dia q̃ damos q̃ he ha segũda feira aalem do q̃ he ordenado. lhes mandamos q̃ diguã çinquo vezes ho pater noster ⁊ aue maria aa honrra de nosso senhor.

Capitulo. viij. do silencio.

Item, ordenamos q̃ açerca do silençio dos que som conuentuaaes: façã como lhes mãdar ho seu prior.

40 Pagina da *Regra da Ordem de Christo*
Page of the *Regra da Ordem de Christo*
[Lisboa], 1504



Fol.xlix.

gaçã ⁊ comercio de etiopia arabia persia ⁊ da
jndia como gouernador ⁊ ppetuo administra-
dor q̄ somos da ordẽ ⁊ cauallaria do mestrado
de nosso sñor Jesu xp̄o. Fazemos saber a vos
dõ prior do cõuento de tomar da dita ordem q̄
foão nos pedio por merçee. que por q̄nto elle
desejaua ⁊ tinha deuaçã de ẽtrar na ordẽ da ca
uallaria de nosso sñor Jesu xp̄o nos prouuesse
o proueer do auito da dita ordẽ. E veendonos
como elle he pessoa que a dyta ordẽ ⁊ a nos
pode muj bẽ seruir ⁊ por lhe fazer merçee nos
praz de o prouer do dito auito. Porẽ vollo no-
teficamos ⁊ vos mãdamos q̄ lho lançeis neste
cõuẽto segũdo as definçoões da dita ordẽ. E de
pois q̄ lhe o dito auito for lãçado elle estara no
dito cõuẽto dias cõtinuos ⁊
estara aos oficios que nelle se fezerem de dia ⁊
sera loguo como lhe for lãçado assentado no li
uro da matricola que temos mandado per di-
finçam que aja no dito cõuẽto. s. do dia mes ⁊
anno em que lhe foy lançado. E os dias que
assi no conuento esteuer nõ sayra de dentro da
cerca da villa sem vossa licença dada em tal lu
gar. ⁊c. Scriptas estas definçoões em a nossa
villa de tomar a oyto dias do mes de Dezem
bro. Antonio carneiro o fez anno de nosso se-
nhor Jesu xp̄o de mil ⁊ quinhentos ⁊ tres.

41 Ultima pagina da *Regra da Ordem de Christo*
Last page of the *Regra da Ordem de Christo*
[Lisboa], 1504



42 Lettras capitaes da *Regra da Ordem de Christo*
Initials from the *Regra da Ordem de Christo*
[Lisboa], 1504

convento de Christo e a Thomar a sua importancia e o esplendor dos antigos tempos. Deixando os Grão-Mestres e a sua côrte de residir em Thomar, começou a decadencia que rapidamente augmentou. Como acima dissemos, Thomar fôra doada por D. Affonso Henriques aos Templarios em 1159, em troca das rendas ecclesiasticas de Santarem, cedendo o Bispo de Lisboa, D. Gilberto, por si e pelos seus successores, todo e qualquer direito que podesse ter de presente ou de futuro, sobre as egrejas que já estivessem construidas, ou se viessem a construir n'aquelle vasto territorio. O que havia sido determinado no tempo de D. Affonso Henriques durou até 1834; assim se conservou este *isento* ou *nullius diocesis*, primeiro com os Templarios, depois com a Ordem de Christo. O convento de Thomar era denominado a *Prelasia de Thomar*, sendo o D. Prior o seu prelado. Extinctas as Ordens religiosas em 1834, seguiram o mesmo destino as Ordens Militares, e a Prelasia de Thomar foi annexada ao Patriarchado de Lisboa. A Ordem de Christo passou a ser uma ordem honorifica concedida, até Outubro de 1910, pelos Reis de Portugal.

A Ordem de Christo, que "se tinha feito em Reformação da Ordem do Templo, que se desfez" (*Elucidario*, t. II, p. 374), tem uma historia que faz parte da historia de Portugal, pois é a evocação de um passado glorioso, das suas grandes figuras, dos seus admiraveis descobrimentos: o seu emblema tão bello significa tambem a fé dos Reis e dos Principes dos seculos XV e XVI, a fé do povo Portuguez n'essa Cruz, que o acompanhou e guiou em tudo, pois na verdade com ella poude Portugal dizer "In hoc signo vinces"!

convent of Christ in Thomar to lose its ancient importance and splendour. The decadence began when the Master and his court gave up living in Thomar, and it was rapidly intensified. As we have already said, Thomar had been given to the Templars in exchange for the ecclesiastical revenues of Santarem, by Dom Affonso Henriques in 1159, when Gilbert, Bishop of Lisbon, on behalf of himself and his successors, renounced any present or future right he might have to the churches that were already built or might come to be built in that vast domain. The arrangement made in the time of Dom Affonso Henriques held good until 1834; and so this state of exemption or *nullius diocesis* was maintained, first with the Templars and then with the Order of Christ. The monastery of Thomar was known as the *Prelacy of Thomar*, its prelate being the lord Prior. When the religious Orders were suppressed in 1834, the Military Orders suffered the same fate, and the Prelacy of Thomar was annexed to the Patriarchate of Lisbon. The Order of Christ came to be a decoration of honour which, until October 1910, was conferred by the Kings of Portugal.

The Order of Christ, which "had been established in Reformation of the Order of the Temple, that was abolished" (*Elucidario*, vol. II, p. 374), has a history bound up with that of Portugal, for it evokes a glorious past with its noble figures and wonderful discoveries: its beautiful emblem also signifies the faith of the Kings and Princes in the XVth and XVIth centuries, the faith of the Portuguese people in this Cross, that accompanied and guided them in all their ways. Portugal might say in truth "In hoc signo vinces"!



Os autos dos apl'os.

¶ A epiſtola de ſantjago apoſtollo.
¶ As duas epiſtolas de ſam Pedro apoſtollo.
¶ As tres ep̄las de ſam Joham apl'o ⁊ euãgeliſta.
¶ A epiſtolla de ſam judas apoſtollo.

43 Folha do rosto dos *Autos dos Apostolos.* Title-page of the *Autos dos Apostolos.* Lisboa, 1505

11 OS AUTOS DOS APOSTOLOS.
Lisboa, Valentim Fernandes, 1505.

Os autos | dos apl̃os. | A epiſtola de ſantjago apoſtollo. | As duas epiſtolas de ſam Pedro apoſtollo. | As tres epl̃as de ſam Ioham apl̃o ⁊ euãgeliſta. | A epiſtolla de ſam judas apoſtollo.

Por cima o escudo das Armas Reaes, a Esphera armillar, divisa d'El-Rei D. Manuel, e a Rêde, divisa da Rainha D. Leonor[1].

[fl. 1 vo.] Seguese ho prologo ſobre a impreſſam do preſente lyuro intitulado Autos dos | apl̃os. O q̃l liuro mãdou empremir a muy exçelẽtiſſima prinçeſſa ⁊ Raynha dona | Lionor molher q̃ foy do muy alto Rey dõ Iohã ho ſegũdo rey de Portugal. cuja | alma ds tẽ. Feyto p̱ valentim fernãdez alemã ſeruidor ⁊ empremidor de ſu alteza. [...]

[fl. 2 vo.] AQuy ſe começa a tauoa | geeral ſobre toda a obra | dos autos dos apoſtollꝰ | cõ ſuas epiſtollas. E eſta tauoa ſe | fez por tal que ſe homeẽ quiſer leer | a payxõ dalguũ delles hyra catan- | do pera çima ho conto das folhas | do lyuro ⁊ achara ho que buſca. E | logo ſe poera outra tauoa particu- | lar de todos os capitollos. [...]

[fl. 3] SEguese a tauoa partycular | deſte p̃ſente lyuro ordenado | per capitollos pera ſe achar ho q̃ ſe | cõtẽ em cada capitollo. [...]

[fl. 8 vo.] [...] Fijm da tauoa.

fl. j. Aqui ſe começa ho ſegũdo liuro que fa- | la de todo ho feyto ⁊ de todallas vidas ⁊ | das payxões dos apoſtolos. Cap. j. [...]

Pagina enquadrada por tarjas. Titulo a vermelho[2].

fl. CCvj vo. (aliás fl. Cxcvj vo.) [...] Acabam ſe os autos dos apoſto- | los. [...] Acabado ho liuro ſeja | dada honrra ⁊ louuor ⁊ | gloria a noſſo ſenhor jhe | ſu chriſto.

fl. CCvij (aliás fl. Cxcvij) *A vermelho e negro*[3]: Começaſe a epiſtola do a- | poſtolo ſantjago com algũas | declaraçoões ⁊ eiſpoſiçoões [sic] | de douctores. Cap. j. [...]

fl. CCxj vo. (aliás fl. CCj vo.) [...] Acabaſe a epiſtola de | ſantjago. E começaſe a | primeira epiſtola do apo | ſtolo ſam pedro com ſu- | as declarações ⁊ expoſi | ções dos doutores. | Cap. j. [...]

fl. CCxx vo. (aliás fl.CCx vo.) [...] Acabaſe a ſegunda epiſto- | la de ſam pedro. | Começa ſe a primeyra epi- | ſtolla canonica de ſam johã a- | poſtolo ⁊ euãgeliſta cõ algũaſ [sic] | declaraçoões ⁊ expoſições. | Cap. j. [...]

fl. CCxxvj vo. (aliás fl. CCxvj vo.) [...] Acaba ſe a terçeyra e- | piſtolla de ſam Ioham. | Começa ſe a epiſtolla | do apoſtollo de ſam Iu- | das com algũas decla- | raçoões ⁊ expoſiçoões. | Cap. j.

fl. CCxxviij (aliás fl. CCxviij). [...] Acabamſe os autos ⁊ epi- | ſtolas dos apoſtollos

[1] *Above are the Royal Arms of Portugal, the armillary Sphere, the device of King Manuel I, and the Net, Queen Leonor's device.*

[2] *Page surrounded by a woodcut border. Title in red.*

[3] *In red and black.*

com ſu | as expoſiçoões q̃ forõ empre | midas por mãdado da muy e | ſclareçida Prĩçeſa ꝛ Raynha | dona Lyanor molher q̃ foy | do muy alto Prinçipe el Rey | dõ Iohã ho ſegũdo q̃ ds aja. | aos. xvj. dias do mes de dezẽ | bro de mill ꝛ quinhentos ꝛ çin | co annos.

Folio—[8], CCxxviij (aliás CCxviij) folhas a duas columnas—38 e 39 linhas—caractéres gothicos—sem titulos correntes nem reclamos—titulo xylographico no frontispicio—folhas Cl–CCxviij numeradas Clx–CCxxviij.

Numeração dos cadernos: aa, 8 folhas; a–z, 8 folhas cada caderno; ꝛ, 6 folhas; ꝯ, 6 folhas; A–B, 8 folhas cada caderno; C, 6 folhas; total de 226 folhas.

Encadernado em marroquim vermelho.

Folio—[8], CCxxviij (alias CCxviij) leaves—double columns—38 and 39 lines—Gothic type—no catchwords, nor headlines—xylographic title on first page—leaves Cl–CCxviij numbered Clx–CCxxviij.

Collation by signatures: aa, 8 leaves; a–z, each 8 leaves; ꝛ, 6 leaves; ꝯ, 6 leaves; A–B, each 8 leaves; C, 6 leaves; total 226 leaves.

Red morocco binding.

O livro intitulado *Autos dos Apostolos*, mandado imprimir pela "muy exçelẽtiſſima prinçeſſa ꝛ Raynha dona Lionor molher q̃ foy do muy alto Rey dõ Iohã ho ſegũdo rey de Portugal, cuja alma ds tẽ," é uma obra extremamente rara sobre a qual pouco tem sido escripto. Barbosa não o menciona; Antonio Ribeiro dos Santos, nas suas *Memorias para a Historia da Typographia*, p. 132, dá-nos uma serie de informações erradas, descobrindo mesmo um impressor desconhecido, *Vicente Fernandes Peres*, como tendo publicado—não diz em que lingua—os *Autos dos Apostolos*. Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 313), apezar de nada saber n'essa epocha (1858) a respeito do precioso livro, já então duvidava das informações de Ribeiro dos Santos. Mais tarde, em 1867 (*Diccionario*, vol. VIII, pp. 352–354, *Suppl.*), poude finalmente dar uma descripção dos *Autos*, devido ao ter sido achado um exemplar na Bibliotheca de Evora; mesmo assim, essa descripção não é nem completa, nem absolutamente correcta, pelos motivos que o proprio Innocencio nos fornece. Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 41) dá-nos apenas umas escassissimas notas sobre os *Autos*, que provavelmente nunca viu, pois escreve: "É livro muito raro, do qual se diz existir um exemplar na Bibliotheca d'Evora." Egualmente

The *Autos dos Apostolos* "printed by command of the most excellent princess and Queen dona Lionor, wife of the very high and noble King dom Johã (João) the second, king of Portugal, whose soul is with God," is an extremely rare book, about which very little has been written. Barbosa does not mention it; Antonio Ribeiro dos Santos in his *Memorias para a Historia da Typographia* (p. 132) gives various pieces of incorrect information, and even introduces an unknown printer, Vicente Fernandes Peres, as having published the *Autos dos Apostolos*, though he does not say in what language the book was written. Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 313), though at the time he knew nothing about this precious work, already doubted the authenticity of Ribeiro dos Santos' information in 1858. Later, in 1867 (*Diccionario*, vol. VIII, pp. 352–354, *Suppl.*), a copy of the *Autos* having been found in the Evora Library, he was at last able to describe it; but even so, his description is not complete nor absolutely correct, for reasons that Innocencio himself enumerates. Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 41) furnishes only some very meagre notes about the *Autos*, which he probably never saw, since he writes: "It is a very rare book, of which a copy is said to exist in the Evora Library." In the same way both Tito

Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 36, e *As Ordenações do Reino*, 1873, p. 31), e Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 2), sómente de passagem se referem a esta obra. Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 293 e 294) dá uma descripção do livro, e alem do exemplar da Bibliotheca de Evora, menciona outro que existia na Livraria de José Maria Nepomuceno, vendida ha bastantes annos. Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 554) colheram em Innocencio a noticia que publicam, por consequencia incompleta. Aos *Autos dos Apostolos* refere-se ainda Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, p. 307), por terem sido mandados imprimir pela excelsa viuva de D. João II. Com certeza, conhecia-se hoje apenas um exemplar d'este livro precioso: o da Bibliotheca de Evora. O nosso exemplar, absolutamente perfeito, é o que foi da Bibliotheca de Nepomuceno e que antes pertenceu ao Mosteiro da Madre de Deus, fundado pela Rainha D. Leonor; tem pois um valor excepcional. Encontra-se n'um tão admiravel estado de conservação, que parece ter acabado de sahir dos prelos de Valentim Fernandes. Este livro, pela sua belleza e pela sua esmerada execução, é digno da arte do illustre "imprimidor," e digno tambem de ser a continuação da *Vita Christi*.

Os *Autos dos Apostolos*, alem do seu valor bibliographico, despertam um vivo interesse historico. A Rainha D. Leonor, a grande protectora da imprensa em Portugal no fim do seculo XV e principio do XVIº, mandou publicar algumas obras, das quaes a primeira foi, como vimos, a *Vita Christi* em 1495; dez annos depois, a Soberana mandou imprimir—egualmente em linguagem—os *Autos dos Apostolos*, por Valentim Fernandes, "ſeruidor ⁊ empremidor de ſu alteza." Mais tarde, em 1515 e 1518, Hermão de Campos imprimiu para a Rainha e por sua ordem, duas obras: o *booſco deleytoſo* e o

de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 36, and *As Ordenações do Reino*, 1873, p. 31) and Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 2) make only passing reference to this work. Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 293–294) describes the book, and, besides the copy in the Evora Library, mentions one that existed in José Maria Nepomuceno's Library, but was sold long ago. Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 554) took the notice they publish from Innocencio, so it is incomplete. Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, p. 307) also refers to the *Autos dos Apostolos*, since it was one of the books printed by command of Dom João II's widow. Up to the present, the Evora copy of this valuable book was the only one about whose existence there was reliable information. Our copy, which formerly belonged to Nepomuceno, is absolutely perfect and in such a wonderful state of preservation that it might just have been issued from Valentim Fernandes' press. Formerly it belonged to the Monastery of "Madre de Deus," which was founded by Queen Leonor; it is therefore of exceptional interest. This beautiful book with its flawless type is a fine example of the famous printer's art, and worthy to be the continuation of the *Vita Christi*.

Apart from its bibliographical value, the *Autos dos Apostolos* has a lively historical interest. Queen Leonor, the great patroness of printing in Portugal at the end of the XVth and beginning of the XVIth centuries, ordered the publication of several books, of which the first was, as we have seen, the *Vita Christi*, 1495; ten years later the *Autos dos Apostolos* was also printed in the vernacular by Valentim Fernandes, "servant and printer to her highness." Afterwards, in 1515 and 1518, Hermão de Campos printed two works—the *booſco deleytoſo* and the *Eſpelho de Criſtina*—by the Queen's command. We possess

Eſpelho de Criſtina. Possuimos as quatro obras, o que forma uma collecção unica no mundo. Contudo, é só na *Vita Christi* e nos *Autos dos Apostolos*, que se encontra reproduzido—assumpto de que adeante nos occuparemos, continuando o estudo principiado nas nossas notas sobre a *Vita Christi*—o emblema da Rainha, a *Rêde.*

O prologo de Valentim Fernandes dirigido a D. Leonor, é um documento muito curioso e que merece ser analysado. Depois de dissertar sobre as bemaventuranças, a "vida deleytoſa" e a "vida actiua," fazendo o elogio da Rainha, das suas virtudes e em especial da sua misericordia, escreve o auctor-impressor:

"Ho q̃l dõ (misericordia) do ſpũ ſctõ he em a voſſa real magnifiçẽçia mais auãtajado q̃ ẽ outra algũa peſſoa de voſſo eſtado. E q̃l corte de rey ou Raynha. ou q̃l paço de ſenhor grãde ou ſenhora vemꝰ ou lemꝰ q̃ foſſe çercada de tãtos homẽs ꝛ molheres ꝓues: de tãtas viuuas ꝛ orfaãos: de tãtas donas beatas ꝛ religioſas: de tãtos frades ꝛ homeẽs deuotos q̃ da voſſa muy miſericordioſa ſenhora. Paſſo pelos grãdiſſimꝰ repayros ꝛ ornamẽtos q̃ voſſa real alteza cõtinuadamẽte nõ çeſſa ꝺ fazer ẽ ygrejas: moeſteyrꝰ: ꝛ hoſpritaes: ẽ veſtimẽtaſ (sic): oro: prata: ꝛ edifiçios. E ꝑnçipalmẽte no voſſo ſumptuoſo ꝛ de muytos ẽ grãde eſtima nomeado o eſprital de noſſa ſnõra ſctã maria de populo da voſſa villa das caldas. onde as mays das voſſas rẽdas ſe deſpẽdẽ ẽ obras piadoſas ꝛ ſeruiço de ꝺs ho q̃l todo he notorio a todo ho mũdo."

Estas palavras de Fernandes mostram-nos a caridade da Rainha, sendo interessante a referencia ao hospital das Caldas, que ella fundára; continuando o prologo, mestre Valentim falla primeiro da vida contemplativa de D. Leonor, para depois descrever a sua vida activa, affirmando terem a *Vita Christi* e os *Autos dos Apostolos* sido mandados imprimir pela Rainha.

"E porque a vida actiua como diſſe he perfectamẽte obrar as obras ꝺ miſericordia q̇s voſſa liberaliſſima benignidade ꝓueer os voſſos naturaes

copies of all four works, which form a unique set. It is, however, only in the *Vita Christi* and the *Autos dos Apostolos* that the Queen's device, the *Net*—the study of which we began in connection with the *Vita Christi,* and shall conclude in the course of the present notes—is reproduced.

Valentim Fernandes' prologue addressed to Dona Leonor is a curious document, and merits our special attention. After a dissertation on beatitude, on the "life of ease" and the "life of activity," the author-printer eulogises the Queen and her virtues, especially her charity, saying:

"Which gift of the Holy Spirit (charity) is more developed in your Royal magnificence than in any other person of your rank. And what court of King or Queen or what palace of great lord or lady, do we see or read of, that is surrounded by so many poor men and women: by so many widows and orphans: by so many holy and religious nuns: by so many friars and devout men, as that of your most charitable Ladyship? I pass over the very great restoration and decoration that your Royal Highness does not cease continually to have carried out in churches, monasteries and hospitals, in vestments, gold, silver and buildings; and above all in your sumptuous hospital of *Nossa Senhora Sancta Maria de Populo* in your town of Caldas, which is spoken of with great esteem by many, where most of your revenues are spent on pious works and in the service of God, all of which is well known to the whole world."

In this passage Fernandes demonstrates the Queen's charity, the reference to the hospital she founded in Caldas being of special interest. In continuation of his prologue Valentim speaks first of Dona Leonor's life of contemplation, and goes on to describe her active life, affirming that the *Vita Christi* and the *Autos dos Apostolos* were printed by her Royal command.

"And because the active life is, as I said, to carry out perfectly the works of charity, your most liberal beneficence desired to provide your subjects with spiritual maintenance, doing a great

de mãtijmẽto ſpiritual fazẽdo grãde obra de miſericordia mãdãdo por mi emp̃mir os liur⁹ de vita xp̃i cõ grãdiſſimas deſpeſas ꝛ guaſtos em lingoagem. Porq̃ os voſſos naturaes q̃ da lingoa latina careçem. nõ careçã de tã altas ꝛ ſctãs doctrinas. E depois q̃ a vida ꝛ milagres de xp̃o aſſi poll⁹ ditos liur⁹ foy diuulgada. Quis voſſa real mageſtade ꝓueer o dito ſeu poboo cõ o liuro q̃ fala dos feytos ꝛ milagres dos ſctõs apl'os. aſſi como de fejto mãdou a mi Valẽtim fernãdes q̃ enpremiſſe os ditos autos."

Os *Autos dos Apostolos* são pois a sequencia ou continuação da *Vita Christi*, o que ainda augmenta o seu valor. Diz-nos mais o nosso "imprimidor":

"E porque ho original per que auia de empremir os outros liuros nõ tinha ꝓlogo ꝑa ſaber quẽ fora ho autor q̃ ho fizera: me moueo ꝺ fazer eſte p̃ſente ꝓlogo. Ajnda q̃ buſcar quẽ tã ſctã doctrina ordenou ꝛ cõpos mais pareçe ſupfluo q̃ neçeſſario como diz ſam Gregorio. E deuem⁹ creer q̃ o eſpiritu ſctõ o aja ordenado. porq̃ toda eſcriptura inſpirada por ꝺs he ꝓueytoſa ꝑa enſinar como diz ſam paulo. E quãtas couſas ſõ eſcriptas ꝑa noſſa ẽſinãça ſom eſcriptas como diz eſſe meſmo apl'o. E por eſſo nõ he muyto neçeſſario ꝺ diſputar ſobre eſſo quẽ fora o autor. E porq̃ no começo do p̃ſente liuro ſe diz. Aq̃ ſe começa o ſegũdo lyuro ꝛ muytas vezes faz mẽçõ do terçeyro. poderia dizer alguẽ q̃ a p̃ſente obra nõ fora ꝑfecta."

A parte que segue do prologo é a mais importante, pois trata do livro e da sua traducção.

"Por eſſo p̃gũtey aa voſſa alteza pello auctor veẽdo q̃ nõ erã os aut⁹ de ſam lucas. E me diſſe q̃ o mãdara fazer el rej dõ alfonſo de caſtella cõ outros muyt⁹ liuros os q̃es jũtamẽte chamou hiſtoria geral. Pello q̃l reuolui todos meus liuros ata q̃ achey hũ liuro intitulado geneſi alfonſij repartido ẽ çinco liur⁹ cõpoſto ꝑ mãdado do ſobredito Rey por huũ famoſo meeſtre ẽ a ſctã theologia chamado bernaldo ꝺ briuega. ꝛ achei no ſeu ſegũdo liuro q̃ tracta da ley noua ꝛ da vijnda do meſſia aos. cc.lxij. capl'os as palauras

deed of charity by commanding that the books of the *Vita Christi* should be printed by me in the vernacular at great cost and expenditure; so that those of your subjects who lacked the Latin tongue should not lack such high and holy doctrines. And after the life and miracles of Christ had thus been divulged in the said books, your Royal Majesty desired to provide your said people with the book that speaks of the deeds and miracles of the holy apostles, as in effect you commanded me, Valentim Fernandes, to print the said Acts."

The *Autos dos Apostolos* is therefore the sequel or continuation of the *Vita Christi*, a fact that adds greatly to its value. Our "imprimidor" tells us further:

"And because the original from which I had to print the other books had no prologue to tell who was the author who wrote it, I was moved to write the present prologue; although to seek to find who set in order and composed such holy doctrine seems, as St Gregory says, superfluous rather than necessary, and we must believe that the Holy Spirit ordained it, because all Scripture inspired by God is profitable for doctrine, as St Paul says. And all things written are written for our learning as this same apostle says, so it is not very necessary to dispute as to who was the author. And because at the beginning of the present book it says: 'Here begins the second book,' and mention is made many times of the third, someone might say that the present work is not complete."

The extract that follows is the most important part of the prologue, for it deals with the book and its translation.

"For this reason I asked your Highness for the author's name, seeing that they were not the Acts according to St Luke. And you told me that King Don Alfonso of Castile had ordered it to be composed with many other books which he called collectively the *hiſtoria geral.* So I turned over all my books until I found a book entitled *geneſi alfonſij* divided into five books, composed by command of the above-mentioned King by a famous master in holy theology called Bernaldo de Brivega; and in his second book that treats of

do começo da p̃sente obra noſſa. Porẽ nõ traz a ordẽ dos capitollos ẽ modo tã pfecto como a p̃sente. E porq̃ neſte lyuro vã muytas palauras do falar antijgo q̃ mais pareçẽ galegas q̃ portugueſas nõ ponha voſſa alteza culpa ao emp̃ſſor. Porq̃ como ſabe voſſa real ſenhoria q̃ ael Rey noſſo ſnõr a ꝓuue ẽ voſſa p̃ſença q̃ nõ foſſem mudad[9] os vocablos ãtijgos ẽ modernos. ⁊ q̃ ajũtaſſe as eplãs de alguũs aplõs ao dito liuro o q̃ todo tenho feyto graças ſejã dadas a ds. E ſe pela ventura voſſa alteza achar alguũ viçio em a im-preſſom. Peço a voſſa benigniſſima humanidade pdõe. porq̃ ſoo ds he pfecto. Suplicando a eſte ſũmo ⁊ poderoſo ds ao q̃l as vozes do poboo reclamã lhe cõſerue ⁊ augmẽte a vida. ꝓſpere o eſtado cõ gloria ⁊ fama ppetua."

the new law and the coming of the Messiah I found, in chapter cclxij, the words with which our present work begins. However the chapters were not arranged in such perfect order as they are in the present work. And because in this book there are many words of the ancient speech that seem more Galician than Portuguese, your Highness must not lay the blame on the printer, for as your Royal Ladyship knows, the King our Lord approved in your presence that the ancient words should not be changed into modern ones and that the epistles of certain apostles should be added to the said book, all of which I have done, thanks be to God. And if by chance your Highness find some defect in the printing, I beg your most benignant humanity to pardon it, for God alone is perfect; and I beseech this most high and powerful God, Whom the voices of the people invoke, that He will preserve and prolong your life, and prosper the state with everlasting glory and fame."

Seria extremamente interessante saber quem escreveu a traducção dos *Autos* em linguagem. Fernandes informa-nos que a Rainha D. Leonor lhe dissera que o livro, "o mãdara fazer el rej dõ alfonſo de caſtella cõ outros muyt[9] liuros os q̃es jũtamẽte chamou hiſtoria geral," e accrescenta ter finalmente encontrado um livro intitulado "geneſi alfonſij" repartido em cinco livros, e que no segundo achou "aos. cc.lxij. caplõs as palauras do começo da p̃sente obra noſſa." A *Historia Geral de Hespanha* foi vertida em Portuguez, cerca de duzentos annos antes da impressão dos *Autos dos Apostolos.*

It would be extremely interesting to know who translated the *Autos* into the vernacular. Fernandes informs us that Queen Leonor told him "that King Don Alfonso had ordered it to be composed with many other books which he called collectively the *hiſtoria geral,*" and adds that at last he discovered a book called *geneſi alfonſij* divided into five parts, in the second of which he found "in chapter cclxij, the words with which our present work begins." A Portuguese version of the *Historia Geral de Hespanha* was written about 200 years before the publication of the *Autos dos Apostolos.*

"Já nos princípios do século XIV, quando D. Dinís mandou trasladar em português a *História geral* de Affonso X de Castella, ordenou que ao mesmo tempo se traduzisse o texto da Escriptura Sagrada que nella se continha. Essa traducção é provavelmente a mesma que se encontra em dois códices da bibliotheca do Escurial, um do século XIV, outro do século XV, com a traducção dos trinta e um primeiros capítulos do *Genesis*" (Fortunato de Almeida—*Historia da Igreja em Portugal,* t. II, p. 342—ver tambem ácerca da

"As early as the beginning of the XIVth century, when Dom Dinis commanded that Alfonso X of Castile's *História geral* should be translated into Portuguese, he ordered that the text of the Holy Scripture that was included therein should be translated at the same time. This translation is probably the same as that in the two codices in the Escurial Library, one of the XIVth and the other of the XVth century, including the translation of the first thirty-one chapters of Genesis" (Fortunato de

Historia Geral, os *Textos Arcaicos*, pp. 52–54 do D[r] Leite de Vasconcellos).

Como vimos, Fernandes refere-se ao livro intitulado *genesi alfonsij*. Por outro lado sabemos tambem que "D. João I encarregou letrados notáveis de traduzirem na língua portuguesa os *Evangelhos*, os *Autos dos Apóstolos*, as *Epistolas de S. Paulo* e outros livros" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* p. 342). Temos pois, traduzidos em linguagem no tempo de D. Diniz, a *Historia Geral de Hespanha* e o *Genesis*, e no tempo de D. João I, os *Autos dos Apostolos*. Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, p. 59) dá-nos a mesma informação ácerca da *Historia Geral de Hespanha—Cronica General*—ter sido vertida em Portuguez por mandado de D. Diniz: quanto aos *Autos dos Apostolos*, escreve o illustre auctor a quem tanto devem as lettras Portuguezas: "...the *Actos dos Apostolos*, written in the middle of the fifteenth century by Frei Bernardo de Alcobaça and Frei Nicolao Vieira, that is, copied by them from an older manuscript...." Copiado de um manuscripto mais antigo? Será do mandado executar por D. João I, ou devemos ainda procurar mais atraz, quer dizer nas traducções ordenadas por D. Diniz? Na *Memoria dos livros do uso delRey D. Duarte* (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. I, p. 544), por consequencia entre 1433 e 1438, encontramos, facto interessante, citados entre os "liuros de letra de pena" do Soberano, as tres obras seguintes: *Actos dos Apostolos—Genesy—Historia Geral.* Na lista não vem infelizmente mencionado se as obras eram "em lingoagem": contudo, os titulos, pelo menos do primeiro livro e do terceiro, parecem indical-o. Estas obras, que existiram na Livraria de D. Duarte, já não se encontram na Livraria de D. Manuel (Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel*). Não pretendemos, por falta de conhecimentos e de saber, resolver o problema de quem foi o auctor dos *Autos* em linguagem, as-

Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, vol. II, p. 342—see also *Textos Arcaicos* by Dr J. Leite de Vasconcellos, pp. 52–54).

As we have noticed, Fernandes refers to a book entitled *genesi alfonsij*. On the other hand we know that "Dom João I charged notable scholars to translate the *Gospels*, the *Acts of the Apostles*, *St Paul's Epistles* and other books, into the Portuguese tongue" (Fortunato de Almeida, *loc. cit.*). So we have the *Historia Geral de Hespanha* and *Genesis* translated into Portuguese in the time of Dom Diniz, and the *Autos dos Apostolos* in the time of Dom João I. Aubrey Bell, to whom Portuguese letters owe so much, gives us the same information (*Portuguese Literature*, p. 59) about the *Historia Geral de Hespanha—Cronica General*—and also mentions "...the *Actos dos Apostolos*, written in the middle of the fifteenth century by Frei Bernardo de Alcobaça and Frei Nicolao Vieira, that is, copied by them from an older manuscript...." Was this older manuscript the one written by Dom João I's command, or should we seek it still earlier among the translations ordered by Dom Diniz? It is an interesting fact that in the *Memoria dos livros do uso delRey D. Duarte* (1433–1438) (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. I, p. 544), we find the following three works included among the Sovereign's "liuros de letra de pena" (manuscript books): *Actos dos Apostolos—Genesy—Historia Geral.* Unfortunately we are not informed whether the books were in the Portuguese vernacular; but the titles, at least of the first and third, seem to indicate that they may have been. These works that were kept in Dom Duarte's Library are not included in the catalogue of Dom Manuel's Library (Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no reinado de Dom Manuel*). For want of certain knowledge we cannot pretend to solve the problem to which Innocencio refers (*Diccionario*, vol. VIII, p. 353), and state definitely who was the translator of the book. However it is curious that the title of the Alcobaça codex "trans-

sumpto ao qual Innocencio (*Diccionario*, vol. VIII, p. 353) se referiu. Contudo, é notavel que o titulo do codice de Alcobaça, "Traduzido em portugues por Fr. Bernardo e Fr. Nicolau Vieira, monges de Alcobaça" (Antonio Anselmo, *Os antigos códices portugueses do Mosteiro de Alcobaça*, CCLXXXII (280) no vol. VI, nos 22 e 23 dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*), seja identico ao titulo da primeira folha dos *Autos* impressos por Valentim Fernandes, com a differença das primeiras tres palavras que se lêem no livro publicado em 1505. O titulo do codice de Alcobaça, copiado de Antonio Anselmo (*ob. cit.*) reza: "O *Segundo livro que fala de todo o feito e de todalas vidas e das paixões dos apostolos.*" No livro de Valentim Fernandes o titulo diz: "Aqui ſe começa ho ſegũdo liuro que fala de todo ho feyto ⁊ de todallas vidas ⁊ das payxões dos apoſtolos"; fôram pois apenas accrescentadas as tres primeiras palavras do titulo, cuja orthographia deve ser semelhante á do original de Alcobaça. Sendo os *Autos dos Apostolos*, na idea da Rainha D. Leonor, a continuação da *Vita Christi*, seria tão plausivel como natural que a traducção impressa por Fernandes fôsse a de Fr. Bernardo de Alcobaça, que já havia vertido em linguagem a *Vita Christi*; mas, no prologo, mestre Valentim de fórma alguma indica tratar-se de uma traducção de Fr. Bernardo, cujo estylo Fernandes devia conhecer bem, desde que em 1495 imprimira a *Vita Christi.* Tambem não devemos esquecer uma phrase do prologo: "E porq̃ neſte lyuro vã muytas palauras do falar antijgo q̃ mais pareçẽ galegas q̃ portugueſas nõ ponha voſſa alteza culpa ao emp̃ſſor." Sobre a evolução da lingua Portugueza, escreve o Dr J. Leite de Vasconcellos (*Lições de Filologia Portuguesa*, pp. 16 e 17):

"Distinguiremos pois os seguintes periodos do português: (1) *arcaico* ou *antigo*, do séc. IX, e mais particularmente do séc. XII, aos meados do séc.

lated into Portuguese by Frei Bernardo and Frei Nicolao Vieira, monks of Alcobaça" (Antonio Anselmo, *Os antigos códices portugueses do Mosteiro de Alcobaça*, CCLXXXII (280), in vol. VI, nos. 22 and 23 of the *Anais das Bibliotecas e Arquivos*), should be exactly the same as the title on the first page of the *Autos* printed by Valentim Fernandes, except for the first three words in the book published in 1505. The title of the Alcobaça codex as given by Antonio Anselmo (*loc. cit.*) reads: "O *Segundo livro que fala de todo o feito e de todalas vidas e das paixões dos apostolos*" (The Second book, which speaks of all the deeds and of all the lives and of the passions of the apostles), while in Valentim Fernandes' publication it says: "Aqui ſe começa ho ſegũdo liuro que fala de todo ho feyto ⁊ de todallas vidas ⁊ das payxões dos apoſtolos" (Here begins the second book, etc.); therefore the only differences between the two are that in the latter work three words are added to the beginning of the title, and the spelling is more archaic, being probably very similar to that in the Alcobaça original. As Queen Leonor looked upon the *Autos dos Apostolos* as a continuation of the *Vita Christi*, it would be very natural that Fernandes should have been supplied with a translation by Frei Bernardo de Alcobaça, whose version of the *Vita Christi* had already been published; but nothing in the prologue seems to suggest that Frei Bernardo de Alcobaça was the translator, though Fernandes must have been familiar with his style through the *Vita Christi*, which he had printed in 1495. We must not lose sight of one phrase in the prologue: "And because in this book there are many words of the ancient speech that seem more Galician than Portuguese your Highness must not lay the blame on the printer." Dr J. Leite de Vasconcellos (*Lições de Filologia Portuguesa*, pp. 16 and 17) says, with reference to the evolution of the Portuguese language:

"We will therefore distinguish between the following periods of Portuguese: (1) *archaic* or *ancient*, from the IXth century, and more par-

XVI; (2) *moderno* do séc. XVI ao séc. XX. Nestas duas classes há ainda sub-divisões. O português antigo, à parte certas peculiaridades dialectais, está intimamente correlacionado com o idioma da Galiza, ou galego; às fases primeiras de ambos costuma até chamar-se *galeco-português* ou *português-galego*."

O estylo de Valentim Fernandes não póde certamente considerar-se como *moderno*: contudo, em 1505, elle entendia que os *Autos dos Apostolos* tinham sido escriptos com palavras "do falar antijgo"; e no prologo accrescenta: "Porq̃ como ſabe voſſa real ſenhoria q̃ ael Rey noſſo ſnõr a ꝑuue ẽ voſſa p̃ſença q̃ nõ foſſem mudadᵒ os vocablos ãtijgos ẽ modernos." O mestre na "nobre arte impreſſoria" mostra claramente não querer a responsabilidade dos "vocablos ãtijgos" que se lêem nos *Autos*. O Dr Leite de Vasconcellos (*ob. cit.* p. 136) referindo-se a um outro livro, o *booſco deleytoſo* de 1515—de que adeante nos occuparemos—escreve:

"Esta obra, ainda que impressa no primeiro quartel do séc. XVI, representa porém uma fase lingüística muito mais antiga, dos começos do séc. XV, ou ainda dos fins do séc. XIV, pois aí se lê: *eu som*, que, se ainda vem no *Leal Conselheiro*, já no séc. XVI é posto pelos cómicos na bôca dos plebeus."

Nos *Autos* (fol. XVI) lêmos: "Eu ſom ꝺs dos teus padres." Não nos é possivel reproduzir aqui todos os termos archaicos que o Dr Leite de Vasconcellos nos fornece como exemplos do *booſco deleytoſo*, dos quaes tantos se encontram nos *Autos dos Apostolos*, alem de muitas palavras "q̃ mais pareçẽ galegas q̃ portugueſas." Não ha duvida que tanto os *Autos* como as *Epistolas*—que Fernandes claramente indica terem sido accrescentadas por ordem de D. Manuel—estão escriptos em Portuguez muito antigo, sendo especialmente interessante que fôsse tambem D. Manuel—sempre segundo mestre Valentim—que, na presença de D.

ticularly from the XIIth century until the middle of the XVIth century; (2) *modern*, from the XVIth century until the XXth century. These two classes can still be subdivided. Ancient Portuguese, apart from certain dialectic peculiarities, is intimately correlated with the idiom of Galicia, or Galician; it is even customary to call the early phases of both, *Galician-Portuguese* or *Portuguese-Galician*."

Valentim Fernandes' style can certainly not be classed as *modern*; yet in 1505 he considers that the *Autos dos Apostolos* contains many words "of the ancient speech," and adds "for as your Royal Ladyship knows, the King our Lord approved in your presence that the ancient words should not be changed into modern ones." The master of the "noble art of printing" shows clearly that he does not wish to be held responsible for the "ancient words" in the *Autos*. Dr Leite de Vasconcellos (*op. cit.* p. 136), referring to another book—the *booſco deleytoſo*, 1515, to which we shall turn our attention later—writes:

"This book, although it was printed in the first quarter of the XVIth century, represents a very much earlier linguistic phase, dating from the beginning of the XVth, or even the end of the XIVth century, for we find therein *eu som* (for *sou*—I am), an expression which, though it still appears in the *Leal Conselheiro*, is already in the XVIth century put in the mouth of plebeians by comic writers."

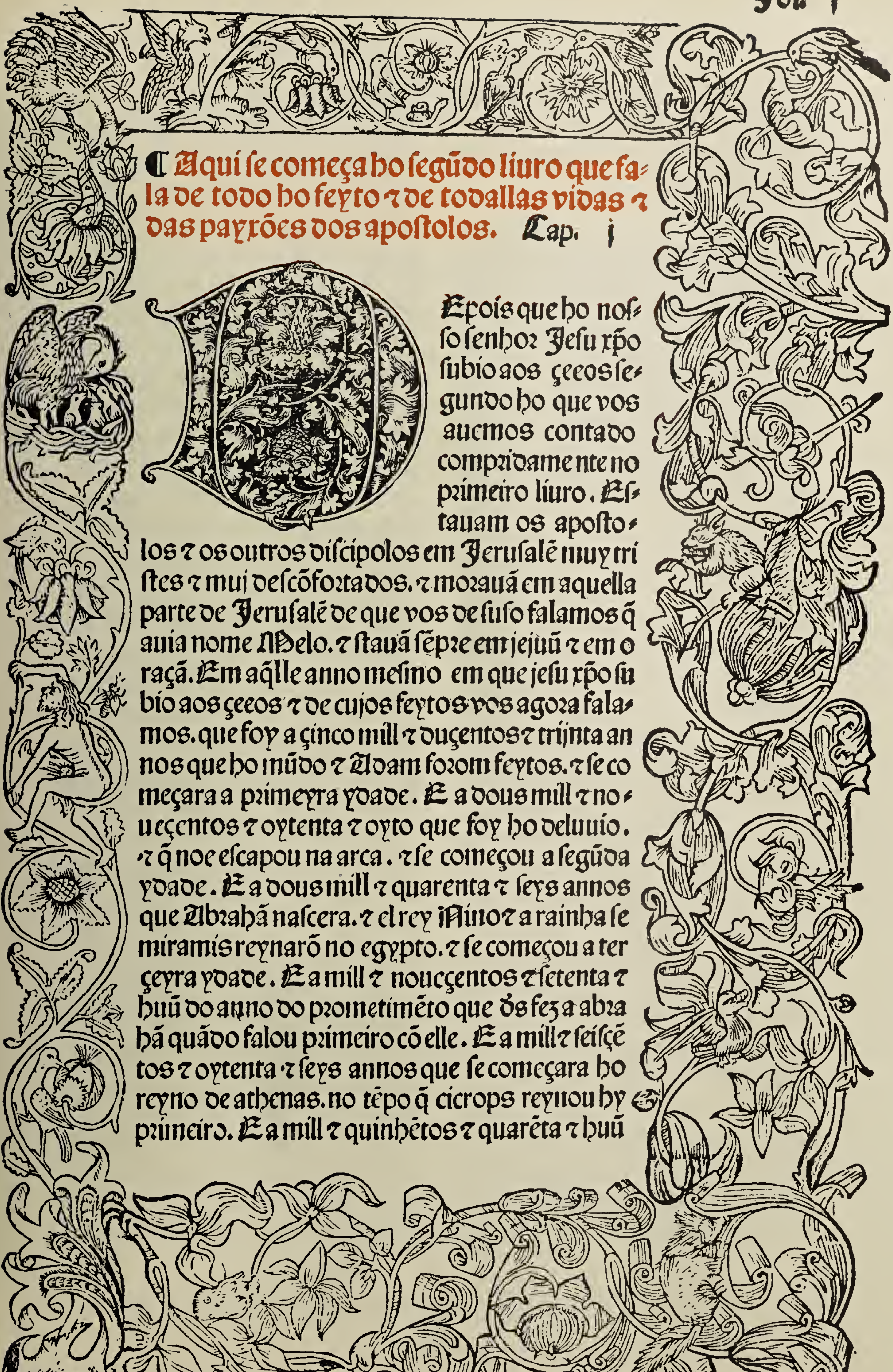
In the *Autos* (fol. XVI) we read "Eu ſom ꝺs dos teus padres" (I am the God of thy fathers). We cannot reproduce here all the archaic terms that Dr Leite de Vasconcellos cites from the *booſco deleytoſo*, almost all of which are to be found in the same form in the *Autos dos Apostolos*, besides many words "that seem more Galician than Portuguese." There is no doubt that both the *Acts*, and the *Epistles* which, Fernandes states, were added by Dom Manuel's order, are written in a very ancient Portuguese, and it is especially interesting that—again according to Fernandes—it should also have been Dom Manuel, who, in Queen Leonor's presence, expressed his opposi-

Leonor, se oppozesse á mudança dos "vocablos ãtijgos ẽ modernos." É provavel que o Monarcha tivesse uma razão, com a qual Fernandes parece não concordar, pois escreve: "nõ ponha voſſa alteza culpa ao empſſor." Seria essa razão o desejo de D. Manuel que os *Autos dos Apostolos* fôssem impressos segundo a versão mandada fazer por D. João I, ou mesmo por outra, ainda mais antiga, escripta no tempo de D. Diniz? Não sabemos; mas qualquer das hypotheses parece-nos plausivel, em vista dos factos e argumentos apresentados, que apenas desejamos possam servir, de alguma fórma, para se achar com certeza quem, e em que epocha, escreveu a versão em linguagem dos *Autos* publicados em 1505.

Como dissemos, este livro é um admiravel monumento da typographia em Portugal no principio do seculo XVI. Serviu-se Fernandes, para a sua impressão, de muito do material que já tinha usado na *Vita Christi.* Trataremos especialmente da folha de rosto; o titulo, "*os autos dos apl'os,*" é xylographado. Por cima, no centro, nota-se o escudo das Armas Reaes, o mesmo que vêmos na *Vita Christi*: á direita, a Esphera, emblema de D. Manuel; á esquerda, a divisa da Rainha D. Leonor. Nas nossas notas sobre a *Vita Christi* occupámos-nos detalhadamente da *Rêde* e da sua origem, dos monumentos, objectos etc., em que se vê representada. Explicámos tambem a razão—unica plausivel—porque a divisa de D. Leonor se encontra *ás véssas* na *Vita Christi,* o que, muito simplesmente, se demonstra com os *Autos dos Apostolos.* Houve na *Vita Christi* um erro de impressão, e a gravura da *Rêde* sahiu *ás véssas.* No unico outro livro conhecido, impresso no seculo XVI, que contem a divisa de D. Leonor, Valentim Fernandes reproduz a mesma gravura que empregára na *Vita Christi,* mas *ás direitas.* Se Fernandes não tivesse realisado o seu erro, teria novamente imprimido a gravura na mesma posição. O facto da *Vita Christi,* cujas gravuras fôram tantas vezes publi-

tion to the change "from ancient words into modern ones." The Monarch probably had a special reason for his decision, with which Fernandes was evidently not in agreement, for he says "your Highness must not lay the blame on the printer." This decision may have been actuated by Dom Manuel's desire that the *Autos dos Apostolos* should be printed from the version made by Dom João I's command, or perhaps from an even earlier one, written in the time of Dom Diniz. We cannot say for certain; but either of these hypotheses seems to us admissible, in view of the facts and arguments we have brought to bear on the subject, to help to decide who wrote the Portuguese version of the *Autos* published in 1505, and the period of its composition.

As we have said, this book, in which Fernandes made use of much of the material he had already employed in the *Vita Christi,* is an admirable example of printing in Portugal at the beginning of the XVIth century. The front page, for instance, has a xylographic title, surmounted by the Royal coat of arms we saw in the *Vita Christi,* with the Sphere, Dom Manuel's emblem, on the right, and Dona Leonor's device on the left. We gave a detailed study of the *Net,* its origin, and the monuments and objects of art in which it is reproduced, in our notes on the *Vita Christi.* We also stated the only plausible reason why Dona Leonor's device is shown upside down in the *Vita Christi,* a simple reason, which is further demonstrated in the *Autos dos Apostolos*: there was a printer's error in the *Vita Christi,* with the result that the *Net* came out upside down. In the only other known XVIth century book containing Dona Leonor's device, Fernandes reproduces the same woodcut, but this time the right way up. Had Fernandes not realised his error, he would have reprinted the woodcut in its original position. The fact that the woodcuts from the *Vita Christi,* as the first known incunable in Portuguese, were many times reproduced, accounts for the con-



Fol. j

¶ Aqui se começa ho segũdo liuro que fa-
la de todo ho feyto ⁊ de todallas vidas ⁊
das payxões dos apostolos. Cap. j

DEpois que ho nos-
so senhoꝛ Jesu xp̃o
subio aos çeeos se-
gundo ho que vos
auemos contado
compꝛidamente no
pꝛimeiro liuro. Es-
tauam os aposto-
los ⁊ os outros discipolos em Jerusalẽ muy tri
stes ⁊ muj descõfoꝛtados. ⁊ moꝛauã em aquella
parte de Jerusalẽ de que vos de suso falamos q̃
auia nome Melo. ⁊ stauã sẽpꝛe em jejuũ ⁊ em o
raçã. Em aq̃lle anno mesmo em que jesu xp̃o su
bio aos çeeos ⁊ de cujos feytos vos agoꝛa fala-
mos. que foy a çinco mill ⁊ duçentos ⁊ trijnta an
nos que ho mũdo ⁊ Adam foꝛom feytos. ⁊ se co
meçara a pꝛimeyra ydade. E a dous mill ⁊ no-
ueçentos ⁊ oytenta ⁊ oyto que foy ho deluuio.
⁊ q̃ noe escapou na arca. ⁊ se começou a segũda
ydade. E a dous mill ⁊ quarenta ⁊ seys annos
que Abꝛahã nascera. ⁊ el rey Nino ⁊ a rainha se
miramis reynarõ no egypto. ⁊ se começou a ter
çeyra ydade. E a mill ⁊ noueçentos ⁊ setenta ⁊
huũ do anno do pꝛometimẽto que ds fez a abꝛa
hã quãdo falou pꝛimeiro cõ elle. E a mill ⁊ seisçẽ
tos ⁊ oytenta ⁊ seys annos que se começara ho
reyno de athenas. no tẽpo q̃ cicrops reynou hy
pꝛimeiro. E a mill ⁊ quinhẽtos ⁊ quarẽta ⁊ huũ

44 Primeira pagina dos *Autos dos Apostolos*. First page of the *Autos dos Apostolos*. Lisboa, 1505

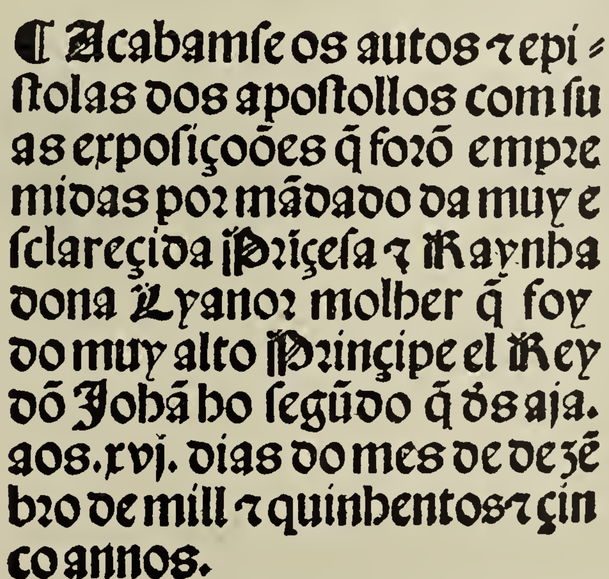
❡Começaſe a epiſtola do a-poſtolo ſantjago com algũas declaraçoões ⁊ eiſpoſiçoões de douctores. Cap° j

Iaco-
bo ſer
uo de
dõs ⁊ d
noſſo
ſnõr je
ſu xpo
enuio
ſaude
aos doze tribos dos judeus con-
uertidos aa fee q̃ ſom eſpargidos
fora da terra de judea. Irmaaõs
meus. quãdo cayrdes em deſuyra
das temptaçoões: penſade q̃ final-
mẽte cobraredes todo prazer çele-
ſtrial ſe reſiſtirdes a ellas fortemen
te. ſabẽdo vos çertamẽte q̃ a proua
çam da voſſa fee emnas perſigui-
çoões: obra paçiençia: ca ſofrendo
vos a meude as perſiguiçoões ga
nhades vyrtude de paçiençia. ⁊ a
paçiẽçia ha obra pfecta: ca ha pa-
çiençia faz ao homẽ nom aueer em
nas perſiguiçoões triſteza q̃ he ra
iz da jra ⁊ do odio. ⁊ talhada a raiz
nõ ſe ſegue aſanha nẽ o odio: ⁊ eſ-
to faz a paçiẽçia todo ⁊ aſi faz obra
pfeyta. pera q̃ ſejades perfeytos ⁊
enteyros nõ deſſaleçẽdo em algũa
couſa. Mais ſe alguũ de vos ha
meeſter ſabedoria demandea a dõs
que da a todos auõdoſa mente ⁊
nõ refere o bẽ que da: ⁊ ſe lhe pedir:
ſer lhea dado. Mais demãde ⁊ pe
ça em fee nõ duuidãdo algũa cou-
ſa de poderio ⁊ da võtade de dõs q̃
ha pera dar aos q̃ lhe pedẽ como
deuem. Ca aquelle que duuida ſe-
melhauel he aa onda do mar q̃ ſe
moue ⁊ reuolue cõ o vento. Ergo
aquelle homẽ que aſſy duuidar da
voõtade ⁊ do poderio de dõs ⁊ nõ
tem a mente aficada em dõs eſtauil
mente. nõ penſe que reçebera do ſe
nhor dõs algũa couſa dos beẽs da
graça. Ca os beẽs da natureza cõ
mũees ſom aoſ boõs ⁊ aos maaos
Pero ſe duuydar de reçeber aq̃llo
que pede p razõ do ſeu defejto pro
prio. tal duuida nõ embarga a ſua
petiçõ. mas o que duuida de dõs he
embargado. O barõ dobrez de co
raçõ nõ he eſtauel em todas ſuas
carreyras: ⁊ em todas ſuas obras
Mais o jrmaão homildoſo ⁊ deſ-
prezado ⁊ apremado: glorieſſe ẽno
ſeu enxalxamento q̃ auera no çeeo
Mais ho rico glorieſſe ẽno ſeu a-
baixamẽto: ca aſſi traſpaſara como
a flor do feno: ca çedo deſſeleçera
porq̃ naçeo o ſol cõ ardor ⁊ ſecou-
ſe o feno ⁊ cayo a ſua flor ⁊ a fremu
ſura do ſeu vulto pereçeo Bẽ aſſi o
rico ſe ſecara. emnos ſeus camin-
hos. ca o ſeu poderio ⁊ ſua glorya
ſera deſfeita ẽna morte ⁊ aas vezes
ante da morte. Bẽauẽturado he o
barõ que ſofre a tẽtaçõ vençẽdoa
porque deſpois q̃ for prouado reçe
bera coroã de vida a qual dõs repro
meteo aos q̃ o amã. q̃ndo algũ he
A

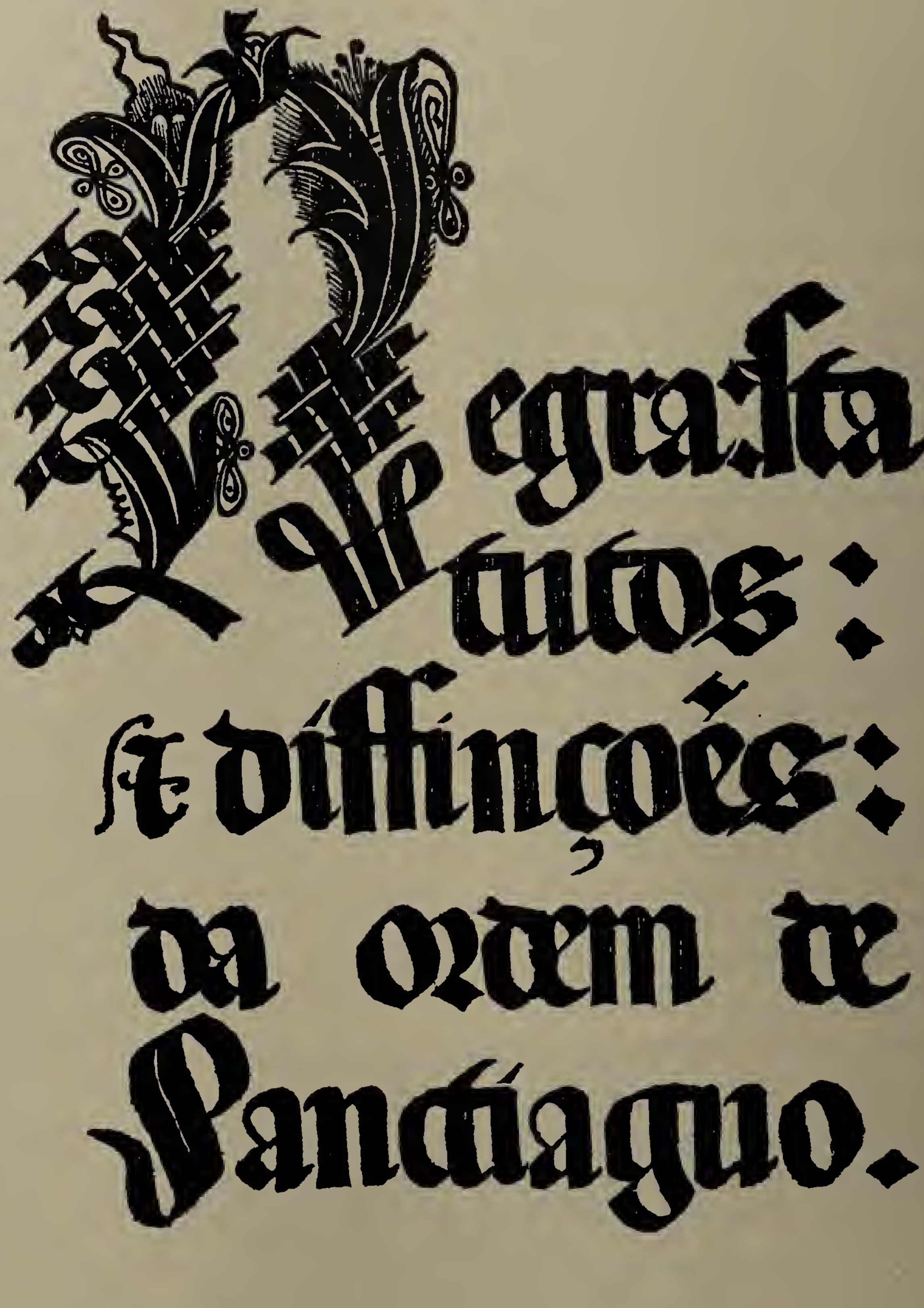
45 Pagina dos *Autos dos Apostolos*. Page of the *Autos dos Apostolos*. Lisboa, 1505

cadas, ser o primeiro incunabulo conhecido em linguagem, permittiu a confusão ácerca da divisa de D. Leonor, sobretudo por serem quasi desconhecidos os *Autos dos Apostolos.* Alem d'isso, a posição invertida da divisa na *Vita Christi* é absurda. A Rainha tomou por divisa a *Rêde*, preito de saudade, como já narrámos. D'essa *Rêde* cáem seis gottas d'agua, tres de cada lado: na posição invertida (*Vita Christi*) essas gottas *sóbem,* o que é absolutamente impossivel e por consequencia um desproposito. Parece-nos ter explicado definitivamente a questão do emblema de D. Leonor, e a razão pela qual foi impresso ás véssas no primeiro livro, de que ha noticia, publicado em Portuguez. A *Rêde* é a divisa da saudade, cheia de poesia e de encanto, que recordava á Rainha o filho unico e querido que perdera; n'estes *Autos dos Apostolos,* que a illustre Princeza, protectora da imprensa, mandou publicar, ao vêr a sua divisa, evocamos a grande figura da viuva de D. João II e irmã do Venturoso, da fundadora das Misericordias. A *Rêde* é a mais bella divisa que se póde imaginar para os *Autos dos Apostolos*, pois é o primeiro emblema de S. Pedro, do Pescador! Para nós Portuguezes, a *Rêde* é tambem uma allegoria maritima da nossa raça n'aquella epocha gloriosa de navegações e descobrimentos. D. Leonor soube na sua divisa reunir a saudade e a dôr á idea da Nação: e quem sabe, se as gottas que cáem da *Rêde* não significam lagrymas de mãe, e gottas do Oceano navegado pelos Portuguezes!

fusion about the Queen's emblem, especially as the *Autos dos Apostolos* is almost unknown. Apart from this, the inverted position of the device in the *Vita Christi* is absurd. The Queen took for her device the *Net*, a sign of remembrance, as we have already related. From the *Net* fall six drops of water, three on either side: in the inverted position (*Vita Christi*) these drops fall *upwards*, which is absolutely impossible. It seems to us that we have now definitely explained the question of Dona Leonor's emblem and the reason why it was printed upside down in the first known book published in Portuguese. As a device of mourning and remembrance it is full of poetry and charm. The *Net* reminded the Queen of her beloved and only son, whom she had lost; and the sight of her device in the *Autos dos Apostolos*, which the famous Princess and patroness of printing commanded to be published, evokes the great figure of Dom João II's widow, of Dom Manuel the Fortunate's sister, the foundress of the *Misericordias*. The *Net* is the most beautiful and fitting emblem imaginable for the *Autos dos Apostolos*, for it may be called the first emblem of St Peter the Fisherman! For us Portuguese, the *Net* is also a maritime allegory of our race in the glorious epoch of navigation and discovery. Dona Leonor was able in her device to unite with her own remembrance and suffering, the idea of the Nation: and who knows whether the drops falling from the *Net* may not represent the Mother's tears, and drops of the Ocean sailed by the Portuguese!


¶ Acabamse os autos ⁊ epi-
stolas dos apostollos com su
as exposiçoões q̃ forõ empre
midas por mãdado da muy e
sclareçida Pri̅çesa ⁊ Raynha
dona Lyanor molher q̃ foy
do muy alto Principe el Rey
dõ Johã ho segũdo q̃ ds aja.
aos.xvj. dias do mes de dezẽ
bro de mill ⁊ quinhentos ⁊ çin
co annos.

46 Colophon dos *Autos dos Apostolos.* Colophon of the *Autos dos Apostolos.* Lisboa, 1505



Regra: statutos: & diffinçoẽs: da ordem de Sanctiaguo.

47 Folha do rosto da *Regra de S. Thiago*
Title-page of the *Regra de S. Thiago*
Setubal, 1509

12 REGRA: STATUTOS & DIFFINÇOẼS: DA ORDEM DE SANCTIAGUO.

Setubal, Hermaõ de Campos, 1509.

Regra: ſta | tutos: | & diffinçoẽs: | da ordem de | Sanctiaguo.

[fl. 1 vo.] Contem eſte liuro em ſi | as couſas ſegujmtes. [...]

[fl. 2] Prologo [...]

A folha é emmoldurada por tarjas e tem no logar da lettra capital uma gravura que representa um cavalleiro da Ordem pisando com o cavallo um inimigo prostrado[1].

[fl. 3 vo.]

Gravura que occupa toda a pagina e representa tambem um cavalleiro da Ordem pisando com o cavallo dois inimigos prostrados; ao lado uma cabeça decepada[2].

fl. I. Começaſe ho prologo na regra de Santiago [...]

fl. III [...] In noĩe patris ⁊ filij ⁊ ſpi | ritus ſancti. Amen. | ESta he a | rĝ ⁊ eſta/ | belicimẽtᵒ | da ordẽ ⁊ | caualari | a do bẽ a | uẽtado aplõ ſãtiago [...]

fl. XXXVII vo.

Fim da regra[3].

fl. XXXVIII. Quaderno do regimẽto do Capitolo geeral.

fl. XCVI vo. e fl. XCVII.

Duas gravuras que representão as bandeiras da Ordem[4].

fl. CVIII [...] O Meſtre/

Escudo que contem uma espada entre o Sol e a Lua, com a legenda em volta[5]:

SIGILVM: ORDINIS · ET · MILICIE: SANCTI: IACOBI: DESPATA:

Nomes dos definidores da Ordem; no fim da pagina[6]:

Eſta obra fue emprimida em Setuual: | por mi Herman de kempis alemã: Enel | anno de Mil quinhẽtos ⁊ noue. E ſe aca/ | uo a treze del mes de Dezembro.

[1] *The page has an ornamental border, and in the space usually allotted to the initial letter, has a woodcut representing a knight of the Order trampling a prostrate enemy under his horse's hoofs.*

[2] *Full-page woodcut which represents a knight of the Order trampling two enemies under his horse's hoofs; a severed head lies in one corner of the picture.*

[3] *End of the* regra.

[4] *Two woodcuts representing the banners of the Order.*

[5] *Shield bearing on it the sun and the moon with a sword between them, and the surrounding legend:*

[6] *Names of the counsellors of the Order; at the end of the page:*



48 Gravura da *Regra de S. Thiago.* Woodcut from the *Regra de S. Thiago.* Setubal, 1509

fl. CIX. Statuto pera hos | caualeyros: ⁊ ou/ | tras pessoas degra | dadas q̃ nom mostram ha | prouisam que am de corte | de Roma/ como am de ser | punidos. [...]

fl. CIX vo.—fl. CXV. Tauoada.

Folio—[3], CXV folhas a 2 columnas—30 linhas—caractéres gothicos de 2 tamanhos, sendo as notas marginaes em caractéres menores—sem reclamos—titulo de entrada a vermelho—gravuras coloridas.

Numeração dos cadernos: 3 folhas sem paginação nem assignatura; a–p, 6 folhas cada caderno; q, 8 folhas; r–s, 6 folhas cada caderno; t, 5 folhas; total de 118 folhas; folha a 1 não tem assignatura; c 3 tem assignatura errada c'; i 3 tem assignatura errada i iiij.

Encadernação de marroquim vermelho.

Folio—[3], CXV leaves printed in double columns—30 lines—Gothic letter of two sizes, the marginal notes being in smaller print—no catchwords—opening title in red—coloured woodcuts.

Collation by signatures: 3 unnumbered leaves without signature marks; a to p, each 6 leaves; q, 8 leaves; r and s, each 6 leaves; t, 5 leaves; total 118 leaves; leaf a 1 has no signature mark, c 3 is wrongly marked c', and i 3 is wrongly marked i iiij.

Bound in red morocco.

A *Regra da Ordem de S. Thiago*, impressa em Setubal em 1509, é a obra mais antiga que se conhece do "imprimidor" Herman de Kempis (Hermão de Campos). A ella se referem, entre outros, Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 61), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 481), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 136), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 434). Ácerca de Herman de Kempis, escrevem estes dois auctores:

"Hermão ou Armão de Campos, Campis, Kempos ou Kempis, que por todos êstes nomes é designado, foi um impressor alemão que de 1509 a 1518, trabalhou em Lisboa, e ocasionalmente em Setúbal e Almeirim, só ou de parceria com Valentim Fernandes e Roberto Rabelo, e do qual se conhecem uns dez trabalhos. Com o mester de impressor acumulava o de bombardeiro (*imprimidor e bombardeyro del Rey*). As suas impressões em caracteres góticos, que usou de dois feitios, com abundància de tarjas e de capitaes ornadas, recomendam-se por uma nitidez e apuro que em nada desmerecem das dos seus contemporâneos. Pode considerar-se um im-

The *Regra da Ordem de S. Thiago* (Rule and statutes of the Order of St James), printed in Setubal in 1509, is the earliest known work from the press of Herman de Kempis (Hermão de Campos). Among those who mention it are Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 61), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 481), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 136) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 434). The two last-mentioned authors give the following information about Herman de Kempis:

"Hermão or Armão de Campos, Campis, Kempos or Kempis, who is designated by all these names, was a German printer, who, from 1509 until 1518, worked in Lisbon, and occasionally in Setubal and Almeirim, either alone or in partnership with Valentim Fernandes and Roberto Rabelo, some ten works of his being known. In addition to being a printer, he exercised the profession of bombardier (printer and bombardier to the King). His publications, in Gothic characters of two founts, with many vignettes and ornamental capitals, commend themselves to our notice by a neatness and per-

pressor da melhor escola alemã. Ordinariamente os títulos dos seus trabalhos são xilografados, como era vulgar ainda no seu tempo; e como marca, ou ilustração predominante nêles usou o escudo das armas reais com o grifo no timbre e a esfera armilar. O escudo é o mesmo que Germão Galharde depois também empregou."

Pouco sabemos de Herman de Kempis, senão que imprimiu em Portugal de 1509 a 1518, como vimos: aporteguezou o nome durante a sua estada, o que outros tambem fizeram. Tito de Noronha (*O Cancioneiro Geral,* p. 19) diz-nos que o seu nome era "Hermann *von Kempen,* em latim *à Kempis,* em portuguez *de Kempis,* á imitação de Thomaz de Kempis, que tambem era allemão." Nas obras sahidas dos seus prelos, podemos seguir a evolução do nome do impressor, apezar de decorrerem alguns annos entre essas publicações. Na *Regra de S. Thiago,* 1509, o seu nome é *Herman de Kempis alemã*: nos *Artigos das sisas,* 1512, escreve, *Hermã de Kempos*: no *Bosco deleytoso,* 1515, na *Regra da Ordem de Aviz,* 1516, no *Cancioneiro Geral,* 1516, e no *Espelho de Christina,* 1518, o seu appellido já é *Campos.* Transformou pois a fórma latina *Kempis,* do nome Allemão *Kempen,* n'um nome bem Portuguez, *Campos,* passando pela transição de *Kempos.* Contudo, fez ainda algumas variantes na maneira de escrever o nome, pois nos *Regimentos e ordenações da fazenda* de 1516 se lê: *Armão de Campos*; no *Flos sanctorum* que publicou em 1513, associado com Roberto Rabelo, escreveu *Herman de Campis,* e no *Compromisso da Confraria da Misericordia,* que imprimiu de parceria com Valentim Fernandes em 1516, *Harmam de Cãpos.* Não ha duvida que fôram variadas as fórmas empregadas por Kempis ao escrever o seu nome, modificando a orthographia á sua vontade, com uma licença digna dos tempos actuaes.

fection of workmanship in no way inferior to that of his contemporaries. He may be considered as a printer of the best German school. The titles of his works are generally xylographic, as was still customary in his time; and as a device or predominant illustration in them, he used the Royal coat of arms with the griffin crest, and the armillary Sphere. The coat of arms is the same as that employed later by Germão Galharde."

We know little about Herman de Kempis except that, as we have seen, he printed in Portugal between 1509 and 1518: as happened with many others, his name gradually assumed a more Portuguese form during his stay. Tito de Noronha (*O Cancioneiro Geral,* p. 19) tells us that "his name was Hermann *von Kempen, à Kempis* in Latin, and *de Kempis* in Portuguese, in imitation of Thomas à Kempis who was also a German." We can trace the evolution of the printer's name from the works he issued, though in some cases several years elapsed between these publications. In the *Regra de S. Thiago* his name is *Herman de Kempis alemã* (German); in the *Artigos das sisas,* 1512, he writes *Hermã de Kempos*; in the *Bosco deleytoso,* 1515, his surname is already Campos, as it also appears in the *Regra da Ordem de Aviz,* 1516, the *Cancioneiro Geral,* 1516, and the *Espelho de Christina,* 1518. The Latin form *Kempis* from the German *Kempen* was therefore transformed into the very Portuguese name of *Campos,* passing through the transitional stage of *Kempos.* There were, however, yet other variations in the spelling of his name, for in the *Regimentos e ordenações da fazenda,* 1516, we read: *Armão de Campos*; in the *Flos sanctorum,* which he published in 1513, in partnership with Roberto Rabelo, he signed himself *Herman de Campis*; and in the *Compromisso da Confraria da Misericordia,* which, with Valentim Fernandes, he printed in 1516, he figures as *Harmam de Cãpos.* Certainly Kempis made use of decidedly varied forms when writing his name, and modified the orthography according to his own sweet will, with a licence almost worthy of modern Portuguese spelling.

Herman de Kempis, ou Hermão de Campos, teve os titulos—que se lêem em algumas das suas obras—de *imprimidor* e *bombardeyro* d'El-Rei. Este segundo titulo é curioso para um impressor, sendo, que nos conste, Campos o unico que o teve. Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII) não menciona Hermão de Campos, provavelmente por não ter encontrado documento algum a respeito d'este impressor. Tito de Noronha (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 26), na lista que nos fornece dos impressores e dos seus titulos honorificos, diz apenas que Herman de Kempis foi "Bombardeiro de el-rei," não indicando o facto de elle ter sido egualmente "imprimidor" d'El-Rei, do que não póde haver duvida perante o colophon do *Efpelho de Criftina*: "Impreffo em ha muy nobre y fempre leal cibdade (sic) de lixboa por herman de campos. Imprimidor y bombardeyro do rey noffo fenhor cõ gracia y priuilegio de fu alteza." O titulo de "imprimidor" d'El-Rei, ou impresso Regio, foi dado a diversos impressores no seculo XVI, mas o de "bombardeyro," teve-o apenas—que nos conste, como dissemos—Hermão de Campos.

"...bombardeiro d'el-rei era titulo honorifico, e que aliás não deslustra a memoria de quem o teve; pertencer á guarda real trazia isenções e regalias, como se póde ver dos Privilegios dos Bombardeiros..." (Tito de Noronha, *O Cancioneiro Geral*, p. 20).

A seguir, reproduz (ver *ob. cit.* pp. 20 a 27) os *Privilegios* concedidos aos *Bombardeiros* por El-Rei D. Manuel em 1505. Esse titulo dava pois bastantes regalias e isenções a Hermão de Campos, o que provavelmente foi a causa de elle ter sido nomeado "bombardeyro" d'El-Rei; e nada mais sabemos de Herman de Kempis. Todas as suas edições são muito raras; a *Regra da Ordem de S. Thiago* é certamente a mais bella e a mais apurada de todas as que publicou. Contudo, na "nobre arte imprefforia,"

Herman de Kempis, or Hermão de Campos, had the titles—which are to be found in some of his works—of "*imprimidor* (printer) and bombardier to the King." The second title is a curious one for a printer, and, as far as we know, Kempis was the only one of his trade to hold it. Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII) does not mention Hermão de Campos, probably because he was unable to find any documents relating to this printer. Tito de Noronha, who furnishes a list of printers with their honorific titles (in *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, p. 26), only says that Herman de Kempis was "Bombardier to the King," and does not mention that he was also Royal "imprimidor," a fact about which there can be no doubt in view of the colophon in the *Efpelho de Criftina*: "Printed in the very noble and ever loyal city of Lisbon by Herman de Campos, printer and bombardier to our lord the King, with grace and privilege from his Highness." The title of "imprimidor" to the King, or Royal printer, was given to various printers in the XVIth century; but, as we have said, Hermão de Campos was the only one entitled "bombardeyro."

"...bombardier to the King was an honorific title, and one that does not stain the memory of him who held it; membership of the Royal guard carried with it exemptions and rights, as may be seen from the Privileges of Bombardiers..." (Tito de Noronha, *O Cancioneiro Geral*, p. 20).

Noronha (see *op. cit.* pp. 20–27) goes on to enumerate the privileges conceded to bombardiers by King Manuel in 1505. So Hermão de Campos, about whose history we know nothing further, must have enjoyed a considerable number of privileges and exemptions through his title of bombardier. All his publications are very rare; and the *Regra da Ordem de S. Thiago* is certainly the most beautiful and perfect of all the works he issued. However he cannot be com-

não o podemos comparar a Valentim Fernandes, nem mesmo a João Pedro Bonhomini de Cremona, cujas obras são de um esméro superior e de uma execução bem mais nitida e perfeita. Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 434) mencionam os seguintes exemplares da *Regra*: Bibliotheca Nacional de Lisboa, dois exemplares e um fragmento; Bibliotheca de Evora, dois exemplares; Bibliotheca da Universidade de Coimbra, um exemplar; Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, um exemplar. A essa lista deve accrescentar-se o exemplar do Museu Britannico, o da Bibliotheca Palha (nº 2574) e o da nossa Bibliotheca, absolutamente perfeito e n'um admiravel estado de conservação.

Como dissemos, foi a *Regra* impressa em Setubal em 1509: a escolha do logar da impressão foi certamente devida á visinhança de Palmella, séde n'essa epocha da Ordem de S. Thiago, sendo Grão Mestre o Senhor D. Jorge Duque de Coimbra, filho natural d'El-Rei D. João II. É pois natural que Hermão de Campos fôsse chamado especialmente a Setubal, por ordem do Senhor D. Jorge, para imprimir os *ſtatutos & diffinçoẽs* da Ordem, após o Capitulo geral celebrado em Palmella no mez d'Outubro de 1508. Quem indicaria Campos, cuja edição da *Regra* é a primeira obra conhecida dos seus prelos? Talvez o livreiro de D. Jorge.

"Um dos mais antigos, senão o mais antigo livreiro portuguez de que temos noticia, chamava-se Martim Vaz, morador em Lisboa. D. Jorge, mestre da Ordem de S. Thiago o tomou por seu, sob sua guarda e encommenda, *porque hade estar prestes pera me delle seruir quando seu seruiço me for còmpridoiro.* Carta de 9 de abril de 1499, registada a folhas 74 do livro 4 da Ordem de S. Thiago" (Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no Reinado de D. Manuel*, p. 5).

Este livro, o unico conhecido impresso em Setubal no seculo XVI, tem o interesse, alem da sua raridade, de ter sido publicado na localidade importante mais proxima de Palmella, séde da Ordem de S. Thiago.

pared, in the "noble art of printing," to Valentim Fernandes or even to João Pedro Bonhomini de Cremona, for the works of both these printers were executed with much greater accuracy and neatness than the books issued from Campos' press. Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 434) mention the following copies of the *Regra*: Lisbon National Library, two copies and a fragment; Evora Library, two copies; Coimbra University Library, one copy; Rio de Janeiro National Library, one copy. To this list must be added the British Museum copy, the Palha copy (no. 2574), and our own, which is absolutely perfect and in a wonderful state of preservation.

As we have stated, the *Regra* was printed at Setubal in 1509: the choice of this place for the book's publication must certainly have been due to its nearness to Palmella, which at that time was the seat of the Order of St James, the Grand Master being Dom Jorge, Duke of Coimbra, King João II's illegitimate son. It is therefore natural that, after the general Chapter at Palmella in October, 1508, Hermão de Campos should have been specially called to Setubal, by order of Dom Jorge, to print the "statutes and definitions" of the Order. Perhaps Dom Jorge's bookseller suggested the summoning of Hermão de Campos, whose edition of the *Regra de S. Thiago* is his first known work.

"One of the earliest, if not the earliest Portuguese bookseller on record was a resident of Lisbon called Martim Vaz. Dom Jorge, the Master of the Order of S. Thiago, took him for his own, under his special protection and care, *for he has to be ready to serve me whenever his service may be convenient to me.* Letter of April 9th, 1499, registered on leaf 74 of book 4 of the Order of S. Thiago" (Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no Reinado de Dom Manuel*, p. 5).

This, the only known book printed at Setubal in the XVIth century, has, apart from its rarity, the interest of having been published in the nearest important place to Palmella, the seat of the Order of St James.

A Ordem Militar de Sanctiaguo, Santiago ou S. Thiago, desempenhou—da mesma fórma que as outras Ordens Militares—um papel muito importante na historia de Portugal, principalmente durante a primeira dynastia. Segundo a lenda, n'uma batalha (que alguns auctores dizem ter sido a de Clavigio) ganha aos Mouros pelo Rei D. Ramiro I, foi visto o Apostolo S. Thiago, montado n'um cavallo branco, combatendo os infieis. Nas edições da *Regra* de 1542 e 1548, vê-se uma gravura de S. Thiago a cavallo desbaratando os Mouros, tendo por baixo a seguinte legenda:

"Affy apareceo ho bem auenturado apoftollo Santiago patram Defpanha a el rey Ramiro: com veftidura z bandeyra branca/ em cauallo da mefma cor: donde ouue começo chamar fe por elle nas batalhas fegundo diz ho dito rey na doaçã dos votos que lhe fez."

A esta tradição, refere-se Fr. Bernardo de Brito (*Segunda Parte da Monarchia Lusitana*, 1609, Liv. VII, cap. XX). Continuando a lenda, determinou D. Ramiro, em memoria d'essa sobrenatural intervenção, que os Cavalleiros trouxessem por insignia uma espada com vieira ou concha, emblema do Apostolo S. Thiago, tendo de uma parte da empunhadeira o Sol, significando Jesus Christo a verdadeira luz, contra Mahomet, representado pela meia lua—astro das trevas—que se via na outra parte da empunhadeira da espada. Reza ainda a lenda que D. Ramiro havia fundado uma irmandade ou confraria sob a invocação do Santo Apostolo, cujos membros—irmãos—tinham o nome de Cavalleiros de S. Thiago. A lenda da apparição tem encanto, e foi a origem de se invocar o Apostolo nas batalhas e nas guerras contra os Mouros, e dos Christãos darem signal de acommetter, bradando "Santiago." O sello da Ordem, como se encontra n'esta edição da *Regra* e egualmente nas de 1542 e 1548, tem no centro a Espada com a concha, entre o sol e a meia lua.

A Ordem de S. Thiago foi auctorisada por Fernando II de Leão em 1161, ou, segundo

The Military Order of Sanctiaguo, Santiago, or S. Thiago (the Order of Knights of St James) played—like the other Military Orders—an important part in the history of Portugal, chiefly during the first dynasty. Legend says that in one of the battles (the battle of Clavigio according to some writers) when King Ramiro I defeated the Moors, the figure of the Apostle St James was seen, mounted on a white horse, fighting the infidels. In the 1542 and 1548 editions of the *Regra de Santiago* there is a woodcut of St James on horseback putting the Moors to rout, with the following inscription:

"The blessed apostle St James, patron saint of Spain, appeared thus to King Ramiro, with white apparel and banner, on a horse of the same colour: which was the beginning of his being invoked in battle, according to what the said King stated in the vows he made him."

Frei Bernardo de Brito (*Monarchia Lusitana*, Part II, 1609, Book VII, chap. XX) also refers to the tradition. The legend says, further, that Dom Ramiro determined that in memory of this supernatural intervention, the Knights should bear as a device a sword with a shell superposed, which is the emblem of St James the Apostle; on one side of the sword-hilt the Sun was shown, to signify Jesus Christ the true light, against Mahomet, represented by the half-moon on the other side of the hilt. It also tells how Dom Ramiro founded a brotherhood or fraternity in the Holy Apostle's name, whose members or brothers were called Knights of St James. The story of the apparition is full of charm and was the origin of the battle-cry "Santiago," with which the Christians invoked the Saint's protection in their battles and wars against the Moors. The seal of the Order, which is illustrated in this edition of the *Regra*, as well as in those of 1542 and 1548, shows in the centre the Sword and the shell between the sun and the half-moon.

The Order of St James was legalised by Fernando II of Leon in 1161, or, according to

alguns historiadores, em 1170. O que é certo é que as suas constituições só receberam a approvação do Papa em 1175 (*Historia General de España,* escrita por individuos de número de la Real Academia de la Historia bajo la dirección de D. Antonio Cánovas del Castillo—*Reyes Christianos,* por Don Manuel Colmeiro, p. 308). É, pois, desde essa data que se deve considerar officialmente instituida a Ordem de S. Thiago da Espada. A Ordem foi introduzida em Portugal no tempo de D. Affonso Henriques, de quem recebeu em 1172 a doação da villa da Arruda (ver Herculano, *Historia de Portugal,* t. II, p. 15); contudo, não existe a certeza se n'esse tempo os Cavalleiros se estabeleceram em Portugal. É possivel que D. Affonso I lhes doasse tambem Almada e outras terras, quando em 1172 doou Arruda á Ordem. O apreço em que era tida em Leão e Castella a Ordem approvada pelo Papa, o espirito da epocha, os serviços prestados por uma outra Ordem Militar —a dos Templarios—recommendavam a sua introducção em Portugal, em vista do auxilio de que D. Affonso Henriques carecia na sua lucta contra os Mouros, para a fundação da nacionalidade Portugueza. Se as doações de D. Affonso são problematicas, é certo que D. Sancho I doou aos Cavalleiros de S. Thiago os Castellos de Alcacer, Palmella, Almada e Arruda, em 28 de Outubro de 1186.

"Postos os Spatarios na vanguarda das conquistas cristãs, não puderam suportar o peso das armas musulmanas, e em 1191 estava perdido todo o territorio alem do Tejo, que tres daquelles castellos dominavam. Conservaram porem os Cavaleiros, apesar do desastre, a protecção del Rei, que em 1193 lhes doou a torre e paços da Alcaçova de Santarem, e em 1194 o edificio de Santos ao poente de Lisboa" (A. Braamcamp Freire, *Critica e Historia,* p. 13, *A Ordem de Santiago*).

some historians in 1170. In any case it is certain that its constitutions did not receive the Papal approval until 1175 (*Historia General de España* escrita por individuos de número de la Real Academia de la Historia bajo la dirección de D. Antonio Cánovas del Castillo—*Reyes Christianos,* por Don Manuel Colmeiro, p. 308). The Order of St James of the Sword cannot therefore be considered as officially instituted until after this date. The Order was introduced into Portugal in the time of Dom Affonso Henriques, who ceded the borough of Arruda to it in 1172 (see Herculano, *Historia de Portugal,* vol. II, p. 15); but there is no trustworthy evidence that the Knights settled in Portugal at that period. Possibly Dom Affonso also endowed the Order with Almada and other lands at the same time as he conceded Arruda in 1172. The esteem in which the Order approved by the Pope was held in Leon and Castile, the spirit of the age, and the fact that another Military Order —the Templars—had already rendered great service, all combined to advocate the introduction of the Knights of St James into Portugal, especially as Dom Affonso Henriques needed reinforcements in his struggle against the Moors to found the Portuguese nation. Though Dom Affonso's endowments are somewhat problematic, it is certain that Dom Sancho I bestowed the Castles of Alcacer, Palmella, Almada and Arruda upon the Knights of St James on October 28th, 1186.

"The *Spatarios* (Knights of the Sword), being placed in the vanguard of the Christian conquests, were unable to withstand the weight of the Musulman arms, and in 1191 all the territory dominated by three of these castles, on the other side of the Tagus, was lost. However in spite of the disaster the Knights did not forfeit the protection of the King, who gave them the tower and palace of Alcaçova in Santarem, in 1193, and the edifice of Santos in the west of Lisbon, in 1194" (A. Braamcamp Freire, *Critica e Historia,* p. 13, *A Ordem de Santiago*).

A primeira séde da Ordem foi no edificio de Santos. Depois da tomada de Lisboa aos Mouros em 1147, D. Affonso I fez levantar um templo em honra dos tres martyres Verissimo, Maxima e Julia, irmãos e naturaes de Lisboa—mandados suppliciar por Publio Daciano legado do Imperador Diocleciano—no sitio conservado pela tradição como sendo o do martyrio dos tres Santos. N'esse local existira durante o dominio visigothico um templo em honra dos tres martyres, mas havia sido arrasado pelos Mouros "até ao alicerse, *solotenus*, diz o cruzado inglez Osberno" (Julio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa*, p. 576). Accrescenta o mesmo auctor, nosso saudoso amigo:

"Ha tambem prova documental de que el-Rei Affonso Henriques *edificou* ali este templo: é a doação que o senhor D. Sancho I fez á ordem de Santiago, no anno christão de 1194, 'd'aquella nossa casa—palavras suas—que se chama Santos, a qual meu Pae, o Rei D. Affonso, de feliz memoria, mandou edificar em honra dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia.' Do templo affonsino, nem vestigios, sequer, ficaram" (*ob. cit.* pp. 577 e 578).

Os freires da Ordem de S. Thiago residiam em casas contiguas á egreja doada por D. Sancho I, tendo vinhas e propriedades, e vivendo os Cavalleiros n'uma especie de communidade. Depois da conquista de Alcacer-do-Sal em 1217, a séde da Ordem mudou-se para aquella villa, e o convento de Santos, onde já eram admittidas as parentas proximas dos Cavalleiros, ao tempo em que estes andavam guerreando os Mouros, ficou para as viuvas e parentas dos freires se recolherem. Com o andar dos tempos, as tristezas, desenganos e viuvezas, muitas d'essas senhoras affeiçoaram-se á clausura; professaram, elegendo Prelada para as reger, com o titulo de *Commendadeira*. Segundo Fr. Francisco Brandão (*Quinta Parte da Monarchia Lusitana*, 1650, fl. 288) o primeiro convento de Commendadeiras e

The first seat of the Order in Portugal was in the building of Santos. Having captured Lisbon from the Moors in 1147, Dom Affonso I caused a temple to be raised, on the traditional site of their martyrdom, in honour of the three saints Verissimo, Maxima and Julia—brother and sisters who were natives of the city and had suffered death by command of Publius Dacian, legate of the Emperor Diocletian. A temple dedicated to the three martyrs had existed there during the Visigothic dominion, but had been demolished by the Moors "even to the foundation, the *solotenus*, says the English crusader Osborne" (Julio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa*, p. 576). The same author, who was a dear friend of ours, adds:

"There is also documentary proof that King Affonso Henriques *built* this temple there: it was the gift made by Dom Sancho I to the Order of St James in the Christian year of 1194 'of that house of ours—his own words—which is called Santos, and that my Father, King Dom Affonso, of happy memory, commanded to be built in honour of the Holy Martyrs Verissimo, Maxima and Julia.' Not even a vestige remains of the Affonsine temple" (*op. cit.* pp. 577–578).

The brothers of the Order of St James resided in houses adjacent to the church presented by Dom Sancho, and had vineyards and estates, so that they formed a kind of community. After the conquest of Alcacer-do-Sal in 1217, the seat of the Order was moved thither, and the convent of Santos, where the Knights' near kinswomen had already been allowed to stay when the "Spatarios" were away fighting the Moors, became a refuge where the widows and female relatives of the brothers could take shelter. With the passing of time, and through sorrow, widowhood and disillusionment many of these ladies became attached to claustral seclusion, so they took the vows and elected a Superior to rule over them with the title of *Commendadeira*. According to Frei Francisco Brandão (*Monarchia Lusitana*, Part v, 1650, fl. 288) the first convent of *Com-*

freiras de S. Thiago foi na villa da Arruda, mudando-se d'alli para o convento de Santos em Lisboa, onde a mais antiga Prelada de que ha noticia foi uma D. Helena, pelos annos de 1233, e a terceira, D. Sancha Martins, mais tarde canonisada. Já na primeira dynastia os Soberanos tiveram uma especial consideração pelo mosteiro de Santos. Nos testamentos de D. Affonso II, de D. Diniz e da Rainha Santa Izabel, lêmos os legados que deixaram ao convento de Santos (ver Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. 1, pp. 35, 101, 119). A Rainha D. Filippa de Lancastre "tomou sob a sua guarda o mosteiro de Santos" (Fr. Francisco Brandão, *ob. cit.* fl. 289 v°), quando era Commendadeira D. Inez Pires, de quem o Mestre d'Aviz, mais tarde Rei de Portugal com o titulo de D. João I, houvera a D. Affonso, primeiro Duque de Bragança. Protegeu D. Filippa essa reclusão, talvez para afastar Inez Pires, de quem tanto se fallára. Depois de muitos annos, El-Rei D. João II, querendo melhorar a habitação das donas do mosteiro de Santos, mandou-lhes edificar na paragem chamada Santa Maria do Paraiso, uma nova casa (Castilho, *ob. cit.* p. 586). Segundo nos contam Ruy de Pina e Garcia de Resende nas suas Chronicas d'El-Rei D. João II, a mudança teve logar a 5 de Setembro de 1490, com toda a solemnidade. O mosteiro de D. João II tomou o nome de *Santos-o-Novo*, ficando o antigo com o de *Santos-o-Velho*, cuja egreja, reedificada mais tarde, passou a ser a matriz da parochia do mesmo nome, como ainda hoje é. No novo mosteiro foi Commendadeira D. Anna de Mendonça, de quem El-Rei D. João II, quando Principe, houvera o Senhor D. Jorge Duque de Coimbra, Mestre de Aviz e de S. Thiago. Devolvidos muitos annos, o edificio Joannino foi substituido por outro contiguo, devido a Filippe III, sendo lançada a primeira pedra em 1609; teria sido uma obra

mendadeiras and sisters of St James was in the town of Arruda, and moved thence to the convent of Santos in Lisbon, where the first recorded Mother Superior was a Dona Helena, about 1233, and the third Dona Sancha Martins who was afterwards canonised. As early as the first dynasty, the Sovereigns already held the monastery of Santos in special consideration. We find legacies to the convent in the wills of Dom Affonso II, Dom Diniz, and Queen Saint Izabel (see Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. 1, pp. 35, 101, 119). Queen Dona Filippa of Lancaster "took the monastery of Santos under her protection" (Frei Francisco Brandão, *op. cit.* fl. 289 vo.), when the *Commendadeira* was Dona Inez Pires, by whom the Master of Aviz, later King João I of Portugal, had a son, Dom Affonso, first Duke of Bragança. Perhaps the thought of her husband's past love for this lady may have been partly responsible for Dona Filippa's decision to protect this place and keep Dona Inez in safe reclusion. Many years later, King João II, wishing to improve the habitation of the ladies of the monastery of Santos, commanded that a new house should be built for them in the place called Santa Maria do Paraiso (Castilho, *op. cit.* p. 586). Ruy de Pina and Garcia de Resende narrate, in their Chronicles of King João II, that the removal took place with all solemnity on September 5th, 1490. Dom João II's monastery was named *Santos-o-Novo* (the new Santos), while the old convent was known as *Santos-o-Velho* (the old Santos), and its church was later rebuilt and became the parish church of that name, as it is to this day. One of the Superiors in the new convent was Dona Anna of Mendonça by whom King João II, when only Prince, had Dom Jorge Duke of Coimbra, Master of Aviz and Santiago. After many years had elapsed, Dom João's building was replaced by another adjoining it, erected by Philip III, its foundation stone being laid in 1609; it would have been a sumptuous edifice, but was

sumptuosa, mas nunca foi terminada, ficando imperfeita; levou, contudo, tanto tempo a cons-trucção, que a mudança definitiva só se effetuou em 1685. Este mosteiro tomou então o nome de *Santos-o-Novo*, sendo o ultimo das Commenda-deiras de S. Thiago. No principio d'este seculo era um recolhimento de senhoras, mas tendo sempre a Superiora o titulo de Commendadeira e usando a Commenda de S. Thiago. Assistimos ainda no mosteiro á procissão do Senhor dos Passos, em que a Commendadeira, de manto branco com a insignia da S. Thiago, ia de baixo do pallio, levando, como Prelada, o Santo Lenho.

never finished and remained imperfect. Its con-struction occupied so long a time, however, that the transference did not definitely take place until 1685. This convent then adopted the name of *Santos-o-Novo,* and was the last edifice built for the *Commendadeiras* of Santiago. At the begin-ning of this century it was a place where ladies might live in retirement; but the Superior was still entitled the *Commendadeira,* and it was still a benefice of the Order of St James. We were present in the monastery during the procession of the *Senhor dos Passos* (statue of Christ bearing the Cross), when the *Commendadeira,* wearing a white cloak and the insignia of the Order of St James, walked beneath a canopy, holding aloft the Holy Cross.

Voltando á Ordem, vamos encontral-a em Alcacer-do-Sal, onde, após a sua conquista em 1217, acabava de estabelecer a sua séde. Durante o seu reinado, D. Sancho II doou aos Cavalleiros de S. Thiago muitas das praças que haviam poderosamente ajudado a tomar aos Mouros, entre as quaes, Mertola, conquistada em 1239, para onde foi transferida a séde da Ordem. Mas os freires de S. Thiago estavam subordinados ao Grão-Mestre de Castella, que residia no Castello de Ucles, cabeça da Ordem, devendo acatar as suas ordenanças e submetter-se ás suas inspecções. Esta depen-dencia, alem de ser profundamente desagradavel aos Reis de Portugal, era offensiva para os Soberanos e perigosa tanto para o Reino como a Ordem em Portugal. Vivia-se em tempos de guerras constantes, e o Grão-Mestre, tendo de zelar pela Ordem em Castella e Leão, não podia cuidar d'ella em Portugal. D'ahi resultava um abandono, cuja consequencia era o decahimento da Ordem em Portugal e o dissiparem-se os seus bens, com grande prejuizo para o paiz. Esses perigos mais graves ainda se tornavam, em vista da Ordem de S. Thiago em Portugal estar dependente do Grão-Mestre de Ucles, que forçosamente se occupava mais dos interesses

To return to the Order itself—we find that after the conquest of Alcacer-do-Sal, in 1217, it established its headquarters there. During his reign, Dom Sancho II ceded to the Knights of St James many of the fortresses in whose capture from the Moors they had been of powerful assist-ance; among these concessions was Mertola, taken in 1239, whither the Order transferred its seat. But the brothers of St James were subordinated to the Grand Master of Castile, who resided in the Castle of Ucles, and was the head of the Order; they had to respect his decrees and submit to his inspections. This dependence was not only disagreeable to the Kings of Portugal, but was highly offensive to them, and a source of danger to the kingdom as well as to the Order in Portugal. It was a time of constant wars, and the Grand Master, whose duty it was to foster the welfare of the Order in Castile and Leon, was unable to watch over its interests in Portugal. This re-sulted in a neglect that brought about the decline of the Order in Portugal and the dissi-pation of its wealth, to the great detriment of the country. These perils were rendered even more serious by the fact that the Order of St James in Portugal was dependent on the Grand Master of Ucles, who of necessity thought more of

Castelhanos, do que dos Portuguezes. O Rei de Portugal não podia contar com o Grão-Mestre, quando d'elle carecia, mas o chefe supremo da Ordem retirava de Portugal os Cavalleiros, quando d'elles precisava, para as guerras de Castella ou de Leão.

"Aos freires militares era sempre confiada a defesa dos castellos mais próximos das terras de infieis e de quantos estavam mais expostos ao perigo da invasão ou do ataque imprevisto" (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, t. I, p. 325).

Desde D. Affonso I, os Reis de Portugal haviam doado á Ordem de S. Thiago castellos e fortalezas situados nas fronteiras de Leão e Castella, o que tornava a situação ainda mais séria para a segurança do Reino. Os males já não eram poucos, como vimos, mas um especialmente grave, em certos casos de consequencias irreparaveis, deve accrescentar-se á lista: era o das concessões de terras ou bens da Ordem a seculares estrangeiros, pois, alem da perda, representavam um perigo para a nacionalidade, quando essas propriedades eram entregues ao Rei de Castella.

"O que não podia sofrerse eraõ as alheaçoẽs de terras, que deraõ aos Reys de Castella, diminuindo injustamente o senhorio da Coroa de Portugal. Taes foraõ as villas de Aiamõte, & Alfaiar de Pena na fronteira de Andalusia, cõquistadas pello nosso Rey Dom Afonso Terceiro, & doadas á Ordem com muita liberalidade. Estas trocou hum dos Mestres de Castella cõ elRey Dõ Afonso Sabio por outras duas villas que chamaõ Estepa, & Castro de la Reina: de maneira que não só diminuiraõ a Coroa do Reyno, & a Ordem de Portugal, senão que com os bens della acrescentaraõ a Ordem de Castella, & aquella Coroa" (*Monarchia Lusitana*, 1650, Parte v, fl. 136 v°).

Perante factos tão graves, não podiam os Monarchas Portuguezes deixar de procurar obter a independencia da Ordem. Coube a D. Diniz conseguir essa tão desejada separação. Em 1288,

Castilian than Portuguese interests. The King of Portugal was unable to rely on the Grand Master when he had need of him; but the supreme head of the Order withdrew Knights from Portugal whenever he required them for the wars of Castile and Leon.

"The defence of the fortresses nearest the lands of the infidels, and of those most exposed to the danger of invasion or surprise attack, was always entrusted to the military brothers" (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, vol. I, p. 325).

Ever since the reign of Dom Affonso I, the Kings of Portugal had been endowing the Order of St James with castles and fortresses situated on the frontiers of Castile and Leon, which made the safety of the Kingdom even more precarious. The evils, as we have seen, were not few, but an especially grave one, the consequences of which were in certain cases irreparable, must be added to the list: it was the concession of lands or revenues belonging to the Order to laymen who were foreigners, for, apart from the loss to the country, it was a menace to the nation should these possessions be surrendered to the King of Castile.

"What was insufferable was the alienation of lands that were given to the Kings of Castile, so that the power of the Crown of Portugal was unjustly diminished. Such were the towns of Aiamonte, and Alfaiar de Pena on the Andalusian frontier, conquered by our King Dom Affonso the Third and given to the Order with great liberality. One of the Masters of Castile exchanged these with King Dom Affonso the Learned for two other towns called Estepa and Castro de la Reina: in such fashion that not only were the Order in Portugal and the Crown of the Kingdom diminished in power, but the wealth from it (the Order in Portugal) enriched the Order in Castile as well as the Crown of that country" (*Monarchia Lusitana*, 1650, Part v, fl. 136 vo.).

Faced by such a serious situation, the Portuguese Monarchs could not but seek to obtain the independence of the Order. It fell to Dom Diniz to secure this much desired severance. On Sep-

com data de 17 de Setembro, o Papa Nicolau IV expedia a bulla *Pastoralis officii*, na qual ordenava aos Commendadores e Cavalleiros Portuguezes, que elegessem por Mestre provincial algum freire escolhido no seu seio, ficando contudo reservada ao Mestre geral a visitação e correição suprema da Ordem (*Quadro Elementar*, t. IX, p. 257). Uma segunda bulla, de 1290, vindo confirmar a decisão do Pontifice, os Cavalleiros Portuguezes que tinham direito de voto—os Treze da Ordem—elegeram D. João Fernandes, que foi o primeiro Mestre em Portugal. O Grão-Mestre de Castella oppoz uma viva resistencia á decisão tomada, encetando-se perante a Santa Sé um litigio; o Mestre de Ucles obteve finalmente do Papa Bonifacio VIII a revogação das bullas favoraveis a Portugal, voltando os freires Portuguezes á sujeição do Mestre de Castella até 1314.

"Neste anno e com a morte de Clemente V começa uma vacáncia da Santa Sé que se prolonga até 1316, em que foi eleito João XXII. Nesse intervallo aproveitaram-se os freires de Portugal da antiga concessão de Nicolau IV e elegeram para mestre o seu commendador mór Lourenço Annes" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 329).

O Grão-Mestre de Castella recorreu a todos os meios, conseguindo do Papa João XXII a bulla *Inter caetera* de 17 de Abril de 1317, pela qual ordenou novamente a sujeição dos Cavalleiros Portuguezes ao Mestre de Ucles. O Mestre de Portugal, não obstante a lucta, sustentou a sua causa apoiado por D. Diniz, que energicamente interveiu na contenda por meio dos seus Embaixadores em Avinhão, Manuel Peçanha e Vicente Annes, que em nome d'El-Rei expozeram a situação (ver *Quadro Elementar*, t. IX, pp. 311–315) "e com tanta eficacia, que obteve (D. Diniz) a suspensão da precedente bula por outra de 27 de fevereiro de 1319, renovada a 1 de julho, pela qual o Papa determinou entregar o conhecimento da causa aos Arcebispos de Com-

tember 17th, 1288, Pope Nicholas IV issued the bull *Pastoralis officii*, in which he ordered the Portuguese Commanders and Knights to elect as provincial Master some brother chosen from among themselves, though the general Master had still the prerogative of visitation and supreme jurisdiction in the Order (*Quadro Elementar*, vol. IX, p. 257). When a second bull, dated 1290, confirmed the Pope's decision, those of the Portuguese Knights who had a vote—the *Treze* (Thirteen) of the Order—elected Dom João Fernandes, who was the first Master in Portugal. The Grand Master of Castile offered lively resistance to the decision made, and the Holy See was called upon to arbitrate in the contention that arose. Finally the Master of Ucles prevailed upon Pope Boniface VIII to revoke the bulls favouring Portugal, and the Portuguese brothers were again subject to the Master of Castile until 1314.

"In this year the death of Clement V caused a vacancy in the Holy See which was not filled until 1316, when John XXII was elected. In this interval the brothers of Portugal took advantage of Nicholas IV's old concession and elected their *Commendador mór* (chief Commander) Lourenço Annes, as Master" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 329).

The Grand Master of Castile had recourse to every possible means, and obtained the bull *Inter caetera*, dated April 17th, 1317, from John XXII, ordering that the Portuguese Knights should be once more subject to the Master of Ucles. The Master of Portugal would not give up the struggle and upheld his cause with the support of Dom Diniz, who intervened actively in the quarrel through his ambassadors in Avignon, Manuel Peçanha and Vicente Annes, who expounded the situation in the King's name (see *Quadro Elementar*, vol. IX, pp. 311–315), "with such efficacy that he (Dom Diniz) obtained the suspension of the preceding bull by another issued on February 27th, 1319, and renewed on July 1st, by which the Pope determined to entrust the matter to the

postela e de Braga" (A. Braamcamp Freire, *ob. cit.* p. 15). De facto, a Ordem estava separada, apezar dos esforços dos Mestres de Castella, e os Cavalleiros Portuguezes nunca mais estiveram sujeitos aos Mestres de Ucles: contudo, segundo parece, o litigio nunca foi finalmente julgado no seculo XIV. Foi sómente em 1452 que Nicolau V, pela bulla *Ex apostolice sedis* com data de 17 de Junho (*Quadro Elementar*, t. X, p. 44), confirmou á Ordem de S. Thiago de Portugal—sendo Mestre o Infante D. Fernando filho d'El-Rei D. Duarte—todos os privilegios de que a Ordem gozava em Castella. Após a bulla de 1319, sendo Mestre Pedro Escacho, que succedera a Lourenço Annes, começou a reorganisação da Ordem. Em 1322 Pedro Escacho reuniu um Capitulo em Alcacer-do-Sal, e outro na casa de Santos em Lisboa. Em pouco tempo, abolidos os abusos, tendo na medida do possivel readquirido os bens dispendidos, introduzindo reformas e obtido novos privilegios, a Ordem levantou-se poderosa, dividida em sessenta commendas. Depois da sua separação teve a Ordem dezeseis Mestres, sendo o primeiro, D. João Fernandes, eleito em 1290, e o ultimo, o Senhor D. Jorge Duque de Coimbra (n. 1481, †1550), filho d'El-Rei D. João II. Foi o seu nono Mestre, por morte de D. Fernando Affonso de Albuquerque, o illustre Mem Rodrigues de Vasconcellos, que tão valorosamente serviu D. João I nas guerras contra Castella, e que, na mesma lucta, acompanhou o Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira na jornada que fez contra os Grão-Mestres de S. Thiago e de Calatrava. Figura tão bella de Cavalleiro, Mem Rodrigues, o da "ala dos namorados" da batalha de Aljubarrota e de quem Camoēs escreveu:

> "Outro tambem famoſo caualleiro,
> Que a ala dereita tem dos Luſitanos,
> Apto pera mandalos & regelos,
> Men Rodriguez ſe diz de Vaſconcelos."
>
> (*Lusiadas*, 1ª ed. 1572, canto IV, est. 24.)

Archbishops of Compostella and Braga" (A. Braamcamp Freire, *op. cit.* p. 15). The Order was in effect separated, in spite of the efforts of the Masters of Castile, and the Portuguese Knights were never again subordinated to the Masters of Ucles; but it seems that the contention was not finally settled in the XIVth century. It was not until 1452—when the Infante Dom Fernando, son of King Duarte, was Master of the Order of St James in Portugal—that Nicholas V conceded all the privileges pertaining to the Order in Spain equally to the Portuguese Knights, by the bull *Ex apostolice sedis* dated June 17th. After the bull of 1319, the reorganisation of the Order began under Pedro Escacho, who had succeeded Lourenço Annes as Master. In 1322 Pedro Escacho assembled a Chapter in Alcacer-do-Sal, and another at Santos in Lisbon. In a short time, the abuses having been eradicated, the scattered wealth as far as possible reacquired, and reforms and fresh privileges introduced, the Order rose to be a powerful organisation divided into sixty *commendas*. After its separation the Order had sixteen Masters, the first being Dom João Fernandes, elected in 1290, and the last Dom Jorge, Duke of Coimbra (b. 1481, †1550), King João II's son. The ninth Master, who was elected on the death of Dom Fernando Affonso de Albuquerque, was the famous Mem Rodrigues de Vasconcellos, who served Dom João I so valiantly in the wars against Castile, and during that struggle accompanied Dom Nuno Alvares Pereira, the Sainted Constable, in his expedition against the Grand Masters of St James and Calatrava. Mem Rodrigues was a true knightly figure, he fought in the battle of Aljubarrota and of him Camões wrote:

> "Followed another far-famed cavalier
> who led the dexter phalanx Lusitane,
> apt to dispose them, prompt to lead his fellows
> Mem Rodrigues they call de Vasconcéllos."
>
> (*The Lusiads*, Burton's transl., Canto IV, st. 24.)

Como dissemos nas nossas notas sobre a *Regra da Ordem de Christo*, a partir do reinado de D. João I, os Mestres das Ordens Militares de Cavallaria passaram a ser os filhos d'El-Rei, ou os Principes. O Infante D. Henrique, como vimos, foi Mestre, Governador e Administrador de Christo; o Infante D. Fernando—o Infante Santo—Mestre d'Aviz, e o Infante D. João (n. 1400, †1442) Mestre de S. Thiago. Durante o seu governo, foi a séde da Ordem transferida para Palmella.

"Aquella Comenda de Palmella foi a primeira da Ordem, & aſſi ao principio ſe chamou o Comendador della Comendador môr: durou até que de Alcacer ſe mudou o Conuento para Palmella, ſendo Meſtre o Infante Dom Ioão filho d'elRey D. Ioão o I...& ao Comendador môr ſe deu a de Mertola por honrar o lugar aonde o Conuento teue aſſento" (*Monarchia Lusitana*, Parte VI, 1672, p. 376).

Ao Infante D. João, succedeu-lhe o seu filho D. Diogo, sendo depois Mestre o Infante D. Fernando, filho d'El-Rei D. Duarte, seguindo-se-lhe o seu filho D. João. Succedeu-lhe o Principe D. João, mais tarde D. João II. Quando D. João II subio ao throno, succedeu-lhe primeiro, seu filho o Principe D. Affonso, e depois da sua morte em 1491, o Senhor D. Jorge Duque de Coimbra, seu filho natural. Como já vimos na *Regra da Ordem de Christo*, D. João II tinha obtido do Papa Innocencio VIII, pela bulla *Eximiae devotionis* de 29 de Dezembro de 1491 (*Quadro Elementar*, t. X, p. 110), a administração dos Mestrados d'Aviz e de S. Thiago para o Senhor D. Jorge. Durante o seu Mestrado, obteve diversos privilegios para a Ordem de S. Thiago (ver *Quadro Elementar*, t. X, pp. 149, 158, 159, 166, 167). Em Outubro de 1508 reuniu o Senhor D. Jorge, em Palmella, Capitulo da Ordem, imprimindo-se esta *Regra: ſtatutos: z diffinçoẽs da ordem de Sanctiaguo* em Setubal em 1509. Apezar da séde da Ordem ter sido

As we have stated in our notes on the *Regra da Ordem de Christo*, from the reign of Dom João onwards, the Masters of the Military Orders of Chivalry were always Princes or the King's sons. The Infante Dom Henrique was, as we saw, Master, Governor and Administrator of the Order of Christ; the Infante Dom Fernando, the *Infante Santo*, was Master of Aviz, and the Infante Dom João (b. 1400, †1442) Master of the Order of St James. During Prince João's rule the seat of the Order was transferred to Palmella.

"That *Comenda* of Palmella was the first in the Order, and so in the beginning the Commander of it was called the *Comendador môr* (chief Commander): this lasted until the Monastery moved from Alcacer to Palmella, when the Infante Dom João, son of King João I, was Master,...and then the *Comendador môr* was given the *Comenda* of Mertola to honour the place where the seat of the Monastery had been" (*Monarchia Lusitana*, Part VI, 1672, p. 376).

The Infante Dom João was succeeded by his son Dom Diogo, and the next Master was King Duarte's son, the Infante Dom Fernando, who was followed by his son Dom João. He in his turn was succeeded by Prince João, later King João II. When Dom João II came to the throne, he was succeeded first by his son Prince Affonso, upon whose death, in 1491, the office passed to Dom Jorge, Duke of Coimbra, Dom João's natural son. As we saw in connection with the *Regra da Ordem de Christo*, Dom João II obtained the administration of the Orders of Aviz and St James for Dom Jorge from Pope Innocent VIII, by the bull *Eximiae devotionis*, December 29th, 1491 (*Quadro Elementar*, vol. X, p. 110). Dom Jorge obtained various privileges for the Order of St James during his rule (see *Quadro Elementar*, vol. X, pp. 149, 158, 159, 166, 167). In October, 1508, he called an assembly of the Chapter in Palmella, a meeting which resulted in the printing of this *Regra: ſtatutos: z diffinçoẽs da ordem de Sanctiaguo* in Setubal in 1509. Though the seat of the Order was not established at

estabelecida em Palmella durante o Mestrado do Infante D. João, já nos primeiros tempos da sua existencia em Portugal, os Cavalleiros de S. Thiago eram designados pelo nome de *freires de Palmella.* No seu testamento, 1209, D. Sancho I deixa um legado, "Commendatori Palmellae" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. I, p. 18). Egualmente D. Affonso II, no seu testamento datado de 1221, lega cem morabitinos "Monasterio de Sanctis de Ulixbona quod est fratrum de Palmella" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. I, p. 35). Palmella era a primeira Commenda da Ordem, sendo o seu Prior—D. Prior Mór—a primeira dignidade depois do Mestre. Diz-nos Pinho Leal (*Portugal Antigo e Moderno*, t. VI, p. 434) que "o patrimonio da Ordem de S. Thiago comprehendia 47 villas e logares, com 150 commendas, 75 padroados de egrejas e muitos beneficios, o que tudo, pelas avaliações feitas em 1540, rendia 120:000 ducados por anno."

O Senhor D. Jorge foi o ultimo Mestre da Ordem de S. Thiago, pois (ver a *Regra de Christo*) em 1551 o Mestrado foi reunido á Corôa, pela bulla de Julio III *Preclara charissimi.* A Ordem de S. Thiago permaneceu com a sua séde em Palmella até 1834, anno em que fôram supprimidas as Ordens religiosas e tambem as Militares de Cavallaria. O glorioso Castello de Palmella é hoje apenas uma admiravel ruina, onde, com magua o dizemos, innumeras profanações fôram commettidas desde 1834! A partir d'essa data, a Ordem de S. Thiago passou a ser uma Ordem honorifica, concedida pelos Reis de Portugal, até Outubro de 1910.

As nossas notas sobre as tres Ordens, Christo, S. Thiago e Aviz, seguem-se, e estão intimamente ligadas, tentando assim evitar repetições, que de outra fórma seriam inevitaveis.

As Ordens Militares, os monges guerreiros, representáram um papel predominante na Historia de Portugal, podendo dizer-se que a

Palmella until the Mastership of the Infante Dom João, the Knights of St James had been designated *freires de Palmella* (brothers of Palmella) ever since the earliest days of their existence in Portugal. In his will, dated 1209, Dom Sancho I bequeathed a legacy to the "Commendatori Palmellae" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. I, p. 18). In the same way Dom Affonso II, whose will was dated 1221, left a hundred *morabitinos* (ancient coins each worth from 400 to 500 reis) to the "Monasterio de Sanctis de Ulixbona quod est fratrum de Palmella" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. I, p. 35). Palmella was the chief *Commenda* of the Order, and its Prior—the Lord Chief Prior—was the most important dignitary after the Master. Pinho Leal (*Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI, p. 434) tells us that "the patrimony of the Order of St James comprised 47 towns and places, with 150 *commendas*, the advowsons of 75 churches, and many livings, all of which, according to the valuations made in 1540, yielded 120,000 ducats per annum."

Dom Jorge was the last Master of the Order of St James, for (see the *Regra de Christo*) in 1551 the Mastership was united to the Crown by Julius III's bull *Preclara charissimi.* The Order continued to have its seat at Palmella until 1834, when the religious Orders and the Military Orders of Chivalry were suppressed. The once glorious Castle of Palmella has now sunk to be a beautiful ruin, where, with sorrow be it said, many profanations have been committed since 1834! The Order of St James subsequently came to be a decoration of honour conferred, until October, 1910, by the Kings of Portugal.

Our notes on the three Orders of Christ, St James and Aviz complete one another and are intimately linked together, in order to avoid as much as possible the repetitions that would otherwise be inevitable.

The Military Orders, the warrior monks, play a predominant part in the History of Portugal from its earliest days. In the era when Portugal's

acompanharam desde o berço. Na epocha da fundação da nacionalidade Portugueza, assim como nos reinados dos primeiros Soberanos, o espirito das cruzadas dominava o mundo christão. A Terra Santa chamava a si os fieis, para que elles libertassem o Santo Sepulchro. Portugal, assim como Leão, Castella e Aragão, tinha a sua propria cruzada. A guerra era da mesma maneira uma guerra santa contra os infieis, e se não era para remir o tumulo de Christo, era para libertar o solo sagrado da Patria. N'aquelles tempos de Fé e de crenças religiosas, não era indispensavel tomar parte nas peregrinações armadas—nas cruzadas—que confluiam á Palestina; as indulgencias concedidas pelos Papas aos que combatiam pela Fé ganhavam-se onde quer que a guerra santa se empenhasse. Por vezes a Curia prohibiu mesmo aos fieis das Hespanhas, que partissem para a Palestina, visto no proprio territorio existir uma guerra santa.

"O papa Paschoal II por duas vezes ordenou expressamente, que ninguem destas partes as intentasse, e áquelles que seguiam caminho por terra para Jerusalem, ou íam embarcar na Italia, constrangia-os a retrocederem, impondo nas suas bullas silencio aos que na patria ousassem calumnia-los ou infama-los por não haverem cumprido o começado proposito" (A. Herculano, *Historia de Portugal*, t. I, p. 204).

Em Portugal, na nossa cruzada, vêmos as Ordens Militares com D. Affonso Henriques, nas conquistas de Santarem e de Lisboa; depois, com os seus successores, nas de Alcacer, do Algarve e de tantas outras terras e praças, nas luctas constantes contra o dominio dos Arabes, e tambem as vêmos nas guerras contra Castella e Leão. Mas é sobretudo na cruzada contra os infieis, que acommettiam com o grito de "Santiago," que as Ordens Militares prestáram os mais relevantes serviços para a fundação da nacionalidade Portugueza. Ainda nos fins do seculo XIV e principios do seculo XV, na lucta

nationality and Monarchy were being founded, and during the reigns of the first Sovereigns, the spirit of the Crusades dominated the Christian world. The Holy Land called to the faithful to come and free the Holy Sepulchre. Portugal, like Leon, Castile and Aragon, had her own crusade. The war in these countries was equally a holy war against the infidels, and its object, though not to recapture Christ's tomb, was to redeem the sacred soil of the Mother Country. In those ages of Faith, it was not indispensable to take part in those armed pilgrimages, the Crusades, that converged towards Palestine: the Papal indulgences for those who fought for the Faith were also to be won wherever the holy war was waged. Sometimes the court of Rome even forbade the faithful from the Spanish peninsula to set out for the Holy Land, since there was a holy war in their own country.

"Pope Paschal II twice decreed expressly that no one from these parts should undertake them (the Crusades), and he constrained those who were on the way to Jerusalem by land, or who were going to embark from Italy, to retrace their steps, imposing silence, by his bulls, on those at home who dared to calumniate or defame them for not having accomplished the purpose for which they set out" (A. Herculano, *Historia de Portugal*, vol. I, p. 204).

In our crusade in Portugal the Military Orders fought under Dom Affonso Henriques in the conquest of Santarem and Lisbon, and afterwards under his successors at the taking of Alcacer, the Algarve, and many other lands and fortresses in the constant struggle against the Arab dominion; and they also took part in the wars against Castile and Leon. But it was above all in the crusade against the infidels, whom they attacked with the cry of "Santiago," that the Military Orders were of such yeoman service in the foundation of the Portuguese nationality. Even in the struggle for independence at the end of the XIVth and beginning of the XVth centuries,

Prologo.



Muyto se deuẽ traba/lhar hos Reys: prin/cepes: ⁊ perlados de go/uernarem justamẽte aq̄l/les que lhe sam emcomen/dados: esqueçidos deuem ser de seus ꝑpios proueytos. sojugādo sua vomta/de: ⁊ pondo todo seu cuy/dado na comuũ saude del/les. Deuem de tomar hos trabalhos: ⁊ passar as noi/tes sem dormir: solecitan/do sempre como seus subditos dereytamemte viuam: E suas cousas sejam deuidamente comseruadas. An se muyto de de/leytar em reger ⁊ gouernar: como em bem escolhido: que em sy tem singular perfeyçam. Poys nom soomente asy: mas os outros emderemçam: pera que ganhem aquelle summo bem: premio dos que virtuosamente obram. E o primcepe ⁊ prela/do: que esta via na reepubrica seguir: padre della se deue cha/mar. Porque nam soomente na nossa Santa ley da graça: ⁊ na ley da escriptura: mas ajnda antre hos gẽtios forom muy/to louuados aquelles: que por regimemto pubrico gramdes trabalhos ⁊ angustias recebiam. em ser por bem dos homẽes ⁊ bem comuũ que he mays diuino: que outro bem particolar. Nem cuydem que as remdas lhe sam dadas pera sempre fol/garem: mas pera trabalharem por a saude da quelles: de que as recebẽ. E por tamto Nos dom Jorge fillo del Rey dom Joham o segũdo meu senhor: que deos aja: per graça de deos Mestre de Santiago ⁊ Dauis. duque de Coimbra. Senhor

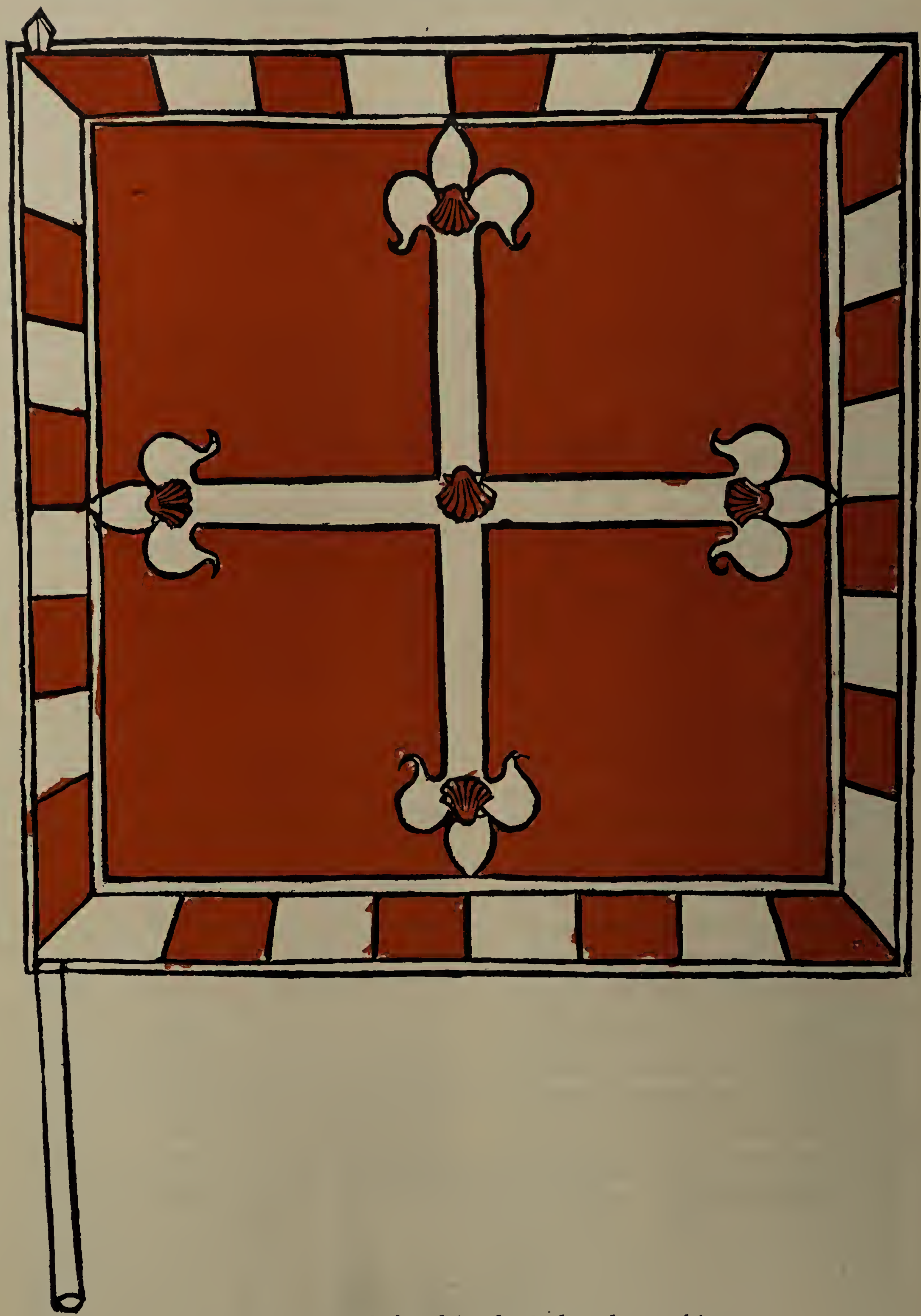
49 Prologo da *Regra de S. Thiago*. Prologue of the *Regra de S. Thiago*. Setubal, 1509

Fol. I

Começase ho prologo na regra de Santiago.

DEstes derradeiros tempos
A graça do spritu sancto mi
sericordiosamente esclareçeo
⁊ alumiou as partes da espa
nha: E alguũs que mays eram
xpaãos per nome que per san
ctidade: ⁊ mais per conto que
per meriçimento piadosamen
te os reuogou da soberba da
pompa secular. ⁊ das obras de
sathanas. Hauia na espanha
alguũs homẽs nobres per
excelencia de geraçã muy
to sabedores nas cousas
deste mundo: Ricos per a
bondança das cousas tẽ/
poraaes: muyto podero/
sos em armas ⁊ muyto ex
alçados na bẽ auẽturãça
das cousas transitorias de
ste mũdo. e estes tã nobres
homẽes a maldade de sua
vida escureçeo ⁊ encobrio
muyto a vtude de seu lou/
uor terreal. Por que elles
muy prodigos de suas co
usas ⁊ cobiçosos das alh
as inclinados a todo ma
ao feyto desẽfreados a to
dalas cousas torpes ⁊ fe/
as: asi como eram bem for
tunados na caualaria asi
eram totalmẽte ẽlaçados
⁊ enuoltos em deformidades
de de toda malicia. Mas
louuores a Deus que estes
homẽes tan cheos de mal
dades enuoltos em tama
nhos crimes tirou da con
uersaçam da doutrina pa

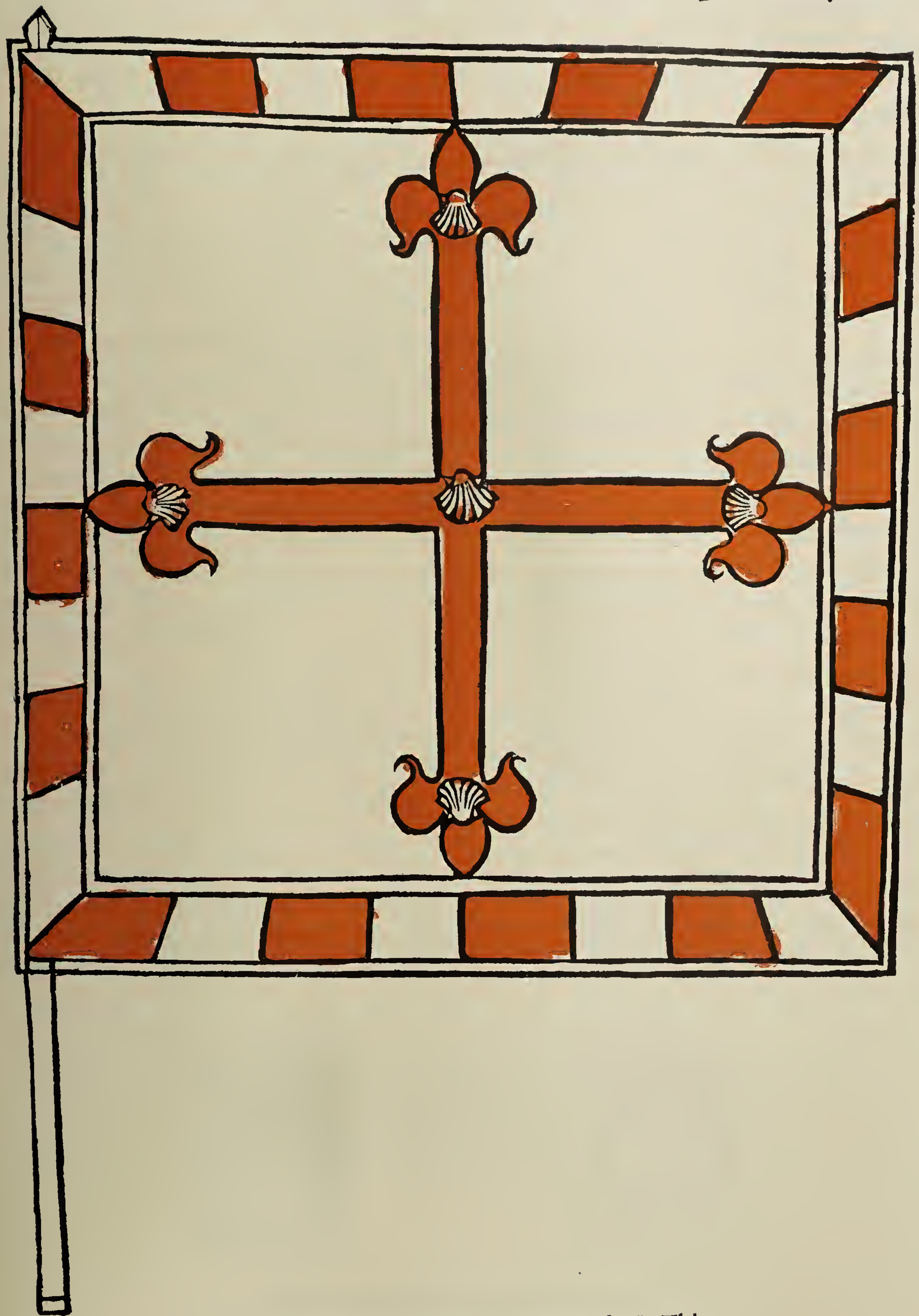
50 Pagina da *Regra de S. Thiago*
Page of the *Regra de S. Thiago*
Setubal, 1509



51 Gravura da bandeira da Ordem de S. Thiago
Woodcut of the banner of the Order of S. Thiago
Setubal, 1509

REGRA DA ORDEM DE S. THIAGO

fo. XCVII



52 Gravura da bandeira da Ordem de S. Thiago
Woodcut of the banner of the Order of S. Thiago
Setubal, 1509

pela independencia encontramos no primeiro plano as Ordens Militares, com o Mestre d'Aviz, acclamado Rei em 1385, á frente. Depois, como dissemos (ver a *Regra da Ordem de Christo*), veiu a decadencia.

"Com o termo da conquista do Algarve, acabou a funcção social das ordens militares, que na defesa das fronteiras, quando as invasões eram constantes, no ardor das batalhas e no ímpeto dos assaltos haviam prestado os maiores serviços" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 168).

Seguiram-se os ócios da paz, e a disciplina militar e a austeridade religiosa dissolviam-se. Como escrevemos (*Regra de Christo*) houve abusos e muitos, causados sobretudo por ter findado a funcção social das Ordens Militares. Mas eram ainda, e fôram durante muito tempo, uma força e uma poderosa organisação. Em 1509, data da impressão d'esta *Regra*, a Ordem de S. Thiago era ainda uma força, se já não representava o que fôra antigamente.

Para nós, este livro impresso em Setubal, perto de Palmella, tem, alem da sua belleza e raridade, o encanto e a poesia da Historia do passado glorioso. É uma evocação dos tempos em que se luctava com Fé n'uma cruzada, com amor na defeza do solo do nosso Portugal, com Fidelidade pelo Soberano. Admiravel emblema, as tres palavras "Deus, Patria e Rei"!

we still find the Military Orders in the forefront of the battle, led by the Master of Aviz, who was acclaimed King in 1385. Afterwards, as we have said (see the *Regra da Ordem de Christo*), came the decadence.

"With the conquest of the Algarve came the end of the social function of the Military Orders, which had rendered great services in the defence of the frontiers when invasions were constant, and in the ardour of battle and the violence of assault" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 168).

The idleness of peace followed, and military discipline and religious austerity declined. As we have said (*Regra de Christo*), there were abuses and many of them, caused chiefly by the termination of the social function of the Military Orders. But they still were, and continued for a long time to be, a great force and a powerful organisation. In 1509, when this *Regra* was published, the Order of St James was still a force, though even then it did not represent as much as it had done in former times.

For us this book printed in Setubal near Palmella has, apart from its beauty and rarity, the charm and poetry of the History of the glorious past. It is an evocation of the times when men fought with Faith in a great crusade, fought under the Royal banner with love and loyalty to defend the soil of Portugal. What a wonderful motto is expressed in the three words: "God, Country and King"—"*Deus, Patria e Rei*"!





53 Lettras capitaes da *Regra de S. Thiago*
Initials from the *Regra de S. Thiago*
Setubal, 1509

Fo. CVIII

chamceller da dicta ordẽ ⁊ cauallaria: ⁊ secretario do dicto capitollo q̃ aqui sobscriui ⁊ assyney.

/O Mestre/



Gil vaz dacunha. Dom Gomçalo comtinho. Gomçalo figueyra. Aluaro mazcarenhas. Garradas licemciado.

¶ Esta obra fue emprimida em Setuual: por mi Herman de kempis alemã: E nel anno de Mil quinhẽtos ⁊ noue. E se aca/uo a treze del mes de Dezembro.

54 Ultima folha e colophon da *Regra de S. Thiago*
Last leaf and colophon of the *Regra de S. Thiago*
Setubal, 1509



55 Folha do rosto da *Grãmatica Paſtrane*
Title-page of the *Grãmatica Paſtrane*
Lisboa, 1512

13 JUAN PASTRANA, GRÃMATICA PASTRANE.
Lisboa, João Pedro Bonhomini de Cremona, 1512.

Cum gratia ꝛ preuilegio | Grãmatica | Paſtrane

Por cima do titulo as Armas Reaes a negro e vermelho, e a Esphera armillar a negro e vermelho com a legenda C.A.D.A.T.G. *na ecliptica; tudo enquadrado por tarjas ornadas de aves, flores e fructos*[1].

[fl. 1 vo.]

Gravura que representa El-Rei Dom Manuel sentado no throno, com a Esphera e a legenda: DEO · IN · CELO : TIBI · AVTEM · IN · MVNDO. *Por baixo da gravura*[2]:

Cõparẽs corã ſereniſſimo ꝑncipe ꝛ excellẽtiſſimo dño Emanuele. Egregiꝰ vir Io | annes petrꝰ ð bonis hoĩbꝰ expoſuit ſe paſtranas impͣſſuꝝ ad cõeꝫ oĩuꝫ vtilitatẽ: quaꝫ | ob cauſaꝫ ſupplici ſermõe petijt vt ſibi ſoli liceat hoc facere: ne forte aliꝰ qͥſpiã impͥme | re volẽs cũ dãno eiuſdẽ Ioãnis ad hoc ſe ĩtromitteret: quã ob rẽ ꝑfato Ioãni ꝯceſſuꝫ | fuit ꝙ nemini liceat impͥmere aut impͥmi facere nõ tã Vlixbone quã ĩ oĩbꝰ locꝫ ꝛ ciui- | tatibꝰ totiꝰ luſitanie regni opꝰ ꝑdictũ: niſi ipͥ Ioanni: ſub pena contẽta in ꝑuilegio | eidẽ a Rege ꝯceſſo: ꝑ tali oꝑe impͣſſo: aut vẽdito: ꝯtra hoc ſereniſſimi Emanuel edi- | ctũ: cuiꝰ pene alterã dimidiã eidẽ Ioãni: ꝛ alterã eidẽ a q̃ accuſatꝰ fuerit ꝯcedẽdã eſſe: | cuiqͥdẽ pene ſubiacere oĩno debeat qͥcũqꝫ volumẽ aliqð ſimilẽ extradictiõeꝫ illuſtriſ- | ſimi Regis prefati impreſſum vendere vellet in hac ciuitate noſtra: aut quibuſcunqꝫ | alijs: in ciuitatibus: terris: ꝛ locis noſtris.

[fl. 2] Incipit compendium breue ꝛ vtile: ſiue tractatus | intitulatus: Theſaurus pauperum ſiue ſpeculum pue- | rorum editum a magiſtro Iohãne de paſtrana. [...]

[fl. 6]

Gravura de uma arvore grammatical sobre a qual estão pousadas duas aves; tudo enquadrado por tarjas eguaes ás da folha do rosto[3].

[fl. 7 vo.]

Arvore semelhante á da folha [6], *egualmente enquadrada por tarjas*[4].

[fl. 30 vo.] [...] Deo gratias.

[fl. 31] Sequiť de orthographia. [...]

[fl. 35 vo.] [...] Et hec de orthographia ſufficiunt.

[1] *Above the title are the Royal Arms of Portugal in red and black, and the armillary Sphere in red and black with the legend C.A.D.A.T.G. on the ecliptic; the whole within a woodcut border of birds, flowers and fruit.*
[2] *Woodcut of King Manuel I seated on the throne, with the Sphere and the legend DEO, etc. Below the woodcut:*
[3] *Woodcut of a grammatical tree upon which two birds are perched; within a woodcut border like that on the title-page.*
[4] *Tree similar to the one on leaf* [6], *and also within a woodcut border.*

[fl. 36] Sequit᷑ de vocalibus ad ꝯpoſitionẽ | dictionũ ab orthographia collectis. [...]

[fl. 37] [...] Et hec ſufficiunt de orthographia.

[fl. 37 vo.] Sequitur de proſodia. [...]

[fl. 42 vo.] [...] Laus deo.

[fl. 43] Antonij martini primi quondã huius artis paſtrane in alma | vniuerſitate Vlixbonenſi preceptoris: materierum editio a ba- | culo cecorum breuiter collecta incipit. | Capitulum primum. [...]

[fl. 66] [...] Laus deo. | De tempoꝝ formationibꝰ [...]

[fl. 69 vo.] [...] Magiſtri Ioãnis de Paſtrana cõpẽdiũ cũ ꝯiugationibꝰ tẽpoꝝ. cũ | materiebꝰ Antonij martini: ⁊ tẽpoꝝ formatiõibꝰ: necnõ cũ ꝟbis lr̄as mu | tãtibꝰ in cõpoſitiõe ab Antonio nebriſſenſi abſtractis. ⁊ ꝗbuſdã clauſulis a | Terẽtio iuuenibꝰ magnoꝑe ꝯducẽtibꝰ. Sũma cũ diligẽtia ꝑ venerabileꝫ | Ioannẽ petri de bonis hoĩbꝰ de Cremona. additis quibuſdã gloſẽmatis | egregij bacalarij Petri rombi in ſplẽdidiſſima Vlixbone ciuitate: die. xiij. | menſis Octobris impreſſum. Anno dñi milleſimo quingẽteſimo duode- | cimo ſidere Felici explicit.

Por baixo, marca do impressor[1].

Folio—[69] folhas—numero de linhas variada—caractéres gothicos—notas marginaes em caractéres menores—a negro e vermelho—sem titulos correntes nem reclamos—titulo xylographado no frontispicio—algumas das lettras capitaes a vermelho sobre branco.

Numeração dos cadernos: a–c, 8 folhas cada caderno; d, 6 folhas; aa, 8 folhas; bb, 4 folhas; A, 10 folhas; B, 8 folhas; C, 9 folhas; total de 69 folhas; C 4 tem assignatura errada D iiij.

Encadernação de carneira.

Folio—[69] leaves—number of lines varied—Gothic letter, in red and black—marginal notes in smaller type—no headlines nor catchwords—xylographic title on front page—some of the capitals are in red on white.

Collation by signatures: a–c, each 8 leaves; d, 6 leaves; aa, 8 leaves; bb, 4 leaves; A, 10 leaves; B, 8 leaves; C, 9 leaves; total 69 leaves; C 4 is wrongly marked D iiij.

Sheepskin binding.

A *Grãmatica Paſtrane*, impressa em 1512 por João Pedro Bonhomini de Cremona, é sem duvida o livro mais curioso que possuimos, sob o ponto de vista da typographia em Portugal no principio do seculo XVI. Algumas das lettras capitaes, de um typo absolutamente diverso das que Cremona empregou na *Legẽda dos ſãtos martires*, 1513, e nas *Ordenações* de 1514, são impressas a vermelho sobre branco. As numerosas reproducções que

The *Grãmatica Paſtrane*, printed by João Pedro Bonhomini de Cremona in 1512, is without doubt the most curious book we possess as an example of early XVIth century typography in Portugal. Some of the capital letters, which are printed in red on white, are entirely different in character from those used by João de Cremona in the *Legẽda dos ſãtos martires*, 1513, and in the *Ordenações*, 1514, and, as far as we know, such

[1] *Below is the printer's mark.*

apresentamos mostram os tão interessantes carac-téres usados por Cremona n'esta obra, e de que nenhum outro "imprimidor"—que saibamos—se serviu em Portugal. Esta edição de 1512 é desconhecida de todos os bibliophilos, sendo muito possivel que o nosso exemplar seja o unico que hoje exista.

Juan Pastrana era natural das Baleares. D. Joaquin Maria Bover escreve ácerca do nosso auctor:

"Latinista mallorquin que floreció á principios del siglo XV, época en que se adoptaba ya su *Gramática*, y la que escribió en verso, sacada del Prisciano á mediados del siglo XIII, el minorita Alejandro de Villadei."

Em seguida a referencias a Antonio de Lebrija (Antonio de Nebrija) e ao methodo do sabio philologo que, segundo auctores, fez, depois de 1481, perder o seu valor á obra de Pastrana, escreve ainda Bover, defendendo os meritos do seu conterraneo:

"la gramática de Pastrana no se enseñaba únicamente en las escuelas mallorquinas, que si esto hubiese sucedido podria creerse que se hacia por ser el autor natural del pais, y que se prefería por este motivo su método de enseñanza á otro cualquiera, sino que se enseñaba tambien en Salamanca, Valencia y Cataluña, con posteriori-dad al año 1481" (*Biblioteca de Escritores Baleares*, t. II, pp. 65–67).

Não foi sómente nas Baleares, em Salamanca, Valencia, e na Catalunha, que se ensinava Latim pela *Grãmatica Paſtrane*. Em Portugal, como veremos, fôram impressas, no principio do seculo XVI, pelo menos tres edições do livro de Pastrana, que já tinha sido publicado em Hes-panha no fim do seculo XV: Antonio Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, 1926, t. VI, p. 48) menciona algumas d'essas edições, assim como Bover (*ob. cit.*). Haebler (*Bibliografía Ibérica del Siglo* XV, 1903, pp. 248 e 249) trata de duas edições impressas em Sala-manca em 1492.

Nas suas notas criticas sobre uma d'ellas (nº

letters are to be found in the publications of no other Portuguese printer of the XVIth century. These very interesting initials may be seen in some of the numerous reproductions we give. This 1512 edition is unknown to bibliographers, and it is very possible that our copy may be the only one in existence.

Juan Pastrana was a native of the Balearic Islands. D. Joaquim Maria Bover informs us that our author was a

"Latinista mallorquin que floreció á principios del siglo XV, época en que se adoptaba ya su *Gramática*, y la que escribió en verso, sacada del Prisciano á mediados del siglo XIII, el minorita Alejandro de Villadei."

Mentioning that, according to some authors, Pastrana's work was superseded after 1481 by the great philologist Antonio de Lebrija or Nebrija's system, Bover goes on to say, in defence of his fellow-countryman, that

"la gramática de Pastrana no se enseñaba únicamente en las escuelas mallorquinas, que si esto hubiese sucedido podria creerse que se hacia por ser el autor natural del pais, y que se prefería por este motivo su método de enseñanza á otro cualquiera, sino que se enseñaba tambien en Salamanca, Valencia y Cataluña, con posteriori-dad al año 1481" (*Biblioteca de Escritores Baleares*, vol. II, pp. 65–67).

It was not only in the Balearic Islands and in Salamanca, Valencia and Cataluña that Latin was taught from the *Grãmatica Paſtrane*; for, as we shall see, at least three editions of Pastrana's book were published in Portugal at the beginning of the XVIth century. It had already been printed in Spain at the end of the XVth century: Antonio Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, 1926, vol. VI, p. 48) and Bover (*loc. cit.*) mention various editions, while Haebler (*Bibliografía Ibérica del Siglo* XV, 1903, pp. 248 and 249) describes two editions issued at Salamanca in 1492.

In his critical notes on one of these editions,

523)—da qual existe um exemplar na Bibliotheca de Evora—o illustre Professor emprega—com a differença que o exemplar de que elle se occupa foi impresso em Hespanha vinte annos antes do nosso, e por outro "imprimidor"—quasi as mesmas palavras de que nos serviriamos para descrever a edição da *Grãmatica Paſtrane* sahida dos prelos de Cremona em 1512:

"Esta edición desconocida á todos los bibliógrafos es de los libros más curiosos que se han producido en los primeros tiempos de la imprenta."

A primeira edição da *Grãmatica Paſtrane* publicada em Portugal foi impressa—que se saiba—em Lisboa em 1501, sendo egualmente a primeira obra de que ha noticia sahida dos prelos de Cremona, mas da qual nenhum exemplar se conhece. Como tal a indicam Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 527), cuja descripção é extrahida de Francisco Leitão Ferreira (*Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra. Primeira parte*, 1729). Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, 1741, t. I, p. 323, e t. II, p. 784) menciona a edição da *Grãmatica* de 1501, mas omitte as de 1512 e 1513. Como já dissemos, a edição de 1512 é desconhecida de todos os bibliophilos. Junto ao tratado de Pastrana, intitulado *Theſaurus pauperum ſiue ſpeculum puerorum*, foi impresso o livro de Antonio Martins, *Baculus cecorum.* Diz Barbosa (*ob. cit.* t. I, p. 323):

"Antonio Martins natural do Porto, e celebre Meſtre de Grammatica no tempo que reynava Affonſo V. ſendo o primeiro, que na Univerſidade de Lisboa leo a Arte de Joaõ de Paſtrana, e a explicou *addicionando-lhe muitas couſas mais* (como diz Franciſco Leytaõ Ferreira nas ſuas eruditas *Memorias da Univerſidade de Coimbra* pag. 549. num. 1173) *que reſumio de outro livro chamado Baculo de cègos*, cuja obra ſahio com a *Arte de Paſtrana.*"

O colophon da edição de 1501 é differente do colophon da edição de 1512, pois menciona João Vaz (ver Barbosa, *ob. cit.* t. II, p. 784, e Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 527). Estes auctores na sua

no. 523, of which there is a copy in the Library at Evora, the famous Professor uses a phrase, which though it refers to a book printed in Spain twenty years before our edition, might be applied with equal truth to the *Grãmatica Paſtrane* published by João de Cremona in 1512:

"Esta edición desconocida á todos los bibliógrafos es de los libros más curiosos que se han producido en los primeros tiempos de la imprenta."

The first edition published in Portugal of the *Grãmatica Paſtrane* was printed, as far as is known, in Lisbon in 1501, being the first recorded work from João de Cremona's press, but no copy of it can now be traced. It is thus indicated by Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 527), who take their description from Francisco Leitão Ferreira (*Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra. Primeira parte*, 1729). Barbosa (*Bibliotheca Lusitana,* 1741, vol. I, p. 323, and vol. II, p. 784) mentions the 1501 edition of the *Grãmatica* but omits those of 1512 and 1513. As we have already said, the 1512 edition is unknown to all bibliographers. Pastrana's treatise, which is entitled *Theſaurus pauperum ſiue ſpeculum puerorum*, is accompanied by Antonio Martins' *Baculus cecorum.* Barbosa (*op. cit.* vol. I, p. 323) says:

"Antonio Martins, native of Oporto, was a famous Master of Grammar during Affonso V's reign, being the first to read Juan de Pastrana's Art in the University of Lisbon, and he explained it *adding many more things to it* (as Francisco Leytão Ferreira says in his learned *Memorias da Univerſidade de Coimbra,* p. 549, no. 1173) *which he summarised from another book called Baculo de cègos* (the Staff of the blind) which work was issued with the *Arte de Paſtrana.*"

The colophon of the 1501 edition is different from the colophon of the 1512 edition, for it mentions a certain João Vaz (see Barbosa, *op. cit.* vol. II, p. 784, and Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 527). The latter authors describe the

Bibliografia (nº 531) descrevem a edição da *Grãmatica* de 1513, tendo extrahido a noticia que publicam do *Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional*—Rio de Janeiro, 1885 (nº 112). Essa descripção, muito incompleta, differe da que aqui fornecemos do nosso exemplar, sendo necessario notar, que a *Grãmatica Paſtrane*, que existe no Rio de Janeiro, segundo o *Catalogo dos Cimelios* (p. 288),

"Consta de 41 ff. sem numeração. Nosso exemplar tem apenas 40, faltando-lhe a fl. de frontispicio....No fim a declaração 'Explicit materiaruz editio a Petro rõbo ex baculo cecorũ breuiter colleta. Impressa vero Ulixbone. Anno domini millesimo q̃ngentesimo xiij. sydere.'"

O nosso exemplar tem *69 folhas*, em logar de *41*, e no colophon está escripto:

"Sũma cũ diligẽtia ꝑ venerabileȝ Ioannẽ petri de bonis hoĩb⁹ de Cremona. additis quibuſdã gloſẽmatis egregij bacalarij Petri rombi in ſplẽdi-diſſima Vlixbone ciuitate: die. xiij. menſis Octobris impreſſum. Anno dñi milleſimo quingẽteſimo duodecimo ſidere Felici explicit."

Em vista do que transcrevemos, e sobretudo da differença das datas, nenhuma hesitação pode haver que a edição descripta no *Catalogo dos Cimelios*, cujo unico exemplar conhecido e in-completo existe no Rio de Janeiro, não é identica á que possuimos, impressa um anno antes, e des-conhecida de todos os auctores. A edição do Rio de Janeiro de 1513 é pois a terceira, e a nossa de 1512, a segunda. O nosso exemplar que está completo e n'um magnifico estado de conservação, pertenceu a Sua Majestade El-Rei D. Luiz e tem a sua assignatura.

A *Grãmatica Paſtrane* é a obra mais antiga que possuimos sahida dos prelos de Cremona, sendo curioso o titulo de *veneravel* que elle usa no colo-phon. Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 11) dá-nos as seguintes informações a respeito do nosso "imprimidor":

1513 edition of the *Grãmatica* in their *Bibliografia* (no. 531), basing their notice on the description given in the *Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional*—Rio de Janeiro, 1885 (no. 112). According to this incomplete description our copy differs very considerably from the one at Rio de Janeiro. The *Catalogo dos Cimelios* (p. 288) says that the book

"Contains 41 unnumbered leaves. Our copy has only 40, as its title-page is missing.... At the end is the declaration: 'Explicit materiaruz editio a Petro rõbo ex baculo cecorũ breuiter colleta. Impressa vero Ulixbone. Anno domini mille-simo q̃ngentesimo xiij. sydere.'"

Our own copy has *69 leaves* instead of *41*, and the colophon is as follows:

"Sũma cũ diligẽtia ꝑ venerabileȝ Ioannẽ petri de bonis hoĩb⁹ de Cremona. additis quibuſdã gloſẽmatis egregij bacalarij Petri rombi in ſplẽdi-diſſima Vlixbone ciuitate: die. xiij. menſis Octobris impreſſum. Anno dñi milleſimo quingẽteſimo duodecimo ſidere Felici explicit."

In view of the above comparison, and especi-ally of the difference in the dates, the edition described in the *Catalogo dos Cimelios*, of which the only known copy, an incomplete one, is at Rio de Janeiro, is evidently different from ours, which was printed one year before, and is un-known to all bibliographers. The Rio de Janeiro edition of 1513 is therefore the third and ours, 1512, the second. Our copy, which is com-plete and in a magnificent state of preservation, belonged to His Majesty King Luiz, and bears his signature.

The *Grãmatica Paſtrane* is the earliest work we possess from João de Cremona's press. It is curious to find that Cremona entitles himself *venerable* in the colophon of this book. Des-landes (*Documentos para a Historia da Typo-graphia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, p. 11) gives us the following information about our "imprimidor":

"A par de Antonio Bartholomeo Miscomini, de Lourenço Morgiani, de Francesco Bonac-corsi, e dos Juntas, impressores do maior nome e luzimento na historia da typographia florentina, fazem os bibliographos honrosa memoria do padre João Pedro de Bonominis de Cremona, impressor em Florença pelos ultimos annos do xv seculo. Temos por sem duvida ser este im-pressor o mesmo que encontrâmos depois esta-belecido em Lisboa, onde exerceu sua profissão desde 1501 até 1514...."

No documento assignado por D. Manuel, mandando entregar a Cremona o pergaminho para a impressão das *Ordenações*, com data de 1513, e no recibo de Cremona (ver Deslandes, *ob. cit.* p. 10) não se indica que elle fôsse padre, mas o titulo de *veneravel* talvez o queira significar; contudo, raras vezes o empregou.

João Pedro Bonhomini (Johannes Petrus de Bonis hominibus) era natural de Cremona: tomou como appellido o nome da cidade onde nascera, seguindo assim o exemplo de muitos impressores do seculo xv. Tito de Noronha nas suas *Ordenações do Reino* (pp. 45 e 46) traz uma lista de impressores que assim procederam. Ácerca de João Bonhomini ou Buonhomini, escreve Noronha (*ob. cit.* p. 49):

"Temos por certo que Bonhomini pertencia a uma familia notavel de impreſſores. Em 1476 eſtava em Paris um Paſquier Bonhomme que imprimio as *Chroniques de Saint Denys*; e em 1484 Jean Bonhomme, irmão de Paſquier, era um dos quatro grandes livreiros da univerſidade pariſienſe."

No seculo xvi viveram diversos impressores em Paris e Lyons com o nome de Bonhomme; em Portugal, após 1514, não se conhece algum com o nome de Bonhomini. Cremona exerceu a sua profissão em Lisboa desde o principio do seculo xvi: como já dissemos, a primeira obra por elle impressa de que ha noticia, mas da qual nenhum exemplar se conhece, é a *Grãmatica Paſtrane*, 1501. Assignava umas vezes, "Iohã pedro de Cremona," outras, como na *Legẽda dos*

"Besides Antonio Bartolommeo Miscomini, Lorenzo Morgiani, Francesco Bonaccorsi and the 'Juntas,' all printers of the greatest fame and brilliance, bibliographers make honourable men-tion of father João Pedro de Bonominis de Cremona, who printed in Florence during the last years of the xvth century. We consider it beyond doubt that this printer was the same one as we find later established in Lisbon, where he exercised his profession from 1501 until 1514...."

Neither the document dated 1513 and signed by Dom Manuel ordering vellum to be handed over to João de Cremona for the impression of the *Ordenações*, nor the printer's receipt gives any indication that he was in holy orders, but per-haps the title of *venerable* is intended to signify this, though it is very rarely to be found in João de Cremona's publications.

João Pedro Bonhomini or Buonhomini (Jo-hannes Petrus de Bonis hominibus), born in Cremona, took the name of his native town as a surname, in pursuance of the custom of many xvth century printers, some of whom are men-tioned by Tito de Noronha in his *Ordenações do Reino* (pp. 45–46), where he goes on to say, p. 49:

"We are sure that Bonhomini belonged to a notable family of printers. In 1476 a certain Pasquier Bonhomme was in Paris and printed the *Chroniques de Saint Denys*; and in 1484 Jean Bonhomme, Pasquier's brother, was one of the four chief booksellers to Paris University."

Although there were several "Bonhommes" printing in Paris and Lyons in the xvith century, there is no indication that any printer of that name worked in Portugal after 1514. João de Cremona probably began to exercise his trade in Lisbon in 1501, for, as we have seen, the *Grãmatica Paſtrane* was published in that year. He sometimes signed himself "Iohã pedro de Cremona," and sometimes (as in the *Legẽda dos*

ſãtos martires, "Iohã pedro bonhominy." No *Regimento dos contadores das comarcas*, escreve então o seu nome *in extenso*, "Ioham pedro de bon-homini de Cremona," assim como n'esta edição da *Grãmatica*. N'um recibo que se encontra no Archivo Nacional da Torre do Tombo, a sua assignatura é "Ioham Pedro de Cremona." Imprimiu sempre em Lisboa até 1514, data possivel da sua morte, sendo poucas as obras que se conhecem sahidas dos seus prelos, e todas extremamente raras. O Museu Britannico não possue trabalho algum d'este impressor. Em 1504 imprimiu, de parceria com Valentim Fernandes, o *Catechismo* de D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta. Cremona é sem duvida um dos nossos mais notaveis impressores, certamente o mais notavel depois de Valentim Fernandes. As obras sahidas dos seus prelos, todas em caractéres gothicos, são de uma extrema nitidez, muito cuidadas e verdadeiramente bellas. As suas gravuras são sempre interessantes, e admiraveis as lettras capitaes que empregou: reproduzimos algumas das que usou n'esta *Grãmatica* que dão claramente uma idea do trabalho de Cremona, a quem, como veremos, Germão Galharde foi buscar tanto material. Cremona era um mestre da "nobre arte impreſſoria." Anselmo e Proença (*ob. cit.*), nas suas notas sobre Cremona, escrevem:

"A sua marca consiste num círculo inscrito num paralelogramo com um pequeno triângulo negro ao centro, e no terço superior do círculo uma linha sôbre que assenta uma cruz potentea (*Sacramental*, 1502). Esta marca reaparece, com algumas diferenças, nas *Ordenações*, 1514."

Brito Aranha (vol. XIX—*Diccionario* de Innocencio—12 do *Supplemento*—p. 3) dá uma reproducção da marca de Cremona do *Sacramental*. N'esta *Grãmatica*, 1512, na *Legẽda dos ſãtos martires*, 1513, e nas *Ordenações*, 1514, a marca tem differenças: como se póde ver na reproducção que apresentamos, o circulo, a cruz e o triangulo são os mesmos; mas o circulo, em

ſãtos martires) "Iohã pedro bonhominy"; while in the *Regimento dos contadores das comarcas* he styles himself *in extenso* "Ioham pedro de bon-homini de Cremona," as he does in this edition of the *Grãmatica*. In a receipt kept in the Archivo Nacional da Torre do Tombo, his signature is "Ioham Pedro de Cremona." He printed in Lisbon until 1514, possibly the date of his death, and the books which are known to have come from his press are few and all very rare. The British Museum does not possess a single work by this printer. In 1504, in partnership with Valentim Fernandes, he published a "Catechism" by D. Diogo Ortiz, Bishop of Ceuta. Cremona was certainly one of the most remarkable of our printers, indeed the greatest after Valentim Fernandes. His works, always printed in Gothic letter, are very neatly and carefully executed; his woodcuts are always interesting, and the capital letters he used are delightful: we reproduce some from this *Grãmatica* that give a clear idea of the style of his work, and show that Germão Galharde frequently made use of his material. João de Cremona was a most conscientious printer—and an artist. Anselmo and Proença (*op. cit.*) in their notes on this printer write:

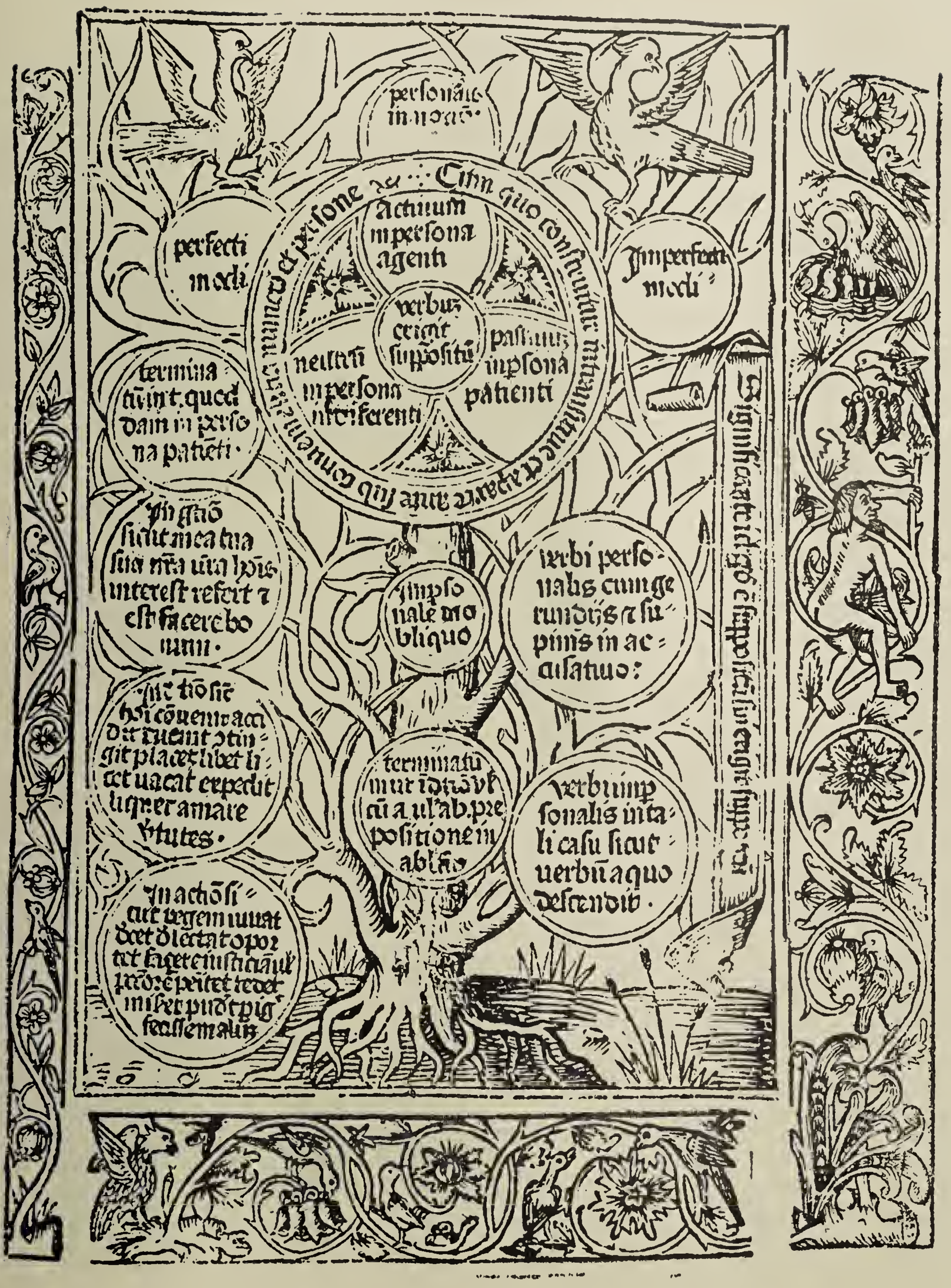
"His mark is a circle inscribed in a parallelogram, with a small black triangle in the centre, and in the upper part of the circle a line upon which stands a cross (*Sacramental*, 1502). This mark reappears with a few variations in the *Ordenações*, 1514."

Brito Aranha (Innocencio's *Diccionario*, vol. XIX—12th of the *Supplement*—p. 3) gives a reproduction of the mark used by João de Cremona in the *Sacramental*. In this *Grãmatica*, 1512, as well as in the *Legẽda dos ſãtos martires* of 1513, and the *Ordenações*, published the next year, the mark has differences, as may be seen in the reproductions we give: the circle, the cross and the

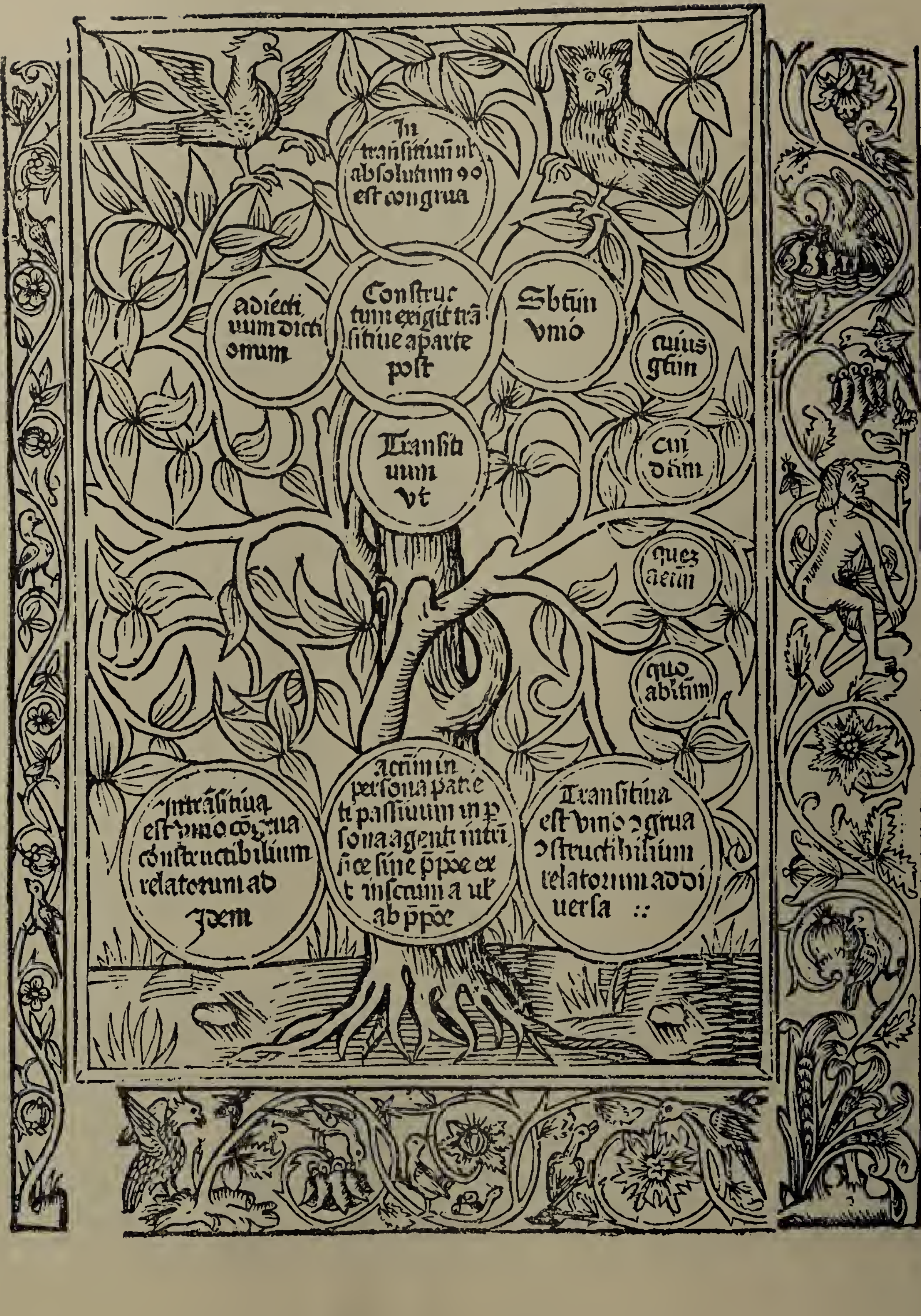


¶ Cõparēs corā serenissimo pn̄cipe ⁊ excellētissimo dn̄o Emanuele. Egregiꝰ vir Jo
annes petrꝰ d' bonis hoibꝰ exposuit se pastranas impssuꝝ ad cōez oiuz vtilitatē: quaz
ob causaz supplici sermōe petijt vt sibi soli liceat hoc facere: ne forte aliꝰ q̄spiā impme
revolēs cū dāno eiusdē Joānis ad hoc se itromitteret: quā ob rē p̄fato Joāni ɔcessuz
fuit q nemini liceat impmere aut impmi facere nō tā Ulixbone quā i oibꝰ locꝭ ⁊ ciui-
tatibꝰ totiꝰ lusitanie regni opꝰ p̄dictū: nisi ipi Joanni: sub pena contēta in p̄uilegio
eidē a Rege ɔcesso: p tali ope impsso: aut vēdito: ɔtra hoc serenissimi Emanuel' edi-
ctū: cuiꝰ pene alterā dimidiā eidē Joāni: ⁊ alterā eidē a q̊ accusatꝰ fuerit ɔcedēdā esse:
cuiq̄ dē pene subiacere oino debeat q̄cūqꝫ volumē aliqd' similē extradictiōez illustris-
simi Regis prefati impressum vendere vellet in hac ciuitate nostra: aut quibuscunqꝫ
alijs in ciuitatibus: terris: ⁊ locis nostris.

56 Verso da folha do rosto da *Grãmatica Paſtrane*
Reverse of the title-page of the *Grãmatica Paſtrane*
Lisboa, 1512



57 Arvore grammatical da *Grãmatica Paſtrane*
Grammatical tree in the *Grãmatica Paſtrane*
Lisboa, 1512



58 Outra arvore grammatical da *Grãmatica Paſtrane*
Another grammatical tree in the *Grãmatica Paſtrane*
Lisboa, 1512

¶ Incipit compendium breue ⁊ vtile: ſiue tractatus intitulatus: Theſaurus pauperum ſiue ſpeculum puerorum edituin a magiſtro Johãne de paſtrana.

Partes orationis quot ſunt? Quatuor. Que ſunt? Littera. ſyllaba dictio. ⁊ conſtructio. Quot ſunt dictiões? Tres. Que? Nomẽ. verbũ aduerbiũ. Quid eſt nomẽ? Quod declinat̃ p caſus. Verbũ? Quod declinat̃ ſine caſibus. Aduerbiuz? Quod non declinat̃. Quot ſunt caſus? Sex. Qui? Nominatiuꝰ. genitiuus. datiuus. accuſatiuus. vocatiuus. ablatiuus.

¶ Dic regulam caſuum.

Quem he ou quem faz nomĩatiuo. Cuja a couſa he genitiuo. A quem veẽ dãno ou proueyto datiuo. O que fazemos ou amamos acuſatiuo. Per vocatio chamamos. De quẽ. por quẽ. cõ quem. ſem quem. em quem ablatiuo. Quot ſunt numeri? Duo. Qui? Singularis ⁊ pluralis. Quare dicitur ſingularis? Quia ſignificat vnum. Et pluralis? Quia ſignificat multa. ¶ Quot ſunt declinatiões? Quinqȝ. Que? Prima. Secũda. Tertia. Quarta. Quinta. Vbi cognoſcitur declinatio? In genitiuo ſingulari.

	Prima?		e
	Secunda?		i
¶ Que eſt?	Tertia?	q̃ facit gtiuz ſuũ ſingularẽ in	is
	Quarta?		us
	Quinta?		ei

Partes orationis quot ſunt ⁊c̃. ¶ Artis grãmatice autores exordiũ ſcribẽdi varium diuerſumqȝ ſũpſerũt qdam eni ab ipa arte: alij ab elemẽtis vel litteris: nõ nulli a voce: pauci a nominum declinatione: multi a caſibus pleriqȝ a partibus oratiõis ceperũt a qbꝰ etiã autor iſte exordium ſumit in quo illã eligit ptez grãmatice quã intendi proſequi. ſcȝ ethimologiaȝ ⁊ deinde diaſyntaſticaȝ Et q̃ȝ q̃ȝ prime partes grammatice orthographia. ſ. ⁊ pſodia. ſcd̃m ordinẽ nature precedant. Ethimologia tñ ⁊ diaſyntaſtica. propiquiores fini grãmatices ordine doctrine jure p̃ponuntur ſcd̃m quem illa pars grãmatice eſt prior q̃ ad ſe ⁊ ad alias faciliorẽ p̃ſtiterit aditũ. Et illa eſt poſterior q̃cũ difficultate addiſcit̃ d̃ quibuſ autor ſatis diſtincte tractãdo procedit in iſto cõpendio. qd̃ diuidit̃ in duas partes ſcȝ in ethimologiã ⁊ diaſyntaſticã. Secũda ibi: Omne nomen tertie perſone. Prima in duas. in prima tractatur de hijs que pertinent ad ethimologiã per interrogationem ⁊ regularum reſponſionem. In ſecunda de hijs que pertinent ad ethimologiam per ĩterrogationem ⁊ difinitionum reſponſionem. Secũda ibi grãmatica quid eſt. Prima in duas. In prima de nomine: in ſecunda de verbo. Secunda ibi. Liceo noceo. Prima in duas. In p̃ma de nominibus regularibus in ſecunda de iregularibus. Secunda ibi. Anormalum. Prima ĩ duas.

a ij

59 Primeira pagina da *Grãmatica Paſtrane*. First page of the *Grãmatica Paſtrane*. Lisboa, 1512

inter relatiuum et aũs vt quotienſcũq; aũs vel relatiuũ Tertiᵒ inter ſuppoſitũ ⁊ verbũ. vt ſuppoſitũ ẽ dictio noĩalis ⁊ verbũ impſonale ⁊ copulatie tẽtũ ⁊ c. vbi etiã tãgitur quartᵒ modus qñ vna dctõ erigit aliã poſt ſe ad ſui dterminatõez. Et cũ hec cõſtructio ſeu ordinatio dictiõnũ principaliter fiat p ɔbũ ideo a modis quibᵒ põt dari thema p verbũ primo incipit. Cũ etiã ad ipſius thematis ɔpoſitionẽ. Noticia rum regula maxime nos dirigat.

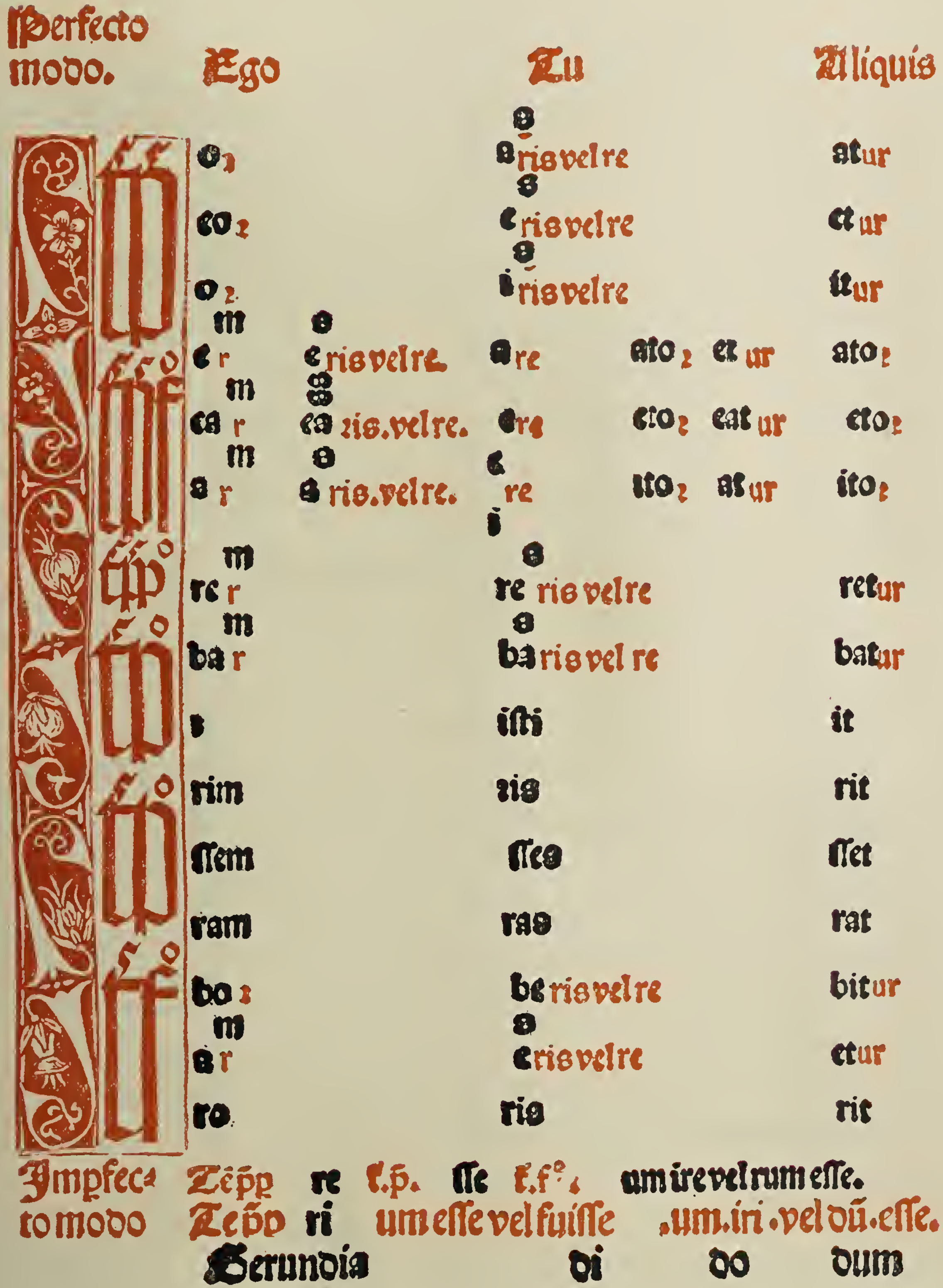
¶ Omnis caſus tranſitiue vel itranſitiue ordinatus p virtutem alicuius dictõis ex vi trãſitionis vel intrãſitionis regit ab eadẽ.
¶ Suppoſitũ ⁊ verbũ cõueniũt in duobᵒ. ſ. in nũero ⁊ in pſona
¶ Subſtãtiuum ⁊ adiectiuũ conueniunt in tribus. ſ. in caſu in genere ⁊ in numero.
¶ Relatiuũ ⁊ aũs cõueniũt in tribᵒ. ſ. i gñe in nũero ⁊ in pſona.
¶ Amo. as. ui. are andi. ando. andum. tum. tu. ans. turus.
Amor. amaris. amatus. amandus.
¶ Doceo. es. cui. re. endi. endo. endum. ctum ctu. ens. cturus.
Doceor. eris. ctus. endus.
¶ Lego. gis. gi. re. endi. endo. endum. ctum. ctu. ens. cturus.
Legor. geris. ctus. endus.
¶ Audio. is. iui. ire. iendi. iendo. iendum. itum. itu. iens iturus.
Audior. iris. itus. iendus.
¶ Volo. vis. volui. velle. voluiſſe. volen.
¶ Fero. feris. tuli. ferre. ferendi. ferendo ferendum. latum. latu. ferens. laturus. Feror. ferris. latus ferendus.
¶ Sũ. es. fui. eſſe. vel fore. eſſendi. eſſendo. eſſendũ. ens. futuᵒ.

Perfecto modo

	Ego	tu	aliqs	nos	vos	aliqui
	Sum	es	eſt	ſumus	eſtis	ſunt
		ſis	ſit		eſſe	ſunto
	Sim			ſimᵒ	ſitꝫ	ſint
		eſto	eſto		eſtote	ſuntote
	Eſſem	eſſes	eſſet	eſſemus	eſſetis	eſſent
	Eram	eras	erat	eramus	eratis	erant
	Fui	fuiſti	fuit	fuimᵒ	fuiſtꝫ	fuerũt/ere
	Fueri	fueris	fuerit	fuerimᵒ	fueritꝫ	fuerint
	Fuiſſẽ	fuiſſes	fuiſſet	fuiſſemᵒ	fuiſſetꝫ	fuiſſẽt
	Fueram	fueras	fuerat	fueramᵒ	fueratꝫ	fuerãt
	Ero	eris	erit	erimus	eritis	erunt
	Fuero	fueris	fuerit	fuerimᵒ	fueritꝫ	fuerint

Imperfecto modo
Tempore pſenti pterito. eſſe vel fore.
Tempore pterito Fuiſſe. Futuro caret.
Gerundia. eſſendi eſſendo eſſendum.
Participia. ens. futurus.

60 Pagina da *Grãmatica Paſtrane*
A page of the *Grãmatica Paſtrane*
Lisboa, 1512



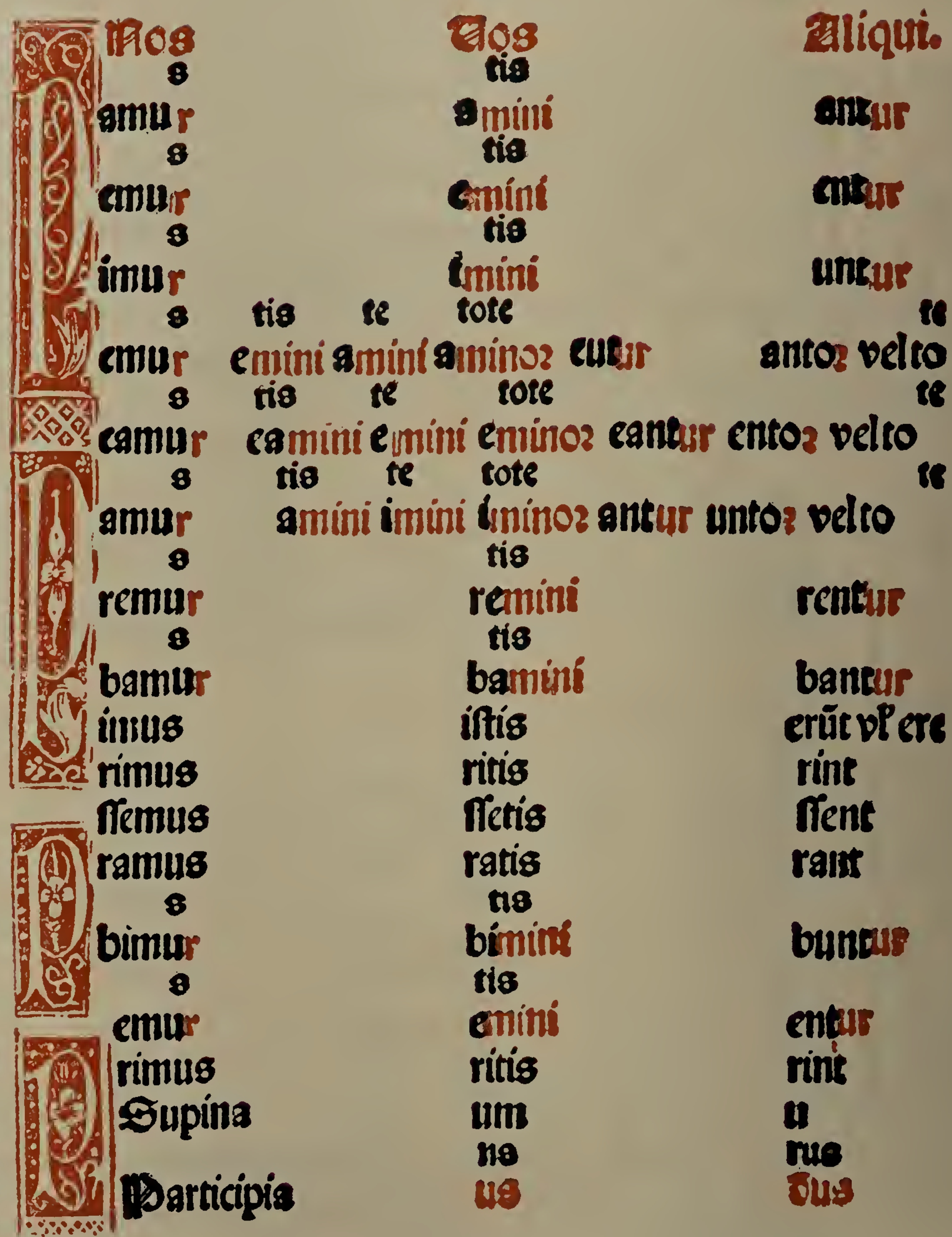
Perfecto modo. Ego — Tu — Aliquis

Ego		Tu			Aliquis
or		aris vel re			atur
eor		eris vel re			etur
or		iris vel re			itur
er m	eris vel re	ere	ato r	etur	ato r
ear m	ea ris vel re	ere	eto r	eatur	eto r
ar m	a ris vel re	re	ito r	atur	ito r
rer m		re ris vel re			retur
bar m		ba ris vel re			batur
i		isti			it
rim		ris			rit
ssem		sses			sset
ram		ras			rat
bor		be ris vel re			bitur
ar m		eris vel re			etur
ro		ris			rit

Impfecto modo — Tēp̄p re t.p. sse t.f. um ire vel rum esse.
Tēp̄o ri um esse vel fuisse .um.iri.vel dū.esse.
Gerundia di do dum

61 Pagina da *Grãmatica Pastrane*
A page of the *Grãmatica Pastrane*
Lisboa, 1512

M 30



Nos Vos Aliqui.
s tis
amur amini antur
s tis
emur emini entur
s tis
imur imini untur
s tis te tote te
emur emini amini aminoꝛ entur antoꝛ vel to
s tis te tote te
eamur eamini emini eminoꝛ eantur entoꝛ vel to
s tis te tote te
amur amini imini iminoꝛ antur untoꝛ vel to
s tis
remur remini rentur
s tis
bamur bamini bantur
imus istis erũt vel ere
rimus ritis rint
ssemus ssetis ssent
ramus ratis rant
s tis
bimur bimini buntur
s tis
emur emini entur
rimus ritis rint
Supina um u
ns rus
Participia us dus

62 Pagina da *Grãmatica Paſtrane*
A page of the *Grãmatica Paſtrane*
Lisboa, 1512

¶ Antonij martini primi quondã huius artis pastrane in alma vniuersitate Olixbonensi preceptoris: materierum editio a baculo cecorum breuiter collecta incipit.

Capitulum primum.

NOtãdũ ẽ ꝙ tria sunt q̃ faciũt hoiez esse grãmaticũ. Primũ ẽ cognitio vocabuloꝝ. Secũdũ ðcliatio eorum. Tertio cõstructio ipoꝝ. Ad pmũ ẽ sciẽdũ ꝙ oẽ vocabulũ aut ẽ nomẽ: aut ꝟbũ: aut aduerbiũ. sumẽdo hic vocabulum large: seu appropate ꝓ dictione. Quare p nomẽ itelligit oẽ qð decliat p casus. Per ꝟbũ oẽ qð decliat sine casib⁹ Per aduerbia itelligit oẽ qð nõ decliat ¶ Ad secũdũ dicẽdũ ẽ: ꝙ decliatio ẽ pncipij retẽtio ꝛ finis variatio. Quare nomẽ ðcliat p suas ꝓpas decliatiões. Uerbũ ð suas ꝓpas ꝯiugatiões. Aduerbiũ nõ decliat. ¶ Ad tertiũ dicendũ ẽ ꝙ ꝯstructio ẽ ꝯgrua dictionũ vnio. Uñ q̃tuor habem⁹ modos ꝯstruendi seu ordinandi vnũ vocabulũ cũ alio vocabulo Prim⁹ mod⁹ ẽ iter substãtiuũ ꝛ adiectiuũ Secũd⁹ iter relatiuũ ꝛ añs. Terti⁹ inter suppositũ ꝛ verbũ. Quart⁹ quando vna dictio exigit aliã post se ad sui determinationẽ. De q̃bus est videndũ p ordinẽ. sed pus de ꝯcordantijs grãmaticalib⁹: que sunt quinq3.

¶ De ꝯcordãtijs grãmaticalib⁹. Cap. ij.

NOtãdũ ẽ: ꝙ q̃nq3 sũt ꝯcordãtie grãmaticales seu modi significãdi accidẽtales respectiui: v3 casus: gen⁹. nũer⁹. psõa. ꝛ debita rectitudo Prĩe tres ꝯcordãtie accidũt substãtiuo ꝛ adiectiuo. v3 casus. gen⁹ ꝛ nũer⁹. i q̃b⁹ ad iuicẽ hñt ꝯuenire alie tres imediate seq̃ntes accidũt ãtecedẽti ꝛ relatiuo. s. gen⁹. nũer⁹. ꝛ psona. Et alie tres postreme accidũt supposito ꝛ ꝟbo. s. nũer⁹. psõa ꝛ debita rectitudo Et ad debitã rectitudiez req̃rũt q̃tuor. duo ex pte suppositi. v3 debit⁹ casus. ꝛ debita habitudo. Et duo ex pte ꝟbi. v3 ðbita ꝓpetas ꝛ debita significatio.

¶ De substantiuo ꝛ adiectiuo. Cap. iij.

CIrca substãtiuũ ꝛ adiectiuũ sũt notãda duo. Primũ q̃d ẽ substãtiuũ ꝛ adiectiuũ. Scd̃m i quot hñt ꝯuenire. Ad pmũ q̃d ẽ substãtiuũ: dico ꝙ ẽ illud i cui⁹ vulgari romãtio nõ recte dr̃ cousa. Adiectiuũ est illud i cui⁹ vulgari romãtio recte dr̃ cousa. Exẽplũ vtriusq3. Magister. o mestre. Alb⁹ a. ũ. cousa. alua. Ad secũdũ i quot hñt ꝯuenire. dico ꝙ i trib⁹. v3 i casu. gñe ꝛ nũero. Q̃ũo i casu? ꝙ ãbo sint eiusdẽ casus. Q̃ũo i gñe? ꝙ ãbo sint eiusdẽ generis. Q̃ũo i nũero? ꝙ ambo sint eiusdẽ numeri.

A

63 Pagina da *Grãmatica Pastrane*. A page of the *Grãmatica Pastrane*. Lisboa, 1512



64 Lettras capitaes da *Grãmatica Paſtrane.* Initial letters from the *Grãmatica Paſtrane.* Lisboa, 1512

¶ Magiſtri Joānis de Paſtrana cōpēdiū cū ꝯiugationibꝰ tēpoꝝ.cū
materiebꝰ Antonij martini:⁊ tēpoꝝ formatiōibꝰ: necnō cū ꝟbis lr̃as mu
tātibꝰ in cōpoſitiōe ab Antonio nebriſſenſi abſtractis.⁊ q̇buſdā clauſulis a
Terētio iuuenibꝰ magnope ꝓducētibꝰ. Sūma cū diligētia p venerabilez
Joannē petri de bonis hoībꝰ de Cremona.additis quibuſdā gloſēmatis
egregij bacalarij Petri rombi in ſplēdidiſſima Ulixbone ciuitate: die.xiij.
menſis Octobris impreſſum. Anno dn̄i milleſimo quingēteſimo duode-
cimo ſidere Felici explicit.



65 Colophon da *Grãmatica Paſtrane.* Colophon of the *Grãmatica Paſtrane.* Lisboa, 1512

logar de estar inscripto n'um parallelogrammo, encontra-se rodeado por uma especie de serpente coroada, que segura a cruz com a bocca e a cauda, o todo com ornamentos, e enquadrado por uma portada.

O grande interesse d'esta obra é a sua belleza e o ser, quasi com certeza, um exemplar unico; como dissemos, é um livro differente de todos os que possuimos impressos em Portugal no seculo XVI, e um valiosissimo documento para o estudo da typographia em Portugal.

Tem tambem o encanto do passado: quantos illustres Portuguezes não terão apprendido o Latim pela *Grãmatica Paſtrane*! N'essa epocha estudava-se mais a lingua-mãe. É bem possivel que El-Rei D. Manuel, que "foi muito inclinado a letras, & letrados, & entendia bẽ ha lingoa Latina em q̃ fora doctrinado ſendo moço, da qual ſabia tãto que podia julgar entre ſtylo bom, & mao..." (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, Parte IV, 1567, fl. 107 vº), tivesse estudado pelo livro João Pastrana. Assim pensava seguramente D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, quando escrevia, referindo-se ao Venturoso e a seus mestres:

"De outro mestre, nunca citado pelo Cronista, aquele que na puerícia ensinara os rudimentos de letras a D. Manuel e em idade mais adulta os preceitos da gramática (latina provàvelmente, pelo antiquado Pastrana, e portuguesa sem método impresso), temos notícia pela dedicatória de uma obra de política cristã, que o próprio ofertou ao reinante em 1496. Chamava-se *Diogo Lopes Rebelo*" (*Notas Vicentinas*, IV, p. 20).

Tudo faz realçar a extrema raridade do livro, sem duvida um dos mais preciosos que guardamos com amor na nossa Bibliotheca.

triangle are the same; but the circle, instead of being set in a plain parallelogram, is surrounded by a kind of crowned serpent, holding the cross in its mouth, and the whole is within an architectural border.

The chief interest of this book lies in its beauty and in the fact that it is almost certainly a unique copy; as we have stated, the book is different from all the other Portuguese XVIth century publications in our Library, and is a most valuable document for the study of typography in Portugal.

It has also the charm of the past: how many famous Portuguese may not have studied Latin in the *Grãmatica Paſtrane*! Very possibly King Manuel I, who "was much inclined to learning, and thoroughly understood the Latin tongue, in which he had been instructed when young, and of which he knew so much that he was able to judge whether style was good or bad..." (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, Part IV, 1567, fl. 107 vo.), may have used Juan Pastrana's *Grãmatica* as his text-book. Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos surely had this idea in mind, when she wrote with reference to Dom Manuel and his tutors:

"There is another master, never mentioned by the Chronicler, the one who imparted the rudiments of learning to Dom Manuel in his boyhood, and at a more advanced age instructed him in the rules of grammar (Latin grammar probably from the antiquated Pastrana, and Portuguese without a printed text-book), and we learn of this master from the dedication of a religious work which he himself addressed to the reigning King in 1496. He was called *Diogo Lopes Rebelo*" (*Notas Vicentinas*, IV, p. 20).

The great rarity of this book is evident, and it is one of those we cherish most in our Library.


Este he o liuro ⁊ legẽda que fala de todolos feytos ⁊ payxões dos sãtos martires. em lingoagem portugues. cõ a payxõ de nosso senhor. assy como ha escreuerõ os sanctos quatro euãgelistas. ⁊ assy com duas tauoas. s. hũa geeral. ⁊ outra particular q̃ chamã os capitolos ⁊ folhas. Per especial mãdado do muy alto ⁊ muy poderoso senõr Rey dom Manuel empremido.

Com preuilegio de sua alteza.

66 Folha do rosto da *Legẽda dos ſãtos martires*
Title-page of the *Legẽda dos ſãtos martires*
Lisboa, 1513

14 LIURO E LEGẼDA DOS SÃTOS MARTIRES.
Lisboa, João Pedro Bonhomini de Cremona, 1513.

Eſte he o liuro ⁊ legẽda que fala de todolos | feytos ⁊ payxoões dos ſãtos martires. em | lingoagem portugues. cõ apayxõ de noſſo | ſenhor. aſſy como ha eſcreuerõ os ſanctos | quatro euãgeliſtas. ⁊ aſſy com duas tauo- | as. ſ. hũa geeral. ⁊ outra particular q̃ chamã | os capitolos ⁊ folhas. Per eſpeçial mãda- | do domuy [sic] alto ⁊ muy poderoſo ſenõr Rey | dom Manuel empremido. | Com preuilegio de ſua alteza.

Titulo a vermelho por baixo do escudo e coroa das Armas Reaes e da Esphera armillar com as iniciaes C.A.D.A.T.G. na ecliptica: tudo enquadrado por tarjas[1].

[fl. 1 vo.] O prologo de ſam Paulo pri- | meyro jrmitaão [...] Sigueſe atauoa geeral ⁊ outra | particular das couſas cõtehudas | emno preſente liuro. Das vidas ⁊ | payxões dos ſantos martires.

[fl. 2] Aq̃ ſe começa atauoa gee- | ral ſobre toda a obra das vi- | das. ⁊ paixões dos ſctõs mar | tyres. E eſta tauoa ſe fez por | tal que ſe homem quiſer leer a | vida ⁊ payxoõ dalguũ delles | hyra catãdo pera çyma ho cõ | todas folhas do liuro ⁊ acha | ra o que buſca. E logo ſe poe- | ra outra tauoa particular de | todos os capitolos. [...]

[fl. 18] Prologo. [...]

[fl. 18 vo.] [...] Acabaſe ho prologo. | Oratio beati Bernardi. [...]

[fl. 19] Aqui ſe começa ha paixom do eterno Prinçipe chriſto Ihe- | ſu noſſo Senhor. ⁊ ſaluador. [...]

A negro e vermelho[2].

[fl. 19 vo.]

Gravura que representa Christo lavando os pés a seus discipulos[3].

[fl. 21]

Gravura de Christo no horto de Gethsemani[4].

[fl. 24—B ij]

Duas gravuras representando a flagellação e a crucificação[5].

[fl. 24 vo.]

Gravura da flagellação[6].

[1] *Title in red below the Royal Arms of Portugal and the armillary Sphere with the letters C.A.D.A.T.G. on the ecliptic; the whole surrounded by a woodcut border.*
[2] *In red and black.*
[3] *Woodcut of Christ washing the disciples' feet.*
[4] *Woodcut of Christ in the garden of Gethsemane.*
[5] *Two woodcuts of the flagellation and the crucifixion.*
[6] *Woodcut of the flagellation.*

[fl. 26—B iiij]

Gravura da crucificação[1].

[fl. 26 vo.]

Gravuras da descida da Cruz, e da deposição no tumulo[2].

[fl. j]

Enquadrada por tarjas eguaes ás do rosto[3]*:*

ESte liuro fala de todolos feitos vi | das ⁊ paixões dos fctõs martyres | em lingoagẽ portugues. cõ a paixõ | de noſſo ſenhor. aſſy como ha eſcreuerõ | os ſantos quatro euangeliſtas. Per eſpe | cial mandado do muy alto ⁊ muy pode- | roſo ſnõr Rey dõ Manuel empremido. | Cõ preuilegio de ſua alteza.

[fl. j vo.]

Enquadrada pelas mesmas tarjas, a figura de D. Manuel, sentado no throno com a Esphera e o sceptro nas mãos, e a legenda[4]*:* DEO · IN · CELO : TIBI · AVTEM · IN MVNDO.

fl. ij. Aqui ſe começa ho terceyro liuro que falla de todollos fey- | tos ⁊ de todallas vidas ⁊ das payxones dos martyres q̃ forã | marteryçados no tempo do Empador Nero. ⁊ do Empador | Neruia: ⁊ outros Empadores muytos como polla tauoada | eſtã decrarados. [...] Capitulo primeyro. [...]

A negro e vermelho[5].

fl. ccxxij vo. [...] A deos homẽ verdadeiro. | graças ſejam ⁊ louuores. que | padeçeo no madeiro. pornos | outros peccadores. Amen.

[fl. 1] Verſus feytos em latin da vida ꝺ ſam Lupculo. [...]

[fl. 2] [...]

Marca do impressor, e a seguir o colophon[6]*:*

Acabaſe o liuro q̃ falla ꝺ todolos feytos. vidas ⁊ payxões dos ſantos | martires em lingoagẽ Portugues. per eſpeçial mandado do muy alto. ⁊ | muy poderoſo ſnõr Rey dõ Manuel noſſo ſnõr. ⁊ cõ ſeu p̃uilegio. Em- | premido com muyta deligẽçia ⁊ deſpeſa. em a muy nobre çidade de Lix | boa pelo muy hõrrado Iohã pedro bonhominy. Em. xvij. dias do mes | dagoſto. de mil ⁊ quinhintos [sic] ⁊ treze annos.

Folio—[30], ccxxij, [2] folhas a 2 columnas—38 linhas—caractéres gothicos de dois tamanhos, sendo os epigraphes e citações latinas em caractéres maiores—sem reclamos.

Folio—[30], ccxxij, [2] leaves—double columns—38 lines—Gothic letter, chapter headings and Latin quotations printed in larger type than the rest of the text—no catchwords.

[1] *Woodcut of the crucifixion.*

[2] *Woodcuts of the descent from the Cross and the entombment.*

[3] *With the same woodcut border as on the title-page:*

[4] *Woodcut of D. Manuel seated on the throne holding the armillary Sphere and the sceptre, with the legend:* DEO · IN · CELO : TIBI · AVTEM · IN · MVNDO. *Border as on the preceding page.*

[5] *In red and black.*

[6] *Printer's mark followed by the colophon:*

Numeração dos cadernos: Segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 530), no principio d'esta obra contam-se 30 folhas sem numeração. Faltando algumas d'essas folhas ao nosso exemplar, seguimos a paginação de Anselmo e Proença na nossa descripção d'essa parte do livro, e não nos é possivel fazer a numeração dos cadernos das primeiras 30 folhas. A estas folhas seguem-se: a–q, 8 folhas cada caderno; r, 6 folhas; s, 10 folhas; t–z, 8 folhas cada caderno; ꝛ, 8 folhas; aa–dd, 8 folhas cada caderno; total de 254 folhas; as folhas a 1 e a 2 não teem assignaturas; p 4 tem assignatura errada o iiij.

Encadernação de marroquim.

Collation by signatures: According to Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 530) there are 30 unnumbered leaves at the beginning of this work. Some of these leaves are missing in our copy, so in the above collation by pagination we have numbered them in accordance with Anselmo and Proença's description, and are unable to collate them by their signatures. These leaves are followed by: a–q, each 8 leaves; r, 6 leaves; s, 10 leaves; t–z, each 8 leaves; ꝛ, 8 leaves; aa–dd, each 8 leaves; total 254 leaves; leaves a 1 and a 2 have no signature marks; p 4 is wrongly marked o iiij.

Bound in morocco.

A *Legēda dos ſãtos martires* é um livro extremamente raro do qual muito poucos exemplares são hoje conhecidos. Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 530) mencionam um exemplar: o da Bibliotheca d'Ajuda: o catalogo da Bibliotheca Azevedo-Samodães, onde havia um exemplar, do qual Anselmo e Proença tiraram a noticia publicada na sua obra, refere-se á existencia de mais dois exemplares. Ha tambem um exemplar na Catholic University of America, Washington, D.C. O que aqui apresentamos, e que pertenceu ao notavel bibliophilo T. Norton, encontra-se n'um bello estado de conservação apezar de lhe faltarem algumas paginas da *Tauoa*, e duas paginas da *paixom de noſſo ſenhor*, que precede a *Legēda*; essa está completa, contendo mesmo a ultima folha que habitualmente falta. No vol. XIII do *Diccionario* de Innocencio (*Supplemento* continuado por Brito Aranha), é feita uma larga descripção com reproducções da *Legēda dos ſãtos martires*, "livro rarissimo," como escreve Brito Aranha; contudo, pouca ou nenhuma luz é dada sobre a origem d'este livro. No prologo ha uma explicação, mas não é infelizmente bastante, para que seja possivel determinar quem tenha sido o auctor da traducção em linguagem.

Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 530) inform us that their description of the extremely rare *Legēda dos ſãtos martires* was taken from the Azevedo-Samodães sale catalogue, and mention the existence, in the Ajuda Library, of only one other copy. There is also a copy in the Catholic University of America, Washington, D.C. The one which we now describe, and which belonged to that notable bibliophile Thomas Norton, is in a perfect state of preservation, although it wants several pages in the *Tauoa* and two pages in the *paixom de noſſo ſenhor*, preceding the *Legēda*; this is complete in itself, and contains the last leaf generally missing in the very few copies that have appeared. In vol. XIII of Innocencio's Dictionary (*Supplement* continued by Brito Aranha) there is a detailed description of the *Legēda dos ſãtos martires*, with reproductions; but little or no light is thrown on the origin of the book. There is, however, an explanation in the preface; but unfortunately this furnishes no information about the author of the Portuguese version.

"HO presente ꝓlogo foj fejto polo reuerẽdo padre Gauberte. ſobre aquela muy eſclareçida. ⁊ famoſa obra q̃ ſe fez em a çidade Coſtançia em ho tempo que foy çelebrado ho comçilio geeral. Por aquele tam auãtajado. ⁊ reuerendo meſtre em Theologia. ⁊ Chançeller de Parys meſtre Ioham Gerſon. que ſe chama em Grego Monotheſeron... que foy traſladada ꝺ latim ẽ comũ falar Caſtelano para a gente comũ de Eſpanha. E agora eſſa meſma foy traſladada de Caſtelano em lemgoajem Portugues. a honrra. ⁊ louuor ꝺ noſſo ſenhor remijdor. e ſaluador xp̃o Ieſu. E da ſua ſacratiſſima payxom. ẽxalçamẽto da ſanta fee catholica. que ella ſeja acreçentada. ⁊ augmentada nos vltimos ſytus. ⁊ regnos de Portugual. E porem foy traſladada. nom tanto ſegundo aa letra. nem tam eſtreytamẽte ſeguida. que perca a doçura. ⁊ graça do eſcreuer. ⁊ fallar como deue. E leyxe confuſo ho q̃ tanto nom emtende. Mas ſempre. ⁊ pola mayor parte com ho famoſo. ⁊ exçellente Ieronimo. antes ha intelligençia que a ſeca letra ſeguindo. Porque deſta maneira ſe conheçe. ⁊ mais craramente ſente mylhor ha emtençom dos ſantos euangelhos."

"The present prologue was written by the Reverend Father Gaubert for that most distinguished and famous work, which was composed in the city of Constance, at the time of the general council, by the most excellent and Reverend Master in Theology and Chancellor of Paris, John Gerson, which is called Monotheseron in Greek...which work was translated from the Latin into the Castilian speech for the ordinary people of Spain. And now this same (work) has been translated from Spanish into the Portuguese language, for the honour and glory of our Redeemer and Saviour Christ Jesus, and of His most sacred Passion, and for the exaltation of the Holy Catholic Faith that it may be increased and augmented in the uttermost parts and kingdoms of Portugal. But it has not been translated so much following the letter, lest all the sweetness and grace of correct writing and speaking be lost, and confusion be caused to the unlearned; but always and for the most part after the custom of the famous St Jerome, more according to the spirit than to the strict letter. For in this way the purpose of the Holy Gospels is better felt and understood."

Esta parte do prologo, se nos dá certas indicações dos fins para os quaes a obra foi publicada, deixa-nos contudo na mesma ignorancia ácerca do traductor da obra. Foi este livro "Empremido com muyta deligẽçia ⁊ deſpeſa. em a muy nobre çidade de Lixboa pelo muy hõrrado Iohã pedro bonhominy," em 1513.

Esta obra, alem da sua extrema raridade, tem para nós um interesse especial. Tanto na folha do rosto como no colophon, é dito que foi impressa "per eſpeçial mãdado do muy alto ⁊ muy poderoſo ſenõr Rey dom Manuel." Os livros das *Ordenações* e o *Regimento dos contadores das comarcas* de 1514 tambem fôram impressos por Cremona, "per eſpeçial mãdado." Mas o caso não é identico, pois esses livros tratavam das leis do Reino. O caso da *Legẽda dos ſãtos martires* parece-nos differente, e julgamos plausivel a seguinte hypothese para explicar, tanto a sua publicação em Portuguez por ordem d'El-Rei

This prologue, though it gives us certain indications of the reasons for the publication of the work, still leaves us in ignorance about its translator. The book was "printed very diligently and at great expense by the very honourable Johã pedro bonhominy in the most noble city of Lisbon," in 1513.

Apart from its extreme rarity, this book has the special interest of having been printed "by special command of the most high and powerful Lord, King Manuel," as we read both on the title-page and in the colophon. The *Ordenações* and the *Regimento dos contadores das comarcas* of 1514 were also printed by Royal command, being official books of D. Manuel's legislation; but with the *Legẽda dos ſãtos martires*, a book of devotion, the case is different, and the following hypothesis seems to present a very plausible explanation both of its publication by special command of D. Manuel, and of its rarity. Damião de Goes in his

D. Manuel, como a sua raridade. Diz-nos Damião de Goes na sua *Chronica DelRei dom Emanuel* (Parte IV, cap. lxxxiiii, 1567), quão religioso era o Soberano:

"Foi muĩ obediẽte a Sé Apoſtolica, & muĩ catholico chriſtão..., todalas ſeſtas feiras do ãno jejuou atte idade d̃ quarẽta ãnos, a pão, & agoa,...guardaua todolos cuſtumes, feſtas, & jejũs da Egreja cõ muita ſolennidade, & deuaçam:...Hos tres dias que ho ſancto Sacra-mento ſtaua ençerrado atte dia de Paſcoa dormia apar do altar, no chão ſem ſe deſpir aquelles tres dias....Foi muito inclinado á religião."

Pedro de Mariz nos seus *Dialogos de Varia Historia*, 1599 (Dialogo IV) conta-nos que D. Manuel "era amigo das letras, & fauorecedor d'ellas, fazendo muytas merces a homẽs ſabios, & aconſelhandoſe com elles em muytas couſas." Podemos aqui, talvez, já encontrar motivos para a publicação em Portuguez "per eſpeçial mãdado do ſenõr Rey dom Manuel," da *Legẽda* que é, póde dizer-se, o *Flos Sanctorum*. Devemos pensar que o livro foi impresso em 1513, anno em que D. Manuel escreve ao Papa Leão X a famosa carta ácerca das victorias alcançadas em Africa sobre os infieis (*Epistola Potentiſſimi: ac Inuictiſſimi Emanuelis Regis Portugallie et Algarbiorꝝ zc. De Victoriis nuꝑ in Affrica habitis. Ad S. in xp̃o patrem z dñm noſtrum dñm Leonẽ X. Pont. Max.*), da qual possuimos um soberbo exemplar; tambem foi em 1513 que D. Manuel ordenou a celebre Embaixada de Tristão da Cunha para dar obedi-encia a Leão X, que teve logar em 1514, e na qual serviu como secretario o illustre chronista Garcia de Resende. Estas datas são apenas coincidencias, contudo, terá El-Rei querido que fôsse impressa em Portuguez a Vida dos Santos, no anno em que planeava a mais sumptuosa Embaixada que jamais foi enviada a um Soberano Pontifice? É possivel.

Outro motivo ha ainda, que ao mesmo tempo explica a raridade do livro. Sabemos, por exem-plo, que em 1504 D. Manuel mandou ao Rei

Chronica DelRei dom Emanuel (Part IV, chap. lxxxiiii, 1567) tells us that D. Manuel

"was very obedient to the Apostolic See, and a most Catholic Christian...until he reached the age of forty he used to fast on bread and water every Friday in the year...he observed all the customs, feasts and fasts of the Church with great solemnity and devotion....During the three days before Easter when the Holy Sacrament is hidden, he would sleep on the ground near the altar, and never undressed during that time....He was very religious."

Pedro de Mariz in his *Dialogos de Varia Historia*, 1599 (Dialogo IV) recounts that D. Manuel "was a friend and patron of letters and encouraged their development: he followed the advice of learned men in many matters, and gave them many privileges." Perhaps we may already find here reasons why the *Legẽda*, which might also be called the *Flos Sanctorum*, was published in Portuguese "by special command of His Majesty D. Manuel." We must remember that the book was printed in 1513, in which year D. Manuel wrote the famous letter to Pope Leo X on the Portuguese victories over the infidels in Africa (*Epistola Potentiſſimi: ac Inuictiſſimi Emanuelis Regis Portugallie et Algarbiorꝝ zc. De Victoriis nuꝑ in Affrica habitis. Ad S. in xp̃o patrem z dñm noſtrum dñm Leonẽ X. Pont. Max.*), of which we possess a superb copy; and that it was also in 1513 that D. Manuel ordered Tristão da Cunha's celebrated embassy to be sent to the Holy Father, an embassy which reached Rome in 1514, and which in-cluded the famous chronicler Garcia de Resende as secretary. Although there may be nothing but a coincidence in these dates, one cannot help thinking of the possibility that the King wished to have the Lives of the Saints printed in Portu-guese, in the same year as he planned his magnificent embassy, the most sumptuous that has ever been seen in the Papal Court.

There is also another reason which explains at the same time the rarity of the book. We know for instance that in 1504 King Manuel sent to

do Congo, não só lettrados para ensinar os indigenas, mas ornamentos de egreja, cruzes, etc., e livros de doutrina Christã, entre os quaes a *Vita Christi*. D. Jeronymo Osorio no seu *De Rebus Emmanuelis Geſtis*, 1571 (p. 106), informa-nos das dadivas d'El-Rei de Portugal ao Rei do Congo, entre as quaes menciona:

"Multas præterea ſacras veſtes, partim aureas, partim ſericas, multos libros Chriſtianam diſci-plinam, & ſacrorum omnium rationem, & Chriſti vitam, & hominum ſanctorum exempla continentes, argenteos præterea calices...."

Pedro de Mariz no quarto dialogo dos seus *Dialogos de Varia Historia* refere-se egualmente a estes factos. N'um artigo publicado no *Panorama* (vol. I, 1837), intitulado *Origens da Typographia Portugueza*, no qual se falla da raridade dos livros impressos em Portugal nos fins do seculo XV, escreve o seu auctor:

"A *Vita-Christi*, por exemplo, era levada, segundo o testemunho de Barros, para as missões d'Africa e d'Asia, onde se perderam grande numero de exemplares: o mesmo aconteceu á *Imitação de Christo*."

Esta explicação da raridade da *Vita Christi* não será applicavel á *Legẽda*? E não terá sido este livro, impresso em Portuguez por ordem d'El-Rei D. Manuel, levado para as missões d'Africa e d'Asia, perdendo-se os exemplares e causando assim a sua raridade, succedendo depois de 1513 o que Osorio e Mariz nos contam a respeito de 1504? E a quantas outras obras, hoje desapparecidas, não terá acontecido o mesmo! Julgamos acceitavel esta nossa conjec-tura, que parece ser confirmada pelo proprio prologo da *Legẽda* onde, como vimos, se lê:

"...eſſa meſma (obra) foy traſladada...em lem-goajem Portugues. a honrra. ꝛ louuor ꝺ noſſo ſenhor...xp̃o Iesu. E...ẽxalçamẽto da ſanta ſee catholica. que ella ſeja acreçentada. ꝛ augmentada nos vltimos ſytus. ꝛ regnos de Portugal."

Francisco Alvares na sua *Verdadeira infor-*

the King of the Congo, not only learned men to teach the natives, but ecclesiastical ornaments, crosses, etc., and books of Christian doctrine, including the *Vita Christi*. D. Jeronymo Osorio alludes to these gifts in *De Rebus Emmanuelis Geſtis*, 1571 (p. 106), saying:

"Multas præterea ſacras veſtas, partim aureas, partim ſericas, multos libros Chriſtianam diſci-plinam, & ſacrorum omnium rationem, & Chriſti vitam, & hominum ſanctorum exempla continentes, argenteos præterea calices...."

Pedro de Mariz in the fourth of his *Dialogos de Varia Historia* also refers to this matter. The writer of an article published in *Panorama* (vol. I, 1837), entitled *Origens da Typographia Portugueza*, speaking of the rarity of books printed in Portugal at the end of the XVth century, says:

"The *Vita Christi*, for instance, was, as Barros testifies, taken by the missionaries to Africa and Asia, where a great number of copies were lost; the same thing happened to the *Imitação de Christo*."

What occurred in 1504 (mentioned by Osorio and Mariz), an interesting explanation of the rarity of the *Vita Christi*, may easily have taken place, after 1513, with the *Legẽda* printed in Portuguese by special order of D. Manuel: surely copies were sent to the African and Asiatic missions and were lost in those distant countries, causing the rarity of this work. And how many books which have disappeared may not have suffered the same fate! Our conjecture seems to be confirmed by what is written in the prologue:

"...this same (work) has been translated... into the Portuguese language for the honour and glory of our Lord...Jesus Christ...and for the exaltation of the Holy Catholic Faith *that it may be increased and augmented in the uttermost parts and kingdoms of Portugal.*"

Francisco Alvares in his *Verdadeira informaçam*

¶ Aqui se começa ha paixom do eterno Principe christo Jhesu nosso Senhor. & saluador. Segũdo os santos quatro euãgelistas. Segũdo escreue sam Matheus aos vynte & seys capitulos. Segũdo escreue sam Marcos aos quatorze capitulos. Segũdo escreue sam Lucas aos vynte & dous capitulos Segũdo escreue sam Johã aos treze capitulos. E se começa ha Paixam segundo ho Gersom da quarta feyra do samana sancta.

Chegando se a festa do pã asimo: q̃ chamã a pascoa. & auia jhesu xp̃o ja dado fim a essas palauras q̃ a seus disçipolos. dizia. quãdo Aderradeyra lhes disse. Sabes vos outros q̃ da qui a dous dias se fara ha pascoa. & o filho da virgém sera por treyçom em maãos alheas posto. pera q̃ seja cruçificado. Ajũtarõse emtõ hos principes dos saçerdotes. & hos mais ançiãos. & sabedores do pouoo. no paaço do priçipe dos saçerdotes. q̃ chamã Cayfas. E teuerom cõselho sobre a maneira q̃ auiã de teer pera q̃ tomassem preso a jesu cõ emgão. & q̃ o matassẽ. mas temiã ao pouoo. & diziam. Nom se faça em dia d̃ festa. porq̃ por vẽtura nõ se leuãte algũu aluoroço no pouoo. Emtrou emtõ Sathanas em judas q̃ chamã de Escarioth huũ dos doze. E foy se aos priçipes dos saçerdotes porlho vẽder. & disselhes. Que me q̃res vosoutros dar. & eu vollo porey nas maãos? Alegarõse eles ouuindo aquesto. & prometerom delhe dar trinta peças d̃ moeda d̃ prata. & offereçeose d̃lho emtregar. & buscaua dy adiãte tempo. lugar. & maneyra. pera q̃lho desse nas maãos. & sem ajũtamẽto de pouoo. Antes pois da festa de pascoa sabendo jesu que ja sua hora era chegada. pera q̃ passe deste mũdo ao padre. assy como de antes hauia os seꝰ amado. que estauam postos aynda no mundo. amou os tam bem em sua fym.

¶ De como emuiou a sã Pedro. & a sam Juam apostolos ho primeyro dia de pascoa. q̃ foy ha quinta feira da çea.

O dia primeiro dos paães asmos q̃ndo se celebraua a Pascoa. em q̃ de neçessidad̃ auiã de matar o cordeiro. achegarõ se hos discipolos a jesu. & disserõlhe. Onde queres q̃ vamos. & te aparelhemos pa comeres a pascoa? E emuio a Pedro. & a Johã seus disçi-

A

67 Primeira pagina da Paixão de Nosso Senhor da *Legẽda dos sãtos martires*
First page of the account of the Passion from the *Legẽda dos sãtos martires*
Lisboa, 1513

¶ Aqui se começa ho terceyro liuro que falla de todollos feytos ꝛ de todallas vidas ꝛ das payxones dos martyres q̃ forã marteryçados no tempo do Empador Nero. ꝛ do Empador Neruia: ꝛ outros Empadores muytos como polla tauoada estã decrarados ¶ Prymeyramẽte da vida ꝛ payxam de sam Torpeth. ꝛ de como o Empador Nero mandou fazer çeeo sol ꝛ luna.

Capitulo prymeyro.

EM no tempo de Nero empador deque vos ð susso comtamos. que fez aprimeira psiguiçõ nos Crystaãos. ꝛ que começou areynar na era denouenta ꝛ cinquo annos q̃ndo ãdaua ho anno em que nosso sñor jesu xp̃o naçeo. ẽ cinquoenta ꝛ sete. E que auia doze q̃ sam pedro fora apostoligo em roma E onze q̃ gripa fora. Rey dos judeꝰ. Aueo assi que nero Empador refeze a hõrra do seu nome açidade de perisa em terra de Tuçia. E fez hy muy hõrradamente ho paço q̃ era pera julgar ¶ E desi morando aly muytos dias do seu emperio. pensou cõ seus vassalos. en qual lugar podiria fazer huũ tẽplo. em que sacrificasse ꝛ adorasse cada dia aos seus deuses. E os seus homeẽs acharon huũ lugar muy boom pera aquelo. enna entrada da porta latina. naçidade ð pisa. no cabo dapõte do ryo ansaro. E ali fez ele fazer huũ tẽplo muy hõrrado ꝛ muy fremoso. todo de pedras marmores entalhadas ꝛ ẽcastoadas de muytas guisas. E disi mãdou aos mestres quelhe fizesem huũa ymagẽ de dyana. toda douro puro ꝛ ð pedras preçiosas. que adorassem todos cadadya E enton foy feita ha ymagem de dyana demarauillosa grãdeza. ꝛ por tam grãde mestria. que semellaua cousa viua. ennos olhos ꝛ no rostro. ¶ E desi o emperador Nero mandouha poer cõ grãde honra ꝛ com grãde compãha de gentijos en meo da emtrada do tẽplo. E em aquelle dia mesmo comendo todos desuũ con grande alegria consagrarom aq̃le templo a dyana. E os seus sacerdotes nõ quedauam deha seruir cadadya. de seu officio. ¶ Mas en huũs dyas grandes estãdo o empador con toda sua companha. começou apẽsar ꝛ disse. Beẽ cuydo que posa eu fazer çeeo ð arame asemelhãça do çeeo que esta sobre nos. E quando nero disse aq̃sto nõ ouue hay nehũ que fose cõtra a sua palaura. E enton elle fez fazer çeeo de cobre muy alto sobre aterra. ꝛ sostijnhãno nouenta pyares de marmore. E a alteza do çeeo era de çem pees ẽ alto. E o çeeo fezeo todo abrir de furadꝰ

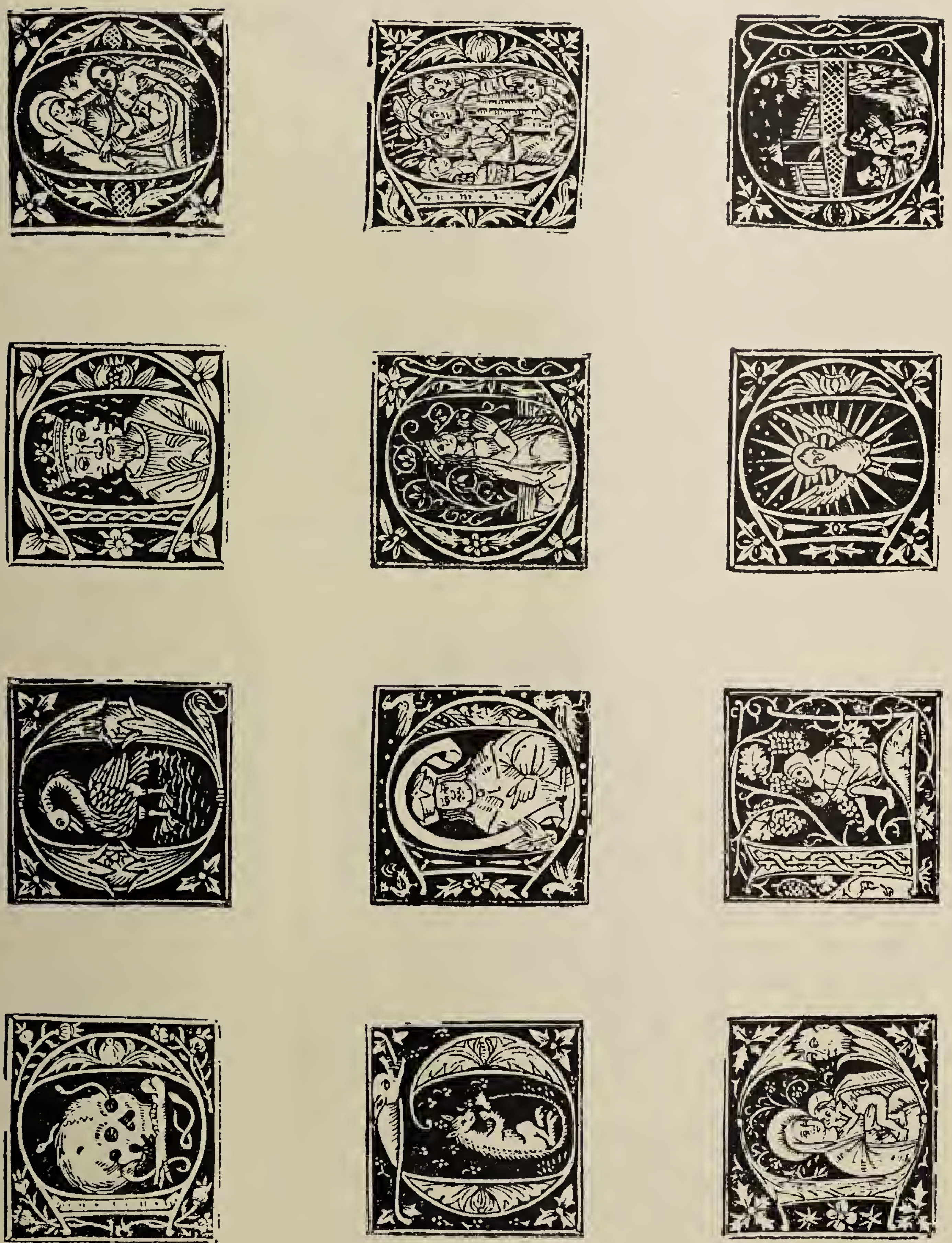
68 Primeira pagina da *Legẽda dos sãtos martires.* First page of the *Legẽda dos sãtos martires*
Lisboa, 1513



69 Gravura d'El-Rei D. Manuel da *Legẽda dos ſãtos martires*
Woodcut of King Manuel from the *Legẽda dos ſãtos martires*
Lisboa, 1513



70 Gravuras da *Legẽda dos ſãtos martires.* Woodcuts from the *Legẽda dos ſãtos martires.* Lisboa, 1513



71 Lettras capitaes da *Legẽda dos ſãtos martires.* Initials from the *Legẽda dos ſãtos martires.* Lisboa, 1513

Hec mihi perpetuam compoꝛtat paſſio vitam.
Caeleſtem vitam: hec mihi perpetuam.
Demonis es laqueo: capiendo fine ſub ipo.
Stringendus firmo demonis es laqueo.
Pꝛaeſes ad hec tumidus toꝛqueri iuſſit anhellus.
Ferri verberibus: pꝛaeſes ad hec tumidus.
Miles erat domini: laetus certamine tolli.
Et cultoꝛ fidei: miles erat domini.
Omne quod intulerat rex: chꝛiſti lege ferebat.
Et patiens tolerat: omnem quod intulerat.
Sed deus ipe ſibi conceſſit non ſuperari.
Mercedem regni: ſed deus ipe ſibi.
Plurima non numero quimus contradere certo.
Paucula ſunt verbo: plurima ſunt numero.
Quae per eum dominus fecit ſuper aſtra paratus.
Narrat enim populus: quae per eum dominus.
Sed caput eripitur: dum verum non pꝛohibetur.
Chꝛiſtofoꝛ⁹ non fertur: ſed caput eripitur.
Omnibus hic veniam deploꝛat: iugiter aptam.
Nobis perpetuam: omnibus hic veniam.

¶ De tribulatiõe inuocaui dominum



Et exaudiuit me in latitudie dominus.

¶ Acabaſe o liuro q̃ falla d̃ todolos feytos. vidas ⁊ payxões dos ſantos martires em lingoagẽ Poꝛtugues. per eſpeçial mandado do muy alto. ⁊ muy poderoſo ſnõꝛ Rey dõ Manuel noſſo ſnõꝛ. ⁊ cõ ſeu puilegio. Empꝛemido com muyta deligẽçia ⁊ deſpeſa. em a muy nobꝛe çidade de Lixboa pelo muy hõꝛrado Johã pedꝛo bonhominy. Em. xvij. dias do mes dagoſto. de mil ⁊ quinhintos ⁊ treze annos.

72 Ultima pagina e colophon da *Legẽda dos ſãtos martires*
Last page and colophon of the *Legẽda dos ſãtos martires*
Lisboa, 1513

maçam das terras do Preſte Ioam, 1540, de que nos occuparemos n'esta obra, conta-nos na fl. 73 v°:

"No dia ſeguinte...mãdou ho Preſte Ioã pollo meu Flos ſantorum dizendo que lhe mandaſſe aſſinadas has vidas dos ditos ſantos.... E leuãdo ho liuro tornarãno mandar ⁊ hos frades cõ elle dizẽdo q̃ lhe poſeſſẽ de q̃ terra cada ſanto era.... ⁊ iſto a todos hos ſantos do Flos ſantorũ.... Na ſeſta feira ſeguĩte vierã hos ditos frades cõ ho liuro pera tirarmos ha vida dos ſãtos....Poſſemos dias ẽ hos tirar por ſerẽ grãdes ⁊ muy trabalhoſa couſa mudar a noſſa lĩguoa na ſua...."

Esta phrase "mudar a noſſa lĩguoa na ſua," referir-se-ha á *Legẽda,* ou ao *Flos Sanctorum* em Portuguez? O *Flos ſctõꝝ em lingoajẽ ꝑtugue⁹* (Anselmo e Proença, *op. cit.* n° 443), impresso por Hermão de Campos e Roberto Rabelo, egualmente em 1513. O *Flos Sanctorum,* do qual o unico exemplar conhecido e incompleto se encontra na Bibliotheca Nacional de Lisboa, foi impresso "com priuilegio del Rey noſſo ſenhor," simplesmente. Como vimos, a *Legẽda* sahiu dos prelos de Cremona "por eſpeçial mãdado do muy alto ⁊ muy poderoſo ſenõr Rey dom Manuel," o que parece dar-lhe um caracter mais official. Estes factos permittem a hypothese do Padre Francisco Alvares—que partiu para a Abyssinia em 1515 na Embaixada de Duarte Galvão—ter levado comsigo, talvez mesmo "por mãdado" de D. Manuel, a *Legẽda dos ſãtos martires,* cuja impressão fôra ordenada por El-Rei dois annos antes. Sem duvida, esta obra foi levada pelos missionarios, que espalháram assim no nosso immenso Imperio, a Paixão de Christo e a vida dos Santos, escriptas na nossa lingua. Para nós, alem de ser uma preciosidade bibliographica, este livro tem o valor e encanto historicos, que os factos narrados nos permittem attribuir-lhe.

das terras do Preſte Ioam, 1540, which we shall discuss in the course of this work, says (on fl. 73 vo.):

"The next day Prester John sent for my *Flos Sanctorum* asking that I should mark the lives of the said saints.... And he sent the friars back with the book asking that I should say to which country each saint in the *Flos Sanctorum* belonged.... On the following Friday the said friars came with the book for us to translate the lives of the saints....We took days to transcribe them for they were long and it is a very difficult thing to translate from our language into theirs...."

Does this "to translate from our language into theirs" refer to the *Legenda* or to the Portuguese *Flos Sanctorum* (O *Flos ſctõꝝ em lingoajẽ ꝑtugue⁹*—Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 443) printed by Hermão de Campos and Roberto Rabelo, also in 1513? The *Flos Sanctorum,* of which the unique and incomplete copy is to be found in the National Library at Lisbon, was printed "with the Royal privilege" only; but the *Legenda,* as we have seen, was published "by special command of the most high and powerful Lord King Manuel" which seems to indicate a more official character. These facts allow of the hypothesis that Father Francisco Alvares, who set out for Abyssinia in 1515 with Duarte Galvão's embassy, took with him, possibly at the express desire of Dom Manuel, the *Legẽda dos ſãtos martires,* which had been printed two years before by the King's order. Doubtless this work accompanied the numerous Portuguese missionaries, and carried the story of the Passion, and the lives of the Saints, written in our language, to the very outposts of our Empire. For us, besides being a bibliographical treasure, the book has the historical charm and interest which we have explained in these notes.



Liuro primeiro das ordenações cõ sua tauoada q̃ asigna os titulos: ꝛ folhas: ꝛ tractase nelle dos officios de nossa corte: ꝛ da casa da soplicaçã: ꝛ do çiuel: ꝛ daquelles q̃ per nos teẽ carrego de ministrar dereito: ꝛ justiça. Nouamẽte corregi do na segũda ẽpressam. Per especial mãdado do muy alto: ꝛ muy poderoso senhor Rey dõ Manuel nosso senhor: foy empremido.

¶ Com preuilegio de sua Alteza.

73 Folha do rosto do Livro I das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Title-page of Book I of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

15 ORDENAÇÕES D'EL-REI D. MANUEL.

Lisboa, João Pedro Bonhomini de Cremona, 1514.

LIVRO PRIMEIRO.

LIuro primeiro das ordenações cõ ſua tauoada q̃ aſigna | os titulos: ⁊ folhas: ⁊ tractaſe nelle dos officios de noſſa | corte: ⁊ da caſa da ſoplicaçã: ⁊ do çiuel: ⁊ daquelles q̃ per | nos teẽ carrego de miniſtrar dereito: ⁊ juſtiça. Nouamẽte corregi | do na ſegũda ẽpreſſam. Per eſpecial mãdado do muy alto: ⁊ muy | poderoſo ſenhor Rey dõ Manuel noſſo ſenhor: foy empremido. | Com preuilegio de ſua Alteza.

Titulo a negro e vermelho que tem por cima, enquadrados por tarjas, o escudo das Armas Reaes, com um grypho no timbre, e a Esphera armillar com as lettras na ecliptica[1]*:* C.A.D.A.T.G. *e a legenda:* SPERA IN · DEO · ET · FAC BONITATEM.

[fl. 1 vo.] Seguefe a tauoada ꝑa ſe por ella acharẽ os titulos | deſte primeiro liuro das ordenações deſtes regnos. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Fym da touoada [sic].

[fl. 3] Proleguo. | Dom Manuel ꝑ graça de ds̃ Rey de portugal ⁊ dos. | Algarues. [...]

É o alvará que manda pôr em vigor as Ordenações[2].

[fl. 4]

Gravura que representa El-Rei sentado no throno, assistido de lettrados e pondo a mão esquerda sobre um livro que um d'estes lhe apresenta. Aos cantos superiores o escudo Real e a Esphera armillar e por cima d'El-Rei as palavras[3]*:* DEO · IN · CELO · TIBI AVTẼ · IN · MVNDO.

fl. j. AQui ſe começã os çinco liuros das ordenações | corregidas e emendadas pello doctor Ruy bo | to do cõſelho del Rey ⁊ chançeller moor deſtes | regnos ⁊ ſenhorios cõ outros leterados do ſeu cõſelho | ⁊ deſembargo ꝑa ello deputados. Per mãdado do In- | uictiſſimo ⁊ muy poderoſo ſenhor el Rey dõ Emanuel | noſſo ſenhor: ⁊ per elle viſtas ⁊ examinadas. | Segue ſe o liuro Primeiro. | TItulo primeiro. [...]

A negro e vermelho[4].

fl. C.xxix. vo. [aliás cxxx vo.].

Fim do primeiro livro[5].

[1] *The title is printed in red and black, and above it, within a woodcut border, are the Royal Arms of Portugal with a griffin or wyvern crest, and the armillary Sphere, with the letters C.A.D.A.T.G. on the ecliptic and the legend:*

[2] *It is the charter putting the* Ordenações *into force.*

[3] *Woodcut of the King seated on the throne and surrounded by scholars, one of whom presents a book to him, on which he lays his left hand. In the top corners are the Royal Arms and the armillary Sphere, and on a scroll above the King's head are written the words:*

[4] *In red and black.*

[5] *End of the first book.*

[fl. 1] Acabouſe de empremer ho primeiro liuro das ordena- | ções: corregido ⁊ emendado per o doctor Ruy botto: do | conſelho del Rey noſſo ſenhor: ⁊ chançeller moor deſtes | regnos ⁊ ſenhorios per autoridade ⁊ preuilegio de ſua al | teza em Lyxbõa per Ioham pedro de bonhomini. Aos | xxx. dias de octobro: ꝺ mil ⁊ quinhẽtos ⁊ quatorze ãnos.

Marca do impressor formada pelo circulo e cruz potentea, tendo a mais, enroscada no circulo, uma serpente coroada; tudo enquadrado por uma portada[1].

LIVRO SEGUNDO.

[fl. 1]

Gravura semelhante á da [fl. 4] do primeiro livro, representando o Monarcha rodeado de religiosos de varias Ordens, com diversas scenas que representam a caça, a pesca e a agricultura[2].

[fl. 2] LIuro ſegundo das ordenações cõ ſua tauoada que aſſi- | gna os titulos: ⁊ folhas: ⁊ tractaſe nelle das leys: ⁊ orde | nações tocãtes aas ygrejas: ⁊ moeſteiros: ⁊ peſſoas re | ligioſas: ⁊ ecleſiaſticas: ⁊ outras peſſoas. Nouamente corregi- | do na ſegunda empreſſam. Per eſpecial mandado do muy alto: | ⁊ muy poderoſo ſenhor Rey dom Manuel noſſo ſenhor: foy em | premido. | Com preuilegio de ſua Alteza.

Por cima as mesmas tarjas, escudo e Esphera do livro primeiro[3].

[fl. 2 vo.] Seguese a tauoada pera ſe por ella acharẽ os titulos. [...]

fl. j. NO primeiro liuro falamos dos officiaes de noſ- | ſa corte: que por nos teem cargo de miniſtrar de- | reito: ⁊ juſtiça: ⁊ dalguũs outros que aa gouernã | ça do regno pertençe. Agora no ſegundo liuro ⁊ nos ou- | tros dhy em diãte entendemos falar ⁊ tractar das leys: | ⁊ ordenações: per que ſe os noſſos reygnos gouernem: | ⁊ os ditos officiaes ſe ajam de reger: pera bõa execuçam | dellas. E primeiramente entendemos em eſte ſegũdo | liuro tractar das leys ⁊ ordenações tocantes aas ygre- | jas: ⁊ moeſteiros: ⁊ peſſoas religioſas: ⁊ ecleſiaſticas. E | porque antre os reys noſſos predeceſſores: ⁊ os prelad⁹ | ⁊ clerezia deſtes regnos: foram feitas muytas determi- | nações: ⁊ artijgos: ⁊ capitulos ꝺ cortes: os quaes ſe ſem | pre guardarom: ⁊ vſarõ: ⁊ praticarom. Dos quaaes al- | guũs q̃ pera boõa gouernança ⁊ regimẽto da terra mais | neceſſarios pareçẽ: mãdamos aqui poer as determina- | ções: ⁊ deçiſões delles: em o titulo ſeguinte. | TItulo primeiro [...]

A negro e vermelho[4].

fl. lxj vo. [...] Acabouſe de empremir ho ſegundo liuro das ordenações: | corregido ⁊ emendado per ho doctor Ruy boto do conſelho | del Rey noſſo ſenhor ⁊ ſeu chançaller

[1] *Printer's mark, consisting of the circle and the cross, with a crowned serpent wreathed round the circle; the whole within an architectural border.*

[2] *Woodcut similar to the one on [fl. 4] of the first book, showing the monarch surrounded by members of various religious Orders, while round about are scenes representing hunting, fishing and agriculture.*

[3] *Above are the same border, coat of arms, and Sphere as in the first book.*

[4] *In red and black.*

moor deſtes regnos ⁊ | ſenhorios: per mandado: autoridade ⁊ preuilegio del Rey dõ | Manuel noſſo ſenhor: em Lixbõa per Iohã pedro bom ho- | mini: a quinze dias de deçẽbro: de Mil ⁊ quinhentos ⁊ qua- | torze ãnos.

LIVRO TERCEIRO.

LIuro terçeyro das ordenações com | ſua tauoada q̃ a ſigna os titulos ⁊ fo- | lhas: ⁊ tractaſe nelle do auto judiçial | nouamẽte corregido na ſegũda empreſſam. | Per eſpeçial mãdado do muy alto ⁊ muy po | deroſo ſenhor Rey dom Manuel empmido. | Com preuilegio de ſua alteza.

Titulo a negro e vermelho, por baixo do escudo das Armas Reaes e da Esphera armillar que tem por cima as palavras[1]:

Spera in deo.

[fl. 1 vo.] Siguese a tauoada pera ſe por ella acharẽ os titulos | deſte terçeyro liuro das ordenaçoões deſtos [sic] regnos. [...]

[fl. 4] [...] Fym da tauoada do terçeyro liuro.

[fl. 4 vo.]

Enquadrada por tarjas, gravura que representa o Monarcha sentado no throno com o sceptro e a Esphera armillar nas mãos, e a legenda[2]:

DEO · IN · CELO : TIBI · AVTEM · IN MVNDO.

[fl. 5]

Gravura semelhante á do livro I: El-Rei assistido de juizes e lettrados, com o escudo, a Esphera e a legenda[3]:

DEO · IN · CELOTIB · AVTEMIN · MVNDO.

[fl. 1] Porq̃ toda a virtude das leys eſtaa na pratica ⁊ exe- | cuçã que dellas ſe faz em juyzo. Por tãto em eſte terçei- | ro liuro trautaremos do auto judiçial. ⁊ ordem delle. E | primeiro das çitações. em as quaes toda orden judiçi- | al ſe começa. | Titulo primero. [...]

A negro e vermelho[4].

fl. lxxxviij vo. [...] Acabouſe ꝺ empmer o terçeiro liuro das ordenações: corregi- | do ⁊ emẽdado ꝑ o doctor Ruy botto: do cõſelho ꝺl Rey noſſo ſe | nhor: ⁊ chãçeller moor ꝺſtes regnꝰ ⁊ ſeñorios ꝑ autoridade ⁊ ꝑui- | legio de ſua alteza. Em Lyxbõa ꝑ Iohã pedro de bonhominy. | Aos. xj. dias de março de mil ⁊ quinhentos ⁊ q̃torze annos.

LIVRO QUARTO.

LIuro quarto das ordenações com ſua ta- | uoada q̃ a ſigna os titulos ⁊ folhas: ⁊ tra- | ctaſe nelle dos cõtrautos ⁊ dos quaſy con | trautos ⁊ dos testamẽtos: nouamente corregido |

[1] *Title in red and black, below the Royal Arms of Portugal and the armillary Sphere, the latter being surmounted by the words:*
[2] *Within a woodcut border, a woodcut representing the Monarch seated on the throne and holding a sceptre and the armillary Sphere, with the legend:*
[3] *Woodcut similar to the one in Book I: the King surrounded by judges and scholars, with the coat of arms and the Sphere, and the legend:*
[4] *In red and black.*

na ſegunda empreſſam. Per eſpeçial mãdado do | muy alto ⁊ muy poderoſo ſenhor Rey dom Ma- | nuel: empremido.:. | Com preuilegio de ſua alteza.

Por cima, escudo e Esphera eguaes aos do livro III[1].

[fl. 1 vo.] Seguese a tauoada pera ſe por ella acharem os titu- | los deſte quarto liuro das ordenações deſtes regnos. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fym da tauoada do quarto liuro.

[fl. 4]

Gravura semelhante ás precedentes, que representa o Monarcha assistido de personagens varios: burguezes, escrivães, etc., com o escudo, a Esphera e a legenda[2]:

DEO · INCELO · TIBI · AVTEM · IN · MVNDO.

[fl. 1] NO terçeiro liuro auemos trautado dos juyzos | ⁊ autᵒ judiçiaes. E porq̃ a mayor parte dos juy | zos naçe dos cõtrautos feitos antre as partes: | ⁊ dos quaſi con- trautos: ⁊ teſtamentos: por tanto enten- | demos em eſte quarto liuro trautar delles. | Titulo primeiro. [...]

A negro e vermelho[3].

fl. liiij vo. [...] Acabouſe de emprimir o quarto liuro das ordenações: corre- | gido ⁊ emendado per o doctor Ruy boto: do conſelho del Rey | noſſo ſenhor: ⁊ chançeller moor deſtes regnos ⁊ ſenhorios ꝑ auto | ridade ⁊ ꝑuilegio de ſua alteza. Em lyxbõa ꝑ Ioham pedro bon- | hominy aos. xxiiij. dias de março de mil ⁊ q̃nhentos ⁊. xiiij. ãnos.

LIVRO QUINTO.

LIuro quinto das ordenações cõ ſua tauoada q̃ | a ſigna os titulos ⁊ follas [sic]: ⁊ tracta ſe nelle das | couſas crimes ⁊ penas da quelles que os come | terẽ: nouamente corregido na ſegunda Empreſſam per eſpecial mandado do muy Alto ⁊ muy poderoſo ſenhor | Rey dom Manuel: Emprimido.·. | Com preuilegio de ſua Alteza.

Por cima o escudo e Esphera enquadrados por tarjas; eguaes aos do livro I[4].

[fl. 1 vo.] Segue ſe a touoada [sic] pera ſe por ella acharem os titu- | los deſte quinto liuro das ordenações deſtes regnos. [...]

[fl. 4] [...] Fym da tauoada do quinto liuro.

[fl. 4 vo.]

Gravura semelhante ás precedentes, que representa o Monarcha com os lettrados, tendo junto a si tres reus ajoelhados e carregados de cadeias, com o mesmo escudo, a Esphera e a legenda[5]:

DEO · IN · CELO · TIBI · AVTEMIN · MVNDO.

[1] *Above are a coat of arms and armillary Sphere like those in Book III.*

[2] *Woodcut similar to the preceding ones, representing the Monarch surrounded by various personages: citizens, notaries, etc., with the coat of arms, the Sphere and the legend:*

[3] *In red and black.*

[4] *Above are the coat of arms and the Sphere within a woodcut border like those in Book I.*

[5] *Woodcut similar to the preceding ones, showing the Monarch with his men of learning, and with three criminals loaded with chains kneeling before him. The woodcut includes the same coat of arms and Sphere, and the legend:*

[fl. 1] NO quarto liuro auemos tractado dos cõ- | tractos z teſtamẽtos. Agora em eſte quin | to tractaremos dos crimes z penas da- | quelles que os cometerem. E porque ſobre todos | os delictos he mayor z mays graue a hereſia: por | ſeer cometida contra noſſo ſenhor deos: a que por | ley diuina z natural todos geeralmẽte deuemos | fee z verdadeira creença: por tanto emtendemos | primeyro fallar della.:. | Titulo primeyro [...]

A negro e vermelho[1].

fl. lxxiiij vo. [...] Acabouſe de empremir ho liuro quinto das ordenações: | corregido z emendado per o doctor Ruy boto Chan | çaller moor deſtes regnos z ſenhorios. Per mã | dado: autoridade z ꝑuilegio del rey noſſo | ſenhor. Em Lyxbõa per Iohã pe- | dro bonhomini. Aos. xxviij. | dias de Iunho de mil | z quinhentos z | quatorze | ãnos.

Marca do impressor egual á do livro I[2].

Folio—Liv. I [4], Cxxix (aliás Cxxx), [1] fl.; Liv. II [3], lxj fl.; Liv. III [5], [1] ij–lxxxviij fl.; Liv. IV [4], [1] ij–liiij fl.; Liv. V [4], [1] ij–lxxiiij fl.—36 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos. No livro primeiro o verso da folha xciiij está em branco, a folha seguinte está numerada lxxxvj, e no recto tem a reimpressão da verdadeira fl. lxxxvj, mas no verso vem a continuação do texto da fl. xciiij.

Numeração dos cadernos: Liv. I: 4 folhas sem paginação, nem assignatura; a–l, 8 folhas cada caderno; m, 9 folhas; n–p, 8 folhas cada caderno; q, 10 folhas; total de 135 folhas. Livro II: 3 folhas sem paginação nem assignatura; aa–gg, 8 folhas cada caderno; hh, 5 folhas; total de 64 folhas. Liv. III: 5 folhas sem paginação nem assignatura; aaa–lll, 8 folhas cada caderno; total de 93 folhas. Liv. IV: A, 4 folhas; A–F, 8 folhas cada caderno; G, 6 folhas; total de 58 folhas. Liv. V: z, 4 folhas; AA–HH, 8 folhas cada caderno; II, 10 folhas; total de 78 folhas; folha AA 3 tem assignatura errada AAij.

Dois tomos encadernados em marroquim vermelho.

Folio—Book I [4], Cxxix (alias Cxxx), [1] leaves; Book II [3], lxj leaves; Book III [5], [1] ij–lxxxviij leaves; Book IV [4], [1] ij–liiij leaves; Book V [4], [1] ij–lxxiiij leaves—36 lines—Gothic type—no catchwords. In Book I the verso of leaf xciiij is blank; the next leaf is numbered lxxxvj, and on the recto has a reprint of the true leaf lxxxvj, but on its verso appears the continuation of the text from leaf xciiij.

Collation by signatures: Book I: 4 unnumbered leaves without signature marks; a–l, each 8 leaves; m, 9 leaves; n–p, each 8 leaves; q, 10 leaves; total 135 leaves. Book II: 3 unnumbered leaves without signature marks; aa–gg, each 8 leaves; hh, 5 leaves; total 64 leaves. Book III: 5 unnumbered leaves without signature marks; aaa–lll, each 8 leaves; total 93 leaves. Book IV: A, 4 leaves; A–F, each 8 leaves; G, 6 leaves; total 58 leaves. Book V: z, 4 leaves; AA–HH, each 8 leaves; II, 10 leaves; total 78 leaves; AA 3 is wrongly marked AAij.

In two volumes bound in red morocco.

[1] *In red and black.*
[2] *Printer's mark like the one in Book I.*

A edição de 1514 das *Ordenações*, impressa por João Pedro de Cremona de ordem d'El-Rei D. Manuel, é uma obra excessivamente rara, da qual se conhecem escassissimos exemplares. Diversos estudos importantes fôram escriptos ácerca das *Ordenações* d'El-Rei D. Manuel, entre os quaes se destacam os de Brito Aranha e Tito de Noronha. De Brito Aranha, *A Imprensa em Portugal nos seculos* XV *e* XVI, *As Ordenações d'ElRei D. Manuel*, e as notas no tomo XVII (10º do *Supplemento*) do *Diccionario* de Innocencio. Estes dois trabalhos conteem reproducções fac-simile dos cinco livros das *Ordenações*. De Tito de Noronha, *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, e especialmente *As Ordenações do Reino*, publicadas na *Archeologia Artistica*. Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 532) mencionam dois exemplares da edição de 1514 na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e accrescentam: "Innocencio diz terem existido ex. nas B. do Pôrto e Evora, êste último incompl. Parece haver outro ex. na B. da Univ. de Coimbra." No tomo XVII do *Diccionario* de Innocencio (continuado por Brito Aranha, p. 121), vê-se que existe o exemplar da Bibliotheca da Universidade de Coimbra completo, assim como o de Evora, mas esse incompleto, pois falta o volume primeiro que contem os Livros I e II. Quanto ao exemplar da Bibliotheca do Porto, parece que desappareceu. Aos exemplares acima mencionados devemos accrescentar o nosso, e aquelle impresso em pergaminho por ordem especial de D. Manuel que, segundo Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1881), se encontra no Archivo Nacional da Torre do Tombo. Ácerca d'esse exemplar, existe a carta de D. Manuel datada de 1513, ordenando que sejam fornecidos a Cremona os pergaminhos necessarios: "Nos temos mandado a J.º pedro que faça certos liuros de nofas hordenaçoões e ha nos de fazer huũ de purgaminhos..." (Deslandes, *ob. cit.*). Egual-

The 1514 edition of the *Ordenações*, which João Pedro de Cremona printed by order of King Manuel I, is excessively rare, and very few copies of it can now be traced. Various important studies have been written about the *Ordenações*, amongst which are those by Brito Aranha: *A Imprensa em Portugal nos seculos* XV *e* XVI—*As Ordenações d'ElRei D. Manuel* and some notes in volume XVII (10th of the *Supplement*) of Innocencio's Dictionary, both accompanied by facsimile reproductions; and the two monographs by Tito de Noronha: *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, and especially *As Ordenações do Reino*. Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 532) mention that there are two copies of this 1514 edition in the National Library at Lisbon, and add: "Innocencio says that copies existed in the Libraries at Oporto and Evora, the latter being incomplete. It appears that there is another copy in the Coimbra University Library." The copy at Oporto seems to have disappeared. In volume XVII of Innocencio's Dictionary (continued by Brito Aranha, p. 121) we read that there is a complete copy at Coimbra University, and that one wanting the first volume (containing Books I and II) exists at Evora. To this list of copies we must add our own, and the one printed on vellum by special command of Dom Manuel. Deslandes informs us (in *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1881) that it is kept in the Archivo Nacional of the Torre do Tombo, and he quotes a letter written by King Manuel in 1513, which begins: "We have commanded J.º pedro to print certain books of our statutes and to make us a special copy on vellum..." and it goes on to order that the necessary vellum be supplied to João de Cremona, whose receipt, to

mente existe o recibo de Cremona, ao qual já nos referimos na *Grãmatica Paſtrane*, por causa da sua assignatura.

A edição de Cremona das *Ordenações* vem mais uma vez demonstrar o seu valor como impressor e o esméro do seu trabalho; as reproducções do nosso magnifico exemplar, que aqui apresentamos, claramente o mostram.

Não nos é possivel, n'estas notas, expôr detalhadamente as differentes opiniões formuladas por diversos auctores ácerca das edições das *Ordenações*: são questões extremamente interessantes, mas não pódem fazer parte do nosso estudo. Está demonstrado pela carta do fallecido Marquez de Vallada, datada de 1871 e reproduzida por Tito de Noronha, que houve uma primeira edição das *Ordenações* impressa por Valentim Fernandes, ou pelo menos, uma primeira edição do Livro I impresso em 1512, e do Livro II impresso em 1513, nos prelos de Valentim Fernandes. Esses dois livros, que existiram na Bibliotheca do Marquez de Vallada, pertencem infelizmente ao numero d'aquelles cujo paradeiro se ignora. Mas conhecemos a sua descripção detalhada, fornecida por Tito de Noronha, e egualmente pelo catalogo da venda da Bibliotheca do Marquez de Vallada, donde Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 556) colheram a sua noticia. Terá Valentim Fernandes impresso tambem uma edição dos Livros III, IV e V? É possivel, visto esses tres livros da edição de Cremona de 1514 trazerem, como os dois primeiros, as palavras "nouamẽte corregido na ſegũda empreſſam." Contudo, é interessante notar que a carta d'El-Rei D. Manuel, que já citámos, mandando dar os pergaminhos a Cremona para a impressão das *Ordenações*, tem a data de 24 d'Outubro de 1513, e o colophon (reproduzido por Tito de Noronha nas suas *Ordenações do Reino*, 1873, p. 22) do Livro II das *Ordenações* impresso por Valentim Fernandes tem a data de 18 de Novembro de 1513, o que demonstra que mesmo que tenha

which we referred in our notes on the *Grãmatica Paſtrane*, is written on the back of this document.

This book, as may be seen from the reproductions we give from our magnificent copy, is most beautifully and carefully printed, and gives a further proof of the high standard reached by João de Cremona's work.

For many years there was much discussion as to whether any edition of the *Ordenações* had been published before 1514; but in 1871 the Marquis de Vallada wrote a letter, which is reproduced by Tito de Noronha, saying that he had in his Library a copy of Books I and II printed by Valentim Fernandes in 1512 and 1513. These books cannot now be found; but happily a detailed description of them was included by Tito de Noronha in his work, and also appeared in the Vallada catalogue, 1907 (Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 556), so there can be no doubt as to their authenticity. The words "newly corrected in the second impression," which appear in all five books of the João de Cremona issue, seem to suggest that Fernandes was also responsible for the first edition of Books III, IV and V, though there is no reliable information on this point and no copy of any such edition has ever been seen, as far as we know. It is interesting to note, however, that the above-quoted letter, ordering vellum to be given to João de Cremona for printing the *Ordenações*, is dated October 24th, 1513, twenty days before Fernandes published Book II, which, as we see in the colophon reproduced by Tito de Noronha (*Ordenações do Reino*, 1873, p. 22), was finished on November 18th, 1513; so even though Fernandes may have gone on publishing Books III, IV and V, Dom Manuel had already

havido os Livros III, IV, V, impressos por Fernandes, D. Manuel já tinha ordenado a Cremona a impressão das *Ordenações*. É pois muito plausivel, para não dizer quasi certo, e n'isso concordamos com Tito de Noronha, que, se indubitavelmente a primeira edição dos Livros I e II foi impressa por Valentim Fernandes em 1512 e 1513, a primeira edição dos Livros III, IV e V foi impressa por Cremona, visto as datas dos colophons d'esses tres livros serem *anteriores* ás dos Livros I e II. As datas são as seguintes: Livro I: 30 d'Outubro, 1514. Livro II: 15 de Dezembro, 1514. Livro III: 11 de Março, 1514. Livro IV: 24 de Março, 1514 (segundo Tito de Noronha, 14 de Março, 1514). Livro V: 28 de Junho, 1514 (segundo Tito de Noronha, 18 de Maio, 1514). Não apparecendo os Livros III, IV e V impressos por Valentim Fernandes, e que não cremos que tenham existido, somos inteiramente da opinião de Tito de Noronha, que os Livros I e II das *Ordenações*, impressos por Cremona em 1514, são a segunda edição, e que os Livros III, IV e V, impressos egualmente por Cremona em 1514, mas com datas anteriores, são a primeira edição. Deve-se a extrema raridade das *Ordenações* de 1512, 1513 e 1514, ao terem sido prohibidas, por ordem Regia que as mandou destruir, a 15 de Março de 1521:

"Que dentro de tres meſes qualquer peſoa que tever as hordenações da impreſſam velha a rompa a desfaça de maneira que nam ſe poſa lêr ſob pena de pagar qualquer peſoa, a quẽ forem achadas paſado o dito tempo e as tever, cem cruzados...e mais ſer degredado por dous ãnos para além...."

A 11 de Março do mesmo anno havia sido impressa por Jacob Cronberger uma nova edição das *Ordenações*, contendo modificações e alterações, da qual nos occuparemos no decorrer d'esta obra, assim como d'outras edições impressas depois da morte de D. Manuel, que teve logar a 13 de Dezembro de 1521.

Ácerca das "Origens" das *Ordenações* escreve Tito de Noronha (*ob. cit.* p. 13):

entrusted João de Cremona with the printing of his collection of laws. Another curious fact is that João de Cremona published Books III, IV and V of the *Ordenações* before Books I and II: the colophons are dated as follows: Book I, October 30th, 1514; Book II, December 15th, 1514; Book III, March 11th, 1514; Book IV, March 24th, 1514 (Tito de Noronha gives this date as March 14th, 1514); Book V, June 28th, 1514 (Tito de Noronha says May 18th, 1514). We therefore agree with Tito de Noronha and consider that though the first edition of Books I and II was undoubtedly printed by Valentim Fernandes, it is more than probable, as no copy of Books III, IV and V printed by Fernandes is known to have existed, that the first edition of these books was published by João de Cremona. Books I and II of the present copy must therefore be looked upon as a second edition, while Books III, IV and V are probably first editions. The great rarity of the 1512, 1513 and 1514 *Ordenações* is due to their cancellation by a Royal decree of March 15th, 1521, which commanded that they should be destroyed—

"Within the space of three months any person having a copy of the old impression of the *Ordenações* shall so tear and destroy it that it cannot be used, and any person who shall be found using it after the said period has elapsed, shall be liable to a fine of one hundred 'cruzados' ...and further shall be banished from the country for two years."

On March 11th of the same year a new edition of the *Ordenações*, with modifications and alterations, was published by Jacob Cronberger; and after the death of Dom Manuel, which took place on December 13th, 1521, other editions of the *Ordenações*, some of which we shall describe later in this work—as well as the 1521 issue—were published by various printers.

Tito de Noronha (*op. cit.* p. 13), writing about the "Origins" of the *Ordenações*, says:

VII Primeira pagina do foral dado por El-Rei D. Manuel I a Castro Marim em 1504

First page of the *foral* granted by King Manuel I to Castro Marim in 1504



om Ma-
nuel per gra
ça de deus Rey de
portugal e dos al
garves daquem e dalem
mar em africa Senhor de
guine e da conquista
navegaçam e co
mercio de ethiopia ara
bia persia e da Ind
ia. A quantos
esta nossa carta de foral dado pe
ra sempre a terra e concelho de
Lamhoso virem fazemos saber que por
bem das sentenças e determinações
gerais e especiais que foram
dadas e feitas per nos e com os
do nosso conselho e letrados
acerqua dos forais de nossos Re
gnos E dos direitos Reais e tributos
que se per elles deviam de arrecadar
e pagar E assy pellas Inquirições
que principalmente mandamos
fazer em todollos lugares de nos
sos Regnos e senhorios Justifi

"Nas primeiras epochas da monarchia, não houve codigo geral por que se administrasse justiça. Os *costumes* locaes validava-os o *Foral*; os nobres creavam-se isenções; o clero cercava-se de regalias; o podêr real cogitava fortalecer-se, publicando leis avulsas, que nem sempre eram de bom grado acceites, principalmente se contrariavam as immunidades locaes, ou tendiam a diminuir os privilegios da clerezia."

Eram epochas de pelejas, de guerras: o Reino atravessava a primeira Aventura, e era uma lucta constante durante a qual, até Aljubarrota, não era possivel codificar as leis. Foi depois de 1385 que, como diz Tito de Noronha (*ob. cit.* p. 13),

"D. João I commetteu a unificação das leis ao corregedor da sua côrte o doctor João Mendes, ao qual succedeu no encargo da codificação, no reinado seguinte, o doctor Ruy Fernandes, do conselho d'el-rei, que reuniu as leis dispersas. Este primeiro codice das nossas leis...começa pela legislação das côrtes de 1211, numerando successivamente 27 constituições das mesmas côrtes: segue-se-lhe a legislação de D. Affonso II, D. Diniz, e D. Duarte. Esta compilação...fazia parte da livraria de el-rei D. Duarte, sob o titulo de *Ordenações dos Reis.*"

Fallecendo El-Rei D. Duarte da peste em Thomar, no anno de 1438, o Infante D. Pedro, Regente na minoridade de seu sobrinho D. Affonso V, mandou, como está dito no preambulo das *Ordenações Affonsinas*, que "as ditas Hordenações e Compilaçom fossem revistas e examinadas...." Em 1446, "as ditas Hordenações e Compilaçom" entraram em vigor, e como explica Tito de Noronha (*ob. cit.* p. 15), fôram "provavelmente lei geral do estado até aos primeiros annos do reinado de D. Manuel, reinado aliás fertil em leis que alteram e reformam a legislação." Apresentamos aqui dois *Foraes* de D. Manuel, manuscriptos originaes em pergaminho, assignados pelo Soberano, com as Armas Reaes em illuminura. O primeiro, com data de 1504,

"In the early days of the Monarchy there was no general code for the administration of justice. Local customs were validated by the *Foral* (a charter of privileges and special laws, granted by the Sovereign to a city, town or borough); the nobles created special exemptions for themselves; the clergy surrounded themselves with privileges; the Crown sought to strengthen itself by publishing independent laws, which were not always well received, especially when they were directed against local immunities, or tended to diminish the privileges of the clergy."

In those days of strife and war the nation was passing through the first great Adventure, a time of such constant struggle that, until the battle of Aljubarrota, it was impossible to codify the laws. It was after 1385 that, as Tito de Noronha (*op. cit.* p. 13) says,

"Dom João I entrusted the unification of the law to the *corregedor da côrte* (chief magistrate of the court), Doctor João Mendes. In the reign of Dom Duarte he was succeeded in the task of codification by Doctor Ruy Fernandes, of the King's council, who gathered together the scattered laws. This first code of our law...begins with the legislation of the 'Cortes' of the year 1211, enumerating successively its 27 acts; there follows the legislation of Dom Affonso II, Dom Diniz, and Dom Duarte. This compilation... formed part of Dom Duarte's Library, under the title of *Ordenações dos Reis* (The Kings' Statutes)."

When King Duarte died of the plague, at Thomar, in 1438, the Infante Dom Pedro, acting as Regent during the minority of his nephew Dom Affonso V, decreed, as it says in the preface of the Affonsine laws, that "the said Statutes and Compilation be revised and examined...." The "said Statutes and Compilation" came into force in 1446, and, as Tito de Noronha (*op. cit.* p. 15) explains, they were "probably the general law of the state until the first years of Dom Manuel's reign, during which many fresh laws were made to alter and reform the old ones." We give reproductions in this volume from the original manuscripts of two of Dom Manuel's *Foraes*, beautiful

é o *Foral* dado por D. Manuel "a noſſa uilla de caſtro marym." É interessante notar que Castro Marim foi (ver a *Regra de Christo*) a primeira séde da Ordem de Christo, de cujo Mestrado D. Manuel foi Governador e Administrador desde 1484, e que a data de 1504 é tambem, sem duvida, a da publicação da *Regra* impressa por Valentim Fernandes. O segundo *Foral,* que se encontra n'um admiravel estado de conservação, na sua encadernação primitiva com pregos e fechos de metal, foi dado por D. Manuel "pera ſempre aa terra ꝛ concelho de Lanhoſo" em 1514, anno em que fôram impressas por João Pedro de Cremona as *Ordenações* do Venturoso. Sobre as *Ordenações* escreve Ruy de Pina na sua *Chronica do Senhor Rey D. Duarte* (cap. VII):

"...ElRey pôz muito ſeu cuidado nas couſas da Juſtiça que em ſeus dias mandou inteiramente guardar, e entendeo em mandar corregêr e abreviar as Ordenaçooẽs do Regno, e em ſeus dias nom ſe acabáram. ElRey Dom Affonſo ſeu filho as mandou depois reformar em cinco Livros, que por ſerem confuſas, em alguã parte mingoadas, ElRey Dom Manoel noſſo Senhor as mandou abreviar e declarar, em ſingular ordenança e perfeiçaõ."

Damião de Goes na sua *Chronica DelRei dom Emanuel,* 1566 (Parte I, cap. 94, fl. 95) dá-nos uma informação importante ácerca da data (á qual tambem Osorio se refere no seu *De Rebus Emmanuelis Geſtis*), em que fôram iniciados os trabalhos da reformação das leis: diz Goes:

"ElRei dõ Emanuel foi naturalmẽte amador de honrra, & deſejoſo deixar de ſim memoria, & boas leis, & fóros a ſeus sugeitos, & vaſſallos, do que mouido, começou neſte anno de Mil, & quinhentos, & çinquo hum negoçio de muito trabalho, que foi mandar reformar has leis, & ordenações antiguas do Regno, & acreçentar nellas algũas couſas que lhe pareçéram neçeſſarias...."

Mais adeante confirma o que Ruy de Pina escrevera, dizendo (Parte IV, cap. 86, fl. 111 vº):

documents written on vellum, signed by the King, and bearing the Royal Arms illuminated on the front page. The first, dated 1504, is the *Foral* granted by Dom Manuel "to our town of *caſtro marym.*" It is interesting to note that Castro Marim was the first seat of the Order of Christ (see the *Regra de Christo*), of which Dom Manuel had been Governor and Administrator since 1484, and that 1504 was undoubtedly the date when Fernandes printed the rules and statutes of that Order. The second *Foral,* which, in its original binding with metal bosses and clasps, is in a wonderful state of preservation, was given by Dom Manuel "for ever to the land and district of Lanhoso" in 1514, the year when João Pedro de Cremona printed the Sovereign's *Ordenações.* Ruy de Pina writes in his *Chronica do Senhor Rey D. Duarte* (chap. VII):

"...the King (Dom Duarte) paid a great deal of attention to matters of Justice, which he commanded to be most strictly maintained during all his reign. He intended to order the Statutes of the land to be corrected and abridged; but this was not accomplished in his time. His son King Affonso afterwards ordered them to be revised in five books; but, this version being still confused and somewhat curtailed, our Lord King Manuel determined that the laws should be abridged and explained with singular order and perfection."

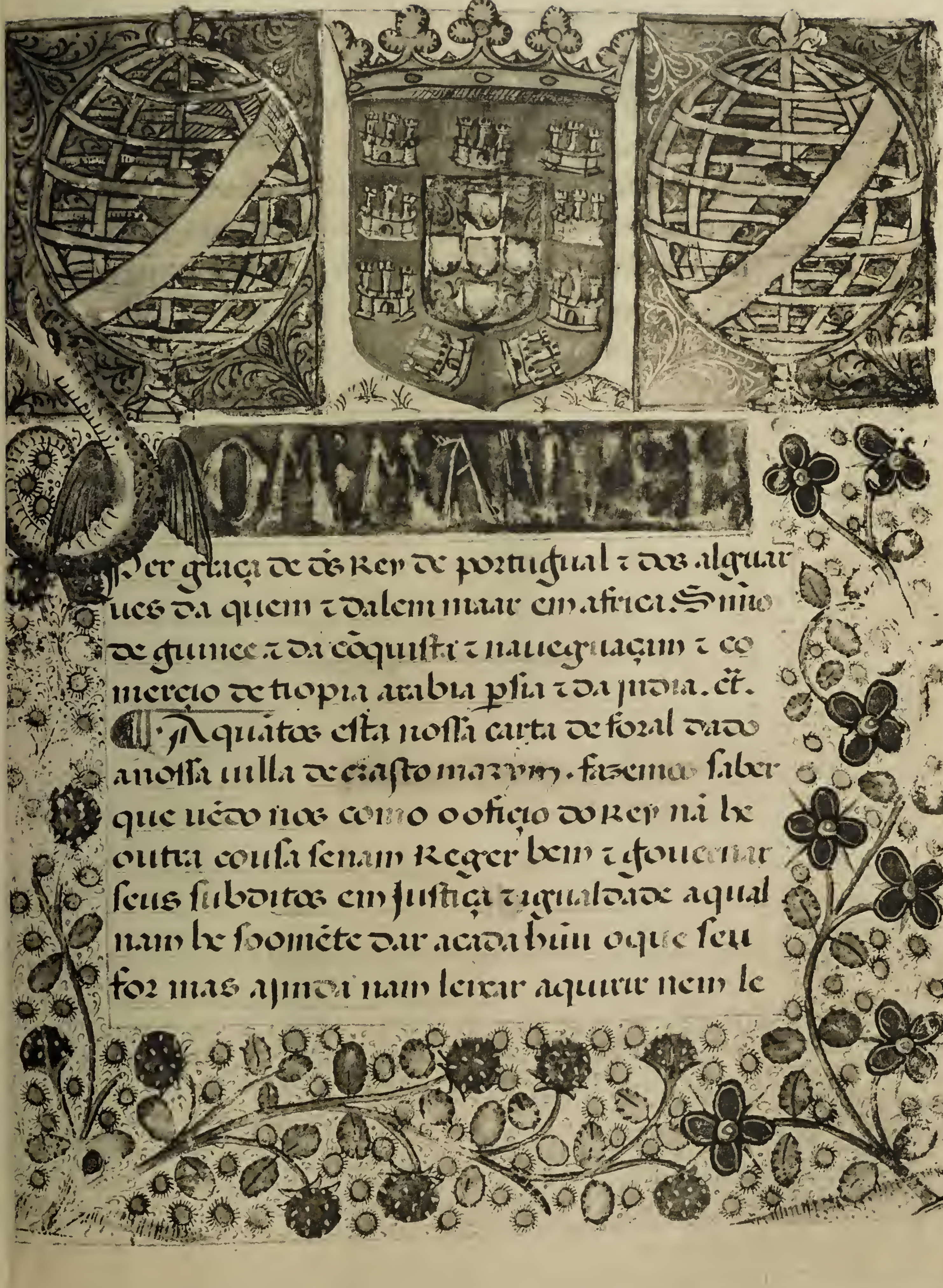
Damião de Goes (in his *Chronica DelRei dom Emanuel,* 1566, Part I, chap. 94, fl. 95) gives some important information about the date (to which Osorio also refers in *De Rebus Emmanuelis Geſtis*) when this work of legal reformation was begun:

"King Manuel, who had in his nature the love of honour, was desirous that his memory should be kept alive amongst his subjects and vassals by his good laws. In this year of one thousand five hundred and five he undertook an arduous task, ordering that the ancient laws should be reformed with the addition of certain things he considered necessary...."

Further on (Part IV, chap. 86, fl. 111 vo.) Goes confirms Ruy de Pina's statements, and writes:

VIII Primeira pagina do foral dado por El-Rei D. Manuel I a Lanhoso em 1514

First page of the *foral* granted by King Manuel I to Lanhoso in 1514



DOM MANUEL

Per graça de dẽs Rey de portugual e dos alguar
ues da quem e dalem maar em africa. Señor
de guinee e da cõquista e naueguaçam e co
mercio de tiopia arabia psia e da jndia. etc.
A quātos esta nossa carta de foral dado
a nossa villa de crasto marym. fazemos saber
que vẽdo nos como o ofiçio do Rey nã he
outra cousa senam Reger bem e gouernar
seus subditos em justiça e igualdade a qual
nam he soomẽte dar a cada huũ o que seu
for mas ajnda nam leixar aquirir nem le

"Mandou per homẽs doctos do ſeu cõſelho viſitar, & reuer hos çinquo liuros das orde-nações, q̃ elRei dõ Afonſo quinto, ſeu tio fez reformar, ſendo regẽte ho Infante dõ Pedro ſeu tio, por elle ſer de menoridade, nas q̃es mãdou deminuir, & acreçentar aquillo q̃ pareçeo neçeſſario pera bõ regimẽto do regno, & ordẽ da juſtiça, no que ſe trabalhou muito, & tanto tẽpo q̃ foi ha mór parte de todo ho q̃ elle regnou."

Fôram, como vimos, impressas as *Ordenações* em 1512, 1513 e 1514: contudo, D. Manuel no seu testamento com data de 7 d'Abril de 1517, quatro annos antes da sua morte, determina:

"Item me parece que ſera muito serviſſo de N. Senhor e deſcarrego da conciencia de quem governar eſtes Reinos, e de quem os tever, acabaremſe de correger os foraes da maneira que tenho mandado, e iſſo meſmo as Ordenaçoens, porem muito encomendo, que naquella maneira, em que o tenho ordenado ſe acabe" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. II, p. 333).

Vê-se n'este importantissimo documento datado de 1517, que D. Manuel não estava ainda satisfeito com as *Ordenações*, cuja compilação tinha custado tantos annos de trabalho: o codigo regeu o Reino até 1521, data em que appareceu, como dissemos, a nova edição das *Ordenações* ,e a ordem Regia para que fôssem destruidos os livros das edições anteriores. As *Ordenações* de 1521, com diversas edições, das quaes a ultima foi a de 1565, fôram a lei do estado até á publicação das *Philippinas* em 1603.

D. Jeronymo Osorio no seu *De Rebus Emmanuelis Geſtis*, 1571 (Liv. X, p. 384), referindo-se ao Congo em 1516, e ao seu Rei, conta-nos que esse Soberano leu com muita attenção os cinco livros das *Ordenações*:

"Erat (o rei do Congo) ingenio acri, & memoria firma præditus. Quinque libros Luſitanarum legum cum diligenter euolueret, legum quidem ſapientiam, & ordinem atq; diſciplinam reip. laudauit...."

"He commanded learned men of his Council to examine and revise the five Books of Laws —which his uncle, King Affonso V, during his minority under the Regency of Dom Pedro, had also caused to be reformed—and to make such additions or deletions as should be necessary for the good ruling of the kingdom and the administration of justice. This work took so long a time that it occupied almost the whole of his (Dom Manuel's) reign."

As we saw, the *Ordenações* were printed in 1512, 1513 and 1514; yet Dom Manuel declares in his will, dated April 7th, 1517, four years before his death:

"Item, it seems to me that it would be a great service to Our Lord and a great weight off the conscience of whoever governs and possesses these lands, to finish correcting the *foraes* as I have commanded, and also the Statutes; but I greatly recommend that they should be finished in the manner I have prescribed" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. II, p. 333).

This important document shows that even in 1517, after so many years had been spent on their revision, Dom Manuel was not yet satisfied with the *Ordenações*. The 1514 code of law was used in the government of Portugal until 1521, when, as we have already stated, the new edition of the *Ordenações* came into force by the Royal order cancelling the former editions. This version of the *Ordenações* was reprinted several times, the last edition being that of 1565, which remained as the law of the land until the publication of the Philippine code in 1603.

Jeronymo Osorio referring, in *De Rebus Emmanuelis Geſtis*, 1571 (Book X, p. 384), to the Congo and its Sovereign in the year 1516, tells us that the King read the five books of the *Ordenações* with great attention:

"Erat (the King of the Congo) ingenio acri, & memoria firma præditus. Quinque libros Luſitanarum legum cum diligenter euolueret, legum quidem ſapientiam, & ordinem atq; diſciplinam reip. laudauit...."

Da mesma fórma como fôram enviadas para o Congo, as *Ordenações* de D. Manuel terão sido expedidas para o Oriente.

Não podemos deixar de ligar, n'este livro que contem as leis do Reino, um interesse especial ás armas reproduzidas nas folhas do rosto dos Livros I, II e V. É importante notar que as armas dos Livros III e IV são differentes, e identicas ás usadas por Valentim Fernandes na *Vita Christi* em 1495; são por consequencia as armas de D. João II. As datas dos colophons, que atraz démos, explicam a mudança das armas: Cremona usou para os Livros III e IV—os primeiros que publicou—as armas de que Fernandes se tinha servido: nos Livros V, I e II—seguindo a ordem d'impressão—empregou uma nova gravura, visto a Esphera ser tambem differente. Propositadamente, deixámos as nossas considerações sobre esse ponto para o estudo d'esta obra, livro official de D. Manuel. Como vêmos na reproducção, temos o escudo das Armas Reaes, com um grypho no timbre; ao lado a Esphera armillar, "divisa" ou "emblema" do Monarcha, com as mysteriosas lettras C.A.D.A.T.G. na ecliptica, e a legenda "SPERA IN DEO ET FAC BONITATEM." A Esphera é mais do que uma divisa ou um emblema. Póde na verdade dizer-se que representa um *Programma*. No caso tão excepcional de D. Manuel, significa a continuidade dos descobrimentos e da genial politica fundada pelo Infante D. Henrique, seguida e ampliáda por D. João II, o Principe Perfeito. É tão interessante como notavel o facto, ao qual se referem os tres chronistas, Ruy de Pina, Garcia de Resende e Damião de Goes, da divisa da Esphera ter sido dada a D. Manuel por D. João II. Ruy de Pina na sua *Chronica d'ElRey D. João II*, cap. XIV, *Ineditos de Historia Portugueza*, t. II, p. 52, escreve: "...e lhe deu (D. João II a D. Manuel) mais por

Just as they were sent to the Congo, Dom Manuel's Statutes must surely have also been dispatched to the Orient.

While dealing with the Statutes of the Kingdom of Portugal in the early XVIth century, we cannot refrain from mentioning the special interest attached to Dom Manuel's coat of arms on the title-pages of Books I, II and V. It is important to note that the coat of arms in Books III and IV differs from that in the other books and is the same as Valentim Fernandes used in the *Vita Christi*, 1495; so it is therefore Dom João II's coat of arms. The dates of the colophons, which we have already given, explain the change in the arms: in Books III and IV—the first he published—Cremona reproduced the arms that Fernandes had used, and in Books V, I and II—in the order of printing—he employed a fresh woodcut, for the Sphere too is different. We purposely left our reflections on the subject of the Sphere for our study of this official book printed by order of the King. As may be seen in the reproduction, we have the Royal Arms "com um grypho no timbre" (with a griffin or wyvern crest), and the armillary Sphere, the Monarch's device or emblem, with the mysterious letters C.A.D.A.T.G. on the ecliptic, and bearing the legend "SPERA IN DEO ET FAC BONITATEM." This Sphere is more than a mere device or emblem, it may truly be said to represent a Programme. In the very exceptional case of Dom Manuel, it signifies the continuity of the discoveries begun under the admirable leadership of Prince Henry the Navigator, whose policy of genius was carried on and amplified by Dom João II, the Perfect Prince. The fact, referred to by the three chroniclers, Ruy de Pina, Garcia de Resende and Damião de Goes, that the armillary Sphere was given to Dom Manuel as a device by Dom João II, is as interesting as it is noteworthy. Ruy de Pina (*Chronica d'ElRey D. João II*, chap. XIV, in *Ineditos de Historia Portugueza*, vol. II, p. 52) says: "...and he (Dom João

devifa hũa Esfera (na copia manuscripta que possuimos da Chronica de Ruy de Pina, tirada 'do proprio original q̃ exifte no Cartorio da Companhia de Jesus,' está escripto *efpera*), que he a figura dos Ceeos, e da Terra, em que como per verdadeira profecia lhe deu a certa efperança de fua legitima, e Real Soceffam, como ao diante fe feguio." Garcia de Resende, nas pisadas de Ruy de Pina, escreve egualmente na sua Chronica, *Vida ⁊ feitos del rey Dom Ioão o fegundo*, 1545 (cap. XLVI, fl. XXXI):

"E entam lhe deu el Rey por ꝺuifa a efpera: coufa certo ꝺ mifterio ⁊ profecia porque lhe deu a efperança de fua real foceffam como ao diante fe feguio/ auendo entam muytas pefoas viuas q̃ ante dele eram herdeyros: hos quaes todos depois faleceram para ele vir herdar."

Goes, sempre na mesma ordem d'ideas, é mais explicito ainda na sua *Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566 (Parte I, cap. V, fl. 5 vº), quando nos diz:

"Nefte tẽpo dõ Emanuel nam era cafado, nem tinha tomado diuifa fegũdo coftume dos Prinçipes, pelo que el REI dom Ioão lhe deu por diuifa ha figura da Sphera, perque hos Mathematicos reprefentã ha forma ꝺ toda a machina do çeo, & terra, com todolos outros elementos, coufa defpantar, & que pareçe q̃ não careçeo de myfterio prophetico, porque afsi quomo eftaua ordenado per DEOS que elle houueffe de fer herdeiro delRei dom Ioão, afsi quis q̃ ho mefmo Rei a quẽ hauia de fucçeder, lhe deffe hũa tal diuifa, per cuja figura fe demoftraffe ha ẽtregua, & çeffam q̃ lhe já fazia, pera quomo feu herdeiro profeguir depois de fua morte, na verdadeira aução q̃ tinha na conquifta, & dominio de Afia, & Africa, quomo fez cõ muito louuor feu, & honrra deftes Regnos."

Julio de Castilho na sua *Lisboa Antiga*, 1885 (vol. IV, pp. 136 e 137), refere-se ao assumpto da seguinte fórma:

II) further gave him (Dom Manuel) as a device, a Sphere, the figure of the heavens and the earth, which, by a true prophecy, gave him the certain hope of his legitimate and Royal succession, as afterwards came to pass." We possess a manuscript copy of Ruy de Pina's Chronicle "taken from the original that is kept in the Archives of the *Companhia de Jesus*," and there the word for *Sphere* is spelt *efpera*, although in the printed version from which we quote it is *esfera*. Garcia de Resende, following in Ruy de Pina's footsteps, writes in his *Vida ⁊ feitos del rey Dom Ioão o fegundo*, 1545 (chap. XLVI, fl. XXXI):

"And in that time the King gave him the Sphere to be his device: which was a certain act of mystery and prophecy for it gave him the hope of his Royal succession as afterwards came to pass, though at that time there were many persons living who would have been heirs before him: but they all died, so he came to inherit."

Goes is even more explicit in his *Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566 (Part I, chap. V, fl. 5 vo.), when he tells that:

"At this time Dom Manuel was not married, nor had he taken any device, as is the usual custom of princes; so the King gave him for an emblem the figure of the Sphere, with which Mathematicians represent the form and all the workings of the sky and the earth and all the other elements. This gift was a thing to be wondered at, nor was it wanting in prophetic mystery, for inasmuch as God had ordained that Dom Manuel should be heir to King João, so it pleased Him that the same King whom he (Dom Manuel) was to succeed should give him this device to signify the surrender and cession he made him, that as his heir Dom Manuel might, after his (Dom João's) death, carry out his (Dom João's) great desire for the conquest and dominion of Asia and Africa, which Dom Manuel did, earning much praise for himself, and honour for his Kingdom."

Julio de Castilho refers to the subject in his *Lisboa Antiga*, 1885 (vol. IV, pp. 136–137), saying:

"Contam os tres chronistas Ruy de Pina, Garcia de Rezende e Damião de Goes, ter sido el-rei D. João II quem deu a seu primo e successor a esphera por divisa, empreza, marca, ou distinctivo; e parecem insinuar (principalmente os dois primeiros autores) uma especie de intenção de trocadilho, ou *calembur*, occulto na escolha da divisa. *Espera* se chamava então o que hoje chamamos *esphera*: dir-se-hia que advinhando os futuros, aliás provaveis, o reinante bradava ao duque de Beja: Confia, espera, aguarda a corôa."

É possivel que essa *Espera*, como Pina e Resende escreveram nas suas chronicas, tivesse um duplo sentido, que Resende na sua *Miſcellanea* parece indicar. Contudo, a *divisa* foi prophetica, e depois da morte de seu filho em Santarem, em 1491, é mais do que provavel que D. João II a tenha confirmado, tornando-a na verdade, uma empreza e um programma. D. João II, continuador da obra do Infante D. Henrique iniciada em Ceuta, ao dar a divisa, póde talvez, se o trocadilho existiu, ter querido que a sua significação fôsse: *Espera a Esphera.* É possivel. Parece-nos que Resende ao escrever na *Miſcellanea*, 1554 (fl. v),

"El rey dom Manoel era
filho mais moço do iffante
teue por deuiſa eſphera
eſperou, foy tanto auante
quanto ſua honra proſpera..."

por ventura assim pensasse.

Mas o facto em si permanece, "q̃ não careçeo de myſterio prophetico, porque aſsi quomo eſtaua ordenado per DEOS que elle houueſſe de ſer herdeiro delRei dom Ioão, aſsi quis q̃ ho meſmo Rei a quẽ hauia de ſucçeder, lhe deſſe hũa tal diuiſa...." Mas foi uma divisa prophetica, pois a Esphera representa, ao mesmo tempo, a empreza da raça Portugueza nos seculos XV e XVI, e a sua obra extraordinaria de descobrimentos e conquistas. Se D. João II, dando a divisa a D. Manuel, indicou o caminho, mais claramente ainda o fez nomeando D. Manuel Governador

"The three chroniclers Ruy de Pina, Garcia de Rezende and Damião de Goes relate that it was King João II who gave his cousin and successor the sphere as a device, emblem, mark or badge; and they (especially the two first-mentioned authors) seem to insinuate that there was a kind of intentional pun or calembour hidden in the choice of this device. The Portuguese word *esphera* (sphere) used to be spelt *espera* (hope, or expect); so one might say that, divining the probable future, the reigning King cried to Dom Manuel, Duke of Beja: 'Trust, hope, await the crown!'"

Possibly this *Espera*, as Pina and Resende wrote it, did have a double meaning. It was certainly prophetic, and it is more than probable that, after his son's death at Santarem in 1491, Dom João II strengthened its significance, and rendered it in reality the emblem of an undertaking and a programme. Dom João II, who continued the work Dom Henrique began at Ceuta, may, if the pun really existed, have wished the giving of the device to signify *Espera a Esphera* (Hope for the Sphere). Garcia de Resende seems to have thought so when he wrote in his *Miſcellanea*, 1554 (fl. v):

"King Manoel was the youngest son of the Infante, and had the Sphere for his device: he hoped and expected—and prospered as greatly as his honour flourished."

But the fact itself remains "that it was not wanting in prophetic mystery, for inasmuch as God had ordained that he (Dom Manuel) should be heir to King João, so it pleased Him that the same King whom he was to succeed should give him this device." It was indeed a prophetic device: the Sphere, which represents the wonderful work of our country, was in reality the emblem of the Portuguese race in the XVth and XVIth centuries. If Dom João II indicated the road Dom Manuel was to follow, when he gave him this device, he did so perhaps even more clearly when he appointed Dom Manuel Governor and



74 Gravura d'El-Rei D. Manuel do Livro I das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Woodcut of King Manuel from Book I of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

AQui se começã os cinco liuros das ordenações corregidas ⁊ emendadas pello doctor Ruy boto do cõselho del Rey ⁊ chançeller moor destes regnos ⁊ senhorios cõ outros leterados do seu cõselho ⁊ desembargo pa ello deputados. Per mãdado do Inuictissimo ⁊ muy poderoso senhor el Rey dõ Emanuel nosso senhor: ⁊ per elle vistas ⁊ examinadas.

Segue se o liuro Primeiro.

Titulo primeiro. Do regimento do Regedor da justiça na casa da suplicaçam.

Porque o mayor ⁊ mais principal officio da justiça de nossos regnos ⁊ senhorios he ho regimẽto da casa da suplicaçã: que pella mayor parte aa nossa pessoa Real he semp̃ conjuncta. Portanto per nos ⁊ nossos soccessores se deue sempre p̃curar: que ho regedor della com aprouadas ⁊ muy virtuosas qualidades de sua pessoa seja sempre pera este officio escolhido. Pollo qual elle deue seer homẽ fidalgo de limpo sangue: boõ: virtuoso: ⁊ de muyta autoridade: ⁊ pera mais perfeiçam leterado: se for possiuel: temente a d͛s: ⁊ de saã vontade: ⁊ bõa consciencia: justo: ⁊ em bondades experimentado: inteiro: ⁊ constãte pera sem alguũ peruertimento nem payxam guardar: ⁊ fazer: que a todos ygualmente o direito ⁊ a justiça se guarde. E assi abastado dos beẽs temporaes ⁊ do animo principalmẽte: que sua particular neçessidade nõ dee causa algũa corrupçã de nossa justiça. E assi deue seer de gracioso: despejado: ⁊ facil acolhimẽto aas partes: pera sem algũa dificuldade o verem: ⁊ sem pejo lhe poderem requerer sua justiça. E sobre ysso caridoso: ⁊ de piadosa condiçam: com que sempre tẽha cuydado ⁊ grande lembrança de proueer: ⁊ esguardar pollo boõ

a

75 Primeira pagina do Livro I das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
First page of Book I of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

¶ Acabouse de empremer ho primeiro liuro das ordena-
ções: corregido ⁊ emendado per o doctor Ruy botto: do
conselho del Rey nosso senhor: ⁊ chançeller moor destes
regnos ⁊ senhorios per autoridade ⁊ preuilegio de sua al
teza Em Lyxbõa per Joham pedro de bonhomini. Aos
xxx. dias de octobro: de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ quatorze ãnos



76 Colophon do Livro I das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book I of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514



Liuro ſegundo das ordenações cõ ſua tauoada que aſſi-gna os titulos: ⁊ folhas: ⁊ tractaſe nelle das leys: ⁊ orde-nações tocãtes aas ygrejas: ⁊ moeſteiros: ⁊ peſſoas re-ligioſas: ⁊ eccleſiaſticas: ⁊ outras peſſoas. Nouamente corregi-do na ſegunda empreſſam. Per eſpecial mandado do muy alto: ⁊ muy poderoſo ſenhor Rey dom Manuel noſſo ſenhor: foy em-premido.

¶ Com preuilegio de ſua Alteza.

77 Folha do rosto do Livro II das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Title-page of Book II of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

NO primeiro liuro falamos dos officiaes de nossa corte: que por nos teem cargo de ministrar dereito: ⁊ justiça: ⁊ dalguũs outros que aa gouernãça do regno pertençe. Agora no segundo liuro ⁊ nos outros dhy em diãte entendemos falar ⁊ tractar das leys: ⁊ ordenações: per que se os nossos reygnos gouernem: ⁊ os ditos officiaes se ajam de reger: pera bõa execuçam dellas. ¶ E primeiramente entendemos em este segũdo liuro tractar das leys ⁊ ordenações tocantes aas ygrejas: ⁊ moesteiros: ⁊ pessoas religiosas: ⁊ eclesiasticas. E porque antre os reys nossos predecessores: ⁊ os prelad⁹ ⁊ clerezia destes regnos: foram feitas muytas determinações: ⁊ artijgos: ⁊ capitulos d̃ cortes: os quaes se sempre guardarom: ⁊ vsarõ: ⁊ praticarom. Dos quaaes alguũs q̃ pera boõa gouernança ⁊ regimẽto da terra mais necessarios pareçẽ: mãdamos aqui poer as determinações: ⁊ deçisões delles: em o titulo seguinte.

Titulo primeiro em que casos os clerigos: ⁊ religiosos: deuem respõder perante as justiças seculares.

Os arçebp̃os: bp̃os: abades: priores: ⁊ outras pessoas religiosas: ⁊ clerigos: que em nossos regnos nom tiuerem superiorem qualquer feito çiuel: que pertẽça a beẽs patrimoniaes que elles ajam: ou deuam auer: ou elles tenham: ⁊ outrem lhos quiser demãdar: ou por diuedas que elles deuam por razam de suas pessoas: ⁊ beẽs patrimoniaes: que per alguũa guisa tenham: ⁊ lhes pertẽçam que nom sejam das ygrejas: nem pertẽça a ellas: ⁊ bem assy por razam de alguũas malfeitorias: se as no regno fezerem: podem ser çitados pante as justiças: ⁊ juizes leigos como se sempre vsou. Por que sem razam seria nom auer no regno quem delles fezesse justiça: ⁊ dereito: ⁊ por taes feitos os hyrem demandar a roma.

aa

78 Primeira pagina do Livro II das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
First page of Book II of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514



79 Gravura d'El-Rei D. Manuel do Livro II das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Woodcut of King Manuel from Book II of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

¶ Acabouſe de empꝛemir ho ſegundo liuro das oꝛdenações:
coꝛregido ⁊ emendado per ho doctoꝛ Ruy boto do conſelho
del Rey noſſo ſenhoꝛ ⁊ ſeu chançaller mooꝛ deſtes regnos ⁊
ſenhoꝛios: per mandado: autoꝛidade ⁊ pꝛeuilegio del Rey dõ
Manuel noſſo ſenhoꝛ: em Lixbõa per Johã pedꝛo bom ho-
mini: a quinze dias de dezẽbꝛo: de Mil ⁊ quinhentos ⁊ qua-
toꝛze ãnos.

80 Colophon do Livro II das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book II of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

Spera in deo.





Liuro terçeyꝛo das oꝛdenações com ſua tauoada q̃ a ſigna os titulos ⁊ folhas: ⁊ tractaſe nelle do auto judiçial nouamẽte coꝛregido na ſegũda empꝛeſſam. Per eſpeçial mãdado do muy alto ⁊ muy poderoſo ſenhoꝛ Rey dom Manuel emp̃mido.

¶ Com pꝛeuilegio de ſua alteza.

81 Folha do rosto do Livro III das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Title-page of Book III of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

Das citações.

¶ Porq̃ toda a virtude das leys estaa na pratica ⁊ execuçã que dellas se faz em juyzo. Por tãto em este terceiro liuro trautaremss do auto judiçial. ⁊ ordem delle. E primeiro das çitações. em as quaes toda orden judiçial se começa.

¶ Titulo primero. Das çitações. ⁊ como ham de seer feytas.

AS çitações se custumarõ fazer em estes regnos em quatro modos. Ho primeyro he per palha. E este foy dantijguamente outorgado ao regedor da justiça da casa da sopricaçam. ⁊ ao gouernador da casa do çiuil. ⁊ ao nosso chançaller moor. ⁊ estes soomente por razam de suas dignidades ⁊ preeminẽgia de suas pessoas poderan mandar çitar per palha. E foy ajnda antijgamẽte vsado mandar o corregedor da nossa corte çitar per palha por os muytos requerimentos que lhe som feitos em cada huũ dia. ⁊ em tempos desuairados. ⁊ por cousas perijgosas que neçessariamẽte desejam trigãça. E se as partes ouuessem daguardar por o porteiro que muytas vezes nom poderia seer tam asinha achado. ligeiramente emcorreriã em tã grandes danos. ⁊ perijgos que ao depois nom poderiã seer remediados sem grande difficuldade. E porem mãdamos que os ditos regedor ⁊ gouernador ⁊ chançeller moor ⁊ corregedores da corte. ⁊ os que os ditos officios seruirẽ. mandẽ soomente çitar per palha. ⁊ outros algũs nom. E qualquer çitaçam que for feita per palha per mandado de algũ outro julgador em cõtrairo desta nossa ordenaçam seja nenhũa. Pero nõ tolhemos per ella aos ditos nossos regedor ⁊ gouernador ⁊ chançaller moor ⁊ corregedores da corte mandarẽ çitar por porteiro quando lhes prouuer ⁊ o sentirẽ por nosso seruiço ⁊ bem das partes.

¶ A çitaçã feita per palha se ha de fazer perãte duas testimũhas ou ao menos hũa. pera despois o çitante fazer çerto pellas como çitou o reo no caso q̃ o autor queira escusar sua reuelia nõ pareçẽdo ao termo pera q̃ foy çitado.

aaa

82 Pagina do Livro III das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Page of Book III of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514



83 Gravura d'El-Rei D. Manuel do Livro III das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Woodcut of King Manuel from Book III of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

¶Acabouse d emprimer o terçeiro liuro das ordenações: corregi-
do e emẽdado p o doctor Ruy botto: do cõselho dl Rey nosso se-
nhor: e chãceller moor dstes regn⁹ e señorios p autoridade e pui-
legio de sua alteza. Em Lyxbõa p Johã pedro de bonhominy.
Aos.xj.dias de março de mil e quinhentos e q̃torze annos.

84 Colophon do Livro III das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book III of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514



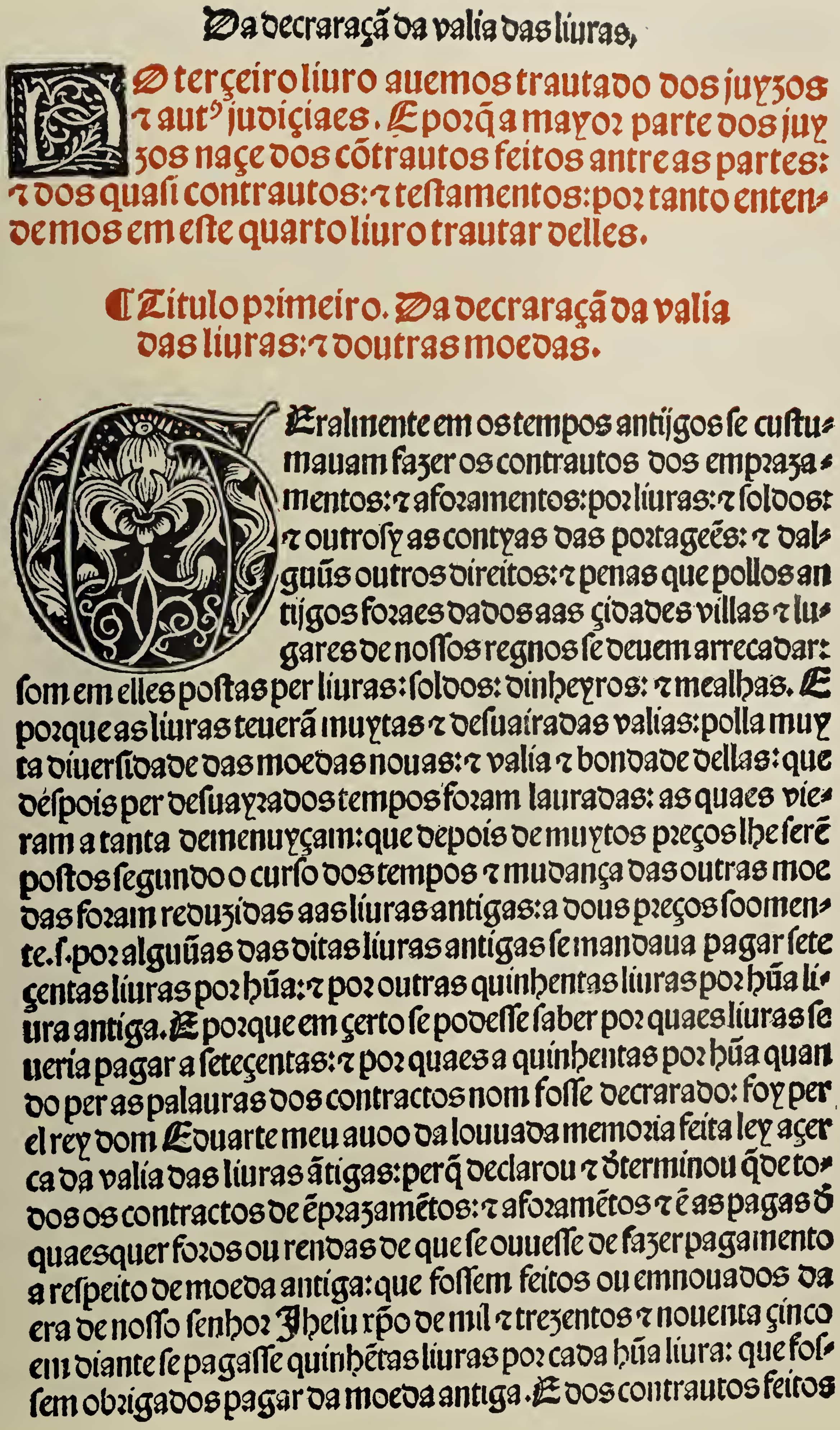
Spera in deo.



Liuro quarto das oꝛdenações com ſua tauoada q̃ aſigna os titulos ⁊ folhas: ⁊ tractaſe nelle dos cõtrautos ⁊ dos quaſy contrautos ⁊ dos teſtamẽtos: nouamente coꝛregido na ſegunda empꝛeſſam. Per eſpeçial mãdado do muy alto ⁊ muy poderoſo ſenhoꝛ Rey dom Manuel: empꝛemido.:.

¶ Com pꝛeuilegio de ſua alteza.

85 Folha do rosto do Livro IV das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Title-page of Book IV of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514



Da decraraçã da valia das liuras.

NO terçeiro liuro auemos trautado dos juyzos ꝛ autᵒ judiçiaes. E porq̃ a mayor parte dos juyzos naçe dos cõtrautos feitos antre as partes: ꝛ dos quasi contrautos: ꝛ testamentos: por tanto entendemos em este quarto liuro trautar delles.

¶ Titulo primeiro. Da decraraçã da valia das liuras: ꝛ doutras moedas.

GEralmente em os tempos antijgos se custumauam fazer os contrautos dos emprazamentos: ꝛ aforamentos: por liuras: ꝛ soldos: ꝛ outrosy as contyas das portageẽs: ꝛ dalguũs outros direitos: ꝛ penas que pollos antijgos foraes dados aas çidades villas ꝛ lugares de nossos regnos se deuem arrecadar: som em elles postas per liuras: soldos: dinheyros: ꝛ mealhas. E porque as liuras teuerã muytas ꝛ desuairadas valias: polla muyta diuersidade das moedas nouas: ꝛ valia ꝛ bondade dellas: que despois per desuayrados tempos foram lauradas: as quaes vieram a tanta demenuyçam: que depois de muytos preços lhe serẽ postos segundo o curso dos tempos ꝛ mudança das outras moedas foram reduzidas aas liuras antigas: a dous preços soomente. s. por alguũas das ditas liuras antigas se mandaua pagar setecentas liuras por hũa: ꝛ por outras quinhentas liuras por hũa liura antiga. E porque em çerto se podesse saber por quaes liuras se ueria pagar a seteçentas: ꝛ por quaes a quinhentas por hũa quando per as palauras dos contractos nom fosse decrarado: foy per el rey dom Eduarte meu auoo da louuada memoria feita ley açerca da valia das liuras ãtigas: perq̃ declarou ꝛ determinou q̃ de todos os contractos de ẽprazamẽtos: ꝛ aforamẽtos ꝛ ẽ as pagas d̃ quaesquer foros ou rendas de que se ouuesse de fazer pagamento a respeito de moeda antiga: que fossem feitos ou emnouados da era de nosso senhor Jhesu xp̃o de mil ꝛ trezentos ꝛ nouenta ꝛ çinco em diante se pagasse quinhẽtas liuras por cada hũa liura: que fossem obrigados pagar da moeda antiga. E dos contrautos feitos

86 Pagina do Livro IV das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
A page of Book IV of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514



87 Gravura d'El-Rei D. Manuel do Livro IV das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Woodcut of King Manuel from Book IV of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

¶ Acabouse de emprimir o quarto liuro das ordenações: corre-
gido e emendado per o doctor Ruy boto: do conselho del Rey
nosso senhor: e chançeller moor destes regnos e senhorios p auto
ridade e priuilegio de sua alteza. Em lyxbõa p Joham pedro bon-
hominy aos .xxiiij. dias de março de mil e quinhentos e .xiiij. ãnos.

88 Colophon do Livro IV das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book IV of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514



Liuro quinto das oꝛdenações cõ ſua tauoada q̃ a ſigna os titulos ⁊ follas: ⁊ tracta ſe nelle das couſas crimes ⁊ penas da quelles que os come terẽ: nouamente coꝛregido na ſegunda Empꝛeſſam per eſpecial mandado do muy Alto ⁊ muy poderoſo ſenhoꝛ Rey dom Manuel: Empꝛimido.·.

¶ Com pꝛeuilegio de ſua Alteza.

89 Folha do rosto do Livro V das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Title-page of Book V of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514



90 Gravura d'El-Rei D. Manuel no Livro V das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Woodcut of King Manuel from Book V of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

NO quarto liuro auemos tractado dos cõtractos ⁊ testamẽtos. Agoꝛa em este quinto tractaremos dos crimes ⁊ penas daquelles que os cometerem. E poꝛque sobꝛe todos os delictos he mayoꝛ ⁊ mays graue a heresia: poꝛ seer cometida contra nosso senhoꝛ deos: a que poꝛ ley diuina ⁊ natural todos geeralmẽte deuemos fee ⁊ verdadeira creença: poꝛ tanto emtendemos pꝛimeyro fallar della.:.

¶ Titulo pꝛimeyro dos herejes.

O Conheçimẽto do crime da heresia pertençe pꝛinçipalmente aos juyzes ecclesiasticos os quaes deuẽ veer ⁊ julgar os feytos dos herejes segundo acharẽ per direito. E quãdo elles condenarem alguũs herejes per suas sentenças: poꝛq̃ a elles nom pertençe fazer as taaes execuções poꝛ serem de sangue deuem remeter a nos os condenados com os pꝛoçessos q̃ contra elles foꝛem oꝛdenados: ou as sentenças q̃ contra elles derem: pera os nossos desembargadoꝛes verem os ditos pꝛoçessos: ou sentenças: aos quaes mandamos que as cumpꝛã punjndo os ditos herejes condenados como per direito deuem. E alem das penas coꝛpoꝛaes q̃ aos culpados no dito maleficio foꝛem dadas: seram seus beẽs confiscados pera se delles fazer o que nossa merçee foꝛ: posto que filhos tenham.

¶ Titulo. ij. Da lesa magestade ⁊ dos que cõmetem traiçam cõtra o Rey: ou seu real estado.

LEsa magestade quer dizer traiçam cõmetida contra a pessoa do rey: ou seu real estado: q̃ he a pioꝛ cousa ⁊ mays abominauel crime q̃ no homẽ pode auer. A qual os antijgos sabedoꝛes tanto auoꝛreçeram: ⁊ estranharam q̃ a compararam a gafem. Poꝛq̃ como esta emfermidade emche todo o coꝛpo sem se nũca mays poder curar. Nem soomente empeçe ao

AA

91 Pagina do Livro V das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
A page of Book V of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514

do Mestrado da Ordem de Christo. Era a continuidade e um programma claramente definido: a conquista da *Esphera* pelas Armadas d'El-Rei de Portugal, navegando sob a Cruz de Christo, como na epocha do Infante D. Henrique, Governador do Mestrado da Ordem de Christo. É uma visão maravilhosa o reviver os tempos gloriosos em que, n'uma nova cruzada, as nossas caravellas, com a Cruz de purpura nas vellas, e tripoladas pelos heroes Portuguezes, sulcavam os mares tenebrosos e desconhecidos. E esses Portuguezes, inspirados pelo emblema da sua Fé que os protegia, e guiados pela sua sciencia nautica, descobriram e conquistaram a Esphera, a divisa dada pelo Principe Perfeito ao Venturoso!

Administrator of the Order of Christ. It was a well-defined programme: the conquest of the Sphere by caravels sailing under the Cross, as in the time when Dom Henrique was Governor of the Order of Christ. What a wonderful vision it evokes of the glorious days, when, in a new Crusade, our ships, bearing the purple Cross of Christ on their sails, ploughed unknown and perilous seas, carrying the Portuguese heroes, who, inspired by the emblem of the Christian Faith, discovered and conquered the Sphere, the device given by the Perfect Prince to Dom Manuel the Fortunate!

¶ Acabouse de empremir ho liuro quinto das ordenações:
corregido ⁊ emendado per o doctor Ruy boto Chan
caller moor destes regnos ⁊ senhorios. Per mã
dado: autoridade ⁊ p̃uilegio del rey nosso
senhor. Em Lyxbõa per Johã pe-
dro bonhomini. Aos. xxviij.
dias de Junho de mil
⁊ quinhentos ⁊
quatorze
ãnos.



92 Colophon do Livro V das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book V of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Lisboa, 1514



93 Folha do rosto do *booſco deleytoſo.* Title-page of the *booſco deleytoſo.* Lisboa, 1515

16 BOOSCO DELEYTOSO.
Lisboa, Hermão de Campos, 1515.

booſco deleytoſo.

Titulo em uma fita sustentada por dois anjos por cima de uma gravura que representa um genio alado guiando um homem atravez do bosque que se vê no fundo. Por baixo da gravura[1]: Com preuilegio | del Rey noſſo ſeñor. *Pagina enquadrada por tarjas ornadas de figuras, aves e fructos*[2].

[fl. 1 vo.] Amuyto eſclareſcida ⁊ deuotiſyma Reinha dona Lyanor | molher do poderoſo ⁊ muy manifico Rey dom Ioam ſegũ⁄ | do de portugal. Como aquella q̃ ſempre foy enclinada a to | da virtude E bem fazer zeloſa grãdemẽte de ſua ſaluaçã ⁊ ꝺ | toda alma xp̃aa. Mandou emp̃mir ho ſeguinte liuro chama | do Booſco deleitoſo veẽdo ſu alteza nelle tãta duçura eſpritu | al ⁊ proſeguĩdo cõ tãtos enxempros ⁊ figuras por cõuidar | a muytos aa doutrina de noſſo redemptor Iheſu xp̃o Em | nome do qual começa ho dito liuro primeiramente ho pro⁄ | logo do autor. | Prologo. [...]

[fl. 2] Capitulo primeiro do homem mez⁄ | quinho deſterrado ⁊ lãçado do paray⁄ | ſo terreal ⁊ da bẽ auẽturança do paray | ſo eſpritual que he caſa da bõa conçien | çia: ⁊ cetera. [...]

[fl. 74 vo.] [...] Acabouſe do [sic] emprimir eſte lyuro cha⁄ | mado booſco delleytoſo ſolitario p. Her⁄ | mã de cãpos bombardeiro del Rey noſſo | Sẽhor cõ graça ⁊ preuilegio de ſua alteza | em ha muy uobrem [sic] ⁊ ſempre leal çidad de | lixboa cõ muy grande dilligençia. Ano da | encarnaçã de noſſo ſaluador ⁊. Redentor | jheſu. xp̃o. De mil ⁊ quinientos ⁊ quinze. | a vinte quatro dias de. Mayo.

Folio—[74] folhas a 2 columnas—49 e 50 linhas—caractéres gothicos—sem titulos cor⁄ rentes nem reclamos—algumas lettras capitaes substituidas por minusculas.

Numeração dos cadernos: a–h, 8 folhas cada caderno; i, 10 folhas; total de 74 folhas; b 3 tem assignatura errada a iij; h 3 tem assignatura errada g iij.

Magnifica encadernação mozárabe.

Folio—[74] leaves—double columns—49 and 50 lines—Gothic type—no headlines nor catchwords—some capitals replaced by small letters.

Collation by signatures: a–h, each 8 leaves; i, 10 leaves; total 74 leaves; b 3 is wrongly marked a iij; h 3 is wrongly marked g iij.

Magnificent Mozarabic binding.

[1] *Title on a scroll, supported by two angels above a woodcut of a winged figure guiding a man through the wood, which is shown in the background. Below the woodcut:*

[2] *The page has a woodcut border composed of figures, birds and fruits.*

O *boofco deleytofo* é uma obra excessivamente rara, da qual apenas se conhecia—com certeza—um exemplar, o da Bibliotheca Nacional de Lisboa, esse mesmo imperfeito, pois falta-lhe o frontispicio com o titulo e a sua bella gravura.

Como está escripto no colophon,

"Acaboufe do (sic) emprimir efte lyuro chamado boofco delleytofo folitario p̲. Hermã de cãpos bombardeiro del Rey noffo Sẽhor cõ graça z preuilegio de fua alteza em ha muy uobrem (sic) z fempre leal çidad de lixboa cõ muy grande dilligençia. Ano da encarnaçã de noffo faluador z. Redentor jhefu. xp̃o. De mil z quinientos z quinze. a vinte quatro dias de. Mayo."

D'este livro, precioso pela sua raridade, e tão interessante pelo seu texto, occuparam-se diversos auctores, entre os quaes, Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 137), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 76 e 77), Innocencio (*Diccionario*, t. I, p. 390 e t. VIII, *Supplemento*, p. 408), Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 438), Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, p. 308), Dr J. Leite de Vasconcellos (*Lições de Filologia Portuguesa*, pp. 136 e 137, e *Textos Arcaicos*, pp. 63–67) e Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 93 e 94). As quatro primeiras obras tratam especialmente da parte bibliographica do livro: a melhor descripção é a fornecida por Anselmo e Proença, mas não é completa, visto ter sido feita de um exemplar defeituoso. Julgamos que pela primeira vez é dada uma noticia detalhada d'este livro, com reproducções. O nosso exemplar, absolutamente perfeito, encontra-se n'um extraordinario estado de conservação. É sem duvida uma das joias da nossa Bibliotheca, pois guarda ainda a sua admiravel encadernação primitiva, de taboas revestidas de couro lavrado, de um finissimo trabalho mozárabe. N'estas excepcionaes condições, o valor do livro é inestimavel.

Innocencio (*ob. cit.* t. I, p. 390) diz-nos que, "Na livraria real d'elrei D. João V, que ardeu

The *boofco deleytofo* is an exceedingly rare work, of which the only copy hitherto known for certain to exist has been the one in the Lisbon National Library, and even that is imperfect for it wants the title with its beautiful woodcut.

As the colophon says,

"The printing of this book called *boofco delleytofo folitario* was finished by Hermã de Cãpos bombardier to the King our Lord, with grace and privilege of his Highness in the very noble and ever loyal city of Lisbon, with very great diligence, in the year of the incarnation of Our Saviour and Redeemer of fifteen hundred and fifteen, on the twenty-fourth day of May."

Various authors have studied this book, whose rarity gives it a special importance, and whose text is so full of interest; among these writers we would cite: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 137), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 76 and 77), Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 390 and vol. VIII (*Supplement*), p. 408), Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 438), Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, p. 308), Dr J. Leite de Vasconcellos (*Lições de Filologia Portuguesa*, pp. 136 and 137, and *Textos Arcaicos*, pp. 63–67), and Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 93 and 94). The four first-mentioned works treat of the book from the bibliographical point of view: the best description is furnished by Anselmo and Proença, though even this is incomplete, because it was taken from a defective copy. We believe this to be the first time that a detailed description of the *boofco deleytofo*, accompanied by reproductions, has ever been published. Our copy is absolutely perfect, and in an extraordinary state of preservation. It is certainly one of the treasures of our Library, for it retains its original leather binding, a Mozarabic one of extreme beauty. Under these exceptional conditions the book may be considered unique.

Innocencio (*op. cit.* vol. I, p. 390) tells us that "A copy of this very rare book by an unknown

IX Encadernação mozárabe do *boofco deleytofo,* Lisboa, 1515
Mozarabic binding of the *boofco deleytofo,* Lisbon, 1515



por occasião do terremoto de 1755, havia um exemplar d'este rarissimo livro, cujo auctor se ignorava. A descripção que d'elle dou é feita á vista de uns apontamentos bibliographicos manuscriptos do P. José Caetano de Almeida, bibliothecario que foi da mesma livraria."

Como veremos, o mesmo succedeu á *Regra da Ordem d'Aviz* de 1516.

Alem da bella e curiosa gravura do frontispicio, o livro contem lettras capitaes interessantes, duas especialmente, que reproduzimos, e que pela primeira vez—que nos conste—apparecem no *boofco deleytofo*, tendo sido possivelmente gravadas para esta obra. Uma é um D tendo no centro as Quinas de Portugal; a outra é um C tendo egualmente no centro a Esphera, divisa de D. Manuel.

Sabugosa (*loc. cit.*) diz-nos que o livro

"é uma obra de devoção, escripta no sentido de bem formar as almas para alcançarem o Paraizo ou bosque deleitoso."

Tem o interesse historico de ser uma das obras mandadas imprimir pela Rainha D. Leonor. No verso da folha de rosto lê-se:

"Amuyto efclarefcida ꝛ deuotifyma Reinha dona Lyanor molher do poderofo ꝛ muy manifico Rey dom Ioam fegũdo de portugal. Como aquella q̃ fempre foy enclinada a toda virtude E bem fazer zelofa grãdemẽte de fua faluaçã ꝛ ꝺ toda alma xp̃aa. Mandou emp̃mir ho feguinte liuro chamado Boofco deleitofo veẽdo fu alteza nelle tãta duçura efpritual ꝛ profeguĩdo cõ tãtos enxempros ꝛ figuras por cõuidar a muytos aa doutrina de noffo redemptor Ihefu xp̃o Em nome do qual começa ho dito liuro primeiramente ho prologo do autor."

Infelizmente ignora-se quem seja o auctor. O *Prologo*, muito curto, que transcrevemos, explica—n'uma linguagem archaica, mas que tem encanto—as razões do titulo e o intuito da obra.

author was kept in King João V's Royal Library, which was burnt down during the earthquake of 1755. The description I give of it is taken from some manuscript bibliographical notes written by P. José Caetano de Almeida, who was librarian in the same Library."

As we shall see, Dom João V's copy of the *Regra da Ordem d'Aviz*, 1516, suffered the same fate.

Apart from the curious and beautiful woodcut on its title-page, the book contains some interesting capital letters; two of these in particular, which we reproduce, appear, as far as we know, for the first time in the *boofco deleytofo* and may possibly have been specially cut for this work. One is a D which has the *Quinas* or Escutcheons of Portugal in the centre of it, and the other a C whose centre is occupied by the Sphere, Dom Manuel's device.

Sabugosa says (*loc. cit.*):

"It is a work of devotion written with the intention of preparing the soul to attain Paradise or the wood of delight."

The book has the historical interest of being one of the works printed by command of Queen Leonor. On the back of the title-page we read:

"The very enlightened and most devout Queen dona Lyanor, wife of the powerful and most magnificent King dom Joam the second of Portugal, as one who was always inclined to all virtue and well doing, and greatly zealous for her salvation and that of every Christian soul, commanded the following book, called *Boofco deleitofo*, to be printed, because her Highness saw in it such spiritual sweetness and it proceeds with so many examples and figures to attract many to the doctrine of Our Redeemer Jesus Christ, in Whose name the said book begins; firstly the author's prologue."

Unfortunately the author's identity is not known. We transcribe the *Prologue*, which is very short, and explains the purpose of the work in archaic but charming language.

"Em nome do noſſo ſenhor Ieſu xp̃o em que he toda noſſa vida. ESte liuro he chamado booſco delleitoſo: porque aſſy como o booſco he lugar apartado das gentes ⁊ aſpero he ermo ⁊ viuem enelle animalias eſpantoſas aſſy eneſte liuro ſe conteẽ muytos fallamẽtos da vida ſollitaria ⁊ muytos dizeres aſperos: ⁊ de grãde temor pera os pecadores duros de conuerter. Outroſy em no booſco ha muytas eruas ⁊ aruores ⁊ frolles d̃ muytas maneiras que ſom vertuoſas pera ſaude dos corpos ⁊ graçioſas aos ſentidos corporaães. E outroſy ha hy fontes ⁊ rios de limpas ⁊ craras aguas ⁊ aues que cantam doçemente ⁊ caças pera mantijmẽto do corpo. E aſſy eneſte liuro ſe conteẽ enxempros ⁊ fallamentos ⁊ doutrinas muyto aproueitoſas ⁊ de grande conſollaçom: ⁊ muy craras pera ha ſaude das almas: ⁊ pera mantijmento eſpritual dos coraçoões dos ſeruos de noſſo ſenhor. E pera aquelles que eſtã fora do caminho da çelleſtrial çidade do paraiſo poderem tornar aacarreyra ⁊ ao eſtado de ſaluaçom. E poderem alcançar aquella mayor perfeyçom que ho homẽ pode auer eneſta preſente vida: ⁊ auer ho mayor prazer: ⁊ aquella mayor dolçura ⁊ conſollaçom eſpritual que ha alma pode reçeber em quanto eſta em no corpo. E depois deſta vida auer ⁊ poſuir a groria perdurauel tomãdo enxempro de huũ homem pecador que todo eſto ençalçou (sic) em vida apartada ⁊ ſollitaria dos neguoçios do mũdo ſegundo elle reconta de ſy meeſmo dizendo aſſy."

"In the name of Our Lord Jesus Christ on Whom our whole life depends. This book is called the *booſco delleitoſo* (the wood of delight), because in the same way as a wood is a place far from the haunts of men and harsh and wild and the home of strange and terrible animals, so this book contains many sayings about the life of solitude and many harsh words full of terror for hardened sinners. Moreover in the wood there are many herbs and trees and flowers of many kinds, all of which have great virtue for the health of the body and are very agreeable to the corporal senses; and moreover there are fountains and streams of clear and limpid waters there, and birds that sing sweetly, and game to provide food for the body; so this book contains examples, sayings and doctrines that are very profitable and of great consolation, for the health of the soul and for the spiritual maintenance of the hearts of the servants of Our Lord, and for those who have strayed from the path to the celestial city of Paradise, to enable them to return to the way and state of salvation, and to attain the highest perfection that man can reach in this present life, and have the greatest pleasure and that highest degree of sweetness and spiritual consolation that the soul can receive while it is yet in the body, and to enable them after this life to have and enjoy everlasting glory by following the example of a sinful man who obtained all this in a solitary life away from the world's affairs, according to what he relates about himself saying thus."

Nas nossas notas sobre os *Autos dos Apostolos*, mandados imprimir em 1505 pela Rainha D. Leonor, reproduzimos, para comparar termos archaicos usados n'aquella obra, a seguinte phrase do Dr Leite de Vasconcellos, escripta a respeito do *booſco deleytoſo*:

In our notes on the *Autos dos Apostolos*, printed in 1505 by command of Queen Leonor, we examined some of the archaic terms used in that work and quoted the following passage about the *booſco deleytoſo* from Dr Leite de Vasconcellos' *Lições de Filologia Portuguesa* (p. 136):

"Esta obra, ainda que impressa no primeiro quartel do séc. XVI, representa porém uma fase lingüística muito mais antiga, dos começos do séc. XV, ou ainda dos fins do séc. XIV, pois aí se lê: *eu som*, que, se ainda vem no *Leal Conselheiro*,

"This book, although it was printed in the first quarter of the XVIth century, is representative of a very much earlier linguistic phase, dating from the beginning of the XVth, or even the end of the XIVth century, for we find therein *eu som* (for *sou*—I am), an expression which, though it

já no séc. XVI é posto pelos cómicos na bôca dos plebeus" (*Lições de Filologia Portuguesa*, p. 136).

Accrescenta o illustre Professor, depois de citar diversos termos archaicos que se lêem n'este livro:

"O estilo é o mesmo das obras místicas do séc. XIV e da *Côrte Imperial* (Manuscripto da Bibliotheca Municipal do Porto). Talvez o *Boosco dellleytoso* não passe de reprodução de uma obra impressa no séc. XV, de que não se conheça hoje nenhum exemplar; não era natural que imprimissem pela primeira vez no séc. XVI um antigo texto manuscrito, sem o modernizarem" (*ob. cit.* p. 137).

É muito possivel; contudo, como vimos, os *Autos dos Apostolos* fôram impressos pela primeira vez em 1505, de um bem antigo texto, sem que elle fôsse modernisado, e tratava-se egualmente de um livro mandado imprimir pela Rainha D. Leonor. Vimos tambem, no prologo dos *Autos*, que El-Rei D. Manuel, na presença da Rainha D. Leonor sua irmã, não consentiu que "foſſem mudadᵒ os vocablos ãtijgos ẽ modernos," como Valentim Fernandes desejava. É plausivel que o mesmo succedesse com o *booſco deleytoſo*, e que razões identicas ás que suggerimos para a publicação do texto archaico dos *Autos dos Apostolos*, fôssem o motivo da impressão do antigo texto do *booſco*. N'um erudito artigo *Os Livros em Portugal na Idade Média—A Livraria do Infante Santo*—(*Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. II, no. 6), o Dr Julio Dantas, analysando os 44 codices da Livraria do Infante D. Fernando, escreve, apresentando uma interessante hypothese ácerca do *booſco deleytoſo*:

"43. *Huũ liuro de linguagẽ q̃ chamã hermo espiritual.* Fernão Lopes deu êste livro ao Infante, a quem servia como escrivão da puridade; D. Fernando, no seu testamento, manda-lho restitüir. É possível que se trate da obra que, com o título de *Boosco delleytoso solitario*, foi mandada imprimir mais tarde, em 1515, pela raínha D. Leonor, mulher de D. João II.... O *Boosco*

still appears in the *Leal Conselheiro*, is already in the XVIth century put in the mouth of plebeians by comic writers."

The learned Professor then quotes various archaic expressions from this book, and adds:

"The style is the same as we find in the mystic works of the XIVth century and in the *Côrte Imperial* (a manuscript in the Oporto Municipal Library). Perhaps the *Boosco delleytoso* is no more than the reproduction of a work printed in the XVth century, of which no copy is known today; it is unlikely that they would have printed an ancient manuscript text for the first time in the XVIth century without modernising it" (*op. cit.* p. 137).

Dr Leite de Vasconcellos is very possibly right, yet the *Autos dos Apostolos*, which like the *booſco deleytoſo*, were printed by command of Queen Leonor, were published for the first time in 1505 from a very old manuscript, and, as we found in the prologue of the *Autos*, King Manuel, in Queen Leonor's presence, refused to allow "the ancient words to be changed into modern ones," as Valentim Fernandes would have wished. It is very likely that the same thing may have happened with the *booſco deleytoſo*, and that the reasons we suggested for the publication of the archaic text of the *Autos dos Apostolos* may also have prevented the modernisation of the ancient style of the *booſco*. Dr Julio Dantas analyses the forty-four codices in the Infante Dom Fernando's Library in an erudite article entitled, *Os Livros em Portugal na Idade Média—A Livraria do Infante Santo* (in *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. II, no. 6), and presents an interesting hypothesis about the *booſco deleytoſo*:

"43. A book in the vernacular called *hermo espiritual* (spiritual place of solitude). Fernão Lopes gave this book to the Infante whom he served as private secretary; in his will Dom Fernando ordered it to be restored to the donor. This may possibly be the work that, under the title of *Boosco delleytoso solitario*, was later, in 1515, printed by command of Queen Leonor, Dom

Delleytoso, escrito, segundo todas as probabili- dades, no primeiro quartel do século xv, teria sido primitivamente conhecido pelo título de *Hermo Espiritual*? Não tenho razões bastantes para o afirmar; inclino-me, porém, a supô-lo, não só porque esta designação se adapta melhor à essência e ao misticismo simbólico da obra, mas ainda porque no texto se encontram, com im- pressionante freqüência, as palavras *ermo* e *espiritual*. Sendo assim, ficam por explicar os motivos por que, no fim dum século de vul- garização, o livro que se chamava, no tempo do Infante Santo, *Hermo Espiritual*, passou a ser conhecido, no princípio do século xvi, data da sua impressão, por *Boosco delleytoso solitario*."

No testamento do Infante D. Fernando de 1437—ao qual faremos larga referencia nas nossas notas sobre a *Regra da Ordem d'Aviz*, 1516—lê-se o seguinte legado:

"Item leixo a Fernaõ Lopes meu Efcrivaõ da Puridade, hũ livro de linhajem que me elle deu que chamaõ Ermo efpiritual" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. i, p. 508).

A palavra *linhajem* que se lê nas *Provas*, é um erro de copia ou de impressão, pois não faz sentido. Nas *Memorias delRey D. João o I* de Joseph Soares da Sylva, que tambem transcreveu o testamento do Infante Santo (t. iv, p. 164), lê-se: "...hum liuro de lingoagem...que chamaõ hermo efpiritual." Não podemos dizer se a hypothese apresentada pelo Dr Julio Dantas representa a realidade, mas é muito plausivel. N'esse caso—seguindo a hypothese—é possivel que a Rainha D. Leonor preferisse o titulo de *boofco deleytofo* ao de *Hermo efpiritual*, por melhor significar o caminho para o Paraizo, a "çeleftrial çidade do paraifo," que todos devem alcançar "tomando enxempro de huũ homem pecador que todo efto ençalçou (sic) em vida apartada z follitaria dos neguoçios do mũdo." Se esta sup- posição correspondesse á verdade dos factos, e que o *boofco deleytofo* tivesse sido impresso se- gundo o manuscripto que fôra pertença do In- fante Santo, seria então licito conjecturar que a

João II's wife....Was the *Boosco Delleytoso*, written in all probability during the first quarter of the xvth century, originally known by the title of *Hermo Espiritual*? I have not sufficient proofs to affirm it, although I am inclined to suppose so, not only because this designation is better adapted to the essence and symbolic mysticism of the work, but also because the words *ermo* and *espiritual* are to be found in the text with impres- sive frequency. If this were so, it remains to be explained why after a hundred years, the book called *Hermo Espiritual* in the time of the *Infante Santo* (Dom Fernando) came to be known as the *Boosco delleytoso solitario* when it was printed at the beginning of the xvith century."

In the Infante Dom Fernando's will dated 1437—to which we shall make extensive re- ference in our notes on the *Regra da Ordem d'A- viz*, 1516—the following legacy may be seen:

"Item I leave to Fernão Lopes my Private Secretary a book of *linhajem* (genealogy) that he gave to me, called *Ermo efpiritual*" (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. i, p. 508).

The word *linhajem* in the *Provas* must be a copyist's or printer's error, for it does not make sense. In the *Memorias delRey D. João o I* by Joseph Soares da Sylva, where the Holy Infante's will is transcribed (vol. iv, p. 164), we read: "a book in *lingoagem* (the vernacular)...called *hermo efpiritual*." We cannot say for certain that Dr Julio Dantas' hypothesis is correct, but it certainly seems to come very near the truth. In that case, we carry the hypothesis further and say that Queen Leonor possibly preferred the title of *boofco deleytofo* to that of *Hermo efpiritual*, because it more clearly signified the way to Paradise, "the celestial city of paradise" that everyone should reach "by following the example of a sinful man who obtained all this in a solitary life away from the world's affairs." If these suppositions did correspond to the truth of the matter, and the *boofco deleytofo* were printed from the manuscript that belonged to the *Infante Santo*, it would then be permissible to believe that Queen Leonor

Rainha D. Leonor tivesse querido guardar o texto archaico, como preito áquelle que, pelo seu martyrio em Marrocos, ganhou o premio eterno na "celeſtrial çidade do paraiſo."

Devemos abrir aqui um parenthesis por causa do nome do livro que descrevemos, e tentar saber qual é a sua verdadeira orthographia, o que não é facil, visto Hermão de Campos o ter imprimido de todas as maneiras possiveis. Ignoramos se a culpa é do auctor ou do impressor, contudo, não devemos esquecer que Campos escreveu o seu proprio nome de muitos modos differentes. No frontispicio—que poucos terão visto, por faltar ao exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa—o titulo é *booſco deleytoſo*. Logo no verso d'essa folha, na dedicatoria á Rainha D. Leonor, lê-se *Booſco deleitoſo*: por baixo, no prologo, escreve: *booſco delleitoſo*; no colophon dá-lhe uma nova fórma: *booſco delleytoſo ſolitario*. Uma vez escreve *Booſco*, e tres vezes *booſco*; a differença não é grande: quanto a palavra "deleitoso," escreveu-a de quatro maneiras diversas. É uma orthographia quasi tão complicada como a actual! Seguimos pois, sempre que citamos o livro, a orthographia do titulo da obra—*booſco deleytoſo*.

Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 93 e 94) dá-nos, em poucas linhas, uma magistral descripção do *booſco deleytoſo*, que considera "One of the most important early prose works." Não nos é possivel transcrever aqui muitos trechos do livro; algumas passagens revelam o amor da natureza do auctor, como, por exemplo, aquella em que o peccador "muy mezquinho" diz que, caminhando "per huũ cãpo muy fremoſo," mas com "aquellas treeuas muy eſcuras q̃ me çercauom em derredor: ⁊ dẽtro em aminha conciençia," viu "huũ booſco muy eſpeſo daruores muy fremoſas em q̃ criauõ muytas aues q̃ cantauõ muy doçemente." E n'um estylo cheio de encanto, tanto pela linguagem como pela idea, conta o peccador:

"E andando eu per aq̃lle cãpo ouuyndo os

wished to preserve the archaic text in homage to the Prince, who, by his martyrdom in Morocco, earned a place in "the celestial city of paradise."

We must, in passing, study the spelling of the title of the book we are describing, for Hermão de Campos printed it with all possible variations. We do not know whether the fault lies with the author or the printer, but we cannot forget that Campos hardly ever spelt his name the same way twice running. On the title-page—which few will have seen, since it is missing in the copy at the Lisbon National Library—the title is *booſco deleytoſo*; but on the back of this leaf, we find *Booſco deleitoſo* in the dedication to Queen Leonor, and *booſco delleitoſo* in the prologue, while in the colophon at the end of the book the name has a new form, *booſco delleytoſo ſolitario*. We have *Booſco* once and *booſco* three times: here indeed the variation is slight; but the word *deleitoso* is written in four different ways, so its orthography is almost as complicated as that of present-day Portuguese! We will, however, follow the spelling on the title-page and always mention the book by name as *booſco deleytoſo*.

Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, pp. 93 and 94) gives in a few lines a masterly description of the *booſco deleytoſo*, which he considers as "One of the most important early prose works." It is impossible for us to give as many extracts from the book as we should like, but we will give a few quotations to show its charming style. Certain passages reveal the author's great love of nature, as, for instance, when the "very miserable" sinner tells how, walking "through a very beautiful field" but not free from "those very dark shadows that beset me round about, and within my conscience," he saw "a very thick wood of most beautiful trees where many birds nested that sang very sweetly." Then the sinner expresses the most beautiful ideas in a language of enchanting freshness, saying:

"And as I wandered about that field, listening

doçes cãtares das aues ⁊ mirãdo as fremoſas frolles ⁊ o muy graçioſo odor das eruas ⁊ das frolles dizia muytas vezes ao ſenhor ꝺs ſenhor amerçeate ꝺ my quẽ me liurara deſtas treeuas ꝺ morte ⁊ as aues do booſco me reſpõdiã ha graça de ꝺs per jhũ xp̃o te liurara."

Depois, é o encontro com

"huũ mançebo muy fremoſo veſtido de veſtiduras de fogo muy eſprãdeçente ⁊ afaçe delle era crara como ho ſol quando naçe em ho tempo da grande queentura. E elle eſtaua cijngido cõ huũa çinta douro he em huũa maão tijnha huũa vara douro. ⁊ ẽha outra maão tijnha huũa ſegur muy aguda daço muy luzẽte enca-ſtoada em ouro ⁊ em na ſua cabeça trazia huũa grillanda de pedras preçioſas.... E eu pregunteylhe aſſy como homẽ eſpantado q̃ voz era aquella daquellas aues ⁊ elle me diſſe eſtas aues ſom os ſantos doutores q̃ ordenarom ha ſanta eſcritura ⁊ elles te confortam ⁊ elles te amoeſtam elles te ameaçam muytas vezes ſegundo tu bem ſabes."

O peccador pergunta ao "eſprãdeçẽte mãçe-bo" quem é, e elle responde-lhe:

"Nũca me vyſte mas ſe bẽ acordado foſſes bẽ te ꝺuia nẽbrar q̃ muyto amyude me ſentiſte ca des ho dya em que tu naçeſte ſempre fuy teu cõpanheiro ⁊ me trabalhey de te guardar ⁊ ꝑa te leuãtar ⁊ eſꝑtar do ſono do pecado.... E trabalhey de te ajudar cõtra os enemigos ⁊ de luytar contigo...⁊ amoſtrey aty auõtade de deus q̃ nõ erraſſes ⁊ trabalhey de te tirar os embargos pera ſeruyres mays liuremẽte ao ſenhor.... E eu fiz quanto em my foy ca por my nom falleçeo ſe te bẽ quiſeres lẽbrar mas como reuel ⁊ maliçioſo ⁊ fraco ⁊ mezquinho nõ te qſeſte ajudar do meu ꝓueito: ⁊ conſentiſte polla mayor parte ao ango (sic) maão q̃ he contrairo a my he ati: ⁊ ao ſenhor ꝺs q deu me aty por guardador ⁊ fezeſteme auer muyta triſteza ẽ os teus cay-mentos."

O "eſprãdeçẽte mãçebo" é o Anjo da Guarda do peccador; esse encontro e as palavras do "mãçebo" teem um profundo alcance, que o estylo antigo ainda mais realça. O Anjo, que

to the sweet songs of the birds, and observing the lovely flowers and the very agreeable odour of the herbs and flowers, I said many times to the Lord God: 'Lord have mercy upon me, who will deliver me from the shadow of death?' and the birds in the wood replied: 'The grace of God will deliver thee through Jesus Christ.'"

Then comes his meeting with

"a very beautiful youth clad in garments of glowing fire, and his face was as fair as the rising sun at the season of great heat, and he was girt with a golden girdle, and in one hand he held a golden staff and in the other a very sharp axe of shining steel enchased with gold, and on his head he wore a garland of precious stones.... And I asked him, like a man in a maze, with whose voice those birds were speaking, and he told me: 'These birds are the holy doctors who have expounded the holy scriptures and they comfort thee, admonish thee and threaten thee as thou well knowest.'"

The sinner asks the "resplendent youth" who he is, and is told:

"Thou hast never seen me, but if thou wert watchful thou shouldst remember that thou hast felt me very often, for since the day when thou wert born, I have been thy companion and have laboured to guard thee and to raise and awaken thee from the sleep of sin.... And I have laboured to help thee against thine enemies and to fight against thyself...and I have shown thee the will of God that thou shouldst not err, and have laboured to smooth away all hindrances so that thou mightest serve the Lord the more freely.... And I did all that in me lay, so it was not I who failed thee, if thou wouldst but remember, but like a criminal, malicious, weak and miserable man thou wouldst not profit by my assistance; and didst yield for the most part to the bad angel who is against me and thee and against the Lord God Who gave me to thee to be thy guardian, and thou hast caused me much sorrow in thy falls."

The "resplendent youth" is the sinner's Guardian Angel; this meeting and the "youth's" words have a profound and far-reaching mean-

será o "groriofo guyador" do peccador, explica-lhe as suas vestimentas. As palavras que seguem são importantes, pois, sem duvida, a gravura do frontispicio a ellas se refere.

"Entom me tomou pella maão ⁊ leuoume per huũ caminho eftreyto que hya per aquelle de-ferto ⁊ era todo cuberto deruas com froles muy fremofas q̃ naçiam per elle: mais antre as heruas ⁊ as froles auya efpinhas muy agudas ⁊ pedras miudas q̃ me faziom grande door em os pees...e outrofy os ramos das aruores me faziom muyto nojo em ho roftro...⁊ auya efpĩhos muy agudos."

Em lingoagem cheia de singeleza, mostra-nos o caminho da vida. Narra depois o encontro com

"hũa dona muy apofta.... E era vyftida de viftidura ꝺ duas colores ha meytade de color preto ⁊ a outra meytade de color alua: ⁊ ẽ fua cabeça huũa coroa douro com muytas pedras preçiofas q̃ chamõ berillos ⁊ ella tinha huũa regra muy dereyta em huũa maão. E eu preguntey ao anjo quẽ era aq̃lla dona tam fremofa ⁊ tam efpantofa: ⁊ elle me diffe q̃ era juftiça que he muy efpãtofa aos maãos: ⁊ muy graçiofa aos boõs ⁊ porẽ a fua viftidura he de duas colores ha color p̃ta demoftra a tribulaçõ ⁊ ha door q̃ ha juftiça faz padeçer aos maãos. E a color alua demoftra ho prazer ⁊ o gualardõ q̃ ella da aos boõs...."

Ha uma profunda poesia n'esta definição da justiça. Como nos quadros primitivos, os escrip-tores d'essa epocha primam pela sua ingenua sin-ceridade, que para nós tem um encanto especial.

Não podemos infelizmente acompanhar todos os passos do peccador e do seu "groriofo guya-dor," seguir os seus encontros, nem escutar as fallas das "donas muy fremofas"—as virtudes—e do "folitario." Todos elogiam a vida em solidão, o desprendimento dos bens e prazeres do mundo, para alcançar atravez o *boofco deleytofo*, a "çele-ftrial çidade do paraifo."

É lamentavel não se conhecer o auctor, pois, como escreve Aubrey Bell, o livro "is marked by

ing, which is heightened by the ancient style. The angel, who will be his "*groriofo guyador*" (glorious guide), explains the significance of his vestments to the sinner. The words that follow are important since they are doubtless illustrated in the woodcut on the title-page.

"Then he took me by the hand and led me along a narrow path that went through that wilderness, and was covered with herbs and with very beautiful flowers that sprang from it; but among the herbs and the flowers there were very sharp thorns and small stones which pained my feet very greatly...and moreover the branches of the trees hurt my face...and there were very sharp thorns."

It is an artless description of the path of life. We also read of a meeting

"with a very handsome lady...and she was clad in a dress of two colours, half black and half white: and on her head was a crown of gold with many precious stones called beryls, and she held a very straight rule in one hand. And I asked the angel who this very fair and terrible lady might be; and he told me it was justice, who is very terrible to the wicked and very gracious to the good, and her dress is of two colours, black to signify the tribulation and pain that justice makes the bad suffer, and white to signify the pleasure and reward she gives to the good...."

There is infinite poetry in this definition of justice. Like the early painters, the writers of this period are full of an ingenuous sincerity, which has a special charm for us.

Unfortunately we are unable to accompany the sinner and his "glorious guide" all the way along the road, and to be present at their en-counters and listen to the words of those "very fair ladies"—the virtues—and of the "anchorite." All praise the life of solitude, and the renun-ciation of the world's goods and pleasures, in order to reach the "celestial city of paradise" through the *boofco deleytofo*, the wood of delight.

It is greatly to be lamented that the author is unknown, but, as Aubrey Bell says, the book

¶ A muyto esclarescida ⁊ deuotisyma Reinha dona Lyanor molher do poderoso ⁊ muy manifico Rey dom Joam segũdo de portugal. Como aquella q̃ sempre foy enclinada a toda virtude E bem fazer zelosa grãdemẽte de sua saluaçã ⁊ ꝺ toda alma xp̃aa. Mandou empmir ho seguinte liuro chamado Boosco deleitoso veẽdo su alteza nelle tãta duçura espritual ⁊ proseguido cõ tãtos enxempros ⁊ figuras por cõuidar a muytos aa doutrina de nosso redemptor Jhesu xp̃o Em nome do qual começa ho dito liuro primeiramente ho prologo do autor.

Prologo.

EM nome do nosso senhor Jesu xp̃o em que he toda nossa vida.

Este liuro he chamado boosco delleitoso: porque assy como o boosco he lugar apartado das gentes ⁊ aspero he ermo ⁊ viuem enelle animalias espantosas assy eneste liuro se conteẽ muytos fallamẽtos da vida sollitaria ⁊ muytos dizeres asperos: ⁊ de grãde temor pera os pecadores duros de conuerter. Outrosy em no boosco ha muytas eruas ⁊ aruores ⁊ frolles ꝺ muytas maneiras que som vertuosas pera saude dos corpos ⁊ graciosas aos sentidos corporaães. E outrosy ha hy fontes ⁊ rios de limpas ⁊ craras aguas ⁊ aues que cantam doçemente ⁊ caças pera mantijmẽto do corpo. E assy eneste liuro se conteẽ enxempros ⁊ fallamentos ⁊ doutrinas muyto aproueitosas ⁊ de grande consollaçom: ⁊ muy craras pera ha saude das almas: ⁊ pera mantijmento espritual dos coraçoões dos seruos de nosso senhor. E pera aquelles que estã fora do caminho da çellestrial çidade do paraiso poderem tornar aa carreyra ⁊ ao estado de saluaçom. E poderem alcançar aquella mayor perfeyçom que ho homẽ pode auer enesta presente vida: ⁊ auer ho mayor prazer: ⁊ aquella mayor dolçura ⁊ consollaçom espritual que ha alma pode reçeber em quanto esta em no corpo. E depois desta vida auer ⁊ posuir a groria perdurauel tomãdo enxempro de huũ homem pecador que todo esto ençalçou em vida apartada ⁊ sollitaria dos neguoçios do mũdo segundo elle reconta de sy meesmo dizendo assy.

94 Dedicatoria e Prologo do *boosco deleytoso*
Dedication and Prologue of the *boosco deleytoso*
Lisboa, 1515

Capitulo primeiro do homem mez/quinho desterrado e lãçado do paray/so terreal e da bẽ auẽturança do paray/so esprital que he casa da bõa conçien/çia: et cetera.

Seendo pe/cador e muy mesquiho de sterrado do parayso ter/real das muy doçes delley/taçóes pollo peccado dos pmeyros pa/dres: lançado em no vale da mezquindade deste mundo padeçia enel muytas coytas: e trabalhos: e minguas: e tribulações sem conto. E co mo quer que fosse grãde mal e agrauamẽ/to ha my coytado as pressas corporaes de/ste segre muyto mais era grande a minha tribulaçom e mezquindade: porq̃ ha min/ha alma era desterrada do seu parayso es/pritual q̃ ham as almas santas enesta vi/da do qual se trespassam ao parayso celle/stial. Este parayso esprital da alma he a casa da boa conçiẽcia em q̃ he tanta abon dança de paz q̃ ha abastença obedeeçe e ser ne a castidade e adeuaçom se acosta a oraçõ he ally folguã ha humildade em no temor deõs. e apureza ha folgança em ho amor do senhor deus. Ally ha limpeza do cora/çom cõ ha paz de jhũ xpo per allegria: e a fe pura folgua em na verdade. Ally a justi ça despoẽ he ordena todas as cousas bran damẽte e a tẽperança as tẽpera cõcordada mente. Ally a ssabydoria ensyna he a forta leza affirma e ha abstinencia desseca toda çugidade de pecado: e ha esperãça confor/ta. e ha humildade. e a paçiencia reynam. Ca ally he ho reyno de dõs e ho paraiso hu he ho ajuntamẽto das virtudes e porẽ ha alma do homem virtuoso he em parayso esprytual enesta vida p̃sente. Deste paray so muy deleytoso era eu mezquinho dester rado. e lançado em na profundeza do lixo dos pecados: ca em na minha alma nõ era paz nẽ assesseguo: mais era mouida e abal lada com os mouimẽtos turuos da carne e queymado era cõ as chamas dos açendi/mẽtos carnaẽs moueadiço era a todo odor luxurioso. O meu esprito derribado e a/baixado so ha carne sem orualho de lim/peza: a minha carne faagueyra as deleyta/çóes carnaães e ó sobedeçe aos vsos e tra balhos esprituaẽs, e ajudador dos meus cõtrayros. Afastado era do assessego diui/nal: moueadiço as ynjurias q̃ me fezerom e cõ toda persiguiçom. Nõ auia firmeza da mente em nenhũa cousa de boa andança nem de contraira em tal guisa era ho meu estado q̃ me pareçia q̃ jazia ja em ho ynfer no. Ca ja começaua de sentir aqui em esta vida presente as penas ynfernaaes. e todo era cercado de muy grãdes treeuas q̃ esta/uom e andauom sempre arredor ó my em guisa que me pareçia q̃ sempre estaua em lugar treeuoso.

Capitulo segundo.

Seendo eu mesquinho peca/dor em tal estado hia muyto amyude andar e espaçar per huũ cãpo muy fremoso cõ/prido ó muytas eruas e frol les de boo odor. Mais nun ca se ó sobre my partiam aquellas treeuas muy escuras q̃ me çercauom em derredor e dẽtro em a minha conçiençia. E açerca da/quelle cãpo estaua huũ boosco muy espeso daruores muy fremosas em q̃ criauõ muy tas aues q̃ cantauõ muy doçemente: como quer q̃ ho boosco era escuro cõ neuoa que auia em elle. E andando eu per aq̃lle cãpo ouuyndo os doçes cãtares das aues e mi/rãdo as fremosas frolles e o muy graçio/so odor das eruas e das frolles dizia muy tas vezes ao senhor dõs senhor amerçeate ó my quẽ me liurara destas treeuas ó morte e as aues do boosco me respõdiã ha graça de dõs per jhũ xpo te liurara. Entõ tiuemẽ/tes a a minha parte deestra. e vy estar huũ mançebo muy fremoso vestido de vestidu ras de fogo muy esprãdeçente e a façe delle era crara como ho sol quando naçe em ho tempo da grande queentura. E elle estaua cijngido cõ huũa çinta douro he em huũa

a ij

95 Primeira pagina do *boosco deleytoso*
First page of the *boosco deleytoso*
Lisboa, 1515

¶ Acabouſe do emprimir eſte lyuro cha-
mado booſco dellcytoſo ſolitario p. Her-
mã de cãpos bombardeiro del Rey noſſo
Sẽhor cõ graça ⁊ preuilegio de ſua alteza
em ha muy nobrem ⁊ ſempre leal çidad de
lixboa cõ muy grande dilligencia. Ano da
encarnaçã de noſſo ſaluador ⁊. Redentor
jheſu. xpo. De mil ⁊ quinientos ⁊ quinze
a vinte quatro dias de. Mayo.

96 Colophon do *booſco deleytoſo*
Colophon of the *booſco deleytoſo*
Lisboa, 1515



97 Lettras capitaes do *booſco deleytoſo*
Initials from the *booſco deleytoſo*
Lisboa, 1515

a pleasant quaintness, an intense and excellent style, a fervent humanity and love of nature" (*ob. cit.* p. 93).

A leitura do *boofco deleytofo* faz-nos viver em duas epochas: aquella em que foi escripto, e aquella em que foi publicado. Entre as duas decorreu certamente um seculo. Pensando na "vida actiua" e na "vida contẽplatiua" da Rainha D. Leonor, a que Valentim Fernandes se refere no prologo dos *Autos dos Apostolos*, d'aquella tão illustre Princeza que soube fazer o bem, comprehende-se que, viuva havia vinte annos, tivesse mandado imprimir este livro. Tinha feito tanto no mundo, que seguramente meditava—quando retirada no Convento da Madre de Deus que fundára—não nas glorias terrestres que tivéra, mas sim n'aquellas que, com a sua fé em Deus, queria alcançar. A fundadôra das Misericordias contava com a misericordia divina, e na nossa imaginação, vêmos a Rainha D. Leonor ouvindo a leitura do *boofco deleytofo*, consolação cheia de ingenua sinceridade, de poesia, d'encanto, de fé!

"...is marked by a pleasant quaintness, an intense and excellent style, a fervent humanity and love of nature" (*op. cit.* p. 93).

Reading the *boofco deleytofo* makes us live in two periods: the time when it was written and the time when it was printed. These two periods must certainly be separated by about a century. When we think of Dona Leonor's "active life" and "life of contemplation" to which Valentim Fernandes refers in the prologue of the *Autos dos Apostolos*, and remember that famous Princess who knew how to do good, we can understand why she commanded this book to be printed when she had been a widow for twenty years. She had done so much in the world, that, in her retirement in the convent of Madre de Deus, which she had founded, she must have meditated, not on the terrestrial glory that had fallen to her lot, but on the spiritual glory that with God's help she hoped to attain. The foundress of the *Misericordias* counted on the divine mercy, and we can easily realise what consolation Queen Leonor must have found in the reading of the *boofco deleytofo*, a work full of ingenuous sincerity, charm, poetry and faith!



98 Folha do rosto da *Regra da Ordem d'Aviz*
Title-page of the *Regra da Ordem d'Aviz*
Almeirim, 1516

17 REĞ ⁊ STATUT⁹ DA HORDẼ DAUJS.
Almeirim, Hermam de Campos, 1516.

Reğ. ⁊ ſtatut⁹ | da hordẽ daujs.
Titulo com cercadura de filetes em rectangulo[1].

[fl. 2]
Gravura que representa S. Bento, n'uma portada enquadrada de tarjas ornadas de figuras[2].

[fl. 3] Rologo [sic] do meeſtre dom Iorge filho del Rey | dom Iohã ho ſegundo ſobre a rregra ⁊ ſtabelli | çimentos da ordem ⁊ cauallaria da vijs [sic]. [...]

[fl. 4]
Fim do Prologo[3].

[fl. 4 vo.] Bulla do papa jullio ſegundo. que ho meeſtre com os | difyndores com conſelho de letrados poſſa fazer eſta co | pilaçam ⁊ rreformar. [...]

[fl. 5] [...] dada em Roma. açerca de ſam pedro No ãno da | encarnaçam do ſenhor de mil. ⁊ quinhẽtos ⁊ doze. Idus. dou- | tubro no anno. nono. do noſſo pontificado.

fl. I. Como ouue começo ha rregra do noſſo pa | dre Sam bẽto. E aſſy a caualaria da ordẽ da | vijs ⁊ em q̃ tempo foy fundado ho cõuento. [...]

[fl. LIII vo.]
O pendão da Ordem de Aviz[4].

fl. LIII [aliás LXIII]. *Sello da Ordem, e por baixo*[5]*:* Dom prior davys Iohãnes petri. Anrrique anrriquez | ayres deſouſa. Pedro de gouuea. | Eſta obra foy emprimida em Almerim | per Hermam de campos alemã Bombar | deyro del Rey noſſo ſenhor. em o anno de | mil quinhentos ⁊ dezaſeys. E ſe acabou a | treze dias do mes dabril.

[fl. 1]
Petição dos commendadores, cavalleiros e priores da Ordem sobre uma bulla[6].

[fl. 2]
Resposta do Mestre á petição[7].

[fl. 3] Tauoada deſte liuro. [...]

[fl. 5] [...] Deo gr̃as.

Folio—[5], LIII (aliás LXIII), [5] folhas (as folhas I–LXII e a taboada a 2 columnas)—35 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos—titulo xylographado no frontispicio—epigraphe e 2 lettras capitaes na fl. I a vermelho.

Folio—[5], LIII (alias LXIII), [5] leaves (double columns in the Index and on leaves I–LXII)—35 lines—Gothic type—no catchwords—xylographic title on the front page—heading and 2 capital letters on leaf I in red.

[1] *Title within a rectangular border of double lines.*
[2] *Woodcut of St Benedict standing in a doorway, within woodcut border.*
[3] *End of the prologue.*
[4] *The banner of the Order of Aviz.*
[5] *The seal of the Order, and below:*
[6] *Petition from the commanders, knights and priors of the Order about a bull.*
[7] *The Master's reply to the petition.*

Numeração dos cadernos: 5 folhas sem paginação, das quaes a 3ª, 4ª e 5ª são assignadas aaaa, aaaaa e aaaaaa respectivamente; a–g, 8 folhas cada caderno; h, 12 folhas; total de 73 folhas; d 5 e g 5 não teem assignaturas; h 2 tem assignatura errada h iij.

Encadernação de marroquim verde.

A *Reg̃. z ſtatutᵒ da hordẽ daujs* foi "emprimida em Almerim per Hermam de campos alemã Bombardeyro del Rey noſſo ſenhor. em o anno de mil quinhentos z dezaſeys." A esta obra referem-se, entre outros, Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 480), Figanière (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 294), Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 439), Innocencio (*Diccionario*, t. VII, p. 60). Este ultimo auctor, descrevendo a obra, "edição rarissima," diz que houve um exemplar "na Bibliotheca Real de el-rei D. João V, incendiada por occasião do terremoto de 1755, de que dá testemunho o respectivo bibliothecario P. José Caetano de Almeida." Quantos livros preciosos não terão sido destruidos n'esse incendio, e em tantos outros causados pelo pavoroso cataclysmo!

Na Bibliotheca d'El-Rei D. Manuel encontravam-se as *Regras* de Christo e de S. Thiago:

"42. Outro liuro pequeno da *Regra de Xpo*, esprito em purgamynho.—68. Outro liuro da *Regra estatuto da ordem de Sã Tiaguo.*—72. Outro liuro da *Regra* e *defynições de Xpos*" (Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel*).

Mas não achamos entre os livros do Monarcha, seja "de pena" ou "de forma," a *Regra da Ordem d'Aviz*. São pouquissimos os exemplares co-

Collation by signatures: 5 unnumbered leaves, the 3rd, 4th and 5th of which are marked aaaa, aaaaa and aaaaaa respectively; a–g, each 8 leaves; h, 12 leaves; total 73 leaves; d 5 and g 5 have no signature mark; h 2 is wrongly marked h iij.

Dark green morocco binding.

The *Reg̃. z ſtatutᵒ da hordẽ daujs* (Rule and statutes of the Order of Aviz) was "printed in Almeirim by Hermam de Campos Alemã (German), Bombardier to the King our Lord, in the year of one thousand five hundred and sixteen." Among those who mention this work are: Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 480), Figanière (*Bibliographia Historica Portugueza*, p. 294), Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 439), and Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 60). The last of these authors describes this "very rare edition" and says: "P. José Caetano de Almeida, librarian of King João V's Royal Library, which was burnt down during the earthquake of 1755, testifies" that a copy was included in that collection, from which so many precious books must have been destroyed, as in numerous other fires caused by that terrible cataclysm!

Copies of the "Rules" of the Orders of Christ and S. Thiago (St James) were kept in King Manuel I's Library:

"42. Another small book of the *Regra de Xpo* (Rule of Christ), written on vellum.—68. Another book of the *Regra estatuto da ordem de Sã Tiaguo* (Rule and statutes of the Order of St James).—72. Another book of the Rule and definitions of Christ" (Sousa Viterbo, *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel*).

But we cannot find the *Regra da Ordem d'Aviz*, in either manuscript or printed form, among the King's books. The known copies of this work

nhecidos d'este livro. Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 439) mencionam apenas dois: um na Bibliotheca de Evora e outro na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. A esta lista devem accrescentar-se mais tres exemplares; um no Museu Britannico, um na Bibliotheca Palha (nº 2589 do catalogo), e o nosso, que está completo e perfeito.

Nas nossas notas sobre a *Regra da Ordem de S. Thiago* de 1509 occupámos-nos do impressor Herman de Kempis, cujo nome n'este livro está transformado em Hermam de Campos, transformação que já vimos egualmente no *boofco deleytofo*.

A *Regra da Ordem d'Aviz* foi o primeiro livro, e dos unicos, impresso em Almeirim no seculo XVI; certamente a residencia da Côrte n'aquella villa terá sido o motivo porque a *Regra* foi impressa n'essa localidade, em 1516. É provavel que o Senhor D. Jorge, Mestre da Ordem, tivesse acompanhado El-Rei D. Manuel a Almeirim e, querendo que os estatutos fôssem publicados, chamasse Hermão de Campos para os imprimir. N'aquella epocha, Almeirim tinha a importancia creada pelas estadas que a Côrte alli fazia. A *Regra* acabou de imprimir-se a 13 d'Abril de 1516, e contem os estatutos da Ordem, adoptados no Capitulo Geral reunido na Capella do Espirito Santo em Setubal, em Agosto de 1515. Como vimos, a *Regra da Ordem de S. Thiago* foi impressa em Setubal em 1509, após o Capitulo Geral que se realisou em Palmella, em 1508: havia pois um motivo natural para que os estatutos da Ordem de S. Thiago fôssem impressos em Setubal, a villa mais importante na visinhança da séde dos freires de S. Thiago. Ácerca da Ordem d'Aviz, o caso é differente. O Capitulo teve logar em Setubal, que não era a Cabeça da Ordem, em 1515: tendo a *Regra* de S. Thiago sido impressa em Setubal, pareceria mais natural que a *Regra* d'Aviz fôsse egualmente impressa em Setubal,

are very few. Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 439) mention only two: one in the Evora Library and the other in the National Library at Rio de Janeiro. To this list three more copies must be added: one in the British Museum, one in the Palha Library (Catalogue no. 2589), and our own, which is complete and perfect.

We have already studied the printer Herman de Kempis in our notes on the *Regra da Ordem de S. Thiago* of 1509, and have shown how his name—which in this work is given as Hermam de Campos, as we have already seen it in the *boofco deleytofo*—gradually assumed a Portuguese form.

The *Regra da Ordem d'Aviz* was the first of the only two XVIth century books known to have been printed in Almeirim, a place whose chief importance was derived from the visits made there by the Court. The fact that the Court was in residence there must certainly have been the reason why this *Regra* was printed in that town in 1516. Probably Dom Jorge, the Master of the Order, accompanied King Manuel to Almeirim, and called Hermão de Campos thither to print the statutes of Aviz, as he had summoned him to Setubal in 1509, to publish the *Regra da Ordem de S. Thiago*. This hypothesis would also explain why in the same year Hermão de Campos began the printing of the *Cancioneiro Geral* in Almeirim. Campos finished printing the *Regra da Ordem d'Aviz* on April 13th, 1516, and it contains the statutes adopted at the General Chapter held in the Chapel of the Espirito Santo (Holy Ghost) at Setubal in August, 1515. As we have seen, there was good reason for the statutes of the Order of St James to be printed in Setubal, as it was the most important town in the neighbourhood of the seat of the Order at Palmella, where its General Chapter had assembled in 1508. With the Order of Aviz the case is different: Setubal, where the Chapter meeting took place in 1515, was not the seat of the Order; yet as the *Regra* of St James had been published there,

sobretudo tendo-se realisado o Capitulo Geral n'aquella localidade. Herman de Kempis, ou Hermão de Campos, tinha os seus prelos em Lisboa: contudo, duas das suas obras importantes fôram impressas fóra da capital, e em terras onde pela primeira vez se via uma officina typographica. A *Regra* de S. Thiago, como dissemos, foi a unica obra impressa em Setubal no seculo XVI: em Almeirim imprimiram-se duas: a *Regra da Ordem d'Aviz* em 1516, e, muitos annos depois, em 1580, as *Allegações de Direito*, de que nos occuparemos no decorrer d'esta obra. Não nos parece haver duvida que a *Regra* d'Aviz foi impressa em Almeirim, porque o Senhor D. Jorge alli estava acompanhando a Côrte, e da mesma fórma que chamára Hermão de Campos a Setubal em 1509, o mandou vir a Almeirim em 1516, o que explicaria, egualmente, a razão porque Hermão de Campos principiou em Almeirim, no mesmo anno, a impressão do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. O livro da *Regra d'Aviz* não tem a belleza do da *Regra de S. Thiago*; contudo, está nitidamente impresso em caractéres gothicos e contem uma interessante gravura de S. Bento, por cuja regra a Ordem se regia.

A historia da Ordem d'Aviz, da mesma maneira que a das Ordens de Christo e de S. Thiago, está intimamente ligada á historia de Portugal. A data exacta da fundação da Ordem é vaga. Frei Antonio Brandão (*Terceira parte da Monarchia Lusitana*, 1632, Liv. XI, cap. I, fls. 204 *e seg.*) escreve a esse respeito:

"Variamente falão os autores ſobre a inſtituição, & antiguidade da Ordem de Auîs, a primeira das Militares q̃ noſſos Reys fundaraõ, igoal em reputação às mais inſignes, & mais glorioſa & venturoſa que todas, em ſahir della hum Rey de Portugal de tanto valor, como foy Dom Ioão o primeiro."

Diz-nos tambem que Frei Bernardo de Brito, na sua *Chronica de Ciſter*, "nomea por primeiro Meſtre deſta Ordem Dom Pedro Afonſo, que

it seems curious that the *Regra* of Aviz was not printed in Setubal also, especially as the General Chapter had been held there. Herman de Kempis or Hermão de Campos had his printing-press in Lisbon; but two important works of his were executed out of the capital, and in towns where no printer is known to have worked before him. The *Regra* of St James was, as we have stated, the only work published in Setubal in the XVIth century; while in Almeirim two works were issued: the *Regra da Ordem d'Aviz* in 1516, and many years later, in 1580, the *Allegações de Direito*, which we shall describe in the course of this work. The *Regra da Ordem d'Aviz* is not as beautiful a book as the *Regra de S. Thiago*; but it is neatly printed in Gothic letter and contains an interesting woodcut of St Benedict, by whose rule the Order was governed.

The history of the Order of Aviz, like that of the Orders of Christ and St James, is intimately connected with the history of Portugal. It is difficult to find the exact date when the Order was founded. Frei Antonio Brandão (*Terceira parte da Monarchia Lusitana*, 1632, Book XI, chap. I, fls. 204 *et seq.*) says:

"Writers vary in their accounts of the institution and antiquity of the Order of Aviz, the first of the military orders founded by our Kings, equal in reputation to the most famous, and most glorious and fortunate of all in that it produced a King of Portugal of such worth as King João I."

He tells us further that Frei Bernardo de Brito, in his *Chronica de Ciſter*, "names Dom Pedro Affonso, who, he says, was the son of the Conde

diz ſer filho do Conde Dom Henrique." Mais adeante accrescenta:

"O primeiro aſſento (ſegundo tradição) dos Caualeiros de Auis foi em Coimbra, donde ſe mudarão para Euora deſpois do anno do Senhor de mil & cento & ſeſſenta & ſeis, em que ſe ganhou aos Mouros eſta Cidade."

A *Regra da Cavallaria e Ordem Militar de S. Bento de Avîs*, 1631 (cap. II), impressa por Jorge Rodrigues (Yorge Roijz), narra a fundação da Ordem em Coimbra em 1162, e que os seus estatutos fôram propostos pelo abbade de S. João de Tarouca em nome do Bispo de Ostia, Legado *a latere*. Egualmente no vol. III do *Panorama*, 1839 (pp. 309 *e seg.*), encontramos a mesma informação, e Sousa (*Provas da Historia Genealogica*, t. I, p. 13) reproduz de Frei Bernardo de Brito, esses primeiros estatutos da Ordem, de 1162. Sobre a lista dos primeiros Mestres as opiniões são variadas: uns, como Frei Bernardo de Brito e Frei Antonio Brandão, mencionam como primeiro Mestre, D. Pedro Affonso, e D. Gonçalo Viegas como o segundo. (Lê-se identica informação na *Regra de Avîs* de 1631.) Se assim aconteceu, foi antes da Ordem de Calatrava (nome que a Ordem d'Aviz tambem teve) ter sido confirmada pelo Papa Alexandre III, pela bulla *Justis potentium*, o que succedeu em 1164 (*Quadro Elementar*, t. IX, p. 15). O nosso grande historiador A. Herculano (*Historia de Portugal*, t. II, pp. 14–15) escreve simplesmente:

"Alguns membros da ordem castelhana de Calatrava tinham entrado em Portugal pelos annos de 1166, e vindo, segundo parece, fazer o seu primeiro assento em Evora, então conquistada, tomando depois promiscuamente o nome de freires d'Evora e de freires de Calatrava.... (Sancho I) mandou occupar por cavalleiros de Calatrava o (castello) de Alcanede e a villa de Alpedriz na moderna Extremadura, e lhes assegurou o dominio da fortalesa de Jurumenha, logo que fosse conquistada aos sarracenos, que então a senhoreavam."

E accrescenta em nota:

"Quanto á doação de Jurumenha aos freires

Dom Henrique, as being the first Master of this Order," adding that

"The first seat (according to tradition) of the Knights of Aviz was at Coimbra, whence they moved to Evora when this city was taken from the Moors after the year of Our Lord one thousand, one hundred and sixty-six."

The *Regra da Cavallaria e Ordem Militar de S. Bento de Avîs*, printed by Jorge Rodrigues or Yorge Roijz in 1631 (chap. II), recounts that the Order was founded in Coimbra in 1162, its statutes being drawn up by the Abbot of S. João de Tarouca in the name of the Bishop of Ostia, Papal Legate. We find the same information in the *Panorama*, 1839 (vol. III, pp. 309 *et seq.*), while Sousa (*Provas da Historia Genealogica*, vol. I, p. 13) reproduces these first statutes of the Order from Frei Bernardo de Brito. Opinions differ as to who were the first Masters: some authors, like Frei Bernardo de Brito and Frei Antonio Brandão, mention Dom Pedro Affonso as the first Master and Dom Gonçalo Viegas as the second. (The *Regra de Avîs* of 1631 gives similar information.) But if these two did hold office it must have been before the Order of Calatrava (a name by which the Order of Aviz was also known) had been confirmed by Pope Alexander III in the bull *Justis potentium* of 1164 (*Quadro Elementar*, vol. IX, p. 15). Our great historian A. Herculano (*Historia de Portugal*, vol. II, pp. 14–15) simply says:

"Some members of the Spanish Order of Calatrava had entered Portugal in about the year 1166, and seem to have made the newly conquered Evora their first place of residence, being known indifferently as brothers of Evora or brothers of Calatrava.... (Sancho I) commanded that the castle of Alcanede and the town of Alpedriz in modern Extremadura should be occupied by knights of Calatrava, and promised them dominion over the fortress of Jurumenha as soon as it was wrested from the Saracens who were masters of it at the time."

Herculano adds in a footnote:

"As for the gift of Jurumenha to the brothers

d'Evora, vê-se que era uma simples promessa; porque ahi se diz ser feita 'de illo castello quod vocatur Alcanede, et de illa villa quæ vocatur Alpedriz, et de illo allio quod vocatur Jurismenia, *si mihi eum Deus dederit.*'"

Como se deprehende, tudo é bastante vago sobre a fundação da Ordem. Na *Regra* impressa em 1516, lêmos o seguinte sobre a fundação da Ordem (fl. 1 v°):

"FOy neftes rregnos de portugal. Efta ordem davijs. inftituyda pello papa innocentio em Enora (sic). ⁊ chamauafe Meeftre deuora. E affy lho chamauam os papas. em fuas bullas. E os rreys em fuas doaçoẽes.... E ho primeyro meeftre que foy Deuora: fe chamaua dõ frey Fernão rroiz monteiro que foy No anno de noffo fenhor. de mil çento. oytenta. ⁊ dous annos."

Para ainda mais embrulhar a meada, diz a *Regra* que "HO fegundo meeftre dõ frey gonçallo viegas q̃ foy No anno: de noffo fenhor de mil. çento fetenta. ⁊ fete annos"! Quer dizer, que o segundo foi Mestre cinco annos antes do primeiro! Pelo que se encontra escripto na *Regra* de 1516, vêmos que:

"HO terçeyro meeftre foy dom Fernã de añes. que foy No anno de noffo fenhor jhefu chrifto: de mil. çento fetenta. ⁊ fete annos (no mesmo anno que o segundo?). E aefte foy feyto adoaçam da vijs (sic) por el Rey dom Affonfo ho terçeyro de portugal. E entam fe mudaram deuora pera efte lugar. E affy fizerã ho conuento que fe ora chamam da vijs. ⁊ efte dom frey Fernam de añes. foy ho primeyro meeftre da vijs. ⁊ ho derradeyro deuora."

A doação de Aviz á Ordem foi feita em *1211* por D. Affonso II e não por D. Affonso III, cujo reinado principiou em 1245 (ver Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. 1, p. 12).

Em 1201 os freires de Evora já possuiam vastos territorios, como se deprehende da bulla de Innocencio III, *Religiosam vitam*, com data de 17 de Maio, na qual o Pontifice tomava debaixo da protecção de S. Pedro e da sua, o Mestre e freires, assim como todos os bens que possuiam, e para

of Evora, it was evidently only a promise, for a grant was made 'de illo castello quod vocatur Alcanede, et de illa villa quæ vocatur Alpedriz, et de illo allio quod vocatur Jurismenia, *si mihi eum Deus dederit.*'"

As may be perceived, there is very little definite information about the founding of the Order. In the *Regra* printed in 1516 we read (fl. 1 vo.):

"This Order of Aviz was instituted in these kingdoms of Portugal by Pope Innocent, at Evora, and was called the *Meeftre* of Evora. And it was called thus by the Popes in their bulls and by the Kings in their deeds of gift.... And the first Master of Evora, in the year of Our Lord of one thousand, one hundred and eighty-two, was called Dom Frei Fernão Rrois Monteiro."

To make the tangle even more involved, the *Regra* informs us that "The second Master was Dom Frei Gonçallo Viegas in the year of Our Lord of one thousand, one hundred and seventy-seven"! That is, the second Master was in office five years before the first! Turning once again to the *Regra* of 1516, we learn that

"The third Master was Dom Fernã de Añes in the year of Our Lord Jesus Christ of one thousand, one hundred and seventy-seven (in the same year as the second?). To him King Dom Affonso III of Portugal made a gift of Aviz, and then (the knights) moved thither from Evora, and thus made the convent which is now called Aviz, and this Dom Frey Fernam de Añes was the first Master of Aviz and the last of Evora."

Aviz was given to the Order in *1211* by Dom Affonso II and not by Dom Affonso III, who began to reign in 1245 (see Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. 1, p. 12).

The brothers of Evora already possessed vast territories in 1201, as appears from Innocent III's bull, *Religiosam vitam*, dated May 17th of that year, where the Pontiff says that he takes the Master and brothers under his protection and under that of St Peter, with all the estates they possess or may come to possess in the future,

o futuro viessem a possuir, mencionando especialmente os que a Ordem tinha em Evora, Coruche, Benavente, Santarem, Lisboa, Mafra, Alcanede, Alpedriz, etc. (*Quadro Elementar*, t. IX, p. 34). Na *Regra de Avîs* de 1631 (fl. 4 v°) lêmos que, em virtude das

"mudanças que fez a Ordem, lhe naſcerão os diuerſos nomes que teue; porque em Coimbra ſe chamou ſempre noua Milicia: & em Euora ſe chamou algum tempo Milicia de Euora da Ordẽ de Calatraua: em Auís ſe chamou Milicia de Auís, & de Calatraua: & depois que ſe izentou da de Calatraua em tempo delRey Dom Ioão o primeiro, ſe ficou chamando Ordem Militar de S. Bento de Auís, como hoje ſe chama. Conſta tudo iſto dos Breues, & doações que eſtão no Cartorio do Conuento."

Segundo esta *Regra* a lista dos primeiros Mestres, mesmo em Evora, é differente, pois lêmos por exemplo (*Regra*, fl. 8) que o quarto Mestre foi "Dom Fernão Roïs Monteyro, que mudou o Cõuento de Euora para Auís." Essa affirmação é explicada pelas seguintes palavras:

"E parece q̃ por elle ſer o primeiro q̃ ſe chamou Meſtre de Auîs, o fas a Regra do Meſtre Dom Iorge o primeiro Meſtre da Ordem.... Mas o engano conſta per euidẽcia, aſsi da meſma Regra pelo tempo em que diz que foy Meſtre Dõ Fernão Roïz Monteiro, que vem a ſer depois do Meſtre, que ella diz, que foy ſegundo.... E ja neſtes noſſos tempos, vindo Frey Bernardo de Britto (que ſô foy o que deu niſto) a fazer diligencia ſobre o cazo; caío no erro; & o emmendou em ſua chronica de Ciſter contando os Meſtres pela ordem que tê aqui leuamos."

Não parece haver duvida que, n'este ponto importante, deve estar exacta a informação da *Regra* de 1631, pois as datas da *Regra* do Senhor D. Jorge de 1516 estão erradas—como vimos—pelo menos no que se refere aos primeiros Mestres de Evora. Contudo, André de Resende (*Historia*,

making special mention of those belonging to the Order in Evora, Coruche, Benavente, Santarem, Lisbon, Mafra, Alcanede, Alpedriz, etc. (*Quadro Elementar*, vol. IX, p. 34). We are informed in the *Regra de Avîs* of 1631 (fl. 4 vo.) that

"the changes of residence made by the Order gave rise to the different names it had; for in Coimbra it was always called the *nova Milicia* (the new Military Order): and in Evora it was for some time called the *Milicia* of Evora of the Order of Calatrava: in Aviz it was called the *Milicia* of Aviz and of Calatrava: and after it was separated from the Order of Calatrava in the time of King João I, it was known as the Military Order of St Benedict of Aviz, as it is called to this day. All this is manifest from the Briefs and deeds of gift in the monastery archives."

The list given in this *Regra* (fl. 8) of the early Masters of the Order, and even of those in Evora, differs from those we have already quoted; for instance we find that the fourth master was "Dom Fernão Roïs Monteyro, who moved the Convent from Evora to Aviz." However this affirmation is explained in the following passage:

"And it seems that because he was the first to be called the Master of Aviz, Master Dom Jorge's *Regra* makes him the first Master of the Order.... But the mistake is made evident in the same *Regra* from the date when it says that Dom Fernão Roïz Monteiro was Master, a date after that of the Master who it says was the second.... And already in these our times when Frei Bernardo de Britto (the only one who noticed this) began to study the question, he fell into the mistake, and corrected it in his *Chronica de Ciſter* where he gives the Masters in the order we have followed up to here."

There seems to be no doubt that the information in the *Regra* of 1631 on this important point must be correct, for, as we have seen, the dates set forth in Dom Jorge's *Regra* of 1516 are incorrect, at least as far as the first Masters of Evora are concerned. But André de Resende (*Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora*, 1st ed., 1553,

da Antigvidade da Ciidade Evora, 1ª ed. 1553, cap. xvj) diz-nos que o primeiro Mestre em Evora foi D. Fernando Roiz Monteiro. Resende, illustre Eborense de quem nos occuparemos detalhadamente ao apresentar diversos dos seus livros, dedica um pequeno capitulo da obra citada á instituição da "militia que se hora chama de Auis," em Evora. Escreve Mestre André:

"TOrnada ha cijdade a poder dos Christãos, ...por ho sitio della ser commodo para dalli gherrear hos mouros, parescreo bẽe a elRei situar en ella ha cabeça & meestrado da ordẽe dos caualleiros que en Castella se chama de Calatraua, & hagora de Auis en estes regnos, para que elles por sua parte adjudassen expellir hos inimigos de nossa sancta fee. Foi cõfirmada ha dicta militia en Euora per hũo breue do papa Innocẽcio tertio, q̃ subcedeo a Celestino, ho qual breue foi passado en ho anno quarto de seu pontificado, que foi ho ãno do senhor de. 1204. (engana-se tambem André de Resende, pois, como vimos, a bulla de Innocencio III *Religiosam vitam* é de 1201) sendo ja elRei Dõ Afonso Henriquez fallescido, & regnando elRei dõ Sancho seu filho. Tinhan hos dictos caualleiros chamados freires per vocabulo Frances, que quer dizer hirmãos, seu assento & morada onde inda hagora se chama ha freiria, & dentro en ho castello da cijdade, que era separado com muro & torres:...tinhã ha hermida de sanct Mighel onde se celebrauan hos diuinos officios. Per este modo foi ha dicta militia instituida en Euora, onde steue hacte ho tempo de elRei dom Afonso ho terceiro. Foorõ en Euora tres meestres. s. ho primeiro Dom Frei Fernand Roiz Monteiro, persõa de muita auctoridade, a quem elRei dom Afonso Hẽriquez deu ha villa de Mafara, quando ha tomou a hos Mouros. Ho segundo foi, dom Frei Gonçallo Viegas. Ho terceiro dom Fernande Añes, en cujo tempo ha dicta militia se passou para Auis, ou por tẽer la hos mouros mais vizinhos, & de maisperto hos poder conquistar, ou por outras razões que a ho dicto Rei bẽe parescerian."

Julgamos que Resende, da mesma fórma que

chap. xvj) tells us that the first Master in Evora was Dom Fernando Roiz Monteiro. Resende, a famous citizen of Evora, whom we shall study in detail when we describe some of his books, dedicates a short chapter in the above-mentioned work to the establishment in Evora of the "*militia* which is now called (the Military Order) of Aviz." He says:

"When the city was once more in the power of the Christians...the King thought that, as it was a convenient place from which to attack the Moors, it would be a good thing to establish there the seat and headquarters of the Order of knights which is known as the Order of Calatrava in Castile, and now in these kingdoms as the Order of Aviz, so that they for their part might help to expel the enemies of our holy faith. The establishment of the said *militia* in Evora was confirmed by a Brief of Pope Innocent III who succeeded Celestine, which Brief was issued in the fourth year of his pontificate, in the year of Our Lord of 1204 (André de Resende is also mistaken, for, as we have seen, Innocent III's bull, *Religiosam vitam*, was dated 1201), when King Dom Afonso Henriquez had already died, his son, King Dom Sancho, reigning in his stead. The said knights, who are also called *freires* from a French word meaning brothers, had their seat and residence at the place which is still known as the *freiria* (friary) and in the castle of the city which was set apart within a wall and towers...they had the hermitage of St Michael where the holy offices were celebrated. In this manner the said Military Order was established in Evora, where it remained until the time of King Dom Afonso III. There were three Masters in Evora: the first was Dom Fernand Roiz Monteiro, a person of great authority, to whom King Dom Afonso Henriquez gave the town of Mafara (Mafra) when he took it from the Moors; the second was Dom Frei Gonçallo Viegas; the third Dom Fernando Añes, in whose time the said Order passed to Aviz, either because it was nearer to the Moors, and they had less distance to go and conquer them, or for other reasons that seemed good to the said King."

We consider that Resende, like Dom Jorge's

a *Regra* do Senhor D. Jorge de 1516, não é exacto ácerca dos primeiros Mestres de Evora, e que, em vista das datas, o primeiro Mestre eleito foi D. Gonçalo Viegas, o segundo D. Fernando Annes, que principiou a fundação d'Aviz, e o terceiro D. Fernão Rodrigues (Roiz) Monteiro, que foi o primeiro Mestre d'Aviz. Como dissemos, Aviz foi doado aos freires de Evora por D. Affonso II em 1211. D. Fernando Annes conquistou muitas terras aos Mouros, e tal era a sua fama entre os Sarracenos, que, segundo a lenda, a maior praga que rogavam era: "Golpe de Fernando Annes te alcance!" A origem do nome d'Aviz tem uma tradição cheia d'encanto, á qual se referem diversos auctores. Transcrevemos a seguinte narração da *Regra* de 1516 (fl. III):

"Por q̃ ſe chama eſte lugar a vijs. Que quer dizer aue. Porque no tẽpo de ſua edificaçam: criaua huũa aguya Em huũa azinheyra que ſtaua na quelle (sic) monte. Onde foy edificado eſte caſtello ꝛ conuẽto. E por eſte rreſpeyto lhe foy poſto nome a vijs. Que quer dizer ave. E aſſy ſe traz em ho ſello da dicta villa."

A tradição dura ainda hoje, pois está estampada no brasão da villa d'Aviz.

"O seu brasão d'armas...é um escudo com a cruz verde d'Aviz em campo de oiro, e na parte inferior duas aguias. Todavia em uma das portas da villa, denominada *d'Evora*, do lado de fóra, vê-se pintado o seguinte quadro: A imagem de S. Bento, tendo aos pés o mestre D. Fernão de Annes a cavallo, com escudo embraçado, e um alfange na mão direita. Debaixo das mãos do cavallo está uma cabeça de moira, e para o lado direito duas aguias reaes sobre uma azinheira" (Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão d'Armas*, vol. I, p. 55).

Não é conhecido o anno exacto em que os freires de Evora tomaram posse d'Aviz: foi entre 1218 e 1223: contudo, já em 1215 a Ordem era designada pelo nome d'Aviz (ver Fortunato

Regra, is inaccurate in his information about the first Masters of Evora, and that, in view of the dates, the first elected Master must have been Dom Gonçalo Viegas, the second Dom Fernando Annes, who began to found Aviz, and the third Dom Fernando Rodrigues (Roiz) Monteiro, who was the first Master of Aviz. As we have seen, Aviz was ceded to the brothers of Evora by Dom Affonso II in 1211. Dom Fernando Annes captured much territory from the Moors, and such was his fame among the Saracens, that their strongest curse is said to have been: "May the blow of Fernando Annes strike you!" The traditional origin of the name of Aviz is full of charm, and is referred to by various authors. We transcribe the following account from the *Regra* of 1516 (fl. III):

"Why this place is called Aviz, which means *ave* (bird). Because at the time of its building an eagle was nesting in a holm-oak that stood on the mountain where this castle and monastery was erected; and for this reason it was given the name of Aviz, which means bird. And so it is shown in the seal of the said town."

The tradition is carried on to this day for

"the coat of arms (of Aviz)...is a shield with the green cross of Aviz in a field or, with two eagles in the lower part. Nevertheless the following picture is to be seen, painted on the outside of one of the gates of the town, called the gate of Evora: The image of St Benedict at whose feet is the Master Dom Fernão de Annes on horseback, armed with his shield, and holding a scimitar in his right hand. Under the horse's fore-feet is the head of a Moorish woman, and on the right-hand side are two Royal eagles on a holm-oak" (Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão d'Armas*, vol. I, p. 55).

The exact year when the brothers of Evora took possession of Aviz is not known; but it must have been between 1218 and 1223, though the Order was already designated by the name

de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, t. I, p. 322). Fôram vinte e um os Mestres dos freires de Evora e da Ordem d'Aviz, começando com D. Gonçalo Viegas. Entre elles, foi decimo Mestre D. Frei Gil Martins, que (ver a *Regra da Ordem de Christo*) foi tambem o primeiro Mestre da Ordem de Christo. D. Frei Estevão Gonçalves Leitão foi decimoquinto Mestre, e, junto a El-Rei D. Affonso IV, combateu com os seus Cavalleiros na batalha do Salado, em 1340. D. João, o *Mestre d'Aviz*, filho natural de D. Pedro I, Rei de Portugal em 1385, foi o vigesimo Mestre, eleito com a edade de sete annos! (ver Soares da Sylva, *Memorias delRey D. João o I*, t. I, pp. 66 *e seg.*). O ultimo Mestre eleito foi D. Fernão Rodrigues (Roiz) de Siqueira que, sendo Commendador Mór da Ordem, esteve na batalha de Aljubarrota (Fernam Lopez, *Chronica DelRey D. Ioam o I*, 1644, Parte II, p. 97). Como vimos nas nossas notas sobre o manuscripto *De Bello Septensi* de Mattheus Pisano, D. Fernão de Siqueira ficou Regente do Reino em 1415, durante a conquista de Ceuta. Falleceu em Agosto de 1433, como D. João I, seu Rei e amigo. Depois, como nas Ordens de Christo e de S. Thiago, passaram os filhos dos Reis e os Principes a desempenharem o logar de Governador do Mestrado d'Aviz. Foi o primeiro Governador da Ordem d'Aviz, o Infante D. Fernando—o Infante Santo—filho d'El-Rei D. João I. No seu testamento com data de 1437, admiravel documento escripto por Fernão Lopes, lêmos os legados que fez ao Convento d'Aviz. É tão bello o principio do testamento do Infante, tão cheio da fé christã que o levou ao martyrio pela honra de Portugal, que nós, descendente e representante do *Mestre d'Aviz*, queremos aqui prestar homenagem ao Infante Santo, reproduzindo passagens do seu testamento de Crente e de Portuguez.

of Aviz in 1215 (see Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, vol. I, p. 322). The brothers of Evora and of the Order of Aviz had twenty-one Masters beginning with Dom Gonçalo Viegas. The tenth was Dom Frei Gil Martins, who was also the first Master of the Order of Christ (see the *Regra da Ordem de Christo*). Dom Frei Estevão Gonçalves Leitão was the fifteenth Master, and with his Knights fought beside King Affonso IV in the battle of Salado, in 1340. Dom João, who was the natural son of Dom Pedro I, and who became King of Portugal in 1385, was elected the twentieth Master when he was only seven years old, and became known as the *Mestre d'Aviz* (the Master of Aviz) (see Soares da Sylva, *Memorias delRey D. João o I*, vol. I, pp. 66 *et seq.*). The last Master elected was Dom Fernão Rodrigues (Roiz) de Siqueira, who, as *Commendador Mór* of the Order, took part in the battle of Aljubarrota (Fernam Lopez, *Chronica DelRey D. Ioam o I*, 1644, Part II, p. 97). As we stated in our notes on the manuscript *De Bello Septensi* by Mattheus de Pisano, Dom Fernão de Siqueira acted as Regent of Portugal during the expedition to Ceuta in 1415. He died in August, 1433, in the same month and year as his Sovereign and friend, Dom João I. Afterwards, as was the case with the Orders of Christ and of St James, the government of the Order of Aviz passed into the hands of the Kings' sons and the Princes. The first Royal Governor of the Order of Aviz was King João I's son, Dom Fernando—the *Infante Santo*. This prince left various legacies to the Order of Aviz in his will, dated 1437. The beginning of this admirable document, which was drawn up by Fernão Lopes, is so beautiful, and so full of the faith that led the Infante to martyrdom for the honour of Portugal, that we, as descendant and representative of the Master of Aviz, would like to do homage to the Holy Infante by quoting part of his pious and patriotic will.

"Por quanto os homens ſom certos da morte e no do tempo em q̗ ha de ſer coſtumaraõ os muito ſezudos por tal modo ordenar ſua vida que no leixando lugar a apendença a todo o tempo que lhes aconteceſſe vir, aquel poſtemeiro temor, de que a natureza nehua peſſoa fez izenta os achaſe preſtes, e aſi deſpoſtos, que limpos de alguas ligeiras ſezes, de que nehuns ſalvo os muito perfeitos ſom purgados com pouco medo, e ſem algũ temor pudeſſem parecer ante aquele eſpantozo Juiz, de que a Santa Eſcriptura em muitos lugares faz mençom, alguns outros tendo bom dezejo, poſtos ſo jugo dalgumas poſſeſoens, a que no rezeſtindo como deviaõ, ſe aſenhoraraõ delles, aſim alguns vicios que no ordenando taõ bem, ſua vida, foi-lhes meſter de leixar por eſcriptura encomendado a outras peſſoas, que deſpois de ſua morte trigozamente ſe trabolhaſem de fazer o que por ſua negligencia e fraqueza, elles vivendo no compriraõ, e porque a triſte morte, ordenou muitos e deſvairados modos de apartar a alma da carne...eu o Infante D. Fernando filho do mui alto e mui poderozo Principe, D. Joaõ da eſclarecida memoria, Rey que foy de Portugal...e da muy nobre e excelente Raynha D. Felipa sua mulher, vendo e conſirando quanto era convinhavel a toda peſſoa ſeguir as pegadas deſtes que nos taõ proveitozo exemplo leixarom de ſi, porque no ſom certo quando ſerei requerido de pagar a divida da morte, nem a que tempo, nem per que guiza... faço e ordeno meu Teſtamento da alma, e do corpo.... Primeiramente comendo minha alma a meu Senhor Deos, que a criou de nada, no eſguardando a multidom dos meus pecados, que per fraqueza e certa malicia obrei, mas aa ſua infinda mizericordia, mos queira todos perdoar, e a leve a ſua gloria, e rogo a Virgem precioza Maria cujas preces ante o ſeu Bento Filho ſom ouvidas, que ella me ganhe delle tal graça, per que na hora da minha morte, o ſangue das ſuas precioſas chagas ſeja alimpamento da minha conſciencia."

Admiravel profissão de fé, expressa n'uma

"Inasmuch as all men are certain to die, and as at the time when death may come, the very judicious have usually so ordered their lives, that not having deferred their repentance on the ground that they might still have long to live, that last dread, from which nature lets no one go free, has found them ready, and so disposed that, cleansed from any slight faults, from which none save the very perfect are exempt, they have been able to appear before that awful Judge—of Whom the Holy Scripture makes mention in many places—with little fear and without any dread: some other men have had good intentions, but being under the yoke of possessions which, since they had not resisted as they ought, had gained mastery over them, as had certain vices, because they had not ordered their life as well as they ought, have been forced to leave instructions in writing, charging others, after their death, to labour hastily to do that which, through their own negligence and weakness, they had not accomplished in their lifetime; and because mournful death has ordered many and different ways of separating the soul from the body...I, the Infante Dom Fernando, son of the very high and powerful Prince Dom João of famous memory, King who was of Portugal...and of the very noble and excellent Queen Dona Felipa his wife, seeing and considering how fitting it would be for everyone to follow in the footsteps of those who have left us such a profitable example, and because I am not certain when I shall be required to pay the debt of death, or in what season, or in what guise....I make and order my spiritual and earthly Will.... Firstly I commend my soul to my Lord God, Who created it from nothing, that, not regarding the multitude of my sins which I, through weakness and a certain wickedness, have committed, He in His infinite mercy will deign to pardon them all, and will lead it to His glory, and I beseech the precious Virgin Mary, whose prayers before her Blessed Son are granted, that she will win me such grace that in the hour of my death the blood from His precious wounds shall cleanse my conscience."

This is indeed an admirable profession of faith, expressed in language of wondrous beauty!

linguagem tão bella! Depois, advinhando ou presentindo o seu futuro, determina:

"E mando que ſe eu morrer fora deſta terra, em eſta armada onde hora vou em companhia do Infante D. Henrique meu Irmaõ, que ſoterrem o meu corpo no Moſteiro dos Frades de S. Franciſco da Cidade de Cepta, e metaõ o meu corpo em hũ ataude de taboas bem juntas...e façamme minhas exequias...aſim como fariaõ a hũ ſimpres Cavaleiro e mais no.... E mando q̃ no dia q̃ me houverem de treſladar e trazer pera eſtes Reynos...e ſe per ventura o navio q́ me trouver chegar ao Algarve e ſe detever hi por tempo con-trario...no curem de tirar o meu corpo fora, nem fazer outra nehua deſpeza, mas como o navio chegar a Lisboa, ponhaõ o meu corpo no Moſteiro das Donas do Salvador...e dali me levem ao Moſteiro de Santa Maria da Vitoria, onde eſcolhi minha ſepultura, e eſto ſeja ſem nehua pompa, nem outra ſobeja deſpeza, mas aſim chamente, como levariaõ hũ ſimpres Cava-leiro, e ali me ponhaõ na Capella de ElRey meu Senhor e padre...."

Seguem-se innumeros legados, entre os quaes, como dissemos, os que deixa ao Convento d'Aviz. (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. I, pp. 501–514, ver tambem, Soares da Sylva, *Memorias delRey D. João o I*, t. IV, pp. 150–176; o texto é identico, mas a orthographia differente.) Succedeu ao Infante D. Fernando como Gover-nador do Mestrado, D. Pedro, Condestavel de Portugal, filho do Infante D. Pedro, que, como vimos nas nossas notas sobre a Infanta D. Izabel Duqueza de Borgonha, falleceu em Barcelona intitulando-se Rei de Aragão. As suas armas

"erão as quinas de Portugal ſobre o habito da Ordem, com a inſignia da Iarretera de Inglaterra; a que vulgarmẽte chamamos da Garrotea, & ao redor della eſta letra. *PAINE. POVR. IOIE*" (*Regra de Avîs*, 1631, fl. 12 v°).

Em seguida foi Governador do Mestrado o

Then, divining or foreseeing that death will over-take him in a foreign land, he goes on to say:

"And if I die outside this country, in this armada in which I am now about to set out in company with my brother the Infante Dom Henrique, I command that my body be buried in the monastery of the Brothers of St Francis in the City of Ceuta, and that my body be laid in a coffin of boards well put together...and that my funeral rites be celebrated as for an ordinary knight and nothing more.... And I command that at the time when they have to translate and convey me to these Kingdoms...and if by chance the ship that bears me reaches the Algarve and is detained there by contrary weather...they shall not trouble to take my body out, nor undertake any other charge, but when the ship reaches Lisbon, they shall lay my body in the Monastery of the Donas do Salvador (Ladies of Our Saviour) and shall bear me thence to the Monastery of Santa Maria da Vitoria, where I have chosen my tomb, and this shall be done without any pomp, or other excessive expense, but as plainly as if they bore an ordinary knight, and there they shall lay me in the Chapel of the King my lord and father...."

There follow the numerous legacies, among which are those to the Convent of Aviz (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. I, pp. 501–514, see also Soares da Sylva, *Memorias delRey D. João o I*, vol. IV, pp. 150–176; the text is the same but the spelling is different). The Infante Dom Fernando was succeeded as Gover-nor of the Order by Dom Pedro, the Constable of Portugal, son of the Infante Dom Pedro, and this Governor of Aviz died—as we saw in our notes on the Infanta Dona Izabel, Duchess of Burgundy—in Barcelona, calling himself King of Aragon. His arms

"were the *quinas* (escutcheons) of Portugal on the habit of the Order, with the insignia of the Garter of England, which we commonly call the *Garrotea* and surrounding it this legend: *PAINE. POVR. IOIE*" (*Regra de Avîs*, 1631, fl. 12 vo.).

The next Governor of the Order was Prince

Principe D. João, que em 1481 subiu ao throno, succedendo-lhe primeiro o seu filho o Principe D. Affonso, e depois da sua morte em 1491, o seu filho natural D. Jorge, que foi o ultimo Mestre d'Aviz. Como já dissemos (ver as *Regras* de Christo e S. Thiago) os Mestrados das Ordens fôram reunidos á Corôa em 1551.

Tendo a Ordem tido differentes nomes em Portugal, é pelo d'Aviz que se tornou conhecida.

"Embora os freires portugueses de Calátrava estivessem de facto separados da ordem de Castella, desde que esta se estabeleceu em Portugal, a separação de direito apenas no século XV se effectuou" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 181).

A esse respeito escreve Ruy de Pina (*Chronica do Senhor Rey D. Affonſo V*, p. 229):

"Os Embaxadores de Caſtella...requerêram em nome d'ElRey Dom Joam ho ſegundo, que entam reynava em Caſtella,...que os Meſtrados d'Avys, e de Santyago deſtes Reynos tornaſſem hum ha Ordem, e obedyencia de Callatrava, e o outro ha de Santyago de Caſtella, cujos membros foram, e que os Titulos ficaſſem, como eram, e as enlyçoēs ſe fizeſſem cá; mas as confirmaçooēs delles ſe ouveſſem pellos Superiores de Caſtella."

Passava-se isto em 1438, na minoridade de D. Affonso V. Sendo Regente o Infante D. Pedro, possivelmente em 1444, as Ordens Portuguezas d'Aviz e S. Thiago fôram definitivamente separadas das de Calatrava e d'Uclés, por uma bulla do papa Eugenio IV (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* p. 181). Alguns auctores teem escripto que a Ordem d'Aviz tinha já sido, de direito, separada da de Calatrava no reinado de D. João I, quando da visita feita a Aviz pelo Grão Mestre de Calatrava, D. Gonçalo Nunes de Guzmão, para confirmar a eleição do Mestre D. Fernão Rodrigues (Roiz) de Siqueira.

"ElRey Dom Ioão ò primeiro que então

João, who came to the throne in 1481, and was succeeded first by his son Prince Affonso; upon his death in 1491, the office passed to Dom João's natural son, Dom Jorge, who was the last Master of Aviz. As we have already said (see the *Regras* of Christ and St James (S. Thiago)) the Masterships of the Orders were incorporated in the Crown in 1551.

Though the Order had various names in Portugal, it was by that of Aviz that it was most generally known.

"Though the Portuguese brothers of Calatrava were in fact separated from the Castilian Order directly they were established in Portugal, the legal separation was not effected until the XVth century" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 181).

Ruy de Pina also refers to this matter (*Chronica do Senhor Rey D. Affonſo V*, p. 229):

"The Ambassadors of Castile...required in the name of King Juan II who was then reigning in Castile...that the Masterships of Aviz and Santiago (St James) in these Kingdoms should return, one to the Order and obedience of Calatrava and the other to that of St James of Castile, of which they were members, and that the titles should remain as they were, and that the elections should take place here; but that they should be confirmed by the Superiors of Castile."

This occurred in 1438, during the minority of Dom Affonso V; and while Dom Pedro was still Regent, possibly in 1444, the Portuguese Orders of Aviz and St James were definitely separated from those of Calatrava and Uclés by a bull issued by Pope Eugene IV (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* p. 181). Some writers state that the Order of Aviz had already been legally separated from that of Calatrava in the reign of Dom João I, at the time when the Grand Master of Calatrava, Dom Gonzalo Nunez de Guzman, visited Aviz to confirm the election of the Master Dom Fernão Rodrigues (Roiz) de Siqueira.

"King João I, who was then reigning, com-

Reynaua, mandou a dom Frey Fernão Roíz, que era Meſtre, o agazalhaſſe como a hoſpede; porem não como a ſuperior; nem lhe deixaſſe viſitar a Ordem, nẽ fazer couſa algũa, perque moſtraſſe reconhecerſelhe ſuperioridade. O que aſsi mandou fazer tomando fundamento de hũ Breue de Izenção, que ouue do Papa Eugenio IIII. per virtude do qual ſe deſunirão, & izentarão eſta Milicia, & a de Santiago, das de Caſtella; & ficarão ſomente ſogeitas â Sancta Sê Apoſtolica, que as tomou debaixo de ſua immediata protecção. Não ſe deu por ſatisfeito Dom Gonçallo Nunez de Guzmão com lhe dizerem, que auia eſta Bulla; antes pedio cõ muita inſtancia que lha moſtraſſem: o que não quizerão fazer por não parecer que lhe dauão obediencia...& ſaindo hũa menhã (sic) ſedo do Conuento, ouue a todos por excõmungados" (*Regra de Avîs*, 1631, fl. 10 v°).

Existiria no reinado de D. João I a bulla que isentava as Ordens Portuguezas das de Castella? Não crêmos: se a scena que relatámos teve logar, julgamos que foi um acto politico de D. João I para não reconhecer o Grão Mestre de Calatrava como chefe supremo da Ordem d'Aviz, o que se realisa perfeitamente após os longos annos de lucta com Castella, e a victoria de Portugal alcançada pelo *Mestre d'Aviz*. Ruy de Pina (*ob. cit.* pp. 320 e 321) não nos deixa duvidas que a separação das Ordens teve logar durante a regencia do Infante D. Pedro, pois diz-nos que os Embaixadores do Regente, Ruy da Cunha, Prior de Santa Maria de Guimarães, e D. João, Provincial do Carmo, trouxeram a bulla pela qual o Papa,

"aſſy ouve o Meeſtrado d'Avis deſtes Reinos por yſento do Meeſtrado de Callatrava, e o Meeſtrado de Santiago por yſento da Ordem d'Ucrés que ſam em Caſtella, a cuja obediencia de primeiro fundamento eram obrigados. E pôs aos Reis de Caſtella ſillencio perpetuo, com eſtreitas cenſuras e graves excomunhoẽs, ſe mais o contrairo requereſſem, como atée entam ſempre requereram. E certo eſta graça eſtimou muyto o Regente; porque ſabia que em vida d'ElRey

manded Dom Fernão Roiz, who was the Master, to receive him as a guest, but not as a superior, and not to let him visit the Order, or do anything, because that would show recognition of his superiority. This command was based on a Brief of Exemption that he had received from Pope Eugene IIII, by virtue of which this Order and that of Santiago were disunited and freed from those of Castile; and remained subject only to the Holy Apostolic See, which took them under its immediate protection. Dom Gonçallo Nunez de Guzman was not satisfied when they told him about this Bull, and requested very insistently to be shown it: which they were unwilling to do, because they did not wish to seem to obey him...and going out one morning early from the Convent, he excommunicated them all" (*Regra de Avîs*, 1631, fl. 10 vo.).

We do not believe that any bull separating the Portuguese from the Castilian Orders existed in Dom João I's reign; but if the episode described above did take place, we should think that Dom João I resolved on this course of action to avoid recognising the Grand Master of Calatrava as the supreme head of the Order of Aviz, which is perfectly intelligible after the long years of war with Castile and the victory gained by the *Mestre d'Aviz* for Portugal. Ruy de Pina (*op. cit.* pp. 320 and 321) leaves us with no doubt that the separation of the Orders took effect during the Infante Dom Pedro's Regency, for he tells us that the Regent's ambassadors, Ruy da Cunha, Prior of Santa Maria de Guimarães, and Dom João, Provincial of the Carmelite Order, brought the bull by which the Pope

"made the Order of Aviz in these Kingdoms exempt from the Order of Calatrava, and the Order of St James exempt from the Order of Uclés, which are in Castile, and to them the Portuguese Orders were originally constrained to render obedience. And he imposed perpetual silence on the Kings of Castile with severe censures and serious excommunications, if they ever again demanded the contrary, as they had always demanded it until then. And the Regent

Dom Joham ſeu Padre, e d'ElRey Dom Duarte ſeu Irmaaõ, com quanto yſto ſempre deſejaram, e requereram com rezooẽs e cauſas muy evydentes e ſuſtanciaaes, nunca os Papas que naquelles tempos foram, em caſo que lhes pareceſſe razam, com receos d'agravos, e ymportunaçooẽs dos Reis de Caſtella o ouſaram outorgar, e deſpois ateegora ſempre yſſo eſteve e eſtaa em pacifico efeito."

Como as outras duas Ordens Militares, gozava a Ordem d'Aviz de importantes rendimentos e de muitos privilegios: o D. Prior Mór era o primeiro personagem depois do Mestre. Não podemos, n'estas notas, entrar em mais detalhes ácerca da Ordem d'Aviz, que, como as outras, acabou em 1834. Depois d'esse anno passou a ser uma Ordem honorifica que os Reis de Portugal concederam, mas só a militares, até Outubro de 1910.

As tres Ordens Militares, Christo, S. Thiago e Aviz, pertencem á historia de Portugal. Cada uma, póde dizer-se, teve um papel differente. A Ordem de Christo foi a herdeira dos Templarios, e depois, nos seculos XV e XVI, n'uma nova cruzada, auxiliou de tal fórma as navegações e descobrimentos, que sem ella, talvez as paginas da nossa historia que mais tornaram conhecido e celebre o nome de Portugal, não teriam sido escriptas. A Ordem de S. Thiago, como vimos, contribuiu poderosamente pela sua acção, para a fundação da nossa nacionalidade, especialmente na cruzada contra os Mouros, libertando o solo da Patria do dominio dos Sarracenos. A Ordem d'Aviz, nos primeiros tempos, desempenhou um identico papel na lucta contra os infieis, e na fundação da nacionalidade. Mas, se as outras Ordens tambem combateram pela independencia de Portugal nos fins do seculo XIV e principios do seculo XV, a Ordem d'Aviz esteve, sem duvida, na vanguarda dos Portuguezes que pugnavam pela independencia. Foi D. João, o *Mestre d'Aviz*, que venceu o inimigo; foi D. João I que fundou a admiravel dynastia que tomou o nome d'Aviz. Com esse nome, reina ella em Portugal

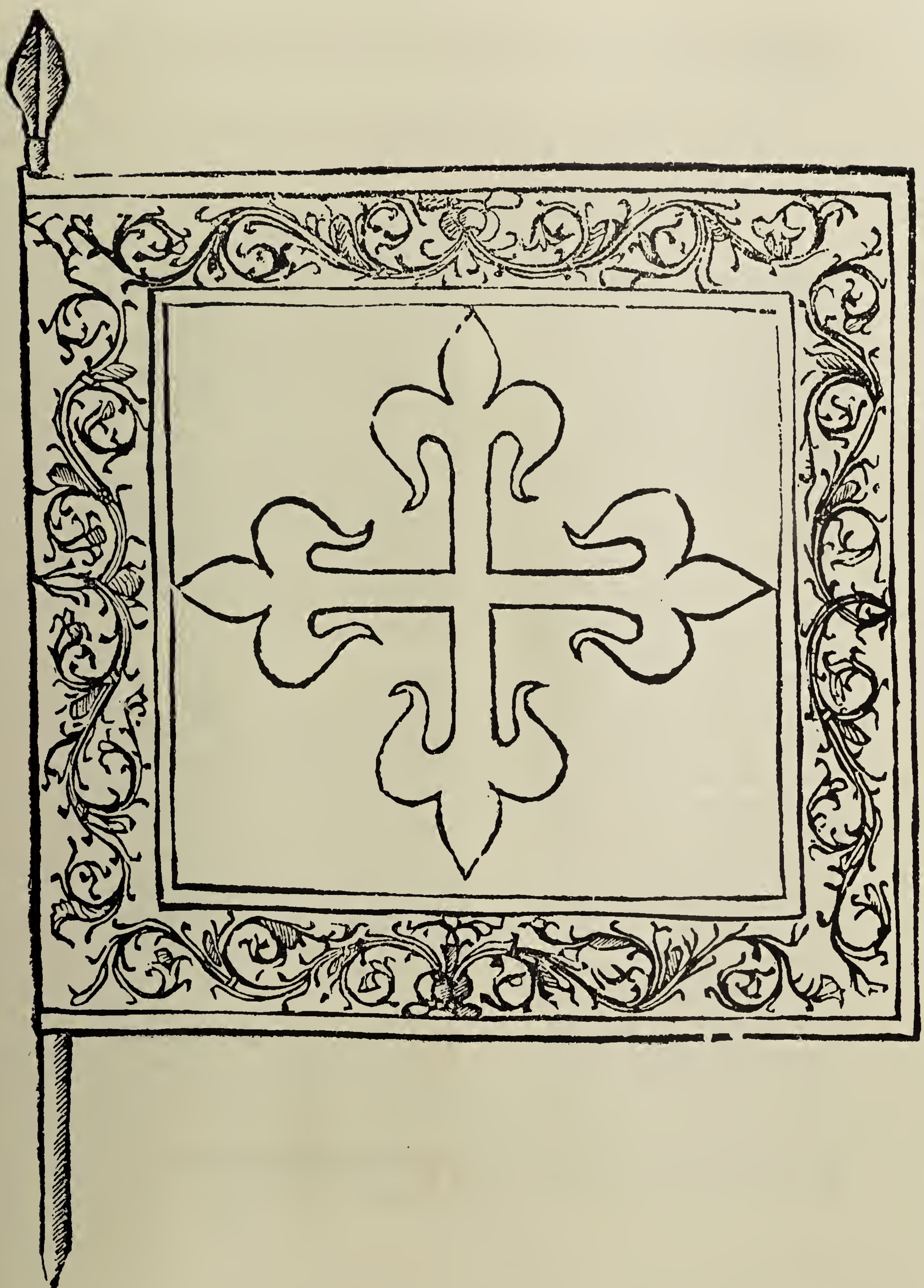
certainly valued this favour very highly, for he knew that during the life of King João his father, and of King Duarte his brother, although they had always desired and demanded this with very evident and substantial reasons, the Popes in those times, though it may have seemed just to them, were so afraid of complaints and importunities from the Kings of Castile, that they never dared to accord it; and since then until now this always has been and is peacefully in effect."

Like the other two Military Orders, the Order of Aviz had important revenues and enjoyed many privileges: the *Dom Prior Mór* was the person highest in authority after the Master. In these notes we are unable to enter into further details about the Order of Aviz, which, like the others, was abolished in 1834. After that year it became a decoration of honour conferred upon military men by the Kings of Portugal until 1910.

The three Military Orders of Christ, St James and Aviz are important factors in the history of Portugal. Each had a different part to play. The Order of Christ was heir to the Templars, and afterwards, in the new Crusade carried on in the XVth and XVIth centuries, it helped on the navigations and discoveries so greatly, that without it those pages in our history that have done most to render famous the name of Portugal might not have been written. The Order of St James had an important share in the foundation of our nationality, especially in the Crusade against the Moors, freeing our native land from Saracen dominion. The Order of Aviz played a similar part in founding the nation in early times and in the struggle against the infidels. But while the other Orders also fought for the independence of Portugal at the end of the XIVth and beginning of the XVth centuries, that of Aviz certainly took the lead. It was Dom João I, the *Mestre d'Aviz*, who vanquished the enemy, it was Dom João I who founded the splendid dynasty that adopted the name of Aviz. Under this name it reigned in Portugal for nearly two hundred years,



99 Frontispicio da *Regra da Ordem d'Aviz*. Frontispiece of the *Regra da Ordem d'Aviz*. Almeirim, 1516



100 O pendão da Ordem d'Aviz no livro da *Regra da Ordem d'Aviz*
The flag of the Order of Aviz from the *Regra da Ordem d'Aviz*
Almeirim, 1516

Ha rregra de sam bento. ⁊ a cavalaria da ordẽ da vijs. fo. I

¶ Como ouue começo ha rregra do nosso padre Sam bẽto. E assy a caualaria da ordẽ da vijs ⁊ em q̃ tempo foy fundado ho cõuento.

DEuees saber muyto hõrrados caualleyros ⁊ deuotos yrmãos q̃ ho almifico padre Sam bẽto: foy de nobre geraçam. E natural da prouincia de Nursia q̃ he na ytalia: nom lõge de Roma. Estando na dita cidade studando as artes liberaeẽs: deyxou ho mundo ⁊ entrou em rreligiã. ⁊ rrecebeo ho abito monacal da ordẽ de sam Basilio da maão do mõge sam Romão. No ãno do senhor de quatro çẽtos nouẽta ⁊ quatro. E despois viuẽdo muy santamente fez sua rregra. ⁊ edificou ho moesteyro de Casino: q̃ se chama de sam Johã baptista. Aq̃l rregra confirmou ho papa Gregorio primeiro viueo ho santo barão muy santamẽte. ⁊ deu sua alma a ds. No anno do senhor: de quinhẽtos: quarẽta. ⁊ dous aos vinte ⁊ huũ dias de março: q̃ era vespera de pascoa. No mõte Casino no dicto moesteyro: de sam Joham baptista. fez nosso señor por elle: assy em sua vida: como despois de sua morte: muytos milagres: como per sam Gregorio no segundo liuro dos seus dialagos ⁊ outros que delle scriuerão: mais largamente se contem.

CRecco ha sua ordẽ tanto: asy no spũal como no temporal: que ho papa Johane viçesimo segũdo achou pellos liuros dos summos põtifices seus anteçessores: ate seu tẽpo. Que nesta ordẽ ouue abbades principaeẽs: quinze mil. ⁊ setenta.

BIspos. ⁊ arçebisp°. mil quatroçentos: setenta ⁊ quatro.

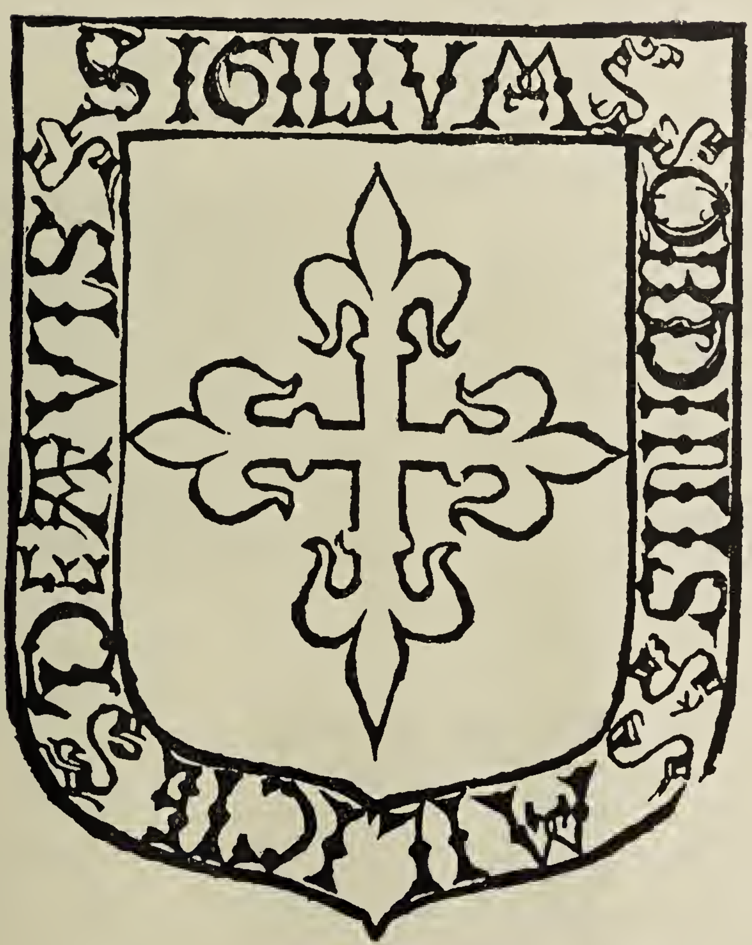
CArdeaeẽs. çento: oytẽta. ⁊ tres.

a

101 Primeira pagina da *Regra da Ordem d'Aviz*
First page of text from the *Regra da Ordem d'Aviz*
Almeirim, 1516

fo. LIII

O Meeſtre.



¶ Dom pꝛioꝛ dauys Johãnes petri. Anrrique anrriquez
ayres de ſouſa. Pedro de gouuea.

¶ Eſta obꝛa foy empꝛimida em Almerim
per Hermam de campos alemã Bombar
deyro del Rey noſſo ſenhoꝛ. em o anno de
mil quinhentos ⁊ dezaſeys. E ſe acabou a
treze dias do mes dabꝛil.

102 Sello da Ordem e colophon da *Regra da Ordem d'Aviz*
Seal of the Order and colophon of the *Regra da Ordem d'Aviz*
Almeirim, 1516



103 Lettras capitaes da *Regra da Ordem d'Aviz*
Initials from the *Regra da Ordem d'Aviz*
Almeirim, 1516

perto de dois seculos, de 1385 a 1580, e desde D. João I até D. João II, quer dizer durante quasi um seculo, as quinas de Portugal assentavam, no escudo Real, sobre a Cruz d'Aviz. Essas armas são as que vêmos no manuscripto *De Bello Septensi* de Mattheus de Pisano. Se as Ordens Militares estão intimamente ligadas á nossa historia, a Ordem d'Aviz deu um nome celebre e illustre a dois seculos d'essa historia. Na administração e governo das Ordens, tiveram logar abusos, erros, irregularidades, bem o sabemos. Mas quando é que os não houve na historia? Pesados na balança, não valem mais os serviços prestados á Patria? Se o ouro e a riqueza enfraqueceram o vigor, e se a paz e o ocio dissolveram os costumes, esboroando a disciplina religiosa e militar, as Ordens Militares podiam, não obstante, olhar com orgulho para o passado, para a lucta pela Fé de Christo, para a fundação da nacionalidade e independencia de Portugal! E n'essa raça d'Aviz, vêmos, com D. João I á frente, rodeado da sua "alta geração," os Reis que levaram Portugal ao apogeo da gloria. Esta *Regra da Ordem d'Aviz*, mandada imprimir em 1516 pelo Senhor D. Jorge, filho do Principe Perfeito, no vigesimo primeiro anno do reinado do Venturoso, é para nós uma reliquia d'esse passado. A dynastia d'Aviz, que nos conduziu á Africa, onde D. João I foi levar a semente do nosso Imperio a Ceuta, morre egualmente em Africa. Mas D. João I, Rei Cavalleiro, fundador da dynastia d'Aviz, Senhor de Ceuta, terá, no seu tumulo da Batalha, estremecido com orgulho no descendente, El-Rei D. Sebastião—o ultimo Rei Cavalleiro—que em Alcacer Quibir foi derramar o sangue d'Aviz, pela mesma causa que levára o *Mestre d'Aviz* a Ceuta—a Fé em Deus—a Honra de Portugal!

from 1385 to 1580; and from Dom João I until Dom João II, that is for nearly a century, the five escutcheons of Portugal in the Royal coat of arms were set upon the Cross of Aviz. It is this coat of arms that we find in our manuscript of Mattheus de Pisano's *De Bello Septensi.* If the Military Orders are intimately bound up with our history, the Order of Aviz gave a famous name to two centuries of that history. There were abuses, mistakes and irregularities, we know it well. But when in history has it not been so? And when all is weighed in the balance, does not patriotic service outweigh the rest? Though gold and riches sapped their strength, though peace and idleness weakened their traditions and undermined religious and military discipline, yet the Military Orders could look back with pride upon the past, upon the struggle for the Christian Faith, upon the foundation of Portuguese nationality and independence! And in this dynasty of Aviz we find, with Dom João I in the vanguard and surrounded by his "right Royal race," the Kings who raised Portugal to the apogee of her glory. For us this *Regra da Ordem d'Aviz*, printed in 1516 by command of Dom Jorge, son of the Perfect Prince, in the twenty-first year of the reign of Dom Manuel the Fortunate, is a precious relic of the past. The dynasty of Aviz, which took us to Africa, where Dom João planted the seed of our Empire at Ceuta, died in Africa too. But Dom João I, the knightly King, the founder of the dynasty of Aviz, the Lord of Ceuta, must, in his tomb at Batalha, have trembled with pride in his descendant, King Sebastião—the last of the knightly Kings—who shed the blood of Aviz at Alcacer Quibir in the same cause as had led his famous ancestor to Ceuta—for Faith in God and the Honour of Portugal!



Cancio-
neiro geral.

Cum preuilegio.

104 Folha do rosto do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende
Title-page of Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral*
Almeirim & Lisboa, 1516

18 GARCIA DE RESENDE, CANCIONEIRO GERAL.
Almeirim e Lisboa, Hermão de Campos, 1516.

Cancio⸗ | neiro geral | Cum preuilegio.

[fl. 1 vo.] Tauoada de todalas coufas que eftam nefte lyuro | affy em ordẽ como nele vam ⁊ nas coufas de folguar | acharam hum fynal com o efte ✠. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Prologuo de garçia de rrefende deregido ao prinçepe noffo fenhor. | [...]

[fl. 4 vo.] *Escudo das Armas Reaes, em posição obliqua, com um grypho no timbre, e enquadrado por tarjas ornadas de cupidos, aves e folhagem; a tarja inferior tem ao meio a Esphera armillar com a legenda ao redor*[1]*:* SPES MEA . IN . DEO . ME[O]

fl. I. O cuydar ⁊ fofpirar | PRegunta que fez Iorge da filueyra a Nuno pereira por q̃ hyndo | ambos por hũ camynho Vynha Nuno pereyra muyto cuydo | fo. ⁊ Iorge da filueyra doutra parte dando muytos fofpiros fen | do ambos feruidores da fenhora dona lyanor da filua. [...]

fl. CCXXVII vo. [...] Deo graçias.

[fl. 1] ACabouffe de empremyr o cançyo⸗ | neyro geerall. Com preuilegio do | muyto alto ⁊ muyto poderofo Rey | dom Manuell noffo fenhor. Que | nenhũa peffoa o poffa empremir nẽ | troua que nelle vaa. fob pena de dozentos cruzad⁹ | ⁊ mais perder todollos volumes que fizer. Nem | menos o poderam trazer defora do reyno a ven⸗ | der ahynda q̃ la foffe fejto fo a mefma pena atras | efcrita. Foy ordenado ⁊ emẽdado por Garçia de | Reefende fidalguo da cafa delRey noffo fenhor | ⁊ efcriuam da fazenda do prinçipe. Começoufe | em almeyrym ⁊ acaboufena muyto nobre ⁊ fem⸗ | pre leall çidade de Lixboa. Per Hermã de cãpos | alemã bõbardeyro delrey noffo fenhor ⁊ empre⸗ | mjdor. Aos xxviij. dias de fetẽbro da era de noffo | fenhor Iefu crifto de mil ⁊ quynhent⁹ ⁊ xvi anos.

[fl. 1 vo.] *Brasão de armas dos Resendes com uma cabra no timbre, enquadrado por tarjas ornadas de cupidos, aves e folhagem, sendo a superior e a esquerda eguaes ás do brasão de (fl. 4 vo.)*[2].

Folio—[4], CCXXVII, [1] folhas a 2 e 3 columnas—numero de linhas variada—carac⸗téres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: 4 folhas sem paginação das quaes a 2ª e a 3ª são assignadas AAA e AAAA respectivamente; a, 6 folhas; b–z, 8 folhas cada caderno; A–E, 8 folhas cada caderno; F, 6 folhas; total de 232 folhas; as folhas b 1, d 1 e h 3 não teem assignaturas; as folhas h 1, h 2 e h 4 teem assignaturas erradas f j, f ij e f iiij.

Encadernação de carneira.

Folio—[4], CCXXVII, [1] leaves—2 and 3 columns—number of lines varied—Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: 4 unnumbered leaves of which the second and third are signed AAA and AAAA respectively; a, 6 leaves; b–z, each 8 leaves; A–E, each 8 leaves; F, 6 leaves; total 232 leaves; leaves b 1, d 1 and h 3 have no signature marks; h 1, h 2 and h 4 are wrongly marked f j, f ij and f iiij.

Calf binding.

[1] *Royal Arms of Portugal in a slanting position, with the griffin crest, within a border of cupids, birds and foliage; the border at the foot of the page has the armillary Sphere in the centre with the surrounding legend:*

[2] *Arms of the Resendes with a goat crest, within a border of cupids, birds and foliage; the cuts at the top and on the left are the same as appear on (fl. 4 vo.).*

O *Cancioneiro Geral* colligido por Garcia de Resende, e impresso por Hermão de Campos em 1516, é indubitavelmente uma das obras mais importantes da nossa litteratura, o melhor quadro da vida palaciana n'aquelles tempos, e a fonte mais completa de documentação historica de uma epocha cheia de interesse.

São muito raros os exemplares do *Cancioneiro.* Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 440) referem-se a seis exemplares em Portugal: tres na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e um exemplar em cada uma das seguintes Bibliothecas: Ajuda, Evora, e Universidade de Coimbra. Innocencio (*Diccionario*, t. II, pp. 17–25 e t. IX, segundo do *Supplemento*, p. 15) menciona outros exemplares, entre os quaes o que hoje se encontra na nossa Bibliotheca. No Museu Britannico ha tambem um magnifico exemplar. Tito de Noronha (*Curiosidades Bibliographicas—Additamento ao Cancioneiro Geral*, p. 79) indica a existencia de doze exemplares do *Cancioneiro Geral.* N'esse numero está apenas mencionado um exemplar em Hespanha, o da Bibliotheca da Universidade de Valencia. Outros certamente haverá n'aquelle paiz, e, como argumento, diremos que ha pouco tempo nos foi d'alli offerecida a compra de um *Cancioneiro Geral*, que tivemos entre mãos, e que estava quasi perfeito.

Descrevem o livro, entre outros auctores, Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 328); Ribeiro dos Santos (*Memoria sobre a Historia da Typographia Portugueza do seculo* XVI, p. 83), que traz errada a data da impressão do *Cancioneiro Geral*, pois diz ter sahido dos prelos de Hermão de Campos em 1515; Tito de Noronha (*O Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende*); Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 487); Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 138); Innocencio (*ob. cit.*); Anselmo e Proença (*ob. cit.*). Existem tambem, uma reimpressão critica do *Cancioneiro*

The *Cancioneiro Geral*, a collection of poems selected by Garcia de Resende and printed by Hermão de Campos in 1516, is undoubtedly one of the most important works in Portuguese literature, and is a fount of historical documentation for the study of Court life during a period of absorbing interest.

Copies of the *Cancioneiro* are very rare. Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 440) mention six copies in Portugal: three in the Lisbon National Library and one in each of the following Libraries: Ajuda, Evora and Coimbra University. Innocencio (*Diccionario*, vol. II, pp. 17–25 and vol. IX (second of the *Supplement*), p. 15) refers to various other copies, among which is the one now in our Library. There is also a magnificent copy in the British Museum. Tito de Noronha (*Curiosidades Bibliographicas—Additamento ao Cancioneiro Geral*, p. 79) indicates the existence of twelve copies of the *Cancioneiro Geral*, and locates only one of this number in Spain, at the Valencia University Library. There certainly must be other copies in Spain, and, in support of this, we would say that a short time ago we were given the option of buying an almost perfect copy from that country.

Among those who give bibliographical descriptions of the book are Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 328); Ribeiro dos Santos (*Memoria sobre a Historia da Typographia Portugueza do seculo* XVI, p. 83) who gives the date of the *Cancioneiro's* publication incorrectly, saying it was issued by Hermão de Campos in 1515; Tito de Noronha (*O Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende*); Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 487); Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 138); Innocencio (*op. cit.*); and Anselmo and Proença (*op. cit.*). There are also a critical reimpression of

Geral feita em Stuttgart pelo Dr E. H. von Kausler (tres volumes, 1846–1848–1852), uma bella edição fac-simile devida a Archer Huntington (1904), e a edição da imprensa da Universidade de Coimbra publicada sob a direcção do Dr A. J. Gonçalves Guimarães (cinco volumes, 1910–1919).

Quanto á obra colleccionada e reunida por Garcia de Resende, são tantos os auctores que sobre ella escreveram, que nem uma lista tentamos fazer. Mas a muitos teremos de recorrer para estas modestas notas, pois o *Cancioneiro Geral* é uma fonte, á qual todos os que se occupam d'essa epocha teem de ir beber.

O compilador do *Cancioneiro Geral* é uma figura alegre. Nasceu Garcia de Resende cerca de 1470 em Evora, sendo filho de Francisco de Resende e de Beatriz Bóta (appellido que hoje se chama Bôto). Diz-nos Anselmo Braamcamp Freire (*Critica e Historia—Garcia de Resende*, p. 35) que em 1490 elle entrou para a casa do Principe D. Affonso, filho de D. João II, e que em 1491 o Monarcha o escolheu para *moço da escrevaninha*.

"Ao Moço da Escrevaninha competia ter sempre na mão, em quanto D. João II escrevia, uma penna molhada e pronta para substituir aquella de que elle se estava servindo; sucedia por tanto ver Resende tudo quanto seu amo assentava no papel" (Anselmo Braamcamp Freire, *loc. cit.*).

Viveu na intimidade do Principe Perfeito, sendo innumeras as provas de amizade e inteira confiança que recebeu do Soberano, e que o proprio Resende relata na sua *Vida ⁊ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, 1545. Essa intimidade com o grande Rei bastaria para tornar Garcia de Resende um personagem extremamente interessante, pois, na privança de D. João II, seguramente viu, apprendeu, e soube muita cousa. Conta-nos elle um facto, que mostra não só o procedimento do Soberano—tão habil como in-

the *Cancioneiro Geral* published by Dr E. H. von Kausler at Stuttgart (three volumes, 1846–1848–1852), a beautiful facsimile edition which we owe to Archer Huntington (1904), and an edition published under the direction of Dr A. J. Gonçalves Guimarães, at the University press of Coimbra (five volumes, 1910–1919).

As for the work itself, the *Cancioneiro Geral* is a fountain at which all who would study that period must drink, and so many authors have written about it that we shall not attempt to make a complete list, though we shall have to consult many of them in the course of these modest notes.

The compiler of the *Cancioneiro Geral* is a joyous figure. Garcia de Resende was born at Evora, in about 1470, and was the son of Francisco de Resende and Beatriz Bóta, or Bôto as she would be called nowadays. Anselmo Braamcamp Freire (*Critica e Historia—Garcia de Resende*, p. 35) tells us that Garcia de Resende entered the household of Prince Affonso, son of Dom João II, in 1490, and that the Monarch chose him for his *moço da escrevaninha* in 1491.

"It was incumbent upon the *Moço da Escrevaninha* to stand by Dom João II when he was writing and to keep a pen in his hand, ready dipped in ink to replace the one the King was using; it happened therefore that Resende saw everything his master committed to paper" (Anselmo Braamcamp Freire, *loc. cit.*).

He was intimately associated with the Perfect Prince and received many proofs of the Sovereign's confidence and friendship, some of which Resende himself enumerates in his *Vida ⁊ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, 1545. This intimacy with the great King would in itself be enough to make Garcia de Resende an extremely interesting personality, for he must have learnt the inner history of many things from what he saw and heard as Dom João II's trusted servant. Resende gives instances of the Sovereign's able and intelligent methods of procedure, and shows at the

telligente—mas o conhecimento que o *moço da escrevaninha* tinha do Monarcha. Diz o chronista que D. João II,

"pollos grandes defejos que tinha de os acre- centar (os seus reinos) daua muyto poucas coufas da coroa:...era tambem muy grande eftuciofo ꝛ aqueredor: antre outras muytas vertudes tinha efta fingular: tanto cuydado de quem no bem feruia que fem lhe pedir merce lha fazia ꝛ trazia fecretamente hum liuro efcripto por fua mão que algum nunca ho foube fe nam depois de fua morte: no qual tinha feyto todolos homẽs a que mays obriguado era cadahum em fua cantidade em capitollos que dezião. Foam me tem feitos taes feruiços: lẽbrarme ha quãdo coufa vaguar que nelle cayba de o prouer. E quãdo as coufas vagauam ꝛ lhas vinhã pedir dizia. Iaa a tenho dada: ꝛ então fecretamente via no liuro as peffoas da calidade da tal coufa ꝛ aquella a que mais obrigaçam tinha a daua: ꝛ aas vezes eftando as tais peffoas fora do reyno em feu feruiço lhe mandaua ca fazer feus defpachos: de que muytos fe efpantauam: ꝛ foy fingular vertude em que todollos boõs tinham muyta efperança de feus feruiços: ꝛ efte liuro tenho eu em meu poder" (Garcia de Resende, *ob. cit.*, *Feyções: virtudes, cuftumes ꝛ manhas del rey dom Ioam o fegundo que fancta gloria aja*).

Qual terá sido o destino d'esse mais do que precioso livro de D. João II, "efcripto por fua mão," que, depois da morte do Principe Per- feito, pertenceu a Garcia de Resende? Que perda irreparavel para a historia do Monarcha e para o estudo do seu caracter! Diz ainda Resende (*loc. cit.*), que D. João II

"tinha outro liuro em fegredo em que tinha efcripto todollos homẽs autos pera delles fe feruir nas coufas pera que eram: cada hũs em feus titulos/hũs pera capitães de coufas grandes ꝛ outros doutras fomenos/outros para embayxa- dores: ꝛ affi pera enuiadeiros: ꝛ tambem pera todollos carregos ꝛ coufas neceffarias...ꝛ fem

same time in what high favour the *moço da escrevaninha* was held, when he relates that Dom João II

"gave away very few of the Crown possessions because he was greatly desirous to add to his kingdoms...he was also very astute and thrifty: among many other virtues he had this singularity: he was so mindful of those who served him well, that he rewarded them without waiting for them to ask, and he secretly kept a book written in his own hand, about which no one knew until after his death, where he inscribed all those men to whom he was most indebted, each in his own category, in chapters that said: 'Such a one has done me such and such service: I must remember when anything falls vacant that it is his turn to fill the vacancy.' And when posts fell vacant and they came to beg them of him, he used to say: 'I have already bestowed it'; and then he used secretly to look up the persons fitted to hold that position, in his book, and would bestow it upon the one to whom he was the most indebted; and sometimes, if such persons were out of the kingdom on his service, he had posts given them here, at which many were astonished. It was a singular virtue, which caused all good subjects to have great hope from their services; and this book is now in my pos- session" (Garcia de Resende, *op. cit. Feyções: virtudes, cuftumes ꝛ manhas del rey dom Ioam o fegundo que fancta gloria aja*).

One wonders what can have happened to this precious book written in Dom João II's own hand, which passed into Garcia de Resende's keeping after the death of the Perfect Prince. It is an irreparable loss for the study of the Monarch's character and history! Resende (*loc. cit.*) tells us further that Dom João II

"kept another book in secret where he had written down the names of all the most able men so that he could make use of them in their different spheres, all under their proper headings, some to captain great enterprises, others to carry out undertakings of less import, others to be ambassadors and likewise envoys, and so on for all the necessary charges and duties...and without

falar a alguem efcolhia ho que milhor lhe parecia ꝛ affi era fempre muyto bem feruido."

E accrescenta com conhecimento de causa:

"Foy defenuolto ꝛ muy manhofo em todallas boas manhas que hum prĩcipe deue ter."

Serviu o seu Senhor até á sua morte em 1495, á qual assistiu: "ꝛ eu Garcia de refende que a tudo fuy prefẽte por dormir em fua camara ꝛ nunca fayr dahi" (Garcia de Resende, *ob. cit.* fl. cxxii vº). Tem razão Anselmo Braamcamp Freire ao escrever que o *moço da escrevaninha* foi dos que sinceramente choraram D. João II, e que

"ninguem pode acusar Garcia de Resende de ingrato. Na sua *Vida de D. João II*, a afeição, a saudade, a gratidão, a admiração, atinjem o entu-siasmo, tanto que tornam até, em certos casos, as suas afirmações bastante suspeitas de parciaes" (*ob. cit.* p. 37).

Depois, em 1498, acompanhou El-Rei D. Manuel a Castella, viagem que elle descreveu n'um capitulo, *A entrada del rey dom Manoel em Caftella*, que foi impresso junto á sua *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o fegundo*, 1545. Mais tarde, fez parte, como secretario, da celebre e sumptuosa Embaixada enviada por D. Manuel ao Papa Leão X.

"Cõ efta ẽbaixada partio Triftão da cunha de Lisboa ꝑ már, indo cõ elle por açeffores os doutores Diogo pachequo, & Ioã de faria, & por Secretairo Garçia de refende" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, Parte III, cap. LV, fl. 99 vº).

N'essa Embaixada foi levado, como um dos presentes que o Venturoso mandava ao Ponti-fice, o famoso elephante, que, póde dizer-se, despertou a curiosidade, não sómente da cidade eterna, mas da Europa. Era seu guarda "Nicolao de faria eftribeiro pequeno delRei" (Damião de Goes, *loc. cit.*). Resende refere-se ao elephante na sua *Mifcellanea*, 1554 (fl. xv), pois escreve:

consulting anyone, he used to choose whoever seemed best to him, and thus he was always very well served."

And he adds very rightly:

"He was versed and very skilful in all the accomplishments that are becoming in a prince."

The chronicler served his lord until the death of the latter in 1495, and was there on that occa-sion: "and I, Garcia de Resende, who witnessed everything, because I slept in his bed-chamber and never went out from there" (Garcia de Resende, *op. cit.* fl. cxxii vo.). Anselmo Braam-camp Freire is right when he says that the *moço da escrevaninha* was one of those who mourned Dom João II most sincerely, and that

"no one can accuse Garcia de Resende of in-gratitude. In his *Life of Dom João II*, affection, regret, gratitude and admiration reach such heights that in some cases his statements are open to the suspicion of partiality" (*op. cit.* p. 37).

Afterwards, in 1498, Resende accompanied King Manuel to Castile, a journey which he described in a chapter called *A entrada del rey dom Manoel em Caftella*, which was printed together with his *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o fegundo* in 1545. Later, he was included as secretary in the famous and sumptuous embassy sent by Dom Manuel to Pope Leo X.

"Tristão da Cunha set out with this embassy from Lisbon by sea, the doctors Diogo Pacheco and Joã de Faria went with him as counsellors, and Garcia de Resende as secretary" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel,* Part III, chap. LV, fl. 99 vo.).

One of the presents sent by King Manuel to the Pope was the famous elephant, which may be said to have awakened the curiosity not only of Rome, but of all Europe. The elephant, whose keeper was "Nicolao de Faria *eftribeiro pequeno* (equerry) to the King" (Damião de Goes, *loc. cit.*), is mentioned by Resende in his *Mifcellanea*, 1554 (fl. xv):

"Vijmos caa vijr elefantes
outras beſtas ſemelhantes
trazer da india per mar
por mar has vijmos mãdar
a Roma muy triumphães."

Tudo o que se passou com o elephante deve ter divertido o genio galhofeiro de Resende que tanto gostava de rir, e não ha duvida que a "beſta da India" teve em Roma uma recepção "muy triumphãte."

"Le pape lui fit établir un logement au Belvédère...un chambellan pontifical, Gio. Batta dell' Aquilla fut commis à sa garde....Quand il fut mort d'une angine en 1516, Raphaël dut faire son portrait en grandeur naturelle sur un mur du Vatican et une inscription rappela l'admiration dont il avait été l'objet. Une auberge du Borgo prit son nom pour enseigne 'Osteria del Liophante' et une rue s'appela *Del Elefante*" (E. Rodocanachi, *Rome au temps de Jules II et de Léon X*, p. 320).

Em nota dá-nos Rodocanachi o epitaphio do elephante, curioso por mencionar Raphael, e que reproduzimos:

VIXIT ANNOS VII
OBIIT ANGINAE MORBO
ALTITVDO ERAT PALMORVM XII
RAPHAEL VRBINUS QVOD NATVRA ASTVLERAT
ARTE RESTITVIT.

Resende, que gostava de rir e folgar, terá apreciado os episodios da vida do elephante offerecido por D. Manuel a Leão X, certamente o mais famoso da sua especie, na historia dos pachydermes, pois alem das honras que lhe fôram prestadas, de existir uma bibliographia a seu respeito (ver Rodocanachi, *ob. cit.* pp. 319 e 320), de Resende e Goes—entre outros—lhe fazerem, como vimos, referencias especiaes, foi immortalisado pelo pincel do genial Raphael! Feliz elephante!

"Durante a sua estada em Roma havia Garcia de Resende alcançado de Leão X a bula

"We have seen elephants come here,
and other similar beasts
brought from India by sea;
and we have seen them sent by sea
to Rome in great triumph."

All that happened in connection with the elephant must have been highly diverting to the genial Resende; and there is no doubt that the "beast from India" did receive a most triumphant reception in Rome.

"Le pape lui fit établir un logement au Belvédère...un chambellan pontifical, Gio. Batta dell' Aquilla fut commis à sa garde....Quand il fut mort d'une angine en 1516, Raphaël dut faire son portrait en grandeur naturelle sur un mur du Vatican et une inscription rappela l'admiration dont il avait été l'objet. Une auberge du Borgo prit son nom pour enseigne 'Osteria del Liophante' et une rue s'appela *Del Elefante*" (E. Rodocanachi, *Rome au temps de Jules II et de Léon X*, p. 320).

Rodocanachi gives the elephant's epitaph in a footnote; it is curious, for it mentions Raphael, so we transcribe it:

VIXIT ANNOS VII
OBIIT ANGINAE MORBO
ALTITVDO ERAT PALMORVM XII
RAPHAEL VRBINUS QVOD NATVRA ASTVLERAT
ARTE RESTITVIT.

Resende, who was such a lover of laughter and merriment, must have delighted in the elephant's eventful life-story, and certainly the animal sent by Dom Manuel to Leo X was the most famous of his species and holds a very high place in the history of pachyderms, for he was greatly honoured in Rome, and achieved the distinction of having a regular library written about him (Rodocanachi, *op. cit.* pp. 319–320); as we have seen, Resende and Goes, among others, made special references to him, but above all, he was immortalised by Raphael! Happy elephant!

"During his stay in Rome, Garcia de Resende had obtained from Leo X the bull *Quanto*

Quanto frequentius, de 11 de abril de 1514, con-cedendo induljencias a quem, visitando o Espinheiro nos dias das festas de nossa Senhora, diante de Sua imajem, rezasse por alma delle e de seus defuntos" (Anselmo Braamcamp Freire, *ob. cit.* p. 39).

Pelo colophon do *Cancioneiro Geral* vêmos que em 1516 o nosso auctor já desempenhava outros cargos na côrte, pois lê-se, "Foy ordenado ꝛ emẽdado por Garçia de Reeſende fidalguo da caſa del Rey noſſo ſenhor ꝛ eſcriuam da fazenda do prinçipe." Exerceu esse logar de escrivão da fazenda junto do Principe D. João, continuando a desempenhar as mesmas funcções junto de D. João III, depois do fallecimento de D. Manuel em 1521. Em 1533, terminou Resende a sua *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, que só foi impressa em 1545, obra rarissima, da qual nos occuparemos na devida altura, ao descrever o admiravel exemplar que possuimos. Garcia de Resende falleceu em Evora a 3 de Fevereiro de 1536, sendo sepultado na capella da cerca do Espinheiro, que mandára edificar.

O grande mestre Alexandre Herculano foi injusto na sua apreciação de Resende como chronista. O austero e tão illustre historiador considera essa obra uma "mesquinha collecção de historietas" (A. Herculano, *Opusculos*, t. v, *Historiadores Portugueses*, p. 27). O mestre, n'esse seu cruel artigo sobre Resende, enganou-se no pouco que escreveu da sua biographia, pois diz que Garcia era irmão de André de Resende, o que hoje está demonstrado que não foi. Herculano, mestre da arte e sciencia de escrever a historia, é duro para com Resende, rebaixando a sua figura, para levantar a de Fernão Lopes. Cada um tem, em epochas bem differentes, o seu logar na historia. Humilde-mente, com o respeito pela auctoridade do in-signe escriptor, diremos que Herculano não foi justo ao escrever que, no principio do seculo XVI,

"a chronica tomou logo o sabor do elogio

frequentius of April 11th, 1514, conceding in-dulgences to whoever should visit Espinheiro on the feasts of Our Lady and pray before Her image for his soul and those of his dead" (Anselmo Braamcamp Freire, *op. cit.* p. 39).

We learn from the colophon of the *Cancioneiro Geral* that by 1516 our author had been pro-moted to further offices in the Court, for we read that the book "was compiled and emended by Garcia de Resende noble of our lord the King's household and *eſcriuam da fazenda* (financial secretary) to the Prince." He held the post of *escrivão da fazenda* to Prince João, and continued to serve him in the same capacity when he acceded to the throne, on King Manuel's death, in 1521. Resende finished writing his *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo* in 1533, though it was not published until 1545. The first edi-tion, which we shall study in due course when we describe the magnificent copy in our pos-session, is an extremely rare book. Garcia de Resende died at Evora on February 3rd, 1536, and was buried in the chapel he had caused to be built in the grounds of Espinheiro.

The great historian Alexandre Herculano was unjust in his estimation of Resende as a chronicler and considers his *Life* of Dom João II to be a "paltry collection of anecdotes" (A. Herculano, *Opusculos*, vol. v, *Historiadores Portugueses*, p. 27). The little biographical information given by this rigorous and celebrated writer in his cruel article on Resende is incorrect, for he says that Garcia was a brother of André de Resende, and it has lately been proved that this was not the case. Herculano, a past master in the art and science of writing history, is relentless towards Resende and abases his figure to set up that of Fernão Lopes. Each has his own place in history, and in very different periods. Humbly and with all due respect to the master's authority, we would say that Herculano was not just in saying that, at the beginning of the XVIth century,

"the chronicle took on the savour of a historical

historico, e Garcia de Rezende, velho cortezão, escreveu a vida de D. João II debaixo dos tectos dos sumptuosos paços da Ribeira. A este pobre homem não cabe, todavia, a gloria da invenção daquelle genero historico: Ruy de Pina foi o seu inventor. A Chronica de D. João II escripta por este foi o modelo ou, antes, o original da de Garcia de Rezende, que apenas lhe accrescentou alguns dictos e feitos do seu heroe, algumas anecdotas desenxabidas e triviaes de ante-camara, em que não esqueceram as acontecidas com o proprio auctor" (A. Herculano, *ob. cit.* p. 26).

A opinião de Herculano, se é sempre respeitada, nem sempre é seguida, e n'este caso com fundamento.

"Se effectivamente Herculano tem razão em nos dizer que Resende é plagiario, e se de facto elle seguiu de perto o plano da chronica de Pina, é porem certo tambem que o estylo é seu, que assistiu aos casos que na chronica refere (o que lhes dá um caracter de authenticidade apreciavel), que se avantaja a Pina na documentação para avaliar a personalidade do Principe Perfeito, e que a original individualidade de Garcia de Resende, a sua figura curiosa, e as suas qualidades de historiador, diplomata, poeta e collecionador do cancioneiro nos prendem mais a attenção e interesse, do que a figura emproada, solemne e grave de Ruy de Pina" (Sabugosa, *Historiadores portuguezes*, p. 22).

Outro auctor, a quem, como já dissemos, as lettras Portuguezas muito devem, tambem não segue a opinião de Herculano, pois escreve a respeito de Garcia de Resende:

"As historian he has been unjustly condemned. If in his Chronicle of João II he made use of Ruy de Pina's manuscript chronicle, first published in 1792, it must be remembered that it was customary for the official historians to regard their predecessors as existing mainly for purposes of plagiarism. Herculano called Resende's chronicle a poor bundle of anecdotes, and no doubt Resende was not a Herculano nor a Fernam Lopez but a more limited Court chronicler. He is none the less delightful be-

elogy, and Garcia de Resende, an old courtier, wrote the life of Dom João II in the sumptuous palace of the Ribeira. The glory of inventing this type of history does not however belong to this poor man: Ruy de Pina was its inventor, and his *Chronica de D. João II* was the model, or rather the original, of the one written by Garcia de Resende, who only added a few of his hero's deeds and sayings, and some witless and trivial anecdotes of the ante-chamber, among which those where the author himself figures are not neglected" (A. Herculano, *op. cit.* p. 26).

Though Herculano's opinion is always to be respected, it is not always to be adopted, and in this case is rightly rejected.

"Even if Herculano be right when he tells us that Resende is a plagiarist, and if Resende did in fact follow the plan of Pina's chronicle closely, it is also certain that the style is his own, that he was present at the incidents referred to in the chronicle (which gives them a real authenticity), that he surpasses Pina in material for appraising the Perfect Prince's personality, that Garcia de Resende was an arresting figure with his striking individuality and his qualities as historian, diplomat, poet and compiler of the *cancioneiro*, and that he attracts our attention and interest more strongly than the proud, solemn and ponderous figure of Ruy de Pina" (Sabugosa, *Historiadores portuguezes*, p. 22).

Another writer, to whom, as we have already said, Portuguese letters owe a great deal, also differs from Herculano's opinion, for he writes of Garcia de Resende:

"As historian he has been unjustly condemned. If in his Chronicle of João II he made use of Ruy de Pina's manuscript chronicle, first published in 1792, it must be remembered that it was customary for the official historians to regard their predecessors as existing mainly for purposes of plagiarism. Herculano called Resende's chronicle a poor bundle of anecdotes, and no doubt Resende was not a Herculano nor a Fernam Lopez but a more limited Court chronicler. He is none the less delightful be-

cause he deals not in tendencies and abstractions but in concrete details and persons, Court persons. With an artist's eye for the picturesque he makes his readers see the event described, and his chronicle is throughout singularly vivid and dramatic. He is certainly an attractive writer, and perhaps he is also instructive" (Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, p. 97).

Concordamos inteiramente com as palavras do illustre escriptor.

Anselmo Braamcamp Freire egualmente discorda respeitosamente de Herculano n'esse ponto (*ob. cit.* pp. 30 a 32). Devemos, contudo, dizer que, se admiramos os extraordinarios conhecimentos de Braamcamp Freire e a sua profunda erudição, lamentamos o fel com o qual temperou essa sciencia. Querendo exaltar a figura admiravel de D. João II, é pena que n'esse volume *Critica e Historia—Estudos*, amesquinhasse outras personagens illustres—a Rainha D. Leonor e El-Rei D. Manuel—accusando-os de erros, de defeitos, de faltas, de peccados, de crimes mesmo, sem quasi lhes permittir uma só virtude! Para quê? Realmente, para erguer ao alto a memoria de D. João II, não precisava de rebaixar as figuras do seu successor e da Rainha, e sobretudo não era necessario dizer-se que elle tinha morrido envenenado pela mulher e pelo cunhado. Nas nossas notas sobre a *Vita Christi*, já dissemos que veneno só existiu na tinta de alguns escriptores: e é bem verdade. Foi Camillo Castello Branco nos *Narcoticos*, que propalou essa nociva theoria. Augmentou de volume como sempre, infelizmente, acontece á calumnia; alem d'isso era uma arma para atacar e demolir. Camillo designou como auctor do crime, Mestre João do Porto, cirurgião da Rainha D. Leonor: a insinuação era clara. No seu magistral trabalho, *O Obito de D. João II* (p. 46), escreve o illustre Professor Ricardo Jorge:

"Braamcamp Freire recebeu e fecundou estas sugestões. Alija, é certo, a autoria do fisico, indiciado por Camilo, mas, depois de tergiversações, arremete direito á Rainha e ao irmão, e

cause he deals not in tendencies and abstractions but in concrete details and persons, Court persons. With an artist's eye for the picturesque he makes his readers see the event described, and his chronicle is throughout singularly vivid and dramatic. He is certainly an attractive writer, and perhaps he is also instructive" (Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, p. 97).

We are in complete agreement with this distinguished writer.

In the same way Anselmo Braamcamp Freire (*op. cit.* pp. 30–32) respectfully disagrees with Herculano on this point. We must however admit that, although we admire Braamcamp Freire's extraordinary erudition, we cannot but regret the bitterness that tempered his knowledge. It is to be lamented that, in *Critica e Historia—Estudos*, his great desire to extol the noble figure of Dom João II leads him to asperse the characters of other famous people —Queen Leonor and King Manuel—accusing them of mistakes, failings, blunders, sins and even of crimes, and hardly allowing them a single virtue! Why? Surely there were other ways of exalting the memory of D. João II than by defaming the Queen and his successor and saying that he was poisoned by his wife and brother-in-law. We have already stated, in our notes on the *Vita Christi*, that the poison existed only in the ink used by certain writers: and it is very true. Camillo Castello Branco formulated this pernicious theory in his *Narcoticos*; and, as is unfortunately always the case with calumny, it grew and spread until it became an all-powerful instrument to ruin characters and reputations. Camillo designated Master João do Porto, Queen Leonor's surgeon, as the author of the crime: the insinuation was clear. Professor Ricardo Jorge says in his masterly work, *O Obito de D. João II* (p. 46), that:

"Braamcamp Freire accepted and developed these suggestions. He certainly puts aside Camillo's impeachment of the physician, but after some tergiversation he assails the Queen and

denuncia-os como mandantes do envenenamento."

E accrescenta:

"É para lastimar que Braamcamp Freire lavrasse taes paginas—ele, escritor possante da linhagem austera de Herculano....Remiu-se do erro antes que a morte o levasse....Ao tomar conhecimento da monografia da D. Leonor e do parecer do dr. Lencastre, mandava dizer ao Conde de Sabugosa: 'Tinha-me enganado, reconheço-o'" (Ricardo Jorge, *ob. cit.* pp. 54 e 55).

Podemos confirmar as palavras do Professor Ricardo Jorge, pois, em Setembro de 1921, tivémos entre mãos a carta de Anselmo Braamcamp Freire dirigida a Sabugosa, na qual confessava o seu erro. Justiça foi feita á Rainha D. Leonor, e, graças a dois amigos queridos, o Conde de Sabugosa e o Dr D. Antonio de Lancastre, resolvida a questão da morte de D. João II. É para desejar que, um dia, alguem nos mostre a figura de D. Manuel sob o seu verdadeiro aspecto, pois a sua personalidade não está ainda bem delineada, e esperamos que justiça será tambem feita aos actos do Venturoso.

Se nos referimos detalhadamente a este episodio, é porque Garcia de Resende—seguindo as pisadas de Ruy de Pina (*Chronica d'elRey D. João II*, cap. XLVIII e cap. LXIV)—tratou d'esse supposto envenenamento do Principe Perfeito na sua *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo* (ed. de 1545, cap. cxxviij e cap. clxj). Não ha duvida que n'aquella epocha, e mesmo mais tarde, a sciencia medica não era o que é agora; quantos exemplos existem na historia, de illustres personagens que os historiadores nos apresentam como tendo sido envenenados, e que hoje sabemos terem fallecido de morte natural! Mas estamos convencidos que Resende, mesmo se acreditou no envenenamento, jamais o attribuiu á Rainha D. Leonor e a El-Rei D. Manuel. O *moço da escrevaninha*, que realmente venerára com enthusiasmo e verdadeira dedicação D. João II, não teria servido D. Manuel—ou então bem negro seria o caracter do alegre e galhofeiro Resende—se assim tivesse pensado.

her brother directly, and denounces them as having commanded the poisoning."

And he adds:

"It is to be regretted that Braamcamp Freire should have written such pages—he, a powerful writer of the austere school of Herculano....He redeemed his error before his death....When he learnt of the monograph on Dona Leonor and of Dr Lencastre's opinion, he sent word to the Conde de Sabugosa, saying: 'I was mistaken, I acknowledge it'" (Ricardo Jorge, *op. cit.* pp. 54-55).

We are able to confirm Professor Ricardo Jorge's testimony, for we had Anselmo Braamcamp Freire's letter to Sabugosa in our hands in September, 1921, and read his confession of error. Justice has been done to Queen Leonor, thanks to two dear friends of ours, the Conde de Sabugosa and Dr Lancastre. It is to be hoped that one day someone will show us Dom Manuel's character in its true light, for his personality has not yet been clearly delineated, and we trust that justice will also be done to the deeds of the Fortunate King.

If we have made particular reference to this episode, it is because Garcia de Resende followed in the footsteps of Ruy de Pina (*Chronica d'elRey D. João II*, chaps. XLVIII and LXIV) and treated of this supposed poisoning of the Perfect Prince in his *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo* (1545 edition, chaps. cxxviij and clxj). Of course medical science at that period, and even later, was not what it is to-day; and there are numerous instances of personages of high rank who have died a natural death, but whom history—or rather historians—has poisoned! But we are sure that even if Resende believed in the poisoning, he never attributed it to Queen Leonor and King Manuel. The *moço da escrevaninha*, who had displayed enthusiasm and real devotion for Dom João II, would not—unless his jovial manner hid a very black heart—have served Dom Manuel, if he had held this opinion.

Alem da *Vida* de D. João II, deixou-nos Resende o *Breue memorial dos pecados z cousas que pertençẽ ha cõfissã* (Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 564), cujo unico exemplar conhecido e incompleto, impresso em pergaminho por Germão Galharde em 1521, se encontra na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Nas nossas notas a respeito do *Commentario sobre o Pentateuco* de Moyses Ben Nahman, Lisboa, 1489, vimos que no presente de livros d'El-Rei D. Manuel ao Preste João, mandado reunir pelo Soberano entre 1514 e 1515, se encontravam "cẽ cofisionairos de Resẽde, ẽcadernados de purgaminho." Se—como tudo parece indicar—o "cofisionairo" de Resende é a mesma obra que Galharde imprimiu em 1521, visto no colophon se ler, "Acabouſſe ho cõfeſſionario em lingoaiẽ portugues. Ffeito por Garçia de reſende..." (Anselmo e Proença, *loc. cit.*), não póde haver duvidas de ter existido uma edição anterior á de Galharde. Innocencio (*Diccionario*, t. III, p. 121), referindo-se ao exemplar do *Breue memorial* de Resende da Bibliotheca Nacional de Lisboa, dá-nos uma informação, que talvez seja—sem que elle o tenha sabido—a explicação do problema.

"A inspecção d'este exemplar é bastante para corrigir não menos de dous descuidos, commettidos a respeito da indicação d'esta obra por Antonio Ribeiro dos Santos na sua *Mem. da Typ. Portug. no seculo* XVI a pag. 126; pois ahi (accusando o referido exemplar) a dá impressa por João Pedro Bonhomini, e no anno de 1512!"

Ribeiro dos Santos, que morreu em 1818, não terá conhecido, mesmo na Bibliotheca Nacional de Lisboa, um exemplar do *Breue memorial*, impresso por João Pedro Bonhomini de Cremona em 1512, anno em que sahiu dos seus prelos a *Grãmatica Paſtrane*, de cuja edição, até agora desconhecida, possuimos o unico exemplar? Tantos livros teem desapparecido! As datas admittem perfeitamente a existencia de uma edição de Cremona do *Breue memorial* ou

Besides his *Life* of Dom João II Resende composed a *Breue memorial dos pecados z cousas que pertençẽ ha cõfissã* (Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 564) of which the only known copy, an incomplete one, is kept in the Lisbon National Library and was printed on vellum by Germão Galharde in 1521. In our notes on Moses Ben Nahman's *Commentary on the Pentateuch*, Lisbon, 1489, we saw that the present of books made ready by King Manuel for Prester John, between 1514 and 1515, included "a hundred copies of Resende's confession book (*cofisionairo*), bound in vellum." If "Resende's confession book" be the same work as Galharde printed in 1521, with the following declaration in the colophon: "Here ends the confession book in the Portuguese vernacular, composed by Garcia de Resende..." (Anselmo and Proença, *loc. cit*), and everything seems to indicate that this is the case, there can be no doubt that there must have been an earlier edition of the work than Galharde's. Innocencio (*Diccionario*, vol. III, p. 121) refers to the copy of Resende's *Breue memorial* in the Lisbon National Library, and gives a piece of information which may—though he did not realise it—be the solution of the problem.

"The inspection of this copy suffices to correct not less than two careless mistakes made by Antonio Ribeiro dos Santos in his description of this work on p. 126 of his *Mem. da Typ. Portug. no seculo* XVI; for there (referring to the said copy) he gives it as printed by João Pedro Bonhomini, and in the year 1512!"

We consider that Ribeiro dos Santos, who died in 1818, may very possibly have seen (and in the Lisbon National Library) a copy of the *Breue memorial* printed by João Pedro Bonhomini de Cremona in 1512, the same year as he published a hitherto unknown edition of the *Grãmatica Paſtrane* of which we possess the sole copy. So many books have disappeared! Chronologically the existence of an edition of the *Breue memorial* or *Cõfeſſionario* printed by João

Cõfeffionario de 1512, e o presente ao Preste João, dos "cẽ cofisionairos de Resẽde," torna indis-pensavel a existencia de uma edição impressa antes do meado de 1514, epocha em que começaram os mandados d'El-Rei D. Manuel para a remessa ao Preste João. Tratando aqui de Garcia de Resende, da sua vida e obras, julgámos conveniente esta pequena digressão biblio-graphica.

No fim da vida escreveu a sua *Mifcellanea*, chronica rimada, que foi publicada pela pri-meira vez em 1554, com a segunda edição da *Vida* de D. João II, e o titulo seguinte: *Mifcel-lanea de Garcia de Reefende: & variedade de hiftorias, coftumes, cafos & coufas que em feu tempo acconte∫ce-ram*. N'essa *Mifcellanea*, narra-nos os aconteci-mentos importantes do seu tempo, tudo o que viu e ouviu. É uma collecção—póde dizer-se uma gazeta da epocha—cheia de interesse. D'ella nos occuparemos mais adeante.

Garcia de Resende foi poeta, diplomata, historiador, musico, desenhador, colleccionador do *Cancioneiro*, e alem de todos estes dons e talentos, foi um bom Portuguez, que soube servir a sua Patria e os seus Reis. Não ha duvida que foi plagiario, descaradamente mesmo, na sua *Vida* de D. João II; mas as phrases de Sabugosa e Aubrey Bell que transcrevemos, explicam claramente a personalidade de Resende como chronista. Era folgazão, ria e fazia rir, qualidade preciosa, e como diz Braamcamp Freire:

"Garcia de Resende foi alegre; soube rir, rir á antiga portuguêsa, de bôca bem aberta, sol-tando a atroadora gargalhada na cara dos par-ceiros, ajitando em ondas revôltas toda a adiposa massa do enorme corpanzil" (*ob. cit.* p. 32).

Gordo, descommunalmente gordo como um

de Cremona in 1512, is perfectly admissible. The dispatch of "a hundred copies of Resende's confession book" to Prester John necessitated the existence of a printed edition before the middle of 1514, when King Manuel began to give orders for the preparation of his present to the Ethiopian monarch. As we are now dealing with Garcia de Resende, his life and his work, we thought this little bibliographical digression would not be out of place.

At the end of his life Resende wrote his *Mifcellanea*, a rhyming chronicle, which was published for the first time in 1554, together with the second edition of the *Life* of Dom João II, and under the following title: *Mifcellanea de Garcia de Reefende: & variedade de hiftorias, coftumes, cafos & coufas que em feu tempo acconte∫ce-ram*. The *Mifcellanea*, which we shall study more fully later, is full of interest, and might even be called a gazette of the period, for in it the chronicler recounts the important events of his time, and all he heard and saw.

Garcia de Resende was a poet, diplomat, historian, musician, draughtsman, and the com-piler of the *Cancioneiro*; but above all he was a good Portuguese and one who knew how to use his gifts and talents in the service of his King and Country. There is no doubt that as a historian he was a plagiarist and even a brazen one; but the quotations we have made from Sabugosa and Aubrey Bell clearly show Resende's character as chronicler. He was a convivial soul who loved to laugh and make others laugh, for he had the precious quality of jovial good humour, and as Braamcamp Freire says:

"Garcia de Resende was cheerful; he knew how to laugh, to laugh in the good old Portu-guese style, with well opened mouth, letting loose a hearty roar of merriment full in the face of his companions, while the whole adipose mass of his enormous body quivered and shook" (*op. cit.* p. 32).

Stout he was, uncommonly stout, as round as

tonel, o seu "corpanzil" foi alvo muitas vezes da troça jovial dos poetas da Côrte. Gil Vicente chamou-o "peixe tamboril," mas accrescentáva, "de tudo intende." D. Francisco de Viveiro escrevia, "O rredondo do rreesende." E elle n'uma gargalhada respondia aos apodos:

> "Orriso nam mo mandeys
> por que jaa qua tenho muyto."
>
> (*Cancioneiro Geral*, fl. ccxxii vº.)

Mas de tudo intendia. Foi musico e desenhador. Nos versos que escreveu sobre "O rredondo do rreesende," D. Francisco de Viveiro diz tambem:

> "tanje ⁊ canta muyto bem
> & debuxaraa alguem
> sse com ysto nam sse offende."
>
> (*Cancioneiro Geral*, fl. clxxviii vº.)

Resende, na sua *Vida ⁊ feitos del rey Dom Ioão o segundo*, 1545 (cap. clxxx), conta-nos como D. João II mandou fazer uma torre em Cascaes, e outra torre e baluarte na Caparica

"de frõte ꝺ belem...⁊ tinha ordenado ꝺ fazer hũa forte fortaleza onde ora esta ha fermosa torre ꝺ belẽ q̃ el rey dõ Manoel q̃ sãta gloria aja mãdou fazer: pera q̃ a fortaleza ꝺ hũa parte ⁊ a torre da outra tolhessẽ a entrada do rio. A qual fortaleza eu per seu mãdado debuxey ⁊ cõ elle ordeney aa sua võtade...."

Esta phrase de Garcia de Resende, que sem duvida desenhou para D. João II o plano de uma fortaleza que nunca chegou a ser edificada, creou a lenda de ter sido Garcia de Resende o auctor do debuxo da admiravel Torre de Belem. Essa lenda durou até ha bem pouco tempo. Graças ao Dr Reynaldo dos Santos, sabe-se hoje o nome do artista—Francisco d'Arruda—a quem devemos a ideal *Torre de S. Vicente a par de Belem* (ver Reynaldo dos Santos, *A Torre de Belem*). Tambem se diz que a preciosissima custodia dos Jeronymos, obra d'arte inestimavel executada pelo genial Gil Vicente, com o primeiro ouro

a barrel, and his corpulence was a butt at which the poets of the Court aimed many of their jocund sallies. Gil Vicente called him a *peixe tamboril* (fishing-frog—*Lophius piscatorius*), but added "he understands everything." Dom Francisco de Viveiro wrote of the "roundness of Resende." And he replied merrily to these nicknames:

> "Do not send me any laughter
> for I have plenty here already."
>
> (*Cancioneiro Geral*, fl. ccxxii vo.)

He was a musician and a draughtsman, and Dom Francisco Viveiro adds in his verses on the "roundness of Resende" that:

> "He plays and sings very well;
> and will sketch somebody
> if he does not take offence at this."
>
> (*Cancioneiro Geral*, fl. clxxviii vo.)

Resende recounts in his *Vida ⁊ feitos del rey Dom Ioão o segundo*, 1545 (chap. clxxx), how Dom João II commanded a tower to be built in Cascaes and another tower and bastion in Caparica

"in front of Belem...and he had commanded a strong fortress to be built where the beautiful tower of Belem built by order of Dom Manuel, to whom be everlasting glory, now stands: so that the fortress on one side and the tower on the other should guard the mouth of the river. Which fortress I sketched by his command and designed it according to his wishes...."

This phrase of Resende's (who certainly did sketch a fortress for Dom João II, though his design was never put into execution) gave rise to the legend that Resende planned the admirable Tower of Belem. This legend was believed until a very short time ago, when Dr Reynaldo dos Santos (*A Torre de Belem*) demonstrated that Francisco de Arruda was the name of the artist to whom we owe the *Torre de S. Vicente a par de Belem.* Garcia de Resende is also said to have designed the precious monstrance at the Jeronymos, a masterpiece of inestimable artistic worth, wrought by Gil Vicente

que veiu da India—tributo do rei de Quilôa—fôra desenhada por Garcia de Resende.

"Esta obra notabilíssima foi lavrada em Lisboa por Gil Vicente, por ordem de El-Rei D. Manuel e segundo um desenho de Garcia de Resende" (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, p. 405).

Essa custodia, verdadeira reliquia, legou-a o Venturoso, no seu testamento, ao Convento dos Jeronymos.

"Item mando que se de ao Mosteiro de N. Senhora de Bellem a Costodia que fez Gil Vicente pera a dita Caza..." (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, t. II, p. 328).

Se tem um alto interesse saber-se, pelo proprio testamento do Soberano, que a famosa custodia de Belem foi lavrada por Gil Vicente, lamentamos que o documento Real nos não diga se o debuxo foi da penna de Garcia de Resende.

Diplomata, vimol-o acompanhar D. Manuel a Castella em 1498, e Tristão da Cunha a Roma, na tão celebre Embaixada de obediencia a Leão X. Como poeta, deixou-nos as suas trovas no *Cancioneiro Geral*, e a *Miscellanea*. Resende era curioso de tudo, e bem diz a saudosa e illustre D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos:

"Comquanto não fosse insigne em nenhuma especialidade, a critica moderna, tanto nacional como estrangeira, fez justiça aos serviços importantes que prestou á pátria, e ao seu espírito enciclopédico de músico, desenhador, poeta e historiador" (*Estudos sobre o Romanceiro Peninsular—Romances velhos em Portugal*, p. 260).

Contudo, entre tantos dons e talentos, o merecimento principal de Garcia de Resende é de ter colleccionado o *Cancioneiro Geral*, que Herculano—apezar da sua pouca sympathia pelo *moço da escrevaninha*—diz ser "um dos mais raros monumentos da nossa litteratura, e o verdadeiro titulo de gloria de Garcia de Rezende" (*ob. cit.* p. 30).

No *Prologuo de garçia de rresende deregido ao*

from the first gold that came from India—a tribute from the King of Quilôa.

"This very notable work was executed in Lisbon by Gil Vicente by command of King Manuel and from a design by Garcia de Resende" (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, p. 405).

This monstrance, which is a veritable relic, was left by Dom Manuel in his will to the Convent of the Jeronymos.

"Item, I command that the monstrance made by Gil Vicente for the Monastery of Our Lady of Belem, be given to the said House..." (Sousa, *Provas da Historia Genealogica*, vol. II, p. 328).

Though it is very interesting to learn from the Sovereign's own will that the famous monstrance of Belem was made by Gil Vicente, we regret that the document does not inform us whether it was designed by Garcia de Resende.

As a diplomat he accompanied Dom Manuel to Castile in 1498, and went with Tristão da Cunha to Rome in the famous embassy to Leo X. As a poet he left us his *trovas* in the *Cancioneiro Geral*, and his *Miscellanea*. Resende was interested in everything, and, as the distinguished Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos said:

"Though he was not outstanding in any one particular, modern critics, both foreign and Portuguese, do justice to the important services he rendered to his country and to the encyclopedic mind of this musician, draughtsman, poet and historian" (*Estudos sobre o Romanceiro Peninsular—Romances velhos em Portugal,* p. 260).

Yet with all his gifts and talents Garcia de Resende's chief merit lies in the fact that he compiled the *Cancioneiro Geral*, which Herculano, in spite of his scant sympathy for the *moço da escrevaninha*, considers to be "one of the rarest monuments of our literature, and Garcia de Resende's real title to glory" (*op. cit.* p. 30).

In the *Prologuo de garçia de rresende deregido ao*

prinçepe nosso senhor do *Cancioneiro Geral*, escreve o seu auctor:

"Por que a natural condiçã dos portuguefes he nũca efcreuerẽ coufa q̃ façam. fendo dinas de grande memoria. Muytos ⁊ muy grãdes feytos de guerra. paz. ⁊ vertudes. de çiençia. manhas ⁊ gẽtileza fam esqueeçidos. Que fe os efcritores fe quifeffem ocupar a verdadeiramente efcreuer nos feytos de Roma. Troya. E todas outras antiguas cronicas ⁊ eftorias. nam achariã mores façanhas: nẽ mays notaueys feytos: q̃ os que dos noffos naturaes fe podiã efcreuer. Affy dos tẽpos paffados como dagora. tantos rreynos ⁊ fenhorios. cydades. vilas. caftelos. permar. ⁊ perterra. tãtas millegoas per força darmas tomadas. Sendo tãta a multidãoo dejente dos contrayros ⁊ tam pouca a dos noffos Softidos com tãtos trabalhos. guerras. fomes ⁊ cercos tã longe defperãça de ffer ffocorridos. fenhoreando perforça darmas tãta parte de africa. tendo tãtas çidades. vilas ⁊ fortalezas tomada. ⁊ cõtinuamẽte guerra fem nunca ceffar. E affy guynee. fendo muytos rreys grandes ⁊ grandes fenhores feus vaffalos ⁊ trebutarios. ⁊ muyta parte de etyopia. arabia. perffya ⁊ hyndeas. onde tantos rreys mouros: ⁊ gentios: ⁊ grandes fenhores fam per força feytos feus fuditos ⁊ feruidores. Paguandolhe grandes pareas ⁊ trebutos. ⁊ muytos deftes pelejando por nos debaixo da bandeira de criftos Com os noffos capitãaes contra os feus naturaes conquiftando quatro mil legoas por mar que nenhuũas armadas do ffoldam nem outro nenhum grande Rey nem fenhor Nõ oufam naueguar com medo das noffas. perdendo feus tratos. rrendas ⁊ vidas. Tornando tãto rreyno. ⁊ fenhorios: com ynumerauel jente a fee de jefu crifto: rreçebẽdo agoa do ffanto bautifmo. E outras notaueys coufas que ffe nam podem em pouco efcreuer. Todos eftes feytos ⁊ outros muytos doutras fuftançias. Nam ffam de vulgados como foram fe jente doutra naçam os fizera. E caufa yfto fferem tam confiados de ffy. Que nam querem confeffar que nenhũus feytos ffam

prinçepe nosso senhor (Prologue addressed to the prince our lord, by Garcia de Resende) at the beginning of the *Cancioneiro Geral*, we read:

"Because it is the nature of the Portuguese never to write about anything they do, many very great deeds in war and peace, of virtue, science, stratagem and gallantry that are worthy of high remembrance, are forgotten. Yet if writers would only set to work to write as they should, they would find no greater exploits or more noteworthy deeds in the records of Rome or Troy or in any other ancient chronicles and histories, than those they could describe accomplished by our own countrymen, both in past and present times. So many kingdoms and dominions, cities, towns and castles, thousands of leagues away by land and sea, have been taken by force of arms, though the multitude of enemies was great and our own people were so few. Our soldiers have borne such hardships, in war, famine and siege far away from all hope of aid, and have conquered so much of Africa by force of arms, capturing numerous cities, towns and fortresses and waging incessant war. Thus they have taken possession of Guinea, many great Kings and great lords becoming their vassals and tributaries, and a great part of Ethiopia, Arabia, Persia and the Indies, where numerous Moorish and pagan Kings and great lords have been made their subjects and servitors by force of arms, paying them tributes in token of dependence; and many of these (vanquished enemies) have fought for us under the banner of Christ with our captains against their own countrymen. The Portuguese have conquered four thousand leagues over a sea that none of the armadas of the Sultan or of any other great King or lord dare navigate for fear of us, and so have lost trade, revenues and lives; and many kingdoms and dominions with innumerable people have turned to the faith of Jesus Christ and received the holy water of baptism; and so many other notable things (have been done) that it is impossible to mention them all in a small space. All these deeds and many other circumstances are not divulged as they would be if the people of some other nation had accomplished them. And the reason for this is that the Portuguese have such pride in themselves,

mayores que os que cada huũ faz. ⁊ farya ſe o nyſſo meteſſem."

Dada esta explicação, mencionando os grandes feitos dos Portuguezes, Resende refere-se então á arte de trovar, e diz-nos os motivos porque colligiu o *Cancioneiro.*

"E por eſta meſma cauſa muyto alto ⁊ poderoſo prinçepe muytas couſas de folguar ⁊ gentylezas ſſam perdydas ſem auer delas notyçia. No qual conto entra a arte de trouar. Que em todo tẽpo foy muy eſtimada: ⁊ com ela noſſo ſenhor louuado como nos hynos ⁊ canticos que na ſanta ygreja cantam ſſe veraa. E aſſy muytos emperadores Reys ⁊ peſſoas de memoria. Polos rrymanças. ⁊ trouas ſabemos ſuas eſtorias ⁊ nas cortes dos grandes prinçepes he muy neçeſſaria na jentileza. amores. juſtas. ⁊ momos. ⁊ tambem para os que maos trajos ⁊ enuençoẽs fazem. Per trouas ſam caſtigados. ⁊ lhe dã ſuas emendas como no liuro ao diante ſſe veraa. E ſſe as que ſſam perdidas dos noſſos paſſados ſe poderam auer. E dos preſentes ſe ſecreueram. Creo que eſſes grãdes poetas que per tantas partes ſſam eſpalhados nam teueram tanta fama comotem. E por que ſenhor as outras couſas ſſam em ſſy tam grandes Que por ſua grandeza ⁊ meu fraco entender nam deuo de tocar nelas: Neſta que he aſſomenos por em algũa parte ſſatiſſazer ao deſejo q̃ ſempre tiue de fazer algũa couſa em que voſſa Alteza foſſe ſeruido ⁊ tomaſſe deſenfadamento. Determiney ajuntar algũas obras que pude auer dalgũs paſſados ⁊ preſentes. E ordenar eſte liuro. Nam pera por elas moſtrar quaes foram ⁊ ſſam Mas para os q̃ mays ſabẽ ſeſpertarem a folguar deſcreuer. E trazer aa memoria os outros grãdes feytos nos quaes nam ſſam dino de meter a mão."

O *Prologo* de Garcia de Resende não só é interessante, mas revela claramente o seu pensamento e o seu desejo. Escreve como um Portuguez, e quer *Servir*: e não ha duvida que soube *Servir* deixando-nos um monumento, o *Cancioneiro Geral.*

that they do not want to admit that any deeds are greater than those that each one does, and would do, if he were placed in a like position."

Having given this explanation, and mentioned the great deeds of the Portuguese, Resende refers to the *arte de trovar* (art of rhyming), and tells us why he compiled the *Cancioneiro.*

"And for this same reason, oh most high and powerful Prince, many of the things that beguile our lighter hours are lost, without any record being made of them. The *arte de trovar* enters into this category, and it is an art that has always been held in high esteem, and Our Lord has been praised through it, as may be seen in the hymns and canticles that are already sung in the holy church; and in the same way we learn the histories of many Emperors, Kings and other memorable persons from rhymes and ballads. The art of rhyming is very necessary in the courts of great Princes, in gallantry, love, jousts and mimes, and also for those who comport themselves badly, because they can be reprehended and corrected in rhymes, as may be seen in the course of this book. And if all those lost in the past could be obtained, and the present ones written down, I believe that the great poets who are scattered about in so many places would not enjoy so much fame as they do now. And because, Sire, the other things are so great in themselves, that through their greatness and my feeble intellect, I am not fitted to touch upon them; and so that I might in some measure satisfy my ever present desire to do something for your Highness' service and diversion, I decided to collect what works I could find by past and present writers and to compile this book, not to show what these works were and are, but so that those who know more should awaken to the joy of writing and commemorate the other great deeds to which I am unworthy to set my hand."

Garcia de Resende's *Prologue* is not only interesting, it clearly reveals his wish and idea. He writes like a true Portuguese, in the hope of doing some service: and there is no doubt that he did great service in leaving us the monument known as the *Cancioneiro Geral.*

Escrevemos o que sabiamos do *moço da escrevaninha*, dos seus talentos e "manhas," da sua vida. Anselmo Braamcamp Freire, no seu notavel estudo sobre Garcia de Resende (*ob. cit.* p. 32), deixou modestamente cahir esta phrase da sua penna:

"Mas, hei de começar já, sem dizer nada do *Cancioneiro*, o melhor serviço literario que Resende prestou? Sim, nada direi, porque tudo está dito e redito por pennas muito mais autorizadas do que a minha...."

Tudo está dito e redito! Por esse motivo, nós "ſem letras & ſem ſaber"—como escreveu Resende na sua *Miſcellanea*—nada diremos sobre o *Cancioneiro*. Reproduzimos o *Prologo*; quanto ao estudo da obra, indicaremos, entre muitas, algumas das auctoridades que se occuparam em estudar o *Cancioneiro* do encyclopedico Garcia. E começaremos pelo proprio Anselmo Braamcamp Freire, *Critica e Historia—Estudos*, e *Sepulturas do Espinheiro*; D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, em innumeras das suas obras, mas especialmente nos *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular—Romances velhos em Portugal*, e nas *Notas Vicentinas*; Theophilo Braga, *Poetas palacianos*; Alexandre Herculano, *Opusculos*, t. v—*Historiadores Portugueses*; Castilhos (Antonio e José), *Livraria Classica Portugueza—Excerptos*, t. x; Conde de Sabugosa, *A côrte em Setubal e os Porquês anonymos* no volume *Gente d'Algo*, *Historiadores portuguezes*, e *A Rainha D. Leonor*, especialmente o cap. XVII; Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguesa*, 5a edição, pp. 81–86; Visconde de Castilho e Anselmo Braamcamp Freire, *Indices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente*; Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica*, 2a edição, revista, pp. 12–16; M. Menéndez y Pelayo, *Antología*; Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, pp. 96–105. A estas obras juntamos a edição do *Cancioneiro Geral* do Dr E. K. von Kausler impressa em Stuttgart (1846–1852, 3 vols.), e a edição impressa em Coimbra (1910–1917, 5 vols.) sob a

We have written what we could about the *moço da escrevaninha*, his talents, his habits, and his life. Anselmo Braamcamp Freire let the following modest phrase fall from his pen, in his notable study on Garcia de Resende (*op. cit.* p. 32):

"But must I begin already, without saying anything about the *Cancioneiro*, the greatest of Resende's literary services? Yes, I will say nothing, because everything has been said and resaid by more able pens than mine...."

Everything has been said and re-said! So we—"ſem letras & ſem ſaber" (without scholarship and without knowledge), as Resende says in his *Miſcellanea*—will say nothing about the *Cancioneiro*. We have transcribed the *Prologue*, and, as regards the work itself, we will mention some of the many authorities who have devoted themselves to the study of the encyclopedic Garcia and his *Cancioneiro*. We will begin with Anselmo Braamcamp Freire himself, *Critica e Historia—Estudos* and *Sepulturas do Espinheiro*; Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos who studied him in a number of her works, and especially in *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular—Romances velhos em Portugal* and in *Notas Vicentinas*; Theophilo Braga, *Poetas palacianos*; Alexandre Herculano, *Opusculos*, vol. v—*Historiadores Portugueses*; Castilhos (Antonio e José), *Livraria Classica Portugueza—Excerptos*, vol. x; Conde de Sabugosa, *A côrte em Setubal e os Porquês anonymos* in *Gente d'Algo*, *Historiadores portuguezes* and *A Rainha D. Leonor*, especially chap. XVII; Dr Mendes dos Remedios, *História da Literatura Portuguesa* (5th edition, pp. 81–86); Visconde de Castilho and Anselmo Braamcamp Freire, *Indices do Cancioneiro de Resende e das Obras de Gil Vicente*; Dr Fidelino de Figueiredo, *Historia da Litteratura Classica* (2nd edition, revised, pp. 12–16); M. Menéndez y Pelayo, *Antología*; Aubrey Bell, *Portuguese Literature* (pp. 96–105). To these we would add Dr E. K. von Kausler's edition of the *Cancioneiro Geral*, printed at Stuttgart (1846–1852, 3 vols.), and the edition published

direcção do D[r] A. J. Gonçalves Guimarães. Quem quizer completar esta lista de obras e auctores que tratam do *Cancioneiro Geral* e de Garcia de Resende, lerá com proveito o livro de Aubrey Bell, *Portuguese Bibliography*, pp. 201–203.

Se, como diz o grande Castilho, "substancia poetica (valha a verdade) pouca se espreme do corpulento volume do Cancioneiro; quasi nenhuma, fôra expressão muito mais exacta" (*ob. cit.* t. x, p. 104); se os poetas do *Cancioneiro* estiveram alheios á vida da nação, n'aquella epocha extraordinaria de descobrimentos maravilhosos e acções heroicas; se a influencia hespanhola se fez sentir a tal ponto, que levou D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos a escrever, "O *Cancioneiro Geral*...é a tal ponto hespanhol que passa por ser mero suplemento, ou seja *Segunda Parte* do *General*, publicado quatro anos antes, por Fernando del Castillo" (*Estudos sobre o Romanceiro Peninsular—Romances velhos em Portugal*, p. 303), não podemos esquecer que o *Cancioneiro Geral*, no seu conjuncto, fórma um monumento, unico no seu genero, da nossa litteratura, e sobretudo uma fonte de incalculavel valor para o estudo da sociedade Portugueza no seculo xv e principio do xvi°. Devemos, egualmente, pensar no que o proprio Resende escreveu no *Prologo*, explicando os motivos porque colligiu o *Cancioneiro*:

"E por que ſenhor as outras couſas ſſam em ſſy tam grandes Que por ſua grandeza ⁊ meu fraco entender nam deuo de tocar nelas: Neſta que he aſſomenos por em algũa parte ſſatiſſazer ao deſejo q̃ ſempre tiue de fazer algũa couſa em que voſſa Alteza foſſe ſeruido ⁊ tomaſſe deſenfadamento. Determiney ajuntar algũas obras que pude auer dalgũs paſſados ⁊ preſentes. E ordenar eſte liuro."

E termina com estas palavras, cujo significado nos parece bem claro:

"Nam pera por elas moſtrar quaes foram ⁊ ſſam Mas para os q̃ mays ſabẽ ſeſpertarem a

at Coimbra (1910–1917, 5 vols.) under the direction of Dr A. J. Gonçalves Guimarães. Those who wish to complete this list of works dealing with the *Cancioneiro Geral* and its compiler, would do well to read Aubrey Bell's *Portuguese Bibliography* (pp. 201–203).

Though, as the great Castilho says, "little poetical substance can be extracted from the bulky *Cancioneiro*; hardly any, would be a more accurate expression" (*op. cit.* vol. x, p. 104); though the poets of the *Cancioneiro* were outside the life of the nation, in that remarkable period of heroic actions and marvellous discoveries; though the Spanish influence pervades it to such a degree, that it prompted Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos to say, "the *Cancioneiro Geral*...is so Spanish that it passes for a mere supplement or *Second Part* of the *Cancionero General*, published four years earlier, by Fernando del Castillo" (*Estudos sobre o Romanceiro Peninsular—Romances velhos em Portugal*, p. 303), yet we cannot forget that the *Cancioneiro Geral* in its entirety is a unique monument of our literature, and above all an invaluable source of information for the study of Portuguese society in the xvth and early xvith century. We must also remember Garcia de Resende's own explanation of the reasons that led him to compile the *Cancioneiro*:

"And because, Sire, the other things are so great in themselves, that through their greatness and my feeble intellect, I am not fitted to touch upon them; and so that I might in some measure satisfy my ever present desire to do something for your Highness' service and diversion, I decided to collect what works I could find by past and present writers and to compile this book."

And he concludes with these words, which seem to us very significant:

"Not to show what these works were and are, but so that those who know more should awaken



105 Gravura do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende
Cut from Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral*
Almeirim & Lisboa, 1516



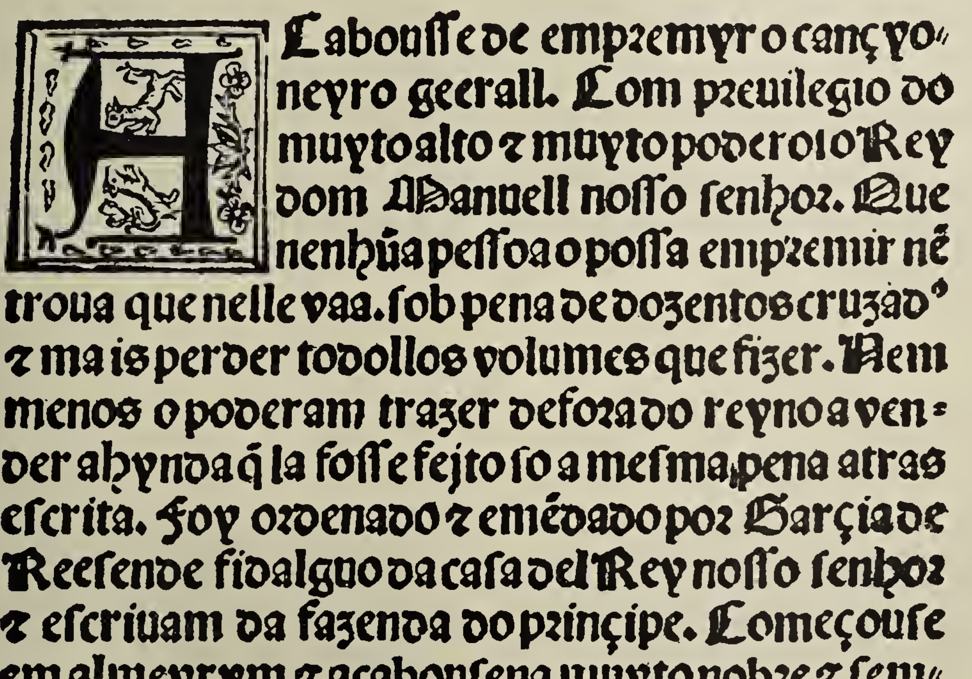
106 Gravura da ultima pagina do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende
Cut on the last page of Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral*
Almeirim & Lisboa, 1516

folguar deſcreuer. E trazer aa memoria os outros grãdes feytos nos quaes nam ſſam dino de meter a mão."

O *Cancioneiro Geral* faz-nos viver nos tempos de guerras, de crimes, de luctas, de descobrimentos, de actos heroicos, epocha do meiado do seculo XV ao principio do seculo XVI em que Portugal chegou ao seu apogeo. Mas essas cousas que "ſſam em ſſy tam grandes" não se acham no *Cancioneiro.* Alli, falla-se das "couſas de folguar z gentylezas," frivolas sem duvida na maior parte dos assumptos, mas que nos mostram, melhor do que em parte alguma, a vida da sociedade que—longe das façanhas d'Africa e do Oriente, esquecendo luctas, tanto internas como externas—se deleitava trovando e rimando, troçando e brincando. E, lendo o velho livro, parece-nos ouvir o riso alegre do seu compilador, o jovial Garcia de Resende.

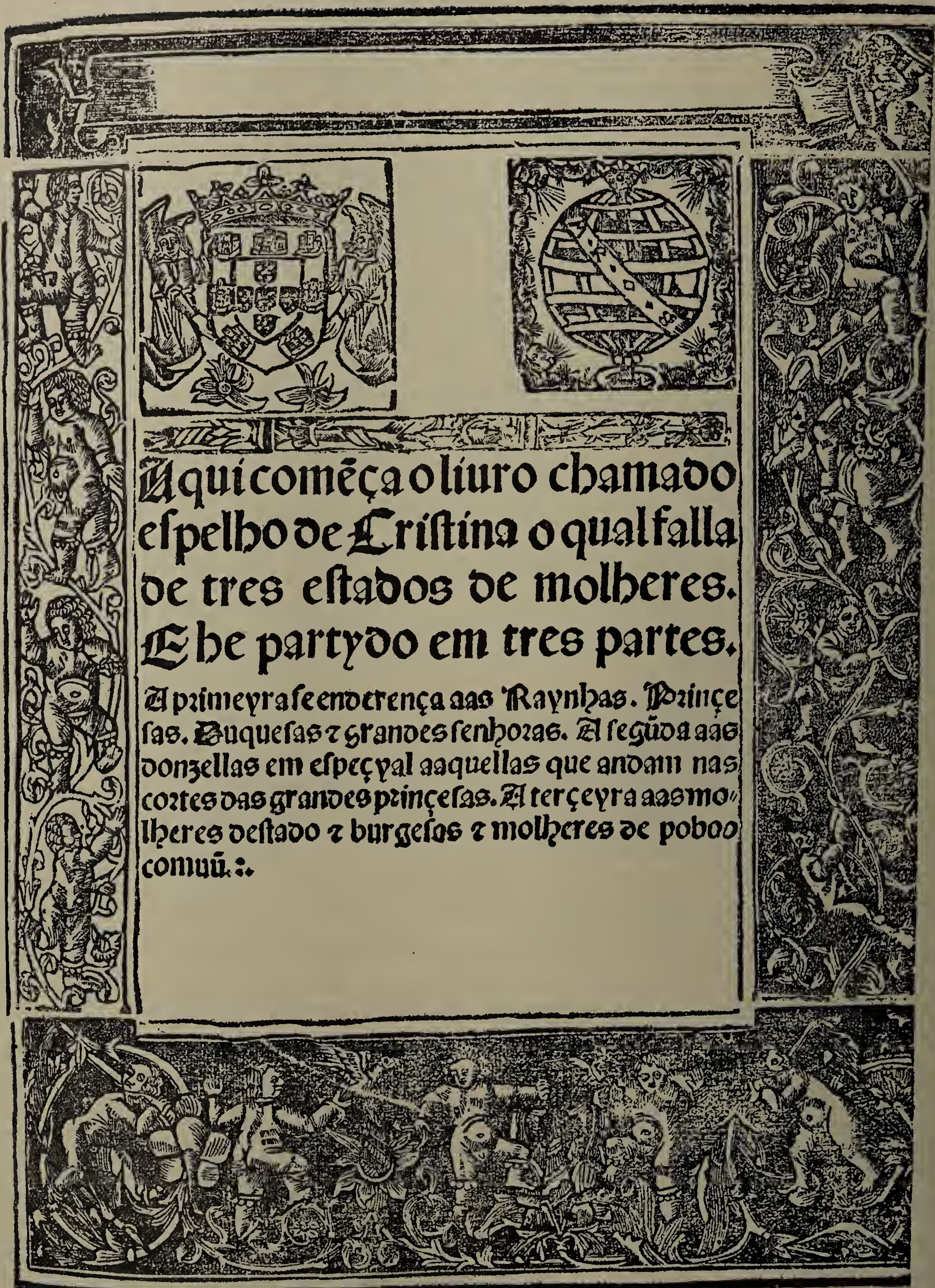
to the joy of writing and commemorate the other great deeds to which I am unworthy to set my hand."

The *Cancioneiro Geral* takes us back to the times of wars, crimes, and struggles, of discoveries and heroic exploits, to the period from the middle of the XVth to the beginning of the XVIth century when Portugal reached the apogee of her glory. But the *Cancioneiro* does not speak of these things that "are so great in themselves"; it is more concerned with the "things that beguile our lighter hours," which are doubtless very frivolous for the most part, but which give us a better picture than can be found anywhere else of contemporary society, which—far from the exploits in Africa and the East, forgetful of struggles, whether at home or abroad—delighted in rhyming and jesting and frivolity. And as we turn the pages of this old volume we seem to hear the ringing laughter of its compiler, the jovial Garcia de Resende.



Acabouſſe de empremyr o cançyoneyro geerall. Com preuilegio do muyto alto z muyto poderoſo Rey dom Manuell noſſo ſenhor. Que nenhũa peſſoa o poſſa empremir nẽ troua que nelle vaa. ſob pena de dozentos cruzado' z mais perder todollos volumes que fizer. Nem menos o poderam trazer de fora do reyno a vender ahynda q̃ la foſſe fejto ſo a meſma pena atras eſcrita. Foy ordenado z emẽdado por Garçia de Reeſende fidalguo da caſa del Rey noſſo ſenhor z eſcriuam da fazenda do prinçipe. Começouſe em almeyrym z acabouſena muyto nobre z sempre leall çidade de Lixboa. Per Hermã de cãpos alemã bõbardeyro delrey noſſo ſenhor z empremidor. Aos xxviij. dias de ſetẽbro da era de noſſo ſenhor Jeſu criſto de mil z quynhent' z xvi anos.

107 Colophon do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende
Colophon of Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral*
Almeirim & Lisboa, 1516



Aqui começa o liuro chamado eſpelho de Criſtina o qual falla de tres eſtados de molheres. E he partydo em tres partes.

A primeyra ſe enderença aas Raynhas. Prinçe ſas. Duqueſas ⁊ grandes ſenhoras. A ſegũda aas donzellas em eſpeçyal aaquellas que andam nas cortes das grandes prinçeſas. A terçeyra aas mo lheres deſtado ⁊ burgeſos ⁊ molheres de poboo comuũ.:.

108 Folha do rosto do *Eſpelho de Criſtina* de Christina de Pisano
Title-page of the *Eſpelho de Criſtina* by Christine de Pisan
Lisboa, 1518

19 CHRISTINA DE PISANO, ESPELHO DE CRISTINA.
Lisboa, Hermão de Campos, 1518.

[fl. 2] Aqui comẽça o liuro chamado | eſpelho de Criſtina o qual falla | de tres eſtados de molheres. | E he partydo em tres partes. | A primeyra ſe enderença aas Raynhas. Prinçe | ſas. Duqueſas ꝛ grandes ſenhoras. A ſegũda aas | donzellas em eſpeçyal aaquellas que andam nas | cortes das grandes prinçeſas. A terçeyra aas mo- | lheres deſtado ꝛ burgeſas ꝛ molheres de poboo | comuũ.·:.

Titulo enquadrado por tarjas ornadas de figuras e fructos, e que tem por cima, á esquerda, o escudo das Armas Reaes, e á direita, a Esphera armillar com as lettras: M · R · O · &. *O frontispicio é precedido por uma folha que tem uma gravura representando Santo Agostinho (?), enquadrada por uma portada*[1].

[fl. 3] Prollogo de como as tres virtudes per | cujo mandado Criſtina fez o liuro da ci | dade das damas lhe tornarõ aapareçer | E lhe mandarom fazer eſta obra. [...]

[fl. 3 vo.] A Qui começa ata- | uoa das rubricas | do liuro das tres | virtudes aa enſy- | nança das molhe- | res. [...]

[fl. 5]
Fim da taboa[2].

Folha primeyra. Capitulo primeyro. Como | as tres virtudes amoeſtã todas | prinçeſas ꝛ grãdes Senhoras | que venhã aaſſua eſcolla. Eſſeu | principal enſinamento he amar | ꝛ temer deos. [...]

fl. xxv vo. [...] Acabaſſela primeyra parte | deſte liuro.

fl. xxvi. Incipit ſecunda pars. Co- | mo as tres ſenhoras. ſ. dereitu- | ra razom ꝛ juſtiça recapitolam | em breue ho que he de çyma dy | to. Capitulo. prymeyro. [...]

fl. xxxvi vo. [...] Acabaſſe aſſegunda parte do pre | ſente liuro.

fl. xxxvij. Começaſſea terçeyra parte | deſte liuro a qual ſe aderẽça aas | molheres deſtado ꝛ burgeſas | das boas villas E como que he | dicto decima pode tocar aſſy a | hũas molheres como a outras. | E da maneira que as molheres | deſtado deuem de teer no ſeyto | de ſuas fazendas. | Capitulo primeyro. [...]

fl. xlviii vo. [...] Deo gracias. | Por mandado dela muyto eſcla/ | reſcida reyna dona lyanor molher | do poderoſo y muy manifico rey dõ | juan ſegundo de portugal. | Acabaſe el libro intitulado das | tres virtudes no qual ſe cõtem muy | tas profeytoſas doutrinas y ſalu/ | dables exemplos aſſy pera as gene | roſas y grandes donas como pera |

[1] *Above the title are the Royal Arms of Portugal on the left, and on the right the armillary Sphere with the letters* M . R . O . &; *the whole within a border ornamented with figures and fruits. The title-page is preceded by a leaf bearing a woodcut of St Augustine (?) within an architectural border.*
[2] *End of the index.*

as outras de qualquer eſtado o con | diçiom queſejam. E poderam enelle | de prender como ſe ham de regir ꝛ | gouernar no regimento de ſuas ca/ | ſas fazendas y honrras. Impreſſo | em ha muy nobre y ſempre leal cib- | dade de lixboa por herman de cam | pos. Imprimidor y bombardeyro | do rey noſſo ſenhor cõ gracia y pri/ | uilegio de ſu alteza. Anno de noſtra | ſaluaçam. m. d. y xviij. annos. a xx. | dias do mes de junio.

Por baixo, o escudo das Armas Reaes com um grypho no timbre, ladeado de tarjas[1].

Folio—[5], xlviii folhas a 2 columnas—42 e 43 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos—a epigraphe do capitulo I a vermelho—a fl. xxix tem numeração errada xxvi.

Numeração dos cadernos: Uma folha sem assignatura; A, de 4 folhas; a–h, 6 folhas cada caderno; total de 53 folhas.

Folio—[5], xlviii leaves—double columns—42 and 43 lines—Gothic type—no catchwords—heading of chapter I in red—fl. xxix wrongly numbered xxvi.

Collation by signatures: One leaf without signature mark; A, 4 leaves; a–h, each 6 leaves; total 53 leaves.

O unico exemplar conhecido do *Eſpelho de Criſtina*, alem do nosso—que pertenceu a Sua Majestade El-Rei D. Luiz e está completo e admiravelmente conservado—encontra-se na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Innocencio (*Diccionario*, t. II, pp. 233–234) dá-nos uma descripção do livro que intitula, "obra notavel, e rarissima," e accrescenta:

"O unico exemplar que se conhecia d'este famoso livro, tinha-o o dr. Antonio Ribeiro dos Sanctos. Depois appareceu outro (se acaso não é o proprio) em poder de D. Francisco de Mello Manuel....Este passou com a livraria do dito para a Bibl. Nacional, onde existe em soffrivel estado de conservação."

Referem-se a esta obra Ribeiro dos Santos (*Memoria sobre a historia da typographia portugueza no seculo* XVI, p. 117), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 228 e 229), que repete na integra as palavras de Innocencio, Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 138–139), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 442), cuja descripção é a mais

The only known copy of the *Eſpelho de Criſtina*—besides our own, which belonged to His Majesty King Luiz, and is complete and perfect—is kept in the Lisbon National Library. Innocencio (*Diccionario*, vol. II, pp. 233–234) gives a description of the book, which he designates as a "notable and extremely rare work," adding:

"The only copy that was known of this famous book belonged to Dr Antonio Ribeiro dos Santos. Another one (if not by chance the same) afterwards appeared in the possession of D. Francisco de Mello Manuel....This passed with the rest of Dom Francisco's library to the Lisbon National Library, where it exists in a tolerable state of preservation."

The following bibliographers refer to this work: Ribeiro dos Santos (*Memoria sobre a historia da typographia portugueza no seculo* XVI, p. 117), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, pp. 228–229), who copies all Innocencio's notes on the subject, Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 138–139), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 442), whose

[1] *Below are the Royal Arms with the griffin crest, flanked by vignettes.*

completa. Contudo, nenhum dos auctores que citamos menciona uma folha preliminar, com uma gravura enquadrada por uma portada, que se encontra no nosso exemplar. Essa folha é curiosa, por ser mais um documento comprovativo da enorme quantidade de material de outros impressores, de que Germão Galharde se serviu. A gravura de Santo Agostinho (?) no centro da folha é a mesma que Galharde empregou no *Breviarium Sancte Crucis*, impresso em Coimbra *in dicto cenobio*, em 1531. A portada é identica—menos a Cruz de Christo que alli se encontra a vermelho, no meio da parte inferior—á que se vê na *Regra dos Monges* egualmente impressa em Coimbra por Germão Galharde em 1531. Como as descripções, a que alludimos, do *Espelho de Cristina* fôram feitas do exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa, este facto permitte-nos suppôr que, alem d'elle se encontrar "em soffrivel estado de conservação," como diz Innocencio, tambem não esteja completo (ver a *Regra dos Monges*).

Tres illustres escriptores, especialmente, occuparam-se da versão Portugueza d'este livro: Dr J. Leite de Vasconcellos (*Lições de Filologia Portuguesa*, pp. 137–138), Conde de Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, pp. 308–309), e Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, p. 95). O *Espelho de Cristina* foi mandado verter em linguagem pela Rainha D. Izabel, mulher d'El-Rei D. Affonso V, da obra escripta pela celebre Christina de Pisano e intitulada *Trésor de la Cité des Dames* ou *Livre des trois vertus pour l'enseignement des Princesses*, cuja primeira edição foi impressa em Paris em 1497. Como diz Sabugosa (*ob. cit.* p. 309):

"Christina de Pisano sua auctora, é uma figura notavel. Foi a primeira *mulher de lettras* em França. Mais ainda, foi a precursora do feminismo, tomada esta palavra no sentido da defeza dos direitos das mulheres e da sua emancipação moral."

Christina, filha do astrologo Thomaz de

description is the most complete. Yet none of the authorities we have enumerated mentions a preliminary leaf, bearing a woodcut within an architectural border, which precedes the title-page in our copy. This leaf is interesting as a further proof to show what an enormous quantity of Germão Galharde's material originally belonged to other printers. The woodcut of St Augustine (?) in the centre of the page is the same as Galharde used in the *Breviarium Sancte Crucis*, printed at Coimbra *in dicto cenobio* in 1531. The architectural border reappears—with the addition of the Cross of Christ in red in the centre of the lower part—in the *Regra dos Monges* also printed in Coimbra by Germão Galharde in 1531. As the descriptions, to which we have alluded, of the *Espelho de Cristina* were made from the copy in the Lisbon National Library, we may be allowed to suppose that, although the copy there is in what Innocencio calls "a tolerable state of preservation," it is not complete, since it wants the leaf we have described (see the *Regra dos Monges*).

Three eminent writers in particular have studied the Portuguese version of this book: Dr J. Leite de Vasconcellos (*Lições de Filologia Portuguesa*, pp. 137–138), the Conde de Sabugosa (*A Rainha D. Leonor*, pp. 308–309) and Aubrey Bell (*Portuguese Literature*, p. 95). The *Espelho de Cristina* was translated into Portuguese by command of Queen Izabel, wife of King Affonso V, from the work written by the famous Christine de Pisan and entitled *Trésor de la Cité des Dames* or *Livre des trois vertus pour l'enseignement des Princesses*, the first edition of which was published in Paris in 1497. As Sabugosa says (*op. cit.* p. 309):

"Christine de Pisan, its author, is a notable figure. She was the first *woman of letters* in France. And further she was the precursor of feminism, taking this word in the sense of the defence of women's rights and their moral emancipation."

Christine, the daughter of the astrologer

Pisano, nascera em Veneza em 1363, e viera aos cinco annos para França, onde seu pae fôra chamado para exercer o cargo de secretario do Rei Carlos V. Alli foi educada; alli desenvolveu a sua extraordinaria intelligencia; alli começou a escrever; alli compoz as suas obras, tanto em verso como em prosa, entre as quaes citaremos—alem do *Trésor de la Cité des Dames*, que nos occupa especialmente—a *Vie de Charles V*, as *Cent histoires de Troyes*, as *Ballades*, e as *Lettres à la reine Isabelle*, nas quaes se revela um admiravel amor pela França, a sua patria adoptiva, e onde casou—tinha quinze annos—com Etienne Castel, ou, como escriptores lhe teem chamado, Ducastel, de quem teve tres filhos. Nas nossas notas sobre o *De Bello Septensi* de Mattheus de Pisano, vimos que Corrêa da Serra (*Ineditos de Historia Portugueza*, vol. I) suppunha ter sido o auctor da versão latina da guerra de Ceuta, filho de Christina de Pisano. Corrêa Pinto, como dissemos nas mesmas notas, não concordou com essa opinião, e suggeriu a possibilidade de Mattheus ter sido irmão de Christina. Sousa Viterbo (*Archivo Historico Portuguez*, t. II, pp. 256 e 257) tambem se não inclina á hypothese de Corrêa da Serra. Christina é uma figura notavel e extremamente interessante; falleceu na primeira metade do seculo XV. Quem desejar mais detalhes sobre a sua vida e obras, deverá ler o livro de Thomasy, *Essai sur les écrits politiques de Christine de Pisan*, Paris, 1838.

Em 1440 Martin le Franc escreveu os seguintes versos em louvor d'esta illustre senhora:

> "Christine fut Tule et Caton:
> Tule, car en toute éloquence
> Elle eut la rose et le bouton;
> Caton aussi en sapience."

Mais de cem annos depois, Clément Marot, n'um dos seus poemetos, dedicado a uma dona, escreve tambem:

> "D'avoir le prix en science et doctrine,
> Bien mérita de Pisan la Christine
> Durant ses jours...."

Thomas de Pisan, was born in Venice in 1363, and, when she was five years old, went to France, whither her father had been called to act as secretary to King Charles V. There she was educated; there her extraordinary intelligence was developed, and she began to write. In France she composed both her prose and her poetical works, among which, besides the *Trésor de la Cité des Dames*, which interests us especially, we would mention the *Vie de Charles V*, the *Cent histoires de Troyes*, the *Ballades*, and the *Lettres à la reine Isabelle*, in which a wonderful patriotic love for her adopted country is revealed. At the age of fifteen she married Etienne Castel—or, as some writers call him, Ducastel—by whom she had three sons. In our notes on *De Bello Septensi* by Mattheus de Pisano, we saw that Corrêa da Serra (*Ineditos de Historia Portugueza*, vol. I) considered the author of the Latin version of the history of the war of Ceuta to have been Christine de Pisan's son; but, as we said, Corrêa Pinto did not agree with this theory and suggested that Mattheus may have been Christine's brother. Sousa Viterbo (*Archivo Historico Portuguez*, vol. II, pp. 256 and 257) does not support Corrêa da Serra's hypothesis either. Christine was a most arresting and interesting personality; she died in the first half of the XVth century. Those who wish for more details about her life and works should read Thomasy's *Essai sur les écrits politiques de Christine de Pisan*, Paris, 1838.

In 1440 Martin le Franc wrote the following verse in praise of this famous authoress:

> "Christine fut Tule et Caton:
> Tule, car en toute éloquence
> Elle eut la rose et le bouton;
> Caton aussi en sapience."

More than a hundred years later Clément Marot included the following lines in a poem dedicated to a lady:

> "D'avoir le prix en science et doctrine,
> Bien mérita de Pisan la Christine
> Durant ses jours...."

E Sabugosa (*loc. cit.*), depois de analysar as grandes qualidades de Christina e a influencia moral que exerceu na sociedade do tempo, accrescenta:

"Quando escreveu o celebre livro *des Trois Vertus* diz uma sua biographa: '*Les abeilles de Platon voltigeaient sur sa bouche*' (Dora Melegari, *Ames et Visages de Femmes*, p. 106)."

Ignora-se quem traduziu em Portuguez a obra de Christina de Pisano: apenas sabemos que a versão em linguagem foi ordenada pela Rainha D. Izabel. O Dr Leite de Vasconcellos (*loc. cit.* nota 1) dá-nos as seguintes e importantes informações:

"Na Bibliotheca Nacional de Madrid examinei um códice do séc. XV com a tradução portuguesa, em cuja primeira página se lê: *Aquy secomeça* o liu° das tres uertudes a inssinança das damas: *o p̃m° capit° deuisa as tres uertudes p̱ cujo mandamento Xpĩna fez e conpillou o* liu° dacidade das damas *E lhe apareçerom outrauez e lhe mandarom que fizesse esta presente obra, o qual liu° foi tornado deffrances em esta nossa linguajem portugues per mandado da muyto exçellente e conprida de muytas uertudes Sñora Rª dona Isabel, molher do muyto alto e muyto exçelente pñcep e S^or ElRey dom å oquynto deportugal e do algarue e Sñr deçepta....*"

A traducção foi pois feita entre 1447 e 1455—mais de quarenta annos antes do *Trésor de la Cité des Dames* ter sido impresso em Paris—de um manuscripto francez que a Rainha D. Izabel possuiu. É licito suppôr que esse codice fôsse trazido de França pelo Infante D. Pedro, e que elle o desse á filha, visto a obra tratar *des trois vertus pour l'enseignement des Princesses.* O que não ha duvida, é que o *Trésor de la Cité des Dames* não só despertou o interesse de D. Izabel, mas que considerou conveniente fazel-o verter em linguagem. Mas de que manuscripto? Não se sabe. O illustre Professor Leite de Vasconcellos (*loc. cit.*) diz-nos mais, que o codice Portuguez de Madrid não combina, nem com o original Francez impresso em Paris em 1497, nem com a

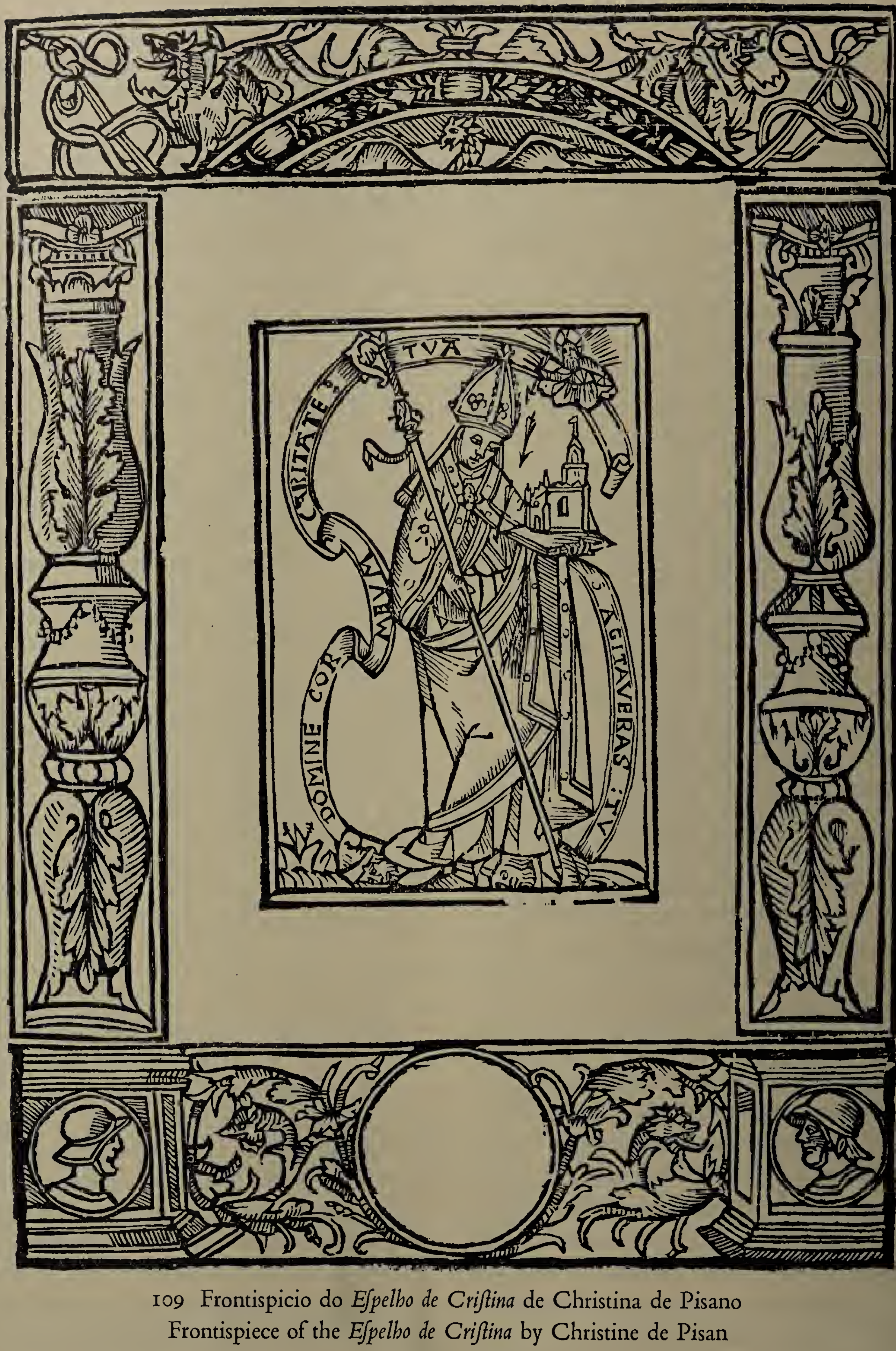
And Sabugosa (*loc. cit.*) analyses Christine's great qualities and her moral influence on the society of the period, adding:

"One of her biographers says that when she wrote the famous book *des Trois Vertus*, '*Les abeilles de Platon voltigeaient sur sa bouche*' (Dora Melegari, *Ames et Visages de Femmes*, p. 106)."

We know that Christine de Pisan's work was translated into Portuguese by command of Queen Izabel; but the translator's identity is shrouded in mystery. Dr Leite de Vasconcellos (*loc. cit.* note 1) gives the following important information:

"I have examined a XVth century codex with the Portuguese translation in the Madrid National Library, and on the first page it says: *Here begins* the book of the three virtues for the instruction of ladies: *the first chapter designates the three virtues by whose command Christine made and compiled the* book dacidade das damas (of the city of Dames) *And they again appeared to her and commanded her to write this present work, which book was done from the French into this our vernacular by command of the very excellent and virtuous Lady, Queen dona Isabel, wife of the most high and excellent prince and lord, King Dom Affonso the Fifth of Portugal and the Algarve and Lord of Ceuta....*"

The translation must therefore have been made between 1447 and 1455—more than 40 years before the *Trésor de la Cité des Dames* was printed at Paris—from a French manuscript in Queen Izabel's possession. It is permissible to suppose that this codex may have been brought from France by the Infante Dom Pedro, who must have considered it a suitable present for his daughter, since it treated *des trois vertus pour l'enseignement des Princesses.* The one thing certain is that the *Trésor de la Cité des Dames* aroused Dona Izabel's interest and that she considered it worth while to have the book translated into the vernacular, though from what manuscript we do not know. Professor Leite de Vasconcellos says that the Portuguese codex at Madrid does not tally with either the French original printed in Paris



109 Frontispicio do *Espelho de Cristina* de Christina de Pisano
Frontispiece of the *Espelho de Cristina* by Christine de Pisan
Lisboa, 1518

¶ Capitulo primeyro. Como as tres virtudes amoestã todas prinçesas ⁊ grãdes Senhoras que venhã aa ssua escolla. E sseu principal ensinamento he amar ⁊ temer deos.

A parte d nos tres Irmãos fylhas de deos nomeadas Razam. Direjtura. Justiça. A todalas priçesas. s. emperatrizes rainhas/ duquesas ⁊ altas senhoras que regnam ẽ senhorio sobre a terra dos xpiãos. de sy ẽ geral a todo o genero femenino saude ⁊ amor Saberuos fazemos. que como a caridade nos costrange desejar o bem ⁊ acrecẽtamento da hõra ⁊ bem auenturança de vos todas ⁊ aquerer a destroyçam ⁊ minguamento das cousas que esto podẽem bargar somos mouidas a vos declarar ⁊ dyzer pallauras de doutrina. Uinde poes todas aa escolla da sapiençia. Senhoras de grande estados ⁊ nom ajaaes verguõha por vossas grandezas de vos fazerdes humildosas ⁊ deçer ⁊ seer em bajxo pera ouuir nossas ensinanças. Ca segundo a pallaura de deos quem se humilda sera enxalçado E qual cousa he em este mundo mays praziuel nem tam deleytosa aaquelles que a desejam que as mundanas riq̃zas. ouro ⁊ pedras priciosas ⁊ posto que muyto dellas percalçem nom lhe poderiã tanto aproueytar como fazem as virtudes aos coraçõees que desejã bem viuer. E por que som as virtudes milhores. por que duram sem fym ⁊ sam thesouro da alma que he ꝑpetua. E as outras passam como fumo. E tãto como ho spiritual gosta sente sua doçura as deseja mays que outra cousa mũdanal pode seer desejada E pois nom pertẽçe aa aq̃lles ⁊ aaquellas que per graça de deos som assentados em boa fortuna nos majs altos estados que sejam seruidos de melhores cousas. E por que virtudes som as viandas de nossa mesa. nos praz destrybuir primejramente a estes a q̃ fallamos. s. aas ditas prinçesas. E ssera ho fundamento de nossa doutrina primeyramente sobre o amor ⁊ temor de deos porque este he o começo da sabedoria ⁊ de que todas as outras virtudes nascem ⁊ descendem. Entendee poys prinçesas ⁊ senhoras honrradas sobre a terra / como principalmente sobre todas cousas vos conuem amar ⁊ temer deos Amalo por sua jnfynda bõdade ⁊ pollos grandes ⁊ muitos benefiçios q̃ delle tendes reçebidos E temello por sua diuina ⁊ santa justiça que nenhũa cousa leyxa impunida. E sse este amor ⁊ temor tẽdes bem ante vossos olhos sem duuida vos sooes no caminho que dereytamente vos leuara ao lugar onde vos chamamos. s. aas virtudes. Nota sẽ duuida he assy que toda pesoa que bem ama deos. o deue mostrar per obras segundo elle mesmo diz no euãgelho: as ouelhas q̃ som de mynha parte me amam ⁊ eu as guardo. quer dizer q̃ as creaturas que ho amã seguem suas pegadas que som as virtudes ⁊ elle as garda de todo perigo Poes he assi

a i

110 Uma pagina do *Espelho de Cristina* de Christina de Pisano
A page from the *Espelho de Cristina* by Christine de Pisan
Lisboa, 1518

E que tal lumyera de sciencya ℞ ver/dadeira sapiençia lhe dee que ella se possa empregarem quanto dura e esta vida é o nobre trabalho do esta/do em louuor ℞ exalçamento de vir/tudes ℞ boos exemplos a toda hu/manal criatura E desque a alma for partida do corpo lhes praza oferecer a dos por ella orações oblações ℞ deuações por aliuaméto das pe/nas que por seus peccados mereçeo E que seja presentada ante deos no mundo que nom auera fym o qual nos elle outorgue. Amen.

¶ Deo gracias.

¶ Por mandado dela muyto escla/resçida reyna dona lyanor molher do poderoso y muy manifico rey dõ juan segundo de portugal.

¶ Acabase el libro intitulado das tres virtudes no qual se cótem muytas profeytosas doutrinas y salu/dables exemplos assy pera as generosas y grandes donas como pera as outras de qual quer estado o condiçiom que sejam. E poderam enelle deprender como se bam de regir ℞ gouernar no regimento de suas ca/sas fazendas y honrras. Impresso em ha muy nobre y sempre leal cibdade de lixboa por herman de campos. Imprimidor y bombardeyro do rey nosso senhor cõ gracia y pri/uilegio de su alteza. Anno de nostra saluaçam. m. d. y xviij. annos. a xx. dias do mes de junio.



111 Colophon do *Espelho de Cristina* de Christina de Pisano
Colophon of the *Espelho de Cristina* by Christine de Pisan
Lisboa, 1518

edição Portugueza impressa em Lisboa em 1518. A notoriedade da obra, escripta n'uma epocha em que a imprensa não era conhecida, teve certamente como resultado a existencia de muitas copias manuscriptas: uma d'essas copias veiu para Portugal, provavelmente trazida—como dissemos—pelo Infante D. Pedro, da qual se fez a traducção. Passados uns setenta annos, a Rainha D. Leonor, a protectora das artes e das lettras, mandou imprimir essa versão Portugueza da obra de Christina de Pisano—que tomou o nome de *Efpelho de Criftina*—por Hermão de Campos, em 1518, como está escripto no colophon do livro: "Por mandado dela muyto efclarefcida reyna dona lyanor molher do poderofo y muy manifico rey dõ juan fegundo de portugal." É interessante notar que, se na folha de rosto se lê: "Aqui comẽça o liuro chamado efpelho de Criftina o qual falla de tres eftados de molheres. E he partydo em tres partes," no colophon—assim como no alto das folhas—o nome do livro é *Das tres virtudes*.

"Acabafe el libro intitulado das tres virtudes no qual fe cõtem muytas profeytofas doutrinas y faludables exemplos affy pera as generofas y grandes donas como pera as outras de qualquer eftado o condiçiom que fejam. E poderam enelle de prender como fe ham de regir ꝛ gouernar no regimento de fuas cafas fazendas y honrras."

O livro está dividido em tres partes, como já dissemos:

"A primeyra fe enderença aas Raynhas. Prinçefas. Duquefas ꝛ grandes fenhoras. A fegũda aas donzellas em efpeçyal aaquellas que andam nas cortes das grandes prinçefas. A terçeyra aas molheres deftado ꝛ burgefas ꝛ molheres de poboo comuũ."

No "Prollogo de como as tres virtudes per cujo mandado Criftina fez o liuro da cidade das damas lhe tornarõ aapareçer," onde encontramos o terceiro titulo da obra da illustre auctora—*Cité*

in 1497, or the Portuguese version printed in Lisbon in 1518. The fame of the work—written before the invention of printing—must have led to the making of many manuscript copies: one of these copies must have come to Portugal, probably through the agency of the Infante Dom Pedro, and from that copy the translation must have been made. Some seventy years later, Queen Leonor, the patroness of art and literature, commanded Hermão de Campos to print this Portuguese version of Christine de Pisan's work, which was issued in 1518 with the title of *Efpelho de Criftina*, as it says in the colophon: "By command of the most enlightened Queen Dona Lyanor, wife of the powerful and most magnificent King Don Juan (João) the second of Portugal." It is interesting to note that, though on the title-page it says: "Here begins the book called *efpelho de Criftina* which tells of the three states of women, and is divided into three parts," the name given to the book in the colophon and in the headlines is *Das tres virtudes* (of the three virtues).

"Here ends the book called *das tres virtudes* in which are contained many profitable doctrines and wholesome examples for great and noble ladies as well as for those of whatsoever state and condition; and they will be able to learn therein how to comport themselves in the administration of their houses, fortunes and honours."

As we have already stated, the book is divided into three parts:

"The first is addressed to Queens, Princesses, Duchesses, and great ladies. The second to maidens and especially to those who are in the courts of great princesses. The third to ladies of quality, citizens and women of the people."

In the "Prologue of how the three virtues by whose command Christine composed the book of the *cidade das damas* appeared before her again"—we find the third title of the famous lady's book: *Cité des Dames*—and see the three

des Dames—vêmos apparecer as tres virtudes "Razom. Dereitura ꝛ Iustiça." As tres "gloriosas ſenhoras," dirigindo-se a Christina, dizem-lhe que não é "tempo de repouſares" e que não estão ainda

"canſadas de te meter em trabalho como noſſa ſeruidora: obra boa te teemos ordenada compoſta ꝛ determinada em noſſo virtuoſo ꝛ maduro conſelho....E aſſi a noſſa cidade das damas he boa ꝛ proueitoſa obra ſeja beenta ꝛ ſera louuada per todo o mũdo. E ainda em louuor della nos praz que aſſy como o paſſareiro aparelha ſua rede ꝛ laços com que fylhe as aues querem[9] que pois a cidade das damas de honrra he feita ꝛ aparelhada ſejam per nos cõ tua ajuda penſados laços redes ꝛ engenhos os quaes tu armaras per toda a terra ꝛ logares ꝛ praças per onde as grandes ſenhoras ꝛ todas molheres paſſam. afim que aquellas que ſom aſperas ꝛ duras damanſar poſſam cayr em noſſas armadylhas: em tal maneira que pocas ou nehuũa eſcapem das que hy tocarem: ꝛ que todas ſejam tragidas aa noſſa cydade gloryoſa....E eu xp̃ina ouuido as vozes de minhas boas ꝛ honrradas ſenhoras...me puſe de giolhos antellas ꝛ me ofereçy aa obediençia de ſeus dignos mandamentos: os quaes logo reçeby em eſta forma. Toma tua pena ꝛ eſcreue...."

Assim, para as "Raynhas, Prinçeſas, Duqueſas, grandes ſenhoras, donzellas que andam nas cortes das grandes prinçeſas, molheres deſtado, burgeſas ꝛ molheres de poboo comuũ," foi escripto o *Eſpelho de Criſtina*, em honra da Mulher.

Alem da sua extrema raridade, a versão Portugueza do livro de Christina de Pisano, sahida dos prelos de Hermão de Campos, tem para nós o interesse historico de ser a ultima obra conhecida, mandada imprimir pela excelsa Rainha D. Leonor. No caso do *Eſpelho de Criſtina*, esse interesse ainda mais vivo se torna, visto a versão em linguagem ter sido mandada executar pela Rainha D. Izabel, mulher de D. Affonso V e filha do Infante D. Pedro—o Regente. Como dissemos, o manuscripto do *Trésor de la Cité des Dames* foi muito provavelmente dado pelo

virtues "Reason, Righteousness and Justice." These three "glorious ladies" tell Christine that the "time for repose" has not arrived and that they are not yet

"'tired of setting thee to work as our servant: we have ordered, composed and determined a good work for thee in our virtuous and mature counsel....And as our *cidade das damas* is a good and profitable work, be it blessed, and it shall be praised throughout the world. And further in praise of it, it pleases us that, as the bird-seller makes ready his nets and snares to catch the birds, we desire that, since the *cidade das damas* is made and prepared with honour, we may with thine aid contrive snares, nets and artifices, which thou shalt set all over the earth, in the places and localities where the great ladies and all women pass, so that those who are wild and difficult to tame may fall into our traps, in such a way that few or none that touch them can escape, and that all are carried to our glorious city.'...And I Christine, having heard the voices of my good and honoured ladies, went down on my knees before them and gave myself up to obey their worthy commands, which I then received in this form: 'Take up thy pen and write.'..."

So, for "Queens, Princesses, Duchesses, great ladies, maidens who are in the courts of great princesses, ladies of quality, citizens and women of the people," the *Eſpelho de Criſtina* was written in honour of womanhood.

Apart from its extreme rarity, the Portuguese version printed by Hermão de Campos, of Christine de Pisan's book, has the historical interest of being the last known work published by command of Queen Leonor. The *Eſpelho de Criſtina* is rendered even more interesting by the fact that it was translated into Portuguese at the behest of Queen Izabel, wife of Dom Affonso V and daughter of the Infante Dom Pedro—the Regent. As we have said, the manuscript of the *Trésor de la Cité des Dames* was very likely given to his daughter by the Infante, even if he did not

Infante a sua filha, se elle mesmo o não trouxe comsigo da sua longa viagem, como trouxe de Veneza, para seu irmão o Infante D. Henrique, o manuscripto do *Livro de Marco Paulo* (ver as nossas notas sobre o *Marco paulo*). A obra de Christina de Pisano—que exerceu uma notavel influencia moral na sua epocha—foi tanto do agrado da Rainha D. Izabel, que essa Senhora—tão infeliz assistindo á tragica lucta entre o marido e o pae, durante a qual o admiravel Infante encontrou a morte na triste batalha da Alfarrobeira—o mandou traduzir: a ella se deve pois o *Efpelho de Criftina*, como devemos á Rainha D. Leonor, sua nora, a sua impressão. É uma dupla reliquia de duas illustres Princezas, que souberam apreciar as "tres virtudes" para "inssinança das damas"!

bring it back with him from his travels, as he brought the manuscript of the Book of Marco Polo from Venice for his brother the Infante Dom Henrique (see our notes on the *Marco paulo*). Christine de Pisan's book, which exercised a notable moral influence on the period, was so much to the taste of Queen Izabel, that this lady —whose life was made unhappy by the tragic struggle between her husband and her father, during which the noble Infante met his death in the battle of Alfarrobeira—was moved to have it translated: thus it is to her that we owe the *Efpelho de Criftina*; while its printing is due to Queen Leonor, her daughter-in-law. The book is therefore a monument to these two gracious Princesses who knew how to appreciate the "three virtues" for the "instruction of ladies"!



Reportorio dos tẽpos ẽ portugues cõ as estrellas dos signos. ꝛ com as cõdições do q̃ for naçido em cada signo ꝛ o creçer ꝛ mingoar do dia. ꝛ das q̃tro cõpreixões ꝛ suas cõdições. ꝛ a declinaçã do sol. cõ seu regimẽto com outras muytas adições. Trelladado ꝛ empremido per Valẽtym fernãdez alemam. Com preuilegio del Rey nosso senhor.

112 Folha do rosto do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
Title-page of the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518



¶ Seguese o regimẽto da declinaçam do sol pera per ella saber o mareãte em qual parte esta. s. aquem ou dalem da linea equinocial. a qual declinaçam he tirada puntualmẽte del Zacuto pello honrrado Gaspar nicolas mestre sufficiente nesta arte.

¶ Item saberas que dos. 11. dias de março atee os. 13. de setembro anda o sol da banda do norte da linea equinocial. E e

113 Folha do rosto do *Regimẽto da declinaçam do sol* de Valentim Fernandes
Title-page of the *Regimẽto da declinaçam do sol* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

20 VALENTIM FERNANDES, REPORTORIO DOS TEMPOS, que contem o REGIMẼTO DA DECLINAÇAM DO SOL. Lisboa, Valentim Fernandes, 1518.

Reportorio | dos tẽpos ẽ portugues cõ as eſtrel | las dos ſignos. ⁊ com as cõdições do q̃ for naçido em ca | da ſigno ⁊ o creçer ⁊ mingoar do dia. ⁊ das q̃tro cõprei- | xões ⁊ ſuas cõdições. ⁊ a declinaçã do ſol. cõ ſeu regimẽ | to com outras muytas adições. Trelladado ⁊ empremi- | do per Valẽtym fernãdez alemam. Com preuilegio del | Rey noſſo ſenhor.

Por cima a Esphera com duas figuras de meio corpo, uma de um Rei, a outra de um astronomo; com a legenda[1]:
IИ DEO

[fl. 1 vo.] Seguese o reportorio dos tempos trelladado | de caſtelhano em portugues per Valentym fernãdez ale | mã. Dirigido ao muy virtuoſo ⁊ nobre ſenhor o ſenhor | Antonio carneyro ſumo ſecretario do Illuſtriſſimo ⁊ chri | ſtianiſſimo principe Rey ⁊ ſenhor dom Manuel Rey ꝺ | portugal noſſo ſenhor cõ ontras [sic] muytas adições q̃ no | ha no caſtelhano. | Prologo. [...]

[fl. 2—a ij] [...] Seguese o prologo feito ꝑ ãdre de ly çidadaão | de çaragoça dirigido ao muy magnifico ſenhor dõ Pe- | dro torreyro. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Começaſe ho reportorio ⁊ primeiramẽte do | tempo em geeral ⁊ q̃ couſa he. capitulo primeiro. [...]

[fl. 3—a iij] [...] Do dia ⁊ q̃ couſa he. ⁊ a que hora ſe começa ⁊ | em quantos tempos ſe reparte. Capitulo .ij. [...]

[fl. 4—a iiij] [...] Do anno ⁊ q̃ couſa he. E do anno ſolar ⁊ ãno | lũar. ⁊ de quantos meſes os antijgos o faziam. ⁊ em quã | tos tẽpos ſe reparte. capitulo .iij. [...]

[fl. 5 vo.] [...] Do mes ⁊ que couſa he ⁊ quantos ſom os | meſes. capitulo. iiij. [...]

[fl. 6] [...] Dos meſes ⁊ em particular de cada huũ ⁊ co | mo alcançarõ ſeus nomes. capitulo .v. [...]

Gravura reproduzida na p. 362[2].

[fl. 6 vo.—10 vo.]

Gravuras reproduzidas nas pp. 362 e 363.

[fl. 11—b iij] [...] Da ſomana ⁊ porque ſe chama aſſi. ⁊ porque fo | rom nelle ſete os dias capitulo .vj. [...]

[1] *Above is a woodcut of the armillary Sphere with a figure on each side of it, one representing a king and the other an astronomer; and with the legend:*

[2] *Woodcut reproduced on page 362.*

[fl. 11 vo.] [...] Das horas ꝛ que coufa he capitulo .vij. [...] Dos pranetas ꝛ q̃ quer dizer praneta | capitulo .viij. [...]

[fl. 12 vo.—b iiij]

Gravura reproduzida na p. 373.

[fl. 13] [...] Que coufa he çeeo. ꝛ q̃ntos fõ os çeeos cap. ix. [...] Dos çeeos ou pranetas em particular de cada | huũ. ꝛ primeiramẽte do çeeo primeiro ꝛ do feptimo praneta | que nelle tem feu affento capitulo. x. [...]

[fl. 13 vo.]

Gravura reproduzida na p. 374.

[fl. 14 vo.] [...] Do fegundo çeeo. ꝛ de Mercurio q̃ he o fexto | praneta capitulo. xj. [...]

Gravura reproduzida na p. 374.

[fl. 15 vo.] Do çeeo terçeiro: ꝛ do quĩto praneta que he ve | nus capitulo. xij. [...]

Gravura reproduzida na p. 374.

[fl. 16] [...] Do quarto çeeo ꝛ do fol que he o quarto prane- | ta capitulo. xiij. [...]

[fl. 16 vo.]

Gravura reproduzida na p. 374.

[fl. 18—c ij] Do quinto çeeo ꝛ do terçeiro praneta que he o | mars capitulo. xiiij. [...]

Gravura reproduzida na p. 375.

[fl. 18 vo.] [...] Do fexto çeeo. ꝛ de jupiter que he o fegũdo pra | neta capitulo. xv. [...]

[fl. 19—c iij]

Gravura reproduzida na p. 375.

[fl. 19 vo.] [...] Do feptimo çeeo. ꝛ do faturno q̃ | he o primeiro praneta capitulo. xvj.

Gravura reproduzida na p. 375.

[fl. 20 vo.—c iiij vo.] [...] Dos dous vltimos çeeos. ꝛ primei | ramente do octauo çeeo capitulo. xvij. [...] Dos doze fignos ꝛ que quer dizer | figno capitulo. xviij. [...]

[fl. 21]

A mesma gravura da (fl. 12 vo.) reproduzida na p. 373[1].

[fl. 21 vo.] [...] Do figno primeiro do zodiaco cha | mado Aries ou carneyro capitulo. xix. [...]

Gravura que representa Aries[2].

[fl. 22 vo.] [...] Do figno fegundo do zodiaco chamado thaurꝰ | ꝛ porque fe chama affi capitulo. xx. [...]

Gravura que representa Taurus.

[1] *The same woodcut as on (fl. 12 vo.), which is reproduced on page 373.*
[2] *Woodcut representing* Aries.

[fl. 23] [...] Do ſigno terçeiro chamado geminis ꝛ porque | ſe chama aſſi capitulo. xxj.

[fl. 23 vo.]

Gravura que representa Gemini.

[fl. 24] [...] Do quarto ſygno chamado Cançer ꝛ porque | ſe chama ſſi [sic] capitulo. xxij.

[fl. 24 vo.]

Gravura que representa Cancer.

[fl. 25—d] [...] Do quinto ſigno do zodiaco chamado | leo. ꝛ porq̃ ſe chama aſſi capitulo. xiij. [aliás xxiij]. [...]

Gravura que representa Leo.

[fl. 26—d ij] [...] Do ſigno ſexto chamado Virgo ꝛ por | que ſe chama aſſi capitulo. xxiiij. [...]

Gravura que representa Virgo.

[fl. 26 vo.] [...] Do ſigno do circulo do zodiaco chama | do libra. ꝛ porq̃ ſe chama aſſi capitulo. xxv. [...]

Gravura que representa Libra.

[fl. 27—d iij] [...] Do ſigno octauo chamado Scor | pius ꝛ porq̃ ſe chama aſſi capitulo. xxvj.

[fl. 27 vo.]

Gravura que representa Scorpio.

[fl. 28—d iiij] [...] Do ſigno. ix. do zodiaco chamado ſagitta- | rius ꝛ porq̃ ſe chama aſſi capitulo. xxvij. [...]

Gravura que representa Sagittarius.

[fl. 29] [...] Do ſigno. x. do çirculo do zodiaco chamado | capricorn⁹. ꝛ porq̃ ſe chama aſſi capitulo. xxviij. [...]

Gravura que representa Capricornus.

[fl. 30] [...] Do ſigno. xj. chamado Aquarius ꝛ por | que he chamado aſſi capitulo. xxix. [...]

Gravura que representa Aquarius.

[fl. 30 vo.] [...] Do ſigno. xij. do circulo zodiaco chama | do piſces. ꝛ porq̃ he aſſi chamado. capitulo. xxx. [...]

Gravura que representa Pisces. (*As 12 gravuras dos signos do Zodiaco encontram-se reproduzidas na p. 376*[1].)

[fl. 31 vo.]

Gravura igual á quee está por cima do titulo do Regimento da Declinação do Sol *de Evora, e que é reproduzida na p. 382*[2].

[...] Do circulo do zodiaco capitulo. xxxj. [...]

[1] (*The 12 woodcuts of the signs of the Zodiac are reproduced on p. 376.*)

[2] *Woodcut, like the one on the title-page of the Evora edition of the* Regimento da Declinação do Sol, *reproduced on page 382.*

[fl. 32] [...] Dos vẽtos ꝛ ſuas qualidades capitulo. xxxiiij. [aliás xxxij]. [...]
Gravura reproduzida na p. 382.

[fl. 33—e] *A mesma gravura do rosto*[1]. Seguefe o regimẽtoda [sic] declinaçam do ſol pera | per ella ſaber o mareãte em qual parte eſta. ſ. aquem ou da | lem da linea equinocial. a qual declinaçam he tirada puntu | almẽte del Zacuto pello honrrado Gaſpar nicolas meſtre | ſufficiente neſta arte. [...]

[fl. 34—e ij] [...] E ſeguefe o calendayro q̃ em ſy contem | as couſas ſeguintes. [...]

[fl. 34 vo.—45 vo.]
As mesmas gravuras das (fl. 6–10 vo.) já reproduzidas nas pp. 362 e 363; mas com a gravura de Outubro no logar da de Setembro e vice versa. (Os calendarios para os mezes de Janeiro e Dezembro estão reproduzidos nas pp. 383 e 384[2]*.)*

[fl. 47] Do creçer ꝛ minguar do dia feyto ſobre o emyſ | perio da muy nobre çidade de Lixboa. cap. xxxiij. [...]

[fl. 50] [...] *Gravura reproduzida na p. 391.* Regimẽto da eſtrella do norte cõ os ſinaes das | guardas pera quando quer que tomares a altura da eſtrel | la do norte pera ſaberes quanto eſtas aredado da linea | equinoçial pera a parte do norte. Capitulo. xxxiiij.

[fl. 51—g iij] [...] Regimento pera ſaberes quãtas legoas | entram por grao per cada huũa deſtas ſete | quartas abaixo eſcriptas. E iſto do norte ꝛ | ſul. Capitulo. xxxv. [...]

[fl. 51 vo.] [...] Regimento pera ſe ſaber as horas da noyte | pella eſtrella do norte ꝛ ſuas guardas. ſ. ſabẽ | do em cada mes as guardas em que rumo fa- | zem mea noyte. logo cõtares as horas antes | da mea noyte. ou deſpois ſem errardes quaſi | nada. E os meſes vam ꝑ ordẽ de quinze em | quinze dias ꝑ todo ãno na maneira ſeguinte. | Capitulo. xxxvj. [...]

[fl. 52] [...] Das quatro compleixões em geeral. | Capitulo. xxxvij. [...]

[fl. 52 vo.] [...] Da cõpreixam ſanguinea. Cap̃. xxxviij. [...]
Gravura reproduzida na p. 386.

[fl. 53—g v] [...] Da compreixam colerica. Cap̃. xxxiiij. [aliás xxxix] [...]

[fl. 53 vo.] *Gravura reproduzida na p. 386.* [...] Da compreixam flegmatica. Cap̃. xl. [...]

[fl. 54] *Gravura reproduzida na p. 386.* [...] Da compreyxam melancolica. Cap̃. xlj.

[fl. 54 vo.] *Gravura reproduzida na p. 386.*

[fl. 55] [...] Fym das compreixões. | Seguefe as regras aſtrono | micaaes ꝛ medicinaes pera | a ſangria da eleyçam. | Capitulo xlij.

[fl. 56, 57 e 57 vo.] *Gravuras reproduzidas nas pp. 387 e 388.*

[fl. 58] Do ſangrador ꝛ ſeus aparelhos. ꝛ a ma- | neira que ha de teer no ſangrar ꝛ poer ventoſas | Capitulo. xlij. [aliás xliij] [...]

[1] *The same woodcut as on the title-page.*
[2] *The same woodcuts as appear on (fl. 6–10 vo.) (reproduced on pp. 362 and 363), but with the pictures for September and October transposed. (The calendars for the months of January and December are reproduced on pp. 383 and 384.)*

[fl. 59] As nupcias. Cap̃. xliiij. [...]

[fl. 59 vo.] Regiſtro do que em ſy conteẽ cada huũa | das ſeguintes tauoas. ⁊ como ſe ha dentẽder o | que ſe poõe em cada huũa dellas. Cap̃. xlv. | Da muy nobre arte ⁊ ſciencia daſtronomia forom ti | radas as ſeguintes tauoas per ho muyto honrra | do aſtrologo bernardo de granolachs meſtre em | artes ⁊ medecina da çidade de Barçalona. a prin | cipal de catalonha do regno daragam. ſobre ho qual hemiſ | perio forom feytas as ſeguintes tauoas. | Cada tauoa contem as cõjunções ⁊ opoſições que ſam | as luũas nouas ⁊ cheas em cada huũ mes. dia. hora. ponto | ſigno. ⁊ graao do ſigno. Começando no preſente anno de | mil ⁊ quinhentos ⁊ dez ⁊ oyto. ⁊ duram. xxxij. annos. [...]

[fl. 76 vo.] [...] Teremos. | xij. de aureo numero. Sera letra dominical. e.
É o fim da taboa para o anno 1550. Falta a ultima folha?[1]

4º.—[76] folhas—30 e 31 linhas—caractéres gothicos—sem titulos correntes nem reclamos—com vinhetas.

Numeração dos cadernos: a–f, 8 folhas cada caderno; g, 12 folhas; h–i, 8 folhas cada caderno; total de 76 folhas; as folhas g 2 e g 4 não teem assignaturas.

Encadernação de marroquim vermelho.

4to.—[76] leaves—30 and 31 lines—Gothic letter—no headlines nor catchwords—woodcuts.

Collation by signatures: a–f, each 8 leaves; g, 12 leaves; h–i, each 8 leaves; total 76 leaves; leaves g 2 and g 4 have no signature marks.

Bound in red morocco.

A edição de 1518 do *Reportorio dos Tempos*, que contem o *Regimẽto da declinaçam do ſol*, foi desconhecida de Barbosa, Innocencio, Xavier da Cunha, Mattos, Viterbo e Deslandes. Joaquim Bensaude, nas suas obras sobre a astronomia nautica em Portugal, refere-se a esta edição, sem, contudo, a ter podido examinar. Nepomuceno possuiu um exemplar (o mesmo que hoje nos pertence, pois tinha o seu ex-libris), do qual, no catalogo da venda da sua Bibliotheca, nº 683, vem uma descripção incompleta, que Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 558) copiaram, por não haver nenhuma outra informação ácerca d'este precioso livro. É pois a primeira vez que reproducções d'esta obra importantissima são apresentadas, demonstrando a existencia da edição de 1518, que a quasi totalidade dos bibliophilos e

The 1518 edition of the *Reportorio dos Tempos* (a kind of almanac), containing the *Regimẽto da declinaçam do ſol*, was unknown to Barbosa, Innocencio, Xavier da Cunha, Mattos, Viterbo and Deslandes. Joaquim Bensaude mentions the book in his works on nautical astronomy in Portugal, though he was not able to examine it. The present copy of this most important work is probably the only one in the world; it belonged, as its former ex-libris showed, to Nepomuceno, and an incomplete description of it appeared in the catalogue of his Library, and was transcribed by Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 558). This is therefore the first time that facsimile reproductions from this bibliographical treasure have been published, proving the

[1] *This is the end of the table for the year 1550. Last leaf missing?*


Janeiro


Fevereiro


Março


Abril


Maio


Junho



Julho



Agosto



Setembro



Outubro



Novembro



Dezembro

114 Gravuras dos mezes do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
Woodcuts of the months from the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

auctores negaram, ignoraram, ou da qual duvi⸗daram, podendo considerar⸗se este exemplar como unico.

O *Reportorio dos Tempos* foi traduzido por Valentim Fernandes do livro hespanhol *Re⸗portorio de los Tiempos*, especie de calendario astro⸗logico composto por André de Li. Joaquim Bensaude, que teremos de citar a cada passo, escreve, no *Regimento do Estrolabio e do Quadrante* (edição de 1914, pag. 24):

"Comme tous les ouvrages de ce genre, le Reportorio contient les données astronomiques indispensables à l'astrologie et, entre autres, les tables lunaires du Catalan Granolachs. Fer⸗nandes ajouta à l'édition portugaise du Reportorio des parties destinées aux navigateurs; il y repro⸗duit le Règlement de l'astrolabe (texte d'Evora) et de nouvelles tables nautiques extraites de l'Almanach Zacuto par maître Gaspar Nicolas."

São onze, no seculo XVI, as edições do *Re⸗portorio dos Tempos* de Valentim Fernandes, 1518, 1521, 1524, 1528, 1538, 1552, 1557, 1560, 1563, 1570 e 1573-4, todas rarissimas, das quaes, se⸗gundo Bensaude (*Astronomie nautique*), existem apenas os seguintes exemplares: na Bibliotheca Nacional de Lisboa, as edições de 1552, 1563 e 1570 (Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 691, dizem, contudo, não terem encontrado na Bibliotheca Nacional de Lisboa o exemplar da edição de 1570); na Bibliotheca do Dr Carvalho Monteiro, a edição de 1573-4; na Bibliotheca Palmella, edição de 1521; Bibliotheca do Porto, edição de 1570; Bibliotheca de Evora, edição de 1528 (?), exemplar incompleto, e edição de 1552. A esta lista devemos juntar um exemplar da edição de 1570 que se encontra na nossa Bibliotheca. A edição de 1518 é a unica que foi impressa pelo proprio Valentim Fernandes. Joaquim Bensaude reproduziu em fac⸗simile a edição de 1563: será pois d'essa edição que nos occuparemos para a comparar com a de 1518, no que diz

existence of the 1518 edition, unknown to, denied or doubted by almost all bibliophiles and authors.

The *Reportorio dos Tempos* was translated by Valentim Fernandes from the Spanish *Reportorio de los Tiempos*, a kind of astrological calendar by André de Li. Joaquim Bensaude, whose works we shall consult frequently in the course of this study, writes in the *Regimento do Estrolabio e do Quadrante* (1914 edition, p. 24):

"Comme tous les ouvrages de ce genre, le Reportorio contient les données astronomiques indispensables à l'astrologie et, entre autres, les tables lunaires du Catalan Granolachs. Fer⸗nandes ajouta à l'édition portugaise du Reportorio des parties destinées aux navigateurs; il y repro⸗duit le Règlement de l'astrolabe (texte d'Evora) et de nouvelles tables nautiques extraites de l'Almanach Zacuto par maître Gaspar Nicolas."

This *Reportorio* by Valentim Fernandes was reprinted ten times in the XVIth century (in 1521, 1524, 1528, 1538, 1552, 1557, 1560, 1563, 1570, and 1573-4), and even the re⸗impressions are very rare. According to Joaquim Bensaude (*Astronomie nautique*) there are in existence only two copies of the 1570 edition, one in the National Library at Lisbon (Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 691, say however that they are unable to find it there), and the other at Oporto; two copies of the 1552 edition, at Lisbon and Evora; and only one each of the 1521, 1563, 1573-4 and 1528 (?) editions, which are in the Palmella Library, the National Library of Lisbon, Dr Carvalho Monteiro's Library and the Evora Library respectively, the copy of the 1528 (?) edition being incomplete. To this list must be added a copy of the 1570 edition which we have in our possession. The 1518 edition was the only one published by Fernandes himself. Bensaude has reproduced the 1563 edition in facsimile, so we shall compare his reproduction with our copy

respeito tanto ao *Reportorio* como ao *Regimẽto da declinaçam do ſol.* Egualmente trataremos do *Regimento do Estrolabio e do Quadrante—Tractado da Spera do Mundo* de Munich (que examinamos cuidadosamente na Stadtbibliothek d'essa cidade) e do *Tractado da Spera do Mundo—Regimento da Declinaçam do Sol* de Evora, ambos reproduzidos em fac-simile por J. Bensaude, e que fazem parte da collecção de documentos da sua obra magistral: *Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes.*

Examinaremos primeiro as differenças entre a edição de 1518 e a de 1563 do *Reportorio dos Tempos,* por serem menos importantes. O texto do *Reportorio* é, póde dizer-se, identico: as gravuras das folhas de rosto são differentes; as dos mezes (ver as pp. 362 e 363) são as mesmas, mas com uma ordem diversa. As gravuras (reproduzidas nas pp. 374 e 375) dos capitulos "Dos çeeos ou pranetas em particular de cada huũ," são todas differentes: as gravuras dos signos do Zodiaco (reproduzidas na p. 376) são identicas, menos a do nono signo, Sagittario, que é diversa. Na edição de 1518, as gravuras do Calendario do *Regimẽto da declinaçam do ſol* são as dos mezes do *Reportorio*; na edição de 1563 são totalmente differentes: os *Regimentos* de Munich e de Evora não teem gravuras no Calendario. Passando agora á parte capital do livro, o *Regimẽto da declinaçam do ſol,* julgamos interessante comparar os titulos d'este volume com os do *Regimento* de Evora e da edição de 1563.

Edição de 1518:

"Seguefe o regimẽtoda declinaçam do ſol pera per ella ſaber o mareãte em qual parte eſta. ſ. aquem ou dalem da linea equinocial. a qual declinaçam he tirada puntualmẽte del Zacuto pello honrrado Gaſpar nicolas meſtre ſufficiente neſta arte."

and study his notes on the *Reportorio* as well as on the *Regimẽto da declinaçam do ſol.* We shall also speak of the Munich *Regimento do Estrolabio e do Quadrante—Tractado da Spera do Mundo* (which we examined carefully in the Munich Stadtbibliothek), and the Evora *Tractado da Spera do Mundo—Regimento da Declinaçam do Sol,* both of which have been reproduced in facsimile by Bensaude, and form part of the collection of documents in his masterly work: *Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes.*

Comparing the 1518 and the 1563 editions of the *Reportorio,* we find that the text is as nearly as possible identical in both; the woodcuts on the title-pages, and those (reproduced on pp. 374 and 375) illustrating the chapters "Dos çeeos ou pranetas em particular de cada huũ" (About the various heavens or planets) are different; but the woodcuts of the months (see pp. 362 and 363) are the same, though their order is changed. The signs of the Zodiac (reproduced on p. 376) are exactly alike in both editions, except for the ninth sign, Sagittarius. In the 1563 issue fresh woodcuts are used to illustrate the Calendar in the *Regimento da Declinação do Sol,* while in our book the illustrations of the months from the *Reportorio* reappear; the calendars in the Munich and Evora *Regimentos* have no woodcuts. In dealing with the most important part of the *Reportorio dos Tempos* —the *Regimẽto da declinaçam do ſol*—it is interesting to compare the title as given in this volume with that in the Evora *Regimento* and in the 1563 edition of the *Reportorio dos Tempos*; but as the chief differences shown in this collation are of spelling, we translate the title of the 1518 edition only: the other two, with their varying orthography, are reproduced in the Portuguese text.

"Here follow the tables of the sun's declination, so that the mariner may know by them where he is, whether on this or that side of the equinoctial line, which declination is punctually taken from Zacuto by honest Gaspar Nicolas, a sufficient master in this art."

Regimento de Evora:

"Seguefe ho regimento da declinaçam do fol pera per ella faber o mareãte em qual parte efta. f. aquem ou dalem da linea equinocial. *Com ho regimento da eftrella do norte.*"

Edição de 1563:

"Seguefe o regimento da declinação do Sol, pera por elle faber o mareante em qual parte eftaa. f. aa quem, ou aalem da linea equinocial. *A* qual declinação *foy* tirada pontualmente *do* Zacuto, pello honrrado Gafpar nicolas meftre fufficiente nefta arte."

Começando esse capitulo, a edição de 1518 diz: "Item faberas que dos. 11. dias de março atee os. 13. de fetembro anda o fol da banda do norte da linea equinocial."

Regimento de Evora: "PRimeyramẽte faberas q̃ dos. 11. dias ꝺ março atee os. *14.* de fetembro...."

Regimento de Munich: "PRimeira mẽte faberas: q̃ *aos.* xj dias de março efta ho fol no eq̃noçiall que no tẽ declinaçã: & afy mefmo a os. *xiiij.* de fetẽbro...."

Edição de 1563: "AS de faber, que dos *doze* dias de Março ate os. xiij. de Setembro...."

O *Regimento* de Munich contem a lista das latitudes até ao equador. O *Regimento* de Evora, assim como a edição de 1563, contem a lista das latitudes tanto ao norte como ao sul da linha equinocial. O *Regimento* de 1518 não traz lista alguma das latitudes, nem aquem, nem alem do equador. No Calendario encontramos tambem differenças: o de Evora traz o logar do sol—Declinação: é identico ao *Regimento* de 1518, mas o exemplar de Evora não traz a *lettra do signo* como vem no *Regimento* de Valentim Fernandes. Ha tambem a notar que no exemplar de Evora, assim como na edição de 1563, a lista dos Santos de cada mez está completa: na edição de 1518, a lista está incompleta, havendo mesmo Santos differentes; por exemplo a 9 de Janeiro, o *Regimento* de Evora tem "marciana virgẽ" (como o exemplar de Munich que traz "Marciana virgem ⁊ ma."): a edição de 1518 traz "os quorẽta mar."

In the Evora *Regimento* the words: "*Com ho regimento da eftrella do norte*" are added, and in the 1563 *Reportorio dos Tempos* the text, though differently spelt, is the same as that of the 1518 edition except for one alteration: "*was* taken from Zacuto" instead of "*is* taken."

In the 1518 edition the chapter on the declination of the sun begins: "Item, thou shalt know that from the 11th day of March unto the 13th of September the sun is on the north side of the equinoctial line."

In the Evora *Regimento* the chapter starts: "Firstly thou shalt know that from the 11th day of March unto the *14th* of September...."

In the Munich *Regimento* it says: "Firstly thou shalt know that on the 11th day of March the sun is at the equinox and has no declination, and the same on the *14th* of September."

In the 1563 *Reportorio dos Tempos* we read: "Thou must know that from the *12th* day of March unto the 13th of September...."

There are further differences in the Calendar: the tables giving the position and the declination of the sun are identical in the Evora and the 1518 *Regimentos*; but the Calendar in the Evora copy lacks the *lettra do signo* (letter representing the sign, or constellation) which is included in the Valentim Fernandes *Regimento.* It is also worth noting that the Evora *Regimento* and the one in the 1563 *Reportorio dos Tempos* both have a complete list of the saints for each month: the list in the 1518 edition is incomplete, omitting many names and even in some cases giving different saints; for instance, in the Evora and Munich *Regimentos* January 9th is appointed as the day of Marciana the virgin, or virgin and martyr; but in the 1518 edition this day is allotted to "os quorẽta mar." (the forty martyrs).

As taboas do *Regimento* de Valentim Fernandes são identicas ás do *Regimento* de Evora, com as differenças que indicamos e só para um anno, que é o anno bissexto, o primeiro dos quatro que veem no *Regimento* de Evora.

Bensaude, na sua *Histoire de la science nautique portugaise*, attribue com interrogação a data de 1516 ao *Regimento* de Evora e accrescenta (no *Regimento do Estrolabio e do Quadrante*, edição de 1914, p. 8): "Le volume d'Evora est antérieur à 1521, et peut-être même à 1518; celui de Munich est probablement postérieur à 1509...."

E mais adeante, na sua *Histoire de la science nautique portuguaise*, p. 18, escreve:

"La première édition du *Reportorio dos Tempos* est de 1518. Le catalogue de vente de la bibliothèque Nepomuceno fournit des détails de cette édition et indique que le Règlement y est inclus; il s'agit fort probablement du texte d'Evora, le même qui revient dans les éditions postérieures du *Reportorio*. Le Règlement d'Evora est donc antérieur à 1518."

Como dissemos, o *Regimento* de 1518 é, com as differenças que indicámos, identico ao de Evora.

Já nos occupámos de Valentim Fernandes, especialmente nos nossos estudos sobre a *Vita Christi*, o *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença*, o *Marco paulo* e os *Autos dos Apostolos*, mas, propositadamente, deixámos para esta obra alguns informes, por a ella estarem intimamente ligados, e tambem por julgarmos que talvez possam lançar alguma luz no assumpto de que particularmente nos occupamos, quer dizer, do papel desempenhado por Valentim Fernandes na magna questão dos descobrimentos e da sciencia da astronomia nautica, mostrando ao mesmo tempo as relações tão interessantes que elle teve não só em Portugal mas na Allemanha, o que, possivelmente, servirá de argumento valioso para a resolução do problema que adeante deixaremos exposto. Novamente recorremos a Bensaude

The tables of the sun's declination in the Valentim Fernandes *Regimento* are calculated for only one year, a leap year, and, except for the differences we have indicated, are the same as those in the Evora one, which, however, are continued for a further three years.

In the introduction to the *Regimento do Estrolabio e do Quadrante* (1914 edition, p. 8) Bensaude says: "Le volume d'Evora est antérieur à 1521, et peut-être même à 1518; celui de Munich est probablement postérieur à 1509...."

And in his *Histoire de la science nautique portugaise* he tentatively attributes the date of 1516 to the Evora *Regimento*, and writes (on p. 18):

"La première édition du *Reportorio dos Tempos* est de 1518. Le catalogue de vente de la bibliothèque Nepomuceno fournit des détails de cette édition et indique que le Règlement y est inclus; il s'agit fort probablement du texte d'Evora, le même qui revient dans les éditions postérieures du *Reportorio*. Le Règlement d'Evora est donc antérieur à 1518."

We have already noted that the text of the Evora *Regimento* is, except for the few differences enumerated, the same as in our book.

We studied Valentim Fernandes when dealing with the *Vita Christi*, the *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença*, the *Marco paulo* and the *Autos dos Apostolos*; but there are a few facts which we thought it would be more appropriate to discuss in conjunction with this work, as they concern it closely, and we hope that, while they show the interesting connections Fernandes formed with people in Germany as well as in Portugal, they may also throw some light upon a subject which claims our special attention—the part played by him in the development of the science of nautical astronomy in Portugal at the time of the great discoveries.

que, no *Regimento do Estrolabio e do Quadrante* (edição de 1914, p. 24) escreve ácerca de Fernandes:

"Cet homme intéressant était en Portugal avant 1494; son activité des plus variées le rend véritablement digne de plus d'attention de la part des historiens, ses compatriotes....Valentim Fernandes s'est assuré une place solide et bien méritée dans l'histoire portugaise. C'est avec un vif plaisir que nous mettons en évidence une autre de ses nombreuses aptitudes, en signalant son activité dans le domaine de l'astronomie nautique, activité fort peu connue d'ailleurs."

Vem aqui a talho de fouce apontar as relações que Fernandes teve com o famoso humanista Conrad Peutinger. Foi Peutinger (1465, †1547) que levou ao Imperador Frederico III (casado com a Infanta D. Leonor, filha d'El-Rei D. Duarte), a Aix-la-Chapelle, a noticia da libertação de seu filho Maximiliano que estava preso em Bruges. (Trataremos mais detalhadamente d'esse ponto de historia, ao escrever sobre a *Vida* de D. João II de Garcia de Resende, 1545, e publicaremos uma carta autographa e inedita dos Reis Catholicos a esse respeito.) Secretario (Stadt Diener) da cidade de Augsburgo (onde podemos consultar algumas das suas cartas manuscriptas dirigidas a Welser), foi Peutinger um amigo intimo de Maximiliano, para quem as questões Portuguezas tinham tanto interesse, como filho de uma Infanta Portugueza, casado com a filha de Carlos o Temerario, neta da Infanta D. Izabel Duqueza de Borgonha a quem já nos referimos. Era pois natural a amizade que existia entre o Imperador e a Côrte Portugueza, e especialmente entre Maximiliano e D. João II, seu primo co-irmão. Peutinger, que vivia na privança do Imperador, tinha todas as facilidades de obter informações e mesmo documentos a respeito de Portugal. Mas havia ainda uma outra fonte d'informações: Valentim Fernandes. Peutinger era casado com Margaretha Welser, e os Welser fôram os primeiros Allemães que, depois do descobrimento do caminho

We must once more quote Bensaude, who writes about Fernandes in the *Regimento do Estrolabio e do Quadrante* (p. 24):

"Cet homme intéressant était en Portugal avant 1494; son activité des plus variées le rend véritablement digne de plus d'attention de la part des historiens, ses compatriotes....Valentim Fernandes s'est assuré une place solide et bien méritée dans l'histoire portugaise. C'est avec un vif plaisir que nous mettons en évidence une autre de ses nombreuses aptitudes, en signalant son activité dans le domaine de l'astronomie nautique, activité fort peu connue d'ailleurs."

It seems to us interesting to show here Fernandes' relations with the famous humanist Conrad Peutinger (b. 1465, †1547). It was Peutinger who, at Aix-la-Chapelle, conveyed the news of the liberation of his son Maximilian, who had been imprisoned at Bruges, to the Emperor Frederick III, husband of the Infanta Dona Leonor, daughter of King Duarte of Portugal. (We shall examine this matter more fully when we write about the *Life* of Dom João II by Garcia de Resende, 1545, and shall print an unpublished autograph letter from Ferdinand and Isabella on the subject.) Peutinger, "Stadt Diener" (Secretary) of the city of Augsburg (where we were able to consult some of his original letters, addressed to Welser), was an intimate friend of Maximilian, who, being the son of a Portuguese Princess, and husband of a grand-daughter of Dona Izabel, Duchess of Burgundy (to whom we have referred elsewhere), took a special interest in all Portuguese questions. The friendship between the Emperor and the Portuguese Court, and especially between Maximilian and his cousin King João II, was therefore very natural. Peutinger, who was in the Emperor's confidence, had thus every facility for obtaining information, and even documents about Portugal; but he had yet another source of news in Valentim Fernandes. Peutinger was married to Margaretha Welser, and the Welsers were the first Germans, after the discovery of the maritime route to India,

maritimo para as Indias, estabeleceram uma agencia commercial em Lisboa, obtendo privilegios Reaes a 13 de Fevereiro de 1503. Poucos dias depois, Valentim Fernandes era nomeado, por carta Regia de 21 de Fevereiro de 1503, tabellião dos Allemães em Lisboa. O documento publicado por Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII) mostra as relações entre Valentim Fernandes e Simon Seitz—Symam Zays, como diz a carta d'El-Rei D. Manuel—representante da sociedade Anton Welser (sogro de Peutinger), Konrad Vöhlin & C[ia]. D'ahi, as relações entre Fernandes e Peutinger. Escreve Bensaude (*Regimento do Estrolabio e do Quadrante*, edição de 1914, p. 25):

"Nous avons eu la preuve décisive des rapports entre Peutinger et Valentim Fernandes. Nous avons trouvé cette preuve tant cherchée dans les études de Kunstmann et ainsi établi le rôle qui revient à Valentim Fernandes dans la formation de la précieuse collection portugaise aujourd'hui possédée par les Bibliothèques de Munich et d'Augsbourg. C'est à l'esprit de l'historien éveillé qu'était Valentim Fernandes, à son accès à la cour, que l'on doit cette collection unique de raretés sur les découvertes portugaises, réunie par Peutinger à Augsbourg, collection qui à son tour motiva plus tard les études remarquables de Kunstmann et de Schmeller. Sûrement que les relations amicales de Maximilien avec la cour portugaise ont dû faciliter la tâche à Conrad Peutinger, mais c'est l'intervention à Lisbonne d'un connaisseur hors ligne comme l'était Fernandes qui éclaircit définitivement le mystère de la formation d'une si remarquable collection. Les relations de Peutinger et l'immense prestige des découvertes portugaises qui attiraient l'attention de l'Europe entière expliquent comment le collectionneur érudit, l'historien, l'ami intime du petit-fils de D. Duarte, a pu réunir dans sa riche bibliothèque de si nombreux documents, parmi lesquels se trouvaient le célèbre manuscrit sur les découvertes et, plus que probablement, le Regimento do estrolabio e do quadrante, dont Fernandes lui-même

to establish a commercial agency in Lisbon, for which they obtained a Royal privilege on February 13th, 1503. A few days later, on February 21st, Valentim Fernandes was appointed notary to the Germans in Lisbon, by Royal letter. This letter, which is published by Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1881), shows the relations between Valentim Fernandes and Simon Seitz—or Symam Zays as the Royal letter names him—the representative of the Anton Welser (Peutinger's father-in-law) and Konrad Vöhlin Company. Hence the association of Fernandes and Peutinger. Bensaude (*Regimento do Estrolabio e do Quadrante*, 1914 edition, p. 25) writes:

"Nous avons eu la preuve décisive des rapports entre Peutinger et Valentim Fernandes. Nous avons trouvé cette preuve tant cherchée dans les études de Kunstmann et ainsi établi le rôle qui revient à Valentim Fernandes dans la formation de la précieuse collection portugaise aujourd'hui possédée par les Bibliothèques de Munich et d'Augsbourg. C'est à l'esprit de l'historien éveillé qu'était Valentim Fernandes, à son accès à la cour, que l'on doit cette collection unique de raretés sur les découvertes portugaises, réunie par Peutinger à Augsbourg, collection qui à son tour motiva plus tard les études remarquables de Kunstmann et de Schmeller. Sûrement que les relations amicales de Maximilien avec la cour portugaise ont dû faciliter la tâche à Conrad Peutinger, mais c'est l'intervention à Lisbonne d'un connaisseur hors ligne comme l'était Fernandes qui éclaircit définitivement le mystère de la formation d'une si remarquable collection. Les relations de Peutinger et l'immense prestige des découvertes portugaises qui attiraient l'attention de l'Europe entière expliquent comment le collectionneur érudit, l'historien, l'ami intime du petit-fils de D. Duarte, a pu réunir dans sa riche bibliothèque de si nombreux documents, parmi lesquels se trouvaient le célèbre manuscrit sur les découvertes et, plus que probablement, le Regimento do estrolabio e do quadrante, dont Fernandes lui-même

avait été le vulgarisateur en le reproduisant dans son Reportorio."

O illustre Damião de Goes conheceu em Augsburgo, em casa de Peutinger, um livro Portuguez de grande valor para a historia dos descobrimentos. Joaquim de Vasconcellos publicou, no vol. 1 da *Archeologia Artistica*, uma carta de Damião de Goes, escripta de Louvaina a 11 d'Abril de 1542, a Johann Fugger, na qual lhe pede que obtenha de Peutinger o original, ou pelo menos uma copia do livro que, diz Goes, seria de grande utilidade para a Historia das Indias, que se estava preparando. Seria o manuscripto de Valentim Fernandes sobre os descobrimentos, que pertenceu a Peutinger e que se encontra na Bibliotheca de Munich, onde o podemos examinar cuidadosamente? Seria um outro documento importante da collecção de Peutinger? Ou seria uma edição original de Valentim Fernandes, do *Tratado da Esphera* e do *Regimento do Estrolabio*?

Comparando cuidadosamente o nosso exemplar com a reproducção fac-simile de Joaquim Bensaude, do exemplar de Evora, vêmos que a folha do rosto do *Reportorio dos Tempos* de 1518 tem a mesma gravura que a folha do rosto do *Tractado da Spera* de Evora. A mesma gravura volta novamente a ser usada no livro de Valentim Fernandes, por cima do titulo do *Regimẽto da declinaçam do ſol.* A gravura da p. 3 do *Tractado da Spera* é identica á do *Reportorio*, p. 24 (ver a reproducção na p. 373). A gravura por cima do titulo do *Regimento da Declinaçam do Sol* de Evora, cuja Esphera já se encontra na folha do rosto do *Marco paulo*, 1502, e nos *Autos dos Apostolos*, 1505, de Valentim Fernandes, é a mesma da p. 60 do *Reportorio* (ver a reproducção na p. 382).

Não ha duvida que o *Reportorio* é de Valentim Fernandes pois está escripto no titulo: "Trelladado ⁊ empremido per Valẽtym fernãdez alemam," e de 1518, visto o *Registro das taboas lunares* dizer: "começando no preſente

avait été le vulgarisateur en le reproduisant dans son Reportorio."

The celebrated Damião de Goes knew of a book which contained valuable information for the history of the discoveries, and was kept in Peutinger's house at Augsburg. Joaquim de Vasconcellos published (in vol. 1 of *Archeologia Artistica*) a letter written by Damião de Goes from Louvain on April 11th, 1542, to Johann Fugger, asking him to obtain the book, or at least a copy of it, from Peutinger, for, said Goes, it would be most useful for a History of India which was in preparation. Was this book belonging to Peutinger the manuscript treatise on the discoveries by Valentim Fernandes, which we examined carefully in the Munich Library where it is kept; or was it an original edition of the *Tratado da Esphera* and the *Regimento do Estrolabio*, printed by Fernandes; or some other important document from Peutinger's collection?

Comparing our *Reportorio* closely with Bensaude's facsimile reproduction of the Evora *Tractado da Spera* and *Regimento da Declinaçam do Sol*, we find that the woodcut which appears on the title-pages of the *Reportorio* and the *Regimẽto da declinaçam do ſol* (1518) is the same as the one on the title-page of the Evora *Tractado da Spera.* The diagram on p. 3 of the *Tractado da Spera* is also used on p. 24 of the *Reportorio* (see reproduction on p. 373), and the woodcut on the title-page of the Evora *Regimento da Declinaçam do Sol* is like the one we find on p. 60 of our *Reportorio* (see reproduction on p. 382). The armillary Sphere from this woodcut had already been used on the title-page of the *Marco paulo*, 1502, and in the *Autos dos Apostolos*, 1505, both printed by Valentim Fernandes.

There is no doubt that this *Reportorio* was Fernandes' work, for on the title-page we read: "translated and printed by Valẽtym fernãdez German," nor that it was published in 1518, for in the *Registro das taboas lunares* (Register of Lunar Tables) it says: "beginning in the present

anno de mil z quinhentos z dez z oyto. z duram. xxxij. annos." A lettra capital E do primeiro capitulo do *Reportorio* é a mesma já usada por Valentim Fernandes na *Vita Christi*, e na primeira pagina das *Epiſtole z orationes* de Cataldo Siculo, Lisboa, 1500. O *Regimento da Declinaçam do Sol* de Evora foi certamente impresso por Germão Galharde, visto o seu nome, "Germam Galhard," se encontrar, sem data, na tarja debaixo do titulo. Essa parte da tarja e o nome Germam Galhard são identicos aos da folha do rosto do *Reportorio dos Tempos* reproduzida por Deslandes (*ob. cit.* ed. 1881). Segundo Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 561), a primeira obra impressa por Germão Galharde e datada é o *Miſſale ſecundum conſuetudinem Elborenſis eccleſie nouiter impreſſum...per Germanuȝ galhardũ. Anno ſalutis noſtre mileſimo quĩgenteſimo nono.* Nas suas notas sobre esse impressor escrevem os mesmos auctores: "Começou a imprimir em 1509 ou deverá a data estar errada? *nono* simplesmente em vez de *decimo nono*?" É muito possivel, visto desconhecer-se não só outra obra de Germão Galharde com a data de 1509, mas nem mesmo dos dez annos seguintes, pois a primeira obra d'este impressor de que ha noticia, alem da acima citada, é o *Tratado da pratica Darismetyca* de 1519 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 562), havendo depois livros impressos por elle em 1520 e 1521 (ver as nossas notas sobre o *Manipulus curatorum*, impresso por Galharde em 1523). A edição de 1518 do *Reportorio dos Tempos* é o ultimo livro, que se conhece, sahido dos prelos de Valentim Fernandes, pois já vimos que, apezar de se ignorar a data da morte do illustre impressor, sabe-se que já tinha fallecido em Maio de 1519.

O problema, que de fórma alguma temos a ousadia de querer resolver, é o seguinte: foi o *Reportorio dos Tempos* com o *Regimẽto da declinaçam do ſol* de Valentim Fernandes, impresso antes ou depois do *Tractado da Spera* com o *Regimento da Declinaçam do Sol*, de Evora?

year of one thousand five hundred and eighteen and lasting xxxij years." The capital E in the first chapter is the same as was used by Valentim Fernandes in the *Vita Christi,* 1495, and on the first page of Cataldo Siculo's *Epiſtole et orationes* in 1500. The Evora *Regimento da Declinaçam do Sol* must have been printed by Galharde, as it bears his name "Germam Galhard" in a woodcut on the title-page, but it is not dated. This woodcut with the printer's name may also be seen on the title-page of the *Reportorio dos Tempos* reproduced by Deslandes (*op. cit.* 1881 ed.). According to Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 561), the first dated work issued by Galhard is the *Miſſale ſecundum conſuetudinem Elborenſis eccleſie nouiter impreſſum...per Germanuȝ galhardũ. Anno ſalutis noſtre mileſimo quĩgenteſimo nono.* In their notes on the printer these bibliographers write: "He began to print in 1509, or is the date wrong? *nono* alone, instead of *decimo nono*?" It is very possible, for no other work published by Galharde in 1509, or even in the next ten years, has been found, while the *Tratado da pratica Darismetyca*, 1519 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 562), was followed by books printed in 1520 and 1521. (We shall again discuss this point in our notes on the *Manipulus curatorum.*) The 1518 edition of the *Reportorio dos Tempos* is the last known work from Valentim Fernandes' press, and, as we have noted elsewhere, though the exact date of Fernandes' death has not been ascertained, we know that he was no longer alive in May, 1519.

The problem we are not bold enough to pretend to solve, is this: was the *Reportorio dos Tempos* with the *Regimẽto da declinaçam do ſol* by Valentim Fernandes, printed after or before the Evora *Tractado da Spera* and *Regimento da Declinaçam do Sol*?

Valentim Fernandes não só imprimiu em Portugal, muitos annos antes de Germão Galharde, mas foi um sabio—como o demonstram os seus preciosos trabalhos ácerca dos descobrimentos e da astronomia nautica—com valiosas relações em Portugal e na Allemanha; Luciano Cordeiro, sem, contudo, explicar os motivos que a isso o levavam, e sem conhecer a edição de Valentim Fernandes de 1518, indicou a data de 1519–20, como sendo possivelmente a da impressão do *Regimento* de Evora. O facto do exemplar de Evora conter diversas e importantes gravuras, identicas ás do *Reportorio* e *Regimẽto* de Valentim Fernandes, levanos a crer que a edição de 1518 foi impressa antes do exemplar de Evora. Alem d'isto deve-se ainda considerar o seguinte: o *Regimento* e *Tractado da Spera* de Munich, o mais antigo que se conhece, foi impresso entre 1509 e 1518, sendo o seu impressor, Hermão de Campos—Herman de Kempis—segundo a opinião do eminente professor e bibliophilo Conrad Haebler. Hermão de Campos, como já vimos, esteve em 1516 associado com Valentim Fernandes: a gravura da folha do rosto do *Regimento* de Munich é a mesma que se encontra na folha do rosto do *Regimento e ordenações da fazenda* de Hermão de Campos, 1516. Bensaude no seu livro, *L'Astronomie nautique au Portugal*, reproduz a valiosa opinião do Dr Otto Hartig, que escreveu ácerca do exemplar de Munich: "Nach Form und Inhalt ist das Ganze sofort als ein mit geringer Sorgfalt ausgeführter Nachdruck erkennbar." Não sendo o exemplar de Munich (que infelizmente se encontra n'um lamentavel estado de conservação) uma edição original, parece-nos que a explicação se torna mais simples: é que existiu uma edição original, seguramente de Valentim Fernandes, do *Tratado da Esphera* e do *Regimento da Declinação do Sol*, da qual fôram tiradas com differenças e variantes, pelo menos no que se refere ao *Regimento da Declinação do Sol*, as edições de Munich, de Valentim Fernandes de 1518, e

Valentim Fernandes had been printing in Portugal for many years before Germão Galharde inaugurated his press, and his precious works on the discoveries and on nautical astronomy show that he was a learned man: his business connections both in Portugal and Germany, as well as the notable and interesting relations he had in both countries, gave him a special position. Luciano Cordeiro gives 1519–20 as the possible date of impression of the Evora *Regimento*, but without explaining the reasons which led him to this conclusion, nor being aware that the 1518 *Reportorio* existed. The fact that various important woodcuts illustrating Valentim Fernandes' *Reportorio* and *Regimẽto* are also to be found in the Evora *Tractado da Spera* and *Regimento da Declinaçam do Sol*, inclines us to believe that the latter work was published after our book. The following should also be taken into consideration: the oldest known *Regimento* and *Tractado da Spera* is the Munich copy, published between 1509 and 1518, and its printer, according to Conrad Haebler, the eminent professor and bibliographer, was Hermão de Campos (Herman de Kempis), who was associated with Valentim Fernandes in 1516. The woodcut on the title-page of the Munich *Regimento* was also used by Campos in the *Regimento e ordenações da fazenda*, 1516. Dr Otto Hartig, whose opinion is cited by Bensaude in *L'Astronomie nautique au Portugal*, says of the Munich copy: "Nach Form und Inhalt ist das Ganze sofort als ein mit geringer Sorgfalt ausgeführter Nachdruck erkennbar." If the Munich edition (which is unfortunately in a very bad state of preservation) is not the original one, there must have been an early impression, made undoubtedly by Valentim Fernandes, of the *Tratado da Esphera e Regimento da Declinação do Sol*, from which the Munich *Tractado da Spera* and *Regimento*, the 1518 Valentim Fernandes *Regimẽto da declinaçam do ſol* (included in the *Reportorio dos Tempos*), and the Evora *Tractado*

Das hoꝛas inequales. ⁊ o numero do cabo das regras ſó
as hoꝛas da noyte. ⁊ no meio dſtes numeros eſtã os nomes
dos pꝛanetas. ⁊ ẽ a cabeça dlles eſtã os dias da ſomana ou
feiras. ⁊ acharas aſſi as hoꝛas. ponho q̃ oje ſeja domingo ẽ
ſayndo o ſol he a pꝛimeira hoꝛa do dia ⁊ a do pꝛaneta do ſol
⁊ tambẽ aas. viij. ⁊ cõtae dhy pera bayxo a. ij. hoꝛa ⁊ a. ix.
ſom as hoꝛas de venus. ⁊ dhy auãte. ⁊ aſſi fares nos outr⁹
dias. ⁊ per eſta meſma maneira cõtares as hoꝛas da noyte.
E poꝛ q̃nto cada pꝛaneta eſta cõſtituydo ẽ ſeu ꝓpio circu=
lo da eſpera. ſ. no ſeu çeeo onde tẽ ſeu aſſento he neçeſſario
ſaber q̃ntos ſom os çeeos. ⁊ q̃l pꝛaneta moꝛa ẽ cada huũ dl



115 Uma pagina do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
A page from the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518







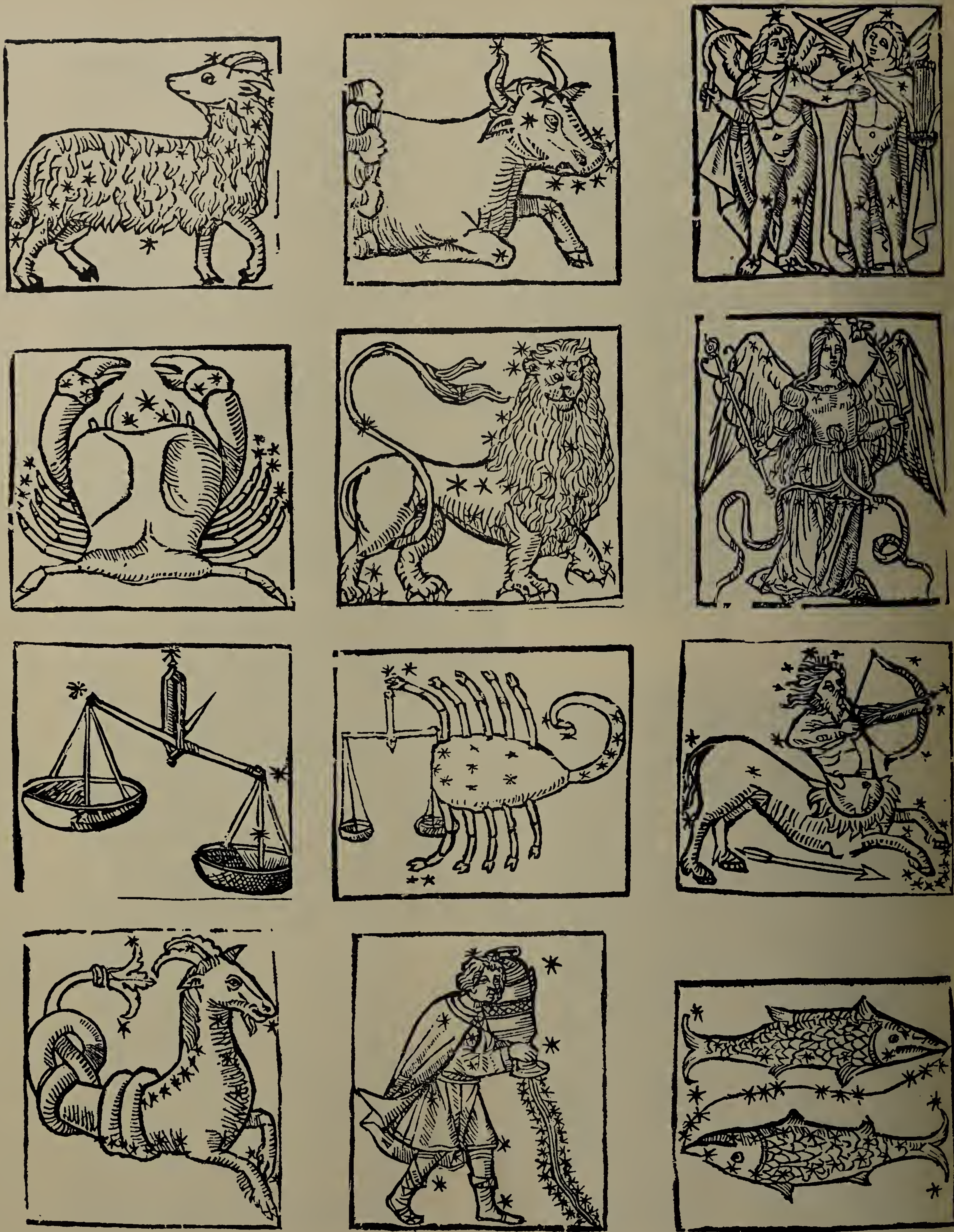


116 Gravuras dos capitulos sobre os sete ceus do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
Woodcuts illustrating the chapters on the seven heavens in the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518





117 Gravuras dos capitulos sobre os sete ceus do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
Woodcuts illustrating the chapters on the seven heavens in the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518



118 Gravuras dos signos do Zodiaco do *Reportorio de Tempos* de Valentim Fernandes
Woodcuts of the signs of the Zodiac from the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

de Evora; assim se explicaria mais facilmente o encontrarem-se no livro de Fernandes as mesmas gravuras que no exemplar de Evora; ambas as obras, uma ainda impressa por Valentim Fernandes em 1518, a outra, provavelmente depois da morte de Fernandes, impressa por Germão Galharde (que em 1521 imprimiu a segunda edição do *Reportorio dos Tempos*) em 1519 ou 1520, seriam reimpressões da obra original de Valentim Fernandes, hoje perdida.

Não nos parece provavel, em vista dos argumentos apresentados, que Valentim Fernandes, o mais illustre impressor em Portugal nos fins do seculo XV e nos principios do seculo XVI, fôsse buscar gravuras a um outro impressor, incomparavelmente inferior, e reproduzir-lhe o trabalho, especialmente n'uma obra para a qual elle tanto tinha contribuido, sobretudo quando sabemos que Germão Galharde reproduziu gravuras das quaes Fernandes tinha usado em obras anteriores, como por exemplo, as Armas Reaes do *Reportorio dos Tempos*, reproduzidas por Deslandes (*ob. cit.* ed. 1881), que são as que Valentim Fernandes imprimira na *Vita Christi*, no *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença*, e nos *Autos dos Apostolos*. Repetimos; não queremos de fórma alguma resolver este difficil problema, por não nos considerar com sufficiente auctoridade para o fazer: apresentamos apenas um hypothese que nos parece admissivel perante os argumentos citados: quer dizer: uma edição original, impressa por Valentim Fernandes, logo no principio do seculo XVI, ou, mais provavelmente ainda, no fim do seculo XV, do *Tratado da Esphera* e do *Regimento da Declinação do Sol*, que, possivelmente, terá contido as gravuras que se encontram tanto na edição de Valentim Fernandes de 1518, como no exemplar de Evora: uma segunda edição, impressa por Hermão de Campos apressadamente e por fórma grosseira, como o indicam erros e inexactidões—o exemplar

da Spera and *Regimento da Declinaçam do Sol* were reproduced with variations, at least in the *Regimento*. It would thus be easier to explain how the same woodcuts came to be used in the 1518 *Reportorio dos Tempos* and *Regimẽto* and in the Evora *Tractado da Spera* and *Regimento da Declinaçam do Sol*: both would be re-impressions of the lost first edition published by Valentim Fernandes: one the work of Fernandes himself, and the other issued, probably after his death, by Germão Galharde, who printed the second edition of Fernandes' *Reportorio dos Tempos* in 1521.

In view of the above arguments it seems improbable that Valentim Fernandes, the most notable printer in Portugal at the end of the XVth and beginning of the XVIth centuries, would have obtained woodcuts from another printer so far his inferior as Galharde, especially for a work which he had already published. A further very potent reason for regarding Germão Galharde, and not Fernandes, as the borrower is our certain knowledge that Galharde reproduced numerous woodcuts that had been used by his predecessor in earlier works, as, for instance, the coat of arms which he used in his *Reportorio dos Tempos* (reproduced by Deslandes, *op. cit.* 1881 ed.) after it had appeared in the Fernandes *Vita Christi*, *Regimento proueytoſo contra ha peſtenença* and *Autos dos Apostolos*. We repeat that we do not presume to solve this difficult problem, not considering ourselves competent to do it; we simply present a hypothesis which, in view of the foregoing arguments, seems plausible, that is: there was an original edition of the *Tratado da Esphera* and *Regimento da Declinação do Sol* printed by Valentim Fernandes at the very beginning of the XVIth century, or more probably at the end of the XVth century, and possibly containing the same woodcuts as appear in the 1518 impression and in the Evora one; a second edition printed by Hermão de Campos, hastily and clumsily, as the mistakes and inexactitudes indicate—the Munich copy; a

de Munich: uma terceira edição só do *Regimẽto da declinação do ſol*, incluida por Fernandes no seu *Reportorio dos Tempos* (1ª edição) de 1518: uma terceira edição do *Tractado da Spera*, e quarta do *Regimento da Declinaçam do Sol*, impressa por Germão Galharde em 1519, ou em 1520, o exemplar de Evora.

Um ultimo argumento. O *Regimento* de Munich não contem a lista das latitudes abaixo do equador. O *Regimento* de Evora contem a lista das latitudes tanto acima como abaixo da linha, lista reproduzida egualmente nas outras edições do *Reportorio dos Tempos*. A edição de 1518 de Fernandes não contem lista alguma das latitudes, o que nos parece indicar que a edição original, que aqui prevêmos, não continha a lista das latitudes. Sobre esse assumpto escreve Joaquim Bensaude (*L'Astronomie nautique au Portugal*, p. 171):

"Le 13 novembre 1504, D. Manuel faisait publier un décret ordonnant que les cartes nautiques ne devraient plus contenir d'indications pour la navigation au delà des îles de S. Thomé et Principe. Quelques jours plus tard un autre décret fixait la limite au Rio Manicongo (7° de latitude sud, selon le Règlement d'Evora). Cette restriction avait évidemment pour but d'empêcher d'autres nations de s'approprier les fruits des découvertes portugaises. La même mesure s'appliquait tout particulièrement à la liste des latitudes. Le Règlement d'Evora n'observe pas cette défense; elle n'était probablement plus en vigueur lors de son impression. Dans la liste du Règlement de Munich, par contre, on a dû avoir en vue l'interdiction de 1504. Ainsi s'explique la suppression de toutes les latitudes au sud de l'équateur. On peut donc conclure que l'exemplaire de la Bibliothèque de Munich, imprimé par Herman de Campos, probablement après 1509, obéit à la restriction imposée par le décret de novembre 1504."

Bensaude resolve com lucidez o problema ácerca da prohibição das latitudes abaixo do equador: estava em vigor quando foi impresso o *Regimento* de Munich: o *Regimento* de Evora já

third edition of the *Regimẽto da declinação do ſol* only, included by Valentim Fernandes in the first edition of the *Reportorio dos Tempos*, 1518; a third edition of the *Tractado da Spera* and fourth of the *Regimento da Declinaçam do Sol*, printed by Germão Galharde in 1519 or 1520—the Evora copy.

One final argument: the Munich *Regimento* does not include the list of latitudes south of the equator; the Evora *Regimento*, like the later editions of the *Reportorio dos Tempos*, has a list of latitudes below as well as above the equator; but Valentim Fernandes' 1518 edition contains no list at all, which seems to indicate that the inferred original edition was without a list of latitudes. Bensaude (*L'Astronomie nautique au Portugal*, p. 171) writes:

"Le 13 novembre 1504, D. Manuel faisait publier un décret ordonnant que les cartes nautiques ne devraient plus contenir d'indications pour la navigation au delà des îles de S. Thomé et Principe. Quelques jours plus tard un autre décret fixait la limite au Rio Manicongo (7° de latitude sud, selon le Règlement d'Evora). Cette restriction avait évidemment pour but d'empêcher d'autres nations de s'approprier les fruits des découvertes portugaises. La même mesure s'appliquait tout particulièrement à la liste des latitudes. Le Règlement d'Evora n'observe pas cette défense; elle n'était probablement plus en vigueur lors de son impression. Dans la liste du Règlement de Munich, par contre, on a dû avoir en vue l'interdiction de 1504. Ainsi s'explique la suppression de toutes les latitudes au sud de l'équateur. On peut donc conclure que l'exemplaire de la Bibliothèque de Munich, imprimé par Herman de Campos, probablement après 1509, obéit à la restriction imposée par le décret de novembre 1504."

Bensaude gives a very clear account of the prohibition of the publication of latitudes south of the equator: the interdiction was in force when the Munich *Regimento* was printed, the Evora

não observa a restricção, que por consequencia deixára de existir. Mas a edição de Valentim Fernandes de 1518 não contem lista alguma de latitudes. Não poderá isto significar que, na edição original, por justos receios, não foi incluida uma lista de latitudes? E que sendo, seguramente por todos os motivos, de Valentim Fernandes a edição original, elle reproduziu no seu *Reportorio*, o *Regimento* como o tinha impresso na edição original? Parece-nos possivel, e sendo assim, a edição original não teria tido a lista das latitudes: a de Munich, seguindo ainda a restricção ordenada por D. Manuel, contem apenas as latitudes acima do equador: a edição de 1518 não contem a lista das latitudes, por ser uma reimpressão do texto da edição original: a edição de Evora traz a lista das latitudes acima e abaixo do equador, por já se não encontrar em vigor a restricção de D. Manuel. No seu livro *Regimento do Estrolabio* (1924, p. 9), Joaquim Bensaude escreve:

"Le volume d'Evora est probablement antérieur à 1518, les tables nautiques sont calculées pour 1516 ou 1517; celui de Munich est probablement postérieur à 1509...."

Já vimos o que este tão erudito auctor disse ácerca do decreto de D. Manuel de 1504, e d'elle ter sido observado no *Regimento* de Munich, mas não no de Evora. Egualmente mencionámos a opinião do Dr Otto Hartig, de não ser o exemplar de Munich uma edição princeps, mas sim uma reimpressão. Accrescenta pois Bensaude:

"L'autorité de cet auteur comme expert bibliographique nous permet donc d'admettre l'existence d'au moins une édition antérieure à celle de Munich, la plus ancienne aujourd'hui connue. Des considérations exposées plus loin, nous portent à admettre l'existence probable d'une première édition, imprimée du vivant de D. João II, mort en octobre 1495."

Regimento does not observe the restrictions, which can therefore no longer have existed; but Valentim Fernandes' 1518 edition omits the list of latitudes entirely. We may perhaps suppose that, for fear lest other nations should take advantage of the knowledge gained in Portuguese nautical research, the list of latitudes was excluded from the original edition, certainly printed by Valentim Fernandes, and that the *Regimẽto da declinaçam do ſol* in Fernandes' 1518 *Reportorio dos Tempos*, being reproduced from the original edition, did not contain the list either. It seems then possible to conclude: that the Munich copy gives only the latitudes above the line in obedience to Dom Manuel's restrictions of 1504, that the Evora edition reproduces the list of latitudes above and below the equator because Dom Manuel's prohibition had been revoked, and that the 1518 Valentim Fernandes edition, being a reproduction of Fernandes' original edition, leaves out the list of latitudes both above and below the equator. In his book *Regimento do Estrolabio* (1924, p. 9) Bensaude writes:

"Le volume d'Evora est probablement antérieur à 1518, les tables nautiques sont calculées pour 1516 ou 1517; celui de Munich est probablement postérieur à 1509...."

We have already seen what this learned author says about Dom Manuel's decree of 1504, and how its stipulations were obeyed in the Munich *Regimento*, but were not fulfilled in the Evora one. We have also mentioned Dr Otto Hartig's opinion about the copy at Munich, which he considers to be a reprint and not an *editio princeps*. Bensaude then adds:

"L'autorité de cet auteur (Dr Otto Hartig) comme expert bibliographique nous permet donc d'admettre l'existence d'au moins une édition antérieure à celle de Munich, la plus ancienne aujourd'hui connue. Des considérations exposées plus loin, nous portent à admettre l'existence probable d'une première édition, imprimée du vivant de D. João II, mort en octobre 1495."

Diz-nos Bensaude que as taboas do *Regimento* de Evora fôram calculadas para 1516 ou 1517. O fallecido Professor Luciano Pereira da Silva, no seu magistral trabalho, *A Arte de navegar dos Portugueses*, publicado na *História da Colonização do Brasil* (vol. 1, p. 59), escreve, referindo-se ás taboas do *Regimento* de Evora:

"...e como estão calculadas para o quadriénio de 1517 e 1520, póde concluír-se a data de impressão do *Regimento* de Évora em 1517."

Contudo, perante os factos, especialmente de caracter bibliographico, que apresentamos, é nos ainda permittido suppôr ter sido o livro de Valentim Fernandes de 1518 impresso antes do exemplar de Evora, sahido dos prelos de Galharde. Concordamos inteiramente com a these de Bensaude sobre a existencia de uma edição princeps de 1495 (?), these que vem fortalecer a nossa hypothese, das differentes edições, todas, mais ou menos, serem reimpressões de uma edição original, forçosamente impressa por Valentim Fernandes. Se essa edição existiu, como acreditamos, publicada talvez em 1495, e mesmo ainda em vida de D. João II, parece-nos mais do que provavel que não terá contido a lista das latitudes, pois o successo do Principe Perfeito foi em grande parte devido ao segredo. Se a edição original do *Regimento da Declinação do Sol* é de 1495, devemos pensar que o decreto sobre as latitudes só appareceu nove annos depois, em 1504. Certamente em 1495, antes do descobrimento do caminho maritimo para a India, e do Brazil, as restricções ácerca da publicação das latitudes devem ter sido ainda muito mais rigorosas do que em 1504. Com razão escreve Bensaude (*ob. cit.* p. 3):

"La crainte d'avoir l'Espagne, tôt ou tard, comme concurrente dans les entreprises mari-

As Bensaude tells us, the tables in the Evora *Regimento* were calculated for 1516 or 1517, and Professor Luciano Pereira da Silva confirms this in his remarkable work *A Arte de navegar dos Portugueses*, published in vol. 1 of the *História da Colonização do Brasil*, saying:

"...as the tables (in the Evora *Regimento*) are calculated for the quadrennium from 1517 to 1520, one can infer that the Evora *Regimento* was printed in 1517."

Nevertheless in view of the facts we have indicated, and especially those of a bibliographical character, we still suppose that Valentim Fernandes' *Reportorio* and *Regimento* may have been printed *before* the Evora copy which was published by Germão Galharde. We agree entirely with Bensaude's assumption of the existence of a first edition dated 1495 (?): this theory seems to corroborate our hypothesis that the different editions were all more or less reprints from an original edition, which could not have been printed but by Valentim Fernandes. If, as we believe, that edition did exist, being published possibly in 1495, and perhaps even during Dom João II's lifetime, it appears to us more than probable that the incunable would not have contained the list of latitudes. We must bear in mind that one of the chief reasons for the Perfect Prince's success was the secrecy he maintained. We have also to consider that if the original edition of the *Regimento da Declinação do Sol* were printed in 1495, it was issued nine years before Dom Manuel's decree (1504) regarding the latitudes. Surely in 1495, three years before the discovery of the maritime route to India and five years before the discovery of Brazil, the restrictions about publishing information concerning the latitudes must have been much more severe than in 1504. Bensaude (*op. cit.* p. 3) is right in saying:

"La crainte d'avoir l'Espagne, tôt ou tard, comme concurrente dans les entreprises mari-

times, dictait au Portugal des mesures de réserve et de secret dans tout ce qui concernait la navigation."

E mais adeante, referindo-se ás bullas de Alexandre VI de 1493 e ás negociações entre Portugal e a Hespanha em 1494, accrescenta:

"L'épisode du traité de Tordesilhas montre les avantages réels du mystère observé alors méthodiquement par le Portugal. Il met en relief la sagacité de D. João comme négociateur, et explique en même temps la véritable cause de la rareté des documents sur les travaux maritimes des Portugais, cause des nombreuses lacunes qui se trouvent dans l'histoire des découvertes. Le secret observé à propos de tout ce qui concernait la navigation nous fait comprendre pourquoi quatre siècles se sont écoulés avant qu'on retrouve les premières études portugaises sur l'astronomie nautique, véritable origine des succès maritimes du Portugal."

Tudo nos leva a crer na existencia de uma edição original: egualmente tudo nos parece indicar que não deve ter contido uma lista de latitudes. Se a nossa hypothese se podesse provar, seria ella a explicação da edição do *Regimēto da declinaçam do ſol* de 1518 não incluir a lista das latitudes, pois não foi certamente o decreto de 1504 que motivou a sua omissão. Como dissemos, é unicamente uma hypothese que ousamos apresentar em face de certos factos e argumentos, que a permittem. Cabe a auctoridades, entre as quaes se destaca Joaquim Bensaude pela sua obra admiravel e pelos seus tão profundos estudos sobre a sciencia da astronomia nautica, o resolver este problema, certamente de alto interesse. A nós, cabe-nos apenas n'esta obra, apresentar o precioso exemplar, unico conhecido, da primeira edição do livro rarissimo de Valentim Fernandes, que tem sido procurado em vão. Este esplendido exemplar, n'um admiravel

times, dictait au Portugal des mesures de réserve et de secret dans tout ce qui concernait la navigation."

And further, referring to Alexander VI's bulls of 1493 and to the negotiations between Portugal and Spain in 1494, he adds:

"L'épisode du traité de Tordesilhas montre les avantages réels du mystère observé alors méthodiquement par le Portugal. Il met en relief la sagacité de D. João comme négociateur, et explique en même temps la véritable cause de la rareté des documents sur les travaux maritimes des Portugais, cause des nombreuses lacunes qui se trouvent dans l'histoire des découvertes. Le secret observé à propos de tout ce qui concernait la navigation nous fait comprendre pourquoi quatre siècles se sont écoulés avant qu'on retrouve les premières études portugaises sur l'astronomie nautique, véritable origine des succès maritimes du Portugal."

While all arguments strengthen our belief in the existence of an original edition, they also seem to indicate that the first edition cannot have contained the list of latitudes. The omission of the list in the 1518 *Regimēto da declinaçam do ſol* can certainly not be attributed to the decree of 1504. Should our supposition be correct, it would explain why the 1518 edition did not include the list of latitudes. As we have said, this is simply a conjecture, which is permissible in view of certain facts and arguments. It behoves the authorities, among whom Joaquim Bensaude stands pre-eminent by reason of his admirable work and profound study of the science of nautical astronomy in Portugal, to solve this problem which is certainly of absorbing interest. All we have to do is to describe this precious and only known copy of the first edition of Valentim Fernandes' book, which has been searched for in vain. It is a splendid copy in a marvellous state of preservation. We cannot decide whether it is complete or incomplete;

uos porq̃ seram maos ⁊ muyto se prezaram.

¶ Ho nascido neste signo sera homẽ q̃ muytas cousas começa ⁊ poucas acaba ⁊ d̃ võtade he boõ ⁊ pacifico ⁊ calado. de natureza docntio d̃ sua força. obediente. temeroso. ⁊ de bõa vida. ⁊ conheçe ⁊ agaradeçe o bẽ q̃ lhe fazẽ. porẽ he mentiroso ⁊ muytas vezes lhe sae bõa vẽtura se a soubesse guardar.



¶ Do circulo do zodiaco capitulo. xxxj.

Nos captos atras scriptos se faz mẽçã do zodiaco por isso sera razã d̃ dizer algũa cousa d̃lle. ⁊ breuemẽte zodiaco he (segũdo os especulatiu⁹) huũ circulo no çeeo posto de obliquo ou nõ direito p̃ circuito yguoal distincto reptido ẽ. xij. partes ygoaes. as q̃es os astrolog⁹ chamã signos. E este circulo ou dispoşiçã do çeeo d⁹ greg⁹ he chamado zodiaco. d̃ zoẽ q̃ q̃r dizer vida. porq̃ todas as cousas q̃ ẽ terra som tẽ a vida deste circulo. como p̃ua aristotiles dizendo. q̃

119 Uma pagina do *Repertorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
A page from the *Repertorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

pello accesso ⁊ reçesso do sol no circulo obliquo se fazẽ as geeraçóes ⁊ corrupçóes ẽ as p̃tes iferiores. os latin⁹ chamã este circulo signifer q̃ q̃r dizer circulo ẽ q̃ sõ notad⁹ os. xij. sign⁹. E segũdo algũs. zodiaco se diz d̃ zoẽ q̃ q̃r dizer animal. nõ porq̃ nelle aja aialias. se nõ por algũa propiedade dellas tomada alcançou este nome. Este circulo he reptido ẽ. xij. sign⁹ ⁊ cada signo em. xxx. graos ⁊ cada grao em. lx. menut⁹ ⁊c.

¶ Dos vẽtos ⁊ suas qualidades capitulo. xxxiiij.



HO primeiro vento vem de oriente que he donde sae o sol chamado oriens ⁊ d⁹ marinheir⁹ leste. Tẽ em cada lado outro vẽto sõ d̃ natureza quẽtes ⁊ secos ⁊ p̃duzẽ tẽpo claro ⁊ sõ

120 Uma pagina do *Repertorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
A page from the *Repertorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

Yo soy enero que el torrezno assando.
Calientome al fuego cõ vino templando.



¶ Ho anno tẽ doze meses. Cinquoẽta ꝛ duas somanas. que som trezẽtos ꝛ sasenta ꝛ cinco dias ꝛ seys horas. Janeyro tem .xxxj. dias. ꝛ a lũa .xxx. Ho dia comsimente em portugal tem dez horas. E a noyte .xiiij.

Dias do mes	letra dñical		lugar do sol gos	mñ	Declinaçam gos	mñ	letra dos signos
1	A	¶ A circũcisam.	20	29	21	58	a
2	b		21	30	21	49	b
3	c		22	31	21	39	c
4	d		23	32	21	30	d
5	e		24	34	21	19	e
6	f	tres reys magos	25	35	21	9	f
7	g	juliam martyr	26	36	21	0	g
8	A		27	37	20	46	h
9	b	os quorẽta mar.	28	39	20	31	i
10	c	guylhelmo bis.	29	40	20	19	k
11	d		[illegible]	41	20	7	l
12	e		1	42	19	52	m

121 Uma pagina do *Regimẽto da declinaçam do sol* de Valentim Fernandes
A page from the *Regimẽto da declinaçam do sol* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

Dias do mes	letra dñical		lugar do sol gos	mñ	Declinaçã do sol gos	mñ	letra dos signos
13	f	ylario bispo.	2	43	19	39	n
14	g	felix sacerdote	3	45	19	26	o
15	A	amaro confe.	4	46	19	12	p
16	b	marcello papa.	5	47	18	58	q
17	c	antam abade.	6	48	18	43	r
18	d	prisca virgem.	7	49	18	25	ſ
19	e		8	50	18	9	s
20	f	sebastiã mar.	9	51	17	52	t
21	g	ynes virgem.	10	52	17	36	v
22	A	vycente mar.	11	52	17	20	u
23	b	emerẽciana vir.	12	53	17	2	x
24	c	tymotheo.	13	53	16	46	y
25	d	sam paulo.	14	54	16	28	z
26	e	policarpo bpo.	15	54	16	11	ꝛ
27	f	crisostomo bpo.	16	56	15	50	ꝯ
28	g		17	57	15	32	a
29	A	valerio bpo.	18	58	15	13	b
30	b		19	59	14	53	c
31	c	cyriaco martyr.	20	59	14	34	d

¶ Neste mes em creçẽte da lũa he boõ de mergulhar ꝛ poer baçello ꝛ aruores que çedo arrebentam. Enxertar aruores temporããs. deitar galinhas prãtar rosaes. ¶ E no minguante da lũa he boõ de podar vinha. alimpar aruores cortar auores pa casas. semear alhos ꝛ çebollas. Deues vsar neste mes banhos ꝛ sangrias. ꝛ comeres ꝛ beberes craros ꝛ quẽtes de sua natureza. E nõ deues sofrir q̃ se leuante ho estomago com sede.

122 Uma pagina do *Regimẽto da declinaçam do sol* de Valentim Fernandes
A page from the *Regimẽto da declinaçam do sol* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

Yo ſoy deziembre que matando el puerco·
Triumpho al plazer alegrando mi cuerpo.



¶Dezembro tem trinta.j. dias. E a lũa tem trita. Ho dia tem noue horas. E a noyte tem quinze horas.

Dias do mes	letra dñical		lugar do sol gos	m̃	Declinaçam g̃	m̃	letre dᵒ ſi gnᵒ
1	f	loy bp̃o	19	14	23	8	g
2	g	bibiana virgẽ	20	15	23	13	h
3	A	atalia virgẽ.	21	17	23	16	i
4	b	barbara virgẽ	22	18	23	20	k
5	c	criſpina virgẽ.	23	20	23	24	l
6	d	nycolao bp̃o.	24	21	23	27	m
7	e	agathon martyr	25	22	23	29	n
8	f	A cõçepçã de no.	26	24	23	30	o
9	g	joachym.	27	25	23	31	p
10	A	oulalia virgẽ.	28	26	23	32	q
11	b	damaſo papa.	29	27	23	33	r
12	c		[illegible]	29	23	33	ſ
13	d	luzia virgem.	1	30	23	33	s

123 Uma pagina do *Regimẽto da declinaçam do ſol* de Valentim Fernandes
A page from the *Regimẽto da declinaçam do ſol* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

Dias do mes	letra dñical		Lugar do ſol g̃	m̃	Declinaçã do ſol g̃	m̃	letra dᵒ ſignos
14	e		2	32	23	32	t
15	f	valeriano bp̃o.	3	33	23	31	v
16	g	anania aza.miſ.	4	35	23	29	u
17	A	lazaro biſpo	5	36	23	27	x
18	b	Maria d louuor.	6	37	23	24	y
19	c	nemeſio martyr.	7	39	23	21	z
20	d	Vigilia.	8	41	23	16	ꝛ
21	e	thome apoſtolo	9	42	23	10	?
22	f	çyron martyr.	10	44	23	5	a
23	g	dagaberto rey.	11	46	23	0	b
24	A	Vigilia.	12	47	22	55	c
25	b	¶Dia do natal	13	49	22	49	d
26	c	eſtuan martyr	14	50	22	42	e
27	d	¶Johan apſto.	15	52	22	35	f
28	e	¶Os ynoçentes.	16	54	22	27	g
29	f	thomas orçobp̃o	17	55	22	19	h
30	g	dauyd Rey	18	56	22	11	i
31	A	ſylueſtre papa.	19	57	22	2	k

¶Neſte mes em a creçente da lũa he boõ de fazer eſterqueyra pera outro ynuerno. fazendo bom tempo treſpoer a ortaliza. ſemear alfaças. rabaõs ꝛ alhos. ¶E em o minguante cortar madeyra. correger vallados eſtercar õde for neçeſſayro. alporcar ꝛ lançar vrina em a eſcaua. Todas as couſas quentes ſom boõas neſte mes. He ſegura a ſangria da vea da cabeça. A doença nos gyolhos he perijgoſa.

124 Uma pagina do *Regimẽto da declinaçam do ſol* de Valentim Fernandes
A page from the *Regimẽto da declinaçam do ſol* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

¶ Aureo numero	j ij iij iiij v vj vij viij ix x xj xij xiij xiiij xv xvj xvij xviij xix
Aries	y n c v l ꝛ ſ h z p e u m a s i ꝛ q f
	z o d u m a s i ꝛ q f x n b t k ꝛ r g
	ꝛ p e x n b t k ꝛ r g y o c v l a ſ h
Taurus.	ꝛ q f y o c v l a f b z p d u m b s i
	a r g z p d u m b s i ꝛ q e x n c t k
Geminis.	b ſ h ꝛ q c x n c t k ꝛ r f y o d v l
	c s i ꝛ r f y d d v l a ſ g z p e u m
Cançer.	d t k a ſ g z p e u m b s h ꝛ q f x n
	e v l b s b ꝛ q f x n c t i ꝛ r g y o
Leo.	f u m c t i ꝛ r g y o d v k a ſ h z p
	g x n d v k a ſ h z p e u l b s i ꝛ q
	h y o e u l b s i ꝛ q f x m c t k ꝛ r
Virgo.	i z p f x m c t k ꝛ r g y n d v l a ſ
	k ꝛ q g y n d v l a ſ h z o e u m b s
Libra.	l ꝛ r h z o e u m b s i ꝛ p f x n c t
	m a ſ i ꝛ p ſ x n c t k ꝛ q g y o d v
Scorpius.	n b s k ꝛ q g y o d v l a i h z p e u
	o c t l a r h z p e u m b ſ i ꝛ q f x
Sagitari⁹.	p d v m b ſ i ꝛ q f x n c s k ꝛ r g y
	q e u n c s k ꝛ r g y o d t l a ſ h z
	r f x o d t l a ſ h z p e v m b s i ꝛ
Capricorn⁹.	ſ g y p e v m b s i ꝛ q f u n c t k ꝛ
	s h z q f u n c t k ꝛ r g x o d v l a
Aquarius.	t i ꝛ r g x o d v l a ſ h y p e u m b
	v k ꝛ ſ h y p e u m b s i z q f x n c
Pisces.	u l a s i z q f x n c t k ꝛ r g y o d
	x m b t k ꝛ r g y o d v l ꝛ ſ h z p e
	y n c v l ꝛ f h z p e u m a s i ꝛ q f

¶ Se quiseres saber cada dia em q̃ signo anda alũa. Acharas no calendayro no fim de cada regra do dia a letra lũar pera saberes o que querrias saber. E despoys q̃ a teueres vente aa presente tauoa ou lauda. E em a pte superior acharas ho aureo numero. E poõe ho dedo em aquelle numerò do anno presente em que estas. E corre pera abayro pello abeçedayro atee que aches a letra lũar qne te mostro ho calendayro. E qual dos doze signos achares em o começo da regra. em aquelle signo esta a lũa neste dia.

125 Uma pagina do *Regimẽto da declinaçam do sol* de Valentim Fernandes
A page from the *Regimẽto da declinaçam do sol* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

¶ Anno Mil.v.^c.xviij.

Meses.	Lũa	Dias	Horas	Pontos	Signos	Graos
Janeyro	noua	a.xj	iij	xlij	Capricorn⁹	xx
	chea	a.xxvj	x	j	Leo	xv
Feuereyro	noua	a.ix	xiiij	xlj	Aquarius	xxx
	chea	a.xxv	ij	xliij	Virgo	xvj
Março	noua	a.xj	iij	xxx	Pisces	xxx
	chea	a.xxvj	xvj	xxj	Libra	xv
Abril	noua	a.ix	xv	xj	Aries	xxix
	chea	a.xxv	iij	v	Scorpius	xiiij
Mayo	noua	a.ix	iiij	xlj	Thaurus	xxvij
	chea	a.xxiij	xj	xxiij	Sagitarius	xij
Junho	noua	a.viij	xviij	xlvij	Geminis	xxvj
	chea	a.xxij	xviij	xij	Capricornus	x
Julho	noua	a.vj	ix	xxxij	Cancer	xxiiij
	chea	a.xxij	j	lvij	Aquarius	viij
Agosto	noua	a.vj		xlj	Leo	xxij
	chea	a.xx	viij	xxx	Pisces	vj
Setembro.	noua	a.iiij	xv	lv	Virgo	xx
	chea	a.xviij	xvij	lv	Aries	iiij
Octubro	noua	a.iiij	vj	xlj	Libra	xix
	chea	a.xviij	vj	iij	Thaurus	iij
Nouembro	noua	a.ij	xx	xxix	Scorpius	xix
	chea	a.xvj	xxj	v	Geminis	iij
Bezembro	noua	a.ij	viij	liiij	Sagitarius	xix
	chea	a.xvj	xiiij	xlj	Cancer	iij
	noua	a.xxxj	xx	j	Capricornus	xix



¶ Neste anno em mayo fazendose a lũa noua sera sol crys ou eclypsi.
E no mes de mayo aa lũa chea sera lũa cris ou eclipsi.



Do natal atee entruydo auera.vij.somanas ꝛ quatro dias. Sera a septuagesima aos.xxxj.de janeyro. Terça feira do ẽtruydo aos.xvj.de feuereyro. Pascoa aos.iiij. de abril. A s ladainhas aos dez ꝛ e mayo. A sçenlam aos xiij.de mayo. Penthecoste aos vinte ꝛ tres de mayo. A trijndade aos.xxx.de mayo. Corpus christi aos.iij. de junho. Teremos.xviij.de aureo numero. Sera letra domi al.c.

126 Uma pagina do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
A page from the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518









127 Gravuras do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
Woodcuts from the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

¶ Aqui se poõe a demostraçam dos signos ⁊ so-
bre a qual parte do corpo humano tem cada signo dominio
¶ E em a lauda seguinte esta a tauoa per onde se pode ver-
dadeiramente saber em quall dos signos he bõa ou maa ou
meaã a sangria ou purga. E guardae q̃ nom sangres a par
te sobre a qual a luũa tem senhorio como dito he.

Aries Tem a cabeça.



Thaurus	Tem	o pescoço.
Geminis	Tem	os braços
Cançer	Tem	os peytos.
Leo	Tem	o coraçam
Virgo	Tem	ho ventre.
Libra	Tem	as cadñas
Scorpius	Tem	os mēbr⁹ genitaes
Sagitarius	Tem	as pernas
Capricorn⁹	Tem	os geolh⁹
Aquarius	Tem	as canellas das pnas
Pisces	Tem	os pees.

¶ O proueyto da sangria.

¶ Ella esforça o coraçã ⁊ o pēsa
mēto. acreçēta ⁊ aguça a memo
ria. clarifica a vista. tempera os
ouuidos. faz digestiã. socorre ao
estamago. lança fora o mao san
gue. cōforta o natureza. ⁊ cō ella
lāça fora todos maos humores
⁊ aministra saude de lōga vida.

128 Uma pagina do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
A page from the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

A vea q̃ esta em meyo da fronte val pera a door da cebeça.a migranea z apostema dos olhos.

Em cada cãto do olho esta hũa vea.val pera erarificar a vista

Duas veas estã dẽtro dos beiços someiros. valẽ per reuma z door da gula.

Hũa vea esta debaixo do queixo abayxo da boca.val pera a dor dos olhos z pera os inchaços do rosto z dor das queyradas.

A vea cefalica.val pera a door dos olh⁹ z das orelhas. z dor da garganta.

A vea circular.s.do baço . val pera a door do baço z dos peytos z dos bofes z d diafragma

Tres veas estã debaixo de cada giolho valẽ pa as postemas dos rijs z da bexigua z dos costados ou ylhargnas.

A vea sofena que esta de baixo das curuas dos giolhos em a parte de dẽtro val cõtra a door das pernas z aliecan

Hũa vea esta no pee ẽ meo do dedo pequeno z doutro a par delle. val pera optalmia z pa apostema quecente z pera a dor dos olhos.

A sãgria da vea chamada purpurea a proueita contra as doores enfermidades interiores



Hũa vea esta em a põta do nariz.val pera o fluxo das lagrimas dos olhos.

Em cada façe do rosto de bayxo de cada queixada esta hũa vea.val pera a vista z dor das orelhas.

Duas veas estam debaixo da lingua chamãse fagitides.valem pera apostema da garganta z a esquinancia.

A vea meaã ou comuũ do braço val pa a dor da cabeça z do coraçam z dos bofes z de todo o corpo.

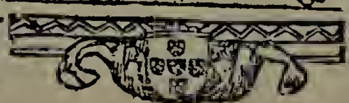
A vea basilica z epatica do figado.val pa dor da cabeça z pa apartar o fluxo do sãgue dos narĩ

A vẽtosa posta d bayxo do ymbijgo.valpera as torções do estomago z pasio colica

Hũa ve esta no meo do dedo polegar z do q̃ esta apar delle do pee.val pa reteer as mestruas z apostemas genitaes z dor de costado ou ilharga

Duas veas estã em a parte de dẽtro do ppucio. valẽ pa a dor do coraçã.E outras duas estã em a parte de baixo.valẽ pa o inchaço z dor dos mẽbros genitaes.

A vea q̃ esta ençima da cxa encadeadura menor dos pees aproueita pera lançar fora do corpo o humor colerico.



129 Uma pagina do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
A page from the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

¶ Se a ventosa for posta no meo da cabeça val pa todo inchaço do rosto z do fedor dos narizes z comefcham dos olhos

No meo da cabeça esta hũa vea.val pa a migranea ãtigua z dor de cabeça

A vẽtosa posta em as espadoas.val pera enfirmidad dos peitos.

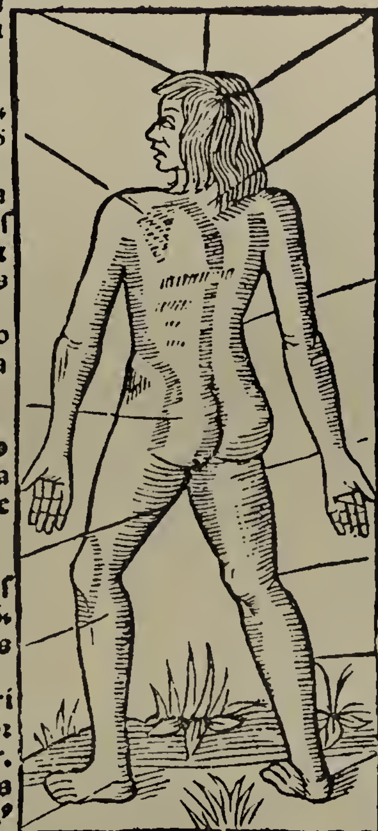
A ventosa posta em as nadegas.val pa as apostemas dos muslos ou lag art⁹.z pa a sarna z comechã d lis

A ventosa posta de baixo das nadegas val pa a grauidade do corpo.

A vea que esta ãtre o dedo polegar.z do a par dlle da mão.val pa a door da cabeça z door dos olhos.

A vẽtosa posta em os muslos ou lagart⁹.val pa a cõjũtura z apostemas delles

A ventosa posta em a bariga da pna.val pa o humor quẽte posto no dito lugar. z val pa fistolas z vlçeras podridas q̃ esta ẽ os mnsl⁹



Duas arterias estã detras das orelhas.valẽ pa a obtalmia z pa hũa ẽ. enfirmidade de olhos q̃ se ch ma noctulipa. q̃ he q̃ despois de sol posto nom vem.

A ventosa posta no meo do posçoço val pa ho inchaço das sobrançelhas.z da cradidade as vista.

Hũa vea esta ẽ a ylharga vl pa as apostemas z vlceras z dor d tra ylhargaon costa

A vea sagitella q̃ esta do uo meo do dedo q̃se chama medic⁹z o auricular nomeninho.val pa door do baço

A vẽtosa posta em a parte d dẽtro do muslo ou largarto val pa mẽstrnas z almorreymas. z pa fluxo de sangue. z inchaço do lõgon.

Duas veas que estã acima das curuas dos giolh⁹ da parte de fora z chamã se siaticas.valẽ pa a dor arteticas.z pa o fluxo do ventre.

A vẽtosa posta em a barriga da pna.val pa todo humor flegmatico.

¶ Rehra pera saber pela sangria se o enfermo ha de conualeçer ou nom. Tomae hũa gota do seu sangue que se tira em sangria z leyxaa cayr em huũ baçio dagoa limpa. E se aquella gota fica enteyra z for pera baixo. he sinal q̃ ho enfermo ha de conualeçer. E se a dita gota de sangue em a dita agoa se desfezer z nadar. sabera que ho enfermo esta em perijgo.

130 Uma pagina do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
A page from the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

¶ Registro do que em sy conteẽ cada huũa das seguintes tauoas. ꝛ como se ha dentẽder o que se poõe em cada huũa dellas. Cap. xlv.

DA muy nobꝛe arte ꝛ sciencia dastronomia foꝛom tiradas as seguintes tauoas per ho muyto honrrado astrologo bernardo de granolachs mestre em artes ꝛ medeccina da çidade de Barçalona. a principal de catalonha do regno daragam. sobꝛe ho qual hemisperio foꝛom feytas as seguintes tauoas.
¶ Cada tauoa contem as cõjunções ꝛ oposições que sam as luũas nouas ꝛ cheas em cada huũ mes. dia. hoꝛa. ponto signo. ꝛ graao do signo. Começando no pꝛesente anno de mil ꝛ quinhentos ꝛ dez ꝛ oyto. ꝛ duram. xxxij. annos.
¶ Item cada tauoa contem em seu anno ꝛ mes as eclypsis ou crys do sol ꝛ da lũa. ꝛ as quantidades dellas. s. q̃ se o sol foꝛ crys doze partes. sera sol crys de todo ꝛ sera o mũdo tã escuro como a noyte. ꝛ seys partes he a meetade. ꝛ dizendo oyto partes. som duas partes de sol crys.
¶ Item. o dia segundo a conta deste liuro se começa ao meo dia ꝛ acabase no dia seguinte. s. se oje he o pꝛimeiro dia. ho dia nom se começa a contar no amanheçer se nom ao meeo dia. ꝛ se acaba no dia seguinte ao meo dia. E saberees que per esta conta. lx. puntos se contam poꝛ hũa hoꝛa.
¶ Item. cada tauoa conteem as festas moujuees em cada anno. E quantas somanas ꝛ dias ha do natal atee entruydo. A septuagesima. Terça feyra do entruydo. Pascoa. Ladaynhas. Asçensam. Pentecostes. Trijndade. Corpus chꝛisti. Aureo numero. Letra dominical. E bisesto. E todo esto acharas ao pee de cada tauoa de cada huũ anno.

¶ Tauoa das çidades de Poꝛtugal.

131 Uma pagina do *Repertorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
A page from the *Repertorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

¶ Nota q̃ as tauoas das lũas nouas ⁊ cheas. ⁊ aſſi meſmo os eclypſis ou cryſes do ſol ⁊ da lũa ſõ tirados ſobre a çidad de barçalona ⁊ E pa achardes eſſas meſmas em as çidades principaes de portugal cõtheudas em a tauoada ſeguinte. he neceſſario tirar aquelles menutos ou pontos eſcriptos em a dita tauoa. por ſerem as ditas çidades mais oçidentaes. dos quaes menutos. lx. fazem hũa hora.

Cidades de Portugal	tyrae põtos ou minutos.	Altura do norte. graos	minutos.
Lyxbõa	xl	xxxix	
Santarem	xxxix	xxxix	l
Leyria	xxxvij	xl	xxviij
Coymbra	xxxvj	xlj	l
Porto em portugal	xxxvij	xlj	l
Cabo de ſam viçẽte	xxxix	xxxviij	l
Sylues	xxxvij	xxxviij	vj
Lole.	xxxv	xxxviij	x
Tauira	xxxiiij	xxxvij	l
Beja	xxxiij	xxxviij	xl
Euora	xxxv	xxxix	vj
Aguarda	xxxiij	xl	xxxvj
Viſeu	xxxv	xlj	v
Lamego	xxxiiij	xlj	
Bragança	xxxv	xlj	l
Cepta	xxxj	xxxvj	

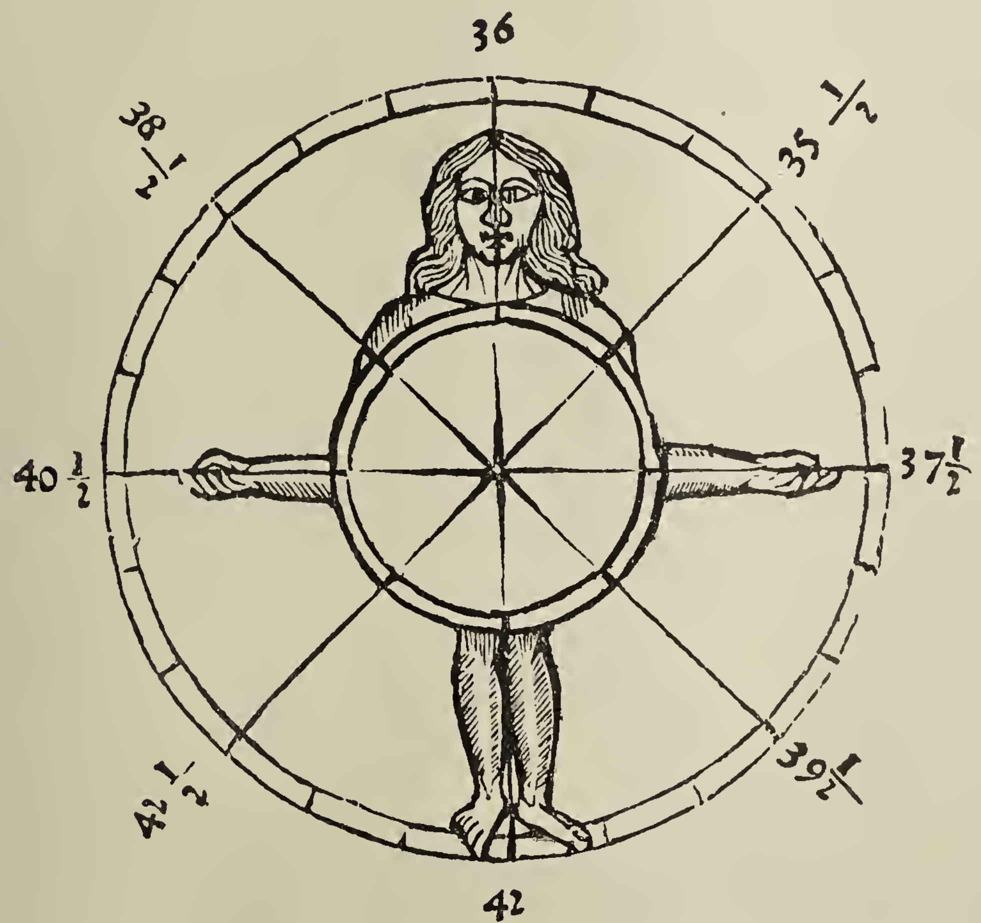
Altura do norte					
Toledo	xl		Seuilha	xxxvij	xv
Salamãca	xli	xix	Cordoua	xxxvij	xv
medi. cãpo	xlj	xxij	Granada	xxxvij	xxx
Burgos	xlij	xviij	Murçia	xxxviij	xxxviij
Cõpoſtela	xliij	vij	Valença	xxxix	lij
Pãplona	xliij	xxx	Barçalona	xlj	xix

(Calez xxxvi xl appears on the "Altura do norte" line.)

132 Uma pagina do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes
A page from the *Reportorio dos Tempos* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518

estado de conservação, está completo ou in-completo? Julgamos que lhe falta a ultima folha, pois não tem o colophon, que, se o tivesse, nos daria a data exacta da sua impressão. É sem duvida um livro de especial importancia para a historia de uma sciencia tão intimamente ligada aos descobrimentos Portuguezes, que sem ella, não se poderiam ter realizado.

but we think the last leaf must be missing for there is no colophon, which, were it but present, would have given us the exact date of the book's publication. The *Reportorio dos Tempos* with the *Regimẽto da declinaçam do ſol* has undoubtedly a special importance for the history of the science of nautical astronomy, which was so intimately connected with the Portuguese discoveries, that without it they could not have been successfully carried out.



133 Gravura do *Regimẽto da declinaçam do ſol* de Valentim Fernandes
Woodcut from the *Regimẽto da declinaçam do ſol* of Valentim Fernandes
Lisboa, 1518



¶ O primeiro liuro das ordenaçoẽs.

134 Folha do rosto das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel.* Title-page of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Evora & Lisboa, 1521

21 ORDENAÇOẼS D'EL-REI D. MANUEL.
Evora e Lisboa, Jacob Cronberger, 1521.

LIVRO PRIMEIRO.

O primeiro liuro das ordenaçoẽs.

Titulo no pé da pagina, que é quasi inteiramente occupada por uma gravura que representa o escudo das Armas Reaes, com um grypho no timbre e enquadrado por tarjas ornadas de Espheras armillares, figuras, folhagens, etc.[1]

[fl. 1 vo.] Prologo. | DOm Manuel per graça de ds Rey de | portugal: z dos algarues: [...]

[fl. 2] Seguese atauoada deste primeyro | liuro das ordenaçoẽs. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim da tauoada.

fl. j. In nomine dñi nostri Iesu xp̃i. | Começa o p̃meiro liuro das ordenaçoẽs. | Titulo primeiro [...]

fl. clx [...] Fim. | Aqui acaba o p̃meiro liuro | das ordenaçoẽs. Foi impresso em | ha çidade Deuora por Ia | cobo cronberguer | alemam.

LIVRO SEGUNDO.

[fl. 1] Seguese atauoada deste segundo li- | uro das ordenaçoẽs. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Fim da tauoada deste segũdo liuro.

fl. j. Aqui começa o segũdo liuro. | Titulo primeiro. [...]

fl. lxix vo. [...] Fim.

[fl. 1] Aqui acaba o segũdo liuro | das ordenaçoẽs. Foy impresso em | ha çidade d Lixboa por Ia | cobo cronberguer | alemam.

Registro[2].

LIVRO TERCEIRO.

[fl. 1] O terçeiro liuro das ordenaçoẽs.

Por cima, escudo e tarjas eguaes ás do livro I[3].

[fl. 1 vo.] Seguese atauoada deste terçeiro li- | uro das ordenaçoẽs. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Fim da tauoada do terçeiro liuro.

[1] *Title at the foot of the page, which is almost entirely filled with a woodcut of the Royal Arms with a griffin crest, surrounded by a woodcut border ornamented with armillary Spheres, figures, foliage, etc.*
[2] *Register.*
[3] *Above are the same coat of arms and border as appear in Book I.*

[fl. 1] O terçeiro liuero [sic] das ordenaçoẽs. | Titulo primeiro [...]

fl. xcvj. vo. [...] Fim. | Aqui acaba o terçeiro liuro | das ordenaçoẽs. Foi impreſſo em | ha çidade ꝺ Lixboa por Ia | cobo cronberguer | alemam.

LIVRO QUARTO.

[fl. 1] Seguese atauoada deſte quarto li- | uro das ordenaçoẽs. [...]

[fl. 3] [...] Fim da tauoada.

fl. j. Começa o quarto liuro. | Titulo primeiro [...]

fl. lxv. vo. [...] Fim.

[fl. 1] Aqui acaba oquarto liuro | das ordenaçoẽs. Foi impreſſo em | ha çidade Deuora por Ia | cobo cronberguer | alemam.

Registro.

LIVRO QUINTO.

[fl. 1] Seguese atauoada deſte quinto li- | uro das ordenaçoẽs. [...]

[fl. 4] [...] Fim da tauoada.

fl. j. Começa oquinto liuro das ordenaçoẽs. | Titulo primeiro [...]

fl. xcvij. vo.

Fim das ordenações[1].

fl. xcviij.

Declaração ácerca da impressão das ordenações, o registro dos cadernos e folhas de cada livro, e em remate de tudo: Fim. *Assignaturas autographas de dois desembargadores*[2].

fl. xcviij. vo. Aqui acaba oquinto liuro das orde- | naçoẽs. Foi impreſſo em ha çidade de Lixboa por | Iacobo cronberguer alemam: aos on- | ze dias do mes de Março: an- | no de mill ꝛ quinhẽtos | ꝛ vimte ꝛ huũ | annos. | Deo gratias.

Segue-se na mesma encadernação a Ordenaçam da ordem do juizo *impressa por Germão Galharde em Lisboa em 1526*[3].

Folio—Liv. I [4, sendo a ultima branca], clx folhas; Liv. II [2], lxix, [1] folhas; Liv. III [4, sendo a ultima branca], [1] ij–xcvj folhas; Liv. IV [4, sendo a ultima branca], lxv, [1] folhas; Liv. V [4], xcviij folhas—36–38 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Folio—Book I [4, the last being blank], clx leaves; Book II [2], lxix, [1] leaves; Book III [4, the last being blank], [1] ij–xcvj leaves; Book IV [4, the last being blank], lxv, [1] leaves; Book V [4], xcviij leaves—36–38 lines—Gothic letter—no catchwords.

[1] *End of the laws.*

[2] *Declaration about the printing of the laws, register of the quires and pages in each volume, and at the end:* Fim. *Autograph signatures of two judges.*

[3] *There follows in the same volume the* Ordenaçam da ordem do juizo, *printed by Germão Galharde in 1526.*

Numeração dos cadernos: Liv. I: A, 4 folhas; a–v, 8 folhas cada caderno; total de 164 folhas. Liv. II: .:., 2 folhas; a–g, 8 folhas cada caderno; h, 10 folhas; i, 4 folhas; total de 72 folhas; a primeira folha do caderno a tem assignatura aa. Liv. III: A, 4 folhas; a–m, 8 folhas cada caderno; total de 100 folhas; a primeira folha do caderno a tem assignatura aaa. Liv. IV: a, 4 folhas; a–g, 8 folhas cada caderno; h, 10 folhas; total de 70 folhas; a primeira folha do caderno a tem assignatura aaaa. Liv. V: +, 4 folhas; A–L, 8 folhas cada caderno; M, 10 folhas; total de 102 folhas.

Um volume encadernado de carneira.

O livro das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel* de 1521 é a unica obra conhecida, impressa por Jacob Cronberger em Portugal. A ella se referem, entre outros, Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 733); Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 431); Innocencio (*Diccionario*, t. VI, p. 325 e t. XVII, 10° do *Supplemento* continuado por Brito Aranha, p. 122); Tito de Noronha (*Ordenações do Reino*, 1873, pp. 16–17 e 50–57); Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 12 e 13); Brito Aranha (*A Imprensa em Portugal nos seculos* XV *e* XVI—*As Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, pp. 10 e 21), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, n° 534). Estes ultimos auctores indicam a existencia de oito exemplares das *Ordenações* de 1521: tres exemplares completos e um incompleto na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e um exemplar em cada uma das seguintes Bibliothecas: Porto; Guimarães, Sociedade Martins Sarmento; Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro; Napoles. A essa lista devemos accrescentar mais tres exemplares; o da Bibliotheca Palha (n° 267 do catalogo); o que se encontra—incompleto—no Museu Britannico, e o da nossa Bibliotheca, que

Collation by signatures: Book I: A, 4 leaves; a–v, each 8 leaves; total 164 leaves. Book II: .:., 2 leaves; a–g, each 8 leaves; h, 10 leaves; i, 4 leaves; total 72 leaves; the first leaf in quire a is marked aa. Book III: A, 4 leaves; a–m, each 8 leaves; total 100 leaves; the first leaf in quire a is marked aaa. Book IV: a, 4 leaves; a–g, each 8 leaves; h, 10 leaves; total 70 leaves; the first leaf in quire a is marked aaaa. Book V: +, 4 leaves; A–L, each 8 leaves; M, 10 leaves; total 102 leaves.

In one volume bound in sheepskin.

The *Ordenações d'El-Rei D. Manuel* (Statutes of the Kingdom) of 1521 is the only known work printed by Jacob Cronberger in Portugal. Among those who refer to it are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 733), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 431), Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 325 and vol. XVII, 10th of the *Supplement* continued by Brito Aranha, p. 122), Tito de Noronha (*Ordenações do Reino*, 1873, pp. 16–17 and 50–57), Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1888, pp. 12–13), Brito Aranha (*A Imprensa em Portugal nos seculos* XV *e* XVI—*As Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, pp. 10 and 21), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 534). The last-mentioned authors indicate the existence of eight copies of the 1521 edition of the *Ordenações*: three complete copies and one incomplete in the Lisbon National Library, and one copy in each of the following Libraries: Oporto; Guimarães, Sociedade Martins Sarmento; Gabinete Portuguez de Leitura in Rio de Janeiro; Naples. To this list of copies we must add three more, the one in the Palha Library (Catalogue no. 267), the incomplete one in the British Museum, and our own copy,

pertenceu ao bibliophilo T. Norton, e que, absolutamente perfeito, está admiravalmente conservado.

As *Ordenações*, divididas em cinco livros, fôram estampadas por "Jacobo cronberguer alemam" em 1521, sendo os Livros I e IV impressos em Evora, e os Livros II, III e V em Lisboa, tendo este ultimo a data de "onze dias do mes de Março: anno de mill ꝛ quinhẽtos ꝛ vimte ꝛ huũ annos."

Jacob Cronberger, notavel "imprimidor" allemão,

"acaso attrahido pela sociedade dos impressores allemães de Sevilha, assentou officina de impressão n'aquella cidade, onde, nos annos que correm de 1502 a 1528, deu á estampa muitos dos mais bellos e hoje dos mais raros e estimados livros gothicos de Hespanha" (Deslandes, *ob. cit.* p. 13).

Apezar de Cronberger só ter publicado as *Ordenações* em 1521, D. Manuel convidára-o, em 1508, a exercer a sua arte em Portugal, como consta da carta Regia do Venturoso, dada em Santarem a 20 de Fevereiro de 1508. Esse documento tem o especial interesse, de claramente mostrar a protecção outorgada pelo Soberano á imprensa e aos impressores, em vista dos privilegios que lhes concedia, sendo curioso notar que essas mercês fôram—pelo menos em parte—devidas a Jacob Cronberger, como se deprehende da carta Regia.

"Dom Manuell, etc. Aquamtos eſta noſa carta virem fazemos ſaber que auemdo nos Reſpeyto ao que em ſua petiçam diz yacobo cromberger alemam imprimidor de lyuros e como per noſo mamdado nos veo ſervir a eſtes Regnos e quam neceſaria he a nobre arte de ympreſam nelles pera o bom governo porque com mais facellidade e menos deſpeſa os meniſtros de yuſtiça poſam vſar de noſas leys e ordenações....E querendo lhe fazer graça e merce temos por bem que o dito yacobo cromberger e todos os outros emprimidores de liuros que nos

which belonged to T. Norton, the great bibliophile and is absolutely perfect and magnificently preserved.

The *Ordenações*, divided into five books, were printed by "Jacobo cronberguer alemam (German)" in 1521; Books I and IV were published in Evora, and Books II, III and V in Lisbon, the last being dated the "eleventh day of the month of March: in the year of one thousand five hundred and twenty-one."

Jacob Cronberger was a notable German *imprimidor* and,

"possibly attracted by the community of German printers in Seville, he set up a printing-press in that city, where, in the years between 1502 and 1528, he published many most beautiful books, which are now among the rarest and most highly prized of Spanish works in Gothic type" (Deslandes, *op. cit.* p. 13).

Though Cronberger did not print the *Ordenações* until 1521, we learn from the letters patent dated by Dom Manuel from Santarem on February 20th, 1508, that he had received a Royal invitation to exercise his art in Portugal thirteen years before. This document is particularly interesting since the privileges conceded therein show clearly that the Sovereign gave his special protection to printing and printers; and it is curious to note that these favours were, at least in large measure, due to Jacob Cronberger, as may be seen from the Royal letter.

"We, Dom Manuel, etc., make known to as many as shall see this our letters patent, that, in consideration of what Jacobo Cromberger alemam, printer of books, says in his petition, and as he came to serve us in these kingdoms by our command, and considering how necessary the noble art of printing is for good government in them, because the ministers of justice can thus make use of our laws and statutes more easily and at less expense....And as we desire to do him grace and favour, it seems good to us that the said Jacobo Cromberger, and all the other printers of books who are using the said art of

ditos nosos Regnos e senhorios autuallmente uzarem a dita arte dempresam tenham e ajam aquellas mesmas graças priuillegios liberdades e homras que ham e deuem aver os caualleiros de nosa casa per nos comfirmados postoque nom tenham cauallos nem armas segundo ordenança e que por taes seiam tidos e avidos em toda parte com tall entendimento que os ditos emprimidores que ora sam e per o tempo forem em estes Regnos e senhorios que do dito priuillegio ouverem de gozar tenham de cabedall duas mil dobras douro E mais que seiam cristãos velhos sem parte de mouro nem de yudeu nem sospeita de algũa heregia nem tenham emcorrido em ymsamia nem em crime de leza magestade e doutra maneira nom porque asy o ei por mais seruiço de noso senhor e noso e bem destes nosos Regnos pollo perigo que pode aver de nelles se semearem algũas heregias per meo de liuros que asy emprimirem..." (*Chancellaria de D. Manuel*, Liv. v, fl. 6 vº, reproduzido por Deslandes, *loc. cit.*, e Tito de Noronha, *ob. cit.* pp. 61 e 62).

Em 1508, que se saiba, apenas dois impressores tinham prelos em Portugal—ambos em Lisboa—Valentim Fernandes e João Pedro Bonhomini de Cremona, dos quaes já nos occupámos detalhadamente. Se a carta Regia de 1508 dava aos impressores as honras e privilegios de "caualleiros de nosa casa," é provavel que lhes não desse o titulo, visto Cronberger, Valentim Fernandes e Cremona, não terem usado nas suas impressões, do titulo de *cavalleiro da casa d'El-Rei.* Fernandes, já muito antes de 1508, era escudeiro da Rainha D. Leonor; Cremona e Cronberger não tiveram titulos honorificos, ou pelo menos, não os usaram nas obras que estamparam. O ponto enigmatico é a carta Regia de 1508 ter sido dada, "auemdo nos Respeyto ao que em sua petiçam diz yacobo cromberger e como per noso mamdado nos veo servir a estes Regnos...." Não póde haver duvida que D. Manuel convidou Jacob Cronberger a vir servir em Portugal, "na nobre arte de ympresam."

printing in our kingdoms and dominions at present should have and hold the same graces, privileges, exemptions and honours as the knights of our household have and ought to have, by our Royal confirmation, even though they have not the horses and arms prescribed in the statute, and that they shall be had and held as such everywhere, provided that the said printers, who are now or may come to be in these kingdoms and dominions and who enjoy the said privilege, have two thousand gold doubloons of capital; and further that they are Christians without taint of Moor or Jew, nor suspicion of any heresy and that they have not incurred infamy nor been concerned in the crime of lèse-majesté and otherwise not, for we consider that it is thus of greater service for Our Lord and ourselves and for the good of these our kingdoms, because of the danger that heresies might be disseminated therein by the medium of books thus printed..." (*Chancellaria de D. Manuel*, Book v, fl. 6 vo. reproduced by Deslandes, *loc. cit.*, and Tito de Noronha, *op. cit.* pp. 61–62).

As far as we know, only two printers had presses in Portugal in 1508—Valentim Fernandes and João Pedro Bonhomini de Cremona, both of whom worked in Lisbon, and whom we have already studied in detail. Though the Royal letters patent of 1508 granted the honours and privileges of "knights of our household" to printers, they were probably not permitted to use the title, since neither Cronberger, Cremona, nor Valentim Fernandes ever designated himself as *cavalleiro da casa d'El-Rei* in any of his publications. Fernandes was *escudeiro* (squire) to Queen Leonor long before 1508; but João de Cremona and Cronberger had no honorific titles, at least they did not record them in any of the works they printed. The enigmatical point is that the letters patent of 1508 was granted "in consideration of what Jacobo Cromberger says in his petition, and as he came to serve us in these kingdoms by our command." There can be no doubt that Dom Manuel summoned Jacob Cronberger to Portugal to serve him in "the noble art of

Qual seria a petição de Cronberger? Ignoramos, mas vê-se pela carta Regia, que o Soberano a considerou justa e util.

Esteve Cronberger em Portugal em 1508, ou antes mesmo, como o documento mencionado indica? É mais do que provavel, mas, se imprimiu alguma obra em Portugal, pertence ella ao numero dos desapparecidos. Veiu elle, como já foi alvitrado, a Portugal com um fim determinado—imprimir as *Ordenações*—o que, por motivos desconhecidos não levou a cabo? É possivel, visto, treze annos depois, ter sido escolhido como "imprimidor" da nova edição das *Ordenações*, quando reinava ainda D. Manuel, sendo natural que o Monarcha—tendo-lhe concedido honras e privilegios—o escolhesse para imprimir uma obra á qual ligava tanta importancia. A data do colophon do ultimo livro das *Ordenações* sahidas dos prelos de Jacob Cronberger é, como dissemos, 11 de Março de 1521. A 15 do mesmo mez, D. Manuel mandava destruir "a impreſſam velha," quer dizer as edições de 1512, 1513, e 1514. Referindo-se á carta Regia do Monarcha sobre Cronberger e os "imprimidores," escreve Tito de Noronha (*ob. cit.* p. 62):

"Por eſte documento ſe infere que Jacob Cronberguer veio a Portugal em 1508. Viria meſmo convidado, e expreſſamente para imprimir as *Ordenações*, ainda por então não promptas para entrar no prelo, e por iſſo talvez ſe tornaſſe a Sevilha, onde continuou a imprimir. Em 1521 voltou, e imprimio as novas *Ordenações*, unica obra impreſſa por elle em Portugal, e de que temos noticia, d'entre as ſahidas de prelos portuguezes no ſeculo XVI."

A opinião de Tito de Noronha parece-nos explicar o papel representado por Jacob Cronberger, na impressão das *Ordenações*. Nas nossas notas sobre as *Ordenações* de 1514, impressas por João Pedro Bonhomini de Cremona, tratámos da historia das *Ordenações*, da sua origem e

printing"; but we do not know what was the substance of Cronberger's petition, though it can be seen that the Sovereign considered it as just and useful.

It is almost certain that Cronberger must have been in Portugal in 1508, or even earlier, as the above-mentioned document indicates; but there is no trace of any work printed by him in Portugal at that period. It has been surmised that he came to Portugal for a definite purpose—to print the *Ordenações*—and that for some unknown reason he was unable to accomplish his design. This seems very possible, since he was chosen thirteen years later, when Dom Manuel was still on the throne, to print the new edition of the *Ordenações*, it being very natural that a Monarch who had conceded him honours and privileges, should have appointed Jacob Cronberger to print a work of such paramount importance. As we have said, the colophon of the last book of Jacob Cronberger's edition of the *Ordenações* is dated March 11th, 1521. On March 15th, Dom Manuel ordered the destruction of the *impreſſam velha*, that is, the editions printed in 1512, 1513, and 1514. With reference to the Royal letters patent concerning Cronberger and other *imprimidores*, Tito de Noronha says (*op. cit.* p. 62):

"One infers from this document that Jacob Cronberger came to Portugal in 1508. He may even have been invited to come, expressly to print the *Ordenações*, which at that time were not yet ready to go to press, and it was perhaps for this reason that he went back to Seville, where he went on printing. He returned in 1521 and printed the new *Ordenações*, the only work printed by him in Portugal, and recorded among those issued from Portuguese printing-presses in the XVIth century."

Tito de Noronha's theory seems to explain the part played by Jacob Cronberger in the printing of the *Ordenações*. In our notes on the 1514 edition printed by João Pedro Bonhomini de Cremona, we dealt with the history of the *Ordenações*, their origin and composition; we

compilação; citámos diversos auctores, e reproduzimos parte do testamento d'El-Rei D. Manuel, no qual o Venturoso determinava que seria de muito serviço que se acabasse de corregir as *Ordenações* "n'aquella maneira em que o tenho ordenado ſe acabe." Mas o testamento do Monarcha é datado de 1517: poude ainda terminar a nova compilação que foi publicada em 1521, poucos mezes antes da sua morte, e que, contendo numerosas e importantes modificações, serviu de lei do estado até a publicação das *Philippinas* em 1603. (Sobre todas estas questões, ver as nossas notas ácerca das *Ordenações* de 1514.)

A nova compilação das leis de 1521 é, póde dizer-se, uma remodelação completa das *Ordenações* de 1512, 1513, e 1514. Quasi cada uma das leis foi alterada, diminuida ou augmentada, havendo tambem muitos artigos novos na edição de 1521, como se constata examinando os *Titulos* da *Tauoada.* Outras leis que se encontravam nas edições anteriores não apparecem na edição de 1521.

Tomando os Livros I e II das *Ordenações* de 1514 e os Livros I e II da edição de 1521, vêmos, por exemplo, que no Livro I o *Titulo. iij. Dos veedores da fazenda*, só apparece na edição de 1514 assim como, entre outros, os artigos do Livro II: *Que as ordeẽs z moeſteiros nom ajam herãça de beẽs de rayz per morte de ſeus profeſſos* (*Titulo vij*): *q̃ as ygrejas z moeſteiros z clerig⁹ de ordeẽs ſacras ou beneficiados z frades nõ paguẽ dizima portagẽ nẽ ſyſa* (*Titulo xiij*). Os artigos sobre os thesoureiros, almoxarifes, recebedores, etc. (*Titulos xxxj, xxxij, xxxiij, xxxiiij, xxxv, xxxvj, xxxvij, xxxviij*) só veem incluidos na edição de 1514. Em muitos casos ha innumeras differenças em artigos que se encontram em ambas as edições. Finalmente na edição de 1521, lêmos por exemplo—entre muitos—os seguintes artigos: (Livro I) *Titulo.*

cited various authors and quoted part of King Manuel's will, where he declares that it would be very useful to finish revising the *Ordenações* "in the manner I have prescribed." But the Sovereign's will is dated 1517, so he lived to see the completion of the revised code, which was printed a few months before his death in 1521, and which with its numerous and important alterations, was in force as the law of the land until the publication of the Philippine laws in 1603. (See our notes on the 1514 *Ordenações* for further details on all these questions.)

The 1521 code of law may be said to be an entirely remodelled version of the *Ordenações* of 1512, 1513, and 1514. Almost every law was altered, some parts being deleted and some fresh clauses added; and a comparison of the indices in the editions of 1514 and 1521 shows that many new laws were appended in the later issue, while some of the earlier laws were omitted.

Taking Books I and II of the *Ordenações* of 1514 and Books I and II of the 1521 edition we find, for instance, that the following articles appear in the 1514 edition only, in Book I: *Titulo. iij. Dos veedores da fazenda* (Article iij—Concerning the overseers of finance), and in Book II: *Titulo. vij. Que as ordeẽs z moeſteiros nom ajam herãça de beẽs de rayz per morte de ſeus profeſſos* (that Orders and monasteries shall not inherit real estate from their professed members), and *Titulo. xiij. q̃ as ygrejas z moeſteiros z clerig⁹ de ordeẽs ſacras ou beneficiados z frades nõ paguẽ dizima portagẽ nẽ ſyſa* (that churches and monasteries and clergymen in holy orders or appointed to benefices, and friars shall pay no tithes, toll nor excise) and the articles concerning treasurers, customs officers and tax-collectors (Book II, *Titulos xxxj, xxxij, xxxiij, xxxiiij, xxxv, xxxvj, xxxvij, xxxviij*). In many cases even the articles that are included in both editions are full of variations. Lastly we will quote a few of the many laws in the 1521 edition that are not to be found in the 1514 *Ordenações*: Book I, *Titulo.*

viij. Dos desembarguadores das ylhas; *Titulo. lxxvj. Como el Rey pode tirar os offiçios assi da justiça como da fazenda sem ser por elo obriguado a satisfaçam algũa*; (Livro II) *Titulo. xxvij. Da jurisdiçam que he dada aos capitaẽs dos luguares dafrica*; *Titulo. xlvij. Das molheres que tem cousas da coroa do reyno: que casam sem liçeẽça delrey*; e os *Titulos xij, xxj, xl, xlij, xlv, xlvij, xlviij, liiij* no Livro I, e *ij, iij, xxxviij, xliij, xliiij, xlv, xlvj, xlviij, xlix*, e *l* no Livro II —entre outros—são, como dissemos, artigos que não se encontram na edição de 1514.

Citámos alguns exemplos para demonstrar a differença entre as duas edições, o que explica ter D. Manuel mandado destruir "a velha impressam."

A importancia das *Ordenações*, descreve-a o proprio D. Manuel, no *Prologo* da obra, quando diz, referindo-se ás leis, á justiça e ao dever do Soberano:

"Cõsirãdo nos quã neçesaria he em todo tẽpo ajustiça: assi na paz como na guerra ꝑa boa gouernãça ꝛ conseruaçã de toda republica ꝛ estado real: aqual como membro prinçipal ꝛ sobre todas as outras virtudes exçelente asi mais q̃ todas aos prinçipes conuẽ: ꝛ nela como em verdadeyro espelho de cõsçiençia se deue sempre reuer ꝛ esmerar. Porque como ajustiça consiste ẽ ygualeza: ꝛ com justa balãça dar o seu a cadahũ. Asi obõ Rey deue ser sempre hũ ꝛ ygual atodos em retribuir a cadahũ segundo seus mereçimẽtos. E asi como ajustiça he vertude: nõ pera si mas ꝑa outrẽ por aproueitar somente aqueles aq̃ se faz dandolhes o seu: ꝛ fazendoos bẽ viuer: os bõs com premios os maos cõ temor da pena: donde reulta [sic] paz ꝛ asessego: porque ho castigo dos maos he conseruaçam dos bõs. Asi deue

viij. Dos desembarguadores das ylhas (Concerning the chief judges of the islands); *Titulo. lxxvj. Como el Rey pode tirar os offiçios assi da justiça como da fazenda sem ser por elo obriguado a satisfaçam algũa* (How the King may dismiss officers of justice or of finance without being obliged to make them any compensation); (Book II) *Titulo. xxvij. Da jurisdiçam que he dada aos capitaẽs dos luguares dafrica* (Concerning the jurisdiction given to captains in the places in Africa); *Titulo. xlvij. Das molheres que tem cousas da coroa do reyno: que casam sem liçeẽça delrey* (Concerning the women who have received gifts from the Crown, who marry without the King's permission); and *Titulos xij, xxj, xl, xlij, xlv, xlvij, xlviij* and *liiij* in Book I, also *Titulos ij, iij, xxxviij, xliij, xliiij, xlv, xlvj, xlviij, xlix* and *l* in Book II are among those that are not printed in the 1514 *Ordenações*.

We have cited a few instances to show the difference between the two editions, which explains why Dom Manuel ordered the *velha impressam* to be destroyed.

Dom Manuel himself demonstrates the importance of the *Ordenações* in the *Prologue* to the work, where he refers to law and justice and to the Sovereign's duty, and says:

"Considering how necessary justice is at all times, in peace as in war, for the good government and security of every republic and Royal state; and that justice is the chief and most excellent of all the virtues that are becoming in a Prince, who should always examine and polish himself in it as in a true mirror of the conscience. Because as justice consists in equality and in giving to each his deserts with just balance; so the good King should always be one and the same to all, and repay everyone according to his merits. And so as justice is virtue, not for oneself but for others, profiting only those to whom it is done, giving them their own and making them lead a good life—the good with rewards and the wicked through fear of punishment—and peace and quietness result from it, for the punishment of the wicked is the preservation of

¶ Começa o quarto liuro.

¶ Titulo primeiro Da delaraçã da valia das liuras ⁊ doutras moedas.

GEralmẽte em os tempos antiguos se costumauaõ fazer os cõtractos dos emprazamentos ⁊ aforamentos por liuras ⁊ soldos. E outro si as contias das portagẽs: ⁊ dalguũs outros dreitos ⁊ penas: que pelos antiguos foraes dados aas çidades vilas ⁊ luguares de nossos reynos se deuem arrecadar: som em eles postas por liuras soldos dinheiros ⁊ mealhas: ⁊ porque as liuras teueram muytas ⁊ desuairadas valias pola muyta diuersidade das moedas nouas: ⁊ valia ⁊ bondade delas: que ds pois por desuairados tempos forã lauradas: as quaes vierã atãta demenuiçam q̃ despois de muytos preços lhe serem postos: segũdo o curso dos tempos ⁊ mudança das outras moedas foram reduzidas as liuras antiguas a dous preços somente: conuẽ a saber por algũas das ditas liuras antiguas se mandaua paguar: seteçentas liuras por hũa: ⁊ por outras quinhentas liuras por hũa liura antigua. E porque em çerto se podese saber: por quaes liuras se deueria paguar: a seteçẽtas: ⁊ por quaes a quinhentas por hũa: quando por as palauras do contracto nam fosse declarado: foy por elrey dom Duarte meu auo da louuada memoria feita lei açerca da valia das liuras antiguas: porque declarou ⁊ determinou: que de todos os contractos de emprazamentos: ⁊ aforamẽtos: ⁊ em as paguas de quaesquer foros: ou rẽdas: de q̃ se ouuese de fazer paguamento a respeito de moeda antigua: que fossem feitos ou inouados da era de nosso senhor jesu xp̃o de mill ⁊ trezentos ⁊ nouenta ⁊ cinco em diante: se paguasse q̃nhentas liuras por cada hũa liura: q̃ fossem obriguados paguar da moeda antigua. E dos contractos feitos da dita era de nosso senhor jesu cristo de mil ⁊ trezentos ⁊ nouẽta ⁊ çĩco pera tras: paguasem por cada hũa liura: seteçentas por hũa: ⁊ quis que por esse respecto hũa destas liuras (porque mandaua paguar seteçentas por hũa) valesse vinte reaes brancos: que a esse tẽpo corriam: ⁊ huũ real brãco valese

aaaa

135 Uma pagina do Livro IV das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
A page from Book IV of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Evora & Lisboa, 1521

O Pera que na impressam destas
ordenaçoẽs q̃ ora mandamos imprimir se nõ
possa acreçentar nẽ mingoar cousa algũa: mã
damos q̃ lhes seja dada fee ⁊ autoridade sen
do assinado no fim de todos çinco liuros por
dous dos q̃tro desẽbargadores seguĩtes: cõuẽ
a saber: ho doutor Joã cotrĩ: ⁊ ho doutor Joã
de faria: ⁊ ho doutor Pero Jorge ⁊ ho liçẽçiado Xp̃ouã esteuẽz: q̃
pa elo ordenamos. E nõ sẽdo asinados por dous dles como dito
he: nõ lhe sera dada fee algũa nẽ credito. E nõ se podera mais ven
der toda a obra destes çinco liuros: q̃ por q̃troçẽtos reaes. E vẽdẽ
doos algũa pessoa por mais preço: pagara çẽ cruzados: a metade
pa quẽ o acusar: ⁊ a outra metade pa os catiuos: ⁊ mais sera degra
dado dous annos pera aalẽ.

¶ E estes liuros sam çinco liuros: conuẽ a saber. Primeiro. Segun
do. Terçeiro. Quarto. Quinto. E cada huũ deles leua os quader
nos ⁊ folhas seguintes: conuẽ a saber.

¶ Ho primeiro liuro tẽ vinte quadernos: cõuem a saber. a b c
d e f g h i k l m n o p q r s t v E todos sam qua
dernos de oito folhas cada huũ. E tem .clx. fo.

¶ Ho segundo tẽ noue quadernos: conuẽ a saber: a b c d e
f g h i Todos sam quadernos de oito folhas cada huũ: tirã
do .h. q̃ tem dez folhas ⁊ .i. que tẽ quatro folhas: ⁊ tem .lxix. fo.

¶ Ho terçeiro tem doze quadernos: conuẽ a saber: a b c d e f
g h i k l m Todos sam quadernos de oito folhas cada hũ.
E tem .xcvj. fo.

¶ Ho quarto tẽ oito quadernos: cõuẽ a saber: a b c d e f g
h Todos sam quadernos de oito folhas cada hũ: tirãdo .h. q̃
tem dez folhas: ⁊ tem .lxv. fo.

¶ Ho quinto tẽ doze quadernos: cõuẽ a saber: a b c d e f g
h i k l m Todos sam quadernos de oito folhas cada hũ: ti
rando .m. que tẽ dez folhas: ⁊ tem .xcviij. fo.

¶ E aalem desto cada liuro tẽ sua tauoada d todos os titulos q̃ se
nele contẽ: ⁊ aas q̃ntas folhas se achara cada titulo: ⁊ mais ho pri
meiro liuro: no começo tẽ hũ prologo cõ as nossas armas de por
tugal.

¶ Fim.

136 Uma pagina do Livro V das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
A page from Book V of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Evora & Lisboa, 1521

¶ Aqui acaba o p̃meiro liuro
das ordenaçoẽs. Foi impresso em
ha çidade Deuora por Ja
cobo cronberguer
alemam.

137 Colophon do Livro I das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book I of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Evora & Lisboa, 1521

¶ Aqui acaba o segũdo liuro
das ordenaçoẽs. Foy impresso em
ha çidade d̃ Lixboa por Ja
cobo cronberguer
alemam.

a b c d e f g h i. Todos som quadernos: saluo
h que he quinterno: ⁊ i que he duerno.

138 Colophon e registro do Livro II das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon and register of Book II of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Evora & Lisboa, 1521

¶ Aqui acaba o terçeiro liuro
das ordenaçoẽs. Foi impresso em
ha çidade d̃ Lixboa por Ja
cobo cronberguer
alemam.

139 Colophon do Livro III das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book III of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Evora & Lisboa, 1521

¶ Aqui acaba o quarto liuro
das oꝛdenaçoés. Foi impꝛeſſo em
ha çidade Deuoꝛa poꝛ Ja
cobo cronberguer
alemam.
.:.

aaaa b c d e f g h.

¶ Todos ſam quadernos ſaluo .h. q̃
he quinterno.

140 Colophon e registro do Livro IV das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon and register of Book IV of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Evora & Lisboa, 1521

¶ Aqui acaba o quinto liuro das oꝛde-
naçoés. Foi impꝛeſſo em ha çidade de Lixboa poꝛ
Jacobo cronberguer alemam : aos on-
ze dias do mes de Março : an-
no de mill ⁊ quinhẽtos
⁊ vimte ⁊ huũ
annos.
.:.

Deo gratias.

141 Colophon do Livro V das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book V of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Evora & Lisboa, 1521

fazer o bõ prinçepe pois per ds foi dado prĩcipal-mẽte: nõ pa si ne seu particular pueito: mas pa bẽ gouernar seu pouo z aproueitar a seus subditos como aproprios filhos."

Na edição de 1514, lê-se uma phrase que não se encontra no *Prologo* da edição de 1521. Essa phrase sobre o Dever do Rei é tão bella, que com ella terminaremos estas notas ácerca das *Ordenações* de 1521, a ultima compilação das leis do Reino, decretada por El-Rei D. Manuel. Depois do Soberano dizer que o "bõ prinçepe... per ds foi dado" para "bẽ gouernar seu pouo z aproueitar a seus subditos como aproprios filhos," accrescenta (edição de 1514) estas admiraveis palavras:

"a exẽplo z ymitaçã daqlle verdadeiro pelicano: cujo septro tem na terra: q̃ por a geraçã humana z por saluar seu pouo z filhos nõ soomẽte o pprio z pçioso sãgue drramou mas na aruore de vera cruz quis padeçer"!

the good; the good prince ought to act thus, for he was given by God, not chiefly for his own personal advantage, but in order that he might equitably govern and do good to his subjects as to his own sons."

There is a phrase in the 1514 edition that is omitted in the *Prologue* of the 1521 edition. This phrase gives such a beautiful definition of a King's Duty, that we will quote it in conclusion of these notes on the 1521 *Ordenações*, the last code of Portuguese law compiled under Dom Manuel. After saying that "the good prince...was given by God...in order that he might equitably govern and do good to his people as to his own sons," the Sovereign adds these inspiring words (in the 1514 edition):

"following the example of that true Pelican, Whose sceptre he holds on earth, and Who not only shed His own precious blood for the human race and to save His people and sons, but was willing to suffer on the tree of the true Cross"!

Prologo del auctor dela presente obra. Fo. VII

Porque segun dize el propheta Malachias enel segũdo capitulo y mas propiamente: hablando dios lo dize porel propheta. Los labrios de los sacerdotes guardan la sciencia: y requieren la ley de su boca porq̃ el sacerdote es angel del señor delas batallas. A esta causa porque no acaezca alos sacerdotes dela ley euãgelica: aq̃llo que el señor amenaza porel propheta oseas a vn sacerdote dela ley de moysen diziendo assi. Porq̃ tu rechaçaste de ti la sciencia yo te rechaçare de mi q̃ no vses del oficio sacerdotal. Tuue por biẽ para ynstrucion delos nueuos sacerdotes y mayormẽte delos que tienen cura de animas escreuir algũas cosas por las q̃les se puedã endereçar ẽla secuciõ y exercicio de su oficio y assi seruir a dios deuidamente. Ninguno me deue juzgar de presuntuoso ni temerario pues que siendo yo vn pecador ygnorãte sin sciencia: presumi de enseñar & informar alos sacerdotes que son dela ley sagrada professores: antes confiando yo del socorro de aq̃l que abre las bocas delos mudos: y las lẽguas delos niños haze desembueltas: tentare breuemente de escreuir algunas cosas para dar ocasion a los mas perfectos en doctrina y en saber que escriuã cosas mas altas y sotiles & mas prouechosas. Assi como el perro pequeño q̃ con su mucho ladrar despierta alos lebreles a correr. Cõfio yo en aq̃l que dio habla ala asna de balaam: q̃ ami que soy criatura razonable ynfundira gracia para esta presente obra prosequir & acabar. Ni tãpoco deuen los sacerdotes venerables tener verguença de ser enseñados de mi q̃ soy

xi. q. i. sacerdotibus.

b

142 Uma pagina do *Manipulus curatorum* de Fr. Thomas Duran
A page from the *Manipulus curatorum* of Fr. Thomas Duran
Lisboa, 1523

22 FR. THOMAS DURAN. MANIPULUS CURATORUM.
Lisboa, Germão Galharde, 1523.

Manipulꝰ | curatorum: | Nueuamẽte impreſſo en romãce. | Con preuilegio.
Titulo em caractéres gothicos a negro e vermelho, por baixo d'uma gravura que representa D. João III recebendo um livro das mãos d'um frade, e com a inscripção: DÕ IOÃ TERCERO. (*O rosto é copiado de Anselmo e Proença porque a este exemplar falta a folha do rosto.*)[1]

fl. II. Siguefe la tabla dela obra | prefente llamanda [sic] Manipulus curatorum. [...]
Ex-libris manuscripto[2]*: Da Liuraria de Sta Cruz de Coimbra.*

fl. IIII vo. [...] Fenecela tabla.

fl. V. Comiença el libro del doctiſſimo: y famoſſiſſimo | varon Guido de monte roteri. El qual vulgarmente es lla- | mado Manipulus curatorum. Enel qual es con- tenido lo | principal delos ſiete ſacramẽtos y diez mãdamiẽtos y articu | los dela fe y ſiete pecados mortales: y finalmẽte todo lo que | es neceſſario ꝑa la ſalud de nr̃a cõciẽcia. Es muy neceſario [sic] | y prouechoſo para todo fiel criſtiano: y eſpecialmente para a | quellos que tienen cargo de curas de animas. El qual ago | ra nueuamente fue traduzido de latin en lengua Caſtellana | por el reuerendo y doctiſſymo padre fray Thomas duran: | maeſtro en artes y en ſacra theologia dela orden delos pre- | dicadores: predicador del muy alto ⁊ muy poderoſo rey y eſ | clarecido principe don Iuan tercero rey de portugal ⁊ delos | algarues, ⁊c̃. E maeſtro del reuerendiſimo [sic] y ſereniſſimo ſe- | ñor Cardenal ynfante de portugal. | Prohemio. | Epiſtola prohemial del interprete al muy al | to y eſclarecido principe y muy poderoſo rey don | Iuan tercero. [...]

fl. VI [...] Epiſtola del auctor. [...]

fl. VII. Prologo del auctor dela preſente obra. [...]

fl. VIII [...] Diuiſion dela obra. [...]

fl. VIII vo. Tractado primero delos ſacramentos | en general: [...] | Capitulo primero [...]

fl. CLVIII [...] Deo gratias. | Fue eſta preſente obra ympreſſa enla famoſiſſima: y | muy noble y ſiempre leal cibdad de Liſbona. por | Germã gallarde impreſor de libros.

[1] *Title in red and black Gothic type; above is a woodcut representing King John III receiving a book from the hands of a friar, and with the inscription:* DÕ IOÃ TERCERO. (*The title is copied from Anselmo and Proença, as the title-page is missing in the present copy.*)
[2] *Manuscript ex-libris.*

Fue ympre | ſa acoſta y miſſiõ de Alonſo lorẽço librero | vezino ꝺla dicha ciudad de liſbona. Aca | boſe a diez dias del mes de Febrero. | Año de nr̃o ſaluador Ieſu criſto | de mil ꝛ quinientos ꝛ | veynte ꝛ tres | Años.

4º.—[1], II–CLVIII folhas—31, 32, 33 e 34 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: a, 6 folhas; b–v, 8 folhas cada caderno; total de 158 folhas.

Encadernação de carneira.

4to.—[1], II–CLVIII leaves—31, 32, 33 and 34 lines—Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: a, 6 leaves; b–v, each 8 leaves; total 158 leaves.

Bound in sheepskin.

O *Manipulus curatorum* é a obra mais antiga que possuimos impressa por Germão Galharde, ao qual já tivemos de fazer uma referencia especial no *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes, por causa da data da publicação do famoso *Regimento* de Evora. A proveniencia de Galharde é desconhecida, não sendo mesmo possivel saber-se quando chegou a Portugal, e em que data se estabeleceu no nosso paiz como "imprimidor." De origem franceza, o seu nome foi, mais do que provavelmente, Germain Gaillard, nome que, com o decorrer dos annos, se aportuguezou em Germão Galharde, ou Galhardo. O mesmo facto se deu, como vimos, com Herman de Kempis, cujo nome, passando por differentes modificações, se tornou Hermão de Campos. Em que anno começou Germão Galharde a imprimir em Portugal? A questão tem sido discutida, em vista do *Miſſale ſecundum conſuetudinem Elborenſis eccleſie*, que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, trazer a data de 1509 (ver as nossas notas sobre o *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes, 1518). Tito de Noronha, nas *Ordenações do Reino* (*Archeologia Artistica*, vol. I, fasc. II), refere-se detalhadamente ao assumpto, não acreditando que a data de 1509 esteja exacta, pois alongaria de onze annos o periodo conhecido, durante o qual Galharde im-

Manipulus curatorum is the earliest work we possess printed by Germão Galharde. We have already mentioned this printer, when referring to the date of impression of the famous Evora *Regimento*, in our notes on Valentim Fernandes' *Reportorio dos Tempos*. Nothing is known of Galharde's early life, it being impossible even to find out in what year he came to Portugal, or when exactly he began printing in our country. As he was of French extraction, his name was, in all probability, originally Germain Gaillard, and was changed to Germão Galharde or Galhardo during his residence in Portugal. The same thing happened, as we saw, with Herman de Kempis, whose name was gradually modified to Hermão de Campos. The year when Germão Galharde began printing in Portugal has been the subject of much discussion, in view of the fact that the *Miſſale ſecundum conſuetudinem Elborenſis eccleſie*, of which there is a copy in the National Library at Lisbon, is dated 1509 (see our notes on the *Reportorio dos Tempos*, 1518). Tito de Noronha (*Ordenações do Reino* in *Archeologia Artistica*, vol. I, fasc. II) adverts to the subject, saying that he cannot believe the date 1509 to be correct, firstly, because it would add eleven years to the already lengthy period (from 1520 to 1560) during which Galharde is known to have exercised his trade,

primiu, de 1520 a 1560, e por não se conhecer obra alguma estampada por Galharde entre 1509 e 1520, emquanto que, desde 1520 até á sua morte, existem, póde dizer-se annualmente e sem interrupção, obras sahidas dos seus prelos; Noronha accrescenta por consequencia:

"Talvez que o *Miſſale* foſſe dado á eſtampa em 1529, tendo faltado na ſubſcripção a palavra *vigeſimo*, anno em que tambem ſe imprimio o *Breviarium ſecundum morem et conſuetudinem Romanæ Curiæ*."

Como vimos (*Reportorio dos Tempos*), Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI), nas suas notas ácerca de Galharde, dizem: "começou a imprimir em 1509 ou deverá a data estar errada? *nono* simplesmente em vez de *decimo nono*?" Não nos compete decidir se a data do *Miſſale* é decimo nono, ou vigesimo nono: contudo, concordamos inteiramente com os auctores acima mencionados, que a data 1509 não deve estar exacta, pelos seguintes motivos. A *Chronica llamada el triumpho de los neuve de la fama*, considerada como impressa por Germão Galharde em 1510, só foi publicada em 1530 como está demonstrado por Brunet (conhecemos a existencia de um exemplar d'esse livro rarissimo); ficaria, pois, uma unica obra impressa por Galharde antes de 1520, e não nos parece de fórma alguma provavel que deixasse de imprimir durante onze annos, ou mesmo dez, sobretudo quando se sabe ter sido Galharde, depois de João de Barreira, o impressor em Portugal, de cujos prelos sahiram mais obras durante o seculo XVI.

As obras de Galharde, quasi todas em caractéres gothicos, não são muito perfeitas, e sem duvida inferiores ás de Valentim Fernandes e João de Cremona, ou mesmo ás de Hermão de Campos, que imprimiram em Portugal antes d'elle, havendo a accrescentar que Galharde, póde dizer-se quasi sem vergonha, se serviu constantemente nos seus trabalhos, de gravuras, lettras capitaes,

and, secondly, because no work printed by Galharde between the years 1509 and 1520 has yet been found, although numerous works of his exist to-day, proving that from 1520 until his death he published books nearly every year without interruption. Noronha adds:

"Perhaps the word *vigeſimo* was left out of the colophon, and the *Missale* printed in 1529, the year when the *Breviarium ſecundum morem et conſuetudinem Romanæ Curiæ* was also printed."

As we saw (*Reportorio dos Tempos*), Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI), in their notes about Galharde, say: "he began to print in 1509, or is the date wrong? *nono* alone, instead of *decimo nono*?" We are not competent to decide whether the date of the *Missale* is *decimo nono* or *vigesimo nono*; but we agree entirely with the above-mentioned authors that the date 1509 cannot be accurate, for the following reason: Brunet has proved that the *Chronica llamada el triumpho de los nueve de la fama*, which was considered to have been published by Galharde in 1510, did not see the light of print until 1530 (we know that one copy of this extremely rare book exists)—thus there would remain only one work issued by this printer before 1520, and it seems to us most unlikely that he would have given up printing for ten or eleven years, especially as it is known that Galharde was, after João de Barreira, the most prolific printer in Portugal during the XVIth century.

Though Galharde printed over a hundred books, mostly in Gothic letter, very few of them reached a standard of perfection in any way approaching that of Valentim Fernandes, João de Cremona, or even Hermão de Campos, all of whom worked in Portugal before him. We must observe too that Galharde quite openly utilised in his works, woodcuts, capital letters, initials, borders and vignettes, which these three

iniciaes, tarjas e bordaduras, que Fernandes, Cremona e Campos tinham empregado nas suas composições, não tendo por conse-quencia a finura dos outros. No decorrer d'esta obra, veremos o sem numero de gravuras e lettras capitaes tomadas por Galharde ás obras de Fernandes e Cremona, sobretudo. Galharde não foi um impressor criador: empregou o material que outros haviam produzido. Algumas das suas obras são, contudo, verdadeiramente bellas. Na comparação que fizemos detalhada-mente, entre o *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes e o famoso *Regimento* de Evora, mostrámos, em nossa opinião, um caso flagrante do que acima escrevemos, assim como ácerca da edição do *Reportorio dos Tempos* impresso por Galharde e reproduzido em fac-simile por Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1881). Na *Ordenaçam da ordem do juizo* de 1526—de que possuimos dois exemplares differentes, dos quaes daremos mais adeante uma descripção completa, intitulando-os ex-emplar *a* e exemplar *b*—é deveras interessante, examinando o exemplar *a*, estudar a gravura de D. Manuel, enquadrada por tarjas, todas differentes e mal reunidas, que se encontra no verso da folha do rosto. Essa gravura é a mesma que se vê no Livro III das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel* de 1514, e de que Cremona já se tinha servido na *Grãmatica Paſtrane* de 1512, e na *Legẽda dos ſãtos martires* de 1513. Galharde modificou as tarjas, mas foi buscar uma á *Regra da Ordem de Christo* de 1504 de Valentim Fernandes, outra á folha do rosto das *Ordenações* de 1514. No *Liber de ſcholaſtica diſciplina* de 1532, uma das tarjas da folha do rosto é tirada do *Marco paulo* de Valentim Fernandes, 1502, e outra da *Regra da Ordem de Christo*; a gravura de S. Bento, que se encontra no verso da folha do rosto, é a mesma de que Hermão de Campos se serviu na *Regra da Ordem d'Aviz* de 1516.

printers had employed in their compositions; so that his productions, though some of them are exceedingly beautiful, are less neat than theirs. Galharde was not a creative printer, he generally adapted to his needs what others had originated. In the detailed comparison we made between Valentim Fernandes' *Reportorio dos Tempos* and the celebrated Evora *Regimento*, we demon-strated what is, in our opinion, a characteristic case of this adaptation, such as also occurs in the *Reportorio dos Tempos* printed by Galharde, and reproduced in facsimile by Deslandes (*Docu-mentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1881). In the *Ordenaçam da ordem do juizo*, 1526 (of which we possess two different copies, which we will later describe in detail, calling them copy *a* and copy *b*), it is interesting to study, in copy *a*, the woodcut portrait of D. Manuel, surrounded by a border composed of fragments borrowed from many places, and ill put together. The portrait is exactly the same as the one in the third book of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, 1514, which Cremona had already used in the *Grãmatica Paſtrane*, 1512, and in the *Legẽda dos ſãtos martires*, 1513. As for the border, one part came from the *Regra da Ordem de Christo* (Valentim Fernandes, 1504), another from the title-page of the 1514 *Ordenações*. Again, in the *Liber de ſcholaſtica diſciplina* one part of the border on the title-page is taken from *Marco paulo* (Valentim Fernandes, 1502), and another from the *Regra da Ordem de Christo*, while the wood-cut of St Benedict on the back of the title-page is the same as that used by Hermão de Campos in the *Regra da Ordem d'Aviz*, 1516. Then in the

Na *Regra dos Monges* de 1531, póde dizer-se que quasi todas as lettras capitaes fôram tomadas da *Legēda dos sãtos martires* de João de Cremona. São alguns exemplos que nos parecem demonstrar claramente o que atraz escrevemos: Galharde não foi um impressor criador: serviu-se do material que outros tinham produzido, o que lhe foi facilitado pelo facto de ter sido, segundo parece, durante alguns annos, de 1522 a 1530, o unico "imprimidor" em Portugal.

Germão Galharde estabeleceu-se em Lisboa, onde imprimiu de 1519 ou 1520 a 1530, anno em que esteve em Coimbra para montar a typographia do Convento de Santa Cruz de Coimbra, a primeira que existiu n'aquella cidade: imprimiu alli diversas obras, entre as quaes, em 1531, o tratado *de Amicicia* de Duarte de Resende. Galharde teve prelos em Portugal durante mais de quarenta annos. Por alvará de 14 de Fevereiro de 1530 recebeu a mercê do officio de impressor Regio, dizendo Deslandes (*ob. cit.*) que talvez essa graça lhe tenha sido concedida antes da sua ida a Coimbra. Em 1532 estava novamente em Lisboa. É digno de notar que, tendo Galharde recebido o titulo de *impreſſor del Rey* ou *imprimidor del Rey* em 1530, o não usou até 1544, anno em que se serviu d'elle em dois dos seus livros: depois, só em 1550, no *Liuro chamado Stimulo de amor diuino*, é que se denomina *Imprimidor del Rey*: novamente, nos fins de 1551 usa do titulo, e d'essa epocha em deante, assigna frequentemente impressor d'El-Rei, mas não de fórma seguida, escrevendo indifferentemente, *Germã* ou *Germão Galharde* ou *Galhardo* simplesmente, e accrescentando as palavras, *francez, imprimidor, impressor de livros*. Em 1539, por alvará datado de 17 de Março, recebeu o privilegio por 10 annos, para a impressão das *Cartinhas* do Bispo D. Diogo Ortiz, pelas quaes se ensinavam as creanças, e do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes. Anselmo e Proença (*ob. cit.*) escrevem que "como marcas

Regra dos Monges, 1531, almost all the capital letters may be said to have been taken from the *Legēda dos sãtos martires*. These are a few examples which, in our opinion, show that, as we have stated, Germão Galharde was not altogether a creative printer. He made use in many cases of what others had produced, being helped by the fact that for some years (from 1522 to 1530) he was the only printer in Portugal.

Though his press was established at Lisbon, Galharde also printed a few books (the last being Duarte de Resende's translation of *De Amicicia* in 1531) at Coimbra, where, in 1530, he set up the first printing-press in the town, at the monastery of Santa Cruz. According to Deslandes (*op. cit.*), Galharde received the honourable title of *impressor Regio* (Royal printer) on February 14th, 1530, probably just before his excursion to Coimbra. It is interesting to note, however, that, though he received this privilege in 1530, he was very chary of styling himself expressly "printer to the King," and it is not until 1544 that we find him using this title. Even then it occurs only twice and does not appear again until 1550 (in the *Liuro chamado Stimulo de amor diuino*); then towards the end of 1551 he once more calls himself *Imprimidor del Rey*, and after this the designation is to be found fairly frequently, though not by any means in every book he published, for he sometimes wrote simply *Germã* or *Germão Galharde* or *Galhardo*, and sometimes added the words *francez, imprimidor* or *impressor de livros*. In 1539, by a charter dated March 17th, he was granted a ten years' monopoly for the printing of Valentim Fernandes' *Reportorio dos Tempos*, and the *Cartinhas* written by the Bishop Dom Diogo Ortiz for the instruction of the young. Anselmo and Proença (*op. cit.*) state that

usou a esfera armilar, e nalguns livros o escudo das armas reais com um grifo no timbre, igual ao usado por Hermão de Campos e Roberto Rabelo."

Ácerca do anno em que morreu Galharde, a ultima obra impressa por esse impressor, de- scripta por Anselmo e Proença, é o *Manuale missarum secundũ cõsuetudinẽ alme curie Romane*, 1560: contudo, nas suas notas sobre Galharde, dizem que elle "trabalhou em Portugal...até 1561." Tito de Noronha, nas *Ordenações do Reino* (p. 83) já citadas, escreve:

"A data do fallecimento de Galharde deter- mina-se pela subscripção que se encontra no *Repertorio dos tempos*, de 1560. No rosto d'esta edição lê-se: 'Foy impresso em Lisboa em casa de Germão Galharde. Anno 1560.' No final, porém, da obra, lê-se—'Acabouse o Reportorio dos tempos...o qual foi impresso em a muy nobre e sẽpre leal cidade de Lixboa, em casa da viuua, molher que foi de Germão Galharde q̃ sancta gloria aja. Anno. 1560.'"

Innocencio menciona esta edição no vol. VII (pp. 77 e 398) do seu *Diccionario*. Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 679) ao descrever a edição de 1563, dizem que Innocencio citou erradamente a data de 1560. A edição do *Reportorio dos Tempos*, reproduzida em fac-simile por Joaquim Bensaude, traz "...impresso em a muy nobre ⁊ sempre leal cidade de Lixboa, em casa da Viuua molher q̃ foy de Germão Ga- lhardo q̃ sctã gloria aja." Na folha do rosto está escripto: "foy impresso em Lixboa. Anno de 1563." O colophon é egual—com orthographia differente—ao da edição mencionada por Tito de Noronha e Innocencio: ter-se-hão enganado na data estes dois bibliographos? Contudo, No- ronha diz que no rosto da edição se lê "Foy im- presso em Lisboa em casa de Germão Galharde": a edição reproduzida por Bensaude, cujo fac- simile temos presente, diz simplesmente: "Foy impresso em Lixboa. Anno de 1563." sem mencionar que a impressão tivesse sido princi-

Galharde used two marks: an armillary Sphere and, in some books, a device which was also used by Hermão de Campos and Roberto Rabelo, the Royal Arms of Portugal surmounted by a griffin crest.

It is difficult to find out the year of this printer's death. The last dated work described by Anselmo and Proença as printed by him is the *Manuale missarum secundũ cõsuetudinẽ alme curie Romane*, 1560; but in their notes on Galharde they say that he worked in Portugal until 1561. Tito de Noronha, in his already quoted *Ordenações do Reino*, writes, on p. 83:

"The date of Galharde's death is determined by the colophon in the 1560 *Reportorio dos tempos*. On the title-page of this edition we read: 'Printed in Lisbon at the house of Germão Galharde. In the year 1560.' At the end of the work, however, it says: 'Here ends the *Reportorio dos tempos*...which was printed in the most noble and ever loyal city of Lisbon, at the house of the widow of Germão Galharde, to whom be everlasting glory. In the year 1560.'"

Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, pp. 77 and 398) also mentions this edition; but Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 679), at the end of their description of the 1563 edition, state that it is cited by Innocencio, who dates it incorrectly 1560. In the 1563 edition of the *Reportorio dos Tempos* reproduced in facsimile by Joaquim Bensaude, the colophon, though the spelling is different, is essentially the same as that in the 1560 edition, mentioned by Noronha and Inno- cencio. Can it be that these two bibliographers are mistaken? All the same Noronha says that the words "Printed at the house of Germão Galharde" appear on the title-page, while in Bensaude's reproduction (which we have before us), it simply says "Printed in Lisbon. In the year 1563." with no indication that the printing was begun by Germão Galharde. So the most

piada por Germão Galharde. Devemos pois considerar apenas como positivo, ter Galharde já fallecido em 1563.

we can say with certainty is that Galharde did not live after 1563.

O *Manipulus curatorum* é um livro muitissimo raro. Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 569) indicam apenas a existencia de dois exemplares: o da Bibliotheca Nacional de Lisboa e o da Universidade de Coimbra. O que possuimos encontra-se falho da folha do rosto, perdendo por consequencia o seu maior valor, visto conter uma gravura representando D. João III: de resto está n'um bello estado de conservação, e tem uma particularidade interessante: o seu ex-libris manuscripto: "Da Liuraria de Sta Cruz de Coimbra."

O livro *Manipulus curatorum* é uma obra religiosa que trata dos sete sacramentos, dos dez mandamentos e dos sete peccados mortaes. Foi seu auctor o "doctiſſimo: y famoſſiſſimo varon Guido de monte roteri," tendo sido traduzido do Latim em Castelhano por Frei Thomas Duran da Ordem dos Dominicanos. Frei Thomas foi pregador d'El-Rei D. João III e mestre do Cardeal Infante. Devia já ser pregador d'El-Rei em 1523, pois na fl. v, lê-se:

"...El qual agora nueuamente fue traduzido de latin en lengua Caſtellana por el reuerendo y doctiſſymo padre fray Thomas duran: maeſtro en artes y en ſacra theologia dela orden delos predicadores: predicador del muy alto ꝛ muy poderoſo rey y eſclarecido principe don Iuan tercero rey de portugal ꝛ delos algarues, ꝛc̃. E maeſtro del reuerendiſimo y ſereniſſimo ſeñor Cardenal ynfante de portugal."

Alem d'isso, na sua "Epiſtola proheminal del interprete" dirigida a D. João III, ainda mais claramente indica o que acima escrevemos, pois diz:

"...Quiſe eſte pequeño ſeruicio a vueſtra alteza dedicar quaſi por primicias y primero guſto demis (sic) eſtudios ꝛ trabajos que deſpues

Manipulus curatorum is an extremely rare work. Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 569) mention two copies: one in the National Library at Lisbon, and the other at Coimbra University. The copy which we describe here lacks the title-page with its woodcut portrait of D. João III, and thus loses a great part of its value. Otherwise, however, the book is in a very good state of preservation, and has one interesting detail: the manuscript ex-libris "Da Liuraria de Sta Cruz de Coimbra" (of the Santa Cruz Library).

The book deals with the seven sacraments, the ten commandments and the seven deadly sins. Its author was the "doctiſſimo: y famoſſiſſimo varon Guido de monte roteri"; and it was translated from Latin into Spanish by Brother Thomas Duran of the Order of St Dominic. Brother Thomas was preacher to King John III, and tutor to the Cardinal-Infante. He must already have held these offices in 1523, for in the title on fl. v, it says:

"...El qual agora nueuamente fue traduzido de latin en lengua Caſtellana por el reuerendo y doctiſſymo padre fray Thomas duran: maeſtro en artes y en ſacra theologia dela orden delos predicadores: predicador del muy alto ꝛ muy poderoſo rey y eſclarecido principe don Iuan tercero rey de portugal ꝛ delos algarues. ꝛc̃. E maeſtro del reuerendiſimo y ſereniſſimo ſeñor Cardenal ynfante de portugal."

The fact is even more strongly indicated in the preface addressed to King John III, where Brother Thomas writes:

"...Quiſe eſte pequeño ſeruicio a vueſtra alteza dedicar quaſi por primicias y primero guſto demis (sic) eſtudios ꝛ trabajos que deſpues

Delos ſacramentos en general.

¶ Tractado primero delos ſacramentos en general: ⁊ cõtiene tres capitulos.

¶ Capitulo primero del eſtableſcimiẽto delos ſacramentos.

QUanto alos ſacramentos en general: trataremos tres coſas. Primeramente del eſtablecimiẽto delos ſacramẽtos. Lo ſegũdo dela eficacia y fuerça dellos. Lo tercero dl numero y diſtinciõ delos ſacramentos. Quanto alo primero auemos de ſaber q̃ todos los ſacramẽtos de la ley nueua fuerõ inſtituydos y ordenados por la miſma perſona de x̃po: lo qual prueuan los doctores en eſta manera porq̃ aquel cõuiene ordenar y eſtablecer los ſacramẽtos: aquien cõuiene dar y conceder la ley. Pues aſſi es q̃ x̃po por ſu miſma pſona fue inſtituidor y ordenador y dador dela ley euangelica como largamente lo trata el apoſtol ſant pablo enla epiſtola q̃ eſcriuio alos galatas: y el propheta yſayas lo cõfirma diziẽdo aſſi. El ſeñor rey nr̃o: el ſeñor nueſtro dador de ley el vendra ⁊ nos ſaluara. Siguese luego q̃ a ſolo x̃po conuiene ordenar los ſacramẽtos dela ley nueua: y aſſi el ſacramento del baptiſmo fue ordenado por x̃po: quãdo por ſan juan fue baptizado enel rio jordan: entonce como dize Beda: conel tocamiẽto de ſu carne puriſſima dio alas aguas fuerça de regenerar es dezir fuerça de quitar el peccado original y dar la gracia: ⁊ avn q̃ es verdad q̃ entonces ordenaſe el ſacramento del baptiſmo. Por entõce ningũo era obligado delo recebir faſta deſpues de auer x̃po reſuſcitado quãdo el dia dela aſcẽſion dixo alos apoſtoles an-

Iſayas. xxxiij.

Beda.

143 Uma pagina do *Manipulus curatorum* de Fr. Thomas Duran
A page from the *Manipulus curatorum* of Fr. Thomas Duran
Lisboa, 1523

de me hauer tomado para ſu ſeruicio tengo paſſados."

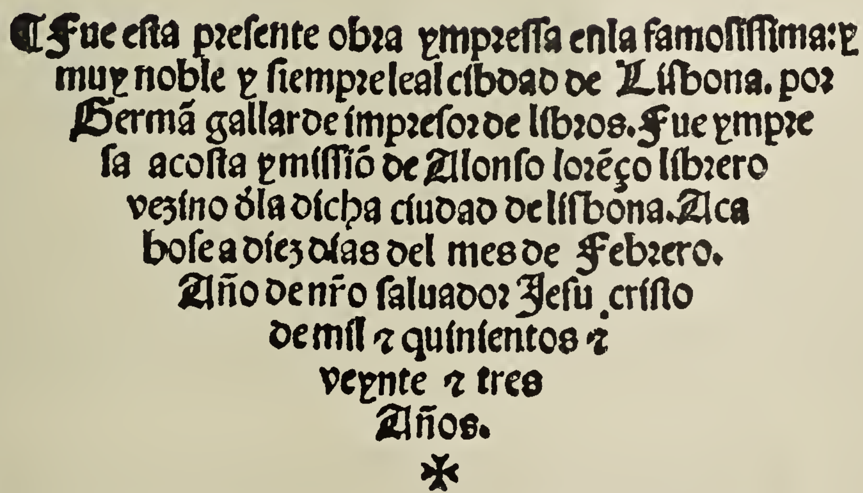
É provavel tambem que, antes de ser pregador do Soberano, tivesse sido mestre do Cardeal Infante.

O interesse do livro consiste apenas na sua raridade, e para nós, em ser a obra mais antiga que possuimos impressa por Germão Galharde.

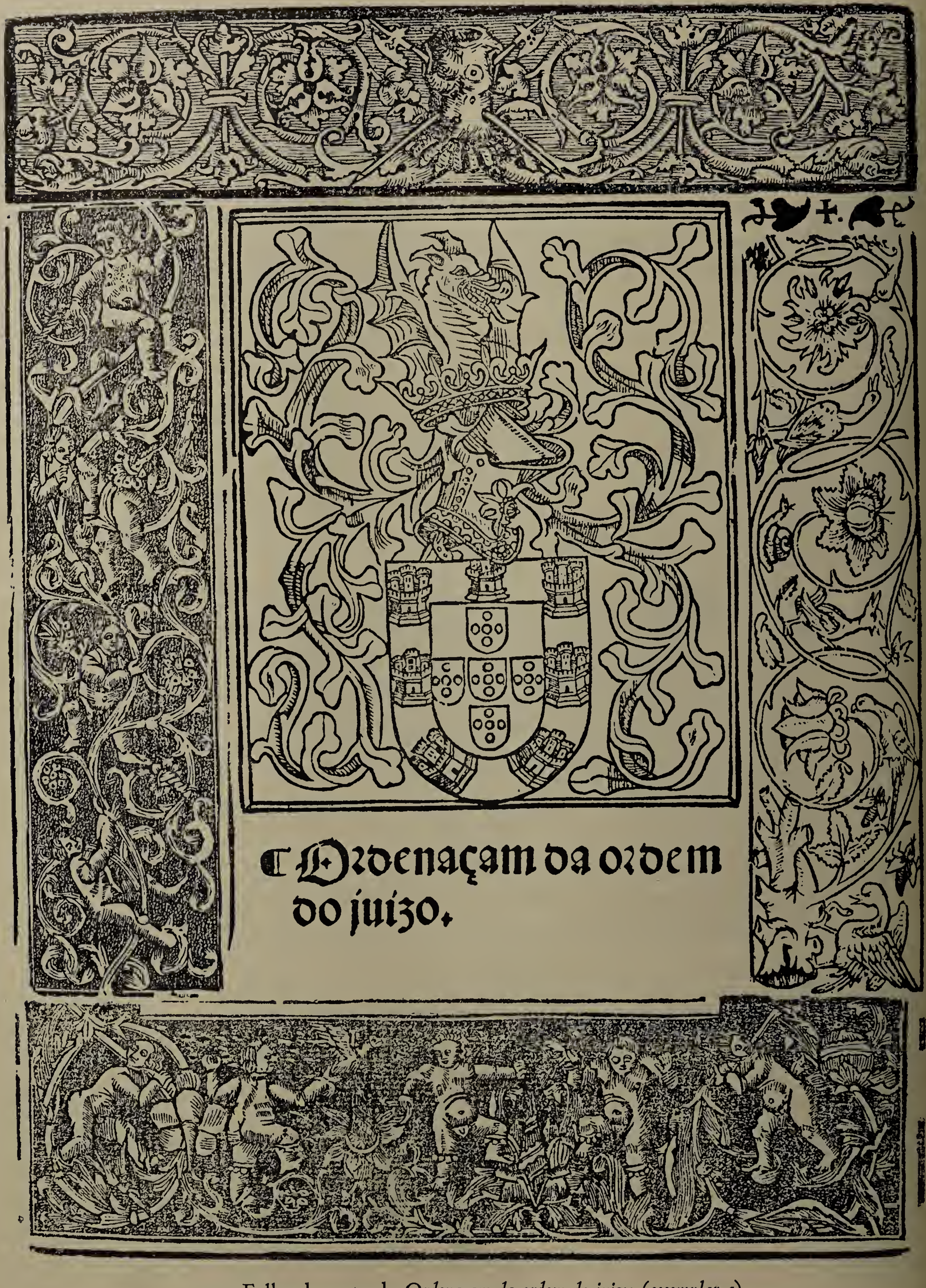
de me hauer tomado para ſu ſeruicio tengo paſſados."

It is also probable that before he was preacher to his sovereign, he had already acted as tutor to the Cardinal-Infante.

The most interesting point about this book is its rarity; and for us it has the additional interest of being the earliest work we possess from Germão Galharde's printing-press.


¶ Fue eſta preſente obra ympreſſa enla famoſiſſima: y
muy noble y ſiempre leal cibdad de Liſbona. por
Germã gallarde impreſſor de libros. Fue ympre
ſa acoſta y miſſiõ de Alonſo lorẽço librero
vezino d'la dicha ciudad de liſbona. Aca
boſe a diez dias del mes de Febrero.
Año de nr̃o ſaluador Jeſu criſto
de mil y quinientos y
veynte y tres
Años.

144 Colophon do *Manipulus curatorum* de Fr. Thomas Duran
Colophon of the *Manipulus curatorum* of Fr. Thomas Duran
Lisboa, 1523



¶ Ordenaçam da ordem do juizo.

145 Folha do rosto da *Ordenaçam da ordem do juizo* (*exemplar a*)
Title-page of the *Ordenaçam da ordem do juizo* (*copy a*)
Lisboa, 1526

23 ORDENAÇAM DA ORDEM DO JUIZO.
Lisboa, Germão Galharde, 1526.

(*Ex. a*). Ordenaçam da ordem | do juizo.
Por cima do titulo, o escudo das Armas Reaes com um grypho no timbre; tudo enquadrado por tarjas[1].

[fl. 1 vo.]
Gravura que representa D. Manuel sentado no throno, com o sceptro e a Esphera armillar, e a legenda: DEO · IN · CELO: TIBI · AVTEM · IN MVNDO, *tudo enquadrado por tarjas*[2].

[fl. 2] DOm Ioam per graça de deos Rey de Portu | gal: [...]

[fl. 10 vo.] [...] Dada em a minha villa de Santarẽ: aos cinco dias do mes | de Iulho. Fernam dalur̃ez a eſcreueo: de Mil: ꝛ quinhentos: ꝛ | vinte ſeis annos. | E eſta ordenaçã ſe nõ podera jmprimir: nẽ vẽder: per nenhũa | peſſoa: ſaluo per Afonſſo lourẽço liureiro eſtãte em minha corte. | E qualq̃r outra peſſoa q̃ a jmprimir ou vẽder: pagara cĩquoẽta | cruzados pera elle. E nom ſe podera vender por mais preço que | quinze reaes cada hũa ſob adita pena. E ſera aſſinada cada hũa | dellas pollo chançeler moor. E nõ ſendo per elle aſſinada nõ lhe | ſera dada fee algũa nem credito. | Foy impreſſa eſta ordenaçam da ordem do juyzo | per mãdado del Rey noſſo ſenhor em açidade | de Lixboa. A vinte ꝛ ſete dias do mes | de Iulho de mil ꝛ quinhentos | ꝛ vinte ꝛ ſeis annos. | Per Germam | Galharde. | Deo gracias.
Assignatura autographa de[3]*:* Aluarez.

Folio—[10] folhas—35 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração do caderno: a, 10 folhas.

Encadernação de marroquim vermelho.

Folio—[10] leaves—35 lines—Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: a, 10 leaves.

Red morocco binding.

Possuimos um segundo exemplar (*ex. b*) d'esta obra, cuja descripção fazemos, visto ser sensivelmente differente do *ex. a*[4].

(*Ex. b*). Ordenaçam da ordem | do Iuyzo.
Por cima do titulo, o escudo das Armas Reaes com um grypho no timbre; tudo enquadrado por tarjas completamente differentes das do outro exemplar (ex. a)[5].

[1] *Above the title is the Royal coat of arms with a griffin crest, and the title-page is bordered by woodcuts.*
[2] *Woodcut of D. Manuel seated on the throne, holding the sceptre and the armillary Sphere, with the legend:...the whole surrounded by woodcuts.*
[3] *Autograph signature of:*
[4] *We possess a second copy* (copy b) *of this work, which we will now proceed to describe, since it varies very considerably from the above* (copy a).
[5] *Above the title are the Royal Arms with the griffin crest, and the whole is within a border of woodcuts totally different from those in* copy a.

[fl. I vo.]

A mesma gravura do ex. a, *mas com tarjas differentes*[1].

[fl. 2] DOm Ioam per graça de deos Rey de Por- | tugal: [...]

[fl. 10 vo.] [...] Dada em aminha villa de Santaren: aos cinco dias do | mes de Iulho. Fernam daluřez aeſcreueo: de Mil: quinhentos | ꝛ vinte ſeis annos. | E eſta ordenaçã ſe nõ podera jmprimir: nẽ vẽder: per nenhũa | peſſoa: ſaluo per Afonſſo lourẽço liureiro eſtãte em minha corte. | E qualq̃r outra peſſoa q̃ ajmprimir ou vẽder: pagara cinquoẽta | cruzados pera elle. E nom ſe podera vender por mais preço que | quinze reaes cada hũa ſob a dita pena E ſera aſſinada cada hũa | dellas pollo chanceler moor. E nõ ſendo per elle aſſinada nõ lhe | ſera dada ſee alguũa nem credito. | Foy jmpreſſa eſta ordenaçam da ordem do juyzo | per mãdado del Rey noſſo ſenhor em açidade | de Lixboa. A vinte ꝛ ſete dias do mes | de Iulho. de Mil ꝛ quinhentos | ꝛ vinte ꝛ ſeis annos. | Per Germam | Galharde. | Deo gracias.

Assignatura autographa de[2]*:* Aluarez.

Folio—[10] folhas—35 linhas—caractéres gothi- cos—sem reclamos.

Numeração do caderno: a, 10 folhas.

Encadernado no fim do nosso exemplar das *Ordenações* de Dom Manuel, impressas por Jacob Cronberger em 1521.

Folio—[10] folhas—35 lines—Gothic type—no catchwords.

Collation by signatures: a, 10 leaves.

Bound at the end of our copy of the *Ordenações* of Dom Manuel, printed by Jacob Cronberger in 1521.

A *Ordenaçam da ordem do juizo* (da qual possui- mos dois exemplares differentes), impressa por Germão Galharde em 1526, é uma obra muitis- simo rara; Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 575) apenas mencionam um exemplar; o da Biblio- theca Nacional de Lisboa. Esta *Ordenaçam* faz parte das leis do Reino, ás quaes, como indica este decreto de D. João III, D. Manuel deu uma tão grande reforma:

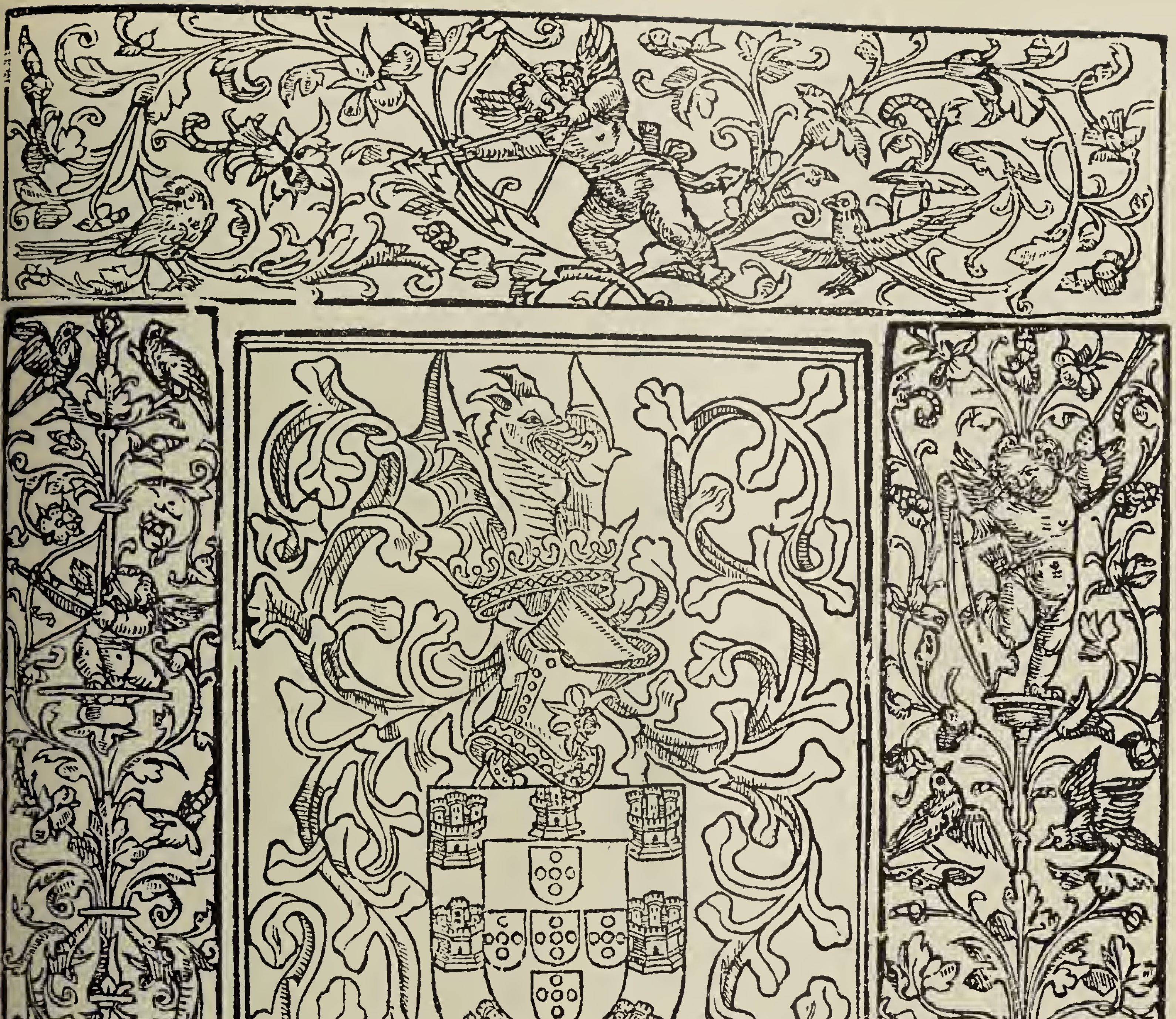
"A quantos eſta ordenaçam virem faço ſaber: que vendo eu o muyto tempo que ate ora ſe gaſtaua no proceſſar: ꝛ ordenar os feytos: pri- meyro que as demandas foſſem acabadas: de que ſe ſeguiã grandes deſpeſas: ꝛ muytos danos aas partes: ꝛ outros inconueniẽtes. E querendo a ello

The *Ordenaçam da ordem do juizo* (Law on the manner of giving Judgement), printed by Germão Galharde in 1526, is a very rare work of which Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras im- pressas em Portugal no século* XVI, no. 575) can trace only the copy in the National Library at Lisbon, and of which we possess two differing copies (*a* and *b*). This statute forms part of the laws of Portugal which were subjected to such sweeping reform by D. Manuel, and in it we read D. João III's decree:

"We make known to all who see this statute that inasmuch as we have noticed that in the past much time has been wasted during lawsuits in preparing the pleadings, and that the parties have been put to great expense and other incon- veniences, we now desire to provide in such a way

[1] *The same woodcut as in* copy a, *but with a different border.*

[2] *Autograph signature of:*



Ordenaçam da ordem do Juyzo.

146 Folha do rosto da *Ordenaçam da ordem do Iuyzo* (*exemplar b*)
Title-page of the *Ordenaçam da ordem do Iuyzo* (*copy b*)
Lisboa, 1526

proueer de maneyra que cõ mais breuidade: ⁊ menos trabalho ⁊ despesa: as partes possam proseguir sua justiça. E querẽdo nisso seguir a tençã del Rey meu señor: ⁊ padre que sancta gloria aja: que cõ muyto cuydado sempre entendeo de dar ordem na breuidade das demãdas: ⁊ pera ello fez muytas ordenações: ⁊ boõs regimẽtos...⁊ como per esperiençia se mostrou nam ser prouido jnteiramente aos modos: ⁊ maneyras q̃ as partes buscauam...mãdey praticar: ⁊ veer por letrados: o remedeo q̃ pera ysso se podia teer: ⁊ cõ seu parecer: ⁊ dos do meu cõselho fiz esta ordenaçam."

É interessante notar que D. João III declara querer "nisso seguir a tençã del Rey meu señor: ⁊ padre." Esta phrase póde servir talvez de explicação ao seguinte facto. A gravura que se encontra no verso da folha do rosto, representa D. Manuel sentado no throno, e não (como tem sido dito) D. João III. Quiz D. João III, visto ter sido tenção de D. Manuel decretar esta *Ordenaçam*, que a imagem de seu pae fôsse reproduzida em homenagem á sua memoria? É possivel. Ou deve-se encarar uma outra hypothese, ainda mais plausivel, a de Germão Galharde—seguindo o seu bom costume de empregar gravuras que outros já tinham usado—ter ido simplesmente buscar a gravura de D. Manuel á *Grãmatica Pastrane* de 1512, á *Legẽda dos sãtos martires* de 1513, ou ás *Ordenações* de 1514, tres obras sahidas dos prelos de João de Cremona, permittindo assim, visto a *Ordenaçam da ordem do juizo* ter sido impressa em 1526, que a gravura de D. Manuel passasse por representar D. João III?

Nas nossas notas sobre Germão Galharde no *Manipulus curatorum* de 1523, mencionámos não só a gravura de D. Manuel, mas a fórma como fôram compostas as tarjas que a enquadram no nosso *exemplar a* d'esta *Ordenaçam*. Duas das tarjas da folha do rosto são identicas ás que se vêem no *boosco deleytoso* e no *Espelho de Cristina*, livros impressos por Hermão de Campos em 1515 e 1518: outra é semelhante, mas ampliada, a uma das tarjas usadas por Valentim Fernandes nos

that both parties may obtain justice more quickly and easily and at less expense. The King our lord and father, to whom be eternal glory, always intended to make careful provision for hastening the course of justice and framed many good *ordenações* (laws) and regulations for this purpose, but as it was proved by experience that all contingencies had not been provided against, we desired to carry out our father's intentions in this matter, and commanded learned men to study and find what remedy could avail, and this statute was made in consultation with our council and with these learned men."

It is interesting to note that D. João III declares that in this law he desires "to carry out our father's intentions." This phrase may perhaps serve to explain the following fact: the woodcut on the verso of fl. 1 represents Dom Manuel, and not (as has been stated) Dom João III. Possibly Dom João, when he framed this law according to his father's intention, wished to honour Dom Manuel's memory by reproducing his portrait. But a more plausible hypothesis is that Germão Galharde, according to his usual convenient custom, simply took the woodcut of Dom Manuel from the *Grãmatica Pastrane*, 1512, the *Legẽda dos sãtos martires*, 1513, or the 1514 *Ordenações*, all printed by João de Cremona, and hoped that, as the *Ordenaçam da ordem do juizo* was not published until 1526, the portrait would pass unchallenged for that of Dom João III.

In our notes on Germão Galharde in connection with the *Manipulus curatorum*, 1523, we mention this portrait, showing that the woodcut was certainly employed by João de Cremona before Galharde appropriated it and set it (in *copy a*) in a kind of patchwork border composed of woodcuts from divers sources. Two of the borders on the title-page are also to be found in the *boosco deleytoso* and the *Espelho de Cristina* printed by Hermão de Campos in 1515 and 1518, another is an elaboration of one of the

Autos dos Apostolos de 1505, e por Cremona na *Legẽda dos sãtos martires*, 1513 e nas *Ordenações*, 1514. É indubitavel que a gravura é a de Cremona, com uma modificação nas tarjas, que já explicámos: egualmente a lettra capital D, que vem no principio d'esta *Ordenaçam*, é a mesma que se encontra na *Legẽda dos sãtos martires* de 1513.

Quanto ao *exemplar b*, as reproducções que aqui damos mostram claramente as differenças que existem. O titulo do *exemplar a* é: *Ordenaçam da ordem do juizo*: no *exemplar b*, lê-se *Iuyzo*. Na folha do rosto, as Armas Reaes são as mesmas nos dois exemplares, mas as tarjas que enquadram o Brasão Real são diversas. No *exemplar b*, duas d'essas tarjas são identicas ás do *Cancioneiro Geral* impresso por Hermão de Campos em 1516; as duas outras—facto curioso—são semelhantes a duas tarjas que enquadram as Armas Reaes Portuguezas da folha do rosto de uma obra Hespanhola dedicada a El-Rei D. João III—provavelmente impressa em Sevilha em 1532—de Fr. Juan de Xodar, *Obra deuotissima intitulada Septeз verbis domini*, da qual possuimos um admiravel exemplar (ver Antonio Palau y Dulcet, *Manual del Librero Hispano-Americano*, t. VII, p. 238). Na gravura do verso da folha do rosto, que representa El-Rei D. Manuel, nota-se tambem uma ligeira modificação nas tarjas. A lettra capital da primeira pagina do texto é tambem differente: para terminar, diremos que a orthographia do texto do *exemplar b* é totalmente diversa da do *exemplar a*.

Galharde imprimiu pois duas edições da *Ordenaçam* com a mesma data. Não tendo nenhum bibliographo mencionado a differença entre as duas edições que reproduzimos, parece-nos licito suppôr que uma das edições é desconhecida, sem poder dizer qual d'ellas, visto as descripções fornecidas por Anselmo e Proença (*loc. cit.*) e

borders used by Valentim Fernandes in the *Autos dos Apostolos*, 1505, and by João de Cremona in the *Legẽda dos sãtos martires*, 1513 and the *Ordenações*, 1514. The capital D at the beginning of this *Ordenaçam* also came from the *Legẽda dos sãtos martires* of 1513.

As for *copy b*, the reproductions we give show clearly in what respects it varies from the copy we have called *a*. The title of *copy a* is: *Ordenaçam da ordem do juizo*, while in *copy b* we read *Iuyzo*. The Royal Coat of Arms on the title-page is the same in both copies, but the borders surrounding it differ. In *copy b*, two of these borders are the same as those in the *Cancioneiro Geral* printed by Hermão de Campos in 1516, and it is a curious fact that the other two exactly resemble two woodcuts that border the Royal Arms of Portugal on the title-page of a Spanish work dedicated to King João III by Fr. Juan de Xodar—the *Obra deuotissima intitulada Septeз verbis domini*, which was probably printed in Seville in 1532, and of which we possess a magnificent copy (see Antonio Palau y Dulcet, *Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. VII, p. 238). The woodcuts bordering the picture of Dom Manuel on the verso of the title-page in *copy b* are also slightly different from those in *copy a*. A fresh capital letter is used on the first page of the text in *copy b*, where the spelling shows many variations from that in *copy a*.

Galharde therefore printed two distinct editions of the *Ordenaçam* with the same date. As no bibliographer has mentioned the difference between the two editions from which we give reproductions, we consider that we may reasonably suppose one of them to be unknown, though it is impossible to say which, as the descriptions furnished by Anselmo and Proença (*loc. cit.*) and



147 Gravura no verso da folha do rosto da *Ordenaçam da ordem do juizo* (*exemplar a*)
Woodcut on the back of the title-page in the *Ordenaçam da ordem do juizo* (*copy a*)
Lisboa, 1526

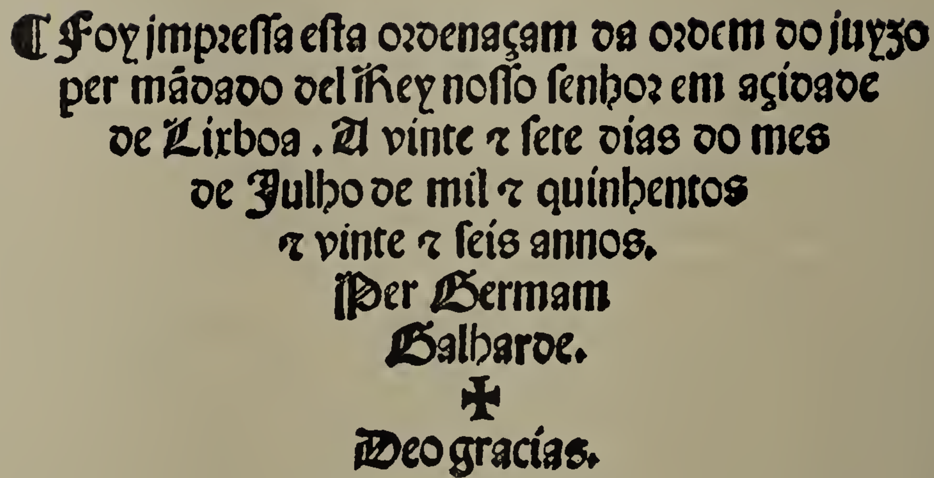
Da ordem do juyzo.

Dom Joam per graça de deos Rey de Portu
gal: ꝛ dos algarues daquẽ ꝛ dalem maar em
africa. Señor de guine: ꝛ da conquista: naue
gaçam ꝛ comercio de thiopia: arabea: persea:
ꝛ da yndia. A quantos esta ordenaçam vi
rem faço saber: que vendo eu o muyto tempo
que ate ora se gastaua no processar: ꝛ ordenar os feytos: primey
ro que as demandas fossem acabadas: de que se seguiã grandes
despesas: ꝛ muytos danos aas partes: ꝛ outros inconueniẽtes.
E querendo a ello proueer de maneyra que cõ mais breuidade:
ꝛ menos trabalho ꝛ despesa: as partes possam proseguir sua ju
stiça. E querẽdo nisso seguir a tençã del Rey meu señor: ꝛ padre
que sancta gloria aja: que cõ muyto cuydado sempre entendeo de
dar ordem na breuidade das demãdas: ꝛ pera ello fez muytas or
denações: ꝛ boõs regimẽtos: per que muyta parte encurtou a or
dem judicial: do q̃ ante de seus tempos se guardaua: ꝛ praticaua:
ꝛ como per esperiençia se mostrou nam ser prouido jnteiramente
aos modos: ꝛ maneyras q̃ as partes buscauam pera alongar as
demandas: ꝛ cauillarem as ditas ordenações: mãdey praticar: ꝛ
veer por letrados: o remedeo q̃ pera ysso se podia teer: ꝛ cõ seu pa
recer: ꝛ dos do meu cõselho fiz esta ordenaçam: a cerca da ordem
do juyzo. E ante de amãdar goardar geralmẽte em todos meus
reynos ꝛ señorios: amãdey praticar em minha corte: ꝛ a casa da
sopricaçam: pera da pratica della se poder veer abreuidade: ꝛ pro
ueito que se dela seguia: ꝛ assy algũs inconuenientes se os hy ou
uesse: ꝛ por ora auer ja dous ãnos que se vsa: ꝛ pratica: ꝛ se achar
por experiencia o grande proueyto que se della segue: ꝛ que com
muyta mays breuidade: ꝛ menos despesa das partes: se daa por
ella fim aas demãdas. Ordeno ꝛ mando que daqui em niãte em
todos meus reynos: ꝛ señorios se guarde: ꝛ pratique como se nel
la contem: na forma: ꝛ maneyra seguinte.

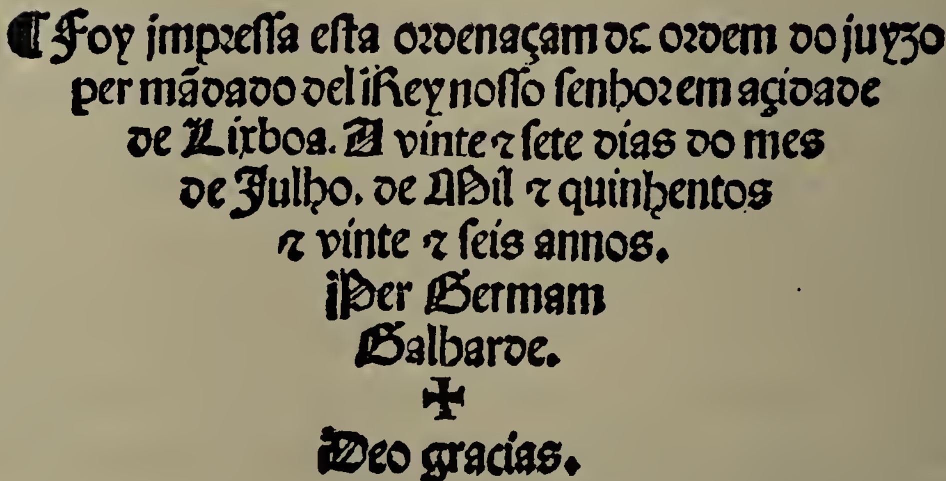
¶ Tanto que o reo for çitado ꝛ vier a juyzo: o juyz fara assy ao
autor como ao reo [de seu officio: ou apetiçam da parte] as pre
guntas que lhe bem pareçer: assi pera a ordem do proçesso: como

a ij

148 Uma pagina da *Ordenaçam da ordem do juizo* (*exemplar a*)
A page from the *Ordenaçam da ordem do juizo* (*copy a*)
Lisboa, 1526


❡ Foy jmpreſſa eſta ordenaçam da ordem do juyzo
per mãdado del Rey noſſo ſenhor em a çidade
de Lixboa. A vinte ꝛ ſete dias do mes
de Julho de mil ꝛ quinhentos
ꝛ vinte ꝛ ſeis annos.
Per Germam
Galharde.
✠
Deo gracias.

149 Colophon da *Ordenaçam da ordem do juizo* (*exemplar a*)
Colophon of the *Ordenaçam da ordem do juizo* (*copy a*)
Lisboa, 1526


❡ Foy jmpreſſa eſta ordenaçam de ordem do juyzo
per mãdado del Rey noſſo ſenhor em a çidade
de Lixboa. A vinte ꝛ ſete dias do mes
de Julho. de Mil ꝛ quinhentos
ꝛ vinte ꝛ ſeis annos.
Per Germam
Galbarde.
✠
Deo gracias.

150 Colophon da *Ordenaçam da ordem do Iuyzo* (*exemplar b*)
Colophon of the *Ordenaçam da ordem do Iuyzo* (*copy b*)
Lisboa, 1526

Innocencio (*Diccionario*, t. VI, p. 324) não serem sufficientemente detalhadas.

Tito de Noronha e Brito Aranha referem-se tambem a esta *Ordenaçam* nos seus estudos sobre as *Ordenações do Reino*. A obra, valiosa pela sua raridade e cujos dois exemplares que possuimos se encontram em bello estado de conservação, desperta o nosso interesse, por ser um documento do principio do reinado de D. João III, no qual o Soberano menciona as *Ordenações* d'El-Rei seu pae.

Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 324) are not sufficiently detailed.

Tito de Noronha and Brito Aranha refer to this statute in their notes on the *Ordenações do Reino*. Both our copies of this rare work, whose great interest lies in the fact that it is an early document of D. João III's reign in which King Manuel's *Ordenações* are mentioned, are in a magnificent state of preservation.


¶ Commentuȝ in Plinij naturalis historie prologum a iuris vtriusqȝ doctore Martino Figuereto editū serenissimi Portugalie regis senatore.

151 Folha do rosto do *Commentuȝ in Plinij naturalis hiſtorie prologum* de Martinho de Figueiredo
Title-page of the *Commentuȝ in Plinij naturalis hiſtorie prologum* of Martinho de Figueiredo
Lisboa, 1529

24 MARTINHO DE FIGUEIREDO, COMMENTUM IN PLINII NATURALIS HISTORIE PROLOGUM.
Lisboa, Germão Galharde, 1529.

Commentuȝ in | Plinij naturalis hi | ſtorie prologum a | iur; vtriuſq̧ docto | re Martino Figue | reto editũ ſereniſſi | mi Portugalie re- | gis ſenatore.:.

Titulo a negro e vermelho n'uma portada[1].

[fl. 2]

Gravura que representa dois doutores sentados junto a uma estante, e rodeados de livros; por cima um anjo. Por baixo[2]:

Epiſtola Plinij ſecundũ veraȝ lectionẽ | ex exquiſitiſſimis ⁊ antiquiſſimis exem- | plari- bus. Ab Angelo Politiano ma- | gnis ſumptibus: et ſumma diligentia | vndiq̧ per- queſitis.

Tudo enquadrado por tarjas[3].

[fl. 3] C. Plinij ſecundi naturalis hiſtoriae. Liber primus: de his q̃ | ſingulis libris cõtinentur. Incipit foeliciter. | C Plynius Secũdus Nouocomenſis. Veſpaſiano ſuo ſalutẽ. [...]

[fl. 5] [....] Vale.

Erratas[4].

[fl. 6] Ioãni Sereniſſimo Luſitanorum Regi | Martinus Figueretus. S.D. [...]

[fl. 8] Tabula nominũ ⁊ verborum vocabulorũq̧ | omniũ que in hijs commẽtarijs declarentur. [...]

[fl. 9 vo.]

Fim da taboa[5].

[fl. j] Cõmentũ ſuper prologũ naturalis hiſtorie Plinij. | Cõpoſitũ per Martinũ Figue- retũ. I. V. Docto | rem: et ſereniſſimi Regis Portugalie ſenatorem. [...]

fl. xlv vo. [...] Expliciunt commentaria Martini Figuereti Luſitani | I. V. Doctoris ſuper epiſtolam naturalis hiſtorie Plinij | Impreſſa Vlyxbone per Germanũ Galhard Anno dñi | Milleſſimo quingẽteſimo vigeſſimo nono Idibus Iunij.

[fl. 1] Errores ex negligẽtia Impreſſoris. [...]

Folio—[9], [i], ij–xlv, [1] folhas—35 e 36 linhas—caractéres gothicos, sendo as palavras commentadas em caractéres maiusculos romanos —sem titulos correntes nem reclamos.

Folio—[9], [i] ij–xlv, [1] leaves—35 and 36 lines—Gothic letter, the words commented on being in Roman capitals—no headlines nor catchwords.

[1] *Title in red and black within a woodcut architectural border.*
[2] *Woodcut of two doctors seated by a bookcase and surrounded by books; above is an angel. Below:*
[3] *The whole within a border of woodcuts.*
[4] *Errata.*
[5] *End of the index.*

Numeração dos cadernos: Uma folha sem as-signatura; A, 4 folhas; ✠, 4 folhas; a–e, 8 folhas cada caderno; f, 6 folhas; total de 55 folhas; a folha a 2 tem assignatura errada a iij, e f 3 tem assignatura errada f ij.

Encadernação de panno.

O *Commentuз in Plinij naturalis hiſtorie prologum,* impresso em Lisboa por Germão Galharde em 1529, é um livro curioso e muitissimo raro, do qual apenas conhecemos a existencia de tres exemplares, alem do nosso que está completo e admiravelmente conservado: um no Museu Britannico (ver H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before* 1601 *now in the British Museum,* 1926), um na Bibliotheca Colombina, Sevilha (ver *Catálogo de la Biblioteca Colombina,* t. III, p. 85), e um exemplar na Bibliotheca da Universidade de Coimbra, cuja descripção foi feita por Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 580). Essa descripção está incompleta, não contendo mesmo o verdadeiro titulo da obra, devendo, por consequencia, faltar ao exemplar de Coimbra a folha do rosto, visto Anselmo e Proença (*loc. cit.*) darem como titulo da obra a inscripção *Epiſtola Plinij ſecundũ veraз lectionẽ...* que se lê por baixo da gravura da folha 2. A noticia do *Catálogo de la Biblioteca Colombina* (*loc. cit.*) é mais detalhada, e parece indicar que o exemplar que alli se guarda está completo. Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 122) traz uma escassa referencia ao livro, pois, alem do titulo—que transcreve correctamente, só com o engano de ter escripto *Commintum* em logar de *Commentuз*—apenas nos diz ter elle sido mencionado por Barbosa e descripto no *Catálogo da Biblioteca Colombina* de Sevilha.

Barbosa (*Bibliotheca Lusitana,* t. III, p. 440) menciona especialmente o auctor da obra dedicada a D. João III:

Collation by signatures: One leaf without signature; A, 4 leaves; ✠, 4 leaves; a–e, each 8 leaves; f, 6 leaves; total 55 leaves; leaf a 2 is wrongly marked a iij and f 3 is wrongly marked f ij.

Cloth binding.

The *Commentuз in Plinij naturalis hiſtorie prologum,* printed in Lisbon by Germão Galharde in 1529, is a curious and extremely rare book, of which only three copies, besides our own complete and perfect one, are known to us: one in the British Museum (see H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before* 1601 *now in the British Museum,* 1926), one in the Colombina Library at Seville (see *Catálogo de la Biblioteca Colombina,* vol. III, p. 85), and the third in the Coimbra University Library. The last-mentioned copy is described by Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 580), and must lack the title-page, since these bibliographers do not transcribe the correct title of the work, but give instead the inscription which occurs at the foot of the woodcut on leaf 2—*Epiſtola Plinij ſecundũ veraз lectionẽ....* The description in the *Catálogo de la Biblioteca Colombina* (*loc. cit.*) is more detailed, and seems to indicate that the Seville copy is complete. Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 122) makes but a slight reference to the book, for, apart from transcribing the title, which he gives correctly except that he puts *Commintum* for *Commentuз,* he simply says that it is mentioned by Barbosa and described in the Catalogue of the Colombina Library.

Barbosa (*Bibliotheca Lusitana,* vol. III, p. 440) makes a special mention of the author of this work dedicated to Dom João III:



152 Frontispicio do *Commentuȝ in Plinij naturalis hiſtorie prologum* de Martinho de Figueiredo
Frontispiece of the *Commentuȝ in Plinij naturalis hiſtorie prologum* of Martinho de Figueiredo
Lisboa, 1529

¶ Cōmentū super prologū naturalis historie Plinii.
Cōpositū per Martinū Figueretū. J. U. Docto
rem: et serenissimi Regis Portugalie senatorem.

Nonnulli decepti sūt: credētes Domitiano ꝛ nō Tito Ue
spasiano Pliniū hos naturalis historie libros dedica-
uisse: quod certe falsū est: vt ex initio huius epistole ap
paret. Jn quo denotatur Titū imperij administratio-
nē simul cū patre suscepisse. De quo idē Plinius dicit:
vt in vera lectione inferius apparebit: imperator triūphalis: et Censo
rius/sexiesq; consul: ac tribunitie potestatis particeps que omnia de
Domitiano in vita eiusdē ꝛ patris fuisse nō legitur. Nō eim ad iperij
administrationē peruenit nisi post mortē fratris sui: qui superstes fuit
patri: ꝛ ei successit. Et vtrūq; p Suetoniū cōprobatur de eo eim dicit
habitabat cū patre vna: sellamq; eius ac fratris quotiens pdirent: le-
ctica sequebatur. Ac triumphū vtriusq; iudaicū equo albo comitatus
est. Jn sex Cōsulatibus nō nisi vnū ordinariū gessit: eūq; cedēte ac suf
fragāte fratre. Et paulo post patre defuncto diu cunctatus: an duplū
donatiuū militi offerret: ꝛ nunq̄ iactare dubitauit relictū se participē
imperij sed fraudē testamēto adhibitā. nec cessauit ex eo insidias strue
re fratri clam palāq;: quo ad correptū graui valitudine priusq̄ plane
efflaret animā pro mortuo deseri iussit. Ad hūc ergo Titū Plini⁹ di
rigens sermonem: dicit cōstitui. O iucūdissime imperator: tibi dedica-
re hos naturalis historie libros reddens et subiūgens q̄ primū causā
quare ad hoc faciendū sit impulsus: dicēs nāq; tu solebas: putare esse
aliquid meas nugas. Appellat autē nugas opera sua: que ad illā vsq;
diē in lucem emiserat: ne de se iactanter loqui videretur: si dixisset opera
quasi digna laudari ab illo: qui esset in excellissimo humani generis fa
stigio positus vt ipse ait/dicit ergo se dedicare hos libros: hoc est opus
nouitiū camenis hoc est musis et scientijs quiritiū: id est romanorum
¶ Dicitur autē nouitium: quasi dicat valde nouū: vt aliqui voluerūt: Nouitium
quāuis sine augmēto auctor est Gelius dictū esse a nouo. Est autem
nouitiū cōtrariū veterano: vnde iuris consultus digestis de edilicio.
edicto precipit: ne seruus veterator pro nouitio veneat sed in hoc loco
Plinius accipit nouitiū: pro eo quod nūc primū accreuit musis roma-
norū: cum antea nullus auctor apud latinos de hoc tractauerit: vt ipse
a

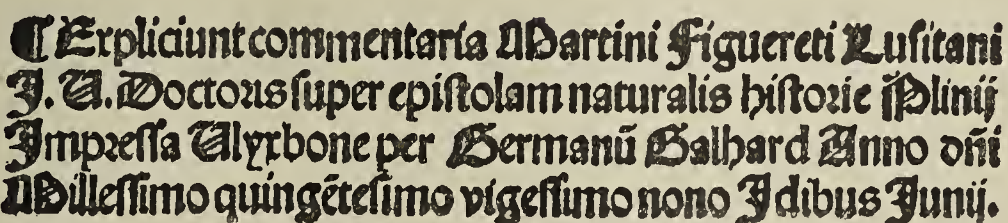
153 Pagina do *Commentuȝ in Plinij naturalis historie prologum* de Martinho de Figueiredo
Page of the *Commentuȝ in Plinij naturalis historie prologum* of Martinho de Figueiredo
Lisboa, 1529

"Martinho de Figueiredo, igualmente perito na liçaõ dos Poetas, e Hiſtoriadores antigos, como em a dos modernos, donde colheo tanta erudiçaõ que a deixou patente na obra ſeguinte *Commentum in Plinii Naturalis Hiſtoriæ prologum*."

Este commentario de Plinio, escripto por Martinho de Figueiredo e impresso em Lisboa em 1529, contem a dedicatoria a D. João III que é interessante, e na qual, depois de fazer o elogio do Soberano e de seus irmãos, de se referir ás glorias Portuguezas no Oriente, menciona especialmente Ayres Barbosa, o illustre humanista, mestre do Cardeal Infante D. Affonso. Nas nossas notas sobre a *Antimoria*, 1536, de Ayres Barbosa, trataremos detalhadamente d'este celebre Portuguez, que foi discipulo do grande Angelo Poliziano, Professor na Universidade de Salamanca, e que depois, em 1521, veiu desempenhar o cargo de mestre dos Infantes D. Affonso e D. Henrique. Ayres Barbosa falleceu em 1530, como veremos, seis annos antes da publicação da sua *Antimoria*. Os encomios de Martinho de Figueiredo, dirigidos ao grande sabio na sua dedicatoria a D. João III, teem pois um real valor, visto que Ayres Barbosa ainda vivia. O interesse d'este livro consiste na sua raridade, em ser um commentario sobre Plinio escripto por um Portuguez e impresso em Portugal na primeira metade do seculo XVI, obra offerecida a D. João III, encontrando-se, na dedicatoria, referencias tão elogiosas a um dos mais celebres humanistas Portuguezes.

"Martinho de Figueiredo was as skilful in reading the ancient Poets and Historians as he was in reading the modern ones, whence he culled so much learning that it is plainly to be seen in the following work: *Commentum in Plinii Naturalis Hiſtoriæ prologum*."

Martinho de Figueiredo's commentary on Pliny, printed in Lisbon in 1529, contains an interesting dedication to Dom João III, wherein, after praising the King and his brothers, and mentioning the glorious achievements of the Portuguese in the East, the author refers to Ayres Barbosa, the famous humanist, who was tutor to the Cardinal-Infante Dom Affonso. In our notes on Ayres Barbosa's *Antimoria*, 1536, we shall give a more complete study of this famous Portuguese scholar, who was a disciple of the great Angelo Politian, became a Professor in the University at Salamanca, and afterwards, in 1521, came to Portugal to act as tutor to the Infantes Dom Affonso and Dom Henrique. As we shall see, Ayres Barbosa died in 1530, six years before the publication of his *Antimoria*. The eulogy of him in Martinho de Figueiredo's dedicatory letter to Dom João III is therefore of real interest, since Ayres Barbosa was still alive when it was printed. This book is chiefly important on account of its rarity, and because it is a commentary on Pliny, written by a Portuguese and printed in Portugal in the first half of the XVIth century, a work dedicated to Dom João III, and containing in the dedication laudatory references to one of the most celebrated of Portuguese humanists.


¶ Expliciunt commentaria Martini Figuereti Luſitani I. V. Doctoris ſuper epiſtolam naturalis hiſtorie Plinij Impreſſa Ulyxbone per Germanũ Galhard Anno dñi Milleſſimo quingẽteſimo vigeſſimo nono Idibus Junij.

154 Colophon do *Commentuз in Plinij naturalis hiſtorie prologum* de Martinho de Figueiredo
Colophon of the *Commentuз in Plinij naturalis hiſtorie prologum* of Martinho de Figueiredo
Lisboa, 1529



155 Folha do rosto das *Instituta ordinis beati Francisci*
Title-page of the *Instituta ordinis beati Francisci*
Lisboa, 1530

25 INSTITUTA ORDINIS BEATI FRANCISCI.
Lisboa, Germão Galharde, 1530.

Inſtituta ordinis beati | Franciſci.

Titulo por baixo d'uma gravura que representa S. Francisco; tudo enquadrado por tarjas[1].

[fl. i vo.] Incipit confirmatio regule | fratrum minorum.

Por cima d'este incipit *uma gravura que representa S. Francisco, mas differente da do rosto; tudo enquadrado por tarjas eguaes ás do rosto*[2].

fl. ij. Regule fratrũ minorũ. [...]

fl. v. [...] Explicit regula fratrum minorum. | In nomine domini incipit Teſta‐mentum | beati patris noſtri Franciſci. [...]

fl. vj vo. [...] Amen. | Começaſſe a confirmação da regra dos | Frades menores. [...]

fl. x vo. [...] Acabaſſe a regra dos frades menores. | Começaſſe ho teſtamẽto q̃ fez ho muy bẽauẽ‐ | turado noſo padre ſã franciſco. acerca do ſeu paſ | ſamẽto. em o q̃l toca breuemẽte algũas couſas | da ſua cõuerſaçam. ⁊ amoeſtamẽto. ⁊ corrigi‐ | mẽto dos filhos. ho qual começa ⁊ diz aſſi. [...]

fl. xij. [...] Amen. | Acabaſſe ho teſtamento de noſſo pa‐ | dre ſam Franciſco. | Começaſſe a declaração da regra dos Frades | menores feyta polo ſenhor Papa Nicolao. iij. [...]

fl. xxvj vo. [...] Acabaſſe a declaraçam de Nicolao. iij. | Começaſſe a declaraçam de Clemente. v. | ſobre a regra dos frades menores. [...]

fl. xxxv vo. [...] Acabaſſe a declaraçam de Clemente. v. | ſobre a regra dos frades menores.

Gravura enquadrada por tarjas que representa um Papa ajoelhado, e junto d'elle um soldado brandindo uma espada[3].

fl. xxxvj. Começaſſe os eſtatutos geeraes. [...]

fl. lxxxvj vo. [...] Acabaſe a copilaçam da regra ⁊ teſtamẽto do bẽauenturado | padre noſſo ſam franciſco. ⁊ declarações apoſtolicas deſta | meſma regra. E aſſy meſmo os ſtatutos geeraes ⁊ | prouinciaes ⁊ o ordinario do officio diuino. ⁊ a | maneira de dar o abito ⁊ a profiſſã aos no | uiços. Nouamete corregido. Imp̃ | ſo em a muy nobre ⁊ ſemp̃ leal | cidade de Lixbõa. per | Germã galharte | Anno ẟ 1530. | a. 9. de ſetem | bro.

As folhas xxxvj a lxxxvj faltam no nosso exemplar; reproduzimos a descripção de Anselmo e Proença (Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI, nº 589) *d'esta parte do livro*[4].

[1] *Title below a woodcut of St Francis; the whole within a border of woodcuts.*

[2] *Above the* incipit *is a woodcut of St Francis, which differs from the one on the title-page; but the whole is bordered by the same woodcuts as appear on the title-page.*

[3] *Woodcut of a kneeling Pope near whom stands a soldier brandishing his sword, within a border of woodcuts.*

[4] *Leaves xxxvj to lxxxvj are missing in our copy; we therefore take the description of this part of the book from Anselmo and Proença* (Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI, no. 589).

4º.—[i] ij–lxxxvj folhas—32 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: a–d, 8 folhas cada caderno; e j, e ij, e iij; total 35 folhas.

Encadernação de marroquim.

4to.—[i] ij–lxxxvj leaves—32 lines—Gothic type—no catchwords.

Collation by signatures: a–d, each 8 leaves; e j, e ij, e iij; total 35 leaves.

Morocco binding.

A obra intitulada *Inſtituta ordinis beati Francifci* é excessivamente rara. Segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 589), nenhum exemplar existe nas Bibliothecas Publicas em Portugal; a noticia que esses auctores publicaram foi extrahida de um catalogo de J. Santos. O nosso exemplar, que pertenceu ao bibliophilo T. Norton, está muito incompleto, chegando sómente até á folha xxxv, quer dizer, contendo ainda a gravura do Papa ajoelhado: faltam pois os *estatutos geeraes*, assim como o colophon, que reproduzimos de Anselmo e Proença (*loc. cit.*). É uma obra pouco conhecida, e, com a excepção de Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 123 e 124), nenhum outro dos nossos bibliographos a menciona. É curioso notar que as primeiras folhas do livro estão escriptas em Latim, e o resto em Portuguez. A obra, impressa por Germão Galharde em 1530, contem tres gravuras interessantes; duas, mas differentes, representam S. Francisco; a terceira, figura um Papa ajoelhado. Ignoramos a origem d'essas gravuras: quanto ás tarjas que as enquadram, Galharde, segundo o bom costume que já apontámos, foi buscal-as a diversos livros, entre os quaes, ao *Marco paulo* impresso por Valentim Fernandes em 1502, e ás *Ordenações* de D. Manuel, sahidas dos prelos de João Pedro Bonhomini de Cremona em 1514. Egualmente, muitas das lettras capitaes de que Galharde se serviu n'este livro, são identicas ás que Fernandes usára nos *Autos dos Apostolos* de 1505, e que Cremona empregára, tanto na *Legẽda dos ſãtos martires*, 1513, como nas *Ordenações* de 1514.

The work entitled *Inſtituta ordinis beati Francifci* is extremely rare. According to Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 589), there is no copy in any of the Portuguese Public Libraries; the description furnished by these authors was taken from one of J. Santos' catalogues. Our copy, which belonged to the bibliophile T. Norton, is very incomplete, for it only goes as far as leaf xxxv, that is to say: it contains the woodcut of the Pope; but lacks the *estatutos geeraes* and the colophon, which we reproduce from Anselmo and Proença (*loc. cit.*). The book is little known, and, with the exception of Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, pp. 123 and 124), none of the other Portuguese bibliographers mention it. It is curious that the first few pages of the work are in Latin, while the rest is in Portuguese. Printed by Germão Galharde in 1530, the *Inſtituta ordinis beati Francifci* contains three interesting woodcuts: two different ones of St Francis, and a third depicting a Pope kneeling. We do not know the origin of these woodcuts; but as for the borders surrounding them, Galharde, in accordance with the convenient habit we have mentioned elsewhere, culled them from various books, including the *Marco paulo*, printed by Valentim Fernandes in 1502 and the *Ordenações* issued by João Pedro Bonhomini de Cremona in 1514. Similarly, many of the capital letters used by Galharde in this work are exactly the same as some that appear in the *Autos dos Apostolos* printed by Valentim Fernandes in 1505, and in the *Legẽda dos ſãtos martires*, 1513, and the *Ordenações*, 1514, both published by João de Cremona.

N'estas simples notas, não nos é possivel fazer larga referencia á Ordem de S. Francisco, nem ao grande e encantador Santo que a fundou; mas algumas palavras sobre a Ordem em Portugal, até á data da publicação d'este livro, parecem-nos necessarias. Segundo Fr. Antonio Brandão (*Monarchia Lusitana,* Parte IV, fl. 92 v°), os Franciscanos entraram em Portugal depois da tomada de Alcacer-do-Sal, em 1217:

"Os Padres de Saõ Francifco, q̃ eraõ Frey Zacharias, & Fr. Goalter, vieraõ ter a Coimbra, & valendofe do fauor da Rainha Dona Vrraca, Princefa Religiofa, alcançaraõ morada junto a Coimbra, Lisboa, & Guimaraẽs, aonde começaraõ a fundar cafas."

A. Herculano (*Historia de Portugal,* t. II, p. 325) diz-nos que D. Sancho II protegeu especialmente as novas associações mendicantes, quer dizer os Franciscanos:

"Depois das ordens militares, foi a estas que o rei de Portugal mostrou maior affeição, e que liberalisou favores com mão mais larga, chegando a imitar o exemplo de seu primo Luiz IX de França, em afiliar-se no instituto chamado da penitencia, especie de frades menores seculares que o reformador de Assis ideára para attrahir á sua ordem um grande numero de individuos. D'aqui veiu provavelmente a Sancho a designação de *Capello* que, talvez como injuria, os seus inimigos depois lhe attribuiram."

O cognome de *Capello* foi tambem—segundo uma tradição—attribuido a D. Sancho, por, em pequeno, ter usado o habito dos Conegos de Santa Cruz, cumprindo um voto de seus paes, feito durante uma molestia em que a sua vida estivera em perigo. Fortunato de Almeida, na sua notavel *Historia da Igreja em Portugal* (t. I, p. 290), escreve ácerca da introducção dos Franciscanos em Portugal:

"É muito antiga, mas não isenta de dúvidas,

It is impossible for us in these modest notes to make any extensive reference to the Order of St Francis, and the great Saint who founded it; but a few words on the history of the Order in Portugal, up to the time of this book's publication, seem to us necessary. Frei Antonio Brandão (*Monarchia Lusitana,* Part IV, fl. 92 vo.) says that the Franciscans entered Portugal after the taking of Alcacer-do-Sal, in 1217:

"The Fathers of St Francis, who were Frei Zacharias and Frei Goalter (Walter), came to Coimbra and, taking advantage of the favour of Queen Dona Urraca, a religious Princess, they obtained dwelling-places near Coimbra, Lisbon and Guimarães, where they began to found houses."

A. Herculano (*Historia de Portugal,* vol. II, p. 325) tells us that Dom Sancho II gave his special protection to the new mendicant communities, that is, the Franciscans:

"After the Military Orders, it was to these that the King of Portugal showed the greatest attachment, and to whom he dispensed favours most liberally, going so far as to imitate the example of his cousin Louis IX of France, in becoming a member of the Order known as Penitent Men and Women, a kind of secular Minorites, which the reformer of Assisi had conceived to attract a large number of people to his Order. It was probably owing to this that Sancho came to be known as the *Capello* (Capuchin), a designation by which his enemies afterwards called him, perhaps as an insult."

There is also a tradition that Dom Sancho received this cognomen because, as a child, he had worn the habit of the Canons of Santa Cruz, in fulfilment of a vow made by his parents, when his life was in danger from an illness. Fortunato de Almeida gives the following information about the establishment of the Franciscans in Portugal, in his notable *Historia da Igreja em Portugal* (vol. I, p. 290):

"The tradition that the first convent of

a tradição que dá como fundado em Bragança, em 1214, pelo próprio S. Francisco, o primeiro convento de franciscanos em Portugal. Em 1216 vieram a Portugal, enviados por S. Francisco, Fr. Zacharias e Fr. Gualter, que no mesmo anno ou no seguinte começaram a fundação de conventos em Coimbra, Lisboa e Guimarães, sob a protecção da Rainha D. Urraca, e em Alemquer, aonde Fr. Zacharias foi chamado por D. Sancha, irmã de El-Rei D. Affonso II. Ao anno de 1224 se attribue a origem do convento de S. Francisco de Évora. Em fins de 1232 dirigiram-se os franciscanos a Leiria para ahi se estabelecerem; e em 1233 alcançavam do papa Gregório IX um rescripto de recommendação ao bispo e cabido do Porto, para que os não estorvassem na fundação de um convento naquella cidade."

Quem desejar mais detalhes sobre a Ordem de S. Francisco em Portugal deverá ler a *Historia da Igreja em Portugal* de Fortunato de Almeida (t. I, pp. 269, 290–298; t. II, pp. 132–140 e pp. 228 *e seg.*; t. III, parte I, pp. 359 *e seg.* e pp. 386 *e seg.*).

Não foi facil á nova Ordem a existencia em Portugal, em vista da fórma hostil como foi recebida pelo clero secular e pelas outras Ordens religiosas, tendo mesmo tido logar graves conflictos. Contudo, o seu prestigio augmentava rapidamente e

"os monarchas tinham em tanta consideração o instituto dos frades menores, que várias pessoas de sangue real e mais tarde El-Rei D. Fernando escolheram sepultura nas igrejas d'essa ordem.... Os nobres imitavam a devoção dos monarchas, professando na regra de S. Francisco, escolhendo sepultura nas igrejas d'ella e contemplando os conventos em suas últimas disposições" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 297).

Nos seculos XIV e XV a Ordem de S. Francisco, gozando de um enorme prestigio, desenvolveu-se extraordinariamente em Portugal,

"pelas mercês que alcançaram dos monarchas e pela extraordinária multiplicação do número de conventos, tanto para homens como para mulheres. As casas franciscanas de Portugal forma-

Franciscans in Portugal was founded in Bragança in 1214, by St Francis himself, is very ancient, but open to question. St Francis sent Frei Zacharias and Frei Gualter to Portugal in 1216, and in the same year or the one following, they began to found convents in Coimbra, Lisbon and Guimarães, under Queen Urraca's protection, and in Alemquer, whither Frei Zacharias was summoned by Dona Sancha, King Affonso II's sister. The monastery of St Francis in Evora is said to have been instituted in 1224. In 1232 the Franciscans went to establish themselves at Leiria; and in 1233 they obtained a rescript from Pope Gregory IX, exhorting the Bishop and Chapter of Oporto not to hinder the setting up of a monastery in that city."

Those desiring further details about the Order of St Francis in Portugal should read Fortunato de Almeida's *Historia da Igreja em Portugal* (vol. I, pp. 269, 290–298; vol. II, pp. 132–140, 228 *et seq.*; vol. III, part I, pp. 359 *et seq.*, 386 *et seq.*).

The new Order did not find life easy in Portugal, for it had a very hostile reception from the secular clergy and the other religious Orders, and there were even serious conflicts. However, its prestige increased rapidly and

"the monarchs held the Lesser Brethren in such high esteem, that various personages of the Royal blood, and later King Fernando himself, chose to be buried in the churches of this Order.... The nobles imitated the devotion of their rulers by becoming professed according to the rule of St Francis, choosing their burial-places in the churches of the Order and remembering the monasteries in their wills" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 297).

In the XIVth and XVth centuries the Franciscans made astonishing progress in Portugal as may be seen from the great ascendancy they gained,

"from the privileges they received, and the extraordinary growth in the number of convents, for women as well as for men. From the very beginning the Franciscan houses in Portugal

vam desde a sua origem uma *custódia* dependente da *província de Espanha*" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 132).

Seguindo este illustre auctor, vêmos que, á medida que a Ordem prosperava em Portugal, e augmentava o numero das suas communidades, "crescia a aspiração de se separarem de castelhanos e gallegos, fazendo por si corpo de província particular" (*ob. cit.* p. 133). Acontecia á Ordem de S. Francisco o mesmo que succedera com as Ordens Militares de S. Thiago e d'Aviz (ver as nossas notas sobre essas duas *Regras*).

"No último quartel do século XIV, os franciscanos tinham no reino vinte e seis conventos, dezasete de frades e nove de freiras, não contando ainda o convento de Marrocos, que pela tradição conservara sempre maiores afinidades com os conventos de Portugal" (Fortunato de Almeida, *loc. cit.*).

N'essa epocha, Portugal, luctando pela sua independencia, estava em guerra com Castella; ao mesmo tempo lavrava o schisma que dividia a Christandade, tendo os Portuguezes seguido o Papa Urbano VI, e os Castelhanos tomado o partido do anti-Papa Clemente VII. O momento era opportuno para a separação e, nos principios do seculo XV, a existencia da provincia de Portugal foi confirmada. Quando fôra da fundação da Ordem de S. Francisco, tinham sido tantos os que queriam entrar na Ordem, que, sendo impossivel a todos acolher, foi instituida a *Ordem Terceira*, "espécie de filiação da ordem, com uma regra especial para se viver santamente no mundo" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 269). Essa *Ordem Terceira* teve em Portugal um grande prestigio; e, como diz Fortunato de Almeida, esse prestigio

"pode aferir-se pelo facto de nella estarem filiados muitos membros da primeira nobreza, príncipes e reis. Pertenceu á ordem D. Constança de Noronha, primeira duquesa de Bragança. Egualmente foram irmãos da ordem terceira D. Sancho II, D. Affonso IV,

formed a *custodium* dependent on the *province of Spain*" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 132).

Following this author we find that, in proportion as the Order prospered in Portugal, and the number of communities belonging to it increased, "there was a growing aspiration to separate from the Spaniards and Galicians, and to form a special province" (*op. cit.* p. 133). The same thing was happening to the Order of St Francis as had taken place with the Military Orders of St James and of Aviz (see our notes on the *Regras* of these two Orders).

"In the last quarter of the XIVth century the Franciscans had twenty-six monasteries in the kingdom, seventeen of monks and nine of nuns, not counting the monastery in Morocco, which, according to tradition, was always most closely connected with the monasteries in Portugal" (Fortunato de Almeida, *loc. cit.*).

At this time the Portuguese were at war with the Castilians, fighting for the independence of Portugal, and the schism caused a still further division: the Portuguese followed Pope Urban VI, while the Castilians were on the side of the anti-Pope Clement VII. It was an opportune moment for separation, and, at the beginning of the XVth century, the Portuguese province was definitely established. At the time when the Order of St Francis was instituted, so many wished to enter the Order that, as it was impossible to receive them all, the *Order of Tertiaries*, "a kind of affiliation with a special rule to enable people to live a religious life in the world" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 269), was founded. This *Third Order* had immense influence in Portugal; and, as Fortunato de Almeida says, its prestige

"may be gauged by the fact that many members of the highest aristocracy, Princes and Kings were associated with it. Dona Constança de Noronha, the first Duchess of Bragança, belonged to the Order. Dom Sancho II, Dom Affonso IV,

D. Pedro I, D. Fernando e D. Affonso V; as raínhas Santa Isabel, D. Brites, mulher de D. Affonso IV, e D. Leonor, mulher de D. João II; D. Constança, filha de D. Dinís, que veio a ser raínha de Castella; as duas filhas de D. Affonso IV, D. Maria, que foi raínha de Castella, e D. Leonor, raínha de Aragão; D. Isabel, mulher do infante D. Pedro, que foi regente do reino, e D. Catharina, filha de D. Duarte; e D. Theresa Martins, mulher de D. Affonso Sanches, filho de D. Dinís. D. Affonso V não só era professo na ordem terceira, mas formou o projecto de entrar em religião no convento do Varatojo; e a infeliz princesa D. Joanna, conhecida pelo nome de *Excellente Senhora*, morreu professa de Santa Clara" (*ob. cit.* t. II, p. 139).

Tanto haveria a dizer sobre a Ordem de S. Francisco em Portugal! Mas não podemos deixar de mencionar, ao de leve que seja, a obra das missões Franciscanas que acompanhou os nossos descobrimentos: essa obra admiravel vinha de longe, quando pensamos no apostolado de Santo Antonio em Marrocos! Após a conquista de Ceuta em 1415 (ver as nossas notas sobre o *De Bello Septensi* de Mattheus de Pisano), fundou-se um convento de Franciscanos n'aquella cidade; depois, ainda na primeira metade do seculo XV, os Franciscanos já estavam na Ilha da Madeira; em seguida nos Açores; mais tarde (1472) fundáram o seu convento de Santo Antonio em Tanger, e depois o de S. Francisco em Arzilla. As admiraveis missões progrediam, seguindo os descobrimentos. E quantos terão sido os missionarios que, indo pregar a palavra de Christo, e tornar conhecido o nome de Portugal, derramaram o seu sangue para a fundação do nosso Imperio Colonial, unindo no martyrio as tão bellas palavras, Deus e Patria?

Em 1530, anno em que o livro *Instituta ordinis beati Francisci* foi impresso, a Ordem de S. Francisco possuia innumeros conventos em Portugal.

Tratando da Ordem fundada pelo Santo de

Dom Pedro I, Dom Fernando and Dom Affonso V; the Queens Saint Izabel, Dona Brites, wife of Dom Affonso IV, and Dona Leonor, wife of Dom João II; Dona Constança, the daughter of Dom Diniz, who became Queen of Castile; Dom Affonso IV's two daughters, Dona Maria, who was Queen of Castile, and Dona Leonor, Queen of Aragon; Dona Izabel, wife of the Infante Dom Pedro who was Regent of the kingdom, and Dona Catharina, daughter of Dom Duarte; and Dona Theresa Martins, wife of Dom Affonso Sanches, the son of Dom Diniz, were all Tertiaries. Dom Affonso V was not only a member of the Third Order, but he projected taking the vows in the monastery of Varatojo; and the unhappy princess Dona Joanna, who is known as the *Excellente Senhora*, died as a nun of the Order of St Clare" (*op. cit.* vol. II, p. 139).

There is much that one might say about the Franciscans in Portugal. But we cannot abstain from mentioning the work of the Franciscan missions that accompanied the discoveries; this magnificent work was of early origin, for we must not forget Saint Anthony's apostolate in Morocco! After the conquest of Ceuta in 1415 (see our notes on Mattheus de Pisano's *De Bello Septensi*) a Franciscan monastery was founded in that city; and before the middle of the XVth century there were already Franciscans in Madeira and the Azores; later (in 1472) they founded the monastery of Saint Anthony in Tangier, and then the one of St Francis in Arzilla. And the missions went on, advancing with the discoveries. How many of those who went to preach the word of Christ, and make known the name of Portugal, shed their blood for the foundation of the Colonial Empire, and joined the two ideals of God and Country in their martyrdom!

In 1530, the year when the *Instituta ordinis beati Francisci* was printed, the Franciscans had innumerable monasteries in Portugal.

We cannot terminate these notes on the Order



156 Gravura do verso da folha do rosto das *Inſtituta ordinis beati Franciſci*
Woodcut on the back of the title-page of the *Inſtituta ordinis beati Franciſci*
Lisboa, 1530

Constituições geeraes.

¶ Dada em Viena d' França acerca de Lyã a. vj. dias de mayo: aos. xx. annos de nosso pontificado.

¶ Acabasse a declaraçam de Clemente. v. sobre a regra dos frades menores.



157 Uma pagina das *Instituta ordinis beati Francisci*
A page from the *Instituta ordinis beati Francisci*
Lisboa, 1530

Assis, não podemos deixar de evocar o nome do mais illustre e mais Portuguez de todos os Franciscanos, Santo Antonio de Lisboa, mas que o mundo conhece melhor pelo nome de Santo Antonio de Padua. Portuguez dos quatro costados, Santo Antonio—que entre os homens se chamára Fernando de Bulhões, de nobre estirpe, filho de Martim de Bulhões e D. Thereza Taveira—nasceu em Lisboa a 15 d'Agosto de 1195. A vida do grande Santo foi escripta tantas vezes, que nada diremos, senão que era e é Portuguez. E ao folhear este livro de humildade, ao ler o *Teſtamento de ſam Frãciſco* e a *Regra dos frades menores*, unimos no nosso pensamento os nomes do Santo Fundador, o Santo que todos veneram, e o de Santo Antonio, o Santo querido, cujo nome, venerado egualmente, e cheio de encanto e poesia como o do Fundador, faz sempre vibrar a alma Portugueza!

founded by the Saint of Assisi, without referring to the most famous and the most Portuguese of all the Franciscans, Santo Antonio of Lisbon, better known to the world as St Anthony of Padua. Portuguese to the backbone, St Anthony—who was known among men as Fernando de Bulhões, of noble descent, son of Martim de Bulhões and Dona Thereza Taveira—was born in Lisbon on August 15th, 1195. The great Saint's life-story has so often been written, that we need say nothing but that he was and is Portuguese. And as we turn the pages of this book of humility and read the *Teſtamento de ſam Frãciſco* (St Francis' will) and the *Rule of the Friars Minor*, our thoughts unite the names of the Holy Founder, who is venerated by all, and of St Anthony, the beloved Saint, whose name is as revered and as full of charm and poetry as that of St Francis—St Anthony who holds a special place in the heart of every true Portuguese!



158 Folha do rosto do *Breviarium Sancte Crucis*
Title-page of the *Breviarium Sancte Crucis*
Coimbra, 1531

26 BREVIARIUM SANCTE CRUCIS COLIMBRIENSIS.
Coimbra, Germão Galharde, 1531.

Breuiariuȝ ſecũduȝ vſuȝ inſi- | gnis monaſterij ſctẽ crucis co- | lĩbriẽſis ordinis diui auguſtini.

Titulo sob uma gravura de S. Agostinho (?), com a legenda[1]*:* TV DOMINE COR MEVM CARITATE TVA SAGITAVERAS:

[fl. 1 vo.]

Gravura que representa o Senhor crucificado, com Nossa Senhora e S. João Evangelista[2].

[fl. 2—7 vo.] *Calendario*[3].

[fl. 8] Ad inueniendum aureum numerum. [...]

[fl. 8 vo.] Ad inueniendũ litterã dñicalẽ. [...] Declaratio ſequentio tabule. [...]

[fl. 9 vo.] Circa attentionem orationis. [...]

fl. 1. Ordo pſalte | rii ſ̃m ꝯſuetudinẽ diui Au | guſtini. [...]

fl. 89 [aliás 79]. In nomine domini | noſtri Ieſu xp̃i. | Incipit ordo breuiarij ſ̃m vſum | eccl̃ie ſctẽ crucis Conibricẽſis ordi | nis diui Auguſtini. [...]

Pagina enquadrada por gravuras[4].

fl. 98. In die natiuitatꝫ | dñi. Ad matutinas Inuitatorium.

Gravura representando Nossa Senhora e S. Jose adorando o Menino Jesus; as mesmas tarjas que na fl. 79[5].

fl. 224 vo. In ſacratiſſimo die | pentecoſtes quattuor cantorum.

Gravura que representa a vinda do Espirito Santo, enquadrada por tarjas[6].

fl. 299. Iſti ſunt ſancti qui paſſi ſunt | propter te dñe. Veſtigia tua ſunt | ſecuti. ideo ĩ regno celoꝝ exultãt | ſine fine. Chriſto paſſo ĩ carne: ⁊ | vos eadẽ cogitatione armamini.

Gravura que representa o Senhor crucificado, com Nossa Senhora e S. João Evangelista[7]*. Pagina enquadrada por pequenas gravuras de Santos*[8].

fl. 299 vo. In noĩe dñi no | ſtri Ieſu xp̃i. Incipit ꝓpriũ | de ſanctis per anni circuluȝ | ſ̃ȝ [secundum] ordinẽ eccl̃ie ſctẽ crucis | Conibricenſis diui Auguſti | ni. Et omiſſis g̃nalibus re- | gulis que poſt ſctõꝝ cõmu- | nia deſcribũtur. [...]

fl. 575 vo. [...] Finis.

[1] *Title beneath a woodcut of St Augustine (?), with the legend:*
[2] *Woodcut representing the Crucifixion, with Our Lady and St John the Evangelist at the foot of the Cross.*
[3] *Calendar.*
[4] *Page bordered by woodcuts.*
[5] *Woodcut of Our Lady and St Joseph adoring the infant Christ; border similar to the one on fl. 79.*
[6] *Woodcut representing the coming of the Holy Ghost. Ornamental woodcut border.*
[7] *See* [2].
[8] *Page bordered with small woodcuts of Saints.*

[fl. 1] Ad laudẽ dñi noſtri ieſu chriſti | nec nõ intemerate virginis Marie: ⁊ ad vtilitatẽ or- | dinis canonicorũ regulariũ p̃cipue monaſterij | ſancte crucis Colimbrie. Dõnus dioniſius | primus prior clauſtralis reformatio- | nis ipſius monaſterij iuſſit cuidã | fratri vt iuxta prefacti ordi- | nis morem regulas: ⁊ or | dinationes breuia- | rium occu- ratius | ordinaret. | Qui tanti precepto patris libentiſſime | obtemperans maturius ⁊ ſolertius | ſupra ſcriptum breuiariũ cõte- | xuit. Fuit autem impreſſum | per Germanum galhar | dũ: in dicto cenobio. | Anno chriſtiane | ſalutis 1531: | ſexto Id⁹. | Aprilis.

8º.—[10], 575, [1] folhas a 2 columnas—34 linhas—caractéres gothicos, a negro e vermelho—sem reclamos—gravuras.

Numeração dos cadernos: ✠, 8 folhas; ✠✠, 2 folhas; a–i, 8 folhas cada caderno; k, 6 folhas; l–z, 8 folhas cada caderno; ⁊, 8 folhas; ꝯ, 8 folhas; ꝝ, 8 folhas; A–L, 8 folhas cada caderno; M, 4 folhas; N–Z, 8 folhas cada caderno; AA–RR, 8 folhas cada caderno; SS, 4 folhas; A–E, 8 folhas cada caderno; F, 10 folhas; total de 586 folhas; as folhas v 4, X 2, e A 3 não teem assignaturas; V 2 tem assignatura errada V iiij.

Encadernação de pergaminho.

8vo.—[10], 575, [1] leaves—double columns—34 lines—Gothic letter in red and black—no catchwords—woodcuts.

Collation by signatures: ✠, 8 leaves; ✠✠, 2 leaves; a–i, each 8 leaves; k, 6 leaves; l–z, each 8 leaves; ⁊, 8 leaves; ꝯ, 8 leaves; ꝝ, 8 leaves; A–L, each 8 leaves; M, 4 leaves; N–Z, each 8 leaves; AA–RR, each 8 leaves; SS, 4 leaves; A–E, each 8 leaves; F, 10 leaves; total 586 leaves; leaves v 4, X 2, and A 3 have no signature marks; V 2 is wrongly marked V iiij.

Bound in vellum.

O *Breviario de Santa Cruz de Coimbra* é um livro excessivamente raro, do qual, segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 591), um só exemplar é conhecido: o da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. Barbosa, Innocencio e Mattos não o mencionam. Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 124) dá uma descripção do livro, e Tito de Noronha conheceu a sua existencia, pois, nas *Ordenações do Reino* (p. 81), cita-o entre os livros publicados por Germão Galharde em Coimbra. No Museu Britannico encontra-se um exemplar, mas incompleto: o que possuimos está perfeito e n'um bello estado de conservação. Como vimos no *Manipulus curatorum*, Germão Galharde esteve em Coimbra em 1530 e 1531, para montar a officina typographica dos Conegos de Santa Cruz, a primeira que houve n'aquella cidade. Esta obra tem pois um in-

The Breviary of Santa Cruz of Coimbra is an exceedingly rare book, of which, according to Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 591), the only copy known is the one at Coimbra University. Neither Barbosa, Innocencio nor Mattos mentions the work; but Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 124) gives a description of the book and Tito de Noronha knew of its existence, because, in the *Ordenações do Reino* (p. 81), he includes it among the books printed by Galharde in Coimbra. There is a copy at the British Museum, but it is incomplete, while the one we now describe is perfect and in a wonderful state of preservation. As we noted when writing about the *Manipulus curatorum*, Germão Galharde was at Coimbra in 1530 and 1531, setting up a printing-press for the monks of Santa Cruz. This book has, therefore, a special interest in that it is the *Breuiariuȝ*

teresse especial, por ser o *Breuiariuз ſecũduз vſuз inſignis monaſterij ſctẽ crucis colĩbriẽſis*, que, como diz o colophon, "fuit autem impreſſum per Ger- manum galhardũ in dicto cenobio." Galharde havia sido chamado a Coimbra por D. Dionysio de Moraes, que foi o primeiro Prior do mosteiro de Santa Cruz, eleito depois da reforma, a 17 de Fevereiro de 1530: assim reza o colophon:

"Dõnus dioniſius primus prior clauſtralis re- formationis ipſius monaſterij iuſſit cuidã fratri vt iuxta prefacti ordinis morem regulas: ꝛ ordinationes breuiarium occuratius ordinaret."

Como veremos, a publicação da *Regra dos Monges* foi egualmente devida a D. Dionysio.

Este Breviario tem differentes gravuras, algumas muito pequenas, que são interessantes, entre as quaes a da Santa Cruz, e a de Santa Izabel Rainha de Portugal. Na folha do rosto tem uma bella gravura, provavelmente de Santo Agostinho, fundador da Ordem da qual faziam parte os Conegos de Santa Cruz, Conegos Regrantes de Santo Agostinho. No verso da folha do rosto tem outra gravura, representando o Senhor Crucificado, com Nossa Senhora e S. João Evangelista: é a mesma gravura de que Ga- lharde se serviu depois na *Regra dos Monges* de 1531, e que, annos antes, em 1513, João de Cremona tinha empregado na sua *Legẽda dos ſãtos martires.*

No ponto de vista historico, o *Breviario de Santa Cruz* tem para nós um grande valor, pois a historia de Santa Cruz de Coimbra está, desde a sua fundação, intimamente ligada á historia de Portugal. O convento de Santa Cruz foi solemnemente fundado em 1131 por D. Affonso Henriques, que, segundo o uso da epocha, cavou por suas mãos com uma enchada o logar destinado para a Capella Mór da egreja: depois, enchendo um cesto d'essa terra, levou-o aos hombros, despe- jando-o fóra do recinto das obras. Dentro de um anno estava terminado o pequeno mosteiro. Mais tarde, foi edificado segundo mosteiro; apezar de

ſecũduз vſuз inſignis monaſterij ſctẽ crucis colĩbriẽſis, which as we read in the colophon "fuit autem impreſſum per Germanum galhardũ in dicto cenobio." Galharde was summoned to Coimbra by Dom Dionysio de Moraes, who was elected Prior of the monastery of the Holy Cross on February 17th, 1530, being, as the informative colophon tells us, the first Prior after the reforma- tion of the monastery—

"Dõnus dioniſius primus prior clauſtralis re- formationis ipſius monaſterij iuſſit cuidã fratri vt iuxta prefacti ordinis morem regulas: ꝛ ordinationes breuiarium occuratius ordinaret."

As we shall see, it was also due to Dom Dionysio that the *Regra dos Monges* was published.

The Breviary is profusely illustrated: there is a beautiful woodcut on the title-page, which prob- ably represents St Augustine, the founder of the Order of Regular Canons, to which the monks of Santa Cruz belonged; the woodcut on the back of the title-page, representing Our Lady and St John the Evangelist at the foot of the Cross, was again used by Galharde in the *Regra dos Monges*, but made its appearance first in the *Legẽda dos ſãtos martires*, published by João de Cremona in 1513. Other woodcuts, many of them very tiny, abound in the text, some of which are particularly interesting, as for instance the one of the Holy Cross and the one representing Saint Izabel, Queen of Portugal.

This Breviary has great historical interest; for the history of the monastery of Santa Cruz of Coimbra is, from its inception, intimately con- nected with the history of Portugal. The convent of the Holy Cross was solemnly founded in 1131 by Dom Affonso Henriques, who, according to the usage of the time, himself dug out with a hoe the site of the High Altar, and, filling a basket with the earth, carried it away on his shoulders to empty it outside the limit of the works. Within a year the little monastery was finished. Soon afterwards a second monastery was erected; but in spite of the fact that it was completed in

construido no tempo de D. Affonso Henriques, e de ter sido eleito o primeiro Prior, D. Theotonio, a egreja só foi sagrada, passado perto de um seculo, em 1228, pelo Cardeal D. João Froes, natural de Coimbra, e então Legado do Papa. D. Affonso Henriques, D. Sancho I, D. Affonso II e D. Sancho II fôram Conegos de Santa Cruz, sendo interessante notar a origem d'uma tradição, que deu a D. Sancho II o cognome de *Capello* que elle teve na historia (ver as nossas notas sobre as *Inſtituta ordinis beati Franciſci*).

O convento era poderoso e, segundo diz Vilhena Barbosa (*Monumentos de Portugal*, p. 400), os seus Priores eram considerados como immediatos á Sé Apostolica, com jurisdicção não só episcopal, mas metropolitana, nas suas egrejas: os Priores eram do Conselho d'El-Rei, e D. Manuel nomeou todos os Conegos de Santa Cruz, Capellães Regios. Santa Cruz de Coimbra era a cabeça da Ordem, e o seu prelado—o D. Prior Mór—usava vestes episcopaes. O mosteiro, alem de ser um dos mais ricos do paiz, gozava pois de privilegios especiaes, tanto religiosos, como honorificos. Por bulla de Paulo IV, o D. Prior Mór foi nomeado reformador de todos os conventos de Conegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal. Foi então, como vimos, que D. Dionysio de Moraes, o primeiro Prior após a reforma, chamou Galharde a Coimbra. Quando a Universidade foi transferida de Lisboa para Coimbra, D. João III, por carta Regia de 15 de Dezembro de 1539, outorgou aos Priores de Santa Cruz o cargo de Cancellario perpetuo da Universidade, cargo que exerceram até 1834, data da extincção das Ordens religiosas. Após essa transferencia, a Universidade esteve alojada, durante alguns annos, no convento de Santa Cruz, antes de se installar nos Paços Reaes de Coimbra, cedidos por D. João III. Santa Cruz era um centro importantissimo de estudos, não só de Latim e theologia, mas de sciencias,

the time of Dom Affonso Henriques and that Dom Theotonio was elected the first Prior, it was not until nearly a century later, in 1228, that the church was consecrated by Cardinal Dom João Froes, a native of Coimbra, who was Papal Legate at the time. D. Affonso Henriques, D. Sancho I, D. Affonso II and D. Sancho II were all Canons of Santa Cruz, and there is an interesting tradition giving the reason why the last-named King was surnamed the *Capello* (Capuchin) (see our notes on the *Inſtituta ordinis beati Franciſci*).

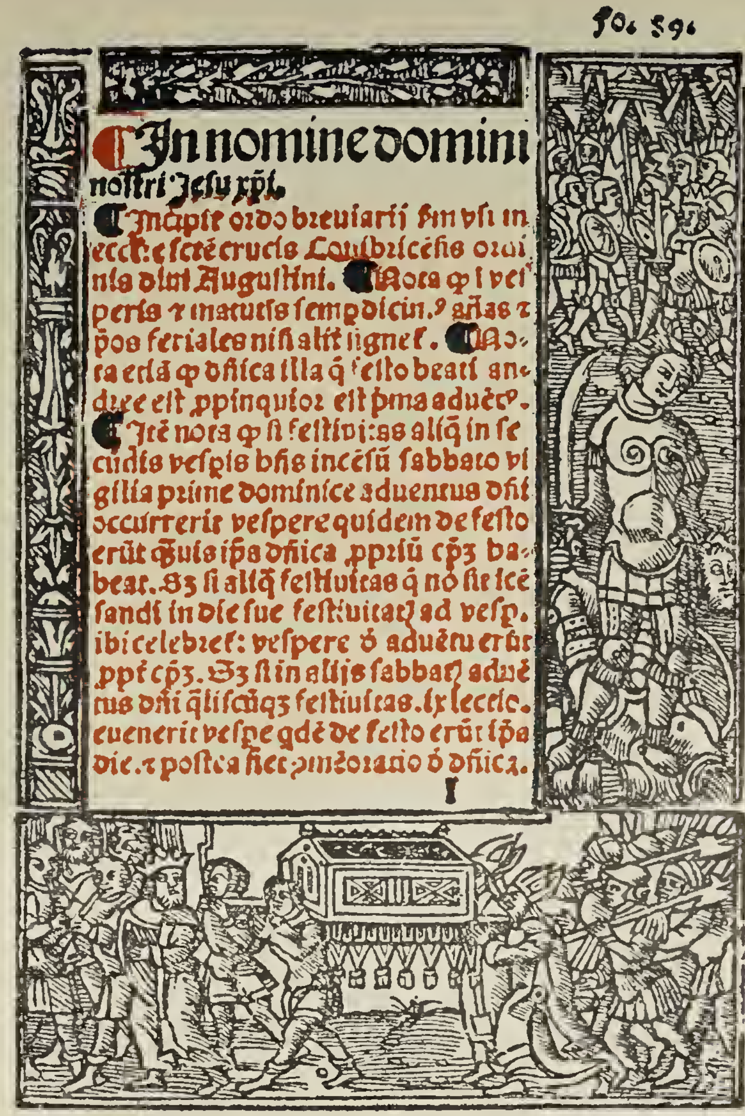
The convent was one of the richest in the country, and very powerful, having innumerable prerogatives and special privileges. Dom Manuel nominated all the Canons of the Holy Cross as Royal Chaplains; and, according to Vilhena Barbosa (*Monumentos de Portugal*, p. 400), the Priors, who were admitted to the King's Council, were subject only to the Apostolic See; and the churches had metropolitan as well as episcopal jurisdiction. Santa Cruz of Coimbra was the head of the Order, and its prelate, who was known as the *Dom Prior Mór*, had the right to wear episcopal vestments. Pope Paul IV issued a bull deputing the *Dom Prior Mór* to reform all the monasteries in Portugal belonging to the Order of Regular Canons of St Augustine; and, as we have mentioned, it was just after this reformation that Galharde was called to Coimbra by Dom Dionysio de Moraes. When the seat of the University was transferred from Lisbon to Coimbra, Dom João III, by a Royal Charter dated December 15th, 1539, appointed the Prior of Santa Cruz as perpetual Chancellor of the University, and the office was held by him until 1834, when the religious Orders were suppressed. For some years after its removal from Lisbon, the University was lodged in the convent itself, until it was installed in the Royal Palace, conceded for that purpose by D. João III. Apart from its connection with the University, the



159 Gravura do verso da folha do rosto do *Breviarium Sancte Crucis*

Woodcut on the back of the title-page of the *Breviarium Sancte Crucis*

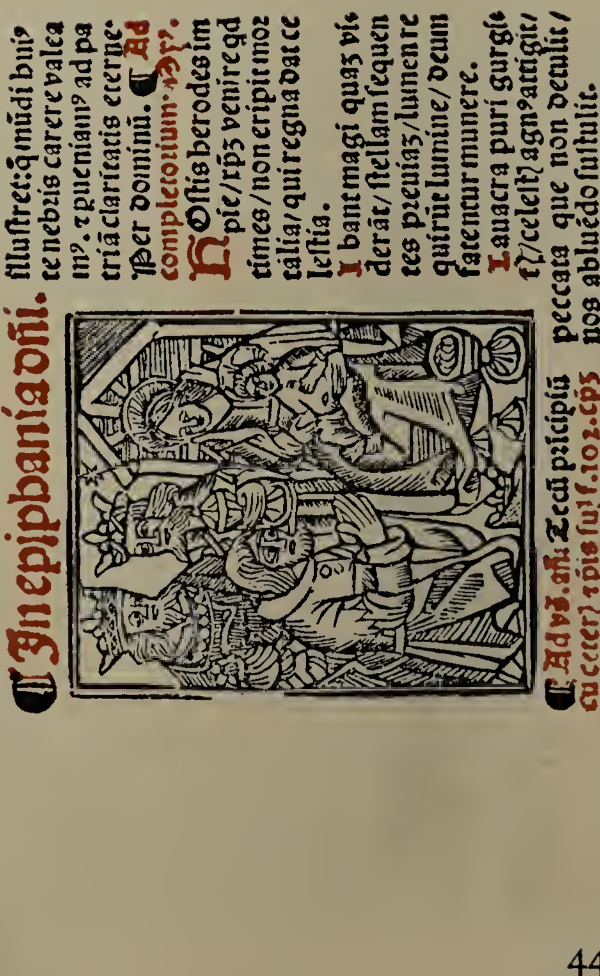
Coimbra, 1531



160 Uma pagina do *Breviarium Sancte Crucis*

A page from the *Breviarium Sancte Crucis*

Coimbra, 1531



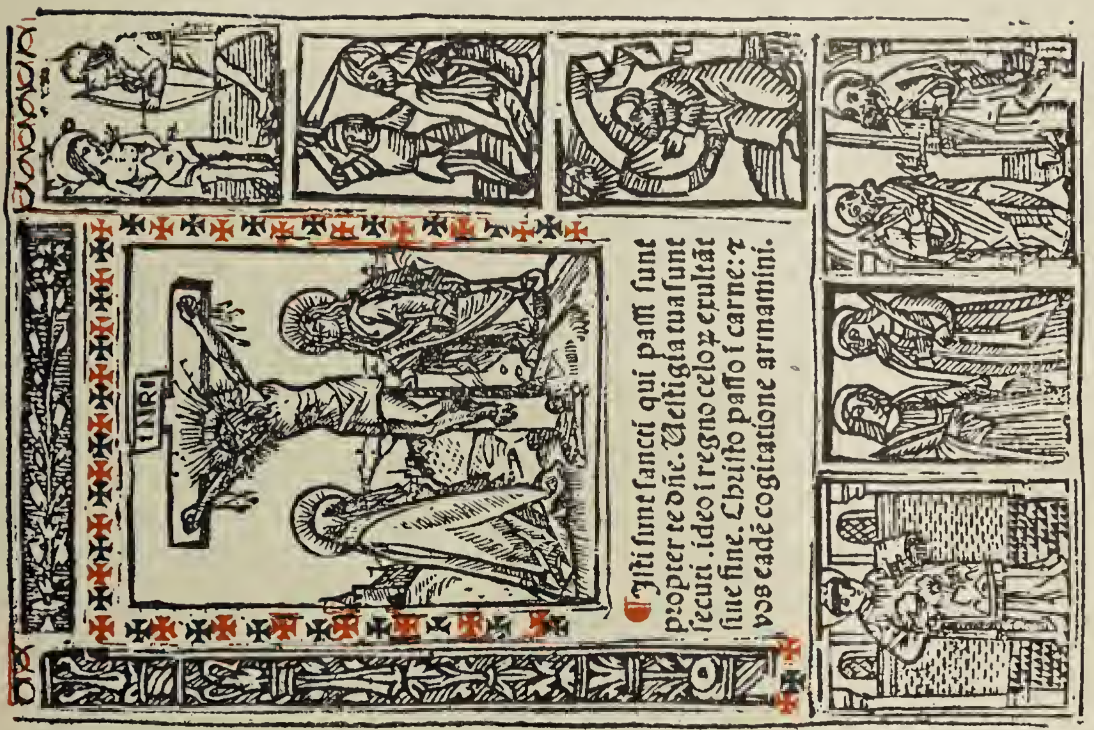
161 Uma pagina do *Breviarium Sancte Crucis*
A page from the *Breviarium Sancte Crucis*
Coimbra, 1531



162 Uma pagina do *Breviarium Sancte Crucis*
A page from the *Breviarium Sancte Crucis*
Coimbra, 1531



163 Uma pagina do *Breviarium Sancte Crucis*
A page from the *Breviarium Sancte Crucis*
Coimbra, 1531



164 Uma pagina do *Breviarium Sancte Crucis*
A page from the *Breviarium Sancte Crucis*
Coimbra, 1531



165 Uma pagina do *Breviarium Sancte Crucis*
A page from the *Breviarium Sancte Crucis*
Coimbra, 1531



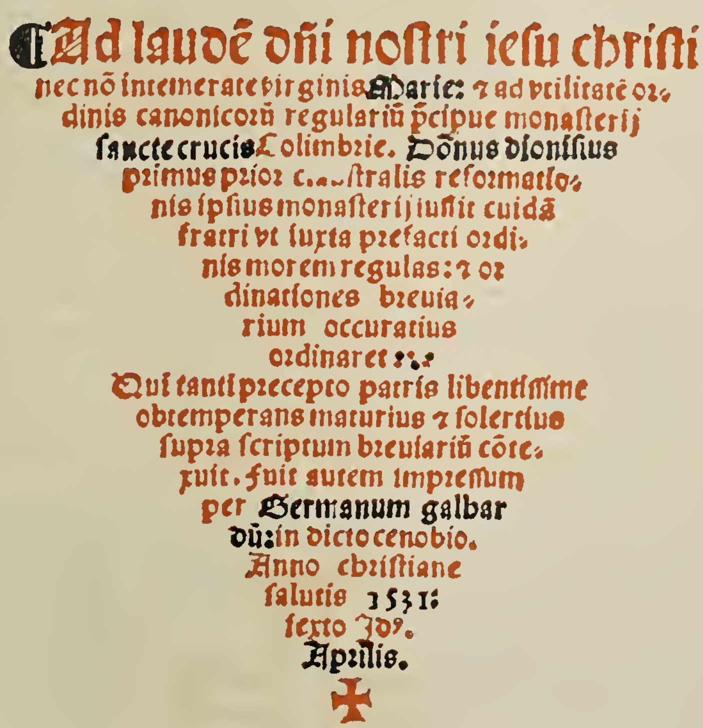
166 Uma pagina do *Breviarium Sancte Crucis*
A page from the *Breviarium Sancte Crucis*
Coimbra, 1531

entre as quaes, a medicina; os Conegos iam cursar na Universidade de Paris, onde se formavam, regressando a Santa Cruz como lentes. Tem para nós um encanto especial saber que o nosso admiravel Santo Antonio, natural de Lisboa, onde havia professado no mosteiro de S. Vicente, estudou em Santa Cruz durante nove annos.

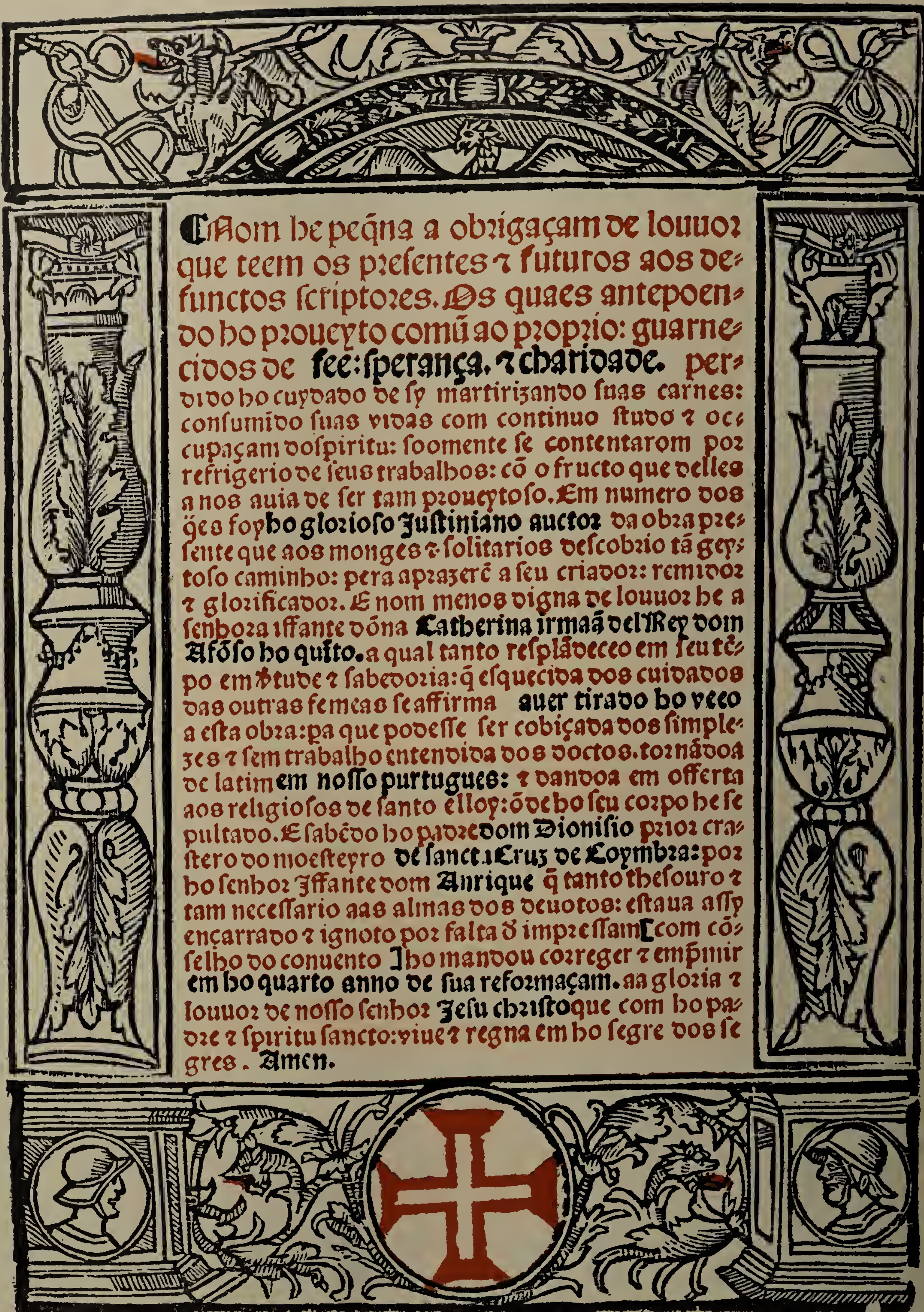
Lamentamos não nos ser possivel, n'esta obra, dedicar mais tempo a Santa Cruz: quizemos simplesmente indicar, n'um pequeno esboço, o papel que esse mosteiro desempenhou na nossa historia desde a fundação da monarchia. Hoje, resta a admiravel egreja, sem duvida uma das mais bellas de Portugal, com os seus claustros, o seu esplendido côro e o seu famoso pulpito; e ha ainda um sentimento profundo unido áquelle templo: n'elle jazem os dois primeiros Reis de Portugal, D. Affonso Henriques e D. Sancho I.

monastery was a great seat of learning, for the monks applied themselves to the study of medicine and other sciences, as well as the usual Latin and theology, and Canons were sent to graduate at the Paris University, whence they returned as lecturers. It is interesting to remember that our worthy St Anthony, who professed at the convent of St Vincent in his native town of Lisbon, studied for nine years at Santa Cruz.

It is impossible to make a complete study of Santa Cruz in this work; but in the small space at our disposal we have tried to indicate the part played by this convent in the history of Portugal. The church still stands to-day, and, with its cloisters, its magnificent choir-stalls, and famous pulpit, is undoubtedly one of the most beautiful in Portugal: the thought of it always arouses deep feeling, for it is the burial-place of Portugal's earliest Kings, Dom Affonso Henriques and Dom Sancho I.


Ad laudē dñi nostri iesu christi
necnō intemerate virginis Marie: et ad utilitatē or-
dinis canonicorū regulariū pcipue monasterij
sancte crucis Colimbrie. Donus dionisius
primus prior c...stralis reformatio-
nis ipsius monasterij iussit cuidā
fratri ut iuxta prefacti ordi-
nis morem regulas: et or
dinationes breuia-
rium occuratius
ordinaret etc.
Qui tanti precepto patris libentissime
obtemperans maturius et solertius
supra scriptum breuiariū cōte-
xuit. Fuit autem impressum
per Germanum galbar
dū: in dicto cenobio.
Anno christiane
salutis 1531:
sexto Idus.
Aprilis.

167 Colophon do *Breviarium Sancte Crucis*
Colophon of the *Breviarium Sancte Crucis*
Coimbra, 1531



¶ Nom he peq̃na a obrigaçam de louuor que teem os presentes ⁊ futuros aos defunctos scriptores. Os quaes antepoendo ho proueyto comũ ao proprio: guarnecidos de fee: sperança. ⁊ charidade. perdido ho cuydado de sy martirizando suas carnes: consumido suas vidas com continuo studo ⁊ occupaçam dospiritu: soomente se contentarom por refrigerio de seus trabalhos: cõ o fructo que delles a nos auia de ser tam proueytoso. Em numero dos q̃es foy ho glorioso Justiniano auctor da obra presente que aos monges ⁊ solitarios descobrio tã geytoso caminho: pera aprazerẽ a seu criador: remidor ⁊ glorificador. E nom menos digna de louuor he a senhora iffante dõna Catherina irmaã del Rey dom Afõso ho quito. a qual tanto resplãdeceo em seu tẽpo em virtude ⁊ sabedoria: q̃ esquecida dos cuidados das outras femeas se affirma auer tirado ho veeo a esta obra: pa que podesse ser cobiçada dos simplezes ⁊ sem trabalho entendida dos doctos. tornãdoa de latim em nosso purtugues: ⁊ dandoa em offerta aos religiosos de santo elloy: õde ho seu corpo he sepultado. E sabẽdo ho padre dom Dionisio prior crastero do moesteyro de sancta Cruz de Coymbra: por ho senhor Jffante dom Anrique q̃ tanto thesouro ⁊ tam necessario aas almas dos deuotos: estaua assy ençarrado ⁊ ignoto por falta d' impressam [com cõselho do conuento] ho mandou correger ⁊ emp̃mir em ho quarto anno de sua reformaçam. aa gloria ⁊ louuor de nosso senhor Jesu christo que com ho padre ⁊ spiritu sancto: viue ⁊ regna em ho segre dos segres. Amen.

168 Folha do rosto da *Regra dos Monges* de D. Catharina, Infanta de Portugal
Title-page of the *Regra dos Monges* of D. Catharina, Infanta of Portugal
Coimbra, 1531

27 D. CATHARINA, INFANTA DE PORTUGAL, REGRA DOS MONGES.

Coimbra, Germão Galharde, 1531.

Nom he peq̃na a obrigaçam de louuor | que teem os preſentes ꝛ futuros aos de- | functos ſcriptores. Os quaes antepoen- | do ho proueyto comũ ao proprio: guarne- | cidos de fee: ſperança. ꝛ charidade. per- | dido ho cuydado de ſy martirizando ſuas carnes: | conſumĩdo ſuas vidas com continuo ſtudo ꝛ oc- | cupaçam doſpiritu: ſoomente ſe con- tentarom por | refrigerio de ſeus trabalhos: cõ o fructo que delles | a nos auia de ſer tam proueytoſo. Em numero dos | q̃es foy ho glorioſo Iuſtiniano auctor da obra pre- | ſente que aos monges ꝛ ſolitarios deſcobrio tã gey- | toſo caminho: pera aprazerẽ a ſeu criador: remidor | ꝛ glorificador. E nom menos digna de louuor he a | ſenhora iffante dõna Catherina irmaã delRey dom | Afõſo ho quĩto. a qual tanto reſplãdeceo em ſeu tẽ- | po em ṽtude ꝛ ſabedoria: q̃ eſquecida dos cuidados | das outras femeas ſe affirma auer tirado ho veeo | a eſta obra: ꝑa que podeſſe ſer cobiçada dos ſimple- | zes ꝛ ſem trabalho entendida dos doctos tornãdoa | de latim em noſſo purtugues: ꝛ dandoa em offerta | aos religioſos de ſanto elloy: õde ho ſeu corpo he ſe | pultado. E ſabẽdo ho padre dom Dioniſio prior cra- | ſtero do moeſteyro de ſancta Cruz de Coymbra: por | ho ſenhor Iffante dom Anrique q̃ tanto theſouro ꝛ | tam neceſſario aas almas dos deuotos: eſtaua aſſy | ençarrado ꝛ ignoto por falta ꝺ impreſſam [com cõ- | ſelho do conuento] ho mandou correger ꝛ emꝑmir | em ho quarto anno de ſua reformaçam. aa gloria ꝛ | louuor de noſſo ſenhor Ieſu chriſto que com ho pa- | dre ꝛ ſpiritu ſancto: viue ꝛ regna em ho ſegre dos ſe | gres. Amen.*

Esta advertencia, que serve de titulo á obra, está enquadrada por uma portada ornada de figuras; no centro da parte inferior tem, a vermelho, a Cruz de Christo[1].

* *The living and those yet to be born are under no small obligation to praise the dead writers, who, placing the common good before their personal advantage, adorned with faith, hope and charity, forgetting to care for themselves, chastising their flesh and consuming their lives in continual study and spiritual occupation, were satisfied with the sole comfort that the fruit of their labours would be so profitable to us. Among these was the glorious Justinian, the author of the present work, which showed monks and hermits such a fitting way to please their glorious Creator and Redeemer. And no less worthy of praise is the Infanta Dona Catharina, sister of King Affonso V, who in her time was so resplendent in virtue and wisdom, that it is said that, forgetting the cares of other women, she drew aside the veil from this work so that it might interest the simple and be easily understood by the learned, translating it from Latin into our Portuguese, and offering it to the monks of Santo Eloy where her body is buried. And Father Dionysius, cloister prior of the monastery of Santa Cruz of Coimbra, learning from the lord Infante Dom Henrique that so great a treasure and one so necessary to the souls of the devout was thus hidden and unknown for want of being printed, [with the advice of the monastery] commanded it to be corrected and printed in the fourth year of its (the monastery's) reformation, to the glory and praise of our Lord Jesus Christ, who with the Father and the Holy Ghost lives and reigns for all eternity. Amen.*

[1] *The above note appears on the title-page of the book, and is surrounded by a woodcut architectural border, with the Cross of Christ in red at the bottom in the centre.*

[fl. 1 vo.]

12 gravuras que representam os 12 apostolos; ao centro, uma gravura que representa Nosso Senhor crucificado, tendo aos pés da Cruz, Nossa Senhora e S. João[1].

fl. j. Começafe ho prologo em ho li‑ | uro que fe efcreue da regra ꝛ perfeyçam da con‑ | uerfaçam dos monges. ho qual liuro foy copi‑ | lado per ho reuerendo fenhor Lourenço Iuf‑ | tiniano primeyro patriarcha de vene‑ | za que foy dos primeyros funda‑ | dores da cõgregaçam de fam | Iorge em alga. | Prologo. [...]

fl. ij. [...] Começafe ho liuro da | regra ꝛ perfeyçã da cõuerfaçã | dos monges. [...] Capitulo primero. [...]

fl. lx vo. [...] Deo gratias.

Gravura que representa Nossa Senhora com o Menino Jesus[2].

fl. lxj. Começa fe ho liuro da vida | folitaria Compofto per ho reuerẽdo | padre dom Lourenço juftinia‑ | no primeiro Patriarca | de Veneza. | Prologo. [...]

fl. xciiij vo. [...] Deo gratias | Foy imprimida a prefente obra em ho infigne | moefteyro de fctã Cruz: da muy nobre ꝛ fem‑ | pre leal Cidade de Coimbra. per Germã | galharde. Em o ãno de noffo fe | nhor Iefu chrifto mil ꝛ | quinhẽtos ꝛ trinta | ꝛ huũ a. xxviij. | dias de | abril.

[fl. 1]

Gravura representando S. Agostinho (?), enquadrada por uma portada identica á da folha do rosto, mas sem a Cruz de Christo. (É a mesma gravura que a do frontispicio do nosso exemplar do Efpelho de Criftina.*)*[3]

Folio—[1], xciiij, [1] folhas—2 columnas—50 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: A primeira folha não tem numeração nem assignatura; A, 9 folhas; B–L, 8 folhas cada caderno; M, 6 folhas; total de 96 folhas; a folha C tem assignatura errada E.

Encadernado de marroquim vermelho.

Folio—[1], xciiij, [1] leaves—double columns—50 lines—Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: The first leaf is unnumbered and has no signature mark; A, 9 leaves; B–L, each 8 leaves; M, 6 leaves; total 96 leaves; leaf C is wrongly marked E.

Bound in red morocco.

[1] *Woodcut of the Crucifixion, with the Virgin and St John at the foot of the Cross, surrounded by twelve small woodcuts of the twelve apostles.*

[2] *Woodcut of the Madonna and Child.*

[3] *Woodcut of St Augustine (?) within the same border as on the title-page, but without the Cross of Christ. (This is the same woodcut as appears as the frontispiece of our copy of the* Efpelho de Criftina.)

A *Regra dos Monges* é uma obra rara que, alem do seu valor litterario e historico, desperta o nosso interesse em vista dos personagens que se encontram intimamente associados como a sua publicação em Portuguez. Referem-se a este livro, entre outros, Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 561), Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 125), Brunet (*Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, t. III, coln. 618) e Innocencio. Este ultimo bibliographo diz, no vol. II do seu *Diccionario*, pag. 63: "É obra rara, e tida sempre em estimação, como um dos mais antigos monumentos da nossa linguagem." No catalogo Palha (nº 42) menciona-se, com a seguinte nota, um exemplar que se encontra n'essa Bibliotheca:

"Édition originale, extrêmement rare, d'une traduction précieuse par son ancienneté, et surtout par la pureté du langage, qui a mérité de l'Académie des Sciences de Lisbonne, de Barbosa, Brunet, Innocencio et d'autres, des louanges les plus justifiées."

Segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 593) conhecem-se os seguintes exemplares d'esta obra: dois na Bibliotheca Nacional de Lisboa e na Bibliotheca de Evora; e um exemplar em cada uma das seguintes Bibliothecas: Archivo Nacional, Porto, Ajuda, Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, e Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro. A estes exemplares ha a accrescentar o da Bibliotheca Palha e o nosso. É interessante notar que a gravura de Santo Agostinho da *Regra dos Monges* é identica á gravura do mesmo Santo no exemplar que possuimos do *Efpelho de Criftina* (ver as nossas notas sobre esse livro) impresso em 1518 por Hermão de Campos.

Nas nossas notas sobre o *Manipulus curatorum*, já nos referimos á *Regra dos Monges*, por ser um dos muitos exemplos que demonstram ter Galharde empregado material de que outros impressores se tinham servido. A gravura do Senhor Crucificado, com Nossa Senhora e S. João, que

The *Regra dos Monges* is a rare work and, besides its literary and historical associations, it derives a special interest from the personages who are connected with its publication in Portuguese. Among those who refer to the book are Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 561), Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 125), Brunet (*Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, vol. III, col. 618) and Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 63) who says: "It is a rare work and has always been esteemed as one of the most ancient monuments of our language." A copy is mentioned in the Catalogue of the Palha Library (no. 42) with the following note:

"Édition originale, extrêmement rare, d'une traduction précieuse par son ancienneté, et surtout par la pureté du langage, qui a mérité de l'Académie des Sciences de Lisbonne, de Barbosa, Brunet, Innocencio et d'autres, des louanges les plus justifiées."

Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 593) say that there are two copies in the National Library at Lisbon and also in the Evora Library, while the Archivo Nacional, the Oporto and Ajuda Libraries, the National Library at Rio de Janeiro and the Gabinete Portuguez de Leitura in the same city, have one copy each. It is interesting to note that the woodcut of St Augustine in the *Regra dos Monges* is exactly the same as the woodcut of that Saint in our copy of the *Efpelho de Criftina* printed in 1518 by Hermão de Campos.

In our notes on the *Manipulus curatorum* we quoted the *Regra dos Monges* as one of the most typical examples of Germão Galharde's habit of appropriating other printers' material to his own use. The woodcut of Our Lord on the Cross, with the Virgin Mary and St John, with which Galharde had already illustrated the *Breviarium*

Galharde já usára no *Breviarium Sancte Crucis*, é absolutamente a mesma que Cremona empregou, em 1513, na sua *Legẽda dos ſãtos martires*: da mesma maneira, quasi todas as lindas lettras capitaes da *Regra dos Monges* fôram tiradas da *Legẽda* de 1513. Repetimos: Galharde não foi um creador: apropriou-se, ou attribuiu-se, as producções dos impressores que o tinham precedido na "nobre arte impreſſoria."

Na folha primeira, que aqui reproduzimos, temos, por assim dizer, a historia d'este livro. É interessante notar que foi devido ao Infante D. Henrique, filho d'El-Rei D. Manuel, e especialmente ao Prior D. Dionysio de Moraes (de quem já fallámos ácerca do *Breviarium Sancte Crucis*), que a traducção em Portuguez escripta pela Infanta D. Catharina foi impressa nos prelos do convento—os primeiros que existiram em Coimbra—sessenta e oito annos depois da morte da illustra Princeza. Ignora-se a data em que a Infanta compoz a sua versão em linguagem da *Regra dos Monges*, mas é licito suppôr que terá sido em 1462 ou 1463, quando já estava, possivelmente, retirada no convento de Santa Clara em Lisboa. D. Antonio Caetano de Sousa, na sua *Historia Genealogica* (vol. II, p. 655), escreve:

"Foy a Infanta D. Catharina, filha delRey D. Duarte, e naſceo a 25. de Novembro de 1436. Creou-ſe debaixo da tutela da Rainha D. Leonor, ſua mãy, que lhe deu por Aya a Maria Nogueira, irmãa do Arcebiſpo D. Affonſo Nogueira, e mulher de Vaſco Martins de Albergaria, Camereiro môr do Infante D. Henrique; teve por Meſtre ao Cardeal D. Jorge da Coſta, que no ſerviço da Infanta creſceo em lugares de ſorte, que veyo a ſer o Eccleſiaſtico mais poderoſo deſte Reyno...Foy ſeu Meſtre, Capellaõ, e Confeſſor, à qual inſtruîo em coſtumes ſantos, e na lingua Latina em que ſahio taõ verſada, que traduzio na Portugueza o Livro da Regra, e perfeiçaõ dos Monges, que compoz S. Lourenço Juſtiniano, primeiro Patriarcha de Veneza, o qual ſe imprimio no Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, por Germaõ Galharde no anno de 1531. por ordem do Prior D. Dionyſio."

Sancte Crucis is absolutely the same as that which João de Cremona used in his *Legẽda dos ſãtos martires* in 1513; similarly, almost all the beautiful capital letters in this *Regra* were taken from the same source. We repeat: Galharde was not a creative printer, he simply adapted the productions of other printers to his own needs.

A kind of summary of the history of this book is given on its first page (which we reproduce). It is interesting to note that it was due to King Manuel's son, the Infante D. Henrique, and more especially to the Prior D. Dionysio de Moraes (see our notes about the *Breviarium Sancte Crucis*) that this Portuguese translation written by the Infanta Dona Catharina was published sixty-eight years after her death, at the convent of Santa Cruz, where the first printing-press in Coimbra was set up. The date when the Infanta made her version is unknown; but it is permissible to suppose that she did so in 1462 or 1463 when she was possibly already living in retirement at the Santa Clara convent at Lisbon. Dom Antonio Caetano de Sousa (*Historia Genealogica*, vol. II, p. 655) writes:

"The Infanta Dona Catharina was the daughter of King Duarte, and was born on November 25th, 1436. Her mother Queen Leonor superintended her upbringing and chose D. Maria Nogueira, sister of the Archbishop D. Affonso Nogueira, and wife of the Infante Dom Henrique's Lord Chamberlain, Vasco Martins de Albergaria, to be her lady-in-waiting. Her tutor was Cardinal Dom Jorge da Costa, who rose to such high positions in the Princess's service that he eventually became the most powerful ecclesiastic in the country....He was her Master, Chaplain and Confessor and taught her how to live as a Christian, besides instructing her so thoroughly in the Latin tongue that she was able to translate into Portuguese the book which St Lawrence Justinian, first Patriarch of Venice, wrote on the way of perfection for monks, which (translation) was printed by Germão Galharde in the monastery of Santa Cruz at Coimbra in 1531, by order of the Prior Dom Dionysio."

Esta Princeza viveu na epocha da Regencia do seu admiravel tio, o Infante D. Pedro, e durante parte do reinado de D. Affonso V, ainda nos bellos tempos da Cavallaria: conheceu certamente o outro tio, o genial Infante D. Henrique: de mais a mais, a sua Aya era casada com o Camareiro Mór do Navegador. Sendo tão versada na lingua Latina, é provavel que tenha conhecido na Côrte o mestre de seu irmão D. Affonso V, Mattheus de Pisano, o auctor do *De Bello Septensi*, de que nos occupámos largamente. Diz ainda Sousa, que:

"Em duas occaſioens memoraveis achamos a Infanta; a primeira, quando contava quinze annos, mas muitos de belleza, e virtudes, acompanhando a Emperatriz D. Leonor, ſua irmãa, à Sé de Lisboa...a ſegunda, quando a 3. de Mayo de 1455. ſendo de dezanove annos foy madrinha do Principe D. Joaõ, ſeu ſobrinho, moſtrando em todas as occaſioens a ſoberania real da ſua peſſoa."

Se tivesse vivido mais alguns annos, poderia ter tido um legitimo orgulho no seu afilhado, o Principe Perfeito!

Em 1461 tratou-se do casamento de D. Catharina com D. Carlos, Principe de Navarra, filho de D. João II de Aragão e Navarra e de sua primeira mulher a Rainha D. Branca, filha de Carlos III de Navarra, viuva de Martinho, o jovem Rei de Sicilia. Tendo morrido o Principe de Navarra, concertou-se o casamento da Infanta com Eduardo IV de Inglaterra: estava já então a Princeza no convento de Santa Clara em Lisboa, e alli adoeçeu de "febre," fallecendo a 17 de Junho de 1463 "com nome de muy honeſta e virtuoſa Prynceſa," como escreve Ruy de Pina na sua *Chronica do Senhor Rey Dom Affonſo V* (cap. CXLVI). Foi enterrada no mosteiro de Santo Eloi, e Damião de Goes, na sua *Chronica do Principe D. Ioam* (1567, fl. 19 v°), conta que jaz

"em hũa ſepultura de pedra que ho Cardeal de portugal dõ George da coſta ſeu meſtre, & capel-

This Princess lived in the era of chivalry when her uncle Dom Pedro was acting as Regent and during part of Dom Affonso V's reign, and she was probably well acquainted with her other gifted uncle, Prince Henry the Navigator, particularly as her lady-in-waiting happened to be married to his Lord Chamberlain. Then being such an excellent Latin scholar she must have come into contact with the tutor of her brother D. Affonso V, Mattheus de Pisano, the author of *De Bello Septensi* which we have already described. Sousa also says that:

"We find the Infanta present on two memorable occasions; once when she was only fifteen years old but very beautiful and virtuous for her age, when she accompanied her sister the Empress Leonor to Lisbon Cathedral...the second time was when, on May 3rd, 1455, at nineteeen years of age, she became godmother to her nephew Prince João; and on both occasions she conducted herself with a sovereign dignity befitting her Royal estate."

Had she lived longer, she could indeed have been proud of her godson the Perfect Prince!

In 1461 a marriage was projected between Dona Catharina and Prince Charles of Navarre, the son of John II of Aragon and Navarre and his first wife Queen Blanche, the daughter of Charles III of Navarre, and widow of Martin the young King of Sicily. But as this Prince died, arrangements were made for the Princess to marry King Edward IV of England: however she had by this time retired to the convent of Santa Clara at Lisbon, and there she fell ill with a "fever" and died on June 17th, 1463, "with the reputation of being a very chaste and virtuous princess" as Ruy de Pina writes in his *Chronica do Senhor Rey Dom Affonſo V* (chap. CXLVI). She was buried in the monastery of St Eloi, and Damião de Goes, in his *Chronica do Principe D. Ioam*, 1567 (fl. 19 vo.), says that she lies

"in a stone sepulchre which her tutor D. George da Costa, the Cardinal of Portugal caused to be erected there, to repay in some

lão que fora, por gratificar em parte has merçes que della reçebera lhe, alli mãdou fazer...."

O grande interesse da versão Portugueza da *Regra dos Monges* deriva, sem duvida, d'essa tra-ducção ter sido escripta pela filha d'El-Rei D. Duarte, o auctor do *Leal Conselheiro*; e sendo uma bella obra, Innocencio (*loc. cit.*) tem razão em chamar-lhe, "um dos mais antigos monu-mentos da nossa linguagem." Ao seu valor junctam-se circumstancias que o realçam: o ter sido a obra impressa em Santa Cruz de Coimbra por ordem de D. Dionysio de Moraes, um protector das lettras. Mas alem d'isso, uma outra figura desperta a nossa attenção: a do mestre da Infanta, D. Jorge da Costa, personagem tão notavel nos seculos XV e XVI, de quem muitos escriptores se teem occupado. Tendo elle sido o mestre da Infanta, o seu nome encontra-se, in-directamente que seja, associado com a versão em linguagem da *Regra dos Monges*, pois, segura-mente, terá revisto o manuscripto da sua Real dis-cipula. Damião de Goes (*Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566, Parte I, cap. XV, fl. 12) diz-nos:

"Dom George da cofta Cardeal de Portugal, homẽ que pofto que nafçeffe de gente muĩ baixa, popular, & pobre, depois de fer capellão & meftre d̃fta fenhora (a Infanta D. Catharina) veo por feu faber, & induftria a fer Cardeal, & teue tanta authoridade ẽ Roma, & neftes regnos, afsi no cõfiftorio dos Papas, quomo no confelho delRei dõ Afonfo, que quando fe nelles achaua, era hũa das peffoas de cujo voto fe fazia mais conta, porq̃ ha muita prudẽçia, & experiẽçia q̃ nelle hauia dos negoçios daquelle tẽpo, & difcurfo das coufas paffadas lhe faziã pela mór parte dar ho milhor pareçer, do que fe com elle fobrellas confultava."

D. Jorge da Costa, o Cardeal de Alpedrinha, assim designado por ter nascido n'aquella villa em 1406, foi, como diz Fortunato de Almeida na sua *Historia da Igreja em Portugal* (vol. II, p. 505), "um dos prelados mais notáveis da Igreja cathólica nos fins do século XV e princí-pios do XVI." Foi, como já dissemos, mestre da

measure the many kindnesses he had received at her hands...."

This ancient masterpiece of Portuguese prose which, at the instance of D. Dionysio de Moraes, was printed in the Santa Cruz monastery at Coimbra, derives its chief interest from the fact that it was written by the daughter of King Duarte, the author of the *Leal Conselheiro*; and Innocencio (*loc. cit.*) rightly calls it "one of the most ancient monuments of our language." But there is another striking figure, who, though only indirectly connected with this translation of the *Regra dos Monges*, was yet such a notable personality in the XVth and XVIth centuries that he cannot be passed over without mention: we refer to Dom Jorge da Costa, who in his capacity as tutor to the Princess must surely have revised her manuscript. Damião de Goes (*Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566, Part I, cap. XV, fl. 12) says:

"The Cardinal of Portugal, Dom George da Costa, was of very humble origin, as his parents were poor working-class people; but through his learning and industry he rose from being chap-lain and tutor to this lady (the Infanta Dona Catharina), to the rank of Cardinal. He ob-tained such ascendancy, both in the Papal Consistory at Rome and in King Affonso's Council in this country, that when he was present at the meetings he was one of those whose vote carried the most weight, because he was so astute and experienced in the business affairs of the time, and could discourse so learnedly on past happenings, that when he was consulted on any matter his opinion was generally the most valuable."

Dom Jorge da Costa, or the Cardinal of Alpedrinha, as he was called by reason of his birth in that village in 1406, was, as Fortunato de Almeida says in his *Historia da Igreja em Portugal* (vol. II, p. 505), "one of the most re-markable prelates in the Catholic Church at the end of the XVth century and the beginning of the XVIth." As we have already stated, he was

nossa Infanta, juncto de quem principiou a sua extraordinaria situação: depois da Infanta ter fallecido, ou pelo menos no anno da sua morte, em 1463, D. Jorge foi nomeado Bispo de Evora e, no anno seguinte, Arcebispo de Lisboa: era confessor d'El-Rei e o seu conselheiro: esse valimento levou D. Affonso V, em 1476, a obter para o seu favorito o chapeu de Cardeal, com o titulo dos Santos Martyres Marcello e Pedro. Mas se D. Jorge da Costa era o conselheiro de D. Affonso V, D. João II, já como Principe, e depois como Rei, mostrou-lhe sempre uma profunda antipathia. Goes, no capitulo acima citado da *Chronica DelRei dom Emanuel*, escreve a este respeito:

"Mas poſto que nelle (D. Jorge da Costa) houueſſe eſtas partes, & outras muitas dignas đ louuor, elRei dom Ioam ſendo prinçipe, & depois de ſer Rei, lhe teue ſempre odio, por algũs reſpeitos particulares, & nunca delle, nem de ſeu ſeruiço, & amizade fez cabedal."

D. Jorge da Costa era o conselheiro predilecto de D. Affonso V: isso póde ter sido um dos motivos da inimizade de D. João II: mas outras razões devem ter existido. Chronistas e outros auctores teem-se referido a incidentes que, segundo a tradição, tiveram logar entre D. João II e o Cardeal. Garcia de Resende, na sua *Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo* (1545, cap. XVIII), escreve:

"HO principe nunca foy contente das couſas do cardeal de Portugal dõ Iorge da coſta/ nẽ lhe parecia bem amuita honrra que elrey ſeu pay lhe fazia mays do que era rezam: com que o cardeal ſe moſtraua rijo/ ꝛ fazia algũas couſas mais ſolto do que deuia/ de que ho principe tinha deſprazer por elrey lhas conſentir. E eſtãdo el rey em Almeirim andando paſſeando no campo/ ho principe ſe apartou com o cardeal a cauallo/ ꝛ foram paſſeando caminho de Santarem...ꝛ ſoo com o cardeal...paſſou a ponte dalpiarça. E foy reprehendendo muyto ho Cardeal com palauras aſperas ꝛ feas eſtranhandolhe has couſas que

tutor to Dona Catharina, and it was in her service that he began his extraordinary career: when she died, or at least in the year of her death, he was appointed Bishop of Evora, rising to be Archbishop of Lisbon in the following year. He was confessor and counsellor to Dom Affonso V, who held him in such esteem that in 1476 he obtained his appointment to the dignity of Cardinal, with the title of the Holy Martyrs Marcellus and Peter. But though Dom Jorge found such high favour with Dom Affonso V, Dom João II always looked upon him with profound antipathy. Goes, in the above-quoted chapter of his Chronicle, writes:

"But though he (Dom Jorge da Costa) had all these good qualities, and many more equally deserving of praise, King João, when he was a Prince and after he became King, always hated him for some private reasons and never valued his services or his friendship."

The fact that D. Jorge was his father's favourite counsellor may have been one reason for D. João II's intense dislike, but such enmity must have been actuated by other motives as well. Chroniclers and other authors refer to several traditional encounters between King João II and the Cardinal; Garcia de Resende (*Vida ꝛ feitos del rey Dom Ioão o ſegundo*, 1545, chap. XVIII) relates:

"The Prince was never pleased with the actions of the Cardinal of Portugal, Dom Jorge da Costa, and it seemed to him wrong that the King his father should honour the Cardinal so immoderately as he did. And when Dom Jorge became in consequence somewhat arrogant, and did things with more freedom than was proper in his position, the Prince was annoyed that his father should countenance such behaviour. Once when the King was taking the air in the country near Almeirim, the Prince broke away from the rest with Dom Jorge, on horseback, and they turned in the direction of Santarem and he crossed the bridge of Alpiarça alone with the Cardinal. As they went along he rebuked his companion with harsh and ugly

fazia...z lhe dise. Pera que he nada se nam a hum Cardeal tam mal ensinado/ desagradecido z de maa condiçam/ mandallo tomar por quatro moços desporas z afogallo ẽm hum rio z dizer que cahio z se afogou por desastre."

Passou-se assim? É possivel, mas Garcia de Resende, por qualquer motivo, tambem não morria d'amores por D. Jorge: talvez seguisse os sentimentos do seu Real amo. Não foi certamente com sympathia que escreveu (*Miscellanea*, 1554, fl. xiij):

> "Hũo clerigo natural
> da villa de alpedrinha
> vijmos caa ser Cardeal
> em pouco tempo & asinha
> cardeal pe portugal:
> teue dous arcebispados
> abadias & bispados
> fez dous hirmãos arcebp̃os...."

A outro facto se referem diversos auctores. D. Affonso V regressava de França. O Principe D. João, por ordem do pae, tinha-se feito acclamar Rei: subitamente recebe a nova do desembarque de D. Affonso em Cascaes. Passeando á borda do rio com o Duque de Bragança e o Cardeal da Costa (diz-se que tambem estava presente o Bispo de Evora, D. Garcia de Menezes), D. João perguntou o que devia fazer. O Duque de Bragança respondeu que devia receber D. Affonso, como seu Rei e como seu pae. Não gostou D. João da resposta, e n'um impeto, lançou com força uma pedra ao Tejo. Vendo o gesto, o Cardeal segredou ao ouvido do Duque: "esta pedra não me dará a mim na cabeça!" É verdade ou simplesmente uma anecdota? A verdade é que, pouco depois, o Cardeal partia para Roma, donde jamais regressou e...o Duque de Bragança tinha a cabeça degollada em Evora, e D. Garcia de Menezes morria de peçonha no poço do Castello de Palmella! Diz com razão Sabugosa (*Gente d'Algo—Excellente Senhora*) ácerca da ida de D. Jorge da Costa para Roma: "Não foi certa-

words, blaming him severely for his actions, and finally saying to him: 'When a Cardinal is as badly educated, ungrateful and ill bred as you are, it is nothing to command four grooms to take and drown him in a river, and to say that he fell in and was drowned by accident.'"

It is quite possible that an interview like the one described above, did take place; but Garcia de Resende was not an entirely unprejudiced writer, for he seems to have shared his master's feelings of ill will towards Dom Jorge, and it was certainly not in a friendly spirit that he wrote (*Miscellanea*, 1554, fl. xiij):

"We have seen a clergyman, born in Alpedrinha, rise very quickly to be cardinal, Cardinal of Portugal: he had two archbishoprics as well as abbeys and bishoprics, he made two brothers archbishops...."

Another incident is often described. Dom Affonso V was returning from France. Prince João, at his father's desire, had proclaimed himself King; then one day, while Dom João was strolling by the river with the Duke of Bragança, Dom Jorge da Costa, and possibly also Dom Garcia de Menezes, Bishop of Evora, news was brought that Dom Affonso had arrived at Cascaes. Dom João asked his companions what he ought to do, so the Duke of Bragança answered that he should receive Dom Affonso as his King and as his father. The Prince was ill pleased with this reply, and seizing a stone, flung it far into the Tagus. The Cardinal noticed the action and whispered in the Duke's ear: "That stone is not going to hit my head." Though this episode may be partly fictitious, it is a curious coincidence that the Cardinal soon afterwards went to Rome, never to return, and the Duke of Bragança was beheaded at Evora, while Dom Garcia de Menezes died of poison at the bottom of a well in Palmella Castle. Sabugosa (*Gente d'Algo—Excellente Senhora*) says rightly that this reply cannot have been the sole

mente só por esta resposta; mas os motivos accumulavam-se."

Sobre a sua estada em Roma escreve Fortunato de Almeida (*ob. cit.* p. 506):

"Na cúria alcançou D. Jorge da Costa a mesma fortuna que lograra na côrte de D. Affonso V, sendo muito bem recebido por Xisto IV e egualmente estimado e considerado por Innocéncio VIII, Alexandre VI e Júlio II. De alguns d'estes pontífices teve privança e grande valimento, de modo que se tornou verdadeiro árbitro de muitos negócios, especialmente dos que respeitavam a Portugal; e refere-se até que teve grande influéncia na eleição de Innocéncio VIII e que, ao ser eleito Alexandre VI, dispôs da eleição, podendo, se quisesse, fazer que ella recaísse na sua própria pessoa. Conta-se tambem que, eleito Júlio II, e indo D. Jorge da Costa beijar-lhe o pé, o novo papa lhe dissera: *Amigo, esta cadeira a vós se devia e vós m'a destes; eu serei papa no nome e vós na realidade.*"

El-Rei D. Manuel empregou o Cardeal da Costa em Roma, onde, graças á sua grande influencia, lhe prestou importantes serviços, entre os quaes, obteve que os Cavalleiros de Christo e d'Aviz podessem casar. Contudo, quando se tratou da renuncia de D. Jorge da Costa do Arcebispado de Lisboa, El-Rei D. Manuel escreveu, em 1502, ao Cardeal em termos asperos, dizendo:

"os dias paſados eu tyue com juſta cauſa muyto eſcandallo da forma em que quyſestes que as couſas do arcebiſpado de lixboa paſaſem, fazendo ſe nelas tam pouca mençam de mym como ſe nom teuera parte neſte Reyno" (*Corpo diplomatico*, t. I, p. 25).

D. Jorge foi Arcebispo de Lisboa e de Braga, e Bispo de Evora, Faro e Ceuta. A 19 de Setembro de 1508 falleceu em Roma com 102 annos, sendo enterrado na capella de Santa Catharina da Egreja de Nossa Senhora do Popolo. O Cardeal de Alpedrinha foi na verdade um personagem extraordinario, que viu cinco reina-

cause of Dom Jorge's going to Rome, but reasons accumulated.

Fortunato de Almeida (*op. cit.* vol. II, p. 506) writes:

"Dom Jorge da Costa found the same favour awaiting him at the Papal court as he had enjoyed under Dom Affonso V, for he was very well received by Sixtus IV, and equally esteemed and considered by Innocent VIII, Alexander VI and Julius II. He became such a valued and trusted friend to some of these Pontiffs that he was the virtual arbiter in many questions, particularly those concerning Portugal. It is even said that he had great influence in the election of Innocent VIII, and that when Alexander VI was elected, the whole issue lay in his hands and he could, had he wished, have caused the choice to fall upon himself. It is also recounted that when he went to kiss the foot of the newly elected Julius II the Pope said: *My friend, this chair ought to have been yours, and yet you gave it to me; I will be Pope in name only, but you shall be the real Pontiff.*"

His influence in Rome enabled the Cardinal to be of great service to King Manuel, who obtained many benefits through him, among them being the right to marry for the Knights of the Orders of Christ and Aviz. But when, in 1502, Dom Jorge's renunciation of the Archbishopric of Lisbon was under consideration, King Manuel wrote most severely to him, saying:

"I have lately been most justly scandalised by the way you wished to arrange the matter of the Archbishopric of Lisbon, taking me into as little account as though I had nothing to do with this kingdom" (*Corpo diplomatico*, vol. I, p. 25).

Dom Jorge, who had been Archbishop of Lisbon and Braga, and Bishop of Evora, Faro and Ceuta, died in Rome on September 19th, 1508, at the age of 102, and was buried in the chapel of St Catharine in the Church of Our Lady of the People. Perhaps the fact that the



169 Gravura no verso da folha do rosto da *Regra dos Monges* de D. Catharina, Infanta de Portugal
Woodcut on the back of the title-page of the *Regra dos Monges* of D. Catharina, Infanta of Portugal
Coimbra, 1531



170 Gravura da *Regra dos Monges* de D. Catharina, Infanta de Portugal
Woodcut from the *Regra dos Monges* of D. Catharina, Infanta of Portugal
Coimbra, 1531







171 Lettras capitaes da *Regra dos Monges* de D. Catharina, Infanta de Portugal
Initial letters from the *Regra dos Monges* of D. Catharina, Infanta of Portugal
Coimbra, 1531

¶ Começaſe ho pꝛologo em ho li- uro que ſe eſcreue da regra ⁊ perfeyçam da con- uerſaçam dos monges. ho qual liuro foy copi- lado per ho reuerendo ſenhoꝛ Lourenço Juſ- tiniano pꝛimeyꝛo patriarcha de vene- za que foy dos pꝛimeyꝛos funda- doꝛes da cōgregaçam de ſam Joꝛge em alga.

Pꝛologo.

A Bondade diuinal querēdo gualar- doar as almas dos eſcolhidos cō çeleſtiaes riquezas. em quanto viuem em eſta carne moꝛtal. nom ceſſa de os enriqueçer com dões ſpirituaes. poꝛ que exercitados per elles dandoſe aos pꝛoueytos dos pꝛoximos: ſejam feitos fazedoꝛes da ley de deos ⁊ obꝛadoꝛes da ſaude dos irmãos. Certamente os ſpirituaes dões: poꝛ tanto ſam dados. poꝛq̄ muytos participem delles: ⁊ ſam paulo ho teſtemunha dizendo. A cada hū he dada declaraçam de ſpiritu: pera pꝛoueyto. A hū he dada palaura de ſabedoꝛia per ho ſpiritu: a outro ſermō de ſciēcia. ſegūdo eſſe meſmo ſpiritu. a outro fee. a outro graça de ſaude todo em huū ſpiritu. a outro obꝛa de virtudes. a outro pꝛophecia. a outro departiçam de ſpiritus a outros generos de linguoas. a outro interpꝛetações de ſermões. Eſtas couſas todas obꝛa hū ⁊ eſſe meſmo ſpiritu ſancto departindo a cada huūs aſſy como elle quer. E de parte elle certamēte os ſeus dões: nom poꝛque ſe eſcōdā. nē pera que ſejam ſem frugto mas poꝛ que dados aos pꝛoximos. façam fruyto ⁊ guanho aos ſeus poſſuidores. E em verdade a gram periguo ſe deſpoſſerom aquelles que reçebendo dões de deos: nom eſtudarō pera tirar alguū fruyto delles poꝛ gloꝛia do ſenhoꝛ. poꝛque quando elle fezer conta com os ſeus ſeruos. aos fies ⁊ ſolicitos dara honras perduraues. ⁊ aos infies ⁊ tibios: dara toꝛmētos ſem medida. Pera eſto certo outoꝛgua elle ſeus beneficios: pera que ſejam acreçentados em pꝛoueyto daquelles a que os da: ⁊ nom delle meſmo. poꝛ que dos beēs dos moꝛtaes: nom ha meſter ho ſenhoꝛ: ao qual todas as couſas ſeruem ſegundo a elle a pꝛaz: ⁊ ho ſeu querer he fazer. Delectaſe poꝛem que ho amoꝛ pꝛoueytoſo ſe exercite d̄ huūs ⁊ doutros. ⁊ ho que tem auondoſamente. dee a quem ho ha meſter: nom ſoomente a ſubſtancia tempoꝛal: mas ainda a graça ſpiritual ⁊ dões do ſpiritu ſancto que pꝛimeyramente ſam ſeruiços da ſua gloꝛia. Nenhūa couſa çertāmente aſſy offereçe louuoꝛes a deos: ⁊ ho demoſtra aſſy louuauel. como ha humildoſa comunicaçam com os irmãos em hos dões ſpirituaes. Daqueſtes ſe cria ha charidade que em

A

172 Pagina da *Regra dos Monges* de D. Catharina, Infanta de Portugal
Page of the *Regra dos Monges* of D. Catharina, Infanta of Portugal
Coimbra, 1531

dos e viveu o seculo mais admiravel da nossa historia. Causa assombro pensar que D. Jorge da Costa tinha nove annos quando teve logar a conquista de Ceuta, de que veiu a ser Bispo, Ceuta—a primeira pedra do edificio colossal do nosso Imperio, e que ainda viveu dez annos após o descobrimento do caminho maritimo para India! Teve o sentimento da gratidão mandando levantar o tumulo da sua Infanta, D. Catharina, e é n'uma capella de Santa Catharina que jaz: coincidencia, ou gratidão e saudade?

A *Regra dos Monges* é uma evocação do passado: ao voltar as paginas do livro, vêmos, na imaginação, personagens da nossa historia, entre os quaes, no primeiro plano, a Infanta D. Catharina e o seu mestre, o Cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa.

Saint of his burial-place bears the same name as his early benefactress is a sign of his everlasting gratitude and remembrance. The Cardinal of Alpedrinha lived through five reigns in the most glorious period of our history. It is wonderful to think that D. Jorge, who lived for ten years after the discovery of the maritime route to India, was nine years old when Ceuta, of which he was to become Bishop, was captured, Ceuta—the foundation stone of the vast edifice of the Portuguese Empire.

The *Regra dos Monges* evokes the past very vividly, and in turning its pages we see in imagination some of the great figures in our country's history, with Dona Catharina and her tutor Dom Jorge da Costa, the Cardinal of Alpedrinha, in the foreground.

¶ Foy imprimida a presente obra em ho insigne moesteyro de sctã Cruz: da muy nobre ⁊ sempre leal Cidade de Coimbra. per Germã galharde. Em o ãno de nosso senhor Jesu christo mil ⁊ quinhẽtos ⁊ trinta ⁊ huũ a. xxviij. dias de abril.

✠

173 Colophon da *Regra dos Monges* de D. Catharina, Infanta de Portugal
Colophon of the *Regra dos Monges* of D. Catharina, Infanta of Portugal
Coimbra, 1531



¶ Marco tulio cicerom de Amicicia
paradoxas ⁊ ſonho de Scipião. tira
do em lingoagẽ portugueſa p̱ Duar
te de Reſẽde caualeyro fidalguo da
caſſa del rey noſſo ſenhor.

174 Folha do rosto do *Marco tulio cicerom de Amicicia* de Duarte de Resende
Title-page of the *Marco tulio cicerom de Amicicia* of Duarte de Resende
Coimbra, 1531

28 DUARTE DE RESENDE, MARCO TULIO CICEROM DE AMICICIA, ETC.

Coimbra, Germão Galharde, 1531.

Marco tulio cicerom de Amicicia | paradoxas ꝛ ſonho de Scipião. tira | do em lingo⸗agẽ porttugueſa [sic] ꝑ Duar | te de Reſẽde caualeyro fidalguo da | caſſa del rey noſſo ſenhor.

Por cima, o brasão dos Resendes[1].

[fl. 1 vo.] Carta ſua a Garcia de Reſende fidal | go da caſa del rey noſſo ſenhor ꝛ eſcriuão deſua fa | zenda. ꝛc. A quẽ manda eſta obra enderẽçada. [...]

[fl. 2 vo.] Começa a vida de Marco tulio. [...]

[fl. 5] Lelio ou amicicia de marco tu⸗ | lio cicerõ enderençado a Ponpo⸗ | nio attico. Interlocutores. ſ. Lelio | fannio. Sceuolla. Começa em mo | do de argu⸗mento. [...]

[fl. 26 vo.] [...] Laus Deo.

[fl. 27] Aqui começa o ſonho de Sci | pião per Marco tulio cicerõ | do ſexto libro da Repu⸗ | blica. Comeca [sic] a fal | lar o menor | Scipião. [...]

[fl. 31 vo.] [...] Deo gratias.

[fl. 32] Paradoxas. | Palaura gregua que em noſſa linguajem quer | dizer ſentenças marauilhoſas: de Marco tulio ci | cerõ q̃ manda ꝛ eſcreue a marco bruto clariſſimo | baram Romano: [...] Proemio ꝛ argumento. [...]

[fl. 42] [...] Acabouſe de empremir a preſente obra de | Amicicia ꝛ ſonho de Scipião ꝛ Paradoxas | em a muy nobre ꝛ ſemꝑ leal cidade de Coim | bra ꝑ Germã Galharde. Tirada em lingoa | jẽ ꝑ Duarte de reſende caualeyro fidalgo da | caſa ꝺlrey noſſo ſõr aos .xxx. dias ꝺAgoſto | do anno de noſſo ſõr Ieſu xp̃o de .m. d. xxxj.

4º.—[42] folhas—35 linhas—caractéres gothicos de dois tamanhos, sendo menores os das notas marginaes—sem titulos correntes, nem reclamos.

Numeração dos cadernos: a, 4 folhas; b–e, 8 folhas cada caderno; f, 6 folhas; total de 42 folhas; a folha e 4 não tem assignatura.

Encadernado por Rousselle, em marroquim azul.

4to.—[42] leaves—35 lines—Gothic letter, mar⸗ginal notes printed in smaller type than the rest of the text—no headlines nor catchwords.

Collation by signatures: a, 4 leaves; b–e, each 8 leaves; f, 6 leaves; total 42 leaves; leaf e 4 has no signature mark.

Bound by Rousselle, in blue morocco.

[1] *Above is the coat of arms of the Resendes.*

Esta obra de Duarte de Resende é excessiva-mente rara: existe na Bibliotheca Palha um ex-emplar descripto no catalogo, nº 371, com a seguinte nota: "taches, raccommodages." Se-gundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 595), não se conhece um só exemplar nas Bibliothecas Pu-blicas de Portugal: o Museu Britannico tambem não possue, na sua riquissima collecção Portu-gueza, o livro de Duarte de Resende. O nosso exemplar, absolutamente perfeito e n'um admiravel estado de conservação, é o que per-tenceu á livraria de Joaquim Pereira da Costa, e que foi mencionado por Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 214). É uma preciosidade biblio-graphica e tem, por causa do seu auctor, um verdadeiro interesse historico.

Anselmo Braamcamp Freire (*Critica e His-toria—Estudos*) occupou-se detalhadamente de Duarte de Resende n'um capitulo intitulado "Dois Duartes de Resende." N'esse estudo vêmos mais um caso de homonimia: trataremos de outro identico, ácerca de Pedro Nunes. Tem-se feito uma confusão entre Duarte de Resende, natural de Evora, parente do illustre Garcia de Resende, que actualmente não nos interessa, e Duarte de Resende, o nosso auctor, de quem nos occuparemos unicamente, natural da Beira, que foi feitor nas Molucas, amigo e parente do grande chronista João de Barros. Anselmo Braamcamp mostra-nos a genealogia de Duarte de Resende, pela qual vêmos ser filho de Gonçalo de Resende, Cavalleiro da casa d'El-Rei, e de Brites Faresoa, que hoje diriamos Frazão. Por um documento datado de 1 de Junho de 1515, sabemos que Duarte de Resende já era, n'essa data, maior de vinte e cinco annos, visto ter tido procuração de sua mãe para receber umas tenças abrogadas. Nasceu pois, sem duvida, antes de 1491, e, segundo Braamcamp Freire, quasi com certeza em Lamego. Partiu para o Oriente, provavelmente na armada da qual era Capitão Mór Jorge de Brito, em 1520. Sabe-se que, tendo fallecido Jorge de Brito, foi substituido

This translation of *de Amicicia* by Duarte de Resende is an extremely rare work. The only other copy known is the one mentioned in the Palha Catalogue, no. 371, with the note "taches, raccommodages"; for there is none in the British Museum, nor, according to Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 595), in any of the Portuguese Public Libraries. The present copy, which is absolutely perfect and in a wonderful state of preservation, is the one mentioned by Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 214), which belonged to Joaquim Pereira da Costa. The book, besides being such a bibliographical treasure, derives a special historical interest from its author.

Anselmo Braamcamp Freire (*Critica e Historia—Estudos*) makes a detailed study of Duarte de Resende in a chapter headed "Dois (Two) Duartes de Resende." Here we see yet another instance of the homonymy which is so common in Portugal (we shall treat of a similar case when discussing Pedro Nunes). There were two contemporary Duarte de Resendes, and for a long time historians credited an obscure cousin of Garcia de Resende, living in Evora, with all the achievements of his more illus-trious namesake, who was friend and kinsman to the great chronicler João de Barros. The latter Duarte de Resende is the one in whom we are interested. Braamcamp Freire proves that this Duarte was the son of Gonçalo de Resende and Brites Faresoa, or, as we should spell it nowadays, Frazão. From a document dated June 1st, 1515, in which his mother gave him a power of attorney to receive certain annuities, we learn that our author was already over twenty-five years of age by this date. He must therefore have been born before 1491, and, according to Braamcamp Freire, almost certainly in Lamego. He prob-ably left for the Orient in the armada which set out in 1520, under the command of Jorge de Brito. We know that, on his death, Jorge was succeeded in command by his brother Antonio

por seu irmão Antonio de Brito, com quem Duarte de Resende chegou a Ternate, para desempenhar o seu cargo de escrivão da feitoria das Molucas. Pouco tempo depois deu-se o episodio interessante da chegada de Gonçalo Gomes de Espinosa na nau Trindade, que, destroçada, pedia soccorro: era a ultima, n'essas paragens, da armada de Fernão de Magalhães. Antonio de Brito enviou immediatamente auxilio aos Castelhanos; mas esse auxilio ia custando caro aos pobres arribados, e deveram a vida a Duarte de Resende: diz Barros, na sua *Decada* III, Liv. V, cap. X, fl. 153 (ed. 1563):

"O capitam Gonçallo Gomez mandáua pedir miſericordia polo eſtado em que ficáua: foy (Antonio de Brito) mandar hũa carauęlla com muytos mantimentos & anchoras pera a nao. E tras ella mãdou lógo Cachil Daroęz gouernador de Ternáte com algũas coracóras, que ſam grandes nauios de remo: & ttas [sic] elle foy dom Garcia Anrriquez em nauios pera trazerem a nao áquelle porto, & ſe nã perder de todo, como o meſmo Gonçallo de Eſpinoſa lhe mandaua requerer. E porque Cachil Daroęz per rezam dos ſeus nauios ſerem de remo, chegou primeiro á nao que a carauęlla de dom Garcia, como hómẽ que ſe queria moſtrar leal a nóſſas couſas, & eſtar muy eſcandalizado del Rey Almançor receber em ſeu regno os Caſtelhanos: entrando em a nao quiſęra cõ ſua gente de guęrra que leuáua fazer logo ſangue. E verdadeiramẽte ſe nam fora o feitor Duarte de Reſende, ao qual Antonio de Brito com çertos Portugueſes mãdou jr com elle: ſem duuida Cachil Daroęz ouuera de laurar do fęrro. Finalmente, entráda a nao, quando Duarte de Reſende vio a gente ouue grande piadade, porque os mais delles andáuam derreados que ſe nam podiam mouer ſe nam com ajuda, quaſy paraliticos: & ęram já mórtos trinta & ſęte hõmẽs...."

O nosso Duarte de Resende mostrou, n'esta conjectura, coragem e caridade.

Fallecendo de doença o feitor das Molucas,

de Brito, with whom Resende went to Ternate, where he was appointed to an important position in the factory of the Moluccas. Soon after their arrival news was received that the ship *Trindade*, commanded by Gonçalo Gomes de Espinosa, was near by and in need of help, as she was badly damaged and short of men: it was the last vessel from Magalhães' (Magellan's) armada to arrive in those latitudes. Antonio de Brito immediately dispatched some men in boats to the relief of the Spaniards; but at first this relief seemed likely to cost the sufferers dearly, and they owed their lives to Duarte de Resende. Barros describes the incident in the third *Decada*, Book V, chap. X (1563 ed.):

"Captain Gonçallo Gomez sent to ask for help in his miserable plight. So Antonio de Brito sent a caravel with many provisions, and some anchors for the ship, and after it he dispatched the governor of Ternate, Cachil Daroez, with some *coracóras*, which are large rowing boats; and after Daroez, went Dom Garcia Henriquez with ships to bring the damaged vessel into port, as Gonçallo de Espinosa had himself demanded, so that all should not be lost. Now Cachil Daroez in his rowing boats reached the ship before Dom Garcia's caravel; and, as a man who wished to show himself loyal to our cause, and being thoroughly scandalised that King Almançor should have welcomed the Spaniards to his kingdom, Daroez boarded the ship with the warriors he had brought with him, and made ready to fight. And verily, if it had not been for the factor Duarte de Resende, who, with a few Portuguese, had been commanded by Antonio de Brito to accompany the natives, Cachil Daroez would certainly have shed blood. When Duarte de Resende finally arrived on board the ship and saw the crew, he was filled with pity for them, for most of them were so reduced that they could not move without help, being almost paralysed: and thirty-seven men had already died...."

Our Duarte de Resende showed both his courage and his compassion in this episode.

When the factor of the Moluccas died,

Duarte de Resende tomou o seu logar, no qual permaneceu alguns annos. Em Ternate, deve ter recebido (como veremos ao tratar d'esse livro) o *Clarimundo* do seu amigo João de Barros: egualmente em Ternate, deve ter escripto parte, pelo menos, da sua traducção do tratado *de Amicicia*. Em 1527 entregou a feitoria das Molucas a Balthasar Rapozo, que acompanhára, como feitor, o Capitão D. Jorge de Menezes. Sabemos que só regressou a Portugal em 1530 ou 1531. N'esse anno, vamos encontral-o em Coimbra, seguindo a impressão do seu livro entregue a Germão Galharde. Pouco depois, em 1532, era egualmente publicada em Lisboa, pelo mesmo "imprimidor," a *Ropica pnefma* de João de Barros, dedicada a Duarte de Resende, seu amigo e parente, "de ſangue," como diz Barros na sua *Decada* IV. Após o seu regresso a Portugal, nada mais sabemos da vida do nosso auctor; ignora-se a data da sua morte, mas deve ter tido logar antes de 1563, anno em que foi publicada a terceira *Decada* de João de Barros, pois n'ella se refere a Resende, por fórma que indica já ter fallecido o seu amigo, visto dizer: "...elle em ſua vida daria...."

Na *carta* dirigida a Garcia de Resende, que pelo tom não indica parentesco nem mesmo grande intimidade com o chronista de D. João II, Duarte de Resende explica os motivos porque emprehendeu a traducção de Cicero:

"POrque aos mays dos homeẽs acõtece nã ter conhecimẽto das couſas ſe nam deſpoys q̃ com grande dãno ou proueyto ſeu: ſentẽ em ſy o mal ou bem q̃ dellas lhe vem: o q̃ na verdade nam deuia aſſy ſer: porq̃ ninguem deuia vſar da couſa ſem primeyro de ſua força ⁊ natureza ter conhecimento: ⁊ porq̃ geralmente da amizade todos vſão ⁊ muytos com grande dãno ſeu: ſendo couſa em q̃ ſe requere prudente conhecimento ſobre virtuoſa tenção. Por tãto eu por me parecer proueytoſo a noſſa nação purtugueſa

Resende succeeded to his office, and carried on his duties for some years. While in Ternate he must have received (as we shall see when treating of this book) a copy of *The Chronicle of Clarimundo* from his friend João de Barros, and must have written most of his translation of *de Amicicia*. In 1527 he handed over the factorship of the Moluccas to Balthazar Rapozo, who as factor had accompanied Captain Jorge de Menezes; but we know that Resende did not return to Portugal until 1530 or 1531. In this latter year we find him at Coimbra, superintending the printing of his book by Germão Galharde. Shortly afterwards, in 1532, the same printer published in Lisbon a book called *Ropica pnefma* by João de Barros, dedicated to his kinsman Duarte de Resende. We know nothing more about our author's life after his return to Portugal,—even the date of his death is not definitely established, though it must have been before 1563, the year when João de Barros published his third *Decada*, in which he speaks of his friend as already dead: "he, *when he was alive....*"

The general tone of Duarte de Resende's dedicatory letter indicates neither relationship nor even great intimacy with the chronicler Garcia de Resende to whom it is addressed; but it explains why Duarte undertook this translation of Cicero:

"Because it happens to most men that they have no knowledge of things until, with either great personal harm or profit, they have experienced for themselves the evil or the good which is derived from them. Now this really should not be so, for no one ought to make use of a thing without first having some understanding of its force and its nature. Friendship, for instance, is generally used by all, and by many with great personal harm, for it is a thing in which virtuous intentions must be accompanied by prudent knowledge. And because I thought it might profit our Portuguese nation, where I see this mistaken or hypocritical friendship among

[sic]: onde vejo em muytos eſta amizade andar errada ⁊ ſimulada."

Este ultimo paragrapho é notavel: representará uma idea em geral, ou terá uma significação especial a respeito dos tempos passados no Oriente? Referencia a Fernão de Magalhães e a Faleiro? A invejas, rivalidades, ambições? É possivel: em todo o caso, teem um valor especial as palavras escriptas em 1531, "a noſſa nação purtugueſa onde vejo em muytos eſta amizade andar errada ⁊ ſimulada." Proseguindo na sua dedicatoria, escreve Duarte de Resende: "Quiz empreguar minha ocioſidade em tirar de latim em noſſo lingoajẽ eſte pequeno tratado....A primeyra (cousa) he tirar-me de ocioſidade...." Esta ociosidade, sobre a qual insiste, refere-se seguramente ás longas horas vagas passadas em Ternate: a nosso ver, esta razão e a que atraz indicámos fôram, provavelmente, os motivos que levaram Duarte de Resende a traduzir em linguagem o tratado *de Amicicia*; diz-nos mais o auctor na carta dedicatoria:

"Quis ſoomente q̃ vieſſem por mĩ a luz eſtes de amicicia: paradoxas: ⁊ ſonho de Cipião [sic] por ſaber que atee aguora nã forã em lingoagẽ algũa traſladados: o q̃ nam fiz em os ꝺ officis ⁊ ſenectute. porq̃ eſtando pera os mãdar cõ eſtes impremir: os vi impreſos tirados em lingoagem caſtelhana: ⁊ poſto que minha traſladação ꝑa os noſſos podera ſer proueytoſa. cõ tudo me temi de parecer ſuꝑflua. ⁊ [o q̃ pior fora] tomada da outra."

É, pois, o proprio Resende que nos diz ter sido a sua traducção a primeira que se fez do tratado *de Amicicia*, o que augmenta o valor d'esta preciosidade bibliographica.

Existem poesias mais antigas de Duarte de Resende, a maior parte em Castelhano, que se encontram no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Depois da sua traducção do tratado *de Amicicia* de 1531, escreveu outra obra que, infelizmente, nunca foi impressa, e da qual não ha hoje

many, I wanted to fill up my hours of idleness by translating this little treatise on friendship, from the Latin."

The words "our Portuguese nation, where I see this mistaken or hypocritical friendship among many," are notable. Do they simply express a general idea, or have they a special reference to past times in the East? Perhaps they refer to Magalhães and Faleiro, to past jealousies, rivalries and ambitions. It is possible: in any case such words written in 1531 have a special value. Further on in the dedication Resende repeats that he made this translation to "prevent me from being lazy," referring most probably to his long leisure hours in Ternate where, as we said above, he must have written most of his translation. Again in the same dedicatory letter he says:

"I just wanted *de Amicicia*, *Paradoxas*, and the *Dream of Scipion* to come to light through me, for I knew that, until now, they had never been translated into any language, which was not the case with *De Officiis* and *De Senectute*, because, when I was preparing to send them to be published with these, I came upon a printed Spanish translation of them; and although my translation might have been profitable to our own people, yet I feared that it might have been considered superfluous, or (which would have been worse) to have been taken from the other."

So Resende himself tells us that this is the first translation ever made of *de Amicicia*, which fact adds to the already considerable interest of this bibliographical rarity.

Some early poems by Duarte de Resende are to be found in Garcia de Resende's *Cancioneiro Geral*, but most of them are written in Spanish. After the publication of his *de Amicicia* he wrote another work, which, unfortunately, was never published, and the manuscript of which is lost.

noticia. Segundo nos conta Manoel Severim de Faria, na *Vida de Ioão de Barros* (*Discvrsos Varios Politicos*, 1624, fl. 27 vº), o auctor da *Asia* encontrava-se em Pombal, na sua quinta da Ribeira de Alitem, para onde viera em 1530, fugindo a peste que grassava em Lisboa:

"Ali lhe mandou pedir Duarte de Refende, parente feu, alguã obra fua, pelo bem que lhe parecera o feu Clarimundo quando o vira em Ternate, donde hauia pouco que tinha vindo de feitor. Ioaõ de Barros por o comprazer acabou de compor hum Dialogo moral, que antes tinha começado, ao qual deftes dous nomes gregos *Rhopica*, & *Pnefmaticos*, fez per appofiçaõ hum compofto, de *Rhopica Pneuma*, a que em noffa lingua podemos chamar Mercadoria efpiritual.... Efta obra imprimio depois ẽ Lifboa ẽ Maio de 1532. dedicada ao mefmo Duarte de Refende, o qual por pagar a feu parente Ioão de Barros efte obfequio lhe dirigio tambẽ depois hũ tratado q̃ cõpos da nauegação q̃ Fernão de Magalhães, & feus cõpanheiros fizerão âs Ilhas de Moluco, como quẽ tiuera na mão todos os papeis, & roteiros daquella jornada, por então eftar feruindo de feitor da noffa fortaleza de Ternate."

Vimos atraz o papel desempenhado por Duarte de Resende, quando chegou ás Molucas a nau de Espinosa, facto narrado por Barros na *Decada* III (Liv. V, cap. X), e a que Damião de Goẽs tambem se refere na *Chronica DelRei dom Emanuel* (1566, Parte IV, cap. XXXVII). Na mesma *Decada*, escreve Barros ácerca de papeis encontrados na nau de Espinosa:

"...& affi ouue outros papẹes & liuros que Duarte de Refende feitor de Maluco recolheo do Aftrológo Andres de Sam Martim. Porque como ẹra latino & hómem eftudiofo das coufas do mar & Geographia, entendeo logo nellas: & vindo a efte Regno ouuemos delle algũus: principalmente hum liuro que elle Andres de Sam Martim efcreueo de fua mão, em o qual eftaa o defcurfo do caminho que fez & de todas fuas alturas, obferuações, & conjunções que tomou."

Manoel Severim de Faria in his *Vida de Ioão de Barros* (*Discvrsos Varios Politicos*, 1624, fl. 27 vo.) tells us how the author of the *Asia*, fleeing from the plague at Lisbon in 1530, went and settled at his estate near Pombal:

"And his kinsman, Duarte de Resende, sent thither to ask for some book of his, as he had so much enjoyed the *Clarimundo* when he read it in Ternate, whence he had but lately returned, having been factor there. João de Barros to please him finished writing a moral dialogue, which he had already begun, and for which, from the two Greek words *Rhopica* and *Pnefmaticos*, he evolved the composite title of *Rhopica Pneuma*, which we should call in our tongue, 'Spiritual Merchandise.'...This work was afterwards printed at Lisbon, in May, 1532, and dedicated to the same Duarte de Resende, who, to repay his kinsman's kindness, later dedicated to him a treatise on the voyage of Fernão de Magalhães and his companions to the Moluccas, which he wrote as he had to hand all the papers and log-books relating to the journey, because at that time he was acting as factor of our fortress in Ternate."

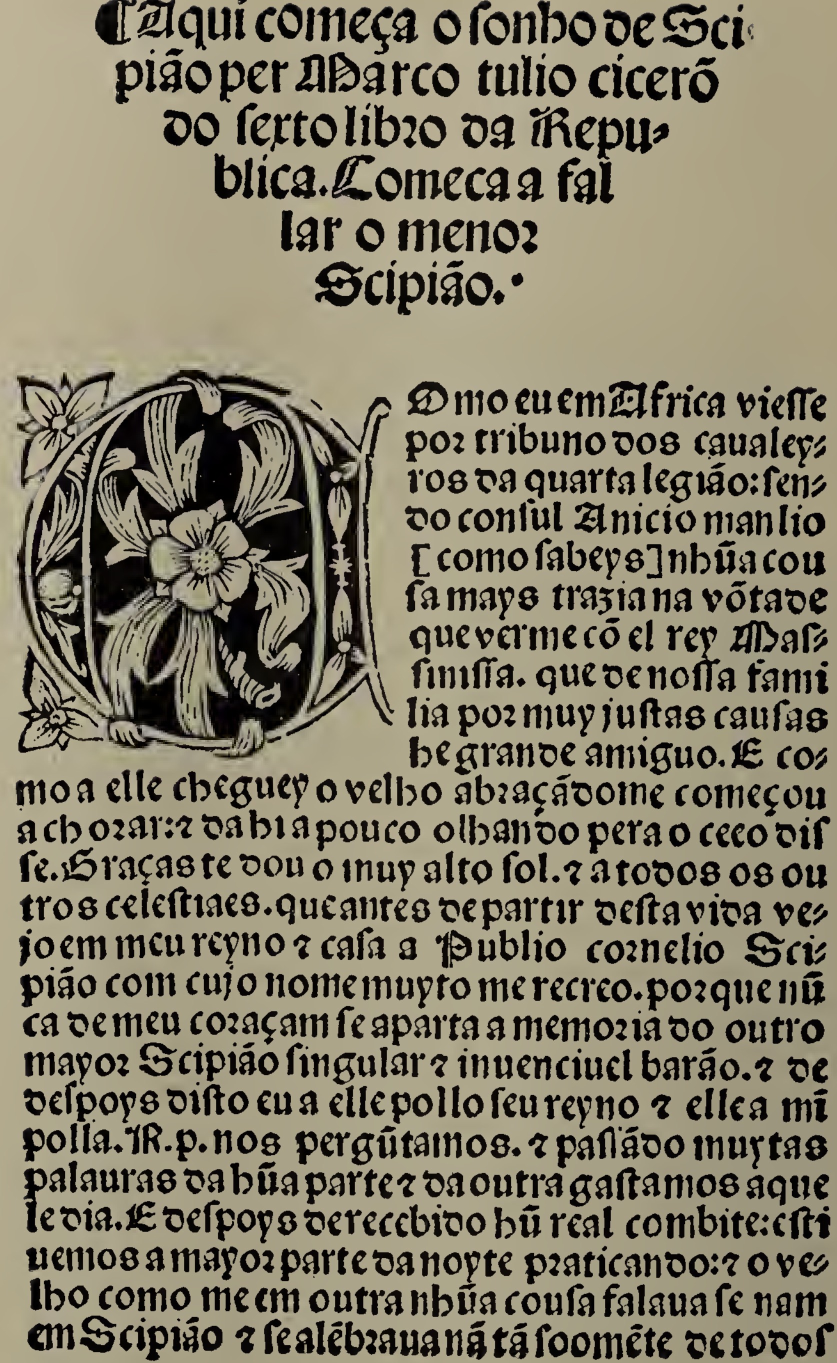
We have already quoted Barros' account of the part played by Duarte de Resende when Espinosa's ship reached Ternate; Damião de Goes also refers to the event in the *Chronica Del-Rei dom Emanuel* (1566, Part IV, chap. XXXVII). In the same third *Decada*, Book V, chap. X, Barros writes about the papers found in the *Trindade*:

"...and there were also other papers and books which Duarte de Resende, factor of the Moluccas, received from the astrologer Andres de Sam Martim; because being a Latin scholar, and learned in matters relating to the sea, and in Geography, he understood them: and when he returned home we obtained some of them from him, especially a book, which Andres de Sam Martim had written in his own hand, where the course he shaped on the voyage is described, together with all the altitudes, observations and counter-observations he took."

¶Lelio ou amicicia dē marcō tu-
lio cicerō enderençado a Ponpo-
nio attico. Interlocutores. ſ. Lelio
fannio. Sceuolla. Começa em mo
do de argumento.:.

Quinto mucio Sceuola d' Ga
yo lelio ſeu ſogro muytas
couſas ſoya muyto acordada
⁊ fermoſamēte cōtar. ⁊ em tu-
do o q̄ delle contaua nam du
uidaua chamarlhe ſapiente.
⁊ eu paſſados. xiiij. ānos deſ-
que tomey a togua viril: aſſi
fuy a elle per meu padre ētregue que nūca do ſeu
lado: quando licitamēte o podia fazer me partia:
aſſi que muytas couſas delle cō prudencia diſpu-
tadas. ⁊ outras breue ⁊ proueytoſamente ditas a
memoria encomēdey: porque trabalhaua cō ſua
prudencia me fazer mays prudente. ⁊ morto eſte
Quinto mucio paſeyme ao outro Sceuola pon-
tifice: ao qual ouſarey chamar hū dos milhores
de noſſa Cidade per ſeu engenho ⁊ juſtiça. mas
de aqueſte em outra parte direy. Aguora torno a
fallar do outro Sceuola de que açima diſſe. eſtē co
mo muytas vezes muytas couſas cōtaua alēbra-
me a mi que eſtando elle em huū pojal aſentado:
[como ſoya] E eſtando eu a hi ⁊ algūs poucos
familiares outros: veo ter em hūa pratica que em
tāo pella mayor parte ādaua em a boca de todos
[⁊ ſegūdo creo] a ti Pōponio attico alembrara
muy bē: porque vſauas muyto da amizade de Pu
blio ſulplicio. que ſēdo elle tribuno do pouo te-
ue grande diſſençāo ⁊ capital odio a quinto Pō
b

175 Pagina do *Marco tulio cicerom de Amicicia* de Duarte de Resende
A page from the *Marco tulio cicerom de Amicicia* of Duarte de Resende
Coimbra, 1531



¶Aqui começa o sonho de Sci-
pião per Marco tulio cicerõ
do sexto libro da Repu-
blica. Comeca a fal
lar o menor
Scipião.

COmo eu em Africa viesse
por tribuno dos caualey-
ros da quarta legião: sen-
do consul Anicio manlio
[como sabeys] nhũa cou
sa mays trazia na võtade
que verme cõ el rey Mas-
sinissa. que de nossa fami
lia por muy justas causas
he grande amiguo. E co-
mo a elle cheguey o velho abraçãdome começou
a chorar: ⁊ dahi a pouco olhando pera o ceeo dis
se. Graças te dou o muy alto sol. ⁊ a todos os ou
tros celestiaes. que antes de partir desta vida ve-
jo em meu reyno ⁊ casa a Publio cornelio Sci-
pião com cujo nome muyto me recreo. porque nũ
ca de meu coraçam se aparta a memoria do outro
mayor Scipião singular ⁊ inuenciuel barão. ⁊ de
despoys disto eu a elle pollo seu reyno ⁊ elle a mĩ
polla. R.p. nos pergũtamos. ⁊ passãdo muytas
palauras da hũa parte ⁊ da outra gastamos aque
le dia. E despoys de recebido hũ real combite: esti
uemos a mayor parte da noyte praticando: ⁊ o ve-
lho como me em outra nhũa cousa falaua se nam
em Scipião ⁊ se alẽbraua nã tã soomẽte de todos

176 Pagina do *Marco tulio cicerom de Amicicia* de Duarte de Resende
A page from the *Marco tulio cicerom de Amicicia* of Duarte de Resende
Coimbra, 1531



177 Lettra capital do *Marco tulio cicerom de Amicicia* de Duarte de Resende
Initial letter from the *Marco tulio cicerom de Amicicia* of Duarte de Resende
Coimbra, 1531

André de São Martin era, como diz Barros, "hómẽ docto na aſtronomia" (*ob. cit.* fl. 154 vº); tendo acompanhado Fernão de Magalhães na sua famosa viagem, morreu com o navegador na "jlha chamáda Subo." Foi pois, seguramente, baseado nos papeis de São Martin, que Duarte de Resende escreveu o tratado ao qual Barros se refere, dizendo:

"...Fica aqui dizer hũa couſa por hõrra de Duarte de Reſende, a que quęro acodir por razam de ſangue, & tambem das boas letras que tinha: elle me deregio hum tractado ſobre eſta nauegaçam de Caſtęlla..." (*ob. cit.* fl. 154).

É profundamente lamentavel que o *Tratado da navegação de Fernão de Magalhães*, composto por Duarte de Resende, pertença ao numero dos desapparecidos: teria sido, sem duvida, mais um valiosissimo documento a juntar a todos aquelles que provam os nossos descobrimentos, e demonstram que a sciencia Portugueza preparou sempre essas viagens.

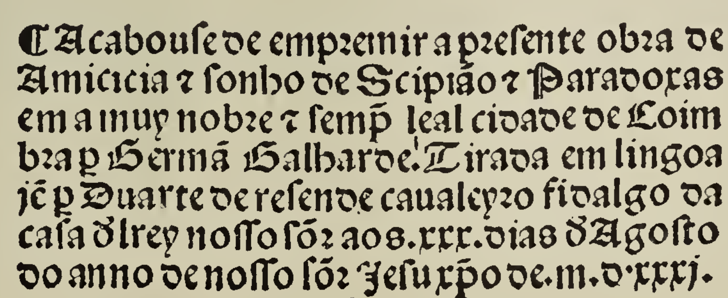
Andres de San Martin was, as Barros says (*op. cit.* fl. 154 vo.), "a man learned in the science of astronomy," who accompanied Fernão de Magalhães on his famous voyage, and died with him in the "island called Subo (Cebu)." Duarte de Resende's treatise was therefore based on the sure testimony found in San Martin's papers. This treatise is mentioned by Barros (*op. cit.* fl. 154), who says:

"There now remains a word to be said for the honour of Duarte de Resende, which I want to defend, both because he was my kinsman, and because he was a good scholar: he dedicated a treatise on the Castilian navigations to me..."

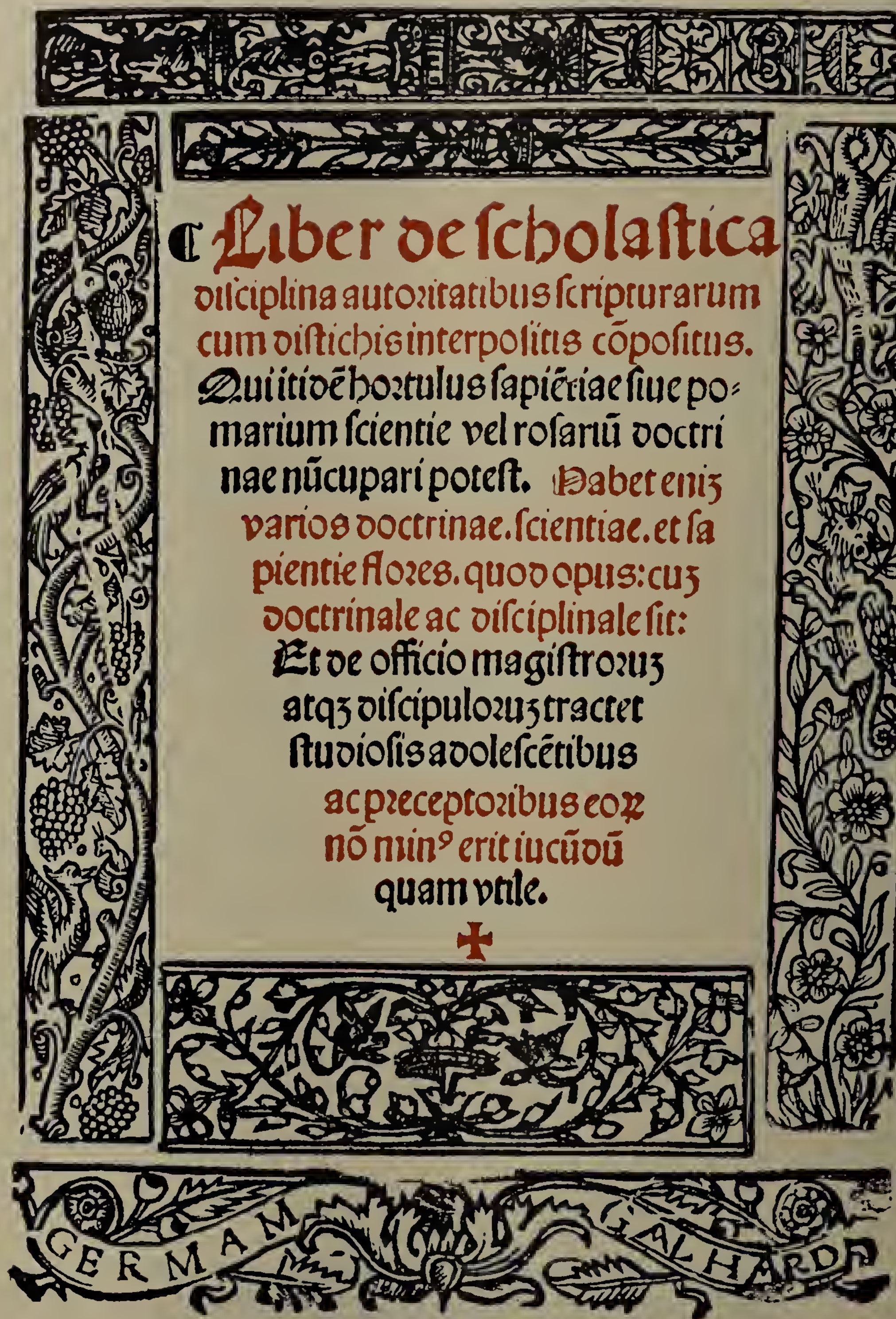
and goes on to explain that certain false statements, which had been made concerning these same navigations, did not originate in his friend's work, where everything was correctly and carefully written. It is a grievous pity that the *Tratado da navegação de Fernão de Magalhães*, by Duarte de Resende, must be counted among the vanished works, for it would surely have been a most valuable document to add to the evidence about the Portuguese discoveries, and the scientific knowledge which always went step by step with them.

Julgamos que estas notas mostram o valor historico, bibliographico e litterario do livro de Duarte de Resende, assim como o interesse que desperta o seu auctor.

We consider that these notes show plainly the historical, bibliographical and literary value of this translation of *de Amicicia* as well as the interest aroused by its author.


¶ Acabouſe de emprimir a preſente obra de Amicicia ꝛ ſonho de Scipião ꝛ Paradoxas em a muy nobre ꝛ ſemp̄ leal cidade de Coimbra p Germã Galharde. Tirada em lingoa jẽ p Duarte de reſende caualeyro fidalgo da caſa dlrey noſſo ſõr aos .xxx. dias dAgoſto do anno de noſſo ſõr Jeſu xpo de .m.d.xxxj.

178 Colophon do *Marco tulio cicerom de Amicicia* de Duarte de Resende
Colophon of the *Marco tulio cicerom de Amicicia* of Duarte de Resende
Coimbra, 1531


¶ Liber de ſcholaſtica
diſciplina autoritatibus ſcripturarum
cum diſtichis interpoſitis cõpoſitus.
Qui itidẽ hortulus ſapiẽtiae ſiue po-
marium ſcientie vel roſariũ doctri
nae nũcupari poteſt. Habet eniȝ
varios doctrinae. ſcientiae. et ſa
pientie flores. quod opus: cuȝ
doctrinale ac diſciplinale ſit:
Et de officio magiſtrorũ
atqȝ diſcipulorũ tractet
ſtudioſis adoleſcẽtibus
ac preceptoribus eorũ
nõ min⁹ erit iucũdũ
quam vtile.

GERMAM GALHARD

179 Folha do rosto do *Liber de ſcholaſtica diſciplina*
Title-page of the *Liber de ſcholaſtica diſciplina*
Lisboa, 1532

29 LIBER DE SCHOLASTICA DISCIPLINA.
Lisboa, Germão Galharde, 1532.

Liber de ſcholaſtica | diſciplina autoritatibus ſcripturarum | cum diſtichis interpoſitis cõpoſitus. | Qui itidẽ hortulus ſapiẽtiae ſiue po- | marium ſcientie vel roſariũ doctri | nae nũcupari poteſt. Habet eniꝫ | varios doctrinae. ſcientiae. et ſa | pientie flores. quod opus: cuꝫ | doctrinale ac diſciplinale ſit: | Et de officio magiſtroruꝫ | atꝗ; diſcipuloruꝫ tractet | ſtudioſis adoleſcẽtibus | ac preceptoribus eoꝝ | nõ minꝰ erit iucũdũ | quam vtile.

Titulo a negro e vermelho enquadrado por tarjas das quaes a inferior tem o nome do impressor[1]: GERMAM GALHARD.

[fl. 1 vo.]

Gravura que representa S. Bento, n'uma portada[2].

[fl. 2] Liber primus de Diſciplina. [...]

[fl. 15 vo.] [...] Liber ſecũdus. Qualis debet eſſe magiſter. [...]

[fl. 30] [...] Liber tertius. De diſcipulis. [...]

[fl. 41 vo.] [...] Liber quartus. De ſtudio ꝛ ſtudioſis. [...]

[fl. 53] [...] Liber quintus. De ſapientibus. [...]

[fl. 66 vo.] [...] Finis ſit laus deo:: | Impreſum vlixbonẹ | per Germanum | gallar- dum. | Anno dñi. M.d.xxxij.

4º.—[66] folhas—numero de linhas variado—caractéres gothicos de dois tamanhos no texto—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: a–g, 8 folhas cada caderno; h, 10 folhas; total de 66 folhas.

Encadernação de marroquim vermelho.

Este livro é de uma extrema raridade e, segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 598), só se conhece um exemplar, o da Bibliotheca de Evora, que estes auctores indicáram como, "ex. unico?" Contudo, no Museu Britannico existe um exemplar. Esta obra foi, póde dizer-se, desconhecida da grande maioria dos bibliographos, visto Barbosa, Innocencio, Brito Aranha, Tito de Noronha, Mattos e Viterbo lhe não fazerem a minima referencia. Julgamos, portanto, que as nossas reproducções fac-simile devem ser as primeiras que tenham sido publicadas d'esta obra curiosa, cujo auctor ignoramos. O *Liber de ſcholaſtica diſciplina*, dividido em cinco livros e diversos

4to.—[66] leaves—number of lines varied—Gothic type of two sizes—no catchwords.

Collation by signatures: a–g, each 8 leaves; h, 10 leaves; total 66 leaves.

Red morocco binding.

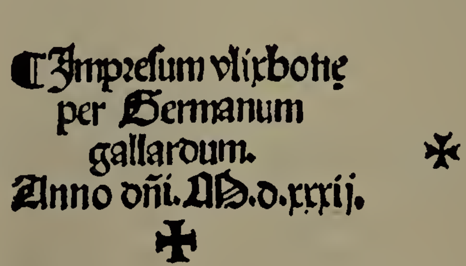
Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 598) give a description of this rare book and say that the copy in the Evora Library is probably the only one in existence. There is, however, a copy in the British Museum. The book was unknown to the great majority of bibliographers, for Barbosa, Innocencio, Brito Aranha, Tito de Noronha, Mattos and Viterbo, make not the slightest reference to it; so we consider that this must be the first time that facsimile reproductions from the *Liber de ſcholaſtica diſciplina* have been published. This curious work is divided into five books and various chapters; but though, as may be seen in

[1] *Title in red and black within a border of woodcuts, of which the bottom one bears the printer's name.*

[2] *Woodcut of St Benedict standing in a doorway.*



180 Gravura no verso da folha do rosto do *Liber de ſcholaſtica diſciplina*
Woodcut on the back of the title-page of the *Liber de ſcholaſtica diſciplina*
Lisboa, 1532



¶ Impꝛeſum vlixbonę
per Germanum
gallardum.
Anno dñi. M.D.xxxij.

181 Colophon do *Liber de ſcholaſtica diſciplina*
Colophon of the *Liber de ſcholaſtica diſciplina*
Lisboa, 1532

capitulos, tem na folha do rosto a indicação dos assumptos de que trata. Ao descrever o *Manipulus curatorum*, impresso em 1523, fizemos menção do *Liber de ſcholaſtica diſciplina* nas nossas notas sobre Germão Galharde, menção que agora devemos ampliar. É deveras interessante o estudo da folha do rosto do *Liber de ſcholaſtica diſciplina*, e, sobretudo, das tarjas que enquadram o titulo. Galharde, segundo póde dizer-se um habito, foi buscar material a obras impressas por Valentim Fernandes, e reuniu-o de uma fórma assaz tosca. A tarja do lado direito é tirada da fl. 1 do *Marco paulo* de Valentim Fernandes, impresso em 1502, como podémos constatar no nosso admiravel exemplar d'essa obra, tarja que egualmente se vê na marca de Valentim Fernandes. A tarja do lado esquerdo é reproduzida da folha do rosto da *Regra da Ordem de Christo*, 1504, impressa por Valentim Fernandes, da qual, como já dissemos, possuimos dois exemplares. A tarja inferior, com o nome do impressor GERMAM GALHARD, é identica á que se encontra no *Regimento da Declinaçam do Sol*, que se segue ao *Tractado da Spera* de Evora, reproduzidos em fac-simile por Joaquim Bensaude.

Quanto á gravura de S. Bento no verso da folha do rosto, Galharde, recorrendo a outro impressor, foi buscal-a á *Regra da Ordem d'Aviz* (livro do qual já nos occupámos detalhadamente) impressa por Hermão de Campos em Almeirim em 1516. O facto que já mencionamos, de Galharde ter sido, n'aquella epocha (1532), o unico impressor conhecido em Portugal, facilitava-lhe o aproveitar-se dos trabalhos dos seus predecessores. N'uma palavra, Galharde foi plagiario na "nobre arte impreſſoria"!

O interesse d'este livro é sobretudo causado pela sua raridade e por ser uma obra curiosa e quasi desconhecida.

the collation, its subject matter is fully revealed in the title, there is nowhere any information about the author, who even withholds his name. When treating of *Manipulus curatorum*, printed in 1523, we alluded to the *Liber de ſcholaſtica diſciplina* in our notes on Germão Galharde. This mention must now be amplified, for, as we have already stated, the present work is a clear example of Galharde's convenient habit of collecting his decorative material from other printers. A close study of the border on the title-page shows that it is nothing more than a rather rough combination of some borders taken from various works printed by Valentim Fernandes: the border on the right-hand side came, as we were able to ascertain from our own magnificent copy of that work, from fl. 1 of the *Marco paulo* published by Fernandes in 1502, and the same woodcut was also used by Fernandes in his device; the border on the left-hand side is reproduced from the *Regra da Ordem de Christo*, printed by Valentim Fernandes in 1504, of which, as we have already stated, we possess two superb copies; the border at the bottom of the page, however, bears the name GERMAM GALHARD and is exactly the same as the one in the *Regimento da Declinaçam do Sol* which follows the Evora *Tratado da Spera* and was reproduced in facsimile by Joaquim Bensaude.

But the woodcut of St Benedict on the back of the title-page came from a different source—it was taken from the *Regra da Ordem d'Aviz*, printed by Hermão de Campos, in Almeirim in 1516, of which we possess a beautiful copy. The fact we have already mentioned, that Galharde was the only *imprimidor* known in Portugal at this period (1532), must have made it easier for him to make use of his predecessors' materials. In a word, Galharde plagiarised in the "noble art of printing"!

The *Liber de ſcholaſtica diſciplina* is chiefly interesting on account of its extreme rarity and because it is a curious and almost unknown work.


¶ Tractado d cãto llano nueuamente
compuesto por Matheo de arãda maestro
en musica. Dirigido al muy alto y illustrissi
mo señor don Alonso cardenal Infante de
Portugal. Arçobispo de Lixboa. Obispo
Deuora Comendatario de Alcobaça. ꝛc.
Com preuilegio real.

GERMAM GALHARDO

182 Folha do rosto do *Tractado de cãto llano* de Matheo de Aranda
Title-page of the *Tractado de cãto llano* of Matheo de Aranda
Lisboa, 1533

30 MATHEO DE ARANDA, TRACTADO DE CÃTO LLANO. Lisboa, Germão Galharde, 1533.

Tractado ꝺ cãto llano nueuamente | compuesto por Matheo de arãda maestro | en musica. Dirigido al muy alto y jllustrissi | mo señor don Alonso cardenal Infante de | Portugal. Arçobispo de Lixboa. Obispo | Deuora Comendatario de Alcobaça. ꝛc. | Com preuilegio real.

Titulo por baixo do brasão do Cardeal Infante Dom Affonso, a negro e vermelho; tudo enquadrado por tarjas, das quaes a inferior tem o nome do impressor[1]: GERMAM GALHARD.

[fl. 1 vo.] Preuilegio. [...]

[fl. 2] Prologo. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Amen. | Comiença el tratado de canto llano: prosigui- | endo por sus conclusiones en esta manera.

[fl. 3] Conclusion primera de las siete letras del canto. [...]

[fl. 21 vo.] Manera de como el canto | se a de enseñar y entender. [...]

[fl. 31 vo.] [...] Declaracion de algunas cosas | que eneste tractado se contienen.

[fl. 37 vo.] [...] Deo gratias.

[fl. 38] Fue jmpressa la presente obra en la muy | noble cibdad de Lixboa por Ger- man | Gallarde: a veynte y seys de Se | tiembre año de mil y qui- | nientos y treynta | y tres.

4º.—[38] folhas—33 linhas—caractéres gothicos —com notas de musica—sem titulos correntes nem reclamos.

Numeração dos cadernos: A–D, 8 folhas cada caderno; E, 6 folhas; total de 38 folhas.

Encadernação de marroquim.

4to.—[38] leaves—33 lines—Gothic letter—with notes of music—no headlines nor catch-words.

Collation by signatures: A–D, each 8 leaves; E, 6 leaves; total 38 leaves.

Morocco binding.

O *Tractado de cãto llano*, composto por Matheo de Aranda e impresso em Lisboa por Germão Galharde em 1533, é um dos livros mais raros que possuimos. É quasi desconhecido dos biblio- graphos, pois encontramos a sua descripção apenas em duas obras Portuguezas: na *Litteratura*

The *Tractado de cãto llano* written by Matheo de Aranda and printed in Lisbon by Germão Galharde, in 1533, is one of the rarest books in our possession. It is almost unknown to biblio- graphers, for we find it described in only two Portuguese works. Sousa Viterbo's *Litteratura*

[1] *Title below the Cardinal-Infante Dom Affonso's coat of arms in red and black; the whole within a border of woodcuts, of which the one at the foot of the page bears the printer's name.*

hespanhola em Portugal de Sousa Viterbo, p. (22), e na *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI (nº 599) de Anselmo e Proença. Estes dois auctores mencionam a existencia de um só exemplar, o da Bibliotheca de Evora, com a seguinte indicação: "ex. unico?" Conhecemos mais dois exemplares: o nosso, completo e admiravelmente conservado, e o do Museu Britannico (ver H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before 1601 now in the British Museum*, p. 36). Antonio Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, t. I, p. 96) faz menção, mas sem a minima descripção, da existencia do *Tractado de cãto llano* de Matheo de Aranda, 1533, assim como do *Tractado de canto mẽſurable: y contrapũcto* do mesmo auctor, impresso tambem por Galharde, mas em 1535, e de que nos occuparemos mais adeante. O *Tractado de cãto llano* tem o especial interesse de ser um dos primeiros tratados de musica impressos em Portugal; talvez fôsse mesmo o primeiro. "As notas muſicaes moveis foram uſadas, pelo menos, deſde 1533, em que ſe empregaram no *Tratado de canto llão,* de Matheo Aranda, edição rariſſima" (Tito de Noronha, *A Imprensa portugueza durante o seculo* XVI, p. 14).

Matheo de Aranda era um musico Hespanhol que veiu para Portugal, chegando a ser professor de musica na Universidade de Coimbra; mas não era alli bem visto pelos seus collegas, talvez por ser estrangeiro. Falleceu n'aquella cidade, ignoramos em que anno, mas sabemos que a sua ossada veiu de Coimbra para Evora, onde foi enterrada pela Misericordia, a 2 de Junho de 1549 (ver Gabriel Pereira, O *Archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora*, 2ª parte, nos *Estudos Eborenses*, 1888). Matheo de Aranda deixou-nos dois *Tractados* sobre musica em Hespanhol, ambos dedicados ao Cardeal Infante D. Affonso, e que provavelmente fôram escriptos em Evora. Contemporaneo de Matheo, viveu egualmente em Portugal um outro musico com o mesmo

hespanhola em Portugal, p. (22), and Anselmo and Proença's *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI (no. 599). The latter authors indicate the existence of only one copy, that in the Evora Library, which they designate with a query as unique. We know of two more copies, our own, which is complete and in a perfect state of preservation, and the one in the British Museum (see H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before 1601 now in the British Museum*, p. 36). Antonio Palau y Dulcet (*Manual del Librero Hispano-Americano*, vol. I, p. 96) mentions the existence of Matheo de Aranda's *Tractado de cãto llano* of 1533 and his *Tractado de canto mẽſurable: y contrapũcto*, printed by Galharde in 1535, which we shall study later; but he gives no description of either. The *Tractado de cãto llano* is especially interesting as being one of the first—if not actually the first—treatises on music printed in Portugal. "Movable notes of music were used, at least after 1533, when they were employed in Matheo de Aranda's *Tratado de canto llão*, an extremely rare edition" (Tito de Noronha, *A Imprensa portugueza durante o seculo* XVI, p. 14).

Matheo de Aranda was a Spanish musician who came to Portugal, and rose to be Professor of music at Coimbra University, though he did not find favour in the eyes of his colleagues, possibly because he was a foreigner. He died in Coimbra, in what year we cannot ascertain, though we know that his remains were conveyed to Evora, where they were buried by the *Misericordia* on June 2nd, 1549 (see Gabriel Pereira, *O Archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora*, Part II, in *Estudos Eborenses*, 1888). Matheo de Aranda left us two treatises on music in Spanish, and he probably wrote them in Evora, since both are dedicated to the Cardinal-Infante Dom Affonso. Another musician with the same surname—Diogo de Aranda—lived in Portugal at

appellido—Diogo de Aranda—porventura irmão ou parente de Matheo. D'esse Diogo sabemos apenas que era "tangedor" d'orgão, que foi protegido pelo Infante D. Luiz, e que, em 1531, já tinha sido organista da casa de Santo Antonio em Lisboa (ver Freire d'Oliveira, *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, t. I, p. 562).

A musica floresceu na Côrte Portugueza nos fins do seculo XV e na primeira metade do XVI°. É possivel que Matheo de Aranda viesse para Portugal—se não foi convidado—attrahido pela fama de que gozava a musica da Côrte d'El-Rei D. Manuel, e de ser conhecida a protecção que o Soberano concedia aos musicos, protecção que foi continuada pelos filhos do Venturoso, especialmente os Infantes D. Affonso, D. Duarte, D. Luiz e a Infanta D. Maria. No tempo de D. João II, diz-nos Ruy de Pina, o Principe Perfeito teve sempre na sua capella "ſingulares Cantores" (*Chronica d'elRey D. João II*, p. 197). El-Rei D. Manuel, conta Damião de Goes,

"foi muĩ muſico de vontade, tanto q̃ has mais das vezes q̃ ſtaua em deſpacho, & ſempre pela ſéſta, & depois q̃ ſe lançaua na cama, era cõ ter muſica, & aſsi ꝑ eſta muſica de camara, quomo ꝑ ſua capella tinha eſtremados cãtores, & tãgedores, q̃ lhe vinhão đ todalas partes Deuropa, a q̃ fazia grãdes partidos, & daua ordenados cõ que ſe mantinhão honrradamẽte, & allẽ diſto lhe fazia outras merçes, pelo que tinha hũa das melhores capellas đ quãtos Reis, & prĩçipes então viuião" (*Chronica DelRei dom Emanuel*, Parte IV, fl. 105 v°).

Tem razão Sabugosa ao escrever:

"A musica, a que esse Rei era tão affeiçoado, teve um notavel papel na sua Côrte, seguindo-o uma legião de artistas para todos os Paços e acompanhando-o em todas as occupações, ou da vida official ou da sua intimidade" (Conde de Sabugosa, O *Paço de Cintra*, p. 86).

the same time as Matheo, and may possibly have been his brother, or at least related to him. Little is known about this Diogo except that he was a *tangedor d'orgão* (organist), that the Infante Dom Luiz took him under his protection, and that by 1531 he had already become organist to the monastery of Santo Antonio in Lisbon (see Freire d'Oliveira, *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, vol. I, p. 562).

Music flourished in the Portuguese Court at the end of the XVth century and during the first half of the XVIth. Possibly, if Matheo de Aranda was not definitely invited to come to Portugal, he may have been drawn to the country by the fame of the music at Dom Manuel's Court, and by his knowledge that the Sovereign always accorded his protection to musicians. This protection was carried on by the "Fortunate's" children, especially the Infantes Dom Affonso, Dom Duarte, and Dom Luiz and the Infanta Dona Maria. Ruy de Pina tells us of Dom João II, that he always had "matchless singers" in his chapel (*Chronica d'elRey Dom João II*, p. 197), while Damião de Goes says that Dom Manuel

"was very musical by nature, so much so that he generally had music while he was at work with his ministers, and always had it when he was resting or in bed; and for this chamber-music and for his chapel he had choice singers and players, who came from all parts of Europe, and upon whom he conferred many favours, giving them such salaries that they were able to maintain an honourable status, and granting them many other rewards, so that he had one of the best chapels of all the Kings and Princes then living" (*Chronica DelRei dom Emanuel*, Part IV, fl. 105 vo.).

Sabugosa is right when he says:
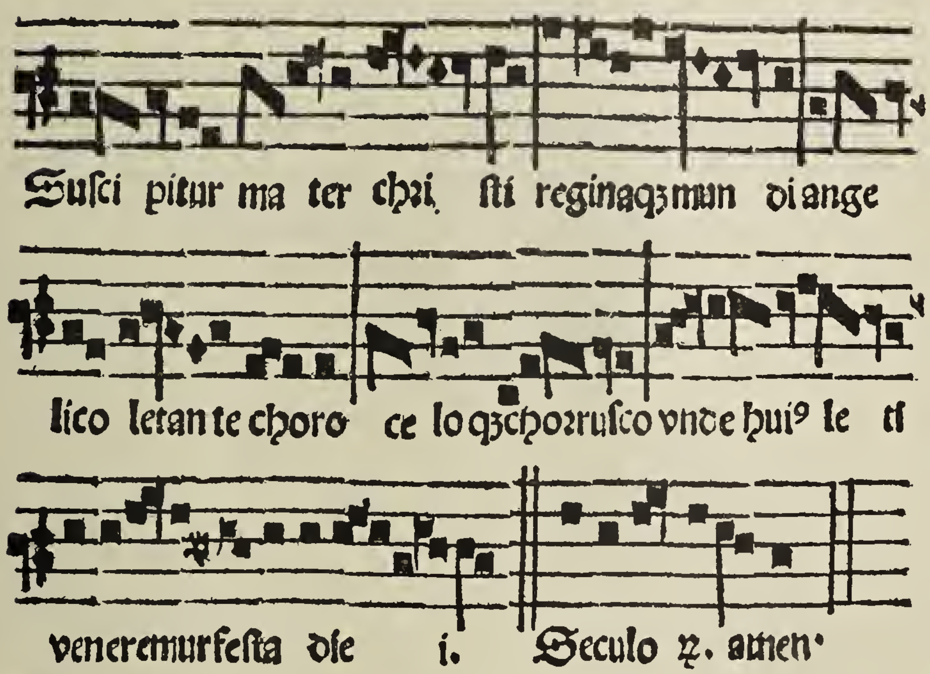
"Music, of which this King was so fond, played a notable part in his Court; a host of artists followed him to all the Palaces, and accompanied him during all his occupations, whether of official or private life" (Conde de Sabugosa, O *Paço de Cintra*, p. 86).

No Paço de Cintra, D. Manuel tinha um orgão na capella e outro n'uma das salas: vem de longe, na nossa familia, o amor a esse tão bello instrumento! Nos celebres serões da epocha do Venturoso a musica desempenhou tambem um grande papel. Mas não era só na Côrte que, no seculo XVI, a musica era tida em grande conta. Nas egrejas, nos mosteiros e conventos, estudava-se e cultivava-se essa arte. Em Santa Cruz de Coimbra, o D. Prior, D. Dionysio de Moraes, era um excellente musico e, segundo nos conta D. Nicolau de Santa Maria na sua *Chronica dos Conegos Regrantes*, "tangia harpa com grande destreza" e cantava "com muito ar e graça," porque possuia "uma voz natural de contralto mui clara com grande quebro de garganta natural." No meiado do seculo, a musica sacra era tão apreciada que se executava mesmo em casas particulares; Damião de Goes reunia em sua casa amigos e musicos, entre os quaes o Padre Pedro Gil, mestre de capella de Santo Antonio pelos annos de 1562 e 1563, e ao serão, cantavam "missas e mottetes compostos em canto d'orgão"! Quem quizer mais informes ácerca da musica em Portugal n'esses bellos tempos, deverá ler, entre outros livros, *Os Musicos Portuguezes* de Joaquim de Vasconcellos; *Artes e Artistas em Portugal* de Sousa Viterbo; *A Infanta D. Maria de Portugal* de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. No seculo XVII, a *Primeira Parte do Index da Livraria de Mvsica d'El-Rei D. João IV*, editada por Joaquim de Vasconcellos, mostra-nos o amor á musica do primeiro Rei da Casa de Bragança. N'essa admiravel Bibliotheca de musica, a mais rica que existia no mundo, e desgraçadamente perdida, havia em 1649, póde dizer-se, tudo. No *Index* mencionado encontramos os dois *Tractados* de Matheo de Aranda (*ob. cit.* p. 123, nº 530).

At the Palace of Cintra Dom Manuel had one organ in the chapel and another in one of the Royal apartments: the love of this beautiful instrument is of long standing in our family! Music also played a predominant part in the famous entertainments of Dom Manuel's time. But it was not only at Court that music was highly prized in the XVIth century; the art was also studied and cultivated in churches, monasteries and convents. The Prior of Santa Cruz of Coimbra, Dom Dionysio de Moraes, was an excellent musician, and Dom Nicolau de Santa Maria tells us, in his *Chronica dos Conegos Regrantes*, that Dom Dionysio "played the harp very skilfully" and sang "very gracefully and agreeably" because he possessed "a natural contralto voice, very clear, with a beautiful natural trill." In the middle of the century, sacred music was so much appreciated that it was even performed in private houses. Damião de Goes used to invite to his house friends and musicians, including Father Pedro Gil, chapel-master of Santo Antonio in 1562 or 1563, and in the evening they used to sing "masses and motets set in parts"! Those desiring further information about the history of music in Portugal in the XVIth and XVIIth centuries should study, amongst other works, *Os Musicos Portuguezes* by Joaquim de Vasconcellos, *Artes e Artistas em Portugal* by Sousa Viterbo, *A Infanta D. Maria de Portugal* by Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos and the *Primeira Parte do Index da Livraria de Mvsica d'El-Rei D. João IV* published by Joaquim de Vasconcellos. The last-mentioned work shows clearly how greatly the first King of the House of Bragança loved music, for in 1649 there was practically everything in this magnificent Library of music, which was the richest in the world and is now all lost. In that *Index* we find copies of Matheo de Aranda's two treatises (*op. cit.* p. 123, no. 530).

¶ La ſeptima mutança ſe demueſtra en.gſolreut:enel pũ
to.78:diziendo enel.faſol.por ſalir de b mol anatura de
la quarta diuiſion ala ſegunda deduciõ. La cauſa es por
ſeguir la naturaleza del modo. y la demoſtracion es aq̃
llas dos vozes que ſe dan en.gſolreut:ambas deſcendiẽ-
tes. y el mouimiento es de tercera menor ſemiditono de
gſolreut.a.elami:el qual es de mutança indirecta.

Exemplo. Quartus modus



Este otro ſiguiente canto es quinto modo de cantar:porque feneſce en.ffaut: y comiença ſu ſequencia en.cſolfaut:y es quinto perfecto por ſu compoſicion:porque forma ſu diapente de. ffaut:a.cſolfaut:y ſu diateſſaron de.cſolfaut.a.ffaut.agu dos:es ſu diapaſõ de.ffaut.graue.a.ffaut.agudo:ſu prin cipio es en.alamire:y tomarſea.mi:porque no deſciende el canto abaxo de.ffaut. que es principio de la tercera

183 Uma pagina do *Tractado de cãto llano* de Matheo de Aranda
A page from the *Tractado de cãto llano* of Matheo de Aranda
Lisboa, 1533

¶ Fue jmpressa la presente obra en la muy
noble cibdad de Lixboa por German
Gallarde: a veynte y seys de Se
tiembre año de mil y qui-
nientos y treynta
y tres.

184 Colophon do *Tractado de cãto llano* de Matheo de Aranda
Colophon of the *Tractado de cãto llano* of Matheo de Aranda
Lisboa, 1533

No Prologo do seu *Tractado de cãto llano,* escreveu Matheo de Aranda esta phrase interes-sante:

"Y viendo vna tan noble ſotil ꝛ delicada arte como la muſica es ſer mal tractada: y no tenida en aquella perficiõ: que ella en ſi tiene: y ſe deue tener. Acorde mediante Iheſu ꝛ Maria con aq̃lla doctrina en muſica ſpeculatiua que en Alcala de henares del doctor Ciruelo: y en Italia de muſica pratica recebi: criar eſte preſente tractado de canto llano: por el qual deprendan los que no ſaben."

Garcia de Resende—de quem nos occupámos detalhadamente (ver as nossas notas sobre o *Cancioneiro Geral,* 1516)—entre os seus muitos predicados, tambem era musico. Tem por consequencia um valor especial esta decima da *Miſcellanea* (1554, fl. xiiij vº) do "peixe tamboril." Mostra a attenção que a musica mereceu a D. Manuel, e dá-nos, ao mesmo tempo, os nomes de alguns musicos celebres da epocha. E com as palavras de Resende terminaremos estas notas:

"Muſica vijmos chegar
aa mais alta perfeiçam
Sarzedo, Fonte, cantar
Franciſquilho aſſi juntar
tanger, cantar, ſem razam:
Arriaga que tanger
ho cego que gram ſaber
nos orgãos & ho Vaena,
Badajoz, outros q̃ ha pena
deixa agora deſcreuer."

É possivel que Resende tenha conhecido Matheo de Aranda, mas se assim aconteceu, o seu nome ficou entre os

"outros q̃ ha pena
deixa agora deſcreuer"!

The following interesting passage occurs in Matheo de Aranda's Prologue to his *Tractado de cãto llano*:

"Y viendo vna tan noble ſotil ꝛ delicada arte como la muſica es ſer mal tractada: y no tenida en aquella perficiõ: que ella en ſi tiene: y ſe deue tener. Acorde mediante Iheſu ꝛ Maria con aq̃lla doctrina en muſica ſpeculatiua que en Alcala de henares del doctor Ciruelo: y en Italia de muſica pratica recebi: criar eſte preſente tractado de canto llano: por el qual deprendan los que no ſaben."

Garcia de Resende, whom we have already studied (see our notes on the *Cancioneiro Geral,* 1516), included the love of music among his many qualities. The following verses by the *peixe tamboril* (frog-fish) in the *Miſcellanea* (1554, fl. xiiij vo.) are therefore of particular interest. They show the attention devoted to music by Dom Manuel, and give us the names of some of the celebrated musicians of his time; so we will conclude these notes with Resende's poem:

"We have seen music reach
the highest perfection:
we have seen Sarzedo and Fonte sing
and Francisquilho combine
playing and singing, without difficulty:
Arriaga who plays,
the blind man who knows so much
about the organ, and Vaena,
Badajoz, and others that my pen
now leaves unmentioned."

Resende may possibly have known Matheo de Aranda, but if so, his name was among those

"others that my pen
now leaves unmentioned"!



Espelho de perfeycam em linguoa portugues.

ii

185 Folha do rosto do *Espelho de perfeyçam* de Fr. Braz de Barros
Title-page of the *Espelho de perfeyçam* of Fr. Braz de Barros
Coimbra, 1533

31 FR. BRAZ DE BARROS, ESPELHO DE PERFEYÇAM. Coimbra, Conegos de Santa Cruz, 1533.

Eſpelho de perfeycam | em linguoa portugues.

Titulo por baixo de uma gravura que representa a Annunciação, tendo ás véssas as lettras da saudação: AVE: GRATIA: PLENA[1].

[fl. 1 vo.] Epiſtola prohemial de frey Bras | frade Hieronimo: ao muyto eſclarecido | ꝛ inuictiſſimo principe dõ Ioam terceyro | deſte nome: Rey de portugual. ꝛc̃. [...]

[fl. 3 vo.] [...] Amen. | De ſancta Cruz. 12. de nouembro. 1533.

[fl. I] Comecaſſe [sic] o Liuro cha | mado eſpelho de perfeycam: ꝯpoſto per | o reuerẽdo. P. frey Henrique Hierp. pro | uincial da ordem dos menores em a pro- | uincia de Colonia. Nouamente imprimi | do ꝛ tirado ꝺ latim ẽ linguoa portugues: | ꝑ os conegos regrãtes do moeſteyro de | ſancta Cruz de coimbra .:. [...]

fl. XXXV vo. [...] Amen. | Fenece o primeyro liuro ẽ o qual | he dito da verdadeyra | mortificaçam .:.

[fl. XXXVI] Prologo do ſegundo | Liuro do eſpelho de ꝑfeiçam. [...]

[fl. LXVIII] [...] Fenece o ſegundo liuro | em o qual da perfeyta | vida actiua he | dito .:.

[fl. LXIX] Liuro terceyro q̃ | tracta da vida cõtẽplatiua ſpũal | Prologo [...]

fl. CLXV [aliás CLXIX] vo. [...] Amen. | Fenece o terceyro liuro | ẽ o qual da vida cõtẽ | platiua ſpiritual he | dito.

fl. CLXVI [aliás CLXX]. Comeca o prologo em o | quarto liuro da vida ſobre eſſencial ꝛ con | templatiua. [...]

fl. CLXXXX [aliás CLXXXXIIII] [...] Amen. | Imprimiaſſe per os coneguos de ſancta | Cruz: em o anno da encarnaçam | de noſſo ſenhor Ieſu chriſto. | 1533. Anno sexto da re | formaçam do dito | moeſteyro.

fl. CLXXXX [aliás CLXXXXIIII] vo.

Gravura que representa o Agnus Dei com a legenda, em volta[2]*:* ECCE: AGNVS: DEI: ECCE: QVI: TOLLIT: PECCATA: MVNDI:

[1] *Title below an engraving of the Annunciation, with the letters of the salutation* AVE: GRATIA: PLENA *the wrong way round.*

[2] *Woodcut of the Agnus Dei, with the legend:*

4º.—[3], [I] II–CLXXXX (aliás CLXXXXIIII) folhas—25 linhas—caractéres gothicos.—A numeração das folhas está correcta até á fl. LXIIII á qual se seguem cinco folhas sem numeração, após as quaes a numeração recomeça com o numero LXVI, continuando então exacta até ao fim do livro.

Numeração dos cadernos: ✠, 3 folhas, sendo a primeira assignada ✠ ij e a segunda ✠ iij; a–h, 8 folhas cada caderno; i, 4 folhas; k–y, 8 folhas cada caderno; ʒ, 8 folhas; z, 8 folhas; ꝯ, 6 folhas; total de 197 folhas; a folha a 5 tem assignatura errada a iiij.

Encadernação de vitella.

4to.—[3], [I] II–CLXXXX (alias CLXXXXIIII) leaves—25 lines—Gothic letter.—The pagination is perfectly correct up to fl. LXIIII, which is followed by five unnumbered leaves, after which the numeration starts again with fl. LXVI and continues without a break to the end of the book.

Collation by signatures: ✠, 3 leaves, the first being marked ✠ ij and the second ✠ iij; a–h, each 8 leaves; i, 4 leaves; k–y, each 8 leaves; ʒ, 8 leaves; z, 8 leaves; ꝯ, 6 leaves; total 197 leaves; leaf a 5 is wrongly marked a iiij.

Bound in calf.

São muitos os auctores que se occuparam de D. Frei Braz de Barros e do *Efpelho de perfeyçam*, que Innocencio (*Diccionario*, t. I, p. 394) descreveu como sendo um "livro rarissimo, e de muita estimação." Segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 446), conhecem-se dois exemplares d'este livro na Bibliotheca Nacional de Lisboa, um na Bibliotheca d'Ajuda, outro na de Mafra e um na da Universidade de Coimbra. A essa lista ha a accrescentar o da Bibliotheca Palha, o do Museu Britannico e o nosso, que se encontra em perfeito estado de conservação. Esta obra tem para nós um interesse especial causado pelo seu traductor—grande reformador e notavel prelado, primo do celebre João de Barros e tio de outro illustre escriptor, Gaspar Barreiros—e por ser o livro mais antigo que possuimos impresso pelos Conegos de Santa Cruz de Coimbra. Nas nossas notas ácerca do *Breviarium Sancte Crucis*, impresso *in dicto cenobio* por Germão Galharde em 1531, referimos-nos á fundação da typographia do convento, a primeira que existiu em Coimbra, sendo Prior D. Dionysio de Moraes que, para esse fim, chamára Germão Galharde a Coimbra. A ultima obra conhecida estampada por Galharde em Coimbra, onde estivera desde

Many authors have written about Frei Braz de Barros and his work, the *Efpelho de perfeyçam* (*Mirror of perfection*), which Innocencio (*Diccionario*, vol. I, p. 394) has described as "a very rare and valuable book." Besides the present copy, which is in a perfect state of preservation, there is one at the British Museum and one in the Palha Library, while Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 446) mention two copies in the National Library at Lisbon and one each in the Libraries at Ajuda, Mafra and Coimbra University. This book arouses our especial interest for two reasons, first because its translator was the great reformer and prelate Braz de Barros, cousin of the celebrated João de Barros, and uncle of that other noted writer Gaspar Barreiros; and secondly because it is the earliest book we possess printed by the Canons of Santa Cruz. In our notes on the *Breviarium Sancte Crucis*, printed *in dicto cenobio* by Germão Galharde in 1531, we referred to the fact that the first printing-press in Coimbra was established at the Santa Cruz monastery by Galharde, at the time when Dom Dionysio de Moraes was Prior. The last known work printed by Galharde in Coimbra, where he worked between 1530 and 1531, was, as we have said,

1530, foi, como vimos, o *Marco tulio cicerom de Amicicia* de Duarte de Resende, publicado em Agosto de 1531. A respeito dos Conegos de Santa Cruz de Coimbra, escrevem Anselmo e Proença (*ob. cit.*):

"Conservou-se ali (Galharde) todo o ano de 1531, imprimindo outros trabalhos e iniciando os cónegos na arte tipográfica; e foram êstes mesmos (cónegos D. Estêvão e D. Manuel) que já em 1532 imprimiram o *Livro das constituições*, que foi talvez o primeiro trabalho executado por mão dos próprios crúzios. A oficina conservou-se até 1577, ano em que foi removida para o mosteiro de S. Vicente de Lisboa; mas o último dos 20 trabalhos que conhecemos dela data de 1563; sendo o período da sua maior actividade até 1536. Daí por diante os cónegos quási se limitaram a imprimir de anos a anos as suas Constituições. As impressões de Santa Cruz são pela maior parte bastante perfeitas, em caracteres góticos, redondos e itálicos, com portadas e capitaes nitidamente gravadas."

O *Espelho de perfeyçam*, a terceira obra conhecida impressa pelos Conegos de Santa Cruz, é a traducção do livro escripto por Fr. Henrique Harphio, provincial da Ordem dos Menores em Colonia. Innocencio (*loc. cit.*) diz que "Fr. Braz de Barros attribue esta versão aos conegos do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, posto que a dedicatoria a elrei D. João III seja em seu nome." E accrescenta esta informação interessante: "Note-se que esta obra foi prohibida pela Inquisição de Hespanha, e ainda a encontro tal no *Indice Expurgatorio* de 1790 a pag. 124, sob o nome do auctor Henrique Harphio."

D. Frei Braz de Barros era natural de Braga: por esse motivo, foi mais tarde, em documentos pontificios, designado pelo nome de Braz de Braga. A elle se refere Manuel Severim de Faria na sua *Vida de Ioão de Barros* (*Discvrsos varios politicos*, 1624, p. 24), e fallando da familia do historiador diz: "...naõ a honrârão menos os Varões que nella ſe dedicârão âs letras, entre os quaes...ſe deue perpetuo louuor a Dom frey Bras

Duarte de Resende's *Marco tulio cicerom de Amicicia*, which appeared in August, 1531. Anselmo and Proença (*op. cit.*) write that Galharde

"stayed there (at Santa Cruz) throughout the year 1531, printing other works and initiating the canons into the art of printing; and it was these same canons (Dom Estevão and Dom Manuel) who, as early as 1532, printed the *Livro das constituições*, which was probably the first work executed by the *cruzios* (monks) themselves. The press remained there until 1577, when it was removed to the monastery of St Vincent at Lisbon, but the last of the 20 works known to have been issued from Santa Cruz is dated 1563, though the period of its greatest activity was up to 1536. From then onwards the canons restricted themselves more or less to printing their constitutions at intervals of years. The Santa Cruz editions printed in Gothic letter, Roman type, or italics, and with borders and capitals neatly engraved, are, for the most part, well executed."

The *Espelho de perfeyçam*, the third known work printed by the Canons of Santa Cruz, is translated from the book by Brother Henricus Herpf, a provincial of the Order of Minor Canons, in Cologne. Innocencio (*loc. cit.*) says that Frei Braz de Barros attributes this translation to the canons of the Santa Cruz monastery at Coimbra, though the dedication to King João III is in his name, and adds the following interesting piece of information: "It should be noted that this work was banned by the Spanish Inquisition and I still find it even in the *Indice Expurgatorio* published in 1790, on p. 124, under the name of its author Henricus Herpf."

Frei Braz de Barros was born in Braga, and for this reason he was later designated as Braz de Braga in pontifical documents. Manuel Severim de Faria refers to him in his *Vida de Ioão de Barros* (*Discvrsos varios politicos*, 1624, p. 24): "This line derived no less honour from those of its sons who devoted themselves to letters, among whom... Dom Frei Bras de Barros deserves perpetual praise...." The exact date of his birth cannot be

de Barros...." Ignora-se a data exacta do seu nascimento, mas sabemos que tomou o habito de S. Jeronymo a 30 de Setembro de 1516, no convento da Penha Longa. Estudou theologia na Universidade de Lovaina, donde regressou com fama de grande lettrado. Foi então, em 1527, que D. João III lhe confiou a missão de reformar os Conegos Regulares de Santo Agostinho. Santa Cruz de Coimbra era o principal mosteiro da Ordem. Como vimos nas nossas notas ácerca do *Breviarium Sancte Crucis*, D. João III deu aos Priores de Santa Cruz, em 1539, o cargo de Cancellarios perpetuos da Universidade. A esse respeito diz-nos Fortunato de Almeida na sua *Historia da Igreja em Portugal* (t. III, parte I, p. 347):

"Esta mercê foi em 1545 confirmada por Paulo III, que aos referidos priores concedeu auctoridade apostólica para em seu nome darem na universidade os graus de licenciados e mestres em theologia e os de licenciados e doutores em cánones. Outra notavel distincção concedeu o referido monarcha ao mosteiro de Santa Cruz, quando decidiu transferir a universidade para Coímbra, mandando construir dois collégios, um á direita, outro á esquerda do mosteiro, para nelles installar os estudos universitários. Esta resolução do monarcha foi inspirada pela alta reputação do ensino que os cónegos regrantes ministravam em dois collégios, dentro do seu mosteiro, desde 1528."

Antes de principiar a reforma, levantaram-se algumas difficuldades entre a Corôa de Portugal e a Santa Sé. Acompanhando Fortunato de Almeida, vêmos que o ultimo Prior Mór—Conego professo de Santa Cruz e eleito canonicamente pelos Conegos—D. João de Noronha, falleceu em 1506: deu-se então um episodio interessante: Julio II concedeu o Priorado Mór em Commenda a um Cardeal, mas, tendo sido eleito Prior D. Braz Lopes, El-Rei D. Manuel, maguado que o Papa tivesse outorgado o Priorado Mór a um estrangeiro, ordenou ao Prior D. Braz que derrubasse a egreja, claustra e capitulo, e os

ascertained, but it is known that he took the habit of St Jerome at the convent of Penha Longa, near Cintra, on September 30th, 1516. He studied theology at Louvain University, and when he returned to Portugal with a great reputation as a man of letters, King João III set him, in 1527, the task of reforming the Canons Regular of St Augustine, whose chief convent was at Santa Cruz in Coimbra. In 1539, as we saw in our notes on the *Breviarium Sancte Crucis*, King João III granted to the Priors of Santa Cruz the perpetual Chancellorship of the University; Fortunato de Almeida tells us in his *Historia da Igreja em Portugal* (vol. III, part I, p. 347) that:

"Paul III confirmed this privilege in 1545 and authorised the said priors to confer the University degrees of Licenciate and Master of Theology and of Licenciate and Doctor of Canon Law. At the time when King João III decided to transfer the University to Coimbra, the education which the Canons Regular had given in two colleges in the Santa Cruz monastery since 1528 had earned such an excellent reputation, that the King was prompted to distinguish the monastery yet further, and caused two colleges for the inauguration of university studies to be erected, one on each side of the convent building."

Before the reform was initiated, there had been various differences of opinion, causing some friction between the Portuguese Crown and the Holy See; and we read in Almeida's church history that on the death, in 1506, of Dom João de Noronha, the last *Prior Mór* (Grand Prior) to be a professing Canon of Santa Cruz and regularly elected by the Canons themselves, there was an interesting episode: Pope Julius II gave the Commandery of the chief priory to a Cardinal. Dom Braz Lopes was elected acting Prior, and King Manuel, vexed that the Pope should have conceded the *Priorado Mór* to a foreigner, commanded Dom Braz to pull down the church, the cloisters and the chapter-house and to rebuild

reedificasse com as rendas do Priorado Mór, explicando para Roma que esse acto fôra motivado por os edificios ameaçarem ruina! Certamente Julio II percebeu, pois

"expediu em 1507 um breve, no qual se declarava que o cardeal commendatário largava e desistia das rendas do priorado mór; e concedia a El-Rei a faculdade de apresentar prior mór em Santa Cruz" (*Historia da Igreja*, t. III, parte I, p. 348).

Fôram muitos os Priores Móres, e entre elles, o Cardeal Infante D. Affonso, filho de D. Manuel, ao qual, após a sua resignação, succedeu o seu irmão, o Infante D. Henrique, que foi confirmado por Adriano VI em 18 de Fevereiro de 1523; n'essa epocha D. João III começou a tratar da reforma dos Conegos de Santa Cruz, escolhendo como reformador Frei Braz de Barros,

"cuja ardua empreza começou a 13. de Outubro de 1527. e a concluhio no anno de 1544. com igual prudencia, que ſuavidade reduzindo os Conegos à primitiva obſervancia, que eſtava algum tanto relaxada" (Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, t. I, p. 543).

Frei Braz de Barros, ao mesmo tempo que reformava os cruzios á "primitiva obſervancia algum tanto relaxada," occupava-se em desenvolver os estudos no mosteiro de Santa Cruz: diz Fortunato de Almeida (*ob. cit.* vol. III, parte II, p. 491):

"Fr. Brás de Barros...restaurou alli os estudos com notavel brilho, para o que mandou vir de París dois doutores portugueses que lá se tinham formado, Pedro Henriques e Gonsalo Álvares.... Começaram aquelles dois professores a exercer o magistério no collégio em outubro de 1528: e com tanto proveito, que, correndo fama, alli mandaram muitos nobres instruír seus filhos.... Entre os jovens estudantes de Santa Cruz figura o poeta Luís de Camões, que alli se instruíu aproximadamente pelos annos de 1537 a 1544. A este facto não devia ser estranha a influéncia de

them with the priory income, explaining to the Pope that the original buildings were in a dangerous condition. The Pontiff must certainly have seen through this ruse, for

"in 1507 he sent a brief, in which he conceded the right to nominate the *Prior Mór* of Santa Cruz to the King, and declared that the cardinal would give up and renounce the income from the *Priorado Mór*" (*Historia da Igreja*, vol. III, part I, p. 348).

Among the various *Priores Móres* was King Manuel's son the Cardinal-Infante Dom Afonso, who, on his resignation, was succeeded by his brother the Infante Dom Henrique, confirmed in office by Adrian VI on February 18th, 1523. It was at this time that King João began to plan the reform of the Canons of Santa Cruz, to carry out which he chose Brother Braz de Barros,

"whose arduous task began on October 13th, 1527, and was concluded in 1544, by which year he had, with equal wisdom and suavity, brought the Canons back to their primitive observance which had been somewhat relaxed" (Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, vol. I, p. 543).

At the same time as he was reinstating the "primitive observance which had been somewhat relaxed," Braz de Barros was attending to the propagation of knowledge in the Santa Cruz monastery: Fortunato de Almeida (*op. cit.* vol. III, part II, p. 491) says that:

"Frei Bras de Barros sent to Paris for two Portuguese scholars, Pedro Henriques and Gonsalo Alvares, who had graduated there, and with their help succeeded in restoring a notable brilliance to the studies carried on at Santa Cruz....These two professors began to teach in the college in October 1528 and achieved such excellent results that their fame spread and many noblemen sent their sons to be educated there.... Among the young students at Santa Cruz was the poet Luis de Camões who studied there from about 1537 to 1544. The fact that his uncle,

seu tio, D. Bento de Camões, cónego regrante e prior geral de Santa Cruz desde 1539....A escola de Santa Cruz foi um grande centro de cultura."

Foi, pois, durante a reforma de Braz de Barros que se installaram os prelos de Santa Cruz, sendo Prior D. Dionysio de Moraes, e que Frei Braz traduziu o *Efpelho de perfeyçam* impresso em Santa Cruz pelos seus Conegos, em 1533. Na sua *Epiftola prohemial* dirigida a D. João III, o futuro Bispo de Leiria escreve com nobreza e elevação, e mesmo ás vezes com poesia, sobre o *Efpelho de perfeyçam* e ácerca da reforma:

"Foya tençã defte douctor (Henrique Harphio) reprehendendo os vicios fpirituaes: infinar o mays perfecto caminho...Efcreuendo efte liuro ꝛ dãdoo por efpelho aos que perfectamente ꝺfeiam viuer. obra nunqua te o prefente vifta ẽ noffas mãos: ꝛ em verdade fegũdo fe cre mays diuina que humana. Foy tirada de latim ẽ noffo portugues: ꝛ impreffa per eftes feus religiofos. que per fua ordenança com tanta obferuancia: militam fob o pendam do Rey dos ceos. coufa q̃ tantos reys defeiaram ver: ꝛ nõ virã."

Prosegue felicitando D. João III, por, sendo tão novo quando subiu ao throno—"fendo. V.A. de tam pouca jdaꝺ como erã dezoyto ãnos"—ter emprehendido tantas reformas, e diz:

"E o que foy mays que vendo o fpiritual de-prauado: com piedofa faguacidaꝺ: reformou em religiam as prĩcipaes ꝛ mays antiguas ordens do regno. f. Chriftus/ fancto Auguftinho/ ꝛ fam Bernardo. Das quaes foy a primeira cafa efta de fancta Cruz: que por a bondade de ꝺs ꝛ feus mericimentos vay em tanto crecimento de virtudes: ꝛ eftaa pouoada de tantos ꝛ taes re-ligiofos que (fegundo fe diz ꝑ peffoas dignas de fe) nom ha ao prefente algũa em Chriftãos que lhe leue vãtagem. Bem fe pode em elles empregar aquello dos Cantares que diz: q̃ depoys da poda apareceram flores em noffa terra. Porque verda-deiramẽte affy he: que depoys de podados per

Dom Bento de Camões, was a Canon Regular, and *Prior Geral* of Santa Cruz from 1539, must have had some bearing on this matter....The Santa Cruz school was a great centre of culture."

It was then during Braz de Barros' reform that a printing-press was set up at Santa Cruz, when Dom Dionysio de Moraes was Prior; and it was also during the reform that Frei Braz translated the *Efpelho de perfeyçam*, which was printed by the Canons of Santa Cruz in 1533. In the dedication to King João III, the future Bishop of Leiria writes about the *Efpelho de perfeyçam* and about the reform, in a style which is always lofty and sometimes even poetical:

"It was this scholar's (Henricus Herpf's) desire to reprove all vices and to teach us the way of perfection...by writing this book and giving it as a mirror to those who desired to live perfectly. We have never seen anything like it before, and in truth it seems less human than divine. It was translated into Portuguese from the Latin and printed by these monks, who, following it with such scrupu-lous care, fight under the banner of the King of Heaven, as many earthly Kings vainly wish their soldiers to fight."

He proceeds to congratulate King João, be-cause though so young when he came to the throne—"Your Highness being only eighteen years old"—he undertook so many reforms.

"And what was more, seeing the spiritual corruption in the country, you piously and wisely reformed the chief and most ancient re-ligious Orders in the kingdom, which are those of Christ, of St Augustine and of St Bernard. The first house of all to be reformed was this one of Santa Cruz, and by the grace of God and through His merits, there is such an increase of virtue here, and the monks are so many and so devout, that (as several trustworthy people have said) there is no more truly Christian monastery in the world to-day. The canticle which says that after the pruning, flowers appear in our land, may well be applied to the monks here; for verily as soon as the old evil customs

mãdado de. V.A. os velhos ꝛ maos cuſtumes ꝛ perigoſo modo de viuer: logo pareceram em noſſa terra eſtas nouas flores: as quaes ja começam em ſeu tempo produzir fructos proueitoſos ꝑa ſaluaçã dos mortaes. Dos quaes he eſte hum ꝛ nom pouco de eſtimar: que tiraram o veo da eſcuridam ꝛ imprimirã per ſuas mãos eſte tam perfeyto eſpelho....Offereçoo poys a voſſa alteza com a vontaď da pobre viuua: confiando em ſua clemencia nom lhe ſer menos açepta que as notauees offertas dos riquos. E peço por amor ď noſſo ſenhor o mande leer ante ſy: porque alem de ſer de glorioſa materia: ꝑ elle poď ver quanto enflorece eſta vinha que mandou plantar: aſſy em ſanctidaď como em leteras ꝛ virtuoſos exercicios."

and dangerous way of living had, by your Highness' command, been pruned, new flowers began to appear in our land and are already in their season beginning to produce such fruit as is most useful for the salvation of mankind; and this is no mean example of that fruit, that they should have lifted the veil of obscurity from this 'mirror of perfection' and have printed it with their own hands....I therefore offer it to Your Highness in the spirit of the poor widow, trusting that in your clemency you will not find it less acceptable than the more pretentious offerings of the rich. And I pray you for the love of Our Lord to command it to be read to you, for, apart from the fact that the matter of it is wonderful, you will be able to see from it how well this vine, which you caused to be planted, is flourishing in holiness as well as in learning and virtuous exercises."

É notavel esta *epiſtola* de Braz de Barros, que, em poucas palavras, explica o seu trabalho, do qual na verdade podia, na sua modestia, sentir-se orgulhoso, pois era devida a essa "poda" que a reforma dera tão brilhantes resultados, e que Coimbra se tornára o maior centro em Portugal dos estudos de humanidades, antes mesmo da transferencia da Universidade para aquella cidade! Terminada a sua reforma em 1544, o illustre frade foi nomeado Bispo de Leiria, o primeiro d'essa diocese, sendo confirmado n'essa dignidade pelo Papa Paulo III em 1545. Em 1549 reuniu o concilio diocesano sendo publicadas as suas Constituições, "as quaes já estavam impressas no anno seguinte e talvez no mesmo anno de 1549" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.*). Quiçá fatigado, ou por outros motivos que ignoramos, resignou o bispado em 1553, anno em que seu primo João de Barros imprimiu a segunda *Decada da Asia*, e retirou-se, primeiro para o Convento do Mato da Ordem de S. Jeronymo em Lisboa, e depois para o da Pena na Serra de Cintra, onde falleceu a 31 de Março de 1559, certamente com a consciencia

Braz de Barros was justified if he felt some small pride in the task, which he compares in his *epiſtola* to the pruning of a vine; for it was exactly due to his judicious "pruning" that the reform had such splendid results, and that Coimbra became the chief Portuguese centre for the study of the humanities, even before the seat of the University was transferred to that city. When his work of reform was ended in 1544, this notable monk was appointed first Bishop of Leiria, being confirmed in office by Pope Paul III in 1545. In 1549 he convened a diocesan council at which the constitutions of the bishopric were published "and by the following year, or perhaps even before the end of that same year of 1549, they had already been printed" (Fortunato de Almeida, *op. cit.*). Possibly because he was tired, or for some other unknown reasons, he resigned his bishopric in 1553 (the year when his cousin João de Barros published the second of his *Decadas*) and retired, going first to the Jeronymite convent of the Mato in Lisbon and afterwards moving to the Pena, near Cintra, where he died on March 31st, 1559, with the consciousness that he had well



186 Lettras capitaes do *Espelho de perfeyçam* de Fr. Braz de Barros
Initials from the *Espelho de perfeyçam* of Fr. Braz de Barros
Coimbra, 1533

Imprimiasse per os coneguos de sancta
Cruz: em o anno da encarnaçam
de nosso senhor Jesu christo.
1533. Anno sexto da re
formaçam do dito
moesteyro.

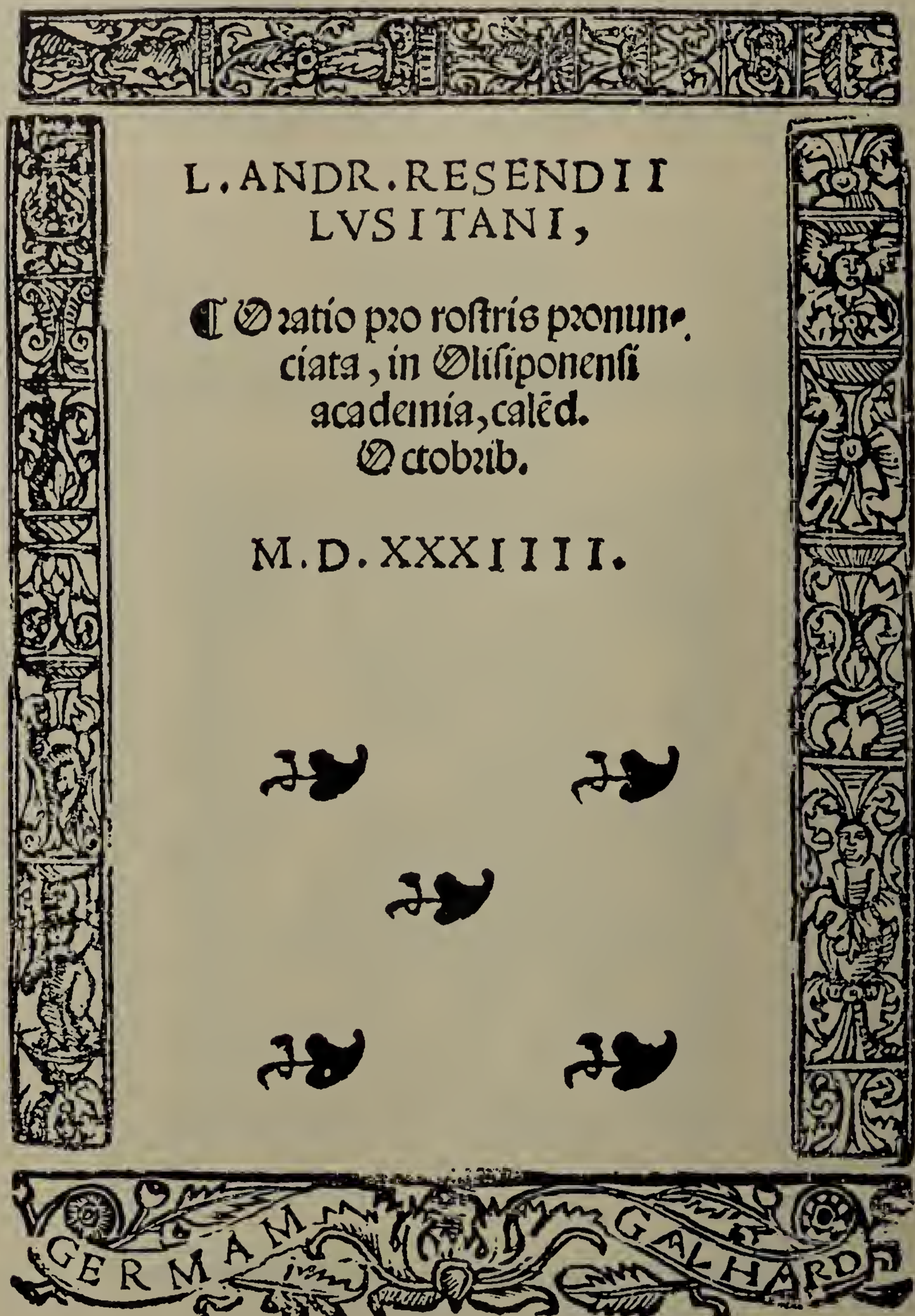
187 Colophon do *Espelho de perfeyçam* de Fr. Braz de Barros
Colophon of the *Espelho de perfeyçam* of Fr. Braz de Barros
Coimbra, 1533

de ter servido Deus e a sua Patria. Como disse- mos, este livro tem para nós, alem da sua raridade, um profundo interesse motivado pelo seu traductor, e pelo local onde foi impresso, Santa Cruz de Coimbra, tão intimamente ligada á historia de Portugal.

and truly served his God and his Country. As we have said, this book has a special interest for us, apart from its rarity, an interest awakened by its translator, and by the place of its printing, Santa Cruz de Coimbra, which is so in- timately connected with the history of the Portuguese nation.



188 Gravura do *Espelho de perfeyçam* de Fr. Braz de Barros
Woodcut from the *Espelho de perfeyçam* of Fr. Braz de Barros
Coimbra, 1533



L. ANDR. RESENDII
LVSITANI,

¶ Oratio pro roſtris pronun-
ciata, in Oliſiponenſi
academia, calẽd.
Octobrib.

M.D.XXXIIII.

GERMAM GALHARD

189 Folha do rosto da *Oratio pro roſtris* de André de Resende
Title-page of the *Oratio pro roſtris* of André de Resende
Lisboa, 1534

32 ANDRÉ DE RESENDE, ORATIO PRO ROSTRIS PRONUNCIATA, IN OLISIPONENSI ACADEMIA.

Lisboa, Germão Galharde, 1534.

L. ANDR. RESENDII | LVSITANI, | Oratio pro roſtris pronun- | ciata, in Oliſiponenſi | academia, calẽd. | Octobrib. | M. D. XXXIIII.

Titulo enquadrado por tarjas das quaes a inferior tem o nome do impressor[1]*:* GERMAM GALHARD.

[fl. 1 vo.] DIVI EMANVELIS. P.F. INVICTI. F. | DIVO IOANNI, LVSITANO | RVM REGI. P.F. INVICTO, | L. ANDR, RESENDIVS, | .S. [...]

[fl. 2] *Começa a* Oratio[2].

[fl. 13 vo.] [...] DIXI. | Errata. [...] | OLISIPONE, In officina | Germani Galli- ardi Galli. | Menſe Octobri. | M. D. XXXIIII.

4º.—[13] folhas—27 e 28 linhas—caractéres gothicos—sem titulos correntes nem reclamos.

Numeração dos cadernos: a, 8 folhas; b, 5 folhas; total de 13 folhas; as folhas a 1 e a 2 não teem assignaturas.

Encadernação de carneira.

4to.—[13] leaves—27 and 28 lines—Gothic letter—no headlines nor catchwords.

Collation by signatures: a, 8 leaves; b, 5 leaves; total 13 leaves; leaves a 1 and a 2 have no signature marks.

Sheepskin binding.

A *Oratio pro roſtris pronunciata, in Oliſiponenſi academia* é a oração recitada por André de Resende na Universidade de Lisboa a 1 de Outubro de 1534. É uma obra excessivamente rara, da qual, segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 604), nenhum exemplar existe nas Bibliothecas Publicas de Portugal: havia um exemplar na Bibliotheca Azevedo-Samodaẽs; no Museu Britannico existe um exemplar da *Oratio,* e Anselmo Braamcamp Freire reproduziu-a no *Arquivo Historico Portuguez.*

The *Oratio pro roſtris pronunciata, in Oliſiponenſi academia* is the oration delivered by André de Resende at Lisbon University on October 1st, 1534. It is a very rare work of which, according to Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 604), there is no copy in any of the Portuguese Public Libraries; a copy exists, however, in the British Museum, and there was one in the Azevedo-Samodaẽs Library. Anselmo Braamcamp Freire reprinted the book in the *Arquivo Historico Portuguez.*

[1] *Title bordered by woodcuts of which the one at the foot of the page bears the printer's name.*

[2] *The beginning of the* Oratio.

É nos impossivel, n'estas notas sobre André de Resende e a primeira obra que d'elle possuimos, impressa em Portugal, estudar, tão detalhadamente quanto desejavámos, mestre André, a sua obra e a influencia que exerceu, visto elle ter sido uma das figuras mais notaveis do nosso humanismo no seculo XVI. São tantos os auctores que se referem ao illustre Eborense, que nem mesmo faremos uma lista completa dos seus nomes: citaremos alguns, mas quem desejar estudar este personagem tão interessante, deverá sem duvida recorrer, especialmente, aos trabalhos, sempre tão valiosos, d'aquelle sabio e verdadeiro "mestre" que foi a saudosa D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, e ás *Noticias da vida de André de Rezende pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira—Publicadas, annotadas e additadas por Anselmo Braamcamp Freire*, Lisboa, 1915. D'este livro escreveu com razão o Dr Fidelino de Figueiredo (*Revista de Historia*, nº 20, p. 379): "o seu auctor...ergueu com esta edição um monumento digno da memoria do famoso antiquario eborense."

André de Resende nasceu em Evora, provavelmente em 1500: professou em 1510 no Convento de S. Domingos na mesma cidade, e em 1513 partiu para Alcalá, onde frequentou a Universidade: depois, em 1518, encontramol-o na Universidade de Salamanca, onde teve como mestres, entre outros, Antonio de Lebrixa—Antonius Nebrissensis—e o seu illustre compatriota Ayres Barbosa, de quem nos occuparemos ácerca da sua *Antimoria*. Em 1526 partiu para os Paizes Baixos: não ha duvida que durante esses annos André de Resende viajou muito, sendo essas viagens certamente motivadas pelo seu amor ao estudo, pois em 1528 achamol-o em Paris, seguindo na Universidade os cursos de Grego do celebre Nicolau Clenardo. Em 1529 esteve em Lovaina, onde imprimiu algumas das suas obras: contudo, Anselmo Braamcamp Freire, sempre tão consciencioso nas suas pesquizas, diz-nos, na obra acima mencionada, não ter podido encontrar noticia de Resende ter

In these notes on André de Resende, and the earliest of his works that we possess, printed in Portugal, we cannot refer, with as much detail as we should have liked, to this great author, his work and his influence, seeing that he was one of the chief Portuguese humanists in the XVIth century. So many authors have written about Resende that we shall not even give a complete list of their names; we shall quote from a few of them, but anyone wishing to study this interesting personality should read the works of the learned Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, and the *Noticias da vida de André de Rezende pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira*, published, annotated and augmented by Anselmo Braamcamp Freire, Lisbon, 1915. Dr Fidelino de Figueiredo (in the *Revista de Historia*, no. 20, p. 379) says truly that "in this edition its author raised a worthy monument to the memory of the famous antiquarian of Evora."

André de Resende was born in Evora probably in 1500, and in 1510 he professed at the convent of St Dominic in the same city. At the age of thirteen he went to Alcalá, where he attended the University, and later, in 1518, we find him at Salamanca University studying under his notable compatriot Ayres Barbosa (whom we shall discuss in connection with his *Antimoria*), and the famous Antonio of Lebrixa—Antonius Nebrissensis. In 1526 he set out for the Netherlands, and during the next few years he travelled about a good deal, being, no doubt, chiefly actuated by his love of learning: in 1528 we find him in Paris taking a course of Greek at the University there, under the celebrated Nicholas Cleynarts. The following year he was in Louvain where some of his works were printed; but Anselmo Braamcamp Freire, who is always most conscientious in research, tells us in the above-mentioned work that he can find nothing to indicate that Resende frequented the University. At this period his compatriot

frequentado aquella Universidade. N'essa epocha já estava em Flandres o seu compatriota Damião de Goes, que tantas referencias faz a Resende nas suas obras; n'essa epocha tambem, começou a correspondencia de Resende com diversas celebridades, seus amigos, taes como Erasmo, Goglenio, Clenardo, Vaseo e outros. A Côrte de Carlos V tinha-se fixado em Bruxellas, e Resende frequentava o Embaixador de D. João III, D. Pedro de Mascarenhas, em cuja residencia se solemnizou com pompa desusada, o nascimento do Infante D. Manuel, filho de D. João III e da Rainha D. Catharina, que tivera logar em Alvito a 1 de Novembro de 1531: esse acontecimento havia sido recebido com jubilo em Portugal, pois estava vago ainda o logar de herdeiro do throno. A Rainha já tinha tido quatro filhos: D. Affonso, D. Maria, D. Izabel e D. Beatriz, mas todos haviam fallecido, com excepção da Infanta D. Maria, que mais tarde veiu a ser a primeira mulher de Felippe II. Na Côrte de Carlos V, D. Pedro de Mascarenhas celebrou o fausto succedimento com esplendidas festas, durante as quaes se representou um auto de Gil Vicente, e ás quaes assistiu André de Resende, sendo natural que fôsse n'um d'esses regosijos que o nosso humanista tivesse conhecido o Imperador. Escreveu então o seu poema intitulado *Genethliacon Principis Lusitani, ut in Gallia Belgica celebratum est, a uiro clariss. D. Petro Mascaregna, regio legato, Mense Decembri M.D.XXXII*, que foi impresso em Bolonha em 1533. Possuimos um magnifico exemplar d'esta obra rara, especialmente interessante por ter algumas correcções feitas pela mão do proprio André de Resende. Não apresentamos este livro, da mesma fórma que diversos outros, obedecendo ao principio que seguimos, de apenas reproduzir livros impressos em Portugal, ou escriptos em Portuguez e impressos no estrangeiro. No seu *Genethliacon*, Resende perpetuou, em versos latinos, os festejos de Bruxellas, sendo dignos de nota os elogios a Gil Vicente, "auctor et actor," mas nos

Damião de Goes, who made so many references to Resende in his books, had already gone to Flanders; and it was also about this time that Resende began to correspond with his various celebrated friends, such as Erasmus, Goclenius, Cleynarts and Vaseus. Dom Pedro de Mascarenhas, who was King João III's ambassador to the Emperor Charles V at Brussels, frequently invited Resende to his house. On November 1st, 1531, the Infante Dom Manuel was born at Alvito. The announcement of the birth of this son to King João and Queen Catharina was rapturously received in Portugal, for though the Queen had already had four children: Dom Affonso, Dona Maria, Dona Izabel, and Dona Beatriz, these, with the exception of Dona Maria, who later became the first wife of Philip II, had all died, and there was no heir to the throne. When the news reached Dom Pedro de Mascarenhas in Brussels, he organised the most sumptuous festivities to celebrate the happy event. An *Auto* by Gil Vicente was performed, and there was much feasting and merry-making. André de Resende, who, being then at Brussels, must certainly have been presented to the Emperor during these rejoicings, took part in all the celebrations and was inspired to write the poem *Genethliacon Principis Lusitani, ut in Gallia Belgica celebratum est, a uiro clariss. D. Petro Mascaregna, regio legato, Mense Decembri M.D.XXXII* which was printed at Bologna in 1533. We possess a magnificent copy of this rare work, which is especially interesting as having several corrections made in Resende's own handwriting; but in accordance with our rule to make reproductions only from books printed in Portugal, or written in Portuguese and printed abroad, we are publishing no special study of it. In his *Genethliacon* Resende immortalises the Brussels celebrations, and the verses in which he eulogises Gil Vicente, "auctor et actor," only deploring that he did not

quaes deplorou que elle não tivesse escripto as suas peças em Latim. No mesmo anno de 1533 imprimiu-se, tambem em Bolonha, a sua *Epistola de vita Avlica*, composta egualmente em Bruxellas em 1531, e da qual possuimos um exemplar perfeito.

Seguindo Resende, "vir doctissimus," como lhe chama D. Jeronymo Osorio, acompanhamol-o no seu regresso a Portugal, á sua terra natal, em 1533. No anno seguinte estava em Lisboa, onde, a 1 de Outubro, pronunciou a oração de abertura dos cursos da Universidade, a *Oratio pro rostris*, que no mesmo mez foi impressa na capital por Germão Galharde.

É verdadeiramente uma oração de Sapiencia, feita por um sabio, um humanista com o culto da antiguidade, do Grego, e do Latim, a lingua predilecta dos seus escriptos. Pouco depois, D. João III mandou Resende a Salamanca com a missão de trazer para Lisboa o seu antigo mestre, o celebre Clenardo, para ser professor do Infante D. Henrique. Resende era Dominicano, mas obteve auctorisação Pontificia para mudar o habito religioso pelo de sacerdote secular em 1540, anno em que falleceu o Cardeal Infante D. Affonso (ver as nossas notas sobre a *Antimoria* de Ayres Barbosa). O Cardeal tinha uma sincera amizade por Resende e, quando era Bispo de Evora, frequentava a casa do illustre Eborense para ouvir as suas lições na escola que elle abrira. Diz-nos D. Antonio Caetano de Sousa (*Historia Genealogica*, t. III, p. 419) que o Infante "compunha em verso com grande facilidade: o Mestre André de Rezende ajuntou alguns, que em huma Collecçaõ dedicou a ElRey D. Joaõ III." Resende testemunhava assim a sua gratidão ao Infante, que alguns auctores julgaram ter sido seu discipulo.

André de Resende foi mestre de D. Duarte, irmão de D. Affonso. Nascera o Infante em Lisboa a 7 de Setembro de 1515, e a sua vida foi narrada por André de Resende na *Vida do Infante D. Duarte* (mandada publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1789), da qual Aubrey Bell

write his plays in Latin, are of special interest. In the same year of 1533, the *Epistola de vita Avlica*, written in Brussels in 1531, of which we possess a perfect copy, was also printed at Bologna.

Resende, "vir doctissimus," as Dom Jeronymo Osorio calls him, returned to Portugal in 1533, and the following year was in Lisbon, where at the opening of the University term on October 1st he recited the *Oratio pro rostris* which was printed by Germão Galharde the same month.

It is a most learned discourse and worthy of its erudite author, with his vast knowledge of Greek and of Latin, the language in which he wrote the majority of his works. Soon after this oration had been printed, Dom João III commanded Resende to go to Salamanca and bring back his old master Nicholas Cleynarts to act as tutor to the Infante Dom Henrique. Resende was a Dominican monk, but he received the Pope's authorisation to change his monastic habit for that of a secular priest in 1540, the year when the Cardinal-Infante Dom Affonso died (see our notes on the *Antimoria* by Ayres Barbosa). Dom Affonso was a sincere friend of the celebrated humanist, and, when he was Bishop of Evora, would often go to Resende's house to hear him lecture; and Dom Antonio Caetano de Sousa (*Historia Genealogica*, vol. III, p. 419) tells us that the Infante "composed in verse with the greatest of ease: *Mestre* André de Resende gathered together some of his verses and dedicated the collection to King João III." In this way André de Resende testified his gratitude to the Prince, who, according to some authors, had been his pupil.

Dom Affonso's brother Dom Duarte was certainly taught by Resende. This Prince was born at Lisbon on September 7th, 1515, and Resende wrote his life-story (*Vida do Infante D. Duarte*, published by order of the Royal Academy of Sciences at Lisbon in 1789); Aubrey Bell

(*Portuguese Literature*, p. 215) diz com razão: "this sketch of a few pages is a little masterpiece." D. Duarte casou com D. Izabel, filha do Duque de Bragança D. Jayme, em Villa Viçosa em 1537: d'esse casamento nasceram: D. Maria, Princeza de Parma, D. Catharina, depois Duqueza de Bragança, a quem nos havemos de referir n'outras notas, e D. Duarte, que nasceu posthumo em Março de 1541, tendo seu pae fallecido a 20 d'Outubro de 1540, poucos mezes depois de seu irmão o Cardeal Infante D. Affonso. Sentindo vir a morte preparou-se como um christão, e fez o seu testamento. N'esse bello documento, em que pede para ser enterrado em Belem em sepultura raza, e que "ElRey meu Senhor naõ traga dó por mym," nem deixe que a Rainha, os Infantes e a Côrte o tragam, não menciona André de Resende. Entre os diversos legados encontra-se um, que não podemos deixar de transcrever—apezar de nada ter com o assumpto de que agora nos occupamos—pois tem, na verdade, um sabor especial, quando se pensa que o Infante fez o seu testamento quatro dias antes de morrer.

"Item ao Licenciado liaõ meu fifico ainda que me naõ aja fervido pelo trabalho que levou em minha emfermidade lhe deixo o que de mym tem, fervindo meu erdeiro em quanto for merce de meu erdeiro" (*Provas da Historia Genealogica*, t. II, p. 611).

Damião de Goes (o amigo de André de Resende) diz-nos na sua *Chronica DelRei dom Emanuel* (1566, Parte III, cap. lxxviij), que D. Duarte

"foi mui inclinado a letras, & armas, grande caçador, & monteiro, & muito mufico....Foi mui deuoto, & abftinente, & trouxe muito tempo hum çiliçio entre ha carne, & ha camifa, com tanto fegredo que nunca fe pode faber pelas peffoas que ho veftiã, & defpião, fenão per occafiam, & poucos dias antes que faleçeffe."

Da mesma fórma que Resende, conta-nos tambem Goes (*loc. cit.*) que D. Duarte, antes de fallecer,

(*Portuguese Literature*, p. 215) rightly says: "this sketch of a few pages is a little masterpiece." Dom Duarte married Dona Izabel, the Duke of Bragança's daughter, at Villa Viçosa in 1537; there were three children of the marriage: Dona Maria, Princess of Parma, Dona Catharina, afterwards Duchess of Bragança, to whom we shall refer in other notes, and Dom Duarte, who was born posthumously in March, 1541, his father having died in October, 1540, soon after the Cardinal-Infante Dom Affonso. When Dom Duarte felt that death was near, he prepared himself to meet it like a Christian, and made his will. He does not mention Resende in this document, where he expresses his wish to be buried in a bare tomb at Belem and begs "the King my Lord not to wear mourning for me"; nor to allow the Queen, the Princes, nor any of the Court to wear it. Among the various legacies there is one which, though it has really nothing to do with our subject, we cannot resist quoting, for it has a special savour when we remember that the will was made four days before the Infante's death:

"Item, to the Licenciate Lião my physician, though he may not have been of much use to me, yet for the trouble he has taken during my illness, I leave him what he receives from me, that he may serve my heir as long as my heir shall so desire" (*Provas da Historia Genealogica*, vol. II, p. 611).

Resende's friend Damião de Goes tells us in his *Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566 (Part III, chap. lxxviij), that Dom Duarte

"was very fond of learning and fighting, a great sportsman and hunter and very musical.... He was most devout and abstemious and for a long time wore a hair shirt next his skin, and kept the matter so secret that it was only by accident and a few days before he died that the people who dressed him and undressed him came to know of it."

Like Resende, Goes (*loc. cit.*) tells us that Dom Duarte

"ou por reuelaçam ou per q̃lquer outro modo, dixe a ſeus irmãos & álgũs ſeus criados, & familiares ho tempo em que hauia de morrer.... Eſtando doente, dixe hũa ſegunda ſeira ahos que com elle eſtauam, que dali a dous dias hauia de morrer, ho q̃ aſsi foi, porq̃ ſpirou à quarta...."

Na sua *Chronica de D. João III*, 1613 (Parte III, cap. LXIX), Francisco d'Andrada, referindo-se tambem á morte do Infante e ao seu enterro—seguido pela Côrte e "muito grande cantidade de pouo em cujas lagrimas ſe enxargaua bem o geral ſentimento que em todos auia"—conta-nos o seguinte episodio, sem duvida interessante.

"Em hum papel que me veyo ter ha mão feito por meſtre Andre de reſende homem de muytas letras & autoridade, que fora meſtre do Ifante dom Duarte, em q̃ compediofamente trata de muitas couſas particulares da ſua vida & da ſua morte, de que elle diz que fora teſtemunha de viſta, achei hũa tão dina de eſpanto & pondera-ção, que por ella ſer tal & o autor graue & de muito credito, me pareceo rezão naõ paſſar ſem dar relação della. Diz que emparelhando o corpo do Ifante com a porta do eſprital de todos os ſantos no roſsio, ſe leuãtou da tumba em que o leuauão hũa põba muyto alua, ſem auer peſſoa que viſſe donde viera, & ha viſta de todos, voàra para o ceo ate deſaparecer no ar, ſem ſe poder atinar para onde fora...."

Fr. Luiz de Sousa refere-se egualmente a este facto nos *Annaes d'ElRei D. João III*, publicados por A. Herculano (Parte II, cap. II).

É verdadeiramente notavel que se desse, em tempos modernos, um caso semelhante áquelle narrado por André de Resende. Testemunhas contaram-nos que no enterro da Rainha D. Estephania, uma pomba veiu pousar-se sobre o coche que levava para S. Vicente o corpo d'aquella nova e encantadora Princeza, victima da sua admiravel caridade.

Fallecido tão moço o seu discipulo, Resende viveu então, parte em Lisboa, parte em Evora; mas em 1551 encontramol-o em Coimbra, pro-

"either by a revelation, or by some other means, was able to tell his brothers and some of his servants and friends the exact day on which he was going to die....When he was ill, he said one Monday to those who were with him that he would die two days from then, and so it came to pass, for he expired the following Wednes-day."

Francisco d'Andrada, referring, in Part III, chap. LXIX of his *Chronica de D. João III*, 1613, to the Prince's death and funeral, when his bier was followed by the whole Court and a very large number of people whose tears showed the general grief felt by all, recounts the following interesting episode.

"There has come into my possession a manu-script written in the hand of André de Resende, a learned man with much authority who was tutor to the Infante Dom Duarte. In this paper Resende describes briefly many incidents, of which he says he was an eye-witness, in his pupil's life and death, and among these incidents I found one so extraordinary and providing such food for thought that I could not pass it by without mention, especially as it was narrated by such a grave and reputable author. He says that when the Infante's body reached the door of All Saints' Hospital in the Rocio Square, a snow-white dove flew up from the bier, though no one knew whence it came, and in full view of the multitude it soared up to heaven until it dis-appeared and none knew whither it had gone."

Frei Luiz de Sousa also describes this episode in his *Annaes d'ElRei D. João III* published by A. Herculano (Part II, chap. II).

It is notable that in modern times there has been a case similar to the one mentioned by Resende. Eye-witnesses told us that at the burial of Queen Dona Estephania, a dove came and hovered over the coach which was carrying the body of that young and charming Princess to the Pantheon of S. Vicente.

After his young pupil's death Resende spent his time partly in Lisbon and partly in Evora. But we find him at Coimbra in 1551 delivering

nunciando a Oração de Sapiencia a 28 de Junho, para a commemoração do anniversario da fundação do Collegio das Artes. Depois, foi em Evora, na sua casa, "as casas de Resende," que o mestre viveu, rodeado dos seus livros, dos seus marmores e inscripções, e no seu jardim cheio de arvores, onde ouvia, murmurando entre as pedras, a agua de uma fonte: n'esse ambiente escrevia as suas obras e a sua correspondencia. Alli, na sua Evora que tanto amou, falleceu a 9 de Dezembro de 1573, e tem razão D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos de escrever: "Os Eborenses fizeram bem em chamar a rua onde morára: *Rua de Mestre Resende*" (*Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, p. 22). Foi indubitavel a influencia de Resende, "o latinista erudito que foi um dos principaes restauradores do saber classico, e em especial da sciencia arqueológica em Portugal" (D. Carolina Michaëlis, *ob. cit.* p. 6).

Com o seu saber, estimado por D. João III e Carlos V, pelos Infantes D. Affonso, D. Henrique e D. Duarte, cercado da amizade e consideração de homens como Erasmo, Clenardo, Goglenio, Vaseo, Damião de Goes, em correspondencia com muitos, vivendo na epocha de Gil Vicente, João de Barros, Pedro Nunes, Camões, Sá de Miranda e tantos outros, não admira essa influencia. Teve defeitos, pois ninguem é perfeito: essas fraquezas, aponta-as D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos no seu notavel trabalho *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, pois diz:

"Tinha certa predilecção por palavras altisoantes; mostrava laivos de vaidade, e ciumes de confrades mais felizes na sua carreira literaria. Nem tão pouco era isento de um forte prurido falsificador, ou seja tendencia pronunciada para retocar arbitráriamente inscrições luso-romanas que lhe pareciam defeituosas ou deturpadas, e mesmo para inventar outras novas. Sem entrar em pormenores a respeito das numerosas 'pias

his Oration *De Sapiencia* on June 28th, the anniversary of the foundation of the College of Arts. Later he retired to his home at Evora, to *as casas de Resende* set in a beautiful garden graced by trees and a running brook, and there, surrounded by his books, his marbles and inscriptions, he wrote his works and attended to his voluminous correspondence. He was still in his beloved Evora when he died on December 9th, 1573; and, as Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, p. 22) writes, "the people of Evora did well to name the street where he lived *Rua de Mestre Resende*." Resende's influence was very great; he was "the learned Latin scholar who was chiefly instrumental in reviving classical knowledge and especially archaeological science in Portugal" (Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *op. cit.* p. 6).

This influence is not to be wondered at when we consider his immense store of learning and that he was esteemed by King João III, by the Emperor Charles V, and by the Princes Dom Affonso, Dom Henrique and Dom Duarte, that his friendship was valued by such men as Erasmus, Cleynarts, Goclenius, Vaseus and Damião de Goes, with all of whom he kept up a correspondence, and that he lived in the time of Gil Vicente, João de Barros, Pedro Nunes, Camões, Sá de Miranda, and many others. He had his faults, for no one is perfect, and Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos enumerates them in her notable work *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*:

"He had a certain predilection for high sounding words; he showed something of vanity, and jealousy of those of his fellows who were more fortunate than he in their literary career. Nor was he free from a considerable itch for forgery, or at least a pronounced tendency to retouch arbitrarily such Luso-Roman inscriptions as he considered defective or disfigured, and even to invent fresh ones. Without entering into details about the numerous epi-

fraudes' epigraficas de que é inculpado, 'devidas ao muito amor patrio e á tibieza do metodo critico então apenas incipiente,' direi unicamente que Lucius Andreas teria, por certo, respondido tres coisas aos que por ventura censurassem então, ou censurem hoje, a adoptação de um nome romano. Primeiro: que licenças poeticas eram mercancia muito velha e conhecida, e que, ele, poeta pela graça de Deus, considerava nomes de pessoa como propriedade particular, da qual cada um podia dispôr com inteira liberdade, e citaria o exemplo de numerosissimos homens afamados da idade-media, e do seu tempo. Segundo: que desejava não ser confundido com homónymos. Terceiro: que o seu modelo imediato fôra seu mestre, o grande António de Lebrixa, visto como este se chamava entre os latinistas *Aelius* Antonius Nebrissensis."

Assim escreve a grande auctora na obra mencionada, na qual trata especialmente do *L.* enigmatico com o qual Resende assignava. Não era a primeira vez que elle alterava o seu nome:

"No intuito de documentar o seu amor filial, André, orfão desde o berço, havia adoptado o prenome *Angelus* que, com direito ou sem elle, atribuia á mãe que o criára....Talvez por *Angelo* não ser romano...substituio o *A.* por outra letra" (D. Carolina Michaëlis de Vasconellos, *ob. cit.*).

Prosegue D. Carolina Michaëlis na sua tão clara demonstração:

"A razão porque preferiu *Lucio* entre os prenomes mais usados na Roma antiga, adevinhe a quem quiser e puder. Pela minha parte, não creio que Rivara acertou, aventando em 1839 a pregunta se Frei André escolheria por ventura de ab-inicio esse *L.* para o poder acomodar ao gosto de Latinos e vulgares, sendo para uns *Lucio* e para os outros *Licenciado*. Embora no fim da vida ele se aproveitasse realmente do expediente, constrangido ou não, acho mais provavel que a escolha fosse determinada tanto pelo parentesco do expressivo nome-próprio com o

graphical 'pious frauds' of which he has been found guilty and which were 'due to his great patriotic fervour and to the fact that literary criticism was only in its beginnings at that time,' I will simply say that Lucius Andreas would certainly have had three answers ready for those of his own time or those of today who might censure him for adopting a Latin name. First: that poetic licence was a very ancient and well-known privilege and that he, a poet by the grace of God, considered that people's names were their personal property of which they might dispose with perfect liberty, and he would have cited the example of many famous men in the middle ages and in his own time. Secondly: that he did not wish his name to be confounded with other homonymous ones. Thirdly: that he had modelled himself directly upon his master, the great Antonio de Lebrixa, who called himself in Latin *Aelius* Antonius Nebrissensis."

The same authoress enlarges further upon this enigmatic *L.* in her above-quoted study of Resende's Latin name. The *L.* was not the first alteration he made in his name:

"To attest his filial affection André, orphaned from the cradle, had adopted the name *Angelus*, which, rightly or wrongly, he attributed to the mother who had borne him....Perhaps because *Angelo* was not Roman...he substituted another letter for the *A.*" (Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *op. cit.*)

Dona Carolina Michaëlis adds:

"As for the reason why he chose *Lucio* from among the names more commonly used in ancient Rome, let those who wish guess it, if they are able. For my part I do not believe that Rivara was anywhere near the truth when, in 1839, he started the question as to whether André had not perhaps chosen *L.* as his first initial to suit all tastes, so that for Latin scholars it should represent *Lucio* and for others *Licenciado*. Although at the end of his life he was constrained to profit by this expedient, I consider it more probable that the selection was determined by the nearness of this expressive name to *anjo lucifero* (the Angel Lucifer) and to the words

anjo lucifero e com os apelativos *luz, lúcido, lucidez* —mais tarde valorizado por um dos seus pane‐giristas—como tambem pela sua homofonia parcial com *Luso, Lusitano*" (*ob. cit.* pp. 9–10).

Sem pretenção alguma, diremos que nos sorri mais a explicação da escolha do prenome *Lucio* pelo parentesco com os appellativos, *luz, lucido*, do que a de *lucifero*: e preferimos ainda mais a da homophonia parcial de *Lucio* com *Luso* e *Lusitano*, visto o nosso humanista *Lucius Andreas Resendius Lusitanus* ter sempre, e especialmente no estran‐geiro, procurado dar brilho e honra ao nome Portuguez—ou Lusitano. Concluindo a sua clarissima demonstração, D. Carolina Michaëlis escreve (*ob. cit.*):

"Rèsende não era Lúcio. No acto do batis‐mo, de que não houve assento, recebeu (pro‐vávelmente) o nome André, quer por ser o do pae, quer por ter nascido no dia de Santo André (30 de Nov.). Nos escritos vernáculos sempre empregou esse nome *André de Resende.* Usou todavia de um prenome romano, nos seus escritos latinos, em virtude de uma 'licença poetica' muito usada no seu tempo. *L.* ante‐posto a nomes‐próprios romanos só tem *uma* significação: a de *Lúcio.* Rèsende era um per‐feito latinista e epigrafista. Portanto *L. Andr. Resendius* quer dizer: *Lucius Andreas Resendius*, tanto na escrita do próprio, como na de todos os coevos. Em português, a abreviatura usual de *Licenciado* foi, e é, *L^do^*. Mas nem *L^do^* nem *L.* aparece em escritos vernáculos do ilustre Ebo‐rense, embora efectivamente o Doutor‐Mestre André fôsse *Licenciado* por algum tempo, antes de ter tomado capelo e borla em qualquer das universidades que freqüentou. O acto de, no testamento, se haver servido d'este titulo menor é tão voluntarioso, quasi, como o uso do prenome latino."

Diremos apenas, em confirmação do que acima transcrevemos, que nas primeiras edições de todas as obras latinas que possuimos de Resende, im‐

luz (light), *lucido* (lucid) and *lucidez* (lucidity)—a sense later utilised by one of his panegyrists—and by its partial homophony with *Luso* and *Lusitano*" (*op. cit.* pp. 9–10).

Without any pretensions to decide the question, we must admit that we are inclined to accept the explanation that Resende chose the name *Lucio* on account of its relation with the words *luz* and *lucido*, rather than because of its resemblance to *lucifero*; but we believe that the similarity in sound of *Lucio* with *Luso* and *Lusitano* must have been his most potent reason, for our humanist *Lucius Andreas Resendius Lusitanus* always sought to add brilliance and honour to the Portuguese, or Lusitanian, name, especially when he was abroad. And at the end of her very clear demonstration Dona Carolina Michaëlis (*op. cit.*) writes:

"Resende was not Lucio. In his baptism, of which no record was made, he (probably) re‐ceived the name of André, either because it was his father's name, or because he was born on Saint Andrew's day (Nov. 30th). When writing in the vernacular he always signed him‐self *André de Resende*; but in his Latin writings he made use of a Latin praenomen by virtue of a 'poetic licence' much in vogue in his day. *L.* placed before Roman proper names has only one signification: *Lucius.* Resende was a perfect Latin scholar and epigraphist. Consequently *L. Andr. Resendius* means: *Lucius Andreas Re‐sendius*, when written either by Resende himself or by his coevals. In Portuguese the usual abbreviation for *Licenciado* (Licentiate) was, and is *L.^do^*; but neither *L.^do^* nor *L.* appears in any of the works that Resende wrote in the vernacular, though Master André certainly was a *Licenciado* for a time before whichever of the Universities he was attending invested him with a Doctor's cap. And his use of the title (*Licenciado*) in his will was almost as intentional as the adoption of a Latin praenomen."

In confirmation of the above extract, we will simply say that the *L.* so clearly explained by Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos is to

pressas tanto em Portugal, que apresentaremos, como no estrangeiro, que pelos motivos dados, não publicamos, se encontra o *L.* tão claramente explicado por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, emquanto que na *Hiſtoria, da Antigvidade da Ciidade Evora*, de cuja rarissima primeira edição de 1553 possuimos um admiravel exemplar, o nosso humanista intitula-se *Meeſtre Andree de Reeſende.*

Pontos restam, muitos sem duvida, da vida de Resende: d'elles tentaremos tratar nas nossas notas ácerca das obras do mestre. Contudo, n'este modesto estudo da vida do antiquario, desejamos ainda mencionar alguns. Anselmo Braamcamp Freire, a quem devemos a publicação da vida de Resende pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira, demonstrou n'um outro trabalho (*A suposta fraternidade de Garcia e André de Resende, Critica e Historia—Estudos*) que Garcia e André, sendo parentes, não eram irmãos: um ponto interessante a que se refere, é o de André de Resende ter tido um filho de "mulher não casada," quando tinha perto de sessenta annos. Em nota, publica Braamcamp Freire a carta Regia de legitimação de D. Sebastião, datada de 1567. Ignora-se quem era a mãe. Esse filho e herdeiro, Barnabé, casou e teve descendencia: mas a geração do illustre Eborense extinguiu-se ha innumeros annos. O estudo de Braamcamp Freire tem ainda para nós uma outra importancia: a de reproduzir em fac-simile parte da carta de André de Resende a D. João de Castro, escripta em 1547, e que Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos séculos* XVI *e* XVII, 1881) já publicára. O exame d'esse fac-simile demonstra claramente que algumas das obras de Resende que possuimos, fôram emendadas pela mão do mestre, tendo tambem notas marginaes do seu punho, que publicaremos em fac-simile. É interessante que, na nota 5 do seu *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, D. Carolina Michaëlis se refira a um caso identico, pois escreve:

be found in all the first editions we possess of Resende's Latin works, both those printed in Portugal, which we shall describe, and those printed abroad, which for reasons above specified we do not study in detail; while in the *Hiſtoria, da Antigvidade da Ciidade Evora* (of the very rare first edition (1553) of which we possess a magnificent copy) our humanist designates himself *Meeſtre Andree de Reeſende.*

There are certainly many points in the life of Resende upon which we have not touched: we shall try and discuss some of them in our notes on his other works. But there are still one or two matters connected with the antiquarian's life which must be included here. Anselmo Braamcamp Freire, to whom we owe the publication of Francisco Leitão Ferreira's *Life* of Resende, demonstrates in another work (*A suposta fraternidade de Garcia e André de Resende, Critica e Historia—Estudos*) that though Garcia and André were related, they were not brothers. An interesting point to which he refers is that André de Resende had a son by an unmarried woman, when he was nearly sixty years old. Freire publishes King Sebastian's letter of legitimation dated 1567. The mother's name is unknown; but the son and heir, Barnabé, married and had descendants: the family of the famous *mestre* has, however, long since died out. Braamcamp Freire's study has still further importance for us: he reproduces in facsimile part of André de Resende's letter to Dom João de Castro in 1547, which Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII, 1881) had already published. A careful examination of this facsimile shows clearly that some of the Resendiana in our possession were emended in the master's own hand and have marginal notes in his writing, some of which we shall publish in facsimile. It is interesting that in note 5 of her *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, Dona Carolina Michaëlis refers to a similar case:

"...os fac-similes confirmam plenamente a minha suspeita de que algumas edições, *primevas* e rarissimas, de opúsculos rèsendianos, impressos em 1533, 1534, 1551, 1553, 1561, e 1567, que foram adquiridos ha tempos por meu marido, são as proprias de que o ilustre antiqúario se servia, e foram por ele enriquecidas com numerosas notas marginaes: correcções de erratas, emendas de estilo e referéncias a modelos clássicos em que se inspirou."

Parece-nos, pois, que Resende emendava os exemplares que possuia, que dava, ou mesmo que revia as edições, certamente de um pequeno numero de exemplares, e as corregia. Seria sem duvida importante saber-se se existem outros exemplares, corregidos ou annotados pela mão do mestre.

O nosso antiquario tinha fraquezas; quem as não tem! Uma d'ellas era querer provar a nobreza da sua ascendencia. Por ventura com esse intuito, usou ás vezes de uma orthographia archaica, *Reseinde*, em logar de Resende, possivelmente derivando *Reseinde* do Gothico *Ranisindi*, talvez para poder contar entre os seus antepassados, S. Rudesindo, Bispo de Dume. Gaspar Estaço nas suas *Varias Antigvidades de Portugal*, 1625 (p. 13), escreve sobre essa questão:

"Pello q̃ podemos ſuſpirar pella promeſſa do inſigne theologo, e illuſtre antiquario o doutor Andre de Reſende, que deſejou eſcreuer a hiſtoria d'eſte ſanto (S. Rudesindo, Bispo de Dume)...o qual intento a morte lhe desfez, apagando n'elle hum lume notauel de varia erudiçam e vniuerſal doutrina, a quem como a Oraculo acudiam com ſuas perguntas, Ioam Vaſeo, Ioam de Barros, Gaſpar Barreiros, Diogo Mendes de Vaſconcellos, Bartholomeo Kebedo conego de Toledo, Ambroſio de Morales, e outros."

Seria o intento do "baram mui docto em todo genero de diſciplinas," como lhe chamáva Gaspar Barreiros, preparar uma illustre genealogia? É possivel: apontamos a hypothese, mas

"...the facsimiles confirm fully my suspicion that certain original and rare editions of Resende's pamphlets, printed in 1533, 1534, 1551, 1553, 1561 and 1567, which my husband acquired some time ago, are the very ones used by the famous antiquarian himself and have been enriched by him with numerous marginal notes: corrections of errata, emendations in style and references to the classical models which inspired him."

It therefore seems to us probable that Resende emended those copies of his works that he had in his possession, and those he gave to his friends, or possibly even revised and corrected whole editions, which must necessarily have been small. It would certainly be of bibliographical importance to know whether there are any other copies in existence with corrections or notes in the master's hand.

One of our antiquarian's weaknesses was his desire to prove the nobility of his descent. He sometimes wrote his name in the archaic form *Reseinde*, possibly to try and indicate that it was derived from the Gothic *Ranisindi*, or perhaps in order to be able to number St Rudesindo, Bishop of Dume, amongst his ancestors. Gaspar Estaço writes in his *Varias Antigvidades de Portugal*, 1625 (p. 13):

"So that we can regret that the project of the notable theologian and illustrious antiquarian Doctor André de Resende to write this saint's (Rudesindo, Bishop of Dume) history was never carried out, for death put an end to his intention, and with him (Resende) a notable lamp shedding the light of varied erudition and universal doctrine was extinguished, for João Vaseo, João de Barros, Gaspar Barreiros, Diogo Mendes de Vasconcellos, Bartholomeo Kebedo, canon of Toledo, Ambrosio de Morales and others all hastened to him with their questions as to an oracle."

Possibly this "man learned in every kind of discipline" as Gaspar Barreiros calls him, meant to prepare a genealogy showing his illustrious descent. But his illustrious descent matters not

o que nos importa é o valor de Resende, e a influencia que exerceu. No seu *Vincentivs Levita et Martyr*, veremos novamente a parte predominante que teve na introducção da palavra *Lusiadas*. Mas, ao apresentar este bello exemplar da *Oratio pro roſtris*, devemos referir-nos ao facto de ter sido n'esta obra, sahida dos prelos de Germão Galharde em 1534, que pela primeira vez foi impressa a palavra *Lusiadas*, que mais tarde se tornou tão famosa e gloriosa. Resende compoz o seu poema sobre S. Vicente em 1531, em Bruxellas, mas só foi publicado quatorze annos depois, por razões que elle proprio expoz; contudo, a *Oratio* de 1534 contem os versos do seu *Vincentivs Levita et Martyr*, exactamente aquelles nos quaes se encontra a palavra *Lusiadas*. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, no seu estudo, como sempre tão notavel, *Lucius Andreas Resendius Inventor da palavra 'Lusiadas,'* escreve, referindo-se á *Oratio*:

"No fim d'essa bela peça oratória, sua estreia em Portugal, o autor disserta sobre os nomes e as origens de Lisboa, expondo então as opiniões que a este respeito havia enunciado no poema de S. Vicente, e recita textualmente os versos 150–202 do Livro Segundo, incluindo o 195 que diz:

'...ea poterat, ſecurus vivere Ulyſſes
Inter Luſiadas, niſi amor reuoccaſſet amatae
Coniugis, ⁊ patriae, gnatiq;, ⁊ cura parentis....'"

Tendo analysado, com admiravel clareza, toda a questão de a quem pertence a prioridade da palavra *Lusiadas*, e após um exame minucioso das obras de André de Resende e de Jorge Coelho, conclue D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*ob. cit.*):

"Os primeiros trabalhos literários, até hoje conhecidos, em que foi usada a palavra *Lusíadas*, são de Rèsende: o *Encomium Erasmi*, escrito em fevereiro de 1531, e o *Vincentius*, composto entre outubro do mesmo ano e mes igual do ano imediato. O primeiro trabalho literário em que a palavra *Lusíadas* foi tornada pública—por meio de impressão—é tambem de Rèsende: a *Oratio*

at all—it is the man himself and his influence that are important. When we study his *Vincentivs Levita et Martyr* we shall see the predominant part he played in the introduction of the word *Lusiadas*. But we cannot conclude our description of this beautiful copy of the *Oratio pro roſtris* without mentioning the fact that it was in this work, published by Galharde in 1534, that the word *Lusiadas*, which afterwards became so famous, was printed for the first time. Resende composed his poem on St Vincent in Brussels, in 1531, but it was not published until fourteen years later, for reasons that the author himself explains; however in the *Oratio* of 1534, he declaims exactly those verses from his *Vincentivs Levita et Martyr* wherein the word *Lusiadas* occurs. Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos, in her notable study *Lucius Andreas Resendius Inventor da palavra 'Lusiadas,'* says, with reference to the *Oratio*:

"At the end of this beautiful piece of oratory, his first gift to Portugal, the author gives a dissertation on the names and origins of Lisbon, expounding the opinions that he had enunciated on the subject in his poem on St Vincent, and quotes verses 150–202 from the Second Book, including the 195th which reads:

'...ea poterat, ſecurus vivere Ulyſſes
Inter Luſiadas, niſi amor reuoccaſſet amatae
Coniugis, ⁊ patriae, gnatiq;, ⁊ cura parentis....'"

Having given a very clear analysis of the whole question as to who first used the word *Lusiadas*, and made a careful examination of André de Resende and Jorge Coelho's works, Dona Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*op. cit.*) concludes:

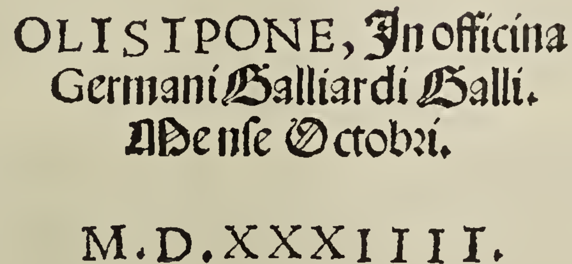
"The first literary works, of which we have knowledge up to the present, where the word *Lusiadas* is used, are by Resende; the *Encomium Erasmi*, written in February, 1531, and the *Vincentius*, composed between the October of that year and the same month in the following year. The first literary work in which the word *Lusiadas* was made public—by means of printing

pro rostris de outubro de 1534. O primeiro e único latinista português que vindicou para si a paternidade da palavra...é o mesmo Rèsende, nas Anotações ao *Vicente*. Este autor declarou tambem *urbi et orbi* que Jorge Coelho fôra um dos seus mais entusiásticos imitadores no emprego do vocábulo novo. E este Jorge Coelho não o desmentiu."

Em outras obras veremos ainda a influencia de Resende, de quem Herculano escreveu (*Historia de Portugal*, t. I, *Introducção*, p. 7): "André de Resende, o maior e mais judicioso antiquario portuguez do seculo XVI." Para nós, esta obra que acabamos de descrever, a mais antiga que possuimos do mestre, impressa em Portugal, é uma evocação da epocha brilhante de estudo, durante a qual, entre as pleiadas d'homens illustres que então viviam em Portugal, André de Resende era preeminente pelo seu saber, pela sua situação, pela sua influencia, e tambem pelo patriotismo e afan com que, no estrangeiro, honrou e glorificou o nome da sua Terra!

—is also by Resende: the *Oratio pro rostris* of October, 1534. The first and only Portuguese Latinist to claim the paternity of the word is also Resende, in the notes on the *Vincentius*. This author also declares *urbi et orbi* that Jorge Coelho was one of his most enthusiastic imitators in the use of the new word. And Jorge Coelho did not deny it."

Resende's other works offer still further proofs of his intellectual ascendancy. In describing the oldest work printed in Portugal that we possess from the pen of this master, whom Alexandre Herculano (*Historia de Portugal*, vol. I, *Introducção*, p. 7) has designated as "the greatest and most judicious Portuguese antiquarian in the sixteenth century," this *Oratio pro roſtris pronunciata, in Oliſiponenſi academia*, we, for our part, visualise that wonderful era of study when there was a pleiad of brilliant men in Portugal, among whom Resende by reason of his learning, his situation and his influence, stood pre-eminent; but what gives him even more lustre in our eyes is his patriotism, his zeal when abroad to bring honour and glory to the name of Portugal.


OLISIPONE, In officina Germani Galliardi Galli. Menſe Octobri.

M.D.XXXIIII.

190 Colophon da *Oratio pro roſtris* de André de Resende
Colophon of the *Oratio pro roſtris* of André de Resende
Lisboa, 1534



¶Tractado de canto mēſurable: y con
trapūcto: nueuamēte cōpueſto por Matheo
de arāda maeſtro ē muſica. Dirigido al mui
alto y illuſtriſſimo ſeñor dō Alōſo Cardenal
Infante de portugal. Arçobiſpo de Lixbōa.
obiſpo Deuora. Comēdatario d Alcobaça.
Con Preuilegio Real.

191 Folha do rosto do *Tractado de canto mēſurable* de Matheo de Aranda
Title-page of the *Tractado de canto mēſurable* of Matheo de Aranda
Lisboa, 1535

33 MATHEO DE ARANDA, TRACTADO DE CANTO MẼSU-RABLE: Y CONTRAPŨCTO.

Lisboa, Germão Galharde, 1535.

Tractado de canto mẽſurable: y con | trapũcto: nueuamẽte cõpueſto por Matheo | de arãda maeſtro ẽ muſica. Dirigido al mui | alto y illuſtriſſimo ſeñor dõ Alõſo. Cardenal | Infante de portugal. Arçobiſpo de Lixbõa. | obiſpo Deuora. Comẽdatario ꝺ Alco-baça. | Con Preuilegio Real.

Titulo por baixo do brasão do Cardeal Infante Dom Affonso, a negro e vermelho; tudo enquadrado por tarjas das quaes a inferior tem o nome do impressor[1]*:* GERMAM GALHARD.

[fl. 1 vo.] Priuilegio. [...]

[fl. 2] Prologo. [...]

[fl. 2 vo.] Comiença el tractado de Canto mẽ | ſurable: y cõtra punto: proſiguiẽ | do por ſus Concluſiones en | eſta manera .:. ✠ .:.

[fl. 3] Concluſion primera de ocho figuras de Canto menſurable. [...]

[fl. 12 vo.] [...] Deo gratias. | Finis .:.

[fl. 13] Concluſion primera de interuallos: que ſe | forman en contrapuncto. [...]

[fl. 23] [...] Deo gracias. | Finis.

[fl. 23 vo.] Declaracion de algunas | coſas: que eneſte tractatado [sic] ſe contienen. [...]

[fl. 32 vo.] [...] Finis. | De contrapuncto. [...]

[fl. 35 vo.] [...] Deo gratias.

[fl. 36] Fue jmpreſſa la preſente obra de Cã | to men ſurable y Contrapuncto. | En la muy noble y ſemꝑ leal ciu | dad de Lixboa por German | Galhard Empremidor. | Acaboſe alos quatro | dias del mes de Se | tiẽbre. De Mil | ꝛ q̃nientos: | ꝛ treyn- | ta y cĩ | co .:. | ✠

4º.—[36] folhas—33 linhas—caractéres gothicos—com notas de musica—sem titulos correntes nem reclamos.

Numeração dos cadernos: a–d, 8 folhas cada caderno; e, 4 folhas; total 36 folhas; as folhas a 2, a 4, c 2 e e 2 não teem assignaturas.

Encadernação de marroquim.

4to.—[36] leaves—33 lines—Gothic letter—with notes of music—no headlines nor catchwords.

Collation by signatures: a–d, each 8 leaves; e, 4 leaves; total 36 leaves; leaves a 2, a 4, c 2 and e 2 have no signature marks.

Morocco binding.

[1] *Title below the Cardinal-Infante Dom Affonso's coat of arms in red and black; the whole within a border of woodcuts, of which the one at the foot of the page bears the printer's name.*

O *Tractado de canto mẽſurable: y contrapũcto*, a segunda obra composta por Matheo de Aranda, é tão rara como a primeira, o *Tractado de cãto llano*, do qual já nos occupámos. D'este livro—preciosidade bibliographica—existe apenas, segundo Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 606), um exemplar em Portugal: o da Bibliotheca de Evora, que estes auctores descreveram com a indicação seguinte: "ex. unico?" Alem do nosso exemplar, que está perfeito e esplendidamente conservado, temos conhecimento de mais um, o do Museu Britannico (ver H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before 1601 now in the British Museum*, p. 36). Não querendo repetir aqui o que já escrevemos ácerca de Matheo de Aranda, e da musica em Portugal n'essa epocha, diremos que o pouco que sabiamos ficou dicto nas nossas notas sobre o *Tractado de cãto llano*. Os mesmos auctores que mencionaram esse tractado referem-se a este, provavelmente o segundo livro de musica impresso em Portugal. O *Tractado de canto mẽſurable: y contrapũcto* foi egualmente dedicado pelo seu auctor a D. Affonso, "Cardenal Infante de portugal. Arçobiſpo de Lixbõa. obiſpo Deuora. Comẽdatario ꝺ Alcobaça," e impresso em Lisboa "Con Preuilegio Real," por "German Galhard Empremidor." Nas cartas de privilegio de D. João III, escriptas em Evora, que se lêem nos dois *Tractados*, Matheo de Aranda é designado pelo titulo de "meſtre da capela da ſee deſta cidade." Este facto explica ter Matheo de Aranda offerecido os seus dois *Tractados* ao Cardeal Infante, que era então Bispo de Evora. D. Affonso, alem de ser um protector das artes, foi poeta, discipulo de Ayres Barbosa (ver as nossas notas sobre a *Antimoria*), e amigo do illustre Eborense André de Resende (ver as nossas notas ácerca da *Oratio pro roſtris*).

No curto prologo dirigido ao Cardeal Infante, Aranda escreve:
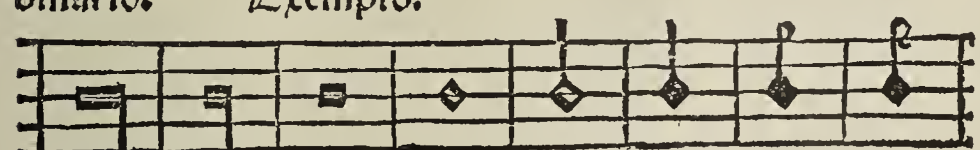
The *Tractado de canto mẽſurable: y contrapũcto*, the second of the works composed by Matheo de Aranda, is as rare as the *Tractado de cãto llano*, which we have already studied. According to Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 606), there is only one copy in Portugal, the one at the Evora Library, which they describe as "unique?" Besides our own copy, which is perfect and in a splendid condition, there is one in the British Museum (see H. Thomas, *Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before 1601 now in the British Museum*, p. 36). As we do not wish to repeat here what we have already written about Matheo de Aranda and music in Portugal during his time, we will simply say that the little we know is to be found in our notes on the *Tractado de cãto llano*. The same writers who mention that treatise also refer to this one, which was probably the second book on music printed in Portugal. The *Tractado de canto mẽſurable: y contrapũcto* was also dedicated by its author to Dom Affonso, "Cardenal Infante de portugal. Arçobiſpo de Lixbõa. obiſpo Deuora. Comẽdatario ꝺ Alcobaça," and printed in Lisbon "Con Preuilegio Real" by "German Galhard Empremidor." There is a letter of privilege of Dom João III dated from Evora in each of the treatises, and in this Matheo de Aranda is designated as the "chapel-master of the cathedral of that city." This fact explains why Matheo de Aranda dedicated both his treatises to the Cardinal-Infante Dom Affonso, who was then Bishop of Evora. Dom Affonso was always a great patron of the arts, and this pupil of Ayres Barbosa was himself a poet (see our notes on the *Antimoria*) and a great friend of André de Resende (see our notes on the *Oratio pro roſtris*).

In the short prologue addressed to the Cardinal-Infante, Aranda says:

TRACTADO DE CANTO MÊSURABLE

¶Conclusion primera de ocho figuras de Canto mensurable.

En musica practica mensurable tenemos ocho figuras: diferentes y distintas. s. no ligadas: las quales tienen nombres: Longa: Semi longa. Breue: Semibreue. Minima: Seminima. Corchea: Semi corchea. La lõga es de complido cuerpo dos quadrados: y la semilonga dē cuerpo quadrado: tiene cada vna dellas vna virgula al lado derecho descendiēte o subiente. El breue es de cuerpo quadrado: y el Semibreue de cuerpo triangulado: los quales no tienen virgulas. La minima y siminima y corchea y semicorchea/son de cuerpos triangulados: y tienē virgulas en vna de las puntas del triangulo subientes/ o descendiētes. La minima y todas las otras figuras antes della/son de cuerpos vacuos: y la seminima y corchea y semicorchea son de cuerpos llenos. La corchea y semicorchea tienē las virgulas retornadas hazia la mano derecha: la corchea de vna buelta: y la semicorchea de dos bueltas como numero binario. Exemplo.

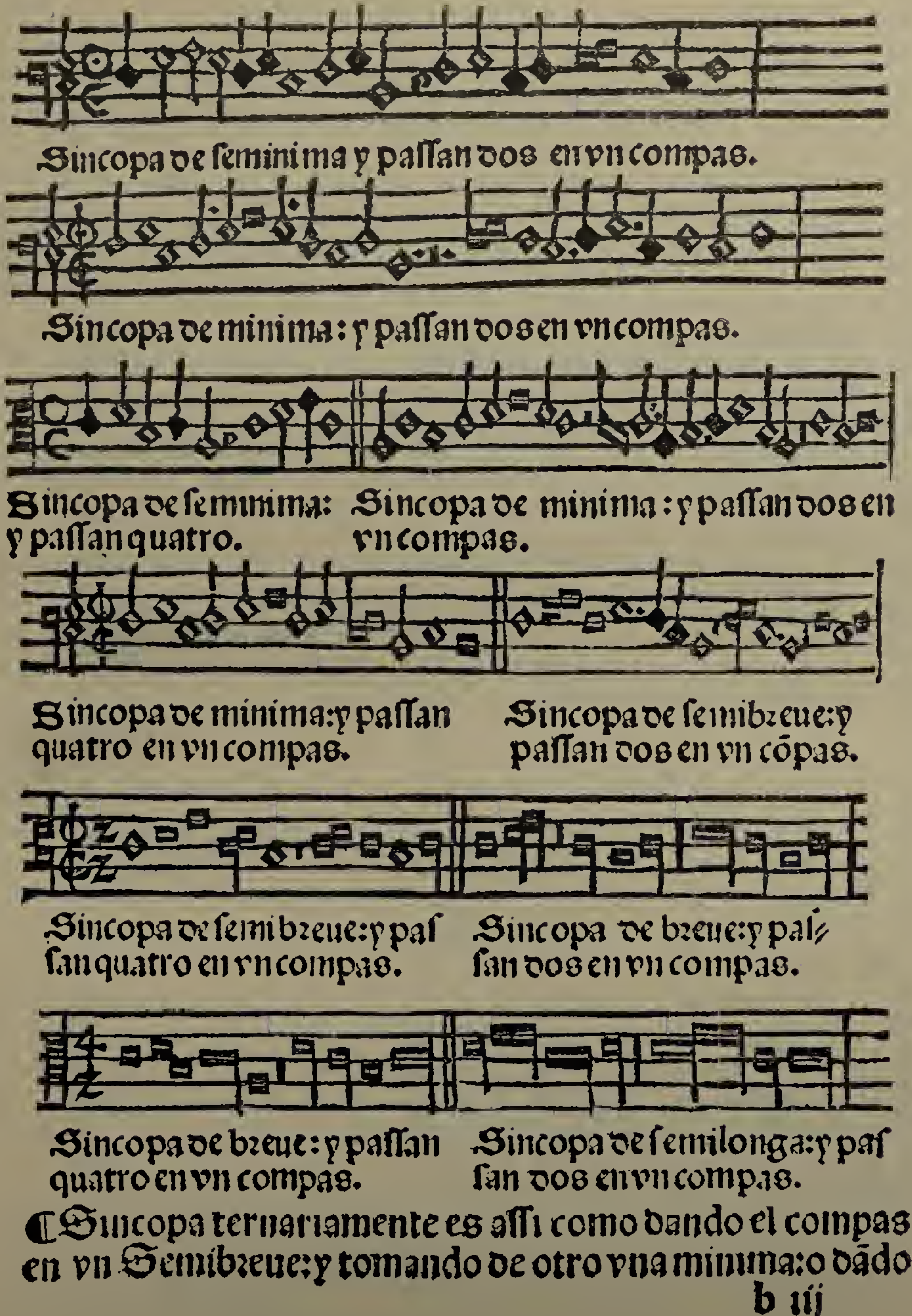


Lõga. Semilõga. Breue. Semibreue. Minima. Seminima. Corchea. Semicorchea.

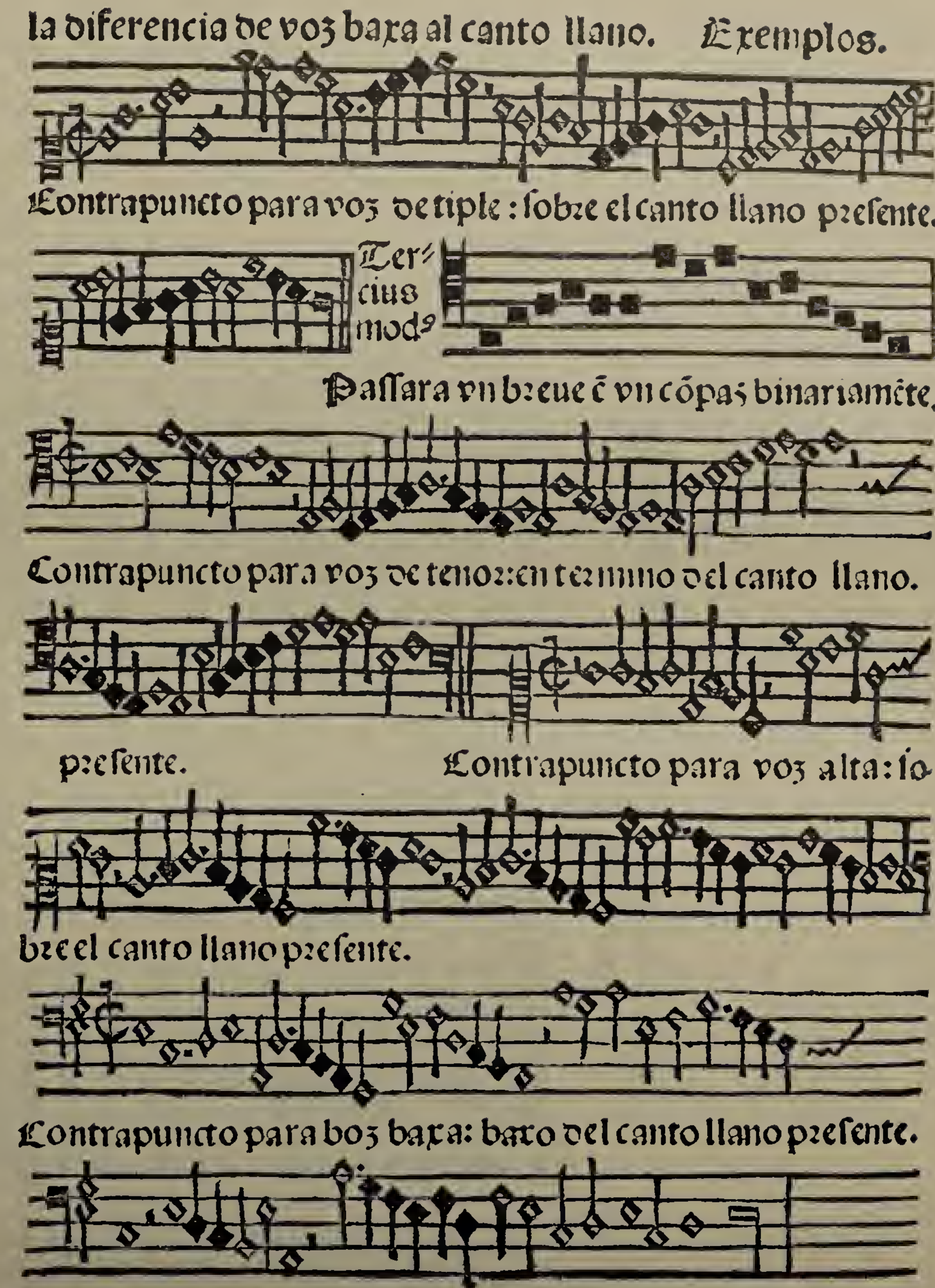
¶Diuidense estas ocho figuras en quatro partes. s. en modo: y tiempo: y prolacion: y diminucion. El modo imperfecto o perfecto consiste en la lõga: la qual es modo mayor: y en la semilonga: la qual es modo menor. El tiempo imperfecto o perfecto cõsiste enel breue. y la prolacion imperfecta o perfecta consiste enel semibreue. y la diminucion con

a iij

192 Pagina do *Tractado de canto mẽsurable* de Matheo de Aranda
Page from the *Tractado de canto mẽsurable* of Matheo de Aranda
Lisboa, 1535



193 Pagina do *Tractado de canto mēsurable* de Matheo de Aranda
Page from the *Tractado de canto mēsurable* of Matheo de Aranda
Lisboa, 1535



194 Pagina do *Tractado de canto mēsurable* de Matheo de Aranda
Page from the *Tractado de canto mēsurable* of Matheo de Aranda
Lisboa, 1535

"El gran zelo que. V. A. tiene a que todos deprẽdan y ſean ſabios: aſſi en muſica como en otras ſciencias: reſcibiendo aquel fauor y amparo que de los grandes ſeñores ſe reſcibe: me ha pueſto en obligaciõ (como enel mi primero tractado de canto llano dirigido a. V. A. me obligue a entender en alguna otra obra) cõponer aqueſte otro de muſica menſurable: y contra-puncto: concluyendo enel yenel primero de tres materias todo lo neceſſario en muſica pratica."

E termina com esta phrase curiosa, na qual une uma certa humildade christã á vaidade do seu saber, o que lhe dá um sabor especial:

"por donde todas aquellas perſonas gratas que quieran conoſcer laverdad alcançen en muſica pratica aq̃llo de que pueden ſer agenas. Y no fuyan: ni ſe eſpanten: ni reprehendan aquello que no alcançan: ni pueden reprehender. Dios en quien es todo el poder con el freno de ſu gracia amanſe nueſtros coraçones: y nos guie en ſu ſeruicio. Y V. A. en mayor pontificado biua por largos tiempos."

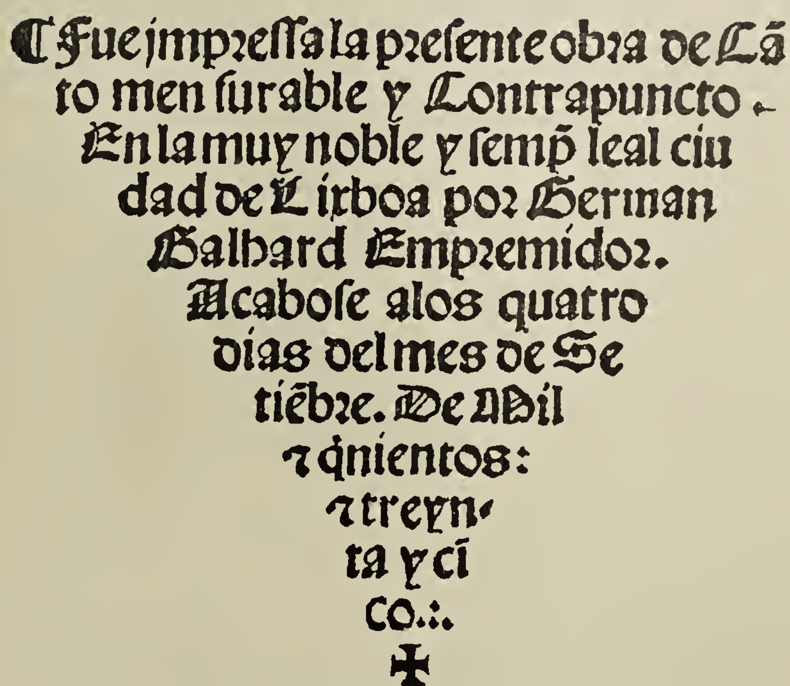
Isto era o que, em 1535, Matheo de Aranda pensava da musica. Sem duvida, com o auxilio de Deus, a musica consola muitas vezes os corações que soffrem, pois é um balsamo dulcificante que conforta innumeras dôres.

"El gran zelo que. V. A. tiene a que todos deprẽdan y ſean ſabios: aſſi en muſica como en otras ſciencias: reſcibiendo aquel fauor y amparo que de los grandes ſeñores ſe reſcibe: me ha pueſto en obligaciõ (como enel mi primero tractado de canto llano dirigido a. V. A. me obligue a entender en alguna otra obra) cõponer aqueſte otro de muſica menſurable: y contra-puncto: concluyendo enel yenel primero de tres materias todo lo neceſſario en muſica pratica."

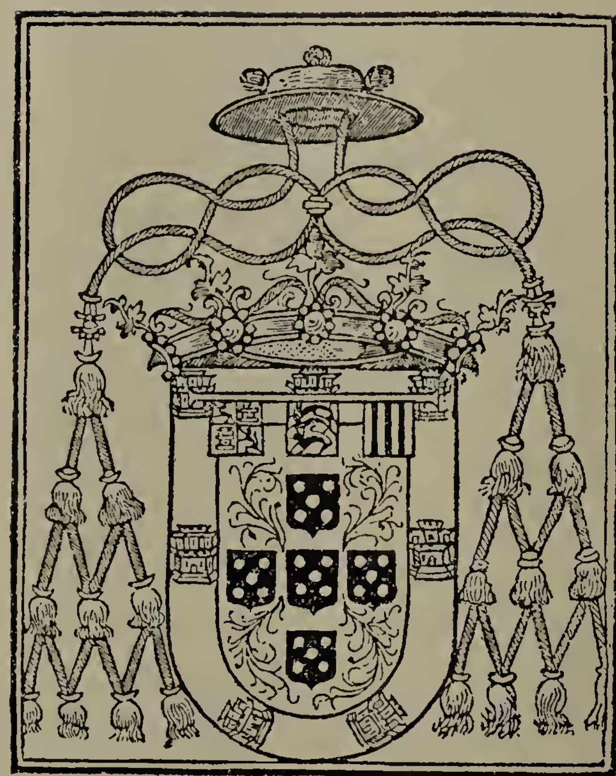
And he ends with the following curious passage, where conceit of his knowledge is blended with a certain Christian humility, which gives it a special charm:

"por donde todas aquellas perſonas gratas que quieran conoſcer laverdad alcançen en muſica pratica aq̃llo de que pueden ſer agenas. Y no fuyan: ni ſe eſpanten: ni reprehendan aquello que no alcançan: ni pueden reprehender. Dios en quien es todo el poder con el freno de ſu gracia amanſe nueſtros coraçones: y nos guie en ſu ſeruicio. Y V. A. en mayor pontificado biua por largos tiempos."

It was thus that Matheo de Aranda looked upon music in the year of 1535. Certainly, by the grace of God, music does often tame our hearts, and is a true balm for many griefs.


¶Fue impꝛeſſa la pꝛeſente obꝛa de Cã
to menſurable y Contrapuncto.
En la muy noble y ſemp̃ leal ciu
dad de Lixboa poꝛ German
Galhard Empꝛemidoꝛ.
Acaboſe alos quatro
dias del mes de Se
tiẽbꝛe. De Mil
ꝛ q̃nientos:
ꝛ treyn-
ta y cĩ
co.

195 Colophon do *Tractado de canto mẽſurable* de Matheo de Aranda
Colophon of the *Tractado de canto mẽſurable* of Matheo de Aranda
Lisboa, 1535



ARII BARVOSAE
Luſitani Antimoria.

Eiuſdem nonnulla Epigrammata.

196 Folha do rosto da *Antimoria* de Ayres Barbosa
Title-page of the *Antimoria* of Ayres Barbosa
Coimbra, 1536

34 AYRES BARBOSA, ANTIMORIA.
Coimbra, Conegos de Santa Cruz, 1536.

ARII BARVOSAE | Luſitani Antimoria. | *Eiuſdem nonnulla Epigrammata.*
Por cima d'este titulo o brasão do Cardeal Infante Dom Affonso [1].

[fl. I vo.] GEORGIVS COELIVS | Ario Baruoſæ suo. | S. P. D. [...]
fl. III. ARII BAR | VOSAE LVSITANI PRAEFA- | tio in Antimoriam Ad Illuſtriſsimum | S. R. Eccleſiæ Cardinalem & Portugaliæ | Infantem .D. Alfonſum. [...]
[fl. VII] ARII BAR | VOSAE LVSITANI | Antimoria. [...]
fl. XXIIII. [...] FINIS.
fl. XXIIII vo. EIVSDEM ARII | BARVOSAE NON | nulla Epigrammata. [...]
fl. XLVIII vo. [...] CONIMBRIAE | *Apud Cœnobium diuæ Crucis.* | M.D.XXXVI.

8º.—[I] II–XLVIII folhas—18 e 19 linhas—caractéres italicos, excepto as peças preliminares.

Numeração dos cadernos: A–F, 8 folhas cada caderno; total 48 folhas.

Encadernação de carneira.

Anselmo e Proença, na sua *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 450, mencionam apenas dois exemplares—o da Bibliotheca Nacional de Lisboa e o da Universidade de Coimbra—d'este livro raro e curioso, impresso pelos Conegos de Santa Cruz de Coimbra em 1536, durante a reforma de Fr. Braz de Barros. A *Antimoria* tem para nós um profundo interesse, não só por fazer reviver a epocha mais brilhante do estudo das humanidades em Portugal, mas porque o seu auctor, Ayres Barbosa, foi um dos iniciadores d'esses estudos no nosso Paiz e um dos seus mais insignes mestres. Alem d'isso, o nome de Ayres Barbosa evoca muitos outros nomes illustres. Nasceu na cidade de Aveiro, e cursou na Universidade de Salamanca, a cujo clima pouco clemente se refere n'um dos seus epigrammas. Querendo ainda ampliar os seus

8vo.—[I] II–XLVIII leaves—18 and 19 lines—printed in italics except for the preliminary pieces.

Collation by signatures: A–F, each 8 leaves; total 48 leaves.

Sheepskin binding.

This rare and curious book was printed by the Canons of Santa Cruz of Coimbra in 1536, during Frei Braz de Barros' reform of the monastery. Anselmo and Proença, who describe the work in their *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 450, cite only two copies of it, one in the National Library at Lisbon and the other in that of Coimbra University. The *Antimoria* is profoundly interesting, not only because it evokes the most brilliant epoch of classical literature in Portugal; but also because its author, Ayres Barbosa, was one of the inaugurators of these studies in our country, and the famous master's very name recalls those of many other notable scholars with whom he came in contact. He was born in Aveiro, and studied at the University of Salamanca, to the intemperate climate of which city he refers in one of his epigrams. Desirous of still further increasing

[1] *Above this title are the arms of the Cardinal-Infante Dom Affonso.*

estudos, partiu para Florença, onde foi discipulo do celebre Angelo Poliziano, com quem El-Rei D. João II se correspondia. N'essa Universidade teve por condiscipulo, João de Medicis, o futuro Papa Leão X. Ayres Barbosa mencionou esse facto no seu epigramma *In qvendam maliuolum*:

"Me condifcipulum decimi cum dico Leonis:
Et cum difcipulum Politiane tuum."

Terminados os seus estudos em Florença, regressou a Portugal. Em 1495 voltou a Salamanca, onde, devido ao seu saber, foi eleito, primeiro, mestre de Rhetorica, e em seguida professor de Latim e de Grego. Depois de reger n'essa Universidade durante mais de vinte annos, foi chamado a Portugal, em 1521, por El-Rei, para ser mestre dos Infantes D. Affonso e D. Henrique, logar que desempenhou durante sete annos. Finda essa importante missão, retirou-se para Aveiro, a sua terra natal, onde falleceu em 1530. Algumas das suas obras fôram impressas em Salamanca, durante a sua estada n'aquella cidade, mas a *Antimoria*, dedicada ao seu discipulo, o Infante D. Affonso, só foi impressa seis annos após a sua morte, em Coimbra.

Nascera o Infante em 1509: a pedido d'El-Rei D. Manuel, o Papa Leão X—o antigo condiscipulo de Ayres Barbosa—elevou, em 1517, D. Affonso ao Cardinalado, quando tinha apenas oito annos: contudo, vista a pouca idade do Infante, só mais tarde recebeu o barrete cardinalicio: Ayres Barbosa compoz n'essa occasião o seguinte epigramma que vem impresso na fl. xxxix v° da *Antimoria*:

"Roma tibi donat princeps Alphonse galerum:
Dat tibi Roma decus, nec minus illa capit."

O Cardeal D. Affonso foi Bispo de Evora e Arcebispo de Lisboa, fallecendo na capital em 1540, dez annos depois do seu mestre (ver as *Conftitvicoens do Arcebifpado de Lixboa*).

Segundo escreve Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. 1, p. 20), o Infante

his knowledge, he went to Florence, where he was taught by the famous Angelo Politian, with whom King João II corresponded. One of his fellow-students at this University was John of Medici, who afterwards became Pope Leo X; Barbosa mentions his illustrious fellow-student in his epigram *In qvendam maliuolum*:

"Me condifcipulum decimi cum dico Leonis:
Et cum difcipulum Politiane tuum."

On completing his studies in Florence, Barbosa returned to Portugal; but in 1495 he went back to Salamanca, where his great learning procured his election first as Master of Rhetoric and later as Professor of Latin and Greek. After he had lectured at this University for more than twenty years, the King recalled him to Portugal to act as tutor to the Infantes Dom Affonso and Dom Henrique. He taught these Princes for seven years and at the end of that time, with the consciousness of a task well done, he retired to his birthplace, Aveiro, where he died in 1530. Some of his works were printed at Salamanca during his residence there, but it was not until six years after his death that the *Antimoria* dedicated to his pupil, Dom Affonso, was printed at Coimbra.

Dom Affonso was born in 1509, and in 1517, when he was only eight years old, he was raised to the Cardinalate by Ayres Barbosa's one-time fellow pupil, Pope Leo X, at King Manuel's request; but in view of his tender age Prince Affonso did not receive the Cardinal's hat until some years later; on the occasion of his official investiture, Ayres Barbosa composed the following epigram which is printed on fl. xxxix vo. of the *Antimoria*:

"Roma tibi donat princeps Alphonse galerum:
Dat tibi Roma decus, nec minus illa capit."

Dom Affonso became Bishop of Evora and also Archbishop of Lisbon, where he died in 1540, ten years after his master (see the *Conftitvicoens do Arcebifpado de Lixboa*).

According to Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. 1, p. 20), Dom Affonso

"era muito douto nas linguas Grega, e Romana, a verſado nas letras ſagradas, e profanas....Compoz (a) *Vita Alphonſi Luſitanorum Regum primi*, que dedicou á Santidade de Leaõ X....Das ſuas obras latinas aſſim em proſa, como em verſo, fez huma collecçaõ o celebre Antiquario André de Reſende, e impreſſas as dedicou a ElRey D. Joaõ o III."

D. Antonio Caetano de Sousa (*Historia Genealogica*, t. III, p. 419) diz-nos que o Cardeal D. Affonso

"teve por Meſtre o inſigne Ayres Barboſa, com quem aprendeo com perfeiçaõ bellas letras, as artes da Rhetorica, Oratoria, e Dialectica, como depois teſtemunhou com juſta vaidade o meſmo ſeu Meſtre...."

A esse illustre discipulo, dedicou Ayres Barbosa a *Antimoria*, obra de um indubitavel interesse por ter sido escripta em resposta a Erasmo. Segundo Barbosa (*ob. cit.* vol. I, pag. 77), "Eſta obra...foy compoſta contra a Moria de Eraſmo Rhoteradamo, em que louvou a ignorancia, e neſte ſe exalta a ſabedoria Chriſtaã." Erasmo, amigo de Damião de Goes e de André de Resende (que tambem tinha sido discipulo de Grego de Ayres Barbosa), compoz o seu *Encomium Moriae* (Elogio da Loucura) na sua viagem de Italia para Inglaterra, e escreveu-o em sete dias, das notas que tomára, durante a sua estada em Londres em casa de Thomas More. Foi impresso em Paris em 1512. Antes do prefacio da *Antimoria*, encontra-se uma carta de Jorge Coelho dirigida a Ayres Barbosa, de elogio ao seu livro, na qual lhe diz: "Multum igitur tibi debent Sapientes omnes." Ayres Barbosa, na dedicatoria ao Infante, explica as razões pelas quaes escreveu a *Antimoria*; referindo-se diversas vezes a Erasmo, ataca as ideas contidas no *Encomium Moriae* e, como diz Barbosa (*loc. cit.*), "exalta a ſabedoria Chriſtaã."

As *Eivsdem Arii Barvosae nonnulla Epigrammata* seguem-se, no mesmo volume, á *Antimoria*. Alguns d'esses epigrammas são dirigidos ao seu discipulo,

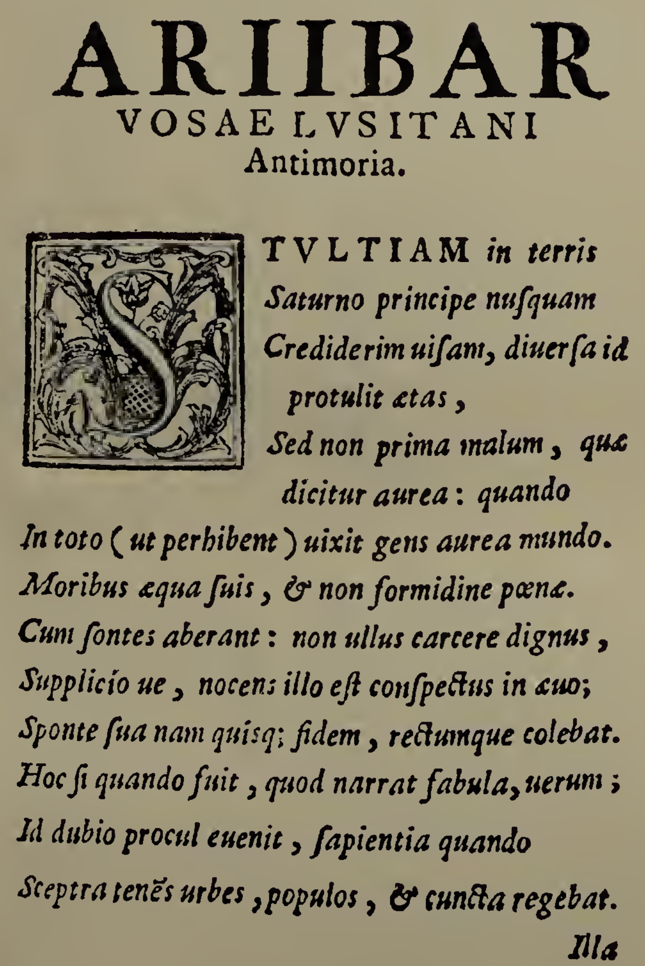
"was very learned in the Greek and Latin tongues, and versed in sacred and profane literature....He wrote the *Vita Alphonſi Luſitanorum Regum primi*, and dedicated it to his Holiness Pope Leo X....The celebrated antiquarian André de Resende made a collection of his Latin works in prose as well as in verse, and had them printed, dedicating them to King João III."

Dom Antonio Caetano de Sousa (*Historia Genealogica*, vol. III, p. 419) tells us that the Prince

"had the famous Ayres Barbosa as tutor, and studied the humanities and the arts of Rhetoric, Oratory and Dialectics which he learnt to perfection, as this same master afterwards testified with justifiable pride...."

The *Antimoria*, which was dedicated to the accomplished Dom Affonso, is extremely interesting as having been written in reply to Erasmus. Barbosa (*op. cit.* vol. I, p. 77) says: "This work... in which Christian knowledge is exalted, was written against Erasmus of Rotterdam's *Moria*, where ignorance is praised." Erasmus, a friend of Damião de Goes and André de Resende (who had learnt Greek from Ayres Barbosa), composed his *Encomium Moriae* (Praise of Folly) during his journey from Italy to England, and wrote it out from his notes in seven days, while on a visit to Blessed Thomas More in London. It was printed in Paris in 1512. Ayres Barbosa explains his reasons for writing the *Antimoria* in the dedication, when he refers to Erasmus and attacks the opinions expressed in the *Encomium Moriae* and, as Barbosa (*loc. cit.*) says, "exalts Christian knowledge." The preface is preceded by a letter to Ayres Barbosa from Jorge Coelho who praises the *Antimoria* most enthusiastically, and says: "Multum igitur tibi debent Sapientes omnes."

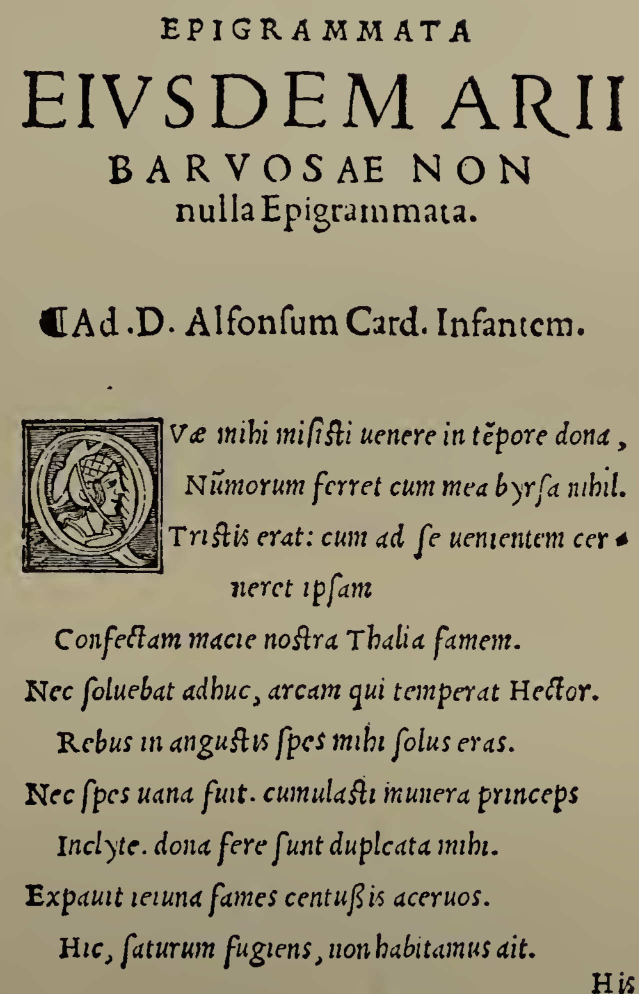
The *Eivsdem Arii Barvosae nonnulla Epigrammata* are included in the same volume. Some among these epigrams are addressed to his pupil, there



ARIIBAR
VOSAE LVSITANI
Antimoria.

STVLTIAM in terris
Saturno principe nusquam
Crediderim uisam, diuersa id
protulit ætas,
Sed non prima malum, quæ
dicitur aurea: quando
In toto (ut perhibent) uixit gens aurea mundo.
Moribus æqua suis, & non formidine pœnæ.
Cum fontes aberant: non ullus carcere dignus,
Supplicio ue, nocens illo est conspectus in æuo;
Sponte sua nam quisq; fidem, rectumque colebat.
Hoc si quando fuit, quod narrat fabula, uerum;
Id dubio procul euenit, sapientia quando
Sceptra tenēs urbes, populos, & cuncta regebat.
Illa

197 Pagina da *Antimoria* de Ayres Barbosa
Page from the *Antimoria* of Ayres Barbosa
Coimbra, 1536



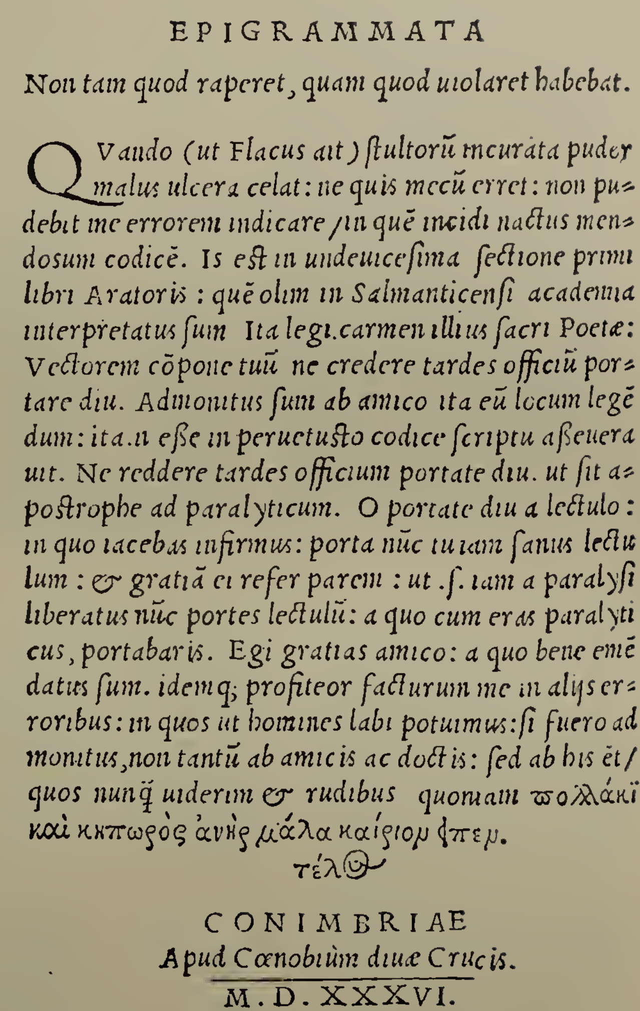
EPIGRAMMATA

EIVSDEM ARII
BARVOSAE NON
nulla Epigrammata.

¶Ad .D. Alfonsum Card. Infantem.

QVæ mihi misisti uenere in tēpore dona,
Nūmorum ferret cum mea byrsa nihil.
Tristis erat: cum ad se uenientem cer-
neret ipsam
Confectam macie nostra Thalia famem.
Nec soluebat adhuc, arcam qui temperat Hector.
Rebus in angustis spes mihi solus eras.
Nec spes uana fuit. cumulasti munera princeps
Inclyte. dona fere sunt duplcata mihi.
Expauit ieiuna fames centussis aceruos.
Hic, saturum fugiens, non habitamus ait.
His

198 Pagina da *Antimoria* de Ayres Barbosa
Page from the *Antimoria* of Ayres Barbosa
Coimbra, 1536



EPIGRAMMATA

Non tam quod raperet, quam quod uiolaret habebat.

QVando (ut Flacus ait) stultorū incurata pudor
malus ulcera celat: ne quis mecū erret: non pu-
debit me errorem indicare, in quē incidi nactus men-
dosum codicē. Is est in undeuicesima sectione primi
libri Aratoris: quē olim in Salmanticensi academia
interpretatus sum Ita legi. carmen illius sacri Poetæ:
Vectorem cōpone tuū ne credere tardes officiū por-
tare diu. Admonitus sum ab amico ita eū locum legē
dum: ita.n esse in peruetusto codice scriptu asseuera
uit. Ne reddere tardes officium portate diu. ut sit a-
postrophe ad paralyticum. O portate diu a lectulo:
in quo iacebas infirmus: porta nūc tu iam sanus lectu
lum: & gratiā ei refer parem: ut .s. iam a paralysi
liberatus nūc portes lectulū: a quo cum eras paralyti
cus, portabaris. Egi gratias amico: a quo bene emē
datus sum. idemq; profiteor facturum me in aliis er-
roribus: in quos ut homines labi potuimus: si fuero ad
monitus, non tantū ab amicis ac doctis: sed ab his et,
quos nunq̄ uiderim & rudibus quoniam πολλάκι
καὶ κηπωρὸς ἀνὴρ μάλα καίριον εἶπεν.
τέλος

CONIMBRIAE
Apud Cœnobium diuæ Crucis.
M. D. XXXVI.

199 Colophon da *Antimoria* de Ayres Barbosa
Colophon of the *Antimoria* of Ayres Barbosa
Coimbra, 1536

um *Ad vrbem celebrem Salmanticen*, outros, ao Arcebispo de Compostella, ao Principe D. Theodosio, aos jovens estudiosos, e (já então!) um intitulado *De miseria nostrorum temporum*: entre esses epigrammas encontra-se o tão bello epitaphio de sua mulher.

Para nós, alem do seu profundo interesse, esta obra evoca nomes de homens famosos no nosso Paiz, n'uma epocha á qual já nos referimos no *Efpelho de perfeyçam*. A *Antimoria* faz-nos pensar em Ayres Barbosa—o discipulo de Angelo Poliziano—que, póde dizer-se, foi, entre nós, o iniciador dos que trabalharam pelo progresso dos estudos e pelo aperfeiçoamento da cultura do espirito. É um bello rol de nomes, tanto nacionaes como estrangeiros, que ensinavam então em Portugal: entre os estrangeiros, Clenardo, mestre do Infante D. Henrique, Vaseo e Jorge Buchanan: entre os Portuguezes temos tantos: Diogo de Teive, Antonio de Gouvea e seu irmão André de Gouvea, cuja erudição adquirira tanta fama em França, que Montaigne escreveu nos seus *Essais* que elle era: "sans comparaison le plus grand principal de France." E quantos mais! Ao mesmo tempo, os estudos das sciencias mathematicas e de astronomia nautica progrediam, e, póde dizer-se, em 1548 esse saber chegou, com Pedro Nunes e D. João de Castro, ao seu apogeo em Portugal. Se no reinado de D. Manuel, a conquista da Esphera attingiu o ponto culminante dos gloriosos descobrimentos, foi no reinado de D. João III que os estudos, não só das humanidades, mas das sciencias, alcançáram o seu maior brilho. Os Infantes, filhos de D. Manuel, tinham mestres illustres de Latim e de Grego, e a Infanta D. Maria tambem teve "Mestre" de Grego, a famosa Luiza Sigêa. Era uma bella epocha de cultura intellectual, para cujo desenvolvimento, Ayres Barbosa e o seu discipulo, André de Resende, contribuiram poderosamente.

is one *Ad vrbem celebrem Salmanticen*, others are to the Archbishop of Compostella, to Prince Theodosius, to studious young men and one (even then!) *De miseria nostrorum temporum*. This group also contains the beautiful epitaph on his wife.

The *Antimoria* belongs to the same period as the *Efpelho de perfeyçam*, a period when a brilliant company of scholars were all striving to raise the standard of learning in Portugal, and Ayres Barbosa, Angelo Politian's pupil, may be said to have been the prime mover in this intellectual awakening. He was helped by many notable men of learning; some were foreign, such as Cleynarts, Prince Henrique's tutor, Vaseus and George Buchanan, but the majority were Portuguese, including Diogo de Teive, Antonio de Gouvea and his brother André, whose great erudition earned such fame in France that Montaigne wrote of him in his *Essais* that he was "sans comparaison le plus grand principal de France." At the same time there were many who devoted themselves to the study of mathematics and nautical astronomy, and in 1548, with Pedro Nunes and Dom João de Castro, these sciences may be said to have reached the culmination of their development in Portugal. So that if Dom Manuel's reign saw the country at the height of her material prosperity, with dominion over a vast Empire won by her conquering pioneers, it was not until Dom João III came to the throne that classical and scientific studies attained their greatest brilliance. Dom Manuel's children were certainly fortunate in their tutors, for the Infanta Dona Maria learnt from the famous Luiza Sigêa, Dom Affonso and Dom Henrique were taught by Ayres Barbosa, while Dom Duarte's tutor was André de Resende, who, with Ayres Barbosa, contributed so greatly to the advancement of learning in Portugal.



200 Folha do rosto das *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*
Title-page of the *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*
Lisboa, 1537

35 CONSTITVICOENS DO ARCEBISPADO DE LIXBOA.
Lisboa, Germão Galharde, 1537.

CONSTITVICOENS DO | ARCEBISPADO DE LIXBOA | 1537. *año.*
Titulo inscripto na parte inferior d'uma portada ornada de panoplias e figuras e assignada FD, que tem na parte superior, ao meio, o monogramma IHS. *Enquadrado pela portada, o brasão do Cardeal Infante D. Affonso, Arcebispo de Lisboa*[1].

[fl. 2] Tauoada deftas conftituições. [...]

[fl. 10] Prologo. | DOm Affom̃. per mercee de deos Carde | al da fancta eggreja de Roma [...]

fl. j. Titulo primeyro do facramento | do baptifmo. [...]

fl. lxxxv vo. FOram lidas ꝛ publicadas as fobredictas conf- | tituições com acordo ꝛ confelho do noffo cabi- | do Dignidades Conegos Beneficiados ꝛ cle | rezia de noffo Arcebifpado de Lixbõa ꝛ em pre | fença de todos elles em ho finodo que celebra- | mos em noffa See metropolitana aos vinte cinco dias do mes | Dagofto de mil ꝛ qui- nhentos trinta ꝛ feis annos. [...]
Registro[2].

[fl. 1] Foram acabadas de emprimir | eftas Conftituições em ha cidade de Lisboa: per Ger- | mam Galharde Frances. Per mandado do | muito alto ꝛ muito excelente Principe ho fe- | nhor Cardeal Inffante de Portugal. | Arcebifpo de Lisboa. Perpetuo | adminiftrador do Bifpa- | do Deuora ꝛ moef- | teyro Dalco- | baça .:. | ✠ | A. xx. Dias do mes de | Março. Anno ꝺ mil | ꝛ quinhentos | ꝛ trinta ꝛ | fete. | ✠ |
Erratas; assignatura de mão do provisor do arcebispado:
*O Dou*tor *Jorge Temudo* (?)[3].

Folio—[10], lxxxv, [1] folhas—36 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.
Numeração dos cadernos: ✠, 10 folhas; A–K, 8 folhas cada caderno; L, 6 folhas; total de 96 folhas; a folha H 4 tem assignatura errada G iiij.

Encadernação de vitella.

Folio—[10], lxxxv, [1] leaves—36 lines—Gothic type—no catchwords.
Collation by signatures: ✠, 10 leaves; A–K, each 8 leaves; L, 6 leaves; total 96 leaves; leaf H 4 is wrongly marked G iiij.

Bound in calf.

[1] *Title in the lower part of a woodcut architectural border, ornamented with figures and pieces of armour, signed FD, and bearing the monogram* IHS *at the top. Within the border is the coat of arms of the Cardinal-Infante Dom Affonso, Archbishop of Lisbon.*
[2] *Register.*
[3] *Errata; autograph signature of the* provisor (*vicar-general*) *of the archbishopric.*

As *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*, as primeiras d'esta diocese que tenham sido im-pressas, sahiram dos prelos de "Germam Ga-lharde Frances" a 20 de Março de 1537, "Per mandado do muito alto ⁊ muito excelente Principe ho ſenhor Cardeal Inffante de Portugal. Arcebiſpo de Lisboa. Perpetuo adminiſtrador do Biſpado Deuora ⁊ moeſteyro Dalcobaça." Referem-se a este livro raro, entre outros, Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. IV, p. 1), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 104), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 177), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 128), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 613), que mencionam a existencia dos seguintes ex-emplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa (dois exemplares); Archivo Nacional; Bibliotheca do Porto; Bibliotheca de Evora; e Bibliotheca da Universidade de Coimbra. A esta lista devemos accrescentar mais cinco exemplares: um no Museu Britannico; dois na Bibliotheca Palha (*Catalogue de la Bibliothèque de M. Fernando Palha*, vol. I, nºˢ 328 e 332); e dois na nossa Bibliotheca, um incompleto, outro perfeito, que pertenceu a Nepomuceno.

No prologo, o Cardeal Arcebispo declara as razões porque fôram redigidas e impressas estas *Conſtitvicoens*. Deseja em primeiro logar "Saude em Ieſu chriſto noſſo ſaluador" ao "daiam" e ás

"dignidades ⁊ cabido ⁊ peſſoas da noſſa eggreja metropolitana ꝺ Lisbõa. E a todolos priores vigairos perpetuos beneficiados: ⁊ a toda outra cleresia. E aſi a todolos comendadores ⁊ re-ligioſos de qualquer ordẽ: ⁊ a todalas outras peſſoas eccleſiaſticas ⁊ ſeculares de qualquer eſtado ⁊ condiçam que ſejam da dicta cidade ⁊ arcebiſpado";

depois d'esta saudação, o Infante D. Affonso faz saber que:

"confirando nos quam obrigados ſam os pre-lados, a ter cõtino cuidado das almas de ſeus ſubditos, ⁊ vigiar ſempre que ho culto diuino ſeja aumentado, ⁊ a juſtiça inteiramente a todos

The *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*, the earliest printed Constitutions of the diocese, were issued by "Germam Galharde Frances" on March 20th, 1537, "by command of the most high and excellent Prince the Lord Cardinal-Infante of Portugal, Archbishop of Lisbon, Perpetual administrator of the Bishopric of Evora and the monastery of Alcobaça." Among those who refer to this rare book are Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. IV, p. 1), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 104), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 177), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 128) and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 613). The last-named bibliographers enumerate the following copies: Lisbon National Library (two copies); Archivo Nacional; Oporto Li-brary; Evora Library; and Coimbra Uni-versity Library. To this list we must add five more copies: one in the British Museum; two in the Palha Library (*Catalogue de la Bibliothèque de M. Fernando Palha*, vol. I, nos. 328 and 332); and two in our own Library, one incomplete and the other, which belonged to Nepomuceno, in perfect condition.

In the prologue, the Cardinal-Infante declares the reasons for the redaction and publication of these *Conſtitvicoens*. He first wishes "Health in Jesus Christ our Saviour" to the Dean and the

"dignitaries and chapter and members of our metropolitan church of Lisbon; and to all priors, vicars, and holders of benefices; and to all other clergy; and also to all commanders and monks of whatsoever Order; and to all other persons both secular and ecclesiastic, of whatsoever state and condition, who belong to the said city and Archbishopric";

and then proclaims that:

"Considering how prelates are obliged at all times to care for the souls of their dependents and always to see that divine worship is increased and justice fully administered to all, and that the life and customs of the clergy are such, that their

administrada, z os costumes z vida dos ecclesiasticos sejam taes q̃ nam menos possam approueitar com seu virtuoso exemplo q̃ com os bõs ensinos z doctrina q̃ sam obrigados a dar. E olhãdo isso mesmo como ẽ esta eggreja metropolitana z arcebp̃ado passaua de cinquoẽta años que se nam fizera concilio synodal, nẽ nouas cõstituições por onde era necessario, segũdo a mudãça z variedade dos tẽpos, mudar ou reformar as antigas, Por tãto querẽdo nos a ello prouer como per direito somos obrigado, determinamos cõ a graça do spũ sãcto cõuocar z celebrar synodo na dicta cidade z eggreja d lisboa, segũdo custume z ãtiga ordenãça dos sctõs padres, ho q̃l celebramos este año d mil quinhẽtos z trinta z seis Aos xxv. dias do mes Dagosto."

E accrescenta, para que d'este acto solemne "nacesse tal fruito de que nosso senhor fosse muito seruido," examinou "cõ muita diligẽcia, com cõselho de theologos z canonistas baroões prudẽtes ẽ virtudes z letras exprimentados: has cõstituições do dicto arcebispado, principalmẽte has do Cardeal dõ Iorge de boa memoria nosso predecessor...." (Já nos referimos detalhadamente a D. Jorge da Costa, o famoso Cardeal de Alpedrinha, nas nossas notas sobre a *Regra dos Monges.*) Diz ainda o Cardeal Infante que,

"emẽdãdo ou tirando algũas, z outras accrecentando de nouo, segundo em tudo vimos ser justo z necessario, nam nos desuiando das velhas, somente onde assi cõpria pera bõ regimento das eggrejas reformaçam dos costumes, emenda z castigo dos excessos. Has quaes sendo pubricadas no dicto synodo cõ parecer z cõselho de vos dicto daiam z cabido, z aceitadas como justas z honestas geralmente per toda a clerésia, has mãdamos empremir no presente liuro."

Nas nossas notas sobre a *Oratio pro rostris* de André de Resende, e a *Antimoria*, dedicada por Ayres Barbosa ao seu discipulo, o Infante D. Affonso, tivemos ensejo de nos occupar do Cardeal Arcebispo de Lisboa, filho d'El-

virtuous example is no less profitable than the good counsels and instruction they are obliged to give; having regard to the fact that for more than fifty years there had been no synodal council in this metropolitan church and archbishopric, nor any fresh constitutions, so that it was necessary to alter and reform the ancient ones to bring them to accord with the changed times; and desiring therefore to provide for this, in accordance with our prerogative, we determined, by the grace of the Holy Ghost, to follow the custom and ancient order of the holy fathers, and to convoke and hold a synod in the said city and church of Lisbon, which we celebrated this year of one thousand, five hundred and thirty-six on the 25th day of the month of August."

The Archbishop adds that to enable this solemn act to "bear such fruit as should be of great service to Our Lord" he examined "the constitutions of the said Archbishopric, especially those drawn up by our predecessor Cardinal Dom Jorge of happy memory, very diligently, with the advice of theologians and canonists and prudent men of proven virtue and knowledge." (We have already made a detailed study of Dom Jorge da Costa, the famous Cardinal of Alpedrinha in our notes on the *Regra dos Monges.*) The Cardinal-Infante says further that

"we have altered and taken out some of the statutes, and added some other new ones, according as it seemed to us right and necessary, not deviating from the old ones except where it was conducive to the good government of the churches, the reform of morals and the correction and punishment of excesses. Which statutes being published in the said synod with the approval and advice of you, the said Dean and chapter, and accepted as just and reasonable by the clergy generally, we now command to be printed in the present book."

We have already had special occasion to study King Manuel's son, the Archbishop of Lisbon, in our notes on André de Resende's *Oratio pro rostris* and on the *Antimoria* dedicated by Ayres Barbosa to his pupil, the Infante Dom Affonso.

Rei D. Manuel. Contudo, deixámos proposi-tadamente para estas *Constitvicoens* alguns in-formes ácerca d'este Principe, sobretudo aquelles que dizem respeito á diocese de Lisboa. Não podemos, inutil é dizel-o, fazer aqui a historia da diocese de Lisboa desde a sua fundação até á epocha do Cardeal Infante, nem mencionar, mesmo de passagem, todos os seus Prelados. Quem desejar estudar essa lista, encontral-a-ha na *Historia da Igreja em Portugal* de Fortunato de Almeida (t. I, pp. 627–631; t. II, pp. 571–578; t. III, parte II, pp. 842–846). Mas, rapidamente que seja, é util apontar, pelo menos, alguns dos personagens que estiveram á frente dos destinos da tão illustre Sé da Capital. A sua fundação é extremamente incerta, e baseia-se sobre vagas memorias, quasi legendarias.

"As tradições da igreja lisbonense entroncam as origens d'ella nos tempos apostólicos, com a mesma carência de fundamentos que já notámos em relação a outras cathedraes. Se houvessemos de acreditá-las, encontrariamos S. Manços dis-correndo no seu apostolado pelas margens do Tejo, pelo que lhe conferiram o título de pri-meiro bispo regionário de Lisboa; e logo depois um primeiro bispo lisbonense, do qual esque-ceram o nome, e que dizem ter sido escolhido por S. Pedro de Rates. Postas de parte semelhantes tradições, o primeiro bispo lisbonense histori-camente conhecido é POTÁMIO, injusta-mente accusado por escriptores antigos de se ter vendido á heresia ariana. Assistiu ao concílio de Sírmio com o grande Ósio" (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, t. I, p. 132).

Ácerca de Osio, Bispo de Cordova, e de Potamio, Bispo de Lisboa, ver Fortunato de Almeida (*ob. cit.* t. I, pp. 34 e 35). Co-nhecem-se os nomes de alguns Bispos de Lisboa durante o seculo VII, dos quaes o ultimo de que ha noticia foi Landerico, que assistiu aos con-cilios de Toledo de 688 e 693. Depois, durante o dominio mauritano, tudo é ainda mais vago;

"mas alguns lá houve, pois sabe-se que o bispo

However, we purposely left certain details about him, and especially such matters as concerned the diocese of Lisbon, to be considered in con-junction with these *Constitvicoens*. Needless to say, we cannot give here the whole history of the diocese of Lisbon from its foundation up to the time of the Cardinal-Infante; but it may be useful to mention, however briefly, some of the Bishops who played important parts in its history. (For a complete list of all the Bishops of Lisbon, see Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, vol. I, pp. 627–631; vol. II, pp. 571–578; vol. III, part II, pp. 842–846.)

"Tradition, with the same slight foundation we have already noted in relation to other cathedrals, says that the church of Lisbon was created in the time of the apostles. If we were to believe in it we should find Saint Manços preaching in his apostolate on the banks of the Tagus, for which reason they conferred upon him the title of first regional Bishop of Lisbon; and then there would be a first Bishop of Lisbon, whose name they have forgotten, and who, they say, was chosen by St Peter of Rates. Putting such traditions on one side, the first Bishop of Lisbon historically known is POTÁMIO, who was unjustly accused by early writers of having sold himself to the Arian heresy. He was present with the great Osio at the council of Sirmio" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 132).

For further details about Osio, Bishop of Cordova, and Potamio, Bishop of Lisbon, see Fortunato de Almeida (*op. cit.* vol. I, pp. 34–35). The names of some of the Bishops of Lisbon in the VIIth century are known, and of these the last was Landerico, who took part in the councils of Toledo in 688 and 693. There is none but the vaguest information about Bishops of Lisbon during the Moorish domination;

"but some there were, for it is known that the

mosárabe d'aquella cidade foi assassinado pelos cruzados, quando procediam ao saque depois da conquista" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* p. 162).

Este auctor fundamentou a sua asserção sobre as palavras escriptas por A. Herculano, na sua admiravel descripção da tomada de Lisboa por D. Affonso Henriques com o auxilio dos cruzados. Referindo-se Herculano ao sacco da cidade e ás crueldades praticadas, diz:

"No meio da confusão, á menor resistencia, o sangue corria; corria até o daquelles que nem podiam tenta-lo. Assim succedeu com o bispo mosarabe, ancião veneravel, a quem cortaram a cabeça, talvez por querer salvar os ornamentos do culto."

Esta affirmação do mestre baseia-se sobre a narração de uma testemunha, o cruzado Inglez Osberno, que escreveu: "*Episcopum verò civitatis antiquissimum praeciso jugulo contra jus et fas occidunt.*" Em nota, accrescenta Herculano:

"Este bispo não podia ser senão o dos christãos mosarabes, que deviam constituir uma grande parte da população de Lisboa, como sabemos positivamente que constituiam da de Santarem" (*Historia de Portugal*, 3ª ed. t. I, p. 400).

Contudo, Julio de Castilho (*Lisboa Antiga*, Livro III, pp. 105–106 e 204–205) aparta-se da opinião de Herculano a respeito do Bispo Mosarabe de Lisboa, e duvida da sua existencia, attendendo a que, nos innumeros concilios e synodos que tiveram logar na Peninsula durante a dominação dos Arabes, nunca se vê citado o nome ou a dignidade sequer do Bispo de Lisboa. Houve ou não houve Bispos Mosarabes de Lisboa? Com certeza, não sabemos, pois a palavra *episcopum* empregada por Osberno póde tanto significar o Bispo Mosarabe, como um sacerdote Mahometano, provavelmente o *Imam* da mesquita, termo equivalente a Antistite. No Alcorão (cap. II, v. 118), o titulo de *Imam* dos homens—quer dizer Summo Sacerdote, por consequencia o seu guia—é dado a Abrahão.

Mozarabic Bishop of that city was assassinated by the Crusaders, when they proceeded to sack the city after its conquest" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* p. 162).

This author bases his assertion on Alexandre Herculano's description of the taking of Lisbon by Dom Affonso Henriques and the Crusaders. Referring to the pillage of the city and the cruelty accompanying it, Herculano says:

"In the midst of the confusion, the slightest resistance meant bloodshed; even the blood of those who were unable to attempt resistance was shed. It happened thus to the Mozarabic Bishop, a venerable old man, whose head they cut off, perhaps because he wished to save the church ornaments."

The historian's affirmation is founded on the account of an eye-witness, the English crusader Osborne, who wrote: "*Episcopum verò civitatis antiquissimum praeciso jugulo contra jus et fas occidunt.*" Herculano adds in a footnote that

"This Bishop must have been one of the Mozarabic Christians, who probably formed a large part of the population of Lisbon, as we know for certain that they did of Santarem" (*Historia de Portugal*, 3rd ed. vol. I, p. 400).

Yet Julio de Castilho (*Lisboa Antiga*, Book III, pp. 105–106 and 204–205) differs from Herculano's opinion about the existence of a Mozarabic Bishop of Lisbon, since, in the accounts of the many councils and synods held in the Peninsula during the Arab supremacy, the name or even the dignity of a Bishop of Lisbon is never mentioned. We cannot tell whether or not there were Mozarabic Bishops of Lisbon; for Osborne's word *episcopum* might signify either a Mozarabic Bishop or a Mahometan priest, probably the *Imam* (a term equivalent to antistes) of the mosque. In the Koran (chap. II, v. 118) it is said of Abraham, "Verily, I will set thee as an imam (high priest or model) for men." It is very likely that Osborne, who probably did not

É, pois, muito possivel que Osberno, desco-nhecendo—o que seria natural—a hierarchia Mahometana, desse ao *Imam* o titulo de *Bispo*, simplificando assim uma difficuldade da sua narração. Não formulamos uma opinião; apre-sentamos apenas aquellas que já fôram expostas. Quem souber ou poder, que resolva. O que sabemos com certeza é a data em que foi christianizada a mesquita, Sabbado 1 de No-vembro, dia de todos os Santos, de 1147, pois existe o depoimento de Osberno, testemunha de vista; egualmente temos conhecimento da no-meação de Gilberto, sacerdote Inglez—natural de Hastings, segundo consta, e que viera na armada dos cruzados—como primeiro Bispo de Lisboa, após a sua conquista (ver as nossas notas sobre a *Regra da Ordem de Christo*). Gilberto era "hum homem virtuoſo...de muito boa vida, e cuſtumes, e leterado em Degredos" (decretos, quer dizer direito canonico), segundo escreve Duarte Galvão (*Coronica DelRey D. Affonſo Anriques*, cap. xxxv); Fr. Antonio Brandão (*Monarchia Lusitana*, Parte iii, cap. xxx, fl. 175) chama-lhe "varaõ douto, pio, & de bõ exemplo, partes bem neceſſarias para plantar, & conſeruar a Fé naquella Cidade." D. Gilberto, em seguida á sua sagração, prestou juramento de obediencia ao Arcebispo de Braga, D. João Peculiar, como metropolita.

Quatro annos apenas haviam passado após a tomada de Lisboa, e já D. Affonso Henriques se preparava para continuar a guerra contra os Arabes. Representa então um importantissimo papel o Bispo de Lisboa, D. Gilberto. O primeiro Rei de Portugal, depois de tantas campanhas e cercos, luctava necessariamente com falta de tropas; procurava, pois, engrossar o seu exercito com gente estrangeira, fazendo levas em Inglaterra.

"O islamismo, contra o qual elle combatia, dava um caracter de cruzada a qualquer ex-pedição que viesse em auxilio deste principe; e assim, era com o pretexto de militar contra os

understand the Mahometan hierarchy, may have overcome the difficulty in his account by calling the *Imam* a *Bishop*. We do not express an opinion; but only repeat those that have already been formulated, and leave the solution of the problem to whoever is able to find it. We know for certain that the mosque was Christianised on All Saints' Day, Saturday, November 1st, 1147, for we have Osborne's deposition to that effect; we also know that Gilbert, an English priest who appears to have been a native of Hastings, and who went to Portugal with the Crusaders, was appointed first Bishop of Lisbon after its con-quest (see our notes on the *Regra da Ordem de Christo*). Gilbert was "a virtuous man...of very good life and habits and learned in *Degredos* (canon law)" as Duarte Galvão writes (*Coronica DelRey D. Affonſo Anriques*, chap. xxxv); Fr. Antonio Brandão (*Monarchia Lusitana*, Part iii, chap. xxx, fl. 175) called him "a learned pious man of good example, very necessary qualities in one who was called upon to plant and pre-serve the faith in that city." After his consecra-tion, Gilbert took an oath of obedience to Dom João Peculiar, Archbishop of Braga, as metro-politan.

Barely four years after the conquest of Lisbon Dom Affonso was already preparing to carry on war against the Arabs. Here Bishop Gilbert plays a most important part. The first King of Portugal had lost many men during his cam-paigns and sieges, and sought to swell his army with strangers, many of whom were recruited in England.

"The fact that he was fighting against Islam made any expedition coming to the help of this Prince partake of the nature of a crusade, so it must have been under the pretext of warring

inimigos da cruz que elle devia principalmente attrahir esses guerreiros impavidos da Europa septemtrional. Gilberto, sacerdote inglês que fora elevado á dignidade de bispo de Lisboa, partiu, portanto, para a Gran-Bretanha em 1151 a prégar uma nova cruzada contra Sevilha, isto é, contra os dominios dos almohades na Hespanha, cuja capital era então aquella cidade. As diligencias de Gilberto foram, segundo parece, coroadas de bom successo, e uma armada partiu de Inglaterra para Portugal. Juncto com os seus auxiliares, Affonso foi sitiar Alcacer, provavelmente ainda nesse anno ou no seguinte. Mas a empresa falhou, porque os defensores da forte povoação resistiram energicamente, e a armada dos cruzados voltou, segundo cremos, a Inglaterra sem haver concluido cousa alguma" (A. Herculano, *ob. cit.* t. 1, p. 411).

D. Gilberto dividiu a cidade de Lisboa em tres parochias: S. Vicente de Fóra, Santa Justa e Nossa Senhora dos Martyres, e organizou o cabido. Devemos mencionar o facto, especialmente interessante, de D. Gilberto ter introduzido na sua diocese o Missal e o Breviario da egreja de Salisbury, os quaes fôram alli conservados até ao seculo XVI, como adeante veremos. Falleceu o digno Prelado em 1166.

Em 1191 governava a diocese D. Sueiro Annes, que convocou um concilio diocesano, o primeiro que se realisou na capital depois da dominação dos Arabes. Nos principios do seculo XIII era Bispo de Lisboa, D. Sueiro Viegas, que promoveu a conquista de Alcacer (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. 1, pp. 381 e 629). No seculo XIV, seguindo a *Historia da Igreja em Portugal*, vêmos que fôram Bispos de Lisboa diversos Prelados estrangeiros, taes como D. Reginaldo em 1356, Agapito Colona, e D. João de Aix (1381 ou 1382). N'estes casos, exerceram o governo do Bispado por vigarios geraes. Em 1381 ou 1382 já apparece como Bispo de Lisboa, D. Martinho,

"natural de Çamora, & auia nome Dom Martinho, & ſendo Biſpo do Algarue, ouuera o

against the enemies of the Cross that he chiefly attracted these intrepid soldiers from Northern Europe. However, Gilbert, an English priest who had been raised to the dignity of Bishop of Lisbon, left for Great Britain in 1151 to preach a new Crusade against Seville, that is against the Almohades in Spain, whose capital that city then was. Gilbert's efforts seem to have been crowned with success and an armada set out from England for Portugal. It was probably still in this year or in the following one that Affonso went with his auxiliaries to besiege Alcacer. But the undertaking failed because the defenders of that stronghold resisted energetically, and the crusading armada returned, as we believe, to England, without having done anything definite" (A. Herculano, *op. cit.* vol. 1, p. 411).

Gilbert divided the city of Lisbon into three parishes: *S. Vicente de Fóra, Santa Justa* and *Nossa Senhora dos Martyres*, and organised the Chapter. We must mention the interesting fact that Gilbert introduced the Salisbury Breviary and Missal in his diocese, where, as we shall see later, they were in use until the XVIth century. The worthy Prelate died in 1166.

In 1191 the diocese was governed by Dom Sueiro Annes, who called a diocesan council, the first held in the capital after the Arab domination. At the beginning of the XIIIth century, the Bishop of Lisbon was Dom Sueiro Viegas, who promoted the conquest of Alcacer (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. 1, pp. 381 and 629). The *Historia da Igreja em Portugal* informs us that in the XIVth century various foreign Prelates, such as Reginald in 1356, Agapito Colona and Jean de Aix (1381 or 1382), were appointed as Bishops of Lisbon. In these cases they governed the Bishopric by vicars general. In 1381 or 1382 the Bishop of Lisbon was

"a native of Çamora named Dom Martinho, and when he was Bishop of the Algarve he

Biſpado de Lisboa, por Gonçalo Vaſques licenciado em degredos (quer dizer direito canonico), & lho ganhou do Papa Clemente" (Fernão Lopes, *Coronica Del Rey D. Ioam o I*, Parte I, pp. 25–26).

D. João de Aix só foi nomeado Arcebispo de Aix em 1383, havendo, contudo, noticia de que D. Martinho já tinha sido nomeado Bispo de Lisboa em 1379.

"As contradicções da chronologia nesta época explicam-se pelas dissensões do scisma: tudo leva a crer que, assim como houve dois papas ao mesmo tempo, tambem Lisboa teve dois bispos, um do partido de Urbano VI, outro, que seria D. Martinho, do partido do anti-papa Clemente VII" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, pp. 573–574).

Fernão Lopes, como vimos, diz que D. Martinho tinha sido nomeado por Clemente VII. Esse facto serviu de explicação—até certo ponto—á morte tragica do Bispo, precipitado do alto da torre da Sé de Lisboa em 1383, no mesmo dia em que D. João, Mestre d'Aviz, assassinou o Conde Andeiro. O ter sido scismatico, foi simplesmente um pretexto; a verdadeira razão era por ser partidario de D. Leonor Telles, e por consequencia de Castella: é o que se póde deduzir da narração de Fernão Lopes (*ob. cit.* cap. 13), na qual conta admiravelmente o que se passou, n'uma linguagem bem Portugueza, mas sem reticencias. Contudo, deve-se notar que a furia popular realisou, pelo menos em parte, o crime que commettera, pois—servindo de explicação ao barbaro assassinato—quando o povo arrastava o cadaver mutilado do Bispo pelas ruas da capital,

"hia hum ruſtico bradando diante. *Iuſtiça, que manda fazer noſso Senhor o Papa Vrbano Sexto eſte trèdor ſciſmatico, Caſtellão, porque naõ tinha com a Sancta Madre Igreja*" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

A D. Martinho seguiu-se D. João Annes; durante o seu governo do Bispado, pela bulla *In eminentissime dignitatis* de 10 de Novembro de 1393,

received the Bishopric of Lisbon through Gonçalo Vasques, licentiate in canon law, who won it for him from Pope Clement" (Fernão Lopes, *Coronica Del Rey D. Ioam o I*, Part I, pp. 25–26).

Jean de Aix was not made Archbishop of Aix until 1383, and it is recorded that Dom Martinho had already been nominated Bishop of Lisbon in 1379.

"The chronological contradictions at this period are explained by the dissensions due to the great schism: everything leads us to believe that, just as there were two popes at the same time, Lisbon had two Bishops, one on Urban VI's side, and the other, who must have been Dom Martinho, on the side of the anti-Pope Clement VII" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, pp. 573–574).

As we have seen, Fernão Lopes states that Dom Martinho was appointed by Clement VII. This fact served to a certain extent as a pretext for the tragic murder of the Bishop, who was thrown from the tower of Lisbon Cathedral in 1383, on the same day as Dom João, the *Mestre d'Aviz*, assassinated the Conde Andeiro. That he was schismatic was simply an excuse, the real reason for Dom Martinho's violent end was that he had been a partisan of Dona Leonor Telles and therefore of Castile: all this can be deduced from Fernão Lopes' narrative (*op. cit.* chap. 13) which gives an admirable but somewhat crude account of the affair. It should however be noted that the maddened populace realised to a certain extent the crime it had committed, and it serves as some explanation of the dastardly assassination, that, when the people were dragging the Bishop's mutilated body through the streets of Lisbon,

"a peasant walked in front crying: *Justice done by command of our Lord the Pope Urban VI to this schismatic Spanish traitor, because he did not hold with Holy Mother Church*" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

It was during the rule of Dom João Annes, who succeeded Dom Martinho, that, in the bull *In eminentissime dignitatis* of November 10th, 1393,

"o papa Bonifácio IX elevou a cathedral lisbonense á dignidade de metrópole, dando-lhe por suffragáneos os bispados de Évora, Guarda e Lamego, que até então estavam sujeitos a Compostella; e o de Silves, que pertencia a Sevilha" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 11).

D. João Annes foi, por consequencia, o primeiro Arcebispo de Lisboa. Succedeu-lhe, na Sé da Capital, D. João de Azambuja que, em 1409, assistiu ao Concilio de Pisa, como Embaixador de D. João I, sendo nomeado Cardeal em 1411; falleceu em Burges em 1415. Depois da morte d'El-Rei D. Duarte, em 1438, era Arcebispo de Lisboa D. Pedro de Noronha, pessoa irrequieta, que se envolveu desastradamente nas tristes questões politicas d'aquella epocha (ver Ruy de Pina, *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V*, caps. XXXIII, XL, XLIX, LXXV e LXXXVIII).

N'este ultimo capitulo da sua chronica, Pina mostra claramente a ingratidão do Arcebispo para com o Regente. Como dissemos nas nossas notas a respeito da Infanta D. Izabel Duqueza de Borgonha, após a tragica batalha de Alfarrobeira em 1449, os filhos do Infante D. Pedro retiraram-se para Flandres, possivelmente chamados por sua tia, a irmã querida do Regente. Um d'esses filhos, D. Jayme, foi, como vimos, Bispo d'Arras, e Cardeal com o titulo de Santo Eustachio; finalmente Calisto III nomeou-o, em 1456, Arcebispo de Lisboa: mas D. Jayme nunca regressou a Portugal e enviou o seu antigo mestre, D. Alvaro, Bispo de Silves, como governador do Arcebispado. O Cardeal D. Jayme de Portugal falleceu em Florença em 1459. Seguiu-se-lhe D. Affonso Nogueira, a quem succedeu, em 1464, D. Jorge da Costa, então Bispo de Evora, o famoso Cardeal de Alpedrinha (ver a *Regra dos Monges*).

Em 1500 ou 1501, o Cardeal D. Jorge, que havia muitos annos residia em Roma, renunciou o Arcebispado de Lisboa em seu irmão D.

"Pope Boniface IX raised the Bishop of Lisbon to the dignity of metropolitan, giving him as suffragans the Bishops of Evora, Guarda and Lamego, who had until then been subject to Compostella; and the Bishop of Silves who had been under the jurisdiction of Seville" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 11).

Dom João Annes was thus the first Archbishop of Lisbon; he was succeeded by Dom João de Azambuja, who was present at the Council of Pisa in 1409 as Dom João I's ambassador, was nominated Cardinal in 1411 and died in Bourges in 1415. After Dom Duarte's death in 1438, the Archbishop of Lisbon was Dom Pedro de Noronha, a turbulent personage, who became disastrously involved in the distressful political questions of the time (see Ruy de Pina, *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V*, caps. XXXIII, XL, XLIX, LXXV, and LXXXVIII).

In the last of these chapters Pina clearly shows the Archbishop's ingratitude towards the Prince Regent. After the tragic battle of Alfarrobeira in 1449, Dom Pedro's children (as we stated in our notes on the Infanta Dona Izabel Duchess of Burgundy) retired to Flanders, possibly invited thither by the Regent's sister, the Infanta Dona Izabel. One of the Princes, Dom Jayme, became, as we saw, Bishop of Arras, then Cardinal with the title of St Eustace, and was finally nominated Archbishop of Lisbon by Calixtus III in 1456; but Dom Jayme never returned to Lisbon and sent his one-time master, Dom Alvaro, Bishop of Silves, to govern the Archbishopric of Lisbon. Cardinal Dom Jayme of Portugal died in Florence in 1459, and was succeeded by Dom Affonso Nogueira, who was followed, in 1464, by Dom Jorge da Costa, the famous Cardinal of Alpedrinha, then Bishop of Evora (see our notes on the *Regra dos Monges*).

In 1500 or 1501, Cardinal Dom Jorge, who had resided at Rome for many years, renounced the Archbishopric of Lisbon in favour of his

Martinho, que tambem estava em Roma; regressou a Lisboa em 1502 e tomou posse do Arcebispado. Esteve duas vezes para ser nomeado Cardeal: em 1512, Julio II desejava elevar o Arcebispo ao Cardinalado, mas D. Manuel oppoz-se tenazmente a essa nomeação, por razões que ao certo se ignoram. A resistencia obstinada do Soberano fez com que Julio II, que tinha mau genio, dissesse enfurecido ao enviado de Portugal, Bartholomeu de Mendanha: "*Rex non facit cardinales nisi papa*" (Visconde de Santarem, *Quadro Elementar*, t. x, p. 169: ver tambem p. 168, e Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. III, parte II, pp. 842–844). Contudo, annos depois, em 1520, segundo conta Damião de Goes (*Chronica DelRey D. Emanuel*, 1566, Parte IV, fl. 87 v°), El-Rei pediu a Leão X "ho capelo de Cardeal" para D. Martinho, mas não o obteve, talvez porque o Arcebispo de Lisboa, que em 1521 accompanhára a Infanta D. Beatriz na armada que levou a Nice a noiva do Duque de Saboya, "em tornando desta viagem pera ho Regno faleçeo em Gibaltar (sic)" (Damião de Goes, *loc. cit.*).

Succedeu então a D. Martinho na Sé metropolitana de Lisboa, o Infante D. Affonso, Cardeal desde os oito annos. Pela bulla *Gratiae divinae premium* de 20 de Fevereiro de 1523, o Papa Adriano VI participou a D. João III a nomeação do Cardeal Infante, de quatorze annos de edade, para administrador do Arcebispado de Lisboa, até completar vinte annos, depois dos quaes ficaria provido no Arcebispado (*Quadro Elementar*, t. x, p. 285). Ao mesmo tempo foi nomeado Bispo de Evora. Como vimos no prologo do Infante D. Affonso, o Cardeal Arcebispo reuniu, a 25 d'Agosto de 1536, o synodo do qual resultaram estas *Constitvicoens do Arcebispado de Lixboa*, que fôram impressas, por sua ordem, no anno seguinte. Segundo Damião de Goes (*ob. cit.* Parte II, fl. 70), D. Affonso

"foi ho primeiro Prelado q̃ nestes Regnos orde-

brother Dom Martinho, who was also living in Rome, but who returned to Lisbon in 1502 to govern the See. He was twice on the point of being made Cardinal: Julius II wished to raise him to the Cardinalate in 1512, but King Manuel was strongly opposed to this nomination for reasons difficult to ascertain. The King's obstinate resistance angered the hot-tempered Pope, who said in furious tones to the Portuguese envoy, Bartholomeu de Mendanha: "*Rex non facit cardinales nisi papa*" (Visconde de Santarem, *Quadro Elementar*, vol. x, pp. 168–169: see also Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, part II, pp. 842–844). Damião de Goes (*Chronica DelRey D. Emanuel*, 1566, Part IV, fl. 87 vo.) recounts that years later, in 1520, the King asked Leo X to bestow "the Cardinal's hat" upon Dom Martinho; but his request was not granted, perhaps because the Archbishop of Lisbon who, in 1521, had gone with the armada that bore the Infanta Dona Beatriz to Nice, as the bride of the Duke of Savoy, "died at Gibraltar on his way back to this kingdom" (Damião de Goes, *loc. cit.*).

The next Archbishop of Lisbon was the Infante Dom Affonso, who had been a Cardinal from the age of eight. In the bull *Gratiae divinae premium* of February 20th, 1523, Pope Adrian VI made known to Dom João III that the Cardinal-Infante, then fourteen years old, had been nominated as administrator of the diocese of Lisbon until he reached the age of twenty, when he would become Archbishop (*Quadro Elementar*, vol. x, p. 285). Dom Affonso was appointed Bishop of Evora at the same time. As we saw in the Cardinal-Infante's prologue, it was on August 25th, 1536, that he convened the synod which resulted in the publication of these *Constitvicoens do Arcebispado de Lixboa* in the following year. According to Damião de Goes (*op. cit.* Part II, fl. 70) Dom Affonso

"was the first Prelate in these kingdoms to order

nou que ſe leſſe todolos dias ha Doctrina nas egrejas, & q̃ ſe ſcreueſſem hos nomes dos que ſe caſauam, & dos q̃ baptizauam...."

Com razão, escreve Fortunato de Almeida não ser esta affirmação de todo exacta, em vista do *Titulo. j. Conſtituiçam vij.* d'este livro dizer:

"Que em cada igreja aja huũ liuro em q̃ ſe eſcreuã os baptizados ⁊ finados."

E accrescenta:

"Tratava-se, portanto, do registo de baptizados e óbitos. O registo dos casamentos já fôra ordenado no século XIV por uma lei de D. Affonso IV; mas não sabemos até que ponto ella se observou" (*ob. cit.* t. III, parte II, p. 845; ver tambem t. II, pp. 193–197, 482–488; t. III, parte II, pp. 665–666).

Goes diz-nos mais que, no exercicio das dignidades de Bispo de Evora, Arcebispo de Lisboa e Abbade de Alcobaça, o Cardeal Infante

"deu ſempre moſtras de mui prudente, & catholico Chriſtão, porq̃ elle fazia muitas vezes hos offiçios diuinos...& elle meſmo baptizaua algũas vezes has crianças, fazendo niſſo ho offiçio de verdadeiro Prelado" (*loc. cit.*).

Outros auctores antigos, entre os quaes citamos alguns, fazem o elogio do Infante, da sua vida e das suas virtudes. O tão illustre Fr. Luiz de Sousa (*Annaes de ElRei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Parte segunda, cap. II, p. 307), referiu-se á morte de D. Affonso, e á de seu irmão D. Duarte (ver a *Oratio pro roſtris*) que teve logar poucos mezes depois.

"Viera (D. Affonso) de Evora curar-se de certa infirmidade: custou-lhe a vida o dezejo da saude. Acabou traz elle o Iffante Dom Duarte tambem em Lisboa em 20 de Oytubro. O Cardeal Dom Afonso assi como faleceo primeyro, assi deixou huma geral saudade em todo o Reyno, porque sendo Principe, e Cardeal, e moço, fazia exactissimamente o officio de Prelado."

that the catechism must be read every day in the churches, and that the names of those who were married and baptised must be written down."

But Fortunato de Almeida rightly points out that this information is not wholly accurate, for *Titulo. j. Conſtituiçam vij* directs

"That in every church there must be a book where the names of the baptised and the deceased are written."

Almeida (*op. cit.* vol. III, part II, p. 845) goes on to explain

"It referred therefore to the register of births and deaths. The registration of marriages had already been decreed in the XIVth century in one of Dom Affonso IV's laws; but we do not know how far it had been observed." (For further information on this subject see the *Historia da Igreja em Portugal*, vol. II, pp. 193–197 and 482–488; vol. III, part II, pp. 665–666.)

Goes (*loc. cit.*) also tells that, as Bishop of Evora, Archbishop of Lisbon and Abbot of Alcobaça, the Cardinal-Infante

"always showed himself to be a very prudent and catholic Christian, for he often celebrated divine service...and sometimes baptised the children himself, thus carrying out the office of a true Prelate."

Many early writers, some of whom we quote, praise the Infante, his life and virtues. Frei Luiz de Sousa (*Annaes de ElRei D. João Terceiro* publicados por A. Herculano, Part II, chap. II, p. 307) refers to the death of Dom Affonso and that of his brother Dom Duarte (see the *Oratio pro roſtris*) which took place a few months later.

"(Dom Affonso) came from Evora to cure himself of an infirmity: his desire for health cost him his life. The Infante Dom Duarte also died in Lisbon, soon after him, on October 20th. The Cardinal Dom Afonso, as he died first, was deeply mourned throughout the kingdom, because being a Prince, a Cardinal and a young man, he had so exactly fulfilled the office of Prelate."

Pedro de Mariz (*Dialogos de Varia Historia*, 1597, Dialogo qvarto, fl. 312 v°) conta que o Arcebispo D. Affonso,

"na religião com Deos, na piedade com os ricos, & na mifericordia com os pobres, & em tudo o mais, fe moftraua verdadeyro cura de almas, humilde Prelado, & diligente Paftor. Foy hum dos mais perfeytos ecclefiafticos de feu tempo."

Essa opinião tambem foi seguida por Francisco d'Andrada (*Chronica de D. João o III*, 1613, Terceira parte, cap. LXIX, fl. 94 v°), pois diz que o Cardeal Infante, apezar de ser muito novo quando falleceu, era

"já então exemplo de muytas & raras virtudes dinas não fómente de tal peffoa, mas de tão infigne prelado como elle era."

Segundo Damião de Goes (*loc. cit.*), houve, n'um momento dado, dissensões entre o Cardeal Infante e D. João III; ignoramos os motivos. Escreve o chronista, referindo-se a D. Affonso:

"teue algũas defauenças com elRei dom Ioão terçeiro feu irmão, per cujo respeito fe quifera ir fecretamente pa Roma, aho q̃ elRei acudio com muita prudençia, & pelo tirar dalgũs penfamentos a que ho induziam homẽs zelofos de mal, lhos tirou de cafa, & lhe deu outros de mór confiãça, do que tudo fe elle teue por fatisfeito, conheçendo que fe fazia por lhe afsi cumprir, pelo q̃ em quanto viueo foi fempre mui verdadeiro amigo do feruiço delRei, & lhe acatou quomo a hum tal, & tam bom irmão conuinha."

Essas desavenças fôram certamente devidas a intrigas, que existiam no seculo XVI, como existem no seculo XX.

Como já dissemos, D. Gilberto, sacerdote Inglez, primeiro Bispo de Lisboa após a sua conquista, introduziu na Sé lisbonense o Missal e o Breviario da egreja de Salisbury, que vigoraram até a primeira metade do seculo XVI.

"Este facto deixa avaliar o número de modali-

Pedro de Mariz (*Dialogos de Varia Historia*, 1597, Dialogo qvarto, fl. 312 vo.) recounts that

"in his religion towards God, in his piety towards the rich and his charity towards the poor, and in everything else, (Dom Affonso) proved himself a true doctor of souls, a humble Prelate and a diligent Shepherd. He was one of the most perfect ecclesiastics of his time."

This opinion was also held by Francisco d'Andrada (*Chronica de D. João o III*, 1613, Part III, chap. LXIX, fl. 94 vo.), who says that the Cardinal-Infante, though so young when he died, was

"already an example of many rare virtues, worthy not only of such a person, but of such a great prelate as he was."

Damião de Goes (*loc. cit.*) avers that there were at one time dissensions between the Cardinal-Infante and Dom João III; but we do not know the cause of the dispute. The chronicler writes that Dom Affonso

"had certain differences with his brother King João III, and by reason of them he desired to go secretly to Rome, which the King very prudently prevented; and to rid him of certain thoughts suggested to him by evil men, he removed these men from his house and gave him others who were more trustworthy. The Cardinal evinced satisfaction at all this, for he realised that it was being done for his benefit, and as long as he lived he was always a true friend to the King and esteemed him as such a Monarch and such a good brother deserved."

The quarrel referred to must have been due to intrigues, which existed in the XVIth century as they do in the XXth.

As we have already stated, the English priest Gilbert, first Bishop of Lisbon after its conquest, introduced the Salisbury Missal and Breviary in Lisbon Cathedral, where they were used until the first half of the XVIth century.

"This fact enables us to estimate the number

dades litúrgicas que seriam introduzidas pelos differentes prelados estranjeiros que houve no reino" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 574).

O Missal de Salisbury—*Sarum Missal* ou *Missal according to the Use of Sarum*—fôra composto em 1085 por Osmund, Conde de Dorset, Chanceller de Inglaterra, e Bispo de Salisbury de 1078 a 1099, que emprehendera a revisão das horas canonicas em Inglaterra. O Missal e o Breviario de Salisbury ficaram sendo, póde dizer-se, a liturgia da Egreja em Inglaterra, e fôram adoptados, não só na provincia de Canterbury, mas na Irlanda no seculo XII, e em varias dioceses da Escossia nos seculos XII e XIII. Egualmente no século XII, D. Gilberto introduziu-os na diocese de Lisboa. Outro, ou outros ritos estavam certamente em uso nas diversas dioceses em Portugal, e, mais tarde, mesmo na de Lisboa, pelo menos em algumas das Ordens religiosas, pois em 1210,

"S. Francisco de Assís, pela devoção que tinha á Igreja Romana, quiz que seus filhos não usassem de outro *Breviario*, que não fosse o daquella Igreja" (Viterbo, *Elucidario*, t. I, p. 206).

Por outro lado, vêmos que deviam existir modalidades liturgicas, pois, no fim do seculo XIV e durante o seculo XV, mesmo na Côrte, houve provavelmente dois ritos differentes. Conta-nos Fernão Lopes (*ob. cit.* Parte II, cap. 98, p. 229), referindo-se a "alguns coſtumes & bondades" de D. Filippa de Lancastre, que

"Eſta bemauenturada Rainha, aſſi como em ſua mocidade era deuota, & nos diuinaes officios eſperta: aſſi o foi, & muito mais, depois que teue caſa, & a ordenou á ſua vontade. Ella rezaua ſempre as horas canonicas, pelo coſtume de Saruſbti (Sarum): & però elle ſeja nom bem ligeiro dordenar: aſſi era em eſto atenta, que ſeus Capellaens, & outras honeſtas peſſoas recebiom nelle por ella enſinança."

Mas o seu illustre filho, o Infante D. Pedro,

of different forms that may have been introduced in the liturgy by the various foreign prelates in the kingdom" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 574).

The *Sarum Missal* or *Missal according to the Use of Sarum* was composed in 1085 by Osmund, Earl of Dorset, Chancellor of England, and Bishop of Salisbury from 1078 to 1099, who had undertaken the revision of the English service books. The *Sarum Missal* practically became the liturgy of the English Church, and was not only received in the province of Canterbury, but was adopted in Ireland in the XIIth and in various Scottish dioceses in the XIIth and XIIIth centuries. It was also in the XIIth century that Gilbert introduced it in the diocese of Lisbon. Other rites must also have been used in some of the various dioceses in Portugal, and later, at least by several of the religious Orders, in Lisbon itself; for in 1210

"St Francis of Assisi had such devotion for the Roman Church, that he desired his followers to use no other Breviary but the one of that Church" (Viterbo, *Elucidario*, vol. I, p. 206).

We have other reasons for assuming that this must have been the case, for at the end of the XIVth and during the XVth century, there were probably two different rites even at the Court. Fernão Lopes (*op. cit.* Part II, chap. 98, p. 229) refers to some of Dona Philippa of Lancaster's "customs and virtues" and says that

"This blessed Queen, who in her youth was devout and a zealous attendant at the divine offices, was even more so after she had a house of her own and could order it as she pleased. She always recited the canonical hours according to the use of *Saruſbti* (Sarum), though it was no easy thing to do; and so she was very careful to see that her chaplains and other respectable persons received instruction in it from her personally."

But Dona Philippa's son, the Infante Dom

já não seguia o rito de Salisbury. Ruy de Pina (*ob. cit.* cap. CXXV), escrevendo sobre a devoção do Regente, diz:

"E nas Quarefmas com as roupas que de dia trazia, com effas de noite fe lançava fempre viftydo fobre palha, fem outra roupa nem cama hordenada, cada dia por fua devaçam rezava as Oras Canonicas fegundo cuftume Romaaõ...."

Seguindo o excellente guia que é Fortunato de Almeida, vêmos que o rito romano, apezar de ter sido adoptado em muitas egrejas da Peninsula desde o fim do seculo XI, não se generalizou rapidamente. Existiam em Portugal Missaes e Breviarios dos ritos romano e bracarense (de que nos occuparemos em outro estudo).

"Em 1439 concedeu o Papa Eugénio IV a D. Affonso V, por sollicitação d'este monarcha, que na sua capella se celebrassem as missas e se recitassem as horas canónicas segundo o rito romano. Esta concessão leva-nos a suppôr, que os capellães de El-Rei se julgariam obrigados a seguir outro rito; este devia ser o introduzido na igreja de Lisboa pelo bispo Gilberto" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, pp. 473 e 474).

Estudando ainda o assumpto, escreve o mesmo distincto e tão consciencioso auctor:

"Sem prejuízo das fórmulas e ritos essenciaes, mantiveram-se differenças litúrgicas não só de uma para outra diocese como até dentro do mesmo bispado, não obstando as diligéncias por vezes empregadas para estabelecer a uniformidade na celebração dos actos do culto e na recitação das horas canónicas" (*ob. cit.* t. III, parte II, p. 619).

Para conseguir essa uniformidade, empregou os seus esforços o Cardeal Infante D. Affonso, prestando assim um verdadeiro serviço á Egreja, e decretou, n'estas *Conftitvicoens do Arcebifpado de Lixboa*, o uso do rito romano para a sua diocese.

"POr termos fabido per certa z verdadeira enformaçam alguũs inconuenientes z efcandalos

Pedro, did not use the Salisbury ritual. Ruy de Pina (*op. cit.* chap. CXXV) says:

"And in Lent he used to throw himself on straw at night fully dressed in the clothes he had worn by day, without any other clothes or bed, and each day in his devotions he recited the hours according to the Roman use...."

Following the very excellent guide we have in Fortunato de Almeida, we see that, though the Roman rite began to be adopted in many churches in the Peninsula at the end of the XIth century, it was long before its use became general. There existed in Portugal Missals and Breviaries according to the rites of Rome and of Braga (which we shall study in other notes).

"In 1439 Pope Eugene IV granted Dom Affonso V's request that, in his chapel, Mass should be celebrated and the hours recited according to the Roman rite. This concession leads us to suppose that the King's chaplains must have considered themselves obliged to follow some other rite; this must have been the one introduced in the See of Lisbon by Bishop Gilbert" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, pp. 473 and 474).

In a further study of the same subject this author adds:

"Notwithstanding the diligent efforts that were sometimes made to establish uniformity in the celebration of divine service and the recitation of the canonical hours, liturgical differences, without prejudice to the essential forms and ritual, were maintained, not only in different dioceses, but even within the same bishopric (*op. cit.* vol. III, part II, p. 619).

The Cardinal-Infante Dom Affonso did all he could to bring about this uniformity, and his decree in these *Conftitvicoens do Arcebifpado de Lixboa* that the Roman rite was to be used throughout his diocese, was of real service to the Church.

"Because we have learnt from true and certain information that the diversity and differences in

que muitas vezes ſe ſeguẽ nas igrejas deſta cidade ⁊ dioceſe de Lixboa: pella diuerſidade ⁊ deferenças do cuſtume do rezar...determinamos neſte ſinodo prouer em tal maneira: que toda a clerezia deſte noſſo arcebiſpado rezẽ huũ ſoo officio ⁊ guardem huũ ſoo cuſtume no modo do rezar as oras canonicas oficiar as miſſas ⁊ fazer os outros oficios diuinos....Ordenamos ⁊ mandamos per eſta conſtituiçã ſinodal que da pubricaçam della a huũ anno: todos os priores: rectores: beneficiados ⁊ clerigos do dicto arcebiſpado rezẽ as oras canonicas: ⁊ celebrem os outros oficios diuinos em ſuas igrejas ſegundo vſo ⁊ cuſtume Romão" (*Titulo. xxvij. Conſtituiçam primeira*).

Este mandamento do Cardeal Infante foi, sem duvida, um dos mais importantes das suas *Conſtitvicoens*; áparte o seu alcance para a Egreja, tem um especial interesse historico, pois no synodo de 1536, reunido por D. Affonso, terminou o uso do Missal e do Breviario de Salisbury na diocese de Lisboa—onde havia sido introduzido no fim de seculo XII por D. Gilberto—e principiou officialmente a pratica do rito romano. É mais um acto util e proveitoso, que se deve ao filho d'El-Rei D. Manuel.

O Infante D. Affonso, Cardeal Arcebispo de Lisboa, viveu na epocha do apogeo de Portugal, e n'esses tempos de gloria em que, póde dizer-se, o orgulho era justificado, este Principe e grande Prelado foi um exemplo de virtudes, caritativo e cheio de bondade, um "verdadeyro cura de almas." Alem d'essas qualidades, tinha uma vasta cultura, e era um protector das lettras e das artes. Novissimo, tinha 31 annos, adoeceu gravemente e, diz Barbosa (*ob. cit.* t. I, p. 20),

"conhecendo o perigo, que o ameaçava, fez que o levaſſem à Capella mòr da ſua Cathedral, onde com terniſſimos affectos, e devotas lagrimas recebeo o Sagrado Viatico, e recolhido ao Palacio entregou o eſpirito ao ſeu Creador."

O seu nome foi memorado por Jorge Coelho, entre outros, na bella *Elegia*, na sua obra

the mode of worship in the churches of this city and diocese of Lisbon have in many cases given rise to difficulties and scandals....We ordain and command by this synodal constitution that, within one year of its publication, all priors, rectors, holders of benefices and clergy of the said archbishopric shall recite the hours and celebrate the other divine services in their churches, according to the Roman use and custom" (*Titulo. xxvij. Conſtituiçam primeira*).

This decree was certainly one of the most important of the Cardinal-Infante's *Conſtitvicoens*, and had a far-reaching effect on Church history in Portugal. The *Sarum Missal* introduced by Gilbert in the XIIth century was put aside at the council assembled by Dom Affonso in 1536, and the Roman rite began to be officially used in the diocese of Lisbon. It was yet another of the advantageous reforms we owe to this distinguished son of King Manuel the Fortunate.

The Infante Dom Affonso, Cardinal Archbishop of Lisbon, lived in the era of Portugal's apogee, and in those glorious times when patriotic pride may be said to have been fully justified, this Prince and great Prelate was an example of virtue, full of goodness and charity, a "true doctor of souls." Besides being endowed with all these qualities, he was a learned man and a patron of literature and art. He became seriously ill at the early age of 31, and Barbosa (*op. cit.* vol. I, p. 20) says that

"realising the danger that menaced him, he had himself carried to the high altar of his Cathedral, and received the Holy Viaticum with the greatest tenderness and devout tears, and, when he returned to the Palace, he gave up his spirit to his Creator."

Among those who sang his praises was Jorge Coelho, who wrote a beautiful elegy on him in

¶ Foram acabadas de emprimir
eſtas Conſtituições em ha cidade de Liſboa: per Ger-
mam Galharde Frances. Per mandado do
muito alto ꝛ muito excelente Principe ho ſe-
nhor Cardeal Inffante de Portugal.
Arcebiſpo de Liſboa. Perpetuo
adminiſtrador do Biſpa-
do Deuora ꝛ moeſ-
teyro Dalco-
baça.:.
✠
A. xx. Dias do mes de
Março. Anno d̃ mil
ꝛ quinhentos
ꝛ trinta ꝛ
ſete.
✠

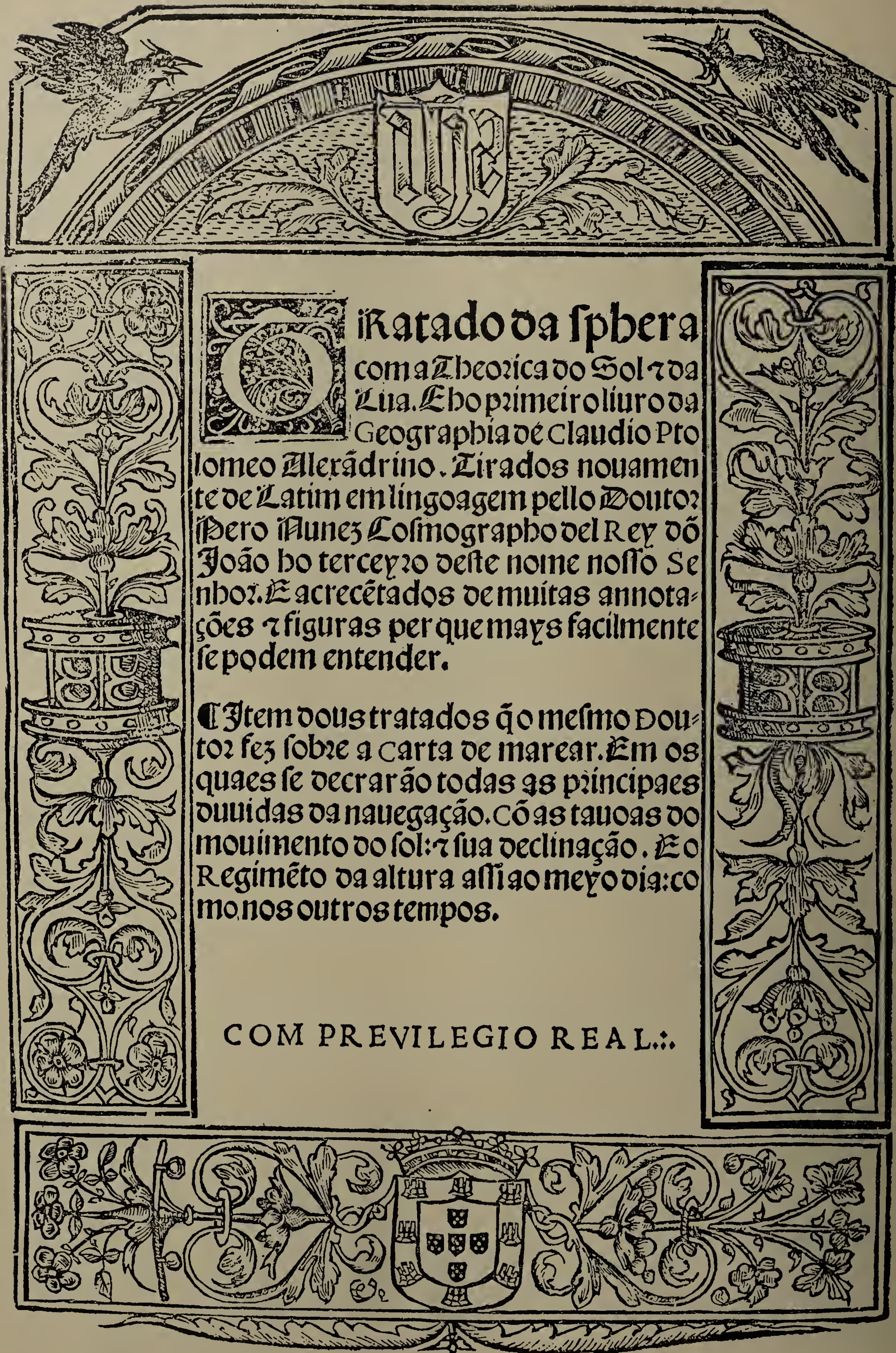
201 Colophon das *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*
Colophon of the *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*
Lisboa, 1537

De patientia chriſtiana, impressa em 1540. O seu mestre, Ayres Barbosa, já tinha fallecido, mas estamos certos que André de Resende chorou a morte do Infante seu amigo, Bispo da sua querida Evora. Não ha duvida que o Cardeal Infante D. Affonso foi Alguem: comprehendem-se, pois, as palavras do grande Fr. Luiz de Sousa:

"deixou huma geral saudade em todo o Reyno, porque sendo Principe, e Cardeal, e moço, fazia exactissimamente o officio de Prelado."

the work *De patientia chriſtiana* printed in 1540. The Prince's tutor, Ayres Barbosa, had predeceased him, but we are sure that André de Resende must have grieved for his friend the Bishop of Evora. There is no doubt that Dom Affonso was a man of mark; so we can understand how Frei Luiz de Sousa came to write that

"he was deeply mourned throughout the kingdom, because being a Prince, a Cardinal, and a young man, he had so exactly fulfilled the office of Prelate."



Tratado da ſphera com a Theorica do Sol ⁊ da Lua. E ho primeiro liuro da Geographia de Claudio Ptolomeo Alexãdrino. Tirados nouamente de Latim em lingoagem pello Doutor Pero Nunez Coſmographo del Rey dõ João ho terceyro deſte nome noſſo Senhor. E acrecẽtados de muitas annotações ⁊ figuras per que mays facilmente ſe podem entender.

¶ Item dous tratados q̃ o meſmo Doutor fez ſobre a carta de marear. Em os quaes ſe decrarão todas as principaes duuidas da nauegação. Cõ as tauoas do mouimento do ſol: ⁊ ſua declinação. E o Regimẽto da altura aſſi ao meyo dia: como nos outros tempos.

COM PREVILEGIO REAL.:.

202 Folha do rosto do *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes
Title-page of the *Tratado da Sphera* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537

36 PEDRO NUNES, TRATADO DA SPHERA.
Lisboa, Germão Galharde, 1537.

TRatado da ſphera | com a Theorica do Sol ꝛ da | Lua. E ho primeiro liuro da | Geographia de Claudio Pto | lomeo Alexãdrino. Tirados nouamen | te de Latim em lingoagem pello Doutor | Pero Nunez Coſmographo del Rey dõ | Ioão ho terceyro deſte nome noſſo Se | nhor. E acrecẽtados de muitas annota- | ções ꝛ figuras per que mays facilmente | ſe podem entender. | Item dous tratados q̃ o meſmo Dou- | tor fez ſobre a Carta de marear. Em os | quaes ſe decrarão todas as principaes | duuidas da nauegação. Cõ as tauoas do | mouimento do ſol: ꝛ ſua declinação. E o | Regimẽto da altura aſſi ao meyo dia: co | mo nos outros tempos. | COM PREVILEGIO REAL.:.

Titulo enquadrado por uma portada que tem na parte superior o monogramma: ihs e na inferior o escudo das Armas Reaes[1].

[fl. 1 vo.]

Privilegio Real de 27 de Septembro, 1537[2].

[fl. 2] AO SERENISSIMO E EXCE- | LENTISSIMO PRINCIPE | HO IFANTE DOM | LVYS .:. [...]

[fl. 3] Prohemio do autor. [...] Capitulo primeiro. [...]

[fl. 7] [...] Capitulo ſegundo. Dos circulos dos quaes a eſphera | material he compoſta per que entendemos a celeſtial. [...]

[fl. 11] [...] Capitulo. iij. De como nacem ꝛ ſe poem os ſignos. Da | deferença dos dias ꝛ noytes: ꝛ da deferẽça dos climas. [...]

[fl. 17 vo.] [...] Capitulo. iiij. Dos circulos ꝛ mouimentos | dos Planetas: ꝛ das cauſas dos eclipſes do | Sol ꝛ da Lũa. [...]

[fl. 23] [...] Fim do tratado da Sphera com | ſuas anotações.

[fl. 23 vo.] THEORICA DO SOL E DA LVA TIRADA | DE LATIM EM LINGOAGEM PER HO | DOCTOR PERO NVNEZ. | DO SOL. [...]

[fl. 26] [...] ACABA A THEORICA DO SOL. | Theorica da Lua. [...]

[fl. 30 vo.] [...] FIM DA THEORICA DA LVA.

[fl. 31] Liuro primeiro da Geographia de Ptolomeu. | Capitulo primeiro [...]

[1] *Ornamental woodcut border on the title-page, with the monogram ihs in the centre at the top, and the Royal Arms of Portugal at the bottom.*
[2] *Royal privilege dated September 27th, 1537.*

[fl. 48 vo.] [...] Fim do primeiro liuro. | ANNOTACOES NESTE PRIMEY-RO | LIVRO DE PTOLOMEO. [...]

[fl. 51] Tratado que ho doutor Pero | nunez fez ſobre certas duuidas da nauegação: dirigido | a el Rey noſſo ſenhor. [...]

[fl. 59] Tratado que ho doutor Pero | nunez Coſmographo del Rey noſſo ſenhor fez | em defenſam da carta de marear: cõ o regi | mẽto da altura. Dirigido ao muyto | eſcrare-cido : ꝛ muyto excelen- | te Principe ho Iffante | dom Luys. ꝛc.·. [...]

[fl. 90] Georgij coelij Epigramma. [...] Acabouſe de emprimir a preſente obra na muyto | nobre ꝛ leal cidade de Lixboa per Germão Ga- | lharde empremidor. Ao primeiro dia do | mes de Dezembro. De. 1537. annos.

[fl. 90 vo.] *Erratas*[1].

Folio—[90] folhas—40 linhas—caractéres gothi-cos de dois tamanhos, sendo menores os das notas marginaes—sem titulos correntes nem reclamos—com figuras.

Numeração dos cadernos: 2 folhas sem assigna-turas; a–c, 8 folhas cada caderno; d, 4 folhas; aa–bb, 8 folhas cada caderno; cc, 4 folhas; A–D, 8 folhas cada caderno; E, 6 folhas; F, 2 folhas; total de 90 folhas.

Encadernado por Rousselle em marroquim azul.

Folio—[90] leaves—40 lines—printed in Gothic letter, the marginal notes being in smaller type than the rest of the text—no headlines nor catch-words—numerous figures.

Collation by signatures: 2 leaves without signa-ture marks; a–c, each 8 leaves; d, 4 leaves; aa–bb, each 8 leaves; cc, 4 leaves; A–D, each 8 leaves; E, 6 leaves; F, 2 leaves; total 90 leaves.

Bound by Rousselle in blue morocco.

O problema da sciencia nautica Portugueza tem sido estudado ultimamente, com egual patrio-tismo e saber, por diversos auctores, entre os quaes teem um logar preeminente Joaquim Bensaude e o Professor Luciano Pereira da Silva, este roubado ao seu paiz pelo acto duplamente criminoso de um doido: a ambos teremos de recorrer a cada passo, para as nossas notas sobre o *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes, uma das glorias scientifi-cas de Portugal. D'esta obra rarissima, sem duvida uma das mais preciosas que possuimos, conhecem-se apenas os seguintes nove exemplares: Bibliotheca Nacional de Lisboa; Archivo

The problem of nautical science in Portugal has of recent years been absorbing the attention of several learned and patriotic writers, of whom the most important have been Joaquim Bensaude and the late Professor Luciano Pereira da Silva, robbed of life by the doubly criminal act of a madman. We shall have frequent recourse to both these authors in our notes on Pedro Nunes' *Tratado da Sphera,* which is one of the scientific glories of Portugal. This rare work is certainly one of the most precious in our possession, and only the follow-ing nine copies of it can be traced: National Library, Lisbon; Archivo Nacional, Lisbon;

[1] *Errata.*

Nacional, Lisboa; Bibliotheca Publica, Evora; Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro; Bibliotheca do Duque de Brunswick, Wolfenbüttel; Bibliotheca Palha, Lisboa; Bibliotheca Henry E. Huntington, San Marino, California; Maggs Bros., Londres; e o nosso admiravel exemplar, da Bibliotheca de Sua Majestade El-Rei D. Luiz, que o offereceu ao illustre escriptor e estadista Andrade Corvo.

Pedro Nunes nasceu em Alcacer-do-Sal em 1502, sendo, segundo differentes auctores, de origem Judaica. A data do seu nascimento tem sido attribuida a diversos annos, de 1492 a 1502. Pedro Nunes, Cosmographo Mór, auctor do *Tratado da Sphera*, do *de Crepusculis*—impresso em 1542, de que possuimos um bello exemplar—e de diversas outras obras notaveis, tem sido confundido com Pedro Nunes, Vedor da Fazenda na India em 1520, por ambos terem vivido na mesma epocha. Alguns escriptores teem querido demonstrar a existencia de um só e unico Pedro Nunes: contudo, as datas não nos parecem permittir essa opinião, pois não julgamos admissivel que o professor Pedro Nunes, nascido em 1502, tivesse sido, aos 18 annos, Vedor da Fazenda na India, logar de tão alta importancia. Pedro Nunes foi cosmographo d'El-Rei D. João III, nomeado por carta Regia de 16 de Novembro de 1529, e, mais tarde, Cosmographo Mór do Reino; regeu tambem a cadeira de Mathematicas na Universidade de Coimbra de 1544 a 1562, anno em que se jubilou. Foi mestre dos filhos d'El-Rei D. Manuel, o Infante D. Luiz e o Cardeal D. Henrique, depois Rei em 1578; diz-se mesmo que havia sido professor de D. João III; foi, egualmente, mestre d'El-Rei D. Sebastião, e, entre os seus discipulos mais famosos deve contar-se o tão illustre D. João de Castro. A data da morte do Cosmographo Mór é incerta, mas parece que falleceu em 1577 ou 1578: por um documento, sabe-se que, em

Evora Public Library; Rio de Janeiro National Library; the Duke of Brunswick's Library, Wolfenbüttel; the Palha Library, Lisbon; the Henry E. Huntington Library, San Marino, California; Maggs Bros., London; and our own magnificent copy, which belonged to His Majesty King Luiz, who gave it to Andrade Corvo, the Portuguese statesman.

Pedro Nunes was born at Alcacer-do-Sal in 1502, and was, according to some authorities, of Jewish origin. There has been some discussion as to the date of his birth which has been variously assigned to the years from 1492 to 1502. Pedro Nunes, Chief Cosmographer, and author of the *Tratado da Sphera* and various other eminent works including the *de Crepusculis*, 1542, of which we possess a fine copy, has often been confounded with a namesake of his who, in 1520, became *Vedor da Fazenda* (Overseer of Trade) in India. Attempts have been made to prove that there was only one Pedro Nunes; but the dates are irreconcilable with this idea; for the famous mathematician born in 1502 could not possibly have been appointed, at only eighteen years of age, to the responsible post of *Vedor da Fazenda* in India. Pedro Nunes was appointed cosmographer to King João III by a Royal letter dated November 16th, 1529, and was later promoted to be Chief Cosmographer of the realm. He also held the chair of Mathematics in the University at Coimbra from 1544 till 1562, when he retired. It is said that Nunes was for a time tutor to King João III; but there is no conclusive evidence of this; however, he certainly taught Dom Manuel's other sons, Dom Luiz and the Cardinal-Infante Dom Henrique, who became King in 1578. Yet another King who came under his care was Dom Sebastião, while the illustrious Dom João de Castro must be counted among the most famous of his pupils. It seems that Pedro Nunes died in 1577 or 1578, though the exact date is not certain: there is, however, a document which

1574, Pedro Nunes vivia ainda em Lisboa, para onde viera de Coimbra, chamado por El-Rei D. Sebastião.

É interessante citar a opinião de alguns auctores antigos a respeito de Pedro Nunes: Faria e Sousa (*Asia Portuguesa*, 1674, t. II, parte II, cap. V, nº 9) diz-nos que D. João de Castro tinha estudado mathematicas "ſiendo Diſcipulo (cõ el Infante Don Luis) del grande Pedro Nuñez." Monçon no *Eſpejo del Principe Chriſtiano*, 1571 (fl. 65), escreveu:

"En eſta ſciẽcia hã ſido doctos los Infantes de Portugal, y eſpecial el Infante don Luis de glorioſa memoria, y el Cardenal don Henrrique ſu hermano: porq̃ han tenido por maeſtro al doctor Pero nuñez, q̃ es cathedratico de Aſtrologia en la Vniuerſidad de Coimbra, y vno de los inſignes aſtrologos q̃ ha auido en las Eſpañas."

Damião de Goes e André de Resende fazem o seu elogio, e quantos outros! O Conde de Vimioso na sua *Vida do Infante D. Luiz*, 1735 (p. 4), define claramente o respeito que havia pelo grande mathematico, pois refere-se ao Infante, dizendo: "Aprendeu as ſciencias mais proprias com o inſigne Portuguez, e profeſſor de todas Pedro Nunes (cujo nome ninguem pronunciou ſem epitheto honroſo)."

Resta accrescentar que Pedro Nunes foi casado com Izabel Tavares, de quem teve filhas: um episodio interessante e typico da epocha leva-nos a fazer uma menção especial de uma d'ellas, D. Guiomar Nunes. Duarte Nunes do Leão na sua *Deſcripção do Reino de Portugal*, 1610 (fl. 147 vº), conta o caso em estylo pitoresco, que transcrevemos na integra, para não perder o sabor:

"Hũa donzella moça de pouca idade per nome Dona Guiomar q̃ cõ ſeu pai o doctor Pero Nunez Coſmographo mòr del Rei eſtaua em Coimbra. Eſta tendolhe promettido hũ filho de hum cidadão ſeu viſinho que caſaria com ella e não comprindo ſua promeſſa o mandou citar perante o Biſpo da meſma cidade q̃ as pregũtas lhe quis fazer na igreja de S. Ioão. E negãdo o mancebo

shows that in 1574 the Chief Cosmographer was still living in Lisbon, whither he had come from Coimbra at the command of King Sebastião.

It is interesting to quote what various ancient authors have written about Pedro Nunes: Faria e Sousa says in *Asia Portuguesa* (1674, vol. II, part II, chap. V, no. 9) that João de Castro studied mathematics "ſiendo Diſcipulo (cõ el Infante Don Luis) del grande Pedro Nuñez." Monçon writes in his *Eſpejo del Principe Chriſtiano*, 1571 (fl. 65), that:

"En eſta ſciẽcia hã ſido doctos los Infantes de Portugal, y eſpecial el Infante don Luis de glorioſa memoria, y el Cardenal don Henrrique ſu hermano: porq̃ han tenido por maeſtro al doctor Pero nuñez, q̃ es cathedratico de Aſtrologia en la Vniuerſidad de Coimbra, y vno de los inſignes aſtrologos q̃ ha auido en las Eſpañas."

Damião de Goes, André de Resende and countless others all sing his praises; while the Conde de Vimioso in his *Vida do Infante D. Luiz*, 1735 (p. 4), sums up the general attitude towards the great astronomer, when he says that the Infante Dom Luiz "learnt the sciences most proper to his station from that famous Portuguese, Pedro Nunes, who was learned in them all, and whose name was never mentioned without an honourable epithet."

Pedro Nunes had married Isabel Tavares, and one of his daughters, Dona Guiomar, was the heroine of an episode so interesting and so typical of the period, that she calls for a special mention. Duarte Nunes do Leão in his *Deſcripção do Reino de Portugal*, 1610 (fl. 147 vo.), gives a most delightful account of the incident:

"A young girl named Dona Guiomar lived in Coimbra with her father Pedro Nunez, Chief Cosmographer to the King. And as the son of one of her neighbours, who had promised to marry her, did not keep his word, she caused him to be summoned before the Bishop of the same city, who questioned him in the Church of St John. And upon the young man's denying his promise, she unexpectedly seized a knife from a work-

a promessa que fizera, ella de improuiso lançou mão a hum caniuete de hũ estojo q̃ consigo trazia para seus lauores & lhe deu hũa grãde cutilada pelo rostro. Feito isto se volueo ao altar pedindo perdão a Deos & despois ao Bispo. O qual a mãdou depositar ate ver o q̃ se hauia de fazer no caso. E porq̃ ella soube q̃ todos parentes & amigos do offendido & muita gente armada cõ elles estauão na ponte do Mõdego per onde suspeitauão q̃ ella passasse para o moesteiro de S. Clara onde seu pai a queria meter freira, ella com grande animo se mãdou leuar aas costas de hũ trabalhador escondida em hũa grande canastra em q̃ leuaua para o dito moesteiro de Sancta Clara cera & cousas para o officio da semana sãcta, animãdo ao q̃ a leuaua q̃ não temesse q̃ Deos a quẽ ia seruir os guardaria. E assi foi entre aq̃lles tãtos homẽs armados ao moesteiro onde as freiras q̃ ja tinhão recado a esperauão cõ grãde aluoroço: e hi stâ hoje freira ꝓfessa."

É um episodio da vida de Pedro Nunes, e um quadro interessante da epocha.

Ao descrever o *Reportorio dos Tempos* e o *Regimẽto da declinaçam do sol* de Valentim Fernandes, 1518, tivemos de nos referir, diversas vezes, aos *Regimentos* de Munich e de Evora, que são entre nós, com o livro de Valentim Fernandes, as obras mais antigas conhecidas, impressas no seculo XVI, sobre a sciencia nautica Portugueza. Pedro Nunes e o seu insigne discipulo D. João de Castro representam o apogeo d'essa sciencia; o *Tratado da Sphera*, e sobretudo os dois *Tratados* sobre a arte de navegar, que se lhe seguem, teem um logar predominante na historia de uma sciencia que cubriu de gloria o nosso Portugal.

Pedro Nunes, na dedicatoria do *Tratado da Sphera*, dirigida ao Infante D. Luiz, escreveu esta phrase memoravel:

"A sciencia não trata das cousas que sam somente ymaginarias falsas ou ympossiueys: mas das certas ꝛ verdadeiras: as quaes todas tem nome em qualquer lingoagem por muito barbara q̃ seja";

box she was carrying and gave him a great cut on the face. When she had done this she turned to the altar and craved pardon of God and afterwards of the Bishop, who ordered her to be detained until it was decided what should be done in the matter. And knowing that all the relations and friends of the injured man, and a crowd of people with arms had stationed themselves at the bridge over the river Mondego, which they suspected that she would traverse on her way to the Santa Clara convent, where her father wished her to take the vows, she bravely had herself carried on the shoulders of a workman, hidden in a large basket in which wax candles and things for the Holy Week services were being conveyed to the said convent of Santa Clara; and she encouraged the man who carried her, telling him to have no fear, for God, into Whose service she was going, would take care of them both. And so she passed safely through all those armed men, and reached the convent, where the sisters, who had received word of her coming, awaited her in great perturbation: and there she is to-day, as a professed nun."

It is an episode from the life of Pedro Nunes, and an interesting picture of his times.

In describing the *Reportorio dos Tempos* and the *Regimẽto da declinaçam do sol*, by Valentim Fernandes (1518), we referred several times to the Munich and Evora *Regimentos*, which are the earliest known XVIth century printed documents in the history of Portuguese nautical science. Pedro Nunes and his famous pupil Dom João de Castro brought this science to the height of its development; the *Tratado da Sphera*, and more especially the two treatises on the art of navigation, which follow it, hold the highest places in the annals of a science that covered Portugal with glory.

In the dedication of the *Tratado da Sphera* to the Infante Dom Luiz, Nunes writes:

"Science does not treat of things that are only imaginary, or false, or impossible: but of the certain and true things, which have a name in every language, however barbarous it may be";

e mais adeante, n'outra phrase que se deve meditar, diz:

"...os feruiços que fe fazem aos principes: não fe eftimã por grandes nem fe desprezão por pequenos: fe nam pello animo com que fe fazem."

O *Tratado da Sphera* é a traducção em linguagem do livro de Sacrobosco, Johannes de Sacro Bosco, ou John Holywood, nascido em Halifax: nada se sabe da sua vida, senão que escreveu em Latim o *Tractatus de Sphera Mundi*, cuja primeira edição se imprimiu em Ferrara em 1474, que foi professor de Mathematicas na Universidade de Paris, e que falleceu entre 1244 e 1256. É interessante notar que o nosso chronista Zurara já conhecia o systema dos nove ceus, como se póde ler no principio do capitulo XXV da *Chronica de Guiné*. Egualmente, o fundador da Dynastia d'Aviz, D. João I, no seu *Livro da Montaria*, escripto entre 1415, anno da conquista de Ceuta, e 1433, mostra ter sabido a distribuição dos astros pelos differentes ceus. D. Duarte, no seu *Leal Conselheiro*, composto entre 1428 e 1437, occupou-se da contagem das horas pela Ursa Menor.

Como dissemos, devemos a cada passo recorrer ao saber de Joaquim Bensaude e de Luciano Pereira da Silva, ao descrever esta obra de Pedro Nunes. Pereira da Silva, na sua admiravel *Arte de navegar dos Portugueses*, inserta na esplendida obra *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (t. I, p. 100), escreve:

"Os dois manuais náuticos portugueses, conhecidos pelos nomes de *Regimento* de Munich e *Regimento* de Évora, constam de duas partes bem distintas: uma, própriamente prática, contém o regimento do sol ao meio dia, o regimento da estrêla do norte, uma lista de latitudes geográficas, o calendário, e as tábuas de longitudes e declinações solares; a outra, destinada à instrução teórica, é o *Tratado da Esfera do mundo*,

and further on in another memorable phrase, he says:

"...services rendered to princes are only to be esteemed as great, or despised as small, according to the spirit in which they are offered."

The *Tratado da Sphera* was translated into Portuguese from the book by Sacrobosco. Johannes de Sacro Bosco, or John Holywood was born in Halifax; but little is known about him except that he wrote the Latin *Tractatus de Sphera Mundi*, the first edition of which was printed in Ferrara in 1474; that he was Professor of Mathematics at the University of Paris, and that he died between 1244 and 1256. It is interesting to note that the chronicler Zurara was already familiar with the system of the nine heavens, as may be seen in chap. XXV of his *Chronica de Guiné*. Similarly, Dom João I, the founder of the Aviz Dynasty, in his *Livro da Montaria*, written between 1415 (the date of the conquest of Ceuta) and 1433, gives proof that he understood the distribution of the stars in the different heavens; while Dom Duarte in his *Leal Conselheiro*, composed between 1428 and 1437, refers to the calculation of time from Ursa Minor.

As we mentioned above, we have continual recourse to the learning of Joaquim Bensaude and Luciano Pereira da Silva, in our description of this work. Pereira da Silva in his *Arte de navegar dos Portugueses*, published in that magnificent and comprehensive work the *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (vol. I, p. 100), writes:

"The two Portuguese nautical manuals known as the Evora and the Munich *Regimentos* consist of two very distinct parts: the first or practical part contains the *regimento* (register) of the sun's height at midday, the *regimento* of the north star, a list of geographical latitudes, the calendar, and the tables of longitude and of the declination of the sun; the second, destined for theoretical instruction, is the *Tratado da Esfera do mundo*

traduzido do latim em linguagem. Esta parte é a versão portuguesa do livro *De Sphaera*, compêndio de astronomia escrito no século XIII pelo frade inglês João Sacrobosco. Neste compêndio que teve tam largo sucesso, expõe-se a teoria geocêntrica de Ptolomeu, com os planetas distribuídos pelas sete esferas, as estrêlas situadas na oitava, e por fóra o primeiro móbil, a nona esfera, propulsora do movimento diurno. Mas as esferas não são puramente geométricas; são esferas sólidas, cristalinas, como os árabes as concebiam, à maneira de Aristóteles, considerando-as feitas da quinta essência, que era distinta dos quatro elementos que constituïam o mundo sublunar."

E accrescenta, mais adeante, continuando a sua explicação:

"O *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes, publicado em 1537, compreende nova tradução da obra de Sacrobosco, a qual, juntamente com a 'Teórica do Sol e da Lua,' de Purbáchio, e o primeiro Livro da Geografia de Ptolomeu, precede os dois Tratados sôbre a arte de navegar. Sacrobosco attribúi à oitava esfera um movimento próprio de ocidente para oriente em volta dos pólos da eclíptica, à razão de um grau por século; assim se efectuava a precessão dos eqüinócios, segundo Ptolomeu. Pedro Nunes acrescenta mais uma esfera, que se teve de introduzir para explicar o suposto movimento de trepidação; por isso anota à margem, adoptando os períodos estabelecidos pelas considerações cabalísticas dos rabinos de Toledo: 'Isto segundo a opinião de Ptolomeu, porque os astrólogos, que depois foram, acharam que êste movimento de ocidente para oriente pela ordem dos signos pertence à nona esfera, e que não é em 100 anos um grau, mas em 200 um grau e 28 minutes, de sorte que em 49000 anos falando naturalmente, se cumprirá sua revolução. E o movimento próprio à oitava é o da trepidação que se faz em 7000 anos.'"

Proseguindo na sua tão nitida exposição da obra de Pedro Nunes, escreve o illustre professor:

translated from Latin into the vernacular. This part is the Portuguese version of *De Sphaera*, an astronomical compendium written in the XIIIth century by the English monk John Holywood (João Sacrobosco). This compendium, which had such notable success, expounds Ptolemy's geocentric theory with the planets distributed in the seven spheres, the stars situated outside in the eighth sphere (*primum mobile*), the ninth sphere, the propellant of the daily movement. But the spheres are not purely geometrical; they are solid crystalline spheres, such as the Arabs had conceived, after the manner of Aristotle, supposing them to be made of the fifth essence which was distinct from the four elements constituting the sublunary world."

Pereira da Silva continues his explanation as follows:

"The *Tratado da Sphera* by Pedro Nunes, which was published in 1537, includes a fresh translation of Sacrobosco's work, which, with Purbach's 'Theory of the Sun and Moon' and the first book of Ptolemy's Geography, precedes the two treatises on the art of navigation. To the eighth sphere Sacrobosco attributes an individual movement from west to east around the poles of the ecliptic in the proportion of one degree per century; according to Ptolemy the precession of the equinoxes was effected in this way. Pedro Nunes adds yet another sphere, which had to be introduced to explain the supposed movement of trepidation; here he makes a marginal note, adopting the periods established by the cabalistic calculations made by the rabbis of Toledo: 'This is according to the opinion of Ptolemy, because later astrologers found that this movement from west to east by the order of the signs belongs to the ninth sphere, and that it is not of one degree in 100 years but of one degree and 28 minutes in 200 years, so that ordinarily speaking its revolution would be completed in 49,000 years. And the movement proper to the eighth is that of trepidation whose period is 7000 years.'"

Proceeding with his clear exposition of Pedro Nunes' work, the learned professor writes:

"O uso da carta plana mostrou que a rêde das linhas rectas dos rumos se não harmonizava com a graduação das coordenadas geográficas. A causa dos êrros da carta começou a ser estudada por Pedro Nunes, em cujo tempo havia queixas gerais contra ela, como êle próprio declara. Estudando a natureza da curva descripta pelo navio, quando prossegue sempre num rumo constante e corta portanto sob um mesmo ângulo os meridianos sucessivos, curva a que depois se chamou *loxodromia*, viu que ela não era um arco de círculo máximo, mas sim uma espiral, linha torsa ou de dupla curvatura, e que só em dois casos especiais era plana: quando o rumo seguido era de norte-sul, caso em que é um círculo máximo, um meridiano; e quando o rumo era de leste-oeste, caso em que é um círculo menor, um paralelo."

E termina o seu capitulo sobre a *carta de marear*, dizendo:

"Pedro Nunes não deu a solução cartográfica da questão que a carta de marear suscitava no seu tempo, mas contribuíu para ela. Era para isso fundamental a consideração da natureza da curva loxodrómica, e quem primeiro disso se ocupou foi Pedro Nunes, nos dois tratados que acompanham o *Tratado da Sphera*, publicado em Lisboa, em 1537, que são: o *Tratado sôbre certas dúvidas da navegação*, e o *Tratado em defensam da carta de marear*. E mais desenvolvidamente versa êste mesmo assunto na tradução latina dos mesmos tratados que se encontra na edição de parte de suas obras, feita em Bâle: *Petri Nonii Opera*, Basileae 1566. O globo terrestre de Mercator, impresso em 1541, em Lovaina, sôbre 12 fusos destinados a cobrir uma esféra de 1^{m},29 de circunferência de círculo máximo, oferece a circunstância notável de nêle correrem, sôbre os mares, feixes de loxodromias, irradiando de várias rosas espalhadas pela carta. Estas loxodromias são curvas torsas, desenhadas com grande exactidão. Mercator, que viveu em Lovaina até 1552, devia conhecer a obra portuguesa de P. Nunes, de 1537, em que se trata já da curva loxodrómica. Se P. Nunes não indica aí processo prático para o seu traçado sôbre um globo, clama bem a necessidade de tal traçado se fazer

"The use of the map on a plane projection showed that a network of straight lines did not correctly correspond to the graduation of the geographical coordinates. Pedro Nunes began to study the cause of these cartographical errors, which, as he himself declares, aroused general complaint in his time. Studying the nature of the curve described by a ship keeping a fixed course crossing successive meridians at the same angle, a curve afterwards known as a loxodrome, he saw that it was not an arc of a great circle, but rather a spiral, a twisted or doubly curved line, which was on a plane in only two special cases: (i) when the rhumb followed was from north to south, in which case it was a great circle or meridian; and (ii) when the course was from east to west, in which case it was a small circle or parallel of latitude."

Pereira da Silva concludes his chapter on the *carta de marear* by saying:

"Pedro Nunes did not give the cartographical solution of the question raised in his time by the nautical chart; but he helped to find it. To discover this solution it was essential to consider the nature of the loxodromic curve; and the first to examine this point was Pedro Nunes, in the two treatises which accompany the *Tratado da Sphera*, published in Lisbon in 1537; these are the *Tratado sobre certas duvidas da navegação* and the *Tratado em defensam da carta de marear*. He develops the subject more fully in the Latin translation of the two treatises, which is included in the edition of some of his works, printed in Bâle: *Petri Nonii Opera*, Basileae, 1566. Mercator's terrestrial globe, which was printed at Louvain in 1541 on twelve gores destined to cover a sphere whose great circle was 1^{m}·29 in circumference, is notable in that loxodromes, radiating from various centres scattered about the map, are traced across the seas. These loxodromes are twisted curves, drawn with great exactitude. Mercator, who lived in Louvain until 1552, must have known Pedro Nunes' Portuguese work of 1537, which already treats of the loxodromic curve. Though Pedro Nunes does not indicate the practical process for tracing rhumbs on a globe, he clearly points out

com rigor, chamando a atenção para êste ponto, quando se queixa dos construtores de globos: '...e porque estes que fazem globos não sabem lançar nêles rumos, não sentem isto, e assim fica tudo bem borrado, posto que nos tais globos haja muito ouro, e muitas bandeiras, Alifantes e Camelos, e outras cousas iluminadas....' Pedro Nunes concorreu para a transformação que a carta de marear tinha de sofrer, com o estudo fundamental: a teoria dos rumos ou loxodro-mias, que êle foi o primeiro a apresentar."

Pedro Nunes, dirigindo-se a D. João III, no *Tratado ſobre certas duvidas da navegação*, e ao In-fante D. Luiz, no *Tratado em defenſam da carta de marear*, diz-nos os motivos que o levåram a estes tão importantes estudos. As duvidas que, ao re-gressar do Brazil (1533), Martim Affonso de Sousa lhe apresentou ácerca da navegação, fôram a origem dos trabalhos do sabio cos-mographo, sendo notavel constatar, mais uma vez, a união entre a Sciencia e a genial Aventura! Pedro Nunes proclama essa união, indispensavel e bemfazeja, quando se refere ás navegações dos Portuguezes, n'este periodo verdadeiramente grandioso do *Tratado em de-fenſam da carta de marear*, dirigido ao Infante D. Luiz:

"Nam ha duuida que as nauegações deſte reyno de cem ãnos a eſta parte: ſam as mayores: mais marauilhoſas: de mais altas ⁊ mais diſcretas conjeyturas: que as de nenhũa outra gente do mundo. Os portugueſes ouſaram cometer o grande mar Oceano. Entrarã per elle ſem nenhũ receo. Deſcobriram nouas ylhas/ nouas terras/ nouos mares/ nouos pouos: ⁊ o q̃ mays he: nouo ceo: ⁊ nouas eſtrellas. E perderanlhe tanto o medo: que nem ha grande quentura da torrada zona: nem o deſconpaſſado frio da extrema parte do ſul: com que os antigos ſcriptores nos ameaça-uam lhes pode eſtoruar: que perdendo a eſtrella do norte: ⁊ tornandoa a cobrar: deſcobrindo ⁊ paſſando ho temeroſo cabo de Boa eſperança: ho mar de Ethiopia: de Arabia: de Perſia: poderam

the need for such tracing to be done with great accuracy, and calls attention to this matter when he complains that 'because those who make globes do not know how to put in rhumb-lines, they do not realise this; and so the maps are useless, though there is much gold on these globes, and many banners, Elephants and Camels and other illuminations....' Pedro Nunes paved the way for the improvement of the nautical chart by his study of the fundamental theory of rhumb-lines or loxodromes, which he was the first to introduce."

In the dedications of the *Tratado ſobre certas duvidas da navegação* and the *Tratado em defenſam da carta de marear* to King João III and Prince Luiz respectively, Pedro Nunes explains that he was prompted to compose these important studies by some conversations he had with Martim Affonso de Sousa, who returned from Brazil in 1533 and mentioned certain doubts and difficulties he had experienced in navigating his ship. The navigator's doubts led the man of science to calculations, so the alliance of science and enterprise in the great Adventure was more than ever firmly sealed. Pedro Nunes proclaims this indispensable and beneficial union in the following truly magnificent passage of the dedi-catory epistle to the Infante Dom Luiz in the *Tratado em defenſam da carta de marear*:

"There is no doubt that the navigations from this country to these parts during the last hundred years have been greater, more marvellous, and of higher and more judicious conjecture than those from any other nation in the world. The Portu-guese dared to attempt the great Ocean. They ventured upon it without apprehension, they discovered new islands, new lands, new seas, new peoples, and, what is even more, a new heaven and new stars. And so far had they for-gotten fear that they were deterred neither by the great heat of the torrid zone, nor by the excessive cold of the extreme south, with which ancient writers had threatened us; and losing the north star, and turning back to find it again, doubling the fearful cape of Good Hope, and passing the seas of Ethiopia, of Arabia and

chegar a India. Paſſaram o rio Ganges tam nomeado a grãde Trapobana (sic): ⁊ as ilhas mais orientais. Tirarã nos muitas ignorancias: ⁊ amoſtrarãnos ſer a terra mor que o mar: ⁊ auer hi Antipodas: que ate os Sanctos duuidaram: ⁊ que nam ha regiam: que nem per quente nem per fria se deyxe de abitar. E que em hum meſmo clima ⁊ igual diſtancia da equinocial: ha homẽs brancos ⁊ pretos e de muy diferentes calidades. E fezeram o mar tam chão que nam ha quem oje ouſe dizer q̃ achaſſe nouamente algũa pequena ylha: algũs baxos: ou ſe quer algũ penedo: que per noſſas nauegações nam ſeja ja deſcuberto. Ora manifeſto he que eſtes deſcubrimentos de coſtas: ylhas: ⁊ terras firmes: nam ſe fezeram indo a acertar: mas partiram os noſſos mareantes muy enſinados ⁊ prouidos de eſtormentos ⁊ regras de aſtrologia ⁊ geometria: que ſam as couſas de que os Coſmographos ham dãdar apercebidos: ſegũdo diz Ptolomeu no primeiro liuro da ſua Geographia. Leuauã cartas muy particularmente rumadas: ⁊ nã já as de que os antigos vſauam: que nam tinham mais figurados que doze ventos: ⁊ nauegaram ſem agulha."

Persia, they succeeded in reaching India. They traversed the famous river Ganges, the great Taprobana and the most eastern isles. They put an end to many of our ignorances and showed us that the land is of greater extent than the sea; that there are Antipodes of which even the Saints had doubted; and that there is no region which either through heat or cold fails to be inhabited. And that living in the same kind of climate, at an equal distance from the equator, there are white men and black men of widely different character. And they came to know the sea so well, that to-day no one dares to say that any small island, or shoals, or even any rock has been newly discovered and was not already known to our navigators. Now it is manifest that these discoveries of coasts, islands and continents were not made by chance experiment; but our sailors were very well instructed before they set out, and provided with instruments and astrological and geometrical tables with which, as Ptolemy says in the first book of his Geography, Cosmographers have to be supplied. They also took charts, very carefully marked with rhumb-lines, and not at all the same as were used by the ancients who put in only twelve winds, and who navigated without a compass."

N'esta admiravel narração, em que Pedro Nunes descreve, com justificado orgulho, a obra monumental dos navegadores Portuguezes, ha uma phrase que tem uma importancia capital, tanto para historia dos descobrimentos Portuguezes, como para a da sua sciencia nautica:

"Ora manifeſto he que eſtes deſcubrimentos de coſtas: ylhas: ⁊ terras firmes: nam ſe fezeram indo a acertar: mas partiram os noſſos mareantes muy enſinados ⁊ prouidos de eſtormentos ⁊ regras de aſtrologia ⁊ geometria..."

Bensaude, na sua *Histoire de la science nautique portugaise* (p. 7), aponta claramente a origem d'esse saber, quando escreve:

"La science nautique portugaise a eu ses origines dans l'élément marin du Portugal; elle fut la conséquence logique d'un besoin créé par

This extract is permeated by a true spirit of patriotism. Pedro Nunes describes the great achievements of the Portuguese navigators, with justifiable pride, and the sentence

"Now it is manifest that these discoveries of coasts, islands and continents were not made by chance experiment; but our sailors were very well instructed before they set out, and provided with instruments and astrological and geometrical tables..."

is of the utmost importance, both for the history of Portuguese navigation and for that of her nautical science.

The origin of scientific research in Portugal is clearly explained by Bensaude in his *Histoire de la science nautique portugaise* (p. 7):

"La science nautique portugaise a eu ses origines dans l'élément marin du Portugal; elle fut la conséquence logique d'un besoin créé par

les expéditions vers les mers inconnues de l'hémisphère sud. Elle débuta par la fondation de la station navale de Sagres en 1416 par D. Henrique le Navigateur."

Foi o Infante que iniciou a obra gigantesca, preparando a terra inculta onde, até a sua morte, em 1460, deixou cahir a boa semente. Depois, foi D. João II que, desde 1474, sendo ainda Principe, continuou a genial empreza, tomando em mão os problemas dos descobrimentos e da sciencia nautica, trabalho colossal que, feito mysteriosamente em silencio, permittiu a sua execução, levando-nos, no reinado do Venturoso, á India e ao Brazil, e ao auge da nossa grandeza. Finalmente, no reinado de D. João III, chegámos ao apogeo da sciencia nautica com os trabalhos de Pedro Nunes e do seu discipulo, D. João de Castro. Recorrendo novamente á grande auctoridade de Joaquim Bensaude, reproduzimos o que elle escreve a esse respeito (*ob. cit.* p. 22):

"Les travaux de Pedro Nunes en 1537 et de D. João de Castro (1538–1541) constituent dans leur ensemble le monument le plus remarquable de la science nautique portugaise. Ils sont en même temps les chefs-d'œuvre de la bibliographie nautique européenne dans la première moitié du XVIe siècle. Pedro Nunes, théoricien habile et mathématicien remarquable, a visé au côté pratique en cherchant avant tout à résoudre le problème de la cartographie moderne et à donner à celle-ci des bases éprouvées et solides, et D. João de Castro a étudié et observé la nature, admirablement servi par ses connaissances considérables, tant théoriques que pratiques."

Insiste, e com razão, Bensaude (*ob. cit.* p. 14), n'este ponto tão importante da nossa historia: a obra de Pedro Nunes e de D. João de Castro:

"Pedro Nunes, en 1537, touche à la déviation [da bussola] sans attacher la moindre importance aux dires des pilotes. Nunes sent le besoin d'ob-

les expéditions vers les mers inconnues de l'hémisphère sud. Elle débuta par la fondation de la station navale de Sagres en 1416 par D. Henrique le Navigateur."

Prince Henry the Navigator inaugurated the great task, preparing the ground and sowing good seed, until his death in 1460. And as early as 1474, long before he came to the throne, King João II was interesting himself in the problems of nautical science and discovery, and the mighty work, which was to bring about the realisation of Prince Henry's dreams, and carry us to India and Brazil in the reign of Dom Manuel the Fortunate, went on in silence and in mystery. But even when, after its many achievements, Portuguese nautical enterprise had come to a standstill, science went on developing in Portugal and reached its apogee in King João III's reign with Pedro Nunes and his disciple Dom João de Castro. Here is what that great authority Joaquim Bensaude says on the subject (*op. cit.* p. 22):

"Les travaux de Pedro Nunes en 1537 et de D. João de Castro (1538–1541) constituent dans leur ensemble le monument le plus remarquable de la science nautique portugaise. Ils sont en même temps les chefs-d'œuvre de la bibliographie nautique européenne dans la première moitié du XVIe siècle. Pedro Nunes, théoricien habile et mathématicien remarquable, a visé au côté pratique en cherchant avant tout à résoudre le problème de la cartographie moderne et à donner à celle-ci des bases éprouvées et solides, et D. João de Castro a étudié et observé la nature, admirablement servi par ses connaissances considérables, tant théoriques que pratiques."

Bensaude rightly insists on the important work of Pedro Nunes and Dom João de Castro in the development of nautical science, and he says again (*op. cit.* p. 14):

"Pedro Nunes, en 1537, touche à la déviation [of the compass] sans attacher la moindre importance aux dires des pilotes. Nunes sent le

servations rigoureuses et sûres sur la déviation magnétique. On les retrouve l'année suivante, en 1538, dans le voyage de D. João de Castro [*Roteiro de Lisboa a Gôa* annotado por Andrade Corvo, 1882], un voyage scientifique, sans doute projeté et discuté dans tous ses détails avec Pedro Nunes, le cosmographe du royaume."

Bensaude tem seguramente razão n'este ultimo paragrapho, visto D. João de Castro ter sido o discipulo illustre do grande professor. Jacintho Freyre d'Andrada na sua *Vida de D. João de Castro*, 1651 (p. 2), conta-nos que D. João "aprendeo as Mathematicas com Pedro Nunez, o maior homem, que deſta profiſſaõ conheceo Portugal; fazendoſe taõ ſingular neſta ſciencia, como ſe a houvera de enſinar." E na verdade ensinou, dando ao mundo uma magistral lição nos seus *Roteiros*. Sir Clements R. Markham (*Geographical Journal*, September, 1915) attribue a mesma importancia á obra do Cosmographo Mór:

"The most distinguished Portuguese nautical astronomer was Pedro Nunes....He was the first who exposed the errors of plane-charts; he gave solutions of several problems, including latitude by sun's double altitude....His ingenious method of reading off is clearly explained by Mr Reeves in his excellent text-book (*Maps and Map-making*). It was in use until Vernier invented his scale, which was often called the Nonius even as late as when first I went to sea."

Bensaude, na tão bella como verdadeira conclusão ao capitulo *L'esprit scientifique portugais et l'astrologie* do seu livro *Histoire de la science nautique portugaise* (p. 96), diz-nos ainda:

"La science nautique portugaise arrive entre 1537 et 1541 à sa plus haute perfection. Les travaux de Pedro Nunes et de João de Castro qui en sont l'incarnation, reposent sur un esprit de critique pratique et sain, totalement incompatible avec les flirts astrologiques qui faisaient rage parmi les plus grands savants de l'Allemagne à cette époque. En Portugal, la logique rigoureuse se libère à la fois du prestige des anciens auteurs et des chimères de l'astrologie.

besoin d'observations rigoureuses et sûres sur la déviation magnétique. On les retrouve l'année suivante, en 1538, dans le voyage de D. João de Castro [*Roteiro de Lisboa a Gôa* annotated by Andrade Corvo, 1882], un voyage scientifique, sans doute projeté et discuté dans tous ses détails avec Pedro Nunes, le cosmographe du royaume."

Bensaude must certainly be right in his last conjecture, since Dom João de Castro was a pupil of the famous astronomer and mathematician. Jacintho Freyre d'Andrada in his *Vida de D. João de Castro*, 1651 (p. 2), tells us that Dom João "learnt mathematics with Pedro Nunez, the greatest mathematician in Portugal, and specialised in the science as though he had to teach it." And in truth he did teach, and gave the world a masterly lesson in his *Roteiros*, or itineraries. Sir Clements Markham (in the *Geographical Journal*, September, 1915) attributes the same importance to the Chief Cosmographer's work:

"The most distinguished Portuguese nautical astronomer was Pedro Nunes....He was the first who exposed the errors of plane-charts; he gave solutions of several problems, including latitude by sun's double altitude....His ingenious method of reading off is clearly explained by Mr Reeves in his excellent text-book (*Maps and Map-making*). It was in use until Vernier invented his scale, which was often called the Nonius even as late as when first I went to sea."

Bensaude's beautifully worded conclusion to the chapter *L'esprit scientifique portugais et l'astrologie* in his *Histoire de la science nautique portugaise* (p. 96) is well worth quoting at this juncture:

"La science nautique portugaise arrive entre 1537 et 1541 à sa plus haute perfection. Les travaux de Pedro Nunes et de João de Castro qui en sont l'incarnation, reposent sur un esprit de critique pratique et sain, totalement incompatible avec les flirts astrologiques qui faisaient rage parmi les plus grands savants de l'Allemagne à cette époque. En Portugal, la logique rigoureuse se libère à la fois du prestige des anciens auteurs et des chimères de l'astrologie.

Le contact avec un monde réel y avait créé l'école du raisonnement scientifique moderne."

Com os seus estudos, Pedro Nunes abriu o caminho, e preparou a obra de Mercator. Este ultimo ponto, da influencia de Nunes sobre Mercator, foi magistralmente tratado por Bensaude, na sua resposta aos trabalhos do Professor Hermann Wagner, intitulada *Les Légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises.* Não podemos acreditar que Mercator, que, como vimos, viveu tantos annos em Lovaina, onde n'essa epocha vivia egualmente Damião de Goes, desconhecesse em 1541 a obra de Pedro Nunes, impressa em Lisboa em 1537. Quando tratámos do *Reportorio dos Tempos* de Valentim Fernandes, estudámos as relações que existiam entre Portugal e a Allemanha, no tempo de Maximiliano e de D. João II: em 1537, como em 1541, as relações não eram menos estreitas, em vista dos casamentos de D. Manuel, de D. João III e de Carlos V. Quando os olhos da Europa estavam voltados para Portugal e para a Hespanha, não é crivel que um sabio como Mercator ignorasse, após quatro annos, os estudos de Pedro Nunes.

O Professor Luciano Pereira da Silva, n'um notavel artigo, *Pedro Nunes espoliado por Alonso de Santa Cruz* (*Lusitania—Revista de Estudos Portuguezes*, fasciculo do Natal, VIII, 1925), mais uma vez chama a attenção para o problema, escrevendo:

"Na história das sciências matemáticas cabe ao professor português a glória de ter sido o primeiro que revelou a natureza das curvas loxodrómicas....O matemático português, depois de distinguir dois modos de navegação, o primeiro 'por uma mesma rota sem fazer mudança' e o segundo 'per circulos maiores,' isto é, o modo loxodrómico e o ortodrómico, acrescenta depois: 'E posto que, para cada um destes dous modos, sirva mais a *poma rumada como convem*, que nenhum outro planisfério,' tornando assim manifesto que ao tempo se construiam em Portugal, para uso da navegação, *pomas rumadas*, quer dizer, globos

Le contact avec un monde réel y avait créé l'école du raisonnement scientifique moderne."

Pedro Nunes' studies opened up the way for Mercator's work; and this matter of Nunes' influence on Mercator has been very ably discussed by Bensaude in *Les Légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises* which he wrote in reply to Professor Hermann Wagner's works. We cannot believe that Mercator knew nothing about Pedro Nunes' work four years after its publication, especially as he had resided for so many years in Louvain, where Damião de Goes was also living at this time. In our notes on Valentim Fernandes' *Reportorio dos Tempos* we studied the relations between Portugal and Germany, King João II and Maximilian: these relations were certainly no less intimate in 1537 and 1541, as is shown by the marriages of Dom Manuel, Dom João III and the Emperor Charles V. And, as the fact that Spain formed part of Charles V's Empire brought the affairs of that country and her neighbour, Portugal, very much into the limelight, it is incredible that Mercator should have remained ignorant of his fellow scientist's work so long after its publication.

Professor Luciano Pereira da Silva calls attention to the problem in a notable article, *Pedro Nunes espoliado por Alonso de Santa Cruz* (*Lusitania—Revista de Estudos Portuguezes*, fasciculo do Natal, VIII, 1925), saying:

"In the history of mathematical science the honour of having been the first to reveal the nature of loxodromic curves falls to the Portuguese professor.... The Portuguese Mathematician, after distinguishing between two methods of navigation, the first 'by keeping to the same course without deviation,' and the second 'by great circle sailing,' that is, the loxodromic and orthodromic methods, states that 'the globe properly marked with rhumb-lines is of greater service in both these methods than any planisphere,' thus proving that *pomas rumadas*, that is to say terrestrial globes with rhumb-lines

terrestres com os mares atravessados por linhas de rumos. Os construtores de tais pomas são depois censurados por êle no segundo *Tratado* quando diz: 'estes que fazem globos não sabem lançar nêles rumos.' Ora sendo do conhecimento de Mercator as considerações contidas no *Tratado da Sphera*, comunicadas pelo seu mestre Gema Frisio, ¿não teria chegado também ao seu alcance alguma dessas pomas portuguesas com as linhas dos rumos, embora mal traçadas, despertando-lhe o desejo de desenhar correctamente um globo semelhante? O certo é que os fusos, por êle publicados em 1541, constituem uma verdadeira poma rumada, satisfazendo cabalmente às exigências de Pedro Nunes."

Esta explicação do saudoso professor lança ainda mais luz sobre o problema, podendo dizer-se que demonstra a prioridade Portugueza no que respeita á questão da curva loxodromica. A sciencia nautica Portugueza caminhou a par dos descobrimentos: era parte essencial da obra gloriosa.

Camões cantou essa sciencia, que Luciano Pereira da Silva tão bem explicou na sua *Astronomia dos Lusiadas*. São admiraveis as descripções do nosso immortal poeta. No canto v, est. 26, vêmos Vasco da Gama servindo-se do Astrolabio, na Angra de Santa Helena:

"Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro pouo não pisou:
Porem eu cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura."

(*Lusiadas*, 1ª ed. 1572.)

No canto x (est. 75 e 88), Thetis mostra os ceus a Vasco da Gama:

"Thetis de graça ornada, & grauidade,
. . . .
Pera o felice Gama assi dizia.
. . . .

drawn across the seas, were then being constructed in Portugal for use in navigation. The makers of these globes are censured by Nunes in his second *Tratado* when he says: 'these people who make globes do not know how to put in the rhumb-lines.' Now if Mercator's master Gemma Frisius explained to him the contents of the *Tratado da Sphera*, is it not also possible that he (Mercator) may have obtained possession of one of the Portuguese globes, with incorrectly drawn rhumbs, and that it inspired him with a wish to construct a more perfect globe? The one thing certain is that the gores which Mercator published in 1541 constitute a true globe with rhumbs, and one which exactly fulfils all Pedro Nunes' conditions."

The professor's explanation throws even more light on the problem, and may be said to prove that the Portuguese were the first to understand the loxodromic curve. Once again we see Portuguese nautical science keeping step with the discoveries, as an essential part of the great achievement.

Camões himself realised the important part played by science in Portuguese exploration, and, as Luciano Pereira da Silva shows in his *Astronomia dos Lusiadas*, there are numerous references to astronomy in the epic poem. One verse describes Vasco da Gama using the astrolabe in St Helena Bay:

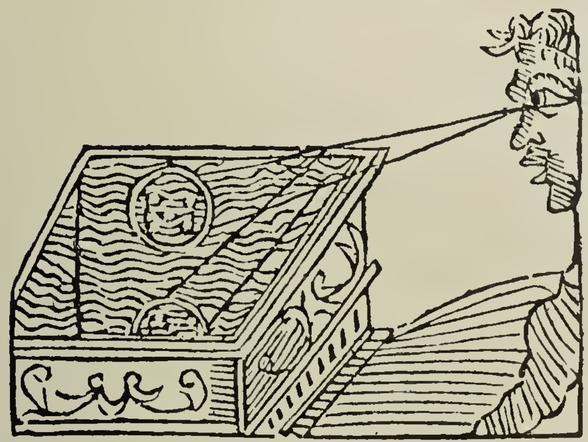
"We landed, lost no time, on long and wide
Bight, and the seamen scattered 'bout the shore,
to see what curious things be there descried,
where none descried or ever trod before:
But with my Pilots I retired aside
on farther sands, our landfall to explore;
and lief the solar altitude would span,
and map the painted world in chart and plan."

(*Lusiadas*, Canto v, st. 26, Burton's translation.)

Then in Canto x (st. 75 and 88) we find Tethys showing the heavens to Vasco da Gama:

"Tethys, with grace adorned and gravity,
. . . .
to glad and happy Gama thus 'gan say:—
. . . .

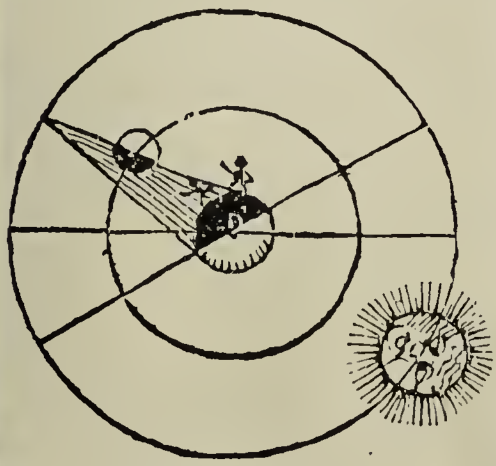
de mais perto parecem mayores. Portanto ho sol ou outra qualquer estrella: estando no meo do ceo: auía de parecer mayor que quando esteuesse em oriente ou occidente. Mas nos vemos ho cõtrairo: que mayor parece ho sol: ou outra qualquer estrella: no oriente ou ocidente: : que no meyo do ceo. E na verdade não he assi: mas a causa deste parecer he: que no inuerno & no tempo chuyuoso: sobem algũs vapores antre a nossa vista & ho sol ou estrella: & porque



os taes vapores sam corpo diaphano: apartão os rayos visuaes de sorte que não comprendemos a cousa em sua natural & verdadeira quantidade: como parece no dinheiro que se lança no fundo de agoa limpa: ho qual pellos rayos da vista se espalharẽ: parece mayor do que he a sua verdadeira quantidade.

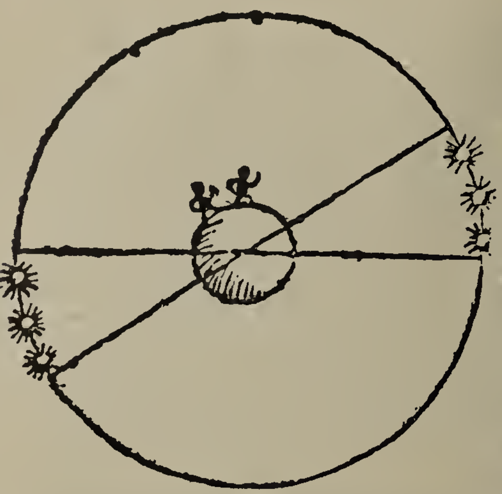
¶ Da redondeza da terra.

Que a terra seja outro si redonda se proua: porque os Signos & as estrellas não nacem nem se poem igualmente a todollos homens em todallas partes: mas primeyro nacem & se poem aos que viuem em oriente: que aos que viuem em ocidente. E a redondeza da terra causa que mais cedo ou mais tarde nação & se ponham a hũs que a outros: ho que craramente parece ser assi



pellas cousas que no ceo se fazem. Que hum mesmo Crys da lũa vemos nos na primeyra ora da noite & os orientaes na terceyra. Pello qual consta que primeiro foy a elles noite & se lhes pos ho sol que a nos. Nem ha outra causa disto: saluo a redondeza da terra. Poys que tambẽ seja redonda do norte pera o sul: tem sua proua. Porque aos que viuem da banda do norte: as estrellas que estã junto do pollo artico: nunca se lhes poem: & as que estam junto do polo antartico nunca lhes nacem nem as podem nunca ver. E portanto se alguem fosse do norte pera ho sul: tanto poderia jr: que

203 Pagina do *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes. Page of the *Tratado da Sphera* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537



as eſtrellas que ſempre via ja não veja: ⁊ veja as que antes não via. E a quem foſſe do ſul pera ho norte outro tanto aconteceria. a cauſa he ſer a terra redõda. Mais ſe a terra foſſe chaã de oriente pera ocidente tão aſinha naceriam as Eſtrellas aos orientaes: como aos occidentaes: o que craramẽte he falſo. E ſe do norte ao ſul foſſe chaã: ſeguirſe-hia que as eſtrellas que hum ſempre ve: poſto que muito pello tal caminho andaſſe: nunca as deyxaria de ver: que tambem he falſo: mas a ſua grande quantidade a faz parecer chaam.

¶ Da redondeza da agoa.

Que a agoa ſeja redonda ſe proua per eſta arte. Ponhaſſe hũ ſinal na ribeyra do mar ⁊ ſaya hũa nao do porto: ⁊ aparteſe tanto que quem eſteuer ao pee do maſto: não poſſa ver o ſinal: ⁊ eſtando aſſi a nao: verſe ha ho meſmo ſinal da gauia. Poys o olho q̃ eſteueſſe ao pee do maſto: melhor deuia de ver ho ſinal que o que en cima eſteueſſe: como parece pollas duas linhas que vão a te ho ſinal. E por tanto nenhũ deſconto tem iſto ſe não ſer a agoa redonda



⁊ ponhamos que não aja hi neuoa: nem vapores nem algũ outro impedimento. Mais poys a agoa he corpo homogeneo: ſegueſe que ho todo ⁊ as partes ſerão de hũa meſma razão ⁊ pois as partes da agoa como parece nas gotas ⁊ no orualho das eruas buſcão naturalmente figura redonda. Por tanto a meſma agoa que he ho todo tambem deue ſer redonda.

¶ Que a terra ſeja centro do mundo.

Que ho aſſento da terra ſeja no meo do firmamento ſe proua deſta maneira. Quer as eſtrellas eſtẽ no meo do ceo: quer no oriente: quer no occidente de hũa meſma quantidade parecẽ aos q̃ eſtam na face da terra: ⁊ a rezão diſto he porque eſtaa igualmẽte a terra dellas apartada. Que ſe mais ſe achegaſe a hũa parte do ceo:

¶ Eſtes dous elementos agoa ⁊ terra fazẽ ambos jũtos hũa ſphera como ſe proua pellos eclipſes da lũa: porq̃ a ſõbra he de ambos ⁊ não he mayor q̃ ha q̃ reſponderia ha hũa ſphera q̃ teueſſe o diametro da terra. Tambem ſe pode prouar ſer iſto aſſi porque o meſmo numero de legoas ou milhas reſpõde a hũ grao do ceo pella terra ⁊ pelo mar igoalmente: o que não poderia ſer ſe ambos não fezeſſem hũa ſphera: poſto que eu tenho por muy difficil poderſe ſaber no mar q̃ a hũ grao de norte ſul reſpõdem tãtas legoas. Os antigos faziam diſto grandes difficultades porque tinhão q̃ ho Mar era muito mayor q̃ a terra: mas as nouas nauegações a moſtrarã como parece pelas deſcripções dos portugueſes: ſer a ſuperficie da terra mayor que a do mar.

204 Pagina do *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes. Page of the *Tratado da Sphera* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537

abitações de homẽs: por serem de maa abitação nam se poẽ debai xo de clima. Assi que antre ho principio ⁊ ho fim destes climas ha deferença de tres horas ⁊ mea: ⁊ nas alturas do norte ha de deferẽ ça trinta ⁊ oyto graos. E assi parece quanta seja a largura de cada hum clima des do seu principio que he contra a equinocial: ate ho



seu fim que he pera o norte. E que a largura do primeiro he mayor que ha do segundo: ⁊ a do segundo mayor que ha do terceiro: ⁊ assi pello conseguinte nos outros. Lõgura do clima se pode chamar a linha que vay de oriente a ocidente em equidistancia sempre da equinocial. E portanto mayor he a lõgura do primeiro clima que a do segundo ⁊ ho mesmo he nos outros: ⁊ a causa disto he jrse recolhendo a esphera per menores circulos.

¶ Capitulo. iiij. Dos circulos ⁊ mouimentos dos Planetas: ⁊ das causas dos eclipses do Sol ⁊ da Lũa.

Deuemos de notar que ho sol tem hũ soo circulo per o qual se moue em a superficie da linha ecliptica: ⁊ he ecentrico. Chamase circulo ecentrico aquelle circulo que diuidindo a terra em duas partes iguais não tem ho seu centro com ho centro da terra: mas fora delle. O ponto no ecentrico que mais se achega ao firmamẽto

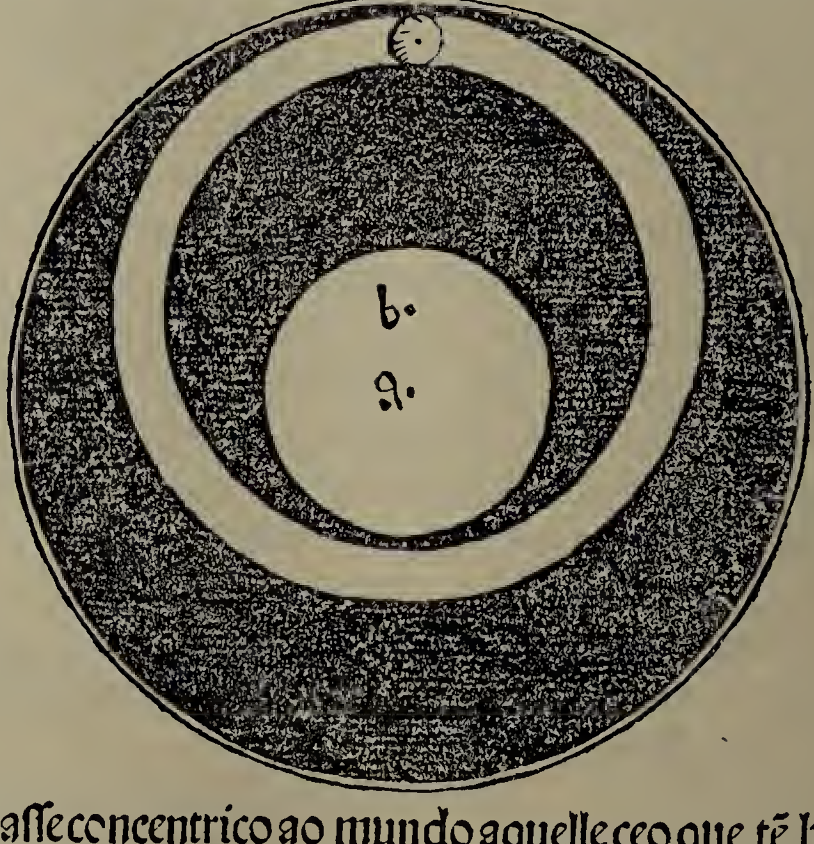
205 Pagina do *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes. Page of the *Tratado da Sphera* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537

THEORICA DO SOL E DA LVA TIRADA DE LATIM EM LINGOAGEM PER HO DOCTOR PERO NVNEZ.⁖

DO SOL.

Esphera do sol he composta de tres particulares ceos: os quaes sam per tal arte situados: que a face de fora do mais alto deles he concentrica ao mundo: mas a face de dentro he ecentrica. O mais baixo ceo delles he pello contrairo: porque a face de fora que he a conuexa he ecentrica: ⁊ a cõcoua que he a de dentro he concẽtrica. Mas o terceiro ceo jaz antre estes dous: ⁊ ho seu conuexo per todas partes se achega ao concauo do mais alto: ⁊ ho seu concauo ao conuexo do debayxo. ⁊ assi fica este ceo do meo per ambas suas faces ecentrico.

¶ O ponto. a he ho centro do mũdo: ⁊ o ponto. b. o cẽtro do ecẽtrico: os dous p̃tos represẽtã os deferentes do Auge do sol ⁊ o brãco do meo ho ecentrico ou deferente do Sol.



¶ Chamasse concentrico ao mundo aquelle ceo que tẽ ho mesmo centro q̃ o mundo: ⁊ ecẽtrico cujo centro he fora do centro do mũdo

¶ Portanto os dous primeiros ceos: parte sam ecentricos: ⁊ parte concentricos. E porq̃ com seu mouimento leuã o auge do sol: chamãse deferentes do auge do sol: mas porẽ o terceiro ceo he de todo

Tratado da Sphera
206 Primeira pagina da *Theorica do Sol e da Lua* de Pedro Nunes
First page of *Theorica do Sol e da Lua* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537

Tratado que ho doutoꝛ Pero nunez fez ſobꝛe certas duuidas da nauegação: dirigido a el Rey noſſo ſenhoꝛ.

Nam ha muytos dias ſenhoꝛ que falando com Martim afonſo de Souſa ſobꝛe a nauegaçã que fez per as partes do ſul: antre outras couſas me diſſe com quanta diligencia ⁊ per quantas maneyras tomara a altura dos lugares em que ſe achara: ⁊ verificara as rotas per que fazia ſeus caminhos: mas que de duas couſas ſe eſpantara muyto que em ſua viagem eſperimentou: ⁊ era. A pꝛimeira que eſtando ho ſol na linha em todos os lugares em que ſe achou lhe nacia em leſte: ⁊ ſe lhe punha no meſmo dia em oeſte: iſto igualmente ſem nenhũa deferença oꝛa ſe achaſe da banda do noꝛte oꝛa da banda do ſul. E pꝛeguntoume poꝛque razã: ſe gouernamos a leſte ou oeſte: ymos per hũ paralello: em hũa meſma altura ſempꝛe: ſem nunca podermos chegar a equinocial onde leuamos a pꝛoa juntamente com o leſte dagulha. O ſegundo que me pꝛeguntou he que elle ſe achara em .xxxv. graos da outra banda da linha: no tempo que o ſol eſtaua no tropico de capꝛicoꝛno: ⁊ lhe nacia ao ſueſte ⁊ quarta de eſte: ⁊ ſe lhe punha no meſmo dia ao ſudueſte quarta de loeſte: como aos que viuem na meſma altura deſta parte do noꝛte: ⁊ que nam via como podia iſto ſer: poꝛque per razam: aſſi auia de nacer aos que viuem da outra banda do ſul quãdo ho ſol anda per os ſignos da meſma parte: como nace a nos quando anda deſta noſſa banda. E poys a nos no verão eſtando ho ſol no tropico de cancro: nos nace em noꝛdeſte quarta de leſte: tambẽ aos que viuem da outra parte do ſul: no ſeu verão deuia o ſol de nacer ao noꝛdeſte quarta de leſte. Satiſfiz eu a eſtas duuidas per pala-

Tratado da Sphera

207 Primeira pagina do *Tratado ſobre certas duuidas da nauegação* de Pedro Nunes
First page of the *Tratado ſobre certas duuidas da nauegação* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537

¶ Tratado que ho doutor Pero nunez Cosmographo del Rey nosso senhor fez em defensam da carta de marear: cõ o regimẽto da altura. Dirigido ao muyto escrarecido: ⁊ muyto excelente Principe ho Iffante dom Luys. ⁊c.

✠ ✠
✠

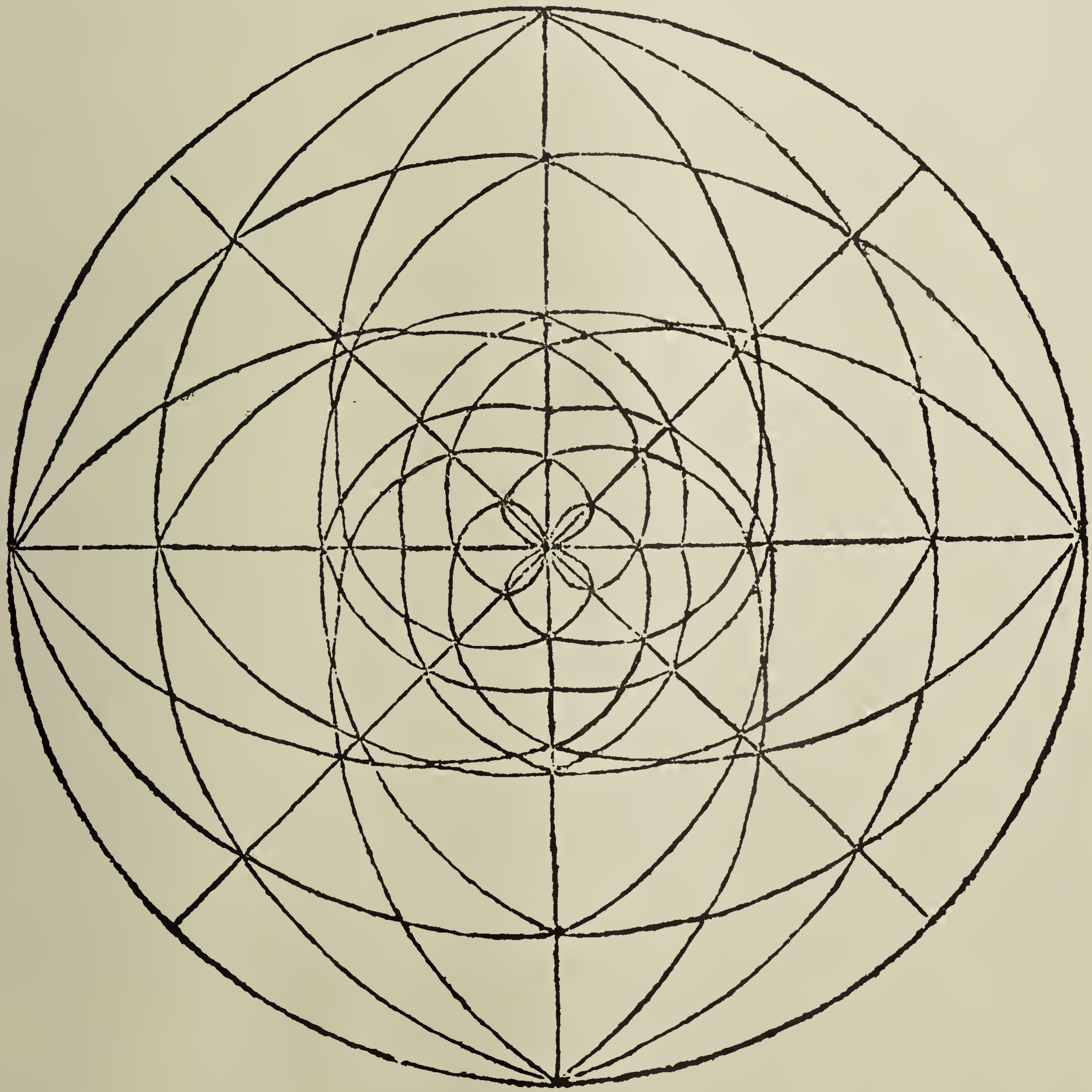
Ja fiz senhor tempo ha hum pequeno tratado: sobre certas duuidas: q̃ trouxe Martim afonso de Sousa: quando veo do Brasil. Pera satisfaçã das quaes me conueo trazer nam somente cousas praticas da arte de nauegar: mas ainda pontos de geometria ⁊ da parte theorica. E sou tam escrupuloso em misturar com regras vulgares desta arte/ termos ⁊ pontos de sciencia: de que os pilotos tanto se rim: que andey sempre pesado: ate decrarar as cousas: em que quasi forçado: naquella pequena obra me entremeti. Mas q̃yra deos socederme isto de sorte: que nam seja necessario outro comẽto a este comento. Nam ja pera vossa alteza: a quem he tudo tam craro ⁊ tam notorio: que mais tempo gastara em ho ler que em ho emendar se quiser: mas pera algũas pessoas: que ouuerão ho trelado: que tam facilmẽte ho nam poderam entender. E começarey na carta: porque vejo que como hũ chega a cuidar que sabe tomar a altura logo presume de desgabala: ⁊ apregoar que he a mais falsa cousa do mundo. ¶ Nam ha duuida que as nauegações deste reyno de cem ãnos a esta parte: sam as mayores: mais marauilhosas: de mais altas ⁊ mais discretas conjeyturas: que as de nenhũa outra gente do mundo. Os portugueses ousaram cometer o grande mar Oceano. Entrarã per elle sem nenhũ receo. Descobriram nouas ylhas/ nouas terras/ nouos mares/ nouos pouos: ⁊ o q̃ mays he: nouo ceo: ⁊ nouas estrellas. E perderanlhe tanto o medo: que nem ha grande quentura da torrada zona: nem o desconpassado frio da extrema parte do sul: com que os antigos scriptores nos ameaçauam lhes pode estoruar: que perdendo a estrella do norte:

B

Tratado da Sphera

208 Primeira pagina do *Tratado em defensam da carta de marear* de Pedro Nunes
First page of the *Tratado em defensam da carta de marear* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537

ſemos: antes he hũa linha curua: ⁊ yrregular. Como parece neſta figura que vay cercando ho globo da mar ⁊ da terra: ate chegar ao ponto que eſta debaxo do polo: onde todolos rumos: meas par tidas ⁊ quartas vam finalmente entrar: per eſta razam abate Pto lomeu a meu ver o terço do caminho que nauegãdo ſe anda: peraq̃ o q̃ fica ſeja o que averia per dereito: ⁊ o mays curto: q̃ he per circu lo mayor: ⁊ porq̃ elle vſa de linhas dereitas: per circulos: portanto faz linha dereyta: o eſpaço q̃ ſe andou: tirado o terço: porq̃ doutra



¶ O circulo grande repreſenta a equinocial ⁊ o ſeu centro ao polo do norte. As linhas dereitas ſam os rumos d̃ norteſul: ⁊ as outras duas linhas curuas de hũa parte ⁊ da outra ſam nordeſte ſudueſte ⁊ norœ ſte ſueſte. E as outras antre eſtas ⁊ a equinocial ſam les nordeſte o es ſudueſte: ⁊ o es noroeſte les ſueſte.

Tratado da Sphera

209 Pagina do *Tratado em defenſam da carta de marear* de Pedro Nunes
Page of the *Tratado em defenſam da carta de marear* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537

Tauoa primeira. 1537.

Dias	Janeyro g.	m.	Feuerei. g.	m.	Março. g.	m.	Abril. g.	m.	Mayo. g.	m.	Junho. g.	m.	Julho. g.	m.	Agosto. g.	m.	Setẽbro g.	m.	Outubro g.	m.	Nouẽbro g.	m.	Dezẽbro g.	m.
	Capric.		Aquari.		Pisces.		Aries.		Tauro.		Gemini.		Cancro.		Leo.		Virgo		Libra.		Scorpio		Sagita.	
1	21	19	22	50	20	52	21	19	20	16	19	50	18	21	17	58	17	59	17	35	18	45	19	20
2	22	20	23	50	21	51	22	18	21	14	20	47	19	18	18	56	18	58	18	34	19	46	20	21
3	23	21	24	51	22	51	23	16	22	11	21	44	20	15	19	53	19	57	19	34	20	47	21	23
4	24	23	25	51	23	50	24	14	23	9	22	41	21	12	20	51	20	55	20	34	21	48	22	24
5	25	24	26	52	24	50	25	13	24	6	23	38	22	9	21	49	21	54	21	34	22	48	23	25
6	26	25	27	52	25	49	26	11	25	4	24	35	23	6	22	46	22	53	22	34	23	49	24	27
7	27	26	28	53	26	48	27	9	26	1	25	32	24	4	23	44	23	52	23	34	24	50	25	28
8	28	28	29 ♓	53	27	48	28	7	26	59	26	29	25	1	24	42	24	51	24	34	25	51	26	30
9	29	29	0	53	28	47	29 ♉	6	27	56	27	26	25	58	25	40	25	49	25	34	26	52	27	31
10	0 ♒	30	1	54	29 ♈	46	0	4	28	53	28	23	26	55	26	37	26	48	26	34	27	53	28	33
11	1	31	2	54	0	45	1	2	29 ♊	51	29 ♋	21	27	52	27	35	27	47	27	34	28	55	29	34
12	2	32	3	54	1	44	2	0	0	48	0	18	28	49	28	33	28	46	28	34	29 ♐	56	0 ♑	36
13	3	34	4	54	2	44	2	58	1	45	1	15	29	47	29	31	29 ♎	45	29	35	0	57	1	37
14	4	35	5	54	3	43	3	56	2	42	2	12	0 ♌	44	0 ♍	29	0	44	0 ♏	35	1	58	2	39
15	5	36	6	54	4	42	4	54	3	40	3	9	1	41	1	27	1	43	1	35	2	59	3	40
16	6	37	7	54	5	40	5	52	4	37	4	6	2	39	2	25	2	43	2	35	4	1	4	42
17	7	38	8	55	6	39	6	49	5	34	5	3	3	36	3	23	3	42	3	36	5	2	5	43
18	8	39	9	55	7	38	7	47	6	31	6	0	4	33	4	21	4	41	4	36	6	3	6	45
19	9	40	10	55	8	37	8	45	7	28	6	57	5	31	5	20	5	40	5	37	7	4	7	46
20	10	41	11	55	9	36	9	43	8	26	7	54	6	28	6	18	6	40	6	37	8	6	8	48
21	11	42	12	54	10	35	10	40	9	23	8	51	7	25	7	16	7	39	7	38	9	7	9	49
22	12	42	13	54	11	33	11	38	10	20	9	48	8	23	8	14	8	38	8	38	10	8	10	51
23	13	43	14	54	12	32	12	36	11	17	10	45	9	20	9	13	9	38	9	39	11	9	11	52
24	14	44	15	54	13	31	13	33	12	14	11	42	10	18	10	11	10	37	10	39	12	11	12	53
25	15	45	16	53	14	30	14	31	13	11	12	39	11	15	11	10	11	37	11	40	13	12	13	55
26	16	46	17	53	15	28	15	29	14	8	13	36	12	13	12	8	12	36	12	41	14	13	14	56
27	17	46	18	53	16	27	16	26	15	5	14	33	13	10	13	7	13	36	13	41	15	14	15	58
28	18	47	19	52	17	25	17	24	16	2	15	30	14	8	14	5	14	36	14	42	16	16	16	59
29	19	48			18	24	18	21	16	59	16	27	15	5	15	4	15	35	15	43	17	17	18	0
30	20	48			19	22	19	19	17	56	17	24	16	3	16	2	16	35	16	44	18	18	19	2
31	21	49			20	21			18	53			17	0	17	0			17	44			20	3

Tratado da Sphera

210 Pagina do *Tratado em defensam da carta de marear* de Pedro Nunes
Page of the *Tratado em defensam da carta de marear* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537

"Olha por outras partes a pintura,
Que as eſtrellas fulgentes vão fazendo.
Olha a carreta, atenta a Cinoſura,
Andromeda, & ſeu pay, & o drago horrẽdo:
Vê de Caſsiopea a fermoſura,
E do Orionte o geſto turbulento,
Olha o Ciſne morrendo que ſoſpira,
A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira."

"Behold in other parts the portraiture,
limned by the Stars that sparkling glances shed:
Behold the Wain, attend the Cynosure,
and, with her fierce Worm-father, Andromed:
See Cassiopeia's beauty lovely pure,
with turbulent Orion's gesture dread:
Behold the Swan that doth in song expire,
the Hare and Hounds, the Ship and dulcet Lyre."
(Burton's translation.)

"Queremos crer, tam rigorosa e completa é a descrição do poeta, que êle teve ocasião de observar algum modêlo do sistema do mundo," escreve Luciano Pereira da Silva (*Arte de navegar dos Portugueses*). E não será permittida uma conjectura? Não terá Camões estudado astronomia com o proprio Pedro Nunes? Ou pelo menos, não o terá consultado, em Coimbra ou em Lisboa, no que se refere á astronomia dos *Lusiadas*? As datas permittem esta hypothese.

Ao terminar o nosso pequeno estudo sobre Pedro Nunes e o seu *Tratado da Sphera*, obra importantissima para a sciencia, não podemos encontrar uma conclusão mais bella, do que a admiravel e tão profunda descripção da Esphera feita por Camões:

"Ves aqui a grande machina do mundo,
Eterea, & elemental, que fabricada
Aſsi foy do ſaber alto, & profundo,
Que he ſem principio, & meta limitada,
Quem cerca em derredor eſte rotundo
Globo, & sua ſuperficia tam limada,
He Deos, mas o q̃ he Deos ninguẽ o entende,
Que a tanto o engenho humano não ſe eſtẽde."
(*Lusiadas*, 1ª ed. 1572, canto x, est. 80.)

"The poet's description is so vigorous and so complete that we would fain believe he must have had the opportunity of observing some model of the world system," writes Luciano Pereira da Silva (*Arte de navegar dos Portugueses*). This conjecture seems perfectly plausible; Camões may even have studied astronomy with Nunes himself, or at least have consulted him in Coimbra or Lisbon, about such astronomical information as he wished to embody in the *Lusiadas*. The dates would allow of this hypothesis.

In any case we feel that nothing can make a more fitting close to this little study of Pedro Nunes and of his far-reaching work, the *Tratado da Sphera*, than Camões' profoundly beautiful description of the Sphere:

"Here see the mighty World-machine appear,
ethereal where the fourfold el'ements blend,
made by His deep design, His lofty lere,
who lacks beginning and who has no end.
He who surrounding holds this shapely sphere,
this globe in filèd surface packt and pen'd,
is God; But what God is th' intelligence
of mortal genius ne'er shall dare pretence."
(*Lusiadas*, Canto x, st. 80, Burton's translation.)

¶ Acabouſe de emprimir a preſente obra na muyto nobre ⁊ leal cidade de Lixboa per Germão Galharde empremidor. Ao primeiro dia do mes de Dezembro. De.1537.annos.
✠

211 Colophon do *Tratado da Sphera* de Pedro Nunes
Colophon of the *Tratado da Sphera* of Pedro Nunes
Lisboa, 1537



212 Folha do rosto das *Constituições do arcebispado de Braga.* Title-page of the *Constituições do arcebispado de Braga*
Lisboa, 1538

37 CONSTITUIÇÕES DO ARCEBISPADO DE BRAGA.
Lisboa, Germão Galharde, 1538.

Conſtituições do arce | biſpado de Braga.

Titulo na parte inferior d'uma portada egual á das Constituições de Lisboa, 1537. *Enquadrado pela portada o brasão do Infante D. Henrique, Arcebispo de Braga*[1].

[fl. 2] Tauoada deſtas conſtituições. [...]

[fl. 10] Prologo. | DOm anrique Ifante de portugal ꝑ mer | ce de deos [...]

fl. I. Titulo primeiro do ſacramento | do baptiſmo. [...]

fl. LXXXIIII. [...] Foram lidas ⁊ pubricadas as ſobreditas cõſtituições com | acordo ⁊ conſelho do noſſo cabido diuĩdades conegos benefi | ciados ⁊ clerezia do noſſo arcebiſpado ꝺ braga: ⁊ em preſença | de todos elles em ho ſinodo q̃ celebramos na uoſſa [sic] ygreja me- | tropolitana: aos. xiiij. dias do mes de ſetembro de mil ⁊ q̊nhen | tos ⁊ trinta ⁊ ſete annos. [...]

Registro. Erratas[2].

fl. LXXXIIII vo. [...] Foram acabadas de imprimir | eſtas cõſtituições em a cidade de Lisboa ꝑ Germã | galharde frances. Per mãdado do muyto alto | ⁊ muito excelẽte ꝑ̄ncepe o ſenhor ifante dõ | Anriq̃ eleito arcebiſpo ſenhor ꝺ bra | ga ꝑ̄mas das eſpanhas comẽ | datario ⁊ ꝑpetuo admi | niſtrador do moſ | teiro de ſãta | Cruz | ✠ | de coimbra a. xxx. dias do mes ꝺ mayo | de mil ⁊ q̊nhẽtos ⁊ trinta ⁊ oyto | annos.

Folio—[10], LXXXIIII folhas—37 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: ✠, 10 folhas; A–I, 8 folhas cada caderno; K, L, 6 folhas cada caderno; total de 94 folhas.

Encadernação de marroquim.

Folio—[10], LXXXIIII leaves—37 lines—Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: ✠, 10 leaves; A–I, each 8 leaves; K, L, each 6 leaves; total 94 leaves.

Morocco binding.

As *Conſtituições do arcebiſpado de Braga* fôram impressas em Lisboa por "Germã galharde frances" em 1538,

"Per mãdado do muyto alto ⁊ muito excelẽte ꝑ̄ncepe o ſenhor ifante dõ Anriq̃ eleito arcebiſpo ſenhor ꝺ braga ꝑ̄mas das eſpanhas comẽdatario ⁊ ꝑpetuo adminiſtrador do moſteiro de ſãta Cruz de coimbra."

The *Conſtituições do arcebiſpado de Braga* were printed in Lisbon by "Germã galharde frances" in 1538,

"by command of the most high and most excellent Prince the Lord Infante Dom Anriq̃ (Henrique) elected Archbishop Lord of Braga, Primate of all Spain, Abbot in commendam and perpetual Administrator of the monastery of Santa Cruz of Coimbra."

[1] *Title in the lower part of a woodcut architectural border like the one in the* Constituições de Lisboa, 1537. *Within the border is the coat of arms of the Infante Dom Henrique, Archbishop of Braga.*
[2] *Register. Errata.*

Entre outros, referem-se a este livro raro, Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 440), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 99, e tambem vol. IX, *Supplemento*, p. 87), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 170), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 128), e Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 615) que nos indicam a existencia de tres exemplares d'esta obra na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e de um exemplar em cada uma das seguintes Bibliothecas: Ajuda, Universidade de Coimbra e Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro. O Museu Britannico possue tambem um exemplar, assim como a Bibliotheca Palha (nº 335 do catalogo); a esta lista junta-se agora o nosso bello exemplar.

O *Prologo* do Infante D. Henrique é muito semelhante ao do Cardeal Infante D. Affonso nas *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*, 1537. Depois de desejar saude em Jesus Christo a todo o clero da sua egreja metropolitana, o Real Arcebispo Primaz declara:

"Fazemos ſaber que cõſirando nos a obrigaçam que temos de ꝓuer como a boõ prelado pertence as almas a nos encomendadas ꝺ bõs enſinos ꝛ ſantas conſtituições: ꝛ aſſi de emẽdar ꝛ reformar os maos coſtumes q̃ por induzimẽto do imigo do genero humano ꝛ fraqueza dos homẽs cada vez mais vam em crecimento: ꝛ iſſo meſmo olhãdo quam eſtreita cõta hauemos de dar a ꝺs do cargo que temos: ꝛ pondo diãte ha perfeiçam dos p̃lados da igreja primitiua: ꝛ nam menos dos arcebiſpos ſctõs q̃ neſta noſſa igreja de braga floreceram: ſam Pedro de rates: ſam Martinho de dume: ſam Fructuſo [sic]: ꝛ ſam Giraldo: pollo q̃l temos muito mor obrigaçã de cõprir inteiramẽte com o cargo que temos: ꝛ ordenar q̃nto em nos for com q̃ o culto diuino na dita igreja ſeja aumentado: ꝛ ſe miniſtre juſtiça inteiramente a todos: ꝛ a clerezia dee ꝺ ſi tal exẽpro q̃ nam menos com elle a ꝓueite: q̃ com os bõs enſinos ꝛ doutrina q̃ he obrigada a dar: ꝛ tambẽ que os ſeculares viuã bem ꝛ virtuoſamẽte: ꝛ finalmente

Among those who refer to this rare book are: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 440), Innocencio (*Diccionario*, vol. II, p. 99, and vol. IX, *Supplement*, p. 87), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 170), Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 128), and Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 615) who mention the existence of three copies of this work in the Lisbon National Library, and one copy in each of the following Libraries: Ajuda; Coimbra University; and the Gabinete Portuguez de Leitura in Rio de Janeiro. There is also a copy in the British Museum, and one in the Palha Library (Catalogue no. 335); to this list our own perfect copy must now be added.

The Infante Dom Henrique's *Prologo* is similar to the one written by the Cardinal-Infante Dom Affonso, at the beginning of the *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*, 1537. After wishing health in Jesus Christ to all the clergy of his metropolitan church, the Royal Primate declares:

"We make known that, in consideration of our obligation to provide, as behoves a good prelate, good precepts and holy constitutions for the souls in our care, and thus to correct and reform the evil customs, which, at the instigation of the enemy of mankind, and through men's weakness, are ever increasing, and at the same time, in view of the exact account we must give to God of our office, if we would take example from the perfection of the prelates of the primitive church, and also of the holy Archbishops who flourished in this our church of Braga: St Peter of Rates, St Martin of Dume, St Fructuoso and St Giraldo, we have a much greater obligation to fulfil all the duties pertaining to our office, and, as far as in us lies, to order things so that divine worship in the said church may be increased and justice be fully administered to all, and that the clergy may set such a good example that is no less beneficial than the good precepts and doctrine they are obliged to give, and so that the laity may live well and virtuously, and,

ſe atalhe aas culpas ⁊ exceſſos em q̃ ſe pode cahir: ⁊ os q̃ cahirẽ ⁊ ſe nam quiſerẽ gardar ſejam emẽdados ⁊ ajã caſtigo conueniẽte."

Em vista d'estas razões, o Infante Arcebispo determinou convocar o synodo que se celebrou a 10 de Setembro de 1537, no qual fôram examinadas as antigas *Conſtituições* do Arcebispado de Braga, e, phrase interessante,

"aſſi as dos biſpados deſte reino: ⁊ principalmente do arcebiſpado de lixboa ⁊ biſpado deuora ordenadas pollo ſenhor cardeal Ifante meu irmão: por ſerem mais conformes ⁊ couenientes aos coſtumes ⁊ tempo: ⁊ neceſſareas pera ha reformaçam ⁊ honeſto viuer das peſſoas ecleſiaſticas."

Estas palavras mostram o respeito em que era tido o Cardeal Infante D. Affonso (ver as nossas notas sobre as *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*).

O presente livro desperta o nosso interesse, por ter sido composto e impresso por ordem do Infante Arcebispo D. Henrique, e porque são, possivelmente, as primeiras *Conſtituições do Arcebiſpado de Braga* impressas em Portugal: existem outras mais antigas (ver Innocencio, *ob. cit.* vol. IX, *Supplemento*, p. 87, e Mattos, *loc. cit.*), mandadas publicar pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa, mas fôram, provavelmente, impressas em Salamanca, talvez em 1512.

O Infante D. Henrique, oitavo filho d'El-Rei D. Manuel, e septimo de sua segunda mulher a Rainha D. Maria, nasceu em Lisboa a 31 de Janeiro de 1512.

"Em ho dia de ſeu naſçimento neuou muito, & por iſto aconteçer em Lisboa muito poucas vezes, pareçeo pronoſtico, de noſſo Senhor lhe dar lume, & claridade pera has couſas de ſeu ſeruiço" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566, Parte III, cap. XXVII).

Segundo o illustre chronista, o Infante era "de meã eſtatura, mas de ſpiritu viuo, ſofredor de trabalhos" e parecia-se muito com El-Rei seu pae.

lastly, that all the faults and excesses into which it is possible to fall may be prevented, and that those who fall and will not take warning may be corrected and receive suitable punishment."

For these reasons the Royal Archbishop decided to convoke the synod held on September 10th, 1537, when the assembled clergy examined the ancient constitutions of the Archbishopric of Braga, and also, it is interesting to find,

"those of the Bishoprics of this Kingdom, and chiefly those of the Archbishopric of Lisbon and the Bishopric of Evora, decreed by the Lord Cardinal-Infante my brother, because they are more conformable and suitable to the time and customs, and necessary for the reformation and good living of ecclesiastical persons."

These words show how greatly the Cardinal-Infante Dom Affonso was revered (see our notes on the *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*).

This book is interesting as having been written and printed by command of the Archbishop Prince Henrique, and as containing what were possibly the first constitutions of the Archbishopric of Braga to be printed in Portugal: there are other more ancient constitutions, published by order of the Archbishop Dom Diogo de Sousa (see Innocencio, *op. cit.* vol. IX, *Supplement*, p. 87, and Mattos, *loc. cit.*), but they were probably printed in Salamanca about 1512.

Dom Henrique, King Manuel's eighth child and the seventh child of his second wife Queen Dona Maria, was born in Lisbon on January 31st, 1512.

"On the day of his birth it snowed greatly, and because this happened very seldom in Lisbon, it seemed to prognosticate that Our Lord would give him light and perspicuity in the matters of his service" (Damião de Goes, *Chronica DelRei dom Emanuel*, 1566, Part III, chap. XXVII).

According to the chronicler the Infante was "of medium height, but of a lively spirit, capable of bearing a heavy burden of work," and greatly resembled the King his father.

N'estas notas, trataremos do Infante D. Henrique, unicamente até a epocha em que, sendo Arcebispo de Braga, mandou publicar estas *Conſtituições*. O estudo da sua personali-dade e do seu caracter terá de ser feito, pouco a pouco, em diversas obras que serão analyzadas nos dois outros volumes do nosso livro. D. Henrique possuia uma vasta cultura, como as palavras do seu contemporaneo Goes (*loc. cit.*) claramente indicam:

"Sabe bẽ latim, ouuio Grego, Hebraico, & Mathematicas, Philoſophia, & Theologia, & detudo entẽde bẽ hos princípios: Depois que entrou mais em idade ſe deu á liçam de liuros ſagrados đ que reçebeo muito fructo."

Entre os seus mestres, dois fôram celebres, um nas humanidades, Clenardo, outro na sciencia, Pedro Nunes. O Infante D. Henrique, da mesma maneira que seu irmão D. Affonso, foi, de creança, destinado á vida ecclesiastica; tendo apenas quatorze annos, tomou as primeiras ordens, e foi provido em Prior Commendatario de Santa Cruz de Coimbra. Tendo fallecido D. Diogo de Sousa, o Papa Clemente VII, a pedido de D. João III, nomeou, por uma bulla de 30 d'Abril de 1533, o Infante D. Henrique Administrador do Arcebispado de Braga, dos vinte e um annos, que então contava, até aos vinte e sete, para ser Arcebispo d'essa edade em deante. O Pontifice concedia esta graça, atten-dendo aos merecimentos de D. Henrique, a ser filho d'El-Rei D. Manuel e irmão de D. João III, e ás supplicas que este elevára á Santa Sé (ver *Quadro Elementar*, t. x, pp. 402–405 e p. 407; são as bullas de Clemente VII). Contudo,

"só em princípios de agosto de 1537 o infante D. Henrique entrou pela primeira vez em Braga, e logo no mês seguinte reuniu sýnodo, em que foram approvadas novas Constituições do arce-

In these notes we shall deal with the Infante's life only up to the time when, as Archbishop of Braga, he ordered the publication of these *Con-ſtituições*. The study of his character and per-sonality will be made little by little, in connection with various works that will be analysed in the two remaining volumes of our book. Dom Henrique was a man of vast culture, and, in the words of his contemporary Goes (*loc. cit.*),

"He knows Latin well, and studied Greek, Hebrew and Mathematics, Philosophy and Theology, and thoroughly understands the prin-ciples of them all: when he grew older he devoted himself to the perusal of sacred books, from which he derived much benefit."

Among his tutors were Clenardus, the famous student of the humanities, and Pedro Nunes, whose scientific research was of such value to Portugal. Like his brother Dom Affonso, the Infante Dom Henrique was destined for an ecclesiastical life; he was barely fourteen years old when he took the first orders and was in-stalled as Prior *in commendam* of Santa Cruz of Coimbra. On the death of Dom Diogo de Sousa, Pope Clement VII, in fulfilment of Dom João III's request, issued a bull dated April 30th, 1533, naming the Infante Dom Henrique, who was then twenty-one years old, to act as Ad-ministrator of the Archbishopric of Braga, until he reached the age of twenty-seven, when he would be enthroned Archbishop. The Pope granted this favour in consideration of Dom Henrique's merits, and of his being King Manuel's son and King João III's brother, and in answer to the supplications addressed by the latter Sovereign to the Holy See (see *Quadro Elementar*, vol. x, pp. 402–405 and p. 407, where Clement VII's bulls are summarised). It was, however,

"not until the beginning of August, 1537, that the Infante Dom Henrique entered Braga for the first time; the following month he assembled a synod, where the new Constitutions of the Arch-

bispado" (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, t. III, parte II, p. 739).

D. Henrique governou o Arcebispado

"cõ muito cuidado, & diligençia no ſpiritual, & temporal, & pera iſſo buſcou hos milhores offiçiaes q̃ pode: tem mui bõs homẽs em ſeu ſeruiço, & letrados eminentes em todo genero de faculdades, olha muito por elles, fazendolhes muitas merçes, pera que nem por deſcuido, nem por neçeſsidade deixem de fazer ho que entendem" (Damião de Goes, *loc. cit.*).

Quem se interessar pela historia ecclesiastica de Braga, deverá consultar a *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* de D. Rodrigo da Cunha, as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga* de D. Jeronymo Contador de Argote—apezar d'estas duas obras conterem bastantes inexactidões—as *Obras Completas* do Cardeal Saraiva (t. I), e a tão conscienciosa *Historia da Igreja em Portugal* de Fortunato de Almeida, que já citámos innumeras vezes. Se o Infante D. Henrique teve defeitos, cujo estudo não cabe nas presentes notas, tambem teve qualidades. No curto tempo em que administrou o Arcebispado de Braga, soube mostrar o seu zelo como pastor das suas ovelhas, a sua caridade pelo povo, o seu interesse pela educação dos seus diocesanos.

"Viſitou hos mais dos lugaros dantre Douro, & minho, & Amarante, & viſitou tambem Guimarães que hauia muito tempo q̃ ſe nam viſitaua. Andando neſte trabalho atte a entrada do Inuerno, & logo no anno ſeguinte tornou a fazer ho meſmo, & exerçitaua peſſoalmente todolos offiçios de Prelado que podia, baptizando algũas crianças, & na viſitaçam examinaua, & inqueria por ſi has vidas de ſeus ſubditos, prinçipalmente eccleſiaſticos" (Damião de Goes, *loc. cit.*).

Foi severo com justiça, castigando os abusos e

bishopric were approved" (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, vol. III, part II, p. 739).

Dom Henrique governed the Archbishopric

"with great care and diligence both in spiritual and temporal matters, and for this he has sought out the best possible officials: he has very good men in his service, and scholars eminent in every department of learning; he watches over them continually and bestows many benefits upon them, so that neither through carelessness nor necessity they may neglect to do their duty" (Damião de Goes, *loc. cit.*).

Those interested in the ecclesiastical history of Braga should consult the *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* by Dom Rodrigo da Cunha, and the *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga* by Dom Jeronymo Contador de Argote—though these two works contain a considerable number of inaccuracies—and vol. I of the *Obras Completas* of Cardinal Saraiva, as well as Fortunato de Almeida's conscientious *Historia da Igreja em Portugal*, which we have already quoted so often. Though the Infante Dom Henrique had faults, a study of which would be out of place in these notes, he also had many good qualities. During the short time he had the administration of the Archbishopric of Braga, he gave many proofs of his zeal as shepherd of his flock, of his charity towards the poor, of his interest in the education of the worshippers in his diocese.

"He visited most of the places in *Entre Douro e Minho*, and in Amarante, and also Guimarães, which had not been visited for a long time. He went on with this work until the beginning of the winter, and then in the following year he did the same thing again, and he personally carried out all such offices of a Prelate as he was able, baptising children, and in his visitations he examined and inquired for himself into the lives of those under his jurisdiction, especially the clergy" (Damião de Goes, *loc. cit.*).

He combined severity with justice, and was

especialmente as "deshoneſtidades" da clerezia "em ha qual hauia mui grande ſoltura," como escreve Goes (*loc. cit.*). Era caritativo, e soube exercer essa grande virtude, alliviando, com misericordia e intelligencia, os soffrimentos dos habitantes do Arcebispado.

"Houue em ſeu tẽpo em ho Arçebiſpado de Braga hũa mui grande eſterelidade, pera remedio da qual mandou trazer muito pão d̃ fora do Regno ahos portos dantre Douro, & minho, & ho mandou vender por ho preço q̃ cuſtara, & aſsi mãdou fazer muitas eſmollas a pobres, & tambem mandou pão atralos mõtes, onde hauia ha meſma neçeſsidade, & dinheiro pera eſmollas, ho que tudo mandou repartir ꝑ homẽs de muita con-fiança, conforme á neçeſsidade de cada hũ" (Goes, *loc. cit.*).

D. Diogo de Sousa tinha realizado grandes melhoramentos em Braga, mandando abrir largos e ruas, construir fontes, e mesmo os Paços do Concelho; o Infante D. Henrique continuou a obra do seu predecessor, ordenando obras de utilidade publica na cidade. Mas o que nos interessa especialmente é a fórma como o Infante protegeu e desenvolveu a cultura intel-lectual na sua diocese.

"Quando era arcebispo de Braga, o infante D. Henrique abriu as primeiras escolas públicas que houve naquella cidade; e, não contente com isso, 'dava ordenados aos estudantes pobres do arcebispado, e aos da cidade filhos dos cidadãos e officiaes certa ração, para que a pobreza lhes não fosse impedimento ás lettras.' Para o ensino das humanidades chamou a Braga dois dos mais illustres humanistas de aquelle tempo, os flamen-gos João Vaseo e Nicolau Clenardo" (Fortu-nato de Almeida, *ob. cit.* t. III, parte II, p. 490).

Parece-nos ter indicado rapidamente os ser-viços prestados pelo Infante D. Henrique, como Arcebispo, á capital da provincia do Minho, sendo natural que tenha sentido um orgulho

diligent in checking abuses and especially the licentiousness of the clergy, which was very wide-spread. He was very charitable and knew how to exercise this great virtue, relieving the sufferings of his people with prudence and pity.

"In his time there was a very great famine in the Archbishopric of Braga, and to remedy it he ordered a large quantity of wheat to be brought from outside the kingdom to the ports of *Entre Douro e Minho*, and ordered it to be sold at cost price, and at the same time ordered many alms to be given to the poor; he also sent bread and alms-money to *Tras-os-Montes* where there was the same want, ordering that it be all dis-tributed by trustworthy men according to the needs of the people" (Goes, *loc. cit.*).

Dom Diogo de Sousa had brought about many improvements in Braga, for he had caused squares and streets to be opened, fountains to be built, and had even been instrumental in procuring the erection of the *Paços do Concelho* (Town Hall). The Infante Dom Henrique con-tinued his predecessor's work, and made many changes in the city for the public good. But what interests us especially is the way the Infante protected and developed intellectual culture in his diocese.

"When he was Archbishop of Braga, the Infante Dom Henrique opened the first public schools in that city; and, not content with this, 'he provided poor students in the Archbishopric, and the sons of citizens and officers of the city, with a certain allowance, so that poverty should not be an impediment to learning.' To give instruction in the humanities, he called to Braga two of the most celebrated humanists of the time, the Flemings Johannes Vaseus and Nicolaus Clenardus" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, part II, p. 490).

We have now briefly enumerated the services rendered by the Infante Dom Henrique as Arch-bishop, to the capital of the province of Minho. He must naturally have felt a justifiable pride in

justificado na obra bemfazeja que emprehendera, pois, Braga é

"de todas as cidades de Portugal, a que se póde historicamente ufanar da mais remota e fidalga ascendencia. Cabeça de um dos districtos da Lusitania romana, centro de uma rede completa de estradas imperiaes, capital do reino dos Suevos, tendo o seu nome ligado ao de tres concilios famosos da igreja hispanica nos seculos VI e VII, sé metropolitana, que disputa á de Tóledo a primazia das Hespanhas, nenhuma terra de Portugal se lhe póde avantajar em titulos tão authenticados de antiga e garbosa linhagem.... Todas as suas tradições têm apenas servido a glorificar a dignidade do seu senhor espiritual e temporal, o Arcebispo Primaz, que foi sempre um personagem de primeira magnitude" (A. de Sousa Silva Costa Lobo, *Historia da Sociedade em Portugal no seculo* XV, pp. 182 e 183).

Não queremos, n'estas modestas notas, esquadrinhar demasiadamente as origens do nome de Braga, nem mesmo, afastando-nos do assumpto primordial do nosso estudo, descrever a historia da capital do Minho: contudo, antes de nos referir á antiquissima diocese, algumas palavras ácerca da cidade parecem-nos convenientes.

"Attribue-se a sua fundação aos gallos celtas duzentos e noventa e seis annos antes do nascimento de Christo. Estes primeiros povoadores vieram ao diante a denominarem-se *bracaros*, dizem que por causa de calças curtas de que usavam, chamadas *bracas*, e parece que d'aqui se derivou o nome de *Bracara* para a sua cidade, depois corrupto em Braga" (Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão d'Armas*, vol. I, p. 81; sobre este assumpto, ver tambem Viterbo, *Elucidario*, t. I, p. 204, e Carvalho da Costa, *Corografia Portugueza*, 1706, t. I, p. 172).

Fr. Bernardo de Brito (*Monarchia Lvsytana*, 1597, Parte I, Livro II, cap. VI) sustenta que o nome da cidade de Braga,

"ſuperior, & cabeça no eſpiritual de todas as mais de Eſpanha, & nas armas, & gloria millitar igual com as mais famoſas,"

the good and useful work he had undertaken, for Braga

"can boast historically of a more ancient and noble descent than any other city in Portugal. Head of one of the districts of Roman Lusitania, centre of a complete network of imperial highways, capital of the kingdom of the Suevi, her name connected with three famous councils in the Spanish church in the VIth and VIIth centuries, metropolitan See, disputing Toledo's right to the primacy of the Spanish peninsula, no other place in Portugal can surpass her in authentic titles to a proud and ancient lineage.... All her traditions have but served to heighten the dignity of her spiritual and temporal Lord, the Primate, who was always a personage of the first importance" (A. de Sousa Silva Costa Lobo, *Historia da Sociedade em Portugal no seculo* XV, pp. 182 and 183).

We do not wish, in these modest notes, to delve too deeply into the origins of the name of Braga, nor yet, digressing from the chief subject of our notes, to relate the history of the capital of the province of Minho; however, before we refer to the ancient diocese, a few words about the city itself do not seem out of place.

"It is said to have been founded by the Celtic Gauls two hundred and ninety-six years before the birth of Christ. These first colonists afterwards came to be known as the *bracaros*, by reason, it is said, of the short trousers called *bracas* they wore, and it seems to have been from this that their city derived the name of *Bracara*, afterwards corrupted to Braga" (Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão d'Armas*, vol. I, p. 81; see also Viterbo, *Elucidario*, vol. I, p. 204, and Carvalho da Costa, *Corografia Portugueza*, 1706, vol. I, p. 172).

Frei Bernardo de Brito (*Monarchia Lvsytana*, 1597, Part I, Book II, chap. VI) maintains that the name of Braga had a different derivation. He declares that Braga,

"superior and head of all the other cities in Spain in spiritual matters, and equal to the most famous in deeds of arms and military glory,"

tem uma origem differente. O illustre religioso declara ter Braga sido fundada por

"gentes Africanas, que ſaydas com tempeſtade neſta prouincia, & feitas pazes com os moradores da terra, alcançaraõ aſſento para fundar hum pouo, a que derão nome de Braga, por lembrança do rio Bragada, que corre pellas terras, donde eſtes Africanos erão naturais...(e) que ſe lança no mar dentro nas terras de Carthago.... E eſta opinião a cerca da fundação de Braga, tenho eu por mais certa."

Não nos compete decidir se o nome de Braga procede dos Celtas ou dos Carthaginezes; no tempo dos Romanos teve o nome de *Bracara Augusta*, em honra do Imperador Augusto,

"e foi hum dos tres Conventos juridicos dos Romanos na Galliza, sendo os outros dous Lugo e Astorga; pelo que era cidade metropole no civil, como depois o foi de toda a Galliza no ecclesiastico, quando as metropoles se fizerão estaveis em observancia do determinado no Concilio Antioqueno" (Cardeal Saraiva, *ob. cit.* p. 41).

Depois, a cidade foi a capital dos Suevos; em seguida, os Suevos fôram vencidos e expulsos pelos Godos que, a seu turno, o fôram pelos Arabes. Durante as luctas renhidas que tiveram logar entre os Sarracenos e os Principes descendentes dos Godos, Braga soffreu a sorte das cidades da Peninsula n'aquella epocha, ora invadida pelos Christãos, ora reconquistada pelos Arabes.

"Entrada definitivamente no dominio dos reis de Leão e Castella, foi cedida em dote por D. Affonso VI com as mais terras, que constituiam o condado de Portugal, a sua filha D. Tareja, por occasião do seu casamento com o Conde D. Henrique, filho do duque de Borgonha, e sobrinho de Henrique I rei de França" (Vilhena Barbosa, *ob. cit.* p. 82).

Com o decorrer dos tempos, o nome da cidade modificou-se: da fórma antiga *Brácara* veiu

was founded by

"Africans, who, carried out of their course by a storm, landed in this province, and, having made peace with the dwellers in the country, obtained a site where they founded a town, to which they gave the name of Braga, in remembrance of the river Bragada that runs through the lands of which these Africans were natives... and debouches into the sea within the lands of Carthage....This is the opinion about the foundation of Braga which I hold to be the most reliable."

It is not for us to decide whether the name of Braga came from the Celts or the Carthaginians; in the time of the Romans it was known as *Bracara Augusta* in honour of Augustus Caesar,

"and was head of one of the three juridical districts of the Romans in Galicia, the other two being Lugo and Astorga; so it was a metropolitan city in the civil sense, as it later became that of the whole of Galicia in the ecclesiastical sense, when, in accordance with the decision at the Council of Antioch, the metropolises were given permanent jurisdiction" (Cardeal Saraiva, *op. cit.* p. 41).

Braga was afterwards made their capital city by the Suevi, who were later conquered by the Goths, as these in their turn were overcome by the Moors. During the desperate struggles between the Saracens and the Princes descended from the Gothic invaders, Braga suffered the same fate as the other cities in the Peninsula, and was sometimes a Christian city and sometimes a Moorish stronghold.

"On the occasion of Dona Tareja's marriage with the Conde Dom Henrique, son of the Duke of Burgundy and nephew of King Henry I of France, her father Don Alfonso VI endowed her with Braga, then definitely under the dominion of the Kings of Leon and Castile, and with the other lands that made up the county of Portugal" (Vilhena Barbosa, *op. cit.* p. 82).

The city's name underwent many modifications with the passing of time: from the ancient

Bragala, que se tornou depois *Bragoa* e *Braga* (ver Dr J. Leite de Vasconcellos, *Lições de Filologia Portuguesa*, pp. 215 e 322).

Se as origens de Braga são extremamente re-motas, a historia da sua egreja é egualmente antiquissima. A tradição, que não tem nenhum fundamento historico, reza ter sido S. Thiago o fundador da egreja de Braga, e que o Apostolo instituira como primeiro Bispo, S. Pedro de Rates. A phantasia, ás vezes, tem ido longe.

"Qualquer que seja a antiguidade a que re-monte o bispado, é certo que o primeiro bispo bracarense de que ha memória certa foi PATERNO" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 122),

que assistiu ao primeiro Concilio de Toledo em 400. É nos absolutamente impossivel relatar aqui os Prelados bracarenses desde D. Paterno até ao Infante D. Henrique; referir-nos-hemos a alguns, mas quem desejar estudar essa longa lista, encontral-a-ha na *Historia da Igreja em Portugal* (t. I, pp. 121–124, 158, 599–612; t. II, pp. 534–545; t. III, parte II, pp. 736 *e seg.*). A qualidade de metropole

"parece haver-se fixado na Sé de Braga em tempo do Bispo Balconio, depois do anno 433, desde o qual tempo nenhum monumento ecclesiastico indica que Braga não fosse a metropole unica de toda a Galliza. Nem esta prerogativa lhe foi tirada ou diminuida, quando no seculo VI, anno de 569, se dividio a provincia em dous partidos, ou synodos, ficando Lugo como metropole de hum delles; porquanto esta divisão, feita com aprazimento do Metropolitano Bracarense, só teve por fim a commodidade de se ajuntarem os Concilios annuaes, sem demasiado trabalho dos Padres, ficando sempre salvos em tudo o mais os direitos e prerogativas da primeira Sé" (Cardeal Saraiva, *ob. cit.* pp. 41–42).

Entre os primeiros Bispos de Braga, men-cionaremos Profuturo, a quem allude o primeiro Concilio de Braga, em 561, ao qual presidiu o Bispo Lucrecio: succedeu-lhe na Sé Metro-

form *Bracara* came *Bragala*, which afterwards be-came *Bragoa* and *Braga* (see Dr J. Leite de Vasconcellos, *Lições de Filologia Portuguesa*, pp. 215 and 322).

If Braga is of extremely ancient origin, the history of her church also dates back to very early times. Tradition, with no historical basis, says that St James founded the church of Braga, and instituted St Peter of Rates as its first Bishop. Imagination sometimes makes very long flights.

"However far the bishopric goes back in antiquity, it is certain that the first Bishop of Braga of whom there is any sure record was PATERNO" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 122).

This Bishop was present at the first Council of Toledo in 400. It is absolutely impossible for us to give here an account of all the Bishops of Braga from Dom Paterno to the Infante Dom Henrique; we must refer to some, but those de-siring to study this long list will find it in the *Historia da Igreja em Portugal* (vol. I, pp. 121–124, 158, 599–612; vol. II, pp. 534–545; vol. III, part II, pp. 736 *et seq.*). Metropolitan status

"seems to have been granted to the See of Braga in the time of Bishop Balconio, after 433, and there is no ecclesiastical monument indicating that from that date Braga was other than the only metropolitan See in the whole of Galicia. Nor was this prerogative taken away or diminished, when in the VIth century, in the year 569, the province was divided into two districts, or synods, with Lugo as the capital of one of them; since this division, carried out with the approval of the metropolitan of Braga, was only made to the end that the annual Councils might be con-veniently assembled without giving the Fathers too much work, and no other rights and prero-gatives were taken from the first See" (Cardeal Saraiva, *op. cit.* pp. 41–42).

Among the first Bishops of Braga, we would mention Profuturo, to whom allusion is made in the first Council of Braga, presided over by Bishop Lucrecio in 561; he was followed in the

politano S. Martinho de Dume, que presidiu ao segundo Concilio Bracarense em 572. Depois, são conhecidos Pantardo, Julião, Potamio, S. Fructuoso—auctor da regra religiosa que teve o seu nome—e Leodegisio que, em 675, convocou o terceiro Concilio Bracarense, ao qual presidiu. Depois do Bispo Felix, nos fins do seculo VII, até a invasão sarracena "não ha notícia certa de mais nenhum prelado bracarense" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 123). Durante a invasão e dominio dos Mouros, Braga foi das cidades que mais padeceu, e os seus Bispos viveram retirados nas Asturias. No anno de 832

"fez Doação D. Affonso, o *Casto*, a *Adulfo*, Bispo de Lugo, das Cidades de Braga, e Ourense, com os seus territorios, Igrejas, e Mosteiros; visto se não poderem ainda restituir ao seu antigo estado; com declaração, que cessando a desolação, e miseria, em que os *Pagãos* as deixárão, tornarião as cousas ao que primeiro fôrão. O mesmo Rei confirma esta Doação no de 835 ao Bispo *Froilan*, dizendo, que supposto Braga estivesse povoada (mas não tanto que podesse ter já Metropolitano, e por isso transferio esta Dignidade para Lugo no de 841); os Clerigos, Monges, e Povo paguem á Sé de Lugo tudo o que de Direito devem pagar, ainda daquellas terras, *quas de exqualido primitus prehenderunt, egessierunt* (ganhárão) *vel aduc cum Deo juvamine prehendere, vel egissere potuerint*" (Viterbo, *ob. cit.* t. II, p. 242, nota (1)).

O primeiro Bispo de Braga, após a sua reconquista por Fernando Magno, foi, em 1070, D. Pedro, a quem se seguiu S. Geraldo, um dos sacerdotes que, ao tempo, gozavam de maior consideração na Peninsula; esse Santo Prelado obteve do Papa Paschoal a restauração da dignidade metropolitana em Braga; falleceu em 1108. Não podemos deixar de mencionar, entre os Bispos de Braga, D. Mauricio Burdino, que succedera a S. Geraldo. Foi, na verdade, extraordinaria a sua vida; por causa das luctas que susteve com o Arcebispo de Toledo, D.

metropolitan See by St Martin of Dume, who presided over the second Council of Braga in 572. Then there were Pantardo, Julião, Potamio, St Fructuoso—author of the religious rule that bears his name—and Leodegisio, who presided over the third Council of Braga which he convoked in 675. After Bishop Felix, at the end of the VIIth century, until the Saracen invasion "there is no certain information about any other Bishop of Braga" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 123). Braga was one of the cities that suffered most during the Moorish invasion and dominion, and her Bishops withdrew to the Asturias. In the year 832,

"Don Alfonso the Chaste gave to Adulfo, Bishop of Lugo, the cities of Braga and Ourense, with their lands, Churches and Monasteries, since they could not yet return to their old standing, with the proviso that when the desolation and misery, in which the Pagans had left them, came to an end, things should become as they had been before. The same King confirmed this donation to Bishop Froilan, in 835, saying that as Braga was peopled (but not yet so much that it could have a Metropolitan, for which reason this Dignitary was transferred to Lugo in 841), the Clergy, Monks and People must pay to the See of Lugo all they were due to pay by right, even for those lands, *quas de exqualido primitus prehenderunt, egessierunt* (gained) *vel aduc cum Deo juvamine prehendere, vel egissere potuerint*" (Viterbo, *op. cit.* vol. II, p. 242, note (1)).

The first Bishop of Braga, after its reconquest by Ferdinand the Great, was Dom Pedro, in 1070, and he was succeeded by St Geraldo—one of the most highly esteemed priests in the Peninsula at the time; it was he who prevailed upon Pope Paschal to restore Braga to her metropolitan dignity: he died in 1108. We must mention St Geraldo's successor, Dom Mauricio Burdino, among the Bishops of Braga. His life was, in truth, extraordinary. By reason of his quarrels with Dom Bernardo, Archbishop of Toledo

Bernardo (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, pp. 601 *e seg.*), D. Mauricio partiu para Roma a fim de se justificar perante o Pontifice (ver tambem Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lvsitana*, 1632, Parte III, Livro VIII, cap. XIX); alli, alcançou de Paschoal II diversas bullas em seu favor, e o Papa desagravou-o dos excessos praticados contra elle pelo Arcebispo de Toledo, Legado Apostolico, que reprehendeu pelas violencias commettidas. Paschoal II deu a D. Mauricio outra prova da sua benevolencia, e do conceito que fizera da sua capacidade, nomeando-o seu Legado, e encarregando-o de negociar com o Imperador Henrique V, sobre as graves controversias, que então tinha com a Santa Sé.

"Em 1117, vindo o Imperador a Roma com força de gente armada, o Santo Padre julgou conveniente retirar-se da cidade; pelo que, insistindo Henrique em querer ser ali coroado, D. Mauricio se prestou a este desejo, e effectivamente lhe conferio a corôa imperial pela Pascoa desse anno, com as solemnidades costumadas" (Cardeal Saraiva, *ob. cit.* t. I, p. 131).

Perante estes factos, o Papa excommungou D. Mauricio no synodo celebrado em Benevento em Abril d'esse mesmo anno.

"No principio do seguinte de 1118, a 21 de Janeiro, falleceo o Santo Padre Pascoal II, e como logo a 25 do mesmo mez e anno subisse á Cadeira Pontificia Gelazio II, e se fizesse consagrar, sem esperar o assenso do Imperador á sua eleição, como era antiga pratica, o Imperador, a 9 de Março desse mesmo anno, fez eleger antipapa a D. Mauricio, que logo foi tambem sagrado pelos Bispos do partido de Henrique V e tomou o nome de Gregorio VIII" (Cardeal Saraiva, *loc. cit.*).

A desordem que reinava em Roma, causada pelas discordias dos dois partidos, obrigou Gelazio II a retirar-se da cidade, fulminando as mais graves censuras contra o Imperador e o seu anti-Papa, que ficára em Roma, onde, novamente, coroou Henrique V. Ao mesmo tempo,

(see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, pp. 601 *et seq.*), Dom Mauricio went to Rome in order to justify himself before the Pope (see also Frei Antonio Brandão, *Monarchia Lvsitana*, 1632, Part III, Book VIII, chap. XIX); he obtained various bulls in his own favour from Paschal II, and the Pope redressed the wrong done him by the Archbishop of Toledo, Papal Legate, whom he rebuked for his acts of violence. Paschal II gave Dom Mauricio a further proof of his goodwill, and of his high opinion of the Bishop's ability, when he named him his Legate to negotiate with the Emperor Henry V who was then in controversy with the Holy See.

"In 1117, when the Emperor came to Rome with an army, the Holy Father judged it convenient to withdraw from the city; so that when Henry insisted that he desired to be crowned there, Dom Mauricio fell in with this desire, and in fact conferred the imperial crown upon him with the customary solemnities at Easter of that year" (Cardeal Saraiva, *op. cit.* vol. I, p. 131).

In view of this, the Pope excommunicated Dom Mauricio in the synod held in Benevento in April of the same year.

"At the beginning of the following year of 1118, on January 21st, the Holy Father Paschal II died, and as Gelasius II was raised to the Pontifical Chair on the 25th of the same month and year, and had himself enthroned without waiting to receive the Emperor's assent to his election, as had long been customary, the Emperor caused Dom Mauricio to be elected anti-Pope, on March 9th of the same year, and he was afterwards consecrated as well, by the Bishops on Henry V's side, and took the name of Gregory VIII" (Cardeal Saraiva, *loc. cit.*).

The disorder caused in Rome by the disputes between the two parties obliged Gelasius II to retire from the city, fulminating severe censures against the Emperor and his anti-Pope, who remained in Rome, where he again crowned Henry V. At the same time the Pope wrote to the Archbishop

o Papa escrevia ao Arcebispo de Toledo, dando-lhe conta summaria do que tinha acontecido, ordenando-lhe que, sem demora, procedesse á eleição do novo Arcebispo de Braga, como logo se executou. D. Mauricio gozou tres annos da sua infeliz elevação, sendo apenas reconhecido em algumas terras da Allemanha e de Inglaterra. Finalmente, forçado a sahir de Roma, retirou-se a Sutri, onde, cercado pelas tropas de Calixto II e trahido pelos habitantes, foi entregue ao Papa. Foi depois conduzido a Roma,

"coberto de ignominias, affrontos e desprezos taes, que a nossa penna se recusa a descrevêl-os; e logo mandado para hum mosteiro, aonde posto em rigorosa e dura prizão, em breve tempo falleceo" (Cardeal Saraiva, *ob. cit.* p. 132).

E assim findou, por causa do seu orgulho que o perdeu, a extraordinaria existencia de D. Mauricio.

Não podemos fazer aqui referencia ás luctas que, n'esses tempos, tiveram logar entre os Prelados de Braga e de Compostella; mas essas contendas veem descriptas na *Historia de Portugal* de A. Herculano (t. I, pp. 259 *e seg.*) e na *Historia da Igreja em Portugal* (t. I, pp. 604-607), que temos citado tantas vezes.

Folheando a historia tão interessante da Egreja de Braga, encontramos, no rol tão longo dos seus Arcebispos, personagens illustres que prestaram relevantes serviços tanto á Egreja como a Portugal. Entre elles, citaremos D. João Peculiar, que assistiu, em 1139, ao Concilio de Latrão, e acompanhou D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa, onde sagrou D. Gilberto, o primeiro Bispo de Lisboa após a sua conquista (ver as nossas notas sobre a *Regra de Christo*, e sobre as *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*). Um seculo mais tarde, foi eleito para a Sé de Braga, o celebre Pedro Julião, mais conhecido pelo nome de Pedro Hispano, depois Papa sob o nome de João XXI. Pedro Julião, natural de Lisboa, foi Arcediago de Vermuim na diocese de Braga e

of Toledo giving him a brief account of what had passed, and enjoining him to proceed without delay with the election of a new Archbishop of Braga, which command was immediately obeyed. Dom Mauricio enjoyed the fruits of his unlawful exaltation for three years, though he was only acknowledged in some parts of Germany and England. Forced at last to quit Rome, he withdrew to Sutri, where he was betrayed by the inhabitants and surrounded by Calixtus II's troops, who delivered him to the Pope. He was afterwards taken to Rome,

"the ignominious object of such contumely and scorn that our pen refuses to describe them; and then sent to a monastery, where in cruel and rigorous imprisonment he shortly died" (Cardeal Saraiva, *op. cit.* p. 132).

And so ended the strange existence of Dom Mauricio, whose pride was his undoing.

We are unable to make reference here to the struggles between the Prelates of Braga and of Compostella in those times; but these contentions are described in A. Herculano's *Historia de Portugal* (vol. I, pp. 259 *et seq.*) and in the *Historia da Igreja em Portugal* (vol. I, pp. 604-607) which we have so often quoted.

Turning the pages of the interesting history of the Church of Braga, we find, in the long roll of Archbishops, many eminent personages who rendered material service both to the Church and to Portugal. Among them is Dom João Peculiar, who was present at the Lateran Council in 1139, and accompanied Dom Affonso Henriques in the taking of Lisbon, where he consecrated Gilbert, the first Bishop of Lisbon after its conquest (see our notes on the *Regra de Christo*, and the *Conſtitvicoens do Arcebiſpado de Lixboa*). A hundred years later the famous Pedro Julião (Juliani), better known as Pedro Hispano, afterwards Pope John XXI, was appointed to the See of Braga. Pedro Julião, a native of Lisbon, was Archdeacon of Vermuim in the diocese of Braga and Lord Prior of the

D. Prior da Collegiada de Guimarães. Na Universidade de Paris, frequentára

"os eſtudos de Dialectica, Aſtrologia, e Medicina, e em taõ diverſas Faculdades ſahio conſumado Meſtre" (Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 559).

Tendo vagado a Sé de Braga, por morte de D. Martinho Geraldes, fallecido em Roma em 1271, o cabido elegeu a Pedro Julião, em 1272 ou 1273, tudo levando a crer

"que D. Affonso III influísse na eleição, porque, andando em guerra aberta com os prelados, convir-lhe-hia ter em Braga um que lhe fosse dedicado, como era o arcediago de Vermuím, apesar de que havia annos que estava ausente em Itália" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, p. 610).

Fôsse, porém, como fôsse, e apezar do Papa o ter convocado, em 1273, ao concilio de Lião, como o *eleito de Braga*, Pedro Julião nunca chegou a ser, de facto, Arcebispo de Braga, porque acabava de ser elevado por Gregorio X ao Cardinalado com o titulo de Bispo tusculano, recusando portanto o Papa confirmar a eleição (ver Herculano, *ob. cit.* t. III, pp. 124–125 e a nota XI, pp. 420–422). Continuou, pois, a metropole a ficar vaga, apezar do nome illustre de Pedro Hispano, que deixou fama mundial pela sua vasta sciencia, estar ligado á historia dos Arcebispos de Braga. Depois da morte de Adriano V, foi eleito Papa a 13 de Setembro de 1276, tomando o nome de João XXI. As luctas entre D. Affonso III e o clero continuavam (ver Herculano, *ob. cit.* t. III, pp. 1–155); o Rei de Portugal escreveu ao Pontifice, alem das congratulações do estylo, fallando em termos geraes dos conflictos que existiam, e lançando as culpas das violencias que lhe attribuiam á corrupção e excessos do clero, "que elle, como supremo magistrado, era constrangido a cohibir" (Herculano, *loc. cit.*). Parece que ao receber esta carta, o Pontifice encarregára o Bispo de Lisboa avisasse El-Rei de que pertencia á Santa Sé

collegiate church of Guimarães. At the University of Paris he applied himself to the

"study of Dialectics, Astrology and Medicine and became a consummate master in each of these widely differing subjects" (Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 559).

When, upon the death of Dom Martinho Geraldes in Rome in 1271, the See of Braga became vacant, the chapter elected Pedro Julião, it being more than probable that

"Dom Affonso III influenced the election, since, as he was in a state of open war with the Bishops, it would suit him well to have at Braga one who was as devoted to him as was the Archdeacon of Vermuim, though he had been absent in Italy for many years" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, p. 610).

Be that as it may, Pedro Julião, though the Pope summoned him in 1273 to the Council of Lyons as Archbishop-elect of Braga, never actually took office in that city, for Gregory X was unable to confirm his election, as he had just named him Cardinal-Bishop of Tusculum (see Herculano, *op. cit.* vol. III, pp. 124–125 and note XI, pp. 420–422). So the metropolitan See remained vacant, though the name of Pedro Hispano, the world-famous scholar, is linked with the history of the Archbishops of Braga. After the death of Adrian V, he was elected Pope on September 13th, 1276, and took the name of John XXI. The struggle between Dom Affonso III and the clergy went on (see Herculano, *op. cit.* vol. III, pp. 1–155); the King of Portugal wrote to the new Pope and, after tendering the customary congratulations, went on to speak of the conflicts, in general terms, blaming the corruption and excesses of the clergy, "which he, as supreme magistrate, was constrained to repress" (Herculano, *loc. cit.*), for the acts of violence attributed to him. It appears that, on receipt of this letter, the Pope charged the Bishop of Lisbon to warn the King that it was for the Holy See to correct the irregularities

corrigir os desmandos da clerezia, e ao Monarcha competia apenas a auctoridade civil. Contudo, na mesma epocha, João XXI expedia a D. Affonso III a bulla *Jucunditatis et exultationis* (Janeiro de 1277?) na qual lembrava como El-Rei devia exultar com a sua exaltação ao solio pontificio, vendo elevado a tão sublime dignidade um filho do seu Reino, zeloso de manifestar ao Monarcha Portuguez e ao Reino onde nascera, o affecto que lhe consagrava, e que todo o seu desejo consistia em procurar e promover o incremento e a paz de Portugal, e em acceder ás supplicas que lhe fôssem feitas, de modo que a sua terra natal sempre encontrasse na Egreja Romana uma affectuosa e propicia mãe (*Quadro Elementar*, t. IX, p. 220; sobre esta bulla ver tambem Herculano, *ob. cit.* t. III, pp. 143–144, e Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, pp. 450 *e seg.*).

Após oito mezes de pontificado, João XXI morreu, a 16 ou 17 de Maio de 1277, em Viterbo, esmagado sob as ruinas de um palacio que mandára construir, e que desmoronou. Pedro Julião foi um dos sabios mais insignes do seu tempo, e o seu nome honra a Patria onde nasceu. São muitas as obras que compoz, cuja lista se póde consultar em Barbosa (*ob. cit.* t. II, pp. 561 e 562), entre as quaes a mais celebre intitula-se *Summulae Logicales*, eterno padrão da sua profunda sabedoria.

Na *Divina Commedia*, Dante refere-se ás *Summulae*, que estão divididas em doze tratados, e ao seu illustre auctor:

> "Io ſon la uita di buonauentura
> da bagnoreo che ne grandi offici
> ſempre poſtpoſi la ſiniſtra cura.
> Illuminato & aguſtin ſon quici
> che fur deprimi ſcalci pouerelli
> che nel capreſto adio ſi ferno amici
> Vgo daſan uictore e qui con eli
> & pietro mangiatore & pietro ſpano
> el qual giu luce in dodici libeli."

(*Paradiso*, canto XII, ed. 1491, Veneza.)

of the clergy, and that the Sovereign had only civil authority. At the same time, however, John XXI sent Dom Affonso III the bull *Jucunditatis et exultationis* (January, 1277?) in which he reminded the King how he should exult in his exaltation to the pontifical throne, and rejoice that a position of such sublime dignity was held by a son of his kingdom, zealous to prove his affection for the Portuguese Monarch and for the land where he was born, and stated that his only wish was to promote the peace and welfare of Portugal, and to accede to the requests addressed to him in such a way that his native land would ever find an affectionate and benevolent mother in the Roman Church (*Quadro Elementar*, vol. IX, p. 220; also, Herculano, *op. cit.* vol. III, pp. 143–144, and Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, pp. 450 *et seq.*).

John XXI had been Pope for only eight months when he died in Viterbo, on May 16th or 17th, 1277, crushed beneath the ruins of a palace he had caused to be built and which collapsed. Pedro Julião was one of the most learned men of his time, and his name brings honour to the country of his birth. Barbosa (*op. cit.* vol. II, pp. 561–562) gives a list of the many works he composed, among which the most famous is called *Summulae Logicales*, and gives an undying proof of his profound knowledge.

Dante refers to the *Summulae*, which are divided into twelve treatises, in the *Divina Commedia*:

> "Io ſon la uita di buonauentura
> da bagnoreo che ne grandi offici
> ſempre poſtpoſi la ſiniſtra cura.
> Illuminato & aguſtin ſon quici
> che fur deprimi ſcalci pouerelli
> che nel capreſto adio ſi ferno amici
> Vgo daſan uictore e qui con eli
> & pietro mangiatore & pietro ſpano
> el qual giu luce in dodici libeli."

(*Paradiso*, Canto XII, ed. 1491, Venice.)

São muitos os auctores, tanto nacionaes como estrangeiros, que se occupáram de Pedro Julião ou Pedro Hispano e da sua sciencia; citaremos apenas um, o nosso saudoso mestre e amigo Dr Lopes Praça (*Historia da Philosophia em Portugal*, pp. 33–38). Se nos espraiámos sobre este assumpto, foi em vista da importancia que não podiamos deixar de ligar ao Arcebispo eleito de Braga, Pedro Julião, Papa Portuguez, e varão illustre na Egreja, na sciencia e nas lettras.

De passagem, mencionámos as contendas havidas entre os Arcebispos de Braga e os de Compostella; mas, uma outra questão mais importante que os Arcebispos de Braga sustentaram, foi a da primazia sobre as outras metropoles da Peninsula. Desde o seculo VII, o Bispo de Toledo—capital da Monarchia Visigothica—tinha obtido uma certa superioridade sobre os das outras metropoles. Durante o dominio arabe, o Bispo de Cordova, séde do governo sarraceno, exerceu essa especie de supremacia. Restaurada Toledo, foi restabelecida a sua Sé, e o seu Prelado, D. Bernardo, obteve do Papa Urbano II, em 1088, o titulo e a dignidade de Primaz das Hespanhas. Ao Arcebispo de Braga, metropolita desde o seculo V, não podia agradar a resolução do Pontifice, e

"tornou-se em vivo conflicto, quando a questão da independéncia de Portugal era causa permanente de rivalidades entre portugueses e castelhanos. Se o prelado toledano era o primaz das igrejas da península, tinha o direito de convocar todos os outros para os concílios, onde se podia legislar para estados politicamente separados. Tal situação repugnava aos portugueses; d'ahi a reluctáncia em acceitar a primazia de Toledo" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. 1, p. 178).

No meiado do seculo XII continuava o litigio: em vista das queixas do Imperador Affonso VII,

Many authors, both foreign and Portuguese, have written about Pedro Julião or Pedro Hispano and his learning, but we will cite only one, our late tutor and friend Dr Lopes Praça (*Historia da Philosophia em Portugal*, pp. 33–38). If we have enlarged on this subject, it is because of the importance we cannot help attaching to the Archbishop-elect of Braga, Pedro Julião, the Portuguese Pope, who left a famous name in the Church, in science and in letters.

We have, in passing, mentioned the strife and controversy between the Archbishops of Braga and of Compostella; but another question that kept the Archbishops of Braga in a constant state of conflict was their claim to primacy over all the metropolitans in the Peninsula. As early as the VIIth century, the Bishop of Toledo—the capital of the Visigothic Monarchy—had obtained a certain superiority over the other metropolitan Sees. During the Moorish dominion, the Bishop of Cordova—the seat of the Saracen government—exercised a similar supremacy. When Toledo was restored, its See was re-established, and in 1088, the Prelate, Dom Bernardo, obtained the title and dignity of *Primaz das Hespanhas* (Primate of all Spain) from Pope Urban II. The Archbishop of Braga, which had been a metropolitan See since the Vth century, was naturally little pleased with the Pope's decision.

"A lively feud was soon in progress, for the question of Portuguese independence was a permanent cause of rivalry between the Portuguese and the Castilians. If the Bishop of Toledo was Primate of the churches in the Peninsula, he had the right to convoke all the others to his councils, where it was possible to legislate for states that were politically separated. Such a situation was against Portuguese interests and feelings; hence their reluctance to acknowledge the primacy of Toledo" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. 1, p. 178).

The matter was still a bone of contention in the middle of the XIIth century: in view of the

o Papa Eugenio III manteve a primazia de Toledo, ordenando que todos os Arcebispos e Bispos da Peninsula a reconhecessem; era então Arcebispo de Braga, D. João Peculiar que teve de se submetter. Esta questão da primazia teve uma importancia capital para a independencia de Portugal, pois, na carta escripta, em 1147 ou 1148, por Affonso VII a Eugenio III, o Imperador queixava-se sobretudo de que o Pontifice lhe quizesse diminuir o senhorio e a dignidade, e quebrar os foros da Monarchia, e de que tivesse acceitado algumas cousas de D. Affonso Henriques e concedido outras que este pretendera, de modo que os direitos da Corôa leonesa eram lesados ou antes destruidos, com uma injustiça não transitoria, mas perpetua. Na sua resposta, o Papa alludia rapidamente ás queixas sobre a acceitação do censo e sobre as promessas de protecção contra quem quer que pretendesse dominar em Portugal, ao que, é evidente se referia Affonso VII, mas, querendo dar uma satisfacção ao Imperador, fel-o á custa do Arcebispo de Braga (Herculano, *ob. cit.* t. 1, pp. 344–347). E o grande historiador accrescenta:

"João Peculiar é offerecido por victima expiatoria da homenagem feita pelo principe português e acceita pela corte de Roma."

Mas, apezar da sentença de Eugenio III, a questão da primazia não ficou liquidada. Em 1210, Innocencio III confirmava novamente a primazia do Arcebispo de Toledo, mas, logo no anno seguinte, suspendia o mandamento, com o pretexto de se recear uma invasão sarracena. No proprio quarto Concilio de Latrão, em 1215, a questão foi agitada pelo Arcebispo de Toledo, D. Rodrigo Ximenes que, com violencia, defendia os seus direitos; estava egualmente em Roma o Arcebispo de Braga, D. Estevam Soares da Silva que, perante o Papa, sustentava tambem a justiça da sua causa.

"Só em 1218, appareceu sobre o assumpto um

complaints made by the Emperor Alfonso VII, Pope Eugene III maintained the primacy of Toledo, ordering all the Archbishops and Bishops in the Peninsula to recognise it; the Archbishop of Braga at that time was Dom João Peculiar, who was forced to submit. That this question was of enormous importance for the independence of Portugal is shown in the letter written by Alfonso VII to Eugene III, in 1147 or 1148, for the Emperor complained above all that the Pope wanted to diminish his power and dignity and weaken the privileges of the Monarchy, and had accepted certain things from Dom Affonso Henriques, and conceded others that this Portuguese Prince had claimed, in such a way that the Leonese Crown rights were damaged, or rather destroyed, with an injustice that was not transitory but perpetual. In his reply the Pope referred briefly to these complaints, which clearly alluded to his acceptance of the Portuguese tribute and to his promises to protect Portugal against any power that aspired to dominate her, and, wishing to mollify the Emperor, he did so at the expense of the Archbishop of Braga (Herculano, *op. cit.* vol. 1, pp. 344–347). The historian adds:

"João Peculiar is offered as a victim in expiation of the homage done by the Portuguese Prince and accepted by the Court of Rome."

But, in spite of Eugene III's ruling, the question of the primacy was not yet settled. In 1210, Innocent III confirmed anew the Archbishop of Toledo's primacy, but in the following year he suspended the order under the pretext that a Saracen invasion was feared. In the fourth Lateran Council in 1215, the question was raised by the Archbishop of Toledo, Don Rodrigo Ximenes, who vehemently defended his rights; the Archbishop of Braga, Dom Estevam Soares da Silva, was also in Rome and maintained the justice of his cause before the Pope.

"It was only in 1218 that a document on the

documento emanado de Honório III, que já então presidia á Igreja. Na bulla *Cum tu frater Archiepiscope*, de 19 de janeiro de 1218, dirigida a D. Rodrigo, arcebispo de Toledo, e ao cabido da mesma cidade, Honório III recordava que, ventilada a questão por muito tempo, estando os dois arcebispos na presença do papa, renunciaram de uma e outra parte ás provas e allegações e pediram com instáncia que o papa sentenciasse definitivamente a questão. Mas o papa, pesadas as circunstáncias das cousas e dos tempos, sobreestando no presente, entendeu que não devia dar sentença. A pedido das partes conservou o pontífice os documentos e actas fechados debaixo de sello e assim os entregou ás partes. O que se rasgou foi por consentimento das partes, por conhecerem que nada fazia ao caso. Depois d'esta resolução de Honório III, nunca mais se levantou a questão da primazia entre as igrejas de Braga e Toledo, e ambos os prelados continuaram usando o título de primaz das Espanhas" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. I, pp. 179 e 180; sobre a questão da primazia ver tambem as pp. 90 e 177–178 do mesmo vol., Fr. Antonio Brandão, *Monarchia Lusitana*, Parte IV, Livro XIII, cap. VIII, e Herculano, *loc. cit.*).

Hoje, como então, os dois Arcebispos intitulam-se *Primaz das Hespanhas*, e em 1538, n'estas *Conſtituições*, o Infante D. Henrique denomina-se "arcebiſpo ſenhor ď braga p̃mas das eſpanhas." Os Prelados Bracarenses eram effectivamente Senhores de Braga e seus coutos, por doação de D. Affonso V Rei de Leão, tendo D. Tareja renovado, em 1110, a concessão de seu bisavô. O dominio temporal da cidade pertenceu aos Arcebispos de Braga até ao principio do seculo XV.

"Por contracto celebrado em 1402, entre D. João I e o arcebispo D. Martinho Affonso Pires da Charneca, foi o senhorio de Braga incorporado na corôa, dando El-Rei em troca as foros que lhe pagavam as casas da rua Nova, em Lisboa, e as rendas da villa de Vianna, que

subject was issued by Honorius III, who was already head of the Church at that time. In the bull *Cum tu frater Archiepiscope*, of January 19th, 1218, addressed to Don Rodrigo, Archbishop of Toledo, and to the chapter of that city, Honorius III recorded that, the question having been aired for a long time, the two Archbishops had, each on his own behalf, renounced in the presence of the Pope all proofs and allegations, and earnestly beseeched the Pontiff to decide the question definitely. But the Pope, having weighed the circumstances of the matter and of the times, stopping at the present, decided that he ought not to give sentence. At the request of the parties, the Pontiff sealed up the documents and acts and handed them over to the parties. The negotiations were broken off with the consent of both parties, because they realised that it made no difference to the case. After Honorius III's resolution the question of the primacy was never again raised between the churches of Braga and Toledo, and both Prelates went on using the title of *Primaz das Hespanhas*" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. I, pp. 179–180, also p. 90 and pp. 177–178; see also Frei Antonio Brandão, *Monarchia Lusitana*, Part IV, Book XIII, chap. VIII, and Herculano, *loc. cit.*).

Now, as then, the two Archbishops both call themselves *Primaz das Hespanhas* and in 1538, in these *Conſtituições*, the Infante Dom Henrique designates himself "Archbishop Lord of Braga, Primate of all Spain." The Archbishops of Braga were lords of that city and its domains by the grant of King Alfonso V of Leon, whose concession was renewed in 1110 by his great-granddaughter Dona Tareja. The Archbishops of Braga had temporal jurisdiction over the city until the beginning of the XVth century.

"By a contract concluded in 1402 between King João I and the Archbishop Dom Martinho Affonso Pires da Charneca, dominion over Braga was incorporated in the Crown, and in exchange the King surrendered the rents he derived from the houses in the Rua Nova in Lisbon, as well as the revenues from the town

attingiam a importáncia de 1394 libras" (Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, p. 7; ver tambem Costa Lobo, *ob. cit.* pp. 185–193).

O nosso Rei D. Affonso V quiz desfazer esse contracto, no que concordou o Arcebispo D. Luiz Pires, sob condição de receber em compensação Olivença, Campo Maior e Ouguella que fôram desannexados do Bispado de Ceuta. Braga tinha pois vivido durante setenta annos debaixo da jurisdicção Regia.

"O distrato foi celebrado entre o rei e o arcebispo D. Luiz em 16 de março de 1472, e ratificado por bulla de Xisto IV, de 22 de dezembro de 1473. Por elle a corôa recuperou as suas antigas propriedades, e a jurisdicção temporal de Braga e seu termo foi restituida ao metropolita, que a conservou até á extincção d'estas jurisdicções dos donatarios pela lei de 19 julho de 1790 no reinado de D. Maria I" (Costa Lobo, *loc. cit.*).

Entre os Arcebispos, não devemos esquecer o nosso antepassado, D. Gonçalo Pereira, avô do mais illustre de todos os Portuguezes, o Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

"Em Portugal ouue huũ grande caualeyro muy fidalgo ꝛ de grande ſangue: que auia nome dom Gonçallo pereira. E eſte era nobre de linhajem ꝛ de condiçam....E eſte dom Gõçallo pereyra ouue filhos ꝛ filhas de que aqui nõ faz mẽçom: ſe nõ de huũ que ouue nome dõ Gõçallo pereyra como ſeu padre. O qual foy arcebiſpo de Bragaa" (*Coronica do Condeeſtabre ð Portugal dom Nuno alurez Pereyra,* ed. de 1554, cap. I).

D. Gonçalo, "hũ dos grandes Prelados, que houue em Portugal" (Fernão Lopes, *Coronica DelRey D. Ioam o I,* Parte I, cap. 33), estudára em Salamanca, onde cursou leis e canones; alli, houve um filho de Tareja Pires Villarinho, D. Alvaro Gonçalves Pereira, mais tarde Prior da Ordem do Hospital. Apezar dos seus votos, D. Alvaro "ouue entre filhos, & filhas, trinta,

of Vianna, which came to the sum of 1394 *libras*" (Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, p. 7; also Costa Lobo, *op. cit.* pp. 185–193).

King Affonso V of Portugal wished to cancel this contract, and the Archbishop Dom Luiz Pires agreed to do so, on condition that in compensation he received Olivença, Campo Maior and Ouguella which were detached from the Bishopric of Ceuta. Braga had thus been under the Royal jurisdiction for seventy years.

"The agreement between the King and the Archbishop was cancelled on March 16th, 1472, and its cancellation was ratified in a bull issued by Sixtus IV on December 22nd, 1473. By this means the Crown recovered its former estates, and temporal jurisdiction over Braga and its surrounding territory was restored to the Metropolitan who retained it until the jurisdiction of such donees was abolished by the law of July 19th, 1790, in Dona Maria I's reign" (Costa Lobo, *loc. cit.*).

We cannot leave the Archbishops without mentioning our ancestor Dom Gonçalo Pereira, grandfather of the most noble of all the Portuguese, the Holy Lord Constable, Dom Nuno Alvares Pereira.

"There was in Portugal a great and very glorious knight of illustrious descent, who was called Dom Gonçallo Pereira. And he was of noble lineage and condition....And this Dom Gonçallo Pereyra had sons and daughters of whom no mention is made here, save only of one who was called Dom Gonçallo Pereyra like his father, and who became Archbishop of Braga" (*Coronica do Condeeſtabre ð Portugal dom Nuno alurez Pereyra,* 1554 edition, chap. I).

Dom Gonçalo, who was "one of the greatest Prelates Portugal has known" (Fernão Lopes, *Coronica DelRey Dom Ioam o I,* Part I, chap. 33), studied in Salamanca, where he graduated in civil and canon law; there, by Tareja Pires Villarinho, he had a son, Dom Alvaro Gonçales Pereira, who later became Prior of the Order of Hospitallers. In spite of his vows, Dom

& dous," sendo um d'elles o celebre Nun' Alvares. D. Gonçalo, Conego de Tuy, deão do Porto, Bispo de Lisboa e finalmente Arcebispo de Braga, foi, não sómente um Prelado illustre, mas tambem um guerreiro e um politico habil e audaz. D. Gonçalo reuniu tres concilios diocesanos em Braga, em 1326, 1328 e 1333.

"Esteve na batalha de Loures, entre D. Diniz e o infante D. Affonso; interveiu para a reconciliação do pae com o filho; e foi quem, sendo este já rei, celebrou as pazes com Affonso-o-bom de Castella" (Oliveira Martins, *A vida de Nun' alvares*, p. 8).

Segundo parece, D. Gonçalo falleceu em 1348.

Outro Arcebispo illustre no fim do seculo XIV foi D. Lourenço; grande Prelado e grande Portuguez, o seu nome é celebre, não só na historia do Arcebispado, mas na historia de Portugal. Reprimiu abusos e desordens na sua diocese (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. II, pp. 537–539), e foi um dos fieis defensores, perante El-Rei D. Fernando, da causa do Papa Urbano VI contra o anti-Papa Clemente VII; depois, como um dos seus mais denodados partidarios, serviu o Mestre d'Aviz, D. João I. D. Lourenço, alem de ser um "varão bom e circunspecto, tanto no espiritual como no temporal, de vida honesta e louváveis costumes" (Fortunato de Almeida, *loc. cit.*), era um lettrado que estudára nas Universidades de Montpellier, Tolosa e Paris, passando em seguida á Universidade de Bolonha onde foi discipulo do famoso jurisconsulto Baldo, e foi um Bispo guerreiro com um profundo amor á sua Patria, por cuja independencia luctou intrepidamente. Quando D. João I de Castella cercou Lisboa, o Arcebispo D. Lourenço, um dos braços direitos do Mestre, occupou-se, com uma coragem indomavel, da frota Portugueza. O Mestre dera-lhe o cargo de

Alvaro had thirty-two sons and daughters; one of whom was the famous Nun'Alvares. Dom Gonçalo, Canon of Tuy, Dean of Oporto, Bishop of Lisbon and, finally, Archbishop of Braga, was not only a remarkable Prelate, but also an able and daring warrior and politician. He called three diocesan councils in Braga, in 1326, 1328 and 1333.

"He was at the battle of Loures, between King Diniz and the Infante Dom Affonso; and intervened to reconcile the father and son. It was he who, when the latter was already King, made peace with Alfonso the Good of Castile" (Oliveira Martins, *A vida de Nun'alvares*, p. 8).

It appears that Dom Gonçalo must have died in 1348.

Another illustrious Archbishop at the end of the XIVth century was Dom Lourenço, a great Prelate and a true Portuguese, whose name is famous, not only in the history of the Archbishopric, but in the history of Portugal. He was diligent in putting down abuses and irregularities in his diocese (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. II, pp. 537–539). He steadfastly defended the cause of Pope Urban VI against the anti-Pope Clement VII, before King Fernando, and afterwards became one of the most resolute followers of Dom João I, the *Mestre d'Aviz*. Dom Lourenço, a scholar who studied in the Universities of Montpellier, Toulouse and Paris, afterwards passing to Bologna University, where he became a disciple of the famous jurist Baldus, was a "good and circumspect man, both spiritually and temporally, and lived a worthy and laudable life" (Fortunato de Almeida, *loc. cit.*); in addition to all this he was a warrior Bishop, with a profound love for his country, and fought intrepidly in the cause of her independence. When Don Juan I of Castile besieged Lisbon, the Archbishop Dom Lourenço, an active partisan of the *Mestre d'Aviz*, busied himself about the Portuguese fleet, with indomitable courage. The *Mestre*

prover aos armamentos navaes, e o Arcebispo não parava, correndo pela cidade "emſima de hum caualo, & de humas cottas veſtidas, & o roxete enſima, & huma lança na mão, o ferro ſempre pera diante" (Fernão Lopes, *ob. cit.* Parte I, cap. III). Apezar da gente da cidade se offerecer para os trabalhos necessarios, punha em acção todo o clero;

"& ſe lhe algum dezia que era clerigo, elle reſpondia, que aſſi era clerigo como elle, & o que lhe dezia que era frade. *E eu Arcebiſpo, que he milhor que frade.* Dezia elle" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

Nas Côrtes de Coimbra de 1385, o Arcebispo Primaz estava ao lado do Mestre, e, após a acclamação de D. João I, a 6 de Abril, D. Lourenço entrou para o conselho do Soberano. Mezes depois, é em Aljubarrota que vamos encontrar o Prelado Bracarense, e sempre junto ao seu Rei. Antes de começar a famosa batalha, D. João I, palido—pois, sendo vespera de Nossa Senhora de Agosto, todos jejuavam—confessou-se ao Bispo guerreiro que lhe administrou a Sagrada Communhão. D. Lourenço, levando no elmo uma imagem de Nossa Senhora, em logar de plumas, e "auendo anteſy a Cruz de prata leuantada, com que coſtumaua vizitar as Igrejas" (Fernão Lopes, *ob. cit.* Parte II, cap. 42) —seguindo o exemplo do seu predecessor, D. Gonçalo Pereira, que, na batalha do Salado, em 1340, lhe precedia arvorado o Santo Lenho de Portel—ia de uns a outros

"esforçando os, & abſoluendo os todos, confirmandolhes as perdoãças, que o Papa Vrbano Sexto outorgaua contra os ſciſmaticos, increos, reueis contra a Sancta Igreja" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

E recommendava a todos que, quando começassem "a ferir nos imigos," dissessem a meudo:

charged him to look after the naval armaments, and the Archbishop never relaxed his efforts, hurrying about the city "on horseback, with a coat of mail under his rochet, and carrying a lance in his hand, with its head always pointing forward" (Fernão Lopes, *op. cit.* Part I, chap. III). Though the citizens of Lisbon were ready to volunteer for all the necessary work, the Archbishop also set all the clergy in action;

"and if anyone demurred, saying he was a clergyman, he replied that he was a clergyman too, and to those who offered as an excuse that they were friars 'And I am an Archbishop, which is better than a friar,' said he" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

The Primate was beside the *Mestre* at the "Côrtes" of Coimbra in 1385, and after Dom João's acclamation as King on April 6th, Dom Lourenço became a member of the Monarch's council. Months later, we find the Archbishop of Braga still at his Sovereign's side, in the battle of Aljubarrota. Before the battle started, Dom João, pale of face—because, as it was the eve of Our Lady of August, all were fasting—confessed himself to the warrior Bishop, and received the Holy Communion from his hand. Dom Lourenço bore an image of Our Lady in his helmet instead of a plume, "and, having the silver Cross, with which he usually visited the Churches, borne aloft before him" (Fernão Lopes, *op. cit.* Part II, chap. 42),—thus following the example of his predecessor, Dom Gonçalo Pereira, who had displayed the Holy Cross of Portel at the battle of Salado in 1340—he went from one to another

"encouraging and absolving them all and confirming the pardons which Pope Urban VI had granted to those who had been schismatic and unbelieving and had rebelled against the Holy Church" (Fernão Lopes, *loc. cit.*).

And he recommended to all of them that, when they began to "strike their enemies," they should keep saying:

"*ET VERBVM CARO FACTVM EST*; & alguns ſimpres, & ignorantes, que eſto nom entendiam perguntauam, que queria dizer aquil-lo? E outros por ſabor reſpondiam, que queria dizer, *muito caro feito he eſte*" (Fernão Lopes, *loc. cit.*), ao que o Arcebispo respondeu logo: "*Caro he, mas Deos volo tornará hoje bem barato*" (Joseph Soares da Sylva, *Memorias delRey D. João o I*, t. II, cap. CXII). Foi ferido na batalha; um soldado deu-lhe um golpe na cara e cortou-lhe uma orelha, ficando a deitar ribeiradas de sangue. Mas D. Lourenço, em carta escripta poucos dias depois ao seu amigo D. João d'Ornellas, Abbade de Alcobaça, claramente indica não ter o Castelhano levado a melhor na refrega, pois diz: "...& crede vòs, bom amigo, que quem eſta peſpegou, nom leuou emxebres, nem irà côtar em Caſtella aos ſoalheiros o cruzamento de minha cara" (em Fernão Lopes, *ob. cit.* Parte II, p. 466).

Foi um homem notavel e uma grande figura da nossa historia: falleceu em 1397.

"Com razaõ diſſe pois ElRey D. Joaõ o I. quando lhe deraõ a nova da morte deſte grande homem, *que perdera hum dos olhos da cara*, ſendo elle hum, e outro o Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira" (Soares da Sylva, *loc. cit.*).

Do successor de D. Lourenço, D. João Garcia Manrique, pouco se sabe; seguiu-se-lhe D. Martim Affonso Pires da Charneca, que reuniu synodo em 1398, e de quem já nos occupamos, por ter cedido a D. João I, em 1402, o senhorio de Braga, que voltou para os Arce-bispos em 1472, sendo Primaz, D. Luiz Pires. Depois da morte de D. João Galvão, em 1485, El-Rei D. João II deu o Arcebispado de Braga ao Cardeal D. Jorge da Costa, Arcebispo de Lisboa que residia em Roma; cerca de 1488

"ET VERBVM CARO FACTVM EST; and some who were simple and ignorant and did not understand this, asked what it meant. And others replied for fun that it meant '*muito caro feito he eſte*' (This is going to be a very costly event)" (Fernão Lopes, *loc. cit.*), to which the Archbishop replied: "*Caro he, mas Deos volo tornará hoje bem barato* (It is costly, but God will make it cheap for you to-day)" (Joseph Soares da Sylva, *Memorias delRey D. João o I*, vol. II, chap. CXII). He was wounded in the battle; a soldier slashed at his face and cut off one of his ears, which streamed with blood. But in a letter he wrote a few days later to his friend Dom João d'Ornellas, Abbot of Alcobaça, the Archbishop clearly indicated that the Castilian did not have the best of the encounter, for he said: "...and believe me, my good friend, the man who struck that blow did not have a dull time, nor will he be able to go and gossip about my cut face in the sunny corners of Castile" (in Fernão Lopes, *op. cit.* Part II, p. 466).

He was a notable man, and an outstanding figure in the history of Portugal: he died in 1397.

"When they brought him the news of this great man's death, King João I said with good reason that he had lost one of the eyes out of his head, the Archbishop being one, and the Constable Dom Nuno Alvares Pereira, the other" (Soares da Sylva, *loc. cit.*).

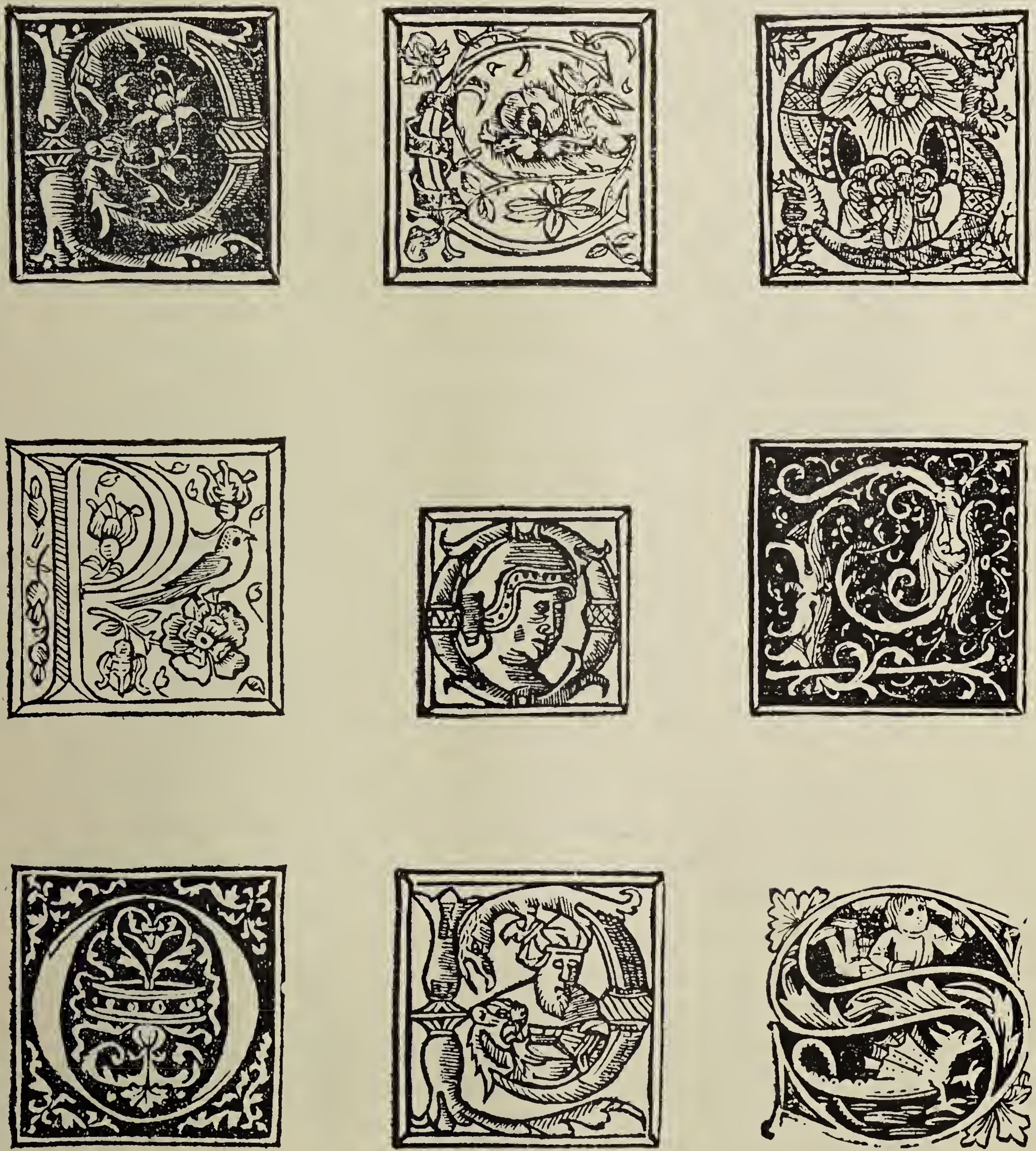
Little is known about Dom Lourenço's suc-cessor Dom João Garcia Manrique; he was followed by Dom Martim Affonso Pires da Charneca, who convoked a synod in 1398, and we have already mentioned him as having, in 1402, ceded to Dom João I jurisdiction over Braga, which was restored to the Arch-bishops in 1472, when Dom Luiz Pires was Primate. On the death of Dom João Galvão in 1485, King João II bestowed the Archbishopric of Braga upon Cardinal Dom Jorge da Costa, who was residing in Rome; in about 1488 the

renunciou o Arcebispado de Braga em seu irmão, que se chamava tambem D. Jorge da Costa, com o consentimento de D. João II e do Papa Innocencio VIII; reuniu synodo em 1488. Em 1499 foi para Roma, onde seu irmão o Cardeal de Alpedrinha (ver a *Regra dos Monges*) gozava de enorme influencia, e alli falleceu, em 1501, tendo primeiro renunciado o Arcebispado e todos os beneficios que possuia em seu irmão o Cardeal D. Jorge. Depois de negociações (ver Fortunato de Almeida, *ob. cit.* t. III, parte II, pp. 736 e 737) entre El-Rei D. Manuel e a Santa Sé, o Cardeal D. Jorge (tinha 99 annos!) renunciou finalmente a Arcebispado de Braga, sendo escolhido como seu successor D. Diogo de Sousa, Bispo do Porto, que era então Embaixador de D. Manuel em Roma; foi, como vimos, o predecessor do Infante D. Henrique, e falleceu em 1532. A historia da diocese de Braga e dos seus Prelados tem, sem duvida, um interesse especial e está intimamente associada com a historia de Portugal. O Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, era a primeira figura da Egreja Portugueza; comprehende-se perfeitamente o desejo de D. João III de ver o seu irmão á frente dos destinos da Sé Bracarense; o *Piedoso* tinha assim, presidindo ás duas dioceses mais importantes do Paiz, dois irmãos; D. Affonso, Cardeal Arcebispo de Lisboa, e D. Henrique, Arcebispo de Braga. Se com esse procedimento satisfazia as suas crenças religiosas, não nos parece haver duvida que erão actos de habil politica.

D. Henrique, possuidor de uma vasta cultura, conhecia certamente a historia da sua diocese; deve, pois, ter sentido um justificado orgulho na sua posição de Primaz, que apenas exerceu durante dois annos. No sua longa vida, desempenhando tantos logares, Arcebispo de Braga, Arcebispo de Evora, Arcebispo de Lisboa, Inquisidor Mór, Cardeal, Regente do Reino, e

Cardinal received the authorisation of King João II and of Pope Innocent VIII to renounce the Archbishopric in favour of his brother who was also called Dom Jorge da Costa and who assembled a synod in the same year. In 1499, the Archbishop went to Rome, where his brother, the Cardinal of Alpedrinha (see the *Regra dos Monges*), had a great deal of influence, and there he died in 1501, having first made over the Archbishopric and all the benefices he held to his brother the Cardinal. After various negotiations (see Fortunato de Almeida, *op. cit.* vol. III, part II, pp. 736–737) between King Manuel and the Holy See, Cardinal Dom Jorge (he was then 99 years of age!) finally renounced the Archbishopric of Braga, and Dom Diogo de Sousa, Bishop of Oporto, who was Dom Manuel's ambassador to Rome at the time, was appointed his successor; as we have seen, Dom Diogo was the Infante Dom Henrique's predecessor, and died in 1532. The history of the diocese of Braga and its Prelates is certainly of especial interest and is closely associated with the history of Portugal. The Archbishop of Braga, *Primaz das Hespanhas*, was the foremost figure in the Portuguese Church, so it is perfectly intelligible that King João III should have wished to see his brother at the head of the See of Braga; thus the two most important dioceses in the country were controlled by the Pious King's two brothers: Dom Affonso, Cardinal Archbishop of Lisbon, and Dom Henrique, Archbishop of Braga. It seems to us that besides satisfying his religious beliefs in this way, he was carrying out a very able administrative policy.

Dom Henrique, a man of vast learning, must certainly have been familiar with the history of his diocese, and, during his short two years of office, must have felt a justifiable pride in his position as Primate. He held many high posts in his long life, becoming Archbishop of Braga, Archbishop of Evora, Archbishop of Lisbon, Grand Inquisitor, Cardinal, Prince Regent, and



213 Lettras capitaes das *Conſtituições do arcebiſpado de Braga*
Capital letters from the *Conſtituições do arcebiſpado de Braga*
Lisboa, 1538

Titulo primeiro do ſacramento do baptiſmo.

Conſtituiçam primeira. Que toda criatura ſeja baptizada do dia que nacer ate noue dias.

COnſiderando nos como pellos ſete ſacramentos da ſancta madre igreja os fieys chriſtãos recebem ſaude ⁊ ſaluaçã de ſuas almas: determinamos fazer algũas cõſtituições acerca delles: aſſi por reſpeito dos ſacerdotes que os ham de adminiſtrar: como dos fieys criſtãos q̃ os ham de receber. E primeiramẽte do ſancto baptiſmo que he porta ⁊ fundamento dos outros ſacramentos: ſem ho qual nenhũa peſſoa pode ſer ſalua. Portanto eſtabelecemos ⁊ mandamos que do dia do nacimẽto de qual quer criatura ate noue dias: ſeu padre ou madre ou outra qual quer peſſoa que della cargo teuer: ha faça baptizar em ſua parrochial igreja: ⁊ nam ho fazendo aſſi ſem cauſa juſta paguem hum arratel de cera pera a dita igreja: ⁊ ſe os ſobreditos eſteuerem mais outros noue dias ſem ha fazer baptizar: paguẽ tres arrateys de cera pera a dita igreja / ⁊ ſe mais eſteuerem na dita negligencia: ajam aquella pena que a nos ⁊ noſſos officiaes bẽ parecer: ſaluo moſtrando cauſa juſta que os eſcuſe. E mandamos ao rector ou cura da igreja: que os euite della: ate pagarẽ a pena ⁊ baptizarem a dita criatura: nam leyxando porem de ha baptizar em qualquer tẽpo que lhe for requerido. E o dito reitor ou cura ſera obrigado: ſendo req̃rido: jr baptizar aa igreja a dita criatura: ⁊ lhe poer ho oleo ⁊ criſma ate os noue dias ſob pena de quinhentos reaes pera as obras da ſee ⁊ meirinho ⁊ pagar do aljube: o que aſſi ho dito reytor ou cura comprira: ainda que lhe nã ſeja dada encaualgadura pera em ella jr.

Pera o pouo

Conſtituiçam ſegunda. Quantos padrinhos ou madrinhas deuem tomar.

A

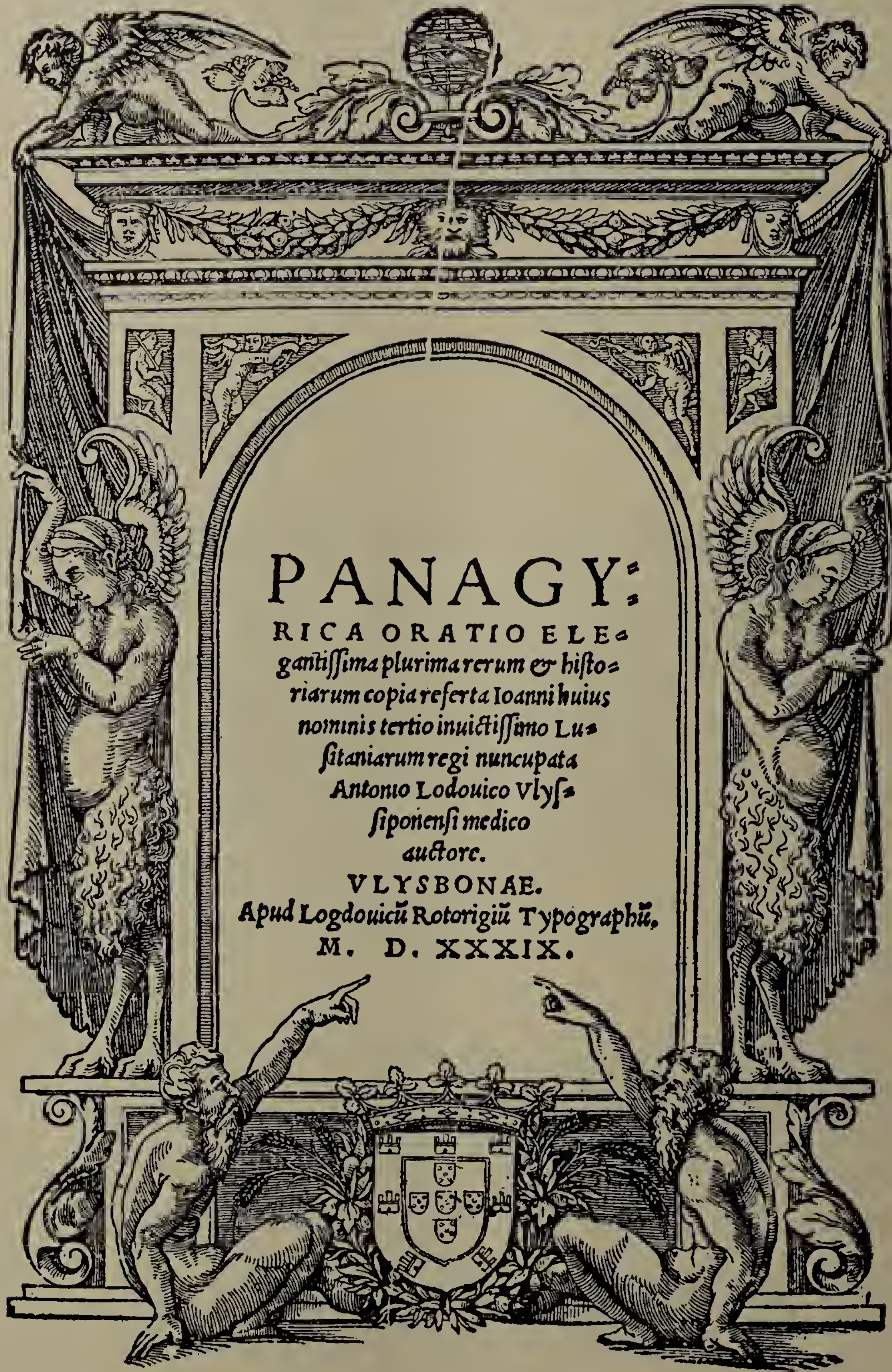
214 Pagina das *Conſtituições do arcebiſpado de Braga*
Page of the *Conſtituições do arcebiſpado de Braga*
Lisboa, 1538

finalmente Rei, D. Henrique devia recordar-se com saudade dos dois annos durante os quaes, como Prelado virtuoso e intelligente, fez o bem, e foi caritativo. E quem sabe, se no fim da vida amargurada, não pensava nos mezes passados em Braga, talvez os mais felizes da sua existencia!

finally King; but he must surely have looked back with regretful longing on the two years at Braga, when he did good and charitable works as befitted a virtuous and intelligent Prelate. And who knows whether, at the end of his sorrowful life, he did not remember the months passed in Braga as perhaps the happiest time in his existence!

¶ Foram acabadas de imprimir
estas cõstituições em a cidade de Lisboa p Germã
galhard de frances. Per mãdado do muyto alto
⁊ muito excelẽte pncepe o senhor ifante dõ
Anriq̃ eleito arcebispo senhor d bra
ga pmas das espanhas comẽ
datario ⁊ ppetuo admi
nistrador do mos
teiro de sãta
Cruz
✠
de coimbra a .xx. dias do mes d mayo
de mil ⁊ q̃nhẽtos ⁊ trinta ⁊ oyto
annos.
✠✠
✠

215 Colophon das *Constituições do arcebispado de Braga*
Colophon of the *Constituições do arcebispado de Braga*
Lisboa, 1538



PANAGY:
RICA ORATIO ELE-
gantissima plurima rerum & histo-
riarum copia referta Ioanni huius
nominis tertio inuictissimo Lu-
sitaniarum regi nuncupata
Antonio Lodouico Vlys-
siponensi medico
auctore.
VLYSBONAE.
Apud Logdouicũ Rotorigiũ Typographũ.
M. D. XXXIX.

216 Folha do rosto da *Panagyrica oratio* de Antonio Luiz
Title-page of the *Panagyrica oratio* of Antonio Luiz
Lisboa, 1539

38 ANTONIO LUIZ, PANAGYRICA ORATIO IOANNI TERTIO NUNCUPATA.

Lisboa, Luiz Rodrigues, 1539.

PANAGY- | RICA ORATIO ELE- | *gantissima plurima rerum & histo- | riarum copia referta Ioanni huius | nominis tertio inuictissimo Lu- | sitaniarum regi nuncupata | Antonio Lodouico Vlys- | siponensi medico | auctore.* | VLYSBONAE. | *Apud Logdouicũ Rotorigiũ Typographũ.* | M. D. XXXIX.

Rosto enquadrado por uma portada ornada de figuras, que tem na parte superior, ao meio, a Esphera armillar, e na inferior as Armas Reaes[1].

[fl. 1 vo.] ANTONIVS LODOVICVS AD LECTOREM. [...]

fl. ij. EPISTOLA PANA- | GYRICA AD IOANNEM TERTIVM IN- | uictissimum Lusitaniarum Regem Antonio | Lodouico Vlisiponeñ. medico | Auctore. [...]

fl. xliiij. [...] Finis.

fl. xliiij vo.

Marca do impressor Luiz Rodrigues, com a legenda em volta[2]:

Incus magna non timet strepitus, | Non fato ueniente cadam, quando ibo sub umbras. | Exegi monumentum ære perennius, | Sapientia hominis illustrat faciem eius.

4º.—[1], ij–xliiij folhas—28 linhas—caractéres gothicos, excepto o prologo e o titulo de entrada, que são em caractéres italicos e redondos respectivamente—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: a–e, 8 folhas cada caderno; f, 4 folhas; total de 44 folhas.

Encadernação de marroquim.

4to.—[1], ij–xliiij leaves—28 lines—Gothic type, except for the prologue and the heading of the first page of text, which are in italics and Roman type respectively—no catchwords.

Collation by signatures: a–e, each 8 leaves; f, 4 leaves; total 44 leaves.

Morocco binding.

São poucas, e incompletas, as descripções da *Panagyrica Oratio* de Antonio Luiz. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. I, pp. 311–313) menciona-a, entre as obras compostas por este auctor. Innocencio (*Diccionario*, t. VIII, 1º do *Supplemento*, p. 228) refere-se a Antonio Luiz em algumas linhas, obedecendo ao principio que seguiu, de não descrever obras escriptas em

There are very few descriptions of the *Panagyrica Oratio* by Antonio Luiz, and even those few are incomplete. Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, pp. 311–313) includes it in his list of the works composed by this author. Innocencio (*Diccionario*, vol. VIII, 1st of the *Supplement*, p. 288) makes a brief reference to Antonio Luiz, but, in accordance with his rule to describe only

[1] *Architectural border on title-page, ornamented with figures, and having the armillary Sphere in the centre at the top, and the Royal Arms of Portugal at the bottom.*

[2] *Printer's mark, with the surrounding legend.*

linguas estrangeiras: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 240) dá uma curta descripção, identica á de Barbosa: Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1006) colheram a noticia que publicáram, no *Catalogo dos Cimelios* da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (nº 114, p. 296); contudo, existe um exemplar, em pergaminho, no Archivo Nacional, o unico que estes auctores mencionam. Alem do nosso exemplar d'esta obra rara, admiravelmente conservado, encontra-se um no Museu Britannico.

A *Panagyrica Oratio* foi impressa em Lisboa, por Luiz Rodrigues, em 1539. As noticias ácerca d'este livreiro, editor e impressor são bastante escassas. Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII) quasi nada nos diz a respeito de Luiz Rodrigues, publicando apenas a carta de André de Resende, dirigida a D. João de Castro em 1547. Esse documento, muito interessante por se referir á imprensa, póde dizer-se que não menciona o nome de Luiz Rodriguez, nos prelos de quem se imprimiu, em 1548, o *Breviarivm Eborense* de Mestre André de Resende; não ha duvida que o illustre humanista se queixa amargamente da fórma demorada como foi feita a impressão do seu *Breviarivm*, e accrescenta, o que é peor: "Iſto com nunqua ſair de caſa do impreſſor, porque ſoo meio dia que la non vou, arruinam tudo." Resende escrevia tambem, que no Reino todas as cousas eram "vagaroſas, ſaluo hos deſgoſtos da vida." Não nos parece que Mestre André tenha sido justo na sua carta a D. João de Castro—sem mencionar as "couſas vagaroſas" do Reino—na sua opinião ácerca da imprensa em Portugal e, especialmente, de Luiz Rodrigues, pois, algumas das obras que fôram estampadas na typographia de Rodrigues, honram, sem duvida, o seu nome. Sousa Viterbo (*ob. cit.* p. 239) suppõe que Luiz Rodrigues "não deve ser considerado como im-

works written in Portuguese, does not mention this book: Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 240) seems to have taken his short description of the work from Barbosa; while Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, no. 1006) state that their notice was transcribed from the *Catalogo dos Cimelios* of the National Library in Rio de Janeiro (no. 114, p. 296); there is, however, a copy of the *Panagyrica Oratio* in Portugal—the one printed on vellum, in the Archivo Nacional. A copy is kept in the British Museum, and we possess a magnificently preserved example of this very little known work.

The *Panagyrica Oratio* was printed in Lisbon by Luiz Rodrigues in 1539. There is not very much information about this bookseller, publisher and printer. Deslandes (*Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII) tells us hardly anything about Luiz Rodrigues, merely publishing a letter written by André de Resende to Dom João de Castro in 1547. Though this document contains some most interesting references to printing, it does not actually mention the name of Luiz Rodrigues, who printed *Mestre* André de Resende's *Breviarivm Eborense* in 1548; there is no doubt that the famous humanist complains bitterly of the slow way in which the printing of his *Breviarivm* has been done, and what is worse—as he says—he is unable to leave the printer's house, for if he is absent only half a day "they ruin the whole thing." Resende also states that everything in the kingdom is behindhand, except the sorrows of life. We do not consider that Resende was just in his letter to Dom João de Castro—we are not now speaking of the slow progress of the affairs of the kingdom, but of *Mestre* André's opinion of printing in Portugal and especially of Luiz Rodrigues' publications, for some of the works issued from Rodrigues' press are an honour to his name. Sousa Viterbo (*op. cit.* p. 239) holds that Luiz Rodrigues "ought not

pressor propriamente dito, mas antes como dono de typographia." Não ha duvida que já era livreiro d'El-Rei D. João III muito antes de ser "imprimidor." São diversas as fórmas como assignou as suas obras; n'esta *Panagyrica Oratio*, 1539, a obra mais antiga, datada, que possuimos sahida dos seus prelos, escreveu "Apud Logdouicũ Rotorigiũ Typographũ"; mas, em duas outras obras, já tinha usado o titulo de "Liureiro delRey noſſo ſenhor" (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* n°s 1004 e 1005); em outros livros, como no *De uerborũ coniugatione commentarius* de André de Resende, 1540, intitulou-se umas vezes "Typographo," outras, como no *Preſte Ioam das indias*, 1540, "liureiro de ſua alteza." Na maior parte dos livros que publicou, usou do titulo de livreiro d'El-Rei, ou de sua Alteza; contudo, no colophon do *Norte de cõfeſſores*, 1546 (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 1048), de que possuimos um exemplar, o seu nome vem acompanhado de mais um titulo: "Luis rodriguez librero del rey noſſo ſeñor y eſcudero de ſu caſa." Finalmente, no *Tratado da santissima comunham* (Innocencio, *ob. cit.* t. VII, p. 385), assignou "Luis Rodriguez Imprimidor." É difficil verificar, com segurança, a epocha exacta em que Rodrigues imprimiu: Tito de Noronha, Anselmo e Proença, e outros auctores dizem que Luiz Rodrigues teve prelos em Lisboa a partir de 1539: com effeito, os primeiros livros conhecidos que publicou, datados, são d'esse anno. Mas até que anno imprimiu? Sobre essa data, as opiniões são differentes. Tito de Noronha, na sua lista de impressores (*A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, 1874), escreve: "Luiz Rodrigues, Impreſſor e livreiro de el-rei, Lisboa, 1539–1554"; mas no rol de livreiros do mesmo livro, accrescenta: "*Luiz Rodrigues* livreiro d'el-rei (D. João III), Lisboa 1530–1544. Teve prelos deſde 1539." Deslandes (*ob. cit.*) diz-nos egualmente que Rodrigues foi impressor em Lisboa, de 1539 até 1554. Anselmo e Proença (*ob. cit.*), nas suas notas a respeito do "im-

to be considered exactly as a printer, but rather as the proprietor of a printing-press." There is no doubt that he was bookseller to King João III, long before he became an *imprimidor*. He signed his works in various different ways: in this *Panagyrica Oratio* of 1539—the oldest dated work from his press in our Library—he wrote "Apud Logdouicũ Rotorigiũ Typographũ"; but in two earlier works (see Anselmo and Proença, *op. cit.* nos. 1004 and 1005) he used the title of "Bookseller to the King our Lord"; in some works, such as André de Resende's *De uerborũ coniugatione commentarius*, 1540, he designated himself "typographer"—and in others, like the *Preſte Ioam das indias*, 1540, "bookseller to his Highness." He is entitled bookseller to the King or to his Highness in most of the books he published, but in the *Norte de cõfeſſores*, 1546 (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 1048), of which we possess a copy, yet another title is appended to his name: "Luis Rodriguez, bookseller to the King our Lord and squire of his household." Lastly in the *Tratado da santissima comunham* (Innocencio, *op. cit.* vol. VII, p. 385) he appears as "Luis Rodriguez *Imprimidor*." It is difficult to ascertain the exact period during which Rodrigues printed: Tito de Noronha, Anselmo and Proença and other authors say that he had a printing-press in Lisbon from 1539, and certainly the first known dated works printed by him were published in that year; but opinions differ as to how long he went on printing. In his list of printers (in *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI, 1874), Tito de Noronha says: "Luiz Rodrigues, printer and bookseller to the King, Lisbon, 1539–1554"; but when, in the same work, he enumerates the booksellers, he includes "Luiz Rodrigues, bookseller to the King (Dom João III), Lisbon, 1530–1544. He had a printing-press from 1539." Deslandes (*op. cit.*) also informs us that Rodrigues printed in Lisbon from 1539 to 1554. Anselmo and Proença (*op. cit.*) state in their notes

primidor," escrevem: "Hábil impressor da primeira metade do séc. XVI. Contam-se dêle mais de 50 trabalhos, quási exclusivamente em caracteres góticos e itálicos, nítidos e correctos e todos executados em Lisboa, de 1539 a 1549." Não ha duvida que a ultima obra datada que se conhece, impressa por Luiz Rodrigues (Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 1054), foi publicada em 1549; ignoramos, por consequencia, os motivos que leváram Deslandes e Tito de Noronha a indicar 1554, como tendo sido o ultimo anno em que o livreiro de D. João III imprimiu. Luiz Rodrigues usou como marca um grypho, ou dragão alado, vibrando a lingua farpada, pousado sobre o topo d'um tronco d'arvore, e com a cauda enroscada; no meio d'esse tronco, uma fita desdobrada em que se lê "SALVS VITÆ"; pendurado a um galho, ha um quadro com o nome do "imprimidor"—LVDVVICVS RODVRICI.

Propositadamente, deixamos para as duas obras que se seguem n'este volume á *Panagyrica Oratio*—as *Ordenações* de 1539, impressas em Sevilha por João Cronberger, e o *Regimento dos Contadores das Comarcas*, impresso por Luiz Rodrigues, sem data, mas que consideramos de 1539—algumas outras noticias referentes ao livreiro impressor de D. João III.

O auctor da *Panagyrica Oratio* foi um illustre professor de medicina e de philosophia. Segundo Barbosa (*loc. cit.*), Antonio Luiz,

"pela profunda ſciencia que tinha da lingua Grega ignorada naquelle tempo em a mayor parte de Eſpanha foy chamado antonomaſticamente o Grego, e pudera lograr denominaçoẽs de Latino, Filoſofo, e Medico por ſer eminente em todas eſtas artes pelas quaes foy muito aceito à mageſtade delRey D. Joaõ o III."

O grande João de Barros, seu amigo, recorreu ao saber de Antonio Luiz, quando estava com-

about this *imprimidor* that he was a "Clever printer of the first half of the XVIth century. His works, which were almost all printed entirely in neat and accurate Gothic letter and italics, number more than 50 and were all executed in Lisbon between 1539 and 1549." The last known dated work printed by Rodrigues (Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 1054) was undoubtedly issued in 1549, so we do not know what reasons led Deslandes and Tito de Noronha to indicate 1554 as the year when he left off printing. Luiz Rodrigues' printer's mark is a griffin or winged dragon, with a forked tongue, perched upon the top of a tree-trunk, round which his tail is twined; to the centre of this tree-trunk is attached a flowing scroll bearing the legend "SALVS VITÆ"; from a small branch near the foot of the tree hangs a rectangular block with the printer's name—LVDVVICVS RODVRICI.

Certain other matters relating to King João III's printer-bookseller will be studied in the two works that follow the *Panagyrica Oratio* in this volume—the 1539 *Ordenações* printed in Seville by João Cronberger, and the *Regimento dos Contadores das Comarcas*, printed by Luiz Rodrigues and undated, but which we consider to have been published in 1539.

Antonio Luiz, the author of the *Panagyrica Oratio*, was a famous professor of medicine and philosophy. Barbosa (*op. cit.*) says of him that

"on account of his profound knowledge of the Greek tongue, which was understood by very few in Spain at that time, he was called antonomastically *o Grego* (the Greek), and he might equally well have acquired the denominations of the Latin, the Philosopher and the Physician, for he was outstanding in all these arts, through which he was very much esteemed by his Majesty King Dom João III."

The great João de Barros had recourse to the learning of his friend Antonio Luiz, when he

pondo o seu *Dialogo da uiçiosa Vergonha*, que foi impresso por Luiz Rodrigues em 1540:

"E era tanta a diligencia que fazia para estar bem inteirado das cousas que hauia de tratar, que pedio ao Doutor Antonio Luis grãde Medico, & Filosofo daquelle tempo, que lhe desse o que nesta materia da vergonha tocaua â Filosofia natural, pera com toda a perfeição & certesa poder tratar de seus naturaes principios, ainda que o tratado era moral" (Manoel Severim de Faria, *Discursos Varios Politicos—Vida de Ioão de Barros*—1624, fl. 34).

Antonio Luiz tem um logar distincto entre os scientistas Portuguezes do seculo XVI, diremos mesmo muito especial, pois, cem annos antes do nascimento de Newton, estudava a lei da attracção universal, no seu livro *De Occultis Proprietatibus* (1540, *Liber secundus, Prohemium*, fl. 16):

"Latissimè autem hæc attractrix facultas patet in seminibus, in plãtis, in metallis, in animalibus. Et deniq; ausim affirmare attractricem quandam facultatem, per omnem naturã diffusam esse, quæ singula nexu indissolubili deuinciat. Nec enim aliquam rem reperire quis facilè possit, quæ non ad aliam quampiam: uel amicam familiaritatem habeat, uel naturæ communione non diffideat, ex qua conuenientia, uel disconuenientia attractiones fieri docebimus. Per hanc uirtutẽ mundus ipse connectitur, & mundi partes inuisibilibus nodis: quamuis longissimè distantes, nê diffluant continentur" (ver Maximiano Lemos, *Historia da Medicina em Portugal*, t. I, pp. 304–312, e Joaquim Bensaude, *Histoire de la science nautique portugaise*, 1917, pp. 12 e 92).

Antonio Luiz, nascido em Lisboa, provavelmente no ultimo quartel do seculo XV, estudou, segundo consta, em Salamanca; depois, residiu durante bastante tempo na Capital. Segundo Barbosa (*loc. cit.*), recebeu as insignias doutoraes na faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, onde foi professor, tomando conta da cadeira a 4 de Março de 1547. Possuia uma vastissima e variada sciencia, e, como diz Maximiano de Lemos, era

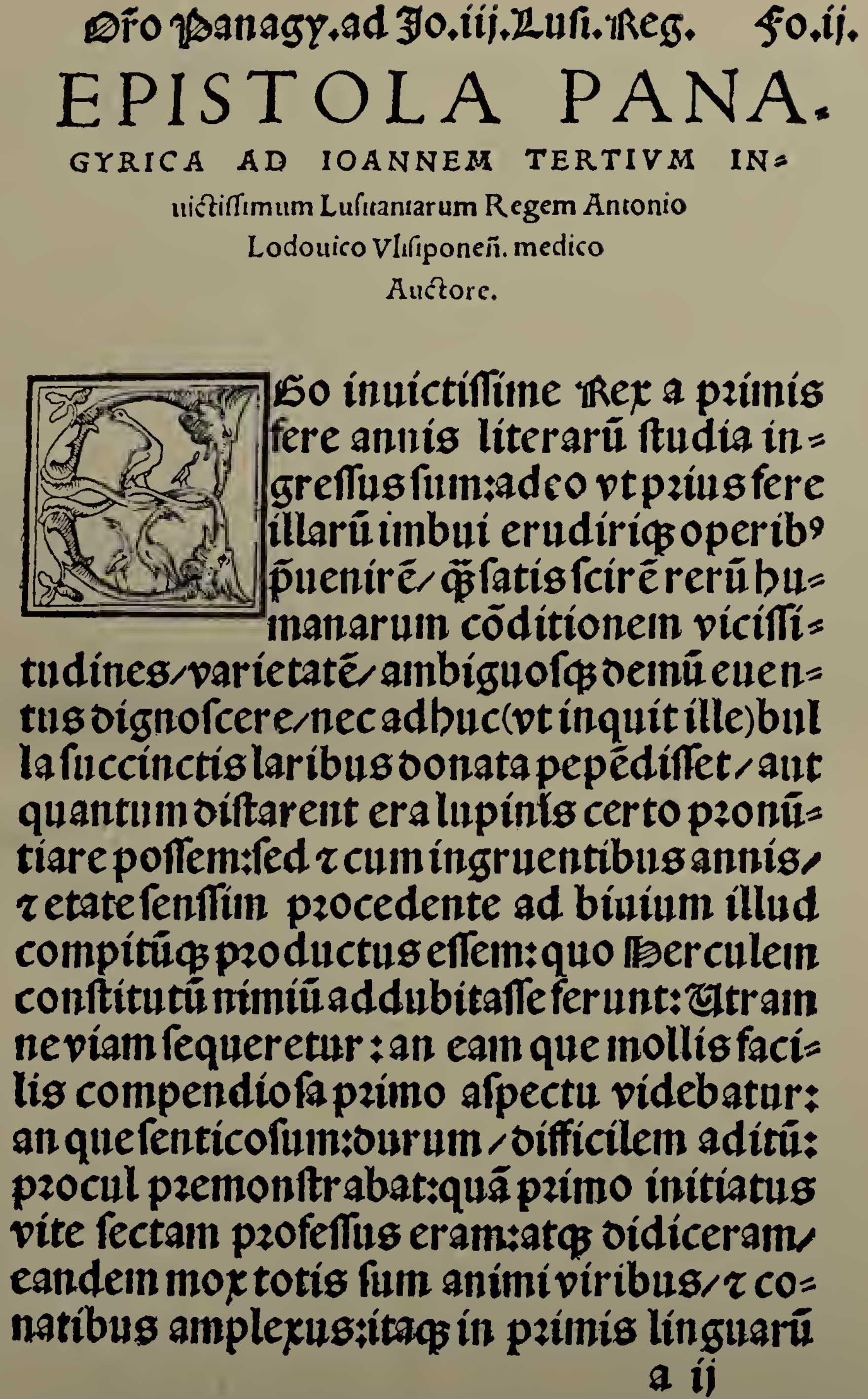
was writing his *Dialogo da uiçiosa Vergonha*, printed by Luiz Rodrigues in 1540:

"And he made such diligent efforts to become perfectly acquainted with the things of which he had to write, that he asked Doctor Antonio Luis, a great physician and philosopher of that time, to tell him what there was touching natural philosophy in this matter of pudency, so that he would be able to treat of its natural principles with all perfection and certainty, even though the treatise was a moral one" (Manoel Severim de Faria, *Discursos Varios Politicos—Vida de Ioão de Barros*—1624, fl. 34).

Antonio Luiz holds a very special place among the Portuguese scientists of the XVIth century, for, a hundred years before the birth of Newton, he studied the law of universal attraction, in his book, *De Occultis Proprietatibus* (1540, *Liber secundus, Prohemium*, fl. 16):

Latissimè autem hæc attractrix facultas patet in seminibus, in plãtis, in metallis, in animalibus. Et deniq; ausim affirmare attractricem quandam facultatem, per omnem naturã diffusam esse, quæ singula nexu indissolubili deuinciat. Nec enim aliquam rem reperire quis facilè possit, quæ non ad aliam quampiam: uel amicam familiaritatem habeat, uel naturæ communione non diffideat, ex qua conuenientia, uel disconuenientia attractiones fieri docebimus. Per hanc uirtutẽ mundus ipse connectitur, & mundi partes inuisibilibus nodis: quamuis longissimè distantes, nê diffluant continentur" (see Maximiano Lemos, *Historia da Medicina em Portugal*, vol. I, pp. 304–312, and Joaquim Bensaude, *Histoire de la science nautique portugaise*, 1917, pp. 12 and 92).

Antonio Luiz, who was born in Lisbon, probably during the last quarter of the XVth century, appears to have studied in Salamanca: he afterwards lived in Lisbon for a considerable period. According to Barbosa (*loc. cit.*) he became a Doctor of Medicine at Coimbra University, where he was awarded a professorship on March 4th, 1547. He was a man of extensive and varied erudition and, as Maximiano Lemos says, was



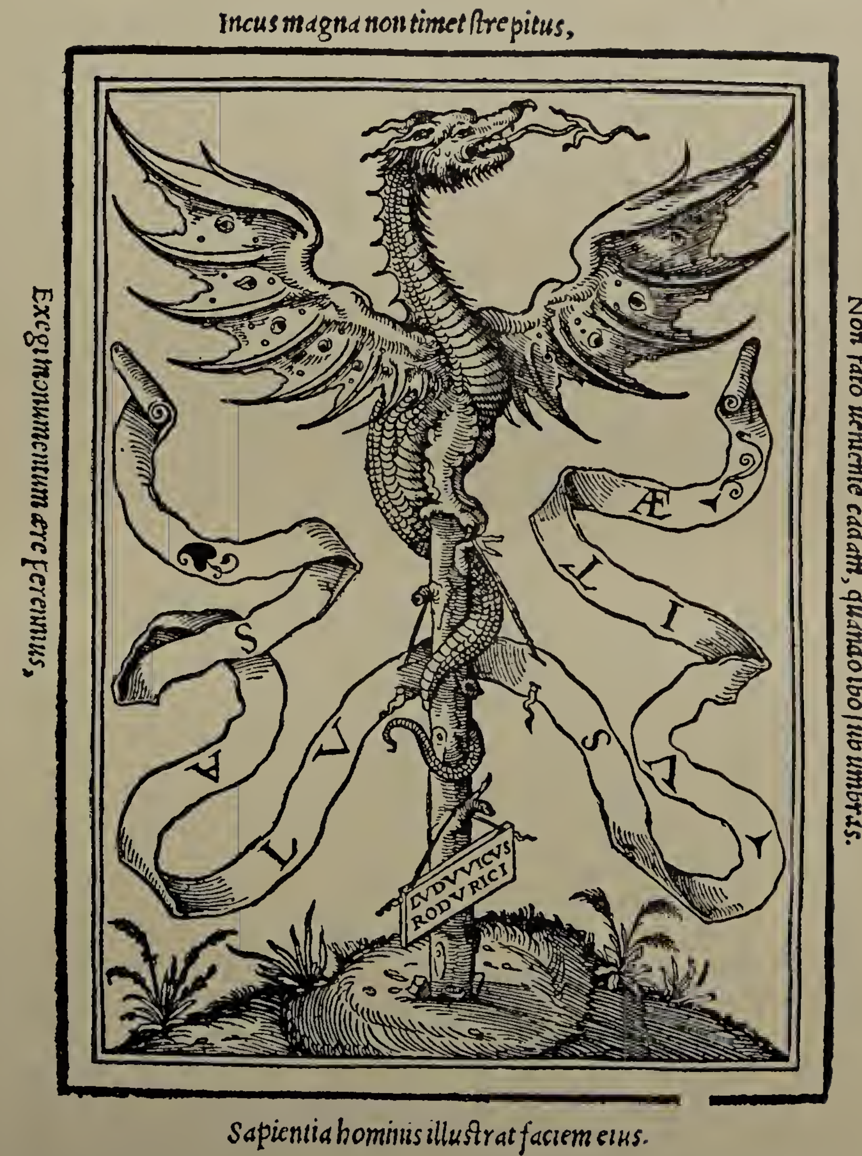
Oṙo Panagy.ad Jo.iij.Lusi.Reg. Fo.ij.

EPISTOLA PANA.
GYRICA AD IOANNEM TERTIVM IN=
uictissimum Lusitanarum Regem Antonio
Lodouico Vlisiponeñ. medico
Auctore.

Ego inuictissime Rex a primis fere annis literarũ studia ingressus sum: adeo vt prius fere illarũ imbui erudiriq; operib9 puenire/ q̃ satis scire rerũ humanarum cõditionem vicissitudines/ varietatẽ/ ambiguosq; demũ euentus dignoscere/ nec adhuc (vt inquit ille) bulla succinctis laribus donata pepẽdisset/ aut quantum distarent era lupinis certo pronũtiare possem: sed & cum ingruentibus annis/ & etate sensim procedente ad biuium illud compitũq; productus essem: quo Herculem constitutũ nimiũ addubitasse ferunt: Utram ne viam sequeretur: an eam que mollis facilis compendiosa primo aspectu videbatur: an que senticosum: durum/ difficilem aditũ: procul premonstrabat: quã primo initiatus vite sectam professus eram: atq; didiceram/ eandem mox totis sum animi viribus/ & conatibus amplexus: itaq; in primis linguarũ

a ij

217 Pagina da *Panagyrica Oratio* de Antonio Luiz
Page of the *Panagyrica Oratio* of Antonio Luiz
Lisboa, 1539



218 Marca do impressor da *Panagyrica Oratio* de Antonio Luiz
Printer's mark from the *Panagyrica Oratio* of Antonio Luiz
Lisboa, 1539

"em Portugal o representante d'aquelles hellenistas que fizeram o movimento da renascença pela erudição. Como é geralmente sabido, o conhecimento da lingua grega era rarissimo no Occidente e andavam de mão em mão commentarios adulterados e infieis; a affluencia á Italia dos sabios de Constantinopla tornou possivel a revisão dos textos, que assim se depuraram dos erros de que andavam pejados. Ora Antonio Luiz, versadissimo nas linguas grega e latina, póde estudar Galeno, Hippocrates e Aristoteles no original e foi certamente este o seu papel na reforma universitaria de D. João III" (*Amato Lusitano*, p. 48).

A *Panagyrica Oratio*, dirigida a D. João III, é o elogio dos feitos Portuguezes, descriptos n'uma linguagem sonora, e em cada linha, póde dizer-se, ao lado da erudição de Antonio Luiz, sente-se o seu patriotismo, ao narrar as extraordinarias viagens e os admiraveis descobrimentos dos Portuguezes. É uma obra pouco conhecida, cujo interesse é motivado especialmente pelo seu auctor, um illustre professor, e, sem duvida, um scientista eminente do seculo XVI.

"the Portuguese representative of those hellenists who were the prime movers in the renaissance of learning. As it is generally known, knowledge of the Greek tongue was very rare in the West, and adulterated and untrustworthy commentaries were passed from hand to hand; the concourse in Italy of scholars from Constantinople rendered it possible to revise the texts, which were thus purged of the mistakes with which they had been encumbered. Now Antonio Luiz, who was thoroughly versed in the Greek and Latin tongues, was able to study Galen, Hippocrates and Aristotle in the original, and this was certainly his part in Dom João III's university reform" (*Amato Lusitano*, p. 48).

The *Panagyrica Oratio*, addressed to Dom João III, is a eulogy of the Portuguese achievements. The work is written in a language of sonorous beauty, and it may be said that, besides showing his erudition, every line makes one feel the author's love for his country and patriotic pride in narrating the story of the extraordinary voyages and magnificent discoveries of the Portuguese heroes. It is a very rare work, which is chiefly interesting on account of its author, a famous professor and eminent scholar of the XVIth century.



219 Folha do rosto das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel.* Title-page of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Sevilha, 1539

39 ORDENAÇOÊS D'EL-REI D. MANUEL.
Sevilha, João Cronberger, 1539.

LIVRO PRIMEIRO.

O primeiro liuro das ordenaçoẽs.

Titulo no pé da pagina, que é quasi inteiramente occupada por uma gravura que representa o escudo das Armas Reaes, com um grypho no timbre e enquadrado por tarjas ornadas de Espheras armillares, figuras e folhagens. (Esta pagina é a reimpressão da folha do rosto da edição das Ordenações *de 1521.)*[1]

[fl. 1 vo.]

Alvará de privilegio, datado de 17 de Junho, 1533[2].

[fl. 2] Prologo. | DOm Manuel ꝑ graça de ds rey | de Portugal: [...]

[fl. 2 vo.] Seguese atauoada deste primeyro | liuro das ordenaçoẽs. [...]

[fl. 4] [...] Fim da tauoada.

fl. j. In nomine dñi nostri Iesu xp̃i. | Começa op̃meiro liuro das ordenaçoẽs. | Titulo primeiro [...]

fl. clx. [...] Fim. | Aqui acaba op̃meiro liuro | das ordenaçoẽs. Foi impresso em | ha çidade de Seuilla em ca | sa de Iuã crõberger.

LIVRO SEGUNDO.

[fl. 1] Seguese atauoada deste segundo li- | uro das ordenaçoẽs. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Fim da tauoada deste segundo liuro.

fl. j. Aqui começa o segundo liuro. | Titulo primeiro [...]

fl. lxix vo. [...] Fim.

[fl. 1] Aqui acaba o segundo liuro | das ordenaçoẽs. Foy impresso em a | muyto nobre ⁊ muyto leal çida- | de de Seuilla en casa de | Iuan crõberger.

Registro[3].

LIVRO TERCEIRO.

O terceiro liuro das ordenaçoẽs.

Por cima, escudo e tarjas eguaes ás do primeiro livro[4].

[fl. 1 vo.] Seguese a tauoada deste terçeiro li- | uro das ordenaçoẽs. [...]

[1] *Title at the foot of the page, which is almost entirely taken up by a woodcut of the Royal Arms of Portugal with a griffin crest within a border of woodcuts ornamented with armillary Spheres, figures and foliage. (This page is a reimpression of the title-page of the 1521 edition of the* Ordenações.)

[2] *Letters patent dated June 17th, 1533.*

[3] *Register.*

[4] *Above are the Royal Arms of Portugal surrounded by a woodcut border like the one in the first book.*

[fl. 3 vo.] [...] Fim da tauoada do terçeiro liuro.

fl. j. O terçeiro liuro das ordenaçoẽs. | Titulo primeiro [...]

fl. xcvj vo. [...] Fim. | Aqui acaba oterceiro liuro | das ordenaçoẽs. Foi impresso em ha | muyto nobre ꝛ leal cidade de | Seuilla en casa de Ioan | crõberger.

LIVRO QUARTO.

[fl. 1] Segue se atauoada deste quarto liuro. [...]

[fl. 2 vo.] [...] Fim da tauoada.

fl. j. Começa oquarto liuro. | Titulo primeiro [...]

fl. lxv vo. [...] Fim.

[fl. 1] Aqui acaba oquarto liuro | das ordenaçoẽs. Foi impresso em a | muyto nobre ꝛ muyto leal çi- | dade de Seuilla en casa ꝺ | Iuan cronberguer.

Registro[1].

LIVRO QUINTO.

[fl. 1] Seguese a tauoada deste quinto li- | uro das ordenaçoẽs. [...]

[fl. 4] [...] Fim da tauoada.

[fl. j] Começa oquinto liuro das ordenaçoens. | Titulo primeiro [...]

fl. xcviij.

Alvará com assignaturas autographas de Pero Jorge e Christovão Estevez[2].

fl. xcviij vo. Aqui acaba o quinto liuro das | ordenações. Foy impresso em ha cidade de Lix | boa por Iacobo crõberguer alemão: aos | onze dias do mes de Março. An- | no de mil ꝛ quinhentos | ꝛ. xxj. annos. | Deo gratias. | Terceyra impressam. M.D.xxxix. annos.

[fl. 1] E porque nesta impressam destes | cinco liuros por culpa do ympressor vay em algũas partes huũa | letra por outra: ꝛ aas vezes hũa letra sobeja ou mingoada. E por | nom serem de tanta substancia pera se de todo auer de tirar huũa | folha ꝛ poer outra: se declarã aqui os erros das ditas letras nos | lugares que mudão a significaçam por tirar duuidas. E sam as | seguintes. [...]

Folio—Liv. I [4], clx folhas; Liv. II [2], lxix, [1] folhas; Liv. III [4] (a ultima em branco), xcvj folhas; Liv. IV [2], lxv, [1] folhas; Liv. V [4], xcviij, [2] folhas—38 linhas—caractéres gothicos—sem reclamos.

Numeração dos cadernos: Liv. I: A, 4 folhas; a–v, 8 folhas cada caderno; total de 164 folhas.

Folio—Book I contains [4], clx leaves; Book II [2], lxix, [1] leaves; Book III [4] (the last blank), xcvj leaves; Book IV [2], lxv, [1] leaves; Book V [4], xcviij, [2] leaves—38 lines—Gothic letter—no catchwords.

Collation by signatures: Book I: A, 4 leaves; a–v, each 8 leaves; total 164 leaves; Book II: 2 un-

[1] *Register.*

[2] *Letters patent with autograph signatures of Pero Jorge and Christovão Estevez.*

Liv. II: 2 folhas sem paginação nem assignaturas; aa–gg, 8 folhas cada caderno; hh, 10 folhas; ii, 4 folhas; total de 72 folhas. Liv. III: A, 4 folhas; aaa–mmm, 8 folhas cada caderno; total de 100 folhas. Liv. IV: AAA, 2 folhas; aaaa–gggg, 8 folhas cada caderno; hhhh, 10 folhas; total de 68 folhas. Liv. V: ✠, 4 folhas; A–L, 8 folhas cada caderno; M, 10 folhas; 2 folhas sem paginação nem assignaturas; total de 104 folhas.

Encadernação de carneira.

numbered leaves without signature marks; aa–gg, each 8 leaves; hh, 10 leaves; ii, 4 leaves; total 72 leaves. Book III: A, 4 leaves; aaa–mmm, each 8 leaves; total 100 leaves. Book IV: AAA, 2 leaves; aaaa–gggg, each 8 leaves; hhhh, 10 leaves; total 68 leaves. Book V: ✠, 4 leaves; A–L, each 8 leaves; M, 10 leaves; 2 unnumbered leaves without signature marks; total 104 leaves.

Sheepskin binding.

Já nos occupámos detalhadamente das *Ordenações* d'El-Rei D. Manuel nas nossas notas sobre as edições de 1514 e 1521, a primeira sahida dos prelos de João Pedro Bonhomini de Cremona em Lisboa, a segunda impressa em Evora e Lisboa por Jacob Cronberger.

Esta edição de 1539 é, salvo ligeiras variantes na orthographia e algumas differenças nas lettras capitaes, uma reimpressão da de 1521. Não teria, pois, um interesse especial—alem da sua raridade—se não tivesse sido impressa em Sevilha, por motivos que, se os suspeitamos, na realidade ignoramos. Como vimos, El-Rei D. Manuel mandou, em Março de 1521, destruir a "impreſſam velha" de 1512, 1513, e 1514, sendo, poucos dias depois, publicada a edição impressa por Jacob Cronberger, a primeira, segundo a nova compilação, das leis do Reino. Até aqui, a questão é simples; depois complica-se; mas, quem desejar estudar a historia das differentes edições das *Ordenações*, encontrará informações—nem sempre muito claras—nos seguintes auctores: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, t. II, p. 733), Innocencio (*Diccionario*, t. VI, p. 326 e t. XVII, 10º do *Supplemento*, pp. 121–128), Brito Aranha (*A Imprensa em Portugal nos seculos* XV *e* XVI—*As Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, especialmente

We have already made a detailed study of King Manuel's laws in our notes on the edition of the *Ordenações* printed by João Pedro Bonhomini de Cremona in 1514, and on the one printed by Jacob Cronberger in Evora and Lisbon in 1521.

This edition of 1539 is, except for some slight variations in the spelling and a few differences in the capital letters, a reimpression of the 1521 issue. It would not, therefore, have any particular interest, apart from its rarity, had it not been printed in Seville, for reasons which, though we may guess at them, we cannot definitely ascertain. As we have seen, in March 1521, King Manuel commanded the "old edition" of 1512, 1513 and 1514 to be destroyed; and a few days later the edition printed by Jacob Cronberger was published, and became the first edition of the new compilation of the laws of the kingdom. Thus far the matter is simple and straightforward; but it soon becomes more complicated; to those desiring to study the history of the different editions of the *Ordenações* we would say that the following are among the authors who give information—not always of the clearest—on the subject: Barbosa (*Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 733), Innocencio (*Diccionario*, vol. VI, p. 326 and vol. XVII, 10th of the *Supplement*, pp. 121–128), Brito Aranha (*A Imprensa em Portugal nos seculos* XV *e* XVI—*As Ordenações d'El-Rei D. Manuel*, especially pp.

pp. 21–22), Tito de Noronha (*Ordenações do Reino*, 1871 e 1873), Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, n°s 532, 534, 556, 672, 712, e *Supplemento* nº 11). Segundo Tito de Noronha (*ob. cit.* ed. 1873, pp. 63–66), e parece-nos com razão, a edição das *Ordenações* impressa por Germão Galharde em 1526 é apocrypha; o ter-se attribuido essa data a uma edição das *Ordenações*, foi, muito provavelmente, devido ao facto de, mais de uma vez, a *Ordenaçam da Ordem do Juizo*, impressa por Galharde em 1526, se encontrar appensa á edição das *Ordenações* de 1521 estampada por Jacob Cronberger, como acontece ao magnifico exemplar que possuimos d'essa edição. Tendo sido provada a existencia de uma edição das *Ordenações* impressa por Germão Galharde em 1533 (ver Tito de Noronha, *ob. cit.* pp. 66–76), a questão torna-se mais simples, e fica claramente determinada a successão das edições da nova compilação, o que explica, *ipso facto*, a inscripção "Terceira impressam de 1539" no fim d'esta edição publicada por João Cronberger. Contudo, o privilegio para a reimpressão das *Ordenações* de 1521 tinha sido dado por D. João III ao seu livreiro Luiz Rodrigues em 1533, e não a Germão Galharde, impressor Regio desde 1530. O alvará que se lê nas *Ordenações* de 1533 diz:

"EU elrey faço ſaber a quãtos eſte meu aluara virem que por ſaber que dos liuros das ordenaçoẽs que elrey meu ſenhor ⁊ padre que ſancta gloria aja: mandou emprimir nam auia ja ninhuũs pera vender. E q̃ muytas partes tinhã neceſſidade de as auer: ⁊ as nam achauã. Mandey que Luys rodriguez meu liureyro empremiſſe outras taes como as que ho dito ſenhor fez de verbo averbo ſem mudar nem acreçentar: nem tirar ninhũa palaura nem letra...eſſas podera o dito Luys rodriguez vẽder per ſi ou per quem elhe ordenar....E eſte meu aluara ſera treladado no começo das ditas ordenaçoens....Euora ade-

21–22), Tito de Noronha (*Ordenações do Reino*, 1871 and 1873), Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nos. 532, 534, 556, 672, 712 and *Supplement* no. 11). We consider that Tito de Noronha is right when he says (*op. cit.* 1873, pp. 63–66) that the edition of the *Ordenações* printed by Galharde in 1526 is apocryphal; that an edition with this date was considered to exist, may be attributed to the fact that the *Ordenaçam da Ordem do Juizo*, printed by Galharde in 1526, has more than once been found at the end of the 1521 edition of the *Ordenações* printed by Jacob Cronberger, as is, indeed, the case with our own magnificent copy of that edition. When it has been proved that Germão Galharde printed an edition of the *Ordenações* in 1533 (see Tito de Noronha, *op. cit.* pp. 66–67), the question becomes easier to understand and the sequence of the editions of the new compilation is clearly established, and the reason for the inclusion of the words "Third impression of 1539" in this 1539 edition is explained *ipso facto*. In 1533 the privilege to make a reimpression of the *Ordenações* was given by Dom João III, not to Germão Galharde, who had been printer to the King since 1530, but to Luiz Rodrigues. The Royal charter, which is printed at the beginning of the *Ordenações* of 1533, reads:

"I, the King, make known to as many as shall see these my letters patent, that as I had learned that already there were no copies left for sale of the books of laws printed by command of the King my Lord and father, to whom be holy glory, and that many places needed to have them and could not obtain them, I commanded that my bookseller Luys Rodriguez should print some more like the ones made by the said Lord, word for word and without altering, adding or omitting any word or letter whatsoever...these laws may be sold by the said Luys Rodriguez himself or by whomever he may designate....And these my letters patent shall be transcribed at the beginning of the said *ordenaçoens*....Evora, on the seventeenth

zafete dias de Iunho de mill ꝛ quinhentos ꝛ trinta ꝛ tres."

N'esse anno, Luiz Rodrigues não tinha ainda typographia, e a edição ordenada pelo Soberano foi impressa em casa de Germão Galharde, servindo-se o livreiro de D. João III do privilegio que lhe havia sido concedido. Passados seis annos, esgottou-se a edição de 1533, e, sendo necessaria uma nova impressão, Luiz Rodrigues, ainda com a auctoridade do alvará de D. João III, mandou, em 1539, imprimir em Sevilha uma outra edição, que foi estampada nos prelos de João Cronberger, sendo o alvará egualmente "treladado no começo das ditas ordenaçoens" de 1539. O facto d'esta edição ter sido impressa em Sevilha, quando havia impressores em Portugal —o proprio Galharde que publicára a edição de 1533—é um mysterio. A esse respeito escreve Tito de Noronha (*ob. cit.* p. 88):

"Parecerá talvez extraordinario que fe mandaffe fóra do reino fazer a edição, principalmente fabendo-fe que Luiz Rodrigues teve prelos. Efte impreffor, porém, fó abriu officina em 1539, e provavelmente depois da edição feita."

Como dissemos, ignoramos os motivos porque se mandou imprimir fóra do Reino as *Ordenações* de 1539: quem souber ou poder, que os explique; mas suspeitamos uma razão que é admissivel. As *Ordenações* de 1521 tinham sido publicadas, ainda em vida d'El-Rei D. Manuel, por Jacob Cronberger, que havia sido chamado de Sevilha para esse fim; Cronberger já tinha visitado Portugal em 1508 (ver as nossas notas sobre as *Ordenações* de 1521); por consequencia, esse illustre "imprimidor" allemão estivera duas vezes em Portugal, não nos parecendo haver duvidas que a primeira visita tivera logar por ter sido convidado para imprimir a primeira edição das *Ordenações*, que, contudo, não estavam promptas, n'essa epocha, para entrar no prelo. Mas D. Manuel não esqueceu Jacob Cronberger que, em 1521, foi novamente convidado a imprimir a primeira edição da nova compilação. Em 1533, por

day of June of one thousand, five hundred and thirty-three."

At that time Luiz Rodrigues was not yet the proprietor of a printing-press, so he availed himself of the privilege granted by Dom João III and had the edition printed by Germão Galharde. Six years later it was necessary to make still another edition, as the 1533 one was exhausted; so Luiz Rodrigues, who still held Dom João III's letters patent, ordered João Cronberger to print the *Ordenações* in Seville in 1539, and in this edition, as in the earlier one, the letters patent were transcribed. Why this edition was printed in Seville, when there were other printers in Portugal—including Galharde who had printed the 1533 issue—is a mystery. Tito de Noronha (*op. cit.* p. 88) says:

"It may perhaps seem extraordinary that the edition was ordered to be made outside the kingdom, especially considering that Luiz Rodrigues had a printing-press. This printer did not, however, start his press until 1539, and probably not until after the edition was finished."

As we have stated, we do not know why the *Ordenações* were sent out of the kingdom to be printed in 1539—whoever is able to furnish an explanation let him do so; but we suspect a possible reason. The *Ordenações* of 1521 had been published in King Manuel's lifetime, by Jacob Cronberger, who had been summoned from Seville for that purpose; Cronberger had already visited Portugal in 1508 (see our notes on the 1521 *Ordenações*); the famous *imprimidor* had therefore been in Portugal twice and there seems to us no doubt that his first visit had been in response to an invitation to print the first edition of the *Ordenações*, which were not, however, ready for publication at that time. But King Manuel did not forget Jacob Cronberger, and in 1521 he was asked to print the first edition of the new compilation. In 1533, for some reason or other, Luiz Rodrigues ordered the edition "that

¶ Começa o quinto liuro das ordenaçoens.

¶ Titulo primeiro Da ordem que o julguador tera nos feytos crimes.

DEſpois que alguũ for preſo: nõ ſera ſolto: a menos que a parte a cujo requerimento for preſo: ou a quem a acuſaçã pertẽçer: seja citada: a qual çitaçam ſe fara: segundo forma d noſſas ordenaçoẽs. E deſpoys que for çitada: mandara o juiz ao acuſador: q̃ venha cõ libelo: cõtra ho reo: do qual lhe ſera dado a viſta: pera lhe reſponder: ⁊ aleguar por ſua parte algũas excepçoẽs ſe as teuer ⁊ quiſer. E pronũçiando ſobre ho libelo: mande ao acuſador que cõteſte: neguando: ou cõfeſſando: ⁊ nõ querẽdo conteſtar: o juiz conteſte por ele por neguaçã: ⁊ ſe o reo cõteſtar por cõfiſſam: o juyz julgue ⁊ determine o feito ſegũdo vijr que he juſtiça ⁊ ſe o neguar: mandelhe que venha cõ ſeus artiguos de contrariedade: ou defeſa: aſſinandolhe pera elo termo conueniẽte: ⁊ ſe nõ vier no termo q̃ lhe for aſſinado dara luguar a aproua: ſem lhe pera elo ſerẽ aſſinados mais termos: porẽ ſe no dito termo q̃ lhe aſſi foy aſſinado ele vier cõ ela: ⁊ lhe nõ for reçebida: por nom ſer em forma pera reçeber: ⁊ ele a quiſer correger: podelo a fazer: ⁊ ſe a correger: ⁊ yſſo meſmo lhe nom for reçebida: ⁊ pedir outro terceiro termo pera a correger: ou vijr com outra: ſerlhe a dado: ⁊ nom a corregendo da terceira vez: nõ lhe ſera mays reçebida a dita contrariedade: nem dado mais termo pera elo. E pera a contrariedade ſer reçebida: a deue fazer em artiguos que dereytamente ſejam contrairos aos da acuſaçam principal: ⁊ neçeſſariamente concrudam a eles cõtrariedade: porque em outra guiſa nom ſera de receber: pode ſe poer exemprо por eſta guiſa: huũ homẽ he acuſado: que matou outro na çidade de Lixboa na rua noua em huũ dia de paſcoa aas dez horas do dia: ſe ele quer fazer a eſta acuſaçã contrariedade: deue dizer em ela: q̃ aquele dia d paſcoa ⁊ em aquela ora em que o artiguo da acuſaçã diz que ele matou o dito homẽ: ele eſtaua em alãquer: ou em torres vedras: ou em outro luguar tam remoto ⁊ alõguado da dita çidade: que por ninhũa guiſa ele

A

220 Pagina do Livro V das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Page of Book V of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Sevilha, 1539



221 Lettras capitaes das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Initials from the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Sevilha, 1539

¶ Aqui acaba o p̄meiro liuro
das oꝛdenaçoés. Foi impꝛeſſo em
ha çidade de Seuilla em ca
ſa de Juã crõberger.
(.:.)(.:.)

222 Colophon do Livro I das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book I of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Sevilha, 1539

¶ Aqui acaba o ſegundo liuro
das oꝛdenaçoés. Foy impꝛeſſo em a
muyto nobꝛe ⁊ muyto leal çida-
de de Seuilla en caſa de
Juan cróberger.
.:. .:.
.:.

a b c d e f g h i. Todos ſom quadernos/
ſaluo h que he quinterno: ⁊ i que he duerno.

223 Colophon e registro do Livro II das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon and register of Book II of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Sevilha, 1539

¶ Aqui acaba o terceiro liuro
das ordenaçoẽs. Foi impresso em ha
muyto nobre ⁊ leal cidade de
Seuilla en casa de Joan
crõberger.:.

224 Colophon do Livro III das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book III of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Sevilha, 1539

¶ Aqui acaba o quarto liuro
das ordenaçoẽs. Foi impresso em a
muyto nobre ⁊ muyto leal ci-
dade de Seuilla en casa d
Juan cronberguer.
(.:.)(.:.)
(.:.)

aaaa bbbb cccc dddd eeee ffff gggg hhhh

¶ Todos sam quadernos saluo .h.
que he quinterno.

225 Colophon e registro do Livro IV das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon and register of Book IV of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Sevilha, 1539

¶ Aqui acaba o quinto liuro das
ordenações. Foy impresso em ha cidade de Lix
boa por Jacobo crõberguer alemão: aos
onze dias do mes de Março. An-
no de mil ⁊ quinhentos
⁊ .xxj. annos.
(.:.)

Deo gratias.

Terceyra impressam. M.D.xxxix. annos.

226 Colophon do Livro V das *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Colophon of Book V of the *Ordenações d'El-Rei D. Manuel*
Sevilha, 1539

qualquer motivo, Luiz Rodrigues mandou imprimir a edição, "que muytas partes tinhã neceſſidade de auer z nam achauã," em casa de Germão Galharde, o unico "imprimidor" que, então, tinha officina em Lisboa. Esgottada essa edição, era necessaria outra: talvez Luiz Rodrigues, que possuia o alvará de privilegio, descontente com Galharde, ou o proprio D. João III, pouco satisfeito com a edição de 1533, pensasse em João Cronberger, filho ou parente proximo de Jacob, que havia sido escolhido por D. Manuel como impressor das *Ordenações*. Em conclusão, o motivo da edição de 1539 ter sahido da typographia de João Cronberger em Sevilha, não seria a consequencia da edição das *Ordenações* de 1521 ter sido impressa por Jacob Cronberger em Lisboa e Evora? Parece-nos uma hypothese plausivel. Em 1539, Luiz Rodrigues abriu officina, como veremos ao examinar a sua impressão do *Regimento dos Contadores das Comarcas*.

Como dissemos, esta edição das *Ordenações* é, salvo as ligeiras differenças que indicámos, uma reimpressão da edição de 1521, mas muito menos apurada. No colophon do Livro I está escripto: "Aqui acaba o p̃meiro liuro das ordenaçoẽs. Foi impreſſo em ha çidade de Seuilla em caſa de Iuã crõberger." Os colophons dos Livros II, III e IV são, póde dizer-se, identicos. Mas o colophon do Livro V é a reproducção do colophon do Livro V da edição de 1521, com as palavras: "Terceyra impreſſam. M.D.xxxix. annos." Nos reclamos das duas folhas innumeradas das erratas, repete-se novamente a declaração "Terceira impreſſam de. 1539."

D'esta obra, sem duvida curiosa, existe um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa (ver Anselmo e Proença, *ob. cit.* nº 534), e Tito de Noronha (*ob. cit.* p. 91) diz-nos existirem dois exemplares na Bibliotheca da Universidade de Coimbra e um na Bibliotheca do Porto: a essa lista, devem junctar-se o exemplar do Museu Britannico e os dois da nossa Bibliotheca.

many places needed to have and could not obtain" to be printed by Germão Galharde, then the only printer at work in Lisbon. In 1539 it again became necessary to reprint the *Ordenações*; and either Luiz Rodrigues, who held the Royal charter of privilege, or King João III himself, perhaps dissatisfied with Galharde and the 1533 edition, must have thought of João Cronberger, son or near relation of the Jacob who had been chosen by Dom Manuel to print the *Ordenações*. Is it not therefore very probable that the 1539 edition of the *Ordenações* was printed in Seville by João Cronberger, because the 1521 edition had been printed in Lisbon and Evora by Jacob Cronberger? It seems to us a very plausible hypothesis. That Luiz Rodrigues himself started to print in 1539 we shall see in our study of the *Regimento dos Contadores das Comarcas*.

As we have said, this edition of the *Ordenações* is, except for the slight differences we have indicated, a reimpression of the 1521 edition, though much less carefully printed. The colophon of Book I reads: "Here ends the first book of the *ordenações*. It was printed in the city of Seville in the house of Juã Crõberger." The colophons of Books II, III and IV are similar, but Book V contains a reproduction of the colophon of Book V of the 1521 edition, with the words: "Terceyra impreſſam. M.D.xxxix. annos" (third impression, 1530). This declaration is repeated at the foot of the two unnumbered leaves of errata.

There is a copy of the book—which is certainly not without interest—in the Lisbon National Library (see Anselmo and Proença, *op. cit.* no. 534), and Tito de Noronha (*op. cit.* p. 91) cites two copies in the Coimbra University Library and one in the Oporto Library: to this list must be added the copy in the British Museum and the two in our Library.



Regimento de como os contado res das comarcas hã de prouer sobre as capellas : ospitaaes : albregarias:cõfrarias:gafarias:obras:terças:e residos :no- uamẽte ordenado : e copillado pello muyto alto e muyto poderoso Rey dom Manuel nosso senhor. E per especial mandado de sua Alteza Johã Pedro de bonhomini de Cremona ho mandou emprimir.

Com priuilegio.

227 Folha do rosto do *Regimento dos Contadores das Comarcas*
Title-page of the *Regimento dos Contadores das Comarcas*
[Lisboa, 1539?]

40 REGIMENTO DOS CONTADORES DAS COMARCAS.
[Lisboa], Luiz Rodrigues, [1539?].

REgimento de como os contado | res das comarcas hã de prouer ſobre as capellas: oſpitaaes: | albregarias: cõfrarias: gafarias: obras: terças: ⁊ reſidos: no- | uamẽte orde- nado: ⁊ copillado pello muyto alto ⁊ muyto poderoſo Rey | dom Manuel noſſo ſenhor. E per eſpecial mandado de ſua Alteza Iohã | Pedro de bonhomini de Cremona ho mandou empremir. | Com priuilegio.

Por cima, enquadrados por tarjas, d'um lado o escudo das Armas Reaes, do outro a Esphera armillar com as lettras C.A.D.A.T.G. *na ecliptica e por baixo a legenda*[1]: SPERA IN. DEO. ET. FAC BONITATEM.

[fl. 1 vo.] Tauoada do regimento | das capellas ⁊ oſpitaaes. [...]

[fl. 4 vo.] [...] Fim da tauoada.

[fl. 5 vo.]

O escudo e Esphera armillar do rosto tambem enquadrados por tarjas[2].

[fl. 6]

Enquadrada por tarjas[3]:

Prologuo. | DOm Manuel per graça de Deos Rey | de Portugal ⁊ dos Alguarues [...]

[fl. 1]

Enquadrada por tarjas[3]:

Aqui ſe começa o regi- | mento ⁊ maneira de q̃ os contadores das | obras terças ⁊ reſidos ham de pro- | uer: nas capelas ⁊ eſpritaaes. | Titulo primeiro [...]

[fls. 1 vo., 8 e 8 vo.]

Enquadradas por tarjas[3].

fl. lviij. [...] Dada em ha no | ſa çidade de Lixboa. a. xxvij. dias do mes de ſetem- | bro: Andre pirez o fez: anno do naſcimento de noſſo ſe- | nhor Iheſu Chriſto de mil ⁊ quinhentos ⁊ quatorze an- | nos.

Marca do impressor—Luiz Rodrigues[4].

Folio—[6], [8] ix–lviij folhas—34 linhas—sem titulos correntes nem reclamos.

Numeração dos cadernos: a, 6 folhas; a–f, 8 folhas cada caderno; g, 10 folhas; total de 64 folhas; a primeira folha do segundo caderno assignado "a" tem assignatura b.

Encadernado de marroquim azul.

Folio—[6], [8] ix–lviij leaves—34 lines—no headlines nor catchwords.

Collation by signatures: a, 6 leaves; a–f, each 8 leaves; g, 10 leaves; total 64 leaves; the first leaf of the second quire signed "a" is marked b.

Bound in blue morocco.

[1] *Above the title and within a border of woodcut vignettes, are the Royal Arms of Portugal on one side, and on the other the armillary Sphere with the letters* C.A.D.A.T.G. *on the ecliptic, and the legend:*

[2] *The same coat of arms and armillary Sphere as on the title-page—also within a border of woodcuts.*

[3] *Bordered by woodcuts.*

[4] *Printer's mark of Luiz Rodrigues.*

Esta obra, muitissimo rara, tem uma particu-laridade interessante. Na folha do rosto lê-se:

"Regimento...copillado pello muyto alto ꝛ muyto poderoſo Rey dom Manuel noſſo ſenhor. E per eſpecial mandado de ſua Alteza Iohã Pedro de bonhomini de Cremona ho mandou empremir";

e no colophon está escripto

"Dada em ha noſa çidade de Lixboa. a. xxvij. dias do mes de ſetembro: Andre pirez o fez: anno do naſcimento de noſſo ſenhor Iheſu Chriſto de mil ꝛ quinhentos ꝛ quatorze annos";

mas, por baixo do colophon, em logar da marca de João de Cremona (ver as nossas notas sobre a *Grãmatica Paſtrane*), tem a marca de Luiz Rodrigues (ver a *Panagyrica Oratio*). Anselmo e Proença (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI, nº 1055) referindo-se a esta obra—da qual mencionam um só exemplar, o da Bibliotheca Nacional de Lisboa—escrevem: "É a cópia fiel e integra do *Regimento* impresso em 1514 por João Pedro de Cremona." Tito de Noronha (*Ordenações do Reino*, 1873, p. 12) dá-nos uma explicação mais detalhada, dizendo:

"É reproducção do (*Regimento*) de 1514....A edição differe da antecedente no typo, que é mais miudo, e nas dimenſões das paginas, que ſão mais eſtreitas e curtas. Alem d'iſſo, a gravura do roſto é tambem differente."

Examinando cuidadosamente o nosso ex-emplar da edição de Rodrigues, e comparando-o com a descripção dada por Anselmo e Proença (*ob. cit.* nº 533) do *Regimento* estampado por João de Cremona em 1514, encontramos ainda mais algumas differenças. Na obra publicada por Cremona, o principio do *Regimento* é impresso a vermelho: na de Rodrigues, a negro. No livro de Cremona, a gravura no verso da [fl. 5] é a mesma que a da [fl. 4] das *Ordenações* de 1514, em-quanto que na edição de Rodrigues, a gravura é

This very rare work is especially interesting in one particular: the title-page says

"*Regimento* (regulation)...compiled by the most high and most powerful King Dom Manuel our Lord, and by His Highness' special command João Pedro de Bonhomini de Cremona has ordered it to be printed";

and the colophon reads

"Given in our city of Lisbon on the twenty-seventh day of the month of September: André Pirez wrote it: in the year of Our Lord Jesus Christ one thousand, five hundred and fourteen";

but below the colophon we find, not João de Cremona's imprint (see our notes on the *Grã-matica Paſtrane*), but the printer's mark used by Luiz Rodrigues (see the *Panagyrica Oratio*). Anselmo and Proença (*Bibliografia das obras im-pressas em Portugal no século* XVI, no. 1055) state that this work—of which they mention only the copy in the Lisbon National Library—is "a complete and faithful copy of the *Regimento* printed in 1514 by João Pedro de Cremona." Tito de Noronha (*Ordenações do Reino*, 1873, p. 12) gives us a more detailed explanation, saying:

"It is a reproduction of the *Regimento* of 1514.... The edition differs from the earlier one in its type, which is smaller, and in the size of the pages, which are narrower and shorter. Besides this, the woodcut on the title-page is also different."

Having made a careful examination of our copy and compared it with the description given by Anselmo and Proença (*op. cit.* no. 533) of the *Regimento* printed by João de Cremona in 1514, we have found a few more differences. The *incipit* in the *Regimento* printed by João de Cremona is in red; in the Rodrigues edition it is in black. In the 1514 edition the woodcut on the verso of [fl. 5] is the same as the one on [fl. 4] of the *Ordenações* of 1514, while in the Rodrigues edition the woodcut on that page is simply a

simplesmente a repetição da folha do rosto, quer dizer das Armas Reaes e da Esphera: ha ainda a notar que o colophon de Rodrigues está escripto de uma maneira diversa do de Cremona, sendo a orthographia muito differente. Demais, parece-nos dever existir ainda uma outra differença; as lettras capitaes do *Regimento* impresso por Rodrigues não são, certamente, as que Cremona empregou nas obras que sahiram dos seus prelos, e que descrevemos n'este volume; são de um estylo inteiramente distincto, e que, como veremos, Rodrigues empregou em muitas das suas impressões. Alem de Tito de Noronha (*ob. cit.*) e Anselmo e Proença (*ob. cit.*), referem-se a este livro—edição de João de Cremona—Innocencio (*Diccionario*, t. VII, p. 57), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 479), e Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 237), e á edição de Rodrigues, Innocencio (*ob. cit.* t. XVIII, 11º do *Supplemento*, p. 164) e Sousa Viterbo (*ob. cit.* p. 255).

O *Regimento dos Contadores das Comarcas* faz parte das leis d'El-Rei D. Manuel, e, como dissemos, foi impresso, primeiro, em 1514 por João de Cremona, no mesmo anno que as *Ordenações*, e de novo, provavelmente em 1539, por Luiz Rodrigues. No Prologo, o Soberano declara os motivos porque mandou redigir este *Regimento*:

"DOm Manuel...A quantos efte noffo regimento virẽ: fazemos faber: que confirando nos como os officios dos contadores das terças: ⁊ obras de noffos regnos: nam tam fomente eram poftos nas comarcas delles: onde os temos ordenados: pera tomarem as contas das fobre ditas coufas: ⁊ prouerem nas obras que aos muros: ⁊ fortalezas forem neceffarias: mas aynda era: pera prouerem por nos as coufas de feruiço de deos: de que a nos efpiritualmente toca o prouimento: affy nas capellas fe fe cantam as miffas: ⁊ cumprem as obrigações que per hos defuntos

repetition of the one on the title-page, that is, the Royal Arms and the Sphere. It must also be noted that Rodrigues' colophon is arranged in a different way from that of João de Cremona, and there are many variations in the spelling. We think there must be yet another difference: the capital letters in the *Regimento* printed by Rodrigues are certainly not the same as those used by João de Cremona in those of his works that we possess; they are of a style utterly unlike Cremona's, and, as we shall see, were frequently used by Rodrigues in his other publications. Besides Tito de Noronha (*op. cit.*) and Anselmo and Proença (*op. cit.*) the following are among the authors who refer to João de Cremona's edition of this book: Innocencio (*Diccionario*, vol. VII, p. 57), Mattos (*Manual Bibliographico Portuguez*, p. 479) and Sousa Viterbo (*O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI, p. 237), and references to the Rodrigues edition are made by Innocencio (*op. cit.* vol. XVIII, 11th of the *Supplement*, p. 164) and Sousa Viterbo (*op. cit.* p. 255).

The *Regimento dos Contadores das Comarcas* is one of Dom Manuel's laws, and, as we have seen, it was printed by João de Cremona in 1514, the same year as he published the *Ordenações*, and was reprinted, probably in 1539, by Luiz Rodrigues. The Sovereign explains the reasons why he ordered this *Regimento* to be composed, in the Prologue:

"We, Dom Manuel...make known to as many as shall see this our order: that, as we consider that the duties of the *contadores* (controllers) of the *terças* (moneys paid to the Kings of Portugal in olden times for the upkeep of fortifications, etc.) and works of our kingdoms are not only to keep accounts of the said matters and to provide for the necessary works to be carried out on the walls and fortifications in those *comarcas* (districts) to which we have appointed them; but also to watch for us over the things that are done for the service of God, the care of which is our spiritual duty: to see that masses are sung in the chapels, and that the obligations created by the dead who

que as ĩſtetuirom forom ordenadas: como nos hoſpitaaes: ſe os enfermos nelles ſam reçebidos: ꝛ curados: com toda caridade: pois pera yſſo principalmente forom feitos. E per o meſmo modo as albregarias: gafarias: ꝛ confrarias. E yſſo meſmo em tomar as contas aos teſtamenteiros: que forom: ꝛ ſam dalguũs finados: ꝛ fazer em todo comprir ſuas vltimas vontades. E o que ſobejar: ou mal: ꝛ como nom deuiam os ditos teſtamenteiros deſpenderom: ho fazẽ arrecadar ꝑa o reſido: que he apropiada a rendiçã dos catiuos. E alem do que por ſeruiço de deos: ꝛ deſcarreguo das almas dos finados: niſſo deuem: ꝛ ſam obrigados prouer: tambem ho ham de fazer em as heranças detodas has ſobre ditas couſas: pera lhes nom ſerem enlheadas: ſonegadas: ꝛ dannificadas: pois que das rendas dellas ſe ham de comprir as obrigações ꝛ encarreguos que ſobre ellas leixarom: ꝛ ſe as nom teuerem por lhe ſerem ſonegadas: ou perdidas: por ſeu maao repairo ꝛ danneficamento nom ſe lhes podera comprir aquello que por deſcarreguo de ſuas almas ordenarom: ꝛ bem aſſy nos orfãos naquellas couſas que per eſte regimento lhes mandamos. E vendo nos como em todas eſtas couſas ou a mayor parte dellas conſiſte parte das obras de miſericordia: que tanto per noſſo ſenhor nos ſam encomendadas: quiſemos prouer os regimentos per onde os ditos proueedores: ꝛ contadores: ſeruiam ſeus officios os quaaes achamos que nom eram aſſy declarados: ꝛ como compria: pera bem ſaberem o que nos ditos officios auiam de fazer. E que alem de aſſy auerem meſter declarados era neçeſſario lhes acreçentar mais: pera bem: ꝛ como deuem os ſeruirem. E olhando como todo principalmente tocaua a nos: ho quiſemos todo correger: ꝛ emendar: na forma ſeguinte."

Este Prologo, que transcrevemos na integra, é deveras interessante, pois mostra-nos o pensamento de D. Manuel ácerca d'estes assumptos da sua legislação.

O *Regimento dos Contadores das Comarcas*, impresso por Luiz Rodrigues, não tem data: contudo, parece-nos possivel, e mesmo provavel, que tenha sido publicado em 1539. Nas nossas notas

instituted them are fulfilled: as, for instance, whether the sick are received and cured with all charity in the hospitals: because it was chiefly for this that they were founded, and the same with hostelries, leper-houses and confraternities. And similarly to look into the accounts of those who were and are executors of the estates of deceased persons, and see that their last wishes are fulfilled in every respect; and what remains, or is badly or improperly spent by the said executors, they shall make over to the *residuos* (legacies) for the ransom of captives. And besides what they ought and are obliged to do in this for the service of God and the ease of the souls of the deceased, they must also watch over the inheritances of all the said things that they may not be alienated from them, or stolen or damaged, because the obligations and charges laid down concerning them have to be fulfilled with the revenues from them, and if there are no revenues because they have been stolen or lost, the ill repair and ruin of their estates will render it impossible to accomplish that which the deceased had ordained for the ease of their souls: and [the *contadores* must also watch over the interests] of orphans in those matters declared by us in this *regimento*. And as we saw that all these things or most of them were part of the works of charity which Our Lord commends to us so greatly, we desired to provide *regimentos* whereby the said *provedores* (superintendents) and *contadores* might fulfil their duties, which we found were not as clearly defined as they ought to have been for [these officials] to know in what the said duties consisted. And besides their needing to be thus declared, it was necessary to add more to them, so that they could be well and properly carried out. And seeing that the whole thing was chiefly incumbent upon us, we desired to correct and amend it all, in the following form."

This Prologue, which we have transcribed in full, is certainly interesting, for it shows us Dom Manuel's ideas about this part of his legislation.

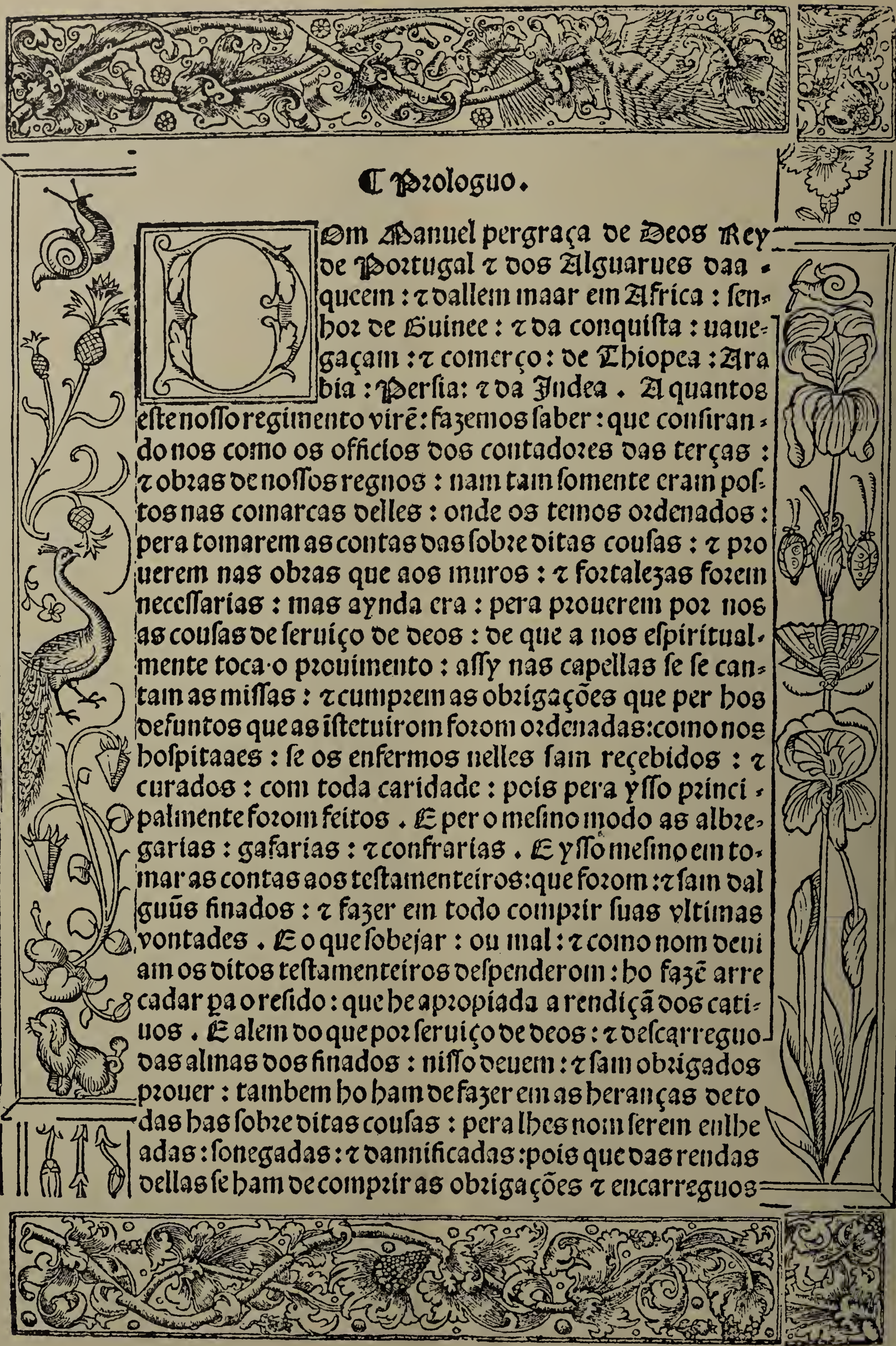
The *Regimento dos Contadores das Comarcas*, printed by Luiz Rodrigues, is not dated; but it seems to us very possible, not to say probable, that it may have been published in 1539. We

sobre a *Panagyrica Oratio* e as *Ordenações* de 1539, já nos referimos a Luiz Rodrigues e ao alvará de privilegio concedido por D. João III ao seu livreiro, em 1533. Não ha duvida que Rodrigues gozava ainda do privilegio em 1539, anno em que abriu officina typographica. Quem sabe mesmo —o que não seria d'estranhar—se este *Regimento* não terá sido a primeira obra impressa nos prelos de Rodrigues, pois seria natural que o livreiro de D. João III timbrasse em que o seu primeiro trabalho como "imprimidor," fôsse a reimpressão de um livro official, visto não ter podido, por falta de officina, estampar em sua casa a reimpressão das *Ordenações*, para as quaes tinha o alvará de privilegio? Uma obra official d'esta importancia foi certamente reimpressa, apezar de nenhuma indicação se encontrar no livro, por ordem de D. João III, ou pelo menos com auctorisação Regia, e possivelmente por motivos identicos áquelles expostos no alvará de 1533. Parece-nos, pois, não faltarem argumentos para suggerir o anno de 1539 como tendo sido a data provavel em que Luiz Rodrigues imprimiu esta obra, reimpressão de um dos livros officiaes de D. Manuel, como já tinham sido reimpressas no mesmo anno—mas em Sevilha—as *Ordenações* do mesmo Soberano.

Este *Regimento*, alem da sua extrema raridade, é um admiravel documento da typographia em Portugal no seculo XVI; o nosso magnifico exemplar, que se encontra absolutamente perfeito, é certamente uma das preciosidades da nossa Bibliotheca. Com este bello livro terminamos o primeiro volume da obra que emprehendemos, e na sua ultima pagina ficam estampadas as Armas d'El-Rei D. Manuel e a sua divisa, a Esphera. Quizemos que assim fôsse, porque essas Armas de Portugal e essa divisa são um symbolo que representa o facho que alumiou a epocha que, atravez dos livros, tentamos descrever. N'esses tempos gloriosos, conquistou-se a Esphera, e Portugal, cheio de fé, de coragem, de perseverança, e de sciencia, deu o exemplo

have studied Luiz Rodrigues and the privilege conceded to him by King João III in 1533, in our notes on the *Panagyrica Oratio* and the *Ordenações* of 1539. There is no doubt that Rodrigues still held this privilege in 1539, the year when he started his printing-press. Who knows whether this *Regimento* was not the first work printed by Rodrigues? This is not unlikely to have been the case, for it would be natural for Dom João III's bookseller to have wished his first printed work to be a reimpression of an official book, since, for want of a press, he had been unable to make the reimpression of the *Ordenações*, for which he held letters patent of privilege. An official work of such importance as this *Regimento* must have been reprinted by order of Dom João III, or at least with his authorisation, though there is no statement to that effect in the book. It seems to us, therefore, that there is no lack of argument to indicate 1539 as the probable date when this reimpression of one of Dom Manuel's official books was published by Luiz Rodrigues, in Lisbon; its publication may even have been due to the reasons enumerated in the letters patent of 1533, granted to Rodrigues in respect of the *Ordenações* which were printed in the same year of 1539, but in Seville.

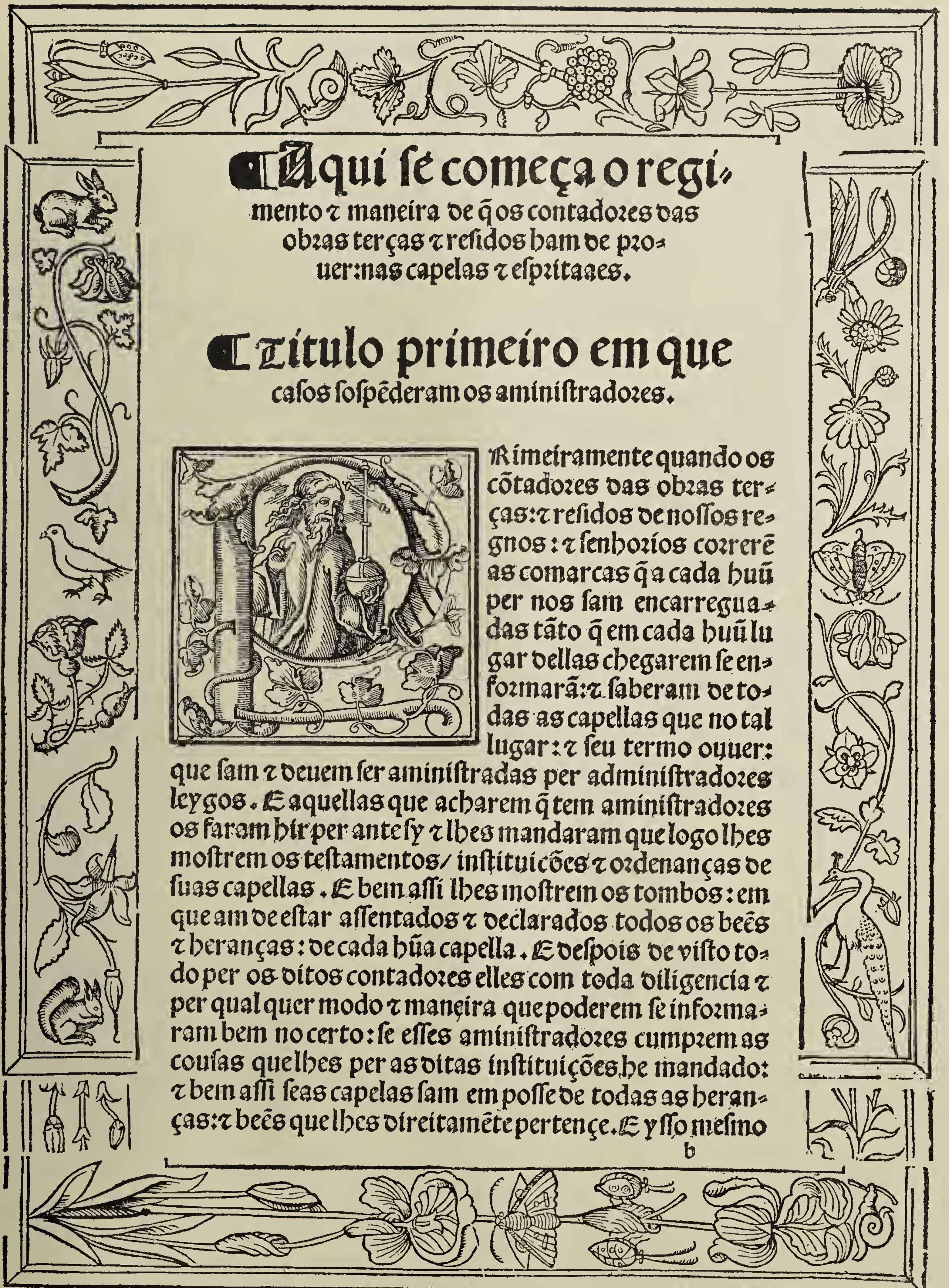
Besides being extremely rare, this *Regimento* is a magnificent example of Portuguese typography in the XVIth century; our own splendid copy, which is absolutely perfect, is certainly one of the treasures of our Library. With this beautiful book we will finish the first volume of the work we have undertaken and on its last page will be printed the Arms of King Manuel and his device, the Sphere. We wished it to be so, because these Arms of Portugal and this device represent the torch that illumined the period we have tried to describe through the medium of the books. In those glorious times the Sphere was conquered, and Portugal, full of knowledge, perseverance, courage and faith, set an example to the world, influencing its destinies, and revealing



Prologuo.

Dom Manuel per graça de Deos Rey de Portugal ⁊ dos Alguarues daaquem : ⁊ dallem maar em Africa : senhor de Guinee : ⁊ da conquista : nauegaçam : ⁊ comerço : de Thiopea : Arabia : Persia : ⁊ da Jndea. A quantos este nosso regimento virẽ : fazemos saber : que consirando nos como os officios dos contadores das terças : ⁊ obras de nossos regnos : nam tam somente eram postos nas comarcas delles : onde os temos ordenados : pera tomarem as contas das sobre ditas cousas : ⁊ prouerem nas obras que aos muros : ⁊ fortalezas forem necessarias : mas aynda era : pera prouerem por nos as cousas de seruiço de deos : de que a nos espiritualmente toca o prouimento : assy nas capellas se se cantam as missas : ⁊ cumprem as obrigações que per hos defuntos que as istetuirom forom ordenadas : como nos hospitaaes : se os enfermos nelles sam reçebidos : ⁊ curados : com toda caridade : pois pera ysso principalmente forom feitos. E per o mesmo modo as albregarias : gafarias : ⁊ confrarias. E ysso mesmo em tomar as contas aos testamenteiros : que forom : ⁊ sam dalguũs finados : ⁊ fazer em todo comprir suas vltimas vontades. E o que sobejar : ou mal : ⁊ como nom deuiam os ditos testamenteiros despenderom : ho fazẽ arrecadar pa o resido : que he apropiada a rendiçã dos catiuos. E alem do que por seruiço de deos : ⁊ descarreguo das almas dos finados : nisso deuem : ⁊ sam obrigados prouer : tambem ho ham de fazer em as heranças de todas has sobre ditas cousas : pera lhes nom serem enlheadas : sonegadas : ⁊ dannificadas : pois que das rendas dellas se ham de comprir as obrigações ⁊ encarreguos

228 Pagina do *Regimento dos Contadores das Comarcas*
Page of the *Regimento dos Contadores das Comarcas*
[Lisboa, 1539?]

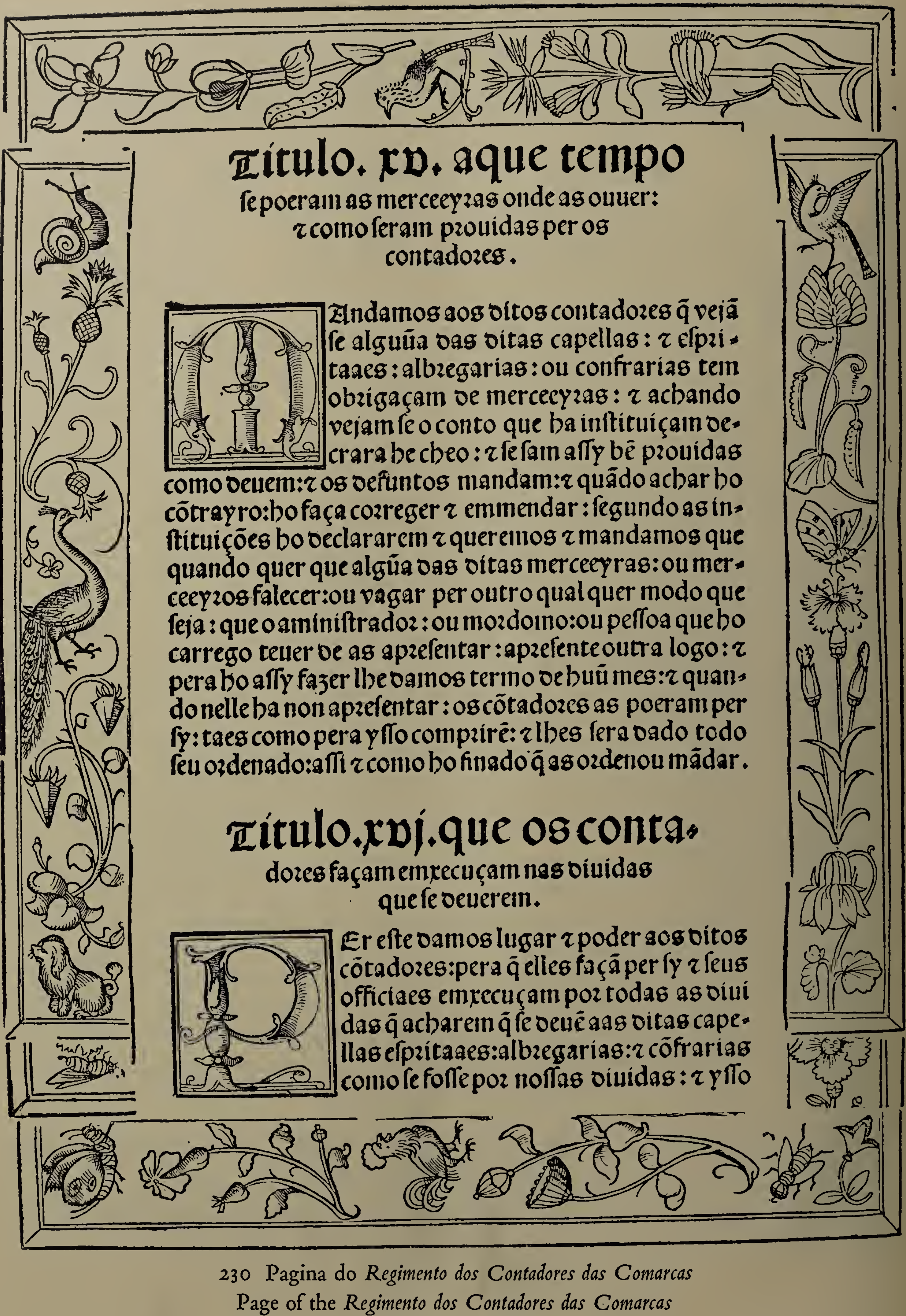


Aqui se começa o regi-
mento ⁊ maneira de q̄ os contadores das
obras terças ⁊ residos ham de pro-
uer: nas capelas ⁊ espritaaes.

Titulo primeiro em que
casos sospēderam os aministradores.

Primeiramente quando os
cōtadores das obras ter-
ças: ⁊ residos de nossos re-
gnos: ⁊ senhorios correrē
as comarcas q̄ a cada huū
per nos sam encarregua-
das tāto q̄ em cada huū lu
gar dellas chegarem se en-
formarã: ⁊ saberam de to-
das as capellas que no tal
lugar: ⁊ seu termo ouuer:
que sam ⁊ deuem ser aministradas per administradores
leygos. E aquellas que acharem q̄ tem aministradores
os faram hir per ante sy ⁊ lhes mandaram que logo lhes
mostrem os testamentos/ instituicões ⁊ ordenanças de
suas capellas. E bem assi lhes mostrem os tombos: em
que am de estar assentados ⁊ declarados todos os beēs
⁊ heranças: de cada hūa capella. E despois de visto to-
do per os ditos contadores elles com toda diligencia ⁊
per qual quer modo ⁊ maneira que poderem se informa-
ram bem no certo: se esses aministradores cumprem as
cousas que lhes per as ditas instituições he mandado:
⁊ bem assi se as capelas sam em posse de todas as heran-
ças: ⁊ beēs que lhes direitamēte pertençe. E ysso mesmo
b

229 Pagina do *Regimento dos Contadores das Comarcas*
Page of the *Regimento dos Contadores das Comarcas*
[Lisboa, 1539?]



Titulo. xv. aque tempo
ſe poeram as merceeyꝛas onde as ouuer:
⁊ como ſeram pꝛouidas per os
contadoꝛes.

Mandamos aos ditos contadoꝛes q̃ vejã
ſe alguũa das ditas capellas: ⁊ eſpꝛi-
taaes: albꝛegarias: ou confrarias tem
obꝛigaçam de merceeyꝛas: ⁊ achando
vejam ſe o conto que ha inſtituiçam de-
crara he cheo: ⁊ ſe ſam aſſy bẽ pꝛouidas
como deuem: ⁊ os defuntos mandam: ⁊ quãdo achar ho
cõtrayro: ho faça coꝛreger ⁊ emmendar: ſegundo as in-
ſtituições ho declararem ⁊ queremos ⁊ mandamos que
quando quer que algũa das ditas merceeyras: ou mer-
ceeyꝛos falecer: ou vagar per outro qual quer modo que
ſeja: que o aminiſtradoꝛ: ou moꝛdomo: ou peſſoa que ho
carrego teuer de as apꝛeſentar: apꝛeſente outra logo: ⁊
pera ho aſſy fazer lhe damos termo de huũ mes: ⁊ quan-
do nelle ha non apꝛeſentar: os cõtadoꝛes as poeram per
ſy: taes como pera yſſo compꝛirẽ: ⁊ lhes ſera dado todo
ſeu oꝛdenado: aſſi ⁊ como ho finado q̃ as oꝛdenou mãdar.

Titulo. xvj. que os conta-
doꝛes façam emxecuçam nas diuidas
que ſe deuerem.

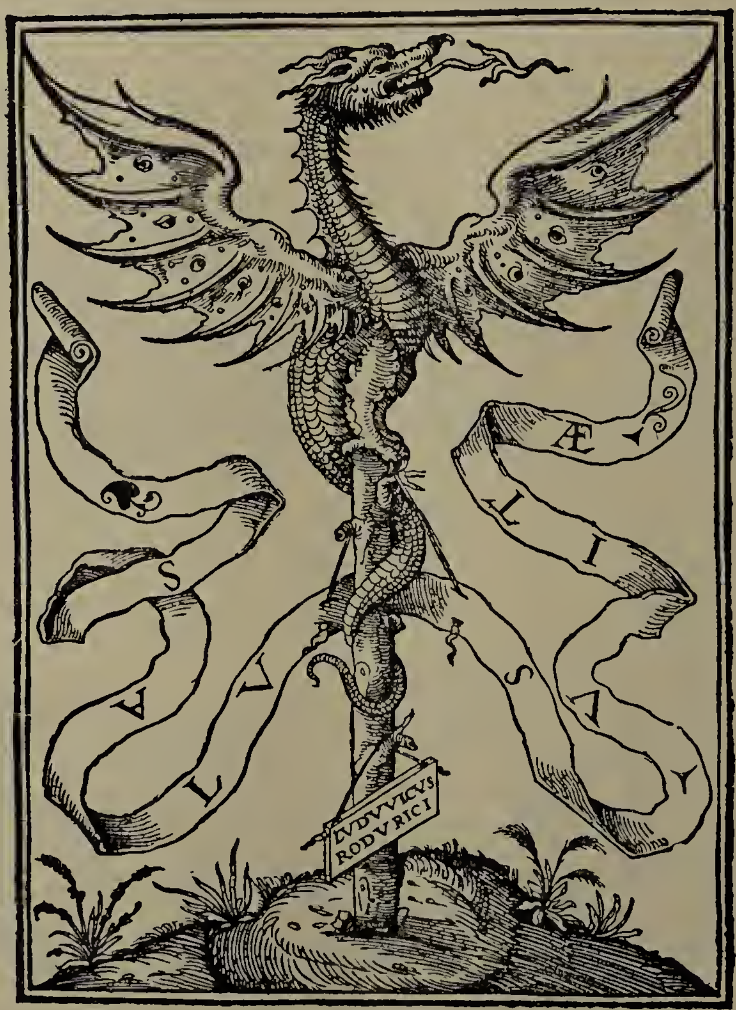
Per eſte damos lugar ⁊ poder aos ditos
cõtadoꝛes: pera q̃ elles façã per ſy ⁊ ſeus
officiaes emxecuçam poꝛ todas as diui
das q̃ acharem q̃ ſe deuẽ aas ditas cape-
llas eſpꝛitaaes: albꝛegarias: ⁊ cõfrarias
como ſe foſſe poꝛ noſſas diuidas: ⁊ yſſo

230 Pagina do *Regimento dos Contadores das Comarcas*
Page of the *Regimento dos Contadores das Comarcas*
[Lisboa, 1539?]



231 Lettras capitaes do *Regimento dos Contadores das Comarcas*
Initials from the *Regimento dos Contadores das Comarcas*
[Lisboa, 1539?]

Fo.lviij.
regimentos:per onde ate aqui ſeruirõ:nem per cartas
nem aluaraes noſſos que tenham : per que todo anula-
mos : ⁊ auemos poꝛ nenhuum : ⁊ queremos que eſte ſo
mente ſe cumpꝛa : ⁊ outro alguum nom . Sendo çer-
tos que ſe aſſy o fezerem lhe agradeçeremos : ⁊ ſempꝛe
reçeberam de nos merçee : ⁊ do contrairo nos deſpꝛa-
zera ⁊ toꝛnaremos a yſſo como noſſa merçe foꝛ:alem daſ
penas no dito regimento declaradas . Dada em ha no
ſa çidade de Lixboa . a . xxvij . dias do mes de ſeptem-
bꝛo : Andre pirez o fez : anno do naſcimento de noſſo ſe-
nhoꝛ Jheſu Chꝛiſto de mil ⁊ quinhentos ⁊ quatoꝛze an-
nos.

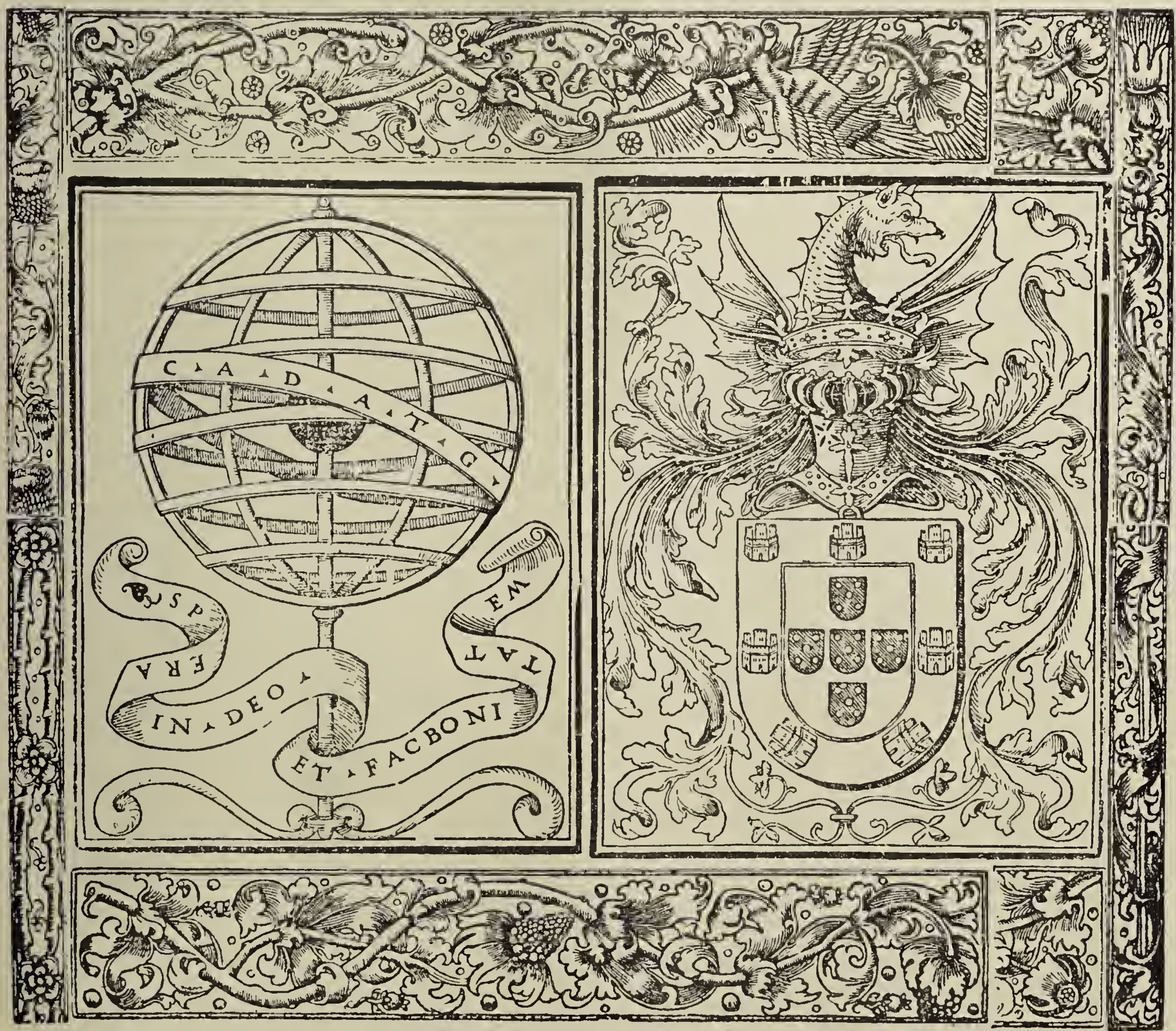


232 Colophon do *Regimento dos Contadores das Comarcas*
Colophon of the *Regimento dos Contadores das Comarcas*
[Lisboa, 1539?]

ao mundo, influindo nos seus destinos e revelando, pelas suas assombrosas navegações, as partes desconhecidas do planeta. Portugal creou uma Renascença e, se n'esse esforço sobrehumano esgottou energias, fazendo sangrar a Patria, não podemos jamais esquecer que essa gloria luminosa foi tal, que, hoje ainda, aclara a nossa historia. A genial Aventura iniciada em Ceuta foi uma cruzada bemdita pois, sob a Cruz de Christo, uniu as Quinas de Portugal á Esphera, a divisa dada pelo Principe Perfeito ao Venturoso!

in her amazing voyages of discovery, the unknown parts of the earth. Portugal created a Renaissance, and though this superhuman effort may have exhausted the energies of the Country and made her bleed, we can never forget that the light she kindled was so brilliant that it still casts a glow upon the history of Portugal. The splendid Adventure begun in Ceuta was a blessed Crusade, which, under the Cross of Christ, joined the Arms of Portugal to the Sphere, the device given by the Perfect Prince to Dom Manuel the Fortunate!

LAUS DEO.



233 Armas e divisa d'El-Rei D. Manuel do *Regimento dos Contadores das Comarcas*
Arms and device of Dom Manuel from the *Regimento dos Contadores das Comarcas*
[Lisboa, 1539?]

LIVROS CONSULTADOS PARA COMPOSIÇÃO DO TOMO I D'ESTA OBRA

BOOKS CONSULTED FOR THE COMPOSITION OF VOLUME I OF THIS WORK

ALBUQUERQUE (AFFONSO DE): *Cartas—seguidas de documentos que as elucidam.* Publicadas sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato e Henrique Lopes de Mendonça. Lisboa, 1884–1915 (6 vols.).

ALMEIDA (FORTUNATO DE): *História da Igreja em Portugal.* Coimbra, 1910–1926 (4 vols.).

ALVARES (P. FRANCISCO): *Verdadera informaçam das terras do Preſte Ioam.* [Lisboa], 1540.

AMZALAK (MOSES BENSABAT): *A Tipografia Hebraica em Portugal no seculo quinze.* Coimbra, 1922.

ANDRADA (FRANCISCO D'): *Chronica do muito alto poderoso Rey deſtes Reynos de Portugal D. Joaõ o III. deſte nome.* Lisboa, 1613.

ANDRADE CORVO (JOÃO DE). *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro.* Lisboa, 1882.

ANDRÉ (MARIUS): *La véridique Aventure de Christophe Colomb.* Paris, 1927.

ANSELMO (ANTONIO JOAQUIM): *Os antigos códices portugueses do Mosteiro de Alcobaça.* (In—*Anais das Bibliotecas e Arquivos,* Abril–Setembro, 1925.)

ANSELMO (ANTONIO JOAQUIM) e PROENÇA (RAÚL): *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século* XVI. Lisboa, 1926.

—— —— *Bibliografia dos Incúnabulos Portugueses.* (In—*Anais das Bibliotecas e Arquivos,* Serie II, vol. I, 1920.)

ARRAEZ (D. FR. AMADOR): *Dialogos.* Coimbra, 1589.

AZEVEDO (J. LUCIO D'): *Historia dos Christãos Novos Portugueses.* Lisboa, 1922.

AZEVEDO (PEDRO AUGUSTO DE S. BARTHOLOMEU) e BAIÃO (ANTONIO EDUARDO SIMÕES): *O Archivo da Torre do Tombo.* Lisboa, 1905.

BALLARD (ADMIRAL G. A.): *Rulers of the Indian Ocean.* London, 1927.

DE BARANTE: *Histoire des Ducs de Bourgogne de la maison de Valois,* 1364–1477. Paris, 1854 (12 vols.).

BARATA (ANTONIO FRANCISCO): *Cancioneiro Geral, continuação ao de Garcia de Resende.* (Avaliado pelo Dr T. Braga.) Evora, 1902.

BARBOSA (JOZÉ): *Catalogo das Rainhas de Portugal e seus filhos.* Lisboa, 1727.

BARBOSA MACHADO (DIOGO): *Bibliotheca Lusitana.* Lisboa, 1741–1759 (4 vols.).

—— *Memorias para a Historia de Portugal que comprehendem o Governo delRey D. Sebastiaõ.* Lisboa, 1736–1751 (4 vols.).

BARROS (JOÃO DE): *Aſia de Ioam de Barros dos fectos que os Portugueſes fizeram no deſcobrimento ꝛ conquiſta dos mares ꝛ terras do Oriente.* Lixboa, 1552.

—— *Segunda decada da Aſia.* Lixboa, 1553.

—— *Terceira decada da Aſia.* Lixboa, 1563.

—— *Qvarta Decada da Asia.* Reformada, accrescentada e illvstrada com notas e taboas geographicas por Ioão Baptista Lavanha. Madrid, 1615.

—— *A Primeyra parte da Cronica do Emperador Clarimundo.* Coimbra, 1555.

BEAZLEY (C. RAYMOND). *Prince Henry the Navigator.* London, 1895.

BELL (AUBREY F. G.): *Portuguese Bibliography.* Oxford, 1922.

—— *Portuguese Literature.* Oxford, 1922.

—— *Gil Vicente.* Oxford, 1921.

BEMBO (PIETRO): *Della Historia Vinitiana. Volgarmente scritta. Libri* XII. Vinegia, 1552.

BENEDETTO (LUIGI FOSCOLO): *Marco Polo. Il Milione.* Firenze, 1928.

BENSAUDE (JOAQUIM): *L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes.* Bern, 1912.
—— *Histoire de la science nautique des découvertes portugaises.* Lisboa, 1921.
—— *Histoire de la science nautique des découvertes portugaises. Ré-impression de critiques étrangères.* Lisboa, 1921.
—— *Histoire de la science nautique portugaise. Résumé.* Genève, 1917.
—— *Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes. Collection de documents.*
Vol. I. *Regimento do Estrolabio e do Quadrante. Tractado da Spera do Mundo.* Reproduction fac-similé de l'exemplaire de Munich. Munich, 1914. 2ª ed. Lisbonne, 1924.
Vol. II. *Tractado da Spera do Mundo. Regimento da Declinaçam do Sol.* Reproduction fac-similé de l'exemplaire d'Evora. Genève, s.d.
Vol. III. *Almanach perpetuum celestium motuum (radix* 1473*). Tabulae astronomicae Raby Abraham Zacuti in Latinum translatae per magistrum Joseph Vizinum.* Reproduction fac-similé de l'exemplaire d'Augsbourg. Édition 1496 Leiria. Munich, 1915.
Vol. IV. *Tratado del Esphera y del Arte del Marear, compuesto por Francisco Faleiro.* Reproduction fac-similé de l'exemplaire de Munich. Édition 1535 Séville. Munich, 1915.
Vol. V. *Tratado da Sphera com a theorica do sol e da lua e ho primeiro livro da Geographia de Claudio Ptolomeo. Tirados novamente de Latim em lingoagem pello doutor Pedro Nunez.* Reproduction fac-similé de l'exemplaire à Wolfenbüttel. Édition 1537 Lisbonne. Munich, 1915.
Vol. VI. *Almanach perpetuum celestium motuum (radix* 1473*). Tabulae astronomicae Raby Abraham Zacuti. Canons en Espagnol traduction de Joseph Vizinho.* Reproduction fac-similé de l'exemplaire d'Evora. Édition 1496 Leiria. Genève, s.d.
Vol. VII. *Reportorio dos Tempos tresladado de Castelhano em Portuguez per Valentim Fernandez, com o Regimento da Declinação do Sol.* Reproduction fac-similé de l'exemplaire de Lisbonne. Édition 1563. Genève, s.d.
—— *Les Légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises.* Genève, 1917–1920.
BOVER (D. JOAQUIN MARÍA): *Biblioteca de Escritores Baleares.* Palma, 1868.
BRAAMCAMP FREIRE (ANSELMO): *Brasões da Sala de Cintra.* Lisboa, 1899–1905 (3 vols.).
—— *Critica e Historia. Estudos.* Lisboa, 1910.
—— *Vida e Obras de Gil Vicente.* Porto, 1919.
BRAGA (THEOPHILO): *Centenario da Descoberta da America.* (In—*Centenario do Descobrimento da America—Memorias da Commissão Portugueza.* Lisboa, 1892.)
—— *Poetas palacianos do seculo* XV. Lisboa, 1871.
BRANDÃO (FR. ANTONIO), *v.* BRITO (FR. BERNARDO DE).
BRANDÃO (FR. FRANCISCO), *v.* BRITO (FR. BERNARDO DE).
BRITO (FR. BERNARDO DE): *Elogios Dos Reis de Portugal.* Lisboa, 1603.
BRITO (FR. BERNARDO DE), BRANDÃO (FR. ANTONIO), BRANDÃO (FR. FRANCISCO), JESUS (FR. RAPHAEL DE) e SANTOS (FR. MANUEL DOS): *Monarchia Lusitana* (8 vols.). Parte I, Alcobaça, 1597. Parte II, Lisboa, 1609. Parte III, Lisboa, 1632. Parte IV, Lisboa, 1632. Parte V, Lisboa, 1650. Parte VI, Lisboa, 1672. Parte VII, Lisboa, 1683. Parte VIII, Lisboa, 1727.
BRITO ARANHA (PEDRO V. DE): *A Imprensa em Portugal nos seculos* XV *e* XVI. *As Ordenações d'El-Rei D. Manuel.* Lisboa, 1898.
BRITO REBELLO (JACINTO IGNACIO DE), *v.* LISBOA (JOÃO DE).
BURCKHARDT (JACOB): *La Civilisation en Italie au temps de la Renaissance.* Paris, 1921 (2 vols.).
CAMÕES (LUIZ DE): *Os Lvsiadas.* Lisboa, 1572.
—— *Os Lusiadas.* Reimpressão "fac-similada" da verdadeira 1ª edição dos Lusiadas, de 1572. Precedida duma introdução e seguida dum aparato critico do Dr J. Maria Rodrigues. Lisboa, 1921.
—— *Os Lusiadas de Luís de Camões.* Edição nacional. Lisboa, 1928.
—— *Rhythmas.* Lisboa, 1595.

[CAMÕES (LUIZ DE)]; FARIA Y SOUSA (MANUEL DE): *Lvsiadas de Lvis de Camoens comentadas.* Madrid, 1639 (2 vols.).

—— *Rimas Varias de Lvis de Camoens commentadas.* Lisboa, 1685 (2 vols.).

[CAMÕES (LUIZ DE)]; JUROMENHA (VISCONDE DE): *Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, augmentadas com algumas composições ineditas do poeta.* Lisboa, 1860–1869 (6 vols.).

[CAMÕES (LUIZ DE)]; BURTON (RICHARD FRANCIS): *Os Lusiadas* (*The Lusiads*). Englished by R. F. Burton. London, 1880 (2 vols.).

—— *Camoens. The Lyricks.* London, 1884 (2 vols.).

[CAMÕES (LUIZ DE)]; PRESTAGE (EDGAR): *Minor Works of Camões* (*not hitherto made English*). London, 1924.

CÁNOVAS DEL CASTILLO (D. ANTONIO): *Historia General de España* escrita por individuos de número de la Real Academia de la Historia bajo la direccion de Cánovas del Castillo. Madrid, 1894 (4 vols.).

CARVALHO (ARTHUR): *Os Incunabulos da Bibliotheca Publica do Porto.* Porto, 1904.

CARVALHO (JOAQUIM DE): *Dois inéditos de Abraham Zacuto.* Lisboa, 1927.

CARVALHO DA COSTA (P. ANTONIO): *Corografia Portugueza.* Lisboa, 1706–1712 (3 vols.).

CASTELLO BRANCO (CAMILLO): *Narcoticos.* Lisboa, 1882 (2 vols.).

CASTILHO (JULIO DE): *Lisboa Antiga.* Lisboa e Coimbra, 1879–1890 (7 vols.).

—— *A Ribeira de Lisboa.* Lisboa, 1893.

CASTILHOS (ANTONIO e JOSÉ): *Livraria Classica Portugueza.* Lisboa, 1845–1847 (25 vols.).

Cimelios da Bibliotheca Nacional (*Catalogo da Exposição permanente dos*). Publicado sob a direcção do Bibliothecario João Saldanha da Gama. Rio de Janeiro, 1885.

COELHO (JORGE): *De Patientia Christiana.* [Lisboa], 1540.

Collecção de Opusculos reimpressos relativos á historia das navegações, viagens, e conquistas dos Portuguezes Tomo I. Lisboa, 1844.

Colombina (*Bibliotheca*). *Catálogo de sus libros impresos.* Bajo la dirección de su bibliotecario. Con notas bibliográficas del dr. d. Simón de la Rosa y López. Sevilla, 1888–1894 (6 vols.).

CORDIER (HENRI): *Ser Marco Polo. Notes and addenda to Sir Henry Yule's edition, containing the results of recent research and discovery.* London, 1920.

Coronica do Condeeſtabre ꝺ *Portugal dom Nuno alurez Pereyra, v.* LOPES (FERNÃO).

CORREA (GASPAR): *Lendas da India.* Lisboa, 1858–1866 (4 vols.).

CORRÊA PINTO (ROBERTO), *v.* PISANO (MATTHEUS DE).

CORRÊA DA SERRA (JOSÉ): *Collecção de Livros Ineditos de Historia Portugueza dos reinados de D. João I., D. Duarte, D. Affonso V., e D. Joaõ II.* Lisboa, 1790–1824 (5 vols.).

CORTESÃO (JAIME): *Do sigilo nacional sôbre os Descobrimentos.* (In—*Lusitania*, vol. I, 1924.)

COSTA CABRAL (F. A. DE): *Dom João II e a Renascença Portuguêsa.* Lisboa, 1915.

COSTA LOBO (ANTONIO DE SOUSA SILVA): *Historia da Sociedade em Portugal no seculo* XV. Lisboa, 1904.

Couseiro (*O*) *ou Memorias do Bispado de Leiria.* Braga, 1868.

COUTO (DIOGO DO): *Decadas da Asia.* Lisboa, 1778–1788 (9 vols.).

CUNHA (D. RODRIGO DA): *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos De Braga, E Dos Santos, E Varoes illuſtres, que florecerão neſte Arcebiſpado.* Braga, 1634–1635 (2 vols.).

CUNHA (XAVIER DA): *Noticia de um precioso livro da Bibliotheca Nacional de Lisboa* (*"Reportorio dos Tempos" por Valentim Fernandes alemam, Lisboa,* 1552). Coimbra, 1888.

DANTAS (DR JULIO): *Os Livros em Portugal na Idade Média—A Livraria do Infante Santo.* (In—*Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vol. II, nº 6.)

DESLANDES (VENANCIO AUGUSTO): *Documentos para a Historia da Typographia Portugueza nos seculos* XVI *e* XVII. Lisboa, 1881–1882 (2 vols.). 2ª ed. Lisboa, 1888.

DIEULAFOY (JANE): *Isabelle la Grande, Reine de Castille*, 1451–1504. Paris, 1920.
Documentos (Alguns) do Archivo Nacional da Torre do Tombo ácerca das Navegações e Conquistas Portuguezas. Lisboa, 1892.
DUARTE (EL-REI D.): *Leal Conselheiro*. Fielmente trasladado do manuscrito contemporaneo por J.-I. Roquette. Pariz, 1854.
EREDIA (GODINHO DE): *Malaca, l'Inde Orientale et le Cathay*. Fac-similé publié par M. Léon Janssen. Bruxelles, 1881.
ESTAÇO (GASPAR): *Varias Antigvidades de Portvgal*. Lisboa, 1625.
ESTEVES PEREIRA (FRANCISCO MARIA): *Marco Paulo. O livro de Marco Paulo—O livro de Nicolao Veneto—Carta de Jeronymo de Santo Estevam*. Conforme á impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502; com tres *fac-similes*, introdução e indices. Lisboa, 1922.
FALGAIROLLE (EDMOND): *Jean Nicot, Ambassadeur de France en Portugal au* XVI[e] *siècle*. Paris, 1897.
FARIA Y SOUSA (MANUEL DE): *Asia Portuguesa*. Lisboa, 1666–1675 (3 vols.).
—— *Evropa Portuguesa*. Lisboa, 1678–1680 (3 vols.).
FICALHO (CONDE DE): *Coloquios dos Simples e Drogas da India por Garcia da Orta*. Publicados pelo Conde de Ficalho. Lisboa, 1891–1895 (2 vols.).
—— *Garcia da Orta e o seu tempo*. Lisboa, 1886.
—— *Viagens de Pedro da Covilhan*. Lisboa, 1898.
FIGANIERE (FREDERICO FRANCISCO DE LA): *Memorias das Rainhas de Portugal*. Lisboa, 1859.
FIGANIÈRE (JORGE CÉSAR DE): *Bibliographia Historica Portugueza*. Lisboa, 1850.
FIGUEIREDO (ANTERO DE): *D. Sebastião Rei de Portugal* (1554–1578). Paris-Lisboa, 1925.
FIGUEIREDO (FIDELINO DE): *Historia da Litteratura Classica*. Lisboa, 1922.
FREIRE DE ANDRADA (JACINTO): *Vida de Dom João de Castro*. Lisboa, 1651.
FREIRE DE OLIVEIRA (EDUARDO): *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*. Lisboa, 1885–1906 (15 vols.).
FREITAS (JORDÃO DE): *O Descobrimento pre-Colombino da America austral pelos Portugueses*. (In—*Lusitania*, fasc. IX, 1926.)
GALVÃO (DUARTE): *Chronica do muito alto, e muito esclarecido Principe D. Affonso Henriques primeiro Rey de Portugal*. Lisboa, 1727.
GARCEZ TEIXEIRA (F. A.): *A Antiga Sinagoga de Tomar*. Lisboa, 1925.
Gesamtkatalog der Wiegendrucke. Herausgegeben von der Kommission für den Gesamtkatalog der Wiegendrucke. Leipzig, 1925–.
GOES (DAMIÃO DE): *Chronica do felicissimo Rei dom Emanvel*. Lisboa, 1566–1567.
—— *Chronica do Principe Dom Ioam*. Lisboa, 1567.
—— *Fides, Religio, Moresqve Aethiopvm svb Imperio Pretiosi Ioannis*. Lovanii, 1540.
—— *Vrbis Olisiponis Descriptio*. Eboræ, 1554.
GORIS (J. A.): *Étude sur les colonies marchandes méridionales (Portugais, Espagnols, Italiens) à Anvers de 1488 à 1567*. Louvain, 1925.
GOUVEA (FR. ANTONIO DE): *Iornada do Arcebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Menezes*. Coimbra, 1606.
—— *Relaçam em qve se tratam as gverras e grandes victorias qve alcançou o grãde Rey da Persia Xá Abbas do grão Turco Mahometto, & seu filho Amethe*. Lisboa, 1611.
GRAETZ (DR H.): *Geschichte der Juden von Maimuni's Tod (1205) bis zur Verbannung der Juden aus Spanien und Portugal*. Leipzig, 1864.
GUIMARÃES (JOSÉ VIEIRA DA SILVA): *A Ordem de Christo*. Lisboa, 1901.
HAEBLER (KONRAD): *Bibliografia Iberica del Siglo* XV. La Haya e Leipzig, 1903 e 1917 (2 vols.).
—— *Geschichte des Spanischen Frühdruckes*. Leipzig, 1923.
HARRISSE (HENRY): *The Diplomatic History of America*. London, 1897.

HARRISSE (HENRY): *The Discovery of North America.* London, 1892.
—— *John Cabot—The Discoverer of North America—and Sebastian his Son.* London, 1896.
HAUPT (ALBRECHT): *Die Baukunst der Renaissance in Portugal.* Frankfurt a. M., 1890.
HERCULANO (ALEXANDRE): *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal.* Lisboa, 1879 (3 vols.).
—— *Historia de Portugal.* Lisboa, 1846–1853 (4 vols.). 3ª edição, Lisboa, 1863–1868.
—— *Opusculos.* Lisboa, 1907–1908 (10 vols.).
HERCULANO (ALEXANDRE) e o BARÃO DO CASTELLO DE PAIVA: *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em* 1497. Lisboa, 1861.
História da Colonização Portuguesa do Brasil (vols. I e II) sob a direcção de Carlos Malheiro Dias, Conselheiro Ernesto de Vasconcelos e Roque Gameiro. Porto, 1921–1923.
HOLMES (RUTH E. V.): *Bibliographical and historical description of the rarest books in the Oliveira Lima collection at the Catholic University of America.* Washington, 1926.
INNOCENCIO, *v.* SILVA.
ISPIZÚA (SEGUNDO DE): *Historia de la Geografía y de la Cosmografía en las Edades Antigua y Media con relación a los grandes descubrimientos marítimos realizados en los siglos* XV *e* XVI *por Españoles y Portugueses.* Madrid, 1922 e 1926 (2 vols.).
JESUS (FR. RAPHAEL DE), *v.* BRITO (FR. BERNARDO DE).
JOÃO I (EL-REI D.): *Livro da Montaria* publicado por Francisco Maria Esteves Pereira. Coimbra, 1918.
JODAR (JUAN DE): *Obra deuotiſſima intitulada Septeʒ verbis domini.* [Hispali, 1532.]
JORGE (RICARDO): *Comentos á vida, obra e época de Amato Lusitano. Carta ao Prof. Maximiano Lemos.* Porto, 1916.
—— *A Encefalite Letargica e a Epidemiologia dos Quinhentos em Portugal e Hespanha.* Lisboa, 1921.
—— *O Obito de D. João II.* Lisboa, 1922.
JUROMENHA (VISCONDE DE), *v.* CAMÕES (LUIZ DE).
KAYSERLING (M.): *Biblioteca Española-Portugueza-Judaica.* Strasbourg, 1890.
—— *Christoph Columbus und der Antheil der Juden an den spanischen und portugiesischen Entdeckungen.* Berlin, 1894.
—— *Geschichte der Juden in Portugal.* Leipzig, 1867.
KOEHLER (DR S. R.): *Der Meister E. S. von* 1466 *in Portugal.* (In—*Zeitschrift für Bildende Kunst,* Leipzig, Juni, 1899.)
LANG (HENRY R.): *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal.* Halle a. S., 1894.
LARCHEY (LORÉDAN): *Ancien Armorial équestre de la Toison d'or et de l'Europe au 15e siècle.* Fac-similé publié pour la première fois d'après le manuscrit 4790 de la Bibliothèque de l'Arsenal par Lorédan Larchey.
LATINO COELHO (JOSÉ MARIA): *Vasco da Gama.* Lisboa, 1882 (2 vols.).
LEITÃO FERREIRA (FRANCISCO): *Noticias da vida de André de Resende.* Publicadas por Anselmo Braamcamp Freire. (In—*Archivo Historico Portuguez,* vols. VII–IX, 1909–1914.)
LEITE DE VASCONCELLOS (JOSÉ): *Lições de Filología Portuguesa.* Lisboa, 1926.
—— *Textos Arcaicos.* Lisboa, 1923.
LEMOS (MAXIMIANO): *Amato Lusitano.* Porto, 1907.
—— *Historia da Medicina em Portugal.* Lisboa, 1899 (2 vols.).
—— *Zacuto Lusitano. A sua vida e a sua obra.* Porto, 1909.
LISBOA (JOÃO DE): *Livro de Marinharia. Tratado da agulha de marear.* Publicado por J. I. de Brito Rebello. Lisboa, 1903.
LOPES (FERNÃO): *Coronica do Condeeſtabre ꝺ Portugal dom Nuno alurez Pereyra.* Lisboa, 1554.
—— *Chronica de El-Rei D. Pedro I.* Lisboa, 1895.

LOPES (FERNÃO): *Chronica de El-Rei D. Fernando.* Lisboa, 1895.
—— *Chronica Del Rey D. Ioam. I.* Lisboa, 1644.
LOPES DE MENDONÇA (HENRIQUE): *Estudos sobre navios portuguezes nos seculos* XV *e* XVI. (In—*Centenario do Descobrimento da America—Memorias da Commissão Portugueza,* Lisboa, 1892.)
LOPES PRAÇA (JOSÉ JOAQUIM): *Historia da philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da philosophia.* Coimbra, 1868.
LUCENA (JOÃO DE): *Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier, E do que fizerão na India os mais Religiosos da Companhia de Iesu.* Lisboa, 1600.
MACSWINEY DE MASHANAGLASS (LE MARQUIS): *Le Portugal et le Saint-Siège. I. Les Épées d'honneur envoyées par les Papes aux Rois de Portugal au* XVI[e] *siècle.* Paris, 1898.
—— *Le Portugal et le Saint-Siège. III. Les Roses d'or envoyées par les Papes aux Rois de Portugal au* XVI[e] *siècle.* Paris, 1904.
MAJOR (RICHARD HENRY): *Vida do Infante D. Henrique de Portugal appellidado o Navegador.* Vertido do Inglez por José Antonio Brandão. Lisboa, 1876.
MALHEIRO DIAS (CARLOS): *Exortação á Mocidade.* Lisboa, 1925.
—— *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (vols. I e II). Sob a direcção de Carlos Malheiro Dias. Porto, 1921–1923.
—— *O "Piedoso" e o "Desejado."* Lisboa, 1925.
MANUEL (EL-REI D.): *Emanvelis Lvsitan: Algarbior: Africae Aethiopiae Arabiae Persiae Indiae Reg. Invictiss: Obedientia.* [Roma, 1513.]
—— *Epistola Potentissimi: ac Inuictissimi Emanuelis Regis Portugallie z Algarbioz. zc. De Victoriis nup in Affrica habitis. Ad S. in xpo patrem z dñm nostrum dñm Leonẽ. X. Pont. Max....Dat] in vrbe nostra Vlyxboñ. M.D. XIII.*
MARIZ (PEDRO DE): *Dialogos de Varia Historia.* Coimbra, 1597.
MARKHAM (SIR CLEMENTS R.): *The History of the gradual Development of the Groundwork of Geographical Science.* (In—*The Geographical Journal,* September, 1915.)
MATTOS (RICARDO PINTO DE): *Manual Bibliographico Portuguez de livros raros, classicos e curiosos.* Revisto e prefaciado pelo snr. Camillo Castello Branco. Porto, 1878.
MAUSINHO DE QUEBEDO (VASCO): *Affonso Africano.* Lisboa, 1611.
MCCLYMONT (JAMES ROXBURGH): *Pedraluarez Cabral.* London, 1914.
MENDES DOS REMEDIOS (JOAQUIM): *História da Literatura Portuguesa.* Lisboa, 1921.
—— *Os Judeus em Portugal.* Coimbra, 1895.
—— *Os Judeus Portugueses em Amsterdam.* Coimbra, 1911.
MENÉNDEZ Y PELAYO (MARCELINO): *Obras completas.* Madrid, 1918 (3 vols.).
MONÇON (FRANCISCO DE): *Libro primero del espejo del Principe Christiano.* Lisboa, 1571.
NEWTON (A. P.): *Travel and Travellers of the Middle Ages.* London, 1926.
NORONHA (TITO DE): *Curiosidades Bibliographicas.* (I) *O Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende.* (II) *Ordenações do Reino. Edições do seculo* XVI. Porto, 1871.
—— *A Imprensa Portugueza durante o seculo* XVI. Porto, 1874.
—— *A Imprensa Portugueza no seculo* XVI, *seus representantes e suas producções. Ordenações do Reino.* (In—*Archeologia Artistica,* vol. I, fasc. II, Porto, 1873.)
NUNEZ DO LEÃO (DUARTE): *Descrição do Reino de Portvgal.* Lisboa, 1610.
—— *Leis Extravagantes.* Lisboa, 1569.
—— *Primeira parte das Chronicas dos Reys de Portvgal.* Lisboa, 1600.
OLIVEIRA MARTINS (JOAQUIM PEDRO DE): *Os Filhos de D. João I.* Lisboa, 1891.
—— *Historia de Portugal.* Lisboa, 1913 (2 vols.).
—— *O Principe Perfeito.* Precedido de uma introducção ácerca do complemento e plano geral da obra por Henrique de Barros Gomes. Lisboa, 1896.

OLIVEIRA MARTINS (JOAQUIM PEDRO DE): *Taboas de Chronologia.* Lisboa, 1884.

—— *A Vida de Nun'alvares.* Lisboa, 1902.

ORTA (GARCIA DA): *Coloquios dos ſimples, e drogas da India.* Goa, 1563.

OSORIO (JERONYMO): *De Rebvs Emmanvelis Regis Lvsitaniæ invictissimi virtvte et avspicio gestis libri dvodecim.* Olysippone, 1571.

PACHECO PEREIRA (DUARTE): *Esmeraldo de situ orbis.* Edição sob a direcção de Raphael Eduardo de Azevedo Basto. Lisboa, 1892.

—— *Esmeraldo de situ orbis.* Edição critica annotada por Augusto Epiphanio da Silva Dias. Lisboa, 1905.

PALAU Y DULCET (ANTONIO): *Manual del Librero Hispano-Americano.* Barcelona and London, 1923–1927 (7 vols.).

PALHA (FERNANDO): *Catalogue de la Bibliothèque de M. Fernando Palha.* Lisbonne, 1896 (4 vols.).

Panorama (O). Lisboa, 1837–1856 (13 vols.).

PASQUALIGO (PIETRO): *Petri Paschalici Veneti Oratoris ad Hemanvelem Lvsitaniae Oratio.* Venetiis, 1501.

PERAGALLO (PROSPERO): *Carta de El-Rei D. Manuel ao Rei Catholico narrando-lhe as viagens portuguezas á India desde 1500 até 1505. Seguem em appendice a Relação analoga de Lunardo Cha Masser e dois documentos de Cantino e Pasqualigo.* (In—*Centenario do Descobrimento da America—Memorias da Commissão Portugueza,* Lisboa, 1892.)

PEREIRA (DUARTE PACHECO), *v.* PACHECO PEREIRA (DUARTE).

PEREIRA (GABRIEL): *Estudos Eborenses* (n°s 1–36). Evora, 1886–1894.

PEREIRA DA SILVA (LUCIANO): *A Arte de navegar dos Portuguezes.* (In—*Historia da Colonisação Portuguesa do Brasil,* vol. I, Porto, 1921.)

—— *O astrolábio da Sociedade de Geografia e o nónio de Pedro Nunes.* Lisboa, 1924.

—— *A Astronomia dos Lusiadas.* (In—*Revista da Universidade de Coímbra,* vols. II–IV, Coímbra, 1913–1915.)

—— *As Edições fac-similadas do sr. J. Bensaude.* (*Notas bibliográficas.*) Coimbra, 1920.

—— *As Obras de Pedro Nunes, sua cronologia bibliográfica.* Coimbra, 1925.

—— *Pedro Nunes espoliado por Alonso de Santa Cruz.* (In—*Lusitania—Revista de Estudos Portugueses,* Natal de 1925.)

PINA (RUY DE): *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe D. Sancho I. segundo Rey de Portugal.* Lisboa, 1727.

—— *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe D. Affonso II. terceiro Rey de Portugal.* Lisboa, 1727.

—— *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe D. Sancho II. quarto Rey de Portugal.* Lisboa, 1728.

—— *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe D. Affonso III. quinto Rey de Portugal.* Lisboa, 1728.

—— *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe Dom Diniz sexto Rey de Portugal.* Lisboa, 1729.

—— *Chronica do Senhor Rey D. Duarte.* (In—*Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza,* vol. I, Lisboa, 1790.)

—— *Chronica do Senhor Rey D. Affonſo V.* (In—*Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza,* vol. I, Lisboa, 1790.)

—— *Cronica delRey D. Ioaõ deſte nome o Segundo e doſ Reys de Portugal o decimo tercio.* Foy copiada do Seu proprio original q existe no Cartorio da Companhia de Iesuſ (sic). MS.

—— *Chronica d'elRei Dom Joaõ II.* (In—*Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza,* vol. II, Lisboa, 1792.)

PINHEIRO CHAGAS (MANUEL): *Historia de Portugal.* Lisboa, 1899–1905 (10 vols.).

PINHO LEAL (AUGUSTO SOARES D'AZEVEDO BARBOSA DE): *Portugal antigo e moderno.* Lisboa, 1873–1890 (12 vols.).

PINTO DE SOUSA (JOSÉ CARLOS): *Bibliotheca Historica de Portugal.* Lisboa, 1801.

PISANO (MATTHEUS DE): *Livro da Guerra de Ceuta.* (In—*Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza,* vol. I, Lisboa, 1790.)

—— *Livro da Guerra de Ceuta,* escrito por Mestre Mateus de Pisano em 1460 e vertido em Português por Roberto Corrêa Pinto. Lisboa, 1915.

PORTUGAL (D. JOZÉ MIGUEL JOÃO DE), Conde de Vimioso: *Vida do Infante D. Luiz.* Lisboa, 1735.

POWER (EILEEN): *The Opening of the Land Routes to Cathay.* (In—*Travel and Travellers of the Middle Ages,* edited by A. P. Newton, London, 1926.)

PRESTAGE (EDGAR): *Chivalry—A Series of Studies to Illustrate its Historical Significance and Civilizing Influence.* By Members of King's College, London. Edited by Edgar Prestage. London, 1928.

—— *The Search for the Sea Route to India.* (In—*Travel and Travellers of the Middle Ages.* Edited by A. P. Newton, London, 1926.)

PROENÇA (RAÚL): *O Zacuto da Biblioteca de Évora e o da Biblioteca de Lisboa.* (In—*Anais das Bibliotecas e Arquivos,* Janeiro–Março, 1925.)

RACZYNSKI (LE COMTE A.): *Les Arts en Portugal.* Paris, 1846.

RAVENSTEIN (E. G.): *Martin Behaim. His Life and his Globe.* London, 1908.

La Regla y stablecimientos de la cavalleria de Sanctiago del Eſpada, Con la Hyſtoria del origen y principio della. Madrid, 1577.

Regra da Cavallaria e Ordem Militar de S. Bento de Avîs. Lisboa, 1631.

REegra ꝛ ſtatutos da ordem de Santiago. Lixboa, 1542.

REegra ꝛ ſtatutos: da ordem de Santiago. Lixboa, 1548.

RESENDE (ANDRÉ DE): *Epistola de vita Avlica.* Bononiæ, 1533.

—— *Genethliacon Principis Luſitani, ut in Gallia Belgica celebratum eſt, a uiro clariss. D. Petro Maſcaregna, regio legato, Menſe Decembri, M.D. XXXII.* Bononiæ, 1533.

—— *Historia, da Antigvidade da Ciidade Evora.* Evora, 1553.

—— *Libri Quatuor de Antiqvitatibvs Lvsitaniæ.* Eboræ, 1593.

—— *Vida do Infante D. Duarte,* mandada publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa, 1789.

—— *Vincentivs levita. et martyr.* Olisipone, 1545.

RESENDE (GARCIA DE): *Cancioneiro Geral.* Almeirim e Lisboa, 1516.

—— *Lyuro das obras de Garcia de Reſẽde que trata da vida ꝛ grãdiſſimas virtudes: ꝛ bõdades: magnanimo eſforço: excelẽtes coſtumes ꝛ manhas ꝛ muy craros feitos do chriſtianiſſimo: muito alto ꝛ muyto poderoſo principe el Rey dõ Ioão o ſegundo deſte nome: ꝛ dos Reys de Portugal o trezeno de glorioſa memoria: começado de ſeu nacimẽto ꝛ toda ſua vida ate a ora de ſua morte: cõ outras obras que adiante ſe ſeguem.* Lisboa, 1545.

—— *Miſcellanea de Garcia de Reeſende: & variedade de hiſtorias, coſtumes, caſos & couſas que em ſeu tempo accönteſceram.* Evora, 1554.

RIBEIRO (AQUILINO): *As primeiras gravuras em livros portuguêses.* (In—*Anais das Bibliotecas e Arquivos,* serie II, vol. II, 1921.)

RIBEIRO (BERNARDIM) e FALCÃO (CRISTOVÃO): *Obras.* Nova edição conforme á edição de Ferrara. Preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire, e prefaciada por Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Coimbra, 1923 (2 vols.).

RIBEIRO DOS SANTOS (ANTONIO): *Memoria sobre a historia da typographia portugueza do seculo* XVI. (In—*Memorias da litteratura portugueza da Academia Real das Sciencias,* vol. VIII.)

RODOCANACHI (E.): *Rome au temps de Jules II et de Léon X.* Paris, 1912.

RODRIGUES (DR J. MARIA): *Camões e a Infanta D. Maria.* Coimbra, 1910.

DE LA RONCIÈRE (CHARLES): *La Découverte de l'Afrique au moyen âge. Cartographes et explorateurs.* Le Caire, 1925–1927 (3 vols.).

SABUGOSA (CONDE DE): *Donas de Tempos Idos.* Lisboa, 1918.
—— *Gente d'Algo.* Lisboa, 1915.
—— *Historiadores portuguezes.* Lisboa, 1909.
—— *Neves de Antanho.* Lisboa, 1919.
—— *O Paço de Cintra.* Lisboa, 1903.
—— *A Rainha D. Leonor,* 1458–1525. Lisboa, 1921.
SALVÁ Y MALLEN (D. PEDRO): *Catálogo de la Biblioteca de Salvá.* Valencia, 1872 (2 vols.).
SANTA MARIA (FRANCISCO DE): *Anno Historico, Diario Portuguez. Tomo Primeyro.* Lisboa, 1714.
SANTAREM (VISCONDE DE): *Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o principio da Monarchia Portugueza até aos nossos dias.* Lisboa, 1842–1876 (18 vols.).
—— *Memorias para a historia, e Theoria das Cortes Geraes, que em Portugal se celebrárão pelos tres estados do reino.* Lisboa, 1828.
—— *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique, au-delà du cap Bojador.* Paris, 1842.
SANTOS (FR. JOÃO DOS): *Ethiopia Oriental.* Evora, 1609.
SANTOS (JOSÉ DOS): *Catálogo da Livraria de Azevedo-Samodães.* Porto, 1922.
SANTOS (JOSÉ ANTONIO DOS): *Monumentos das Ordens Militares do Templo e de Christo em Thomar.* Lisboa, 1879.
SANTOS (FR. MANOEL DOS), *v.* BRITO (FR. BERNARDO DE).
SANTOS (DR REYNALDO DOS): *A Torre de Belem.* Coimbra, 1922.
SARAIVA (CARDEAL): *Obras completas.* Precedidas de uma introducção pelo Marquez de Rezende. Publicadas por Antonio Correia Caldeira. Lisboa, 1872–1880 (9 vols.).
SCHAEFER (HENRIQUE): *Historia de Portugal.* Vertida por F. de Assis Lopes; continuada por J. Pereira de Sampayo. Porto, 1893–1899 (5 vols.).
SCHEDEL (HARTMANN): *Liber cronicarum cū figuris et imagībus ab inicio mūdi.* Nuremberg, 1493.
SEVERIM DE FARIA (MANOEL): *Discursos varios politicos.* Evora, 1624.
SILVA (INNOCENCIO FRANCISCO DA), BRITO ARANHA (PEDRO V. DE) e GOMES DE BRITO (JOSÉ JOAQUIM): *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil.* Lisboa, 1858–1923 (22 vols.). (Vols. 10–20 continuados e ampliados por Brito Aranha; vols. 21 e 22 por Brito Aranha e J. J. Gomes de Brito.)
SIMONDE DE SISMONDI (J. C. L.): *De la Littérature du Midi de l'Europe.* Paris, 1819 (4 vols.).
SINGER (ISIDORE): *The Jewish Encyclopedia.* New York, 1916 (12 vols.).
SOARES DA SILVA (JOSEPH): *Memorias para a Historia de Portugal que comprehendem o governo delrey D. Joaõ o I.* Lisboa, 1730–1734 (4 vols.).
SOUSA (D. ANTONIO CAETANO DE): *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza desde a sua origem até o presente.* Lisboa, 1735–1749 (13 vols.).
—— *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza.* Lisboa, 1739–1748 (6 vols.).
SOUSA (FR. JOÃO DE): *Vestigios da Lingoa arabica em Portugal, ou Lexicon etymologico das palavras, e nomes portuguezes que tem origem arabica.* Augmentado e annotado por Fr. Jozé de Santo Antonio Moura. Lisboa, 1830.
SOUSA (FR. LUIZ DE): *Annaes de Elrei Dom João Terceiro.* Publicados por A. Herculano. Lisboa, 1844.
—— *Vida de Dom Frei Bertolamev dos Martyres.* Viana, 1619.
SOUSA (MANOEL BENTO DE): *O Doutor Minerva.* Lisboa, 1894.
SOUSA VITERBO (FRANCISCO, MARQUES DE): *Artes e Artistas em Portugal.* Lisboa, 1920.
—— *A Litteratura hespanhola em Portugal.* Lisboa, 1915.

SOUSA VITERBO (FRANCISCO, MARQUES DE): *A Livraria Real, especialmente no reinado de D. Manuel.* Lisboa, 1901.

—— *O movimento tipográfico em Portugal no século* XVI. Coimbra, 1924.

—— *A Ordem de Christo e a musica sagrada nas suas igrejas do Continente.* Coimbra, 1911.

—— *Trabalhos nauticos dos Portuguezes nos seculos* XVI *e* XVII. Lisboa, 1898–1900 (2 vols.).

SOVERAL (VISCONDE DE): *Apontamentos sobre as antigas relações politicas e commerciaes de Portugal com a Republica de Veneza.* Lisboa, 1893.

[STORCK (WILHELM)]; VASCONCELLOS (D. CAROLINA MICHAËLIS DE): *Vida e Obras de Luis de Camões.* Versão do original allemão annotada. Lisboa, 1898.

TEICHL (DR ROBERT): *Der Wiegendruck im Kartenbild.* Wien, 1926.

TEIXEIRA DE SAMPAYO (LUIZ): *Antes de Ceuta.* Coimbra, 1923.

—— *Recordações portuguezas em Basileia.* (In—*Revista de Historia,* nº 45, 1923.)

THOMAS (HENRY): *English Translations of Portuguese Books before* 1640. London, 1926.

—— *Short-title Catalogues of Portuguese books and of Spanish-American books printed before* 1601 *now in the British Museum.* London, 1926.

—— *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry.* Cambridge, 1920.

TICKNOR (GEORGE): *History of Spanish Literature.* London, 1849 (3 vols.).

TULPINCK (CAMILLE): *Les Arts anciens de Flandre.* Publication sous la direction de Camille Tulpinck. Bruxelles, 1908.

—— *Les Chefs-d'Œuvre de l'Art Flamand à l'Exposition de la Toison d'Or* étudiés par un groupe de savants sous la direction de C. Tulpinck. Bruxelles, 1910.

ULLOA (LUIS): *Christophe Colomb Catalan. La vraie Genèse de la découverte de l'Amérique.* Paris, 1927.

VANDER LINDEN (H.): *Alexander VI and the Demarcation of the maritime and colonial Domains of Spain and Portugal,* 1493–1494. (In—*The American Historical Review,* October, 1916.)

VASCONCELLOS (D. CAROLINA MICHAËLIS DE): *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina.* Madrid, 1922.

—— *Cancioneiro da Ajuda.* Halle, 1904 (2 vols.).

—— *Estudos Camonianos. I. O Cancioneiro Fernandes Tomás.* Coimbra, 1922.

—— *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular—Romances velhos em Portugal.* Madrid, 1907–1909.

—— *A Infanta D. Maria de Portugal* (1521–1577) *e as suas damas.* Porto, 1902.

—— *Lucius Andreas Resendius—Inventor da palavra* Lusiadas. (In—*O Instituto,* vol. 52, nº 4, Coimbra, 1905.)

—— *Lucius Andreas Resendius Lusitanus.* Lisboa, 1905.

—— *Notas Vicentinas.*

I. *Gil Vicente em Bruxelas ou O Jubileu de Amor.* Coimbra, 1912.

II. *A Raínha Velha e o Monólogo do Vaqueiro.* Coimbra, 1918.

III. *Romance à Morte del Rei Dom Manuel e à Aclamação de Dom João III.* Coimbra, 1919.

IV. *Cultura Intelectual e Nobreza Literária.* Coimbra, 1922.

—— *Nótulas relativas à "Menina e Moça" na edição de Colónia* (1559). Coimbra, 1924.

—— *Poesias de Francisco de Sá de Miranda. Edição acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossario e um retrato.* Halle, 1885.

VASCONCELLOS (JOAQUIM DE): *Os musicos portuguezes. Biographia-bibliographia.* Porto, 1870 (2 vols.).

—— *Primeira Parte do Index da Livraria de Mvsica do mvyto alto e poderoſo Rey Dom Ioão o IV. Noſſo Senhor.* Conforme à edição de 1649. Porto, 1874.

VASCONCELLOS (P. SIMÃO DE): *Chronica da Companhia de Jesv do Estado do Brasil.* Lisboa, 1663.

VIEIRA (P. ANTONIO): *Historia do Futuro. Livro anteprimeyro.* Lisboa, 1718.

VILHENA (D. THOMAZ D'ALMEIDA MANOEL DE): *História da Instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das Ordens Militares em Portugal.* Coimbra, 1920.

VILHENA BARBOSA (IGNACIO DE): *As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão d'Armas.* Lisboa, 1860–1862 (3 vols.).

—— *Monumentos de Portugal.* Lisboa, 1886.

VIMIOSO (CONDE DE), *v.* PORTUGAL (JOZÉ MIGUEL JOÃO DE).

VITERBO (FR. JOAQUIM DA SANTA ROSA DE): *Elucidario das Palavras, Termos e Frases que em Portugal antiguamente se usárão, e que hoje regularmente se ignorão.* Lisboa, 1798–1799 (2 vols.).

YULE (SIR HENRY): *The Book of Ser Marco Polo.* Edited by Henri Cordier. London, 1926 (2 vols.).

ZURARA (GOMES EANNES DE): *Chronica de El-Rei D. João I.* Lisboa, 1899.

—— *Chronica do Conde Dom Pedro.* (In—*Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza,* vol. II, Lisboa, 1792.)

—— *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné.* Publicada pelo Visconde da Carreira, com uma Introducção pelo Visconde de Santarem. Pariz, 1841.

[ZURARA (GOMES EANNES DE)]; BEAZLEY (CHARLES RAYMOND) and PRESTAGE (EDGAR): *The Chronicle of the Discovery and Conquest of Guinea.* London, 1896–1899 (2 vols.).

D'ESTA OBRA FÔRAM FEITAS AS SEGUINTES TIRAGENS: QUARENTA E CINCO EXEMPLARES EM PAPEL VAN GELDER, NUMERADOS E RUBRICADOS POR SUA MAJESTADE EL-REI D. MANUEL; SEISCENTOS E CINCOENTA EXEMPLARES EM PAPEL TELA; E TRES EXEMPLARES (FÓRA DO MERCADO) EM PAPEL HEAD FEITO Á MÃO.

IMPRESSO POR WALTER LEWIS NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE EM MCMXXIX

OF THIS WORK
FORTY-FIVE COPIES ON VAN GELDER PAPER SIGNED BY HIS MAJESTY KING MANUEL, SIX HUNDRED & FIFTY COPIES ON ANTIQUE PAPER ARE FOR SALE, AND THREE COPIES ON HEAD'S HAND-MADE PAPER NOT FOR SALE.

PRINTED BY WALTER LEWIS, M.A., AT THE UNIVERSITY PRESS, CAMBRIDGE, MCMXXIX